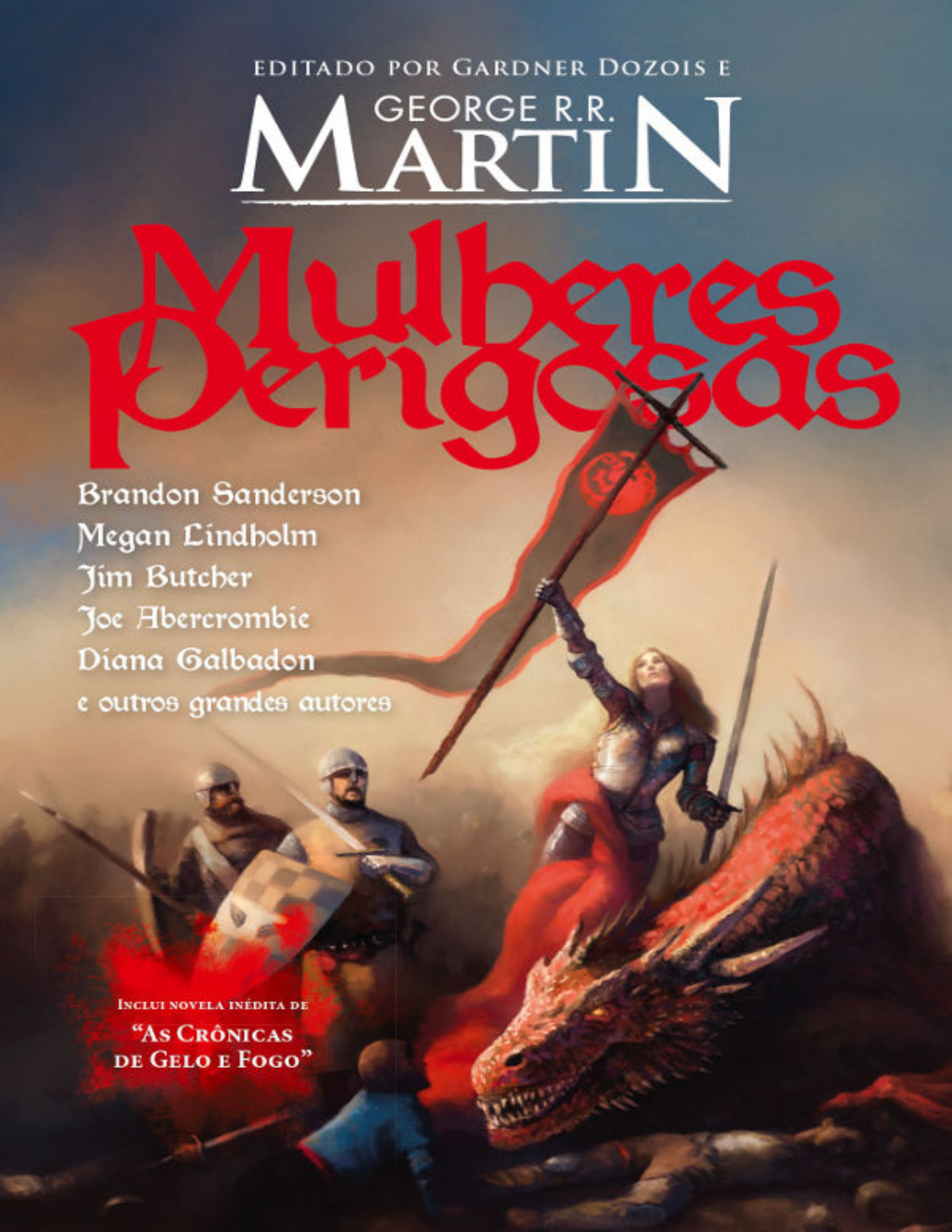
EDITADO POR GARDNER DOZOIS E

GEORGE R.R. MARTIN

Mulheres Perigosas

Brandon Sanderson
Megan Lindholm
Jim Butcher
Joe Abercrombie
Diana Galbadon
e outros grandes autores



INCLUI NOVELA INÉDITA DE
"AS CRÔNICAS DE GELO E FOGO"

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Com o aval de um dos maiores mestres da fantasia, George R.R. Martin, esta antologia apresenta 21 histórias de magia, ciúme, ambição, sedução e rebeldia, com apenas uma coisa em comum: mulheres fortes, corajosas e muito perigosas.

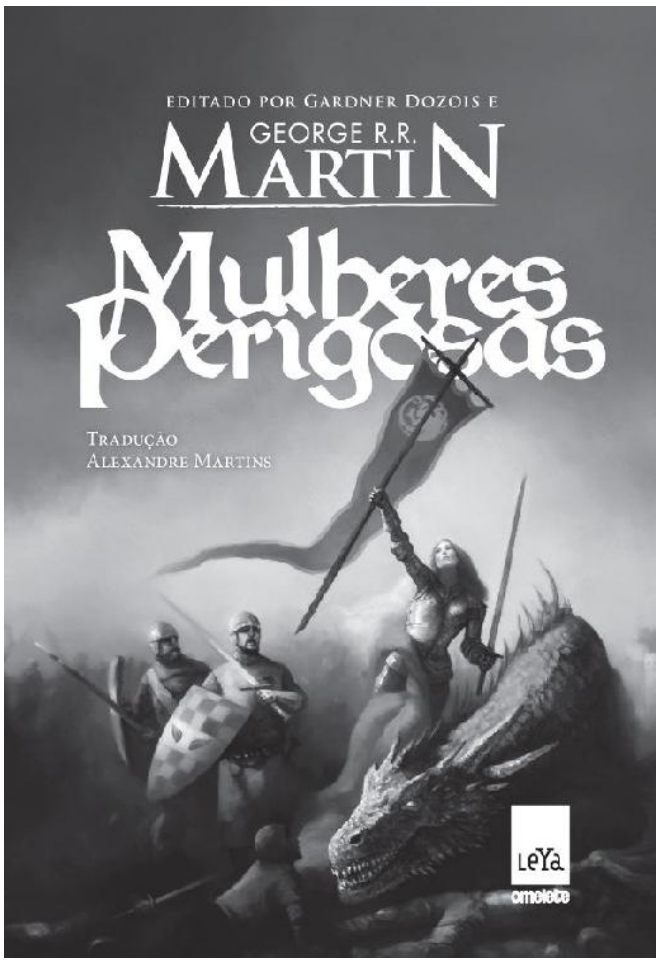
Assinado por monstros da ficção científica e fantástica como Brandon Sanderson (“Mistborn”), Megan Lindholm (“A Saga do Assassino”, sob o pseudônimo Robin Hobb), Melinda M. Snodgrass, Caroline Spector (“Wild Cards”) e novos nomes da literatura jovem como Megan Abbott (*A febre*) e Diana Gabaldon (“Outlander”), e ainda com uma novela inédita do próprio George R.R. Martin, *Mulheres perigosas* é um livro simplesmente imperdível, daqueles que você não consegue parar de ler.

Prepare-se para todo o tipo de perigo e para perder o fôlego com essas mulheres mais que poderosas.


Mulheres
Perigosas

Joe Abercrombie
Megan Abbott
Cecelia Holland
Melinda Snodgrass
Jim Butcher
Carrie Vaughn
Joe R. Lansdale
Megan Lindholm
Lawrence Block
Brandon Sanderson
Sharon Kay Penman
Lev Grossman
Nancy Kress
Diana Rowland
Diana Gabaldon
Sherrilyn Kenyon
S.M. Stirling
Sam Sykes
Pat Cadigan
Caroline Spector
George R.R. Martin




EDITADO POR GARDNER DOZOIS E
GEORGE R.R.
MARTIN
Mulheres Perigosas
TRADUÇÃO
ALEXANDRE MARTINS
LeYa
OUTRO LADO

Copyright © 2013, George R.R. Martin e Gardner Dozois
Publicado de acordo com os autores, aos cuidados de The Lotts Agency, Ltd.
Copyright de tradução © 2016 LEYA EDITORA LTDA, Alexandre Martins

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Copyrights
"Fora da lei", copyright © 2013, Joe Abercrombie.
"Ou meu coração está partido", copyright © 2013, Megan Abbott.
"A canção de Nora", copyright © 2013, Cecelia Holland.
"As mãos que não estão lá", copyright © 2013, Melinda M. Snodgrass.
"Explosivas", copyright © 2013, Jim Butcher.
"Raisa Stepanova", copyright © 2013, Carrie Vaughn.
"Lutando com Jesus", copyright © 2013, Joe R. Lansdale.
"Vizinhos", copyright © 2013, Megan Lindholm.
"Eu sei escolhê-las", copyright © 2013, Lawrence Block.
"Sombras nas Florestas do Inferno", copyright © 2013, Brandon Sanderson.
"Uma rainha no exílio", copyright © 2013, Sharon Kay Penman.
"A garota no espelho", copyright © 2013, Lev Grossman.
"Segundo *arabesque*, muito lentamente", copyright © 2013, Nancy Kress.
"Cidade Lázaro", copyright © 2013, Diana Rowland.
"Virgens", copyright © 2013, Diana Gabaldon.
"O inferno não tem fúria", copyright © 2013, Sherilynn Kenyon.
"Anunciando a pena", copyright © 2013, S.M. Stirling.
"O nome da fera", copyright © 2013, Samuel Sykes.
"Cuidadores", copyright © 2013, Pat Cadigan.
"Mentiras que minha mãe me contou", copyright © 2013, Caroline Spector.
"A Princesa e a Rainha", copyright © 2013, George R.R. Martin.

Título original
Dangerous Women

Produção editorial: Oliveira Editorial | Anna Beatriz Seilhe
Copidesque: Beatriz Sarlo
Revisão: Leonardo Alves, Luana Balthazar, Mariana Oliveira, Marília Lamas
Capa: Leandro Dittz
Ilustração: Ralph Damiani
Diagramação: Filigrana
Curadoria: Affonso Solano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB—8/7057

Mulheres perigosas / organização de George R. R. Martin e Gardner Dozois ; tradução de Alexandre Martins. – Rio de Janeiro : LeYa, 2017.
736 p.

ISBN 978-85-441-0480-4
Título original: *Dangerous women*

1. Ficção fantástica americana. 2. Mulheres – Ficção. I. Martin, George R. R. II. Dozois, Gardner. III. Martins, Alexandre.

CDD: 813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficcão fantástica americana

Todos os direitos reservados à
EDITORA CASA DA PALAVRA
Avenida Calógeras, 6 | sala 701
20030-070 – Rio de Janeiro – RJ
www.leya.com.br

Para Jo Playford, minha perigosa comparsa
George R.R. Martin

SUMÁRIO

Introdução

Fora da lei, de Joe Abercrombie

Ou meu coração está partido, de Megan Abbott

A canção de Nora, de Cecelia Holland

As mãos que não estão lá, de Melinda M. Snodgrass

Explosivas, de Jim Butcher

Raisa Stepanova, de Carrie Vaughn

Lutando com Jesus, de Joe R. Lansdale

Vizinhos, de Megan Lindholm

Eu sei escolhê-las, de Lawrence Block

Sombras nas Florestas do Inferno, de Brandon Sanderson

Uma rainha no exílio, de Sharon Kay Penman

A garota no espelho, de Lev Grossman

Segundo arabesque, *muito lentamente*, de Nancy Kress

Cidade Lázaro, de Diana Rowland

Virgens, de Diana Gabaldon

O inferno não tem fúria, de Sherilynn Kenyon

Anunciando a pena, de S.M. Stirling

O nome da fera, de Samuel Sykes

Cuidadores, de Pat Cadigan

Mentiras que minha mãe me contou, de Caroline Spector

A princesa e a rainha, de George R.R. Martin

INTRODUÇÃO

A ficção sempre se dividiu quando se trata do *quanto* as mulheres são perigosas.

No mundo real, claro, a questão foi resolvida há muito tempo. Mesmo que as amazonas sejam mitológicas (e quase não teriam cortado os seios direitos para tornar mais fácil esticar a corda de um arco caso *não* fossem), a lenda foi inspirada pela lembrança das ferozes mulheres guerreiras citas, que definitivamente *não* eram mitológicas. Gladiadoras, lutavam contra outras mulheres – e algumas vezes homens – até a morte nas arenas da antiga Roma. Houve mulheres piratas como Anne Bonny e Mary Read, e até mulheres samurai. Mulheres serviram nas tropas de combate na linha de frente – e foram temidas por sua ferocidade – no exército russo durante a Segunda Guerra Mundial, e hoje servem em Israel. Até 2013 as mulheres das forças armadas dos Estados Unidos se limitavam a funções de "não combatentes", mas de qualquer forma muitas corajosas deram suas vidas no Iraque e no Afeganistão, já que balas e minas terrestres nunca se importaram se você é um combatente ou não. As mulheres que serviram como pilotos no Serviço Feminino da Força Aérea dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial também se limitavam a funções de não combatentes (embora muitas delas ainda assim tenham morrido desempenhando seus papéis), mas as russas subiram aos céus como pilotos de caça, e algumas vezes se tornaram ases. Uma atiradora de elite russa durante a Segunda Guerra Mundial recebeu o crédito por mais de cinquenta abates. A rainha Boudicca, da tribo dos icenos, liderou uma das mais assustadoras revoltas contra a autoridade romana, que quase teve sucesso em expulsar os invasores romanos da Grã-Bretanha, e uma jovem camponesa francesa inspirou e liderou as tropas

contra o inimigo com tanto sucesso que depois ficou para sempre famosa como Joana d'Arc.

Do lado do mal, houve salteadoras como Mary Frith, lady Caroline Ferrers e Pearl Hart (a última pessoa a assaltar uma carruagem); envenenadoras notórias como Agrippina e Catarina Médici, criminosas modernas como Ma Barker e Bonnie Parker, até mesmo assassinas em série como Aileen Wuornos. Elizabeth Báthory teria se banhado no sangue de virgens e, embora isso possa ser questionável, não há dúvida de que ela torturou e matou dezenas, talvez centenas de crianças ao longo da vida. A rainha Mary I, da Inglaterra, mandou queimar centenas de protestantes na fogueira. A rainha Elizabeth, da Inglaterra, respondeu depois executando um grande número de católicos. A rainha louca Ranavalona, de Madagascar, mandou executar tantas pessoas que eliminou um terço da população de Madagascar durante seu reinado; ela condenaria uma pessoa à morte até se esta aparecesse em seus sonhos.

A ficção popular, contudo, sempre teve uma visão esquizofrênica do perigo das mulheres. Na ficção científica dos anos 1930, 1940 e 1950, as mulheres, quando apareciam, eram em grande medida relegadas ao papel da bela filha do cientista, que poderia gritar nas cenas de luta, mas afora isso tinha pouco a fazer que não se pendurar, amorosa, nos braços do herói no final. Legiões de mulheres desfaleceram, desamparadas, enquanto esperavam ser resgatadas de tudo pelo herói intrépido de maxilar forte, desde dragões até monstros com olhos de inseto, que sempre as raptavam com o improvável propósito alimentar ou romântico nas capas das revistas de ficção científica. Mulheres que lutavam inutilmente eram amarradas a trilhos de trem, sem nada a fazer a não ser guinchar em protesto e esperar que o mocinho chegasse a tempo de salvá-las.

Ainda assim, ao mesmo tempo, mulheres guerreiras como Dejah Thoris e Thuvia, a Dama de Marte, de Edgar Rice Burroughs, eram tão boas com a lâmina e igualmente mortais em batalha quanto John Carter e seus outros camaradas do sexo masculino; aventureiras como Jirel of Joiry, de C.L. Moore, abriram caminho à força pelas páginas da revista *Weird Tales* (e deixaram uma trilha para aventureiras posteriores como a Alyx, de Joanna Russ); James H. Schmitz enviou Agentes de Vega como Granny Wanattel e adolescentes destemidas como Telzey Amberdon e Trigger Argee para combater ameaças sinistras e monstros nos caminhos do espaço; e as mulheres perigosas de Robert A. Heinlein eram capazes de

ser capitãs de espaçonaves ou matar inimigos em combate corpo a corpo. A astuta e misteriosa Irene Adler, de Arthur Conan Doyle, foi uma das poucas pessoas a superar seu Sherlock Holmes, e provavelmente uma das inspirações para as legiões de *femmes fatales* ardilosas, perigosas, sedutoras e traiçoeiras que apareceram nas obras de Dashiell Hammett e James M. Cain, depois surgiriam em dezenas de filmes *noir*, e ainda aparecem nos filmes e na TV até hoje. Heroínas posteriores da TV como Buffy, a Caça-Vampiros, e Xena, a Princesa Guerreira, estabeleceram as mulheres como formidáveis e fatais o suficiente para combater hordas de assustadoras ameaças sobrenaturais e ajudaram a inspirar todo o subgênero do romance paranormal, que às vezes é informalmente conhecido como o gênero das "heroínas duronas".

Assim como nossa coletânea *Warriors*, *Dangerous Women* foi concebido como um livro de estilo híbrido, que mistura todo tipo de ficção. Para isso, pedimos a escritores de todos os gêneros – ficção científica, fantasia, mistério, romance histórico, terror, romance paranormal, tanto homens quanto mulheres – para abordar o tema das mulheres perigosas, e a convocação foi atendida por alguns dos melhores autores da área, incluindo escritores novos e gigantes em seus campos como Diana Gabaldon, Jim Butcher, Sharon Kay Penman, Joe Abercrombie, Carrie Vaughn, Joe R. Lansdale, Lawrence Block, Cecelia Holland, Brandon Sanderson, Sherilynn Kenyon, S.M. Stirling, Nancy Kress e George R.R. Martin.

Aqui você não encontrará vítimas desamparadas que choramingam de medo enquanto o mocinho combate o monstro ou luta contra o vilão, e, se quiser amarrar *essas* mulheres a trilhos de trem, terá pela frente uma boa luta. Em vez disso, você encontrará guerreiras brandindo espadas; intrépidas pilotos de caça e espaçonautas de longo curso; assassinas em série letais; super-heroínas formidáveis; mulheres fatais maliciosas e sedutoras; senhoras da magia; meninas más criadas na dureza; bandoleiras e rebeldes; sobreviventes endurecidas em futuros pós-apocalípticos; investigadoras particulares; duras juízas de pena capital; rainhas orgulhosas que comandam nações e cujos ciúme e ambições mandam milhares para mortes horrendas; cavaleiras de dragões ousadas e muito mais.

Aproveite!

Gardner Dozois

JOE ABERCROMBIE

Como demonstra a história acelerada e movimentada que se segue, às vezes perseguir um fugitivo pode ser tão perigoso para o perseguidor quanto para o perseguido – particularmente quando a caça não tem mais para onde correr...

Joe Abercrombie é uma das estrelas que sobem mais rápido no gênero da fantasia atualmente, aclamado por leitores e críticos por sua abordagem dura, contida e objetiva. Talvez, ele seja mais conhecido por sua trilogia "A primeira lei", cujo primeiro romance, *O poder da espada*, foi lançado em 2006; a ele se seguiram, em anos posteriores, *Antes da forca* e *O duelo dos reis*. Ele também escreveu os romances de fantasia *Best Served Cold* e *The Heroes*. Seu romance mais recente é *Red Country*. Além de escrever, Abercrombie também é editor de cinema freelance, e mora e trabalha em Londres.

Fora da lei

Shy esporeou o cavalo, cujas pernas da frente fraquejaram, e antes que percebesse o que estava acontecendo, ela e a sela deram adeus uma à outra.

Ela teve um instante agitado em pleno ar para avaliar a situação. Não o suficiente para uma rápida avaliação, e a terra iminente não lhe deu tempo para mais. Ela se esforçou para rolar na queda – como tentava fazer na maioria de suas muitas situações infelizes –, mas o solo logo a desenrolou, lhe deu uma bela surra e a jogou às cambalhotas sobre um trecho de vegetação ressecada pelo sol.

A poeira assentou.

Ela reservou um momento apenas para respirar um pouco. Depois outro para gemer enquanto o mundo parava de girar. E mais um para se apoiar cuidadosamente sobre um braço e uma perna, esperando por aquela pontada de dor nauseante que significava que algo estava quebrado e sua infeliz sombra de vida logo se perderia no crepúsculo. Ela daria as boas-vindas a isso se assim pudesse se esticar e não ter mais de correr. Mas a dor não veio. Pelo menos não fora do padrão habitual. No que dizia respeito à sua infeliz sombra de vida, ela ainda esperava o julgamento.

Shy se levantou com esforço e se espanou, coberta de poeira e cuspindo terra. Ela engolira muitos bocados de areia nos meses anteriores, mas tinha uma desalentadora premonição de que haveria mais. Seu cavalo estava a alguns passos de distância, flanco arfando, patas dianteiras pretas de sangue. A flecha de Neary cravara-se no ombro, não fundo o bastante para matá-lo ou mesmo desacelerá-lo imediatamente, mas fundo o bastante para fazê-lo sangrar num bom ritmo. Com sua cavalgada dura, isso o mataria tão certamente quanto uma lança no coração.

Houve uma época em que Shy tivera uma ligação com cavalos. Uma época – apesar de ser dura com as pessoas e estar certa na maioria das vezes – em que ela era atipicamente mole com animais. Mas essa época passara. Não havia nada muito suave nela naqueles dias, corpo ou mente. Então deixou sua montaria dar seus últimos suspiros de espuma vermelha sem o consolo de sua mão para acalmá-la e correu rumo à cidade, cambaleando no início, mas rapidamente se aquecendo com o exercício. Ela tinha muita experiência em correr.

"Cidade" talvez fosse um exagero. Seis prédios, e chamá-los de prédios era ser generoso com dois ou três. Todos de madeira grosseira e ignorando os ângulos retos, desgastados pelo sol, descascados pela chuva e açoitados pelo vento, agrupavam-se ao redor de uma praça suja e um poço em ruínas.

O maior prédio tinha aparência de taverna, bordel, posto comercial ou provavelmente de todos os três. Uma placa frágil ainda se aferrava às tábuas acima da entrada, mas o nome havia sido esfregado pelo vento até não passar de alguns traços claros sobre os veios. "Nada, lugar algum" era tudo o que ela proclamava então. Subindo os degraus de dois em dois, pés descalços fazendo gemer as tábuas velhas, pensamentos fervilhando sobre como iria agir quando chegasse do lado de dentro, quais verdades iria temperar com quais mentiras para ter a receita mais provável.

"Há homens me perseguindo!" Prendendo a respiração junto ao umbral e fazendo de tudo para parecer mais que desesperada – não um grande esforço de atuação naquele momento, nem, na verdade, nos doze meses anteriores.

"Três desgraçados!" Depois – desde que ninguém a reconhecesse de todos os seus mandados de prisão –: "Eles tentaram me roubar!" Um fato. Não era necessário acrescentar que ela mesma roubara o dinheiro do novo banco em Hommenaw na companhia daqueles três indivíduos e um outro que fora então apanhado e enforcado pelas autoridades.

"Eles mataram meu irmão! Estão embriagados de sangue!" Seu irmão estava seguro em casa, onde ela desejava estar e, se seus perseguidores estavam bêbados seria de destilados baratos como de hábito, mas ela iria guinchar isso com aquele pequeno trinado na garganta. Shy conseguia produzir um belo trinado quando precisava de um, praticara até que se tornasse algo impressionante. Ela imaginou os clientes se jogando aos seus pés na ansiedade de ajudar uma mulher em apuros. "Eles atiraram no meu

cavalo!” Ela tinha de admitir que não parecia provável que qualquer um durão o bastante para viver ali se visse tomado por um surto de cavalheirismo, mas talvez o destino lhe desse uma boa mão para variar.

Isso acontecia.

Ela passou sem jeito pela porta da taverna, abrindo a boca para apresentar a história, e ficou paralisada.

O lugar estava vazio.

Não havia ninguém ali. Aliás, havia o nada. Nenhuma mínima peça de mobília no salão. Uma escada estreita e um balcão ao longo da parede esquerda, portas escancaradas para o vazio no segundo andar. Fachos de luz espalhados por onde o sol nascente passava pelas muitas frestras da carpintaria lascada. Talvez apenas um lagarto disparando para as sombras – algo que nunca faltava – e uma belíssima camada de poeira, acizentando todas as superfícies, soprada para todos os cantos. Shy ficou um momento de pé ali sem piscar, depois saiu apressada e seguiu pela calçada frágil até o prédio seguinte. Quando empurrou a porta, esta despencou das dobradiças enferrujadas.

Aquele não tinha nem sequer teto ou um piso. Apenas vigas nuas com o despreocupado céu rosado acima, e traves nuas com uma camada de terra abaixo, tão desolada quanto os quilômetros de terreno do lado de fora.

Ela agora enxergava, enquanto voltava para a rua, sem a visão bloqueada pela esperança. Nada de vidro nas janelas, nem papel encerado. Nada de corda no poço, que desmoronava. Nenhum animal à vista – quer dizer, exceto por seu próprio cavalo morto, o que só servia para confirmar a ideia.

Era o cadáver ressecado de uma cidade, morta havia muito.

Shy ficou naquele lugar abandonado, apoiada nas pontas dos pés descalços como se prestes a sair em disparada para algum lugar, mas sem ter destino, um braço envolvendo o corpo enquanto os dedos da outra mão se agitavam e retorciam sobre nada, mordendo o lábio e sugando o ar rapidamente e o soprando pelo pequeno espaço entre os dentes da frente.

Mesmo pelos padrões recentes, era um momento ruim. Mas se ela havia aprendido algo nos meses anteriores era que as coisas sempre podem piorar. Olhando para o caminho por onde chegara, Shy viu poeira se elevando. Três pequenas trilhas no tremeluzir que se elevava da terra cinza.

– Ah, inferno – sussurrou ela, e mordeu o lábio com mais força. Tirou a faca de mesa do cinto e limpou o pequeno caco de metal em sua blusa suja, como se limpá-la pudesse de algum modo melhorar as chances. Ela ouvira dizer que tinha imaginação fértil, mas mesmo assim era difícil imaginar uma arma mais pobre. Teria rido se não estivesse à beira das lágrimas. Ela passara tempo demais à beira das lágrimas nos meses anteriores, agora que pensava nisso.

Como tudo chegara àquele ponto?

Uma pergunta para alguma garota abandonada à própria sorte, não para uma fora da lei com uma oferta de quatro mil marcos de recompensa, mas ainda assim uma pergunta que nunca deixava de fazer. Bandida desesperada! Ela se tornara uma especialista no desespero, mas o resto continuava a ser um mistério. A triste verdade era que ela sabia muito bem como chegara àquele ponto – da mesma forma de sempre. Um desastre se seguindo tão violentamente ao outro, e ela só quicava entre eles, batendo como uma mariposa numa lanterna. A segunda pergunta habitual se seguiu.

E *agora*, porra?

Seu estômago se revirou – não que houvesse muito para revirar – e ela puxou a bolsa pelos cordões, as moedas dentro retinindo com aquele som especial que apenas o dinheiro produz. Dois mil marcos em prata, mais ou menos. Você acharia que um banco teria muito mais – eles diziam aos depositantes ter sempre 50 mil à disposição –, mas no final das contas não se pode confiar mais nos bancos que nos bandidos.

Enfiou a mão, tirou um punhado de moedas e jogou o dinheiro na rua, deixando-o para brilhar na poeira. Fez isso do modo como fazia a maioria das coisas então – quase sem saber por quê. Talvez valorizasse a vida muito mais do que os dois mil marcos, mesmo que ninguém mais o fizesse. Talvez tivesse esperança de que eles fossem pegar a prata e deixá-la para trás, embora ela não havia pensado no que iria fazer quando fosse deixada naquela cidade cadáver – sem cavalo, sem comida, sem arma. Claramente não tinha traçado um plano completo, ou não um que passasse num teste, pelo menos. Planejamento falho sempre fora o seu problema.

Ela salpicou prata como se estivesse jogando sementes na fazenda da mãe, há quilômetros, anos e uma dúzia de mortes violentas de distância. Quem diria que sentiria falta do lugar? Falta da casa miserável, do celeiro dilapidado e das cercas que sempre precisavam de remendos. A vaca

teimosa que nunca dava leite, o poço teimoso que nunca dava água e o solo teimoso no qual apenas ervas daninhas cresciam. Sua irmãzinha teimosa e também seu irmão. Mesmo o grande Lamb, idiota, marcado por cicatrizes. O que Shy não teria dado naquele momento para ouvir a voz aguda da mãe a xingando mais uma vez. Ela respirou fundo, o nariz doendo, os olhos ardendo, e os limpou nas costas do punho puído. Não havia tempo para reminiscências chorosas. Ela podia ver três pontos escuros dos cavaleiros abaixo das inevitáveis trilhas de poeira. Lançou longe a bolsa vazia, correu de volta para a taverna e...

– Ai!

Ela passou pelo umbral saltando, a sola descalça do pé ferida por uma cabeça de prego solta. O mundo não passava de um valentão malvado, isso sim. Mesmo quando você tinha um enorme infortúnio prestes a despencar em sua cabeça, os pequenos ainda aproveitavam todas as oportunidades de beliscar seus dedos. Como ela desejava ter tido a oportunidade de pegar suas botas. Só para manter alguma dignidade. Mas ela tinha o que tinha, e nem botas nem dignidade estavam na lista, e cem enormes desejos não valem um pequeno fato – como Lamb costumava repetir para ela sempre que o amaldiçoava, e à sua mãe, e à vida que tinha. Então jurava que iria embora na manhã seguinte.

Ela se lembrou de como tinha sido na época, e desejou ter então a chance de socar a cara de seu antigo eu. Mas poderia dar um soco na própria cara quando escapasse daquilo.

Primeiro tinha de suportar uma sequência de outros punhos com a mesma disposição.

Subiu as escadas rapidamente, mancando um pouco e xingando muito. Quando chegou ao alto viu que deixara marcas ensanguentadas de dedão em degraus alternados. Ela estava começando a ficar bastante deprimida com aquela trilha reluzente levando diretamente ao final de sua perna quando uma ideia surgiu em meio ao pânico.

Ela caminhou pelo balcão, se preocupando em apertar firmemente o pé ensanguentado nas tábuas, e entrou num quarto abandonado no final. Depois ergueu o pé, apertando-o firmemente com uma das mãos para deter o sangramento, e voltou pulando pelo caminho que tomara, entrando na primeira passagem, perto do alto da escada, se enfiando nas sombras do lado de dentro.

Um esforço lamentável, sem dúvida. Tão lamentável quanto seus pés descalços, sua faca de mesa, sua carga de dois mil marcos e seu grande sonho de voltar para casa, o buraco de merda que ela sempre sonhara em deixar para trás. Poucas as chances de que aqueles três desgraçados caíssem naquela, por mais idiotas que fossem. Mas o que mais ela podia fazer?

Quando você está reduzido a pequenas apostas, tem de apostar no azarão.

Sua própria respiração era sua única companhia, ecoando no vazio, forte ao sair, irregular ao entrar, descendo quase dolorosamente pela garganta. A respiração de alguém sem ideias, com medo quase a ponto de se borrar involuntariamente. Ela não conseguia ver uma saída. Se um dia voltasse para aquela fazenda, saltaria da cama toda manhã que acordasse viva e faria uma pequena dança, daria um beijo na mãe por cada xingamento, nunca seria grossa com a irmã ou zombaria novamente de Lamb por ele ser um covarde. Ela fez a promessa, e depois desejou ser do tipo que cumpria suas promessas.

Ouviu cavalos do lado de fora, se esgueirou até a única janela com vista para a rua e espiou para baixo com tanta cautela quanto se estivesse olhando dentro de um balde de escorpiões.

Eles estavam ali.

Neary usava aquele velho cobertor sujo amarrado na cintura com corda, seus cabelos oleosos se projetando em todos os ângulos, rédeas numa das mãos, na outra o arco com o qual ferira o cavalo de Shy, a lâmina do machado pesado pendendo do cinto, tão cuidadosamente limpa quanto o resto de sua pessoa repugnante era desmazelado. Dodd estava com seu chapéu gasto enfiado na cabeça, sentado na sela com aquela postura encolhida de ombros caídos que sempre adotava perto do irmão, como um cachorrinho esperando um tapa. Shy teria gostado de dar um tapa naquele idiota sem fé naquele instante. Um tapa para começar. E havia Jeg, sentado como um lorde com aquele seu comprido casaco vermelho, as abas sujas de terra caídas sobre as ancas de seu grande cavalo, uma expressão de desprezo sequioso no rosto enquanto examinava os prédios; aquele chapéu alto que ele achava que o tornava um personagem se projetando de sua cabeça, levemente inclinado, como a chaminé de uma casa de fazenda queimada.

Dodd apontou para as moedas espalhadas sobre a terra ao redor do poço, duas delas reluzindo ao sol.

– Ela deixou o dinheiro.

– Parece que sim – disse Jeg, a voz tão dura quanto a do irmão era suave.

Ela os observou desmontar e prender as montarias. Sem pressa. Como se estivessem se espanando depois de uma pequena cavalgada e ansiando por uma bela noite com companhias cultas. Eles não precisavam se apressar. Sabiam que ela estava ali, sabiam que não iria a lugar algum e sabiam que não conseguiria ajuda, assim como ela sabia.

– Desgraçados – sussurrou Shy, amaldiçoando o dia em que se juntou a eles. Mas você precisa se juntar a alguém, não é mesmo? E você só pode escolher entre o que está ao seu alcance.

Jeg esticou as costas, fungou longamente, deu uma cusparada confortável, depois desembainhou a espada. Aquela espada curva de cavalaria com punho tramado de que ele tanto se orgulhava, que dissera ter conquistado num duelo com um oficial da União, mas que Shy sabia que era roubada, juntamente com a maior parte de todo o resto que ele já tivera. Como debochara dele por causa daquela espada idiota. Mas não se importaria de tê-la nas mãos naquele momento, ficando ele apenas com sua faca de mesa.

– Fumaça! – gritou Jeg, e Shy se encolheu.

Ela não tinha ideia de quem inventara aquele nome para ela. Algum palhaço tinha escrito isso nos avisos de prisão contra ela, e então todo mundo o usava. Por conta de sua tendência a desaparecer como fumaça, talvez. Embora também pudesse ter sido por conta de sua tendência a feder tanto quanto, grudar nas gargantas das pessoas e se mover com o vento.

– Sai daí, Fumaça! – gritou ele de novo, a voz ecoando pelas fachadas mortas dos prédios, e Shy se encolheu um pouco mais na escuridão. – Venha para cá e não vamos te machucar demais quando a encontrarmos!

Não bastava pegar o dinheiro e partir. Eles também queriam o prêmio por sua cabeça. Ela apertou a língua no espaço entre os dentes e fez com a boca: “Cretinos.”

Há um tipo de homem que quanto mais você dá, mais ele quer.

– Teremos de ir lá pegá-la – ela ouviu Neary dizer no ar parado.

– É.

– Eu lhe disse que teríamos de ir pegá-la.

– Então você deve estar mijando nas calças de alegria pelo resultado, né?

– Eu disse que teríamos de pegá-la.

– Então pare de falar isso e faça.

– Olhem, o dinheiro está aqui, poderíamos pegar isto e ir embora, não há necessidade de... – falou Dodd em tom de bajulação,

– Você e eu saímos mesmo do meio das mesmas pernas? – perguntou Jeg ao irmão com desprezo. – Você é o desgraçado mais idiota que eu conheço.

– O mais idiota – repetiu Neary.

– Você acha que vamos deixar quatro mil marcos para os corvos? – perguntou Jeg. – Cata aquilo, Dodd. Nós vamos domar a égua.

– Onde acha que ela está? – quis saber Neary.

– Achei que você era o grande rastreador.

– Em campo aberto, mas nós não estamos em campo aberto.

Jeg ergueu uma sobrancelha, olhando para os barracos vazios.

– Você chamaria isto de símbolo máximo da civilização?

Eles se encararam por um momento, poeira sendo soprada ao redor de suas pernas e depois assentando novamente.

– Ela está em algum lugar por aqui – concluiu Neary.

– Acha mesmo? Que bom que eu tenho comigo o autodefinido olho mais afiado a oeste das montanhas, para que eu não perca o cavalo morto dela a uma porra de dezena de passos de distância. Sim, ela está em algum lugar por aqui.

– Onde você acha que seria?

– Onde você estaria?

Neary examinou os prédios, e Shy saiu do caminho quando os olhos apertados dele passaram sobre a taverna.

– Naquele, acho, mas não sou ela.

– Claro que você não é ela, porra. Sabe como posso dizer isso? Você tem peitos maiores e menos sensatez. Se fosse ela eu não teria de procurar, não é, cacete?

Outro silêncio, outra rajada de vento com poeira.

– Acho que não – disse Neary.

Jeg tirou o chapéu alto, esfregou os cabelos suados com as pontas dos dedos e o enfiou novamente, inclinado, na cabeça.

– Você procura lá enquanto eu tento o do lado, mas não mate a vagabunda, tá? Isso só dá metade da recompensa.

Shy recuou para as sombras, sentindo o suor escorrer sob a blusa. Ser apanhada naquele buraco imprestável. Por aqueles cretinos imprestáveis. Descalça. Ela não merecia aquilo. Tudo o que ela queria era ser alguém de quem valesse a pena falar. Em vez de ser nada, esquecida no dia de sua morte. Naquele momento, ela viu que há um fino equilíbrio entre muito pouca excitação e uma enorme porção de ajuda excessiva. Mas como a maioria de suas epifanias mancas, aquela lhe ocorrera um ano tarde demais.

Ela sugou ar pelo pequeno espaço entre os dentes ao ouvir Neary fazendo ranger as tábuas no salão, talvez o tilintar metálico do grande machado. Ela tremia toda. De repente se sentiu tão fraca que mal conseguia erguer a faca, quanto mais dar um golpe com ela. Talvez fosse a hora de desistir. Jogar a faca pela porta e dizer: "Estou saindo! Não vou criar confusão! Vocês venceram!" Sorrir, anuir e agradecer a eles por sua traição e sua grande consideração quando lhe dessem uma surra, a chicoteassem, quebrassem suas pernas e o que mais os divertisse a caminho do enforcamento.

Ela vira sua cota disso, e nunca gostara do espetáculo. Alguém amarrado ali enquanto liam seu nome e seu crime, esperando alguma suspensão que não viria enquanto o laço era apertado, pedindo misericórdia aos soluços ou lançando maldições e nada disso fazendo a menor diferença. Chutando o ar, a língua para fora enquanto você se borrava para diversão de uma ralé que não era melhor que você. Ela imaginou Jeg e Neary na frente da multidão sorridente, enquanto a observavam fazer a dança dos ladrões na ponta da corda. Provavelmente vestindo roupas ainda mais ridículas compradas com o dinheiro da recompensa.

"*Fodam-se* eles", fez com a boca na escuridão, os lábios se curvando num sorriso selvagem ao ouvir os pés de Neary no primeiro degrau.

Ela sempre fora muito do contra. Desde bem pequena, quando alguém lhe dizia como as coisas seriam, ela começava a pensar em como poderia fazer diferente. Sua mãe sempre a chamara de mula teimosa e colocara a culpa disso no sangue ghost. "É o seu maldito sangue ghost", como se ser um quarto selvagem tivesse sido escolha da própria Shy e não culpa de sua

mãe ter escolhido dormir com um andarilho meio-ghost que se revelou – não exatamente para sua surpresa – um bêbado inútil.

Shy iria lutar. Sem dúvida iria perder, mas lutaria. Faria com que aqueles desgraçados a matassem, e pelo menos isso roubaria deles metade da recompensa. Não seria de esperar que pensamentos assim firmassem a mão, mas firmaram a dela. A pequena faca ainda tremia, mas naquele momento por causa da força com que ela a agarrava.

Para um homem que se proclamava um grande rastreador, Neary tinha alguma dificuldade em se manter quieto. Ela ouviu sua respiração quando ele parou no alto da escada, perto o bastante para tocar, não fosse pela parede de tábuas entre eles.

Uma tábua gemeu quando ele deslocou o peso, e o corpo inteiro de Shy ficou tenso, todos os pelos arrepiados. Então ela o viu – não passando em disparada pela porta na sua direção com o machado em punho e vontade de matar nos olhos, mas se esgueirando pelo balcão, seguindo a trilha das pegadas ensanguentadas, arco tensionado apontando na direção errada.

Quando recebia um presente, Shy sempre acreditava em agarrá-lo com as duas mãos em vez de pensar em como agradecer. Ela disparou sobre as costas de Neary, mostrando os dentes e com um rosnado baixo subindo de sua garganta. A cabeça dele virou rapidamente, o branco dos olhos aparecendo e o arco em seguida, a ponta da flecha refletindo a pouca luz que podia ser encontrada naquele lugar abandonado.

Ela se agachou e agarrou as pernas dele, o ombro batendo com força em sua coxa e fazendo com que ele grunhisse, a mão segurando o pulso, prendendo-o por trás do traseiro de Neary, seu nariz de repente tomado pelo seu fedor de suor de cavalo azedo. A corda do arco foi solta, mas Shy já estava se levantando, rosnando, gritando, saltando e – embora ele fosse um homem grande – então jogou Neary por sobre a balaustrada do modo como costumava erguer um saco de cereais na fazenda da mãe.

Ele flutuou no ar por um momento, boca escancarada e olhos arregalados em choque, depois despencou com um grito soprado e colidiu contra as tábuas do chão.

Ela piscou, mal conseguindo acreditar naquilo. Seu couro cabeludo queimava, e ela botou o dedo, meio esperando sentir a flecha atravessando seu cérebro, mas se virou e viu que esta se fincara na parede atrás, um resultado consideravelmente mais feliz do seu ponto de vista. Mas havia sangue, pegajoso em seus cabelos, escorrendo para a testa. Talvez a corda

do arco a tivesse arranhado. Se pegasse aquele arco ela teria uma chance. Deu um passo na direção da escada, mas depois ficou imóvel. Jeg estava à porta de entrada, sua espada desenhando uma comprida curva negra contra a rua banhada de sol.

– Fumaça! – rugiu ele, e ela disparou pelo balcão como um coelho, seguindo a própria trilha de pegadas ensanguentadas rumo a lugar nenhum, ouvindo as botas pesadas de Jeg estalando na direção da escada.

Ela atravessou a porta final, com toda força, lançando-se para a luz, para outra sacada atrás do prédio. Subiu na balaustrada com um pé descalço – melhor seguir sua tendência em ser do contra e esperar que isso de algum modo a leve em frente do que parar para pensar – e saltou. Ela se jogou, retorcendo-se, na sacada frágil do prédio do outro lado do beco estreito, batendo mãos e pés como se um surto nos movimentos pudesse levá-la mais longe.

Ela agarrou a balaustrada, a madeira batendo em suas costelas, escorregou, gemendo, tentando se firmar, lutou desesperadamente para se erguer, sentiu algo se soltar...

E com um gemido da madeira torturada toda a coisa gasta pelo tempo se soltou da lateral do prédio.

Mais uma vez, Shy teve um fugaz momento no ar para pensar na situação. Novamente nada boa, numa avaliação rápida. Estava começando a uivar quando seu velho inimigo, o chão, a pegou – como sempre fazia –, dobrou suas pernas, a girou e lançou de lado, tirando seu fôlego.

Shy tossiu, depois gemeu, depois cuspiu mais terra. O fato de que estivera certa sobre não ser a última vez que sua boca se enchia de terra não era exatamente um consolo. Viu Jeg de pé na sacada de onde ela pulara. Ele empurrou o chapéu para trás e deu um risinho, depois voltou para dentro.

Ela ainda tinha nas mãos um pedaço da balaustrada, bem apodrecido. Um pouco como suas esperanças. Jogou fora enquanto rolava, esperando aquela dor nauseante que lhe diria que ela estava acabada. Mais uma vez, não veio. Ela podia se mover. Girou os pés e imaginou que podia se levantar. Mas achou que deveria deixar isso de lado por ora. As chances eram de que só conseguisse fazer isso mais uma vez.

Ela se arrastou para fora da bagunça de madeira quebrada junto à parede, sua sombra se esticando na direção da porta, gemendo de dor ao ouvir os passos pesados de Jeg do lado de dentro. Começou a recuar

usando traseiro e cotovelos, arrastando uma perna depois da outra, a faquinha escondida sob o pulso, o outro punho agarrando a terra.

– Para onde você foi? – perguntou Jeg, se abaixando sob a viga baixa e indo para o beco. Ele era um homem grande, mas naquele exato instante parecia um gigante. Meia cabeça mais alto que Shy, mesmo com ela de pé, e não muito menos que o dobro do seu peso, mesmo que ela tivesse comido no dia.

Ele caminhou a passos largos, a língua no lábio inferior, de modo que ele se projetava, espada pesada frouxamente na mão, aproveitando o grande momento.

– Deu um belo golpe em Neary, ahn? – falou, empurrando um pouco para cima a pala do chapéu alto para mostrar a marca de bronzeado na testa. – Você é mais forte do que parece. Mas o garoto é tão burro que poderia ter caído sem ajuda. Você não vai dar um golpe em mim.

Isso eles veriam, mas ela deixaria sua faca falar por ela. Mesmo uma faquinha pode ser um pedaço de metal eloquente para cacete se você a enfiar no lugar certo. Ela se arrastou para trás, levantando poeira, fazendo parecer que estava tentando se levantar, depois, baixou novamente com um gemido quando a perna esquerda sustentou o peso. Parecer muito ferida não exigia um grande esforço de interpretação. Ela podia sentir o sangue escorrendo de seus cabelos e fazendo cócegas em sua testa. Jeg saiu das sombras e o sol baixo bateu em seu rosto, fazendo com que apertasse os olhos. Exatamente como ela queria.

– Ainda me lembro do dia em que coloquei os olhos em você pela primeira vez – continuou ele, adorando o som do próprio falatório. – Dodd foi até mim, todo excitado, e disse que tinha encontrado Fumaça, cujo rosto de assassina está em todos os cartazes até perto de Rostod, quatro mil marcos oferecidos por sua captura. As histórias que contam sobre você! – Ele soltou um "uau", e ela se arrastou para trás novamente, exercitando aquela perna esquerda sob o corpo, garantindo que iria funcionar quando fosse necessário. – Dava para acreditar que você era um demônio com duas espadas na mão do modo como pronunciam seu nome. Imagine a porra da minha *decepção* quando descobri que não era nada além de uma garota assustada com dentes separados e um cheiro forte de mijo.

Como se Jeg cheirasse a campinas no verão! Ele avançou mais um passo, estendendo a mão grande na sua direção.

– Agora, não resista: você vale mais para mim viva. Eu não quero...

Ela jogou a terra com a mão esquerda enquanto golpeava para cima com a direita, se levantando. Ele desviou a cabeça, rosnando enquanto a poeira caía sobre seu rosto. Atacou às cegas quando ela se lançou contra ele abaixada, e a espada passou zunindo acima de sua cabeça, o vento produzido batendo nos cabelos, o peso o lançando de lado. Ela agarrou a aba do casaco dele com a mão esquerda e com a direita enfiou sua faca de mesa na mão que segurava a espada.

Ele deu um grunhido abafado enquanto ela o golpeava novamente, a lâmina rasgando o braço do casaco e também o braço dentro dele, quase atingindo sua perna. Estava erguendo a faca novamente quando o punho dele se lançou sobre a lateral da boca dela, jogando-a para trás, os pés descalços lutando contra a terra. Ela se apoiou na esquina do prédio e ficou ali um momento, tentando afastar a luz do seu crânio. Viu Jeg a um passo ou dois de distância, dentes arreganhados espumando enquanto tentava passar a espada da mão direita caída para a esquerda, dedos atrapalhados com a elegante trama de latão.

Quando as coisas aconteciam, Shy tinha a tendência de simplesmente fazer, sem pensar em misericórdia, sem pensar em resultado, sem pensar em quase nada. Era o que a tinha mantido viva durante toda aquela merda. E por falar nisso, era o que a colocara nela. Muitas bênçãos são bênçãos dúbias, assim que tem de viver com elas, e ela tinha uma maldição de pensar demais depois da ação, mas essa era outra história. Se Jeg conseguisse uma boa pegada naquela espada ela estaria morta, simples assim, então antes mesmo que a rua parasse de girar, ela investiu de novo. Ele tentou libertar um braço, mas ela conseguiu pegá-lo com a mão esquerda cravada, pressionando-o, mantendo-se firme junto ao casaco dele enquanto golpeava loucamente com a faca – na barriga, nas costelas, de novo nas costelas –, ela rosnando e ele grunhindo a cada investida da lâmina, a empunhadura escorregadia em sua mão dolorida.

Ele agarrou sua camisa, as costuras se soltando enquanto a manga rasgava em parte, tentou empurrá-la para longe enquanto ela o esfaqueava mais uma vez, mas não teve forças, apenas a fez recuar um passo. A cabeça dela estava clareando, e ela manteve o equilíbrio, mas Jeg tropeçou e caiu de joelho. Ela ergueu a faca alto nas duas mãos e a baixou diretamente sobre aquele chapéu idiota, achatando-o, e deixando a lâmina enterrada até o cabo no alto da cabeça de Jeg.

Ela cambaleou para trás, esperando que ele caísse de cara. Em vez disso ele de repente se lançou para cima, como um camelo que ela um dia vira numa feira, a pala do chapéu empurrada sobre os olhos até a base do nariz e o cabo da faca se projetando para cima.

– Para onde você foi? – perguntou, as palavras confusas como se sua boca estivesse cheia de cascalho. – Fumaça? – chamou, se lançando para um lado, depois para o outro. – Fumaça?

Ele deslizou para o seu lado, levantando poeira, espada pendurada da mão direita ensanguentada, a ponta traçando sulcos na poeira ao redor dos seus pés. Ele estendeu a esquerda para cima, dedos rígidos, mas pulso caído, e começou a apalpar seu chapéu como se tivesse algo nos olhos que quisesse limpar.

– Fumaça?

Um lado do rosto dele retorcia, estremecia, vibrava de uma forma antinatural. Ou talvez fosse bastante natural para um homem com uma faca cravada no cérebro.

– Fumaça?

Sangue pingava da aba curvada de seu chapéu, deixando fios vermelhos em sua bochecha, a camisa já encharcada pela metade; mas ele continuava a avançar, braço direito ensanguentado sacudindo, o punho da espada batendo contra a perna.

– Maça?

Ela recuou, olhando, as próprias mãos flácidas e toda a sua pele formigando, até bater com as costas na parede atrás.

– Aça?

– Cale a boca!

E se lançou sobre ele com as palmas das duas mãos, empurrando-o para trás, espada se soltando da mão, chapéu ensanguentado ainda preso à cabeça com a faca. Ele rolou lentamente até ficar de barriga para cima, braço direito sacudindo. Deslizou a outra mão para sob o ombro como se fosse se erguer.

– Ah – murmurou sobre a poeira. Depois ficou imóvel.

Shy virou a cabeça e cuspiu sangue. Bocados demais de sangue nos meses anteriores. Seus olhos estavam molhados, e os limpou com as costas da mão trêmula. Não conseguia acreditar no que tinha acontecido. Mal parecia ter qualquer papel nisso. Um pesadelo do qual iria despertar. Fechou os olhos com força, depois os abriu, e ele continuava ali.

Inspirou e expirou com força, limpou saliva do lábio, sangue da testa, inspirou novamente e fez força para expirar. Depois pegou a espada de Jeg, trincando os dentes para conter a ânsia de vômito, que subia em ondas com a dor latejando no lado do rosto. Merda, ela queria se sentar! Apenas *parar*. Mas se obrigou a virar. Obrigou-se a ir até a porta dos fundos da taverna. Aquela pela qual Jeg passara, ainda vivo, alguns momentos antes. É necessária toda uma vida de trabalho duro para produzir um homem. Só leva alguns momentos para acabar com um.

Neary havia se arrastado para fora do buraco que sua queda abrira nas tábuas do chão, agarrando a perna da calça ensanguentada e parecendo bastante puto com isso.

– Você pegou aquela piranha desgraçada? – perguntou, olhando apertado para a passagem.

– Ah, sem dúvida.

Os olhos dele se arregalaram, e ele tentou se arrastar na direção do arco, que não estava distante, gemendo o tempo todo. Ela ergueu a grande espada de Jeg à medida que se aproximou, e Neary se virou, olhos arregalados de terror, erguendo um braço, desesperado. Ela o acertou com toda força com a lateral da espada e ele gemeu, apertando-o junto ao peito. Depois, ela o atingiu na lateral da cabeça e o rolou, soluçando, sobre as tábuas. Passou por ele, deslizando a espada pelo cinto, pegou o arco e arrastou algumas flechas da aljava. Seguiu na direção da porta, prendendo uma à corda no caminho, e olhou para a rua.

Dodd ainda estava catando moedas na poeira e colocando-as na bolsa, seguindo na direção do poço. Insensível ao destino de seus dois companheiros. Nada tão surpreendente quanto você poderia pensar. Se uma palavra resumia Dodd era "insensível".

Shy desceu os degraus da taverna no limite, onde era menos provável que rangessem em alerta, no meio do caminho erguendo o arco e fazendo pontaria em Dodd, curvado sobre a poeira, de costas para ela, uma mancha escura de suor no meio de sua camisa. Ela pensou sobre fazer da mancha de suor a mosca da mira e atirar nele pelas costas dali mesmo. Mas matar um homem não é fácil, especialmente depois de pensar muito. Ela o viu pegar a última moeda e jogá-la na bolsa, então se erguer, puxando os cordões, depois se virar, sorrindo.

– Eu peguei as...

Eles ficaram assim algum tempo. Ele, parado na rua empoeirada, bolsa de prata em uma das mãos, um sorriso inseguro iluminado ao sol, mas com os olhos parecendo assustados à sombra de seu chapéu barato. Ela no degrau de baixo da taverna, pés descalços ensanguentados, boca cortada, cabelo ensanguentado grudado numa testa ensanguentada, mas com o arco apontado e firme.

Ele lambeu os lábios, engoliu, depois os lambeu novamente.

– Onde está Neary?

– Em mau estado – respondeu ela, surpresa com o tom férreo de sua voz. Soava como alguém que ela nem conhecia. A voz de Fumaça, talvez.

– Onde está meu irmão?

– Ainda pior.

Dodd engoliu, pescoço suado se movendo, começando a recuar suavemente.

– Você o matou?

– Esqueça os dois e fique imóvel.

– Olhe, Shy, você não vai atirar em mim, vai? Não depois de tudo pelo que passamos. Você não vai atirar. Não em mim. Vai? – perguntou, a voz cada vez mais alta, mas ele continuava a recuar na direção do poço. – Eu não queria isto. Não foi minha ideia!

– Claro que não. É preciso pensar para ter uma ideia, e você não é capaz disso. Você só vai junto. Mesmo que isso signifique eu ser enforcada.

– Agora, olhe só, Shy...

– Fique imóvel, eu já disse – falou, esticando o arco até o fim, a corda penetrando fundo em seus dedos ensanguentados. – Cacete, você é surdo, garoto?

– Olhe, Shy, vamos resolver isto, hein?

Ele ergueu a palma da mão trêmula como se aquilo pudesse deter uma flecha. Seus olhos azuis claros estavam fixos nela, e de repente ela teve uma lembrança da primeira vez que o viu, recostado no estábulo, um sorriso fácil e despreocupado, nem um pouco inteligente, mas muito divertido. Ela tivera uma profunda carência de diversão desde que saíra de casa. Ninguém diria que saíra de casa para encontrar isso.

– Sei que errei, mas... Eu sou um idiota.

Ele tentou dar um sorriso, não mais firme que a palma da mão. Ele bem tinha valido um sorriso ou dois, pelo menos no começo e, embora não

fosse um grande amante, tinha mantido a cama aquecida, o que era alguma coisa, e a fizera sentir como se não estivesse sozinha de um lado com todo o resto do mundo do outro, o que era algo mais.

– Fique imóvel – repetiu ela, porém mais suavemente.

– Você não vai atirar em mim – disse, ainda recuando na direção do poço. – Sou eu, certo? Eu. Dodd. Apenas não atire em mim.

Ainda recuando.

– O que eu vou fazer é...

Ela atirou nele.

Há uma coisa estranha num arco. Encordoar, esticar, colocar a flecha, fazer pontaria... Tudo isso demanda esforço, habilidade e decisão. Soltar a corda não é nada. Você só para de segurar. De fato, assim que você esticou e apontou, é mais fácil disparar que não disparar.

Dodd estava a menos de doze passos de distância, e a seta disparou pelo espaço entre eles, errou a mão por um átimo e se cravou silenciosamente em seu peito. Isso a surpreendeu, a falta de som. Mas, afinal, carne é macia. Especialmente em comparação a uma ponta de flecha. Dodd deu mais um passo instável, como se não tivesse ainda compreendido que fora atingido, os olhos arregalados. Depois piscou para a seta.

– Você atirou em mim – sussurrou ele e caiu de joelhos, o sangue já se espalhando por sua camisa numa mancha oval escura.

– Eu o avisei.

Ela jogou o arco no chão, de repente furiosa com ele e também com o arco.

Ele olhou para ela.

– Mas não achei que você faria isso.

Ela olhou de volta.

– Nem eu.

Um momento de silêncio, e o vento soprou mais uma vez e agitou a poeira ao redor deles.

– Desculpe.

– Desculpe? – grunhiu ele.

Podia ter sido a coisa mais idiota que ela já tinha dito, e isso enfrentando uma concorrência feroz, mas o que mais poderia dizer? Nenhuma palavra iria arrancar aquela flecha. Ela meio que deu de ombros.

– Acho.

Dodd fez uma careta, erguendo a prata na mão, se virando para o poço. Shy ficou boquiaberta e começou a correr enquanto ele tombava de lado, lançando o saco no ar. Ele girou várias vezes, fazendo uma curva e começando a cair, os barbantes adejando, a mão estendida de Shy se esticando enquanto corria, se jogava, caía...

Ela grunhiu quando suas costelas machucadas bateram na parede ao redor do poço, o braço direito mergulhando na escuridão. Por um momento ela achou que cairia atrás da bolsa – o que provavelmente teria sido um belo final –, e então seus joelhos caíram sobre a terra do lado de fora.

Ela a pegara por um dos cantos de baixo, lona frouxa agarrada por unhas quebradas, cordões pendurados enquanto terra e pedras soltas caíam ao redor.

Shy sorriu. Pela primeira vez naquele dia. Daquele mês, talvez.

E então a bolsa se abriu.

Moedas despencaram para a escuridão numa chuva reluzente, prata retinindo e chacoalhando pelas paredes de terra, desaparecendo no nada escuro, depois silêncio.

Ela se empertigou, anestesiada.

Recuou lentamente do poço, se abraçando com uma das mãos enquanto a bolsa vazia pendia da outra.

Olhou para Dodd, caído de costas com a flecha se projetando para cima do peito, os olhos úmidos fixos nela, costelas se movimentando rapidamente. Ela ouviu a respiração rasa desacelerar, depois parar.

Shy ficou um tempo ali de pé, depois se curvou e vomitou no chão. Não muito, já que não comera nada naquele dia, mas suas tripas travaram com força e garantiram que colocasse para fora o que havia. Ela tremeu tanto que achou que iria cair, mãos nos joelhos, fungando bile pelo nariz e cuspindo.

Maldição, suas costelas doíam. Seu braço. Sua perna. Seu rosto. Tantos arranhões, torções e hematomas que ela mal conseguia distinguir um do outro: seu corpo inteiro era um maldito latejar esmagador.

Seus olhos se voltaram para o cadáver de Dodd, ela teve outra ânsia de vômito e olhou para o horizonte, fixando-os naquela linha tremeluzente de nada.

Não de nada.

Havia poeira se erguendo lá. Ela limpou o rosto na manga rasgada mais uma vez, já tão imunda que provavelmente a deixava mais suja que limpa. Ela se empertigou, apertando os olhos para o ponto distante, mal capaz de acreditar naquilo. Cavaleiros. Sem dúvida. A uma boa distância, mas uns doze.

– Ah, inferno – sussurrou, e mordeu os lábios. Se as coisas continuassem acontecendo daquele jeito ela pularia logo para a parte sangrenta. – Ah, inferno.

E Shy colocou as mãos sobre os olhos, os fechou com força e se escondeu numa escuridão autoimposta na esperança desesperada de, quem sabe, poder ter se enganado. Dificilmente teria sido seu primeiro engano, não é mesmo?

Mas, quando afastou as mãos, a poeira ainda estava lá. O mundo era um valentão malvado, tudo bem, e quanto mais por baixo você estava, mais ele gostava de chutar você. Shy colocou as mãos nos quadris, curvou as costas e gritou para o céu, a palavra durando todo o tempo que seus pulmões doloridos permitiram.

– Porra!

O eco reverberou nos prédios e teve uma morte rápida. Não houve resposta. Talvez o leve zumbido de uma mosca já demonstrando algum interesse por Dodd. O cavalo de Neary a olhou por um momento, depois desviou os olhos, nada impressionado. E Shy tinha então uma garganta irritada para acrescentar aos seus males. Foi obrigada a se fazer as perguntas habituais.

"E agora, o que eu faço, porra?"

Trincou os dentes enquanto tirava as botas de Dodd e se sentava na poeira ao lado para calçá-las. Não era a primeira vez que tinham se esticado juntos na terra, ele e ela. Mas a primeira vez com ele morto. As botas dele ficavam largas demais nela, mas era de longe melhor do que ficar descalça. Voltou para a taverna batendo os pés dentro delas.

Neary estava dando alguns gemidos lamentáveis enquanto lutava para se levantar. Shy o chutou no rosto e depois nas costas, pegou o resto das flechas na aljava e também sua pesada faca de cinto. De volta ao sol, ela pegou o arco, enfiou na cabeça o chapéu de Dodd, também um pouco largo demais, mas pelo menos oferecendo alguma proteção contra o sol. Depois reuniu os três cavalos e os amarrou em fila – uma operação delicada, já

que o grande garanhão de Jeg era um desgraçado malvado e parecia determinado a dar um coice na cabeça dela.

Quando terminou, ela olhou na direção daquelas trilhas de poeira. Estavam indo na direção da cidade, e rápido. Olhando melhor, ela avaliou entre nove e dez, o que era dois ou três melhor do que doze, mas ainda assim uma enorme inconveniência.

Agentes do banco atrás do dinheiro roubado. Caçadores de recompensa querendo uma chance. Outros fora da lei que tinham ficado sabendo do roubo. Um roubo que naquele momento estava no fundo de um poço, na verdade. Poderia ser qualquer um. Shy tinha uma tendência sobrenatural a fazer inimigos. Ela se pegou olhando para Dodd, caído de barriga na poeira com os pés descalços flácidos atrás. A única coisa em que tinha pior sorte era com amigos.

Como chegara àquele ponto?

Ela balançou a cabeça, cuspiu pelo pequeno espaço entre os dentes da frente e montou na sela do cavalo de Dodd. Ela o virou no sentido oposto daquelas nuvens de poeira que se aproximavam, sem saber para qual quadrante da bússola.

Esporeou o cavalo.

Megan Abbott

Megan Abbott nasceu na região de Detroit, formou-se em literatura inglesa na Universidade de Michigan, fez doutorado em literatura inglesa e americana na Universidade de Nova York e lecionou literatura, redação e cinema na Universidade de Nova York e na Universidade Estadual de Nova York em Oswego. Publicou seu primeiro romance, *Die a Little*, em 2005, e desde então é considerada uma das mais destacadas autoras de mistério *noir* moderno, citada pelo *San Francisco Chronicle* como pronta para "reivindicar o trono de melhor prosa na ficção policial desde Raymond Chandler". Entre seus romances estão *Queenpin*, que recebeu o Edgar Award em 2008, *The Song is You*, *Bury Me Deep* e *The End of Everything*. Seu romance mais recente é *Dare Me*. Trabalhou como editora na coletânea *A Hell of a Woman, An Anthology of Female Noir*, e publicou o ensaio *The Street Was Mine: White Masculinity and Urban Space in Hardboiled Fiction and Film Noir*. Mora em Forest Hills, Nova York, e mantém o site meganabbott.com.

Na história sutil porém perturbadora que se segue ela nos mostra que há algumas coisas que você não consegue superar, por mais que tente, e que certas visões do coração, mesmo daqueles que mais amamos, você não consegue deixar de ver após ter visto.

Ou meu coração está partido

Ele esperou no carro. Tinha estacionado sob uma daquelas longas filas de luzes. Ninguém mais queria estacionar ali. Ele imaginava o motivo. No terceiro veículo depois do seu, ele viu as costas de uma mulher contra uma janela, o cabelo sacudindo. Uma vez, ela virou a cabeça e ele quase viu seu rosto, o azul dos dentes enquanto sorria.

Quinze minutos se passaram antes que Lorie chegasse cambaleando pelo estacionamento, os saltos estalando.

Ele ficara trabalhando até tarde e nem mesmo sabia que ela não estava em casa até chegar lá. Quando ela atendeu o celular, lhe disse onde estava, um bar do qual ele nunca ouvira falar, numa parte da cidade que não conhecia.

– Eu só queria algum barulho e pessoas – explicou ela. – Só isso, mais nada.

Ele perguntou se queria que fosse pegá-la.

– Tá – respondeu ela.

No caminho para casa ela começou aquilo de "rir-chorar" que fazia ultimamente. Ele queria ajudá-la, mas não sabia como. Isso o fez recordar do tipo de garotas que costumava namorar no ensino médio, aquelas que escreviam nas mãos com canetas e se cortavam nas cabines dos banheiros da escola.

– Eu não dançava havia muito tempo, e se fecho os olhos ninguém consegue ver – dizia ela, olhando pela janela, a cabeça apoiada no vidro. – Ninguém lá tinha me reconhecido, até uma mulher que eu não conhecia me reconhecer. Ela ficou gritando comigo. Depois me seguiu até o banheiro e disse estar contente por minha garotinha não poder me ver naquele momento.

Ele sabia o que as pessoas iriam dizer. Que estava dançando num bar vagabundo de pegação. Não iriam dizer que chorou toda a viagem para casa, que não sabia o que fazer consigo mesma, que ninguém sabe como irá reagir quando algo assim acontece. O que provavelmente não acontecerá.

Mas ele também queria se esconder, queria ele mesmo encontrar uma cabine de banheiro em outra cidade, outro estado e nunca mais ver qualquer um que conhecesse, especialmente sua mãe ou sua irmã, que passavam o dia inteiro na internet tentando espalhar as notícias sobre Shelby, recolhendo dicas para a polícia.

As mãos de Shelby – bem, as pessoas sempre falam sobre mãos de bebê, não é mesmo? –, elas eram como florezinhas apertadas e ele adorava colocar as palmas das suas sobre elas. Ele nunca soube que se sentiria assim. Nunca soube que seria o tipo de cara – até mesmo que havia esse tipo de cara – que sentiria o cheiro de leite do cobertor de bebê da filha e se sentiria aquecido por dentro. E até, algumas vezes, apertaria o rosto sobre ele.

Ele demorou muito para tirar as botas de caubói vermelho-escuro que ela calçava, e que ele não reconheceu.

Quando tirou seu jeans, também não reconheceu a lingerie. Na frente havia uma borboleta preta, as asas adejando sobre suas coxas a cada puxão.

Olhou para ela e teve uma lembrança de seu primeiro encontro. Lorie pegando sua mão e a passando sobre sua barriga, suas coxas. Dizendo que um dia pensara em ser dançarina, e que talvez pudesse ser. E que se algum dia tivesse um filho faria cesariana, pois todo mundo sabia o que acontecia com as barrigas das mulheres depois, "para não mencionar o que acontece lá embaixo", ela tinha dito, rindo, e colocado sua mão lá a seguir.

Ele tinha esquecido tudo aquilo, e também outras coisas, mas naquele momento as coisas continuavam voltando e o deixando maluco.

Ele deu um copo alto de água a ela e a obrigou a beber. Depois o encheu de novo e colocou ao seu lado.

Ela não dormiu como uma pessoa bêbada, mas como uma criança, as pálpebras se movendo em um sonho e um pequeno sorriso esticando sua boca.

Com o luar entrando, parecia que ele a tinha vigiado a noite toda, mas em algum momento deve ter adormecido.

Quando acordou, ela estava com a cabeça em sua barriga e o acariciava, não totalmente desperta.

– Estava sonhando que tinha engravidado de novo – murmurou. – Era como Shelby de novo. Talvez pudéssemos adotar. Há muitos bebês por aí precisando de amor.

Eles tinham se conhecido seis anos atrás. Ele trabalhava para a mãe, que era dona de um pequeno prédio de apartamentos no lado norte da cidade.

Lorie morava no primeiro andar, onde a janela era alta e você podia ver as pessoas caminhando pela calçada. Sua mãe chamava o local de um "apartamento térreo fundo".

Ela morava com outra garota e às vezes elas chegavam muito tarde, rindo e se jogando uma sobre a outra daquele modo que as garotas fazem, sussurrando coisas, as pernas nuas e brilhantes em minissaias. Ele ficava imaginando o que diziam.

Na época, ele ainda estava na escola e trabalhava à noite e nos fins de semana, trocando carrapetas em torneiras que pingavam, colocando o lixo para fora.

Certa vez estava na frente do prédio, lavando as latas de lixo com alvejante e mangueira e ela passou apressada por ele, seu casaco pequeno erguido sobre o rosto. Falava ao telefone e se movia tão rápido que ele quase não a viu e por pouco não a molhou com a mangueira. Por um segundo viu seus olhos, borrados e úmidos.

– Eu não estava mentindo – dizia ela ao telefone enquanto enfiava a chave na porta da frente, empurrando-a com um dos ombros. – Não sou eu a mentirosa aqui.

Certa noite, não muito tempo depois, ele chegou em casa e havia um bilhete sob a porta. Dizia:

> *Ou meu coração está partido ou eu não paguei a conta.*
> *Obrigada, Lorie, 1-A*

Ele teve de ler quatro vezes antes de entender.

Ela sorriu ao abrir a porta, cuja corrente de segurança cruzou sua testa.

Ele ergueu a chave inglesa.

– Chegou bem a tempo – falou ela, apontando para o aquecedor.

Ninguém nunca acha que alguma coisa vai acontecer com sua menininha. Era o que Lorie continuava a dizer. Tinha dito isso aos repórteres, à polícia, todos os dias durante as três semanas desde o acontecido.

Ele a observou com os detetives. Era como na TV, só que completamente diferente. Ficou pensando em por que nada nunca era como você pensava que seria, e então se deu conta de que era porque nunca pensou que seria você.

Ela não conseguia ficar sentada quieta, os dedos brincando com as pontas do cabelo. Às vezes, num sinal de trânsito, tirava tesouras de unha da bolsa e cortava as pontas quebradas. Quando o carro começava a se mover, ela agitava a mão do lado de fora da janela, espalhando os fios ao vento.

Era o tipo de coisa despreocupada e estranha que a fazia tão diferente de todas as outras garotas que tinha conhecido. Especialmente por fazer isso na frente dele.

Ele ficava surpreso com o quanto tinha gostado disso.

Mas naquele momento tudo parecia diferente e ele podia ver que os detetives a observavam, olhavam para ela como se fosse uma garota de minissaia, rodopiando num banco de bar e agitando o cabelo para os homens.

– Precisamos que comece do começo novamente – falou o policial, e aquela parte foi como na TV. – Tudo de que se lembra.

– Ela já repetiu isso muitas vezes – defendeu ele, colocando a mão sobre a dela e olhando para os detetives, cansado.

– Eu estava falando com o senhor, sr. Ferguson – retrucou o detetive, olhando para ele. – Apenas com o senhor.

Eles levaram Lorie para o escritório e ele podia vê-la pela janela, colocando muito creme em seu café, lambendo os lábios.

Ele também sabia o que aquilo parecia. Os jornais tinham publicado uma foto dela numa lanchonete que vendia *smoothies*. A legenda dizia: "E quanto a Shelby?" Deviam ter tirado através da vitrine. Ela estava pedindo algo no balcão, e sorria. Sempre a flagravam quando estava sorrindo. Eles não compreendiam que ela sorria quando estava triste. Às vezes chorava

quando alegre, como no casamento deles, quando chorou o dia inteiro, o rosto rosado e brilhante, estremecendo junto a seu peito.

"Nunca pensei que você iria", tinha dito ela. "Nunca pensei que eu iria. Que isto poderia acontecer."

Ele não sabia o que ela queria dizer, mas adorava senti-la aninhada nele, seus quadris pressionados nele como faziam quando não conseguia se conter e parecia se aferrar para não sair voando da própria Terra.

– Então, sr. Ferguson – começou o detetive. – O senhor chegou em casa do trabalho e não havia ninguém lá?

– Isso. Pode me chamar de Tom.

– Tom – concordou o detetive, recomeçando, mas o nome parecia desconfortável em sua boca, como se ele preferisse não dizê-lo. Na semana anterior, ele o chamara de Tom. – Era incomum chegar em casa àquela hora e elas não estarem lá?

– Não. Ela gostava de se manter ocupada.

Era verdade, porque Lorie nunca ficava parada, e algumas vezes prendia Shelby na cadeirinha de bebê e dirigia por horas, percorrendo 150 ou trezentos quilômetros.

Ela a levava na cidade de Mineral Point e tirava fotos das duas na frente da água. Ele as recebia pelo telefone no trabalho e sempre o fazia sorrir. Ele gostava de como nunca era uma daquelas mulheres que ficam em casa assistindo a programas de tribunal ou canais de compras.

Ela trabalhava 25 horas por semana na ACM enquanto a mãe dele ficava com Shelby. Toda manhã corria oito quilômetros, colocando Shelby no carrinho de corrida. Fazia jantar toda noite e às vezes até aparava o gramado quando ele mesmo estava ocupado demais. Nunca parava de se mover.

Era isso o que o pessoal dos jornais e da TV adorava. Adoravam tirar fotos dela correndo de short curto, conversando pelo telefone no carro, olhando revistas de moda na fila da mercearia.

"E quanto a Shelby?", sempre diziam as legendas.

Decididamente nunca a entenderam. Ele era o único.

– Então – falou o detetive, arrancando-o de seus pensamentos –, o que o senhor fez quando encontrou a casa vazia?

– Liguei para o celular dela.

Tinha ligado. Ela não atendeu, mas isso também não era incomum. Não se preocupou em contar isso a eles. Que tinha ligado quatro ou cinco

vezes, sempre caindo direto na caixa postal, até que ela atendeu, só na última chamada.

A voz dela soava estranha, baixa, como se pudesse estar no consultório do médico, ou no banheiro feminino. Como se estivesse se forçando a ficar quieta e não chamar atenção.

– Lorie? Você está bem? Onde vocês estão?

Tinha havido uma longa pausa, e ele achou que ela tinha batido de carro. Por um segundo enlouquecido, pensou que ela poderia estar no hospital, as duas quebradas e com hematomas. Lorie era uma motorista descuidada, sempre enviando mensagens de texto do carro. Imagens ruins surgiram em sua cabeça. Uma vez, ele namorara uma garota que tinha um sapatinho de bebê pendurado no espelho retrovisor. Dissera que era para se lembrar de dirigir com cuidado, o tempo todo. Ninguém lhe dizia isso depois dos 16 anos.

– Lorie, apenas me fale – pediu ele, tentando manter a voz firme, mas gentil.

– Aconteceu uma coisa.

– Lorie, respire e me conte – pediu ele novamente, como depois de uma briga dela com o irmão ou o chefe.

– Para onde ela foi? – veio a voz dela. – E como vai me encontrar? É uma garotinha. Não sabe nada. Deviam colocar plaquinhas neles como faziam conosco quando éramos crianças, você se lembra disso?

Ele não se lembrava disso, e havia um zumbido em sua cabeça que tornava difícil ouvir.

– Lorie, você precisa me contar o que está acontecendo.

Então ela contou.

Disse que passara a manhã toda dirigindo, procurando cortadores de grama que tinha visto à venda na Craigslist. Estava cansada e decidira parar para tomar um café num lugar caro.

Ela via a mulher ali o tempo todo. Conversavam pela internet sobre como o café era caro, mas como não conseguiam evitar. E, afinal, o que era um Americano? E, é, elas conversavam sobre os filhos. Estava bastante certa de que a mulher dissera que tinha filhos. Dois, achava. E iam ser apenas dois minutos, no máximo cinco.

– O que ia ser cinco minutos? – quis saber ele.

– Não sei como aconteceu, mas derramei meu café, por toda parte. Em cima do meu casaco branco novo. Aquele que você me deu no Natal.

Ele se lembrava dela abrindo as caixas, papel de seda voando. Ela tinha dito que ele era a única pessoa que já tinha comprado para ela roupas que vinham em caixas, com papel de seda e lacres dourados.

Ela dera piruetas com o casaco e dissera: "Ah, como ele cintila."

Subindo em seu colo, ela sorrira e dissera que apenas um homem daria um casaco branco à mãe de uma criança pequena.

– O casaco estava encharcado – falou ela. – Perguntei à mulher se podia dar uma olhada em Shelby enquanto eu ia ao banheiro. Demorou um pouco porque precisei pegar a chave. Uma daquelas chaves pesadas que eles lhe dão.

Quando saiu do banheiro a mulher tinha sumido, assim como Shelby.

Ele não se lembrava de em qualquer momento ter achado que a história não fazia sentido. Era o que tinha acontecido. Era o que tinha acontecido a eles, e parte de toda a impossível sequência de acontecimentos que levara a isso. Que levara a Shelby ter sumido sem que ninguém soubesse onde estava.

Mas pareceu claro quase desde o princípio que a polícia parecia achar que não estava recebendo todas as informações, ou que a informação não fazia sentido.

– Eles não gostam de mim – comentara Lorie. E ele lhe dissera que isso não era verdade e de qualquer forma isso não tinha a ver com nada, mas talvez tivesse.

Ele desejou que tivessem visto Lorie quando passara pela porta da frente naquele dia, a bolsa com o fecho aberto, o casaco branco ainda encharcado por causa do café derramado, a boca tão escancarada que ele conseguia ver o vermelho interior, irritado e lacerado.

Horas depois, com a família ao redor deles, seu corpo estremecendo junto ao dele enquanto o irmão falava sem parar sobre o Alerta de Rapto de Criança, a Lei de Megan, sua aula de justiça penal e seus colegas policiais da academia, ele a sentia se apertando contra seu corpo e via um cacho sedoso enfiado na gola do suéter, um cacho dos cabelos branco-anjo de Shelby.

Ao final da segunda semana, a polícia não tinha descoberto nada, ou se tinha, não estava contando. Algo parecia ter mudado, ou piorado.

– Qualquer um faria isso – disse Lorie. – As pessoas fazem isso o tempo todo.

Ele viu a detetive olhar para ela. Era a detetive de rabo de cavalo firme, que estava sempre apertando os olhos para Lorie.

– Fazem o quê? – perguntou a detetive.

– Pedir a alguém para dar uma olhada em seu filho só por um minuto – completou Lorie, as costas enrijecendo. – Não um cara. Eu não a teria deixado com um homem. Não a teria deixado com uma mulher sem-teto que agitasse uma escova de cabelos na minha direção. Aquela era uma mulher que eu via ali todos os dias.

– Que se chamava?

Eles tinham perguntado a ela o nome da mulher muitas vezes. Eles sabiam que ela não sabia.

Lorie olhou para a detetive, e ele pôde ver aquelas fracas veias azuis aparecendo sob os olhos. Ele queria passar o braço ao redor dela, fazê-la sentir que estava ali, acalmá-la. Mas antes que conseguisse fazer alguma coisa ela recomeçara a falar.

– Sra. Lagarta – falou ela, lançando as mãos no ar. – Sra. Linguini. Madame Lafarge.

A detetive a encarou sem dizer qualquer coisa.

– Vamos tentar procurar por ela na internet – comentou Lorie, o queixo projetado para a frente e um tipo de brilho duro nos olhos. Todos os remédios e os horários irregulares que estavam mantendo, todos os comprimidos para dormir e sedativos, Lorie caminhando pela casa a noite inteira, sem falar nada coerente, mas com medo de ficar deitada quieta.

– Lorie – disse ele. – Não...

– Tudo sempre acontece comigo – falou ela, a voz de repente suave e estranhamente líquida, seu corpo afundando. – É muito injusto.

Ele podia ver acontecendo, seus membros ficando flácidos, e foi na direção dela.

Ela quase escorregou de suas mãos, os olhos revirando.

– Ela está desmaiando – avisou ele, agarrando-a, os braços frios como canos de água congelados. – Chame alguém.

A detetive estava observando.

– Não consigo falar porque ainda estou tentando lidar com isso – contou Lorie aos repórteres que esperavam em frente à delegacia policial. – É muito duro falar sobre isso.

Ele ergueu um braço rígido e tentou fazer com que ela avançasse em meio à multidão tão apertada quanto o nó em sua garganta.

– É verdade que estão contratando um advogado? – perguntou um dos repórteres.

Lorie olhou para eles. Ele viu sua boca abrir e não teve tempo de impedi-la.

– Eu não fiz nada errado – disse, um sorriso desalentado no rosto.

Como se tivesse derrubado o carrinho de supermercado de alguém com o seu próprio.

Ele olhou para ela. Sabia o que queria dizer – ela se referia a deixar Shelby por aquele instante, aquele pequeno instante. Mas também sabia como soava, e como parecia aquele sorriso apavorado que ela não conseguia impedir.

Foi a única vez que ele deixou que falasse com os repórteres.

Depois, em casa, ela se viu no noticiário noturno. Caminhou lentamente até a TV, se ajoelhou diante dela, o jeans deslizando no tapete, e fez a coisa mais estranha.

Passou os braços ao redor dela, como se fosse um ursinho de pelúcia, uma criança.

– Onde ela está? – sussurrou. – Onde ela está?

E ele desejou que os repórteres pudessem ver aquilo, o modo confuso como a dor se instalara nela, como uma febre.

Mas também ficou contente por não poderem.

* * *

Era o meio da noite, perto de amanhecer, e ela não estava ao seu lado.

Procurou pela casa toda, o peito batendo forte. Pensou que devia estar sonhando, chamando seu nome, o nome das duas.

Ele a encontrou no quintal, uma sombra graciosa no meio do quintal.

Estava sentada na grama, o telefone iluminando o rosto.

– Eu me sinto mais perto dela aqui fora – falou. – Encontrei isto.

Ele mal conseguia ver, mas chegando mais perto viu um brinco minúsculo com uma borboleta esmaltada, seguro entre seus dedos.

Haviam tido uma grande briga quando ela chegara em casa com Shelby, as orelhas furadas, grossos pinos de ouro se projetando de lóbulos

tão pequenos. As orelhas vermelhas, o rosto vermelho, os olhos cheios de lágrimas.

– Para onde ela foi, querido? – perguntou Lorie. – Para onde ela foi?

Ele estava encharcado de suor e tirava a camiseta do peito.

– Olhe, sr. Ferguson, o senhor cooperou plenamente conosco – informou o detetive. – Sei disso. Mas entenda a nossa posição. Ninguém consegue confirmar a história dela. A funcionária que viu sua esposa derramar o café se lembra dela saindo com Shelby. Não se lembra de outra mulher.

– Quantas pessoas estavam lá? Vocês conversaram com todas elas?

– Também há mais uma coisa, sr. Ferguson.

– O quê?

– Um dos outros empregados disse que Lorie estava realmente furiosa com o derramamento do café. Disse a Shelby que era culpa dela. Que tudo era culpa dela. E que Lorie agarrou sua filha pelo braço e a sacudiu.

– Isso não é verdade – alegou ele. Nunca vira Lorie tocar Shelby com rispidez. Algumas vezes mal parecia saber que a filha estava lá.

– Sr. Ferguson, eu preciso lhe perguntar. Sua esposa tem um histórico de problemas emocionais?

– Que tipo de pergunta é essa?

– É uma pergunta padrão em casos como este – avisou o detetive. – E nós temos alguns relatos.

– Está falando do noticiário local?

– Não, sr. Ferguson. Não recolhemos evidências da TV.

– Recolher evidências? Que tipo de evidência vocês precisariam recolher sobre Lorie? É Shelby quem está desaparecida. Vocês não...

– Sr. Ferguson, sabia que sua esposa passou três horas no Your Place Lounge em Charlevoix na tarde de ontem?

– Vocês a estão seguindo?

– Vários clientes e um dos *bartenders* nos procuraram. Estavam preocupados.

– Preocupados? É assim que eles estavam? – reagiu. Sua cabeça latejava.

– Eles não deveriam estar preocupados, sr. Ferguson? Ela é uma mulher cujo bebê desapareceu.

– Se eles estavam tão preocupados, por que não ligaram para mim?

– Um deles perguntou a Lorie se poderia chamá-lo para pegá-la. Aparentemente ela respondeu que não.

Ele olhou para o detetive.

– Ela não queria me deixar preocupado.

O detetive olhou de volta.

– Certo.

– Você não sabe como as pessoas irão agir quando algo assim acontece – argumentou ele, sentindo a cabeça cair.

De repente, seus ombros pareceram muito pesados e surgiu em sua cabeça uma dessas imagens de Lorie, no canto mais distante do comprido bar preto laqueado, olhos com maquiagem pesada e repletos de pensamentos soturnos. Sentimentos que ele nunca poderia tocar. Nunca teve certeza de saber no que ela estava pensando. Aquilo era uma parte. Parte do latejar no peito, a ansiedade que nunca passava. – Não – falou ele de repente.

– O quê? – perguntou o detetive, se inclinando para a frente.

– Ela não tem um histórico de problemas emocionais. Minha esposa.

Era a quarta semana, a quarta semana de pistas falsas, choros, comprimidos para dormir e terrores noturnos. E ele tivera de voltar ao trabalho ou não conseguiriam pagar a hipoteca. Tinham conversado sobre Lorie retomar seu emprego de meio expediente na loja de velas, mas alguém precisava ficar em casa, esperando.

(Mas eles esperavam o quê? Bebês apareciam de repente em casa após 27 dias? Era o que ele sabia que os policiais estavam pensando.)

– Acho que vou ligar para o escritório amanhã – avisou ele. – E fazer um plano.

– E eu vou ficar aqui. Você vai ficar lá e eu vou ficar aqui.

Era uma conversa horrível, como muitas das conversas que casais têm em quartos escuros, tarde da noite, quando você sabe que as decisões que passou o dia inteiro evitando não podiam mais esperar.

Depois que conversaram, ela tomou quatro grandes comprimidos e enfiou o rosto no travesseiro.

Ele não conseguiu dormir e foi ao quarto de Shelby, o que raramente fazia à noite. Curvou-se sobre o berço, que era pequeno demais para ela, mas Lorie ainda não queria usar a cama, disse que não era a hora, nem de longe.

Colocou os dedos nos macios protetores de bebês, decorados com peixes amarelos brilhantes. Lembrou-se de contar a Shelby que eram peixinhos dourados, mas ela continuou dizendo “Nana, nana”, que era como ela falava “banana”.

As mãos dela estavam sempre cobertas do visco perolado de banana, que grudava na frente da camisa de Lorie.

Certa noite, deslizando a mão sob a presilha do sutiã de Lorie, entre os seios, ele encontrou um resto de banana até mesmo ali.

– Está por toda parte – dissera Lorie, suspirando. – É como se eu fosse feita de banana.

Ele adorava aquele cheiro, e as mãos sempre meladas da filha.

Em algum momento, ao se lembrar daquilo, começou a chorar, mas então parou e se sentou na cadeira de balanço até adormecer.

Em parte ele estava aliviado por voltar ao trabalho, depois de todos aqueles dias com vizinhos, parentes e amigos enchendo a casa, trocando boatos de internet, organizando vigílias e buscas. Mas no momento havia menos parentes, apenas dois amigos que não tinham mais para onde ir, e nenhum vizinho.

A mulher da casa da esquina apareceu tarde certa noite e pediu de volta sua panela de refogado.

– Não sabia que ficariam com ela tanto tempo – disse, apertando os olhos.

Parecia estar tentando olhar por sobre o ombro dele, para a sala de estar. Lorie assistia a um programa de televisão com som alto, sobre um grupo de louras com rostos pintados e bocas raivosas. Assistia o tempo todo; parecia ser o único programa na TV.

– Não sabia como as coisas ficariam – continuou a mulher, pegando sua panela e a examinando.

“seu garoto sensual”, dizia a mensagem de Lorie. “eu quero suas mãos em mim. Vem para casa e cuida de mim, com força como vc gosta, acaba comigo.”

Ele girou na cadeira da escrivaninha, quase como se precisasse esconder o telefone, esconder seu ato de ler a mensagem.

Saiu do escritório imediatamente, dirigindo o mais rápido que conseguia. Dizendo a si mesmo que havia algo errado com ela. Que aquilo tinha de ser algum efeito colateral dos comprimidos que o médico tinha receitado, ou o modo como tristeza e saudade podiam ser distorcidas em seu corpinho complicado.

Mas não era exatamente por isso que dirigia tão rápido, ou porque quase tropeçou no cinto de segurança pendurado ao sair apressado do carro.

Ou porque sentiu, quando a viu deitada na cama, de barriga para baixo e com a cabeça virada, sorrindo, que iria se partir em dois se não a tivesse. Se não a tivesse ali. Então, a cama gemendo abaixo dos dois e ela não produzindo um som, mas, com as cortinas baixadas, seus dentes brancos reluzindo, reluzindo de sua boca aberta.

Pareceu errado, mas ele não sabia por quê. Ele a conhecia, mas não. Aquela era ela, mas uma Lorie de muito tempo antes. Só que diferente.

Os repórteres telefonavam o tempo todo. E havia dois que pareciam nunca sair do quarteirão. Estavam ali desde o início, mas pareciam ter ido embora, passado para outros casos.

Voltaram quando começou a circular o vídeo de Lorie saindo do estúdio de tatuagem Magnum.

Lorie usava novamente aquelas botas de caubói vermelhas, batom vermelho e caminhou diretamente para a câmera.

Publicaram fotos disso no jornal com a manchete: “A dor de uma mãe?”

Ele olhou a tatuagem.

As palavras *Mirame quemar* em cursiva, se enrolando em seu quadril.

Cobria apenas o ponto onde havia uma estria, aquela que ela sempre escondia com os dedos quando ficava de pé nua diante dele.

Ele olhou para a tatuagem no quarto escuro, uma faixa de luz vindo do corredor. Ela virou o quadril, continuou rodando, girando o tronco para que ele pudesse sentir, tudo.

– Eu precisava disso – explicou ela. – Precisava de alguma coisa. Alguma coisa na qual colocar os dedos. Para me lembrar de mim mesma.

Você gostou? – perguntou, seu hálito em sua orelha. A tinta parecia se mover.

– Eu gosto – respondeu ele, colocando os dedos ali. Sentindo-se um pouco enjoado. Ele gostava. Gostava muito.

Depois, tarde da noite, a voz dela o despertou de um sono profundo.

– Eu nunca soube que vinha, e de repente aqui estava ela – dizia, o rosto colado no travesseiro. – E eu nunca soube que ia embora, e agora ela sumiu.

Ele olhou para ela, que estava de olhos fechados, sujos de maquiagem antiga.

– Mas ela sempre fazia o que queria – concluiu ela, a voz mais áspera, dolorida.

Foi o que ele pensou ter ouvido. Mas ela estava dormindo, e não fez sentido algum.

– Você gostou até pensar sobre ela – disse ela. – Até olhar com atenção, e então decidir que não queria mais. Ou não queria ser o cara que a quer.

Estava vestindo a camisa nova que ela lhe comprara no dia anterior. Era um roxo bem escuro, bonita, e ele se sentiu bem nela, como o gerente de unidade sobre quem todas as mulheres do escritório conversavam. Falavam sobre os sapatos dele, e ele sempre se perguntou onde as pessoas compravam sapatos como aqueles.

– Não – falou ele. – Eu adoro. Mas é só... Caro.

Mas não era isso. Não parecia certo comprar coisas, comprar qualquer coisa naquele momento. Mas também era o quanto a camisa era colorida, o brilho dela. A beleza reluzente e dura dela. Uma camisa de sair, para ir a boates, para dançar. Para aquelas coisas que eles faziam quando ainda faziam coisas: vodca, música com batidas e sexo alucinado no carro dela.

O tipo de sexo ébrio tão confuso e louco que você depois quase sentia vergonha do outro, indo para casa, lamentavelmente sóbrio, sentindo que tinha mostrado algo muito íntimo e muito ruim.

Uma vez, anos atrás, ela fez com ele algo que ninguém nunca tinha feito, e ele depois nem conseguiu olhar para ela. Na vez seguinte, ele fez algo com ela. Por um tempo parecia que nunca iria parar.

“Acho que alguém deveria lhe contar sobre sua esposa”, dizia o assunto do e-mail. Ele não reconheceu o endereço, uma série de letras e números, e não havia texto no corpo da mensagem. Havia apenas uma foto de uma garota dançando, usando uma camisa frente única verde brilhante, laços soltos e balançando.

Era Lorie, e ele sabia que devia ser uma foto antiga. Semanas antes os jornais colocaram as mãos em alguns instantâneos de Lori do final da adolescência, dançando em tampos de mesa, beijando as amigas. Coisas que garotas faziam quando estavam bebendo e alguém tinha uma câmera.

Naquelas fotos, Lorie estava sempre posando, sensual, tentando parecer uma modelo, uma celebridade. Era a Lorie antes que ele a conhecesse, uma Lorie do tempo que ela chamava de “seus antigos dias selvagens”.

Mas naquela foto ela parecia não ter absolutamente nenhuma consciência da câmera, parecia estar perdida no embalo de qualquer que fosse a música tocando, quaisquer que fossem os sons em sua cabeça lotada. Os olhos estavam fechados com força, a cabeça jogada para trás, o pescoço comprido, marrom e bonito.

Parecia mais feliz do que já tinha visto.

Uma Lorie de muito tempo atrás, ou de nunca.

Mas quando ele rolou mais a imagem viu a blusa subindo pelo corpo, viu a projeção do osso do quadril. Viu as elegantes letras cursivas: *Mirame quemar*.

Naquela noite ele se lembrou de uma história que ela lhe contara há muito tempo. Parecia impossível que tivesse esquecido. Ou talvez apenas parecesse diferente então, fazendo com que soasse algo novo. Algo descoberto, uma velha caixa amassada que você encontra no porão com um cheiro forte e tem medo de abrir.

Foi quando estavam namorando, quando a colega de quarto dela estava sempre por perto e eles não conseguiam ficar sozinhos. Tinham sessões emocionantes no carro dele, e ela adorava passar para o banco de trás, erguendo a perna acima do apoio de cabeça e suplicando que ele fosse.

Foi depois da primeira ou da segunda vez, quando era tudo tão maluco e confuso e sua cabeça latejava e explodia, que Lorie se aninhou nele e falou sem parar sobre sua vida e de quando roubara quatro lápis de olho Revlon da farmácia e como dormira com um animal de pelúcia de orelhas

molhadas chamado Ears até os 12 anos. Disse que sentia poder lhe contar tudo.

Em algum ponto daquelas noites confusas – noites em que também ele lhe contara coisas particulares, histórias sobre paixões por babás e furtar carrinhos Matchbox nas lojas –, ela lhe contou a história.

Como, quando tinha 7 anos, seu irmãozinho pequeno nasceu e ela ficou com muito ciúme.

– Minha mãe passava o tempo todo com ele, e me deixava sozinha o dia inteiro. Então eu o odiava. Rezava toda noite para que fosse levado embora. Para que alguma coisa medonha acontecesse com ele. À noite, eu me esgueirava até seu berço e o encarava através das pequenas grades. Acho que talvez acreditasse que poderia fazer acontecer. Se olhasse para ele tempo suficiente e duro o suficiente, poderia acontecer.

Ele tinha anuído, porque as crianças eram assim, achava. Ele era o mais jovem e ficou pensando se sua irmã mais velha pensava coisas assim dele. Uma vez esmagou o dedo dele sob um prato musical e disse que havia sido um acidente.

Mas ela não tinha acabado de contar sua história, chegou mais perto dele, que pode sentir o cheiro de seu corpo empoado e pensou em todos os seus pequenos cantos e curvas, em como gostava de encontrá-los com a mão, todos os lugares macios e quentes. Às vezes, parecia que o corpo dela nunca era o mesmo corpo, como se mudasse sob suas mãos. “Eu sou uma bruxa, uma bruxa.”

– Então – disse, a voz baixa e furtiva –, certa noite, eu o estava observando através das grades do berço, e ele fazia um barulho engraçado.

Os olhos dela cintilaram no escuro do carro.

– Eu me estiquei, passando as mãos pelas grades – continuou, movendo as mãos na direção dele. – E foi quando vi um pedaço de barbante pendurado no queixo dele, de um brinquedo de puxar. Fiquei puxando.

Ele a viu puxar o barbante imaginário, os olhos dela cada vez mais arregalados.

– Então, ele arfou e começou a respirar novamente – contou.

Ela parou, estalando a língua.

– Minha mãe entrou nesse exato instante. Disse que eu salvei a vida dele – falou. – Todo mundo disse. Ela comprou para mim um macacão novo e os sapatos rosa-choque que eu queria. Todo mundo me adorou.

Dois faróis passaram sobre os dois e ele viu seus olhos, iluminados e brilhantes.

– Então, nunca ninguém soube da história. Nunca contei a ninguém. – Ela sorriu, se apertando sobre ele. – Mas agora estou contando a você. Agora tenho alguém a quem contar.

– Sr. Ferguson, o senhor nos disse, e seus registros telefônicos confirmam, que começou a ligar para sua esposa 17h50 no dia do desaparecimento de sua filha. Conseguiu falar com ela às 18h45. Está correto?

– Não sei – falou ele, sendo aquela a oitava, nona, décima vez que o chamavam. – Vocês devem saber melhor que eu.

– Sua esposa disse que estava na cafeteria por volta das cinco da tarde. Mas localizamos um registro da transação de sua esposa. Foi 15h45.

– Não sei – retrucou, esfregando a nuca, a dormência ali. Ele se deu conta de que não tinha ideia do que iriam lhe dizer. Nenhuma ideia do que estava por vir.

– Então, o que acha que sua esposa ficou fazendo durante três horas?

– Procurando essa mulher. Tentando encontrá-la.

– Ela fez algumas ligações nesse tempo. Não para a polícia, claro. Nem mesmo para o senhor. Ela deu um telefonema para um homem chamado Leonard Drake. Outro chamado Jason Patrini.

Um parecia ser um antigo namorado – Lenny alguma coisa –, o outro ele nem conhecia. Ele sentiu algo vazio no corpo. Não sabia mais nem sobre quem estavam falando, mas não tinha nada a ver com ele.

A detetive entrou, lançando um olhar para o parceiro.

– Como estava dando todos esses telefonemas, conseguimos rastrear seus movimentos. Ela foi ao Harbor View Mall.

– Gostaria de vê-la nas imagens da câmera de segurança de lá? – perguntou a detetive. – Estamos com elas agora. Sabia que comprou uma blusinha?

Ele não sentiu nada.

– Também foi ao mercado. O caixa acabou de identificá-la. Usou o banheiro e disse que ficou lá muito tempo e quando saiu tinha trocado de roupa.

– Gostaria de ver as imagens de lá? Ela parece ótima.

Ela deslizou uma foto granulada sobre a mesa. Uma jovem com blusinha e capuz baixo sobre a testa. Ela sorria.

– Essa não é a Lorie – argumentou ele suavemente. Ela parecia jovem demais, parecia como era quando a conhecera, uma pequena beleza élfica com barriga lisa, rabo de cavalo e piercing no umbigo. Uma argola que ele costumava puxar. Esquecera-se disso. Ela devia ter deixado o furo fechar.

– Estou certo de que é difícil ouvir isso, sr. Ferguson – disse o detetive. – Eu lamento.

Ele ergueu os olhos. O detetive não parecia lamentar muito.

– O que disse a eles? – perguntou ele. Lorie estava sentada no carro com ele a meio quarteirão da delegacia. – Não sei se deveria dizer mais alguma coisa a eles. Acho que talvez devêssemos ligar para um advogado.

Lorie estava olhando para a frente, para as luzes que piscavam no cruzamento. Levou as mãos lentamente às pontas do cabelo, penteando-o enquanto refletia.

– Eu expliquei – disse ela, o rosto escuro a não ser por um tom de azul da placa da revendedora de veículos, como um girino subindo sua bochecha. – Eu contei a eles a verdade.

– Qual verdade?

O carro parecia muito frio. Havia um cheiro emanando dela, de alguém que não tinha comido. Um cheiro cru de café e removedor de esmalte.

– Eles não acreditam mais em nada que digo. Expliquei como tinha ido à cafeteria duas vezes naquele dia. Uma para comprar um suco para Shelby e depois para tomar um café. Disseram que iriam investigar, mas eu podia ver o que parecia para eles. Falei isso para eles. Sei o que pensam de mim.

Ela se virou e o encarou, o carro acelerado, luzes vermelhas passando sobre seu rosto. Isso lembrou a ele de uma foto que vira uma vez na *National Geographic*, uma mulher do Amazonas, o rosto pintado de carmim, uma vareta de madeira atravessando o lábio.

– Agora sei o que todos pensam de mim – completou ela, e desviou o rosto novamente.

Foi tarde naquela noite que ele perguntou, os olhos abertos. Ela estava caindo de sono.

– Quem é Leonard Drake? Quem é Jason alguma coisa?

Ela se mexeu, virou para encará-lo, o rosto pousado sobre o lençol.

– Quem é Tom Ferguson? Quem é ele?

– É o que você faz? – perguntou ele, elevando a voz. – Fica ligando para homens?

Era mais fácil perguntar isso a ela do que perguntar outras coisas. Perguntar se tinha sacudido Shelby, se tinha mentido sobre tudo. Outras coisas.

– Sim. Eu ligo para homens o dia inteiro. Vou para os apartamentos deles. Deixo minha filha no carro, especialmente se estiver muito quente. Eu me esgueiro pelas escadas dos apartamentos deles.

Ela estava com a mão no peito, e a movia ali, observava-o.

– Você devia sentir o quanto eu os desejo quando abrem suas portas.

"Pare", disse ele, sem dizer.

– Estou com as mãos nos cintos deles antes que fechem a porta atrás de mim. Subo para seus colos em seus sofás sujos de solteirões e faço de tudo.

Ele começou a balançar a cabeça, mas ela não parou.

– Você tem um bebê e seu corpo muda. Você precisa de mais alguma coisa. Então, eu os deixo fazer qualquer coisa. Fiz de tudo.

A mão dela estava se movendo, se tocando. Não conseguia parar.

– É o que eu faço enquanto você está no trabalho. Não estava ligando para pessoas no Craigslist, tentando substituir seu cortador de grama. Não estava fazendo algo por você, sempre por você.

Ele se esquecera do cortador de grama, esquecera que era o que dissera estar fazendo naquele dia. Tentando conseguir um de segunda mão depois que ele ficara com bolhas nas duas mãos depois de usar na última vez. Era o que havia dito que estava fazendo.

– Não – continuou ela. – Estava ligando para homens, marcando encontros sexuais. É o que faço desde que tive um bebê e estou em casa. Não sei fazer mais nada. É impressionante que não tenha sido apanhada antes. Se pelo menos tivesse sido apanhada.

Ele cobriu o rosto com a mão.

– Eu lamento. Eu lamento.

– Como você pode? – perguntou ela, um som estrangulado na garganta. Estava puxando o lençol inteiro para suas mãos, enrolando-o, tirando dele, torcendo. – Como você pode?

Ele sonhou com Shelby naquela noite.

Sonhou que estava vagando pela escuridão azul da casa e quando chegou ao quarto de Shelby não havia quarto algum, e de repente estava do lado de fora.

O quintal estava coberto de gelo e com aparência desolada, e ele sentiu uma repentina tristeza. De repente, sentiu ter caído no lugar mais solitário do mundo, e o velho barracão de ferramentas no meio pareceu de alguma forma o próprio centro dessa solidão.

Quase o tinham derrubado ao comprar a casa – todos disseram que deveriam –, mas decidiram que gostavam dele: o "celeiro bebê", como tinham chamado, com seu teto inclinado e tinta vermelha desbotada.

Mas era pequeno demais para qualquer coisa que não alguns ancinhos e o cortador de grama mecânico com a roda esquerda tombada.

Era a única coisa velha em sua casa, a única coisa que restava de antes que estivesse lá.

De dia era uma coisa sobre a qual ele nunca mais pensava, não notava a não ser pelo cheiro que às vezes saía de lá depois de uma chuva.

Mas no sonho parecia uma coisa viva, abandonada e lamentável.

De repente lhe ocorreu que o cortador de grama no barracão ainda poderia ser consertado, e se pudesse tudo então ficaria bem, ninguém precisaria procurar cortadores de grama e a grossa camada de grama sob seus pés não pareceria tão pesada, e toda aquela solidão teria fim.

Colocou a mão na maçaneta fria e torta do barracão e a abriu.

Em vez do cortador de grama ele viu um pequeno saco preto no piso do barracão.

Pensou consigo mesmo do modo como você faz nos sonhos: "Devo ter deixado a grama cortada aqui. Devia estar coberta de mofo e esse deve ser o cheiro tão forte que..."

Ele agarrou o saco, que escorregou e abriu, e se desfez em suas mãos.

Houve um som, a sensação de algo pesado caindo no piso do barracão.

Estava escuro demais para ver o que escorria sobre seus pés, fazendo cócegas em seus tornozelos.

Escuro demais, certamente, mas pareciam os fios doces dos cabelos de sua filha.

Ele já acordou se sentando. Uma voz sibilava em sua cabeça: "Vai olhar no barracão? Vai?"

E foi quando se lembrou de que não havia mais barracão no quintal. Fora derrubado quando Lorie engravidara porque dizia que o cheiro de podre lhe dava dores de cabeça, deixava-a nauseada.

No dia seguinte, a primeira página no jornal mostrava uma série de matérias marcando os dois meses do desaparecimento de Shelby.

Eles tinham a foto de Lorie abaixo da manchete: "O que ela sabe?" Havia uma foto dele, cabeça baixa, saindo da delegacia no dia anterior. A legenda dizia: "Mais perguntas sem respostas".

Não conseguiu ler nada, e, quando sua mãe telefonou, ele não atendeu.

Durante o dia inteiro no trabalho não conseguiu se concentrar. Sentia todo mundo olhando para ele.

Quando seu chefe foi à sua mesa, podia sentir o modo cuidadoso como falava com ele.

– Tom, caso queira sair mais cedo, não tem problema – falou.

Flagrou várias vezes a assistente administrativa olhando para seu protetor de tela, a foto de Lorie com Shelby aos dez meses com fantasia de Halloween, uma aranha preta com pernas de aranha macias.

Ele foi embora às três da tarde.

Lorie não estava em casa, e ele tomava um copo de água junto à pia da cozinha quando a viu pela janela.

Embora fizesse pouco mais de vinte graus, estava deitada numa das espreguiçadeiras de verão.

Com fones de ouvido, vestindo um biquíni laranja brilhante com argolas douradas nas alças e dos dois lados dos quadris.

Havia empurrado a casa de brinquedo roxa sobre a cerca dos fundos, onde estava inclinada sob o olmo.

Ele nunca vira aquele biquíni antes, mas reconheceu os óculos de sol, grandes com armação branca que comprara numa viagem ao México que fizera com uma velha amiga pouco antes de engravidar.

Reluzindo no centro de seu tronco brilhante estava um piercing de umbigo dourado.

Ela sorria, cantando junto com a música que tocava em sua cabeça.

Naquela noite, ele não conseguiu ir para cama. Passou horas vendo TV sem assistir a nada. Bebeu quatro cervejas seguidas, algo que não fazia

desde os 20 anos.

Então, a cerveja fez efeito, juntamente com o Benadryl que tomara depois, e ele se viu afundando em seu colchão.

Em algum momento no meio da noite houve um movimento ao seu lado, o corpo dela endurecendo. Parecia que algo estava acontecendo.

– Kirsten – murmurou ela.

– O quê? O quê?

De repente ela meio que se sentou, os cotovelos abaixo do corpo, olhando bem à frente.

– O nome da filha dela era Kirsten – falou, a voz suave e insegura. – Acabei de me lembrar. Uma vez, quando estávamos conversando, ela disse que o nome da filha era Kirsten. Porque gostava de como parecia com Krusie.

Ele sentiu algo afrouxar dentro de si, depois apertar novamente. O que era aquilo?

– O sobrenome dela era Krusie com *K* – continuou ela, o rosto ficando mais animado, a voz mais ansiosa. – Não sei como se soletra, mas era com *K*. Não acredito que acabei de lembrar. Foi há muito tempo. Ela disse que gostava dos dois *K*, porque ela era dois *K*. Katie Krusie. Esse é o nome dela.

Ele olhou para ela e não disse nada.

– Katie Krusie – falou. – A mulher da cafeteria. Esse é o nome dela.

Ele parecia não conseguir falar ou mesmo se mover.

– Você vai ligar? – ela perguntou. – Para a polícia?

Ele descobriu que não conseguia se mover. De algum modo estava com medo. Tanto medo que não conseguia respirar.

Ela olhou para ele, fez uma pausa, depois esticou o braço por cima dele, pegando ela mesma o telefone.

Enquanto falava com a polícia, contava a eles, sua voz clara e firme, o que acabara de lembrar, enquanto dizia que iria à delegacia, sairia em cinco minutos, ele a observou, a mão sobre o coração, sentindo-o bater tão forte que até doía.

* * *

– Acreditamos ter localizado a tal Krusie – disse a detetive. – Temos policiais indo para lá agora.

Ela olhou para eles. Podia sentir Lorie ao seu lado, respirando com força. Menos de um dia se passara desde que Lorie telefonara.

– O que está dizendo? – perguntou ele, ou tentou. Nenhuma palavra saiu.

Katie-Ann Krusie não tinha outros filhos, mas dizia às pessoas que tinha, o tempo todo. Após um longo histórico de problemas emocionais, ela passara um período de catorze meses no hospital estadual depois de um aborto espontâneo.

Nas oito semanas anteriores ela tinha morado num imóvel alugado em Torring, 65 quilômetros de distância, com uma garotinha loura que chamava de Kirsten.

Depois que a polícia divulgou uma foto de Katie-Ann Krusie no Alerta de Rapto de Criança, uma mulher que trabalhava numa rede de cafeterias em Torring a reconheceu como sendo uma cliente regular, sempre pedindo leite extra para seus bebês.

– Certamente parecia amar seus filhos – dissera a mulher. – Só falar deles a deixava muito feliz.

Na primeira vez que ele viu Shelby novamente, não conseguiu dizer nada.

Vestia uma camisa que ele nunca vira antes, sapatos que não combinavam e segurava uma caixa de suco que o policial lhe dera.

Ela o observou enquanto ele disparava pelo corredor na sua direção.

Havia algo no rosto dela que nunca vira antes, sabia que não estava ali antes, e ele soube naquele instante que tinha de fazer tudo que pudesse para que desaparecesse.

Era tudo o que faria, mesmo que levasse o resto da vida para conseguir.

Na manhã seguinte, depois de telefonar para todo mundo, um a um, ele entrou na cozinha e encontrou Lorie sentada ao lado de Shelby, que comia fatias de maçã, o mindinho curvado para cima como era seu hábito.

Ele se sentou, olhou para ela, Shelby lhe perguntou por que estava tremendo e ele disse que era de alegria por vê-la.

Foi difícil sair da cozinha, mesmo para atender à porta quando sua mãe e sua irmã chegaram, quando todos começaram a chegar.

Três noites depois, no grande jantar de família, o jantar de boas-vindas para Shelby, Lorie bebeu muito vinho, e quem poderia culpá-la, todos diziam.

Ele também não podia, e a observou.

A noite avançava, sua mãe levou um bolo de sorvete para Shelby e todos se agruparam ao redor dela, que inicialmente parecia confusa e tímida, e aos poucos se transformou em algo bonito que o levou a querer chorar de novo – enquanto todas essas coisas aconteciam –, ele ficava de olho em Lorie, seu rosto silencioso e imóvel. No sorriso ali, que nunca crescia nem murchava, mesmo quando tinha Shelby no colo, a filha esfregando o nariz no pescoço afogueado de vinho da mãe.

Em dado momento ele a encontrou de pé na cozinha, olhando para a pia, parecendo que olhava pelo ralo.

Era muito tarde, ou mesmo cedo, e Lorie não estava lá.

Ele achou que ela tinha ficado enjoada com todo o vinho, mas também não estava no banheiro.

Algo revirava nele, desconfortavelmente, enquanto entrava no quarto de Shelby.

Ele viu as costas dela, nuas e brancas ao luar. A lingerie ameixa com a qual tinha dormido.

Estava de pé perto do berço de Shelby, olhando para baixo.

Ele sentiu algo se mexer em seu peito.

Então, lentamente, ela ajoelhou, espiando pelas grades do berço, olhando para Shelby.

Ela parecia estar esperando por algo.

Ele passou um longo tempo de pé ali, a um metro e meio do umbral, observando-a observar seu bebê adormecido.

Ele prestou atenção na respiração da filha, o começo e o fim.

Ele não conseguia ver o rosto da esposa, apenas aquelas suas costas brancas compridas, as protuberâncias em sua coluna. *Mirame quemar* gravado em seu quadril.

Ele observou a filha, e soube que nunca poderia sair daquele quarto. Que teria de ficar ali para sempre, de guarda. Não havia como voltar para a cama.

* * *

Cecelia Holland

Cecelia Holland é uma das mais aclamadas e respeitadas escritoras de romance histórico do mundo, equiparada a outros gigantes do gênero, como Mary Renault e Larry McMurtry. Ao longo de três décadas de carreira, ela escreveu mais de trinta romances históricos, entre eles *The Firedrake*, *Rakossy*, *Two Ravens*, *Ghost on the Steppe*, *Death of Attila, Hammer for Princes*, *The King's Road*, *Pillar of the Sky*, *The Lords of Vaumartin*, *Pacific Street*, *The Sea Beggars*, *The Earl*, *The Kings in Winter*, *The Belt of Gold*, *The Serpent Dreamer*, entre outros. Também escreveu o conhecido romance de ficção científica *Floating Worlds*, indicado para o Locus Award em 1975, e tem trabalhado numa série de romances de fantasia, entre os quais *The Soul Thief*, *The Witches' Kitchen*, *The Serpent Dreamer*, *Varanger* e *The King's Witch*. Seus livros mais recentes são os romances *The High City*, *Kings of the North* e *The Secret Eleanor*.

No drama que se segue, ela nos apresenta à maior das famílias problemáticas, cujas impiedosas ambições em choque lançam a Inglaterra em repetidas guerras civis sangrentas por muitos anos: o rei Henrique II, sua rainha Eleanor da Aquitânia e seus oito filhos desordeiros. Todos cobras venenosas. Até mesmo a menor.

A canção de Nora

MONTMIRAIL, JANEIRO DE 1169

Nora olhou ao redor rapidamente, viu que ninguém estava vigiando e fugiu por entre as árvores, descendo a encosta até o pequeno riacho. Ela sabia que não haveria sapos para caçar; seu irmão lhe dissera que quando as árvores não tinham folhas, os riachos não tinham sapos. Mas a água cintilava ao passar sobre pedras brilhantes e ela viu uma trilha impressa na areia encharcada. Agachou-se para pegar uma pedrinha reluzente no riacho. Não ficaria bonita quando secasse. Atrás dela, sua irmãzinha Johanna deslizou apressada a encosta.

– Nora! O que você tem aí?

Ela mostrou a pedrinha à irmã e seguiu um pouco o curso d'água. Aquelas trilhas eram de pés de pássaros, como cruzes na areia molhada. Voltou a agachar para mexer nas pedras e então viu, na margem amarelada do riacho, como uma pequena passagem redonda, um buraco.

Empurrou para o lado um véu de raízes peludas, tentando olhar dentro dele; será que alguma coisa morava ali? Ela poderia enfiar a mão para descobrir, e num pensamento rápido imaginou algo peludo, com dentes, se fechando em seu pulso, e escondeu o punho na saia.

Uma voz chamou detrás das árvores.

– Nora?

Era sua nova babá. Ela não prestou atenção, procurando uma vareta para enfiar no buraco; Johanna, ao lado dela, soltou um "Ooooh" suave e, de quatro, se inclinou na direção da toca. Sua saia estava encharcada do riacho.

– Nora! – chamou outra voz.

Ela deu um pulo.

– Richard – disse, e subiu a margem toda desajeitada, quase perdendo um sapato. Na beirada gramada ela recolocou o sapato, se virou e ajudou Johanna atrás dela, depois passou correndo pelas árvores nuas até a larga clareira.

Seu irmão ia na sua direção em passos largos, sorrindo, os braços abertos, e ela correu até ele. Não o via desde o Natal, quando todos estiveram juntos pela última vez. Tinha 12 anos, muito mais velho que ela, quase um adulto. Ele a envolveu nos braços e a abraçou. Cheirava a cavalo. Johanna chegou entusiasmada e ele também a abraçou. As duas babás, os rostos vermelhos, bufavam atrás deles, segurando as saias com as mãos. Richard se empertigou, olhos azuis brilhando, e apontou para o outro lado do campo.

– Estão vendo? De onde nossa mãe vem.

Nora protegeu os olhos e observou o outro lado do amplo campo. No início, viu apenas as pessoas reunidas se movimentando e balançando nos limites do campo, mas depois um murmúrio chegou a eles e um rugido se elevou de todos os lados. Bem ao fundo um cavalo se levantou no campo e parou, e o cavaleiro ergueu uma mão em saudação.

– Mamãe! – gritou Johanna, depois bateu palmas.

Então, a multidão toda estava gritando e celebrando, e em seu cavalo cinza-escuro a mãe de Nora corria pela lateral na direção do palanque de madeira sob os plátanos, onde todos se sentariam. Parecia até que Nora iria explodir.

– Hurra! Hurra, mamãe! – gritou Nora.

Lá, junto ao palanque, doze homens a pé se adiantaram para receber a mulher a cavalo. Ela fez uma manobra entre eles, soltou as rédeas e desmontou. Subiu rapidamente à plataforma, onde duas cadeiras aguardavam, ficou lá de pé, ergueu o braço, se virando devagar de um lado ao outro para cumprimentar a multidão que aplaudia. Ficou empertigada como uma árvore, as saias se agitando ao redor dela.

De repente, acima do tablado, seu estandarte drapejou como uma grande asa, a Águia da Aquitânia, e o ribombar de gritos ecoou.

– Eleanor! Eleanor!

Ela acenou para a multidão uma última vez, mas tinha visto os filhos correndo na sua direção, e todo o seu interesse se voltou para eles. Ela se

curvou, estendendo os braços, e Richard pegou Johanna no colo e correu na direção do tablado. Nora subiu os degraus ao lado dele. Ao chegar, Richard colocou Johanna aos pés da mãe. As mãos da mãe pousaram neles. Nora enterrou o rosto nas saias da rainha.

– Mamãe.

– Ah – disse a mãe, se sentando, segurando Johanna um pouco distante de si; deslizou a mão livre pela cintura de Nora. – Ah, minhas queridas. Como senti falta de vocês.

Ela beijou as duas diversas vezes.

– Johanna, você está encharcada. Não pode ficar assim.

Ela fez um gesto e a babá de Johanna apareceu correndo. A menina reclamou, mas foi levada dali.

Ainda abraçando Nora, Eleanor se inclinou para frente e nivelou os olhos com os de Richard, se apoiando com os braços cruzados na beirada da plataforma diante de si.

– Bem, meu filho, está animado?

Ele se afastou da plataforma, se esticando, o rosto queimando, os cabelos claros emaranhados pelo vento.

– Mãe. Mal posso esperar! Quando papai chega?

Nora se apoiou na mãe. Ela também amava Richard, mas gostaria que sua mãe lhe desse mais atenção. Eleanor era bonita, embora fosse velha. Não usava touca, apenas uma pesada argola de ouro sobre seus cabelos castanhos avermelhados escorridos. Os cabelos de Nora pareciam antiga grama morta. Ela nunca seria bonita. O braço da rainha se apertou ao redor dela, mas ainda estava inclinada para a frente, na direção de Richard, concentrada nele.

– Ele está vindo. Você deveria se preparar para a cerimônia – respondeu ela, tocando a mão na frente do casaco, levando-a à face. – Pelo menos penteie os cabelos.

Ele se sacudiu para cima e para baixo, vívido.

– Mal posso esperar. Mal posso esperar. Eu vou ser Duque da Aquitânia!

A rainha riu. Uma trombeta soou abaixo da colina.

– Está vendo, vai começar. Vá pegar seu casaco – comentou, se virando e chamando um pajem. – Cuide de lorde Richard. Nora, agora...

Ela fez Nora recuar um passo para poder olhá-la da cabeça aos pés. Seus lábios se curvaram para cima e os olhos brilharam.

– O que você estava fazendo, rolando na grama? Agora é minha garota grande; precisa estar apresentável.

– Mamãe... – começou Nora, que não queria ser uma garota grande. A ideia a fazia recordar que Mattie tinha partido, a verdadeira garota grande. Mas ela adorava ter a atenção da mãe, então procurou algo que pudesse dizer para continuar a conversa. – Isso significa que eu não posso mais brincar?

Eleanor riu e voltou a abraçá-la.

– Você sempre poderá brincar, minha menina. Apenas jogos diferentes. – Seus lábios roçaram a testa de Nora. Ela se deu conta de que tinha dito a coisa certa. E então Eleanor se virou. – Olhe, papai está vindo.

Uma onda de excitação percorreu a multidão como o vento num campo seco, se transformou em rumor e explodiu numa celebração trovejante. Uma coluna de cavaleiros subia a colina. Nora se empertigou, batendo palmas, respirou fundo e prendeu a respiração. No centro dos cavaleiros vinha seu pai, sem coroa ou manto real, mas ainda assim parecia que tudo se curvava e fazia reverência a ele, como se ninguém mais tivesse importância.

– Papai.

– Sim – concordou Eleanor, em voz baixa. – O papai real.

Ela soltou o braço de Nora e se sentou empertigada em sua cadeira.

Nora recuou; se ficasse atrás deles, fora de vista, talvez se esquecessem dela, e então poderia permanecer. Richard também não fora embora, ela viu, instalando-se na frente do palanque real. Seu pai chegou e deslizou diretamente da sela para o tablado. Estava sorrindo, os olhos apertados, as roupas amassadas, barba e cabelos desmazelados. Para ela, parecia o rei da floresta, selvagem e feroz, envolto em folhas e cascas de árvore. Daquele lado do campo, dos dois lados do palanque, seus cavaleiros subiram em fila única, estribo a estribo, encarando os franceses do outro lado do campo. O rei se ergueu, dando uma rápida olhada naquela direção, depois baixou os olhos para Richard, que estava de pé, rígido e alto, diante dele.

– Bem, garoto, pronto para partir uma lança aqui?

– Ah, papai! – falou Richard, dando pulos. – Eu posso?

O pai deu uma gargalhada, olhando para ele do alto do palanque.

– Não até que possa pagar seu próprio resgate quando perder.

Richard ficou cor-de-rosa, como uma menina.

– Eu não vou perder!

– Não, claro que não – brincou o rei, abanando a mão. – Ninguém nunca acha que irá perder, menino. Quando você for mais velho... – E voltou a sorrir com desdém, se virando.

Nora mordeu o lábio. Era maldoso falar com Richard daquele jeito, e seu irmão murchou, chutou o chão e depois seguiu o pajem pelo campo. De repente, ele era de novo apenas um menino. Nora se agachou atrás da saia da mãe, esperando que o pai não a notasse. Ele se instalou na cadeira ao lado da rainha, esticou as pernas e pela primeira vez se virou para Eleanor.

– Você parece impressionantemente bem. Fico surpreso que seus velhos ossos tenham conseguido vir desde Poitiers.

– Eu não iria perder isto – respondeu ela. – E é uma cavalgada muito agradável.

Eles não se tocaram, não trocaram beijos, e Nora sentiu uma pontada de preocupação. Sua babá chegou à beirada do tablado e Nora mergulhou mais fundo na sombra de Eleanor, que olhou longamente para o rei. Sua atenção se voltou para o peito.

– Ovos no café da manhã? Ou isso foi o jantar da noite passada?

Chocada, Nora esticou um pouco o pescoço para olhar para ele: as roupas estavam bagunçadas, mas ela não viu gema de ovo. O pai olhava feio para ela, o rosto distorcido de raiva. Não baixou os olhos para o casaco.

– Que velha fresca é você.

Nora passou a língua sobre o lábio inferior. Suas entranhas pareciam cheias de espinhos e farpas. A mão da mãe estava sobre a coxa, e Nora viu como alisava a saia repetidamente com dedos duros e ágeis em forma de garra.

– Lady Nora, venha agora – pediu a babá.

– Você não trouxe sua queridinha – ironizou a rainha.

O rei se inclinou na sua direção ligeiramente, como se fosse pular sobre ela, talvez socá-la com o punho.

– Ela tem medo de você. Não chegaria perto.

Eleanor riu. Não sentia medo dele. Nora ficou pensando no que seria aquilo; não era sua mãe a queridinha do rei? Ela fingiu não ver a babá a chamando.

– Nora, venha agora – repetiu a babá, mais alto.

Isso chamou a atenção da sua mãe, que virou e viu Nora ali.

– Vá embora, minha menina. Vá se aprontar – falou a mãe, a mão tocando de leve no ombro de Nora. – Faça o que foi mandado, por favor.

Nora deslizou até o limite do tablado e partiu para ser vestida e arrumada.

Sua antiga babá tinha partido com Mattie quando a irmã mais velha de Nora fora embora para se casar com o duque da Alemanha. Ela tinha então aquela nova babá, que não sabia escovar cabelos sem machucar. Elas já tinham colocado Johanna num vestido limpo e trançado seus cabelos, e os outros estavam esperando do lado de fora da pequena barraca. Nora continuava a pensar em Mattie, que lhe contava histórias e cantava para ela quando tinha pesadelos. Todos estavam indo para a cerimônia no campo, seus irmãos primeiro, depois ela e Johanna.

Johanna colocou a mão na de Nora, que apertou os dedos com força. Todas aquelas pessoas a faziam se sentir pequena. No meio do campo todo mundo estava de pé em filas, como na igreja, e as pessoas comuns estavam reunidas ao redor para ouvir o que acontecia. Estandartes pendiam dos dois lados, com um arauto à frente vendo as crianças se aproximar, sua comprida trombeta brilhante abaixada.

Seu pai e sua mãe estavam sentados em grandes cadeiras bem no meio, e ao lado um homem pálido de aparência cansada com um manto de veludo azul. Tinha um pequeno tamborete para os pés. Ela sabia que era o rei da França. Ela, sua irmã e seus irmãos se colocaram diante deles, lado a lado, e o arauto anunciou seus nomes e, ao mesmo tempo, eles se curvaram, primeiramente aos seus pais e depois ao rei francês.

Só havia cinco deles então, com Mattie tendo partido e seu irmão bebê ainda no mosteiro. Henry era o mais velho. Eles o chamavam de Menino Henry porque o nome de papai também era Henry. Depois vinha Richard, a seguir Geoffrey. Mattie estaria entre Menino Henry e Richard. Depois de Geoffrey vinha Nora, e Johanna, e com os monges, o bebê John. A multidão gritou para eles, e Richard de repente ergueu o braço acima da cabeça como uma resposta.

Depois todos foram conduzidos para a multidão atrás dos pais, onde ficaram novamente em fila. Os arautos estavam berrando em latim. Johanna se apoiou na lateral do corpo de Nora.

– Estou com fome.

Dois passos à frente deles, em sua cadeira, Eleanor olhou por cima do ombro e Nora sussurrou:

– Shhh.

Todas as pessoas atrás deles eram homens, mas atrás do rei da França estava de pé uma menina que parecia um pouco mais velha que ela, e naquele momento Nora a flagrou olhando para trás. Nora sorriu, incerta, mas a outra menina apenas baixou os olhos.

Um toque da trombeta a levantou do chão. Johanna agarrou sua mão. Um dos homens de papai subiu e começou a ler de um pergaminho, em latim, mais simples que o latim que os monges tinham ensinado a ela. O que ele lia era tudo sobre Menino Henry, quão nobre, quão bom ele era e, a um sinal, seu irmão mais velho se colocou diante dos dois reis e da rainha. Era alto e magro, com muitas sardas, o rosto queimado de sol. Nora gostou do verde-escuro do casaco que ele vestia. Ele se ajoelhou diante do pai e do rei francês, o arauto falou e os reis falaram.

Estavam fazendo de Menino Henry também um rei. Ele seria então rei da Inglaterra, como papai era. De repente, imaginou os dois Henry tentando se enfiar numa cadeira, com uma coroa enrolada em suas cabeças, e riu. Sua mãe olhou novamente por cima do ombro, os olhos apertados e as sobrancelhas escuras franzidas.

Johanna estava balançando de um pé para o outro. Repetiu, mais alto que antes:

– Estou com fome.

– Shhhh!

Menino Henry se levantou da posição ajoelhada, se curvou e voltou para junto das crianças. O arauto disse o nome de Richard e ele saltou para a frente. Eles o estavam proclamando duque da Aquitânia. Iria se casar com a filha do rei francês, Alais. Os olhos de Nora se voltaram novamente para a garota estranha entre os franceses. Aquela era Alais. Tinha cabelos castanhos compridos e um narizinho fino; olhava com atenção para Richard. Nora ficou pensando em como seria olhar pela primeira vez para o homem com quem você sabia que iria se casar. Imaginou Alais beijando Richard e fez uma careta.

Diante dela, sentada rígida em sua cadeira, a rainha baixou os cantos da boca. A mãe dela também não gostava daquilo.

Até que fosse velha o bastante para desposar Richard, Alais iria morar com eles. Nora sentiu uma pontada de desconforto; ali estava Alais indo

para um lugar estranho, assim como Mattie tinha ido para um lugar estranho, e nunca a veriam novamente. Lembrou como Mattie tinha chorado quando lhe contaram. Mas mamãe, ele é tão *velho*. Nora apertou os lábios, os olhos ardendo.

Não com ela. Isso não iria acontecer com ela. Ela não seria mandada embora. Dada. Ela queria algo mais, mas não sabia o quê. Tinha pensado em ser freira, mas havia muito pouco a fazer.

Richard ajoelhou, colocou suas mãos entre as compridas mãos ossudas do rei da França, e se levantou, a cabeça inclinada para a frente como se já usasse uma coroa. Tinha um sorriso grande como o sol. Voltou para junto da família e o arauto chamou o nome de Geoffrey, que seria então duque da Bretanha e se casaria com alguma outra estrangeira.

Nora encolheu os ombros. Essa glória nunca seria dela, ela não teria nada, só ficaria de lado assistindo. Deu outra espiada na princesa Alais e a viu de olhos baixos na direção das mãos, triste.

Johanna bocejou, soltou a mão de Nora e se sentou.

Então, surgiu diante deles outra pessoa, mãos largas e uma voz forte e alta.

– Meu senhor da Inglaterra, como combinado, peço-lhe agora que receba o arcebispo de Cantuária e que sua amizade seja restaurada, encerrada a contenda entre ambos, pelo bem de nossos dois reinos e da Santa Madre Igreja.

A multidão ao redor deles deu um grito repentino e um homem saiu dos campos na direção dos reis. Vestia um comprido manto preto sobre um hábito branco com uma cruz pendurada no peito. O bastão em sua mão tinha a extremidade em espiral. Um longo grito de animação se alteou ao redor deles. Atrás dela alguém murmurou:

– Becket novamente. O homem não vai embora.

Ela conhecia aquele nome, mas não conseguia lembrar quem Becket era. Ele caminhou na direção deles, um sujeito comprido e magro, de roupas gastas. Parecia um homem comum, mas caminhava como um lorde. Todos o observavam. Enquanto subia na direção do pai dela o rumor e a agitação da multidão reduziram para um zumbido sem fôlego. Diante do rei, o homem magro se ajoelhou, o bastão baixo, depois se deitou no chão, espalhando-se como um tapete no piso. Nora mudou de posição para poder vê-lo pelo espaço entre seus pais. A multidão se aproximou, curvando-se para ver.

– Meu misericordioso senhor – disse ele com um tom litúrgico. – Suplico seu perdão por todos os meus erros. Nunca um príncipe foi mais fiel que o senhor e nunca um súdito mais ímpio que eu, e venho pedir perdão não com esperança em minha virtude, mas na sua.

Seu pai se levantou. Parecia muito feliz, o rosto corado, os olhos brilhantes. Com o rosto voltado para o chão o homem magro falou, humilde, suplicante, e o rei se abaixou na sua direção, estendendo as mãos para levantá-lo.

– Eu me submeto ao senhor, a partir de agora e para sempre, em todas as coisas, salvo na honra a Deus – concluiu Becket.

A cabeça da rainha se ergueu de repente. Atrás de Nora alguém engasgou, e outro alguém murmurou:

– Maldito idiota.

Diante de todos, a meio caminho de Becket, as mãos estendidas, papai parou. Uma espécie de tensão percorreu a multidão.

O rei disse secamente:

– O que é isto?

Becket estava se levantando. Terra sujava seu manto no ponto em que seus joelhos foram pressionados contra o chão. Ele se empertigou, a cabeça para trás.

– Não posso abrir mão dos direitos de Deus, meu senhor, mas em tudo mais...

Seu pai se lançou sobre ele.

– Isto não foi o que acordamos.

Becket manteve sua posição, alto como uma torre, como se tivesse Deus nos ombros, e proclamou novamente:

– Eu devo defender a honra do Senhor do céu e da terra.

– Eu sou seu senhor!

O rei não estava mais feliz. Sua voz ecoou pelo campo. Ninguém mais se moveu ou falou. Ele deu um passo na direção de Becket, e cerrou o punho.

– O reino é *meu*. Nenhuma outra autoridade mandará aqui! Deus ou não, ajoelhe-se, Thomas, entregue-se a mim ou vá embora como um homem arruinado!

Louis estava recuando do palanque na direção deles, seu murmúrio frenético ignorado. Becket permaneceu imóvel.

– Eu sou consagrado a Deus. Não posso eliminar esse dever.

O pai de Nora rugiu.

– Eu sou rei, e nenhum outro, seu repulsivo, idiota, nenhum outro que não eu! Você deve tudo a mim! A *mim*!

– Papai! Meu senhor...

Menino Henry começou a se adiantar, sua mãe estendeu a mão, agarrou seu braço e o deteve. Outras vozes se altearam da multidão. Nora se curvou e tentou fazer Johanna se levantar.

– Eu não serei desrespeitado! Honre a *mim*, e apenas a mim!

A voz de seu pai era como uma trombeta, e a multidão ficou quieta novamente. O rei da França colocou a mão no braço do pai de Nora e murmurou algo, o pai se virou e afastou a mão.

– Daqui para frente qualquer coisa que ele escolha não obedecer chamará de Honra a Deus. Vocês precisam ver isto! Ele não abriu mão de nada, não me prestará respeito; nem mesmo o respeito de um porco pelo cuidador!

A multidão deu um grito. Uma voz proclamou:

– Deus abençoe o rei!

Nora olhou ao redor, desconfortável. As pessoas atrás dela estavam se agitando, recuando, como que se afastando lentamente. Eleanor ainda segurava Menino Henry, que gemia em voz baixa. Richard estava rígido, o corpo inteiro inclinado para a frente, o maxilar projetado como o de um peixe. O rei francês segurava Becket pela manga e o afastava, falando com urgência ao seu ouvido. O olhar de Becket nunca desviou do pai de Nora. Sua voz soou como a trombeta do arcanjo.

– Eu estou ligado à Honra a Deus!

No meio de todos eles, o pai de Nora lançou os braços para cima como se fosse decolar; bateu os pés como se fosse partir a terra e gritou:

– Tirem-no daqui antes que eu o mate! A Honra a Deus! O traseiro redondo e branco de Deus. Levem-no embora, sumam com ele!

Sua fúria espantou a multidão. Numa repentina agitação de pés, o rei francês, seus guardas e a comitiva levaram Thomas embora. O pai de Nora rugia juramentos e ameaças, agitando os braços, o rosto vermelho como carne crua. Menino Henry se soltou do aperto da mãe e investiu sobre ele.

– Meu senhor...

O rei se virou para ele, braço esticado, e o derrubou com as costas da mão.

– Fique fora disto!

Nora deu um pulo. Antes mesmo que Richard e Geoffrey se adiantassem, Eleanor já se movia; alcançou Menino Henry em alguns passos e, quando se colocou de pé, o levou embora. Um grupo de sua comitiva partiu atrás.

Nora manteve posição. Ela se deu conta de que prendia a respiração. Johanna se levantara e passara os braços ao redor da cintura de Nora, que colocou os braços ao redor da irmã. Geoffrey estava correndo atrás da rainha; Richard ficou parado, mãos caídas ao lado do corpo, vendo o rei explodir. Deu meia-volta e correu atrás da mãe. Nora engasgou. Ela e Johanna estavam sozinhas, no meio do campo, a multidão distante.

O rei as viu. Ficou quieto. Olhou ao redor, não viu mais ninguém e foi até elas em passos largos.

– Vão embora... Corram! Todos os outros estão me abandonando. Corram! São idiotas?

Johanna se encolheu atrás de Nora, que ficou imóvel e levou as mãos às costas, do modo como ficava quando os padres falavam com ela.

– Não, papai.

O rosto dele continuava vermelho. Um leve suor sobre sua testa. Seu hálito quase a fez vomitar. Ele olhou para ela.

– Então está aqui para me censurar, como sua mãe podre?

– Não, papai – respondeu ela, surpresa. – O senhor é o rei.

Ele teve um espasmo. A cor forte deixou seu rosto como uma maré. Sua voz ficou mais suave, mais devagar.

– Bem, pelo menos um de vocês é sincero.

Ele se virou e foi embora, e enquanto seguia ergueu um braço. Seus homens apareceram correndo de todos os lados. Um levava seu grande cavalo preto, e ele o montou. Acima de todos os homens a pé que o cercavam, ele deixou o campo. Depois que partiu, Richard subiu trotando pela grama para pegar Nora e Johanna.

– Por que não posso...

– Porque a conheço – disse Richard. – Se deixar você aqui, vai se meter em problemas.

Ele a colocou na carroça, onde já estavam sentadas Johanna e a garota francesa. Nora se jogou lá com raiva; só iriam subir a coluna. Ele poderia ter deixado que montasse em seu cavalo. Com um estalar do chicote a carroça começou a andar, e ela recostou na lateral e olhou à distância.

Ao lado de Nora, Alais de repente disse em francês:

– Eu sei quem você é.

Nora a encarou, assustada.

– Eu também sei quem você é – falou.

– Seu nome é Eleonora e você é a segunda irmã. Eu falo francês e latim e sei ler. Você sabe ler?

– Sim. Eles me obrigam a ler o tempo todo – respondeu Nora.

Alais espiou por sobre o ombro; seus acompanhantes caminhavam atrás da carroça, mas ninguém estava perto para ouvir. Johanna estava de pé no canto dos fundos, jogando pedaços de palha pela lateral e se inclinando para ver onde caíam. Alais disse em voz baixa:

– Deveríamos ser amigas, porque vamos ser irmãs e somos quase da mesma idade – falou, o olhar sério passando sobre Nora da cabeça aos pés, o que a deixou desconfortável; ela se remexeu.

Pensou brevemente, com raiva daquela garota tomando o lugar de Mattie.

– Eu serei gentil com você se for gentil comigo – continuou Alais.

– Tudo bem, eu... – começou Nora.

– Mas eu vou primeiro, acho, porque sou mais velha.

Nora enrijeceu e depois deu um pulo quando começou uma gritaria ao redor. A carroça estava subindo a rua que levava ao castelo na encosta, e ao longo do caminho multidões gritavam e chamavam. Não por ela, não por Alais; era o nome de Richard que gritavam, repetidamente. Richard cavalgava à frente delas, cabeça descoberta, não prestando atenção às saudações.

Alais se virou para ela.

– Onde você mora?

Nora respondeu:

– Bem, às vezes em Poitiers, mas...

– Meu pai diz que seu pai tem tudo, dinheiro, joias, sedas e luz do sol, mas tudo o que temos na França é devoção e gentileza.

– Nós somos gentis – começou Nora. Mas estava contente por Alais ver como seu pai era grande. – E também devotos.

O rostinho anguloso da princesa francesa se virou para o outro lado, triste, e pela primeira vez sua voz era insegura.

– Espero que sim.

O coração de Nora acelerou, vacilante de simpatia. Johanna estava procurando no piso da carroça mais coisas para jogar, e Nora achou um

pequeno punhado de pedrinhas no canto e deu a ela. Do outro lado, Alais olhava para as mãos, seus ombros estavam caídos, e Nora ficou pensando se ela estaria prestes a chorar. Ela poderia chorar se aquilo lhe acontecesse.

Ela chegou mais perto, até encostar na outra garota. Alais ergueu a cabeça de repente, olhos arregalados, assustada. Nora sorriu, e as mãos das duas se aproximaram e se enlaçaram.

Eles não subiram tudo até o castelo. A multidão alegre os acompanhou ao longo da rua e até uma calçada, com uma igreja de um dos lados. A carroça se virando para a direção oposta desceu outra rua e passou por um portão de madeira. Acima deles erguia-se então uma casa com paredes de madeira, duas fileiras de janelas e um teto pesado se projetando. A carroça parou ali e todos saltaram. Richard as conduziu pela larga porta da frente.

– Mamãe está lá em cima – avisou ele.

Chegaram num saguão escuro, cheio de serviçais e bagagem. Uma serviçal levou Alais embora. Nora subiu os altos degraus irregulares puxando Johanna pela mão. Johanna ainda estava com fome e disse isso a cada passo. No alto da escada havia um quarto de um lado e outro no oposto, e Nora ouviu a voz da mãe.

– Ainda não – dizia a rainha. Nora entrou no quarto grande e viu a mãe e Menino Henry no canto mais distante; a rainha tinha uma das mãos no braço dele. – Ainda não é o momento. Não se precipite. Precisamos parecer leais.

A mãe viu as garotas e um sorriso cobriu seu rosto como uma máscara.

– Venham, meninas! – falou, mas a mão no braço de Menino Henry o empurrou para longe. Ela disse a ele: – Vá. Ele mandará buscar você; melhor que não esteja aqui. Leve Geoffrey com você.

Menino Henry deu meia-volta e saiu.

Nora ficou pensando no ela queria dizer com “se precipitar”; imaginou um precipício e pessoas caindo. Foi até a mãe e Eleanor a abraçou.

– Eu lamento – disse sua mãe. – Lamento pelo seu pai.

– Mamãe.

– Não fique com medo dele – pediu a rainha, tomando as mãos de Johanna e falando para ambas. – Eu protegerei vocês.

– Eu não estou...

O olhar da mãe desviou, para acima da cabeça de Nora.

– O que é?

– O rei quer me ver – informou Richard atrás de Nora. Ela sentiu a mão dele pousar em seu ombro.

– Apenas você?

– Não, Menino Henry e Geoffrey também. Onde eles estão?

A mãe de Nora deu de ombros, seu corpo inteiro se movendo, ombros, cabeça, mãos.

– Não tenho ideia. Mas você deveria ir.

– Sim, mamãe – respondeu Richard, apertando o ombro de Nora, e depois saindo.

– Muito bem – disse Eleanor, ainda segurando Johanna pela mão. – Agora, minhas meninas.

Nora franziu o cenho, intrigada; sua mãe sabia onde os outros irmãos estavam, acabara de mandá-los embora. A rainha se virou para ela novamente.

– Não tenha medo.

– Mamãe, não estou com medo.

Mas então pensou, de algum modo, que sua mãe queria que estivesse.

Johanna já estava dormindo, aninhada nas costas de Nora, que apoiava a cabeça no braço, sem sono algum. Estava pensando no dia, em seu pai esplêndido e sua bela mãe, em como sua família mandava em tudo e ela era um deles. Ela se imaginou num grande cavalo, galopando, e todos gritando seu nome. Carregando uma lança com um estandarte na ponta e lutando pela glória de algo. Ou para salvar alguém. Algo orgulhoso, mas virtuoso. Ela se viu balançando para a frente e para trás em seu cavalo imaginário.

Uma vela no canto oposto lançava uma espécie de crepúsculo no comprido quarto estreito; ela podia ver as tábuas da parede do outro lado e ouvir o ronco pesado da mulher dormindo junto à porta. Os outros empregados tinham descido para o saguão. Ficou pensando no que acontecia lá que todos queriam ir. Então, para sua surpresa, alguém passou apressado pela escuridão e se ajoelhou junto à sua cama.

– Nora?

Era Alais. Nora se ergueu, assustada, enquanto Alais deslizava para a cama.

– Por favor, me deixe ficar aí. Por favor, Nora. Eles me obrigaram a dormir sozinha.

Ela não podia se mover para abrir espaço por causa de Johanna, mas disse mesmo assim:

– Tudo bem.

Ela também não gostava de dormir sozinha: às vezes ficava frio, e era solitário. Ela puxou a coberta para trás, e Alais se enfiou no espaço ao lado dela.

– Este é um lugar feio. Achei que todos vocês moravam em lugares bonitos.

– Não moramos aqui – disse Nora.

Ela empurrou Johanna e, sem despertar, sua irmãzinha murmurou e se afastou, dando mais espaço, mas Alais ainda estava colada nela. Podia sentir o hálito da garota francesa, de carne e azedo. Rígida, ela ficou deitada ali, desperta. Nunca iria adormecer.

Alais pressionou o colchão; as cordas abaixo rangeram.

– Você já tem peitinhos? – sussurou Alais.

Nora se agitou.

– O quê?

Ela não sabia o que Alais queria dizer.

– Mamas, boba – explicou Alais, se mexendo, puxando as cobertas e batendo nela. – Seios. Como estes.

A mão dela pegou o pulso de Nora e puxou, esfregando sua mão no próprio peito. Por um instante, Nora sentiu uma elevação macia sob os dedos.

– Não – respondeu, tentando tirar a mão do aperto de Alais, mas ela a prendeu firme.

– Você é só um bebê.

Nora soltou a mão e se agitou ferozmente contra Johanna, tentando conseguir mais espaço.

– Eu sou uma garota crescida! – reagiu. *Johanna* era o bebê. Ela lutou para recuperar a sensação de galopar no grande cavalo, a glória, o orgulho e a grandeza. – Um dia, eu serei rei.

Alais fez um som de deboche.

– Garotas não são reis, boba! Garotas são apenas mulheres.

– Eu quis dizer como minha mãe. Minha mãe é tão elevada quanto um rei.

– Sua mãe é indecente.

Nora a empurrou, com raiva.

– Minha mãe *não* é...

– Shhh. Você vai acordar todo mundo. Desculpe. Desculpe. É só que todo mundo diz isso. Não falei por mal. Você não é um bebê – disse Alais, tocando-a. – Você ainda é minha amiga?

Nora achou que a coisa toda de ser amiga era mais difícil do que ela tinha esperado. Discretamente, pressionou a palma da mão sobre o próprio peito ossudo.

Alais se aninhou nela.

– Se vamos ser amigas temos de ficar juntas. Para onde iremos depois?

Nora puxou a coberta sobre si, a espessura do tecido entre ela e Alais.

– Espero que para Poitiers, com mamãe. Espero ir para lá, a corte mais feliz do mundo inteiro – falou, e depois intempestivamente: – Qualquer lugar seria melhor que Fontrevault. Meus joelhos estão muito doloridos.

Alais riu.

– Um convento? Eles me colocaram em conventos. Até me obrigaram a usar roupas de freira.

– Ah, eu odeio isso! Elas coçam muito – disse Nora.

– E cheiram mal.

– *Freiras* cheiram mal – completou Nora, depois se lembrou de algo que a mãe tinha dito. – Como ovos velhos.

Alais riu.

– Você é engraçada, Nora. Eu gosto muito de você.

– Bem, você vai ter que gostar da minha mãe também se quiser ir para Poitiers.

Novamente a mão de Alais subiu e tocou Nora, acariciando-a.

– Vou gostar. Prometo.

Nora apoiou a cabeça no braço, contente e com sono. Talvez Alais não fosse tão ruim, afinal. Ela era uma donzela desamparada, e Nora podia defendê-la, como um cavaleiro de verdade. Suas pálpebras se fecharam e, por um instante, antes de adormecer, ela sentiu o cavalo abaixo dela novamente, galopando.

Nora tinha guardado migalhas de pão do café da manhã e as espalhava no parapeito da janela quando a babá chamou. Continuou espalhando. Os passarinhos sentiam fome no inverno. A babá a agarrou pelo braço e a levou dali.

– Venha quando eu a chamar! – ordenou a babá, enfiando rispidamente um vestido nela. Nora lutou para passar pelo volume de pano até que a cabeça saiu. – Agora sente-se para que eu possa escovar seus cabelos.

Nora sentou; olhou novamente para a janela, e a babá beliscou seu braço.

– Fica parada.

Ela mordeu os lábios, com raiva e triste. Quis que a babá fosse embora para a Alemanha. Encolhida no banco, tentou ver a janela pelo canto do olho.

A escova se arrastou por seus cabelos.

– Como você consegue deixar seus cabelos tão emaranhados?

– Aaaai! – soltou Nora, se afastando do puxão da escova, e a babá a colocou de volta no banco.

– Sente-se! Esta criança é o diabo – falou, a escova batendo com força no ombro. – Espere só até a levarmos de volta para o convento, pequeno demônio.

Nora ficou rígida. No banco ao lado, Alais de repente se virou para ela, olhos arregalados. Nora deslizou para fora do banco.

– Vou encontrar minha mãe! – gritou, indo na direção da porta. A babá tentou pegá-la, mas ela saiu do alcance e se moveu mais rápido.

– Volte aqui!

– Eu vou encontrar minha mãe – repetiu Nora, em seguida olhou feio para a babá e abriu a porta.

– Espere por mim – pediu Alais.

As mulheres foram atrás delas. Nora desceu as escadas apressada, fora de alcance. Esperava que a mãe estivesse no saguão. Nas escadas, desviou-se de empregados que vinham de baixo e eles ficaram no caminho das babás, detendo-as. Alais estava logo atrás, olhos assombrados.

– Está tudo bem? Nora?

– Venha.

Felizmente ela viu que o saguão estava cheio de gente; isso significava que a mãe estava lá. Ela passou por homens em mantos formais, esperando de pé, e se enfiou entre eles até chegar à frente.

Lá estava sentada a mãe, com Richard de pé ao lado; a rainha lia uma carta. Um homem estranho estava de pé diante dela, humilde, as mãos trançadas. Nora passou por ele.

– Mamãe.

Eleanor levantou a cabeça, sobrancelhas erguidas.

– O que está fazendo aqui? – perguntou, depois olhou para a multidão além de Nora e Alais, voltou a encarar Nora e disse: – Sente-se e espere; estou ocupada.

Ela voltou a ler a carta em sua mão. Richard lançou um rápido sorriso alegre para Nora. Ela passou por ele, se colocando atrás da cadeira da mãe, e se virou para a sala. As babás passavam pela multidão de cortesãos, mas naquele momento as meninas estavam fora de alcance. Alais se apoiou nela, pálida, piscando os olhos.

Na frente delas, de costas, em sua cadeira pesada, Eleanor colocou a carta de lado.

– Vou pensar nisto.

– Sua graça – disse o homem humilde, se curvando e recuando.

Outro, de casaco vermelho, se adiantou, uma carta na mão. Ao pegá-la a rainha lançou um olhar para Richard a seu lado.

– Por que seu pai queria vê-lo noite passada?

– O que você vai fazer? – sussurrou Alais.

Nora deu uma cotovelada nela; queria escutar o irmão.

– Ele me perguntou onde estava Menino Henry – respondeu Richard, deslocando o peso de um pé para o outro. – Ele estava bêbado.

A rainha lia a nova carta. Virou-se para a mesa do outro lado, pegou uma pena e a molhou no pote de tinta.

– Você também deveria assinar isto, já que agora é duque.

Com isso Richard encheu o peito, parecendo maior, e esticou os ombros. A rainha se virou para Nora.

– O que é agora?

– Mamãe – falou Nora, chegando mais perto da rainha. – Para onde vamos? Depois daqui?

Os olhos verdes da mãe a fitaram; um pequeno sorriso curvou seus lábios.

– Bem, para Poitiers, creio.

– Eu quero ir para Poitiers.

– Bem, é claro – falou sua mãe.

– E Alais também?

Os olhos da rainha passaram para Alais, junto à parede. O sorriso murchou.

– Sim, claro. Bom dia, princesa Alais.

– Bom dia, sua graça – cumprimentou Alais, fazendo uma pequena mesura. – Obrigada, sua graça.

Ela lançou um olhar brilhante para Nora, que fez uma expressão de triunfo. Nora olhou para a mãe, contente com ela, que podia fazer qualquer coisa.

– Você prometeu que nos protegeria, lembra? – perguntou Nora.

O sorriso da rainha aumentou e a cabeça dela se inclinou um pouco para um lado.

– Sim, claro que lembro. Eu sou sua mãe.

– E vai proteger Alais também?

E então o sorriso da rainha se abriu novamente.

– Nora, você será terrível quando crescer. Sim, Alais também, claro.

Do outro lado da cadeira, Richard se empertigou depois de escrever, Eleanor tomou a carta dele e também a pena. Nora ficou onde estava, no meio de tudo, querendo que sua mãe a notasse novamente.

– Se eu sou mesmo duque, posso dar ordens? – perguntou Richard.

O sorriso da rainha voltou aos lábios, e ela olhou para ele de um modo como não olhava para mais ninguém.

– Claro. Já que agora você é duque.

Ela pareceu prestes a rir novamente; Nora ficou se perguntando o que a mãe achava engraçado. Eleanor pousou a carta na mesa e a pena se agitou sobre ela.

– Eu quero ser feito cavaleiro – disse o irmão. – E quero uma espada nova.

– Como quiser, sua graça – respondeu a mãe, ainda com aquele risinho na voz, e anuiu lentamente para ele, como numa mesura. Devolveu a carta ao homem de casaco vermelho. – Pode começar com isso imediatamente.

– Deus a abençoe, sua graça. Obrigado.

O homem balançou para cima e para baixo como um pato. Mais alguém estava se adiantando, outro papel na mão. Nora balançou na ponta dos pés, não querendo ir embora; as babás ainda estavam esperando. De pé na lateral, sisudas, os olhos fixos nas garotas como se um olhar pudesse colocá-las ao alcance. Desejou que a mãe olhasse para ela, conversasse novamente. Então, uma voz dura e alta se elevou do fundo do salão.

– Abram caminho para o rei da Inglaterra!

Eleanor se empertigou e Richard retomou seu lugar ao lado dela. De repente, todos da sala estavam se movendo, mudando de lugar, homens

saindo do caminho, flexionando e se curvando, e pelo espaço de repente vazio surgiu o pai de Nora. Ela foi para trás da cadeira da rainha, junto a Alais, ali de pé junto à parede.

Apenas a rainha permaneceu em sua cadeira, o sorriso se fora. Todos os outros estavam curvados. O rei avançou a passos largos até Eleanor, e atrás dele o saguão logo esvaziou. Até mesmo as enfermeiras saíram. Dois dos homens do pai permaneceram de pé dos dois lados da porta, como guardas.

– Meu senhor, deveria ter avisado; estaríamos mais preparados para o senhor – falou a rainha.

O pai de Nora ficou olhando para ela. Vestia as mesmas roupas do dia anterior. As mãos grandes estavam apoiadas no cinto. A voz era áspera, como caminhar sobre o cascalho.

– Achei que poderia ver mais se viesse sem me anunciar. Onde estão os meninos? – perguntou, o olhar passando por Richard. – Os outros meninos.

A rainha deu de ombros.

– Gostaria de se sentar, meu senhor? – perguntou, e um serviçal se apressou em trazer uma cadeira para ele. – Traga ao senhor meu rei uma taça de vinho.

O rei se jogou na cadeira.

– Não pense que não sei o que você está fazendo.

Sua cabeça virou; ele acabara de ver Nora, logo atrás da rainha, e seus olhos se fixaram nela. Nora se mexeu, desconfortável.

– Meu senhor, estou incerta sobre o que quer dizer – respondeu Eleanor.

– Você é uma péssima mentirosa, Eleanor – acusou o rei. Ele se moveu na cadeira, pegou Nora pela mão e a arrastou, colocando-a entre as duas cadeiras, na frente dos dois. – Mas esta garotinha falou muito bem ontem, quando o resto de vocês fugiu. Acho que ela diz a verdade.

De pé diante deles, Nora deslizou as mãos para as costas. A boca estava seca e ela engoliu uma vez. Sua mãe sorriu para ela.

– Nora tem cabeça. Cumprimente seu pai, querida.

– Deus esteja com o senhor, papai.

Ele a encarou. Ao redor do centro negro os olhos dele eram azuis como placas do céu. A mão se ergueu e brincou delicadamente com a frente do seu vestido. Dentro do invólucro de tecido seu corpo encolheu para longe

do toque. Ele alisou a frente do vestido. A mãe estava torcida na cadeira para observar. Atrás dela, Richard de pé, o cenho franzido.

– Então. Acabou de sair do convento, não é. Gostou de lá?

Ela ficou pensando no que deveria dizer. Em vez disso, falou a verdade.

– Não, papai.

Ele riu. Os buracos pretos ficaram maiores, depois menores.

– Então, não quer ser freira?

– Não, papai, eu quero... – começou, e para sua surpresa a história havia mudado. Ela descobriu uma súbita coragem ansiosa. – Eu quero ser uma heroína.

Eleanor deu um risinho, e o rei bufou.

– Bem, Deus lhe deu a estatura errada – comentou ele, e o olhar se deslocou para além dela. – Para onde você vai?

– Lugar nenhum, meu senhor – respondeu Richard com voz fria.

O rei riu mais uma vez, mostrando os dentes. Ele tinha um cheiro azedo, como de cerveja velha e roupas sujas. Seus olhos observaram Nora, mas ele falou com a mãe.

– Quero ver meus filhos.

– Eles estão alarmados por causa do que aconteceu com Becket – avisou a rainha.

– Eu vou cuidar de Becket. Fique fora disso.

O serviçal veio com a taça de vinho e ele a pegou. Nora moveu os pés, querendo se afastar deles, o tom de suas palavras como facas no ar.

– Sim, bem, o modo como você lida com Becket está nos levando a lugares estranhos – replicou a mãe.

– À morte de Deus! – brindou ele, erguendo a taça, e a esvaziou. – Não sabia que ele tinha tanta fome de martírio. Você o viu. Ele já parece um homem idoso. Isso é um alerta contra a virtude, se ela o transforma numa cegonha daquelas.

A mãe olhou para a sala.

– Não, você está certo. Não é bom para sua justiça quando metade dos homens do reino pode lhe dar as costas.

Ele se virou para ela, o rosto fechado.

– Ninguém me dá as costas.

– Bem – ela o encarou enquanto falava, um sorriso na boca, mas não do jeito bom –, parece que sim.

– Mamãe – disse Nora, lembrando de como fazer aquilo. – Com a sua licença...

– Fique – ordenou o pai que, esticando a mão, a segurou pelo braço e a puxou para a frente, em seu colo.

– Nora... – começou a mãe.

Atrás dela, Richard avançou um passo, olhos arregalados. Nora se agitou, tentando ficar empertigada nos joelhos do pai; os braços dele a cercavam como uma gaiola. A expressão no rosto da mãe a assustou. Ela tentou se libertar e os braços dele apertaram ao redor dela.

– Mamãe...

– Solte-a, senhor – a voz da rainha estava dura.

– O quê? – perguntou o rei com um risinho. – Você não é minha queridinha, Nora? – Ele deu um beijo na bochecha de Nora. Seus braços se fecharam sobre ela; uma das mãos acariciou seu braço. – Eu quero meus filhos. Traga meus filhos de volta para cá, mulher.

De repente, ele estava empurrando Nora para longe, fora de seu colo, sobre seus pés, e em seguida se ergueu. Apontou o dedo para Richard.

– Venha comigo.

Os pés dele bateram o chão com força. Todos estavam olhando para ele, calados. Passou pesadamente pela porta, Richard em seu encalço.

Nora esfregou a bochecha, ainda molhada onde a boca do pai tinha pressionado; seu olhar foi na direção da mãe. A rainha estendeu os braços, Nora foi até ela. Então sua mãe a apertou com força. Disse:

– Não tenha medo. Eu a protegerei – falou, voz insegura. Ela soltou Nora e bateu palmas. – Agora, vamos ouvir um pouco de música.

Colunas de fumaça se erguiam da bandeja de pãezinhos de amêndoas na comprida mesa de madeira. Nora desceu as escadas da cozinha se esgueirando junto à parede e se escondeu sob a beirada da mesa. Mais ao fundo da cozinha alguém cantava e outra pessoa ria; ninguém a notara. Ela esticou a mão pela lateral da mesa e pegou punhados de pãezinhos, jogando-os na dobra da saia, e quando a saia estava cheia se virou agilmente e subiu depressa os degraus, saindo pela porta.

Logo depois do umbral, Alais dava pulinhos de encanto, os olhos brilhando, as mãos unidas. Nora deu um pãozinho a ela.

– Rápido! – disse, e correu na direção do portão do jardim.

– Ei! Meninas!

Alais correu. Nora girou, já que conhecia aquela voz, e olhou para os olhos alegres de Richard acima.

– Vai dividir?

Eles foram para o jardim e se sentaram num banco junto à parede, comendo os pães. Richard lambeu o doce dos dedos.

– Nora, estou indo embora.

– Embora? Para onde?

– Mamãe quer que eu vá encontrar Menino Henry e Geoffrey. Acho que só está querendo me manter longe do papai. Então, estou indo procurar alguns cavaleiros que me sigam. Sou duque agora, preciso de um exército – contou, depois a abraçou e colocou o rosto sobre seus cabelos. – Eu voltarei.

– Você tem muita sorte – desabafou ela. – De ser um duque. Eu não sou ninguém! Por que sou menina?

Ele riu, seu braço quente ao redor dela, sua bochecha sobre os cabelos.

– Você não vai ser uma garotinha para sempre. Vai se casar um dia e então será uma rainha, como mamãe, ou pelo menos uma princesa. Eu ouvi eles dizerem que querem que você se case com alguém em Castela.

– Castela. Onde é isso?

Ela sentiu um arrepio de preocupação. Olhou no rosto dele. Achava que ninguém era tão bonito quanto Richard.

– Em algum lugar na Marca Hispânica.

Ele estendeu a mão para pegar o último pãozinho, e ela a segurou. Os dedos dele estavam grudentos.

– Eu não quero ir embora – falou ela. – Vou sentir sua falta. Não vou conhecer ninguém.

– Você não irá ainda. Castela significa castelos. Eles combatem os mouros lá. Você será uma cruzada.

Ela franziu o cenho, confusa.

– Em Jerusalém?

No convento, eles sempre estavam rezando pela Cruzada. Jerusalém ficava do outro lado do mundo, e ela nunca tinha ouvido ser chamada de Castela.

– Não, também há uma Cruzada na Espanha. El Cid, você sabe, e Roland. Como eles.

– Roland – disse ela dando um pulinho de excitação. Havia uma canção sobre Roland, cheia de passagens emocionantes. Virou o rosto para ele

novamente. – Eu terei uma espada?

– Talvez – respondeu ele, beijando seus cabelos. – As mulheres não costumam precisar de espadas. Tenho que ir. Só queria dizer adeus. Você agora é a mais velha em casa, então tome conta de Johanna.

– E Alais – completou ela.

– Ah, Alais – falou ele, e tomou suas mãos. – Escute, Nora, está acontecendo alguma coisa entre mamãe e papai. Não sei o que é, mas alguma coisa. Seja corajosa, Nora. Corajosa e boa.

Ele apertou o braço por um momento, depois se levantou e foi embora.

* * *

– Quando chegaremos a Poitiers? – perguntou Alais, alegre. Estava sentada numa arca nos fundos da carroça com a saia espalhada ao redor.

Nora deu de ombros. As carroças iam muito devagar e tornavam a viagem muito mais longa. Ela desejava que a deixassem montar a cavalo. Sua babá subiu na frente da carroça, virou e ergueu Johanna. O condutor chegou com a parelha, as rédeas numa das mãos, virou os traseiros dos cavalos para a carroça e os colocou em posição. Talvez a deixasse segurar as rédeas. Pendurou-se na lateral da carroça, olhando o pátio, cheio de outras carroças, pessoas empacotando as coisas de sua mãe, uma fila de cavalos selados esperando.

– Lady Nora, sente-se – mandou a babá.

Nora continuou de costas para ela para mostrar que não ouvira. Sua mãe saíra pela porta do saguão, e ao vê-la todos os outros no pátio inteiro se viraram para ela como se fosse o sol; todos aquecidos por aquela luz.

– Mamãe! – chamou Nora, acenando, e a mãe acenou de volta.

– Lady Nora! Sente-se!

Ela se apoiou na lateral da carroça. Atrás dela, Alais soltava um risinho e lhe dava uma cotovelada. Um cavalariço trazia o cavalo da rainha; ela dispensou alguém que esperava para ajudá-la e montou sozinha. Nora observou como fez aquilo, como manteve a saia sobre as pernas, mas ainda assim as passou pela sela. Sua mãe cavalgava como homem. Ela iria cavalgar assim. Então, veio do portão um grito.

– O rei!

Na arca, Alais se virou para olhar. Nora enrijeceu. Seu pai, em seu grande cavalo preto, passava pelo portão, uma fila de cavaleiros atrás dele, em cotas de malha e armados. Procurou Richard, mas não estava com eles. A maioria dos cavaleiros teve de ficar fora do muro por não haver espaço no pátio.

Eleanor virou seu cavalo, parando ao lado da carroça, perto o suficiente para Nora esticar a mão e tocá-la. O cavalo andou de lado, erguendo a cabeça. Com o rosto sombrio, o rei forçou passagem por entre a multidão até ela.

– Meu senhor, o que é isto? – quis saber a rainha.

Ele lançou um olhar amplo ao redor do pátio. Seu rosto era borrado pela barba, e os olhos estavam vermelhos. Nora se sentou na arca. O pai esporeou o cavalo e o colocou colado atrás do da mãe.

– Onde estão meus filhos?

– Meu senhor, eu realmente não sei.

Ele a encarou, furioso.

– Então, farei reféns – falou, virando na sela e olhando para seus homens atrás. – Peguem as meninas.

Nora levantou de um pulo.

– Não – disse a rainha, se colocando à força entre ele e a carroça, quase nariz a nariz com ele, punho cerrado. – Mantenha suas mãos longe de minhas filhas.

Alais esticou a mão e agarrou a saia de Nora.

Ele projetou o rosto na direção dela.

– Tente me impedir, Eleanor!

– Papai, espere – pediu Nora, se curvando sobre a lateral da carroça. – Queremos ir para Poitiers.

O rei falou maldosamente.

– O que *você* quer.

Dois homens tinham desmontado e avançavam às pressas na direção da carroça. Ele nunca desviou os olhos da rainha.

O cavalo dela se colocou entre os homens e a carroça. Inclinando-se mais para perto do rei, ela falou em voz baixa:

– Não seja tolo, meu senhor, em questão tão pequena. Se fizer isto tão impetuosamente, nunca os terá de volta. Alais tem aquele belo dote; leve-a.

– Mamãe, não! – gritou Nora, esticando o braço. Alais lançou os braços ao redor de sua cintura.

– Por favor... Por favor...

A rainha em nenhum momento olhou para elas.

– Fique quieta, Nora. Eu cuido disso.

– Mamãe! – exclamou Nora, tentando segurá-la, fazê-la se virar e olhar. – Você prometeu, mamãe, prometeu que ela iria conosco!

Seus dedos rasparam no tecido macio da manga da mãe.

Eleanor a acertou com força, jogando-a dentro da carroça. Alais soluçou. Os homens do rei estavam vindo novamente na sua direção. Nora se lançou contra eles, os punhos erguidos.

– Vão embora! Não ousem tocar nela!

Alguém a pegou por trás e a tirou do caminho. Os dois homens passaram pela lateral da carroça e pegaram a pequena princesa francesa. Eles a arrastavam por cima da lateral. Ela gritou uma vez, depois ficou flácida, indefesa em seus braços. Nora passou o braço pela cintura dela, e só então viu que era sua mãe quem a segurava.

– Mamãe, você prometeu. Ela não quer ir.

Eleanor colou o rosto no de Nora.

– Fique quieta, menina. Você não sabe o que está fazendo.

Atrás dela, o rei afastava seu cavalo.

– Você pode ficar com essa. Talvez um dia ela a envenene.

Saiu cavalgando atrás de seus homens, que agarravam Alais. Outros homens pegavam a bagagem da menina. Eles a levavam embora como bagagem. Nora deu um grito sem palavras. Com um comando seco, seu pai liderou seus homens pelo portão novamente, levando Alais como um troféu.

Com o braço ainda ao redor da cintura de Nora, Eleanor franzia o cenho para o rei. Nora se libertou e a mãe se virou para encará-la.

– Bem, Nora, isso não foi nada decente, foi?

– Por que fez isso, mamãe? – perguntou Nora com uma voz aguda e furiosa, sem se preocupar com quem pudesse ouvir.

– Vamos lá, menina – ordenou a mãe, a sacudindo. – Controle-se. Você não entende.

Com um movimento violento do corpo inteiro, Nora se soltou da mãe.

– Você disse que Alais podia ir – falou, e algo profundo e duro crescia nela, como se tivesse engolido uma pedra. Começou a chorar. – Mamãe,

por que mentiu para mim?

A mãe piscou para ela, a testa enrugada.

– Eu não posso fazer tudo – falou, esticando a mão, como se pedindo algo. – Vamos lá, seja razoável. Você quer ser como seu pai?

Lágrimas escorriam dos olhos de Nora.

– Não, e também *não* como você, mamãe. Você me prometeu, e mentiu – acusou, e empurrou a mão estendida.

Eleanor se encolheu; ergueu o braço e deu um tapa no rosto de Nora.

– Criança cruel e ingrata!

Nora se sentou com força. Enfiou os punhos no colo, os ombros encolhidos. Alais tinha ido embora; no final não conseguiu salvá-la. Não importava que na verdade não gostasse muito de Alais. Ela queria ser uma heroína, mas era apenas uma garotinha, e ninguém ligava. Ela se virou para a arca e cruzou os braços sobre ela, baixou a cabeça e chorou.

Mais tarde se apoiou na lateral da carroça, olhando para a estrada à frente.

Ela se sentia idiota. Alais estava certa: não podia ser rei, e não podia nem ser uma heroína.

As babás cochilavam nos fundos da carroça. Sua mãe levara Johanna sentada na sela diante dela para mostrar a Nora como fora má. O condutor da carroça estava em seu banco, de costas. Ela se sentia como se ninguém pudesse vê-la, como se nem estivesse lá.

De qualquer forma, não queria ser rei se isso significava ser mau, gritar e levar as pessoas embora à força. Queria ser como a mãe, mas a *antiga* mãe, a mãe boa, não aquela nova que mentia e quebrava promessas, que batia e falava nomes feios. Alais tinha dito: "Sua mãe é indecente", e ela quase chorou novamente, porque era verdade.

Ela iria contar a Richard quando voltasse. Mas então algo em seu estômago se apertou como um nó: *se* voltasse. De algum modo o mundo inteiro havia mudado. Talvez até mesmo Richard fosse falso então.

"Você será uma cruzada", ele tinha lhe dito.

Ela não sabia se queria aquilo. Ser uma cruzada significava ir muito, muito longe, e então morrer. "Seja boa", falara Richard. "Seja corajosa." Mas ela era apenas uma garotinha. Sob todo o amplo céu azul ela era apenas um pontinho.

A carroça sacudia ao longo da estrada, parte da grande caravana seguindo para Poitiers. Ela olhou ao redor, para os serviçais caminhando

entre as carroças, as cabeças de cavalos e mulas balançando, as pilhas de bagagem amarradas com cordas. Sua mãe não estava prestando atenção nela, tinha seguido à frente, no grupo de cavaleiros que abria o caminho. As babás estavam dormindo. Ninguém a vigiava.

Ninguém ligava mais. Ela esperou desaparecer. Mas não desapareceu.

Ela se levantou, segurando na lateral para não cair. Passou cuidadosamente para a frente da carroça e para o banco, mantendo a saia sobre as pernas, e se sentou ao lado do condutor, que a olhou estupidamente, um rosto largo e moreno numa barba emaranhada.

– Veja, minha pequena dama...

Ela esticou a saia, colocou os pés firmemente no apoio e ergueu os olhos para ele.

– Eu posso segurar as rédeas?

Melinda M. Snodgrass

Escritora cujas obras abrangem diversos meios e gêneros, escreveu vários roteiros para programas de televisão, como *Profiler* e *Jornada nas Estrelas: a nova geração* (da qual também foi durante muitos anos editora de roteiro), vários romances populares de ficção científica e foi uma das criadoras da longa série "Wild Cards", para a qual também escreveu e editou. Entre seus romances estão *Circuit*, *Circuit Breaker*, *Final Circuit*, *The Edge of Reason*, *Runespear* (com Victor Milán), *High Stakes*, *Santa Fe* e *Queen's Gambit Declined*. Seu romance mais recente é *The Edge of Ruin*, sequência de *The Edge of Reason*. Entre seus romances estão *Double Solitaire*, da série "Wild Cards", e o romance de *Jornada nas Estrelas*, *The Tears of the Singers*. Também é editora da coletânea *A Very Large Array*. Mora no Novo México.

Aqui ela nos leva a um planeta distante para mostrar que, mesmo numa sociedade em que naves espaciais cruzam a noite e alienígenas se misturam a humanos em ruas de cidades movimentadas, você pode se envolver em alguns jogos que remontam *muito* tempo atrás.

As mãos que não estão lá

Copo encontrou copo com tilintares abafados e fora do tom enquanto o *bartender* humano preparava os pedidos. Uma garçonete hajin com uma comprida juba vermelha emaranhada que descia pelas costas nuas produzia estalos quando circulava com seus cascos delicados pelo bar servindo drinques. Os clientes eram um grupo ranzinza, meras sombras encolhidas na boate escura e cuidadosamente sentados a mesas bem distantes umas das outras. Ninguém conversava. Para substituir a conversa havia comentaristas narrando um jogo de futebol que passava na tela da parede acima do bar. Mesmo aquelas vozes eram grunhidos, pois o som era bem baixo. O cheiro de cerveja derramada e óleo de cozinha rançoso se espalhava em meio à fumaça, mas eles e o tabaco eram abafados pelo odor de desespero e raiva em ebulição.

Aquele buraco úmido era o lugar perfeito para o humor do segundo-tenente Tracy Belmanor. Ele o escolhera por ser bem distante do espaçoporto, o que significava que não encontraria qualquer dos seus colegas de tripulação. Ele deveria estar feliz. Formara-se na academia militar da Liga Solar no mês anterior e já recebera seu primeiro posto. O problema era que seus colegas de tripulação haviam saído como novos primeiros-tenentes, o que não fora o caso do mal-nascido filho do alfaiate, que frequentara a academia com uma bolsa. Ao receber sua insígnia, ele olhara para as estrelas e para a barra única e se dera conta de que estava um degrau abaixo de seus colegas de turma aristocráticos, embora suas notas fossem melhores e seu desempenho de voo, igual ao de todos com exceção de Mercedes, cujos reflexos e capacidade de suportar grandes acelerações envergonharam todos. Quando ele olhara para o comandante de High Ground, vice-almirante Sergei Arrington Vazquez y Markov, o

grande homem dera a explicação despreocupada, sem qualquer consciência de como fora insultuosa.

"Você precisa entender, Belmanor, não seria bom para você estar em posição de dar ordens a seus colegas de classe, especialmente à infanta Mercedes. Dessa forma, você nunca assumirá a ponte sozinho, e assim será poupado do constrangimento."

A implicação de que *ele* ficaria constrangido de dar uma ordem a babacas bem-nascidos, incluindo à filha do imperador, incendiara seu temperamento inflamável demais. "Estou certo de que será um grande consolo para mim quando você estiver morrendo porque um desses idiotas destruiu a nave." Mas claro que ele não dissera aquilo. As palavras imprudentes estiveram na ponta da língua, mas após quatro anos sendo treinado em protocolo e cadeia de comando, ele conseguiu engolir a resposta raivosa. Em vez disso, bateu continência e conseguiu dizer um simples "Sim, senhor". Pelo menos não agradecera a Markov pelo insulto.

Depois ele ficara pensando em por que não dissera nada. Covardia? Será que ele ficara intimidado pelas FFH? Aquele era um pensamento terrível, pois implicava que ele *de fato* sabia o seu lugar. Se quisesse ser honesto consigo mesmo, esse foi o motivo pelo qual não fora ao baile de formatura. Sabia que nenhuma das damas de companhia de Mercedes o teria aceitado como acompanhante. Ele não poderia levar uma mulher de sua própria classe social. E Mercedes era a filha do imperador, e ninguém poderia saber o que haviam partilhado, ou que Tracy a amava e ela o amava.

Então, não fora ao baile. Em vez disso, ficou de pé na Crystal Bridge em Ring Central e viu Mercedes, sem o uniforme e uma visão em carmim e ouro, entrar no salão de baile de braços dados com Honorius Sinclair Cullen, Cavaleiro de Arcos e Conchas, duque de Argento, conhecido informalmente como Boho e nêmese e rival de Tracy. Teria de ser Tracy ao lado dela. Mas nunca poderia ser.

Tracy deu um longo gole em seu uísque, esvaziando o copo. Era álcool barato, queimou em sua garganta e assentou como carvão em brasa em suas entranhas. Diferentemente dos outros clientes melancólicos e nada comunicativos, ele escolhera se sentar no bar. O *bartender*, um homem grande cujas listras do avental escondiam a sujeira de modo imperfeito, anuiu para seu copo vazio.

– Outro?

– Claro. Por que não?

– Você está virando todas mesmo, garoto – comentou, e Tracy ergueu os olhos, surpreso com a gentileza nos olhos castanhos do homem. – Vai conseguir encontrar o caminho de volta para sua nave?

O uísque caiu no copo gorgolejando.

– Talvez fosse melhor se eu não encontrasse.

Um trapo saiu do bolso do avental e limpou a superfície de aço do bar.

– Você não vai querer fazer isso. A Liga enforca desertores.

Tracy virou a bebida de um só gole e lutou contra a náusea. Sacudiu a cabeça.

– Não eu. Eles não iriam procurar por mim. Ficariam contentes pelo Constrangimento ter sido silenciosamente varrido para baixo do tapete.

– Olhe, garoto, você tem problemas. Dá para ver isso.

– Uau, você é sempre tão perspicaz?

– Veja como fala – as palavras foram ditas suavemente e com um leve sorriso. – Olhe, se quiser se sentir melhor sobre a situação da galáxia e seu lugar nela, deveria conversar com *aquele* cara. Pode ser tudo besteira, mas Rohan tem uma senhora história.

Tracy olhou na direção que o dedo apontava e viu um homem corpulento de altura mediana sentado a uma mesa de canto embalando um copo vazio. Seus cabelos escuros estavam mesclados de grisalho e sua testa era grande demais por causa de cabelos que recuavam. O *bartender* foi até a extremidade do bar e começou a encher os copos vazios na bandeja da hajin. Tracy olhou de novo para o homem tombado. Por impulso, pegou seu copo e foi até a mesa.

Apontando com o polegar para o *bartender* por cima do ombro, Tracy falou:

– Ele diz que você tem uma boa história que vai me dar uma nova perspectiva de tudo.

Tracy puxou uma cadeira com o pé e se sentou. Em parte, esperava que o homem discordasse e começasse uma briga. Estava no clima de acertar alguém, e ali em Wasua, diferentemente de em High Ground, uma briga não se transformaria num duelo idiota. Tracy tocou a cicatriz em sua têmpora esquerda, presente de Boho. Um olhar mais atento no homem revelou a improbabilidade de uma briga ter início. Não havia músculos abaixo da gordura, e bolsas escuras e inchadas pendiam abaixo dos olhos.

– Loren não acredita em mim – disse Rohan. – Mas é tudo verdade.

O álcool tornava as palavras arrastadas, mas Tracy podia ouvir o sotaque aristocrático de um membro das Fortune Five Hundred. Deus bem sabia que ele conseguia reconhecer. Passara quatro malditos anos escutando isso. Até mesmo temia ter começado a imitar.

– Certo, eu engulo. O que é tudo verdade?

A ponta da língua do homem lambeu os lábios.

– Eu contaria a história melhor com algo para molhar a garganta.

– Certo, tudo bem – falou Tracy, indo ao bar e voltando com uma garrafa de bourbon. Bateu com ela na mesa entre os dois. – Aqui. Agora paguei pela história. Então vá em frente, me impressione.

Rohan se ergueu, mas o movimento orgulhoso foi prejudicado quando começou a oscilar na cadeira. Uma mão roliça agarrou a beirada da mesa e ele se estabilizou.

– Eu sou mais, muito mais do que pareço.

– Certo – concordou Tracy, prolongando a palavra.

O homem olhou ao redor com cautela exagerada.

– Eu preciso ter cuidado. Se eles soubessem que eu estava falando...

– Sim?

O homem passou um dedo pelo pescoço. Ele se inclinou sobre a mesa. Seu hálito era uma mistura nauseante de álcool e halitose.

– O que vou lhe dizer poderia abalar as fundações da Liga. – O bêbado se serviu uma bebida, virou e continuou: – Mas aconteceu, tudo, e é tudo verdade. Escute e aprenda, jovem.

Rohan encheu novamente o copo, completou o de Tracy e brindou com o seu. Dessa vez, se limitou a um golinho em vez de virar. Suspirou e não pareceu mais se concentrar no jovem oficial.

– Tudo começou quando um dos meus ajudantes organizou uma despedida de solteiro...

Se um clube de striptease pudesse ser considerado de bom gosto, Rohan achou que aquele se encaixaria na descrição. Não que ele fosse um especialista. Aquela era sua primeira vez naquele tipo de estabelecimento onde mulheres humanas se exibiam, para fúria da Igreja. Então, por que concordara em se juntar à sua equipe numa festa só para homens a fim de comemorar o casamento iminente de Knud? A resposta era simples. “Porque o último amante da minha esposa tem a mesma idade da minha filha, e isso foi demais.” Então sua presença no Cosmos Club era o quê?

Vingança? E qual a probabilidade de que Juliana fosse descobrir um dia? Incrivelmente pequena. E que ela se importasse? Ainda menor.

Ele corou quando uma recepcionista quase nua, os seios e o monte de Vênus delineados por um arreio cravejado de joias, pegou seus casacos e, com os gestos de mão graciosos de uma cortesã treinada, os conduziu até o *maître* sorridente, um homem bonito com barba quadrada e olhos pretos cintilantes. Ele conduziu o grupo por portas altas até a boate propriamente dita. A iluminação no salão principal era reduzida, mas holofotes acoplados lançavam fogo sobre as plataformas que giravam devagar com belas mulheres nuas. As plataformas eram projetadas como galáxias em espiral, as estrelas formadas por diamantes falsos. Rohan ficou olhando para as nádegas roliças das garotas e pensando como ficariam aqueles traseiros após uma longa noite sentados nas plataformas. Entre as plataformas havia um palco feito de vidro transparente. Um poste de cristal se projetava como uma declaração agressiva do centro do palco.

Garçonetes vestidas – isso mesmo, *vestidas* – com o mesmo tipo de arreio com joias usado pela recepcionista se moviam entre as mesas, servindo bebidas e comida. Rohan viu um *Brie en croûte* acompanhado de cerejas azedas passar numa bandeja, e os aromas que vinham da cozinha eram tão bons quanto qualquer coisa que ele cheirara nos melhores restaurantes da cidade. Sua barriga roncou em apreço. Sim, decididamente um estabelecimento elegante, atendendo aos ricos e bem-nascidos das FFH. Outra anomalia chamou sua atenção. Não havia alienígenas presentes. A equipe era toda humana, uma afetação cara. Rohan supôs que, nas entranhas da cozinha, hajin e isanjo trabalhavam lavando pratos, mas a imagem criada para os clientes era agressivamente humana.

John Fujasaki reservara uma mesa circular na beirada do palco. Um balde de champanhe cheio de gelo e a esperada garrafa já estavam lá. Enquanto o grupo se acomodava, o *maître* abriu a garrafa com um estalo discreto e encheu os copos. Os estofados eram ricos, feitos de um tecido natural que sentiu a tensão na base da coluna de Rohan e começou a massagear o local. A holomesa flutuante exibia imagens de fenômenos astronômicos espetaculares que mudavam constantemente. Rohan olhou, hipnotizado, enquanto uma supernova nascente tentava consumir sua bebida.

John Fujasaki, o instigador daquela saída, se inclinou para perto de Rohan e murmurou:

– O senhor está corando.

Havia um riso nas palavras.

– Não estou acostumado a ver tanta... carne... feminina – retrucou ele.

– Perdoe-me por dizer, mas o senhor precisa sair mais – foi a resposta. Depois John se virou para responder a outro comentário.

Rohan viu as bolhas subindo em sua taça e imaginou o que o jovem ajudante pensaria se soubesse que seu chefe frequentava estabelecimentos menos respeitáveis em Pony Town que atendiam humanos com gosto pelo alienígena e o exótico. Depois a hipocrisia de sua raiva com a esposa por sua infidelidade o chocou. Ele apelou à antiga defesa: esperava-se putaria dos homens, e nenhuma mulher deveria colocar chifres na cabeça do marido. As desculpas soaram vazias.

John bateu em sua taça com uma colher. Os jovens homens ficaram em silêncio, e Fujasaki se levantou.

– Bem, um brinde a Knud. Aqueles de nós que evitaram o estado civil de casados acham que ele está louco, e aqueles que aceitaram os laços do matrimônio também acham que ele está louco. Mas pelo menos esta noite vamos deixar de lado essas preocupações e nos concentrar em liberá-lo com estilo. Então, um brinde a Knud em sua última noite de liberdade, e que seja memorável! – gritou John.

Houve gritos de “Aqui, aqui!” ao redor da mesa, copos se tocaram, foram esvaziados e enchidos. Knud, sorrindo mas com um toque de preocupação no fundo dos olhos, colocou a mão sobre o copo.

– Ei, devagar, pessoal. Eu preciso estar razoavelmente em boa forma amanhã.

– Não se preocupe, Knud – disse Franz. – Você está *com a gente*.

– Por *isso* estou preocupado.

Uma garçonete pegou seus pedidos de pratos. O álcool continuou a rolar. Rohan se viu pensando sobre os números da inflação no sistema solar Wasua. Aquilo fez com que mudasse de champanhe para bourbon. Uma banda começou a se apresentar ao vivo, e diferentes garotas em trajes variados e criativos subiram ao palco. Os trajes criativos eram despidos ao ritmo da música pulsante, e as damas eram todas muito... Rohan procurou uma palavra e optou por “flexíveis”. Quase todas as mesas estavam ocupadas, grupos de homens com suor brilhando em seus rostos, cachecóis e gravatas afrouxados, casacos retirados. Garotas se sentavam em colos e

passavam dedos longos pelos cabelos de seus alvos. O murmúrio das conversas era grave e primal.

Um quinteto de garotas dançava e cantava no palco uma antiga marcha SpaceCom, mas com uma nova e interessante letra. A música animada primeiramente fez Rohan cantarolar junto, depois cantar alto, mas era frustrante porque as garotas não conseguiam pegar a batida certa. Estavam atrasadas. Ele começou a reger, e sentiu seu cotovelo tocar em algo.

– Ôa! – gritou Fujasaki. Havia uma grande mancha molhada na frente de suas calças.

– Ele está bêbado – Rohan ouviu alguém dizer.

– E daí? Todos estamos bêbados – retrucou Franz.

– É, mas ele é o chanceler, e se... – começou Bret, um recém-contratado.

– Relaxe. Eles limpam o lugar e mantêm a imprensa do lado de fora – replicou John.

– É, relaxe, Bret. Estamos nos divertindo. *Eu* sou diversão. Eu... eu sou feito de diversão! – exclamou Rohan.

As cinco saíram do palco em grupo, suas bundinhas animadas sacudindo de modo provocante.

– Para onde elas estão indo? – perguntou Rohan. – Para onde todas essas damas adoráveis estão indo? – repetiu, e sentiu um aperto no peito com a tristeza daquilo.

– Todas viraram esposas – disse Franz.

– Que desperdício medonho – grunhiu Rohan. – Precisamos de uma comissão de especialistas; as garotas continuam a se transformar em esposas. É um escândalo. Precisamos de uma investiga...

Uma batida de tambor interrompeu suas palavras pastosas. Todas as luzes da boate se apagaram a não ser por um único holofote penetrante voltado para o palco. Uma garota saltou para esse cone de luz. Ela parecia voar, tão alto foi seu *grand jeté*, e o manto comprido em suas costas aumentava a ilusão de voo. A música recomeçou, uma batida primitiva, urgente. Ela ficou na frente e no centro do palco, seus traços cobertos por uma máscara elaborada e um arranjo de cabeça. Tudo que podia ser visto era um queixo pontudo antinatural e o brilho de seus olhos. Ela segurou a beirada do manto com garras compridas dotadas de diodos emissores de luz e o tirou para revelar um traje elaborado, escondendo muito mais do

que era comum numa stripper. Rohan ficou pensando se as garras eram costuradas em luvas.

Ela começou a dançar. Nada de giros duros e poses sugestivas. Dançava com uma graça de tirar o fôlego. Seus braços traçavam padrões e os diodos deixavam rastros de fogo multicolorido no ar ao seu redor. Camadas começaram a cair. A multidão gritava em aprovação a cada peça de roupa que caía. Mais uma escorregou para o piso do palco e um comprido rabo sedoso coberto de brilhantes pelos vermelhos e brancos se desenrolou e dançou ao redor dela como uma cobra. Os gritos se transformaram em rugidos.

A garota dançava perto de seus admiradores suados. Mãos se estendiam para ela como bebês cegos vendo um peito, mas ela sempre escapava. Menos quando aquelas mãos ansiosas seguravam varetas de crédito. Ela permitia que essas fossem inseridas no terminal de crédito que adornava o cinto baixo que cingia sua cintura. Rohan ficou sentado rígido, dedos agarrando a beirada da mesa, querendo que ela retirasse a máscara. "Mostre-me... Mostre-me." Ela se aproximou da mesa deles. Os jovens se inclinaram sobre a mesa, varetas estendidas como alguma metáfora comercial para o sexo. Rohan não conseguia se mover. Apenas observou enquanto outra camada caía para revelar o pelo creme e vermelho que cobria as laterais do corpo e a barriga e subiam como a ponta de uma lança entre seus seios. A plateia engasgou.

John despencou no reservado.

– Pelo santo prepúcio do papa! – arfou.

O ritmo da música acelerou. Saiu fogo das pontas de suas garras compridas. As joias e os sinos na máscara e no arranjo de cabeça soavam histericamente. Ela girou cada vez mais rápido, e depois outro grande salto a levou de volta ao centro do palco. Pernas bem abertas, mãos sustentando os seios. Ela as deslizou lentamente para cima do peito, sobre o pescoço, ergueu a máscara e o arranjo de cabeça e os lançou de lado. Era alienígena e ainda assim familiar. Rohan devorou seus traços. Notando o pequeno nariz empinado com narinas dilatando, orelhas pontudas se projetando por entre os selvagens cachos creme e vermelhos, com tufos nas pontas. Olhos felinos verde-esmeralda.

– Uma alienígena – disse Bret, e sua voz revelava ao mesmo tempo desgosto e lascívia.

Apagão.

As luzes se acenderam. O palco estava vazio. Conversas excitadas ao redor da mesa.

– Cirurgia cosmética?

– Não. Deve ser uma daquelas mestiças cara.

– Achei que tínhamos matado todos eles.

– Deveríamos. Repulsivo.

– Ei, apaguem as luzes, fechem os olhos e pensem nisso como lingerie exótica – brincou John com uma risada.

A sala parecia inchar e recuar ao redor de Rohan. Seu coração batia forte no peito, e sua respiração era breve. Uma ereção pressionava sua braguilha. Ele saiu cambaleando do reservado.

– Senhor?

– Está bem?

– Para onde está indo?

Ele não respondeu.

– Espere – disse Tracy. – Uma mestiça meio-cara, meio-humana? Não existe tal coisa. Para começar, é ilegal – comentou o jovem oficial apontando para a garçonete hajin. – Em segundo lugar, nosso equipamento pode funcionar, mas não há como produzirmos crias.

Rohan balançou o dedo para ele, censurando.

– Ah, mas lembre-se de que os cara eram mestres em genética. Já estavam fundindo genes de todas as raças alienígenas conhecidas muito antes dos humanos entrarem em cena. Ansiavam para nos acrescentar à mistura, e não conseguiram acreditar que a Liga falava sério quando foi determinada a proibição de fusão alienígena-humana.

Tracy tomou um gole de sua bebida. Ele sabia por seus estudos que os cara não tinham um padrão físico. Faziam corpos sob medida para se adequar às diferentes situações. Mudavam de sexo quando queriam. Passaram milhares de anos recolhendo, misturando e manipulando o material genético de todas as raças que encontravam. Uma tarefa facilmente realizável, já que os cara passavam as vidas a bordo de enormes naves comerciais que viajavam entre sistemas, ou nas lojas abastecidas por essas naves. Para eles, o maior pecado era a uniformidade. Acreditavam que a diversidade era o segredo da sobrevivência e da evolução. Isso soara horrendo aos humanos, e a pureza humana se tornou uma obsessão. Grande parte da pesquisa e da manipulação genéticas foi

proibida por medo de que os cara conseguissem descobrir um modo de afetar o genoma humano básico. Tracy disse isso a Rohan.

O homem mais velho balançou a cabeça.

– Sim, mas isso não os desencorajou. Eles conseguiram voluntários, humanos insatisfeitos e hostis à Liga, e produziram milhares de mestiços.

Ele pegou seu copo e o pousou várias vezes. Transformando os círculos formados pela condensação num padrão concêntrico.

– Então, por que fazer essa garota parecer tão diferente? – perguntou Tracy. – Eles poderiam ter feito a cria se parecer com qualquer coisa. Até mesmo com uma humana.

Rohan ergueu os olhos.

– Esse foi o erro deles. Era o que deveriam ter feito. Em vez disso, tentaram reduzir qualquer reação manipulando os genes para fazer com que as crianças parecessem atraentes aos humanos. Ou pelo menos o que pensaram que seria atraente. Eles tinham notado que gostamos de gatos. Portanto Sammy – contou Rohan, enchendo seu copo e tomando um longo gole. – Eles não se deram conta de que isso tornaria as crianças muito mais horrendas.

– Mas você não sentiu repulsa de... Sammy?

– Samarith, seu nome inteiro era Samarith. E não, não senti repulsa, mas eu tinha uma queda pelo exótico. Eles sabiam disso. E se valeram disso.

O estômago de Rohan estava revirando, a cabeça latejava. Ele cambaleou pela antessala e saiu para a rua. A maresia clareou um pouco a sua cabeça. Chegou ao canto do prédio e foi em busca da porta do palco.

"O que você está fazendo?", perguntou a parte racional de sua mente.

– Estou indo cumprimentá-la por sua dança – disse ele em voz alta.

"E perguntar sobre sua vida. Explorar seus pensamentos. Partilhar seus sonhos. Foder de enlouquecer."

Ele encontrou a entrada lateral e avançou. Dentro, o cheiro de suor e maquiagem rançosa emanava das paredes e pairava no ar. Rohan engoliu em seco e tentou encontrar o caminho passando pelo painel de controle de iluminação. Seguiu por um corredor e se viu colado na parede quando um grupo de garotas passou acelerado na direção do palco. No aperto daquele espaço estreito, elas se esfregaram nele. Pôde sentir o calor de suas peles nuas mesmo através de suas roupas, e sua ereção brotou novamente.

Encontrou outro corredor, mas esse era protegido por um homem alto com uma grande barriga pendurada. Rohan tentou passar por ele e foi bloqueado. Os bíceps expostos do segurança tinham tatuagens militares e eram cobertos de gordura. As luminárias do teto reluziam em sua cabeça raspada.

– Aonde você pensa que vai?

– Eu gostaria de ver a jovem que acabou de se apresentar.

– Você e todos os outros aristo... – começou o homem, espiando a virilha de Rohan. – Que guardam os cérebros nos paus.

Rohan olhou para ele boquiaberto.

– Meu bom homem, não pode se dirigir assim a mim.

– É, eu posso. E se você quiser ver Sammy isso irá lhe custar.

Ele projetou o quadril para a frente, exibindo seu terminal de crédito. Não produziu o mesmo efeito de quando as dançarinas faziam isso. Rohan vacilou, lembrou-se do rostinho daquela coisinha, sacou sua vareta de crédito e pagou.

– Onde posso encontrá-la? – perguntou Rohan.

– Siga sua pica. Ela parece fazer um trabalho muito bom como varinha mágica.

O segurança se colocou de lado e Rohan seguiu pelo corredor, conferindo todas as portas no caminho. Risinhos e dois convites lascivos foram recebidos enquanto ele abria e fechava portas. O dela era o quinto camarim que conferiu. Ela vestia um robe verde-escuro e estava sentada a uma mesa de maquiagem. A gaveta de baixo estava aberta e nela repousava um pé descalço. O robe tinha caído de lado, revelando a bela perna quase até o quadril. Fumaça do estimulante que ela segurava languidamente numa das mãos girava como uma aura ao redor das extremidades de suas orelhas pontudas. Ela o examinou com um longo olhar daqueles impressionantes olhos verdes de gato.

– Quanto você pagou?

– Desculpe-me?

– A Dal. Quanto você pagou a ele para chegar aqui?

– Trezentos.

– Você foi roubado. Ele o teria deixado entrar por metade disso.

– Vou me lembrar disso da próxima vez.

Samarith acendeu um novo estimulante e o encarou. Rohan deslocou o peso de um pé para outro, desconfortável.

– Não quer saber por que estou aqui? – finalmente perguntou.

Ela deixou seu olhar baixar para sua virilha.

– Você está me dando uma dica de tamanho médio.

A ereção dele murchou.

– Aaaah, eu estraguei – falou ela, prolongando as palavras.

– Gostaria de convidá-la para jantar.

– Antes o cortejo? Bem, essa é nova – comentou, levantando e esmagando seu estimulante. – Há um lugar bastante bom em Pony Town que serve até tarde.

– Eu pretendia levá-la à French Bakery.

Era o melhor restaurante da capital. Achou que iria impressioná-la.

Ela riu.

– Você é um idiota. Meio doce, mas um idiota – falou, e ele olhou, boquiaberto. – É melhor ser discreto.

– Você não foi muito discreta esta noite – devolveu Rohan.

– Esta é uma boate de striptease. Pode ser frequentada pelo seu pessoal, mas continua sendo uma boate de striptease. Você me exibir em público não seria bom para nenhum de nós. E por falar nisso, quem é você? Qual descendente de qual casa nobre é você?

– Como sabe que sou FFH?

– Ah, faça-me o favor – as palavras dela estavam marcadas pelo desprezo.

Ele pensou em seu trabalho e no estresse que gerava. Pensou em sua esposa fria e distante.

– Eu não posso ser só "Rohan" esta noite?

Ela inclinou a cabeça de lado, uma visão cativante, e o avaliou. Seu tom era mais gentil quando falou.

– Certo. Eu o chamarei de Han, e você pode me chamar de Sammy, e esta noite fingiremos não ser quem e o que somos.

– E depois desta noite? – perguntou Rohan.

– Isso depende de como será esta noite.

Rohan deixou que Sammy ensinasse o caminho ao seu chofer hajin, Hobb. Nem ele nem Hobb deram a entender por palavras ou atos que conheciam a área. Mas ele a conhecia bem. Sua casa de massagem preferida ficava poucas ruas depois. Era um lugar onde homens com preferências similares à sua podiam sentir o toque do exótico. Ele gostava do modo como o pelo

macio e as palmas ásperas de uma massagista isanjo faziam cócegas em sua pele e pressionavam seus músculos.

Naquela noite, o calor do verão cedera e era agradável estar ao ar livre. Humanos, hajin, isanjo, tiponi flutes e slunkis percorriam as ruas escutando os músicos que se apresentavam nas esquinas. Jogavam jogos de azar ou habilidade – tudo desde xadrez a dados, passando por um grupo de flutes inclinados que jogava seu incompreensível jogo de varetas. Fregueses se deixavam ficar nos restaurantes. Amantes se abraçavam nos bancos do pequeno parque, enquanto os idosos sentados contemplavam as naves decolando do espaçoporto Cristóbal Colón. Hobb abriu as portas do veículo para eles. Rohan saiu e sentiu o ronco sob os pés quando outra nave espacial saltou para o céu. O fogo dos motores era uma cicatriz vermelho-alaranjada rasgando a escuridão. Por um breve momento ele quase eclipsou a luz da nebulosa que flutuava acima.

As linhas compridas e a evidente elegância do veículo atraíram vários olhares.

– Eu o chamarei quando estivermos prontos para partir – avisou Rohan a Hobb.

O hajin baixou a comprida cabeça ossuda, revelando a juba dourada entre o colarinho e o chapéu. Rohan se virou para Sammy. Ela vestia calças apertadas enfiadas em botas de cano alto e uma camisa de seda, em vários tons de verde e azul, que era amarrada de formas interessantes para fazer com que pendesse e fluísse. Os cabelos creme e vermelho caíam sobre os ombros. Ela atraía olhares. Rohan se esforçou para respirar.

– Então, onde gostaria de comer? – perguntou.

– Ali.

Ela apontou para um restaurante isanjo. Havia árvores em vasos com redes de corda penduradas entre elas. Isanjos, usando mãos, pés e caudas preênseis disparavam pelas linhas trançadas. De algum modo, nenhum dos itens em suas bandejas tombava, escorregava ou caía.

Eles se instalaram em cadeiras de cordas trançadas e um garçom deslizou pelo tronco da árvore junto à sua mesa. Seu terminal de pedidos pendia do pescoço juntamente com um terminal de crédito.

– Bebidas? – perguntou, o focinho fazendo com que ciciasse ao falar.

– Champanhe – respondeu Rohan.

– Eu na verdade não gosto de champanhe – disse Sammy.

– Ah. Perdoe-me. Do que gostaria?

– Tequila.

O garçom voltou os grandes olhos escuros para Rohan. Seu negror em contraste com o pelo dourado o fazia parecer incompreensível e terrivelmente alienígena.

– Vou beber a mesma coisa que a dama – falou Rohan, fazendo disso um gesto de galanteio.

Com um pulo, a criatura estava no alto da árvore, agarrando as cordas e disparando.

– Você é cheio de cortesias, não é mesmo? – comentou Sammy. – Pelo menos gosta de tequila?

– O bastante.

– O que você bebe em casa? – perguntou ela, fixando nele aqueles olhos esmeralda de gato.

– Champanhe, martínis. Nos meses de verão eventualmente bebo cerveja e gim-tônica. Vinho no jantar. Por que pergunta?

– Com qual frequência você bebe?

– Toda noite – soltou antes que pudesse se conter. – E por que o interrogatório? Você está parecendo o meu médico.

– Você bebe para relaxar ou para esquecer? Ou ambos?

– Você está levando isso a sério demais. Eu bebo porque... Gosto de uma bebida à noite. Só isso.

Mas se viu lembrando-se da noite cinco semanas antes quando ouvira o riso metálico de Juliana enquanto flertava com o jovem oficial que naquele momento habitava a cama dela. Ele bebera até ficar inconsciente naquela noite.

Outro isanjo pousando junto à mesa assustou Rohan e o arrancou de seu devaneio deprimente. Uma tigela de molho e pedaços de pão foram colocados na mesa. O cheiro pungente do molho fez Rohan lacrimejar e sua boca se encheu d'água.

– Você estava bêbado esta noite – disse Sammy, e jogou um pedaço de pão na boca. – Do contrário nunca teria ido aos bastidores.

– Você tem seu encanto em tão baixa conta?

– Eu tenho sua noção de comportamento adequado em conta bem mais alta – foi a resposta seca.

– Bem, você está certa sobre isso – admitiu Rohan.

– Então, por que você foi?

– Porque você é bonita... E... e eu estou solitário.

– E você acha que dois corpos se chocando no escuro irão aliviar isso? – perguntou ela.

Ele ficou constrangido de descobrir que tinha um nó na garganta. Engoliu o nó e tossiu.

– Você está me fazendo uma proposta, minha jovem? – perguntou, esperando que seu tom fosse tão leve quanto as palavras.

– Não. Você terá de fazer isso. Ainda me resta algum orgulho. Não muito, mas algum.

– Você considera sua... Ahn... Profissão aviltante? – quis saber ele, e a expressão de desprezo e incredulidade dela foi cortante. Ele desviou daqueles olhos verdes que queimavam. – Bem, acho que você respondeu à pergunta.

Sammy deu de ombros.

– É essa sua religião oficial. As mulheres são madonas ou putas.

– E você é qual?

Foi a decisão certa. Ela abriu um sorriso de aprovação.

– Qualquer que você queira.

– Ah, duvido disso. Acho que você não é assim tão generosa – comentou Rohan.

As bebidas chegaram. Ela ergueu a sua e sorriu para ele por sobre a borda do copo.

– Para um aristo você não é nada idiota.

– Obrigado. E para uma *stripper* você não é nada comum.

Eles brindaram. Ela bebericou. De repente nervoso, ele virou o seu num só gole.

– Ôa, devagar com isso, *caballero*. Do contrário terei de carregar você para fora daqui.

– Meu motorista pode cuidar disso – falou Rohan.

– Sim, mas ele não pode me fazer uma proposta – retrucou Sammy, pegando o cardápio. – Vamos pedir? Estou faminta.

Ela fazia amor tão bem quanto se despia.

Rohan rolou de cima dela arfando e com um gemido. Tremores ainda sacudiam seu corpo. Ela se sentou, montou nele e tirou a cabeleira de cima do rosto. Passou um indicador pelo nariz dele, traçou a linha de seus lábios, acariciou seu pescoço e depois esfregou sua pança. Rohan tentou

futilmente encolher a barriga. Ela riu do fundo da garganta, e Rohan sentiu seu pênis tentando reagir, depois desabando, derrotado.

Ele a desejou muito no momento em que chegaram ao apartamento dela no meio de Stick Town, onde os flutes se reuniam. Ele arrancara as roupas dela e a jogara na cama. Depois, com dedos desajeitados, soltara as presilhas de sua camisa, arrancara o cinto, baixara o zíper, baixara as calças sobre os quadris e caíra nela. Tinha havido poucas preliminares.

Ele estendeu a mão e tocou aquele rosto de menina.

– Desculpe. Isso provavelmente não foi muito bom para você.

– Estou certa de que haverá uma oportunidade para você me compensar – retrucou ela, e se inclinou para beijá-lo nos lábios. Ela tinha gosto de baunilha com um toque de tequila no fundo da língua.

Ele passou as mãos sobre a virilha dela e parou quando seus dedos tocaram profundas cicatrizes retorcidas no pelo sedoso. Como não as sentira antes? Absorto demais em seu próprio prazer e nas sensações que percorriam seu corpo. Ela ficou paralisada e o encarou.

– O quê? – ele começou.

– Eu estava em Inshan – disse ela, e ele afastou as mãos rapidamente como se tivesse sido o responsável por ter usado a faca e arrancado seus ovários. – Claro que fui uma das com sorte. Esterilizada é melhor que morta.

As palavras eram secas, objetivas.

Ele se pegou inventando desculpas, repetindo a justificativa do partido.

– Foram atos de um almirante demasiadamente zeloso. O governo nunca... Nós impedimos isso assim que tomamos conhecimento.

– Mas não antes que 3.762 crianças fossem mortas. Você sabe quantas restaram?

Ele olhou para ela, para o brilho de seus olhos, e balançou a cabeça.

– Duzentas e trinta e oito.

– Você sabe o número exato?

Era sem sentido, mas ele não conseguiu pensar em mais nada para dizer.

– Ah, sim.

– Como você...

– Um dos seus soldados me salvou. Eu e algumas outras crianças. Ele protegeu a creche, atirou e matou outros soldados SpaceCom que não tinham tanta... hesitação.

– Você acha que essa foi a única razão pela qual ele agiu? – perguntou Rohan. – Talvez ele soubesse que era bárbaro e imoral. Você não pode dar algum crédito a nós humanos?

– Vocês humanos começaram com isso – respondeu ela, apertando os lábios, como se contendo mais palavras. Fez uma pausa, perdida em lembranças. – Mas talvez você esteja certo. Sempre fiquei pensando no que teria acontecido com ele. Seu governo o levou à corte marcial e o executou por se recusar a obedecer a uma ordem?

Rohan não conseguiu continuar sustentando o olhar dela. Virou a cabeça no travesseiro, farejando o cheiro de lilás enquanto sua bochecha com barba por fazer raspava no material sedoso da fronha.

– Não. Todos os soldados, e havia muitos deles – acrescentou, na defensiva –, que se recusaram a obedecer foram autorizados a se desligar da força sem punições.

– Fico contente. Odiaria pensar que ele morreu por um gesto de misericórdia.

Permaneceram em silêncio por um longo tempo.

– Nenhum de vocês teria sofrido se os cara tivessem apenas seguido a lei.

Sammy sorriu e correu um dedo pela base do nariz dele.

– E se tivessem eu não estaria aqui e você não estaria deitado, saciado, em minha cama.

Não havia resposta para isso. Ele lutou para se sentar a despeito da curva de sua barriga e a beijou. Ela facilitou deitando ao lado dele e embalando seu pau nas mãos. A cabeça dela estava sobre seu ombro, cabelo fazendo cócegas em seu queixo, o hálito quente em seu pescoço.

– Você nos odeia? – perguntou ele, inseguro.

– Que pergunta boba – respondeu ela, depois fazendo uma pausa. – Claro que odeio vocês.

As palavras doeram como um soco.

– Ah, não você pessoalmente. Os humanos em geral, sim. Você pessoalmente, não. Os humanos são maldosos, macacos violentos, e a galáxia ficaria muito melhor se vocês nunca tivessem se arrastado para fora de sua rocha, mas *você* parece ser legal.

– Você é meio-humana.

– O que significa que sou pelo menos meio malvada. Você deveria ter isso em mente – replicou, um risinho na voz.

– Vou ter isso em mente – murmurou Rohan enquanto o sono caía sobre suas pálpebras, suave como flocos de neve.

Ele repassou embriagadamente a noite, os passos rápidos dos pequenos pés arqueados dela, o movimento dos músculos em sua barriga. As lembranças do calor de sua pele pressionada sobre a dele fizeram seu pau endurecer novamente. Lembrou-se do brilho de luz de suas garras. O desconforto eliminou o estupor.

– Aquilo eram luvas, certo? Quero dizer, as garras. Elas estavam costuradas em luvas.

Houve uma alfinetada forte na pele macia de seu pênis. Ele abriu os olhos de repente e tentou olhar além do volume de sua barriga, inutilmente. Apoiou-se nos cotovelos, as alfinetadas se transformando em pontadas dolorosas.

– Merda! – gritou ao ver as garras projetadas cravejadas de diodos. As pontas afiadas como navalhas pressionavam a pele rosada e enrugada de seu pênis, que murchava rapidamente.

– Não. Elas são reais.

Ele a encarou, muito assustado. Ela retraiu as garras, depois caiu sobre seu peito, cabelos espalhados como um manto sobre ambos. Ele tomou a mão dela na sua e examinou seus dedos, tentando ver como as garras eram retraídas. Notou que as polpas dos dedos eram totalmente suaves, mas então ela o beijou com força, a língua exigente, abrindo caminho por entre seus dentes. Sua ereção retornou, e tudo sobre suas mãos estranhas sumiu da sua cabeça.

– Eu não vou machucá-lo, Han – murmurou ela junto à sua boca. – Isso eu posso prometer.

Tracy o encarou, perturbado.

– Nós... SpaceCom... matamos... crianças?

– Sim. Todas, a não ser um punhado – disse Rohan, enchendo novamente seu copo. – Eu não estava mentindo para Sammy, realmente começou com um almirante zeloso e intolerante. E algum bem saiu da repulsa que sacudiu a Liga assim que correram as notícias sobre o massacre. As leis sobre alienígenas foram um pouco relaxadas.

– Por isso os cara desapareceram? – perguntou Tracy .

– Sim. Dias depois do massacre eles tinham ido embora. Suas lojas vazias, os cargueiros abandonados à deriva e saqueados no espaço ou

largados em diversas luas e asteroides, como se uma grande tempestade os tivesse apanhado e encalhado.

Rohan olhou ao redor do bar com o cuidado exagerado dos profundamente bêbados. Ele se inclinou sobre a mesa e sussurrou, as palavras pronunciadas num hálito carregado de álcool.

– Eles ainda poderiam estar ao nosso redor, e nem sequer saberíamos.

Tracy sentiu um arrepio entre as omoplatas, como se olhos hostis ou alguma coisa mais letal apontasse para ele.

– Isso é idiotice. O espaço é grande. Provavelmente apenas foram para algum outro lugar. Para ficar longe de nós. Voltaram para seu mundo natal. Nós nunca o encontramos.

– No quê? Eles abandonaram suas naves.

Tracy se pegou reavaliando os bebedores ensimesmados, o *bartender* jovial, a garçonete. Será que cada rosto escondia um ódio assassino?

Rohan retomou sua história.

No aniversário de dois meses, Rohan deu a Sammy um colar de esmeraldas e ouro. Era uma coisa enorme, lembrando uma joia egípcia da Antiga Terra, e o pescoço esguio dela parecia curvar sob seu peso. Originalmente a comprara para Juliana, mas ela nunca a usara, desprezando-a como sendo vulgar e algo que esperaria de um comerciante novo-rico arrivista, não de um integrante das FFH.

– Então, eu fico com os restos de sua esposa? – perguntou Sammy com um sorrisinho malicioso.

– Não... Não é... Eu nunca...

Sammy interrompeu as palavras gaguejadas com a mão macia sobre sua boca.

– Não ligo. É bonito e bastante adequado. Eu fiquei com o marido dispensado dela.

Eles estavam na pequena cabana de caça dele nas montanhas, desfrutando de uma neve rara. A única luz no quarto vinha das chamas que dançavam na lareira de pedra. Do lado de fora, o vento suspirava nas árvores como o choro triste de uma mulher.

Sammy se sentou e trançou os dedos nos dele.

– Por que você se casou com ela? Foi arranjado? Algum dia se importou com ela?

– Eu fui um substituto. O noivo dela se perdeu com sua nave. Nada de corpos, nada de restos, apenas uma nave e sua tripulação desaparecida. Depois de um adequado período de luto, o pai dela abordou o meu pai. Eu era apenas um burocrata. Nunca seria igual ao encantador capitão SpaceCom de Juliana.

– Fale sobre seu pai. Ele ainda é vivo?

Horas se passaram. Ele contou sobre sua família, a propriedade no sistema estelar Grenadine. Suas irmãs. Seu irmão mais jovem. Seus passatempos, livros favoritos, preferências musicais. Ela fazia uma pergunta de vez em quando, mas principalmente escutava, cabeça pousada em seu ombro, mão acariciando seu peito. Ele falou sobre sua filha, Rohiesa, a única coisa boa que resultara do casamento.

Ele se abriu para ela. Suas esperanças e seus sonhos, suas vergonhas secretas e seus desejos mais profundos. Ela nunca julgou, apenas escutou. Apenas o fogo parecia objetar com eventuais estalos agudos quando as chamas atingiam resina.

Ao longo do mês seguinte, a necessidade que ele sentia de Sammy aumentou até o nível de um vício. Ele saía cedo do trabalho, voltava para casa ao alvorecer, quando voltava. As conversas continuavam. Ao contrário de Juliana, Sammy parecia interessada em suas teorias econômicas, bem como no nome de seu velho professor de esgrima.

Certas noites ele não conseguia vê-la. Tinha de acompanhar Juliana e Rohiesa a diversas *soirées*. A última noite começara assim, no primeiro grande baile da temporada.

* * *

As paredes e o teto do enorme salão de baile da mansão de lorde Palani pareciam ter desaparecido, substituídos pelo brilho de estrelas e o rodopio multicolorido de nebulosas. O efeito era espetacular e completamente aterrorizante. Convidados agrupados perto do centro do salão, evitando o vazio aparente ao redor deles. Isso tornava dançar difícil para aqueles que de fato queriam dançar. Lady Palani estava furiosa, o que era evidenciado pelas narinas apertadas e os lábios contraídos. Uma das jovens senhoritas Palani estava às lágrimas. As fofocas do dia seguinte seriam tomadas por conversas sobre o desastre Palani. Rohan deu seu prato vazio a um

empregado hajin de passagem e pegou uma taça de champanhe de outro. Seu anfitrião se aproximou, o rosto comprido caído em rugas ainda mais lúgubres.

Rohan fez um gesto na direção do efeito holográfico.

– É bastante... chocante.

Palani tomou um longo gole de champanhe.

– Um preço igualmente chocante, e todos estão aterrorizados. Mas elas insistiram – disse, balançando a cabeça tristemente. – Não há como dizer qual ideia louca tomará conta delas.

Rohan interpretou isso como uma referência à lady Palani e às cinco filhas do casal. Também o fez recordar de uma conversa que tivera com Sammy apenas três dias antes.

Eles estavam caminhando pelo jardim botânico real, Sammy parando com frequência para tocar e cheirar as flores. Ele adorava olhar para ela: cada gesto era um soneto, cada passo, uma canção. Ela tinha acariciado as pétalas de uma rosa e se virado para ele. Estavam de braços dados, e enquanto caminhavam ela mencionou de passagem que a filha de um amigo estava internada numa clínica discreta depois de um colapso bastante público e constrangedor num piquenique no Dia do Fundador.

Ela erguera os olhos para ele, o brilho de volta àquele olhar *estranho.*

"Está surpreso? Vocês mantêm suas mulheres confinadas e negam a elas qualquer tipo de atividade significativa. Fico surpresa que não enlouqueçam mais mulheres. Vocês não lhes dão nada para pensar ou do que falar além de família e fofocas. Nunca as deixam fazer nada além de planejar ou comparecer a festas, administrar a casa e criar filhos."

"Essa é uma programação que mataria a maioria dos homens", Rohan tinha dito numa tentativa tacanha de humor. "Provando que vocês são o sexo forte, Sammy."

"Na Terra, antes da Expansão, as mulheres eram advogadas, médicas, soldados, presidentes e capitãs de indústria."

"*E o espaço é hostil e a maioria dos planetas, difíceis e perigosos de colonizar. As mulheres são nosso bem mais precioso. Os homens podem produzir um milhão de espermatozoides, mas é preciso uma mulher para gestar e parir uma criança.*" *A voz de Rohan se elevara e ele ficara sem fôlego. Ficou pensando em sua própria veemência e na defesa do sistema. E por que ele puxara o assunto da filha de De Varga? Porque temia por sua própria Rohiesa?*

"E aqueles dias acabaram. Seu conservadorismo será a morte da Liga, Han. Os cara estavam certos sobre uma coisa. Adapte-se e mude... ou morra."

– Rohan?

– O quê? Ah, peço perdão. Estava divagando.

– Eu só estava pensando sobre os números da inflação – repetiu Palani.

– Feios, mas não vamos estragar a noite com essa conversa – disse Rohan, e se afastou.

Ele arriscou uma espiada sub-reptícia no conjunto crono na manga de seu smoking. "Quarenta minutos." Parecia que estava lá havia uma eternidade. Apenas um pouco mais e poderia escapulir e se juntar a Sammy na festa de rua em Pony Town. Imaginou os cheiros fortes de chile e carnes tostando, música passional tocada por artistas de rua, corpos se movendo em entrega selvagem à batida primal e aos acordes de violões. A música imaginada se chocava com a música de dança adorável, mas formal, oferecida pela orquestra escondida num nicho acima. Rohan pousou sua taça de champanhe e foi na direção da porta. Para o inferno com tudo aquilo, ele não podia esperar mais.

Juliana o interceptou. As lantejoulas costuradas à mão de seu vestido justo cintilavam quando ela se movia, em conjunto com o brilho dos diamantes presos em seus cachos escuros.

– Você não está indo embora, está?

– Ahn... Sim.

– Vai me trocar por aquela piranha? – perguntou, a voz se elevando, as palavras começando a superar os acordes formais da música.

– Do que você está falando? – reagiu ele, sabendo que não iria funcionar. Era um péssimo mentiroso. Apelou para a súplica. – Por Deus, não faça uma cena.

– Por que não? Você está se transformando em chacota com essa *puta* alienígena.

– Como...

– A esposa de Bret soube por ele. Ela contou à mãe. Está correndo por todo Campo Royale, e você é motivo de riso.

– Você já garantiu isso com seu desfile de amantes! – retrucou ele, finalmente dizendo em voz alta o que tinha permanecido entre eles e causado tanta dor.

– Pelo menos os meus são *humanos*.

As pessoas estavam começando a encarar. Rohan olhou para os rostos perplexos, os empregados de pés suaves, as roupas elaboradas. Tiras metálicas pareciam se apertar ao redor dele, prendendo-o com firmeza. O choro dos violões nas ruas da Cidade Velha parecia fraco e distante.

– Não – disse ele, sem saber exatamente o que estava rejeitando, mas rejeitando mesmo assim.

Ele ouviu Juliana gritando imprecações às suas costas enquanto descia trotando a escadaria curva de cristal.

Ele a encontrou na rua em meio às barracas enfeitadas com fitas que vendiam joias e cerâmicas, perfumes e echarpes. O rugido das vozes se fundia à música; gordura chiava quando as carnes caíam na grelha de madeira. Ele se colou em Sammy e enfiou a cabeça em seu ombro.

Ela acariciou o cabelo dele com uma mão delicada.

– O que aconteceu?

– Juliana sabe. Todos sabem. Eles me obrigarão a abrir mão de você – falou, e engasgou. – E eu não posso. Não posso.

– Venha – pediu ela, e, tomando sua mão, guiou-o por entre a multidão animada em que humanos e alienígenas podiam dançar e festejar juntos, talvez até mesmo se apaixonar.

Ela o levou ao seu apartamento. Preparou uma bebida. Ele bebeu de uma vez, apenas depois se dando conta de que tinha um gosto estranho. A sala começou a inchar e se afastar ao redor dele.

– Lamento, Han. Gostaria de poder ter mais algum tempo juntos.

A voz dela parecia ecoar e vir de uma distância enorme. Depois foi a escuridão.

O primeiro retorno à consciência trouxe com ele uma noção do frio de uma superfície metálica sobre costas nuas, nádegas e pernas. Ele sabia que estava nu e com frio, e que a náusea revirava suas entranhas. Sentiu mãos enluvadas pressionando seus braços e a picada de uma agulha, depois a voz de Sammy murmurando palavras calmantes e sua mão acariciando o cabelo dele. Ele mergulhou novamente na escuridão.

Um ponto brilhante de luz em seu olho foi a lembrança seguinte. A luz passou do olho direito para o esquerdo e foi desligada. Círculos concêntricos azuis e vermelhos obscureceram sua visão enquanto ele tentava ter uma visão clara após ser quase cegado. A isso se seguiu uma

pressão dura sobre as pontas dos dedos. Outra picada de agulha e ele apagou mais uma vez.

Quando acordou estava no apartamento de Sammy, deitado numa cama sem colchão, lençóis ou cobertas. Levantou da cama cambaleando e ficou de pé, oscilando, no meio do quarto. Seus olhos pareciam ressecados; lembranças desarticuladas voltaram aos poucos. Ele olhou para a dobra do cotovelo. Havia um pequeno ponto vermelho como a mordida de um inseto de aço. Suas roupas estavam jogadas numa cadeira no canto do quarto. Ele procurou nos bolsos e os encontrou vazios. Chaves, carteira e comu tinham sumido. Até mesmo seu pente e o lenço com monograma foram levados.

– Só uma piranha ladra – constatou ele, testando as palavras, depois se encolheu com os sons desconhecidos que saíam de sua garganta. Ele tinha passado de barítono para um baixo profundo. Sua garganta doía e sua boca era um deserto seco. Por isso ele soava tão estranho.

Uma pressão na bexiga o mandou ao banheiro. Enquanto se aliviava, começou a se dar conta. Todos os vestígios de Sammy sumiram. Nada de escova de dentes, nada de escova de cabelos, nada de maquiagem, nem mesmo o delicado frasco de perfume que lhe dera – tudo desaparecido. Mas se não tinha sido nada mais que um golpe, por que esperara tantos meses e passara por tantos encontros antes de roubá-lo? Ele cambaleou até a pia para lavar as mãos e o rosto, e se recuou da imagem no espelho.

Um estranho olhava para ele.

Os olhos assustados que o encaravam eram então cinza-claros. O cabelo escuro e liso, em vez de avermelhado e cacheado. Sua testa era muito mais alta, porque aquele cabelo estranho parecia estar recuando para o lado de trás de seu pescoço. Seu tom de pele era mais escuro. Nariz mais largo e bulboso na ponta. Orelhas mais coladas ao crânio. Suas orelhas verdadeiras eram bastante protuberantes. Ele olhou para baixo. Sua barriga era maior, e a marca de nascença no quadril esquerdo tinha sumido. Ele cambaleou de volta ao vaso e vomitou até estar reduzido a ânsias secas.

Gemendo, retornou à pia, enxaguou a boca e engoliu água. Depois olhou para as mãos. Sua aliança e o pesado anel de sinete com o brasão da família tinham sumido. Suas entranhas reviraram novamente, mas ele conseguiu não vomitar. De volta ao quarto, pegou suas roupas com mãos trêmulas e começou a se vestir. Por causa do aumento de peso, não

conseguiu fechar a presilha das calças, e os botões forçados de sua camisa esgarçaram o suficiente para revelar a pele.

Saiu do quarto e descobriu que a sala de estar estava igualmente sem qualquer vestígio do ocupante. Por impulso, verificou a cozinha. Todos os pratos, utensílios e comida também sumiram. Naquele aposento ele ficou mais consciente de um leve cheiro de desinfetante, como se todas as superfícies tivessem sido limpas com alvejante.

Desceu a escada e saiu para a rua, onde parou, piscando à luz do sol. Tinha perdido uma noite. Depois se deu conta do calor e da umidade na cabeça e nos ombros. Suor brotou em suas axilas e escorreu pela lateral do corpo. Era pleno verão. Quando ele fora procurar Sammy na noite do baile era uma fresca noite de outono. Bom Deus, ele tinha perdido *meses*!

Precisava ir para casa. Mas como fazer aquela jornada era algo monumental. Sem dinheiro, sem comu, sem provas de que era quem dizia ser. Nem sequer um rosto. Avaliou que devia haver por volta de trinta quilômetros entre Pony Town e Cascades e sua mansão. Não achava ser capaz de caminhar um quilômetro e meio, muito menos trinta. Mas não saberia até que tentasse. Ele se afastou do prédio. Tentou não fazer isso, mas olhou para trás diversas vezes até o reboco cor de salmão estar escondido por outras estruturas.

Duas horas depois seus pés eram uma massa de dor lancinante e ele sentia a umidade de uma bolha estourada. Viu o escudo iluminado que indicava uma delegacia de polícia e se deu conta de que era um idiota. Ele havia sido sequestrado, agredido, modificado cirurgicamente. A polícia iria ajudá-lo. Eles ligariam para sua casa. Hobb chegaria com o veículo e ele seria levado para longe de tudo aquilo. E seria dado o alerta para Sammy. Rohan engoliu bile. Era uma infelicidade, mas necessário. A criatura não merecia menos que isso. Entrou na delegacia.

– Quero registrar um crime – anunciou ao sargento na recepção.

O homem nem ergueu os olhos, simplesmente empurrou um ETablet.

– Escreva. Traga de volta quando tiver terminado.

Quando ele deu seu nome e título com seu sotaque aristocrático, o homem ficou muito mais atento. Seus olhos se estreitaram, desconfiados, enquanto estudava as roupas mal-ajambradas, mas o sargento ofereceu café e água. Seria melhor não ofender caso Rohan realmente fosse um membro das FFH.

Aplacado, Rohan se acomodou numa cadeira e digitou suas experiências. As bebidas foram trazidas e o sargento na recepção enviou o relatório a seus superiores. Alguns minutos depois chegou um capitão. Subiu ao tablado diante de Rohan e falou por cima do ombro para o funcionário no balcão.

– Você não acompanha política, não é mesmo, Johnson? Este não é o chanceler.

– Como indiquei em meu relato, minha aparência foi alterada – avisou Rohan.

– E acabei de falar com o gabinete do chanceler. Segundo John Fujasaki, ajudante do chanceler, o conde está numa reunião com o primeiro-ministro. Agora saia daqui e tente dar seu golpe em algum outro lugar.

Rohan ficou olhando para o oficial, tentando processar as palavras. Sua remoção foi levada a cabo com a chegada de dois policiais corpulentos, que o escoltaram para fora do prédio.

O pânico se instalou como uma pedra em seu peito. Rohan lutou para respirar. Ficou de pé na calçada, bloqueando o fluxo da humanidade e olhando para a delegacia. Retomou sua lenta caminhada para casa. Estava recebendo olhares estranhos por causa de seu traje noturno formal pequeno demais no meio do dia, e seu avanço manco não ajudava. Um mensageiro hajin lançou um olhar simpático. Rohan reuniu coragem e abordou o alienígena.

– Desculpe-me. Eu fui roubado e preciso dar um telefonema. Poderia usar seu comu? Se me der seu nome farei com que seja recompensado assim que tiver acesso a meus recursos.

O hajin lhe deu o comu.

– Claro – disse a criatura, baixando a cabeça, sua franja escondendo os olhos. – E você não precisa me pagar.

A súbita gentileza em meio ao pesadelo levou lágrimas aos seus olhos.

– Obrigado – falou Rohan, forçando as palavras pelo nó em sua garganta. Pegou o comu oferecido e ligou para seu número particular no Tesouro.

John atendeu.

– Escritório do chanceler, Fujasaki falando.

– John, John, escute. Estou num pesadelo. Eu acho...

– Quem está falando?

– É Rohan. Sei que parece incrível...

A linha ficou muda. Anestesiado, Rohan devolveu o comu ao hajin.

– Obrigado – disse automaticamente. Sempre se devia mostrar respeito para com os inferiores.

Ele se virou e continuou a andar.

Em casa, sequer tentou explicar a situação ao mordomo. Em vez disso empurrou o hajin idoso de lado e subiu correndo, ofegante, a comprida escadaria em curva. Atrás dele se elevavam gritos alarmados. Passou correndo pelo quarto de vestir espelhado e incrustado de ouro de Juliana. Sua empregada isanjo apertou sobre o peito um vestido de baile descartado e olhou para Rohan com olhos arregalados e assustados.

– Onde ela está? Onde está minha esposa?

A criatura voltou à sua natureza selvagem, e subiu apressadamente as cortinas para se encolher no suporte. Os grandes olhos dourados viraram na direção da porta do quarto.

Rohan passou violentamente por ela. Foi recebido pela visão de grandes costas brancas nuas, algumas sardas nos ombros. O homem se ergueu, apoiando-se nos antebraços, seu traseiro gordo oscilando numa antiga dança. Os gritos suaves de uma mulher se elevaram entre os travesseiros tombados.

Juliana abriu os olhos, olhou para Rohan e soltou um berro. O homem que estava oscilando por cima dela deu um grunhido e saiu.

– Mas que porra? – rugiu ele, e então Rohan finalmente viu seu rosto. Era ele.

– As autoridades chegaram e levaram embora o *louco*. Continuei tentando fazer com que entendessem. Que se dessem conta de que os cara colocaram um agente no próprio coração do governo. Ninguém me escutou. Mostrei a eles matérias que provavam o que o impostor estava fazendo, enviando dinheiro para empresas que eu sabia que eram fachadas para os alienígenas. Uma auditoria teria revelado quais fundos estavam faltando, tendo sido redirecionados, mas não me escutaram. Eu me dei conta de que, se queria ser um dia liberado, teria de encerrar minhas acusações. Também sabia que no sanatório eu corria um risco muito maior de ser assassinado. Eu precisava ser libertado. Assim que fui solto parti

para os mundos exteriores. Aqui eu conto a história a pessoas como você – falou Rohan, e se colocou de pé, instável. – Eu sou Rohan Danilo Marcus Aubrey, conde de Vargas, e o conclamo a agir! Informe seus superiores. Alerte-os para o perigo!

Ele pareceu ter esgotado toda a sua força no empolgado brado às armas. O bêbado despencou pesadamente em sua cadeira e sua cabeça tombou sobre o peito.

Enojado com a sua inocência e tendo investido o custo de uma garrafa, Tracy se afastou da mesa. O guincho das pernas da cadeira no piso tirou Rohan, ou qualquer que fosse seu nome, de seu estupor. O bêbado arrotou e ergueu a cabeça.

– O qu...

– Bonito. Um belo golpe. Ele – comentou Tracy, apontando com o polegar para o *bartender* – vende mais álcool, e você bebe de graça.

– O qu... – repetiu o pilantra.

– O conde de Vargas é primeiro-ministro. Segundo em poder, atrás apenas do imperador – Tracy teclava o nome no comu na manga do paletó. – *Este* é o *verdadeiro* Rohan – falou, enfiando o braço sob o nariz do homem, lhe mostrando as fotos.

Ele moveu a mão gorda num círculo indistinto, indicando seu rosto.

– Eu lhe disse. Eles roubaram meu rosto, minha vida... Minha esposa... Ele fez com que ela o amasse de novo, ou talvez o amasse pela primeira vez.

Tracy balançou a cabeça e foi na direção da porta.

– Espere! – chamou o bêbado. O jovem oficial olhou para trás e a sheerazade ébria lançou um olhar desesperado para Tracy. – Seus deveres o levarão por todo o espaço da Liga. Se você a vir, diga a ela... Diga a ela...

A voz dele estava densa com lágrimas não derramadas e um excesso de álcool.

– Eu nunca vi Sammy novamente, e preciso... Preciso... – continuou o homem, começando a soluçar. – Eu a amo. Eu a amo muito – concluiu Rohan, alquebrado.

Constrangimento, pena e fúria disputavam a primazia. Tracy escolheu a raiva. Batendo palmas lentamente, ele disse:

– Belo toque final.

O jovem oficial saiu para a escuridão. O ar frio clareou um pouco sua cabeça, mas ele ainda estava muito bêbado. Olhou para o brilho distante

do espaçoporto. Cumprir sua ameaça? Desertar? Ele tinha apenas 21 anos. Valeria a pena arriscar a forca para fugir de insultos descuidados e paternalismo desprezível? E se deu conta de que poderia muito facilmente se tornar aquele bêbado patético no bar, contando histórias fantásticas pelo preço de um drinque.

"Eu salvei a herdeira do trono de um escândalo que poderia ter abalado a Liga. Partilhamos um amor secreto. Eu sei que Mercedes de Arango, a infanta, ama a mim, o filho do alfaiate."

Mas a sua história era *verdadeira*, não como aquela coisa que ele acabara de escutar.

"E a sua história é menos fantástica?"

Não, a de Rohan – ou qualquer que fosse o nome – não podia ser verdade. Se fosse, então ele, Tracy Belmanor, segundo-tenente da Frota Imperial, conhecia um segredo que podia não apenas abalar a Liga, mas destruí-la. Olhou desconfiado para as profundezas escuras do beco à sua esquerda e não viu nada além da grande sombra de uma caçamba de lixo. Mas e se estivessem ali, escondidos em meio a eles, observando, esperando, escutando? E se decidissem que precisavam silenciá-lo?

Tracy começou a correr e não parou até ter chegado à nave. A escotilha externa se fechou e ele se apoiou, ofegante, no anteparo. Do lado de dentro de uma nave de guerra de aço e resina seu pânico diminuiu. Que tolice. A coisa toda havia sido um golpe. Sammy não existia. Os cara não estavam se escondendo em meio a eles. Os machos humanos ainda estavam no auge do poder.

Havia sido apenas uma história.

* * *

JIM BUTCHER

Autor best-seller do *New York Times*, é mais conhecido pela série "Dresden Files", cujo protagonista, Harry Dresden, é um mago de aluguel que se mete em algumas ruas bastante perigosas para combater as criaturas más do mundo sobrenatural, um dos personagens ficcionais mais populares do século XXI até agora; ele tinha até mesmo seu próprio programa de TV. Entre os livros da "Dresden Files" estão *Storm Front*, *Fool Moon*, *Grave Peril*, *Summer Knight*, *Death Masks*, *Blood Rites*, *Dead Beat*, *Proven Guilty*, *White Night*, *Small Favor*, *Turn Coat* e *Changes*. Butcher também é o autor da movimentada série de feitiçaria e espada "Codex Alera", composta de *Furies of Calderon*, *Academ's Fury*, *Cursor's Fury*, *Captain's Fury* e *Princeps' Fury*. Seus livros mais recentes são *First Lord's Fury*, nova obra da "Codex Alera", e *Ghost Story*, um romance da "Dresden Files". Há também uma coletânea de contos estrelados por Harry Dresden, *Side Jobs: Stories from the Dresden Files*. Aguarda lançamento de um novo romance "Dresden Files", *Cold Days*. Mora com a esposa, o filho e um feroz cão de guarda.

Ele chocou a todos matando Harry Dresden no final de *Changes*. (O próximo romance, *Ghost Story*, é contado do ponto de vista do fantasma de Harry!) Aqui a jovem protegida de Harry, tentando levar à frente a luta contra as forças da escuridão *sem* ele, descobre que ele ocupava um espaço muito grande, e que é melhor ela ocupá-lo *rápido* – ou morrerá.

Explosivas

Sinto falta do meu chefe.

Já se passou quase um ano desde que o ajudei a morrer, e até o momento tenho sido a única maga profissional na cidade de Chicago.

Bem, certo. Eu não sou tipo oficialmente uma maga. Ainda sou uma espécie de aprendiz. E ninguém me paga de verdade, a não ser que você leve em conta as carteiras e os objetos de valor que às vezes tiro dos corpos. Então acho que sou mais uma amadora que uma profissional. E não tenho licença de investigadora particular como meu chefe tinha, nem um anúncio na lista telefônica.

Mas sou tudo o que há. Não sou tão forte quanto ele era, nem sou tão boa quanto ele era. Apenas terei de ser o suficiente.

De qualquer modo, lá estava eu, enxaguando o sangue no chuveiro de Waldo Butters.

Eu vivia muito ao ar livre naqueles dias, o que não era de modo algum tão horrível no verão e começo do outono quanto fora no frio ártico do super-inverno anterior. Em comparação, era como dormir numa praia tropical. Ainda assim sentia falta de coisas como acesso regular a água encanada, e Waldo deixava que me limpasse sempre que precisava. Estava com o aquecedor do chuveiro no máximo, e era um paraíso. Era meio que um flagelo, um paraíso flagelante, mas ainda assim um paraíso.

O piso do chuveiro ficou vermelho por alguns segundos, depois desbotou para rosa enquanto eu lavava o sangue. Não era meu. Uma gangue de servos de fomor estava carregando um garoto de 15 anos por um beco na direção do lago Michigan. Se tivessem chegado lá ele teria enfrentado um destino pior que a morte. Eu interferi, mas aquele desgraçado do Listen preferiu cortar a garganta do menino em vez de

desistir. Tentei salvá-lo enquanto Listen e seus comparsas corriam. Fracassei. E fiquei lá com o garoto, sentindo tudo o que ele sentia, sua confusão, sua dor e seu terror, enquanto morria.

Harry não teria se sentido assim. Ele teria salvado o dia. Teria esmagado os comparsas de fomor como pinos de boliche, pegado o garoto como uma espécie de herói de filme de ação e o colocado em segurança.

Eu sentia falta do meu chefe.

Usei muito sabonete. Provavelmente chorei. Comecei a ignorar as lágrimas meses atrás, e às vezes, para ser honesta, não sabia quando estavam correndo. Assim que fiquei limpa – pelo menos fisicamente –, fiquei ali me encharcando de calor, deixando a água correr por cima de mim. A cicatriz do tiro que levei na perna ainda estava enrugada, mas a cor passara de roxo para vermelho e depois um rosa raivoso. Butters disse que sumiria em dois anos. Eu voltei a andar normalmente, a não ser quando forçava demais. Mas, poxa, minhas pernas e várias partes precisavam se reacostumar com uma lâmina descartável, mesmo com pelos louros meio claros.

Eu ia ignorá-los, mas... cuidar da aparência é importante para manter o espírito elevado. Um corpo bem cuidado para uma mente bem cuidada e tudo mais. Eu não era idiota. Sabia que não estava na minha melhor forma. Meu moral precisava de todo estímulo que pudesse ter. Eu me inclinei para fora do chuveiro e peguei o depilador rosa de plástico de Andi. Depois indenizaria a namorada lobisomem de Waldo.

Terminei mais ou menos ao mesmo tempo que a água quente acabou, saí do chuveiro e me sequei. Minhas coisas estavam numa pilha junto à porta – Birkenstocks de venda de garagem, uma velha mochila de nylon de excursionista e minhas roupas ensanguentadas. Outra muda perdida. E as sandálias tinham deixado trilhas parciais no local, então eu também teria de me livrar delas. Nesse ritmo seria obrigada a invadir outra loja de roupas usadas. Normalmente isso teria me animado, mas fazer compras não era mais o que costumava ser.

Estava examinando com cuidado a banheira e o piso em busca de pelos caídos e tudo mais quando alguém bateu na porta. Não parei de examinar o chão. No meu trabalho as pessoas podem fazer e farão coisas medonhas com restos de seu corpo deixados para trás. Não fazer a limpeza é como pedir a alguém para ferver seu sangue a vinte quarteirões de distância. Não, obrigada.

– Sim? – falei.

– Oi, Molly – disse Waldo. – Há, ahn... Há alguém aqui querendo falar com você.

Nós havíamos combinado antecipadamente muitas coisas. Se ele usasse a palavra "sensação" em algum momento da frase eu saberia que havia problemas do lado de fora da porta. Não usar significava que não havia – ou que ele não conseguia perceber perigo algum. Coloquei os braceletes e meu anel e deixei minhas duas varinhas onde pudesse pegar instantaneamente. Só então comecei a me vestir.

– Quem? – perguntei.

Ele estava se esforçando muito para não soar nervoso perto de mim. Eu apreciava seu esforço. Era algo doce.

– Diz que seu nome é Justine. Diz que você a conhece.

Eu conhecia Justine. Ela era uma serva dos vampiros da Corte Branca. Ou pelo menos assistente pessoal de um e namorada de outro. Harry sempre a tivera em boa conta, embora fosse um grande idiota no que dizia respeito a mulheres que poderiam ter o potencial de ser donzelas em apuros.

– Mas se ele estivesse aqui a ajudaria – murmurei para mim mesma.

Não limpei o vapor do espelho antes de sair do banheiro. Não queria olhar para nada ali.

Justine era alguns anos mais velha que eu, mas seu cabelo tinha ficado branco. Ela era fantástica, uma daquelas garotas que os meninos supõem ser bonitas demais para abordar. Vestia jeans e uma camisa de botões vários números maior que o dela. A camisa era de Thomas, eu tinha certeza. Sua linguagem corporal era simulada, muito neutra. Justine era tão boa em esconder suas emoções quanto qualquer um que eu já vira, mas podia sentir uma tensão contida e um medo silencioso sob a superfície serena.

Eu sou uma maga, ou alguma maldita coisa parecida com isso, e trabalho com a mente. As pessoas não conseguem esconder coisas de mim.

Se Justine estava com medo era porque temia por Thomas. Se ela tinha ido me pedir ajuda era porque não podia conseguir ajuda com a Corte Branca. Poderíamos ter uma conversa educada que levasse a essa revelação, mas nos últimos tempos eu tinha cada vez menos paciência para amenidades, então fui direto ao ponto.

– Olá, Justine. Por que deveria ajudá-la com Thomas quando a própria família dele não fará isso?

Justine arregalou os olhos. Assim como Waldo.

Eu estava me acostumando a essa reação.

– Como você sabia? – perguntou Justine em voz baixa.

Quando você entende de magia, as pessoas sempre imaginam que qualquer coisa que você faça deve ter uma ligação com isso. Harry sempre achou isso engraçado. Para ele, a magia era apenas mais um conjunto de ferramentas que a mente podia usar para solucionar problemas. A mente era a parte mais importante dessa equação.

– Isso tem importância?

Ela franziu o cenho e desviou os olhos de mim. Balançou a cabeça.

– Ele está desaparecido. Sei que saiu em algum tipo de missão para Lara, mas ela diz que não sabe nada sobre isso. Está mentindo.

– Ela é uma vampira. E você não respondeu à minha primeira pergunta – falei. As palavras saíram um pouco mais secas e duras do que tinham soado em minha cabeça. Tentei relaxar um pouco. Cruzei os braços e me apoiei numa parede. – Por que deveria ajudá-la?

Não é que planejasse não ajudá-la. Mas eu conhecia um segredo sobre Harry e Thomas que poucos outros sabiam. Eu precisava descobrir se Justine também sabia o segredo ou se teria de mantê-lo escondido dela.

Justine me olhou nos olhos por um momento. O olhar era penetrante.

– Se você não pode pedir ajuda à família, a quem poderá apelar? – respondeu ela.

Desviei os olhos antes que aquilo pudesse se transformar em um exame de alma, mas as palavras dela e a impressão geral de sua postura, sua presença, seu *eu* responderam à pergunta.

Ela sabia.

Thomas e Harry eram meio-irmãos. Ela teria pedido ajuda a Harry caso estivesse vivo. Eu era a única coisa vagamente parecida com uma herdeira de seu poder por ali, e ela esperava que estivesse disposta a fazer o mesmo que Harry.

– Aos amigos – sussurrei. – Vou precisar de alguma coisa de Thomas. Cabelos ou unhas cortadas seriam...

Ela tirou do bolso do peito da camisa uma bolsa plástica com fecho e estendeu para mim sem uma palavra. Eu me adiantei e peguei. Tinha alguns cabelos escuros dentro.

– Tem certeza de que são dele?

Justine apontou para a própria cabeleira branca como a neve.

– Não é exatamente fácil de confundir.

Ergui os olhos e descobri Butters me encarando em silêncio do outro lado da sala. Era um carinha narigudo, magro e rápido. Seus cabelos tinham sido eletrocutados e depois congelados daquele jeito. Os olhos eram firmes e preocupados. Ele cortava cadáveres para o governo, profissionalmente, mas era uma das pessoas mais informadas na cidade no que dizia respeito ao sobrenatural.

– O que é? – perguntei.

Ele estudou as palavras antes de falar – menos por ter medo de mim do que por não querer ferir meus sentimentos. Era o oposto da maioria das pessoas naqueles dias.

– Isso é algo no que você deveria se envolver, Molly?

O que ele queria me perguntar era se eu estava sã. Se iria ajudar ou apenas piorar muito as coisas.

– Não sei – respondi honestamente. Olhei para Justine e falei: – Espere aqui.

Depois peguei minhas coisas, os fios de cabelo e saí.

A primeira coisa que Harry Dresden me ensinou sobre magia foi um feitiço de rastreamento.

– É um princípio simples, garota. Estamos criando uma ligação entre duas coisas semelhantes com energia. Depois fazemos com que a energia nos dê alguma espécie de indicador, para que possamos saber em que direção está fluindo.

– O que vamos encontrar? – perguntei.

Ele ergueu um pelo grisalho bastante grosso e apontou na direção de seu cachorro, Mouse. Ele deveria se chamar Moose. O gigantesco mastim tibetano peludo era do tamanho de um alce.

– Mouse – disse Harry. – Suma e vamos ver se conseguimos encontrá-lo.

O grande cachorro bocejou e caminhou simpaticamente até a porta. Harry o deixou sair e então foi se sentar junto a mim. Estávamos na sala de estar. Duas noites antes eu me jogara sobre ele. Nua. E ele virara uma jarra de água gelada em minha cabeça. Eu ainda estava mortificada, mas ele estava certo. Era a coisa certa a fazer. Ele sempre fazia a coisa certa,

mesmo que isso significasse sair perdendo. Eu ainda queria muito ficar com ele, mas talvez ainda não fosse o momento certo.

Tudo bem. Eu podia ser paciente. E ainda queria ficar com ele de um modo diferente quase todos os dias.

– Certo – falei quando ele se sentou. – O que faço?

* * *

Desde aquele dia, o feitiço se tornara rotina ao longo dos anos seguintes. Eu o usava para encontrar pessoas perdidas, lugares secretos, meias sumidas e em geral para meter meu nariz onde provavelmente não era chamada. Harry teria dito que isso fazia parte de ser um mago. Ele estava certo.

Parei no beco diante do apartamento de Butters e desenhei um círculo no concreto com um pequeno pedaço de giz cor-de-rosa. Fechei o círculo com pouca força de vontade, tirei um dos fios da bolsa plástica e o ergui. Concentrei a energia do feitiço, juntando seus diferentes elementos em minha cabeça. Quando começamos, Harry me deixara usar quatro objetos diferentes, me ensinando como ligar ideias a eles, para representar as distintas peças do feitiço, mas aquele tipo de coisa não era necessário. A mágica inteira acontece dentro da cabeça do mago. Você pode usar elementos cenográficos para simplificar as coisas, e em feitiços complexos eles fazem toda a diferença entre o impossível e o meramente quase impossível. Mas para aquele eu não precisava mais dos elementos cenográficos.

Juntei as diferentes partes do feitiço em minha cabeça, uni-as, dotei-as de uma moderada força de vontade e então, com uma palavra murmurada, liberei aquela energia no fio em meus dedos. Depois, coloquei o pelo em minha boca, rompi o círculo de giz raspando o pé e me levantei.

Harry sempre usava um objeto como indicador em seus feitiços de rastreamento – seu amuleto, uma bússola ou algum tipo de pêndulo. Eu não quis ferir os sentimentos dele, mas esse tipo de coisa também não era realmente necessário. Eu podia sentir a magia passando pelo fio, fazendo cócegas suaves em meus lábios. Peguei uma bússola de plástico barata e uma linha de giz de três metros. Eu a dispus e estalei para marcar o norte magnético.

Depois peguei a extremidade solta da linha e virei lentamente, até que a sensação de formigamento estivesse centrada em meus lábios. Lábios geralmente são partes do corpo muito sensíveis, e descobri que lhe dão a melhor resposta tátil para esse tipo de coisa. Assim que soube em qual direção Thomas estava, orientei a linha de giz para esse rumo, me assegurei de que estava firme e estalei novamente, produzindo uma forma de V extremamente alongada, como a ponta de uma agulha gigantesca. Medi a distância na base do V.

Depois virei noventa graus, caminhei quinhentos passos e repeti o processo.

Prometa que não vai contar ao meu professor de matemática do ensino médio, mas depois disso me sentei e apliquei a trigonometria à vida real.

A matemática não era difícil. Eu tinha os dois ângulos medidos em relação ao norte magnético. Tinha a distância entre eles em unidades de passos de Molly. Passos de Molly não são muito científicos, mas para os objetivos daquela aplicação em particular eles eram suficientemente práticos para calcular a distância até Thomas.

Usando essas ferramentas simples eu não podia ter uma medida precisa o suficiente a ponto de saber qual porta derrubar, mas sabia então que ele estava relativamente perto – num raio de seis ou oito quilômetros, em oposição ao Polo Norte ou algo assim. Eu me desloco muito pela cidade, pois um alvo móvel é muito mais difícil de encontrar. Provavelmente percorria três ou quatro vezes mais que isso em um dia comum.

Teria de chegar muito mais perto antes de poder definir sua localização com mais precisão. Então, virei meus lábios na direção do formigamento e comecei a caminhar.

Thomas estava em um pequeno prédio de escritórios em um grande terreno.

O prédio tinha três andares, não era enorme, embora estivesse em meio a estruturas muito maiores. O lote que ocupava era grande o bastante para conter algo muito maior. Em vez disso, a maior parte era ocupada por gramado e jardim impecáveis, com direito a fontes e uma cerca de ferro forjado muito pequena e modesta. O prédio em si tinha muita pedra e mármore em seu projeto, e havia mais classe em suas cornijas que as torres próximas tinham na estrutura inteira. Era ao mesmo tempo

grandioso e modesto; naquele quarteirão parecia um único pequeno diamante perfeito exposto em meio a potes gigantescos de pedras artificiais.

Não havia placas do lado de fora. Não havia uma entrada evidente além de um conjunto de portões protegidos por homens de ternos escuros e aparência competente. Ternos escuros caros. Se os guardas podiam vestir aquilo para trabalhar significava que o dono daquele prédio tinha dinheiro. Muito dinheiro.

Contornei o prédio para ter certeza e senti a energia do feitiço de rastreamento confirmar a localização de Thomas; mas embora tivesse tido o cuidado de ficar no lado mais distante da rua, alguém do lado de dentro me notou. Podia sentir os olhos de um guarda me acompanhando, mesmo por trás dos óculos escuros. Talvez devesse ter feito a aproximação inicial sob um véu – mas Harry sempre fora contra usar magia a não ser quando verdadeiramente necessário, e era fácil demais começar a usá-la para todas as coisinhas caso você se permitisse.

De certa forma, sou melhor com o "como" da magia do que Harry. Mas aprendi que posso não ser tão inteligente quanto ele no que diz respeito ao "por quê".

Entrei numa Starbucks próxima, comprei um copo de vida líquida e comecei a pensar em como entrar. Minha língua estava me dizendo tudo sobre como eu tinha uma grande capacidade de julgamento quando senti a presença de poder sobrenatural se aproximando rapidamente.

Não entrei em pânico. O pânico mata você. Em vez disso, me virei suavemente sobre um calcanhar e saí por um corredor curto que levava a um pequeno banheiro. Entrei, fechei a porta atrás de mim e tirei as varinhas do bolso. Verifiquei o nível de energia em meus braceletes. Ambos estavam prontos para serem usados. Meus anéis também estavam totalmente carregados, o que era o mais próximo do ideal que as coisas poderiam estar.

Então organizei os pensamentos, sussurrei uma palavra e desapareci.

Véus são magia complexa, mas eu tinha um dom para eles. Ficar verdadeira e completamente invisível era uma grande dificuldade: fazer a luz passar por você era literalmente uma fria, pois deixava você morrendo de frio, e, além do mais, cega como um morcego. Mas não ser vista era uma proposta diferente. Um bom véu iria reduzir sua visibilidade a pouco mais que algum ar tremulando, algumas sombras vagas onde não deveriam

estar, só que produzia mais do que isso. Criava uma sensação de banalidade no ar ao redor, uma aura de tediosa falta de emoção que você sente num trabalho do qual não gosta por volta de três e meia da tarde. Assim que essa sugestão é combinada com um perfil visível bem reduzido, permanecer sem chamar atenção era, por fim, tão fácil quanto respirar.

Enquanto eu desaparecia naquele véu, também invoquei uma imagem, outra combinação de ilusão e sugestão. Era simples: eu, como tinha aparecido no espelho um instante antes, limpa e aparentemente alerta, segurando um copo de bondade fresca. A sensação que acompanhava isso era apenas um tipo de dose pesada de mim: o som de passos e movimento, o cheiro do xampu de Butters, o aroma de café saindo do meu copo. Eu amarrei a imagem a um dos anéis em meus dedos e a deixei lá, usando a energia que eu havia estocado numa pedra de feldspato. Depois me virei e, com minha imagem sobreposta ao meu corpo real como um terno feito de luz, saí da cafeteria.

Uma vez do lado de fora a evasão foi uma manobra simples, como todas as boas são. Minha imagem virou à esquerda e eu virei à direita.

Para qualquer um que olhasse, uma jovem acabara de sair da loja e fora andando pela rua com seu café. Estava aproveitando o dia. Eu tinha colocado um pouco mais de balanço nos movimentos da imagem, para que chamasse muito mais atenção (e fosse, portanto, uma melhor distração). Ela continuaria andando por aquela rua por um quilômetro e meio ou mais antes de desaparecer.

Enquanto isso a verdadeira eu entrou silenciosamente num beco e observou.

Minha imagem não tinha avançado cem metros quando um homem com suéter preto de gola rulê saiu de um beco e começou a segui-la – um servo de fomor. Aqueles cretinos estavam por toda parte, como baratas, só que mais repulsivos e difíceis de matar.

Só que... aquilo tinha sido fácil demais. Um servo não teria disparado todos os meus alarmes instintivos. Eles eram fortes, rápidos e duros, sem dúvida, mas não mais do que muitas outras criaturas. Não tinham muito poder mágico; se tivessem, os fomor nunca os deixariam sair, para começar.

Havia mais alguma coisa ali. Algo que me queria distraída, observando o aparente servo seguir a aparente Molly. E se algo me conhecia bem o bastante para criar aquele tipo de diversão a fim de chamar minha atenção,

então me conhecia bem o bastante para me encontrar, mesmo sob meu véu. Era realmente limitado o número de pessoas que podiam fazer isso.

Deslizei uma das mãos para dentro da minha mochila de nylon e saquei minha faca, a baioneta M9 do exército que meu irmão levara para casa do Afeganistão. Desembainhei a lâmina pesada, fechei os olhos e me virei rapidamente com a faca em uma das mãos e meu café na outra. Levantei a tampa do copo com o polegar e lancei o líquido num amplo arco mais ou menos à altura do peito.

Ouvi um engasgo, me virei para ele, abri os olhos e fui na direção da origem do som, erguendo a faca no ar diante de mim num ponto um pouco mais alto do que o nível do meu coração.

O aço da lâmina de repente explodiu com um clarão ao perfurar um véu que pairava no ar a poucos centímetros de mim. Avancei rapidamente através do véu, empurrando a ponta da faca diante de mim na direção da forma de repente revelada. Era uma mulher, mais alta que eu, vestindo roupas esfarrapadas (sujas de café), mas com seu comprido cabelo selvagem solto e agitado pelo vento. Ela se virou para um lado, desequilibrando-se, até seus ombros tocarem a parede de tijolos do beco.

Eu não me detive, lançando a lâmina na direção de sua garganta – até que no último instante uma mão branca e magra se ergueu e segurou meu pulso, rápida como uma serpente, porém mais forte e mais fria. Meu rosto chegou a poucos centímetros do dela enquanto eu apoiava a base de uma das mãos na faca e me apoiava ligeiramente nela – o suficiente para contrabalançar sua força, mas não o suficiente para me desequilibrar caso ela fizesse um movimento rápido. Ela era magra e adorável, mesmo em farrapos, com grandes olhos verdes oblíquos e uma estrutura óssea perfeita que só podia ser encontrada em meia dúzia de modelos – e em todas as sidhe.

– Olá, titia – disse eu numa voz equilibrada. – Não é gentil se esgueirar por trás de mim. Especialmente hoje em dia.

Ela segurou meu peso sobre si com um braço, embora não fosse fácil. Havia uma tensão em sua voz melodiosa.

– Criança – disse, suspirando. – Antecipou minha aproximação. Caso não a tivesse detido, terias cravado ferro frio em minha carne, me causando agonias indizíveis. Terias derramado meu sangue da vida sobre o chão – falou, e arregalou os olhos. – Terias me matado.

– Sim, eu teria – concordei, afável.

Sua boca se estendeu num largo sorriso, os dentes delicadamente pontudos.

– Eu te ensinei bem.

Depois ela girou com uma graça leve e fluida, para longe da lâmina e ficando de pé a uma boa distância de mim. Eu a observei e baixei a faca, mas não a guardei.

– Não tenho tempo para lições agora, tia Lea.

– Não estou aqui para te ensinar, criança.

– Também não tenho tempo para jogos.

– Nem eu vim aqui para fazer jogos contigo – disse a leanansidhe –, mas para te dar um alerta: tua arte não é segura aqui.

Ergui uma sobrancelha para ela.

– Uau. Céus.

Ela inclinou a cabeça em tom de reprovação, e sua boca afinou. Os olhos passaram por mim para olhar o beco, e ela deu uma rápida espiada atrás de si. Sua expressão mudou. Ela não perdeu a superioridade satisfeita que sempre animava seus traços, mas a reduziu bem e baixou a voz.

– Fazes piadas, criança, mas estás em grande perigo; assim como eu. Não devíamos ficar aqui – falou, pousando os olhos em mim. – Se desejas enfrentar este inimigo, se vais recuperar o irmão de meu afilhado, há coisas que preciso te dizer.

Estreitei os olhos. A fada madrinha de Harry assumira como minha mentora quando Harry morreu, mas não era uma das fadas boas. Na verdade, era a segunda em comando de Mab, a rainha do Ar e da Escuridão, e um ser sedento de sangue e perigoso que dividia seus inimigos em duas categorias: aqueles que estavam mortos e aqueles que ela ainda não tivera o prazer de matar. Nunca soube que ela sabia sobre Harry e Thomas, mas isso não me chocou.

Lea era uma criatura assassina e cruel – mas até onde eu sabia, nunca tinha mentido para mim. Tecnicamente.

– Venha – disse a leanansidhe. Ela se virou e caminhou vigorosamente até a extremidade mais distante do beco, reunindo um simulacro e um véu enquanto seguia, para se esconder da atenção.

Eu olhei para trás na direção do prédio onde Thomas estava sendo mantido, trinquei os dentes e a segui, fundindo meu véu ao dela ao sairmos.

Caminhamos pelas ruas de Chicago sem sermos vistas por milhares de olhos. Todas as pessoas pelas quais passamos deram alguns passos a mais para nos evitar, sem realmente pensar nisso. É importante implantar uma sugestão de desvio desse tipo quando você está numa multidão. Não faz sentido não ser visto se dezenas de pessoas continuam a esbarrar em você.

– Diga-me, criança – falou Lea, de repente abandonando seu dialeto arcaico. Ela fazia isso às vezes quando estávamos sozinhas. – O que sabe sobre svartalves?

– Pouco. Eles são do norte da Europa. Pequenos e vivem em subterrâneos. São os melhores artesãos mágicos da terra. Harry comprava coisas deles sempre que podia, mas não eram baratas.

– Que secura – comentou a fada feiticeira. – Você soa como um livro, criança. Livros com frequência têm pouca relação com a vida – falou, seus intensos olhos verdes brilhando enquanto se virava para observar uma jovem com uma criança passar por nós. – O que *sabe* sobre eles?

– São perigosos – respondi em voz baixa. – Muito perigosos. Os antigos deuses nórdicos costumavam ir até eles em busca de armas e armaduras, e não tentavam combatê-los. Harry disse ficar contente por nunca ter lutado contra um svartalf. Também são honrados. Assinaram os Acordos de Unseelie e os cumpriram. Têm reputação de selvagens quando isso envolve a proteção dos seus. Não são humanos, não são gentis e apenas um idiota os contraria.

– Melhor – julgou a leanansidhe. Depois acrescentou, de modo casual: – Tola.

Eu olhei para trás na direção do prédio que havia encontrado.

– Aquilo é propriedade deles?

– Sua Fortaleza, o centro de seus negócios mortais, aqui na grande encruzilhada – respondeu Lea. – Do que mais se lembra sobre eles?

Eu balancei a cabeça.

– Ahn. Uma das deusas nórdicas teve suas joias roubadas...

– Freya – esclareceu Lea.

– E o ladrão...

– Loki.

– É, ele. Ele colocou no prego com os svartalves ou algo assim, e foi bem difícil conseguir de volta.

– Impressionante como é possível ser tão vago e tão preciso ao mesmo tempo – disse Lea.

Eu fiz uma careta.

Lea franziu o cenho para mim.

– Você conhecia a história muito bem. Você estava... me provocando, como dizem.

– Eu tive uma boa professora na aula de deboche – retruquei. – Freya foi pegar seu colar de volta e os svartalves estavam dispostos a isso; mas apenas se ela concordasse em beijar cada um deles.

Lea jogou a cabeça para trás e riu.

– Criança, lembre-se de que muitas das antigas histórias foram traduzidas e transcritas por eruditos bastante pudicos – disse Lea em tom de malícia.

– O que quer dizer?

– Que os svartalves muito certamente não concordaram em abrir mão de uma das joias mais valiosas do universo por um simples beijo.

Eu pisquei duas vezes e senti um calor nas faces.

– Quer dizer que ela teve de...

– Precisamente.

– *Todos* eles?

– De fato.

– Uau. Eu gosto de brincar como todo mundo, mas isso é um pouco além do limite. Bastante além. Quero dizer, não dá nem para *ver* o limite.

– Talvez. Imagino que isso dependa do quanto alguém precisa recuperar algo dos svartalves.

– Ahn. Você está dizendo que eu preciso fazer algo do tipo para conseguir tirar Thomas de lá? Porque... isso não vai acontecer.

Lea mostrou os dentes em outro sorriso.

– Moralidade é algo divertido.

– Você faria isso?

Lea pareceu ofendida.

– Por alguém? Certamente não. Você tem alguma ideia de qual obrigação isso implica?

– Ahn. Não exatamente.

– Isso não é escolha minha. Você precisa se fazer a seguinte pergunta: sua consciência limpa é mais valiosa para você que a vida do vampiro?

– Não. Mas deve haver outro modo.

Lea pareceu pensar nisso por um momento.

– Svartalves amam a beleza. Eles a cobiçam do modo como um dragão anseia por ouro. Você é jovem, adorável e... Acredito que a expressão seja "um tesão". A troca de seus favores pelo vampiro, uma transação objetiva, é quase certamente um sucesso, supondo que ele continue vivo.

– Podemos chamar isso de Plano B. Ou talvez Plano X. Ou Plano XXX. Por que não posso invadir e tirá-lo de lá?

– Criança – censurou a leanansidhe. – Os svartalves são muito habilidosos na Arte, e esta é uma de suas fortalezas. Eu não conseguiria tentar tal coisa e sair com vida. – Lea inclinou a cabeça e me lançou um daqueles olhares esquisitos que me davam arrepios. – Você quer resgatar Thomas ou não?

– Eu gostaria de estudar minhas opções.

A fada feiticeira deu de ombros.

– Então, a aconselho a fazer isso o mais rápido possível. Caso ele ainda esteja vivo, Thomas Raith pode estar em suas últimas horas.

Eu abri a porta do apartamento de Wald, fechei, trancando-a atrás de mim.

– Eu o encontrei.

Quando me virei na direção da sala, alguém me deu um tapa forte no rosto.

Não foi um tapa do tipo "Ei, acorde". Foi um golpe de mão aberta, um que teria doído de verdade caso desferido com o punho cerrado. Cambaleei para o lado, chocada.

A namorada de Waldo, Andi, cruzou os braços e me encarou com olhos estreitos por um momento. Era uma garota de peso mediano, mas lobisomem, e tinha o corpo de uma modelo que estava pensando em entrar para a luta profissional.

– Oi, Molly.

– Oi – respondi. – E... Ai.

Ela ergueu um depilador de plástico rosa.

– Vamos ter uma conversinha sobre limites.

Algo feio em algum lugar bem no fundo de mim exibiu suas garras e ficou tenso. Era a parte de mim que queria alcançar Listen e fazer coisas envolvendo pregos de ferrovias e ralos no chão. Todos têm isso dentro de si, em algum lugar. É necessário que aconteçam coisas muito horríveis para despertar esse tipo de selvageria, mas está dentro de todos nós. É a

parte de nós que causa atrocidades sem sentido, que transforma a guerra num inferno.

Ninguém quer conversar sobre isso ou pensar sobre isso, mas eu não podia me permitir esse tipo de ignorância intencional. Nem sempre fui assim, mas depois de um ano combatendo os fomor e o subterrâneo soturno do mundo sobrenatural de Chicago, eu me tornei outra pessoa. Essa parte de mim estava desperta e ativa, e constantemente colocando minhas emoções em conflito com minha racionalidade.

Mandei essa parte de mim se calar e colocar a bunda na cadeira.

– Certo – falei. – Mas depois. Estou meio ocupada.

Comecei a passar por ela para entrar na sala, mas ela me deteve colocando a mão sobre meu ombro e me empurrando para trás sobre a porta. Ela não pareceu ter tentado, mas bati na madeira com força.

– Agora é bom.

Em minha imaginação, cerrei os punhos e contei até cinco num berro furioso. Estava certa de que Harry nunca tivera de lidar com esse tipo de absurdo. Não tinha tempo a perder, mas também não queria começar algo violento com Andi. Iria ter de suportar um inferno se começasse uma briga. Eu me permiti o prazer de ranger os dentes, respirei fundo e anuí.

– Certo. O que está passando pela sua cabeça, Andi?

Não acrescentei as palavras "sua vagabunda", mas pensei nelas realmente alto. Eu deveria ser uma pessoa mais gentil.

– Este apartamento não é seu – disse Andi. – Você não pode entrar e sair daqui sempre que lhe dá na telha, sem se importar com a hora, ou com o que está acontecendo. Já parou para pensar no que está fazendo com Butters?

– Não estou fazendo nada com Butters – retruquei. – Só estou usando o chuveiro.

A voz de Andi se tornou mais cortante.

– Você veio para cá hoje coberta de sangue. Não sei o que aconteceu, mas quer saber? Não me importa. Só o que me importa é que tipo de problemas você pode causar para as outras pessoas.

– Não houve problema. Olhe, vou comprar outra lâmina descartável para você.

– Isto não é sobre propriedade ou dinheiro – devolveu Andi. – Isto é sobre respeito. Butters está à sua disposição sempre que precisa de ajuda, e

você nem mesmo lhe agradece por isso. E se fosse seguida até aqui? Tem ideia das confusões em que ele poderia se meter por ajudá-la?

– Não fui seguida.

– Hoje – retrucou Andi. – E quanto à próxima vez? Você tem poder. Pode lutar. Eu não tenho o que você tem, mas até mesmo eu posso lutar. Butters não pode. Vai usar o chuveiro de quem se o próximo sangue sobre você for o dele?

Cruzei os braços e desviei os olhos de Andi. Em alguma parte do meu cérebro eu sabia que ela tinha razão, mas esse raciocínio estava em segundo plano, bem distante, atrás da minha repentina ânsia de estapeá-la.

– Olhe, Molly – continuou ela, sua voz se tornando mais gentil. – Sei que as coisas não têm sido fáceis para você ultimamente. Desde que Harry morreu. Quando o fantasma dele apareceu. Sei que não foi divertido.

Simplesmente fiquei olhando para ela, sem falar. Nem fácil nem divertido. Essa era uma forma de descrever aquilo.

– Há algo que eu acho que você precisa ouvir.

– O que é?

Andi se inclinou para a frente e falou, cortante:

– Supere.

O apartamento ficou muito silencioso por um momento, e meu interior não ficou. Aquela parte feia de mim começou a se tornar cada vez mais alta. Fechei os olhos.

– As pessoas morrem, Molly – continuou Andi. – Elas partem. E a vida continua. Harry pode ter sido o primeiro amigo que você perdeu, mas não será o último. Entendo que esteja sofrendo. Entendo que esteja tentando ocupar o lugar de alguém realmente grande. Mas isso não lhe dá o direito de abusar da boa natureza das pessoas. *Muitas* pessoas estão sofrendo, caso não tenha notado.

Caso eu não tivesse notado. Deus, eu faria absolutamente *tudo* para conseguir não perceber a dor das pessoas. Não viver a dor por elas. Não sentir seu eco horas ou dias depois. A parte feia de mim, a parte obscura do meu coração, queria abrir um canal psíquico para Andi e *mostrar* a ela o tipo de coisa pela qual eu passo regularmente. Deixar que *ela* veja como iria gostar da minha vida. E então veríamos se depois ela seria tão superior. Seria errado, mas...

Inspirei lentamente. Não. Harry uma vez me disse que você sempre sabe quando está prestes a justificar a tomada de uma decisão ruim. É

quando começa a usar frases como “Seria errado, mas...”. Seu conselho era deixar a conjunção adversativa fora da frase: “Seria errado.” Ponto final.

Então, não fiz nada imprudente. Não deixei que o tumulto crescente dentro de mim saísse.

– O que exatamente gostaria que eu fizesse?

Andi expirou e fez um gesto vago com a mão.

– Só... Tire a cabeça do próprio umbigo, garota. Eu não estou sendo irracional, considerando que meu namorado lhe deu uma chave da porra do apartamento dele.

Eu pisquei uma vez com isso. Uau. Eu realmente nem pensara nessa decisão do Butters. Romance e conflito romântico não eram prioridades em minha lista. Andi não tinha nada com que se preocupar nesse sentido... Mas acho que ela não tinha conhecimento suficiente das emoções das pessoas para se dar conta disso. Agora eu tinha um nome para algumas das preocupações que ela tinha. Ela não estava com ciúmes, mas tinha consciência do fato de que eu era uma mulher jovem que um monte de homens achava atraente, e que Waldo era um homem.

E ela o amava. Eu também podia sentir isso.

– Pense nele – pediu Andi em voz baixa. – Por favor. Apenas... tente cuidar dele do modo como ele toma conta de você. Telefone antes. Se você entrasse coberta de sangue na próxima noite de sábado ele teria que explicar aos pais uma coisa muito esquisita.

Eu teria sentido as presenças desconhecidas dentro do apartamento antes de chegar perto o suficiente para tocar na porta. Mas não fazia sentido dizer isso a Andi. Não era culpa dela não entender de verdade o tipo de vida que eu levava. Ela não merecia morrer por isso, não importando a opinião de minha sith interior.

Eu tive de fazer escolhas com minha cabeça. Meu coração estava partido demais para ser confiável.

– Vou tentar – falei.

– Certo.

Por um segundo, os dedos da minha mão direita tremeram, e senti a parte feia de mim prestes a lançar o poder sobre a outra mulher, cegá-la, deixá-la surda, afogá-la em vertigem. Lea me mostrara como. Mas controlei a ânsia de atacar.

– Andi.

– Sim?

– Não bata em mim novamente a não ser que pretenda me matar.

Não disse isso como uma ameaça, exatamente. Era apenas porque eu tendia a reagir por instinto quando as coisas começavam a ficar violentas. A turbulência psíquica desse tipo de conflito não me fazia tombar gritando de dor, mas tornava difícil pensar com clareza em meio ao rugido furioso da minha versão malvada. Se Andi me batesse de novo daquele jeito... Bem, eu não estava certa de como iria reagir.

Não sou insana como o Chapeleiro Maluco. Estou bastante certa. Mas estudar sobrevivência com alguém como tia Lea deixa você pronto para se proteger, não para jogar limpo com os outros.

Ameaça ou não, Andi estava acostumada a confronto, e não recuou.

– Se eu não achar que você precisa de um bom tapa na cara, não darei um.

Waldo e Justine tinham ido comprar o jantar para viagem e voltaram uns dez minutos depois. Nós nos sentamos para comer enquanto eu explicava a situação.

– Svartalfheim – murmurou Justine. – Isso... Isso não é bom.

– São aqueles caras noruegueses, certo? – perguntou Butters.

Contei a eles entre garfadas de frango com laranja, transmitindo o que aprendera com a leanansidhe. Houve um silêncio depois disso.

– Então... – disse Andi depois de um momento. – O plano é chupá-lo de lá?

Eu olhei feio para ela.

– Só estou perguntando – reagiu Andi num tom leve.

– Eles nunca venderiam – falou Justine, a voz baixa, tensa. – Não esta noite.

Olhei para ela.

– Por que não?

– Eles fecharam uma aliança hoje. Haverá uma celebração esta noite. Lara foi convidada.

– Qual aliança? – perguntei.

– Um pacto de não agressão – respondeu Justine. – Com os fomor.

Eu senti meus olhos se arregalando.

A situação com os fomor só continuava a piorar. Chicago não era nem de longe a cidade mais assolada do mundo, e ainda assim eles tinham transformado as ruas num pesadelo até para aqueles com talentos mágicos

modestos. Eu não tinha acesso ao tipo de informação como na época em que trabalhava com Harry e o Conselho Branco, mas ouvira coisas por intermédio da Paranet e outras fontes. Os fomor eram uma espécie de time dos sonhos de caras maus, os sobreviventes, rejeitados e vilões de uma dúzia de panteões diferentes que desapareceram muito tempo atrás. Eles se reuniram sob o estandarte de um grupo de seres conhecidos como fomor, e permaneceram quietos por muito tempo – na verdade por mil anos.

Naquele momento, eles estavam em ação – e mesmo interesses poderosos como Svartalfheim, a nação dos svartalves, saíam do caminho.

Uau, eu não era maga o suficiente para lidar com aquilo.

– Lara deve ter mandado Thomas lá por alguma razão – argumentou Justine. – Para roubar informações, para prejudicar a aliança de algum modo. Alguma coisa. Invasão já seria bastante ruim. Se ele foi capturado espionando...

– Eles farão uma demonstração – falei em voz baixa. – Farão dele um exemplo.

– A Corte Branca não poderia resgatá-lo? – perguntou Waldo.

– A Corte Branca buscar a devolução de um dos seus seria como admitir que enviou um agente para criar confusão com Svartalfheim – respondi. – Lara não pode fazer isso sem produzir sérias repercussões. Ela irá negar que a invasão de Thomas tenha qualquer coisa a ver com ela.

Justine se levantou e caminhou pela sala, o corpo tenso.

– Temos de ir. Temos de fazer alguma coisa. Eu pagarei o preço; pagarei dez vezes o preço. Temos de *fazer* alguma coisa!

Dei mais umas mordidas no frango com laranja, pensando.

– Molly! – chamou Justine.

Olhei para o frango. Gostava do modo como o molho de laranja contrastava com o verde profundo do brócolis e os contornos brancos suaves do arroz. As três cores produziam um complemento agradável.

– Eles cobiçam a beleza como um dragão cobiça ouro – murmurei.

Butters pareceu sacar o fato de que eu estava pensando em algo. Recostou na cadeira e continuou comendo de uma caixa de *noodles*, os palitinhos precisos. Ele sequer precisava olhar para usá-los.

Andi sacou um segundo depois e inclinou a cabeça para o lado.

– Molly? – perguntou.

– Eles vão dar uma festa esta noite. Certo, Justine? – perguntei.

– Sim.

Andi anuiu, impaciente.
– O que vamos fazer?
– Vamos às compras – anunciei.

Eu sou meio que moleca. Não porque não goste de ser menina ou algo assim, porque em geral acho isso bastante doce. Mas gosto de viver ao ar livre, de atividades físicas, de aprender coisas, ler coisas e construir coisas. Eu nunca mergulhei fundo no mundo feminino que envolve ser uma menina. Andi era um pouco melhor nisso que eu. O fato de que sua mãe não a criara do modo como a minha me criara era responsável por isso. Em minha casa, maquiagem era para ir à igreja e para mulheres de moral duvidosa.

Eu sei, eu sei: o mundo se atola em contradições. Eu tinha problemas muito antes de me envolver com magia, podem acreditar.

Não estava certa de como realizar o que precisávamos a tempo de ir para a festa, mas assim que expliquei do que precisávamos, descobri que, no que dizia respeito a ser feminina, Justine estava no comando.

Em minutos um carro nos pegou e levou para um salão de beleza exclusivo no Loop, onde Justine sacou um cartão de crédito branco e sem qualquer marca. Cerca de vinte pessoas – conselheiros de figurino, cabeleireiros, maquiadores, alfaiates e técnicos de acessórios – entraram em ação e nos equiparam para a missão em pouco menos de uma hora.

Eu não consegui me desviar do espelho dessa vez. Tentei olhar objetivamente para a jovem nele, como se fosse outra pessoa, e não aquela que ajudara a matar o homem que amava e que tinha depois falhado com ele ao impedir que mesmo seu fantasma fosse destruído em sua determinação de proteger os outros. Aquela vagabunda merecia ser atropelada por um trem ou algo assim.

A garota no espelho era alta e tinha cabelos louros naturais presos com palitos chineses pretos reluzentes. Ela parecia magra, talvez até demais, mas tinha muito tônus muscular para ser uma viciada em anfetamina. O pretinho que vestia fazia com que cabeças se virassem. Parecia um pouco cansada, mesmo com a maquiagem de um especialista. Era bonita – se você não a conhecesse e não olhasse demais para o que acontecia em seus olhos azuis.

Uma limusine branca parou para nos pegar e consegui cambalear até ela sem tropeçar.

– Ai, meu Deus – disse Andi quando entramos. A ruiva esticou os pés e os sacudiu. – Eu adoro esses sapatos! Se tiver de virar loba e comer o rosto de alguém vou chorar por deixar isto para trás.

Justine sorriu para ela, mas depois olhou pela janela, seu rosto adorável distante, preocupado.

– São apenas sapatos.

– Sapatos que fazem minhas pernas e minha bunda parecerem fantásticas! – completou Andi.

– Sapatos que machucam – falei. Minha perna machucada podia estar curada, mas circular naqueles aparelhos de tortura pontudos era um movimento novo, e uma dor constante subia pela minha perna na direção do quadril. A última coisa de que precisava era que cãibras me jogassem no chão como acontecia ao caminhar. Qualquer sapato com um salto daquela altura devia vir com a própria rede de proteção. Ou paraquedas.

Estávamos indo com modelos parecidos: vestidinhos pretos elegantes, gargantilhas pretas e escarpins pretos que anunciavam nossa esperança de não passar muito tempo de pé. Cada uma de nós também tinha uma pequena carteira italiana de couro preto. Eu colocara na minha a maior parte de meu equipamento mágico. Todas nós estávamos com os cabelos presos em estilos que variavam um pouco. Havia pinturas renascentistas falsificadas que não tinham recebido tanta atenção do artista quanto nossos rostos.

– Você só precisa praticar andar com eles – disse Justine. – Tem certeza de que isto vai funcionar?

– Claro que vai – falei calmamente. – Você já esteve em boates, Justine. Nós três juntas furaríamos a fila em qualquer lugar da cidade. Somos um conjunto combinado de gostosas.

– Como as garotas de Robert Palmer – comentou Andi secamente.

– Eu tinha pensado nas Panteras – falei. – Ah, e por falar nisso.

Abri a certeira e tirei um cristal de quartzo do tamanho do meu polegar.

– Bosley, consegue me ouvir?

Um segundo depois, o cristal vibrou em meus dedos e ouvimos a voz fraca de Waldo saindo dele.

– Alto e claro, panteras. Acha que isso vai funcionar assim que tiverem entrado?

– Depende de quão paranoicos eles são – respondi. – Se forem paranoicos, terão defesas instaladas para cortar qualquer comunicação mágica. Se forem paranoicos homicidas, terão defesas instaladas que nos deixarão falar para que possam nos ouvir e depois nos matarão.

– Divertido – concluiu Butters. – Certo, estou com o bate-papo da Paranet. Se isso vale alguma coisa, a mente coletiva está acionada.

– O que descobriu? – perguntou Andi.

– Eles parecerão humanos – respondeu Waldo. – Suas formas reais são... Bem, há controvérsias, mas o consenso básico é que eles parecem alienígenas.

– Ripley ou Roswell? – perguntei.

– Roswell. Mais ou menos. Mas podem vestir formas de carne, como os vampiros da Corte Vermelha faziam. Então, tenham consciência de que estarão disfarçados.

– Mais alguma coisa? – perguntei.

– Não muito. Só há histórias demais circulando para se ter certeza de alguma coisa. Eles poderiam ser alérgicos a sal. Podem ser obsessivo-compulsivos de uma forma sobrenatural e surtar se você colocar sua roupa pelo avesso. Podem virar pedra se expostos ao sol.

Eu grunhi.

– Não custava nada tentar. Certo. Mantenha a discussão e voltarei a falar com você se puder.

– Ok – falou ele. – Marci acabou de chegar aqui. Vou levar o laptop e estaremos esperando por vocês no lado leste do prédio quando estiverem prontas para ir. Como você está, Andi-liciosa?

– Fabulosa – respondeu Andi, confiante. – A barra desses vestidos termina a menos de três centímetros de vagabunda ninfomaníaca.

– Alguém tire uma foto – pediu ele, alegre, mas pude ouvir a preocupação em sua voz. – Vemos vocês logo.

– Não corra nenhum risco – falei. – Vejo você logo.

Guardei o cristal e tentei ignorar o frio na barriga.

– Isto não vai dar certo – murmurou Justine.

– Isto vai dar certo – falei a ela, mantendo o tom confiante. – Vamos entrar direito. A Prateleira estará conosco.

Justine me encarou com uma sobrancelha erguida.

– “A Prateleira”?

– A Prateleira é mais que apenas peitos, Justine – expliquei, sóbria. – É um campo de energia criado por todos os peitos vivos. Ele nos cerca, penetra em nós e mantém a galáxia unida.

Andi começou a rir.

– Você é maluca.

– Mas maluca funcional – corrigi, e me ajustei para projetar um pouco mais. – Simplesmente abandone seu eu consciente e aja por instinto.

Justine me lançou um olhar vazio por um segundo. Depois, o rosto desanuviou e ela soltou um risinho.

– A Prateleira estará conosco?

Eu não consegui conter um sorriso.

– Sempre.

A limusine entrou numa fila de veículos semelhantes que deixava pessoas à entrada da fortaleza svartalf. Um valete abriu nossa porta, eu lancei as pernas para fora e tentei sair do carro sem pagar calcinha para todo mundo ali. Andi e Justine me seguiram e comecei a andar com confiança na direção da entrada com as outras duas me flanqueando. Nossos calcanhares estalavam quase em uníssono, e de repente senti todos os olhos ali se virando na nossa direção. Uma nuvem de pensamentos e emoções rolou em reação à nossa presença – principalmente prazer, com uma mistura de desejo, lascívia explícita, inveja, ansiedade e surpresa. Doía sentir tudo aquilo raspando o interior da minha cabeça, mas era necessário. Não senti nenhuma hostilidade explícita ou violência imediata, e o instante de alerta que eu poderia ter entre sentir a intenção de um agressor e o momento da agressão poderia salvar nossas vidas.

Um segurança à porta nos observou enquanto nos aproximávamos, e pude sentir a descomplicada atração sexual se agitando dentro dele. Mas ele manteve isso fora do rosto, da voz e do corpo.

– Boa noite, damas. Posso ver seus convites?

Ergui uma sobrancelha para ele, lancei o que esperava ser um sorriso sedutor e tentei curvar as costas um pouco mais. Usar a Prateleira tinha funcionado antes.

– Você não precisa ver nossos convites.

– Ahn – ele reagiu. – Senhorita... Eu meio que preciso.

Andi se adiantou ao meu lado e lançou a ele um sorriso de gata que me fez odiá-la um pouco só por um segundo.

– Não precisa, não.

– Ahn – ele repetiu. – É. Ainda preciso.

Justine se adiantou do outro lado. Ela parecia mais doce que sensual, mas por pouco.

– Tenho certeza de que foi apenas um equívoco. Não poderia perguntar ao seu supervisor se poderíamos ir à recepção?

Ele nos encarou por um longo momento, hesitante. Depois uma das mãos foi até o rádio ao lado do corpo e o ergueu até a boca. Um instante depois, um homem pequeno e magro em terno de seda saiu de dentro do prédio. Deu uma longa olhada em nós.

O interesse que eu sentira no guarda fora bastante normal. Havia sido apenas uma fagulha, a reação instintiva de qualquer macho a uma fêmea desejável.

O que estava emanando naquele momento do cara novo era... era mais como fogos de artifício. Queimava mil vezes mais quente e brilhante, e *não* parava de queimar. Eu já sentira lascívia e desejo nos outros antes. Aquilo era tão mais profundo e amplo que simples lascívia que não acho que exista uma palavra para definir. Era... uma ânsia enorme e inumana, fundida a um amor feroz e ciumento, temperado com atração sexual e desejo. Era como ficar de pé próximo a um pequeno sol, e de repente entendi o que tia Lea havia tentado me contar.

Fogo é quente. Água é molhada. E svartalves anseiam por garotas bonitas. Eles não podem mudar sua natureza do mesmo jeito que não poderiam mudar o curso das estrelas.

– Senhoritas – disse o cara novo, sorrindo para nós. Era um sorriso encantador, mas ao mesmo tempo havia algo distante e perturbador em seu rosto. – Por favor, esperem apenas um momento enquanto alerto meu outro funcionário. Ficaríamos honrados caso se juntassem a nós.

Ele se virou e entrou no prédio.

Justine me olhou de lado.

– A Prateleira pode ter uma influência poderosa sobre os de mente fraca – falei.

– Eu me sentiria melhor caso ele não tivesse saído com uma citação de Darth Vader – suspirou Andi. – Ele tinha um cheiro estranho. Ele era...

– É – sussurrei de volta. – Um deles.

O homem de terno de seda reapareceu, ainda sorrindo, e abriu a porta para nós.

– Senhoritas – repetiu ele. – Eu sou o sr. Etri. Por favor, entrem.

* * *

Nunca em toda a minha vida eu vira um lugar mais opulento que o interior da fortaleza dos svartalves. Não em revistas, não no cinema.

Havia toneladas de granito e mármore. Paredes com pedras preciosas e semipreciosas incrustadas. Luminárias feitas do que parecia ser ouro maciço, e os interruptores leves pareciam esculpidos em marfim delicado. Seguranças colocados a cada seis ou nove metros, de pé em posição de sentido como aqueles caras do lado de fora do palácio de Buckingham, só que sem os chapéus altos. A luz vinha de todos os lugares e de lugar nenhum, transformando todas as sombras em coisas finas e leves, sem se tornar brilhante demais para os olhos. A música pairava no ar, alguma coisa clássica, antiga, toda de cordas e sem batidas de tambor.

Etri nos conduziu por dois corredores até um salão de baile que era uma enorme catedral. Era absolutamente palaciano ali – na verdade, eu estava certa de que o salão não deveria *caber* no prédio em que entramos – e estava cheio de pessoas de aparência cara, vestindo roupas de aparência cara.

Esperamos na entrada enquanto Etri parava para falar com outro segurança. Aproveitei o momento para passar os olhos pelo salão. O lugar não estava de modo algum lotado, mas havia muitas pessoas lá. Reconheci duas celebridades, pessoas que você identificaria se lhe dissesse seus nomes. Havia algumas das sidhe, sua habitual perfeição física assombrosa reduzida a uma mera beleza exótica. Localizei o cavalheiro Johnnie Marcone, chefe da associação de Chicago, com seu gorila Hendricks e sua bruxa de ataque pessoal gard flutuando ao redor. Havia um bom número de pessoas que eu tinha certeza de que não eram pessoas; eu podia sentir a percepção borrada no ar ao redor delas como se estivessem isoladas de mim por uma fina cortina de água em queda.

Mas não vi Thomas.

– Molly – sussurrou Justine, quase inaudível. – Ele...

O feitiço de rastreamento que eu concentrara em meus lábios ainda estava funcionando, um leve formigamento me dizia que Thomas estava perto, bem no interior do prédio.

– Ele está vivo – confirmei. – Está aqui.

Justine estremeceu e respirou fundo. Piscou lentamente, uma vez, o rosto não revelando nada enquanto fazia isso. Mas senti na presença dela a onda de alívio e terror simultâneos, uma repentina explosão de emoção que cobrava dela que gritasse, fugisse ou caísse em lágrimas. Ela não fez nada disso, e desviei os olhos dela para lhe dar a ilusão de que não notara seu quase colapso nervoso.

No centro do salão de baile havia uma pequena plataforma elevada de pedra com alguns degraus levando a ela. Sobre a plataforma, um pilar do mesmo material. Pousado nele uma pilha grossa de papéis e uma fileira organizada de canetas-tinteiro. Havia um tom solene e cerimonial no modo como estava montado.

Justine também olhava para aquilo.

– Tem de ser ele.

– O tratado?

Ela anuiu.

– Os svartalves são muito metódicos em seus negócios. Irão concluir o tratado à meia-noite. Sempre fazem isso.

Andi tamborilou o dedo no quadril, pensativa.

– E se algo acontecesse ao tratado antes? Quero dizer, se alguém derramasse uma taça de vinho nele ou algo assim? Isso chamaria atenção, aposto; talvez desse a duas de nós uma chance de ir mais fundo.

Eu balancei a cabeça.

– Não. Somos convidadas aqui. Você entende?

– Ahn. Na verdade, não.

– Os svartalves são antiquados – expliquei. – *Realmente* antiquados. Se quebrarmos a paz quando eles nos convidaram para seu território, estaremos violando nosso direito de convidadas e os desrespeitando como anfitriões; explicitamente, na frente de toda a comunidade sobrenatural. Eles irão reagir... mal.

– Então, qual é nossa próxima jogada? – quis saber Andi.

Por que as pessoas insistem em me perguntar isso? Todos os magos têm de passar por isso? Eu fiz essa pergunta a Harry uma centena de vezes, mas nunca me dei conta de como era duro ouvi-la. Mas Harry sempre sabia o que fazer. Tudo o que eu fazia era improvisar desesperadamente e torcer pelo melhor.

– Justine, você conhece alguns dos personagens aqui?

Como assistente pessoal de Lara Raith, Justine entrava em contato com muitas pessoas e não exatamente pessoas. Lara tinha tantas mãos em tantas cumbucas que eu nem podia brincar sobre isso, e Justine via, ouvia e pensava muito mais do que qualquer um reconhecia nela. A garota de cabelos brancos estudou o salão, os olhos escuros passando de um rosto para outro.

– Vários.

– Certo. Quero que circule e veja o que consegue descobrir – falei. – Fique de olhos abertos. Se os vir mandando o esquadrão de feras atrás de nós, pegue o cristal e nos avise.

– Certo – sussurrou Justine. – Cuidado.

Etri retornou e sorriu de novo, embora seus olhos permanecessem estranha e perturbadoramente sem expressão. Fez um gesto de mão e um homem de smoking deslizou na nossa direção com uma bandeja de bebidas. Nós nos servimos e também Etri. Ele ergueu a taça, brindando.

– Senhoritas, sejam bem-vindas. À beleza.

Nós o ecoamos e todos bebemos. Mal deixei meus lábios tocarem o líquido. Era champanhe do bom. Borbulhava, e mal senti o álcool. Não estava preocupada com venenos. Etri deixara que escolhêssemos nossos copos antes de pegar o seu.

Na verdade, eu estava mais preocupada com o fato de que deixara de considerar a possibilidade de envenenamento e de observar Etri atentamente enquanto nos servia. É paranoia se preocupar com coisas assim? No momento me pareceu razoável.

Cara, talvez eu seja mais perturbada do que achei ser.

– Por favor, desfrutem da recepção – disse Etri. – Temo que terei de insistir em uma dança com cada uma de vocês, jovens adoráveis, quando o tempo e o dever permitirem. Quem será a primeira?

Justine deu a ele um sorriso banhado em Prateleira e ergueu a mão. Se você torcesse meu braço eu lhe diria que Justine com certeza era a garota mais bonita de nosso trio, e Etri concordava. Seus olhos se aqueceram por um instante antes de tomar a mão de Justine e conduzi-la para a pista de dança. Eles desapareceram na multidão em movimento.

– Eu não daria conta dessa coisa de salão de baile de qualquer modo – disse Andi. – Nem de longe tenho rebolado suficiente. Hora da próxima jogada?

– Hora da próxima jogada – respondi. – Venha.

Liguei o “siga o formigamento em meus lábios” e as duas seguimos para os fundos do salão de baile, onde portas levavam ainda mais para o interior da instalação. Não havia guardas junto às portas, mas à medida que chegamos mais perto os passos de Andi começaram a desacelerar. Ela olhou para o lado, onde havia uma mesa de lanches, e a vi virando nessa direção.

Eu a peguei pelo braço e falei:

– Espere. Para onde está indo?

– Ahn... Para ali?

Eu projetei meus sentidos e senti a trama sutil de magia no ar ao redor da passagem, fina como teia de aranha. Era uma espécie de véu, projetado para desviar para qualquer outra coisa no salão a atenção de qualquer um que se aproximasse da passagem. Isso fez a mesa de lanches parecer mais saborosa. Se Andi tivesse visto um cara ele teria parecido muito mais bonito do que realmente era.

Eu convivi com uma fada feiticeira poderosa lançando véus e encantos sobre mim por quase um ano, fortalecendo minhas defesas mentais, e alguns meses antes passara por doze assaltos no ringue de boxe psíquico com um campeão necromante peso-pesado. Eu sequer notara a suave trama mágica se chocando contra meus escudos mentais.

– É um encantamento – expliquei. – Não permita que isso a tire do caminho.

– O quê? – reagiu ela. – Não sinto nada. Só estou com fome.

– Você não sentiria. É como funciona. Segure na minha mão e feche os olhos. Confie em mim.

– Se eu ganhasse um centavo para cada vez que uma noite ruim começou com uma frase dessas – murmurou ela. Mas colocou a mão na minha e fechou os olhos.

Eu a conduzi na direção da passagem e a senti ficar paulatinamente mais tensa – mas então passamos e ela soltou a respiração ruidosamente, abrindo os olhos.

– Uau. Isso pareceu... Absolutamente nada.

– É assim que você reconhece um encanto de qualidade. Se você não sabe que ele o pegou, não consegue lutar contra.

O corredor no qual estávamos parecia muito com o de qualquer prédio comercial. Tentei a porta mais próxima e vi que estava trancada. Assim

como as duas seguintes, mas a última era uma sala de reuniões vazia, e deslizei para dentro.

Tirei o cristal da minha carteira.

– Bosley, consegue me ouvir? – perguntei.

– Alto e claro, panteras – respondeu a voz de Waldo. Nenhum de nós usava nomes reais. Os cristais eram seguros, mas um ano com os truques sujos de Lea sendo característica diária da vida me ensinou a não fazer muitas suposições.

– Conseguiu aquelas plantas baixas?

– Há uns noventa segundos. Os donos do prédio arquivaram tudo na prefeitura em três cópias, incluindo eletrônicas, para as quais estou olhando agora, gentileza da mente coletiva.

– Vantagem, nerds – falei. – Diga a eles que mandaram bem, Boz.

– Direi. Essas pessoas que estão visitando são minuciosas, panteras. Tomem cuidado.

– Quando não sou cuidadosa? – retruquei.

Andi assumira posição de guarda junto à parede perto da porta, onde poderia agarrar qualquer um que a abrisse.

– Falando sério?

Não consegui conter um pequeno sorriso.

– Acho que nosso cordeiro perdido está na ala do prédio a oeste do salão de recepções. O que tem lá?

– Ahn... Escritórios, aparentemente. Segundo andar, mais escritórios. Terceiro andar, mais escri... Ôpa.

– O que você descobriu?

– Um cofre – disse Waldo. – Aço reforçado. Enorme.

– Ah, um cofre de aço reforçado? Vinte pratas que é uma masmorra. Começamos por lá.

– O que quer que seja, fica no porão. Deve haver escadas levando para baixo no final do corredor que sai do salão de recepções.

– Bingo – falei. – Continue ligado, Bosley.

– Continuarei. Sua carruagem aguarda.

Guardei o cristal e comecei a colocar meus anéis. Juntei todos, depois, ao pensar em pegar as varinhas, me dei conta de que não poderia levá-las nas duas mãos enquanto carregava a carteira.

– Sabia que deveria ter escolhido a bolsa carteiro – murmurei.

– Com esse vestido? – reagiu Andi. – Está brincando?

– Sério – falei, pegando o cristal e o enfiando no decote, colocando as varinhas uma em cada mão e anuindo para Andi. – Se é um cofre ou uma masmorra, haverá guardas. Vou dificultar que eles nos vejam, mas poderemos ter de correr.

Andi baixou os olhos para os sapatos e deu um sorriso sofrido. Depois os descalçou e tirou o pretinho. Não estava usando nada por baixo. Fechou os olhos por um segundo, e então sua forma pareceu ficar borrada e derreter. Pelo que me contaram lobisomens não fazem dramáticas transformações dolorosas, a não ser na primeira vez. Isso pareceu tão natural quanto um ser vivo dando uma volta e se sentando. Num momento, Andi estava ali e no seguinte havia um grandioso lobo de pelo castanho avermelhado sentado onde ela estivera.

Era uma magia muito legal. Um dia desses, eu teria de descobrir como aquilo era feito.

– Não derrame sangue a não ser que seja absolutamente necessário – avisei, tirando meus sapatos torturantes. – Vou tentar tornar isso rápido e indolor. Se houver problemas, não matar alguém será muito bom com os svartalves.

Andi bocejou para mim.

– Pronta? – perguntei.

Andi balançou sua cabeça lupina numa anuência firme e decidida. Eu lancei ao redor de nós a magia de ocultação do meu véu de primeira categoria e a luz de repente diminuiu, as cores sendo drenadas do mundo. Seria quase impossível nos ver. E qualquer um que chegasse a uns quinze metros de nós desenvolveria um repentino desejo de um pouco de introspecção, questionando seus rumos na vida de modo tão profundo que praticamente não havia chance de que fôssemos detectadas desde que permanecêssemos em silêncio.

Com Andi andando bem ao meu lado, saímos para o corredor. Encontramos a escada, e abri a porta para ela lentamente. Não fui na frente. Nada é melhor do que ter um lobisomem como guia, e eu trabalhara com Andi e seus amigos com frequência suficiente no ano anterior para que nossos movimentos se tornassem rotina.

Andi foi na frente, se deslocando em absoluto silêncio, as orelhas erguidas, o nariz retorcendo. Lobos têm um olfato inacreditável. A audição também. Se houvesse alguém por perto, Andi sentiria. Depois de quinze minutos tensos ela se sentou, me dando o sinal de que estava tudo limpo.

Fui até ela e projetei meus sentidos, procurando mais defesas mágicas ou encantamentos. Havia meia dúzia no primeiro lance da escada – coisas simples, o equivalente na feitiçaria a armadilhas com cabos.

Felizmente, tia Lea me mostrara como superar encantamentos como aqueles. Eu me concentrei e modifiquei nosso véu, depois anuí para Andi e começamos a descer a escada devagar. Passamos pelos campos de magia invisíveis sem perturbá-los e chegamos ao porão.

Verifiquei a porta ao pé da escada e descobri que estava destrancada.

– Isto está parecendo fácil demais – murmurei. – Se é uma prisão, não deveria estar trancada?

Andi deu um rosnado baixo e pude sentir concordância e desconfiança. Minha boca continuava a coçar, ainda mais forte. Thomas estava perto.

– Acho que não há muita escolha aqui – falei, abrindo a porta, lenta e silenciosamente.

A porta não se abriu para nenhum tipo de masmorra. Também não se abriu para revelar um cofre. Em vez disso, Andi e eu nos vimos olhando para um corredor comprido tão opulento quanto aqueles acima, com grandes portas decoradas generosamente espalhadas ao longo dele. Cada porta tinha um número simples, gravado no que parecia ser prata pura. Uma iluminação muito reduzida fora colocada estrategicamente no comprimento, deixando-o numa penumbra confortável.

O rosnado baixo de Andi se transformou em um barulhinho confuso, e ela inclinou a cabeça para um lado.

– É – concordei, perplexa. – Parece... Um hotel. Há até mesmo um cartaz na parede mostrando rotas de fuga de incêndio.

Andi deu uma sacudidela na cabeça e senti o suficiente de suas emoções para compreender o significado.

"Que porra é essa?"

– Eu sei. Isto é... Alojamento para os svartalves? Acomodações de convidados?

Andi ergueu os olhos para mim e moveu as orelhas.

"Por que está me perguntando? Eu nem consigo falar."

– Sei que não consegue. Só estou pensando em voz alta.

Andi piscou, as orelhas se virando na minha direção, e me olhou de esguelha.

"Você me ouviu?"

– Eu não exatamente a ouvi, apenas... entendi você.

Ela se afastou um pouco de mim.

"Justo quando pensei que você não poderia se tornar mais esquisita e perturbadora."

Dei um sorriso maliciosamente largo e os olhos insanos que costumava usar para assustar meus irmãos e minhas irmãs.

Andi bufou e então começou a farejar o ar. Eu a observei com atenção Seus pelos eriçaram e a vi se agachar.

"Há coisas aqui. Cheiros demais para isolar. Algo familiar, e não no bom sentido."

– Thomas está perto. Venha.

Avançamos, e mantive o rosto virado para a fonte de cócegas de meu feitiço de rastreamento. Ele começou a virar para a direita, e quando chegamos à porta do quarto 6 o formigamento de repente passou para o canto da minha boca até eu me virar para encarar a porta de frente.

– Aqui, no 6.

Andi olhou para os dois lados do corredor, os olhos inquietos, as orelhas tentando girar em todas as direções.

"Não gosto disso."

– Fácil demais – sussurrei. – Isto está fácil demais.

Estiquei a mão na direção da maçaneta e parei. Minha cabeça me dizia que aquela situação era errada. Assim como meus instintos. Se Thomas era um prisioneiro sendo mantido por Svartalfheim, então onde estavam as celas, as correntes, os cadeados, as barras, os guardas? E se não estava sendo mantido contra sua vontade... O que ele *estava* fazendo ali?

Quando você se vê numa situação que não faz sentido algum, normalmente é por uma razão: você tem informações ruins. Você pode receber informações ruins de diversas formas. Às vezes, você está errado sobre o que aprendeu. Com maior frequência, e ainda mais perigoso, sua informação é ruim porque fez uma suposição equivocada.

A pior de todas é quando alguém dá a informação errada a você deliberadamente – e, como um idiota, você confia e a recebe sem hesitar.

– Titia – murmurei. – Ela me *enganou*.

Lea não me mandara para dentro do prédio para resgatar Thomas – ou pelo menos não apenas para isso. Também não era uma porra de coincidência que tivesse me ensinado como superar especificamente a segurança mágica que os svartalves estavam usando. Ela tivera outro objetivo ao me colocar ali naquela noite.

Repassei de cabeça a nossa conversa. Nada que ela me contara era uma mentira, e tudo havia sido moldado para me fazer chegar à conclusão errada – a de que Thomas devia ser resgatado e que eu era a única que faria isso. Eu não sabia por que a leanansidhe achava que eu precisava estar onde estava, mas ela certamente garantira que chegasse ali.

– Aquela *vaca* dissimulada, enganosa e traiçoeira. Quando eu a pegar vou...

Andi de repente soltou um rosnado muito baixo, e calei a boca no mesmo instante.

A porta da escada se abriu e o desgraçado do Listen e vários golas rulê começaram a seguir pelo corredor na nossa direção.

Listen era um homem magro e em forma, de altura mediana. Tinha o cabelo cortado à escovinha, a pele era clara e os olhos escuros pareciam duros e inteligentes. Os lobos e eu tentamos derrotá-lo várias vezes, mas ele sempre conseguia escapar ou virar a mesa e nos fazer fugir. Caras maus violentos são muito maus. Caras maus violentos com recursos, impiedosos, profissionais e *inteligentes* são muito pior. Listen era um dos últimos e eu odiava suas entranhas viscosas.

Ele e seus lacaios vestiam o uniforme padrão dos servos dos fomors: calças pretas, sapatos pretos e um suéter preto de gola rulê. A gola rulê cobria as guelras dos dois lados dos pescoços, de modo que eles podiam se fazer passar por mortais. Eles não eram, ou pelo menos não mais. Os fomor os modificaram, tornando-os mais fortes, rápidos e totalmente imunes à dor. Eu nunca antes conseguira montar uma emboscada de sucesso, e naquele momento uma acabara de cair bem no meu colo. Eu estava com toda *gana* para vingar o sangue que lavara do meu corpo naquele dia mais cedo.

Mas os servos tinham mentes bizarras e continuavam se tornando mais bizarros. Era uma maldita dificuldade tentar entrar em suas cabeças do modo como eu iria precisar, e se meu primeiro ataque fracassasse num espaço apertado como aquele, aquela turma faria a mim e a Andi em pedaços.

Então, trinquei os dentes. Coloquei a mão no pescoço de Andi e apertei levemente enquanto me agachava ao lado dela, me concentrando no véu. Eu tinha de reduzir a sugestão de introspecção. Listen quase me matara alguns meses antes quando notou um encanto semelhante alterando o rumo de seus pensamentos. Aquilo foi assustador para cacete, mas desde então

melhorei. Fechei os olhos e girei as teias mais leves e finas de sugestão que meus dons conseguiam manipular, ao mesmo tempo apertando ainda mais o véu ao redor de nós. A luz no corredor baixou para quase nada, e o ar sobre minha pele se tornou mais frio.

Eles se aproximaram, Listen no comando, caminhando com um objetivo rápido e silencioso. O filho da puta passou a pouco mais de meio metro de mim. Eu poderia ter esticado a mão e tocado nele.

Nenhum deles parou.

Eles seguiram pelo corredor até o quarto 8, e Listen enfiou uma chave na porta. Abriu, e ele e os colegas começaram a entrar no quarto.

Aquela era uma oportunidade que eu não podia deixar passar. A despeito de todo o terror que os fomor tinham trazido ao mundo desde a extinção da Corte Vermelha, ainda não sabíamos como faziam o que faziam. Não sabíamos o que queriam, ou como pensavam que seus atos de então lhes dariam isso.

Então, me movi com todo o silêncio que o ano anterior me ensinara da forma mais difícil e segui a fila de servos que entrava na câmara. Depois de um segundo assustado, Andi se juntou a mim, também silenciosa. Nós nos esgueiramos pela porta antes que se fechasse.

Ninguém olhou para nós enquanto chegávamos a uma suíte de palácio, mobiliada tão ricamente quanto o resto do prédio. Além da meia dúzia de golas rulê no grupo de Listen, outros cinco estavam de pé no quarto em posição de guarda, costas esticadas, braços cruzados atrás.

– Onde ele está? – perguntou Listen a um guarda ao lado de uma porta. O guarda era o maior gola rulê ali, com um pescoço parecendo um hidrante.

– Dentro – respondeu o guarda.

– Está quase na hora – disse Listen. – Informe a ele.

– Ele deixou ordens para não ser perturbado.

Listen pareceu pensar nisso por um momento.

– Uma falta de pontualidade irá invalidar o tratado e tornar impossível a nossa missão. Informe a ele.

O guarda fechou a cara.

– O senhor deixou ordens de...

O tronco de Listen avançou num movimento repentino, tão rápido que só consegui vê-lo *como* movimento. O guarda grande soltou um sibilo

súbito e um grunhido, e sangue escorreu de repente de sua garganta. Ele cambaleou um passo, se virou para Listen e ergueu a mão.

Depois, estremeceu e desabou no chão, sangue jorrando de um enorme ferimento irregular no pescoço.

Listen soltou um pedaço de carne do tamanho de uma bola de beisebol dos dedos nus ensanguentados e se curvou para limpá-los no suéter do gola rulê morto. O sangue não se destacou sobre o preto. Ele se empertigou novamente e depois bateu na porta.

– Meu senhor. É quase meia-noite.

Fez isso mais uma vez após exatos sessenta segundos.

E repetiu mais três vezes antes que uma voz pastosa respondesse.

– Deixei ordens para não ser perturbado.

– Perdoe-me, meu senhor, mas o momento se aproxima. Se não agirmos nossos esforços terão sido por nada.

– Não cabe a você presumir quais ordens podem ou não podem ser ignoradas – disse a voz. – Execute o idiota que permitiu que meu sono fosse perturbado.

– Já foi feito, meu senhor.

Houve um grunhido menos áspero do outro lado da porta, e um momento depois ela se abriu, e pela primeira vez eu vi um dos senhores dos fomor.

Era um ser alto e extremamente emaciado, mas de algum modo não magro. Suas mãos e seus pés eram grandes demais, e sua barriga se projetava como se contivesse uma bola de basquete. As bochechas também eram exageradas, o maxilar inchado como se tivesse caxumba. Os lábios eram largos demais, grossos demais e com aparência de borracha. Os cabelos pareciam achatados demais, escorridos demais, como algas que o mar acabou de jogar na praia, e no conjunto parecia uma espécie de sapo venenoso comprido. Vestia apenas um cobertor jogado sobre os ombros. Eca.

Havia três mulheres no quarto atrás dele, nuas, espalhadas e mortas. Cada uma tinha hematomas roxos vívidos ao redor da garganta e olhos vítreos abertos.

Todos os gola rulê se jogaram no chão súplices quando o fomor entrou, embora Listen tivesse apenas baixado sobre um joelho.

– Ele está aqui? – perguntou o fomor.

– Sim, meu senhor – respondeu Listen. – Juntamente com seus dois guarda-costas.

O fomor guinchou uma risadinha e esfregou as mãos de dedos chatos.

– Arrivista mortal. Chamando a si mesmo de barão. Ele vai pagar pelo que fez ao meu irmão.

– Sim, meu senhor.

– Ninguém pode assassinar minha família a não ser eu.

– Claro, meu senhor.

– Traga-me a concha.

Listen se curvou e fez um gesto de cabeça para os outros golas rulê. Eles foram até outra porta e depois saíram carregando entre eles uma concha de ostra que devia pesar meia tonelada. A coisa era monstruosa e coberta com uma casca de corais, cracas ou seja lá o que for aquelas coisas que crescem nos cascos dos navios. Tinha quase dois metros de diâmetro. Os golas rulê a colocaram no chão no meio da sala.

O fomor foi até a concha, tocou-a com uma das mãos e murmurou uma palavra. Instantaneamente brotou uma luz sobre toda a sua superfície, se curvando e retorcendo em padrões ou talvez letras que eu nunca vira antes. O fomor ficou de pé acima dela por um tempo, uma das mãos esticadas, olhos bulbosos apertados, dizendo algo numa língua sibilante e borbulhante.

Eu não sabia o que ele estava fazendo, mas movimentava muita energia, o que quer que fosse. Eu podia senti-la tomando o ar da câmara, fazendo-a parecer mais apertada e de algum modo mais difícil de respirar.

– Meu senhor? – perguntou Listen de repente. – O que está fazendo?

– Um presente para nossos novos aliados, é claro – respondeu o fomor. – Não posso aniquilar os svartalves juntamente com todos os outros. Não ainda.

– Isso não está de acordo com os planos da imperatriz.

– A imperatriz me disse que eu não devia machucar nossos novos aliados – cuspiu o fomor. – Não disse nada sobre a ralé choramingas frequentando seus festejos.

– Os svartalves valorizam muito a sua honra – argumentou Listen. – O senhor irá envergonhá-los caso seus convidados sejam machucados enquanto desfrutam de sua hospitalidade, meu senhor. Isso poderia destruir o sentido da aliança.

O fomor cuspiu. Um bolo de uma substância amarelada semelhante a muco caiu no chão perto dos pés de Listen. Ela chiou e estalou sobre o piso de mármore.

– Assim que o tratado estiver assinado, estará feito. Meu presente será dado a eles nos momentos seguintes: pouparei suas vidas infelizes. E se o resto da ralé se voltar contra os svartalves eles não terão escolha a não ser se voltar para *nós* e nossa força – explicou, com um risinho satisfeito. – Não tema, Listen. Não sou tolo de destruir um dos animaizinhos preferidos da imperatriz, mesmo que por acidente. Você e os seus irão sobreviver.

Eu de repente reconheci o som de tenor da energia que se acumulava na concha gigantesca no chão, e meu coração quase parou.

Cacete.

O senhor Sapo tinha feito uma bomba.

Tipo, bem *ali*.

– Minha vida pertence a meus senhores, a ser gasta como eles desejarem, meu senhor – falou Listen. – Tem mais alguma instrução?

– Confisque dos mortos todos os tesouros que puder antes de partirmos.

Listen baixou a cabeça.

– Quão eficaz prevê que seu presente será?

– Aquele que eu preparei para a Corte Vermelha no Congo foi suficientemente mortal – recordou o senhor Sapo, com um tom satisfeito na voz.

Meu coração acelerou ainda mais. Durante sua guerra contra o Conselho Branco, a Corte Vermelha usara algum tipo de gás dos nervos num hospital que cuidava de magos feridos. A arma matara dezenas de milhares de pessoas numa cidade muito menor e menos lotada do que Chicago.

Meus pés nus pareceram pequenos e frios.

O senhor Sapo grunhiu e agitou os dedos, e a concha-bomba desapareceu, escondida por um véu tão bom quanto qualquer coisa que eu pudesse fazer. O lorde fomor baixou a mão de repente, sorrindo.

– Traga minhas roupas.

Os golas rulê vestiram lorde Sapo no que poderia ser o manto de maior mau gosto na história dos mantos. Múltiplas cores dançavam sobre ele em padronagens como ondas na água, mas pareciam aleatórias, se chocando umas com as outras. Era bordado com pérolas, algumas delas grandes

como bolas de pingue-pongue. Depois disso, colocaram em sua cabeça um círculo à guisa de coroa, e então lorde Sapo e companhia foram para a porta.

Eu me agachei o mais distante possível, quase sob o frigobar, com Andi se encolhendo ao meu lado, segurando apertado meu véu. Lorde Sapo passou bem ao meu lado, com os golas rulê caminhando em fila de dois atrás dele, seus movimentos precisos e uniformes – até que um da última dupla parou, a mão mantendo a porta aberta.

Era Listen.

Seus olhos varreram a sala lentamente, e ele franziu o cenho.

– O que é? – perguntou o outro gola rulê.

– Sente cheiro de alguma coisa? – perguntou Listen.

– Como o quê?

– Perfume.

Ah, bosta.

Fechei os olhos e me concentrei freneticamente em minha sugestão, adicionando toques de ansiedade, tentando mantê-la fina demais para que Listen captasse.

– Eu nunca gostei realmente de perfume. Não deveríamos ficar tão distante do senhor – respondeu o outro gola rulê.

Listen escutou um momento mais antes de anuir e começar a sair.

– Molly! – disse a voz de Justine claramente no cristal enfiado no vestido. – Miss Gard surtou há uns dois minutos e levou Marcone daqui. A segurança está agitada.

Algumas vezes, acho que minha vida é toda sobre momentos errados.

Listen deu meia-volta na nossa direção imediatamente, mas Andi foi mais rápida. Ela decolou do piso em um salto de três metros e se jogou contra a porta, fechando-a com todo o peso de seu corpo. Numa fração de segundo era novamente uma garota humana nua, empurrando a porta enquanto esticava a mão e passava a tranca.

Tirei o cristal do vestido e disse:

– Há uma bomba nas instalações, na ala de convidados. Eu repito, uma *bomba* na ala de convidados, nos aposentos do embaixador fomor. Encontre Etri ou um dos outros svartalves e diga a eles que fomor está planejando assassinar os convidados deles.

– Ah, meu Deus – disse Justine.

– Cacete! – se intrometeu Butters.

Algo pesado e rápido bateu na porta do outro lado, e ela sacudiu no batente. Andi foi jogada alguns centímetros longe dela, e se recompôs, apertando o ombro para reforçar.

– Molly!

Era outra daquelas situações nas quais o pânico pode fazer com que você seja morta. Então, embora eu quisesse berrar e correr em círculos, o que fiz foi fechar os olhos por um momento enquanto desfazia o véu e respirava fundo lentamente, organizando os pensamentos.

Primeiro: se Sapo e os gola rulê conseguissem voltar para o quarto, nos matariam. Já havia pelo menos quatro corpos mortos na suíte. Por que não acrescentar mais dois? E, considerando tudo, eles provavelmente seriam capazes de fazer isso. Então, a prioridade número um era mantê-los fora do quarto, pelo menos até que os svartalves dessem um jeito nas coisas.

Segundo: a bomba. Se aquela coisa explodisse, e fosse algum tipo de agente dos nervos como a Corte Vermelha usara na África, as baixas seriam na casa de centenas de milhares, incluindo Andi, Thomas e Justine – mais Butters e Marci, que esperavam no carro do lado de fora. A bomba tinha de ser desarmada ou transferida para algum lugar seguro. Ah, e ela provavelmente precisava não estar invisível para que essas coisas pudessem acontecer.

Terceiro: resgatar Thomas. Não posso me esquecer da missão, independentemente de como as coisas fiquem complicadas.

A porta sacudiu mais uma vez.

– Molly! – berrou Andi, seu medo tornando sua voz vibrante, cortante.

– Maldição. O que Harry faria?

Se Harry estivesse ali ele manteria fechada a porta idiota. Seus talentos mágicos foram fortes como os de um super-herói no que dizia respeito a conseguir gerar um enorme volume de energia. Estou certa de que ele teria conseguido deter uma locomotiva acelerada. Ou pelo menos um caminhão acelerado. Mas meus talentos não chegavam ao mundo físico.

Harry uma vez me contara que, quando você tinha um problema, tinha um problema – mas quando se tinha vários problemas, também podia ter várias soluções.

Eu me levantei e deslizei as varinhas para as mãos, apertando-as com força. Olhei para a porta e disse:

– Prepare-se.

Andi me lançou um olhar.

– Para o quê?

– Para abrir a porta – respondi. – Depois fechá-la atrás de mim.

– *O quê?*

– Feche os olhos. No três – ordenei, e flexionei levemente os joelhos. – Um!

A porta sacudiu.

– Dois!

– Você enlouqueceu? – perguntou Andi.

– Três! – berrei e corri na direção da porta, erguendo as duas varinhas.

Andi apertou os olhos e abriu a porta, e usei o Frenesi de Uma Mulher.

Canalizando minha energia, luz e som explodiram das pontas das duas varinhas. Não luz como de um flash – mais como a luz de uma pequena explosão nuclear. O som não era alto como um berro ou uma pequena explosão, ou mesmo o uivo de um trem de passagem. Era como ficar de pé no convés de um daqueles velhos navios de guerra de Segunda Guerra Mundial quando disparavam seus grandes canhões – uma força capaz de deixar atônito um homem adulto e jogá-lo de bunda no chão. Eu investi com uma parede de som e uma luz furiosa abrindo caminho, e saltei para o corredor em meio às formas espalhadas dos golas rulê chocados e tontos.

E então comecei a jogar sujo.

Alguns segundos depois os golas rulê caídos estavam de pé, embora parecessem um pouco desorientados e piscassem os olhos. Mais à frente no corredor um deles ajudava lorde Sapo a se levantar, os cabelos escorridos desgrenhados, as roupas amarrotadas. Seu rosto feio estava retorcido de fúria.

– O que está acontecendo aqui, Listen? – cobrou ele. Estava berrando com toda força. Duvido que seus ouvidos estivessem funcionando muito bem.

– Meu senhor – disse Listen. – Acredito que isto seja mais um trabalho da Dama Esfarrapada.

– O quê?! Fale alto, idiota!

A bochecha de Listen esboçou um esgar. Depois ele repetiu, gritando.

Sapo soltou um sibilo.

– Vagabunda intrometida – rosnou. – Arrebente aquela porta e me traga o *coração* dela.

– Sim, meu senhor – falou Listen, e os golas rulê se reuniram junto à porta do quarto 8.

Não usaram ferramenta. Não precisavam de nenhuma. Simplesmente começaram a chutar a porta, três de cada vez, trabalhando juntos, enfiando os calcanhares dos sapatos na madeira. Com três chutes, rachaduras começaram a surgir e a porta gemeu. Com cinco ela quebrou e girou nas dobradiças.

– Matem-na! – rosnou lorde Sapo, se aproximando da porta quebrada. –*Matem*-na!

Todos com exceção de dois dos golas rulê entraram no quarto.

Por trás do meu véu renovado, eu calculava que era quase hora de encerrar minha ilusão quando a porta bateu novamente depois que eles tinham passado. O número 8 de prata pendurado na porta ficou borrado e derreteu voltando a ser um número 6 de prata.

Os olhos de lorde Sapo se arregalaram com uma repentina compreensão chocada.

Um dos golas rulê voou para trás pela porta do quarto 6 e bateu na parede do outro lado. Bateu como uma boneca de pano e deslizou para o chão. Havia o perfil de um corpo no mármore rachado e salpicos de sangue novo na parede atrás dele.

E do outro lado da porta quebrada, o vampiro Thomas Raith disse:

– É Listen, certo? Uau. Vocês, palhaços, sempre escolhem o quarto errado.

– Cometemos um equívoco – explicou Listen.

– Sim. Sim, cometeram.

E as coisas começaram a ficar esmagadas e batidas no quarto além.

Lorde Sapo sibilou e virou a enorme cabeça em seu pescoço comprido.

– Vagabunda esfarrapada – sibilou. – Sei que você está aqui.

Dessa vez, eu sabia exatamente o que Harry faria. Ergui minha varinha sônica e direcionei minha voz até o final do corredor, atrás dele.

– Aqui estou, Sapo. É tão difícil quanto parece sustentar clichês de vilão, ou é algo natural para você?

– Você *ousa* debochar de *mim*? – rosnou o fomor. Ele lançou pelo corredor uma espiral de energia verde-escura, que chiou e deixou marcas de queimadura em tudo que tocou, terminando nas portas. Quando bateu *nelas*, houve um som rosnado e estalado, e a luz verde se espalhou sobre a superfície formando um padrão de rede de pesca.

– Difícil fazer qualquer outra coisa com um sujeito com uma cara como a sua –falei, dessa vez bem ao lado dele. – Você matou aquelas

garotas ou elas se apresentaram como voluntárias depois de ver você sem camisa?

O fomor rosnou e golpeou o ar ao lado. Depois, apertou os olhos e começou a murmurar e agitar seus dedos chatos em padrões complicados. De imediato, pude sentir a energia emanando dele, e soube o que tentava fazer – desmontar meu véu. Mas passei meses fazendo esse jogo com tia Lea.

Lorde Sapo não passou.

Enquanto seus fios de magia investigativos se espalhavam, enviei sussurros de meu próprio poder para tocá-los de leve, guiando cada um deles para fora e ao redor da área coberta por meu véu. Eu não podia permitir que me encontrasse. Não assim, pelo menos. Ele não estava pensando e, se eu não o fizesse pensar, era possível que ele fosse idiota demais para enganar.

Eu também não podia fazer com que desistisse e partisse, então quando tive certeza de que prejudicara sua busca, usei a varinha sônica de novo, dessa vez apontando bem acima de sua cabeça.

– Esse tipo de coisa não é para amadores. Tem certeza de que não quer desistir e deixar que Listen tente?

Lorde Sapo virou a cabeça para cima, apertou os olhos. Ergueu a mão, cuspiu uma palavra sibilada e fogo saltou de seus dedos para envolver o teto acima.

Levou uns dois segundos para o alarme de incêndio disparar, e mais dois para o sistema de sprinklers entrar em ação. Mas eu estava de volta à porta do quarto 8 quando a água que caía começou a dissolver meu véu. A magia é um tipo de energia e obedece às suas próprias leis. Uma dessas leis é a de que a água tende a derrubar construções mágicas ativas, e meu véu começou a dissolver como se fosse feito de algodão-doce.

– Rá – cuspiu o fomor, me vendo. Eu o vi lançar um raio de luz víride contra mim. Eu me joguei de barriga no chão e ele passou por cima de mim, batendo na porta. Virei de costas, bem a tempo de erguer um escudo contra um segundo raio e um terceiro. Meus escudos físicos não são grandes, mas o feitiço do fomor era pura energia, e isso tornou tudo mais fácil de lidar. Desviei os raios para a esquerda e para a direita, e eles arrancaram pedaços de mármore do tamanho de tijolos quando acertaram as paredes.

Os olhos de lorde Sapo ficaram ainda maiores e mais furiosos por ter errado.

– Vaca mortal!

Certo. Isso machucou. Quero dizer, talvez seja um pouco raso e talvez seja um pouco mesquinho, e talvez mostre uma falta de caráter de algum modo que o insulto de Sapo à minha aparência me incomodou mais que a tentativa de homicídio.

– *Vaca?*– rosnei enquanto a água do sistema de sprinklers começava a me deixar encharcada. – Eu *arraso* neste vestido!

Soltei uma das minhas varinhas e estiquei a palma da mão na direção dele, enviando um raio invisível de pura memória, estreito e concentrado com magia, como luz passando por uma lente de aumento. Às vezes, você não se lembra muito bem de ferimentos traumáticos, e minha lembrança de levar um tiro na perna era muito indistinta. Não tinha doído tanto quando eu fora baleada e tinha outras coisas ocupando minha atenção. Eu apenas ficara surpresa, e depois insensível – mas quando eles estavam cuidando do ferimento no helicóptero, depois, *aquilo* foi dor. Eles arrancaram a bala com fórceps, limparam o local com algo que queimava como o próprio inferno e quando colocaram a atadura de pressão e apertaram as faixas, doeu tanto que achei que iria morrer.

Foi isso que dei a lorde Sapo, com toda a força que consegui reunir.

Ele teceu um escudo contra o ataque, mas acho que ele não estava acostumado a lidar com algo tão intangível quanto memória. Mesmo enfraquecido pela água que caía, senti o golpe atravessar suas defesas e penetrar, e Sapo de repente soltou um guincho agudo. Ele cambaleou e bateu com força na parede, agarrando a perna.

– Matem-na! – ordenou, a voz dois oitavos mais alta que momentos antes. – Matem-na, matem-na, matem-na!

A dupla remanescente de golas rulê no corredor se lançou na minha direção. Uma onda de fadiga pelo meu esforço recente, especialmente o último, quase me manteve grudada no chão – mas consegui me levantar, me joguei na porta do quarto 8 e bati nela com um punho.

– Andi! Andi, é Molly! Andi, me deixe...

A porta se abriu de repente e caí dentro do quarto. Puxei as pernas para uma posição fetal e Andi bateu a porta atrás de mim e passou as trancas.

– Mas que porra, Molly? – reagiu ela. Andi estava encharcada, juntamente com tudo mais na sala, incluindo a bomba de fomor.

Eu me levantei e cambaleei até ela.

– Não consegui eliminar o véu sobre a bomba por fora – falei, ofegante. – Não tínhamos tempo para fazer fogo, e eu não conseguia usar o suficiente do meu próprio para disparar os alarmes. Tive de levar Sapo a fazer isso por mim.

A porta estremeceu mais uma vez sob os golpes dos golas rulê.

– Detenha-os – pedi. – Eu desarmo a bomba.

– Você consegue fazer isso? – perguntou Andi.

– Moleza – menti.

– Certo – disse Andi. Fez uma careta. – Vou passar a noite toda cheirando a cachorro molhado.

Ela se virou para encarar a porta em posição de defesa enquanto eu chegava à concha gigante. Expulsei de meus pensamentos os inimigos investindo sobre a porta e concentrei toda a minha atenção na concha diante de mim. Projetei meus sentidos na sua direção e comecei a sentir a energia que corria por ela.

Havia *muita* energia envolvida naquela coisa, poder estocado do lado de dentro e pronto para explodir. Uma camada fina de encantamento cobria o exterior da concha, meio que o equivalente mágico de um painel de controle. A água a estava gastando aos poucos, mas não rápido o bastante para começar a derreter o encanto central e dispersar a energia acumulada. No entanto, se eu não agisse rápido a água iria destruir o encanto superficial e tornar impossível a *qualquer um* desarmar a bomba.

Fechei os olhos e coloquei uma das mãos acima da concha como Sapo tinha feito. Pude sentir a energia se estendendo até meus dedos, pronta para reagir, e comecei a verter minha própria energia para ela, tentando sentir a solução. Era um feitiço objetivo, nada complicado, mas eu não sabia o que aquilo fazia – era como ter um controle remoto de TV no qual alguém tivesse se esquecido de marcar os botões. Eu não podia sair apertando aleatoriamente.

Por outro lado, eu também não podia *não* fazer isso.

Tinha de ser um chute embasado.

Num controle remoto, o botão de ligar quase sempre está um pouco afastado dos outros, ou então mais ou menos no centro. Era o que eu estava procurando – para desligar a bomba. Comecei eliminando todas as partes do feitiço que pareciam complexas demais ou pequenas demais,

reduzindo minhas escolhas pouco a pouco. Ficaram limitadas a duas. Se eu escolhesse errado...

Dei um risinho nervoso.

– Ei, Andi. Fio azul ou fio vermelho?

O pé de um gola rulê abriu um buraco na porta, e Andi virou a cabeça para me lançar um olhar incrédulo.

– Você está de *sacanagem*, comigo? – gritou ela. – Azul, você *sempre* corta o azul!

Metade da porta se partiu e caiu no chão. Andi se dissolveu em sua forma de loba e se lançou para frente, atacando o primeiro gola rulê que tentou entrar.

Voltei minha atenção para a bomba e escolhi a segunda opção. Concentrei minha força de vontade nela. Precisei de duas tentativas, porque estava aterrorizada, e medo de molhar as calças em geral não produz lucidez.

– Ei, Deus – sussurrei. – Sei que não temos conversado muito ultimamente, mas se pudesse me dar uma força aqui, isso seria bem impressionante para um monte de gente. Por favor, permita que eu esteja certa.

Cortei o fio azul.

Nada aconteceu.

Eu tive uma pesada e quase paralisante onda de alívio – e então lorde Sapo pulou por cima dos dois golas rulê que lutavam com Andi e caiu em cima de mim.

Eu caí com força no piso de mármore e Sapo me segurou, me prendendo com seu corpo macilento demais. Enrolou os dedos de uma das mãos em meu pescoço, sobrando o suficiente para eles circularem seu polegar, e apertou. Ele era horrendamente forte. Minha respiração parou no mesmo instante e minha cabeça começou a latejar, minha visão a escurecer.

– *Piranhazinha* – sibilou ele.

Começou a me socar com a outra mão. Os golpes acertavam meu maxilar esquerdo. Deveria doer, mas eu achava que havia algo errado com meu cérebro. Registrei o impacto, mas tudo mais foi engolido pela escuridão crescente. Eu podia me sentir lutando, mas não chegava a lugar nenhum. Sapo era muito, muito mais forte do que parecia. Meus olhos não faziam foco muito bem, mas me vi olhando para um túnel escuro na

direção de uma das garotas mortas no chão do quarto e a tira de hematoma roxo-escuro ao redor de sua garganta.

Então, o piso a pouca distância tremeu e uma criatura de aparência estranha saiu dele.

O svartalf tinha um pouco mais de um metro e estava nu. Sua pele tinha um tom malhado de cinza, e os olhos eram enormes e pretos. A cabeça era um pouco mais larga que a da maioria das pessoas, e ele era careca, embora as sobrancelhas fossem brancas como prata. Ele meio que parecia Roswelliano, só que em vez de supermagro tinha o físico de um pugilista profissional, magro e forte – e levava na mão uma espada simples.

– Fomor – disse o svartalf calmamente. Eu reconheci a voz do sr. Etri. – Não se deve bater nas damas.

Sapo começou a dizer alguma coisa, mas então a espada de Etri se moveu secamente e a mão que arrancava a vida de mim foi cortada no pulso. Sapo berrou e saiu de cima de mim, cuspindo palavras e tentando reunir poder enquanto se afastava sobre três membros.

– Você violou o direito do convidado – continuou Etri calmamente. Ele fez um gesto e o mármore abaixo de lorde Sapo de repente ficou líquido. Sapo afundou uns oito centímetros, e então o piso endureceu ao redor dele novamente. O fomor berrou.

– Você atacou convidados sob a hospitalidade e a proteção de Svartalfheim – o tom de voz de Etri nunca se alterando. A espada se moveu de novo e arrancou o nariz do rosto de Sapo, espalhando fluidos por toda parte e produzindo ainda mais uivos. Etri ficou de pé acima do fomor caído, olhando para ele sem qualquer expressão no rosto. – Tem algo a dizer em sua defesa?

– Não! – berrou Sapo. – Você não pode fazer isto! Eu não feri ninguém do seu povo!

Houve um impulso de ódio tão quente vindo de Etri que achei que a água que caía se transformaria em vapor quando o atingisse.

– Ferir a nós? – perguntou ele em voz baixa. Deu uma espiada na concha e depois se voltou para Sapo com total desprezo. – Você teria usado nossa aliança como um pretexto para assassinar milhares de inocentes, fazendo de nós seus cúmplices.

Ele agachou para colocar o rosto a centímetros do de Sapo, e disse numa voz calma, baixa, impiedosa.

– Você manchou a honra de Svartalfheim.

– Eu pagarei por isso! – gaguejou Sapo. – Vocês serão indenizados por seus problemas!

– Só há um preço pelos seus atos, fomor. E não há negociação.

– Não – protestou Sapo. – Não. NÃO!

Etri deu as costas a ele e examinou o quarto. Andi ainda estava em forma de loba. Um dos golas rulê sangrava no piso de mármore, os sprinklers espalhando o sangue numa poça enorme. O outro estava encolhido no canto com os braços sobre a cabeça, coberto de ferimentos que sangravam. Andi o encarou, ofegante, sangue pingando das presas avermelhadas, um rosnado constante fervendo em seu peito.

Etri se virou para mim e estendeu a mão. Agradeci e deixei que ele me colocasse sentada. Minha garganta doía. Minha cabeça doía. Meu rosto doía.

– Peço desculpas por interferir em sua luta – falou Etri. – Por favor, não suponha que fiz isso por considerá-la incapaz de se proteger.

Minha voz saiu num coaxado.

– É sua casa, e sua honra estava em jogo. Você tinha o direito.

A resposta pareceu agradá-lo, e ele inclinou um pouco a cabeça.

– Eu me desculpo ainda por não cuidar desta questão eu mesmo. Não era sua responsabilidade descobrir ou impedir a ação deste lixo.

– Foi presunçoso de minha parte – confessei. – Mas havia muito pouco tempo para agir.

– Sua aliada nos alertou para o perigo. Você não fez nada inadequado. Svartalfheim lhe agradece por sua ajuda na questão. Tem a seu crédito um favor.

Eu estava prestes a dizer a ele que tal coisa não era necessária, mas me contive. Etri não estava dizendo banalidades. Aquele não era um diálogo amigável. Era uma auditoria, uma contabilidade. Eu inclinei a cabeça na direção dele.

– Obrigada, sr. Etri.

– De nada, srta. Carpenter.

Svartalves uniformizados, misturados a seguranças mortais, entraram no quarto. Etri foi até eles e deu instruções em voz baixa. O fomor e seus servos foram reunidos e levados do quarto.

– O que irá acontecer a eles? – perguntei a Etri.

– Vamos fazer dos fomor um exemplo.

– E quanto ao seu tratado?

– Ele nunca foi assinado. Principalmente por sua causa, srta. Carpenter. Embora Svartalfheim não pague dívidas que nunca foram contraídas, apreciamos seu papel nesta questão. Isso será levado em conta no futuro.

– Os fomor não merecem um aliado honrado.

– Aparentemente não.

– E quanto aos golas rulê?

– O que há com eles?

– Vocês irão... lidar com eles?

Etri olhou para mim.

– Por que lidaríamos?

– Eles meio que estavam envolvidos nisso.

– Eles eram propriedade. Se um homem a golpeia com um martelo, o homem é punido. Não há razão para destruir o martelo. Não ligamos para eles.

– E quanto a elas? – perguntei, e apontei com a cabeça para as garotas mortas nos aposentos do fomor. – Você liga para o que aconteceu a elas?

Etri olhou para elas e suspirou.

– Coisas belas não deveriam ser destruídas. Mas elas não eram nossas convidadas. Não devemos a ninguém por seu fim, e não responderemos por isso.

– Há um vampiro sob sua custódia, não há?

Etri me olhou por um momento e então disse:

– Sim.

– Você me deve um favor. Eu gostaria de garantir a libertação dele.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Venha comigo.

Eu segui Etri para fora da suíte e pelo corredor até o quarto 6. Embora a porta estivesse quebrada, Etri parou do lado de fora respeitosamente e bateu. Um momento depois uma voz feminina disse:

– Pode entrar.

Nós entramos. Era uma suíte muito parecida com a do fomor, apenas com mais travesseiros jogados e móveis elegantes. Estava um horror. O piso estava literalmente coberto de móveis estilhaçados, objetos de decoração partidos e golas rulê quebrados. A segurança svartalf já os estava prendendo e levando para fora do quarto.

Listen saiu sozinho, as mãos às costas, um dos olhos inchado e quase fechado. Ele me encarou ao passar e não disse nada.

Escroto.

Etri se virou para a porta com cortina do quarto da suíte e falou:

– A aprendiz mortal que nos alertou conquistou um favor. Ela pede a libertação do vampiro.

– Impossível – respondeu a voz feminina. – Essa conta já foi encerrada.

Etri se virou para mim e deu de ombros.

– Lamento.

– Espere. Eu posso falar com ele?

– Num instante.

Esperamos. Thomas apareceu na passagem para o quarto vestindo um roupão preto felpudo. Acabara de sair do chuveiro. Thomas talvez tivesse pouco menos de um metro e oitenta, e não havia um centímetro de seu corpo que não berrasse símbolo sexual. Seus olhos eram um tom de azul profundo cristalino, e seus cabelos escuros caíam sobre os ombros largos. Meu corpo fez o que sempre fazia perto dele e começou a gritar comigo para produzir bebês. Eu o ignorei. Em grande medida.

– Molly, você está bem? – perguntou Thomas.

– Nada que um balde de aspirinas não resolva. E você? Está bem?

– Por que não estaria?

– Eu achei... Você sabe. Que você tinha sido capturado espionando.

– Bem, certamente.

– Achei que eles iriam... fazer de você um exemplo.

– Por que eles fariam isso?

A porta do quarto se abriu e uma svartalf apareceu. Parecia muito com Etri – pequena e bonita, embora tivesse compridos cabelos prateados em vez de uma bola de bilhar. Vestia o que parecia ter sido a camisa de Thomas, e ela chegava quase aos tornozelos. Tinha um olhar decididamente... satisfeito. Atrás dela, vi vários outros conjuntos de grandes olhos escuros olhando para fora do quarto mergulhado em sombras.

– Ah – eu disse. – *Ah*. Você... fez um acordo.

Thomas deu um sorriso.

– É um trabalho duro e sujo...

– E um que não está terminado – disse a svartalf. – Você é nosso até o amanhecer.

Thomas olhou de mim para o quarto e de volta, e estendeu as mãos.

– Você sabe como é, Molly. O dever chama.

– Claro – falei. – O que quer que eu diga a Justine?

Ele me lançou um olhar de quase incompreensão.

– A verdade. O que mais?

– Ah, graças a Deus – falou Justine enquanto saíamos. – Eu estava com medo que eles o tivessem feito passar fome.

– Seu namorado está transando num quarto cheio de garotas elfo e você está *contente* com isso?

Justine jogou a cabeça para trás e riu.

– Quando você ama um íncubo, isso altera um pouco sua perspectiva, acho. Não é como se isso fosse novidade. Sei como ele se sente comigo, e ele precisa ser alimentado para ficar saudável. Então, qual é o problema? Além disso, ele *sempre* está pronto para mais.

– Você é uma pessoa muito esquisita, Justine.

Andi bufou e me deu uma cotovelada amigável. Ela tinha recuperado o vestido e os sapatos de que gostara.

– Olhe só quem fala.

Depois que todos estavam seguros em casa, caminhei do apartamento de Waldo até a garagem mais próxima. Encontrei um canto escuro, me sentei e esperei. Lea surgiu brilhando cerca de duas horas depois e se sentou ao meu lado.

– Você me enganou – falei. – Você me mandou para lá às cegas.

– De fato. Exatamente como Lara fez com o irmão; com a diferença de que meu agente teve sucesso enquanto o dela fracassou.

– Mas por quê? Por que nos mandar para lá?

– Não era possível permitir que o tratado com os fomor fosse concluído – explicou. – Se uma nação concordasse em permanecer neutra em relação a eles, uma dúzia mais seguiria. Os fomor seriam capazes de dividir as outras e combatê-las uma após a outra. A situação era delicada. A presença de agentes ativos tinha o objetivo de perturbar o equilíbrio; mostrar a verdadeira natureza dos fomor numa prova de fogo.

– Mas por que você não me contou isso?

– Porque você não teria nem confiado nem acreditado em mim.

– Você deveria ter me contado de qualquer forma.

– Não seja ridícula, criança – fungou Lea. – Não havia tempo para aplacar suas dúvidas e suspeitas, suas teorias e perguntas intermináveis. Melhor lhe dar um prêmio simples no qual se concentrar: Thomas.

– Como você sabia que eu iria encontrar a bomba?

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Bomba? – perguntou, e balançou a cabeça. – Eu não sabia o que estava acontecendo. Mas os fomor são traiçoeiros. Sempre foram e sempre serão. A única dúvida é qual a forma que sua traição assumirá. Os svartalves tinham de ver isso.

– Como sabia que eu iria descobrir?

– Não sabia. Mas conheço seu mentor. No que diz respeito a interferir, desenterrar verdades constrangedoras, ele a ensinou muito bem – confessou, e sorriu. – Você também aprendeu a aptidão dele de pegar situações ordeiras e reduzi-las ao caos elementar.

– Significando o quê?

O sorriso dela era enlouquecedoramente arrogante.

– Significando que eu tinha confiança de que o que quer que acontecesse, não incluiria uma conclusão serena do tratado.

– Mas você poderia ter feito tudo o que fiz.

– Não, criança. Os svartalves nunca teriam me convidado para a recepção. Eles adoram elegância e ordem. Teriam sabido que meus objetivos não eram ordeiros.

– E eles não sabiam isso sobre mim?

– Eles não podem julgar os outros a não ser por seus atos. Daí seu tratado com os fomor, que ainda não tinham atravessado seu caminho. Meus atos mostraram que eu sou alguém que deve ser tratada com cautela. Você tinha... um registro limpo com eles. E você é um tesão. Tudo está bem, sua cidade foi salva, e agora um grupo de seres ricos, habilidosos e influentes lhe deve um favor.

Ela fez uma breve pausa e depois se inclinou levemente na minha direção.

– Talvez uma expressão de gratidão seja adequada.

– De mim para com você? Pelo quê?

– Acho que sua noite acabou muito bem – comentou Lea com as sobrancelhas erguidas. – Mas, por Deus, você é uma criança difícil. Nunca saberei como ele consegue suportar a sua insolência. Você acha que merece alguma recompensa de mim.

Ela se levantou e virou para partir.

– Espere! – falei.

Ela parou.

Achei que meu coração tinha parado de bater. Comecei a tremer, o corpo todo.

– Você disse que conhece Harry. Não que o conhecia. Conhece. Presente.

– Mesmo?

– Disse que não sabe como ele consegue me aturar. Consegue. Presente.

– Mesmo?

– Tia... Harry está... Ele está vivo? – perguntei, e mal conseguia sussurrar.

Lea se virou para mim muito lentamente, e seus olhos cintilavam com um conhecimento malicioso verde.

– Eu não disse que ele estava vivo, criança. Nem você deveria. Ainda não.

Eu baixei a cabeça e comecei a chorar. Ou a rir. Ou ambos. Não sabia dizer. Lea não ficou esperando por isso. Demonstrações de emoção a deixavam desconfortável.

Harry. Vivo.

Eu *não* o matara.

A melhor de todas as recompensas.

– Obrigada, tia – sussurrei. – Obrigada.

Carrie Vaughn

Autora de uma série de romances altamente populares que narram as aventuras de Kitty Norville, apresentadora de um programa de rádio que dá conselhos para ouvintes sobre criaturas sobrenaturais, e que por acaso também é lobisomem. Entre os livros de Kitty estão *Kitty and the Midnight Hour*, *Kitty Goes to Washington*, *Kitty Takes a Holiday*, *Kitty and the Silver Bullet*, *Kitty and the Dead Man's Hand*, *Kitty Raises Hell*, *Kitty's House of Horrors*, *Kitty Goes to War* e *Kitty's Big Trouble*. Entre seus outros romances estão *Voices of Dragons*, sua primeira incursão na literatura jovem, e uma história de fantasia, *Discord's Apple*. Seus contos foram publicados em *Lightspeed*, *Asimov's Science Fiction*, *Subterranean,* na série "Wild Cards", *Realms of Fantasy*, *Jim Baen's Universe*, *Paradox*, *Strange Horizons*, *Weird Tales*, *All-Star Zeppelin Adventure Stories*. Entre suas obras mais recentes estão os romances *After the Golden Age* e *Steel*; uma antologia, *Straying from the Path*; um novo romance "Kitty", *Kitty Steals the Show*; e uma coletânea de seus contos de "Kitty", *Kitty's Greatest Hits*. Em breve será lançado outro romance de "Kitty", *Kitty Rocks the House*. Ela mora no Colorado.

No conto realista e fascinante que se segue, ela nos leva à linha de frente na Rússia durante os dias mais duros da Segunda Guerra Mundial para contar a história de uma jovem piloto realizando as mais perigosas missões de combate e que está determinada a cumprir seu dever de soldado e continuar voando, mesmo que isso a mate – o que é muito possível.

Raisa Stepanova

Meu querido Davidya:

Se você está lendo isto, significa que eu morri. É bem provável que tenha morrido *lutando a serviço da pátria gloriosa. Pelo menos é o que eu espero. Tenho esse terrível pesadelo em que sou morta não no ar combatendo os fascistas, mas porque uma lâmina da hélice cai no instante em que estou passando embaixo do nariz do meu Yak e decepa minha cabeça. As pessoas se esforçariam muito para fingir ficar de luto, mas estariam rindo pelas minhas costas. Minhas costas mortas, então eu não notaria, mas ainda assim, o importante é o princípio da coisa. Certamente nada de Herói da União Soviética para mim, não é? Não importa, vamos supor que eu morri gloriosamente em batalha.*

Por favor, diga as coisas de hábito para meus pais, que eu estou feliz de dar minha vida para defender você e eles, Nina e a pátria, como todos estamos, e que se eu tive de morrer, fiquei muito feliz de que foi enquanto estava voando. Então, não fique triste por mim. Eu te amo.

Sinceramente, Raisa.

– Raisa! – chamou Inna do lado de fora do abrigo subterrâneo. – Vamos sair! Vamos!

– Só um minuto! – respondeu ela, e rabiscou algumas últimas linhas.

P.S. Minha companheira de voo, Inna, ficará muito aborrecida se eu for morta. Ela achará que foi culpa dela, que ela não me protegeu. (Não será verdade, pois ela é uma excelente piloto e protetora.) Acho que você deveria fazer um esforço para consolá-la na primeira oportunidade. É uma ruiva. Você vai gostar dela. Quero dizer, gostar dela de verdade. Eu

tenho uma foto sua no nosso abrigo e ela acha você bonito. Ela irá chorar no seu ombro, e será muito romântico, acredite em mim.

– Raisa!

Raisa dobrou a página três vezes e a enfiou sob o cobertor de seu catre, onde seria encontrada caso ela não retornasse. O nome de David e seu regimento estavam escritos com clareza do lado de fora, e Inna saberia o que fazer com aquilo. Pegou casaco e capacete e correu com sua companheira até o campo de aviação, onde os aviões esperavam.

As duas partiram de Voronezh em patrulha de rotina e localizaram aviões inimigos antes mesmo de chegar à frente de combate. Raisa respirou devagar para não deixar o coração acelerar, permitindo que a calma chegasse às suas mãos para firmá-las enquanto seguravam o manche.

– Raisa, está vendo aquilo? À sua direita? – perguntou a voz de Inna no rádio. Ela voava atrás e à direita; Raisa não tinha de olhar para saber que estava lá.

– Sim – disse Raisa, apertando os olhos para ver através da cúpula e contando. Mais aviões, pontos escuros deslizando em um céu enevoado, pareceram surgir enquanto ela fazia isso. Deveriam ser patrulhas para aviões de reconhecimento alemães, que só apareciam sozinhos ou em dupla de cada vez. Aquilo... Aquele era um esquadrão inteiro.

O perfil dos aviões ficou mais claro – bimotores, cúpula no alto, fuselagem comprida com cruzes pretas pintadas. Ela passou um rádio para Inna.

– São Junkers! É uma missão de bombardeio!

Ela contou dezesseis bombardeiros – o alvo deles poderia ser qualquer das dezenas de acampamentos, depósitos de suprimentos ou estações ferroviárias ao longo daquele trecho da frente. Eles não estavam esperando resistência.

– O que fazemos? – perguntou Inna.

Aquilo estava fora dos parâmetros de sua missão, e elas estavam em tão pequeno número que era ridículo. Por outro lado, o que mais deveriam fazer? Os alemães teriam jogado suas bombas antes que o 586º conseguisse reunir mais caças.

– O que você acha? – respondeu Raisa. – Nós os impedimos!

– Estou com você.

Raisa acelerou e empurrou o manche para a frente. O motor roncou e sacudiu a cabine ao redor dela. O Yak se lançou à frente, o céu se tornando um borrão acima. Uma espiada por sobre o ombro e ela viu o caça de Inna logo atrás.

Apontou para o meio da esquadrilha alemã. Bombardeiros isolados ficaram grandes muito rapidamente, tomando o céu à sua frente. Continuou avançando, como uma flecha, até ela e Inna estarem ao alcance.

Os bombardeiros se espalharam, como se tivessem sido soprados por um vento. Aviões nos limites da formação se afastaram e aqueles no meio subiram e mergulharam aleatoriamente. Eles não esperavam que dois caças russos atirassem neles do nada.

Ela escolheu um que tivera a infelicidade de desviar exatamente na sua direção, e firmou a mira nele. Disparou uma série de rajadas com o canhão de 20mm, errou quando o bombardeiro desviou para fora de alcance. Xingou.

Balas passaram acima de sua cúpula; um atirador, devolvendo fogo. Ela fez uma manobra rápida, para a direita e para cima, atenta para não colidir. Era arriscado manobrar com todo aquele tráfego. O Yak era rápido – podia voar em círculo ao redor dos Junkers e não ficar preocupado com ser atingido por balas. Mas podia se chocar com um deles se não prestasse atenção suficiente. Tudo que ela e Inna tinham de fazer era impedir que o grupo chegasse ao seu alvo, mas se ela conseguisse derrubar um ou dois deles enquanto isso... Um segundo de cada vez, era a única forma de lidar com a situação. Continuar viva para poder fazer algum bem.

O artilheiro inimigo atirou nela novamente, então Raisa reconheceu o som de outro canhão disparando. Uma bola de fogo se expandiu e morreu em sua visão periférica – um Junker, um dos motores se partindo. O avião sacudiu, desequilibrado, até cair num arco, deixando uma trilha de fumaça. Balançou uma ou duas vezes, o piloto tentando recuperar o controle, mas então o bombardeiro começou a rodopiar e tudo estava terminado.

– Raisa! Eu o peguei, eu o peguei! – gritou Inna no rádio.

Era a primeira derrubada dela em combate.

– Excelente! Só faltam mais quinze!

– Raisa Ivanova, você é terrível.

A batalha parecia se arrastar, mas poucos segundos tinham se passado desde que haviam desfeito a formação. Elas não poderiam combater por

muito mais tempo antes de ficar sem munição, e também sem combustível. Os últimos tiros tinham de valer, e depois ela e Inna teriam de correr. Depois desses últimos tiros, claro.

Raisa escolheu outro alvo e manobrou para segui-lo. O bombardeiro subiu, mas era lento, e ela se aproximou com rapidez. Naquele momento, seus nervos cantavam e o instinto a guiava mais do que a razão. Apertou o gatilho com força antes que o inimigo estivesse inteiramente na mira, mas funcionou, pois o Junker deslizou para a linha de tiro no instante em que os tiros eram lançados. Ela abriu buracos nas asas e sobre o motor, que lançou fagulhas e começou a soltar fumaça. O avião não tinha como sobreviver, e o nariz se inclinou para a frente, a coisa toda saindo de controle.

Inna comemorou por ela pelo rádio, mas Raisa já estava caçando seu alvo seguinte. Muitos entre os quais escolher. Os dois caças estavam cercados, e Raisa deveria estar assustada, mas só conseguia pensar em atingir o bombardeiro seguinte. E o próximo.

Os Junkers lutaram para retomar a formação. O grupo espalhado e desorganizado baixara quinhentos metros da altitude original. Se os caças conseguissem forçar o esquadrão inteiro a baixar, seria uma vitória! Mas não, eles estavam acelerados, se desviando dos caças, lutando para escapar.

Bombas caíram da barriga do avião líder, e logo os outros o acompanharam. As bombas explodiram numa floresta vazia, suas ondas de fumaça se elevando sem perigo. Elas tinham assustado os bombardeiros e os levado a lançar sua carga antecipadamente.

Raisa sorriu.

Sem mais nada em seus compartimentos de bombas e sem motivo para continuar, os Junkers se retiraram, dando a volta para oeste. Mais leves e mais rápidos, seriam mais difíceis de serem alcançados pelos caças. Mas também não iriam matar nenhum russo naquele dia.

– Inna, vamos embora daqui – falou Raisa pelo rádio.

– Entendido.

Com Inna novamente ao seu lado, ela virou seu Yak rumo leste, para casa.

– Com isso são três abates confirmados no total, Stepanova. Mais dois e você será um ás.

Raisa sorria tanto que os olhos estavam quase fechados.

– Dificilmente poderíamos errar com tantos alvos para escolher.

Inna revirou um pouco os olhos, mas também estava radiante. Ela conseguira seu primeiro abate, e embora estivesse fazendo um belo trabalho tentando parecer humilde e digna *no momento*, pouco depois do pouso correra gritando até Raisa e a derrubara com um grande abraço. Muitos alemães mortos, e ambas tinham escapado da batalha. Não podiam ter muito mais sucesso do que aquilo.

O comandante Gridnev, um jovem sério com um rosto parecido com o de um urso, estava revisando o papel datilografado em sua escrivaninha no maior abrigo do campo de aviação da 101ª Divisão.

– O alvo do esquadrão era uma estação ferroviária. Um batalhão de infantaria estava lá esperando transporte. Eles teriam sido mortos. Vocês salvaram muitas vidas.

Ainda melhor. Extraordinário. Talvez Davidya estivesse lá e ela o tivesse salvado. Ela poderia se vangloriar disso em sua carta seguinte.

– Obrigada, senhor.

– Bom trabalho, meninas. Dispensadas.

Fora do escritório do comandante elas correram de volta para casa, tropeçando em seus trajes de voo e jaquetas masculinos grandes demais.

Uma dúzia de mulheres dividia o abrigo, que se você visse com os olhos apertados à luz fraca quase parecia um lar, com catres de ferro forjado, roupas de cama, paredes caiadas e mesas de madeira com alguns vasos de flores silvestres que alguém tinha colhido para decoração. Elas sempre murchavam rapidamente – não havia luz do sol do lado de dentro. Depois de um ano daquilo – indo de uma base para outra, de melhores condições para piores e então de volta –, elas se acostumaram aos insetos, aos ratos e ao estrondo de bombardeios distantes. Você aprendia a prestar atenção e a gostar das flores silvestres murchas ou enlouquecia.

Embora isso também acontecesse às vezes.

A segunda melhor coisa em ser uma piloto (sendo a primeira voar propriamente dito) era alojamento e rações melhores. E a cota de vodca por missões de combate. Inna e Raisa levaram as cadeiras para perto do forno para expulsar o resto do frio provocado pelo voo em altitude e bateram os copos num brinde.

– À vitória – disse Inna, porque era tradição e dava sorte.

– A voar – respondeu Raisa, porque acreditava.

Durante o jantar – um cozido ralo e pão velho preparado acima do fogareiro –, Raisa esperou os louvores dos camaradas e estava pronta para se entregar à sua admiração – mais dois abates e ela seria um ás; quem era melhor piloto de caça ou tinha melhor mira que ela? Mas não aconteceu exatamente assim.

Katya e Tamara passaram pela porta, quase se chocando contra a mesa e derrubando o vaso de flores. Estavam coradas e arfando, como se tivessem corrido.

– Você não adivinha o que aconteceu! – gritou Katya.

Tamara falou por cima dela.

– Acabamos de vir do operador de rádio; ele nos deu a notícia!

Os olhos de Raisa examinaram ao redor e ela quase derrubou a bandeja de pães que estava segurando.

– Nós os fizemos recuar? Eles estão se retirando?

– Não, não é isso – retrucou Katya, indignada, como se pensando em como alguém podia ser tão idiota.

– Liliia marcou dois abates hoje! – exclamou Tamara. – Ela agora tem cinco. É um ás!

Liliia Litviak. A linda e maravilhosa Liliia, que não errava nunca. Raisa se lembrou de seu primeiro dia no batalhão, quando Liliia apareceu, aquela mulher pequena com rosto perfeito e cabelos louros tingidos. Após semanas vivendo nos abrigos ela ainda tinha um rosto perfeito e cabelos louros tingidos, parecendo uma estrela do cinema americano. Ela era tão pequena que acharam que não poderia pilotar um Yak, não poderia servir na frente. Mas então ela subiu no avião e *voou*. Melhor que qualquer um deles. Até mesmo Raisa tinha de admitir isso, mas não em voz alta.

Liliia pintou *flores* no nariz do seu caça e, em vez de debochar dela, todos acharam que era muito *fofa*.

E agora era um ás. Raisa encarou.

– Cinco abates. Sério?

– Incontestável! Ela teve testemunhas; a notícia está correndo. Isso não é maravilhoso?

Era maravilhoso, e Raisa se esforçou para dissimular, sorrindo, fazendo um brinde a Liliia e xingando os fascistas. Elas jantaram, discutiram sobre quando o clima iria mudar, se o inverno ainda tinha um pouco mais de gelo para elas ou se já estavam na umidade apenas fria da primavera. Ninguém falou sobre quando, ou se, a guerra iria terminar. Já

havia passado dois anos desde que os alemães tinham invadido. Eles não avançaram mais nos meses anteriores, e os soviéticos fizeram progressos – reconquistando Voronezh, por exemplo, e avançando as operações por ali. Era algo.

Mas Inna a conhecia bem demais para deixar para lá.

– Você passou o jantar inteiro com a cara fechada – constatou ela, quando estavam se lavando do lado de fora, na escuridão, antes de deitar. – Não conseguiu disfarçar bem.

Raisa suspirou.

– Se eu tivesse sido mandada para Stalingrado teria tantos abates quanto ela. Teria mais. Teria me tornado um ás há meses.

– Se você tivesse sido enviada para Stalingrado você estaria morta – disse Inna. – Prefiro você aqui e viva.

– Estamos todos mortos. Todos nós na frente de batalha, todos estamos aqui para morrer; é só uma questão de tempo.

Inna usava um gorro de tricô sobre os cabelos curtos, que se curvavam nas pontas. Isso, somado às sardas que pontilhavam suas bochechas, fazia com que ela parecesse um elfo. Os olhos eram escuros, os lábios uma linha soturna. Ela era sempre solene, séria. Sempre dizendo a Raisa quando suas piadas tinham ido longe demais. Inna nunca dizia nada de ruim sobre ninguém.

– Logo terá terminado – falou para Raisa sob o céu nublado, nem mesmo uma lanterna fraca rompendo a escuridão, para que voos de reconhecimento alemães não os localizassem. – Tem de terminar logo. Com os britânicos e os americanos batendo de um lado e nós do outro, a Alemanha não poderá durar muito.

Raisa anuiu.

– Você está certa. Claro que está certa. Nós só temos de resistir o máximo que pudermos.

– Sim. Isso é certo.

Inna apertou o braço dela, depois voltou para o abrigo, e para um catre com cobertores finos demais, e para a correria dos ratos. Às vezes, Raisa olhava para a terra e as botas gastas, os rostos cansados e a falta de comida e acreditava que viveria assim pelo resto da vida.

Raisa chegou ao abrigo de comando para uma reunião – uma missão de combate, ela esperava, e uma chance de conseguir seus dois abates

seguintes –, mas um dos operadores de rádio a puxou de lado antes que conseguisse entrar.

Ela e Pavel costumavam trocar informações. Ela repassava as fofocas da linha de voo e ele transmitia qualquer notícia que tivesse recebido dos outros regimentos. Ele tinha as informações mais confiáveis da frente de batalha. Mais confiáveis até do que iriam receber de seu comando, pois os relatos oficiais que chegavam eram filtrados, modificados e manipulados até que dissessem o que os figurões queriam que pessoas como ela soubessem. Batalhões inteiros foram eliminados e ninguém sabia, porque os generais não queriam abalar o moral, ou algum outro absurdo.

Naquele dia, Pavel estava pálido, e sua expressão era sombria.

– O que foi? – perguntou ela, encarando-o, porque só poderia ser uma notícia ruim. Muito ruim, para que a procurasse. Ela pensou em David, claro. Tinha de ser sobre David.

– Raisa Ivanovna. Eu tenho notícias... sobre seu irmão.

A cabeça dela ficou leve, como se estivesse voando em rodopio, o mundo virando de cabeça para baixo ao seu redor. Mas permaneceu firme, não vacilou, determinada a superar os momentos seguintes com sua dignidade intacta. Podia fazer isso, por seu irmão. Embora *ela* devesse morrer primeiro. O perigo que corria no ar, pilotando aquelas armadilhas da morte contra Messerschimitts, era muito maior. Sempre se sentira muito segura de que *ela* iria morrer, que David seria aquele a permanecer firme enquanto recebia a notícia.

– Diga – falou, e sua voz não vacilou.

– O esquadrão dele entrou em combate. Ele... ele desapareceu em ação.

Ela piscou. Não eram as palavras que estivera esperando. Mas aquilo... A frase mal fazia sentido. Como um soldado *desaparecia*? – ela queria saber. David não era um brinco ou um pedaço de papel a ser procurado por alguém. Sentiu seu rosto se tornar interrogativo, encarando Pavel em busca de uma explicação.

– Raisa... Você está bem?

– Desaparecido – repetiu. A informação e o que isso significava começaram a ficar claros.

– Sim – respondeu o operador de rádio, o tom se tornando desesperado.

– Mas isso... Nem sei o que dizer.

– Lamento, Raisa. Não vou contar a Gridnev. Não vou contar a ninguém até que chegue a notícia oficial. Talvez seu irmão apareça antes

disso, e então não significará nada.

O olhar de piedade envergonhado de Pavel era demais para suportar. Quando não houve resposta ele foi embora, se arrastando pela lama.

Ela sabia no que ele estava pensando, o que todos pensariam, e o que iria acontecer em seguida. Ninguém diria isso em voz alta – não ousariam –, mas ela sabia. Desaparecido em combate; como seria muito melhor para todos se tivesse morrido.

O camarada Stálin dera a ordem logo depois do início da guerra: "Não temos prisioneiros de guerra, apenas traidores da pátria." Prisioneiros eram colaboradores, porque se fossem verdadeiros patriotas teriam morrido em vez de ser apanhados. Da mesma forma, soldados desaparecidos em combate eram considerados desertores. Se David de algum modo não reaparecesse no exército soviético, seria declarado traidor e sua família iria sofrer. Seus pais e sua irmã menor não receberiam rações nem ajuda. A própria Raisa seria no mínimo impedida de voar. Todos sofreriam, embora David estivesse caído morto no fundo de um pântano em algum lugar.

Ela apertou o nariz para conter as lágrimas e entrou no abrigo para qualquer que fosse a informação que o comandante tinha para o voo. Não poderia dar a impressão de que havia algo errado. Mas teve dificuldade para se concentrar naquela manhã.

David não era um traidor, mas não importava o quanto ela gritasse essa verdade do alto da montanha, não faria diferença. A não ser que ele aparecesse – ou um corpo fosse encontrado, provando que morrera em combate –, seria um traidor para sempre.

Terrível desejar que um corpo fosse encontrado.

Ela teve uma ânsia repentina de pegar uma arma – com as próprias mãos, na verdade, e não pelo *cockpit* de seu avião – e assassinar alguém. Stálin, talvez.

Se alguém ali pudesse ler sua mente, ouvir seus pensamentos, ela seria impedida de voar e mandada para um campo de trabalhos forçados, se não executada imediatamente. Então, seus pais e sua irmã ficariam ainda pior, com *dois* traidores na família. Portanto, ela não podia pensar mal de Stálin. Deveria voltar sua raiva para o verdadeiro inimigo, aquele que tinha matado David. Se ele estivesse morto. Talvez não estivesse morto, apenas desaparecido, como dizia o relatório.

Inna se sentou ao lado dela e tomou seu braço.

– Raisa, o que há de errado? Você parece que vai explodir.
– Não é nada – respondeu Raisa num sussurro.

Ela continuou a escrever cartas para David como se nada tivesse acontecido. Escrever a acalmava.

Querido Davidya:

Mencionei que agora tenho três abates? Três. Quantos alemães você matou? Não responda isso, eu sei que irá me contar, e será mais, e sei que é mais difícil para você porque tem de encará-los com nada além de balas e baionetas, enquanto eu tenho meu belo Yak para me ajudar. Ainda assim, sinto que estou fazendo algo bom. Estou salvando as vidas de seus colegas da infantaria. Inna e eu impedimos que um esquadrão inteiro completasse sua missão de bombardeio, e isso é algo para se orgulhar.

Estou muito preocupada com você, Davidya. Tento não ficar, mas é difícil.

Mais dois abates e serei um ás. Mas não a primeira mulher a ser ás. Essa foi Liliia Litviak. A impressionante Liliia, que combateu em Stalingrado. Não sinto nenhum rancor dela. É uma ótima piloto, eu a vi voar. Eu nem diria que sou melhor. Mas sou tão boa quanto, sei que sou. Por falar nisso, você deveria saber, caso veja um retrato de Litviak nos jornais (ouvi dizer que os jornais estão falando muito nela, para que possa inspirar as tropas ou algo assim), que Inna é muito mais bonita. Difícil acreditar, eu sei, mas é verdade. Fico pensando se depois de meus dois próximos abates irão colocar minha foto no jornal. Você poderá dizer a todo mundo que me conhece. Se não ficar constrangido demais com sua irmãzinha com cara de rato.

Recebi uma carta da mamãe, e estou preocupada, pois ela diz que papai está doente de novo. Achei que estava melhor; mas fica doente o tempo todo, não é? E não há comida suficiente. Ele deve dar toda a dele para Nina. É o que eu faria. Estou com medo de que mamãe não esteja me contando tudo por temer que eu não consiga aguentar. Você me diria, não é mesmo?

Você acharia que eu tinha coisas demais com que me preocupar, que não deveria me preocupar também com as coisas em casa. Como sei cuidar de mim mesma, não se preocupe comigo. Temos comida e durmo

bastante. Bem, durmo um pouco. Eu ouço as bombas às vezes, e é difícil pensar que eles não estarão aqui depois.

Até a vista, Raisa.

Como dezenas de outras garotas, Raisa escrevera uma carta à famosa piloto Marina Raskova perguntando como poderia voar na guerra. A camarada Raskova escrevera de volta: estou organizando um batalhão feminino. Venha.

Claro que Raisa foi.

O pai ficara com raiva: queria que permanecesse em casa e trabalhasse numa fábrica – um trabalho bom, nobre, que sustentava o esforço de guerra tanto quanto pilotar um Yak. Mas a mãe olhara para ele e dissera em silêncio: deixe que ela ganhe asas enquanto pode. O pai não contradisse. Seu irmão mais velho, David, a fez prometer que escreveria para ele todos os dias, ou pelo menos toda semana, para que pudesse ficar de olho. Ela fez isso.

Raisa foi colocada no regimento de caças, e pela primeira vez conheceu garotas como ela que entraram para o clube de aviação local, que tiveram de lutar pelo privilégio de aprender a voar. Em seu clube, Raisa fora a única garota. No início, os garotos não a levaram a sério, riram quando ela apareceu querendo fazer as aulas para conseguir a licença. Mas ela continuou a ir a todas as sessões, todos os encontros e todas as aulas. Eles tiveram de deixar que entrasse. Verdade seja dita, não a levaram a sério nem mesmo depois de ter feito voo solo e se saído melhor que qualquer deles na prova de navegação. Ela nunca disse em voz alta, mas o que a deixava furiosa era a hipocrisia de tudo. A grande experiência soviética com seus nobres princípios igualitários, que deveria levar a igualdade a todos, mesmo entre homens e mulheres, e ali estavam os garotos lhe dizendo para ir para casa, trabalhar numa fábrica com as outras mulheres, se casar e ter filhos, pois era o que as mulheres deveriam fazer. Elas não deveriam voar. Elas *não podiam* voar. Ela teve de provar várias vezes que estavam errados.

Graças a Marina Raskova, que provou tanto por todas elas. Quando ela morreu – um acidente idiota em tempo ruim, pelo que Raisa ouvira –, as mulheres pilotos tiveram medo de ser dispensadas e enviadas para fábricas, para construir os aviões que deveriam estar pilotando. Raskova e suas ligações com os mais altos escalões – o próprio Stálin – eram o que

mantinha as mulheres voando na frente de batalha. Mas aparentemente as mulheres tinham provado seu valor e não foram dispensadas. Continuaram pilotando e combatendo. Raisa prendeu na parede do abrigo uma fotografia de Raskova tirada de um jornal. A maioria das mulheres parava ali de vez em quando, dando um sorriso, ou às vezes em luto silencioso. Mais pilotos mortos tinham feito fila atrás dela desde então.

– Eu quero uma missão de combate, não trabalho de rotina – pediu Raisa a Gridnev. Não bateu continência, não disse "senhor". Eles eram iguais a todos os cidadãos soviéticos, não eram?

Ele lhe comunicara sua nova missão de voo fora do abrigo, sob rajadas de vento de primavera que Raisa mal notara. Deveriam seguir para suas aeronaves imediatamente, mas ela ficou para trás para discutir. Inna esperou a alguns metros de distância, nervosa e preocupada.

– Stepanova. Eu preciso de pilotos em missão de escolta. Você está nela.

– O plano de voo nos leva cem milhas além da linha de frente. Seu protegido não precisa de escolta, ele precisa de uma babá!

– Então, você fará serviço de babá.

– Comandante, eu só preciso daqueles outros dois abates...

– Você precisa servir à pátria de qualquer modo que a pátria considere importante.

– Mas...

– Isto não é sobre você. Eu preciso de pilotos de escolta; você é piloto. Agora vá.

Gridnev foi embora antes. Ela ficou olhando para ele, furiosa, querendo gritar. Não iria derrubar ninguém voando como *escolta*.

Marchou para a linha de voo.

Inna correu atrás dela.

– Raisa, o que deu em você?

Sua parceira vinha perguntando isso a cada hora desde o dia anterior, aparentemente. Raisa não conseguia esconder. E se não pudesse confiar em Inna, não poderia confiar em ninguém.

– David desapareceu em combate – contou Raisa, e continuou andando.

Inna abriu a boca, devidamente chocada e com pena, como Pavel tinha feito.

– Ah... Ah, não. Eu lamento muito.

– Não é nada. Mas vou ter de trabalhar em dobro, certo?

Elas continuaram a ir em direção aos aviões, em silêncio.

As mãos de Raisa coçavam. Repousavam levemente no manche, e ela não tinha de fazer muito para se manter firme. O ar estava sereno, e elas – Inna, Katya e Tamara estavam nos outros caças – voavam quase em linha reta. Mas ela queria atirar em algo. Não haviam dito quem estava no Li-2 que protegiam, não que isso importasse. Mas ela imaginou que poderia ser o próprio Stálin. Ficou imaginando se teria coragem de passar um rádio para ele. "Camarada, deixe-me contar a você sobre meu irmão..." Mas os figurões não iriam pegar uma esquadrilha de mulheres pilotos da frente de batalha para proteger o *premier*. Não era ele.

Não que seu VIP precisasse de proteção. Ali a coisa mais perigosa que enfrentava era o risco de outro piloto sair de formação e se chocar contra ela. *Isso* seria constrangedor.

Pouco antes da decolagem, o operador de rádio levara a notícia de que Liliia conseguira outro abate. *Seis* abates confirmados. Os alemães pareciam estar fazendo fila pelo privilégio de ser abatidos pela bela Liliia. E ali estava Raisa, a milhas de distância da batalha, brincando de guardiã.

Se morresse em batalha, heroicamente, com muitas testemunhas, deixando para trás um corpo inquestionável, talvez pudesse ajudar a resgatar a reputação de David. Se fosse uma heroína – ou mesmo um ás –, ele não poderia ser um traidor, certo?

Esticou as pernas e coçou a cabeça sob o capacete de couro. Mais duas horas, pousariam e fariam uma refeição quente. Era o único consolo – estavam levando seu protegido para uma base de verdade com comida de verdade e tinham a promessa de uma refeição antes de voar de volta para Voronezh. Raisa ficou pensando se conseguiriam embrulhar alguma coisa para colocar nos bolsos e levar de volta.

Inspecionando o céu até o horizonte, não viu nem mesmo um ganso voando. Os outros aviões – os Yaks em forma de bala e o grande Lisunov com seus dois motores nas asas e estrutura sólida – zumbiam ao redor dela, numa formação que era bastante majestosa. Ela sempre ficava impressionada com aquelas grandiosas feras de aço e graxa subindo pelo ar, num desafio impossível à gravidade. O mundo se espalhava abaixo dela, amplas planícies em bege e verde, limitadas por florestas, cortadas pelo leito sinuoso de um riacho. Podia acreditar que não existia nada lá

embaixo – uma terra limpa e nova, e ela era rainha de tudo que conseguia ver, por centenas e centenas de quilômetros. Navegava acima daquilo sem esforço. Depois, localizou uma fazenda, fileiras de campos quadrados que deveriam estar verdes com os novos plantios, mas em vez disso tinham crateras pretas e restos de tanques destruídos.

Caso se concentrasse no som do motor, um chacoalhar reconfortante que fluía pela pele da fuselagem ao redor dela, não pensaria tanto no restante daquilo. Caso inclinasse a cabeça para trás, poderia ver o céu azul passando acima e apertaria os olhos para o sol. O dia estava bonito, e ela sentiu uma ânsia de abrir a cúpula e beber o céu. O vento gelado a faria em pedaços àquela altitude, então resistiu. A cabine estava quente e segura como um ovo.

Algo do lado de fora chamou sua atenção. À distância, do outro lado da planície sobre a qual voavam, no ponto em que o céu encontrava a terra. Pontos escuros se movendo sobre o azul. Eram antinaturais – voavam em linha reta demais, suavemente demais para que fossem pássaros. Pareciam distantes, significando que tinham de ser grandes – difícil dizer sem um ponto de referência. Mas vários deles voavam juntos na forma inconfundível de aviões em formação.

Ela ligou o rádio.

– Aqui é Stepanova. À esquerda, no horizonte, estão vendo?

– Sim. São bombardeiros? – perguntou Inna.

Eram, pensou Raisa. Tinham uma aparência pesada, avançando devagar em vez de disparando. A formação chegava mais perto, mas ainda não o suficiente para ser possível ver se tinham cruzes ou estrelas pintadas.

– Deles ou nossos? – quis saber Katya.

– Vou descobrir – disse Raisa, saindo da formação e acelerando. Ela iria dar uma olhada, e se visse aquela cruz preta dispararia.

Uma voz masculina falou, o piloto do Li-2.

– Aqui é Osipov. Volte para cá, Stepanova!

– Mas...

– Volte à formação!

Os aviões estavam *bem ali*, só levaria um *segundo* para verificar...

– Raisa, você não pode pegá-los sozinha! – falou Inna, quase suplicando.

Ela certamente podia tentar...

– Um esquadrão foi notificado e irá interceptar a esquadrilha desconhecida. Vamos seguir em frente – informou Osipov.

Eles não podiam impedi-la... Mas podiam acusá-la de desobedecer a ordens assim que pousasse, e isso não ajudaria ninguém. Então, ela deu a volta e retornou à formação. Litviak iria atirar em alguém naquele dia. Raisa viu seu reflexo desbotado no vidro da cabine.

Querido Davidya:

Prometi lhe escrever todos os dias, então continuo a fazer isso.

*Como está desta vez? Espero que esteja bem. Que n*ão esteja doente, *nem esteja com fome. Começamos a conversar sobre comer os ratos que infestam os abrigos aqui, mas não chegamos ao ponto de tentar de verdade. Principalmente porque acho que daria trabalho demais para muito pouca recompensa. Os animais são tão magros quanto o resto de nós. Mas não estou reclamando. Recebemos algumas caixas de comida enlatada – frutas, carne, leite – de um lançamento de suprimentos americano e estamos saboreando a sorte. É como uma provinha daquilo pelo que estamos lutando, e pelo que podemos esperar quando esta confusão terminar. Foi Inna quem disse isso. Um belo pensamento, não? Ela sozinha mantém todo o batalhão animado.*

Tenho de avisar que escrevi uma carta para ser enviada a você caso eu morra. É bastante grotesca, e agora você ficará com medo de que cada carta que receber de mim será ***aquela****. Você fez isso, me escreveu uma carta que só lerei caso você morra? Não recebi uma, o que me dá esperança.*

Sou muito grata por Nina não ser velha o bastante para estar na frente de batalha conosco, ou estaria escrevendo o dobro de cartas grotescas. Recebi uma carta dela falando sobre o que fará quando for velha o bastante para vir para a frente, e ela quer voar como eu, e se não puder ser piloto será mecânica – ***minha*** *mecânica, na verdade. Estava muito animada. Escrevi para ela no mesmo dia dizendo que a guerra terá terminado antes que ela seja velha o bastante. Espero estar certa.*

Amor e beijos, Raisa.

Outra semana se passou sem notícias de David. Ele devia estar morto. Oficialmente, havia desertado, e Raisa supunha que tinha de considerar que de fato fizera isso, só que não fazia sentido. Para onde iria? Ou talvez

apenas estivesse perdido e ainda não conseguira retornar ao seu regimento. Queria acreditar nisso.

Gridnev a chamou ao abrigo de operações, e ela se apresentou diante da escrivaninha. Um homem, um estranho vestindo um engomado uniforme do exército, se levantou com ele.

O comandante do ar estava soturno e com um rosto pétreo quando anunciou:

– Stepanova, este é o capitão Sofin.

Depois, Gridnev deixou a sala.

Raisa sabia o que iria acontecer. Sofin colocou uma pasta na escrivaninha e se sentou atrás dela. Não a convidou a sentar.

Não estava nervosa por falar com ele. Mas tinha de conter uma lenta e tensa raiva.

– Seu irmão é David Ivanovich Stepanov?

– Sim.

– Tem consciência de que ele foi declarado desaparecido em combate?

Ela não deveria saber, oficialmente, mas não era bom esconder isso.

– Sim, tenho.

– Tem alguma informação quanto ao seu paradeiro?

"Você não deveria estar travando uma guerra?", pensou ela.

– Suponho que ele foi morto. Afinal, muitos são.

– Recebeu alguma comunicação dele?

E se ele encontrasse todas aquelas cartas que ela estivera escrevendo para *ele* e as considerasse reais?

– Nenhuma.

– Preciso lhe dizer que caso receba qualquer notícia dele é seu dever informar o comando.

– Sim, senhor.

– Estaremos observando atentamente, Raisa Stepanova.

Ela queria saltar sobre a escrivaninha no abrigo de operações e estrangular aquele homenzinho de bigode fino. Afora isso, queria chorar, mas não o fez. Seu irmão estava morto e eles o tinham condenado sem qualquer prova ou julgamento.

Mais uma vez, pelo que ela estava lutando? Nina e seus pais, e mesmo Davidya. Certamente não por aquele homem.

Ele a dispensou sem nem erguer os olhos da pasta que estudava, e ela saiu do abrigo.

Gridnev estava de pé ao lado da porta, espreitando como um colegial, embora um colegial sério que se preocupava demais. Sem dúvida escutara tudo. Ela murchou, corando, rosto virado para o chão, como um cão chutado.

– Você tem um lugar aqui no 586º, Stepanova. Sempre terá.

Ela deu um sorriso de agradecimento, mas não confiou em sua voz para dizer algo. Como, por exemplo, o fato de perceber que Gridnev não teria muito o que fazer quanto a isso no fim das contas.

Não, ela teria de merecer sua inocência. Caso conseguisse abates suficientes, caso se tornasse um ás, não poderiam tocar nela, não mais do que poderiam macular a reputação de Liliia Litviak. Caso se tornasse heróica o suficiente, poderia até mesmo redimir David.

* * *

O inverno terminou, mas isso só significou que os insetos surgiram com força, mosquitos e pernilongos que deixavam todos infelizes e irritadiços. Corriam boatos de que as forças aliadas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos estavam planejando uma enorme invasão, que os alemães tinham uma arma secreta que iriam usar para devastar Moscou e Londres. Vivendo em um campo na linha de frente as notícias eram escassas. Eles recebiam ordens, não notícias, e só podiam seguir essas ordens.

Isso a deixava cansada.

– Stepanova, você está bem?

Ela estacionara seu avião depois de um voo de patrulha que seguia uma rota ao longo da frente, procurando ataques iminentes e deslocamentos de trás – totalmente rotina, nenhum alemão avistado. O motor parara com um ronco e a hélice se imobilizara muito antes, mas ela permanecera na cabine, apenas sentada. A ideia de se levantar, com o equipamento pesado, paraquedas, diário, capacete e tudo mais, sair da cabine e ir para a asa a deixava exausta. Ela passara meses fazendo aquilo e, naquele momento, não tinha certeza se sobrava algo. Não conseguia ler nenhum número nos marcadores, por mais que piscasse para o painel de instrumentos.

– Stepanova! – gritou novamente Martya, sua mecânica, e Raisa se sacudiu e despertou.

– Sim, estou bem, estou saindo.

Deslizou a cúpula da cabine, reuniu suas coisas e passou pela lateral.

Martya esperava na asa vestindo camisa e macacão, mangas arregaçadas, lenço na cabeça. Não podia ter mais de 20 anos, mas suas mãos eram calejadas de anos trabalhando em motores.

– Você parece péssima – comentou Martya.

– Nada que uma dose de vodca e um mês numa cama de penas não consertem – brincou Raisa, e a mecânica riu.

– Como está o combustível?

– Baixo. Acha que está bebendo mais do que deveria?

– Não me surpreenderia. Está trabalhando duro. Vou dar uma olhada.

– Você é a melhor, Martya.

A mecânica a ajudou a saltar da asa, e Raisa deu um abraço nela.

– Tem certeza de que está bem? – perguntou Martya. Raisa não respondeu.

– Raisa! – chamou Inna, vindo de seu avião, arrastando o paraquedas com um braço, o capacete enfiado embaixo do outro. – Você está bem?

Ela queria que as pessoas parassem de lhe perguntar isso.

– Cansada, acho – respondeu Martya por ela. – Quer saber do que precisamos? Uma festa, uma dança ou algo assim. Há muitos garotos bonitos por aqui com quem flertar.

Ela estava certa: a base estava cheia de pilotos do sexo masculino, mecânicos e soldados, e todos eram animados e bonitos. A sorte realmente estava a favor das mulheres. Raisa não pensara nisso antes.

Inna suspirou.

– Difícil pensar em flerte quando estão bombardeando e atirando em você.

Martya se apoiou na asa e pareceu sonhadora.

– Depois da guerra poderemos nos arrumar. Lavar os cabelos com sabonete de verdade e ir dançar.

– Depois da guerra. Sim – concordou Inna.

– Depois de *vencermos* a guerra – corrigiu Raisa. – Não haverá muita dança se os fascistas vencerem.

Elas ficaram em silêncio, e Raisa lamentou ter dito qualquer coisa. Era a suposição não dita quando as pessoas falavam sobre “depois da guerra”: claro que eles venceriam. Se perdessem não haveria nenhum “depois”. Não que Raisa esperasse chegar tão longe.

Davidya:

Decidi que desistiria de ser um ás de caça se isso significasse que poderíamos sair vivos da guerra. Não conte a ninguém que disse isso; eu perderia minha reputação de ser feroz e de ter uma inveja hedionda de Liliia Litviak. Se há um Deus talvez ele me escute, e você sairá andando da floresta, vivo e bem. Não morto, e não um traidor. Iremos para casa, mamãe, papai e Nina estarão bem e poderemos esquecer que tudo isso aconteceu. Agora esse é o meu sonho.

Ainda tenho aquela carta, a grotesca que escrevi para você caso morra. Eu deveria queimar, já que Inna agora não tem ninguém para quem mandar.

Sua irmã, Raisa.

Um alarme soou ao amanhecer.

Por reflexo ela saiu do catre, vestiu calça e camisa, casaco e botas, pegando luvas e capacete ao sair do abrigo. Inna estava ao lado dela, correndo na direção da pista de decolagem. Aviões já roncavam acima – vigias voltando da patrulha.

Mecânicos e armeiros estavam junto aos aviões – todos eles, reabastecendo, colocando esteiras de munição em canhões e metralhadoras. Aquilo era grande. Não apenas uma incursão, e sim uma batalha.

O comandante Gridnev falou com eles ali mesmo no campo. A missão: bombardeiros pesados alemães tinham cruzado a frente de guerra. Caças estavam sendo enviados para interceptar. Ele mesmo iria voar, liderando o primeiro esquadrão. O primeiro esquadrão iria decolar em minutos e atacaria quaisquer caças enviados junto com o ataque. O segundo esquadrão – o esquadrão das mulheres – decolaria em quinze minutos e iria deter os bombardeiros.

O ar se encheu de caças Yak, o ronco de seus motores como o zumbido de abelhas amplificado.

Sem tempo de pensar, apenas de fazer, assim como centenas de vezes antes. Martya ajudou Raisa a entrar na cabine, bateu a cúpula duas vezes antes de fechá-la sobre ela, depois saltou da asa para arrancar as travas de sob os pneus. Uma dúzia de Yaks fez fila, taxiando da linha de voo para esperar sua vez na pista. Um depois do outro, depois do outro.

Finalmente chegou a vez de Raisa, e ela decolou. Era um alívio estar no ar, onde podia *fazer* alguma coisa. No alto, quando alguém atacava, ela podia desviar. Não era como estar no solo quando as bombas caíam. Ela preferia ter um manche na mão, um gatilho sob o dedo. Parecia *certo*.

Olhando para trás pela cúpula Raisa encontrou Inna ao seu lado, bem onde deveria estar. Sua amiga fez um largo cumprimento e Raisa acenou de volta. Assim que o esquadrão decolou, elas se puseram numa formação diagonal, seguindo o esquadrão de Gridnev à frente. Todas tinham voado com os homens de Gridnev; todos tiveram meses para se acostumar uns com os outros. Homens ou mulheres, não fazia diferença, e a maioria dos homens se dava conta disso mais cedo ou mais tarde. O que era uma espécie de revelação caso parasse para pensar nisso. Mas ninguém tinha tempo de parar e pensar nisso. Tudo que se precisava saber era que Aleksei Borisov gostava de mergulhar para a esquerda e subiria se estivesse em apuros; Sofia Mironova era uma piloto cuidadosa e tendia a ficar para trás; Valentina Gushina era rápida, muito boa em combate; Fedor Baurin tinha a melhor visão. Ele via o alvo antes de qualquer um.

Os Yaks voavam em formação aberta, prontos para dissolver e entrar em combate assim que o alvo fosse visto. Raisa examinou o céu em todas as direções, olhando para cima e por sobre os ombros. O comandante tinha as coordenadas; estimara vinte minutos até o contato. Eles deveriam vê-los a qualquer momento...

– Lá! – chamou Baurin pelo rádio. – Uma hora!

– Firme. Mantenham formação – respondeu Gridnev.

Ela viu o inimigo, a luz do sol refletindo nas cúpulas, aviões suspensos no ar. Difícil avaliar escala e distância; seu próprio grupo estava viajando rápido o bastante para que os aviões inimigos parecessem parados. Mas estavam se aproximando, rápida e inexoravelmente.

Enquanto os pesados bombardeiros avançavam, nivelados e em linha reta, um punhado de aviões menores saiu do grupo principal – um esquadrão de caças como escolta.

Bem, aquilo ia ser interessante.

À ordem do comandante, eles se espalharam e se prepararam para combate. Raisa acelerou e avançou, planejando deixar os caças para trás: a missão delas era impedir que os bombardeiros chegassem ao seu alvo. Seu Yak desceu, tombou à esquerda, roncou avançando.

Uma esquadrilha de Messerschimitts disparou acima. Sons de tiros. Depois desapareceu.

Inna a seguira, e os bombardeiros estavam à frente, esperando. Tinham pouco tempo para perturbar o máximo possível antes que os Messers dessem a volta, não importando o quanto os outros conseguissem mantê-los ocupados.

Assim que chegou ao alcance ela abriu fogo. O ratatá do canhão sacudiu a fuselagem. Perto, outro canhão disparou. Raisa rastreou a fumaça dos projéteis vindo por trás dela na direção dos Junkers: Inna também disparara.

Os bombardeiros ficaram na retaguarda. E os caças alcançaram Inna e ela. Depois, foi o caos.

Ela procurou estrelas e cruzes marcadas nas fuselagens, diferenciando amigo de inimigo. Eles se caçaram em três dimensões, até ser impossível localizar todos, quando ela começou a se concentrar em evitar uma colisão. Os Messers tinham forma de torpedo, esguios e ágeis. Formidáveis. Os dois grupos de pilotos tiveram dois anos de guerra para ganhar experiência. A luta só terminaria quando um dos lados ficasse sem munição.

Elas tinham de derrubar aqueles bombardeiros, no mínimo.

Os outros tiveram a mesma ideia, e o comandante os mandou para seu alvo primário, até que os bombardeiros se espalhassem, só para sair do caminho da batalha aérea. Naquele momento, os Messers tinham de se preocupar em não atingir seus protegidos acidentalmente. Isso os tornava mais cautelosos; poderia dar uma vantagem aos Yaks.

O ronco de motores e as hélices cortando o ar enchiam o céu ao redor dela. Ela nunca vira tantos aviões no céu ao mesmo tempo, nem nos seus primeiros dias de treinamento no clube.

Ela deu uma volta por fora e encontrou um alvo. O piloto do caça tinha no alvo um Yak – o de Katya, pensou – e estava tão concentrado em atingi-la que voava nivelado e em linha reta. O primeiro e pior erro. Ela mirou nele e travou por um segundo, o suficiente para disparar antes de mergulhar e sair do caminho antes que alguém mirasse nela.

Seus projéteis cortaram a cabine, atravessando o piloto. A cúpula estilhaçou, e houve sangue. Pensou ter visto o rosto dele atrás, de óculos e capacete de voo, só por um momento – uma expressão de choque, depois nada. Descontrolado, o Me-109 apontou para baixo e caiu em uma espiral

descendente. A visão, fumaça preta subindo, o avião em queda, era fascinante. Mas sua própria trajetória a afastou da cena num instante, mostrando céu azul à frente.

– Quatro! – gritou Raisa. Quatro abates. E certamente com todos aqueles alvos ao redor ela poderia conseguir seu quinto. Ambos por David.

Outros aviões estavam caindo do céu. Um dos bombardeiros foi atingido e ainda voava, com um motor soltando colunas de fumaça. Outro caça engasgou, ficou para trás depois tombou, liberando fogo e estilhaços – Aleksei, era Aleksei. Será que conseguiria recuperar o controle de seu avião danificado? Caso contrário, será que teria tempo de saltar? Não viu vida na cabine; era só fuligem. Em vez de lamentar, trincou os dentes e encontrou outro alvo. Tantos deles que mal sabia qual escolher primeiro.

No rádio, Gridnev ordenava retirada. Eles tinham causado danos, era hora de sair enquanto podiam. Mas só tinham lutado alguns minutos. O motor do seu Yak parecia cansado, as hélices que giravam à sua frente pareciam engasgar.

Um Messerschmitt veio do sol acima como um dragão.

Uma chuva de balas acertou a fuselagem do seu Yak, soando como granizo. Uma dor penetrou sua coxa, mas isso era menos preocupante que a batida e o guincho áspero do motor. E fumaça preta de repente saindo do nariz em uma nuvem grossa. O motor tossiu: a hélice parou de girar. De repente seu gracioso Yak aerodinâmico virou uma pedra morta esperando para cair.

Ela ergueu o nariz na força bruta, apertou o acelerador repetidamente, mas o motor estava morto. Bombeou os pedais, mas o leme estava travado. O nariz tombou, acabando com qualquer chance que tivesse de deslizar para terra.

– Raisa, salte! Salte! – gritou Inna pelo rádio.

Abandonar o posto, não, nunca. Melhor morrer numa bola de fogo que desaparecer.

O nariz tombou ainda mais, a asa esquerda se ergueu – o começo de um mergulho em parafuso. Agora ou nunca. Maldição.

Sua perna direita inteira latejava de dor, e havia sangue na manga da sua camisa, sangue espalhado no lado de dentro da cúpula, e ela não sabia de onde tinha vindo. Talvez do piloto cujo rosto vira, aquele que olhava para ela com olhos mortos atrás dos óculos de proteção. Instinto e treinamento foram mais fortes. Esticando as mãos, abriu a cúpula. O vento

a atingiu como um punho. Soltou o cinto, levantou do assento; sua perna não queria se mover. Ela não saltou exatamente, deixou o Yak se afastar dela, e de repente estava flutuando. Não – estava caindo. Puxou a corda e o paraquedas se abriu acima dela, uma flor cor de creme esticando as pétalas. Ele pegou o ar e a parou com um puxão. Ficou pendurada nos arreios como um peso morto. Peso morto, rá.

Seu avião pegava fogo, um cometa flamejante rodopiando para a terra, traçando uma espiral de fumaça preta. Seu pobre avião. Ela queria chorar e não tinha chorado nunca durante toda a guerra, a despeito de tudo.

A batalha continuava. Ela perdera de vista o avião de Inna, mas ouviu tiros em meio às explosões e roncos de motor. Inna protegera sua escapada, impedindo que fosse baleada em pleno ar. Não que isso tivesse sido uma tragédia – pelo menos teria morrido em combate. Naquele momento, não sabia de que lado da linha estava o campo nu abaixo dela. Quem a encontraria, russos ou nazistas? "Nenhum prisioneiro de guerra, apenas traidores..."

A pior parte era não ser capaz de fazer nada quanto a isso. Sangue escorria de sua perna e se espalhava ao vento. Havia sido baleada. A tontura que tomou conta dela poderia ser o choque da compreensão ou perda de sangue. Poderia nem mesmo chegar ao chão. Será que seu corpo seria um dia encontrado?

O céu de repente ficara muito silencioso, e os caças e bombardeiros enxamearam como corvos à distância. Apertou os olhos, tentando ver melhor.

Então, Raisa apagou.

Muito depois, abrindo os olhos, Raisa viu um teto baixo com fileiras de vigas de madeira. Estava num catre, parte de uma fila de catres, no que deveria ser um hospital de campanha improvisado com pessoas indo de um lado para o outro, cruzando fileiras e alamedas, em negócios obviamente importantes. Falavam russo, e o alívio tomou conta dela. Tinha sido encontrada. Estava em casa.

Não conseguiu se mover e decidiu que não queria muito. Ser deixada despreocupadamente no catre com cobertores, a alguma distância da dor que estava certa de que deveria estar sentindo, parecia a melhor forma de existir, pelo menos nos minutos seguintes.

– Raisa! Você acordou!

Uma cadeira foi arrastada para perto sobre um piso de concreto e um rosto familiar apareceu. David. Barbeado, os cabelos escuros cortados, uniforme da infantaria passado e abotoado, como se estivesse indo para uma parada, não visitando a irmã no hospital. Exatamente como estava na fotografia formal que mandara para casa logo depois de se alistar. Aquilo devia ser um sonho. Talvez aquilo não fosse um hospital. Talvez fosse o céu. Não estava certa de que havia sido suficientemente boa.

– Raisa, diga alguma coisa, por favor – pediu ele, e com o rosto tão contorcido parecia preocupado demais para estar no céu.

– Davidya! – falou, precisou respirar duas vezes para completar o nome do irmão, e sua voz estava surpreendentemente rascante. Lambeu lábios secos. – Você está vivo! O que aconteceu?

Ele deu de ombros, tímido.

– Meu esquadrão se perdeu. Enfrentamos uma unidade Panzer no meio da floresta, e uma nevasca de primavera repentina nos prendeu. Metade de nós teve queimaduras por causa do gelo e teve de arrastar a outra metade para fora. Demorou duas semanas, mas conseguimos.

Aquele tempo todo... Ele só estava perdido. Desejou que Sofin estivesse lá para poder socá-lo na cara.

– Eu riria de todo o problema que você causou, mas meu peito dói – contou ela.

O sorriso dele murchou, e ela imaginou que deveria ter tido uma entrevista com alguém muito parecido com Sofin depois que ele e seu esquadrão mancaram de volta para casa. Não ia lhe contar sobre sua entrevista, e queimaria aquelas cartas que escrevera para ele assim que voltasse ao campo de pouso.

– É muito bom ver você, Raisa – disse, segurando sua mão, a que não estava com ataduras, e ela apertou o mais forte que pôde, o que não era muito, mas o suficiente. – Seu comandante Gridnev me avisou que você tinha sido ferida e eu pude tirar um dia para vir vê-la.

Ela engoliu e as palavras saíram lentamente.

– Eu fui atingida. Tive de pular. Não sei o que aconteceu depois.

– Sua parceira conseguiu passar sua posição por rádio. Forças terrestres avançaram e acharam você. Dizem que estava péssima.

– Mas consegui meu quarto abate, eles lhe contaram isso? Mais um e serei ás.

Talvez não a primeira piloto de caça ás, ou mesmo a segunda. Mas seria.

David não sorriu. Ela o sentiu se distanciando, com a pressão em sua mão diminuindo.

– O quê?

Ele não queria dizer. O rosto dele se fechara, os olhos reluzindo – como se *ele* estivesse prestes a começar a chorar. E ali estava ela, a menina, e não chorara uma só vez. Bem, uma vez, por seu avião.

– Raisa, você está sendo dispensada por motivos médicos – contou.

– O quê? Não. Eu estou bem. Vou ficar bem...

– Suas duas pernas estão quebradas, metade das costelas trincadas, você deslocou o ombro, tem uma concussão e foi baleada duas vezes. Você não pode voltar. Não por um longo tempo, pelo menos.

Ela não achara que tinha sido tão ferida. Certamente saberia se fosse tão ruim assim. Mas seu corpo ainda parecia muito distante. Ela não sabia nada.

– Eu vou melhorar...

– Por favor, Raisa. Por enquanto, apenas descanse.

Mais um abate, só precisava de mais um...

– Davidya, se não puder voar, o que vou fazer?

– Raisa! – chamou uma voz clara vindo do fim da fila de catres.

– Inna – respondeu Raisa, o mais alto que sua voz permitiu.

Sua parceira se aproximou, e quando não conseguiu encontrar uma cadeira, se ajoelhou junto ao catre.

– Raisa. Ah, Raisa, veja você, enrolada como uma múmia.

Ela mexeu nas cobertas, alisou um cacho de cabelos que saía da atadura ao redor da cabeça de Raisa, depois mexeu um pouco mais nas cobertas. A boa e doce Inna.

– Inna, este é meu irmão David.

Os olhos dela arregalaram em choque, mas Raisa não teve a oportunidade de explicar que sim, "desaparecido" às vezes realmente significava desaparecido, porque David se levantou apressado e ofereceu a cadeira a Inna, mas ela balançou a cabeça, o que deixou os dois de pé em lados opostos do catre, olhando um para o outro por cima de Raisa. Depois de muito tempo, Inna estendeu a mão. David limpou a dele na perna da calça antes de apertá-la. Que coisa mais típica de David de se fazer.

– Raisa me contou muito sobre você – disse Inna.

– E ela falou sobre você em suas cartas.

Inna corou. Bom. Talvez algo de bom pudesse sair de tudo aquilo.

Ela deveria estar feliz. Afinal, conseguira seu desejo.

Raisa estava de pé na plataforma, esperando o trem que iria tirá-la de Voronezh. Seu braço continuava em uma tipoia, e ela se apoiava pesadamente numa bengala. Não conseguia erguer a própria bagagem.

Raisa discutira com as forças armadas sobre a baixa. Eles deveriam saber que não iria desistir – não tinham entendido pelo que tivera de passar para entrar na cabine, para começar. Este era o segredo: ela continuara escrevendo cartas, continuara aparecendo e não conseguiram dizer não. Em um delírio, ficou pensando se fora isso o que trouxera David para casa: nunca deixara de escrever cartas para ele, então tivera de ir para casa.

Quando finalmente lhe ofereceram uma solução – lecionar navegação num campo de treinamento perto de Moscou –, ela aceitou. Significava que mesmo com bengala e tipoia, mesmo que não pudesse andar direito ou carregar o próprio equipamento, ainda vestia seu uniforme, com todas as suas medalhas e fitas. Ainda mantinha o queixo erguido.

Mas no final até mesmo ela teve de admitir que não voltaria a voar – pelo menos não em combate.

– Tem certeza de que ficará bem?

Inna fora com ela até a estação para se despedir. David retornara ao seu regimento, mas ela ouvira os dois fazendo promessas de se corresponder.

– Eu estou bem.

Os olhos de Inna brilharam como se fosse chorar.

– Você se tornou tão quieta. Estou muito acostumada a ver você correndo como uma galinha raivosa.

Raisa sorriu com a imagem.

– Vai me escrever?

– Claro. O tempo todo. Vou manter você atualizada com todas as fofocas.

– Sim, quero saber quantos aviões Liliia Litviak derruba.

– Ela irá ganhar a guerra sozinha.

Não, em alguns meses Raisa iria ler no jornal que Liliia fora declarada desaparecida em combate, derrubada sobre território inimigo, avião e

corpo não recuperados. A primeira piloto ás da história e seria declarada desertora em vez de heroína. Mas elas não sabiam disso naquele momento.

O apito do trem soou, ainda a alguma distância, mas podiam ouvir sua aproximação, estalando nos trilhos.

– Tem *certeza* de que ficará bem? – perguntou Inna, com algo como súplica nos olhos.

Raisa estava olhando para o nada, algo que passara a fazer muito. O vento brincava com seus cabelos escuros, e ela olhou através do campo e das ruínas da cidade até onde ficava o campo de pouso. Achou poder ouvir aviões acima.

– Eu imaginei morrer num acidente terrível, ou ser derrubada em batalha. Iria sair desta guerra ou morrer de algum modo gloriosamente heroico. Nunca imaginei ficar... aleijada. Que a guerra iria continuar sem mim – confessou Raisa.

Inna tocou seu ombro.

– Estamos todos contentes por você não ter morrido. Especialmente David.

– Sim, porque ele teria de descobrir como contar aos meus pais.

Ela suspirou.

– Você é tão *mórbida*.

O trem chegou e um carregador apareceu para ajudá-la com a bagagem.

– Tome cuidado, Inna. Encontre uma boa parceira para treinar.

– Vou sentir sua falta, querida.

Elas se abraçaram com força, mas cuidadosamente, e Inna ficou lá para garantir que Raisa mancasse para dentro do trem e se sentasse sem problemas. Acenou para a amiga da plataforma até o trem sumir de vista.

Sentada no trem, olhando pela janela, Raisa viu os aviões que estava procurando: uma dupla de Yaks deslizando acima, a caminho do campo de pouso. Mas não conseguiu ouvir o ronco dos motores acima do som do trem. Ainda bem, talvez.

Joe R. Lansdale

O prolífico escritor texano Joe R. Lansdale recebeu os prêmios Edgar Award, American Horror, o American Mystery, International Crime Writer's, e seis Bram Stoker. Embora talvez seja mais conhecido por obras de terror e *thrillers* como *The Nightrunners*, *Bubba Ho-Tep*, *The Bottoms*, *The God of the Razor* e *The Drive-In*, também escreve a popular série de mistério com os personagens Hap Collins e Leonard Pine – *Savage Season*, *Mucho Mojo*, *The Two-Bear Mambo*, *Bad Chili*, *Rumble Tumble*, *Captains Outrageous* –, bem como romances de faroeste como *Texas Night Riders* e *Blood Dance* e romances de gênero híbrido e inclassificável como *Zeppelins West*, *The Magic Wagon* e *Flaming London.* Entre seus outros romances estão *Dead in the West*, *The Big Blow*, *Sunset and Sawdust*, *Act of Love*, *Freezer Burn*, *Waltz of Shadows*, *The Drive-In 2: Not Just One of Them Sequels* e *Leather Maiden*. Também escreveu romances para séries como *Batman* e *Tarzan*. Seus muitos contos apareceram em *By Bizarre Hands*; *Tight Little Stitches in a Dead Man's Back*; *The Shadows, Kith and Kin*; *The Long Ones*; *Stories by Mama Lansdale's Youngest Boy*; *Bestsellers Guaranteed*; *On the Far Side of the Cadillac Desert with Dead Folks*; *Electric Gumbo*; *Writer of the Purple Rage*; *A Fist Full of Stories*; *Steppin' Out, Summer,'68*; *Bumper Crop*; *The Good, the Bad, and the Indifferent*; *Selected Stories by Joe R. Lansdale*; *For a Few Stories More*; *Mad Dog Summer and Other Stories*; *The King and Other Stories*; *Deadman's Road*; a antologia *Flaming Zeppelins: The Adventures of Ned the Seal*; e *High Cotton: Selected Stories of Joe R. Lansdale*. Trabalhou como editor nas coletâneas *The Best of the West*, *Retro Pulp Tales*, *Son of Retro Pulp Tales*, *Razored Saddles* (com Pat LoBrutto), *Dark at Heart: All New Tales of Dark Suspense from Today's Masters* (com sua esposa Karen

Lansdale), *The Horror Hall of Fame: The Stoker Winners* e a antologia em homenagem a Robert E. Howard *Cross Plains Universe* (com Scott A. Cupp). Uma antologia em homenagem à obra de Lansdale é *Lords of the Razor*. Seus livros mais recentes são dois romances de Hap e Leonard, *Devil's Road* e *Hyenas*; os romances *Damaged by Choice* e *Edge of Dark Water*; uma nova antologia, *Shadows West* (com John L. Lansdale); e, como editor, duas novas coletâneas, *Crucified Dreams* e *The Urban Fantasy Anthology* (com Peter S. Beagle). Ele mora com a família em Nacogdoches, Texas.

Aqui ele nos apresenta à melhor garota má de todos os tempos, uma mulher dotada de feitiço, bruxaria e com um apito silencioso de cachorro sobre todo homem que encontra; uma mulher que é como uma maçã vermelha brilhante com um verme no centro, uma que poderia fazer um padre ir para casa e cortar a própria garganta se a visse caminhando pela rua. Em síntese, uma personagem que apenas Lansdale poderia criar.

Lutando com Jesus

Primeiro eles pegaram o saco de lanche de Marvin, depois seu dinheiro, chutando seu traseiro em seguida. Ele sentiu a surra, que se fosse colocada numa escala de um a dez, valeria uns catorze. Contudo, Marvin calculou que parte da surra fora inconsistente, já que um dos agressores tinha parado para acender um cigarro, e depois dois deles pareceram cansados e sem fôlego.

Caído ali, sentindo o gosto de sangue, ele gostava de pensar que, considerando a pausa para fumar e a evidente exaustão de dois dos agressores, era possível tirar pontos do desempenho geral e a avaliação deles seria de apenas nove ou dez em vez de catorze inteiros.

Isso, contudo, não ajudava em nada suas costelas e não eliminava os pontos que estavam diante de seus olhos pouco antes de ter desmaiado de dor. Quando voltou a si, ele estava sendo despertado a tapas por um dos valentões, que queria saber se tinha dentes de ouro. Ele disse que não e o valentão insistiu em ver, então Marvin abriu a boca, e o bandido deu uma olhada.

Desapontado, o valentão ameaçou mijar em sua boca ou fodê-lo, mas sua gangue e ele estavam ou cansados demais da surra para fodê-lo ou não estavam prontos para mijar, pois começaram a ir embora, dividindo seu dinheiro por quatro enquanto se afastavam. Eles ganharam cada um cerca de três dólares e vinte centavos, e tiraram de sua mochila um belo sanduíche de presunto e uma pequena embalagem de gelatina. Contudo, só havia uma colher de plástico.

Marvin estava começando a se sentir um só com o concreto quando ouviu uma voz.

– Vocês acham que são alguma coisa, não é, seus merdinhas?

Piscando, Marvin viu que quem falava era um homem velho, ligeiramente curvado, pernas arqueadas, com cabelos brancos e um rosto que parecia ter sido desmontado e remontado por um bêbado num quarto escuro com cola barata. Sua orelha – Marvin podia ver a direita – tinha pelos suficientes para tricotar um suéter para um cachorrinho. Os únicos pelos pretos visíveis no homem. Os cabelos em sua cabeça eram da cor da barriga de um peixe. Ele segurava as calças largas com uma das mãos. Sua pele era escura como uma castanha e a boca estava um pouco cheia demais com as dentaduras. Um dos bolsos da calça estava inchado com algo. Marvin achou que poderiam ser as bolas dele: uma hérnia.

A gangue parou de repente e se virou. Eram sujeitos de aparência desagradável com ombros largos e músculos. Um deles tinha uma barriga grande, mas era duro, e Marvin sabia que todos possuíam punhos duros e sapatos ainda mais duros. O velho estava prestes a ser morto.

Aquele que tinha perguntado a Marvin se tinha dentes de ouro, o barriga dura, olhou para o velho.

– Está falando a gente, velho maluco? – perguntou, pousando a mochila recém-roubada no chão.

– Vocês são os únicos merdas que eu vejo – retrucou o velho. – Acha que é um cara mau, não é? Qualquer um pode dar uma surra num maricas como este garoto. Minha avó aleijada poderia, e ela está morta há uns vinte anos. O garoto deve ter uns 16 anos; os cretinos têm o que, 20? Vocês são um bando de meninas sem pelos nas rachas.

Marvin tentou engatinhar para trás até sair de vista, não querendo reavivar o interesse deles, e pensando que poderia fugir enquanto estivessem matando o velho. Mas estava fraco demais para engatinhar. Barriga Dura começou a dar passos largos na direção do velho, sorrindo, satisfeito.

– Você vai lutar comigo sozinho, Merdinha? – quis saber o velho, enquanto Barriga Dura estava a menos de dois metros dele. – Não precisa da sua gangue talvez para me segurar?

– Eu vou arrancar qualquer dente de verdade que você tenha, seu velhote – disse Barriga Dura.

– Eu não tenho nenhum de verdade, então fique à vontade.

O garoto avançou e chutou o velho, que por sua vez jogou a perna dele de lado com a mão esquerda, sem deixar de segurar as calças com a direita, e o atingiu com um curto de esquerda na boca que o derrubou e

arrancou sangue dos lábios. Quando Barriga Dura tentou levantar, o velho lhe acertou um chute direto na traqueia. Barriga Dura caiu, engasgando, com a mão na garganta.

– E quanto a vocês, meninas? Prontas, putinhas?

As putinhas balançaram a cabeça.

– Bom – retrucou o velho, e tirou uma corrente do bolso. Era o volume no bolso, não uma bola com hérnia. Continuava a segurar as calças com a outra mão. – Agora estamos de igual para igual aqui. Eu vou enrolar este escroto ao redor das suas cabeças como um cabo de âncora. Venham aqui, peguem o sr. Cuzão e o levem para longe de mim, e rápido.

Os três garotos colocaram de pé o sr. Cuzão, também conhecido como Barriga Dura, e quando fizeram isso o velho se aproximou do rosto dele.

– Não volte aqui. Não quero ver você de novo – ameaçou o velho.

– Você vai se arrepender, velhote – falou Barriga Dura, com sangue gargarejando pelos lábios e descendo pelo queixo.

O velho largou a corrente no chão e acertou Barriga Dura com um curto de esquerda, quebrando-lhe o nariz e espalhando sangue sobre seu rosto.

– Que porra você tem nos ouvidos? – perguntou o velho. – Lama? Hein? Você tem lama? Está me ouvindo falar com você? *Adiós*, babaca.

Os quatro garotos, e Barriga Dura, que cambaleava, desceram a rua e sumiram.

O velho olhou para Marvin, que ainda estava caído no chão.

– Eu recebi surras piores que esta da minha velha mãe, e ela não tinha um braço. Levante, porra.

Marvin conseguiu ficar de pé, achando que esse era um feito comparável a construir uma das Grandes Pirâmides – sozinho.

– O que você veio fazer aqui? – quis saber o velho. – Ninguém circula por aqui a não ser merdas. Você parece ser um garoto que veio de algum lugar melhor.

Marvin balançou a cabeça.

– Não. Eu sou daqui.

– Desde quando?

– Desde semana passada.

– É? Você se mudou para cá de propósito ou perdeu seu mapa?

– De propósito.

– Bem, garoto, talvez seja melhor pensar em se mudar.

Não havia nada que Marvin quisesse mais do que se mudar. Mas sua mãe disse que não havia chance. Eles não tinham dinheiro. Não desde que seu pai morrera. Aquilo os prejudicou, e muito severamente, aquela coisa de morte. O pai de Marvin estava indo bem na fábrica, mas quando ele morreu, suas vidas passaram a degringolar mais que um carrinho vermelho carregado de tijolos. Ele e a mãe tinham de estar onde estavam, e não havia mais nada que se pudesse dizer sobre isso. Um rebaixamento para eles seria uma caixa de papelão com vista. Uma melhoria seriam palmilhas nos sapatos.

– Não posso me mudar. Mamãe não tem dinheiro para isso. Ela é lavadeira.

– É, bem, então é melhor aprender a se cuidar sozinho – constatou o velho. – Caso contrário, pode acordar com as calças arriadas e o traseiro grande como uma travessa de jantar.

– Eles fariam isso de verdade?

– Eu não descartaria a possibilidade. É melhor você aprender a lutar.

– Pode me ensinar?

– Ensinar o quê?

– A lutar.

– Não posso. Preciso segurar minhas calças. Arrume um porrete.

– Mas você poderia me ensinar.

– Eu não quero, garoto. Tenho um trabalho em tempo integral para apenas continuar respirando. Tenho quase 80 anos, porra. Eu deveria estar morto há cinco anos. Escute. Fique longe daqui, e se não puder... Bem, boa sorte, garoto.

O homem foi embora arrastando os pés e segurando as calças com uma das mãos. Marvin o observou por um momento, depois fugiu. Seu plano era sobreviver à semana, e depois a escola fecharia para o verão, e então ele ficaria no apartamento sem sair até que as aulas recomeçassem no outono. A essa altura, talvez ele pudesse conceber um novo plano.

Ele esperava que nesse ínterim os garotos perdessem o interesse em socá-lo, talvez fossem mortos de alguma maneira medonha ou se mudassem. Começassem uma carreira, embora ele tivesse uma boa ideia de que já tinham começado uma – bandidos profissionais.

Ele contou à mãe que tinha caído. Ela acreditou. Estava mais preocupada em colocar comida na mesa para pensar em outra coisa, e ele não queria que ela soubesse. Não queria que soubesse que não podia cuidar

de si mesmo, e que era um saco de pancadas ambulante. O negócio era que ela não era muito atenta aos seus problemas. Tinha o emprego e um namorado, um pintor de paredes. O pintor era um cara alto e magro que aparecia, assistia à TV e bebia cerveja, depois ia para cama com sua mãe. Às vezes, quando ele estava dormindo no sofá, podia ouvi-los nos fundos. Não se lembrava de ouvir aquele tipo de coisa quando o pai era vivo, e não sabia o que pensar disso. Quando ficava muito alto, ele colocava o travesseiro sobre os ouvidos e tentava dormir.

Durante o verão, ele viu na internet anúncios de como ganhar corpo e comprou um DVD. Começou a fazer flexões e abdominais e vários outros exercícios. Não tinha dinheiro para os pesos que o DVD sugeria. O DVD custara o pouco dinheiro que poupara, dez centavos aqui, 25 ali. Troco que sua mãe lhe dava. Mas imaginou que, se sua poupança o impedisse de levar uma surra, valia cada centavo.

Marvin era dedicado nos exercícios. Ele se entregava, e logo sua mãe comentou que parecia estar mais forte. Marvin também achava isso. Na verdade, ele tinha músculos. Seus braços estavam firmes, sua barriga, bem lisa, e coxas e panturrilhas tinham crescido. Já conseguia dar diretos e cruzados. Encontrou na internet um guia de como fazer isso. Estava pensando em trabalhar depois o *uppercut*, talvez o gancho, mas no momento só tinha dominado o direto e o cruzado.

– Certo – falou ele para seu reflexo no espelho. – Que venham. Estou pronto.

Depois do primeiro dia de aulas no outono, Marvin foi para casa pelo mesmo caminho que tomara naquele dia fatídico em que levara uma surra. Não sabia como se sentia sobre o que estava fazendo. Por um lado esperava nunca mais vê-los, e por outro se sentia mais forte, sentia que podia cuidar de si mesmo.

Marvin enfiou a mão no bolso e sentiu o dinheiro que tinha ali. Não era muito. Mais ou menos um dólar em trocados. Mais dinheiro poupado do que sua mãe lhe dera. E estava com a mochila nas costas. Eles poderiam querer aquilo. Tinha de se lembrar de tirar aquilo, colocar de lado caso tivesse de brigar. Nenhum incômodo.

Quando chegou no lugar do acontecido não havia ninguém. Ele foi para casa um pouco desapontado. Teria gostado de bater nas cabeças deles.

***

No terceiro dia depois da escola ele teve sua chance.

Dessa vez eram apenas dois deles: Barriga Dura e um dos pilantras que estava com ele antes. Quando o viu, Barriga Dura sorriu e foi na direção de Marvin, o pilantra seguindo atrás como que querendo migalhas.

– Ora veja – disse Barriga Dura ao chegar mais perto. – Lembra de mim?

– Sim – respondeu Marvin.

– Você não é muito inteligente, não é, garoto? Achei que tinha se mudado. Achei que nunca mais teria uma chance de acertar você. Quero que saiba que aquele velho me pegou de surpresa. Eu poderia ter chutado a bunda dele de segunda até domingo.

– Você não consegue dar uma surra em mim, quanto menos nele.

– Ah, então no verão você ganhou colhões.

– Um belo par.

– Belo par, hein? Aposto que consigo tomar sua mochila e fazer você beijar meus sapatos. Posso fazer você beijar minha bunda.

– Eu vou dar uma surra nela – retrucou Marvin.

A expressão do valentão mudou, e Marvin não se lembrava de muito mais depois disso.

Ele só acordou quando Barriga Dura estava curvado, dizendo:

– Agora beije. Fazendo biquinho. Uma linguinha também seria legal. Se não fizer, Pogo aqui vai pegar sua faca e cortar fora seu pau. Está ouvindo?

Marvin olhou para Barriga Dura. Barriga Dura tinha baixado as calças e se curvado com as mãos nos joelhos, o cu piscando para Marvin. O pilantra estava revirando a mochila de Marvin, jogando coisas à esquerda e à direita.

– Lamba ou vai ser cortado – concluiu Barriga Dura.

Marvin tossiu um pouco de sangue e começou a tentar engatinhar para longe.

– Lambe – mandou Barriga Dura. – Lambe até eu achar bom. Vamos lá, garoto. Prove um pouco de merda.

Um pé se projetou e parou entre as pernas de Barriga Dura, acertando seus bagos com um som como o do rabo de um castor batendo na água. Barriga Dura berrou e caiu de cabeça, como se tentasse plantar bananeira.

– Nunca faça isso, garoto – disse uma voz. – É melhor ter sua garganta cortada.

Era o velho. Estava de pé, perto. Dessa vez, não segurava as calças. Estava de cinto.

Pogo foi até o velho e lançou uma direita selvagem contra ele. O velho não pareceu se mover muito, mas de algum modo ficou abaixo do golpe e, quando se ergueu, o direto no queixo que Marvin não praticara estava em exibição. Acertou Pogo debaixo do queixo, houve um som estalado, e então o pilantra pareceu perder a cabeça por um momento. O que o fez esticar o pescoço como se fosse feito de borracha. Saliva voou da boca de Pogo, que desabou no cimento como uma trouxa de roupas.

O velho foi balançando até Barriga Dura, que estava de quatro, tentando se levantar, as calças caídas nos tornozelos. O velho o chutou entre as pernas duas vezes. Os chutes não foram bonitos, mas foram sólidos. Barriga Dura cagou e caiu de cara.

– Você precisa se limpar – falou o velho. Mas Barriga Dura não escutava. Estava caído no cimento, fazendo o ruído de um caminhão tentando ligar.

O velho se virou e olhou para Marvin.

– Eu achei que estava pronto – explicou Marvin.

– Você não está nem perto disso, garoto. Se conseguir andar, venha comigo.

Marvin conseguia andar, mal.

– Você tem confiança em algum lugar. Eu vi isso de imediato. Mas não tem nenhum motivo para isso.

– Eu fiz alguns exercícios.

– É, bem, nadar em terra seca não é a mesma coisa que mergulhar. Há coisas que pode fazer que são apenas no ar, ou com um parceiro, que podem fazer diferença de verdade, mas você não tem habilidade natural para nada. Se eu não tivesse aparecido você estaria lambendo o rego de alguém e chamando de sorvete. Eu vou lhe dizer, filho. Nunca faça isso. A não ser que seja o traseiro de uma dama e você tenha sido convidado. Se

alguém quiser obrigá-lo a fazer algo assim, morra primeiro. Se fizer esse tipo de coisa uma vez, sentirá o gosto de merda em sua boca pelo resto da vida.

– Acho que é melhor do que estar morto – opinou Marvin.

– Não, não é. Eu vou lhe contar. Uma vez, eu tive um cachorrinho. Não era grande, mas tinha um coração grande. Eu e ele fazíamos caminhadas. Um dia, estávamos caminhando... não era longe daqui... e havia um pastor alemão farejando umas latas de lixo. Um cachorro velho parecendo durão, que foi atrás do meu cachorrinho. O nome dele era Mike. E foi uma briga infernal. Mike não desistiu. Ele lutou até a morte.

– Ele foi morto?

– Não. O pastor foi morto.

– Mike matou o pastor?

– Não. Claro que não. Estou sacaneando você. Eu acertei o pastor com uma tábua. Mas a lição aqui é que você tem de dar o melhor de si, e às vezes tem de esperar que haja alguém do seu lado com uma tábua.

– Está me dizendo que eu sou Mike e você é o cara com a tábua?

– Estou dizendo que você não pode lutar por merda. É o que eu estou dizendo.

– O que aconteceu com Mike?

– Foi atropelado por um caminhão que ele estava perseguindo. Mike era durão e disposto, mas não tinha bom senso. Meio como você. A diferença é que você não é durão. Outra desvantagem sua é não ser um cachorro. Mais uma coisa, é a segunda vez que eu o salvo, então você me deve algo.

– O que seria?

– Bem, você quer aprender a lutar, certo?

Marvin anuiu.

– E eu preciso de um parceiro de exercícios.

O velho não morava longe do local da briga. Era um grande prédio de concreto com dois andares. As janelas estavam cobertas por madeira. Quando chegaram à porta da frente, o velho sacou uma série de chaves e começou a trabalhar em várias trancas.

Enquanto fazia isso, dizia:

– Você fica de vigia. Eu tenho que ser cuidadoso quando faço isso, porque sempre tem um babaca querendo invadir. Tive de machucar alguns

cretinos mais de uma vez. Motivo pelo qual mantenho aquela perna de três ali na lata.

Marvin olhou. De fato havia uma perna de três enfiada numa grande lata de lixo. A perna de três era tudo que havia nela.

O velho destrancou a porta e eles entraram. O velho acendeu algumas luzes e tudo ficou claro. Depois trabalhou nas trancas, fechando-as. Eles seguiram por um corredor estreito até um espaço amplo – um espaço muito amplo.

Lá havia uma cama e um toalete aberto na parede mais distante, e na outra parede uma comprida mesa de tábuas e algumas cadeiras. Havia uma chapa elétrica na mesa, e acima e atrás dela algumas prateleiras cheias de comida enlatada. Uma velha geladeira. Fazia um zumbido alto, como uma criança com um machucado na cabeça. Junto à mesa existia uma pia, e perto dela, um chuveiro com uma cortina outrora verde pendurada numa barra de metal. Uma TV estava abaixo de alguns cartazes na parede, além de cadeiras grossas com o enchimento escapando.

Havia um ringue de boxe no meio da sala. No ringue, um tapete grosso todo coberto de fita adesiva. Os pôsteres desbotados eram de homens de malha, agachados em posições de boxe ou luta livre. Um deles dizia "Danny Bacca, X-Man".

Marvin estudou o cartaz. Estava um pouco amassado nos cantos, mal emoldurado e com o vidro coberto de poeira.

– Sou eu – falou o velho.

Marvin se virou e olhou para o velho, depois voltou o olhar para o pôster.

– Sou eu antes das rugas e dos joelhos ruins.

– Você foi lutador profissional?

– Não, vendia sapatos. Você é meio lento, garoto. Que bom que eu estava dando minha caminhada ou as moscas ficariam com você para o almoço.

– Por que você era chamado de X-Man?

– Porque, quando você subia no ringue comigo, eles riscavam seu nome da lista. Colocavam um X no seu nome. Merda, acho que era isso. Já faz tanto tempo que não tenho mais certeza. Por falar nisso, qual é o seu nome?

– Marvin.

– Certo, Marvin, vamos até o ringue.

O velho passou pelas cordas facilmente. Marvin descobriu que elas estavam bem esticadas, e teve mais dificuldade em ultrapassá-las do que pensou.

– É o seguinte. O que vou fazer é lhe dar uma primeira aula, e você irá me escutar.

– Certo.

– O que quero, e não estou de sacanagem com você, é que você se jogue contra mim com toda força que tiver. Tente me acertar, me derrubar, arrancar minha orelha com os dentes. Qualquer coisa.

– Eu não posso machucar você.

– Eu sei disso.

– Não estou dizendo que não estou disposto – explicou Marvin. – Estou dizendo que sei que não posso. Você bateu duas vezes num cara com quem eu tive dificuldades, portanto sei que não posso machucar você.

– Você tem razão, garoto. Mas quero que tente. É uma aula.

– Você vai me ensinar como me defender?

– Claro.

Marvin investiu, abaixado, planejando pegar os pés do velho. O velho agachou, quase sentando, e lançou um direto rápido no queixo.

Marvin sonhou que estava voando. Depois caindo. As luzes do lugar foram vistas de repente. Depois sumiram, e só ficou a claridade. Marvin rolou no tapete e tentou se levantar. Seu olho doía terrivelmente.

– Você me acertou – falou ele quando conseguiu se sentar.

O velho estava em um canto do ringue, apoiado nas cordas.

– Não dê atenção a merdas como alguém dizendo “Venha me pegar”. Isso é tolice. Isso é conduzir você a alguma coisa de que pode não gostar. Faça seu próprio jogo.

– Mas você mandou.

– Isso mesmo, garoto, mandei. Essa é sua primeira lição. Pense por si mesmo e não escute qualquer idiota lhe dando conselhos. E, como eu disse, faça seu próprio jogo.

– Eu não tenho um jogo – retrucou Marvin.

– Ambos sabemos disso, garoto. Mas podemos dar um jeito.

Marvin tocou no olho com cuidado.

– Então, você vai me ensinar?

– É, mas a segunda lição é essa. Agora tem de prestar atenção em todas as minhas malditas palavras.

– Mas você disse...

– Eu sei o que eu disse, mas parte da lição dois é esta: a vida é cheia de todo tipo de contradição.

Era fácil dar uma escapada para ir treinar, mas não era fácil chegar lá. Marvin ainda tinha que se preocupar com os agressores. Ele levantava cedo e ia, dizendo à mãe que estava se exercitando na pista da escola.

A casa do velho era o que restara de um antigo hospital de tuberculosos, motivo pelo qual comprara barato, em algum ponto no começo do Jurássico, imaginava Marvin.

O velho o ensinou a se mover, socar, lutar, arremessar. Quando Marvin arremessava o X-Man, o velho pousava com leveza e levantava rapidamente, se queixando de como o movimento foi feito. Quando terminavam os exercícios, Marvin tomava uma chuveirada no quarto grande atrás da cortina desbotada e ia para casa pelo caminho mais longo, procurando valentões.

Depois de um tempo, ele começou a se sentir seguro, tendo descoberto que qualquer que fosse o horário dos valentões, não era de manhã cedo nem parecia ser no começo da noite.

Quando o verão terminou e as aulas recomeçaram, Marvin treinava antes e depois da escola, dizendo à mãe que estava estudando pugilismo com uns garotos na ACM. Para ela, estava tudo bem. Só tinha cabeça para o trabalho e o pintor de paredes. O cara estava sentado lá quando Marvin chegava à noite. Sentado olhando para a TV, nem mesmo acenando quando Marvin entrava, algumas vezes sentado na cadeira de TV estofada, com a mãe do garoto sentada em seus joelhos, o braço ao redor da cintura, ela rindo como uma colegial. Era suficiente para fazer uma larva engasgar.

Acabou que em casa não era um lugar onde Marvin quisesse estar. Ele gostava da casa do velho. Gostava do treinamento. Lançava esquerdas e direitas, ganchos e diretos numa bolsa que o velho tinha pendurado. Servia de *sparring* para o velho que, assim que ficava cansado – e, considerando a idade dele, parecia muito tempo –, o derrubava e ia se apoiar nas cordas e respirar pesado por um tempo.

Certo dia, depois de terminarem, sentados em cadeiras perto do ringue, Marvin perguntou:

– Então, como eu o estou ajudando a treinar?

– Para começar você é um corpo quente. E eu tenho uma luta pela frente.

– Uma luta?

– O que você é, um eco? É. Eu tenho uma luta pela frente. A cada cinco anos eu e Jesus, a Bomba, lutamos. Na véspera de Natal.

Marvin olhou para ele. O velho devolveu o olhar.

– Acha que estou velho demais? Quantos anos você tem?

– Dezessete.

– Posso dar uma surra na sua bunda, garoto?

– Todo mundo pode dar uma surra na minha bunda.

– Certo, você está certo quanto a isso – concordou o velho.

– Por que a cada cinco anos? Quem é esse Jesus?

– Talvez eu lhe conte mais tarde.

As coisas ficaram ruins em casa.

Marvin odiava o pintor, e o pintor o odiava. Sua mãe amava o pintor e ficava do lado dele. Tudo que Marvin tentava fazer, o pintor criticava. Ele não conseguia levar o lixo para fora rápido o bastante. Para o pintor, ele não estava se saindo bem o suficiente na escola, como se o próprio tivesse passado do jardim de infância. Nada o satisfazia e, quando Marvin reclamava com a mãe, era o pintor que ela defendia.

O pintor não era nada como seu pai, em nada, e ele o odiava. Um dia, disse à mãe que estava farto. Era ele ou o pintor.

Ela escolheu o pintor.

– Bem, espero que o filho da puta da pintura vagabunda a faça feliz.

– Onde você aprendeu essa linguagem?

Ele tinha aprendido muito dela com o velho, mas respondeu diferente:

– Com o pintor.

– Não foi, não.

– Foi também.

Marvin colocou suas coisas em uma mala que pertencia ao pintor e foi embora. Esperou que a mãe fosse correndo atrás dele, mas não foi. Ela gritou quando ele subia a rua:

– Você é grande o bastante. Vai ficar bem.

Ele se viu na casa do velho.

Do lado de dentro, mala na mão, o velho olhou para ele, apontou para a mala e perguntou:

– O que está fazendo com essa merda?

– Eu fui colocado na rua – contou Marvin. Não exatamente a verdade, mas achou que era perto o suficiente.

– Está querendo ficar aqui? É isso o que deseja?

– Só até eu me aprumar.

– Aprumar? Você não tem emprego. Você não tem um pau. Você é a porra de um vagabundo.

– É... tudo bem.

Marvin se virou, pensando que talvez pudesse ir para casa beijar um traseiro, talvez dizer ao pintor que ele era um cara legal ou algo assim. Chegou à porta.

– Aonde você está indo, cacete? – perguntou o velho.

– Embora. Era o que você queria, não era?

– Eu disse isso? Disse algo parecido com isso? Eu disse que você era um vagabundo. Não disse nada sobre ir embora. Aqui. Me dê a maldita mala.

Antes que Marvin pudesse fazer alguma coisa, o X-Man a pegou e seguiu pelo corredor na direção do grande salão. Marvin o observou enquanto ia: um velho musculoso, de cabelos brancos, ficando careca, mancando um pouco ao caminhar, com pernas arqueadas.

Certa noite, assistindo à luta livre na TV, o velho, depois de ter virado seis cervejas, falou:

– Isso é uma merda. Um bando de malditos acrobatas durões. Isso não é luta. Não é boxe, e com certeza não é briga. É como um filme ou algo assim. Quando lutávamos em feiras, lutávamos mesmo. Esses bundões não diferenciam uma chave de braço de um pau latejando. Olhe essa merda. O cara espera que o escroto suba nas cordas e pule nele. E que tipo de golpe é esse? Se fosse um golpe de verdade, o escroto que fosse atingido na garganta assim estaria morto. Ele está dando tapas no alto do peito do cara. Cretinos.

– Onde vocês lutavam?

O velho desligou a TV.

– Não aguento mais essa merda... Onde eu lutava? Eu viajava de trem durante a Grande Depressão. Tinha 10 anos e ia de cidade em cidade, via os caras lutando em feiras e comecei a aprender. Quando fiz 15 anos, disse que tinha 18 e eles acreditaram em mim de tão feio que eu era, sabe?

Então, no final da Grande Depressão eu estava lutando em toda parte. Vejamos, estamos em 1992, então já faço isso há algum tempo. Quando chegou a guerra, eles não me aceitaram por causa de uma hérnia. Eu costumava enrolar aquela porra com um monte de faixas de pano para lutar. Poderia ter combatido japas enrolado assim se tivessem deixado. Tinha que parar às vezes quando as bolas saíam pelo rasgo no meu saco. Eu cruzava as pernas, me encolhia todo e puxava tudo de volta, enrolava as tiras de pano e continuava. Poderia ter feito isso na guerra, mas eles ficaram cheios de frescura. Disseram que seria um problema. Então, não matei japas. Mas poderia. Alemães. Húngaros. Marcianos. Poderia matar qualquer um que colocassem na minha frente. Claro, de certo modo fico contente por não ter feito. Não é bom matar um homem. Mas os filhos da puta estavam pedindo isso. Bem, não sei sobre os húngaros ou os marcianos, mas o resto dos desgraçados estava. Eu aprendi a lutar apanhando. De tempos em tempos, encontrava uns caras que sabiam uma ou duas coisas e aprendia. Alguns truques japas e coisas assim. Eu tinha parentes no México. Então, quando tinha 20 e poucos anos fui para lá e me tornei lutador por dinheiro.

– Aquilo não é fingido?

O velho lançou um olhar sobre Marvin que fez o sangue dentro do seu corpo ferver.

– Havia os que faziam espetáculos, mas havia nós. Eu e Jesus, e outros como nós. Era de verdade. Batíamos, chutávamos, dávamos chaves e arremessávamos. Olhe isto.

O velho levantou a manga de sua camisa. Havia ali uma marca como de pneu.

– Está vendo isso? Jesus me mordeu. Eu o tinha prendido numa chave e ele me mordeu. Desgraçado. Eu teria feito o mesmo, é claro. De qualquer modo, ele se soltou graças a isso. Ele tinha uma técnica: a Bomba, como chamava, que foi como conseguiu o apelido. Ele pegava você num abraço de urso, pela frente ou pelas costas, o erguia e caía para trás batendo com sua cabeça no tapete. Depois de uma ou duas dessas, você sentia que suas orelhas estavam se mexendo no seu traseiro. Era uma coisa. Eu tinha a chave de passo sobre dedão. Era meu movimento, e ainda é.

– Você o usou com Jesus?

– Não. Ele usou a Bomba em mim. Depois da Bomba, achei que estava na África fodendo um gorila. Não distinguia meu pau de um pavio de vela.

– Mas você ainda luta com ele?

– Eu ainda não o derrotei. Tentei todas as chaves que existem, todas as jogadas, todo tipo de psicologia que conheço, e nada. É a mulher. Felina Valdez. Ela meio que colocou um feitiço em mim. O encantamento, a bruxaria e o apito de cachorro silencioso. Seja o que for que o deixa idiota, ela colocou em mim.

Marvin não conseguia acompanhar tudo aquilo, mas não disse nada. Tomou seu copo de chá enquanto X-Man bebia outra cerveja. Sabia que acabaria voltando ao assunto. Era assim que ele funcionava.

– Deixe-me contar a você sobre Felina. Ela era uma donzela de olhos pretos, tinha pele escura macia. Se um padre a visse caminhando pela rua iria para casa cortar a garganta. Na primeira vez que a vi, aquela pilha de dinamite estava em um vestido azul tão apertado que você podia contar os pelos em você sabe onde. Ela estava lá na multidão para ver a luta. Na primeira fila com as pernas cruzadas, seu vestido subia pela perna como uma cobra se arrastando, e eu estava dando uma bela olhada, sabe? Não vendo o cânion coberto de trepadeiras, mas a vizinhança. E olhando para aquela abertura eu quase fui morto por um lutador chamado Joey, o Yank. Um cara do Maine que puxou minhas pernas, me deu uma cabeçada e uma chave de braço. Só por pouco consegui sair dela, pegá-lo, derrubá-lo e prendê-lo em minha chave de passo sobre dedão. Quando faço isso, você passeia pelo tempo, querido. Passado e futuro, e então está olhando para o próprio túmulo. Ele apagou.

"Quando vi, aquela bonequinha de vestido azul estava vindo até mim, pegando meu braço e, bem, garoto, a partir desse momento eu era um homem condenado. Ela sabia fazer mais truques com um pau do que um mágico podia fazer com um baralho. Achei que ela ia me matar, mas também achei que era um jeito infernal de partir. Entende o que estou dizendo?"

– Sim, senhor.

– Esse é um papo meio sujo para um garoto, não é?

– Não, senhor.

– Foda-se. Você tem quase 18, cacete. A esta altura você já deve saber sobre bocetas.

– Eu sei o que é.

– Não, garoto. Você fala como se soubesse onde fica, não o que é. Eu estava perdido nela. Podia muito bem ter colocado meus bagos numa

prensa e apertado. Ela começou a ir a todas as minhas lutas. E logo notei uma coisa. Se eu tinha um grande desempenho, vencia por uma boa margem, o sexo era ótimo. Se era uma luta medíocre, igualmente era na cama. Eu tinha sacado isso. Ela não me amava tanto quanto gostava de uma boa luta. O meu movimento de encerramento, a chave de passo sobre dedão, ela me fez ensinar a ela. Uma vez, deixei que fizesse comigo, e garoto, vou lhe dizer, o modo como ela travou, de repente senti alguma misericórdia das pessoas nas quais eu tinha usado isso. Realmente tive de escapar daquilo como se estivesse em uma luta, porque ela não estava me dando folga. Mas esse foi um preço pequeno a pagar por todo o amor selvagem que estava tendo; e então tudo desmoronou.

"Jesus me derrotou. Usou a Bomba em mim. Quando acordei estava novamente no parque de diversões, deitado na grama com as formigas me mordendo. Quando me dei conta, Felina tinha ido embora. Ela foi com Jesus. Pegou meu dinheiro, me deixou sem nada senão mordidas de formiga nos bagos."

– Ela parece superficial.

– Como um pires, garoto. Mas, assim que ela colocou aquele feitiço em mim, não consegui me soltar. Vou lhe contar, era como estar de pé no meio de uma ferrovia à noite e ver um trem chegando, a luz varrendo os trilhos, e não conseguir fugir. Só ficar ali e esperar que o acerte. Certa vez, quando estávamos juntos, caminhávamos pela Cidade do México, onde eu tinha umas lutas, e ela viu um sujeito com uma gaiola cheia de pombos, seis ou sete deles. Ela me fez comprar todos eles, como se fôssemos levar de volta para os Estados Unidos. Mas ela os levou para nosso quarto de hotel. Tivemos de nos esgueirar para dentro com eles. Ela colocou a gaiola numa mesinha de cabeceira e ficou olhando. Eu dei um pouco de pão para eles, porque tinham de comer, limpei a gaiola e fiquei pensando: essa garota é louca por pássaros. Fui tomar uma chuveirada e disse a ela para pedir comida.

"Passei um tempo lá. Caguei, fiz a barba e tomei uma bela chuveirada quente. Quando saí ela está lá, sentada junto a uma daquelas mesinhas de empurrar que o serviço de quarto leva, comendo galinha frita. Não esperou por mim, não falou nada. Ela era assim. Tudo dizia respeito a ela. Mas naquele momento aprendi outra coisa. Olhei para a gaiola de pássaros, e todos estavam mortos. Perguntei o que tinha acontecido, e ela respondeu: 'Cansei deles.' Eu fui lá ver e os pescoços deles estavam torcidos."

– Mas por quê?

O velho recostou e bebeu sua cerveja, esperou um tempo antes de responder.

– Não sei, garoto. Naquele instante, eu deveria ter jogado minhas merdas numa sacola e sumido dali. Mas não fiz isso. É como falei sobre os trilhos do trem. Cristo, garoto! Você deveria tê-la visto. Nunca houve nada como ela e eu não podia deixá-la ir embora. É como se você pegasse o melhor peixe do mundo, alguém lhe dissesse para jogar de volta na água e você só consegue pensar naquela coisa frita em cima do arroz. Só que não é nem um pouco assim na verdade. Não há como descrever. E então, como disse, ela foi embora com Jesus e todo dia que me levanto meu coração arde por ela. Minha mente me diz que tenho sorte de ter me livrado dela, mas meu coração, ele não escuta. Eu nem culpo Jesus pelo que ele fez. Como poderia não querê-la? Ela pertencia a quem conseguisse prender o outro na lona. Eu e ele, não lutamos mais com ninguém. Só um com o outro. A cada cinco anos. Se eu vencer, a pego de volta. Sei disso. Ele sabe disso. E Felina sabe disso. Se ele vencer, fica com ela. Até agora ele ficou com ela. Melhor assim. Eu deveria deixar para lá, garoto, mas não consigo.

– Ela é assim tão má?

– Ela é a melhor garota má que já existiu. Ela é uma maçã vermelha brilhante com um verme no meio. Desde que aquela mulher está com Jesus, ele largou uma esposa, dois de seus filhos morreram, um num incêndio em casa que aconteceu quando ele estava fora, e Felina deu à luz dois bebês que morreram em uma semana. Algum tipo de coisa acontece. Morte no berço, algo assim. Além disso, ela trepou com todo mundo, descontando dois eunucos, mas continua com Jesus, e ele fica com ela. Fica porque ela tem um poder, garoto. Ela consegue fazer você grudar nela como um câncer de fígado. Não há como se afastar daquela piranha. Se ela deixa você ir embora, você ainda a quer como quer uma bebida quando é um bêbado.

– O modo como você mencionou o incêndio e os filhos de Jesus, os dois bebês que morreram... Você pareceu...

– Como se não acreditasse que o incêndio tivesse sido acidental? Que os bebês não tiveram morte natural? É, garoto. Eu estava pensando na gaiola cheia de pombos. Estava pensando em como ela costumava cortar meu cabelo e como tinha uma caixinha com ela, que levava na bolsa que

carregava. Eu a vi enrolar alguns fios de cabelos no nó de dois limpadores de cachimbo torcidos. Ah, inferno. Você já acha que eu sou maluco.

Marvin balançou a cabeça.

– Não. Não acho, não.

– Então, tudo bem. Eu acho que ela colocou um feitiço em mim. Li em algum lugar que as pessoas podem pegar um fio do seu cabelo e usar isso como parte de um feitiço, e isso prende você a elas. Eu li isso.

– Não significa que seja verdade.

– Sei disso, garoto. Sei como isso soa. E quando é no meio do dia eu acho que pensar assim é besteira, mas quando anoitece, ou é começo da manhã e só está começando a clarear, eu acredito. E acho que sempre acreditei. Acho que ela me colocou um feitiço. Porque mais nada explicaria eu querer de volta aquela piranha traidora, traiçoeira, assassina de pombos, incendiária de casas e assassina de bebês. Isso não faz sentido, faz?

– Não, senhor – concordou Marvin, e depois de um momento acrescentou: – Ela agora já é bastante velha, não é?

– Claro que é. Acha que o tempo parou? Ela não é a mesma. E nem eu sou. Nem Jesus é. Mas isso é entre ele e eu, e um de nós fica com a garota, e até agora ele sempre fica com ela. O que quero é tê-la de volta, morrer rápido e ter um daqueles funerais gregos. Dessa forma fico com o prêmio, mas não tenho de aturá-lo.

– O que é um funeral grego?

– Heróis como Hércules tinham isso. Quando ele morreu, o colocaram numa pilha de madeira e tudo mais e queimaram o corpo, deixaram que sua fumaça subisse aos céus. Melhor que ser enterrado no chão ou assado num forno, com suas cinzas depois raspadas para um saco. Ou ter de passar os últimos dias com aquela mulher, embora seja o que estou tentando fazer.

– Jesus e Felina moram aqui na cidade?

– Eles não moram em lugar nenhum. Eles têm um trailer. E algum dinheiro de aposentadoria. Assim como eu. Jesus e eu tivemos outros empregos além de lutar. Você não conseguia viver apenas do circuito de lutas, especialmente o circuito clandestino, então, recebemos algum dinheiro de ajuda social, graças a Deus. Eles circulam por diferentes lugares. Ele treina e volta a cada cinco anos. Sempre que o vejo é como se ele tivesse um olhar que diz: “Me derrote desta vez e tire essa piranha das

minhas mãos.” Só que ele sempre luta como um urso e eu não consigo derrotá-lo.

– Se você vencer está certo que ela ficará com você?

– É ele ou eu, e só existe isso. Não há mais ninguém agora. Ele ou eu. Foi de nós que ela decidiu sugar tudo e a quem deixar infeliz.

– Você não pode esquecer isso?

X-Man riu. Foi um riso soturno, como um homem à morte que de repente entende uma antiga piada.

– Gostaria de poder, garoto, porque se pudesse, deixaria.

Eles treinaram para a luta.

X-Man dizia: “Isto é o que Jesus, a Bomba, faz. Ele se aproxima, e depois, você sabe, está de traseiro no chão, porque ele te agarra assim, ou assim. E ele pode passar disto pra isto.” E assim por diante.

Marvin fazia o que ele mandava. Tentava os movimentos de Jesus. Sempre que fazia, perdia. O velho o torcia, jogava, dava uma chave, socava (de leve) e, mesmo quando Marvin sentia que estava ficando bom naquilo, X-Man o superava no fim e saía de algo de que, para Marvin, uma doninha coberta de óleo não conseguiria escapar. Quando terminava, era Marvin ofegante num canto e X-Man limpando o suor do rosto com uma toalha.

– É como Jesus faz isso? – perguntou Marvin, depois de tentar todos os golpes que aprendera.

– É, com a diferença de que ele faz melhor.

Isso durou meses, chegando cada vez mais perto do dia em que X-Man e Jesus, a Bomba, iriam lutar. Marvin se concentrou tanto no treinamento que se esqueceu dos valentões.

Até que, certo dia, ele estava sozinho, voltando da loja que ficava a dois quarteirões da casa do velho, carregando um saco com leite e biscoitos de baunilha, e lá estava Barriga Dura. Ele viu Marvin e atravessou a rua, tirando as mãos dos bolsos, sorrindo.

– Ora veja – disse Barriga Dura quando chegou perto de Marvin. – Aposto que se esqueceu de mim, não foi? Como se eu não fosse me vingar. Desta vez você não está com o fóssil para protegê-lo.

Marvin pousou o saco na calçada.

– Não quero problemas.

– Isso não significa que não terá alguns – respondeu Barriga Dura, parando de pé bem na frente de Marvin.

Marvin não tinha planejado nada – não estava pensando naquilo –, mas quando Barriga Dura chegou mais perto sua mão esquerda se projetou e o acertou no nariz. Barriga Dura caiu como se tivesse sido atingido por um taco de beisebol. Marvin não conseguiu acreditar, não conseguiu acreditar em como seu soco era forte, em quão bom era. Ele soube ali e naquela hora que havia terminado entre ele e Barriga Dura, porque não sentia mais medo. Pegou o saco e caminhou de volta para a casa do velho, deixando Barriga Dura cochilando.

Certa noite, no feriado escolar de Ação de Graças, Marvin acordou. Estava dormindo no ringue de boxe, um cobertor sobre o corpo, e viu que havia uma luz acesa junto à cama do velho. Ele estava sentado na beirada da cama, curvado, tirando caixas de debaixo dela. Enfiou a mão dentro de uma e tirou uma revista, depois outra. Espalhou as revistas na cama e olhou para elas.

Marvin se levantou, desceu no ringue e foi até lá. O velho ergueu os olhos.

– Maldição, garoto. Eu o acordei?

– Eu acordei sozinho. O que está fazendo?

– Olhando essas revistas velhas. São revistas de lutas clandestinas. Tive de encomendar pelo correio. Não dava para comprar nas bancas.

Marvin olhou para as revistas abertas na cama. Havia muitas fotografias. Por causa do cartaz na parede ele reconheceu fotografias do X-Man.

– Você era famoso – comentou Marvin.

– De certa forma. Eu olho para isso e odeio estar envelhecendo. Eu não era uma beleza de se ver, mas era forte, parecia melhor do que agora. Não restou muito do meu eu jovem.

– Jesus está nelas?

X-Man virou uma página numa das revistas abertas e lá estava uma fotografia de um homem baixo e forte com cabeleira preta. O peito do homem era muito peludo. Tinha pernas que pareciam troncos de árvore.

X-Man sorriu.

– Sei o que está pensando: dois sujeitos feios como eu e Jesus, que espécie de ímãs amorosos nós somos? Talvez Felina não seja o mulherão que eu digo que é?

O velho foi até a cabeceira da cama e tirou de debaixo dela uma pequena caixa de papelão. Colocou-a na cama entre os dois, abriu a tampa e revirou uma pilha de fotografias amareladas. Tirou uma delas. Estava ligeiramente desbotada, mas ainda dava para ver. A mulher nela parecia estar na casa dos 20 anos. De corpo inteiro. Ela de fato era um estouro. Cabelo preto, bochechas sobressalentes, lábios carnudos e olhos pretos como um poço, que saltavam da foto e pousavam em algum ponto no fundo da cabeça de Marvin.

Havia outras fotos, e ele as mostrou a Marvin. Havia closes e fotos à distância, e fotos furtivas de sua bunda. De fato, ela era algo fabuloso de olhar.

– Ela agora não é mais assim, mas ainda tem alguma coisa. O que eu ia fazer, garoto, era pegar todas essas fotos, empilhar e queimar, depois mandaria avisar Jesus que ele podia esquecer a luta. Que Felina seria dele até o final dos tempos. Mas penso isso a cada dois anos, e não faço. Você sabe o que Jesus me disse uma vez? Disse que ela gostava de pegar moscas. Usava um copo, as prendia, e depois passava uma agulha por elas, unindo-as num fio. Um monte delas. Amarrava uma das pontas, prendia a outra à parede com um percevejo e ficava observando enquanto elas tentavam voar. Esmagar uma mosca é uma coisa. Mas algo assim, eu não entendo, garoto. E sabendo disso eu não deveria ficar com ela. Mas a coisa não funciona assim... Vá para a cama. Eu vou desligar a luz e dormir.

Marvin foi e se enfiou embaixo do cobertor, ajeitou o travesseiro sob a cabeça. Quando olhou para o velho ele ainda estava com a luz acesa e a caixa de papelão com as fotos no colo. Estava erguendo uma fotografia, olhando para ela como se fosse um convite gravado à mão para o Segundo Advento.

Enquanto Marvin adormecia, só conseguia pensar naquelas moscas no fio.

No dia seguinte, o velho não o acordou para o exercício matinal e, quando Marvin abriu os olhos, era quase meio-dia. O velho não estava em lugar nenhum. Ele se levantou e foi à geladeira pegar leite. Havia um bilhete na

porta.

NÃO COMA DEMAIS. VOU TRAZER COMIDA DE AÇÃO DE GRAÇAS.

Marvin não queria passar o dia de Ação de Graças com a mãe e o pintor, então nem pensara nisso. Quando a mãe o expulsou, ele esqueceu os feriados. Mas naquele momento pensou neles e torceu para que o pintor engasgasse com um osso de peru.

Ele se serviu de um copo de leite e sentou numa cadeira junto ao ringue, bebendo.

Pouco depois, o velho voltou com um saco de compras. Marvin se levantou e foi até ele.

– Desculpe. Perdi o treinamento.

– Você não perdeu nada. É a porra de um feriado. Mesmo alguém que precisa tanto de treinamento como você deve tirar um dia de folga.

O velho tirou as coisas do saco. Peito de peru e um pouco de queijo fatiados e um belo pão, do tipo que você tem de cortar com faca. E havia uma lata de molho de mirtilo.

– Não é exatamente um grande peru para trinchar, mas vai servir – disse o velho.

Eles fizeram sanduíches e se sentaram nas cadeiras em frente à TV com uma mesinha entre os dois. Botaram os pratos lá, o velho colocou um vídeo em seu aparelho antigo, e eles viram um filme. Em preto e branco. Marvin gostava de coloridos, e tinha certeza de que iria odiar. O título era *Sombras do Mal*. Era sobre luta. Marvin não odiou. Ele adorou. Comeu o sanduíche. Olhou para o velho mastigando sem a dentadura. Naquele instante, soube que o amava muito, como se fosse seu pai.

No dia seguinte eles treinaram duro. Marvin se tornara um desafio maior para o velho, mas ainda não conseguia derrotá-lo.

Na manhã da luta contra Jesus, Marvin se levantou e foi à loja. Ele tinha um dinheiro que X-Man lhe dava de vez em quando por ser parceiro de treinamento e comprou algumas coisas, que levou para casa. Uma delas era uma garrafa de linimento, e quando voltou usou isso para fazer uma massagem no velho.

Quando terminou, X-Man se esticou no chão sobre um colchão velho e adormeceu como um filhotinho. Enquanto ele dormia, Marvin levou o resto das coisas que tinha comprado para o banheiro e fez alguns arranjos. Carregou a sacola para fora, amassou e jogou no lixo.

Depois fez o que o velho o instruíra a fazer. Tirou as cadeiras dobráveis do armário, 25 delas, e as colocou perto do ringue. Botou uma delas à frente das outras, mais próxima do ringue.

Às quatro e quinze ele falou suavemente com o velho, despertando-o.

O velho se levantou, tomou uma chuveirada e vestiu calções vermelhos e uma camiseta com uma fotografia de seu eu mais jovem. As palavras abaixo da fotografia diziam: X-MAN.

Era véspera de Natal.

Eles começaram a chegar por volta das sete horas daquela noite. Usando bengalas, cadeiras de roda, andadores, apoiados uns nos outros e, em dois casos, caminhando sem ajuda. Chegaram ao lugar num ritmo irregular, e Marvin os ajudou a escolher uma cadeira. O velho tinha estocado um pouco de vinho barato e cerveja, e até mesmo saíra para comprar algumas caixas de biscoitos e um queijo bola de aparência suspeita. Ele arrumou isso numa comprida mesa dobrável à esquerda das cadeiras. Os idosos, em sua maioria homens, se lançaram sobre aquilo como abutres chegando a um animal recém-atropelado na estrada. Marvin teve de ajudar alguns dos que eram tão velhos e decrépitos que não conseguiam segurar um prato de papel e andar ao mesmo tempo.

Marvin não viu ninguém que se parecesse com Jesus e Felina. Se uma das quatro mulheres era Felina, então ela tinha perdido todo o seu *sex appeal*, e se algum deles era Jesus, X-Man estava com a vitória nas mãos. Mas, claro, não era nenhum deles.

Por volta de oito da noite, Marvin foi atender a uma batida forte na porta. Quando a abriu, lá estava Jesus. Vestia um roupão escuro com uma faixa vermelha. Estava aberto na frente, e Marvin viu que usava calções pretos, sem camisa. Estava grisalho onde restava cabelo em sua cabeça e havia um volume denso de pelos grisalhos em seu peito, aninhados ali como um ninho de pássaro cuidadosamente construído. Tinha o mesmo corpo símio da fotografia. A Bomba parecia facilmente ter dez anos menos que sua idade; movia-se com facilidade e bem.

Com ele estava uma mulher alta, e era fácil reconhecê-la, mesmo a partir de fotos antigas. O cabelo continuava preto, embora a cor viesse agora de uma embalagem, e envelhecera graciosamente, o rosto parecia firme e os ossos, fortes. Marvin achou que talvez tivesse feito alguma cirurgia. Parecia uma estrela de cinema com 50 anos que ainda recebia papéis por sua beleza. Seus olhos eram como poços, e Marvin precisou ter cuidado para não cair dentro deles. Usava um vestido preto longo com casaco preto pendurado nos ombros de um modo sofisticado. Tinha um colarinho de pele que à primeira vista parecia bastante bom e à segunda vista dava sinais de desgaste como um animal adormecido com sarna.

– Estou aqui para lutar – avisou Jesus.

– Sim, senhor – respondeu Marvin.

A mulher sorriu para Marvin, e seus dentes eram brancos e magníficos, parecendo tão reais quanto os dele. Nada foi dito, mas de algum modo ele sabia que devia pegar seu casaco e fez isso. Seguiu atrás dela e de Jesus e, ao ver Felina andar, Marvin se deu conta de que estava excitado. Ela era impressionante para cacete, considerando sua idade, e ele se lembrou de uma velha história que tinha lido sobre um súcubo, um espírito feminino que caçava os homens, esgotava-os sexualmente e tomava suas almas.

Quando Felina entrou rebolando e o velho a viu, houve uma mudança em sua aparência. Seu rosto ficou afogueado e ele se empertigou. Ela era dona dele.

Marvin guardou o casaco de Felina, e quando o pendurou no closet o cheiro que saiu dele era doce e hipnotizante. Achou que parte daquilo era perfume, mas sabia que a maior parte era ela.

Jesus e X-Man trocaram um aperto de mão e sorrisos, mas o velho não conseguiu tirar os olhos de Felina. Ela passou pelos dois, como se ignorando a presença deles e, sem que lhe dissessem nada, ocupou a cadeira que fora colocada à frente das outras.

O velho chamou Marvin e o apresentou a Jesus.

– Este garoto é meu protegido, Jesus. É bastante bom. Como eu, talvez, quando comecei, se tivesse uma perna quebrada.

Ambos riram. Até Marvin riu. Ele começara a entender o que era humor de luta livre e que na verdade recebera um grande cumprimento.

– Acha que irá me derrotar este ano? – perguntou Jesus. – Às vezes acho que você não está tentando de verdade.

– Ah, eu estou tentando, sim.

Jesus ainda sorria, mas o sorriso parecia preso ali quando falou.

– Se vencer, sabe que ela irá com você?

O velho anuiu.

– Por que continuamos a fazer isto? – perguntou Jesus.

X-Man balançou a cabeça.

– Bem – disse Jesus. – Boa sorte. E falo sério. Mas você vai ter de lutar.

– Sei disso – respondeu X-Man.

Era nove horas quando X-Man e Jesus tiraram os dentes e subiram ao ringue, passando algum tempo se alongando. Quase metade das cadeiras da plateia estava vazia, e aqueles sentados se espalhavam como pintas num dálmata. Marvin ficou do lado de fora das cordas no *corner* do velho.

O velho foi até ali e se apoiou nas cordas. Um dos idosos na plateia, vestindo calças vermelhas quase até as axilas, arrastou sua cadeira para perto da lateral do ringue, raspando-a no chão. Tinha um sino de vaca na mão livre. Ele se acomodou na cadeira e colocou o sino sobre o joelho. Tirou um grande relógio do bolso da calça e o colocou sobre o outro joelho. Parecia sonolento.

– Se fizermos isso daqui a cinco anos será em algum lugar do inferno e o diabo irá marcar o tempo para nós – disse X-Man a Marvin.

– Certo – falou o homem do tempo. – Regras de velhos. Assaltos de dois minutos. Três minutos de descanso. Continua até ser dois de três ou alguém desistir. Todos prontos?

Os dois lados disseram que estavam.

Marvin olhou para Felina. Ela estava sentada com as mãos no colo. Parecia confiante e superior, como uma aranha esperando, paciente, uma mosca.

O homem do tempo tocou o relógio com o polegar esquerdo e tocou o sino com a mão direita. X-Man e Jesus se chocaram com um som de batida, agarrando os joelhos um do outro para um arremesso, balançando e oscilando. Então, X-Man se ergueu de uma agachada e lançou uma esquerda rápida. Para espanto de Marvin, Jesus fez com que passasse por cima do ombro e golpeou X-Man nas costelas. Foi um soco sólido, e Marvin viu que X-Man sentiu. X-Man cambaleou para trás e um idoso na pequena plateia vaiou.

– Vá se foder – gritou X-Man para ele.

X-Man e a Bomba se atracaram. Houve um choque de mãos e ombros, e Jesus tentou acertar uma joelhada no saco de X-Man. Mas ele conseguiu se virar o suficiente para receber o golpe na lateral da perna, não no ponto rígido. Eles giraram como amantes raivosos numa dança.

Finalmente, X-Man fez um passo falso, saltou na direção do joelho do oponente e o segurou, mas Jesus se contorceu, passou uma perna sobre a cabeça de X-Man, prendeu-a sob o pescoço e rolou, agarrando o braço, esticando-o e em seguida erguendo a pelve contra ele. Houve um som como o de alguém batendo uma vara no joelho, e X-Man bateu. Isso encerrou o assalto. Tinha durado menos de 45 segundos.

X-Man cambaleou até seu canto do ringue, segurando o braço. Apoiou nas cordas. Marvin pegou o banco.

– Tire isso daqui – mandou o velho. – Não quero que eles achem que estou machucado.

Marvin tirou.

– Você está machucado?

– Sim, mas aquele estalo que você ouviu foram apenas bolhas de ar no meu braço. Estou bem. Porra. Pegue o banco.

Marvin pegou o banco. X-Man se sentou. Do outro lado, Jesus estava sentado no seu banco, a cabeça caída. Ele e X-Man pareciam dois homens que não se importariam de levar um tiro.

– Eu sei disso – disse X-Man. – Esta é minha última luta. Depois, não vai sobrar mais nada de mim. Posso sentir o que restou de mim escorrendo.

Marvin espiou Felina. Uma das luzes do teto estava queimando. Ela estourou, passou de luz para escuridão, e novamente para luz. Marvin pensou por um momento que ali na sombra Felina parecera mais velha e má, e seu cabelo grosso lembrava um bando de cobras. Mas quando olhou mais atentamente, era apenas a luz.

O sino de vaca soou. Eles tinham recuperado um pouco do vigor. Deram voltas ao redor um do outro, mãos estendidas. Finalmente juntaram os dedos das duas mãos. X-Man de repente projetou os dedos de um modo que lhe permitiu apertar as costas das mãos de Jesus, e jogá-lo no chão de dor. Era uma manobra simples, mas colocara o rosto da Bomba em frente ao joelho de X-Man. X-Man deu uma joelhada tão forte no rosto dele que sangue espirrou sobre a lona, e sobre ele mesmo.

Ainda agarrando os dedos de Jesus, X-Man recuou um passo e agachou, puxou Jesus até seu rosto. X-Man soltou os dedos e, quando Jesus tentou levantar, chutou-o no rosto. Foi um chute forte. Jesus caiu inconsciente.

O sino de vaca badalou. O homem do tempo pousou o sino e foi até o ringue. Subiu e andou desajeitadamente até Jesus. Levou quase tanto tempo quanto um homem cego demoraria para achar uma agulha no palheiro.

O homem do tempo se colocou sobre um joelho. Jesus grunhiu e se sentou lentamente.

Seu rosto era um caos ensanguentado.

O homem do tempo olhou para ele.

– Você aguenta? – perguntou.

– Que inferno, sim – respondeu Jesus.

– Um a um! – gritou o homem do tempo e fez sua lenta peregrinação de volta à sua cadeira.

Jesus se levantou devagar e voltou ao seu canto, tentando manter a cabeça erguida. X-Man estava sentado no banco, respirando com dificuldade.

– Espero não ter quebrado nada dentro do velho escroto – disse.

X-Man fechou os olhos e ficou descansando no banco. Marvin ficou calado. Achou que o velho estava dormindo. Três minutos depois o sino de vaca badalou.

Jesus bufou alto, levantou os ossos do banco, cambaleou até o centro do ringue. X-Man avançou arrastando os pés devagar.

Trocaram alguns socos, nenhum dos quais acertou muito bem. Surpreendentemente, ambos pareciam ter conseguido mais fôlego. Empurraram um ao outro, rolaram, soltaram alguns *jabs*, enfiaram dedos nos olhos, e o sino tocou de novo.

– Meu coração parece um pássaro batendo as asas – contou o velho a Marvin, sentando-se na cadeira.

– Você deveria desistir – disse Marvin. – Isso não vale um ataque cardíaco.

– Não está batendo asas por causa da luta, mas por ver Felina.

Marvin olhou. Felina olhava para X-Man como um filhotinho olha para um petisco.

– Não caia nessa – sugeriu Marvin. – Ela é má. Má pra cacete.

– Então você acredita em mim?

– Acredito. Acha que ela tem um daqueles limpadores de cachimbo no cabelo?

– Como posso saber?

– No casaco dela, talvez?

– De novo. Como poderia saber? – repetiu. E então o velho entendeu. Ele sabia o que Marvin estava insinuando. – Você quer dizer, se ela estiver com eles, e você pegar...

– É – confirmou Marvin.

Marvin deixou X-Man sentado ali e foi em linha reta até o closet. Abriu a porta e moveu as mãos lá dentro, tentando parecer que fazia algo normal. Olhou de volta para X-Man, que se virara em seu banco para espiar.

O sino de vaca tocou. Os dois velhos cavalheiros recomeçaram.

Foi furioso. Socos violentos em cabeça, costelas, barriga. Agarrando um ao outro, joelhadas nos sacos. Jesus até mesmo arrancou com uma dentada o lóbulo da orelha de X-Man. Sangue por toda parte. Era uma luta que seria impressionante se os dois homens no ringue estivessem com 20 anos, em plena forma. Na idade deles era fenomenal.

Marvin estava de pé no canto do velho, tentando chamar atenção do X-Man, mas não de uma forma evidente. Não queria que perdesse a concentração, não queria que Jesus o acertasse por baixo, o erguesse e jogasse a cabeça do velho no chão como um dardo.

Finalmente, os dois entraram em *clinch*. Giraram assim, respirando pesado como motores a vapor. Marvin conseguiu olhar nos olhos de X-Man e ergueu os dois limpadores de cachimbo amarrados, cabelo escuro no meio do nó. Marvin desenrolou os limpadores e os fios saíram flutuando como um punhado de caspa escura, pairando até o chão.

X-Man soltou a respiração, pareceu relaxar.

Jesus mergulhou sobre ele. Era como um falcão mergulhando sobre um rato. A coisa seguinte que Marvin viu foi Jesus segurando X-Man baixo nos quadris em um aperto de dois braços, e o erguendo, ao mesmo tempo que se curvava para trás para conseguir jogá-lo de cabeça, sobre a lona.

Mas, enquanto passava, X-Man enfiou a cabeça sob as nádegas de Jesus, agarrando a parte interna de suas pernas. Jesus virou para trás, mas X-Man caiu de costas, não de cabeça. Em vez disso, sua cabeça se

projetava entre as pernas de Jesus e suas gengivas sem dentes estavam cravadas nas coxas de Jesus, apertando suas bolas como um punho cerrado. Um grito se elevou da plateia.

Jesus berrou. Era o tipo de berro que percorria sua coluna, grudava em seu cóccix e o puxava. X-Man manteve o aperto. Jesus se contorceu e retorceu, chutou e socou. Os socos acertaram X-Man no alto da cabeça, mas ele continuou grudado. Quando Jesus tentou rolar, X-Man rolou com ele, as gengivas ainda cravadas fundo nas bolas do adversário.

Alguns dos idosos estavam de pé em seus lugares, berrando de excitação. Felina não se movera, nem mudara de expressão.

Então aconteceu.

Jesus bateu com as duas mãos na lona.

– Tempo – pediu.

E acabou.

Os idosos partiram. Exceto Jesus e Felina.

Jesus passou um longo tempo no banheiro. Quando saiu, mancava. A parte da frente do calção estava inchada e escura de sangue.

X-Man estava de pé, uma das mãos no encosto de uma cadeira, respirando pesado.

– Você quase decepou minhas bolas, X-Man. Tomei uma de suas toalhas, enfiei nas calças para conter o sangramento. Você tem boas gengivas, X-Man. Com gengivas assim, não precisa nem de dentes.

– Tudo é justo no amor e na guerra – retrucou X-Man. – Ademais, velho como você é, para que usa suas bolas?

– Eu ouvi isso – disse Jesus, e toda a sua postura era diferente. Ele parecia um pássaro numa gaiola com a porta aberta. Estava prestes a sair voando. – Ela é toda sua.

Todos olhamos para Felina. Ela deu um leve sorriso. Tomou a mão de X-Man.

X-Man se virou e olhou para ela.

– Eu não a quero – falou ele e soltou a mão. – Que inferno, eu de alguma forma vivi mais que meu pau.

A expressão no rosto de Felina era de assombro.

– Você a ganhou – comentou Jesus. – Essa é a regra.

– Não – retrucou X-Man. – Não há regras.

– Não? – repetiu Jesus, e quase dava para ver aquela porta da gaiola batendo e sendo trancada.

– Não – respondeu X-Man, olhando para Felina. – Aquele feitiço que você fez com os limpadores de cachimbo. Meu garoto aqui o desfez.

– De que porra você está falando? – reagiu Felina.

Eles se encararam por um longo momento.

– Vá embora – mandou X-Man. – E Jesus, não vamos mais fazer isto.

– Você não a quer? – perguntou Jesus.

– Não. Vá embora. Leve a piranha com você. Vá embora.

Eles foram embora. Quando Felina fez a curva para pegar o corredor, parou e olhou para trás. Era um olhar que dizia: "Você me teve e me deixou ir, e irá lamentar."

X-Man apenas sorriu para ela.

– Pé na estrada, piranha velha.

Quando eles se foram, o velho se esticou em sua cama, respirando pesado. Marvin puxou uma cadeira para perto e se sentou. O velho olhou para ele e riu.

– Aqueles limpadores de cachimbo e o cabelo não estavam no casaco dela, estavam?

– O que quer dizer? – retrucou Marvin.

– A expressão no rosto dela quando mencionei isso. Ela não sabia do que eu estava falando. Olhe para mim, garoto. Diga a verdade.

Marvin esperou um momento.

– Eu comprei os limpadores de cachimbo e graxa de sapato. Cortei um pouco do meu cabelo, escureci com a graxa e o torci nos limpadores de cachimbo.

X-Man deu um grito.

– Seu filho da puta sorrateiro.

– Eu lamento.

– Eu não.

– Você não?

– Não. Aprendi uma coisa importante. Sou uma porra de um otário. Ela nunca teve nenhum poder sobre mim que eu não tivesse lhe dado. Os limpadores de cachimbo com o cabelo, maldição, ela se esqueceu disso tão rápido quanto fez. Para ela, foi apenas um modo de passar o tempo, e transformei isso em algo especial. Era apenas eu me dando uma desculpa

para amar alguém que não valia a pólvora necessária para explodir seu traseiro. Ela só gostava de ter poder sobre nós dois. Talvez Jesus também descubra isso. Talvez eu e ele tenhamos descoberto muita coisa hoje. Está tudo bem, garoto. Você agiu bem. Que inferno, não era nada que eu no fundo não soubesse, e agora não tenho mais desculpas e me livrei dela. É como se algo tivesse saído da minha garganta e agora consigo respirar de novo. Todos esses anos e essa coisa de Felina... Não foi nada além de mim mesmo e minha própria babaquice.

Por volta de sete da manhã, X-Man acordou Marvin.

– Qual o problema? – perguntou Marvin.

X-Man estava de pé acima dele. Dando um sorriso sem dentadura.

– Nada. É Natal. Feliz Natal.

– Para você também.

O velho estava com uma camiseta. Ele a estendeu com as duas mãos. Dizia X-Man e tinha sua fotografia, igual à que ele vestia.

– Quero que fique com ela. Quero que você seja X-Man.

– Não posso ser X-Man. Ninguém pode.

– Sei disso. Mas quero que tente.

Marvin estava se sentando. Pegou a camisa.

– Vista – ordenou X-Man.

Marvin tirou sua camisa e, ainda sentado no chão, passou a camisa pela cabeça. Caiu bem. Ele se levantou.

– Mas eu não lhe dei nada.

– Deu sim. Você me libertou.

Marvin anuiu.

– Como estou?

– Como X-Man. Sabe, se eu tivesse um filho, teria uma sorte danada se ele fosse como você. Que inferno, se ele *fosse* você. Claro, isso implicaria eu comer sua mãe, e não queremos falar sobre isso. Agora, eu vou voltar a dormir. Talvez mais tarde possamos ter um jantar de Natal.

* * *

Mais tarde naquele dia, Marvin levantou, preparou café, fez dois sanduíches e foi acordar X-Man.

Ele não acordou. Ele estava frio. Ele tinha partido. Havia revistas de luta deitadas na cama com ele.

– Maldição – soltou Marvin, e se sentou na cadeira ao lado da cama. Segurou a mão do velho. Havia algo nela, uma foto amassada de Felina. Marvin a pegou, jogou no chão e segurou a mão do velho por um longo tempo.

Depois, Marvin arrancou uma página de uma das revistas de luta, levantou e a colocou na chapa de cozinha. Pegou fogo. Ele se adiantou e a segurou queimando numa das mãos enquanto usava a outra para puxar uma das caixas de revistas. Colocou fogo nela e a empurrou de volta para baixo da cama. Chamas lamberam as beiradas da cama. Outras caixas pegaram fogo. As roupas de cama incendiaram. Depois de um momento, o velho também. Cheirava como porco sendo assado.

Como Hércules, Marvin pensou. Ele está subindo até os deuses.

Marvin, ainda vestindo sua camisa do X-Man, tirou o casaco do closet. A sala estava tomada pela fumaça e o cheiro de carne queimada. Vestiu o casaco e virou a esquina, passando para o corredor. Pouco antes de sair, pôde sentir o calor do incêndio aquecendo suas costas.

Megan Lindholm

Entre os livros de Megan Lindholm estão os romances de fantasia *Wizard of the Pigeons*, *Harpy's Flight*, *The Windsingers*, *The Limbreth Gate*, *Luck of the Wheels*, *The Reindeer People*, *Wolf's Brother*, e *Cloven Hooves*, o de ficção científica *Alien Earth* e, com Steven Brust, *The Gypsy*. Lindholm também escreve sob o pseudônimo Robin Hobb, best-seller do *New York Times* e um dos nomes mais populares no mundo da fantasia atual, tendo vendido mais de um milhão de exemplares. Como Robin Hobb, é mais conhecida por sua série de fantasia épica "A saga do assassino", que inclui *O aprendiz de assassino*, *A fúria do assassino* e *O assassino do rei*, bem como as duas séries de fantasia relacionadas, – "Liveship Traders" – , que consiste de *Ship of Magic*, *The Mad Ship* e *Ship of Destiny*, e – "Tawny Man" –, composta de *Fool's Errand*, *Golden Fool* e *Fool's Fate*. Também é autora da série "Soldier Son", que inclui *Shaman's Crossing*, *Forest Mage* e *Renegade's Magic*. Mais recentemente, como Robin Hobb, ela deu início a uma nova série, "Rain Wilds Chronicles", integrada por *Dragon Keeper*, *Dragon Haven*, *City of Dragons* e *Blood of Dragons*. Como Megan Lindholm, seu livro mais recente foi escrito em "parceria" com Robin Hobb, a antologia *The Inheritance and Other Stories*.

No conto que se segue, ela nos mostra que mesmo o cachorro mais velho, com focinho grisalho e passos lentos, ainda pode ser capaz de morder.

VIZINHOS

Linda Mason estava à solta novamente.

Eram três horas da manhã e o sono passara. Sarah fora até a cozinha de robe, colocara a chaleira para esquentar e vasculhara os armários até encontrar uma caixa de saquinhos de chá Celestial Seasonings Tension Tamer. Colocara uma xícara no pires e o sachê em seu bule de "chá para um", e ouviu alguém no escuro do lado de fora gritando seu nome.

– Sarah! Sarah Wilkins! Melhor se apressar. É hora de ir.

Seu coração deu um pulo no peito e se manteve acelerado. Sarah não reconheceu a voz aguda, mas o tom vitoriosamente desafiador era alarmante. Ela não queria olhar pela janela. Por um momento, tinha 8 anos de novo. Não olhe embaixo da cama, não abra o armário de noite. Se você não olhar, não haverá nada lá. O bicho-papão de Schrödinger. Ela se forçou para lembrar que estava muito mais perto de 68 que de 8, e abriu a cortina.

Grandes ondas de névoa cobriam a rua, antecipando o outono no noroeste do Pacífico. Seus olhos se acostumaram e ela viu Linda, a velha louca, de pé na rua do lado de fora da cerca de ferro que contornava seu quintal. Vestia agasalho rosa e chinelos de ficar em casa. Tinha um taco de beisebol de alumínio nas mãos e uma mochila da Hello Kitty nas costas. Sarah estava certa de que os dois últimos itens na verdade pertenciam à neta de Linda. O filho de Linda e sua esposa moravam com a velha. Sarah sentia pena da nora, forçada a assumir o papel de cuidadora da excêntrica mãe de Robbie. Alzheimer era o que a maioria das pessoas falava sobre Linda, mas "maluca" parecia adequado também.

Sarah conhecia Linda havia 22 anos. Elas tinham se revezado para levar os filhos para partidas de futebol na ACM. Tomaram café e conversaram, trocaram geleias feitas em casa e abobrinhas, alimentaram

os animais de estimação uma da outra durante viagens de férias, se cumprimentaram no supermercado Safeway e fofocaram sobre os outros vizinhos. Não eram melhores amigas, mas mães amigas da vizinhança, de um modo anos 1950. Linda era uma das poucas antigas moradoras a permanecer no bairro. Os outros pais que ela conhecera tinham partido muito antes, mudado para apartamentos, migrado como aves ou sido colocados em casas de repouso pelos filhos. As casas ficavam vazias e o novo rebanho de famílias jovens chegava. Além de Linda, dos velhos amigos restavam apenas Maureen e o marido, Hugh, que moravam do outro lado do quarteirão, mas eles passavam a maioria dos dias em Seattle para os tratamentos de Hugh.

– Sarah! Melhor se apressar! – gritou Linda novamente.

Duas casas abaixo, a luz de um quarto de acendeu. A chaleira começou a assoviar. Sarah a tirou do fogo, pegou o casaco no gancho e abriu a porta dos fundos. A maldita luz da varanda não funcionava; a lâmpada queimara na semana anterior, mas dava trabalho demais pegar a escadinha e trocar. Ela desceu os degraus com cuidado e foi até a cerca, esperando que Sarge não tivesse feito suas coisas onde ela iria pisar.

– Linda, você está bem? O que está acontecendo?

Tentou falar com ela como uma velha amiga, mas a verdade era que Linda a assustava. Às vezes era Linda, mas de repente era capaz de dizer algo absurdo e estranho, ou maldoso. E fazia coisas ainda mais estranhas. Alguns dias antes, no começo da manhã, ela fugira para seu jardim da frente, colhera todas as maçãs maduras na árvore do vizinho e as jogara na rua. “Melhor do que deixar que caiam e apodreçam como ano passado!”, gritou quando a flagraram. “Vocês vão desperdiçar. Alimentem o futuro, eu digo! Deem para quem irá apreciar!” Quando a esposa de Robbie a segurou pelo braço e tentou arrastá-la de volta para casa, Linda reagiu dando-lhe um tapa. A netinha de Linda e sua amiguinha viram tudo. A criança começara a chorar, mas Sarah não sabia se era por angústia, medo ou simples humilhação, pois metade do bairro saíra para ver o drama, incluindo a vizinha que era dona da macieira. A mulher estava furiosa e dizia a quem quisesse ouvir que era hora de “colocar aquela velha maluca num asilo”. Ela morava no bairro havia dois anos, mas Sarah sequer sabia seu nome.

– Eu estou na minha casa! – respondera Linda aos berros. – Por que você está morando na casa de Marilyn? Por que tem mais direito às maçãs

do pé dela do que eu? Eu a ajudei a plantar a maldita árvore!

– Você não acha que a colocaríamos em um asilo se pudéssemos pagar? Acha que gosto de viver assim? – berrara a esposa de Robbie de volta para a vizinha. Depois caíra em lágrimas e conseguira rebocar Linda de volta para dentro.

E naquele momento Linda estava do lado de fora na noite enevoada, encarando Sarah com perturbados olhos arregalados. O vento agitava seu cabelo branco, e folhas passavam por ela na calçada. Vestia agasalho de corrida rosa e chinelos de ficar em casa. Tinha algo na cabeça, algo preso a um gorro de lã. Avançou na direção da cerca e bateu nela com o taco de beisebol, fazendo-a vibrar.

– Não amasse minha cerca! – gritou Sarah, depois acrescentando: – Fique aí mesmo, Linda. Fique aí mesmo, vou conseguir ajuda.

– *Você* precisa de ajuda, não eu! – respondera Linda aos gritos. Rira loucamente, e citara: – "Criancinha, vem brincar, a lua brilha forte como dia!" Só que não! Então é isso o que vou levar comigo. O luar!

– Linda, está frio aí. Venha para dentro e me conte aqui.

O telefone. Deveria estar ligando para a emergência agora. Alex lhe dissera para comprar um celular, mas ela não podia ter mais uma conta mensal. Não podia nem substituir seu velho telefone fixo com o toque falhado.

– Vamos tomar uma xícara de chá e conversar. Como nos velhos tempos, quando as crianças eram pequenas.

Ela de repente se lembrou claramente daquilo. Ela, Maureen e Linda sentadas juntas, esperando que as crianças voltassem para casa de um jogo de futebol. Conversando e rindo. Depois, as crianças cresceram e seguiram caminhos diferentes. Havia anos que não tomavam um café juntas.

– Não, Sarah. Você vem comigo! Magia é melhor que loucura. E o tempo é a única diferença entre magia e loucura. Fique aqui e você é louca. Venha comigo e você é magia. Veja!

Ela fez algo, a mão mexendo no peito. Então, ela se acendeu.

– Energia solar! Essa é a minha passagem para o futuro!

Pelos minúsculos LEDs, Sarah reconheceu o que Linda estava vestindo. Ela se enrolara em luzes de Natal. Os pequenos painéis solares que as carregavam estavam presos em seu gorro.

– Linda, venha para dentro e me mostre. Estou congelando aqui fora!

Elas estavam berrando. Por que o bairro continuava escuro? Alguém deveria estar ficando aborrecido com sua conversa em voz alta, o cachorro de alguém deveria estar latindo.

– O tempo e a maré não esperam por homem algum, Sarah! Estou partindo para buscar minha sorte. Última chance! Você virá comigo?

Dentro de casa, Sarah teve de procurar o número do telefone de Linda na caderneta e quando ligou ninguém atendeu. Após dez toques, caiu na secretária. Ela desligou, levou o telefone até a janela e discou novamente. Linda não estava do lado de fora. As janelas em sua casa estavam escuras. O que fazer? Ir bater na porta? Talvez Robbie já tivesse saído, encontrado a mãe e a levado para dentro. Chamar a polícia? Ela voltou ao quintal levando o fone em uma das mãos.

– Linda? – chamou na escuridão enevoada. – Linda, onde você está?

Ninguém respondeu. A neblina ficara mais densa, e o bairro estava escuro. Mesmo o poste da esquina, o maldito que lançava luz pela janela do seu quarto, escolhera aquele momento para ficar às escuras. Discou mais uma vez o número de Linda e escutou tocar.

Entrando em casa, Sarah ligou para o próprio filho. Ouviu o sonolento "Quê?" em resposta no sétimo toque. Contou sua história. Ele não ficou impressionado.

– Ah, mãe. Não é da nossa conta. Volte para cama. Aposto que ela voltou para casa e deve estar dormindo agora. Como eu gostaria de estar.

– Mas e se ela saiu vagando pela noite? Você sabe que ela não está bem da cabeça.

– Não é a única – murmurou Alex, e depois falou: – Olhe, mãe. São quatro horas da manhã. Volte para cama. Eu passo aí no caminho para o trabalho, e nós batemos na porta dela juntos. Tenho certeza de que está bem. Volte para cama.

Então, ela voltou. E se agitou e se preocupou.

Acordou às sete horas com a chave dele na fechadura. Graças aos céus! Ela o fizera se desviar de sua viagem para Seattle para passar ali, e nem estava de pé e pronta para ir bater na porta de Linda.

– Eu desço num minuto! – gritou para baixo, e começou a se vestir. Demorou mais do que deveria, especialmente para dar laço nos calçados. – O chão continua a se afastar um pouco todo dia – murmurou. Era sua velha brincadeira com Russ. Mas Russ não estava mais lá para concordar com

ela. Sarge dormia no umbral. Ela o empurrou carinhosamente e o beagle desceu atrás dela.

Abriu a porta da cozinha e sentiu uma onda de calor.

– O que você está fazendo? – cobrou. Alex estava com a porta dos fundos aberta, e a agitava. – O que é esse cheiro?

Ele olhou feio para ela.

– O fogão estava ligado quando entrei! Tem uma sorte desgraçada de não ter incendiado a casa. Por que seu detector de fumaça não disparou?

– A pilha deve ter esgotado – mentiu ela. Ela se cansara dele disparando a cada bagel que a torradeira velha queimava, e soltara a pilha na unidade da cozinha. – Devo ter deixado o fogão aceso noite passada quando Linda estava do lado de fora. Então, não foi a noite toda, apenas três ou quatro horas.

O tampo do fogão ainda emitia calor, e a cerâmica branca ao redor do queimador danificado se tornara um marrom pastoso. Ela tentou tocar e recolheu a mão rapidamente.

– Um pouco de sapólio deve limpar isso. Nenhum problema, felizmente.

– Nenhum problema? Apenas três ou quatro horas? Que merda, mãe, não percebe a sorte que teve?

Para seu desalento, ele desdobrou a escadinha e subiu para verificar o detector de fumaça. Tirou a tampa e a bateria caiu no chão.

– Bem! Aí está o problema – observou ela. – Deve ter se soltado aí dentro.

Ele a encarou.

– Deve ter – concordou com uma voz contida. Antes que ela conseguisse se curvar, ele desceu da escada, a pegou e recolocou no lugar. Fechou a tampa.

– Quer café? – perguntou ela, se virando para o jarro. Deixara a cafeteira preparada com antecedência, como fazia havia vinte anos, para não ter de encher toda manhã. Apenas apertar o botão, se sentar à mesa e ler o jornal de pijama até a primeira xícara estar pronta, quando Russ desceria.

Ou não, como era o caso agora.

– Não. Obrigado. Eu preciso ir. Mamãe, você precisa ter mais cuidado.

– Eu *tenho* cuidado. Isso não teria acontecido se a noite não tivesse sido tão esquisita.

– E você não teria esquecido seu cartão no caixa eletrônico semana passada se o caminhão dos bombeiros não tivesse passado, impedindo-a de ouvir a máquina apitando enquanto você ia embora. Mas e quanto a trancar as chaves dentro do carro? E deixar o *sprinkler* no gramado funcionando a noite inteira?

– Isso foi há meses!

– Exatamente! Esses "esquecimentos" começaram há meses! Só está piorando. E ficando mais caro. Tivemos aquela conta d'água. Depois, o chaveiro. Felizmente o caixa eletrônico engoliu seu cartão e o banco telefonou. Você nem se deu conta de que estava sem ele! E agora teremos um pequeno aumento na conta de luz este mês. Você precisa ir ao médico e dar uma olhada nisso. Talvez haja um comprimido para isso.

– Eu vou dar um jeito nisso – falou. Sua voz estava ficando seca. Ela odiava ouvir sermões como aquele. – Melhor você pegar a estrada antes que o trânsito piore. Quer um café em sua caneca para viagem?

Ele a encarou por um tempo, querendo continuar a discussão até chegar a algum tipo de solução imaginária. Ainda bem que Alex não tinha tempo.

– É, vou pegar minha caneca. Parece que está tudo bem na casa dos Mason. Lá está Robbie indo trabalhar. Não acho que ele faria isso se a mãe dele estivesse desaparecida.

Não havia nada que ela pudesse responder que não a fizesse soar ainda mais maluca. Quando ele voltou com a caneca, ela esticou a mão na direção da cafeteira e viu que estava cheia de água marrom clara. Ela se esquecera de colocar pó no filtro. Não demorou a pegar o café instantâneo.

– Parei de fazer um bule cheio só para mim – contou, colocando café instantâneo na caneca de viagem do filho e a água quente por cima.

Ele a pegou com um suspiro. Assim que ele partiu, colocou o pó de café na máquina e se sentou com o jornal.

Marcava onze horas da manhã quando a polícia chegou, e uma hora da tarde quando um policial bateu à sua porta. Ela se sentiu péssima enquanto ele anotava com atenção seu relato do que tinha visto às quatro horas da manhã.

– E não chamou a polícia? – perguntou o jovem, seus olhos castanhos cheios de pena por sua idiotice.

– Liguei duas vezes para a casa dela, depois para meu filho. Mas não a vi do lado de fora, então pensei que tinha voltado para casa.

Ele fechou seu caderno com um suspiro e o enfiou no bolso.

– Bem, ela não foi – comentou ele em tom pesado. – Pobre senhora, do lado de fora de chinelos e luzes de Natal. Bem, duvido que tenha ido longe. Vamos encontrá-la.

– Ela vestia um agasalho de ginástica rosa. E chinelos de ficar em casa – disse, revirando suas lembranças. – E estava com um taco de beisebol. E uma mochila da Hello Kitty. Como se estivesse indo para algum lugar.

Ele pegou o caderno, suspirou mais uma vez e acrescentou os detalhes.

– Gostaria que tivesse ligado – comentou enquanto guardava o caderno mais uma vez.

– Eu também. Mas meu filho disse que ela devia ter voltado para casa, e na minha idade é muito fácil duvidar da própria avaliação das coisas.

– Imagino que sim. Boa tarde, senhora.

Era quinta-feira. Ela foi ver Richard na casa de repouso. Como sempre, levou um dos álbuns de fotografias de quando eram crianças. Deixou o carro no estacionamento, atravessou a rua até o café e comprou um *latte* de baunilha grande. Entrou com ele na Caring Manor, que tinha permanente cheiro de urina, passou pelo "saguão" com o sofá floral e arranjos de flores de plástico empoeiradas, e desceu o corredor, passando pelas cadeiras de rodas habitadas estacionadas junto às paredes. As costas curvadas e os pescoços enrugados dos residentes lembravam tartarugas espiando para fora de suas cascas. Alguns dos pacientes acenaram para ela quando passava, mas a maioria apenas a encarava. Olhos azuis desbotados até cor de linho, olhos castanhos sangrando pigmento para o branco, olhos sem mais ninguém atrás deles. Havia rostos conhecidos, residentes que estavam ali havia pelo menos os três anos que Richard chegara. Ela lembrava seus nomes, mas eles não lembravam mais. Estavam caídos em suas cadeiras, esperando ninguém, as rodas debochando de quem não tinha mais para onde ir.

Havia uma nova enfermeira no posto. De novo. No início, Sarah tentara cumprimentar todas as enfermeiras e todos os ajudantes pelo nome sempre que visitava Richard. Isso se revelou uma missão desalentadora. As enfermeiras eram trocadas com demasiada frequência, e os ajudantes de mais baixo escalão que cuidavam dos residentes tinham uma rotatividade ainda maior, assim como os idiomas que falavam. Alguns eram simpáticos, conversavam com Richard enquanto levavam embora as bandejas do almoço ou trocavam as roupas de cama. Mas outros

lembravam a ela carcereiros, os olhos vazios e ressentidos com seus deveres e com os pacientes. Ela lhes dava pequenos presentes, potes de geleia, abobrinhas de seu quintal, tomates frescos e pimentões. Esperava que essas pequenas propinas passassem a mensagem, mesmo que eles não entendessem todas as suas palavras enquanto lhes agradecia por cuidar tão bem de seu irmão. Às vezes, quando estava acordada à noite, rezava para que fossem pacientes e gentis, ou pelo menos não vingativos. Fossem gentis quando limpassem fezes das pernas dele, gentis quando o segurassem para a chuveirada. Gentis enquanto faziam uma tarefa que detestavam por um salário que não os sustentava. Ela ficava pensando se alguém poderia ser tão gentil assim.

Richard não estava lá naquela quinta-feira. Ela se sentou com o homem que vivia no corpo dele, mostrando fotografias de quando foram acampar, de seus primeiros dias na escola e dos pais. Ele anuiu, sorriu e disse que eram fotos adoráveis. Isso era o pior, que mesmo em sua confusão sua cortesia gentil resistisse. Ela ficou a hora que sempre passava com ele, sem se importar quão opressivo fosse. Quando ninguém estava olhando, ela lhe dava goles de café. Richard não podia mais tomar líquidos. Tudo o que comia era em forma de purê, e todas as suas bebidas, até mesmo a água, eram engrossadas para que não aspirasse. Esse era um dos problemas do Alzheimer. Os músculos da deglutição no fundo da garganta enfraqueciam, ou as pessoas se esqueciam de como usá-los. Então, as ordens médicas para Richard eram que não podia mais tomar café. Ela desafiava isso. Ele perdera seus livros, seu cachimbo e não podia mais andar por conta própria. Seu café era o último pequeno prazer na vida, e ela se aferrara a isso em benefício dele. Toda semana levava um copo para ele e o ajudava a beber às escondidas enquanto ainda estava quente. Ele adorava isso. O café sempre garantia um sorriso da criatura que tinha sido seu grande irmão forte.

Com o copo vazio, foi para casa.

* * *

O desaparecimento de Linda estava no *Tacoma News Tribune* do dia seguinte. Sarah leu a matéria. Haviam usado uma foto antiga, uma mulher calma e competente num paletó com ombreiras. Ficou pensando se teria

sido por não terem fotos de uma velha desgrenhada. Mas ninguém tinha fotos do sorriso que ela dera ao virar sua mangueira de jardim para os gêmeos Thompson de 10 anos, que tinham atacado seu gato com pistolas de água. A foto não teria registrado seus risos abafados quando ligara para Sarah às duas horas da manhã e ambas foram esvaziar os pneus de todos os carros estacionados diante da casa de Marty Sobin quando sua filha adolescente dera uma festa com álcool enquanto Marty estava fora da cidade. "Agora eles não podem dirigir bêbados", sussurrara Linda com satisfação. A Linda dos velhos tempos. Sarah se lembrava de como ela ficara de pé na rua, pés fincados, dentes trincados, e forçara Marsha Bates a parar cantando pneus com o Jeep do pai. "Você está dirigindo rápido demais para este bairro. Da próxima vez, vou contar aos seus pais *e* à polícia."

Aquela Linda recebera a vizinhança para churrascos de Quatro de Julho, e sua casa era onde os adolescentes se reuniam espontaneamente. Suas luzes de Natal sempre eram as primeiras a acender e as últimas a se apagar, e suas abóboras de Halloween eram as maiores da rua. Aquela Linda sabia como ligar um gerador para as luzes externas do piquenique de futebol. Depois da grande tempestade de neve de doze anos antes, ela pegara sua motosserra e cortara a árvore, que caíra sobre a rua, quando a cidade disse que não poderia mandar ninguém antes de três dias. Russ abrira a janela e gritara: "Fique de olho, pessoal! Norueguesa maluca com uma motosserra!", e todos deram gargalhadas orgulhosas. Muito orgulhosos de poder cuidar de si mesmos. Mas aquela Linda e a velha excêntrica que ela tinha se tornado desapareceram.

A família dela espalhou cartazes. A polícia levou um cão farejador. Robbie apareceu para visitar e perguntar o que tinha visto naquela noite. Foi difícil olhar nos olhos dele e explicar por que não tinha chamado a polícia.

– Eu liguei para sua casa. Duas vezes. Deixei tocar vinte vezes.

– Nós desligamos a campainha de noite – confessou ele, desanimado. Ele fora um menino pesado quando goleiro do time de futebol, e se tornara gordo. Um homem gordo e cansado com uma mãe problemática que se transformara em uma mãe desaparecida. Tinha de ser algum alívio, Sarah pensou, e depois mordeu o lábio para não dizer em voz alta.

À medida que os dias se passavam, as noites ficavam mais frias e chuvosas. Nenhum registro de que ela tivesse sido vista. Ela não poderia ir

longe a pé. Poderia? Será que alguém a pegara? O que alguém iria querer com uma velha demente com um taco de beisebol? Será que estava morta nas amoreiras de algum terreno abandonado? Pegando carona na Highway 99? Com fome e frio em algum lugar?

Quando Sarah acordava de madrugada às duas, três horas ou 4h15, a culpa a mantinha acordada até o amanhecer. Era horrível estar acordada antes de o jornal ser entregue e antes de ser hora de preparar o café. Ela se sentava à mesa e olhava para a lua cheia do equinócio. "Meninos e meninas, saiam para brincar", sussurrava para si mesma. Seus horários estranhos incomodavam Sarge. O beagle gordo se sentava ao lado da cadeira e a observava com seus olhos tristes de cão. Ele sentia falta de Russ. Tinha sido o cachorro dele, e sua morte tornara o animal melancólico desde então. Ela sentia que ele estava apenas esperando para morrer.

Bem, ela também não estava?

Não. Claro que não! Ela tinha sua vida, sua programação. Tinha seu jornal matutino e o jardim para cuidar, suas compras na mercearia e seus programas de TV à noite. Tinha Alex e Sandy, mesmo com esta morando do outro lado das montanhas. Tinha sua casa, seu jardim, seu cachorro e outras coisas importantes.

Às 4h15 de uma manhã escura de setembro era difícil lembrar quais eram essas coisas importantes. A chuva constante dera lugar ao silêncio e a uma névoa que se elevava. Ela estava fazendo o sudoku do jornal do dia anterior, um tipo de quebra-cabeça idiota, todo lógica e nenhuma inteligência, quando Sarge se virou para olhar na direção da porta dos fundos em silêncio.

Ela desligou as luzes da cozinha e olhou pela janela dos fundos. A rua estava muito escura! Nenhuma luz residencial acesa em lugar algum. Ela apertou o interruptor da luz da varanda; a lâmpada ainda estava queimada. Havia alguém lá fora; ela ouviu vozes. Colocou as mãos ao redor do rosto e colou no vidro. Continuava sem ver. Abriu a porta dos fundos e saiu em silêncio.

Cinco homens jovens, três lado a lado e dois atrás. Não reconheceu nenhum deles, mas não pareciam ser do seu bairro. Os adolescentes andavam curvados com casacos pesados e botas de trabalho de cadarços desamarrados, se movendo como uma matilha de cães, os olhos indo de um lado para o outro. Carregavam mochilas. O líder apontou pra uma

velha picape estacionada do outro lado da rua. Foram na direção dela, olharam na caçamba e testaram as portas trancadas. Um espiou pela janela lateral e disse algo. Outro pegou um galho de árvore caído e bateu no para-brisa. O galho podre se despedaçou e caiu na rua cheia de lixo. Os outros riram dele e avançaram. Mas o jovem vândalo era teimoso. Enquanto subia na caçamba da picape para tentar chutar o vidro de trás, Hello Kitty olhou para ela.

Seu coração deu um pulo no peito. Uma coincidência, disse a si mesma. Era apenas um jovem usando uma mochila da Hello Kitty para ser irônico. Não significava nada, não mais que isso.

Sim. Significava.

Quase ficou grata pela luz da varanda estar queimada e sua cozinha, escura. Ela se acalmou em silêncio do lado de dentro, fechou a porta quase totalmente, pegou o telefone e discou 911, se encolhendo com os bipes. Será que ele ouviria? Tocou três vezes antes que o operador atendesse.

– Polícia ou bombeiros? – perguntou a mulher.

– Polícia. Uns homens estão tentando arrombar uma picape estacionada na frente da minha casa. E um deles usa uma mochila rosa igual à que minha amiga usava na noite...

– Calma, senhora. Nome e endereço.

Ela respondeu rapidamente.

– Consegue descrever os homens?

– Está escuro e a luz da varanda está queimada. Estou sozinha aqui. Não quero que saibam que os estou observando e telefonando.

– Quantos homens? Pode dar uma descrição geral?

– A polícia está vindo? – cobrou ela, de repente com raiva de todas aquelas perguntas inúteis.

– Sim. Já enviei alguém. Agora. Por favor, me diga o máximo que puder sobre os homens.

Ao inferno com isso. Ela foi até a porta e olhou para fora. Ele tinha ido embora. Ela olhou para os dois lados da rua, mas a noite estava tomada pela neblina.

– Eles foram embora.

– É a dona do veículo que eles estavam tentando arrombar?

– Não. Mas a coisa importante é que um deles usava uma mochila rosa, igual à que minha amiga usava quando desapareceu.

– Entendo – disse ela, e Sarah teve certeza de que a funcionária não entendia nada. – Senhora, como essa não é uma emergência imediata, ainda vamos enviar um policial, mas talvez ele não chegue imediatamente.

– Certo.

Ela desligou. Idiota. Foi até a porta e olhou de novo para fora. Na gaveta da cômoda no andar de cima, debaixo das roupas de Russ, havia uma pistola, uma pequena .22 preta que ela não disparava havia anos. Em vez disso, pegou sua comprida lanterna pesada na gaveta de baixo e saiu para o quintal. Sarge a seguiu. Ela caminhou em silêncio até a cerca, ligou a lanterna e apontou o facho de luz para a velha picape. O facho mal chegou a ela. De um lado e do outro da rua, bloqueada pela neblina, a luz não lhe revelou nada. Entrou em casa com Sarge, trancou a porta, mas deixou a luz da cozinha acesa e voltou para a cama. Não dormiu.

O policial só chegou dez e meia. Ela entendeu. Tacoma era uma cidadezinha violenta; eles primeiro tinham de atender aos casos em que as pessoas realmente corriam perigo. Ele apareceu, colheu seu relato e lhe deu um número de registro. A picape tinha sumido. Não, ela não sabia a quem pertencia. Cinco jovens, entre a metade e o final da adolescência, vestindo roupas pesadas, e um com uma mochila rosa. Ela se recusou a adivinhar alturas ou raça. Estava escuro.

– Mas a senhora viu a mochila claramente?

Vira. E estava certa de que era idêntica àquela que Linda carregava.

O policial franziu o cenho e anotou. Apoiou-se na mesa da sua cozinha para olhar pela janela. Franziu o cenho.

– A senhora disse que ele bateu na janela com um galho caído, que se partiu em pedaços?

– Isso mesmo. Mas não acho que a janela tenha quebrado.

– Senhora, não há galhos de árvore lá fora. Nem pedaços na rua – constatou, e olhou para ela com pena. – Seria possível que a senhora tivesse sonhado isso? Por estar preocupada com sua amiga?

Ela quis cuspir nele.

– Ali está a lanterna que usei. Ainda no balcão onde a deixei.

As sobrancelhas dele se juntaram.

– Mas a senhora disse que estava escuro e não conseguia ver nada.

– Eu saí com a lanterna *depois* de ligar para a polícia. Para ver se conseguia descobrir para onde tinham ido.

– Entendo. Bem, obrigado por ligar para nós.

Depois que ele partiu, ela saiu sozinha. Atravessou a rua até onde a picape estivera estacionada. Nenhum pedaço de galho no chão. Nem mesmo um punhado de folhas no bueiro. Seu novo vizinho tinha um fetiche por gramados. Era tão bem cuidado quanto grama artificial num campo de futebol, os bueiros limpos como se tivessem sido aspirados. Ela estranhou aquilo. Na noite passada, havia folhas secas sussurrando ao sopro do vento, e havia, sim, um grande e pesado galho podre na rua. Mas as macieiras jovens no pomar dele eram pouco maiores que o cabo de um ancinho. Pequenas demais para produzir um galho como aquele, quanto mais para perder um.

Sarah voltou para casa. Chorou durante algum tempo, depois preparou uma xícara de chá e ficou aliviada por não ter ligado para Alex por causa daquilo. Fez uma relação das coisas que podia fazer: lavar roupa, podar as rosas murchas, colher os últimos tomates verdes e fazer chutney com eles. Subiu e tirou um cochilo.

Depois de três semanas, o bairro parou de fofocar sobre Linda. Seu rosto ainda sorria num cartaz de "desaparecida" no mercado Safeway, perto do balcão da farmácia. Sarah encontrou Maureen lá, pegando comprimidos para Hugh, e foram ao Starbucks, pensando no que teria acontecido com Linda. Conversaram sobre os velhos tempos, jogos de futebol, aluguel de smokings para festas de formatura e de quando Linda fez ligação direta na picape de Hugh depois que ninguém conseguiu encontrar as chaves e Alex precisava levar pontos imediatamente. Elas riram muito e choraram um pouco, depois retornaram ao presente. Maureen deu as notícias. Hugh estava "levando", e Maureen contou isso como se ser capaz de sentar na cama fosse tudo o que ele queria fazer. Maureen a convidou a colher as maçãs da macieira do quintal.

– Não tenho tempo de fazer nada com elas, e há mais do que podemos comer. Odeio vê-las caindo e apodrecendo.

Foi bom tomar um café e conversar, e isso fez com que Sarah se desse conta de quanto tempo se passara desde que convivera com alguém. Pensou nisso na manhã seguinte enquanto verificava a correspondência na mesa. Uma conta de luz, um panfleto sobre plano de cuidados de longo prazo, um boletim da associação de aposentados e duas brochuras de casas de repouso. Sentou com a conta de um lado e empilhou o resto para reciclar com o jornal matutino. Encontrou uma cesta e estava saindo para

limpar a macieira de Maureen quando Alex entrou. Ele se sentou à sua mesa e ela esquentou no micro-ondas o resto do café da manhã para eles.

– Tive que vir a Tacoma para um seminário, então pensei em dar uma passada aqui. E queria lembrar você de que a segunda metade do imposto de propriedade vence no final do mês. Já pagou?

– Não. Mas está na escrivaninha.

Isso pelo menos era verdade. Estava na escrivaninha. Em algum lugar.

Ela o viu olhando para as brochuras de casas de repouso.

– Propaganda – contou ela. – Desde que seu pai nos registrou na associação de aposentados nós recebemos essas coisas.

– Mesmo? – ele reagiu, parecendo envergonhado. – Achei que tinha sido porque pedi que mandassem. Achei que talvez você desse uma olhada e depois pudéssemos conversar.

– Sobre o quê? Reciclagem?

A brincadeira saiu mais dura do que ela pretendera. Alex ficou com o olhar teimoso. Ele nunca iria comer brócolis – nunca. E teria aquela conversa de qualquer jeito. Ela colocou uma colher de açúcar no café e mexeu, resignada por uma desagradável meia hora que estava por vir.

– Mãe, temos de encarar os fatos – disse, entrelaçando as mãos na beirada da mesa. – Os impostos estão vencendo; a segunda metade é de setecentas pratas. O seguro da casa vence em novembro. E os preços do óleo estão subindo, com as contas da calefação no inverno por chegar, e este lugar não é eficiente no uso de energia.

Ele falava como se ela fosse um pouco idiota, além de velha.

– Eu coloco um suéter e levo o pequeno aquecedor de um aposento para outro. Como fiz ano passado. Aquecimento por zonas. A forma mais eficiente de esquentar uma casa.

Ela bebericou o café.

Ele abriu as mãos na mesa.

– Tudo bem. Até começarmos a ter mofo na casa devido à umidade no porão sem aquecimento. Mãe, esta é uma casa de três quartos e dois banheiros, e você usa talvez quatro cômodos dela. A única banheira fica em cima, e a lavanderia é no porão. São muitas escadas para você todos os dias. A caixa de disjuntores deveria ter sido trocada há anos. A geladeira precisa de isolamento novo. O carpete da sala de estar está gasto nas beiradas.

Ela sabia de tudo aquilo. Tentou fazer piada.

– E a lâmpada na varanda dos fundos está queimada. Não se esqueça disso!

Ele apertou os olhos para ela.

– Quando a faia perder as folhas teremos de passar o ancinho no gramado e tirar do escoamento de água da chuva. E no próximo ano a casa precisará de pintura.

Ela apertou os lábios. Verdade. Tudo verdade.

– Vou lidar com isso quando chegar o momento – respondeu ela, em vez de mandar que ele cuidasse da própria vida.

Ele colocou os cotovelos na mesa e apoiou a cabeça nas mãos. Não ousou encará-la enquanto falava.

– Mãe, isso significa apenas que irá me ligar quando não conseguir colocar as folhas na lata de reciclagem do gramado. Ou quando as calhas estiverem transbordando pela lateral da casa. Você não consegue manter este lugar sozinha. Eu quero ajudá-la. Mas sempre parece que você me liga quando estou preparando uma apresentação ou juntando minhas próprias folhas.

Ela encarou Alex, magoada.

– Eu... Não venha, se está tão ocupado! Ninguém morre de calhas entupidas e folhas no gramado.

Ela se sentiu envergonhada, depois furiosa. Como ele ousava posar de mártir das suas necessidades? Como ousava se comportar como se ela fosse um fardo? Ela perguntara se tinha tempo para ajudá-la, não exigira que fosse lá.

– Você é minha mãe – falou ele, como se isso criasse algum dever irrevogável que ninguém pudesse apagar. – O que as pessoas vão pensar se deixar a casa desmoronar ao seu redor? Além do mais, a casa é seu maior patrimônio. Precisa ser conservada. Ou, se não pudermos conservá-la, precisamos liquidá-la e mudar você para algum lugar onde possa se arranjar. Um apartamento para idosos. Ou casa de repouso.

– Alex, quero que você saiba que este é meu LAR, não meu "maior..."

Alex ergueu a mão, peremptório.

– Mãe. Deixe-me terminar. Não tenho muito tempo hoje. Então, me deixe dizer apenas isto. Não estou falando de uma casa de repouso. Sei que você odeia visitar o tio Richard. Estou falando de um lugar seu com muitos serviços, sem o trabalho de ter uma casa. Esse aqui? – E colocou o dedo em uma brochura retirada da pilha de propaganda. – Fica em

Olympia. Junto à água. Tem seu próprio cais, e barcos que os moradores podem usar. Você pode ter amigos e ir pescar.

Ela deu um sorriso duro e tentou brincar com aquilo.

– Eu não consigo juntar folhas com um ancinho, mas você acha que eu posso remar um bote?

– Você não tem de ir pescar – retrucou ele. Ela o aborrecera, destruindo seu sonho de ver a mãe num pequeno terrário de frente para a água. – Só estou dizendo que você *poderia*, que este lugar tem todo tipo de serviços. Uma piscina. Uma academia de ginástica. Transporte diário para a mercearia. Você poderia aproveitar a vida de novo.

Ele estava muito determinado.

– O banheiro tem essa instalação de segurança. Se você cair, puxa uma corda e isso a coloca em contato com ajuda, 24 horas por dia. Há um refeitório caso não queira cozinhar naquele dia. Há um centro de atividades com sala de cinema. Eles programam noites de jogos, churrascos e...

– Parece um acampamento de verão para velhos cretinos – interrompeu.

Ele ficou sem palavras por um momento.

– Só quero que você saiba das possibilidades, Se não gosta deste, tudo bem. Há outros lugares que são apenas apartamentos adaptados para pessoas mais velhas. Todos os aposentos no mesmo andar, barras de apoio nos banheiros, corredores largos o bastante para andadores. Só pensei que você poderia achar algo bom.

– Eu tenho algo bom. Minha própria casa. E eu não poderia pagar esses lugares.

– Se você vendesse esta casa...

– Neste mercado? Rá!

– Ou então a alugasse.

Ela olhou feio para ele.

– Isso funcionaria. Uma imobiliária cuidaria disso por uma percentagem. Muita gente faz isso. Olhe. Eu não tenho tempo de discutir hoje. Não tenho tempo de discutir dia nenhum! E é disso que estamos falando. Não tenho tempo de vir correndo para cá todo dia. Eu a amo, mas você tem de tornar possível para mim cuidar de você e ainda ter minha própria vida! Tenho uma esposa e filhos; eles precisam do meu tempo

tanto quanto você. Não consigo trabalhar e cuidar de duas casas. Não consigo.

Ele estava com raiva, e isso mostrava quão perto estava de explodir. Ela olhou para o chão. Sarge estava debaixo da mesa. Ergueu os olhos castanhos tristes para ela.

– E Sarge? – perguntou ela em voz baixa.

Ele suspirou.

– Mãe, ele está ficando velho. Você deveria pensar no que é melhor para ele.

Naquela tarde, ela pegou a escadinha e trocou a lâmpada da varanda. Arrastou a escada de alumínio da garagem, armou, pegou a mangueira, subiu na maldita coisa e limpou as calhas na frente da garagem. Juntou com o ancinho as folhas molhadas e o lixo numa pilha sobre uma lona, levou até a beirada do canteiro de legumes e jogou lá. Compostagem. Mais fácil que lutar com uma lata de folhas.

Na manhã seguinte, ela acordou às dez horas em vez das seis, toda dolorida, num dia nublado. Os ganidos de Sarge a despertaram. Ele tinha de sair. Levantar da cama foi um processo cauteloso. Vestiu seu roupão e se apoiou no corrimão para descer as escadas. Deixou Sarge sair para o quintal enevoado, encontrou o remédio para dor e apertou o botão da cafeteira.

– Vou fazer isto até não conseguir mais – falou com raiva. – Não vou sair da minha casa.

O jornal estava sobre o capacho da frente. Ao se levantar, ela olhou para o bairro e ficou chocada com a mudança. Quando ela e Russ se mudaram para lá, o lugar era um bairro emergente em que os gramados permaneciam verdes e aparados o verão inteiro, as casas eram pintadas com regularidade infalível e canteiros de flores eram cuidados.

Naquele momento, seus olhos localizaram um bueiro afundado na esquina da velha casa dos McPherson. E mais abaixo, o salgueiro chorão, que havia sido o orgulho de Alice Carter, tinha um galho quebrado balançando, coberto de folhas mortas. O gramado dela também estava morto. E a tinta descascava no lado ensolarado da casa. Quando tudo se tornara tão desgastado? Sua respiração acelerou. Não era assim que ela se lembrava da casa. Era disso que Alex estava falando? Será que seus esquecimentos se tornaram tão abrangentes? Apertou o jornal sobre o peito e recuou para dentro de casa.

Sarge estava arranhando a porta dos fundos. Ela a abriu para o beagle, depois ficou olhando para além da cerca. A picape estava lá de novo. Vermelha e enferrujada, um pneu arriado, algas nas janelas. Os pedaços do galho de árvore quebrado ainda cobriam a rua, e o vento empurrara as folhas caídas sobre eles. Lentamente, com o coração batendo forte, ela ergueu os olhos para as macieiras retorcidas que tinham substituído sua lembrança de mudas do tamanho de cabos de vassoura.

– Não pode ser – disse ao cachorro.

Desceu os degraus rigidamente, Sarge nos seus calcanhares. Passou pelas rosas até chegar à cerca, olhando através da neblina esfiapada. Nada mudou. Quanto mais ela estudava seu bairro familiar, mais estranho ele se tornava. Janelas quebradas. Chaminés com tijolos faltando, gramados mortos, um abrigo de carro caído. Um ruído ritmado a fez virar a cabeça. O homem descia a rua a passos largos, botas esmagando as folhas molhadas, a mochila rosa alta em seus ombros. Carregava o taco de beisebol de alumínio em diagonal na frente do corpo, mão direita agarrando, mão esquerda embalando. Sarge deu um rosnado baixo. Sarah não conseguiu produzir um som.

Ele sequer olhou para os dois. Quando chegou à picape, ajustou os pés, mediu a distância e então acertou a janela do motorista. O vidro resistiu. Ele bateu novamente, e mais uma vez, até que se transformasse em uma teia de aranha, uma cortina de vidro de segurança esfacelando. Então, inverteu o taco e raspou o vidro. Enfiou a mão, destrancou a porta e a abriu.

– Onde está Linda? O que você fez com ela?

O homem ficou paralisado no ato de vasculhar o interior da cabine. Ele se empertigou e virou, taco a postos. Os joelhos de Sarah fraquejaram, e ela agarrou a barra de cima da cerca para não despencar. O homem que olhou feio para ela estava perto dos 20 anos. As botas de trabalho com laços desfeitos pareciam grandes demais, assim como a pesada jaqueta sintética que vestia. Os cabelos estavam desgrenhados, e sua barba irregular era um acidente. Ele estudou a rua nas duas direções. Os olhos passaram por cima dela e do cachorro, que rosnava sem parar enquanto procurava testemunhas. Ela viu o peito dele subir e descer; seus músculos estavam contraídos em prontidão.

Ela o encarou, esperando o confronto. “Deveria ter apanhado o telefone. Deveria ter discado 911 ainda dentro de casa. Velha idiota. Eles

vão me encontrar morta no quintal e nunca saberão o que aconteceu."

Mas ele não avançou. Os ombros baixaram lentamente. Ela permaneceu de pé onde estava, mas ele nem olhou. Não valia sua atenção. Ele se virou de novo para a cabine da picape e se curvou para dentro.

– Sarge. Venha, menino, venha.

Ela se afastou em silêncio da cerca. O cachorro permaneceu onde estava, rabo erguido, pernas rígidas, com a atenção fixa no invasor na sua rua. O sol devia ter mergulhado atrás de nuvens mais pesadas. O dia ficou cinza e a neblina mais densa, até que ela mal conseguia ver a cerca.

– Sarge! – chamou ela com mais urgência. Em reação à preocupação na voz, o rosnado dele ficou mais grave.

Na rua, o ladrão se afastou da picape, segurando um saco de lona com ferramentas. Vasculhou dentro e uma barra caiu. Um som metálico soou na calçada e Sarge de repente uivou. Os pelos em suas costas se eriçaram. Na rua, o homem girou e olhou para o cachorro. Juntou as sobrancelhas, se inclinando para a frente e olhando. O beagle gordo uivou mais uma vez e, quando o homem ergueu o taco, Sarge avançou, rosnando.

A cerca não o deteve.

Sarah olhou enquanto Sarge desaparecia na neblina e depois reaparecia na rua atrás da cerca, uivando. O homem se curvou, pegou um pedaço do galho podre e o jogou em Sarge. Ela achou que ele não acertara, mas o beagle ganiu e se esquivou.

– Deixe meu cachorro em paz! – gritou para ele. – Eu chamei a polícia! Estão a caminho!

Ele manteve os olhos no cachorro. Sarge uivou de novo, proclamando seu território. O ladrão arrancou uma chave de parafusos da bolsa de ferramentas e arremessou. Dessa vez, ela ouviu um baque quando o homem acertou o cachorro, e os ganidos de Sarge enquanto fugia eram os de um cachorro ferido.

– Sarge! Sarge, volte! Seu desgraçado! Deixe meu cachorro em paz!

Pois o homem o estava perseguindo, taco erguido.

Sarah correu para dentro de casa, pegou o telefone, discou e correu para fora de novo. Chamando, chamando...

– Sarge! – gritou ela, se atrapalhou com a tranca no portão e correu para uma rua vazia.

Vazia.

Sem picape. Sem galhos caídos ou folhas mortas. Uma névoa sob as árvores decorativas no final da rua sumiu quando o sol passou pelas nuvens acima. Ela estava de pé num bairro urbano bem cuidado de gramados aparados e calçadas varridas. Nada de para-brisa quebrado, nada de ladrãozinho esfarrapado. Apertou apressadamente o botão de desligar no telefone. Nenhum beagle.

– Sarge! – chamou, sua voz vacilando. Mas ele desaparecera, assim como desaparecera tudo mais que tinha vislumbrado.

O telefone em sua mão tocou.

Sua voz vacilou enquanto garantia na ligação a 911 que estava tudo bem, que deixara o telefone cair e apertara botões acidentalmente ao pegá-lo. Não, ninguém precisava ir lá, ela estava bem.

Ela se sentou à mesa da cozinha, olhou para a rua e chorou durante duas horas. Chorou por sua cabeça que estava se perdendo, chorou por Sarge ter ido embora, chorou por uma vida que saía de seu controle. Chorou por estar sozinha num mundo estranho. Tirou da lata de reciclagem os panfletos das moradias especiais e chorou quando leu sobre a ala de Alzheimer com alarme nas portas.

– Tudo menos isso, Deus – suplicou a Ele, e então pensou nos comprimidos para dormir que o médico oferecera na época da morte de Russ. Nunca usara a receita. Procurou por ela na bolsa. Não estava lá.

Subiu, abriu a gaveta e olhou para a pistola. Lembrou-se de Russ mostrando como a trava funcionava e como tinha de colocar munição no carregador. Eles tinham atirado em latas num poço de cascalho. Anos antes. Mas a arma ainda estava lá, e quando ela soltou a trava o carregador caiu em sua mão. Havia uma caixa plástica âmbar de munição ao lado, surpreendentemente pesada. Cinquenta cartuchos. Olhou para aquilo, pensou em Russ e em como ele estava longe.

Depois colocou de volta, pegou sua cesta e foi colher as maçãs de Maureen. Ela e Hugh não estavam em casa, deviam estar no hospital de Seattle. Sarah encheu a cesta com maçãs pesadas e a arrastou para casa, planejando o que iria fazer. Potes de molho de maçã, potes de anéis de maçã temperados e transformados em vermelho pelo corante de canela Red Hots. Jarros vazios aguardavam, alinhados, junto à pequena churrasqueira esmaltada e à velha panela de pressão. Ficou de pé na cozinha olhando para aquilo, depois para as maçãs no balcão. Colocar em

potes para quem? Quem podia confiar em alguma coisa que colocasse em potes? Ela deveria pegar tudo e doar.

Fechou o armário. Encerrado. Potes de doces estavam tão acabados quanto dança, bordado ou sexo. Não fazia sentido lamentar.

Lavou e lustrou meia dúzia de maçãs, colocou-as em uma bela cesta com uma dália tardia e foi visitar Richard. Deixou a cesta na recepção com um bilhete de agradecimento para as enfermeiras e entrou com o copo de café. Deu goles a ele e lhe contou tudo, sobre a neblina, o desaparecimento de Linda e o homem com a mochila. Ele observou seu rosto e escutou a história que não poderia contar a mais ninguém. Uma sombra de vida voltou ao rosto dele quando lhe deu o melhor conselho de um irmão.

– Atire no filho da puta – disse, balançando a cabeça, depois tossiu e acrescentou: – Pobre cachorro velho. Mas pelo menos foi rápido, né? Melhor que uma morte lenta.

Ele fez um gesto ao redor dela com uma mão ossuda com manchas de envelhecimento.

– Melhor que isto, Sal. Melhor que isto.

Naquele dia, ela ficou uma hora a mais com ele. Depois pegou o ônibus para casa e foi diretamente para a cama. Quando acordou às duas horas da manhã, limpou o chão e o banheiro e assou no forno uma maçã solitária. O cheiro de canela, maçã e açúcar caramelado a fez chorar. Ela a comeu entre lágrimas.

Aquele foi o dia em que se desligou totalmente do tempo. Sem Sarge pedindo que acordasse às seis e o alimentasse, que diferença fazia a que horas levantasse, quando cozinhasse ou recolhesse as folhas? O jornal sempre esperaria por ela. A Safeway nunca fechava, e ela nunca sabia quais dias lhe revelariam uma agradável tarde de outono num bairro silencioso e quais revelariam um mundo nublado de casas dilapidadas e carros enferrujados. Por que não fazer compras uma da manhã ou ler as notícias do dia só às oito da noite comendo um jantar de micro-ondas? O tempo não tinha mais importância.

Decidiu que esse era o segredo. Ficou pensando se isso acontecia a todas as pessoas velhas assim que se davam conta de que o tempo não se aplicava mais a elas. Começou a deliberadamente sair para o jardim nos dias nublados para olhar de propósito para aquele outro mundo desalentador. Três dias após Sarge ter desaparecido, ela viu uma garotinha esfarrapada sacudindo os galhos mais baixos de uma macieira grande

demais, esperando que as últimas maçãs bichadas caíssem sobre ela. Nada caiu, mas ela continuou tentando. Sarah entrou na casa e saiu com a cesta de maçãs da macieira de Maureen. Ficou de pé no quintal e as jogou por sobre a cerca, uma de cada vez. Ela jogou de baixo para cima, do modo como costumava lançar bolas para os filhos. As primeiras três sumiram na neblina. Depois, à medida que a neblina ficava mais densa, uma caiu no gramado marrom cheio de pragas junto à criança. A garota se lançou sobre a maçã, acreditando que a tinha derrubado. Sarah lançou mais meia dúzia de maçãs vermelhas gordas, limpas, suculentas e maduras. A cada maçã, o encanto da menina aumentava. Ela se sentou embaixo da árvore, encolheu as pernas junto ao peito para se aquecer e comeu maçã após maçã, faminta. Sarah mordeu uma maçã ela mesma e a comeu enquanto olhava. Quando terminou, se tornou um jogo para Sarah estar pronta para lançar uma maçã quando a criança sacudia a árvore. Quando a garota não conseguiu mais comer, enfiou-as em sua mochila puída. Quando todas as maçãs foram lançadas, Sarah voltou para casa, preparou um chá e pensou sobre aquilo até a neblina dissipar e ela ver as primeiras frutas que tinha jogado caídas na rua. Ela riu, escovou os cabelos, calçou sapatos e foi às compras.

Por três dias a neblina veio, mas nenhuma criança apareceu. Sarah não desanimou. Quando a neblina voltou, ela estava pronta. Tinha colocado as meias rosa num plástico, fechado com fita adesiva. Não havia como dizer quanto tempo ficariam caídas ali antes que a criança voltasse. Havia dois sué-teres, rosa com lantejoulas, meias de lã quentes e uma mochila azul resistente cheia de barras de granola. Ela lançou um depois do outro por cima da cerca, dentro da neblina. Ela os ouviu cair, mas não conseguiu ver. Quando a neblina dissipou e apenas um par de meias permanecia na rua, ela comemorou. Esperara ver a menininha voltar e encontrar os presentes. Não viu, mas da vez seguinte em que a neblina rodopiou, viu que os tesouros tinham sumido.

– Ela os encontrou – parabenizou a si mesma, e planejou mais surpresas.

Coisas simples. Um saco de damascos secos. Biscoitos de aveia com chocolate em um tubo de plástico duro. Por sobre a cerca e dentro da neblina. Aqueles ela viu a garota encontrar, e a expressão no rosto dela ao abrir a caixa foi inestimável. As noites ficaram mais frias, com ameaça de neve. Estaria frio naquele outro mundo? Onde a criança dormia? Ela se

metia nos arbustos ou se escondia em uma das casas abandonadas? Sarah encontrou suas agulhas de tricô e pegou um estoque de linhas. Tinha se esquecido daquelas cores, roxo urze, marrom bolota e verde musgo. Eles se enrolaram nas agulhas e deslizaram por seus dedos rígidos com as lembranças de dias em que conseguia subir pelas encostas no outono. Levou o tricô com ela numa bolsa quando visitou Richard, e mesmo que ele não a reconhecesse, lembrava de como a mãe deles nunca assistia à televisão sem seu tricô. Eles riram disso e também choraram um pouco. A tosse dele estava pior. Ela lhe deu goles de café para limpar a garganta, e quando ele perguntou, com voz de criança, se poderia ficar com o gorro de lã verde ela deixou.

Sarah embalou luvas de lã multicoloridas, um gorro combinando e um par de botas de borracha rosa. Por impulso, adicionou um dicionário ilustrado. Colocou as coisas em bolsas ziplock e, quando a neblina rodopiou nos ventos invernais, sorriu enquanto os arremessava por sobre a cerca, para dentro do nevoeiro. No começo de novembro, ela lançou um saco de doces cremosos laranja e preto de Halloween, no formato de abóboras, gatos e espigas de milho que sobraram de uma rodada muito decepcionante de gostosuras ou travessuras à sua porta.

Quando visitou Richard, ele estava usando seu gorro verde na cama. Contou sobre a garotinha, sobre as maçãs e as luvas. Ele deu sua risada velha, depois tossiu até ficar vermelho. A enfermeira apareceu e, quando olhou desconfiada para o café, Sarah sorriu e tomou o resto dele.

– Você é uma senhora gentil – falou Richard quando ela saía. – Você lembra minha irmã.

* * *

Várias noites depois, no meio da noite, uma tempestade a despertou, e ela desceu as escadas até a cozinha. Do lado de fora, o vento corria pela chaminé e esfregava os galhos da árvore sobre o telhado. Isso iria derrubar o resto das folhas; teria de recolher no dia seguinte. Em meio ao vento, ouviu a voz de uma criança, talvez da menina. Abriu a porta dos fundos e saiu para a varanda. Acima, os galhos da faia balançavam e as folhas caíam, mas na rua tinha uma neblina densa. Atravessou o gramado e

segurou o alto da cerca. Forçou olhos e ouvidos, tentando penetrar a neblina e a escuridão.

Quase ficou tempo demais. A cerca sumiu de suas mãos. Recuou enquanto ela se dissolvia em neblina. A luz da varanda parecia distante. A neblina corria entre ela e seus degraus. Ouviu atrás de si passos pesados na rua. De homens, não de criança. Caminhou em meio à neblina como se fosse água profunda. Ofegava quando subiu os degraus cambaleando. Os passos de homens eram claros atrás. Passando pela porta e entrando em casa, apagou a luz da varanda e ficou paralisada nos degraus, olhando por entre névoa e escuridão.

Estavam com a garota. Um a segurava pelo pulso com firmeza. Ela apontava e falava com eles. Tocou no gorro e voltou a falar. O homem que segurava seu pulso balançou a cabeça. A garota apontou de novo, com insistência, para a macieira do outro lado da rua. O homem foi na direção dela. Sarah observou enquanto vasculhavam a árvore e abaixo dela, e depois o canteiro e o jardim do outro lado da rua. Um deles abriu a porta tombada e desapareceu dentro da casa. Saiu pouco tempo depois balançando a cabeça. Quando olharam na sua direção, ela ficou pensando no que teriam visto. O que era sua casa no mundo e no tempo deles? Um lugar deserto com janelas quebradas como a casa do outro lado da rua? Uma casca queimada como a dos Mason no meio do quarteirão?

O que aconteceria se a neblina engolisse sua casa?

O homem com a mochila de Linda e o boné de beisebol olhou fixamente para sua varanda. Um redemoinho de névoa a seguiu quando ela se retirou para a cozinha, sem ousar fechar a porta para não produzir ruído. Sabia que o ruído conseguia passar do seu mundo para o deles. Tirou uma cadeira do caminho, odiando o som raspado no chão, e se agachou para espiar por cima do parapeito da janela. Procurou o interruptor e apagou as luzes. Conseguia ver mais claramente.

O Homem da Mochila olhava para sua janela enquanto atravessava a rua, batendo levemente o taco sobre a palma da mão. A neblina condensara em seu quintal. Ela o viu entrar no quintal sem ser incomodado por uma cerca de metal que não existia no mundo dele. Ficou de pé sobre suas rosas logo abaixo da janela da cozinha e olhou para ela, os olhos pálidos fixos em algo além. Estudou a janela, depois jogou a cabeça para trás e gritou:

– Sarah!

A palavra chegou a ela, fraca, mas clara.

Ele recuou, procurando-a na janela. Ela permaneceu imóvel. “Não consegue me ver. Não estou no mundo dele. Mesmo que saiba meu nome, não consegue me ver.” Ele olhou para as janelas de cima de sua casa e balançou a cabeça, frustrado.

– Sarah! – gritou novamente. – Você está aí. Você me ouve! Saia!

Atrás deles, seus colegas se juntaram num coro noturno.

– Sarah! Saia, Sarah!

Os outros se adiantaram para ficar ao lado do Homem da Mochila.

Eles sabiam seu nome. Antes de matar Linda, eles tinham descoberto seu nome. E o que mais? A garotinha se juntou ao grito, sua voz um eco fraco. Estava junto ao homem que segurava sua mão. Não seu sequestrador. Seu protetor.

Sarah escorregou da cadeira, se encolhendo no chão, o coração tão acelerado que mal conseguia respirar. Lágrimas brotaram e ela se encolheu debaixo da mesa, tremendo, com medo de que a qualquer momento a janela se partisse com o taco ou ele entrasse pela porta aberta. Que idiota era! Claro que a criança fazia parte do grupo. Teriam um território de caça, como qualquer grupo de primatas. Os presentes que jogara buscando apenas ser gentil com uma criança faminta os atraíram para lá. O homem lá fora não era idiota. Tinha visto Sarge sair do nada, o cachorro que caçara para ter carne. Sabia que havia algo misterioso em sua casa. Será que Linda lhe contara algo antes que a matassem e pegassem suas coisas? O quanto havia contado? Será que havia sido seguida, será que os tinha levado até lá quando tentou voltar para este mundo?

Perguntas demais. Ela tremia de terror. Trincou os dentes para que não batessem, tentou não respirar para que não a ouvissem ofegando. Fechou os olhos com força e tentou ficar imóvel. Ouviu as dobradiças da porta rangendo. O vento que se intensificava empurrando ar frio para dentro da cozinha ou o homem com o taco de beisebol? Encolheu-se mais, colocou as mãos sobre a cabeça e fechou os olhos. “Não se mexa”, disse a si mesma. “Fique imóvel até o perigo ter passado.”

* * *

– Mãe, que inferno! Você está bem? Você caiu? Por que não me ligou?

Alex, pálido, de joelhos junto à mesa da cozinha, olhava para ela.

– Consegue se mover? Consegue falar? Foi um derrame?

Ela piscou e tentou compreender o que ele estava vendo. Alex vestia um casaco. Flocos de neve nos ombros. Um gorro de lã enterrado sobre as orelhas. Ar frio entrando pela porta dos fundos aberta.

– Acho que adormeci aqui – disse ela, e seus olhos se arregalaram enquanto tentava consertar dizendo: – Acho que adormeci lendo na mesa. Devo ter deslizado para cá sem acordar.

– Lendo o quê?

Ela tentou esconder o quanto doeu rolar até ficar de quatro e engatinhar debaixo da mesa. Teve de segurar no assento da cadeira para se levantar, depois sentar. A mesa da cozinha estava vazia.

– Bem, que estranho! – exclamou ela, depois se forçou a sorrir. – E o que o traz aqui hoje?

– Seus vizinhos. Maureen telefonou. Estava indo para a emergência com Hugh. Não podia parar, mas viu que sua porta dos fundos estava aberta, e as luzes, apagadas. Não viu pegadas na neve e ficou preocupada com você. Então, eu vim.

– Como Hugh está?

– Não perguntei. Em vez disso, vim para cá.

Ela olhou para o piso da cozinha. Um delta de neve derretendo mostrava até onde a tempestade penetrara no aposento. Ela dormira encolhida no chão com a porta aberta durante uma tempestade de neve. Passou rangendo por ele na direção da cafeteira sem dizer uma palavra. Ao ligá-la, viu a crosta queimada de café seco no fundo da jarra. Moveu-se metodicamente enquanto lavava a jarra, media a água e colocava pó em um filtro novo. Apertou o botão. A luz não acendeu.

– Acho que você a queimou – falou Alex pesadamente. Passou por ela para tirar da tomada. Não a fitou enquanto tirava a jarra, jogava o pó fora e derramava a água na pia. – Acho que deve ter deixado ligada por muito tempo para evaporar tanto café.

Ele pegou a pequena lata de lixo debaixo a pia. Estava cheia. Tentou sem sucesso enfiar a cafeteira nela, depois a deixou tombada no alto.

Ficou calado enquanto colocava água em duas canecas e as punha no micro-ondas. Ela pegou o esfregão e empurrou a neve pela porta, depois enxugou a água que sobrou. Doía se curvar; estava muito enrijecida, mas não ousou gemer. Alex fez café instantâneo para os dois, depois se sentou

à mesa. Fez um gesto na direção da cadeira em frente, e ela relutantemente se juntou a ele.

– Você sabe quem eu sou? – perguntou a ela.

Ela o encarou.

– Você é meu filho, Alex. Tem 42 anos e seu aniversário foi mês passado. Sua esposa tem dois filhos. Não estou perdendo a cabeça.

Ele abriu a boca, depois a fechou.

– Em que ano estamos?

– Dois mil e onze. E Barack Obama é o presidente. E eu não gosto dele nem do Tea Party. Você agora vai me dar um punhado de moedas e me perguntar de quanto mais eu preciso para completar um dólar? Porque eu vi o mesmo questionário idiota sobre "Seu pai idoso tem Alzheimer?" no jornal do domingo passado.

– Não era um questionário. Era uma série de testes simples para verificar acuidade mental. Mãe, talvez possa contar o troco e dizer quem sou, mas não consegue explicar por que estava dormindo no chão debaixo da mesa com a porta dos fundos aberta. Ou por que deixou o jarro de café ferver e secar – falou, e de repente olhou ao redor. – Onde está Sarge?

Ela contou a verdade.

– Fugiu. Não o vejo há dias.

O silêncio foi longo. Ele olhou para o chão, culpado.

– Deveria ter me chamado. Teria feito isso para você.

– Não mandei sacrificá-lo! Saiu do quintal e correu quando um estranho gritou com ele – explicou ela, desviando os olhos dele. – Ele só tinha 5 anos. Isso não é muito velho para um cachorro.

– Bobbie me telefonou há duas noites. Disse que voltou para casa tarde do trabalho e a viu levando compras para casa meia-noite.

– E?

– Por que você estava fazendo compras no meio da noite?

– Porque fiquei sem chocolate quente. E queria para ver um programa mais tarde, então corri até a loja para comprar, e como já estava lá achei que poderia pegar mais algumas coisas de que precisava.

Uma mentira em cima da outra. Não iria lhe dizer que o relógio não tinha mais importância para ela. Não iria dizer que o tempo não a controlava mais. O aquecedor desarmou. Ouviu um último estalo e se deu conta de que estivera funcionando sem parar desde que tinha acordado. Provavelmente funcionara a noite inteira.

Alex não acreditou nela.

– Mãe, você não pode mais morar sozinha. Está fazendo coisas malucas. E as coisas malucas estão se tornando perigosas.

Ela olhou para a caneca. Havia algo de definitivo na voz dele. Algo mais ameaçador que um estranho com um taco de beisebol.

– Não quero arrastá-la até o médico e conseguir um laudo de que não é mais competente. Gostaria que mantivéssemos a dignidade e evitássemos isso – falou, depois parou e engoliu, e ela de repente soube que ele estava prestes a chorar. Virou a cabeça e olhou pela janela. Um dia de inverno comum, céu cinza, ruas molhadas. Alex fungou e pigarreou. – Vou ligar para Sandy e ver se ela pode tirar alguns dias para ficar aqui com você. Vamos ter de descobrir como fazer. Gostaria que tivesse me deixado começar com isso há meses.

Ele esfregou as bochechas e ela ouviu o ruído áspero de barba por fazer sob as palmas das mãos. Ele saíra de casa em pânico. O telefonema de Maureen o assustara.

– Mãe, precisamos esvaziar a casa e colocá-la no mercado. Você pode ficar comigo, ou talvez Sandy possa arrumar um espaço para você. Até conseguirmos encontrar um lugar de moradia assistida para você.

Um lugar. Não até conseguirmos encontrar um apartamento. Lugar. Como colocar algo numa prateleira.

– Não – disse ela em voz baixa.

– Sim. – Ele suspirou como se sua vida estivesse se esgotando. – Não posso ceder a você novamente, mãe. Deixei isso passar vezes demais – ele se levantou. – Quando cheguei e a vi, achei que estava morta. E o que passou pela minha cabeça foi que teria de dizer a Sandy que a deixei morrer sozinha no chão. Porque não tive força para enfrentá-la. Preciso colocá-la em um lugar seguro para deixar de me preocupar com você.

– Lamento tê-lo assustado.

Palavras sinceras. Ela conteve as outras palavras, aquelas que lhe diriam que cairia lutando, que nem ele nem Sandy a colocariam em um quarto de hóspedes como um porquinho-da-índia em uma caixa de vidro, nem a mandariam para um canil de idosos.

Ela só escutou depois disso. Ele lhe disse que iria ligar para Sandy, que voltaria no dia seguinte ou no máximo na quinta-feira. Ela ficaria bem? Sim. Será que poderia permanecer em casa? Sim. Ele ligaria a intervalos de horas naquele dia, e de noite ligaria na hora de dormir. Então ela

deveria, por favor, manter o telefone perto, porque se não atendesse ele voltaria ali. Sim. Sim para tudo que ele disse, não porque concordasse ou prometesse, mas porque "sim" era a palavra que o deixaria suficientemente seguro para ir embora.

– Mas e quanto a Richard? Amanhã é quinta-feira. Sempre vou visitar Richard às quintas-feiras.

Ele ficou em silêncio por um momento. Depois falou.

– Ele não sabe que dia você vai. Sequer sabe quem é você. Poderia nunca mais ir, e ele não sentiria sua falta.

– Eu sentiria falta *dele* – respondeu ela, feroz. – Sempre vou quinta-feira de manhã. Irei vê-lo amanhã.

Ele se levantou.

– Mãe. Ontem foi quinta-feira.

Depois que Alex foi embora ela preparou um chá quente, encontrou o ibuprofeno e se sentou para pensar. Ela se lembrava dos homens de pé na rua na noite anterior, o homem da mochila do outro lado da janela, e um arrepio correu por sua coluna. Ela estava em perigo. E não havia absolutamente ninguém a quem poderia pedir conselhos sem se colocar em um perigo ainda maior. O Homem da Mochila podia matá-la com um taco de beisebol de alumínio, mas sua família estava cogitando algo muito pior. A morte pelo taco só aconteceria uma vez. Se seus filhos a colocassem em algum lugar "seguro", ela acordaria lá dia após dia e noite após noite. Para uma mulher que se libertara do tempo isso significava uma eternidade de refeições em refeitórios e tempo gasto num quarto espartano. Sozinha. Porque logo Alex iria decidir que não importava se não a visitasse. Agora sabia disso.

Ao longo dos dias seguintes, ela atendeu prontamente sempre que Alex ligou. Era animada e divertida ao telefone, fingindo empolgação com filmes que vira no guia da TV. Caminhou duas vezes até a casa de Maureen, e duas vezes ela não estava em casa. Tirou os jornais que se acumulavam junto à porta dela e desconfiou de que Hugh estava morrendo.

Sarah programou os despertadores para lembrar a hora de ir para cama e permanecer lá, cabeça sobre o travesseiro, cobertores sobre o corpo, até o despertador tocar de novo para mandar que se levantasse. Não olhava pelas janelas da cozinha antes das dez horas ou depois das cinco. No dia em que um movimento rápido chamou sua atenção e ela olhou pela janela

e viu a garota passar correndo com o gorro da cor de bolotas de carvalho recém-caídas, se levantou da mesa da cozinha, foi para o quarto, deitou na cama e assistiu ao *The Jerry Springer Show*.

Ligaram da casa de repouso para avisar que Richard estava com pneumonia. Ela deu uma escapada naquele dia, pegou o ônibus e passou lá a manhã toda. Ele não a reconheceu. Tinham colocado um tubo de oxigênio sob seu nariz e o som sibilante parecia um balão de gás esvaziando sem parar. Ela tentou abafar isso falando, não conseguiu e ficou sentada segurando a mão dele. Ele olhava para a parede. Esperando.

Na noite seguinte, Sandy chegou. Sarah ficou assustada quando passou pela porta da frente sem bater, mas estava feliz de vê-la. Viera de carro pelas montanhas com a amiga, uma mulher emaciada e ranzinza que fumava cigarros em sua casa e se desdobrava em desculpas por "se esquecer" de que não podia. Sandy levara comida chinesa da Safeway, e comeram à mesa de Sarah na embalagem de isopor. Elas conversaram sobre o divórcio da amiga "Daquele Desgraçado" e do futuro divórcio de Sandy com "Aquele Idiota". Sarah não sabia que havia um divórcio no futuro de Sandy. Quando perguntou gentilmente por quê, Sandy engasgou de repente, disse que era complicado demais para explicar e fugiu da sala com a amiga nos calcanhares. Sarah arrumou a cozinha com indiferença e esperou que a filha descesse. Quando nenhuma das duas apareceu, acabou indo para a cama.

Esse foi o primeiro dia. Na manhã seguinte, Sandy e a amiga se levantaram e começaram a limpar os quartos que foram de Sandy e do irmão quando adolescentes. Sarah sentiu uma mistura de alívio e pena enquanto as via esvaziando armários e gavetas das "lembranças preciosas" que Sarah e Russ passaram anos evitando jogar fora.

– Reduzindo a carga – anunciou Sandy enquanto jogavam fora roupas velhas, equipamento esportivo, livros de leitura obrigatória, velhas revistas e fichários. Um depois do outro, elas carregaram os sacos de lixo pretos abarrotados escada abaixo e os colocaram na varanda dos fundos.

– Hora de simplificar! – ria a amiga de Sandy sempre que saía com outro saco.

Elas comeram sanduíches no almoço, depois levaram pizza e cerveja para o jantar. Depois do jantar, voltaram ao trabalho. A amiga de Sandy tinha uma risada que era como o zurro de um burro. Sarah fugiu da fumaça do cigarro dela indo para o quintal no crepúsculo. A noite estava chuvosa,

mas quando ficava sob a faia pouca água chegava até ela. Olhou para a rua. Vazia. Vazia e sem neblina. Um bairro calmo de gramados aparados, casas bem cuidadas e carros reluzentes. Sandy saiu com outro saco de lixo cheio. Sarah deu um sorriso triste para a filha.

– Melhor amarrar, querida. A chuva vai acabar com as roupas.

– O lixeiro não vai ligar, mãe.

– O lixeiro? Não vai doar?

Sandy deu um sorriso sofrido.

– As lojas de segunda-mão ficaram muito frescas. Eles não vão querer muitas dessas coisas, e não tenho tempo de selecionar. Se levar todos esses sacos até lá irão recusar metade deles, e terei de jogar no lixo de qualquer forma. Então, vou economizar a viagem jogando no lixo de uma vez.

Sarah estava tomando fôlego para protestar, mas Sandy já tinha se virado e entrado para pegar mais. Ela balançou a cabeça. No dia seguinte, ela mesma iria separar e depois ligar para uma das instituições de caridade para que pegassem. Não podia permitir que todas aquelas roupas úteis e aqueles livros fossem para o lixo. Quando a amiga pousou outro saco, uma emenda rasgou e apareceu uma camisa que Sarah reconheceu. Sandy estava atrás da amiga com outro saco.

– Espere um minuto! Esta camisa é do seu pai, uma das boas Pendleton dele. Isso estava no seu quarto? – perguntou Sarah, quase divertida com a ideia de que uma camisa que Sandy devia ter pegado "emprestada" tantos anos antes ainda estivesse no quarto dela. Mas enquanto foi sorrindo na direção do saco, viu outra xadrez familiar atrás. – O que é isto? – cobrou, puxando a manga da camisa de Russ.

– Ah, mãe – disse Sandy, tendo sido flagrada, mas não se arrependendo. – Começamos no armário de papai. Mas relaxe. São apenas roupas de homem, nada que você possa usar. E tudo isso tem de ir.

– Tem de ir? Do que você está falando?

Sandy suspirou novamente. Largou o saco que estava carregando e explicou com cuidado:

– A casa tem de ser esvaziada para que possa ser mostrada por um corretor. Garanto que não há nada nesses sacos que você possa levar.

Ela balançou a cabeça para a expressão chocada no rosto da mãe e acrescentou com uma voz mais gentil.

– Deixe pra lá, mãe. Não há mais razão para se aferrar às roupas dele. Não é papai. São apenas as merdas velhas dele.

– Merda? As “merdas” dele? Não, Sandy, não são as “merdas” dele. São as roupas dele, as roupas e os objetos de um homem que eu amava. Faça o que quiser com suas coisas antigas. Mas estas são minhas, e ninguém irá jogá-las fora. Quando chegar o momento de me separar delas eu saberei. E então elas irão para algum lugar onde possam fazer algum bem a alguém. Não para o lixo.

Sandy apertou os olhos com força e balançou a cabeça.

– Não podemos adiar mais isto, mãe. Você sabe que foi por isso que eu vim. Só tenho este fim de semana para limpar a coisa toda. Sei que é duro, mas você tem de nos deixar fazer isto. Não temos tempo para suas frescuras.

Sarah não conseguia respirar. Ela tinha concordado com aquilo? Quando Alex esteve lá, falando e atormentando, ela dissera, “sim, sim”, mas isso não parecera significar que concordava com isso, essa destruição de sua vida. Não. Não tão rápido, não assim.

– Não. Não, Sandy – falou com firmeza como se Sandy ainda fosse uma adolescente. – Você vai levar todas as minhas coisas de volta lá para cima. Está me ouvindo? Isto acaba agora!

– Seu irmão a alertou sobre isso. Agora você a aborreceu – comentou a amiga, jogando o cigarro no chão e o esmagando no degrau da varanda. Deixou a guimba lá. – Talvez você devesse ligar para ele. Ela parece realmente confusa.

Sarah deu meia-volta para encarar a amiga.

– Eu estou aqui de pé! – gritou. – E você e seus cigarros fedorentos podem sair da minha casa imediatamente. Eu não estou “confusa”. Estou furiosa! Sandy, você deveria se envergonhar, revirando as coisas dos outros. Você não foi educada assim. Qual é o seu problema?

O rosto de Sandy ficou branco, depois escarlate. A raiva correu por ele, sendo contida pela dignidade.

– Mãe, odeio ver você assim. Tenho que ser honesta. Você está perdendo a cabeça. Alex tem me dado notícias. Disse que conversou com você sobre isto, que tinham olhado os folhetos juntos e escolhido dois lugares de que tinha gostado. Não se lembra disso?

– Nós conversamos. Apenas isso. Nada foi decidido! Nada.

Sandy balançou a cabeça, triste.

– Não foi o que Alex disse. Ele disse que você tinha concordado, mas que estava levando devagar. Mas desde o último incidente tivemos de agir

rápido. Lembra como ele a encontrou? Encolhida debaixo da mesa com a porta aberta em uma tempestade de neve?

A amiga balançava a cabeça, com pena. Sarah estava horrorizada. Alex contara a Sandy, e Sandy espalhara para os amigos.

– Isso não é da sua conta – argumentou Sarah, com dureza.

Sandy lançou as mãos para o alto e revirou os olhos.

– Mesmo, mãe? Mesmo? Você acha que podemos dar as costas e dizer "Não é problema meu"? Porque não podemos. Nós a amamos. Queremos fazer o que é certo. Alex tem conversado com várias comunidades de idosos muito legais com serviços adoráveis. Ele já definiu tudo. Se usarmos seu seguro social e a pensão de papai, Alex e eu podemos juntar o suficiente para colocar você em um lugar legal até a casa ser vendida. Depois disso...

– Não – respondeu Sarah secamente. Ela encarou Sandy, chocada. Quem era aquela mulher? Como podia achar que podia aparecer do nada e começar a tomar decisões sobre a vida de Sarah? – Fora daqui.

Sandy lançou um olhar para a amiga, que não se movera. Estava observando as duas, a boca ligeiramente entreaberta, como um espectador de *Jerry Springer*. Sandy falou com ela em tom de desculpas.

– É melhor você ir por ora, Heidi. Eu preciso acalmar minha mãe. Por que não pega o carro e...

– *Você*, Sandy. Estou falando com você. Fora. DAQUI.

O rosto de Sandy murchou de choque. Os olhos voltaram à vida primeiro, e por um momento pareceu ter 11 anos, e Sarah teria feito qualquer coisa para retirar o que havia dito. Depois a amiga falou com superioridade:

– Eu *disse* que deveria ter ligado para o seu irmão.

Sandy bufou.

– Você estava certa. Deveríamos ter conseguido a custódia e a colocado para fora primeiro. Você estava certa.

Um frio correu pelo corpo de Sarah.

– Tente isso , menina. Tente!

Lágrimas corriam dos olhos de Sandy. A amiga se apressou a colocar um braço protetor sobre ela.

– Vamos, Sandy, vamos embora. Vamos tomar um café e ligar para o seu irmão.

Mesmo depois que a porta batera e ela se adiantara para trancar, Sarah não conseguiu se acalmar. Andou de um lado para o outro. As mãos tremiam quando colocou a chaleira no fogo para um chá. Subiu a escada e olhou para o caos criado.

Nos quartos das crianças, havia caixas fechadas com fita e marcadas com os nomes deles. E do outro lado do corredor, no quarto que ela e Russ partilharam um dia, havia mais caixas e sacos de lixo pela metade. Com uma pontada no coração ela reconheceu sua velha jaqueta de caminhada saindo de um. Ela a tirou lentamente e examinou. Ainda estava boa; não havia nada de errado com ela. Vestiu e fechou o zíper. Mais apertado no meio do que antes, mas ainda cabia. Ainda era dela, não deles. Seu olhar viajou lentamente dos sacos largados para caixas de papelão da FedEx cuidadosamente empilhadas. Cada uma estava etiquetada "Sandy" ou "Alex", mas uma dizia "Heidi". Sarah arrancou a etiqueta e a jogou na cama. A parka de esqui de Russ. Dois de seus cintos de couro pesados. O cachimbo Merschaum. Seu isqueiro Zippo de prata. Sua caixa de fumo. Ela pegou o pequeno tubo de madeira e o abriu. O aroma do tabaco Old Hickory se ergueu até ela, e lágrimas arderam em seus olhos.

De repente, a raiva a incendiou. Jogou todas as caixas e todos os sacos no chão. A caixa de Alex tinha a faca de bainha dos tempos de caça de Russ. Algumas meias de lã de inverno, ainda com as etiquetas. A pequena .22 e a caixa de munição estavam em uma das caixas de Sandy, juntamente com a câmera 35mm de Russ, em sua bolsa. As lentes extras e o pequeno tripé também estavam lá. Sua calculadora Texas Instruments, a primeira que tivera, e tão cara, que ela o dera de presente de Natal. Duas gravatas e seu velho relógio Timex. Escorregou para o chão, segurando o relógio. Levou-o ao ouvido, sacudiu e escutou novamente. Silêncio. Tão parado quanto o coração dele. Levantou devagar, olhou ao redor do quarto saqueado e depois saiu, fechando a porta atrás. Limparia depois. Colocaria tudo de volta em seus lugares.

Na metade da escada, ela soube que não faria isso. Não fazia sentido. Sandy estava certa pelo menos sobre isso. O que significavam todos os símbolos se não havia um homem que os acompanhasse?

A chaleira apitava, e quando a pegou estava quase seca.

O telefone começou a tocar. Quis ignorar. O identificador dizia que era Alex. Falou antes que ele conseguisse.

– Elas estavam saqueando a casa. Colocando todas as coisas do seu pai em sacos para levar para o lixo. Se é assim que vocês vão me ajudar, assim que vão me "manter em segurança", então prefiro estar...

De repente, não conseguiu pensar no que mais dizer. Desligou o telefone.

Tocou novamente, e ela deixou que tocasse, contando os toques até que caísse na secretária eletrônica. Escutou a voz de Russ atendendo e esperou o grito raivoso de Alex. Em vez disso, uma voz em tom de desculpas disse que eles odiavam deixar aquele tipo de mensagem no telefone, mas que tentaram falar com ela o dia inteiro sem sucesso. Richard morrera naquela manhã. Tinham avisado a funerária indicada em seu cartão da Purple Cross, e o corpo fora levado. Seus bens pessoais foram encaixotados e podiam ser apanhados na recepção. A voz ofereceu sinceras condolências.

Ela ficou paralisada, incapaz de ir na direção do telefone. O silêncio tomou conta depois daquela ligação. Quando o aparelho tocou novamente, ela tirou o fone do gancho, abriu o compartimento traseiro e arrancou as pilhas. A base na parede continuou tocando. Ela a arrancou e desligou. O silêncio retornou, enchendo seus ouvidos com um tipo diferente de zumbido. O que fazer, o que fazer? Um de seus filhos, ou ambos, estaria voltando naquele momento. Richard estava morto. Seu corpo partira, todos os seus bens trancados numa caixa. Russ partira. Não lhe restavam aliados, ninguém que se lembrasse de quem tinha sido. As pessoas que mais a amavam eram aquelas que representavam o perigo mais grave. Estavam vindo. Estava quase sem tempo. Sem tempo.

Preparou uma xícara de chá preto e a levou consigo para fora. A chuva parara e a noite estava fria. De repente, ficou contente com o casaco que vestia. Observou a neblina se formar; emaranhou nos galhos molhados da árvore, depois se soltou para tombar e fundir com o cinza que se elevava dos bueiros que pingavam. Eles se encontraram no meio, rodopiaram juntos, e a luz do poste no final da rua apagou de repente. Os sons do trânsito morreram com ela. Sarah tomou o chá preto amargo e esperou que aquele outro mundo se formasse além da neblina.

Ele ganhou forma lentamente. Janelas iluminadas escureceram à medida que o cinza rolava pela rua na sua direção. As silhuetas das casas do outro lado da rua mudaram ligeiramente, telhados afundando, chaminés desmoronando à medida que mudas se transformavam em árvores rachadas e envelhecidas. A neblina se adensou, numa onda arredondada e

gorda, e rolou na sua direção. Ela esperou, uma decisão de repente clara. Quando chegou à cerca, ela pegou um saco de lixo cheio de bens descartados, girou-o duas vezes e arremessou. Ele voou para dentro da neblina e reapareceu naquele outro lugar, pousando na rua suja. Outro saco. Mais um. No quarto saco, ela estava tonta de girar, mas eram pesados demais para que pudessem ser jogados de qualquer outra forma. Ela se obrigou a prosseguir, saco após saco, até seu gramado estar livre deles. Melhor que o lixo, disse a si mesma. Melhor que um vazadouro.

Tonta e sem fôlego, subiu os degraus da varanda cambaleando e foi até seu quarto. Abriu a cortina da janela do quarto de cima e olhou para fora. A neblina tomara seu quintal. Ela se agitava ao redor da casa como ondas contra um cais. Bom. Abriu a janela. Jogou para fora saco após saco, caixa após caixa. Sandy e Alex não iriam encontrar nada ali. Nada para jogar fora ou arrumar. Até que restavam no piso apenas a arma e a caixa plástica de munição.

Ela as pegou. Metal escuro, frio ao toque. Apertou a trava e o carregador vazio caiu em sua mão. Sentou na cama e abriu a caixa plástica de munição. Colocou uma balinha após a outra no carregador, até que estivesse cheio. O carregador se encaixou no lugar com um som semelhante ao de uma porta sendo fechada.

Não. Aquele era o som da porta da frente sendo fechada.

Enfiou a caixa de munição no bolso da jaqueta. Segurou a arma do modo como Russ a ensinara, apontando para baixo enquanto descia as escadas. Estavam na sala de estar. Ouviu Alex perguntar algo num tom impaciente. Sandy deu uma desculpa choramingada.

– Bem, você não estava aqui! – interrompeu a amiga. – Sandy estava fazendo o melhor que podia.

Sarah passou pelo corredor e chegou à cozinha. Seu coração batia tão forte que mal conseguia ouvi-los, mas sabia que estavam chegando. Abriu a porta da cozinha e saiu.

A neblina roçava os degraus de baixo. Na rua, as vozes do Homem da Mochila e seus catadores eram mais claras do que antes. Tinham encontrado as coisas que jogara lá.

– Botas! – gritou um homem, animado.

Dois dos outros estavam discutindo por causa do velho casaco de Russ. O Homem da Mochila ia a passos largos na direção deles, talvez para

reivindicá-lo para si. Um deles saiu correndo. Ele gritou alguma coisa sobre “os outros”.

– Mãe? – chamou a voz de Alex vinda de dentro da casa.

– Mãe? – chamou Sandy, os passos leves na cozinha. – Mãe, onde você está? Por favor. Não estávamos com raiva. Só precisamos conversar com você.

A neblina subiu mais um degrau. A luz da varanda perdia força.

O Homem da Mochila iria matá-la. Seus filhos iriam levá-la embora.

A pequena pistola .22 estava fria e pesada em sua mão.

Ela desceu da varanda. O degrau de concreto que limpara alguns dias antes estava coberto de musgo úmido sob seu pé.

– Mãe? Mãe?

– Alex, deveríamos chamar a polícia – sugeriu Sandy, a voz se tornando histérica. – O telefone foi arrancado da parede!

– Não vamos ser... – Alguma coisa, alguma coisa, alguma coisa; a voz dele ficou confusa, como um rádio com sinal ruim. A conversa preocupada deles se tornou um zumbido distante de estática.

Ela cambaleou para o jardim escuro. O solo era irregular. Perambulou por entre ervas daninhas altas e molhadas. A faia ainda estava lá, e ela se escondeu em sua sombra funda. Na rua, as silhuetas dos homens reviravam objetivamente os sacos e caixas. Falavam em voz baixa animada enquanto investigavam seu achado. Outros chegavam para se juntar a eles. À distância, havia um rangido estranho, como o grito de uma ave esquisita. Sarah colou as mãos na árvore e fundiu sua sombra ao tronco, observando-os. Alguns dos recém-chegados eram mulheres em roupas grossas. A garota estava lá, e outra criança menor. Reviravam um saco, olhando para títulos de livros à luz do luar.

Dois dos homens chegaram ao mesmo saco de lixo. Um deles agarrou uma camisa que saía por um rasgão e a puxou, mas o outro já tinha se apossado da manga. Uma exclamação raivosa, um puxão forte e então, enquanto um dos homens tomava posse dela, o outro pulou sobre ele. Socos foram desferidos, um homem caiu com um grito rouco, e o Homem da Mochila os xingou, brandindo o taco de alumínio enquanto corria na direção deles.

Sarah se encolheu atrás da árvore e avaliou a distância até a porta da cozinha. As janelas da casa ainda brilhavam, mas a luz era azul-acinzentada, como a luz que se apaga num lampião sem combustível.

Dentro da sala, seus filhos eram sombras indistintas. Não era tarde demais. Ainda podia voltar. A amiga acendeu um cigarro; ela viu a chama do fósforo, o brilho enquanto tragava. A amiga fez um gesto de mão, com pena de Sandy e Alex.

Sarah deu as costas à parede. Respirou fundo; o ar era fresco e úmido, tomado por cheiro de húmus e apodrecimento. Na rua, o Homem da Mochila se colocou entre os dois homens que brigavam. Erguia a camisa no alto com uma das mãos e o taco com a outra.

– Papai! – gritou a menininha, e correu na direção deles. Um dos homens estava esparramado na rua. O outro continuava de pé, ainda agarrando uma manga, curvado e desafiador. A garota correu até lá e passou os braços ao redor dele.

– Soltem! – ordenou o Homem da Mochila a ambos. A tribo reduzira o tom a um sussurro enquanto eles olhavam, esperando a decisão do Homem da Mochila. O rangido distante ficou mais alto. O Homem da Mochila ergueu o taco de maneira ameaçadora.

Sarah agarrou a arma com as duas mãos, saiu de trás da sombra das árvores e soltou a trava de segurança com o polegar. Ela não sabia que se lembrava de como fazer isso. Nunca fora ótima atiradora; o peito dele era o maior alvo, e não podia se permitir um disparo de aviso.

– Você! – gritou enquanto vadeava pela neblina baixa e entrava naquele mundo. – Largue o taco ou eu disparo! O que fez com Linda? Você a matou? Onde ela está?

O Homem da Mochila se virou na direção dela, taco erguido. Não pense. Ela apontou e disparou, terror e determinação indistinguíveis um do outro. A bala acertou em cheio o taco e seguiu em frente, atingindo a casa dos Murphy com um baque sólido. O Homem da Mochila soltou o aço e levou a mão ao peito.

– Onde está Linda? – gritou com ele. Avançou, as duas mãos na arma, tentando mantê-la firme na direção do peito. Os outros tinham largado o butim e sumido.

– Estou aqui! Maldição, Sarah, você demorou. Mas parece que pensou em trazer muito mais do que eu trouxe! – falou Linda, gargalhando animada. – Há meias boas aqui?

O rangido era de um carrinho de mão decorado com fios de LEDs. Um halo de luz o iluminava enquanto Linda empurrava. O carrinho tinha duas bombonas de combustível, um tubo transparente e o saco de ferramentas

da picape. Três outros carrinhos gastos, iluminados da mesma forma, a seguiam numa procissão solene. Enquanto a cabeça de Sarah lutava para dar contexto a tudo aquilo, ela ouviu unhas raspando a calçada e um Sarge muito mais magro correu na sua direção, se agitando e abanando o rabo de excitação. Eles não estavam mortos. Ela não estava só. Sarah se curvou e abraçou o cachorro excitado, deixando que lambesse as lágrimas em suas faces.

Linda deu a ela tempo para se recuperar, enquanto gritava ordens para a tribo.

– Benny, você vem aqui e pega isto. Gire isto cinquenta vezes, e a luz irá acender. Hector, você sabe como puxar gasolina. Verifique aquela picape velha. Precisamos de cada gota que conseguirmos para manter o gerador Generac funcionando. Carol, você abre o capô e resgata a bateria.

Os catadores foram até ela, aceitando as bombonas e o tubo. O Homem da Mochila fez uma mesura a ela antes de aceitar a manivela das luzes. Enquanto ele se virava, Linda sorriu para ela.

– Eles são bons meninos. Meio brutos, mas aprendem rápido. Você deveria ter visto a cara deles na primeira vez em que liguei o gerador. Eu sei onde procurar essas coisas. Estava no porão daquela clínica na Thirtieth.

Sarah estava sem fala. Seus olhos estudaram Linda. Assim como o cachorro, ela perdera peso e ganhara vitalidade. Cambaleou até Linda nos restos esfarrapados de seus chinelos de ficar em casa. Esta deu uma gargalhada quando notou Sarah olhando para seus pés.

– Sim, eu sei. Velha maluca. Pensei em tantas coisas; luzes a energia solar, uma lanterna a manivela, aspirina, cubos de açúcar e assim por diante... E então passei pela porta de chinelos. Robbie estava certo, eu realmente saí dos trilhos. Mas isso não importa tanto aqui. Não quando os trilhos foram arrancados para todos.

– As botas de caminhada de Russ estão em um daqueles sacos – Sarah se ouviu dizer.

– Maldição, você pensou em tudo. Equipamento para clima frio, livros... E uma pistola! Eu nunca teria esperado isso de você. Você trouxe alguma comida?

Sarah balançou a cabeça, sem palavras. Linda olhou para a arma que ela ainda segurava, o cano voltado para baixo ao lado do corpo, e anuiu, compreendendo.

– Não planejava ficar muito tempo, não é?

– Eu poderia voltar e pegar um pouco – disse Sarah, mas quando olhou novamente para a casa as últimas luzes do passado se apagaram. Sua casa estava em ruínas, janelas quebradas e chaminé desmoronada. Suas vinhas envolviam as ruínas de uma varanda desabada.

– Não dá para voltar – confirmou Linda. Balançou a cabeça e depois esclareceu, olhando ao redor para sua tribo: – Para começar, eu não quero. Petey, pegue aquele taco. Lembre a todos que levamos tudo e dividimos na clínica. Não aqui na rua, na escuridão. Não rasguem os sacos e caixas. Recoloquem as coisas neles e carregamos para casa.

– Sim, Linda – respondeu o Homem da Mochila, fazendo uma mesura.

Ao redor dela na escuridão os outros se moviam para obedecer. A garota estava de pé olhando para as duas, as mãos enluvadas entrelaçadas. Linda balançou um dedo ossudo na direção dela.

– Vá trabalhar, menina – depois fez um gesto para que Sarah se aproximasse. – O que você acha? Acha que Maureen estará pronta logo?

Lawrence Block

E is uma história assustadora sobre uma mulher perigosa com um plano perigoso em mente e a pior das intenções, que talvez devesse ter pensado um pouquinho mais em tudo...

Lawrence Block, um dos reis do mistério moderno, é grão-mestre da Mystery Writers of America, ganhador de quatro Edgar Awards e seis Shamus Awards, além de ter recebido os prêmios Nero, Philip Marlowe, o Life-time Achievement da Private Eye Writers of America, e um Cartier Diamond Dagger for Life Achievement, da Crime Writers' Association. Escreveu mais de cinquenta livros e muitos contos. Block talvez seja mais conhecido por sua longa série sobre o ex-policial e detetive particular alcoólatra Matthew Scudder, protagonista de romances como *The Sins of the Fathers*, *In the Midst of Death*, *Punhalada no escuro* e quinze outros, mas também é o autor de uma série sobre o assassino Keller, entre eles *Hit Man*, *Hit List*, *Hit Parade* e *Hit and Run*; a série de oito livros sobre o insone viajante Evan Tanner, incluindo *The Thief Who Couldn't Sleep* e *The Canceled Czech*; e a série de onze obras sobre o ladrão e negociante de livros antigos Bernie Rhodenbarr, incluindo *Burglars Can't Be Choosers*, *O ladrão no armário* e *The Burglar Who Liked to Quote Kipling*. Também escreveu romances isolados como *Cidade pequena*, *Death Pulls a Double-cross* e dezesseis outros, além de romances escritos sob os pseudônimos Chip Harrison, Jill Emerson e Paul Kavanagh. Seus numerosos contos foram reunidos em *Sometimes They Bite*, *Like a Lamb to Slaughter*, *Some Days You Get the Bear*, *By the Dawn's Early Light*, *The Collected Mystery Stories*, *Death Wish and Other Stories*, *Enough Rope* e *One Night Stands and Lost Weekends*. Também editou treze coletâneas de mistério, incluindo *Murder on the Run*, *Blood on Their Hands*, *Speaking of Wrath* e, com Otto

Penzler, *The Best American Mystery Stories 2001*, além de ter produzido sete livros com dicas de redação e de não ficção, entre eles *Telling Lies for Fun & Profit*. Seus livros mais recentes são o novo romance de Matt Scudder, *A Drop of the Hard Stuff*, a nova obra de Bernie Rhodenbarr, *Like a Thief in the Night* e, sob o pseudônimo de Jill Emerson, o romance *Getting Off*. Ele mora na cidade de Nova York.

Eu sei escolhê-las

Eu certamente sei escolhê-las.

Só não sei se mereço algum crédito por esta, porque é difícil alegar que fui eu que a escolhi. Ela entrou naquele bar de periferia com o roteiro todo escrito em sua mente, e a única coisa que faltava era selecionar o papel principal.

Ou melhor, o papel masculino principal. No que diz respeito ao verdadeiro papel principal, bem, esse era dela. Isso nem é preciso dizer. Uma mulher como ela tinha de ser a estrela em todas as próprias produções.

Havia uma *jukebox*, claro. Uma *jukebox* barulhenta. Seria legal se eu me lembrasse do que tocava quando ela cruzou o umbral, mas não estava prestando atenção – nem na música nem em quem passava pela porta. Eu tinha uma cerveja diante de mim, que surpresa, e estava olhando para ela como se a qualquer momento fosse me contar um segredo.

É, tá. Tudo o que qualquer cerveja já me disse foi: "Melhor me virar, cara. Eu posso melhorar as coisas, e certamente não posso piorá-las."

Era uma *jukebox* que tocava country, o que você poderia ter adivinhado já no estacionamento, onde as picapes superavam as Harley em quatro ou cinco por uma. Então se não sei dizer o que estava tocando quando ela entrou, ou mesmo quando ergui os olhos da minha Pabst Blue Ribbon e dei uma boa olhada nela, posso lhe dizer que não estava tocando "I Only Have Eyes for You".

Isso não estava saindo daquela *jukebox*. Mas poderia.

Ela era uma beleza. Seu rosto era só ângulos agudos, e uma garota que fosse apenas bonita desapareceria ficando de pé perto dela. Ela mesma não era bonita, e uma primeira olhada rápida poderia levá-lo a pensar que não

era nada atraente, mas então você iria olhar novamente e aquela primeira avaliação ficaria tão longe que se esqueceria de ter pensado aquilo. Há modelos com aquele tipo de rosto. Atrizes de cinema também, e são elas que continuam a receber os bons papéis aos 40 e 50 anos, quando as garotas bonitas começam a parecer mães de subúrbio e vizinhas barulhentas.

E ela só tinha olhos para mim. Grandes olhos afastados, de um castanho vivo, e juro que os senti pousando em mim antes mesmo de ter consciência da presença dela. Ergui os olhos, flagrei-a me encarando, ela me viu observando e não desviou o olhar.

Imagino que foi quando me perdi.

Ela era loura, com os cabelos cortados de modo a emoldurar e suavizar o rosto. Era alta, 1,75m. Magra, mas com curvas. A blusa era de seda, com uma estampa geométrica grande. Abotoada alto demais sem deixar à mostra um grande decote, mas quando se movia ela colava no corpo, para que você soubesse o que não estava sendo revelado.

Pelo modo como os jeans caíam, bem, dava para ver por que as pessoas pagavam caro por calças de grife.

O lugar não estava lotado, era cedo, mas havia pessoas entre nós dois. Ela deslizou por entre os outros, que derreteram. A *bartender*, uma garota velha de rosto duro com tatuagens de cobra, se adiantou para receber o pedido.

A loura teve de pensar.

– Não sei. O que eu deveria pedir? – perguntou para mim.

– Qualquer coisa que quiser.

Ela colocou a mão em meu braço. Eu vestia uma camisa de mangas compridas, de modo que a pele dela e a minha nunca se tocaram, mas podiam.

– Escolha uma bebida para mim – pediu.

Eu estava olhando para a mão dela, apoiada ali no meu antebraço. Suas unhas eram de médias a compridas, o esmalte da cor brilhante de uma hemorragia arterial.

Escolher uma bebida para ela? Aquelas que passaram mais rapidamente pela minha cabeça eram elegantes demais para o ambiente. Seria um insulto pedir para ela uma dose de destilado e uma cerveja. Tinha de ser um coquetel, mas um que a dama da cobra soubesse fazer.

– A dama vai tomar uma margarita Cuervo.

A mão dela estava em meu braço direito, então em vez de movê-lo usei a mão esquerda para mexer no troco que tinha deixado no balcão do bar, indicando que a margarita era por minha conta.

– O mesmo para você? Ou outra Blue Ribbon?

Eu balancei a cabeça.

– Mas você pode me dar uma Joey C dupla para fazer companhia.

– Obrigada – disse a loura, enquanto a *bartender* ia trabalhar. – É uma escolha perfeita, uma margarita.

As bebidas chegaram, a dela em um copo com sal na borda, minha Cuervo dupla em um copo baixo enorme. Ela soltou meu braço e pegou a bebida, erguendo o copo num brinde sem palavras. Deixei minha Cuervo onde estava e devolvi o brinde com a cerveja.

Ela não virou o drinque como um marinheiro, mas também não bebericou como um passarinho. Bebeu um pouco, colocou o copo no balcão e a mão no meu braço.

Legal.

Nada de aliança. Eu tinha notado isso, e não precisara olhar uma segunda vez para notar que tinha havido uma aliança naquele dedo e que fora tirada recentemente o bastante para revelar não apenas a faixa sem bronzeamento onde estivera, mas também a depressão criada na pele. Aquele dedo dizia muito. Que ela era casada, e que tirara a aliança de propósito antes de entrar no bar.

Ei, já não disse? Eu sei escolhê-las.

Mas também não disse que ela me escolheu?

E escolheu aquele bar ruim de periferia pela mesma razão. Se o meu tipo era o que ela estava procurando, aquele era o lugar para encontrá-lo.

Meu tipo: bem, grande. Constituição de um *middle linebacker* do futebol americano, ou talvez um *tight end*. Um metro e oitenta e cinco, 105 quilos, ombros largos, cintura fina. Mais músculos do que um homem precisa, a não ser que ele esteja planejando erguer um carro de uma vala.

O que não costumo fazer. Não sou muito bom em levantar meu próprio eu lamentável de uma vala, quanto mais um automóvel.

Bem barbeado, quando me barbeio; estava um dia longe de uma lâmina quando ela entrou e colocou a mão em meu braço. Mas sem barba, sem bigode. Cabelos escuros e lisos, e ainda não tinha perdido nada deles. Mas

também ainda não chegara aos 40, então quem poderia dizer que ficaria com eles?

Meu tipo: um caipira grande que vive ao ar livre, mais massa que miolos, mais conhecimento das ruas que conhecimento dos livros. Alguém que talvez não notaria que você estava usando uma aliança até poucos minutos antes.

Ou, se notasse, provavelmente não ligaria.

– Gostaria de dançar, senhorita?

Eu o vira antes com o canto do olho, um tipo caubói, minha altura, ou três ou quatro centímetros mais, só que com menos peso. Comprido e magro, físico de jogador como *wide receiver* do meu *tight end*.

E não, eu mesmo nunca joguei futebol americano. Apenas vejo quando uma TV está passando o jogo em alguma sala em que eu esteja. Nunca liguei para esporte, nem quando garoto. Eu tinha o tamanho, tinha a rapidez, e me cansei de ouvir que deveria entrar para esse time, entrar para aquele.

Era um jogo. Por que perder meu tempo com um jogo?

E ali estava aquele *wide receiver*, cantando uma mulher que tinha declarado ser minha. Ela aumentou o aperto em meu braço, e achei que gostava do modo como aquilo estava acontecendo. Dois garanhões indo para o estacionamento dos fundos, assumindo posição e então fazendo de tudo para matar um ao outro. Enquanto ela ficaria ali assistindo, o sangue cantando em suas veias, até tudo ser resolvido e ir para casa com o vencedor.

Sem dúvida que ele estava pronto para brincar. Ele me avaliara havia meia hora, antes que ela entrasse em cena. Há um tipo de cara que faz isto: avaliar um salão, descobrir com quem poderia acabar brigando e como lidar com isso. Talvez eu mesmo tivesse feito isso, uma avaliação dele, imaginando quais movimentos usaria, imaginando o que funcionaria contra ele.

Ou poderia me afastar daquilo. Dar as costas a ambos, sair do bar, me arrumar em outro lugar. Não era tão difícil encontrar um lugar que lhe vendesse uma dose de Cuervo e uma cerveja para acompanhar.

Só que, sabe, eu nunca me afasto das coisas. Simplesmente saber que poderia não significa que possa.

– Ah, isso é muito gentil de sua parte – disse ela. – Mas estamos indo embora. Talvez outra hora.

Ela estava de pé enquanto dizia isso, usando o tom de voz exato para não deixar nenhuma dúvida de que falava sério. Sem ser fria, sem menosprezá-lo, mas de modo algum calorosa o suficiente para encorajar o filho da puta.

Ela lidou muito bem com aquilo.

Deixei minha cerveja onde estava, deixei o troco lá para fazer companhia. Ela segurou meu braço enquanto saíamos. Havia alguns olhares sobre nós quando partíamos, mas acho que estávamos ambos acostumados com isso.

Quando chegamos ao estacionamento, eu ainda planejava a luta. Não iria acontecer, mas minha cabeça trabalhava nela mesmo assim.

Engraçado como você faz isso.

Se quer ganhar esse tipo de luta, o que quer é dar o primeiro golpe. Antes que ele o pressinta. Primeiro, você lança bomba em Pearl Harbor, depois declara guerra.

Deixe-o pensar até que está desistindo dela. “Ei, eu não quero brigar com você!” E quando ele achar que vá fugir, você desfere seu melhor golpe nele. O momento é certo, apanha-o de surpresa, e um golpe é tudo de que precisa.

Mas não teria feito isso com o velho Lash LaRue. Ah, não, porque isso não teria resolvido o problema. Teria funcionado muito bem, colocado-o de cara no cascalho. Vaqueiro de camisa de botão de pressão, topete idiota e tudo mais.

Mas isso negaria a ela a luta que estava esperando ver.

Então, o que eu teria feito assim que estivéssemos do lado de fora, prontos para começar, seria estender minhas mãos num gesto de “não podemos resolver isto”, deixando a cargo dele me socar. Mas estaria pronto, embora não parecesse pronto, e me abaixaria quando ele golpeasse. Eles sempre são caçadores de cabeças, sujeitos como ele, e eu me abaixaria quase antes mesmo que desse o golpe, e mandaria um punho a meio caminho entre o umbigo e as bolas.

Faria a coisa toda com golpes no corpo. Por que machucar as mãos as lançando contra um maxilar? Alto como ele era, havia muito no meio dele, e era onde o martelaria, e o primeiro golpe acabaria com sua vontade de

lutar e com a força dos seus ataques, se é que ele conseguiria dar um segundo.

Mas eu estava repassando o roteiro de uma luta que não iria acontecer, porque minha loura já tinha escrito seu próprio roteiro, e no final das contas não havia nele uma cena de luta. Meio que uma pena, de certo modo, porque haveria alguma satisfação em fazer aquele caubói em pedaços, mas o fígado dele iria viver para lutar mais um dia. Qualquer dano que sofresse seria causado pelas doses de destilado e as cervejas que jogava nele, não pelos meus punhos.

E, você sabe, teria sido fácil demais se ela só quisesse colocar dois desordeiros para brigar por causa dela. Ela tinha em mente algo muito pior.

– Espero não ter agido errado – comentou. – Por nos tirar de lá. Mas fiquei com medo.

Ela não parecera com medo.

– Que você o machucasse – explicou. – Até o matasse.

O carro dela era um Ford, o modelo que as locadoras costumam dar. Estava parado entre duas picapes, ambas com para-lamas amassados e muita ferrugem. Ela apertou um botão para destrancar as portas e os faróis piscaram.

Banquei o cavalheiro, seguindo ao seu lado, abrindo a porta do motorista para ela. Ela hesitou, se virou pra mim, e teria sido difícil perder a deixa.

Eu a segurei e beijei.

E sim, estava lá, a química, a biologia, como quer que deseje chamar. Ela retribuiu o beijo e começou a empurrar os quadris para a frente, depois se conteve e então não conseguiu mais se conter. Senti o calor através dos jeans dela e do meu, e pensei em transar ali mesmo, simplesmente jogá-la no chão e comê-la sobre o cascalho, com as duas picapes bloqueando a visão. Meter rápido, sair e levantar enquanto ela ainda tremia, e sumir dali antes que pudesse retomar seu jogo.

Até logo, senhorita, porque acabamos de fazer o que íamos fazer aqui, então, seja lá o que você tenha a dizer, por que eu teria de escutar?

Eu a soltei. Ela deslizou para trás do volante, contornei o carro e sentei ao lado dela. Ela ligou o carro, mas fez uma pausa antes de engrenar.

– Meu nome é Claudia.

Talvez fosse, talvez não.

– Gary.

– Eu não moro por aqui.

Nem eu. Na verdade, não moro em lugar nenhum. Ou, vendo a coisa de outra forma, moro em toda parte.

– Meu motel é subindo a entrada. Uns oitocentos metros.

Ela esperou que eu dissesse algo. O quê? "Os lençóis são limpos? Eles têm HBO?"

Não disse nada.

– Vamos pegar alguma coisa para beber? Porque não tenho nada no quarto.

Eu disse que tudo bem. Ela anuiu, esperou uma abertura no trânsito e pegou a estrada.

Prestei atenção no cenário que passava, para conseguir voltar e pegar meu carro. Quatrocentos metros à frente, ela tirou a mão direita do volante e a colocou na minha virilha. Seus olhos nunca desviaram da estrada. Mais quatrocentos metros e a mão voltou ao volante.

Tive de pensar em qual era o sentido daquilo. Confirmar que eu tinha algo para ela? Impedir que me esquecesse de por que estávamos indo para o motel?

Talvez apenas tentando me mostrar que ela era uma perfeita dama.

Imagino que eu simplesmente continuo encontrando aquilo que continuo procurando.

Porque, vamos reconhecer, você não vai procurar uma perfeita dona de casa num bar vagabundo com um estacionamento cheio de picapes e estradeiras. Se entra em um salão onde ouve Kitty Wells cantando como não foi Deus que fez anjos de bordel, o que você irá encontrar se não um anjo de bordel?

Se você quer uma mulher de um homem só, se quer alguém que irá cuidar da casa e vai embarcar em toda aquela coisa de cerquinha branca etc., há outros lugares onde caçar.

E eu não estava comparecendo a encontros de metodistas ou reuniões de pais solteiros, frequentando oficinas de poesia em um programa de educação continuada. Eu estava – outra canção – procurando o amor em todos os lugares errados, então por que culpar o destino por me enviar uma mulher como Claudia?

Ou qualquer que fosse o nome dela.

O motel era uma construção de um andar que não pertencia a nenhuma cadeia, razoavelmente apresentável, mas não onde uma mulher como ela ficaria se tudo o que desejasse fosse um lugar para dormir. Nesse caso, escolheria um Ramada ou um Hampton Inn, mas aquele era o motel discreto básico. Razoavelmente limpo, bem cuidado e afastado da estrada para garantir privacidade. O quarto dela era nos fundos, onde o pequeno Ford não podia ser visto da estrada. Se não fosse alugado, se fosse seu próprio carro, bem, ninguém de passagem conseguiria ver a placa.

Como se isso importasse.

Dentro, com a porta fechada e trancada, ela se virou para mim e pela primeira vez pareceu minimamente incerta. Como se estivesse tentando pensar no que dizer, ou esperando que eu dissesse alguma coisa.

Bem, ao inferno com isso. Ela já tocara minha virilha no carro, e isso deveria ser o suficiente para quebrar o gelo. Fui até ela e a beijei, coloquei uma mão em sua bunda e a puxei para perto.

Poderia ter arrancado aquele jeans dela, poderia ter rasgado aquela bela blusa de seda. Tive esse impulso.

Ainda mais, eu queria causar algum dano. Amaciá-la com um punho em sua barriga, descobrir o que um direto no fígado faria com ela.

Fato: eu tenho pensamentos assim. Eles chegam até mim, e quando isso acontece sempre tenho uma rápida visão do rosto de minha mãe. Só uma visão muito rápida, como um borrão verde na vista que você às vezes tem quando observa o sol se pôr sobre a água. Desaparece quase antes mesmo de ser registrada, e depois você não consegue jurar que viu.

Tipo assim.

Fui gentil com ela. Bem, suficientemente gentil. Ela não me escolheu na multidão porque queria palavras ternas e beijos leves. Dei a ela o que sentia que queria, mas não a levei mais longe do que desejava ir. Não foi difícil descobrir o ritmo dela, não foi difícil contê-la, e então deixar que tudo acontecesse para ela, permanecendo o tempo todo perto, arrancando o último tremor da máquina doce do seu corpo.

Nada de mais, realmente. Eu fui ensinado cedo. Sabia o que fazer e como fazer.

– Eu sabia que seria bom.

Estava deitado lá, olhos fechados. Não sei no que estava pensando. Às vezes, minha cabeça sai vagando, vai sozinha para algum lugar e tem os próprios pensamentos, e então um carro bate pino ou algo muda a energia do lugar, e volto para onde estava, e o que quer que estivesse pensando antes desaparece sem deixar vestígio.

Deve ser assim com todo mundo, suponho. Não posso ser assim tão especial, eu e meus pensamentos particulares.

Dessa vez, foi a voz dela me trazendo de volta ao presente como um trovão. Rolei e vi que ela estava meio sentada na cama ao meu lado. Tirara o travesseiro de sob a bunda e o usava de apoio para cabeça e ombros.

Tinha o ar de uma mulher fumando um cigarro, mas não era fumante, e não havia cigarros por perto. Mas era tipo assim, o cigarro depois, houvesse ou não um cigarro na imagem.

– Tudo o que eu queria era vir para cá, fechar uma porta e deixar o mundo do lado de fora, e então fazer tudo no mundo sumir – falou.

– Funcionou?

– Como mágica. Você não gozou.

– Não.

– Aconteceu alguma coisa...

– Eu às vezes seguro.

– Ah.

– Isso torna a segunda vez melhor. Mais intensa.

– Entendo que sim. Mas isso não demanda um controle impressionante?

Eu não tentara segurar. Tentara dar a ela uma foda da qual não se esqueceria rapidamente, apenas isso. Mas não precisava contar isso.

– Nós conseguiremos ter uma segunda, não é? Você não tem de ir embora?

– Vou ficar aqui a noite inteira – respondeu. – Podemos até mesmo tomar café da manhã, caso queira.

– Achei que talvez tivesse de voltar para casa e seu marido.

As mãos dela se moveram, e os dedos da mão direita apertaram a base do dedo anelar, se assegurando de que não havia uma aliança ali.

– Não pela aliança – falei. – Pela marca da aliança. Uma depressão na pele, porque deve ter tirado pouco antes de entrar no bar. E a linha branca fina de pele não bronzeada.

– Sherlock Holmes.

Fez uma pausa para que eu pudesse dizer algo, mas por que ajudá-la? Esperei.

– Você não é casado.

– Não.

– Já foi um dia?

– Mesma resposta.

Ela ergueu a mão, palma para fora, como se examinando a aliança. Eu diria que ela estava estudando a marca onde estivera.

– Achei que iria me casar logo depois do ensino médio. No lugar onde fui criada, era o que acontecia se você fosse bonita. Ou se não fosse bonita, mas alguém a engravidasse.

– Você era bonita.

Ela anuiu. Por que fingir que não sabia disso?

– Mas não estava grávida, e uma amiga teve uma ideia: vamos sair desta cidade, vamos para Chicago ver o que acontece. Assim, fiz as malas e partimos, e ela demorou três semanas para sentir saudade e voltar para casa.

– Mas não você.

– Não, gostei de Chicago. Ou achei ter gostado. Do que gostei foi da pessoa que me tornei em Chicago, não por ser Chicago, mas por não ser minha casa.

– Então você ficou.

– Até ir para outro lugar. Outra cidade. E tive empregos, tive namorados, passei algum tempo sozinha entre namorados, e tudo estava bem. E pensei, bem, algumas mulheres têm maridos e filhos, e outras não, e parece que vou ser uma das que não têm.

Eu a deixei falar, mas não prestei muita atenção. Ela conheceu um homem que queria casar com ela, achou que era sua última chance, sabia que era um erro, mas foi em frente e casou mesmo assim. Era a sua história, mas dificilmente apenas dela. Eu já a ouvira antes.

Imagino que às vezes seja verdade. Talvez fosse verdade daquela vez, pelo que eu sabia.

Talvez não.

Quando me cansei de escutá-la, coloquei uma mão em sua barriga e a acariciei. Sua inspiração repentina me mostrou que não estava esperando. Desci a mão, e as pernas dela se separaram, ansiosas, e coloquei minha mão lá e brinquei com os dedos. Apenas isso, apenas deitado ao lado dela,

brincando com meus dedos. Ela tinha fechado os olhos, e fiquei olhando seu rosto enquanto meus dedos faziam o que faziam.

– Ah! Ah! *Ah!*

Fiquei duro fazendo, mas não senti necessidade de fazer algo. Depois que ela gozou, permaneci deitado onde estava. Fechei os olhos, ficando mole novamente e continuei lá escutando todo o silêncio do quarto.

Meu pai foi embora quando eu ainda usava fraldas. Pelo menos, foi o que me disseram. Não me lembro dele, e não estou convencido de que ele tenha estado lá. Alguém a engravidou, e não foi o Espírito Santo, mas será que ele um dia soube? Será que ela pelo menos sabia seu sobrenome?

Então, fui criado por uma mãe solteira, embora não me lembre de ter ouvido essa expressão na época. No começo, ela levava homens para casa, depois parou de fazer isso. Podia chegar em casa cheirando ao lugar onde tinha estado e do que estivera fazendo, mas chegava em casa sozinha.

Depois também parou de fazer isso, e passava as noites na frente da TV.

Certa noite, estávamos assistindo a um programa, esqueci qual, e ela disse:

– Agora você é velho o bastante. Imagino que você se toque.

Eu sabia o que ela queria dizer. O que não sabia era como reagir.

– Não se envergonhe. Todo mundo faz isso, é parte do crescimento. Deixe-me ver. – E, quando a confusão me deixou paralisado, ela continuou: – Tire a calça do pijama e me mostre seu pau.

Eu não queria. Eu queria. Eu estava com vergonha. Eu estava excitado. Eu estava...

– Está ficando maior. Logo você será um homem. Mostre como se toca. Olhe como cresce! Isso é melhor do que televisão. Em que você pensa quando toca nele?

Será que eu disse alguma coisa? Acredito que não.

– Peitinhos? – perguntou, abrindo o roupão. – Você os chupou quando era um bebê. Você se lembra?

Queria desviar os olhos. Queria parar de me tocar.

– Vou lhe contar um segredo. Tocar o pau é legal, mas é mais legal quando outra pessoa toca por você. Está vendo? Você pode tocar meus

peitinhos enquanto faço isso por você. Isso não é gostoso? Não é?

Eu ejaculei por toda sua mão. Pensei que ela ia ficar zangada. Ela levou a mão ao rosto, lambeu. Sorriu para mim.

– Não sei – disse ela.

Claudia, minha loura. Eu ficara imaginando, sem me preocupar muito, quão natural poderia ser aquela louridão. Ainda uma questão sem resposta, pois os cabelos em sua cabeça eram os únicos que ela tinha.

Tive de pensar no que minha mãe teria achado daquilo. Raspar as pernas era sua concessão à feminilidade, e a aceitava a contragosto.

A tal ponto que me obrigava a fazer isso. Saindo do banho, ainda quente da banheira, e eu espalhava espuma e manipulava o barbeador. Ela me disse que eu estaria com pelos no rosto em uns dois anos. Era melhor começar a praticar para toda uma vida fazendo barba.

Perguntei a Claudia o que ela não sabia.

– Eu só queria uma aventura – respondeu. – Deixar o mundo do lado de fora. Mantê-lo do outro lado daquela porta. Mas você tem um poder – ela continuou. – A mesma coisa que me atraiu para você, me fez cruzar o salão até onde você estava; isso me assusta.

– Por quê?

Ela fechou os olhos, escolheu as palavras com cuidado.

– O que acontece aqui permanece aqui. Não é assim que funciona?

– Como Las Vegas?

Ela abriu os olhos, olhou nos meus.

– Eu fiz esse tipo de coisa antes – contou.

– Estou chocado.

– Não com a frequência que você talvez esteja imaginando, mas de vez em quando.

– Quando a lua é cheia?

– E deixei para trás quando peguei a estrada. Como uma massagem, como um dia no spa.

– De volta para o maridinho.

– Como isso podia feri-lo? Ele nunca soube. E eu era uma esposa melhor para ele por ter uma válvula de escape.

Levando seu tempo até chegar lá. Era como ver um lançador de beisebol passar por uma elaborada encenação. Meio interessante quando você já sabe que tipo de bola curva esperar.

– Mas isto parece algo mais, não é?

Ela me encarou por um tempo, como se quisesse dizer sim, mas relutasse em falar as palavras.

Ah, ela era boa.

– Você pensou em abandoná-lo.

– Claro. Mas tenho... Ah, como dizer isso? Ele me dá uma vida muito confortável.

– Isso geralmente significa dinheiro.

– Os pais dele eram ricos, ele era filho único, eles partiram e agora é apenas ele.

– Imagino que o Ford seja alugado.

– O Ford? Ah, o carro que estou dirigindo. Sim, peguei no aeroporto. Por que você... Ah, porque eu provavelmente tenho um carro mais legal que esse. Foi o que quis dizer?

– Algo assim.

– Temos vários carros. Há um Lexus que dirijo, e ele me deu de presente um esportivo antigo. Um Aston Martin.

– Muito gentil.

– Acho que sim. De início, gostei de dirigir: a potência, a reação rápida. Agora quase nunca o tiro da garagem. É um brinquedo caro. Assim como eu.

– O brinquedo dele. Ele brinca muito com você?

Ela não disse nada.

Coloquei a mão onde ela não tinha pelo algum. Não acariciando, apenas pousada ali. Anunciando a posse.

– Se você se separasse dele...

– Eu assinei uma daquelas coisas.

– Um acordo pré-nupcial.

– Sim.

– Você poderia ficar com os brinquedos.

– Talvez.

– Mas a vida de luxo chegaria ao fim.

Ela anuiu.

– Imagino que ele seja muito mais velho que você.

– Só alguns anos. Ele parece mais velho, é um daqueles homens que se comportam como se fossem mais velhos que a idade que têm, mas não é tão velho.

– Como é a saúde dele?

– Boa. Ele não faz exercícios, está bem acima do peso, mas tem excelentes resultados nos exames físicos anuais.

– Ainda assim, qualquer um pode ter um derrame ou um ataque cardíaco. Ou um motorista bêbado passa um sinal vermelho, o acerta em cheio.

– Eu sequer gosto de falar sobre esse tipo de coisa.

– Porque é quase como desejar isso.

– Sim.

– Ainda assim, seria conveniente, não seria? – perguntei.

Não foi assim com a minha mãe. Um derrame, um ataque cardíaco, um motorista embriagado. Ali um dia, ausente no seguinte.

Nem um pouco assim.

Dois, três anos depois de ela ter me mostrado como era muito mais legal que outra pessoa me tocasse. Dois, três anos em que eu ia para a escola de manhã e voltava direto para casa de tarde e fechava a porta para o mundo inteiro.

Ela me mostrou todas as coisas que sabia. Mais coisas sobre as quais tinha ouvido ou lido, mas nunca feito.

E me contou como ser com as garotas. "Como se fosse um esporte e eu fosse sua técnica", falou. O que dizer, como agir e como fazer com que elas fizessem coisas, ou me deixassem fazer coisas.

Depois, eu ia para casa e contava a ela sobre isso. Na cama, representando, transando.

Dois, três anos. E ela começou a perder peso, e perdeu cor no rosto, e eu devia ter notado, mas foi dia após dia, e nunca tive consciência disso. Então, um dia cheguei em casa e ela não estava lá, mas havia um bilhete, e logo voltaria. E uma hora depois ela entrou, vi algo no rosto dela e soube, mas não sabia o que era até que ela me contasse.

Câncer de ovário, tinha espalhado pelo corpo inteiro, e não podiam fazer nada. Nada que funcionasse.

Por causa de onde tinha começado ela ficou pensando se seria uma punição. Pelo que tínhamos feito.

"Só que isso é babaquice e sei que é babaquice. Fui criada acreditando em Deus, mas superei isso, e nunca o criei desse modo. E mesmo se

existisse um Deus, ele não agiria dessa forma. E o que há de errado com o que fizemos? Isso machucou alguém?"

E um pouco depois: "Tudo o que eles podem me dar é quimioterapia, e tudo o que isso faz é doer loucamente, provocar a queda dos meus cabelos e talvez prolongar minha vida mais alguns meses. Meu menininho querido, não quero que você se lembre de uma velha ictérica morrendo aos poucos e enlouquecendo com a dor. Não quero durar tanto assim, e você tem de me ajudar a partir."

Escola. Eu não praticava esportes, não participava de clubes, não tinha amigos. Mas sabia quem vendia drogas; todo mundo sabia isso. Qualquer coisa que você quisesse, e o que eu queria eram tranquilizantes, e isso era fácil.

Ela queria tomar quando eu fosse para a escola, de modo que eu estivesse fora quando acontecesse, mas a convenci do contrário. Ela os tomou à noite, eu me deitei ao lado dela e segurei sua mão quando o sono a envolveu. E permaneci ali, para poder saber quando sua respiração parasse, mas não consegui continuar acordado. Eu adormeci, e quando acordei ao amanhecer ela tinha partido.

Eu arrumei a casa, fui para meu quarto e fiz parecer que alguém tinha dormido na cama. Saí para a escola e me impedi de pensar em qualquer coisa. Voltei para casa e, ao virar a chave na fechadura, tive um devaneio, de esperar que ela estivesse circulando quando abrisse a porta.

É, tá. Eu a encontrei onde a deixara, telefonei para o médico, disse que tinha saído de manhã sem querer incomodá-la. Ele sabia que havia sido os comprimidos, eu sabia que ele sabia disso, mas ele quis me poupar e disse que tinha sido o coração parando de repente, disse que acontecia em muitos casos como o dela.

Se ela estivesse viva, se nunca tivesse ficado doente, eu ainda estaria morando lá. Nós dois naquela casa, e o resto do mundo trancado do lado de fora.

– Não posso fingir que nunca pensei nisso – comentou ela. – Mas eu nunca desejei isso. Ele não é um homem mau. Ele tem sido bom para mim.

– Cuida bem de você.

– Ele limpa os tacos de golfe depois de jogar uma partida. Tem um pedaço de flanela que usa para lustrar as cabeças de ferro. Leva os carros para as revisões agendadas. E sim, cuida muito bem de mim.

– Talvez seja tudo o que você queira.

– Eu estava disposta a me contentar com isso.

– E não está mais?

– Não sei – respondeu, e colocou a mão em mim. Por só um momento, era outra mão, uma mão firme, mas gentil, e eu era novamente um garoto. Só por um instante, e depois passou.

Ela continuou me segurando e não disse mais nada, mas eu podia ouvir a voz dela em minha cabeça como se tivesse falado. “Disposta a me contentar? Não mais, meu querido, porque conheci você e meu mundo mudou para sempre. Se pelo menos alguma coisa pudesse acontecer a ele e pudéssemos ficar juntos para sempre. Se pelo menos...”

– Você quer que eu o mate – falei.

– Ai, meu Deus!

– Não era a isso que você ia chegar?

Ela não respondeu, inspirou e expirou profundamente, inspirou e expirou. Depois falou.

– Você já...

– O governo o coloca em um uniforme, lhe dá um fuzil, o manda para o outro lado do mundo. Um homem acaba fazendo um monte de coisas que do contrário nunca faria.

Tudo o que era verdade, imagino, mas não tinha nada a ver comigo. Eu nunca fui das Forças Armadas.

Uma vez fui me alistar. Se você zanza muito, diferentes coisas começam a parecer boas para você. O analista do exército me fez um monte de perguntas, ouviu alguma coisa de que não gostou em minhas respostas, e eles me agradeceram pelo meu tempo e me mandaram embora.

Sou obrigado a dizer que aquele homem era bom no que fazia. Eu não teria gostado de lá, e eles também não teriam gostado muito de mim.

Ela achou alguma outra coisa sobre o que falar, alguma história longa sobre um vizinho deles. Fiquei deitado lá, olhando seus lábios se movendo, sem escutar o que dizia.

Por que ter esse trabalho? O que ela não estava dizendo era mais importante.

Devia estar satisfeita consigo mesma, eu suponho. Porque conseguira chegar ao ponto que queria sem precisar dizer ela mesma as palavras.

Conduziu tudo tão bem que toquei no assunto por ela.

Tipo: estou dois passos à sua frente, menina. Sabia para onde você estava indo, vi o caminho sinuoso que tinha traçado e imaginei que poderia nos poupar algum tempo.

Melhor agora, olhando sem escutar. E era como se eu não pudesse escutá-la nem mesmo se quisesse, só pudesse ouvir a voz dela falando em minha cabeça, me dizendo o que eu sabia que estava pensando. Como poderíamos ficar juntos pelo resto de nossas vidas, como eu era tudo o que queria e tudo de que precisava, como iríamos ter uma vida de luxo, encanto e viagens. A voz dela em minha cabeça, criando imagens da ideia dela do que seria paraíso para mim.

Vozes.

Ela se moveu, ficou de lado. Parou de falar, parei de ouvir aquela outra voz, e ela correu a mão pelo meu corpo. Beijou meu rosto, meu pescoço, e foi descendo.

É, tá. Para me dar uma prova dos loucos prazeres que estariam à disposição assim que seu marido estivesse morto e enterrado. Porque todo homem adora isso, certo?

O fato é que eu não. Não desde que outra mulher tomou os comprimidos que comprei para ela e não acordou.

Uma vez, eu tinha um encontro com uma garota da minha sala. E ela estava me preparando.

"Você pode fazer com que ela chupe. Ela ainda deve ser virgem, não pode ficar grávida com isso, e irá deixá-lo feliz. Além disso, bem no fundo ela está louca para fazer isso, mas o que você quer é ajudá-la, dizer a ela quando estiver fazendo algo errado. Como se você fosse o treinador dela, entende?"

Então ela partiu, e desde então não gosto que ninguém faça isso comigo.

Aquele psicanalista do exército? Acho que ele era bom no que fazia.

Ainda assim, ela o deixou duro.

Ele segue suas próprias regras, não é mesmo? O sangue corre para lá ou não, e você não pode fazer com que aconteça ou impedir de acontecer. Não significava que eu estava gostando, não significava que queria que ela continuasse. Quanto mais ela fazia aquilo, menos eu gostava.

Segurei a cabeça dela, a afastei.

– Alguma coisa errada?

– Minha vez – disse, e a deitei na cama, coloquei um travesseiro embaixo da bunda dela e meti o dedo para ter certeza de que estava molhada. Coloquei o dedo na sua boca, lhe dei uma prova de si mesma.

Meti nela, montei longa e duramente, longa e duramente. Ela teve um daqueles orgasmos contínuos que não terminam, seguindo, seguindo, seguindo, o presente que não acaba.

Não sei onde minha cabeça estava enquanto aquilo acontecia. Em algum lugar, ligada em alguma outra coisa. Vendo HBO enquanto ela era fodida no Showtime.

Quando ela terminou, fiquei onde estava: em cima dela e dentro dela. Olhei para o rosto dela abaixo, maxilar caído, olhos fechados, e vi o que não tinha visto mais cedo.

Que ela parecia um porco. Seus traços tinham um toque suíno. Nunca tinha visto aquilo antes.

Engraçado.

Os olhos dela se abriram. E sua boca começou a trabalhar, me contando que nunca antes tinha sido como aquilo.

– Você...

– Ainda não.

– Meu Deus, você ainda está duro! Há alguma coisa...

– Ainda não. Tem uma coisa que eu gostaria de saber primeiro. Quando você entrou no bar.

– Uma vida atrás. – Ela relaxou com o que achou que seria uma caminhada pela memória. Como nos conhecemos, como nos apaixonamos sem que uma palavra tivesse sido dita.

– O que eu estava pensando. Como soube?

– Como eu...

– Como soube que eu era o único homem ali que estaria disposto a matar seu marido para você?

Olhos arregalados. Sem fala.

– O que viu? O que achou ter visto?

E meus quadris começaram a trabalhar, lentamente, movimentos curtos.

– Você tinha tudo organizado na cabeça – falei. Coloquei meus cotovelos sobre os ombros dela, prendendo-a na cama, e minhas mãos encontraram seu pescoço, envolvendo-o.

– Você estaria fora da cidade, talvez pegasse algum outro cara de sorte para garantir que teria um álibi. Gozaria muito com ele, porque o tempo todo estaria pensando em como eu estava fazendo aquilo, matando seu marido. Imaginando exatamente como eu estaria fazendo: estou usando uma arma de fogo, uma faca, um porrete? E você pensa em mim acabando com ele com minhas próprias mãos, e é o que realmente a faz gozar, não é? Não é?

Ela estava dizendo alguma coisa, mas eu não conseguia escutar. Não conseguiria ter escutado um trovão, não teria escutado o mundo chegando ao fim.

– Enchendo minha cabeça com felizes para sempre, mas assim que ele tivesse partido você não precisaria mais de mim, não é? Talvez fosse encontrar outro otário, fazer com que me tirasse de cena.

Enfiando com mais força agora. E minhas mãos apertando sua garganta. O terror nos olhos dela. Jesus, dava para sentir o gosto.

Então, as luzes se apagaram em seus olhos, e ela tinha partido.

Mais três, quatro estocadas e eu cheguei aonde queria. O engraçado é que realmente não senti. A máquina funcionou e me aliviei dentro dela, mas não dava para chamar aquilo de sensacional, porque, sabe, não envolveu exatamente muita sensação. Houve um alívio, e isso caiu bem, como uma mijada depois de você ter passado muito tempo com a bexiga cheia.

O fato é que é assim com maior frequência do que não é. Eu diria que o psicanalista do exército poderia explicar isso, mas não vamos transformá-lo em um gênio. Tudo o que ele sabia era que o exército ficaria melhor sem mim.

Quase todo mundo fica melhor sem mim.

Claudia certamente. Caída ali naquele momento com a garganta esmagada e os olhos vidrados. No instante em que coloquei os olhos nela soube que ela tinha todo o roteiro escrito na cabeça.

Como soube? Como me escolheu?

E se eu sabia de tudo isso, se podia ler o roteiro dela e conceber um final diferente daquele que ela tinha em mente, por que lhe paguei um drinque? No final das contas, quanta escolha eu tinha nisso depois que ela entrara e colocara a mão no meu braço?

Era hora de sair daquela cidade, mas quem eu achava que estava enganando? Eu iria encontrar a mesma coisa na cidade seguinte, ou

naquela depois dessa. Outro bar de periferia, onde poderia ter de brigar com um cara ou não, mas de qualquer forma iria sair com uma mulher. Ela poderia não ter aparência tão boa quanto esta, e poderia ter mais pelos além daqueles na cabeça, mas teria os mesmos planos para mim.

E se eu ficasse longe dos bares? Se fosse a encontros de igreja, ou reuniões de pais solteiros, algo assim?

Poderia funcionar, mas eu não contaria com isso. Com a minha sorte, acabaria no mesmo maldito lugar.

Como disse, eu realmente sei como escolhê-las.

Brandon Sanderson

Outra das estrelas em rápida ascensão no gênero da fantasia, com autores como Joe Abercrombie, Patrick Rothfuss, Scott Lynch, Lev Grossman e K.J. Parker, Brandon Sanderson foi escolhido para concluir a famosa sequência *Roda do tempo*, obra incompleta de Robert Jordan, uma tarefa imensa que ele levou a cabo com livros como *The Gathering Storm*, *Towers of Midnight* e *A Memory of Light*. Também é conhecido por outra série de fantasia, "Mistborn – Nascidos da Bruma", composta de *O império final*, *O poço da ascensão*, *O heróis das eras*, que será lançado pela editora LeYa, e *The Alloy of Law*, bem como a jovem "Alcatraz", que inclui *Alcatraz contra os bibliotecários do mal*, *Alcatraz contra os ossos do escrivão*, *Alcatraz versus the Knights of Crystallia* e *Alcatraz versus the Shattered Lens*. Entre seus outros livros estão os romances *Elantris*, *Warbreaker* e *Firstborn*, e o primeiro da nova série "Stormlight Archive", *The Way of Kings*. Ele mora em American Fork, Utah, e mantém na internet o site brandonsanderson.com.

Aqui ele nos leva bem fundo ao silêncio das Florestas com a história de uma mulher desesperada e perigosa que arriscará tudo, *fará* tudo, para salvar sua família, mesmo num lugar onde fantasmas famintos esperam escondidos atrás de todas as árvores e onde um movimento em falso significa morte instantânea...

Sombras nas Florestas do Inferno

– Aquele em quem você tem que ficar de olho é Raposa Branca – alertou Daggon, tomando sua cerveja. – Dizem que ele apertou a mão do próprio Mal, que visitou o Mundo Caído e retornou com estranhos poderes. Ele consegue acender fogo mesmo nas noites mais profundas, e nenhuma sombra ousa ir buscar sua alma. Sim, Raposa Branca. O desgraçado mais malvado da área, sem dúvida. Reze para que ele não coloque os olhos sobre você, meu amigo. Se colocar você estará morto.

O companheiro de mesa de Daggon tinha um pescoço parecido com uma garrafa de vinho fina e uma cabeça como uma batata enfiada de lado no alto. Ele guinchava ao falar, com sotaque de Lastport, a voz ecoando no beiral do salão da pousada.

– Por que... Por que ele colocaria os olhos em mim?

– Isso depende, amigo – respondeu Daggon, olhando ao redor enquanto alguns mercadores vestidos com exagero entravam caminhando despreocupadamente. Usavam casacos pretos, rendas engomadas se projetando à frente, e os chapéus de copa alta e aba larga do povo do forte. Eles não durariam duas semanas ali, nas Florestas.

– Depende? – retrucou o companheiro de jantar de Daggon. – Depende do quê?

– De muitas coisas, amigo. O Raposa Branca é um caçador de recompensas, você sabe. Quais crimes você cometeu? O que fez?

– Nada – respondeu. O guincho era como uma roda enferrujada.

– Nada? Os homens não vêm para as Florestas para fazer “nada”, amigo.

O companheiro dele olhou para os dois lados. Ele dissera que seu nome era Sincero. Mas Daggon dissera que o seu era Amizade. Nomes não

significavam muita coisa nas Florestas. Ou talvez significassem tudo. Pelo menos, os certos.

Sincero recostou, encolhendo aquele pescoço de vara de pescar, como se tentasse desaparecer dentro da cerveja. Ele tinha engolido. As pessoas gostavam de ouvir sobre o Raposa Branca, e Daggon se considerava um especialista. Pelo menos, era especialista em contar histórias para fazer homens sujos como Sincero pagar suas bebidas.

"Vou dar a ele algum tempo para fermentar", pensou Daggon, sorrindo para si mesmo. "Deixe ele se preocupar." Sincero logo lhe pediria mais informações. Enquanto esperava, Daggon recostou, avaliando o salão. Os mercadores estavam criando confusão, pedindo comida, dizendo que deveriam estar a caminho em uma hora. Isso *provava* que eram idiotas. Viajar à noite nas Florestas? Bons fazendeiros fariam isso. Mas homens como aqueles... Provavelmente levariam menos de uma hora para violar uma das Regras Simples e atrair as sombras para eles. Daggon tirou os idiotas da cabeça.

Já aquele sujeito no canto... Vestido todo de marrom, ainda de chapéu apesar de estar em local fechado. Aquele sujeito parecia realmente perigoso. "Fico imaginando se é ele", pensou Daggon. Pelo que sabia, ninguém tinha visto o Raposa Branca e vivido. Dez anos, mais de cem recompensas recebidas. Com certeza alguém sabia seu nome. Afinal, as autoridades nos fortes pagavam as recompensas a ele.

A dona da pousada, Madame Silêncio, passou pela mesa e depositou a refeição de Daggon com uma batida sem-cerimônia. Franzindo o cenho, ela completou sua cerveja, derramando um pouco de espuma na mão dele antes de seguir em frente, mancando. Ela era uma mulher corpulenta. Dura. Todos nas Florestas eram duros. Pelo menos, aqueles que sobreviviam.

Ele tinha aprendido que um cenho franzido de Silêncio era apenas seu jeito de dizer olá. Ela lhe dera uma porção extra de cervo; fazia isso com frequência. Gostava de pensar que ela tinha simpatia por ele. Talvez um dia...

"Não seja idiota", pensou consigo mesmo, enquanto atacava a comida coberta de molho. Melhor se casar com uma pedra que com Silêncio Montane. Uma pedra demonstrava mais afeto. É bem provável que lhe dera a fatia a mais por ter reconhecido o valor de um freguês habitual.

Ultimamente cada vez menos gente ia para lá. Sombras demais. E havia Chesterton. Uma coisa feia, aquilo.

– Então... Ele é um caçador de recompensas, esse Raposa? – perguntou o homem que chamava a si mesmo de Sincero e parecia estar suando.

Daggon sorriu. Fora fisgado direitinho, aquele.

– Ele não é apenas um caçador de recompensas. Ele é *o* caçador de recompensas. Mas o Raposa Branca não vai atrás dos pequenos... E sem querer ofender, amigo, você parece bastante pequeno.

O amigo ficou mais nervoso. O que ele *tinha* feito?

– Mas – começou a gaguejar o homem – ele não iria atrás de mim... Ahn, supondo que eu tivesse feito alguma coisa, claro... Seja como for, ele não entraria aqui, não é mesmo? Quero dizer, a pousada de Madame Silêncio, ela é protegida. Todo mundo sabe disso. A sombra de seu marido morto vive por aqui. Eu tinha um amigo que a viu, tinha mesmo.

– O Raposa Branca não teme sombras – disse Daggon, se inclinando para a frente. – Agora, veja bem, eu não *acho* que ele se arriscaria a entrar aqui; mas não por causa de alguma sombra. Todos sabem que este território é neutro. Você precisa ter alguns lugares seguros, mesmo nas Florestas. Mas...

Daggon sorriu para Silêncio quando ela passou por ele novamente a caminho da cozinha. Dessa vez, ela não franziu o cenho. Ele estava vencendo as barreiras dela.

– Mas? – guinchou Sincero.

– Bem... – continuou Daggon. – Eu poderia lhe contar algumas coisas sobre como o Raposa Branca pega os homens, mas veja, minha cerveja está quase vazia. Uma vergonha. Acho que você estaria muito interessado em como o Raposa Branca apanhou o Pacificador Hapshire. Uma grande história, essa.

Sincero guinchou para que Silêncio trouxesse outra cerveja, embora ela tivesse entrado na cozinha sem ouvir. Daggon franziu o cenho, mas Sincero colocou uma moeda na lateral da mesa, indicando que gostaria de outra dose quando Silêncio ou a filha voltassem. Isso bastaria. Daggon sorriu consigo mesmo e começou a contar a história.

Silêncio Montane fechou a porta para o salão, depois se virou e colou as costas nela. Tentou desacelerar seu coração disparado respirando. Será que tinha dado algum sinal óbvio? Será que eles sabiam que os reconhecera?

William Ann passou, limpando as mãos num pano.

– Mãe? – perguntou a jovem, fazendo uma pausa. – Mãe, você está...

– Pegue o livro. Rápido, criança!

O rosto de William Ann ficou pálido, depois ela correu para a despensa nos fundos. Silêncio agarrou o avental para tentar se acalmar, em seguida se juntou a William Ann quando a garota saiu da despensa com uma bolsa de couro grossa. Farinha branca cobria capa e lombada por causa do esconderijo.

Silêncio pegou a bolsa e a abriu no balcão alto da cozinha, revelando uma coleção de papéis soltos. A maioria tinha desenhos de rostos. Enquanto Silêncio folheava as páginas, William Ann foi espiar o salão pela vigia.

Por alguns momentos, o único som a acompanhar o coração acelerado de Silêncio foi o das páginas sendo viradas apressadamente.

– É o homem com o pescoço comprido, não é? – quis saber William Ann. – Eu me lembro do rosto dele de um dos avisos de recompensa.

– Esse é apenas Lamento Winebare, um ladrãozinho de cavalos. Ele mal vale duas medidas de prata.

– Quem, então? O homem nos fundos, de chapéu?

Silêncio balançou a cabeça, encontrando uma sequência de páginas no final da pilha. Estudou os desenhos. "Deus Além", ela pensou. "Não consigo decidir se quero que sejam eles ou não." Pelo menos, suas mãos tinham parado de tremer.

William Ann voltou rapidamente e esticou o pescoço sobre o ombro de Silêncio. Aos 14 anos, a garota já era mais alta que a mãe. Uma bela coisa pela qual sofrer, uma filha mais alta que você. Embora William Ann resmungasse de ser desajeitada e comprida, sua constituição esguia antecipava uma beleza futura. Ela puxou ao pai.

– Ah, Deus *Além* – disse William Ann, levando a mão à boca. – Quer dizer...

– Chesterton Divide – falou Silêncio. A forma do queixo, a expressão nos olhos... Eram iguais. – Ele caiu bem nas nossas mãos, com quatro de seus homens.

A recompensa pelos cinco seria suficiente para pagar sua necessidade de suprimentos por um ano. Talvez dois.

Seus olhos passaram para as palavras abaixo dos retratos, impressas em letras duras em negrito. **Extremamente perigoso. Procurado por**

homicídio, estupro, extorsão. E, claro, havia o grande final: **E assassinato político**.

Silêncio sempre imaginara se Chesterton e seus homens pretenderam matar o governador da cidade mais poderosa do continente, ou se aquilo tinha sido um acidente. Um simples roubo que dera errado. De qualquer forma, Chesterton compreendia o que aconteceu. Antes do incidente, ele era um bandido de estrada comum – embora bem-sucedido.

Depois ele se tornou algo maior, algo muito mais perigoso. Chesterton sabia que se fosse capturado não haveria misericórdia, não haveria quartel. Lastport pintara Chesterton como um anarquista, uma ameaça e um psicopata.

Chesterton não tinha motivo para se conter. Então, não se continha.

"Ah, Deus Além", pensou Silêncio, olhando para a continuação de sua relação de crimes na página seguinte.

Ao lado dela, William Ann sussurrava as palavras para si mesma.

– Ele está lá fora? Onde?

– Os mercadores – respondeu Silêncio.

– *O quê?*

William Ann voltou apressada para a vigia. A madeira ali – na verdade de toda a cozinha – fora esfregada com tanta força que acabara branca. Sebruki estivera limpando novamente.

– Não consigo ver – disse William Ann.

– Olhe com mais atenção.

Silêncio também não tinha visto de primeira, embora passasse todas as noites com o livro, decorando seus rostos.

Algum tempo depois, William Ann engasgou, levando a mão à boca.

– Isso parece muito *tolo* da parte dele. Por que está à vista assim? Mesmo disfarçado?

– Todos irão se lembrar apenas de mais um bando de mercadores idiotas do forte que acharam que podiam enfrentar as Florestas. É um disfarce inteligente. Quando desaparecerem das trilhas em alguns dias, todos irão supor, caso alguém se preocupe em supor, que as sombras os pegaram. Ademais, desse modo Chesterton pode viajar rápida e abertamente, visitando pousadas e ouvindo informações.

Seria assim que Chesterton descobria bons alvos para atacar? Será que tinha passado antes por sua pousada? A ideia revirou seu estômago. Ela alimentara criminosos muitas vezes, alguns eram clientes regulares. Todo

homem nas Florestas provavelmente era um criminoso, no mínimo por ignorar os impostos cobrados pelo povo do forte.

Chesterton e seus homens eram diferentes. Ela não precisava da lista de crimes para saber o que eram capazes de fazer.

– Onde está Sebruki? – perguntou Silêncio.

William Ann estremeceu, como se saindo de um estupor.

– Está alimentando os porcos. Sombras! Não acha que eles a reconheceram, acha?

– Não – respondeu Silêncio. – Eu temo que ela os reconheça.

Sebruki podia ter apenas 8 anos, mas era capaz de ser chocantemente – perturbadoramente – observadora.

Silêncio fechou o livro de recompensas. Pousou os dedos no couro.

– Nós iremos matá-los, não iremos? – perguntou William Ann.

– Sim.

– Quanto eles valem?

– Algumas vezes, criança, a questão não é quanto um homem vale.

Silêncio ouviu a pequena mentira em sua voz. Os tempos estavam cada vez mais difíceis com o preço da prata de Bastion Hill e Lastport em alta. Algumas vezes não era quanto um homem valia. Mas esta não era uma dessas vezes.

– Vou pegar o veneno – retrucou William Ann, deixando a vigia e cruzando o aposento.

– Algo leve, criança – alertou Silêncio. – Esses são homens perigosos. Notarão se as coisas estiverem fora do comum.

– Não sou idiota, mãe – disse William Ann secamente. – Vou usar fenweed. Eles não sentirão o gosto na cerveja.

– Meia dose. Não quero que desmaiem na mesa.

William Ann anuiu, entrando no antigo depósito, onde fechou a porta e começou a levantar tábuas do piso para chegar aos venenos. Fenweed deixaria os homens com as cabeças turvas e tontos, mas não os mataria.

Silêncio não ousava arriscar algo mais mortal. Se um dia desconfiassem de sua pousada, sua carreira – e até sua vida – teria um fim. Ela precisava continuar sendo, nas mentes dos viajantes, a estalajadeira ranzinza, mas justa, que não fazia perguntas demais. Sua pousada era um lugar visto como seguro, mesmo para os piores criminosos. Ela ia para cama toda noite com o coração tomado por medo de que alguém se desse

conta do suspeito número de alvos da Raposa Branca que tinha estado na pousada de Silêncio nos dias anteriores à sua derrocada.

Ela entrou na despensa para guardar o livro de recompensas. Também ali as paredes foram esfregadas, as prateleiras, areadas e limpas. Aquela criança. Quem tinha ouvido falar de uma criança que preferia limpar a brincar? Claro, considerando aquilo pelo que Sebruki passara...

Silêncio não se conteve em esticar a mão até a prateleira de cima para sentir a besta que mantinha ali. Pontas de seta de prata. Ela a mantinha ali por causa das sombras, e ainda não a virara na direção de um homem. Era perigoso demais derramar sangue nas Florestas. Ainda assim, era reconfortante saber que, numa verdadeira emergência, ela tinha a arma à mão.

Livro de recompensas guardado, ela foi ver Sebruki. A criança de fato estava cuidando dos porcos. Silêncio gostava de ter um rebanho saudável, embora não, claro, para comer. Dizia-se que os porcos afastavam as sombras. Ela usava todas as ferramentas que podia para fazer a pousada parecer mais segura.

Sebruki estava ajoelhada dentro da pocilga. A menina baixa tinha pele escura e compridos cabelos pretos. Ninguém a teria considerado filha de Silêncio, mesmo não conhecendo a infeliz história de Sebruki. A criança cantarolava para si mesma, esfregando a parede do cercado.

– Criança? – chamou Silêncio.

Sebruki se virou para ela e sorriu. Quanta diferença um ano podia fazer. Um dia, Silêncio teria jurado que aquela criança nunca mais sorriria novamente. Sebruki passara seus primeiros três meses na pousada olhando para as paredes. Não importava onde Silêncio a colocasse, a criança se mudava para a parede mais próxima, sentava e a olhava o dia inteiro. Sem nunca dizer uma palavra. Olhos mortos como os de uma sombra...

– Tia Silêncio? – perguntou Sebruki. – Está bem?

– Estou bem, criança. Apenas atormentada por lembranças. Você está... Limpando a *pocilga* agora?

– As paredes precisam de uma boa escovada – respondeu Sebruki. – Os porcos gostam que ela esteja limpa. Bem, Jarom e Ezekiel preferem assim. Os outros parecem não se importar.

– Você não precisa limpar tanto, criança.

– Eu gosto de fazer isso – confessou Sebruki. – É bom. É algo que posso fazer. Para ajudar.

Bem, era melhor limpar as paredes que olhar para elas o dia todo com olhos vazios. Naquele dia, Silêncio ficava feliz com qualquer coisa que mantivesse a criança ocupada. Qualquer coisa, desde que não entrasse no salão.

– Acho que os porcos irão gostar – comentou Silêncio. – Por que não continua com isso mais um pouco?

Sebruki olhou para ela.

– O que há de errado?

Sombras. Ela era muito observadora.

– Há alguns homens com linguajar grosseiro no salão – respondeu Silêncio. – Não quero que ouça seus xingamentos.

– Não sou uma criança, tia Silêncio.

– Sim, você é – disse Silêncio com firmeza. – E irá me obedecer. Não pense que eu não lhe daria uma palmada no traseiro.

Sebruki revirou os olhos, mas voltou ao trabalho e recomeçou a cantarolar. Silêncio adotava um pouco do jeito da avó quando falava com Sebruki. A criança reagia bem à firmeza. Parecia ansiar por isso, talvez como símbolo de que havia alguém no comando.

Silêncio desejava estar no comando. Mas ela era uma Forescout – o sobrenome adotado por seus avós e os outros que foram os primeiros a deixar Terra Natal e explorar aquele continente. Sim, ela era uma Forescout, e de modo algum deixaria alguém saber o quão impotente se sentia grande parte de tempo.

Silêncio atravessou o quintal da hospedaria, observando William Ann na cozinha preparando uma pasta que seria dissolvida na cerveja. Silêncio passou por ela e foi olhar o estábulo. Previsivelmente, Chesterton dissera que eles partiriam depois da refeição. Enquanto muita gente buscava a relativa segurança de uma pousada à noite, Chesterton e seus homens estariam acostumados a dormir nas Florestas. Mesmo com as sombras à solta, eles se sentiriam mais confortáveis em seu próprio acampamento do que nas camas de uma pousada.

Dentro do estábulo, Dob, o velho ajudante, acabara de escovar os cavalos. Ele não tinha dado água a eles. Silêncio ordenava não fazer isso até a última hora.

– Bem feito, Dob – disse Silêncio. – Por que não vai tirar um intervalo?

Ele anuiu para ela.

– Obrigado, senhora.

Ele iria até a varanda da frente e pegaria seu cachimbo, como sempre. Dob não era muito bom da cabeça, e não tinha ideia do que ela fazia na pousada, mas estava lá com ela desde antes da morte de William. Era o homem mais leal que já conhecera.

Silêncio fechou a porta depois que ele saiu e pegou algumas bolsas no armário trancado dos fundos do estábulo. Verificou cada uma à luz fraca, depois as botou na mesa e colocou a primeira sela no lombo de seu dono.

Tinha quase terminado com as selas quando a porta se abriu. Ela ficou paralisada, pensando nas bolsas na mesa. Por que não as enfiara no avental? Desleixada!

– Silêncio Forescout – disse uma voz suave desde o portão.

Silêncio sufocou um gemido e se virou para encarar o visitante.

– Theopolis. Não é educado se esgueirar pela propriedade de uma mulher. Eu deveria expulsá-lo por invasão.

– Ora, ora. Isso seria muito como... o cavalo dar um coice no homem que o alimenta, não?

Theopolis apoiou seu corpo comprido no umbral, cruzando os braços. Vestia roupas simples, que não indicavam sua posição. O coletor de impostos do forte com frequência não queria que passantes casuais identificassem sua profissão. Barbeado, seu rosto sempre tinha o mesmo sorriso paternalista. Suas roupas eram limpas demais, novas demais para serem de alguém que vivia nas Florestas. Não que ele fosse um dândi, e ele não era idiota. Theopolis era perigoso, apenas um tipo de perigoso diferente da maioria.

– Por que está aqui, Theopolis? – perguntou ela, colocando a última sela no lombo de um castrado malhado.

– Por que sempre venho até você, Silêncio? Não é por causa de sua expressão alegre, hein?

– Paguei meus impostos.

– Isso porque você é muito isenta de impostos – retrucou Theopolis. – Mas você não me pagou pelo carregamento de prata do mês passado.

– Tem sido uma seca ultimamente. Não demora e pagarei.

– E as setas para sua besta? – insistiu Theopolis. – Fico pensando se está tentando esquecer o preço daquelas pontas de setas de prata, hein? E o carregamento de seções de reposição para seus anéis de proteção?

Seu sotaque agudo fez com que ela se encolhesse enquanto apertava a sela. Theopolis. Pelas sombras, que dia!

– Ora veja – disse Theopolis, indo até a mesa de equipamentos. Pegou uma das bolsas. – O que são essas coisas? Isso parece seiva de wetleek. Ouvi dizer que isso brilha no escuro se você usar o tipo certo de luz. Esse é um dos segredos misteriosos de Raposa Branca?

Ela arrancou a bolsa dele.

– Não diga esse nome – sibilou.

Ele sorriu.

– Você tem uma recompensa! Que delícia. Sempre fiquei imaginando como você os rastreava. Faça um buraco nisso, prenda embaixo da sela, depois siga a trilha de gotas que ela deixa? Hein? Você poderia rastrear por uma longa distância, matá-los bem longe daqui. Manter a suspeitas longe de sua pequena pousada.

Sim, Theopolis era perigoso, mas ela precisava que *alguém* entregasse os procurados em seu lugar. Theopolis era um rato e, como todos os ratos, conhecia os melhores buracos, ralos e fendas. Tinha contatos em Lastport e conseguia receber seu dinheiro em nome de Raposa Branca sem revelar quem era.

– Eu me senti tentado a entregar você recentemente, sabe? Muitos grupos têm bolões de apostas sobre a identidade da infame raposa. Eu seria um homem rico com esse conhecimento, hein?

– Você já é um homem rico. E, embora seja muitas coisas, não é um idiota. Isso tem funcionado bem há uma década. Não me diga que trocaria riqueza por um pouco de fama?

Ele sorriu, mas não contestou. Ficava com metade do que ela recebia de cada recompensa. Era um belo acordo para Theopolis. Nenhum risco, motivo pelo qual ela sabia que ele gostava. Era um funcionário público, não um caçador de recompensas. A única vez que o vira matar, o homem que ele assassinara não podia reagir.

– Você me conhece bem demais, Silêncio – comentou Theopolis com um riso. – Realmente, bem demais. Ora, ora. Uma recompensa! Fico pensando em quem é. Vou ter de dar uma olhada no salão.

– Você não vai fazer nada disso. Pelas sombras! Você acha que o rosto de um coletor de impostos não vai afugentá-los? Não entre lá e estrague tudo.

– Paz, Silêncio – falou, ainda sorrindo. – Eu sigo as suas regras. Tomo cuidado de não aparecer aqui com muita frequência e faço com que não desconfiem de vocês. De qualquer forma, eu não poderia ficar hoje; só vim para lhe fazer uma oferta. Só que agora você provavelmente não precisa! Ah, que pena. Depois de todos os problemas que tive por sua causa, hein?

Ela sentiu um frio.

– Que ajuda você poderia me dar?

Ele tirou uma folha de papel da bolsa, depois a desdobrou com dedos compridos demais. Ia erguê-la, mas ela a tomou.

– O que é isso?

– Um modo de livrá-la de sua dívida, Silêncio. Um modo de poupá-la de ter de se preocupar novamente.

O papel era uma ordem de confisco, uma autorização para que os credores de Silêncio – Theopolis – tomassem sua propriedade como pagamento. Os fortes tinham jurisdição sobre as estradas e as terras de ambos os lados. Eles enviavam soldados para patrulhá-las. Eventualmente.

– Pegue isso de volta, Theopolis – falou com desprezo. – Você certamente é um idiota. Você abriria mão de tudo o que temos pela ganância de um pedaço de terra?

– Claro que não, Silêncio. Com isso, eu não estaria abrindo mão de nada! Veja, eu me sinto mal *de verdade* por ter você sempre me devendo. Não seria mais eficiente se eu assumisse as finanças da pousada? Você continuaria trabalhando aqui, caçando recompensas, como sempre. Só que não teria mais de se preocupar com suas dívidas, hein?

Ela amassou o papel em sua mão.

– Você transformaria a mim e aos meus em escravos, Theopolis.

– Ah, não seja dramática. Algumas pessoas em Lastport começaram a perguntar como uma pousada como essa pertence a alguém desconhecido. Você está chamando a atenção, Silêncio. Acredito que é a última coisa que quer.

Silêncio amassou ainda mais o papel, o punho apertado. Os cavalos presos em suas barracas. Theopolis sorriu.

– Bem, talvez isso não seja necessário. Talvez essa sua recompensa seja grande, hein? Pode me dar alguma pista para eu não ter de ficar imaginando o dia inteiro?

– Fora daqui.

– Querida Silêncio. Sangue Forescout, teimosa até o último suspiro. Dizem que os seus avós foram os primeiros de todos. As primeiras pessoas pioneiras neste continente, as primeiras a ocupar as Florestas... As primeiras a reivindicar o próprio inferno.

– Não chame as Florestas disso. Este é meu lar.

– Mas é como os homens viam esta terra antes do Mal. Isso não a deixa curiosa? Inferno, terra dos condenados, onde as sombras dos mortos criaram seu lar. Eu fico pensando: há mesmo uma sombra de seu marido falecido protegendo este lugar ou esta é apenas outra história que você conta às pessoas? Para fazer com que se sintam seguras, hein? Você gasta uma fortuna em prata. Isso oferece a verdadeira proteção, e nunca *consegui* encontrar um registro de seu casamento. Claro, se não houve nenhum, isso faria da querida William Ann uma...

– *Fora*.

Ele sorriu de novo, mas fez um gesto com o chapéu na direção dela e saiu. Ela o ouviu sentar na sela, depois sair cavalgando. A noite logo iria chegar; seria demais esperar que as sombras pegassem Theopolis. Fazia tempo que ela desconfiava de que ele tinha um esconderijo em algum lugar próximo, talvez uma caverna, que mantinha cheia de prata.

Inspirou e expirou, tentando se acalmar. Theopolis era frustrante, mas não sabia tudo. Ela se obrigou a voltar suas atenções para os cavalos e pegou um balde de água. Jogou dentro dele o conteúdo das bolsas e depois deu uma boa dose aos cavalos, que beberam, sequiosos.

Theopolis indicara que bolsas que pingassem seiva seriam muito fáceis de ver. O que aconteceria quando seus procurados retirassem as selas à noite e descobrissem as bolsas de seiva? Saberiam que alguém estava indo atrás deles. Não, ela precisava de algo menos evidente.

– Como vou dar um jeito nisso? – sussurrou ela enquanto um cavalo bebia do balde. – Pelas sombras. Eles estão me apertando por todos os lados.

"Matar Theopolis." Isso era o que vovó teria feito. Ela pensou nisso.

"Não", pensou. "Eu não vou me tornar isso. Não vou me tornar ela." Theopolis era um valentão e um pilantra, mas não violara lei alguma, nem causara qualquer mal diretamente a alguém, pelo que ela sabia. Tinha de haver regras, mesmo ali. Tinha de haver limites. Talvez, nesse sentido, ela não fosse tão diferente do povo do forte.

Encontraria outro modo. Theopolis só tinha uma ordem de confisco; ele tivera de lhe mostrar. Isso significava que tinha um ou dois dias para conseguir o dinheiro. Tudo limpo e legal. Nas Cidades Fortalezas, eles alegavam ter uma civilização. Essas regras lhe davam uma chance.

Saiu do estábulo. Uma espiada pela janela para o salão mostrou William Ann servindo bebidas aos "mercadores" da gangue de Chesterton. Silêncio parou para observar.

Atrás dela, as Florestas estremeciam ao vento.

Silêncio escutou, depois se virou para encará-las. Você podia identificar o povo do forte pelo modo como se recusavam a encarar as Florestas. Desviavam os olhos, nunca fitando as profundezas. Aquelas árvores solenes cobriam quase todo centímetro daquele continente, as folhas projetando sombras no solo. Imóveis. Silenciosas. Animais viviam ali, mas pesquisadores do forte declararam que não havia predadores. As sombras os apanharam muito tempo atrás, atraídas pelo derramamento de sangue.

Olhar para as Florestas parecia fazer com que elas... recuassem. A escuridão de suas profundezas diminuía, a imobilidade dava lugar ao som de roedores revirando folhas caídas. Um Forescout sabia olhar para as Florestas diretamente. Um Forescout sabia que os pesquisadores estavam errados. *Havia* um predador lá. A própria Floresta era um.

Silêncio se virou e caminhou até a porta da cozinha. Manter a pousada tinha de ser seu principal objetivo, portanto ela estava determinada a receber a recompensa por Chesterton. Se não conseguisse pagar Theopolis, tinha pouca fé em que tudo permaneceria como estava. Ele teria uma mão sobre sua garganta, já que ela não poderia deixar a pousada. Não tinha cidadania do forte, e as coisas estavam difíceis demais para que fazendeiros locais a recebessem. Não, ela *teria* de ficar e cuidar da pousada para Theopolis, e ele a sugaria, tomando percentagens cada vez maiores das recompensas.

Ela abriu a porta da cozinha. Ela...

Sebruki estava sentada à mesa da cozinha com a besta no colo.

– Deus Além! – exclamou Silêncio, engasgando e fechando a porta ao entrar. – Criança, o que está...

Sebruki ergueu os olhos para ela. Aqueles olhos assombrados estavam de volta, olhos sem vida nem emoção. Olhos como os de uma sombra.

– Temos visitas, tia Silêncio – disse Sebruki numa voz fria e monótona. A alavanca de preparação da besta estava junto a ela. Ela conseguira carregar a coisa e engatilhar, tudo sozinha. – Eu cobri a ponta da seta com sangue preto. Eu fiz o certo, não foi? Dessa forma, o veneno certamente irá matá-lo.

– Criança... – começou a falar Silêncio, se adiantando.

Sebruki virou a besta no colo, segurando-a em ângulo para ter apoio, a mão pequena no gatilho. A ponta estava virada para Silêncio.

Sebruki olhava para a frente, olhos vazios.

– Isso não vai funcionar, Sebruki – falou Silêncio, firme. – Mesmo se você conseguisse levar essa coisa para o salão, não conseguiria atingi-lo... E mesmo se conseguisse, os homens dele matariam todos nós como vingança!

– Eu não me importaria – disse Sebruki suavemente. – Desde que eu o matasse. Desde que eu puxasse o gatilho.

– Você não se importa conosco? – cortou Silêncio. – Eu a abriguei, lhe dei um lar, e é assim que retribui? Rouba uma arma? Você me *ameaça*?

Sebruki piscou.

– O que há de errado com você? – continuou Silêncio. – Quer derramar sangue neste lugar protegido? Trazer as sombras até nós, superando nossas proteções? Se elas penetrassem, matariam todos sob o meu teto! Pessoas às quais eu prometi segurança. Como *ousa*?

Sebruki estremeceu, como se despertando. Sua máscara se rompeu e ela largou a besta. Silêncio ouviu um estalo e a trava soltou. Sentiu a seta passar a dois centímetros de sua bochecha, depois quebrar a janela atrás.

Pelas sombras! Será que a seta raspara Silêncio? Será que Sebruki tinha *derramado sangue*? Silêncio ergueu uma mão trêmula, mas não sentiu sangue. A seta não a atingira.

No instante seguinte, Sebruki estava nos seus braços, soluçando. Silêncio se ajoelhou, abraçando a criança.

– Calma, querida. Está tudo bem. Está tudo bem.

– Eu ouvi tudo – sussurrou Sebruki. – Mamãe não gritou. Ela sabia que eu estava lá. Ela foi forte, tia Silêncio. Foi assim que eu pude ser forte, mesmo quando o sangue correu. Encharcando meu cabelo. Eu ouvi. *Eu ouvi tudo*.

Silêncio fechou os olhos, apertando Sebruki. Ela mesma foi a única disposta a investigar a casa de fazenda fumegante. O pai de Sebruki ficara

na pousada uma vez. Um bom homem. Ou melhor, um homem tão bom quanto sobrou depois que o Mal tomou Terra Natal.

Nos restos fumegantes da casa, Silêncio encontrou os cadáveres de doze pessoas. Todos os membros da família foram mortos por Chesterton e seus homens, incluindo as crianças. A única a sobreviver fora Sebruki, a mais jovem, que fora enfiada no espaço apertado sob as tábuas do piso do quarto.

Ela ficara deitada lá, coberta pelo sangue da mãe, sem fazer um ruído, até que Silêncio a encontrou. Só achou a garota porque Chesterton fora cuidadoso, cercando o quarto com poeira de prata para se proteger das sombras enquanto se preparava para matar. Silêncio tentara recuperar um pouco da poeira que caíra entre as tábuas do piso, e se deparara com olhos a encarando pelas fendas.

Chesterton queimara treze casas de fazenda diferentes no ano anterior. Mais de cinquenta pessoas assassinadas. Sebruki fora a única a escapar dele.

A garota tremia e arfava com soluços.

– Por quê... Por quê?

– Não há razão. Eu lamento.

O que mais ela podia fazer? Oferecer algum consolo idiota ou confortá-la com o Deus Além? Ali eram as Florestas. Você não sobrevivia com trivialidades.

Silêncio abraçou a garota até que o choro começou a parar. William Ann entrou, depois ficou imóvel ao lado da mesa da cozinha, segurando uma bandeja com canecas vazias. Seus olhos se voltaram para a besta caída, depois para a janela quebrada.

– Você vai matá-lo? – perguntou Sebruki, sussurrando. – Vai entregá-lo à justiça?

– A justiça morreu em Terra Natal – disse Silêncio. – Mas sim, eu vou matá-lo. Eu lhe prometo isso, criança.

Avançando timidamente, William Ann pegou a besta, depois a virou, exibindo o arco quebrado. Silêncio bufou. Nunca deveria ter deixado a coisa onde Sebruki pudesse pegar.

– Cuide dos clientes, William Ann – pediu Silêncio. – Vou levar Sebruki para cima.

William Ann anuiu, espiando a janela quebrada.

– Nenhum sangue foi derramado – avisou Silêncio. – Ficaremos bem. Mas se tiver um momento, veja se consegue encontrar a seta. A cabeça é de prata...

Não era um momento em que pudessem desperdiçar dinheiro.

William Ann colocou a besta na despensa enquanto Silêncio assentava Sebruki num banco da cozinha. A garota se aferrou a ela, se recusando a soltar, então Silêncio relaxou e a abraçou por mais algum tempo.

William Ann respirou fundo algumas vezes, como se para se acalmar, depois voltou ao salão para servir bebidas.

Sebruki soltou Silêncio por tempo suficiente para que ela preparasse uma bebida. Levou a garota escada acima, até o apartamento acima do salão onde as três tinham suas camas. Dob dormia no estábulo, e os hóspedes nos quartos melhores do segundo andar.

– Você vai me fazer dormir – acusou Sebruki, olhando o copo com olhos vermelhos.

– O mundo parecerá um lugar mais iluminado pela manhã – respondeu Silêncio. “E eu não posso me arriscar a você sair atrás de mim esta noite.”

A garota pegou a bebida com relutância e a tomou.

– Desculpe. Pela besta.

– Encontraremos um modo de você pagar o custo do conserto.

Aquilo pareceu reconfortar Sebruki. Ela era uma sitiante, nascida nas Florestas.

– Você costumava cantar para mim à noite – disse Sebruki com suavidade, fechando os olhos e recostando. – Quando me trouxe para cá. Depois... Depois...

Ela engoliu.

– Eu não sabia se você notava.

Silêncio não sabia se Sebruki notava alguma coisa naqueles dias.

– Eu notava.

Silêncio se sentou no banco ao lado do catre de Sebruki. Não sentia vontade de cantar, então começou a cantarolar. Era a canção de ninar que cantara para William Ann nos tempos difíceis logo depois do seu nascimento.

Logo as palavras saíram, livres.

– *Calma agora, minha querida... Não tenha medo. A noite cai sobre nós, mas a luz do sol chegará cedo. Durma agora, minha querida... Deixe as lágrimas morrer. A escuridão nos cerca, mas um dia iremos acordar.*

Segurou a mão de Sebruki até a menina adormecer. A janela ao lado da cama dava para o pátio, então Silêncio pôde ver quando Dob pegou os cavalos de Chesterton. Os cinco homens em elegantes roupas de mercadores saíram da varanda pisando duro e montaram nas selas.

Cavalgaram em fila para a estrada; depois as Florestas os envolveram.

Uma hora depois de anoitecer, Silêncio arrumou sua mochila à luz do fogareiro.

Sua avó acendera a chama daquele fogareiro, e ele queimava desde então. Ela quase perdera a vida acendendo o fogo, mas não estava disposta a pagar a qualquer dos mercadores de fogo para acender. Silêncio balançou a cabeça. A avó sempre resistira às convenções. Mas Silêncio por acaso era melhor?

"Não acenda fogo, não derrame o sangue de outro, não corra à noite. Essas coisas atraem sombras." As Regras Simples segundo as quais todo sitiante vivia. Ela violara todas as três em mais de uma oportunidade. Era um espanto que ainda não tivesse se transformado em uma sombra.

O calor do fogo parecia uma coisa distante enquanto se preparava para matar. Silêncio lançou um olhar sobre o velho santuário, na verdade apenas um armário, que mantinha trancado. As chamas a fizeram lembrar a avó. Às vezes, ela pensava no fogo como *sendo* sua avó. Desafiando tanto as sombras quanto os fortes, até o fim. Ela expurgara a pousada das outras lembranças da avó, com exceção do santuário ao Deus Além. Aquilo ficava atrás de uma porta fechada ao lado da despensa, e junto à porta um dia estivera pendurada a adaga de prata da avó, símbolo da antiga religião.

Aquela adaga tinha gravados os símbolos da divindade como um alerta. Silêncio a carregava não por sua proteção, mas por ser de prata. Prata nunca era demais nas Florestas.

Arrumou a mochila com cuidado, colocando seu estojo de primeiros socorros e uma bolsa de bom tamanho com pó de prata para curar ressecamento. Depois, foi a vez de dez sacos vazios de cânhamo grosso, alcatroados por dentro para impedir que o conteúdo vazasse. Por fim, acrescentou uma lamparina a óleo. Não pretendia usar, já que não confiava em fogo. Fogo podia atrair sombras. Contudo, descobrira em expedições anteriores que era algo útil, então a levou. Só a acenderia caso se deparasse com alguém que já tivesse fogo.

Com isso pronto, ela hesitou, depois foi ao velho depósito. Retirou as tábuas do piso e pegou o pequeno barril selado que estava ao lado dos venenos.

Pólvora.

– Mãe? – chamou William Ann, fazendo com que ela desse um pulo. Não ouvira a garota entrando na cozinha.

Por pouco Silêncio não deixou o barril cair com o susto, e aquilo quase fez seu coração parar. Ela se amaldiçoou por ser uma idiota, enfiando o barril debaixo do braço. Ele não podia explodir sem fogo. Sabia disso.

– Mãe! – repetiu Wiliam Ann, olhando para o barril.

– Eu nem irei precisar.

– Mas...

– Eu sei. Calma.

Ela se adiantou e colocou o barril na mochila. Preso ao lado do barril, com pano entre as pinças de metal, estava o velho acendedor de sua avó. Detonar pólvora era o equivalente a iniciar uma chama, pelo menos aos olhos das sombras. Isso as atraía quase tão rápido quanto sangue, de dia ou à noite. Os primeiros refugiados da Terra Natal descobriram isso rapidamente.

De certa forma, era mais fácil evitar sangue. Um sangramento nasal ou um ferimento não atraía as sombras, elas sequer notavam. Tinha de ser sangue do outro, derramado por suas mãos – elas se lançariam primeiro sobre aquele que derramara o sangue. Claro que depois que essa pessoa estava morta elas com frequência não se importavam com quem matar a seguir. Uma vez enfurecidas, as sombras eram perigosas para todos aqueles por perto.

Silêncio notou só depois de guardar a pólvora que William Ann estava vestida para a viagem, de calças e botas. Levava uma mochila como a de Silêncio.

– O que acha que vai fazer, William Ann?

– Você pretende matar sozinha cinco homens que tomaram apenas meia dose de fenweed, mãe?

– Já fiz algo parecido antes. Aprendi a trabalhar sozinha.

– Só porque não tinha ninguém mais para ajudá-la– retrucou William Ann, colocando a mochila no ombro. – Não é mais o caso.

– Você é jovem demais. Volte para cama; cuide da pousada até eu voltar.

William Ann permaneceu firme.

– Criança. Eu lhe disse...

– Mãe, você não é mais uma *jovem*! – retrucou William Ann, pegando o braço dela com firmeza. – Acha que não vejo que está mancando mais? Não pode fazer tudo sozinha! Vai ter de começar a me deixar ajudá-la um pouco, maldição!

Silêncio encarou a filha. De onde vinha aquela ferocidade? Era difícil lembrar que William Ann também era uma Forescout. A avó ficaria desgostosa com ela, e isso deixava Silêncio orgulhosa. William Ann tivera uma infância de verdade. Não era fraca, era apenas... normal. Uma mulher podia ser forte sem ter as emoções de um tijolo.

– Não diga palavras feias para sua mãe – ordenou Silêncio.

William Ann ergueu uma sobrancelha.

– Você pode vir – disse Silêncio, soltando o braço do aperto da filha. – Mas *vai* fazer o que eu mandar.

William Ann expirou longamente, depois anuiu, ansiosa.

– Vou avisar Dob que estamos indo.

Ela saiu, adotando o passo lento natural de um sitiante ao mergulhar na escuridão. Embora estivesse dentro da proteção dos anéis de prata da pousada, ela sabia seguir as Regras Simples. Ignorá-las quando você estava em segurança levava a lapsos quando não estava. Silêncio pegou duas tigelas, depois misturou dois tipos diferentes de pasta de brilho. Quando terminou, colocou-as em potes diferentes, que guardou na mochila.

Saiu para a noite. O ar era seco, frio. As Florestas estavam silenciosas.

As sombras estavam à solta, claro.

Algumas delas se moviam pelo terreno gramado, visíveis pelo próprio brilho suave. Etéreas e translúcidas, aquelas mais próximas no momento eram sombras velhas, mal retinham as formas de homens. As cabeças ondulavam, rostos mudando como anéis de fumaça. Arrastavam atrás delas ondas de brancura do comprimento de um braço. Silêncio sempre imaginara isso como restos esfarrapados de suas roupas.

Nenhuma mulher, nem mesmo uma Forescout, olhava para sombras sem sentir um frio por dentro. As sombras circulavam durante o dia, claro; você apenas não conseguia vê-las. Acenda fogo, derrame sangue e elas se lançarão sobre você. À noite, porém, elas eram diferentes. Reagiam mais

rapidamente a infrações. À noite também reagiam a movimentos rápidos, coisa que nunca faziam durante o dia.

Silêncio tirou um dos potes de pasta de brilho, banhando a área ao redor dela numa luz verde clara. A luz era fraca, mas firme e constante, diferente da luz de archotes. Archotes não eram confiáveis, já que você não podia acendê-los de novo caso apagassem.

William Ann esperava na frente com as varas de lanternas.

– Precisamos nos mover em silêncio. Você pode falar, mas faça isso sussurrando. Eu disse que irá me obedecer. Irá, em todas as coisas, imediatamente. Esses homens que perseguiremos... eles a matarão, ou farão coisa pior, sem pensar duas vezes.

William Ann anuiu.

– Você não está assustada o suficiente – observou Silêncio, colocando uma coberta preta sobre o jarro com a pasta de luz mais brilhante. Isso as mergulhou na escuridão, mas o Cinturão de Estrelas estava alto no céu naquela noite. Um pouco da luz penetraria entre as folhas, especialmente se permanecessem perto da estrada.

– Eu... – começou William Ann.

– Lembra-se de quando o cão de Harold enlouqueceu primavera passada? – perguntou Silêncio. – Lembra da expressão nos olhos do cachorro? Nenhuma identificação? Olhos que ansiavam por matar? Bem, é isso que esses homens são, William Ann. Raivosos. Eles precisam ser abatidos, assim como aquele cachorro. Eles não a verão como uma pessoa. Eles a verão como carne. Você entende?

William Ann concordou. Silêncio podia ver que ainda estava mais animada do que temerosa, mas não havia nada que pudesse fazer. Silêncio deu à filha a vara com a pasta de brilho mais escura. Tinha uma luz levemente azulada, mas não iluminava muito. Silêncio apoiou uma delas em um ombro, mochila no outro, depois apontou com a cabeça para a estrada.

Perto dali, uma sombra vagou até o limite da pousada. Quando tocou a fina barreira de prata no chão, ela estalou com centelhas e empurrou a coisa para trás com um golpe repentino. A sombra flutuou em outra direção.

Cada toque daqueles custava dinheiro a Silêncio. O toque de uma sombra destruía a prata. Era por isso que seus clientes pagavam: uma pousada cujos limites não eram rompidos havia mais de cem anos, com

uma antiga tradição de que sombras indesejáveis não ficavam presas no interior. Paz, de algum tipo. A melhor que as Florestas ofereciam.

William Ann cruzou o limite, que era marcado pela curva dos grandes arcos de prata se projetando do chão. Eles eram ancorados em concreto abaixo, de modo que você não podia arrancar um deles. Substituir um trecho de um dos anéis superpostos – Silêncio tinha três concêntricos cercando sua pousada – demandava cavar e liberar a seção. Era muito trabalho, que Silêncio conhecia a fundo. Não se passava uma semana em que não tivessem de fazer o rodízio ou substituir uma seção ou outra.

A sombra próxima vagou para longe. Ela não as reconheceu. Silêncio não sabia se pessoas comuns eram invisíveis a elas até que as regras fossem violadas, ou se as pessoas não mereciam atenção até esse momento.

Ela e William Ann foram para a estrada escura, que estava um tanto coberta de mato. Nenhuma estrada nas Florestas era bem cuidada. Talvez se os fortes um dia cumprissem suas promessas isso mudasse. Ainda assim, havia trânsito. Sitiantes viajando rumo a um forte ou outro para negociar comida. Os grãos cultivados nas clareiras da Floresta eram melhores e mais saborosos do que aquilo que podia ser produzido nas montanhas. Coelhos e perus capturados em armadilhas, ou criados em cercados, podiam ser vendidos por uma boa prata.

Não porcos. Só alguém em um dos fortes seria tão grosseiro a ponto de comer um porco.

De qualquer forma, *havia* comércio, e isso mantinha a estrada desobstruída, mesmo que as árvores ao redor tivessem uma tendência a projetar galhos para baixo – como braços ansiosos – para tentar cobrir o caminho. Tomá-lo de volta. As Florestas não gostavam que os homens as tivessem infestado.

As duas mulheres caminharam cuidadosa e objetivamente. Nada de movimentos rápidos. Caminhando assim, pareceu se passar uma eternidade antes que algo aparecesse na estrada diante delas.

– Ali! – sussurrou William Ann.

Silêncio liberou a tensão expirando. Algo com um brilho azul marcava a estrada à luz da pasta de brilho. O palpite de Theopolis sobre como ela rastreava suas presas fora bom, mas incompleto. Sim, a luz da pasta conhecida como Fogo de Abraão fazia brilhar gotas de seiva de wetleek. Por coincidência, seiva de wetleek também soltava a bexiga do cavalo.

Silêncio estudou a linha de seiva brilhante e urina no chão. Ela temera que Chesterton e seus homens entrassem nas Florestas logo depois de deixar a pousada. Isso não era provável, mas ainda assim temera.

Naquele momento, ela tinha certeza de que achara a trilha. Se Chesterton entrasse nas Florestas, faria isso algumas horas depois de deixar a pousada, para estar mais certo de que seu disfarce estava em segurança. Fechou os olhos e deu um suspiro de alívio, depois se viu oferecendo mecanicamente uma prece de agradecimento. Hesitou. De onde viera aquilo? Muito tempo tinha se passado.

Balançou a cabeça, levantou e avançou pela estrada. Ao drogar os cinco cavalos, ela conseguia uma sequência regular de marcas para seguir.

As Florestas pareciam... escuras naquela noite. A luz do Cinturão de Estrelas acima aparentemente não passava pelos galhos tão bem quanto deveria. E dava a impressão de haver mais sombras que o normal, espreitando entre os troncos das árvores, brilhando muito levemente.

William Ann agarrou a vara da lanterna. A criança já estivera do lado de fora à noite, claro. Nenhum sitiante ansiava por isso, mas tampouco se fugia disso. Você não podia passar a vida inteira trancado do lado de dentro, paralisado pelo medo da escuridão. Viva assim e... Bem, você não seria melhor do que as pessoas nos fortes. A vida nas Florestas era difícil, muitas vezes mortal. Mas também era livre.

– Mãe – sussurrou Willian Ann enquanto caminhavam. – Por que não acredita mais em Deus?

– Isso é hora para isso, menina?

Wiliam Ann olhou para baixo quando elas passaram por outra linha de urina, um brilho azul na estrada.

– Você sempre diz alguma coisa assim.

– E tento evitar a resposta – retrucou Silêncio. – Quando isso acontece, também não estou caminhando pelas Florestas à noite.

– É que me parece importante agora, só isso. Você está errada sobre eu não estar com medo o suficiente. Eu mal consigo respirar, mas sei que a pousada tem problemas. Você sempre fica com muita raiva depois das visitas do mestre Theopolis. Você não muda nossa prata delimitadora com a frequência de antes. Em dias alternados, só come pão.

– E acha que isso tem a ver com Deus? Por quê?

William Ann continuava olhando para o chão.

“Ah, pelas sombras”, pensou Silêncio. “Ela acha que estamos sendo punidas.” Garota tola. Tola como o pai.

Elas passaram pela Velha Ponte, caminhando sobre as tábuas de madeira instáveis. Quando a luz era mais intensa, você ainda conseguia ver a madeira da Ponte Nova no abismo abaixo, representando as promessas dos fortes e seus presentes, que sempre pareciam belos, mas duravam pouco. O pai de Sebruki fora um dos que tinham ido recolocar a Velha Ponte.

– Eu acredito no Deus Além – falou Silêncio quando chegaram do outro lado.

– Mas...

– Eu não o venero, mas isso não significa que não acredito. Os velhos livros chamavam esta terra de “lar dos condenados”. Duvido que veneração faça algum bem se você já está condenado. Apenas isso.

William Ann não respondeu.

Elas caminharam por mais duas horas. Silêncio pensou em tomar um atalho pela mata, mas o risco de perder a trilha e ter de voltar parecia grande demais. Aquelas marcas, brilhando num azul-esbranquiçado suave à luz invisível da pasta de brilho... Aquilo era algo *real*. Uma boia de luz nas sombras ao redor. Aquelas linhas representavam segurança para ela e suas filhas.

Com as duas contando os momentos entre marcas de urina, não perderam o desvio por muito. Alguns minutos sem ver uma marca e elas retornaram sem uma palavra, examinando as laterais do caminho. Silêncio temera que essa fosse a parte mais difícil da caçada, mas elas descobriram com facilidade onde os homens tinham entrado nas Florestas. Uma marca de casco brilhante deu o sinal; um dos cavalos pisara na urina de outro na estrada antes de entrar nas Florestas.

Silêncio baixou sua mochila e a abriu para pegar o garrote, depois levou um dedo aos lábios e fez um gesto para que William Ann esperasse na estrada. A garota concordou. Silêncio não conseguia ver muito de seus traços na escuridão, mas ouviu a respiração da garota acelerar. Ser uma sitiante e estar acostumada a sair à noite era uma coisa. Ficar sozinha nas Florestas...

Silêncio pegou o pote de pasta de brilho azul e o cobriu com seu lenço. Depois tirou sapatos e meias e mergulhou na noite. Sempre que fazia isso, ela se sentia novamente uma menina, indo para as Florestas com o avô.

Dedos dos pés na terra, sentindo folhas que estalassem ou ramos que partissem e a denunciassem.

Ela quase podia ouvir a voz dele dando instruções, lhe dizendo como avaliar o vento e usar o som de folhas agitadas para disfarçar ao cruzar trechos barulhentos. Ela adorara as Florestas até o dia em que elas o levaram. "Nunca chame esta terra de inferno", ele dissera. "Respeite a terra como respeitaria uma fera perigosa, mas não a odeie."

Sombras deslizaram pelas árvores próximas, quase invisíveis, não havendo nada para iluminá-las. Ela manteve distância, mas mesmo assim se virava e via uma das coisas passar por ela. Tropeçar numa sombra podia matar um homem, mas esse tipo de acidente era incomum. A não ser quando enfurecidas, as sombras se desviavam de homens que chegavam perto demais, como se sopradas por uma brisa suave. Desde que você se movesse lentamente – o que *devia* fazer –, ficaria bem.

Ela mantinha o lenço ao redor do pote, a não ser quando queria especificamente conferir marcas próximas. Pasta de brilho iluminava sombras, e sombras que brilhassem demais poderiam denunciar sua aproximação.

Houve um grunhido próximo. Silêncio ficou paralisada, o coração quase pulando do peito. Sombras não produziam ruído; aquilo havia sido um homem. Tensa, quieta, procurou até conseguir vê-lo, bem escondido no espaço vazio de um tronco. Ele se mexeu, massageando as têmporas. As dores de cabeça causadas pelo veneno de William Ann estavam atacando.

Silêncio se esgueirou por trás da árvore. Agachou e esperou cinco dolorosos minutos até que se movesse. Ele ergueu a mão novamente, raspando nas folhas.

Ela se lançou à frente e passou o garrote ao redor do pescoço, a seguir puxando com força. Estrangulamento não era a melhor forma de matar um homem nas Florestas. Era muito lento.

O guarda começou a se agitar, levando as mãos à garganta. Sombras próximas pararam.

Silêncio puxou com mais força. O guarda, enfraquecido pelo veneno, tentou empurrá-la para trás com as pernas. Ela deslizou para trás, ainda segurando firme, observando aquelas sombras. Olhavam ao redor como animais farejando o ar. Algumas começaram a se apagar, a própria leve luminescência natural murchando, suas formas passando de branco a preto.

Não era um bom sinal. Silêncio sentiu sua pulsação acelerar por dentro. “Morra, maldito!”

O homem parou de se sacudir, os movimentos se tornando mais letárgicos. Depois, tremeu uma última vez e ficou imóvel. Silêncio esperou ali por uma dolorosa eternidade, prendendo a respiração. As sombras próximas ficaram brancas novamente e se afastaram em direções incertas.

Ela soltou o garrote, respirando de alívio. Depois de um tempo para se recompor, deixou o cadáver e se esgueirou de volta até onde William Ann estava. A garota a deixou orgulhosa; tinha se escondido tão bem que Silêncio não a viu até que sussurrou.

– Mãe?

– Sim – respondeu Silêncio.

– Graças a Deus Além – disse William Ann, saindo do buraco onde havia se coberto com folhas. Segurou o braço da mãe, tremendo. – Você os encontrou?

– Matei o vigia – disse Silêncio, anuindo. – Os outros quatro devem estar dormindo. É lá que irei precisar de você.

– Estou pronta.

– Me siga.

Elas pegaram o caminho que Silêncio tomara. Passaram pelo volume do cadáver do vigia, e William Ann o examinou sem demonstrar pena.

– É um deles – sussurrou. – Eu o reconheço.

– Claro que é um deles.

– Eu só queria ter certeza. Já que nós... Você sabe.

Elas encontraram o acampamento não muito depois do posto de guarda. Quatro homens em sacos de dormir adormecidos em meio às sombras como apenas alguém nascido na Floresta tentaria. Tinham colocado um pequeno pote de pasta de brilho no centro do acampamento, dentro de um buraco, para que não brilhasse demais e os denunciasse, mas havia luz suficiente para mostrar os cavalos amarrados a pequena distância do outro lado do acampamento. A luz verde também revelava o rosto de William Ann, e Silêncio ficou chocada de ver na expressão da garota não medo, mas uma raiva intensa. Ela aprendera rapidamente a ser uma irmã mais velha protetora para Sebruki. Ela, afinal, estava pronta para matar.

Silêncio fez um gesto na direção do homem mais à direita, e William Ann concordou. Aquela era a parte perigosa. Com apenas meia dose,

qualquer um daqueles homens ainda podia despertar com o barulho dos companheiros morrendo.

A mãe se curvou sobre o primeiro homem. Ver o rosto adormecido dele causou um arrepio. Uma parte primal dela esperou, tensa, que aqueles olhos se abrissem de repente.

Ergueu três dedos para William Ann depois os baixou um por um. Quando o terceiro dedo desceu, William Ann enfiou o saco na cabeça do homem. Enquanto ele se agitava, Silêncio bateu com força na têmpora com o martelo. O crânio rachou e a cabeça afundou um pouco. O homem se sacudiu uma vez, depois ficou flácido.

Silêncio ergueu os olhos, tensa, observando os outros homens enquanto William Ann apertava o saco. As sombras próximas pararam, mas aquilo não chamou tanto a atenção delas quanto o estrangulamento. Desde que o revestimento de alcatrão do saco impedisse o sangue de vazar, elas estariam seguras. Silêncio acertou a cabeça do homem mais duas vezes, depois verificou a pulsação. Não havia nenhuma.

Elas passaram para o homem seguinte na fila. Era um trabalho brutal, como abater animais. Ajudava pensar naqueles homens como selvagens, como dissera a William Ann mais cedo. Não ajudava pensar no que os homens fizeram a Sebruki. Isso a deixaria com raiva, e ela não podia se permitir sentir raiva. Precisava ser fria, silenciosa e eficiente.

O segundo homem demandou mais algumas batidas na cabeça para ser morto, mas acordou mais lentamente que seu amigo. Fenweed deixava os homens grogues. Era uma droga excelente. Ela só precisava deles sonolentos, meio desorientados. E...

O homem seguinte se sentou no saco de dormir.

– O que... – perguntou numa voz pastosa.

Silêncio saltou sobre ele, agarrando-o pelos ombros e jogando-o no chão. Perto, sombras se viraram pelo barulho alto. Silêncio pegou seu garrote enquanto o homem se erguia na sua direção, tentando empurrá-la de lado, e William Ann engasgou de choque.

Silêncio rolou, envolvendo o pescoço do homem. Puxou com força, lutando enquanto o homem se sacudia, agitando as sombras. Ela quase o matara quando o último homem pulou do saco de dormir. Em seu susto aturdido, ele escolheu fugir.

Pelas sombras! O último era o próprio Chesterton. Se atraísse as sombras para si...

Silêncio deixou o homem engasgado e abandonou a cautela, correndo atrás de Chesterton. Se as sombras o reduzissem a pó ela não teria *nada*. Não ter um cadáver para entregar significava nada de recompensa.

As sombras ao redor do acampamento sumiram de vista enquanto Silêncio alcançava Chesterton, pegando-o no perímetro do acampamento, junto aos cavalos. Ela o derrubou pelas pernas, jogando no chão o homem grogue.

– Sua piranha – insultou ele em voz pastosa, a chutando. – Você é a estalajadeira. Você me envenenou, sua *piranha*!

Nas Florestas, as sombras se tornaram pretas. Olhos verdes irromperam em luz. Os olhos verdes seguiram a luz enevoada. Silêncio bateu no braço dele para afastá-lo enquanto Chesterton lutava.

– Eu pagarei o que devo – defendeu-se ele, tentando agarrá-la. – Pagarei.

Silêncio bateu com o martelo no braço dele, depois o baixou sobre seu rosto com um ruído de esmagamento. Arrancou o suéter enquanto ele gemia e se sacudia, conseguindo de algum jeito enrolá-lo na cabeça dele com o martelo.

– William Ann! – berrou ela. – Preciso de um saco. Um saco, garota. Dê...

William Ann se ajoelhou ao lado dela, colocando um saco sobre a cabeça de Chesterton enquanto o sangue encharcava o suéter. Silêncio esticou a mão agitada para o lado e pegou uma pedra, com a qual esmagou a cabeça dentro do saco. O suéter conteve os berros de Chesterton, mas também conteve a pedra. Ela teve de bater mais de uma vez.

Ele ficou imóvel. William Ann apertou o saco sobre o pescoço para impedir que o sangue escorresse, a respiração acelerada.

– Ah, Deus Além. Ah, *Deus*...

Silêncio ousou erguer os olhos. Dezenas de olhos verdes pairavam na floresta, brilhando como pequenos fogos na escuridão. William Ann apertou os olhos e sussurrou uma oração, lágrimas correndo pelas faces.

Silêncio foi para o lado dela e sacou a adaga de prata. Recordou de outra noite, outro mar de olhos verdes brilhantes. A última noite de sua avó. “Corra, menina! CORRA!”

Naquela noite, correr era uma opção. Elas estavam perto da segurança. Mesmo assim, a avó não conseguira. Poderia ter conseguido, mas não conseguiu.

Aquela noite aterrorizou Silêncio. O que a avó tinha feito. O que Silêncio tinha feito... Bem, esta noite ela só tinha uma esperança. Correr não as salvaria. A segurança estava longe demais.

Devagar, afortunadamente, os olhos começaram a se apagar. Silêncio se sentou e deixou a faca de prata escorregar de seus dedos para o chão.

William Ann abriu os olhos.

– Ah, Deus Além! – falou, enquanto as sombras sumiam de vista. – Um milagre.

– Milagre, não – disse Silêncio. – Apenas sorte. Nós o matamos a tempo. Mais um segundo e elas teriam ficado furiosas.

William Ann passara os braços ao redor do corpo.

– Ah, pelas sombras. Ah, pelas sombras. Pensei que estávamos mortas. Ah, pelas sombras.

De repente, Silêncio se lembrou de algo. O terceiro homem. Ela não terminara de estrangulá-lo antes de Chesterton correr. Levantou desajeitada, se virando.

Ele estava caído lá, imóvel.

– Eu acabei com ele – contou William Ann. – Tive de estrangulá-lo com minhas mãos. Minhas mãos...

Silêncio olhou para ela.

– Você agiu bem, menina. Provavelmente salvou nossas vidas. Se não estivesse aqui, eu nunca teria matado Chesterton sem enfurecer as sombras.

A menina continuava olhando para a mata, observando as sombras serenas.

– O que seria preciso? Para você ver um milagre em vez de uma coincidência?

– Seria preciso um milagre, obviamente – respondeu Silêncio. – Em vez de apenas uma coincidência. Vamos lá. Vamos colocar um segundo saco nesses sujeitos.

William Ann se juntou a ela, letárgica, enquanto ajudava a colocar sacos nas cabeças dos bandidos. Dois sacos cada, só por garantia. O sangue era o mais perigoso. Correr atraía sombras, mas lentamente. O fogo as enfurecia imediatamente, mas também as cegava e confundia.

Sangue, porém... Sangue derramado com raiva, exposto ao ar livre... Uma só gota podia fazer com que as sombras os matassem, e depois tudo mais pela frente.

Silêncio tentou ouvir batidas de coração em cada homem, só por garantia, mas eles estavam mortos. Elas selaram os cavalos, colocaram os corpos, incluindo o do vigia, nas selas, e os amarraram. Também pegaram os sacos de dormir e outros equipamentos. Com sorte, os homens teriam alguma prata. As leis da recompensa permitiam que Silêncio ficasse com o que encontrasse, desde que não houvesse referência específica a algo roubado. Naquele caso, os fortes só queriam Chesterton morto. Basicamente todo mundo queria.

Silêncio apertou uma corda, depois parou.

– Mãe! – disse William Ann, notando a mesma coisa. Folhas sendo agitadas nas Florestas. Elas tinham descoberto seu pote de pasta de brilho verde para somá-lo ao dos bandidos, então o pequeno acampamento estava bem iluminado enquanto um bando de oito homens e mulheres a cavalo cruzava as Florestas.

Eles eram dos fortes. As roupas bonitas, o modo como continuavam a olhar para as sombras nas Florestas. Certamente pessoas da cidade. Silêncio se adiantou, desejando ter seu martelo para parecer pelo menos um pouco ameaçadora. Aquilo ainda estava amarrado dentro do saco ao redor da cabeça de Chesterton. Haveria sangue nele, então não poderia tirá-lo até que secasse ou ela estivesse em um lugar muito, *muito* seguro.

– Ora, vejam isto – disse o homem à frente dos recém-chegados. – Não pude acreditar no que Tobias me disse quando voltou da missão de batedor, mas parece ser verdade. Todos os cinco homens da gangue de Chesterton, mortos por uma dupla de sitiantes da Floresta?

– Quem são vocês? – perguntou Silêncio.

– Red Young – se apresentou o homem, fazendo um gesto com o chapéu. – Estou rastreando esse bando há quatro meses. Não tenho como lhe agradecer o bastante por cuidar deles para mim.

Ele acenou para alguns membros do grupo, que desmontaram.

– Mãe! – sibilou William Ann.

Silêncio estudou os olhos de Red. Estava armado com um porrete, e uma das mulheres atrás dele tinha uma das novas bestas com pontas cegas. Elas disparavam rápido e acertavam com força, mas não derramavam sangue.

– Afaste-se dos cavalos, menina – mandou Silêncio.

– Mas...

– Afaste-se – repetiu Silêncio, largando a corda do cavalo que conduzia. Três pessoas do forte recolheram as cordas, um dos homens lançando um olhar sobre William Ann.

– Você é inteligente – falou Red, se inclinando e estudando Silêncio. Uma de suas mulheres passou, conduzindo o cavalo de Chesterton com o cadáver do homem jogado sobre a sela.

Silêncio se adiantou, pousando a mão na sela de Chesterton. A mulher que o conduzia parou, depois olhou para o chefe. Silêncio tirou a faca da bainha.

– Você vai nos dar alguma coisa – negociou Silêncio a Red, a mão da faca escondida. – Depois do que fizemos. Um quarto, e não dizemos nada.

– Claro – retrucou ele, inclinando o chapéu na sua direção. Tinha um sorriso falso, como numa pintura. – Será um quarto.

Silêncio concordou. Ela colocou a faca sobre uma das cordas finas que prendiam Chesterton à sela. Isso produziu um belo corte à medida que a mulher levava o cavalo para longe. Silêncio recuou, pousando a mão no ombro de William Ann ao mesmo tempo que recolocava a faca na bainha disfarçadamente.

Red inclinou o chapéu na direção dela novamente. Em instantes os caçadores de recompensas tinham partido pelas árvores na direção da estrada.

– Um quarto? – sibilou William Ann. – Acha que ele irá pagar isso?

– Dificilmente – respondeu Silêncio, pegando sua mochila. – Temos sorte de ele não ter nos matado. Venha.

Ela entrou nas Florestas. William Ann caminhou com ela, ambas se movendo com os passos cuidadosos que as Florestas exigiam.

– Acho que é hora de você retornar à pousada, William Ann.

– E o que você vai fazer?

– Recuperar nossa recompensa – respondeu. Ela era uma Forescout, maldição. Nenhum homem do forte afetado iria roubar dela.

– Quer dizer interceptá-los no trecho branco, presumo. Mas o que irá fazer? Não podemos lutar contra tantos, mãe.

– Vou descobrir um jeito.

Aquele cadáver significava liberdade – *vida* – para suas filhas. Ela não iria deixar aquilo escapar, como fumaça por entre os dedos. Elas entraram na escuridão, passando por sombras que, pouco tempo antes, estavam

quase prontas para ressecá-las. Naquele momento, os espíritos foram embora, ignorando a carne que passava por eles.

"Pense, Silêncio. Há alguma coisa muito errada aqui." Como aqueles homens tinham encontrado o acampamento? A luz? Teriam ouvido ela e William Ann conversando? Eles alegaram estar caçando Chesterton havia meses. Não deveria ter ouvido falar deles antes daquele momento? Aqueles homens e mulheres pareciam limpos demais, novos demais para ter passado meses nas Florestas rastreando assassinos.

Isso a levou a uma conclusão que não queria admitir. Alguém sabia que ela estava caçando uma recompensa naquele dia, e vira como planejava rastrear Chesterton. Um homem tinha motivo para que aquela recompensa fosse roubada dela.

"Theopolis, eu espero estar errada", ela pensou. "Porque se você estiver por trás disto..."

Silêncio e William Ann avançaram pelas entranhas da Floresta, um lugar onde a faminta cobertura vegetal acima absorvia toda a luz, deixando nu o solo abaixo. Eles permaneceriam nas estradas, essa era a vantagem dela. As Florestas não eram amigas de um sitiante, não mais que uma fenda conhecida era uma queda menos perigosa.

Mas Silêncio era uma veterana naquele abismo. Sabia cavalgar seus ventos melhor que qualquer morador do forte. Talvez fosse hora de produzir uma tempestade.

O que os sitiantes chamavam de "trecho branco" era uma parte da estrada margeada por campos de cogumelos. Demorava cerca de uma hora pelas Florestas para alcançar o trecho, e quando chegou Silêncio estava sentindo o preço de uma noite sem sono. Ignorou a fadiga ao cruzar o campo de cogumelos, erguendo seu pote de luz verde e lançando um brilho fraco sobre árvores e tocas na terra.

A estrada fazia uma curva nas florestas, depois prosseguia naquela direção. Se os homens estavam indo para Lastport ou algum dos outros fortes próximos, iriam naquela direção.

– Você segue em frente – disse Silêncio a William Ann. – É só mais uma hora de caminhada de volta até a pousada. Veja como as coisas estão lá.

– Eu não vou deixá-la, mãe.

– Você prometeu obedecer. Quebraria sua palavra?

– E você prometeu me deixar ajudar. Quebraria a sua?

– Não preciso de você para isso. E será perigoso.

– O que vai fazer?

Silêncio parou ao lado da estrada e se ajoelhou, revirando a mochila. Tirou o pequeno barril de pólvora. William Ann ficou branca como os cogumelos.

– Mãe!

Silêncio desamarrou o acendedor da avó. Ela não tinha certeza se ainda funcionava. Nunca ousara apertar os dois braços metálicos, que pareciam pinças. Se apertasse, as pontas raspariam uma na outra, produzindo fagulhas, e uma mola na articulação as mantinha afastadas.

Silêncio ergueu os olhos para a filha, depois segurou o acendedor ao lado da cabeça. William Ann recuou, depois olhou para os lados, na direção de sombras próximas.

– As coisas estão tão ruins assim? – perguntou a garota num sussurro. – Quero dizer, para nós?

Silêncio anuiu.

– Então, tudo bem.

Garota tola. Bem, Silêncio não a mandaria embora. A verdade era que provavelmente *iria* precisar de ajuda. Ela pretendia pegar aquele cadáver. Corpos são pesados, e de modo algum conseguiria cortar o cadáver e levar apenas a cabeça, não nas Florestas, com sombras ao redor.

Enfiou a mão na mochila, tirando o material de primeiros socorros. O material estava amarrado entre duas pequenas placas, que podiam ser usadas como talas. Não foi difícil amarrar as duas placas dos dois lados do acendedor. Usou a colher de pedreiro para cavar um pequeno buraco na terra macia da estrada, mais ou menos do tamanho do barril de pólvora.

Depois abriu a tampa do barril e o enfiou no buraco. Encharcou seu lenço no óleo da lamparina, enfiou uma ponta no barril, em seguida colocou as placas do acendedor na estrada com a ponta do lenço junto às cabeças que produziam faíscas. Após cobrir o artefato com folhas, ela tinha uma armadilha rudimentar. Se alguém pisasse na placa de cima, isso iria apertar a haste e produzir faíscas para acender o lenço. Com sorte.

Ela não podia acender o fogo ela mesma. As sombras se lançariam primeiro sobre aquele que o atiçou.

– O que acontece se eles não pisarem naquilo? – perguntou William Ann.

– Então nós o transferimos para outro ponto da estrada e tentamos novamente – respondeu Silêncio.

– Você sabe que isso irá derramar sangue.

Silêncio não respondeu. Se a armadilha fosse detonada por uma pisada, as sombras não veriam Silêncio como a responsável. Iriam se lançar sobre aquele que detonou a armadilha. Mas, se sangue fosse derramado, elas ficariam enfurecidas. E então não faria diferença quem havia causado aquilo. Todos estariam em perigo.

– Ainda nos restam horas de escuridão – disse Silêncio. – Cubra sua pasta de brilho.

William Ann concordou, cobrindo seu pote. Silêncio inspecionou sua armadilha de novo, depois pegou William Ann pelo ombro e a puxou para a lateral da estrada. A vegetação rasteira era mais densa ali, já que a estrada tendia a seguir por aberturas na cobertura vegetal. Os homens buscavam lugares nas Florestas onde pudessem ver o céu.

Os homens chegaram. Silenciosos, cada um iluminado por um pote de pasta de brilho. As pessoas do forte não falavam à noite. Passaram pela armadilha, que Silêncio colocara no trecho mais estreito da estrada. Ela prendeu a respiração, observando a passagem dos cavalos, cada passo errando a protuberância que marcava a placa. William Ann cobriu os ouvidos, se encolhendo.

Um casco acertou a armadilha. Nada aconteceu. Silêncio soltou o ar, aborrecida. O que ela faria se o acendedor estivesse quebrado? Será que poderia descobrir outro modo de...

A explosão a atingiu, a onda de choque sacudindo seu corpo. Sombras desapareceram num piscar de olhos, olhos verdes de abrindo. Cavalos empinaram e relincharam, homens gritando.

Silêncio superou sua estupefação, agarrando William Ann pelo ombro e a tirando do esconderijo. Sua armadilha funcionara melhor do que ela imaginara; o trapo incendiado permitira que o cavalo que detonara a armadilha desse alguns passos antes da explosão. Nenhum sangue, apenas muitos cavalos surpresos e homens confusos. O pequeno barril de pólvora não fizera tanto estrago quanto previra – as histórias sobre o que a pólvora podia fazer muitas vezes eram tão fantasiosas quanto as sobre a Terra Natal –, mas o som fora incrível.

Os ouvidos de Silêncio zumbiam enquanto ela passava em meio aos homens confusos, encontrando o que esperara ver. O cadáver de Chesterton

estava caído no chão, derrubado da sela por um cavalo empinado e uma corda enfraquecida. Pegou o cadáver pelos braços, e William Ann segurou as pernas. Elas se moveram de lado para dentro das Florestas.

– Idiotas! – berrou Red em meio à confusão. – Detenham-na! É...

Ele se interrompeu quando sombras tomaram a estrada, se lançando sobre os homens. Red havia conseguido manter o cavalo sob controle, mas naquele momento precisava afastá-lo das sombras. Enfurecidas, elas tinham se tornado pretas, embora a explosão de luz e fogo as tivesse deixado tontas. Elas circularam, como mariposas ao redor de uma chama. Olhos verdes. Uma pequena bênção. Se ficassem vermelhos...

Um caçador de recompensas, de pé na estrada, girando, foi atingido. Suas costas se curvaram, ramificações de veias pretas cruzando sua pele. Ele caiu de joelhos, gritando enquanto a carne de seu rosto se encolhia sobre o crânio.

Silêncio deu as costas. William Ann olhou para o homem caído com uma expressão horrorizada.

– Devagar, menina – orientou Silêncio, com o que esperava ser uma voz reconfortante. Ela mesma mal se sentia reconfortada. – Com cuidado. Podemos nos afastar delas. William Ann. Olhe para mim.

A garota se virou para olhar para ela.

– Fique olhando nos meus olhos. Mova-se. Isso mesmo. Lembre-se, as sombras irão para a fonte do fogo. Elas estão confusas, chocadas. Não conseguem sentir cheiro de fogo como conseguem sentir de sangue e irão procurar as fontes mais próximas de movimento rápido. Devagar, serenamente. Deixe que os homens agitados as distraiam.

As duas entraram nas Florestas com uma objetividade excruciante. Diante de tanto caos, de tanto perigo, o ritmo delas parecia um arrasto. Red organizou a resistência. Sombras enlouquecidas pelo fogo podiam ser combatidas, destruídas, com prata. Muitas mais viriam. Mas se os homens fossem inteligentes e tivessem sorte, conseguiriam destruir as mais próximas e depois se afastar da fonte do fogo. Eles podiam se esconder, sobreviver. Talvez.

A não ser que um deles acidentalmente derramasse sangue.

Silêncio e William Ann cruzaram o campo de cogumelos que brilhavam como crânios de ratos e se partiam silenciosamente sob seus pés. A sorte não estava com elas, pois à medida que as sombras saíam da

desorientação causada pela explosão, duas delas na periferia se viraram e atacaram as mulheres em fuga.

William Ann engasgou. Silêncio pousou os ombros de Chesterton, depois sacou a faca.

– Continue em frente – sussurrou ela. – Tire-o daqui. Lentamente, menina. *Lentamente*.

– Não vou deixar você!

– Eu alcanço você – disse Silêncio. – Você não está pronta para isto.

Ela não olhou para ver se William Ann obedeceu, pois as sombras – figuras retintas disparando pelo solo de bolas brancas – estavam sobre ela. Força não fazia sentido contra sombras. Elas não tinham substância real. Apenas duas coisas importavam: mover-se e não ficar assustada.

Sombras *eram* perigosas, mas desde que você tivesse prata, podia lutar. Muitos homens morreram por correr, atraindo ainda mais sombras, em vez de manter posição.

Silêncio atacou as sombras assim que chegaram a ela. "Você quer levar minha filha para o inferno?", pensou, rosnando. "Deveria ter tentado a sorte com os homens da cidade em vez dela."

Passou a faca pela primeira sombra, como a avó ensinara. "Nunca se encolha e mostre covardia diante de sombras. Você tem sangue Forescout. Você reivindicou as Florestas. Você é uma criatura delas tanto quanto qualquer outro. Assim como eu..."

A faca passou pela sombra com uma leve sensação de contato, criando uma chuva de centelhas brancas brilhantes que jorrou da sombra. A sombra recuou, suas veias pretas se enrolando umas nas outras.

Silêncio atacou a outra. O céu escuro só permitia que visse os olhos da coisa, um verde horrendo, chegando até ela. Ela se lançou à frente.

Suas mãos espectrais estavam sobre ela, o frio gelado de seus dedos agarrando o braço abaixo do cotovelo. Ela podia sentir. Dedos de sombras tinham substância, eles podiam agarrar você, segurá-lo. Apenas a prata os afastava. Apenas com prata você podia lutar.

Enfiou mais o braço. Fagulhas dispararam das costas dela, se espalhando como água de lavagem sendo jogada de um balde. Silêncio engasgou com a horrenda dor gelada. Sua faca escorregou de dedos que já não conseguiam sentir. Tombou para frente, caindo de joelhos enquanto a segunda sombra caía para trás, depois começando a girar numa espiral

enlouquecida. A primeira sacudia no chão como um peixe moribundo, tentando se levantar, mas sua metade superior tombou.

O frio em seu braço era *cortante*. Ela olhou para o braço ferido, vendo a pele de sua mão secar, colando no osso.

Ela ouviu choro.

"Você fica aqui, Silêncio." A voz da avó. Lembranças da primeira vez em que matara uma sombra. "Faça como eu digo. Nada de lágrimas! Forescouts não choram. Forescouts NÃO CHORAM."

Ela aprendera a odiá-la naquele dia. Dez anos de idade, com sua pequena faca, tremendo e chorando na noite, depois que a avó a trancara com uma sombra perdida em um anel de poeira de prata.

A avó correra ao redor do perímetro, a encorajando com movimentos. Enquanto Silêncio estava presa lá. Com a morte.

"A única forma de aprender é fazendo, Silêncio. E irá aprender, de um modo ou de outro!"

– Mãe! – disse William Ann.

Silêncio piscou, saindo das lembranças enquanto a filha jogava poeira de prata no braço exposto. O ressecamento parou enquanto William Ann, engasgando com lágrimas grossas, derramava toda a bolsa de prata de emergência sobre a mão. O metal reverteu o ressecamento, e a pele ficou rosada novamente, a escuridão se dissolvendo em fagulhas brancas.

"Demais", pensou Silêncio. Na pressa, William Ann usara toda a poeira de prata, muito mais do que um ferimento precisava. Era difícil ficar com raiva, pois o tato retornou à sua mão e o frio gelado sumiu.

– Mãe? – perguntou William Ann. – Eu a deixei, como você disse. Mas ele era tão pesado que não consegui ir longe. Voltei para você. Desculpe. Eu voltei para você!

– Obrigada – disse Silêncio, respirando. – Você fez bem.

Ela esticou a mão e segurou a filha pelo ombro, depois usou a mão antes ressecada para procurar na grama a faca da avó. Quando a encontrou, a lâmina estava escurecida em diversos pontos, mas ainda boa.

Na estrada, os homens da cidade haviam formado um círculo e detinham as sombras com lanças de ponta de prata. Os cavalos fugiram ou foram consumidos. Silêncio procurou no chão e encontrou um pequeno punhado de pó de prata. O resto havia sido consumido na cura. Demais.

"Não adianta se preocupar com isso agora", pensou ela, enfiando o punhado de pó no bolso.

– Venha – disse, se colocando de pé. – Lamento nunca tê-la ensinado a lutar contra elas.

– Sim, você ensinou – disse William Ann, limpando as lágrimas. – Você me contou tudo sobre isso.

Contei. Nunca mostrei. “Pelas sombras, vovó. Sei que a desapontei, mas não farei isso com ela. Não posso. Mas sou uma mãe boa. Eu irei protegê-las.”

As duas saíram dos cogumelos, pegando novamente seu prêmio medonho e avançando pelas Florestas. Passaram por mais sombras escuras flutuando na direção da luta. Todas aquelas faíscas iriam atraí-las. Os homens da cidade estavam mortos. Atenção demais, luta demais. Eles estariam com mil sombras sobre eles antes que se passasse uma hora.

Silêncio e William Ann se moviam lentamente. Embora o frio tivesse se retirado da mão de Silêncio, havia um persistente... Algo. Um tremor fundo. Um membro tocado pelas sombras não parecia bem por meses.

Isso era muito melhor do que poderia ter sido. Sem o raciocínio rápido de William Ann, Silêncio teria se tornado uma aleijada. Assim que o ressecamento se instalava – isso demorava algum tempo, embora variasse –, era irreversível.

Algo fez ruído na mata. Silêncio ficou paralisada, fazendo com que William Ann parasse e olhasse ao redor.

– Mãe? – sussurrou William Ann.

Silêncio franziu o cenho. A noite estava muito escura, e elas foram forçadas a abandonar suas luzes. “Há alguma coisa ali”, pensou, tentando penetrar a escuridão com os olhos. “O que é você? Deus Além, proteja-as caso a luta tenha atraído um dos Mais Profundos.”

O som não se repetiu. Relutantemente, Silêncio avançou. Elas caminharam uma boa hora, e na escuridão Silêncio não se dera conta de que havia se aproximado novamente da estrada até se depararem com ela.

Ela expirou, colocando seu fardo no chão e torcendo os braços cansados nas articulações. Um pouco de luz do Cinturão de Estrelas chegava até elas, iluminando algo como um grande maxilar à esquerda. A Antiga Ponte. Estavam quase em casa. As sombras ali não estavam sequer agitadas; elas circulavam com seus movimentos preguiçosos de borboleta.

Os braços dela doíam muito. Aquele corpo parecia estar ficando mais pesado a cada momento. Os homens não se davam conta de quão pesado

era um cadáver. Silêncio se sentou. Elas iriam descansar um pouco antes de continuar.

– William Ann, ainda tem alguma água em seu cantil?

William Ann gemeu.

Silêncio se assustou e levantou. A filha estava de pé ao lado da ponte e havia algo escuro atrás dela. Um brilho verde de repente iluminou a noite quando a figura tirou um pequeno frasco de pasta de brilho. Com aquela luz doentia, Silêncio pôde ver que a figura era Red.

Segurava um punhal sobre o pescoço de William Ann. O homem da cidade não saíra bem da luta. Um olho era de um branco leitoso, metade do rosto estava escurecida, os lábios recuavam dos dentes. Uma sombra o acertara no rosto. Ele tinha sorte de estar vivo.

– Imaginei que você voltaria por este caminho – falou ele, as palavras saindo arrastadas por seus lábios ressecados. Saliva escorria do seu queixo. – Prata. Me dê sua prata.

A faca dele... Era de aço comum.

– *Agora!* – rugiu ele, aproximando mais a faca do pescoço de William Ann. Se a beliscasse, as sombras estariam sobre eles num átimo.

– Eu só tenho a faca – mentiu Silêncio, tirando-a e jogando no chão diante dele. – É tarde demais para seu rosto, Red. Esse ressecamento já se instalou.

– Não ligo. Agora o corpo. Afaste-se dele, mulher. Fora!

Silêncio se colocou de lado. Será que conseguiria chegar a ele antes que matasse William Ann? Ele teria de pegar aquela faca. Se ela pulasse no mesmo momento...

– Você matou meus homens – rosnou Red. – Eles estão mortos, todos eles. Deus, se eu não tivesse rolado para dentro do buraco... Eu tive de *escutar* aquilo. Escutar enquanto eles eram massacrados!

– Você foi o único inteligente. Não teria conseguido salvá-los, Red.

– Piranha! Você os matou.

– Eles se mataram – sussurrou ela. – Você vem às minhas Florestas, pegar o que é meu? Era seus homens ou minhas filhas, Red.

– Bem, se quer que sua filha sobreviva a isso, vai ficar imóvel. Garota, pegue aquela faca.

Choramingando, William Ann se ajoelhou. Red a imitou, ficando logo atrás, observando Silêncio, segurando a faca com firmeza. William Ann pegou a faca com mãos trêmulas.

Red tirou a faca de prata das mãos de William Ann, depois a segurou com uma das mãos, a faca comum na outra, junto ao pescoço.

– Agora a garota vai carregar o cadáver, e você vai esperar bem aqui. Não quero você chegando perto.

– Claro – disse Silêncio, já planejando.

Ela não podia atacar naquele instante. Ele estava cauteloso demais. Ela seguiria pelas Florestas, ao lado da estrada, e esperaria um momento de fraqueza. Então atacaria.

Red cuspiu para o lado.

Então, uma seta almofadada de besta voou pela noite e o atingiu no ombro, desequilibrando-o. A lâmina deslizou pelo pescoço de William Ann, e uma gota de sangue escorreu. Os olhos da garota se arregalaram de terror, embora fosse pouco mais que um arranhão. O risco à sua garganta não era importante. O sangue era.

Red cambaleou para trás, engasgando, mão no ombro. Algumas gotas de sangue brilhavam em sua faca. As sombras nas Florestas ao redor deles ficaram pretas. Olhos verdes reluzentes se iluminaram, depois ganharam um tom carmim.

Olhos vermelhos na noite. Sangue no ar.

– Ah, inferno! – berrou Red. – Ah, *inferno*.

Olhos vermelhos enxamearam ao redor dele.

Não houve hesitação, nenhuma confusão. Eles foram diretamente sobre aquele que derramara sangue.

Silêncio estendeu a mão na direção da William Ann enquanto as sombras se lançavam. Red agarrou a garota e a jogou sobre uma sombra, tentando detê-la. Ele deu meia-volta e disparou na outra direção.

William Ann passou pela sombra, o rosto ressecando, a pele recuando no queixo e ao redor dos olhos. Tropeçou pela sombra e caiu nos braços de Silêncio.

Silêncio sentiu um imediato pânico esmagador.

– Não! Criança, não. Não. *Não*...

William Ann moveu a boca, fazendo um som de engasgo, os lábios recuando sobre os dentes, olhos arregalados enquanto a pele recuava e as pálpebras ressecavam.

“Prata. Eu preciso de prata. Eu posso salvá-la.” Silêncio jogou a cabeça para cima, agarrando William Ann. Red correu pela estrada, brandindo a

adaga de prata, espalhando luz e faíscas. Sombras o cercavam. Centenas, como corvos sobre um criadouro.

Não assim. As sombras logo acabariam com ele, e procurariam carne – qualquer carne. William Ann ainda tinha sangue no pescoço. Elas se lançariam sobre ela depois. Mesmo assim, a garota estava ressecando rapidamente.

A adaga não seria suficiente para salvar William Ann. Silêncio precisava de pó, pó de prata para empurrar pela garganta da filha. Silêncio enfiou a mão no bolso, pegando o pequeno punhado de prata lá.

Muito pouco. Ela *sabia* que seria muito pouco. O treinamento da avó acalmou sua mente, e tudo ficou imediatamente claro.

A pousada estava perto. Ela tinha mais prata lá.

– Mã-mãe...

Silêncio tomou William Ann nos braços. Leve demais, a pele secando. Depois se virou e correu, atravessando a ponte à toda.

Seus braços doíam, enfraquecidos por ter carregado o cadáver até lá. O cadáver... Ela não podia perdê-lo.

Não. Ela não podia pensar naquilo. As sombras ficariam com ele, como carne suficientemente quente, logo após Red ter partido. Não haveria recompensa. Ela tinha de se concentrar em William Ann.

As lágrimas de Silêncio eram frias no rosto enquanto ela corria, o vento soprando. A filha estremecia e tremia em seus braços, tendo espasmos enquanto morria. Ela iria se tornar uma sombra se morresse assim.

– Não vou perder você! – falou Silêncio na noite. – Por favor. Eu não vou perder você...

Atrás dela, Red soltou um longo berro de agonia que morreu de repente enquanto as sombras se banqueteavam. Perto dela, outras sombras se detiveram, olhos ficando vermelhos.

Sangue no ar. Olhos carmim.

– Eu odeio você – sussurrou Silêncio no ar enquanto corria. Cada passo era uma agonia. Ela *estava* ficando velha. – Eu odeio você! O que fez comigo. O que fez conosco.

Ela não sabia se estava falando com a avó ou com o Deus Além. Com grande frequência eles eram um só em sua cabeça. Será que já tinha se dado conta disso antes?

Galhos batiam nela enquanto avançava. Seria aquela luz à frente? A pousada?

Centenas e mais centenas de olhos vermelhos se abriam à sua frente. Ela caiu no chão, exausta, William Ann como um pesado fardo de galhos em seus braços. A garota tremia, os olhos rolando para trás em sua cabeça.

Silêncio pegou a pouca poeira de prata que tinha recuperado mais cedo. Ansiava por jogá-la em William Ann, reduzir um pouco a dor, mas sabia que era um desperdício. Baixou os olhos, chorando, depois pegou o bocado e fez um pequeno círculo ao redor das duas. O que mais podia fazer?

William Ann sacudia em uma convulsão, enquanto inspirava roucamente e agarrava os braços de Silêncio. As sombras chegaram às dúzias, se juntando ao redor das duas, farejando o sangue. A carne.

Silêncio puxou a filha para perto. Deveria ter tentado pegar a faca; isso não iria curar William Ann, mas ela pelo menos poderia ter lutado com aquilo.

Sem aquilo, sem nada, ela fracassara. A avó sempre estivera certa.

– Calma agora, minha querida... – sussurrou Silêncio, apertando os olhos com força. – Não tenha medo.

Sombras tocaram sua frágil barreira, lançando faíscas, fazendo Silêncio abrir os olhos. Elas recuaram, então outras vieram, se chocando contra a prata, os olhos vermelhos iluminando formas pretas que se contorciam.

– A noite cai sobre nós – sussurrou Silêncio, engasgando com as palavras. – Mas a luz do sol vai nascer.

William Ann arqueou as costas, depois ficou imóvel.

– Durma agora... Minha... minha querida... Enxugue as lágrimas. A escuridão nos cerca, mas um dia... Iremos acordar. – "Não deveria ter deixado que ela viesse."

Se não tivesse, Chesterton teria escapado, e ela teria sido morta pelas sombras. William Ann e Sebruki teriam se tornado escravas de Theopolis, ou pior.

Nenhuma escolha. Nenhuma saída.

– Por que nos mandou aqui? – gritou ela, olhando para além de centenas de olhos vermelhos brilhantes. – Qual o sentido?

Não houve resposta. Nunca havia resposta.

Sim, aquilo *era* luz à frente; ela podia ver através dos galhos de árvore baixos à sua frente. Ela só estava a alguns metros da pousada. Ela iria morrer, como a avó morrera, a passos de sua casa.

Ela piscou, embalando William Ann à medida que a fina barreira de prata falhava.

Aquilo... Aquele galho logo à sua frente. Tinha uma forma muito esquisita. Comprido, fino, sem folhas. Não parecia em nada com um galho. Em vez disso, como...

Como uma seta de besta.

Ela ficou cravada na árvore após ter sido disparada da pousada mais cedo naquele dia. Ela se lembrava de olhar para aquela seta mais cedo, para sua ponta reflexiva.

Prata.

Silêncio Montane passou pela porta dos fundos da pousada carregando atrás um corpo ressecado. Chegou à cozinha, mal conseguindo caminhar, e largou a seta de ponta de prata com uma mão ressecada.

Sua pele continuava a recuar, seu corpo enrugando. Ela não tinha conseguido evitar o ressecamento, não ao lutar contra tantas sombras. A seta da besta abrira caminho, permitindo que avançasse numa última investida frenética.

Mal conseguia ver. Lágrimas escorriam de olhos nublados. Mesmo com as lágrimas, seus olhos pareciam secos como se tivessem passado uma hora arregalados ao vento. Suas pálpebras se recusavam a piscar, e ela mal conseguia mover os lábios.

Ela tinha... Pó. Não tinha?

Pensamento. Mente. O quê?

Ela se moveu sem pensar. Pote no parapeito da janela. Para o caso de um círculo quebrado. Ela soltou a tampa com dedos que pareciam palitos. Vê-los horrorizou uma parte distante de sua mente.

"Morrendo. Eu estou morrendo."

Ela afundou o pote de pó de prata na cisterna e o tirou, depois cambaleou até William Ann. Caiu de joelhos ao lado da garota, derramando muito da água. O resto ela jogou no rosto da filha com um braço trêmulo.

"Por favor. Por favor."

Escuridão.

– Fomos mandados aqui para sermos fortes – explicou a avó, de pé na beirada do penhasco debruçado sobre as águas. Seu cabelo branco voava ao vento, retorcendo, como os fiapos de uma sombra.

Ela se virou de volta para Silêncio, e seu rosto envelhecido estava coberto de gotas d'água das ondas quebrando abaixo.

– O Deus Além nos mandou. Isso é parte do plano.

– É muito fácil para você dizer isso, não é? – devolveu Silêncio. – Você consegue encaixar qualquer coisa nesse *plano* nebuloso. Até mesmo a destruição do próprio mundo.

– Não vou ouvir suas blasfêmias, criança – disse ela, uma voz como botas pisando em cascalho. Caminhou na direção de Silêncio. – Você pode vociferar contra o Deus Além, mas isso não mudará nada. William era um tolo e um idiota. Você está melhor. *Nós somos Forescouts*. *Nós sobrevivemos*. Seremos nós a derrotar o Mal, um dia.

Ela passou por Silêncio.

Silêncio nunca vira um sorriso na avó. Não desde a morte do marido. Sorrir era desperdício de energia. E amor... Amor era para as pessoas na Terra Natal. As pessoas que não tinham sucumbido ao Mal.

– Eu estou grávida – contou Silêncio.

A avó parou.

– William?

– Quem mais?

A avó voltou a andar.

– Sem condenações? – perguntou Silêncio, se virando e cruzando os braços.

– Está feito – respondeu a avó. – Somos Forescouts. Se é assim que temos de continuar, que seja. Estou mais preocupada com a pousada, fazer os pagamentos aos malditos fortes.

"Eu tenho uma ideia para isso", pensou Silêncio, considerando as listas de recompensas que ela começara a colecionar. "Algo que nem mesmo você ousaria. Algo perigoso. Algo inimaginável."

A avó chegou à mata e olhou para Silêncio com uma expressão feia, depois colocou o chapéu e seguiu por entre as árvores.

– Não vou permitir que você interfira com meu filho – gritou Silêncio para ela. – Eu vou criar os meus como quiser!

A avó desapareceu nas sombras.

"Por favor. Por favor."

– *Eu vou!*

"Não vou perder você. Não vou..."

Silêncio engasgou, despertando e agarrando as tábuas do piso, olhando para cima.

Viva. Ela estava viva!

Dob, o ajudante do estábulo, estava ajoelhado ao seu lado, segurando o jarro de pó de prata. Ela tossiu e levou os dedos – roliços, a carne recuperada – ao pescoço. Ele estava curado, embora irritado pelos flocos de prata que foram empurrados pela sua garganta. Sua pele estava coberta de pedaços pretos de prata destruída.

– William Ann! – disse ela, se virando.

A criança estava caída no chão ao lado da porta. O lado esquerdo de William Ann, que tocara a sombra primeiro, estava escurecido. O rosto não estava ruim demais, mas a mão era um esqueleto ressecado. Teriam de amputar aquilo. A perna também parecia ruim. Silêncio não podia dizer quão grave estava sem cuidar dos ferimentos.

– Ah, criança – falou Silêncio, ajoelhando ao lado dela.

Mas a garota respirava, era o suficiente, considerando tudo.

– Eu tentei – argumentou Dob. – Mas você já tinha feito o que podia ser feito.

– Obrigada. – Silêncio se virou para o homem envelhecido, de testa alta e olhos embotados.

– Você pegou? – perguntou Dob.

– Quem?

– A recompensa.

– Eu... Sim, peguei. Mas tive de deixar.

– Você encontrará outro – disse Dob em tom indistinto, ficando de pé. – Raposa sempre encontra.

– Há quanto tempo você sabe?

– Eu sou idiota, madame. Não um tolo.

Ele curvou a cabeça para ela, depois foi embora, costas curvadas como sempre.

Silêncio ficou de pé, depois gemeu ao pegar William Ann. Levou a filha até os quartos acima e cuidou dela.

A perna não estava tão ruim quanto temera. Alguns dos dedos seriam perdidos, mas o pé propriamente dito estava saudável. Todo o lado

esquerdo do corpo de William Ann estava escuro, como se queimado. Aquilo com o tempo iria desbotar para cinza.

Todos que a vissem saberiam o que havia acontecido. Muitos homens nunca tocariam nela, temendo sua contaminação. Isso poderia condená-la a uma vida solitária.

"Eu sei um pouco sobre uma vida assim", pensou Silêncio, mergulhando um pano na lata d'água e lavando o rosto de William Ann. A jovem dormiria o dia inteiro. Tinha chegado muito perto da morte, de se tornar uma sombra ela mesma. O corpo não se recuperava rapidamente disso.

Claro que Silêncio também chegara perto. Ela, porém, já estivera lá antes. Outro dos preparativos da avó. Ah, como ela odiava aquela mulher. Silêncio devia o que era ao treinamento que a endurecera. Será que ela podia ser grata à avó e odiá-la ao mesmo tempo?

Silêncio terminou de lavar William Ann, depois colocou nela uma camisola macia e a deixou em seu catre. Sebruki ainda dormia por causa do preparado que Silêncio lhe dera.

Então, ela desceu para a cozinha para ter pensamentos difíceis. Ela perdera a recompensa. As sombras teriam ficado com aquele corpo; a pele seria pó, a pele preta e arruinada. Não tinha como provar que pegara Chesterton.

Ela se apoiou na mesa da cozinha e trançou os dedos diante do corpo. Queria virar um uísque, para aplacar o horror da noite.

Passou horas pensando. Será que podia pagar a Theopolis de algum modo? Pedir emprestado a alguém? Quem? Talvez encontrar outra recompensa. Mas ultimamente muito poucas pessoas passavam pela pousada. Theopolis já lhe dera o alerta com a ordem. Ele não esperaria mais de um dia ou dois pelo pagamento antes de reivindicar a pousada para si.

Ela tinha passado por tudo aquilo para ainda assim perder?

Luz do sol bateu em seu rosto e uma brisa vinda da janela quebrada fez cócegas em sua face, despertando-a do sono à mesa. Silêncio piscou, espreguiçou, os membros protestando. Depois suspirou, indo até o balcão da cozinha. Deixara ali todo o material dos preparativos da noite passada, suas tigelas de barro com restos grossos de pasta de brilho, ainda soltando uma luz fraca. A seta de ponta de prata da besta ainda estava caída junto à

porta dos fundos. Ela precisava arrumar as coisas e preparar o café da manhã para seus poucos hóspedes. Então, pensar em *alguma* forma de...

A porta dos fundos se abriu, e alguém entrou.

...lidar com Theopolis. Ela soltou ar suavemente, olhando para ele em suas roupas limpas e com sorriso paternalista. Ele sujou seu piso de lama ao entrar.

– Silêncio Montane. Bela manhã, hein?

"Pelas sombras", pensou. "Não tenho a força mental para lidar com ele agora."

Ele foi mais para perto das venezianas da janela.

– O que você está fazendo?

– Ahn? Você não me alertou antes de que odeia que as pessoas possam nos ver juntos? Que eles poderiam ter uma pista de que você está entregando procurados a mim? Só estou tentando protegê-la. Alguma coisa aconteceu? Você parece péssima, hein?

– Eu sei o que você fez.

– Sabe? Mas veja, eu faço muitas coisas. Do que está falando?

Ah, como ela gostaria arrancar aquele sorriso dos lábios dele, arrancar sua garganta e eliminar aquele irritante sotaque de Lastport. Ela não podia. Ele simplesmente era *bom* demais em atuar. Ela tinha palpites, provavelmente bons. Mas nenhuma prova.

A avó o teria matado ali mesmo. Será que estava tão desesperada para provar que ele estava errado? Que ela não perderia tudo?

– Você estava nas Florestas – acusou Silêncio. – Quando Red me surpreendeu na ponte, supus que a coisa que tinha ouvido, a agitação na escuridão, fora ele. Não foi. Ele insinuou que esperara por nós na ponte. Aquela coisa na escuridão era você. Você atirou nele com a besta para desequilibrá-lo, fazer com que derramasse sangue. Por quê, Theopolis?

– Sangue? – repetiu Theopolis. – À noite? E você *sobreviveu*? Você tem muita sorte, eu diria. Impressionante. O que mais aconteceu?

Ela não disse nada.

– Eu vim receber o pagamento da dívida – disse Theopolis. – Então você não tem um resgate para entregar, hein? Talvez afinal precise do meu documento. Muito gentil de minha parte ter trazido outra cópia. Isso será maravilhoso para nós dois. Não concorda?

– Seus pés estão brilhando.

Theopolis hesitou, depois olhou para baixo. A lama que ele trouxera para dentro brilhava num tom azul muito leve à luz do resto de pasta de brilho.

– Você me seguiu – acusou ela. – Você *esteve* lá noite passada.

Ele ergueu os olhos para ela com uma lenta expressão despreocupada.

– E? – perguntou, e deu um passo à frente.

Silêncio recuou, seu calcanhar batendo na parede atrás. Esticou a mão, pegando a chave e destrancando a porta atrás dela. Theopolis agarrou o braço dela, puxando-a e abriu a porta.

– Pegando uma de suas armas escondidas? – perguntou ele com desprezo. – A besta que você mantém escondida na prateleira da despensa? Sim, eu sei disso. Estou desapontado, Silêncio. Não podemos ser civilizados?

– Eu nunca assinarei seu documento, Theopolis – falou, depois cuspiu nos pés dele. – Prefiro morrer, prefiro ser expulsa de minha casa. Você pode tomar a pousada à força, mas *não* irei lhe servir. No que me diz respeito, maldito seja você, seu desgraçado. Você...

Ele deu um tapa em seu rosto. Um gesto rápido, mas nada emocional.

– Ah, cale a boca.

Ela cambaleou para trás.

– Tanto drama, Silêncio. Eu não posso ser o único que deseja que você justifique seu nome, hein?

Ela lambeu o lábio, sentindo a dor do tapa. Levou a mão ao rosto. Uma única gota de sangue coloriu a ponta do seu dedo quando ela o afastou.

– Espera que eu fique assustado? – perguntou Theopolis. – Sei que estamos seguros aqui.

– Idiota da cidade – sussurrou ela, depois jogou a gota de sangue nele. Acertou em sua bochecha. – Sempre siga as Regras Simples. Mesmo quando achar que não precisa. E eu não estava abrindo a despensa, como você pensou.

Theopolis franziu o cenho, depois olhou para a porta que ela tinha aberto. A porta que levava ao pequeno velho santuário. O santuário de sua mãe ao Deus Além.

A base da porta estava coberta de prata.

Olhos vermelhos se abriram no ar atrás de Theopolis, uma forma retinta se formando na sala envolta em sombras. Theopolis hesitou, depois se virou.

Ele não gritou quando a sombra pegou sua cabeça nas mãos e arrancou sua vida. Era uma sombra nova, sua forma ainda forte a despeito de suas roupas escurecidas. Uma mulher alta, traços duros, com cabelo cacheado. Theopolis abriu a boca, depois seu rosto ressecou, olhos afundando na cabeça.

– Você deveria ter corrido, Theopolis – falou Silêncio.

A cabeça dele começou a desmanchar. O corpo desabou no chão.

– Esconda-se dos olhos verdes, corra dos vermelhos – explicou Silêncio, pegando sua adaga de prata. – Suas regras, avó.

A sombra se voltou para ela. Silêncio estremeceu olhando para aqueles olhos vítreos mortos de uma matriarca que ela odiava e amava.

– Eu a odeio. Obrigada por me fazer odiá-la.

Ela pegou a seta de besta com ponta de prata e a segurou diante de si, mas a sombra não atacou. Silêncio contornou, forçando a sombra a recuar. Ela flutuou para longe, de volta ao santuário marcado com prata na base de suas três paredes, onde Silêncio a prendera anos antes.

Com o coração acelerado, ela fechou a porta, completando a barreira, e a trancou novamente. Não importava o que tinha acontecido, aquela sombra deixara Silêncio em paz. E Silêncio quase sentiu pena por prender aquela alma dentro do pequeno closet por todos aqueles anos.

Silêncio encontrou a caverna escondida de Theopolis após seis horas de buscas.

Ficava perto de onde ela esperava que ficasse, nas colinas não distantes da Velha Ponte. Incluía uma barreira de prata. Ela podia recolher aquilo. Um bom dinheiro ali.

Dentro da pequena caverna, ela encontrou o cadáver de Chesterton, que Theopolis arrastara para lá enquanto as sombras matavam Red e depois caçavam Silêncio. “Pelo menos uma vez estou muito contente por você ser um homem ganancioso, Theopolis.”

Ela teria de encontrar outra pessoa que começasse a entregar os procurados por ela. Isso seria difícil, particularmente a curto prazo. Arrastou o cadáver para fora e o jogou sobre o lombo do cavalo de Theopolis. Uma breve caminhada a levou de volta à estrada, onde fez uma pausa, depois caminhou e encontrou o cadáver caído de Red, reduzido a ossos e roupas.

Pegou a adaga de prata da avó, marcada e escurecida da luta. Encaixou-a na bainha ao seu lado. Ela se arrastou, exausta, de volta à pousada e escondeu o cadáver de Chesterton na adega fria nos fundos do estábulo, ao lado de onde colocaria os restos de Theopolis. Voltou para a cozinha. Ao lado da porta do santuário onde antes ficava pendurada a adaga da avó, ela tinha colocado a seta de prata da besta que Sebruki mandara para ela sem saber.

O que as autoridades do forte diriam quando ela lhes explicasse a morte de Theopolis? Talvez pudesse alegar que o encontrara assim.

Ela parou, depois sorriu.

* * *

– Você parece ter sorte, amigo – comentou Daggon, tomando sua cerveja. – A Raposa Branca não irá atrás de você tão cedo.

O homem comprido, que ainda insistia em que seu nome era Sincero, se encolheu um pouco mais em seu assento.

– Como pode ainda estar aqui? – indagou Daggon. – Eu viajei até Lastport. Não esperava encontrá-lo aqui ao voltar.

– Arrumei trabalho numa fazenda perto daqui – contou o homem de pescoço magro. – Bom trabalho. Trabalho de verdade.

– E toda noite você paga para ficar aqui?

– Eu gosto daqui. Parece pacífico. Os sitiantes não têm uma boa proteção de prata. Eles simplesmente... deixam as sombras circular. Mesmo dentro de casa – explicou o homem, estremecendo.

Daggon deu de ombros, erguendo sua bebida quando Silêncio Montane passou mancando. Sim, ela era uma mulher de aparência saudável. Ele *devia* cortejá-la um dia desses. Ela fez cara feia para o sorriso dele e jogou o prato à sua frente.

– Acho que a estou conquistando – disse Daggon quando ela saiu, principalmente para si mesmo.

– Você vai ter de se esforçar – comentou Sincero. – Sete homens a pediram em casamento mês passado.

– O quê?

– A recompensa. Por entregar Chesterton e seus homens. Mulher de sorte Silêncio Montane. Encontrar o esconderijo de Raposa Branca assim.

Daggon deu atenção à sua refeição. Ele não gostava muito de como as coisas tinham acontecido. Theopolis, aquele dândi, tinha sido a Raposa Branca o tempo todo? Pobre Silêncio. Como tinha sido se deparar com a caverna dele e encontrá-lo do lado de dentro, todo ressecado?

– Dizem que esse Theopolis gastou suas forças matando Chesterton e depois o arrastando para o buraco – contou Sincero. – Theopolis secou antes de conseguir chegar ao seu pó de prata. Muito típico de Raposa Branca, sempre determinado a pegar a recompensa, não importando como. Não voltaremos a ver um caçador como ele.

– Imagino que não – falou Daggon, embora preferisse muito mais que o homem tivesse mantido sua pele. Agora sobre quem Daggon iria contar histórias? Ele não gostava de pagar pela própria cerveja.

Perto, um sujeito de aparência gordurosa se levantou e saiu pela porta da frente, parecendo já meio bêbado, embora fosse apenas meio-dia.

Certas pessoas. Daggon balançou a cabeça.

– À Raposa Branca – disse, erguendo sua bebida.

Sincero bateu sua caneca na de Daggon.

– À Raposa Branca, o desgraçado mais malvado que as Florestas já conheceram.

– Que sua alma tenha paz, e obrigado ao Deus Além por ele nunca ter decidido que valíamos o seu tempo – completou Daggon.

– Amém – falou Sincero.

– É claro, ainda há Bloody Kent – acrescentou Daggon. – *Esse* é um sujeito horrível. Melhor torcer para que ele não tire o seu número, amigo. E não me lance esse olhar de inocência. Aqui são as Florestas. Todos aqui fizeram alguma coisa, em algum momento, que não querem que os outros saibam...

Sharon Kay Penman

Sharon Kay Penman foi aclamada pela *Publisher's Weekly* como "uma romancista histórica de primeira linha". Seu romance de estreia, *The Sunne in Splendour*, sobre Ricardo III, foi um sucesso mundial, e sua consagrada trilogia dos príncipes galeses – *Here Be Dragons*, *Falls the Shadow* e *The Reckoning* – também. Entre seus outros livros estão uma sequência sobre Eleanor da Aquitânia – *When Christ and His Saints Slept*, *Time and Chance* e *Devil's Brood* – e a série de mistérios históricos "Justin de Quincy", que inclui *The Queen's Man*, *Cruel As the Grave*, *Dragon's Lair* e *Prince of Darkness*. Seu livro mais recente é um romance sobre Ricardo Coração de Leão, *Lionheart*. Ela mora em Mays Landing, Nova Jersey, e tem o site sharonkaypenman.com.

Aqui ela nos leva de volta à Sicília do século XII para nos mostrar que uma rainha no exílio ainda é uma rainha – e de fato uma mulher muito perigosa.

Uma rainha no exílio

DEZEMBRO DE 1189 HAGUENAU, ALEMANHA

Constance de Hauteville tremia, embora estivesse o mais perto da lareira que podia sem queimar as saias. Seu quarto aniversário de casamento seria dali a um mês, mas ela ainda não se aclimatara aos invernos alemães. Ela não costumava se permitir lembranças da Sicília, sua terra natal, pois qual o sentido em jogar sal na ferida? Mas nas noites em que gelo e ventos frios a congelavam até a medula dos ossos, ela não podia se negar o desejo de palmeiras, oliveiras e do calor ensolarado de Palermo, dos palácios reais que cercavam a cidade como um colar de pérolas reluzentes com seus pisos de mármore, mosaicos vívidos, fontes cascateando, jardins luxuriantes e cintilantes piscinas prateadas.

– Minha senhora? – chamou uma de suas damas, estendendo uma taça de vinho quente temperado. Constance a aceitou com um sorriso.

Mas sua mente rebelde insistiu em voltar no tempo, evocando as grandiosas diversões natalinas da corte, presididas por seu sobrinho, William, e Joanna, sua jovem rainha inglesa. Casamentos reais não eram realizados por afinidade amorosa, claro, mas determinados por questões de Estado. Porém, se um casal tinha sorte, podia desenvolver genuínos respeito e afeto mútuos. O casamento de William e Joanna parecia afetuoso a Constance, e quando esta se casara com Heinrich Von Hohenstaufen, rei da Alemanha e herdeiro do Santo Império Romano, esperara conseguir alguma satisfação na união. Era verdade que aos 21 anos ele já tinha uma reputação de ser cruel e inflexível. Mas também era

um poeta, fluente em diversos idiomas, e ela tentara se convencer de que tinha um lado mais suave que revelava apenas à família. Em vez disso, descobriu um homem tão frio e duro quanto as terras que governava, um homem totalmente carente da paixão, da exuberância e da *joie de vivre* que faziam da Sicília um paraíso na Terra.

Ao terminar o vinho, ela relutantemente se afastou do fogo.

– Estou pronta para dormir – avisou, estremecendo de novo quando soltaram seu manto, expondo sua pele ao ar frio do cômodo. Sentou-se em um banco, ainda de *chemise*, um robe colocado sobre os ombros enquanto retiravam touca e véu e soltavam seu cabelo. Eles chegaram à cintura, o dourado claro iluminado pelo luar tão valorizado pelos trovadores. Ela um dia se orgulhara deles, se orgulhara de sua boa aparência de Hauteville e cores claras. Mas enquanto olhava para um espelho portátil de marfim, a mulher que olhava de volta era uma estranha cautelosa, magra e cansada demais, revelando cada um de seus 35 anos.

Após escovar seu cabelo, uma de suas damas começou a trançá-los para a noite. Então a porta foi aberta com força e o marido de Constance entrou no aposento a passos largos. Enquanto suas damas se abaixavam em mesuras submissas, Constance se levantou apressada. Ela não o esperava, pois ele lhe fizera uma visita em seus aposentos apenas duas noites antes, para aquilo a que ele se referia como "obrigação marital", uma de suas raras piadas, pois se ele tinha senso de humor até então o mantivera bem escondido. Quando se casaram ela ficara tocada por ele sempre ir procurá-la, em vez de convocá-la aos seus aposentos, achando que isso revelava uma sensibilidade inesperada. Mas então já sabia. Caso se deitassem na cama dela, ele então poderia voltar depois a seus próprios aposentos, como sempre fazia; ela podia contar nos dedos de uma mão as vezes em que despertaram na mesma cama.

Heinrich sequer olhou para suas damas.

– Deixem-nos – ordenou, e elas se apressaram para obedecer, tão rapidamente que sua retirada quase pareceu uma fuga.

– Senhor meu marido – murmurou Constance enquanto a porta se fechava atrás da última dama.

Ela não conseguiu ler nada em seu rosto; ele havia muito dominara a habilidade real de esconder seus pensamentos íntimos por trás de uma máscara pública impassível. Mas enquanto ela o estudava mais atentamente, viu sutis indícios de seu humor – a leve curva no canto da

boca, sua palidez habitual aquecida por um leve rubor. Ele tinha a cor de olhos mais estranha que já vira, tão cinza e clara quanto um céu gelado de inverno, mas no momento eles pareciam refletir a luz das velas, reluzindo com brilho incomum.

– Chegaram notícias da Sicília. O rei deles está morto.

Constance o encarou, de repente duvidando de seu domínio sobre os alemães.

Ela não podia ter ouvido corretamente.

– William? – sussurrou, sua voz rouca de descrença.

Heinrich ergueu uma sobrancelha.

– Há outro rei da Sicília que eu não conheça? Claro que estou falando de William.

– O que... O que aconteceu? Como...

Ele deu de ombros levemente.

– Alguma terrível pestilência siciliana, suponho. Só Deus sabe, a ilha está tomada por febres, pragas e doenças suficientes para derrubar metade da cristandade. Só sei que ele morreu em novembro, uma semana antes do dia de são Martinho de Tours, então a coroa dele é nossa.

Os joelhos de Constance ameaçaram fraquejar, e ela cambaleou na direção da cama. Como William podia estar morto? Só havia um ano entre eles; eles eram mais como irmão e irmã do que sobrinho e tia; tiveram uma infância idílica, e depois ela tomara sob suas asas a pequena noiva dele, uma menina de 11 anos com saudades de casa e nova demais para se casar. Agora Joanna era viúva aos 24. O que aconteceria com ela? O que aconteceria à Sicília sem William?

Tomando consciência da presença de Heinrich, ela ergueu os olhos e o encontrou de pé junto à cama, olhando para ela abaixo. Deu um suspiro para se preparar e se colocou de pé; era alta para uma mulher, tão alta quanto Heinrich, e ganhava confiança com o fato de que podia olhar diretamente nos olhos dele. A aparência dele não era tão régia. Seus cabelos louros eram finos, a barba falhada e o físico frágil; num momento nada gentil ela colocou na cabeça que ele parecia um cogumelo que nunca vira a luz do dia. Não podia ser mais diferente do pai carismático, expansivo e robusto, o imperador Frederick Barbarossa, que caminhava pela corte imperial como um colosso. Mas era Heinrich quem inspirava medo em seus súditos, não Frederick; aqueles olhos cor de gelo podiam empalar homens tão certamente quanto o golpe de uma espada. Nem

mesmo Constance era imune ao seu poder penetrante, embora tivesse movido céus e terras para impedi-lo de descobrir isso.

– Você sabe o que isso significa, Constance? A rainha de William era estéril, e isso faz de você a única herdeira legítima do trono siciliano. Mas aqui está você, sentada, como se eu tivesse lhe dado a notícia de alguma calamidade.

Constance se encolheu, pois sabia que era o que as pessoas sussurravam dela às suas costas. Justiça seja feita a Heinrich, ele nunca a chamara de "estéril", pelo menos não até então. Mas devia pensar isso, pois estavam casados havia quatro anos e ela não concebera. Até então, ela fracassara no maior dever de uma rainha. Às vezes pensava no que Heinrich achava do casamento que o pai arranjara para ele – uma esposa estrangeira onze anos mais velha. Será que relutara tanto quanto ela? Ou estivera disposto a apostar que sua nova esposa imperfeita podia um dia lhe dar a Sicília, o mais rico reino da Cristandade?

– Joanna não era estéril – retrucou secamente. – Ela deu à luz um filho.

– Que não sobreviveu. E nunca engravidou novamente. Por que você acha que William obrigou seus lordes a reconhecer seu direito à coroa caso morresse sem um herdeiro legítimo? Queria garantir a sucessão.

Constance sabia mais. William nunca duvidara de que ele e Joanna iriam um dia ter outro filho; eram jovens, e ele era por natureza um otimista. E como tinha tanta confiança nisso, não se perturbara com a reação que o casamento dela provocara. O que importava seus súditos ficarem horrorizados com a perspectiva de um alemão os governando se isso nunca aconteceria? Mas ele estava morto aos 36 anos, e os temores de seu povo de repente se tornaram bastante reais.

– Pode não ser tão fácil quanto você pensa, Heinrich – disse, escolhendo as palavras com cuidado. – Nosso casamento foi muito impopular. Os sicilianos não receberão bem um rei alemão.

Ele se mostrou tão indiferente aos desejos do povo siciliano quanto William se importava.

– Eles não têm escolha – falou, friamente.

– Não estou tão certa disso. Eles podem muito bem se voltar para o primo de William, Tancredo.

Ela estava prestes a explicar melhor quem era Tancredo, mas não havia necessidade, Heinrich nunca se esquecia de nada que envolvesse seus interesses pessoais.

– O conde de Lecce? Ele é um bastardo!

Ela abriu a boca, mas a fechou novamente. Não adiantaria argumentar que os sicilianos prefeririam um homem nascido fora do casamento a Heinrich. Mas ela sabia que era verdade. Abraçariam seu primo bastardo antes de aceitar seu marido alemão.

Heinrich a observava, pensativo.

– Você quer a coroa, Constance? – perguntou ele. Ela sentiu uma chama de indignação por sequer ter ocorrido a ele que poderia lamentar por William, o último de sua família, e anuiu. Mas ele pareceu satisfeito com aquela resposta muda. – Vou mandar que suas damas entrem novamente. Durma bem, pois logo terá outra coroa para adicionar à sua coleção.

Assim que a porta foi fechada, Constance afundou na cama e, depois de um momento, chutou os sapatos e se enfiou sob as cobertas. Estava estremecendo novamente. Aproveitando aquele raro momento de privacidade antes que suas damas voltassem, ela fechou os olhos e fez uma prece pela alma de William. Decidiu que mandaria rezar missas para ele pela manhã e isso lhe deu uma pequena dose de consolo. Também iria rezar por Joanna, naquele momento de necessidade. Então, se acomodando sentada com travesseiros de penas, tentou compreender as emoções conflitantes e confusas despertadas pela morte prematura de William.

Ela não esperava aquilo, achara que William teria um reinado longo e próspero, e que de fato teria um filho para sucedê-lo. Eles foram arrogantes, ela e William, supondo que conheciam a Vontade do Todo-Poderoso. Deveriam ter se lembrado das escrituras: “O coração do homem planeja o seu caminho, mas é o Senhor que firma seus passos.” Mas Heinrich estava certo. Ela era a herdeira legal do trono siciliano. Não Tancredo. E ela o queria. Era seu direito de nascença. A Sicília era dela por sangue, a terra que amava. Então, por que sentia tanta dúvida? Enquanto se mexia nos travesseiros, seu olhar pousou sobre a única joia que usava, uma fita de ouro batido incrustado de esmeraldas – sua aliança de casamento. Por mais que desejasse a Sicília, não queria entregá-la a Heinrich. Não queria ser aquela a soltar a cobra no Éden.

As previsões de Constance sobre Tancredo de Lecce se provaram justificadas. Os sicilianos se uniram ao redor dele, que foi coroado rei da Sicília em janeiro de 1190. Constance ecoou devidamente o ultraje de

Heinrich, embora já tivesse previsto aquilo. Não ficara surpresa sequer ao tomar conhecimento de que Tancredo confiscara as terras do seu dote, já que tinham importância estratégica, e o novo rei sabia muito bem que um exército alemão contestaria sua reivindicação à coroa. Mas ela ficou bem chocada quando Tancredo fez Joanna prisioneira, mantendo-a em cativeiro em Palermo, aparentemente temendo que ela usasse sua popularidade pessoal em apoio a Constance. Heinrich quis golpear dura e rapidamente o homem que usurpara o trono de sua esposa. Mas a vingança teria de esperar, pois seu pai tomara a cruz e planejava se juntar à cruzada para libertar Jerusalém do sultão do Egito, o sarraceno Salah Al-Din, conhecido pelos cruzados como Saladino, e precisava que Heinrich governasse a Alemanha em sua ausência.

Frederick Barbarossa partiu para a Terra Santa naquela primavera. A força alemã enviada por Heinrich foi arrasada por Tancredo, que continuou a consolidar seu poder, conseguindo algum sucesso na corte papal, pois o papa considerava o Santo Império Romano uma ameaça maior que a ilegitimidade de Tancredo. O cativeiro de Joanna terminou com a chegada do novo rei inglês à Sicília em setembro, seu irmão Richard, conhecido por amigos e inimigos como Coração de Leão. Assim como Frederick, ele estava a caminho da Terra Santa, acompanhado de um grande exército. Ficou furioso ao tomar conhecimento dos apuros de Joanna e exigiu que ela fosse libertada de imediato e seu dote, devolvido. Tancredo sabiamente concordou, pois Richard conhecia a guerra do mesmo jeito que um padre conhecia o Pai Nosso. Para Constance, esse foi o único momento de luz em um ano escuro e desalentador. E em dezembro eles souberam que o pai de Heinrich estava morto. Sem nunca ter chegado à Terra Santa, Frederick se afogou vadeando um rio na Armênia. Heinrich não perdeu tempo. Arriscando cruzar os Alpes em janeiro, ele e Constance lideraram um exército até a Itália. Pararam em Roma para ser coroados pelo papa, depois cavalgaram rumo sul. A guerra pela coroa siciliana começara.

Salerno fervia ao sol de agosto. Normalmente a maresia tornava o calor tolerável, mas aquele era um dos verões mais quentes e secos de memória recente. O céu estava livre de nuvens, um azul desbotado e alvejado que parecia branco como ossos ao meio-dia. Pátios e jardins ofereciam pouca sombra, e o ruído habitual da cidade estava abafado, as ruas desertas. De pé na varanda do palácio real, Constance desejava poder acreditar que os

cidadãos se confinaram em casa devido ao calor. Mas sabia que havia uma força mais poderosa em ação – o medo.

O reino da Sicília abrangia as terras continentais ao sul de Roma, além da própria ilha, e à medida que o exército alemão percorreu a península, cidade após cidade abriu as portas a Heinrich. Os cidadãos de Salerno até mesmo saíram para recebê-lo. Embora seu arcebispo estivesse firme ao lado de Tancredo, os moradores juraram fidelidade a Heinrich, e convidaram Constance a ficar na cidade enquanto ele sitiava Nápoles.

Inicialmente, Constance desfrutara de sua estadia em Salerno. Era maravilhoso estar de volta à sua terra natal. Estava encantada com sua residência luxuosa – o palácio real que fora construído por seu pai, o grande rei Ruggero. Saboreou as refeições deliciosas que cobriam sua mesa, alimentos finos raramente disponíveis além dos Alpes – melões, romãs, laranjas, amêndoas açucaradas, arroz, camarão, ostras, peixes que nadavam no Mediterrâneo azul naquela manhã e fritavam nas panelas da cozinha do palácio à tarde. Melhor de tudo, ela podia se consultar com algumas das melhores médicas da Cristandade sobre seu fracasso em conceber. Ela nunca teria discutido uma questão tão íntima com um médico do sexo masculino. Mas as mulheres podiam cursar a famosa escola de medicina de Salerno e praticar a profissão. Ela logo encontrou dama Martina, com quem a consulta foi uma revelação.

Constance sempre se culpara por seu casamento sem filhos, já que o saber popular sustentava que a culpa era sempre da mulher. Não era bem assim, dissera Martina secamente. Assim como uma mulher pode ter um defeito no útero, um homem pode ter um defeito em sua semente. Ademais, havia formas de descobrir qual deles tinha o problema. Um pequeno pote devia ser enchido com a urina da mulher, e outro com a do marido. Farelo de trigo era então adicionado aos dois potes, que eram guardados por nove dias. Se vermes aparecessem na urina do homem, ele era o culpado, e o mesmo era válido para a mulher.

– Duvido que o senhor meu marido concorde com tal teste – dissera Constance secamente, imaginando a reação incrédula e ultrajada de Heinrich caso apenas insinuasse que a culpa poderia ser dele. Mas ela mesma fez o teste, e quando sua urina se revelou sem vermes no nono dia, seu ânimo melhorou muito. Mesmo que ninguém mais soubesse, ela sabia então que não tinha um útero defeituoso; não estava condenada a ser a mais infeliz de todas as criaturas, uma rainha estéril.

Martina também deu esperança, explicando que às vezes nem marido nem esposa tinham culpa, e ainda assim a semente dele não deitava raízes em seu ventre. Mas isso podia ser remediado, garantiu à Constance. Ela devia secar as partes masculinas de um porco e fazer um pó, que então tomaria com um bom vinho. E para garantir o nascimento de um menino, Constance e Heinrich tinham de secar e macerar o ventre de uma lebre, depois tomá-lo com vinho. Constance fez uma careta com isso, feliz por ser poupada de fórmula tão pouco apetitosa até ela e Heinrich se encontrarem novamente. Mas como ela faria com que ele cooperasse? Teria de descobrir um modo de misturar o pó no vinho dele sem ser notada em uma de suas visitas noturnas aos seus aposentos. Ficou tão grata a Martina que ofereceu à mulher mais velha uma enorme soma para que se tornasse sua médica pessoal, e Martina aceitou alegremente, tentada tanto pelo prestígio de servir a uma imperatriz quanto pelos benefícios financeiros.

Mas então começaram a chegar a Salerno notícias sobre a invasão a Nápoles. Pela primeira vez, Heinrich estava enfrentando uma forte resistência, liderada pelo cunhado de Tancredo, o conde de Acerra e arcebispo de Salerno. Heinrich alugara navios de Pisa, mas não estavam em número suficiente para bloquear o porto e, com isso, ele não conseguiu deixar os napolitanos famintos para que se rendessem. Tancredo escolhera resistir na ilha da Sicília, sabendo que sua arma mais perigosa era o quente e úmido verão italiano. As tropas alemãs de Heinrich não estavam acostumadas a um calor tão sufocante e logo começaram a adoecer. Acampamentos militares eram particularmente vulneráveis a contágios mortais como disenteria – Constance ouvira que mais cruzados morreram de doença do que das espadas dos sarracenos na Terra Santa.

Ela esperara que os salernitanos continuassem ignorando os revezes pelos quais Heinrich passava, mas isso era uma esperança irreal, já que Nápoles ficava a menos de cinquenta quilômetros ao norte de Salerno. Ela soube quando a notícia começou a chegar à cidade, pois as pessoas que encontrou na *piazza* estavam contidas ou ranzinzas, e os empregados do palácio não conseguiam esconder seu desalento. Até mesmo Martina lhe perguntara ansiosa se estava certa de que Heinrich conseguiria vencer, e não pareceu convencida com as garantias de Constance. Salerno supusera que Tancredo não seria páreo para o grande exército alemão, e a autopreservação falara mais alto que a lealdade para com o rei siciliano.

Naquele momento, todos começavam a temer ter montado no cavalo errado.

Quando quase uma quinzena se passou sem notícias de Heinrich, Constance enviou a Nápoles Sir Baldwin, líder dos seus cavaleiros, para descobrir quão ruim era a situação. Naquele momento, de pé na varanda do palácio, ela protegeu os olhos do brilho do sol de meio-dia e ficou pensando se aquele seria o dia em que Baldwin voltaria. Ela nunca admitiria em voz alta, mas queria que ele permanecesse o mais distante possível, tão certa estava de que traria más notícias.

– Madame? – chamou Hildegund, de pé junto à porta. A maioria dos empregados de Constance era siciliana, incluindo a dama Adela, que estava com ela desde a infância, e Miguel, o eunuco sarraceno que despertava tanta atenção na corte de Heinrich; os alemães ficavam chocados por sarracenos poderem viver livremente num país cristão, e horrorizados por William ter confiado a homens chamados de "eunucos do palácio" o governo de seu reino. Constance tomara o cuidado de não revelar que William falava árabe ou que esse fosse um dos idiomas oficiais da Sicília, e insistiu com Miguel para que abraçasse a Verdadeira Religião, embora soubesse que muitas das conversões dos eunucos ao Cristianismo eram frequentemente falsas. Como poderia um dia fazer Heinrich ou seus súditos compreender o mosaico complexo que era a sociedade siciliana? Hildegund era uma das poucas damas de companhia alemãs, uma viúva contida e digna que fora uma grande ajuda no esforço de Constance em aprender alemão, e a rainha lhe lançou um sorriso afetuoso, anuindo quando a mulher lembrou-lhe de que era hora da refeição principal do dia.

Os jantares eram muito diferentes do que tinham sido no começo de sua estadia em Salerno. Na época, os nobres locais e suas damas disputavam com ansiedade um convite da imperatriz, e o grande salão ficava lotado com convidados ricamente vestidos exibindo suas sedas e joias enquanto tentavam cativar Constance. Mas, por mais de uma semana seus convites para jantar foram recusados com o que eram claramente desculpas, e naquele domingo os únicos à sua mesa eram os membros de sua própria casa.

Os cozinheiros do palácio tinham preparado diversos pratos saborosos, mas Constance se limitou a pegar um pouco do galeto grelhado em sua travessa. Olhando ao redor, viu também que poucos tinham muito apetite.

Lembrando a si mesma de que deveria estar dando um exemplo à sua casa, começou uma conversa animada com Martina e seu capelão no momento em que gritos penetraram pelas janelas abertas. Cavaleiros estavam chegando. Constance pousou sua taça de vinho e se levantou lentamente enquanto Baldwin entrava no salão. Uma olhada em seu rosto lhe disse tudo que precisava ou queria saber, mas se obrigou a estender a mão e pegar a carta oferecida enquanto ele se ajoelhava à sua frente.

Fazendo um gesto para que se levantasse, ela rompeu o selo do marido e examinou rapidamente o conteúdo. Não estava escrita com a caligrafia de Heinrich, claro; ele sempre ditava suas cartas a um escriba, pois nunca lhe mandava uma mensagem que não pudesse ser vista por outros olhos. Um murmúrio baixo percorreu o salão enquanto os outros viam sua cor desaparecer, deixando a pele tão pálida que parecia quase translúcida. Quando ela ergueu os olhos, porém, sua voz era firme, sem revelar nada de sua perturbação interior.

– Não irei enganá-los. As notícias não são boas. Muitos morreram de diarreia, e o próprio imperador foi acometido dessa doença terrível. Ele decidiu que seria melhor encerrar a invasão, e ontem seu exército iniciou uma retirada de Nápoles.

Houve engasgos, choro contido, umas poucas obscenidades murmuradas por alguns dos cavaleiros.

– E quanto a nós, senhora? – soltou uma jovem. – O que será de nós?

– O imperador deseja que permaneçamos em Salerno. Diz que minha presença aqui será prova de que pretende retornar e que a guerra não se encerrou.

Houve um silêncio pelo choque. Tirando vantagem disso, ela chamou Baldwin e saiu para o pátio. O sol estava ofuscante e, quando se sentou na beirada da fonte de mármore, pôde sentir o calor através da seda de sua túnica.

– Quão doente ele está, Baldwin? – perguntou ela, tão suavemente que sentiu a necessidade de repetir, engolindo até ter saliva para falar.

Ele se ajoelhou ao lado dela.

– Muito doente, minha senhora. Os médicos disseram que morreria se ficasse lá. Temo que seu juízo tenha sido afetado pela febre, pois parecia não se dar conta do perigo que a senhora corre agora que ele partiu.

Constance não achava que fosse a febre, mas a autoconfiança suprema de Heinrich. Ele não entendia que o medo que os salernitanos sentiam dele

dependia de sua presença. Quando corresse a notícia de que seu exército estava em retirada, as pessoas veriam aquilo como uma derrota e começariam a temer Tancredo mais do que Heinrich, pois o haviam traído convidando-a a ficar em sua cidade. Podia sentir uma dor de cabeça chegando e esfregou as têmporas numa tentativa inútil de detê-la. A ira de um rei de fato era algo a temer. O pai de Heinrich arrasara Milão como punição por traições anteriores, e seu irmão, o pai de William, destruíra a cidade de Bari como um aviso brutal a possíveis rebeldes. Seria Tancredo capaz de vingança tão impiedosa? Ela achava que não, mas como os cidadãos amedrontados de Salerno saberiam disso?

– Minha senhora... Acho que deveríamos deixar este lugar hoje. Um exército saudável viaja menos de quinze quilômetros por dia, e esse exército está esgotado e sangrando. Se nos apressarmos, poderemos alcançá-lo.

Constance mordeu o lábio. Ela concordava com Baldwin; não estava segura ali, não naquele momento. Mas seu orgulho se rebelava contra a ideia de fugir na noite como um ladrão. Como os sicilianos a considerariam merecedora de governá-los caso se rendesse aos temores como uma mulher tola e tímida? Seu pai não teria fugido. E Heinrich nunca a perdoaria caso o desobedecesse e fugisse de Salerno, pois sua carta afirmara que sua presença era importante como uma promessa a seus aliados, um alerta a seus inimigos – prova de que ele voltaria. Ela não quisera Heinrich como seu marido; queria-o ainda menos como seu inimigo. Como poderia viver com um homem que a odiava... E odiaria, pois sua fuga tornaria impossível para ele fingir que não havia sofrido uma derrota humilhante.

– Não posso, Baldwin – falou ela. – É o desejo de meu marido que eu o espere aqui em Salerno. Mesmo que o pior aconteça e Tancredo sitie a cidade, Heinrich enviará tropas para defendê-la... E a nós.

– Claro, madame – concordou Baldwin, reunindo toda a certeza que podia. – Tudo ficará bem.

Mas ele não acreditava nisso e duvidava que Constance acreditasse.

Demorou apenas dois dias para que chegasse a Salerno a notícia da retirada do exército alemão. As ruas logo foram tomadas por homens e mulheres frenéticos tentando se convencer de que não tinham cometido um erro fatal. Constance enviou arautos para assegurar a eles que Heinrich

logo voltaria. Mas, com o crepúsculo tomando a cidade, um novo e aterrorizante boato correu – de que o imperador alemão morrera de disenteria. E essa foi a faísca jogada no palheiro que iniciou o incêndio.

Constance e os seus tinham acabado a refeição noturna quando ouviram um barulho estranho, quase como o ronco do mar, um rumor distante e abafado que foi ficando mais alto. Ela mandou vários cavaleiros investigarem, e eles logo retornaram com notícias alarmantes. Uma enorme multidão estava se reunindo diante dos portões do palácio, muitos deles bêbados, todos em pânico com o problema que tinham criado para si mesmos.

Baldwin e seus cavaleiros garantiram a Constance e às mulheres que a multidão não seria capaz de forçar a entrada no terreno do castelo, depois foi se juntar aos homens que protegiam as muralhas. Mas pouco depois eles voltaram correndo para o grande salão.

– Fomos traídos – disse Baldwin, engasgando. – Aqueles filhos da puta covardes abriram os portões para eles!

Trancando as grossas portas de carvalho, eles se apressaram a fechar as venezianas enquanto Baldwin enviava homens para garantir que todas as outras entradas do palácio estavam seguras. As damas de Constance se reuniram em torno dela, do modo como pintinhos corriam para a mãe galinha quando a sombra de um falcão escurecia o sol. A consciência de que esperavam respostas suas a fortaleceu, lhe dando a coragem de que precisava para enfrentar aquela crise inesperada. Ela temera que Salerno logo estivesse sitiada pelo exército que Tancredo enviara para defender Nápoles. Não se dera conta de que o maior perigo era interno.

Ela as tranquilizou o melhor que pôde, insistindo em que o povo da cidade se dispersaria assim que se desse conta de que não conseguiria entrar no palácio. Suas palavras soaram vazias até mesmo para ela, pois a fúria da multidão não dava sinal de ceder. Eles agiram por pânico e não estavam preparados para um ataque. Mas naquele momento os que estavam no salão podiam ouvir gritos pedindo machados, um aríete. Quando Constance ouviu homens também pedindo lenha e archotes, soube que não poderiam esperar que cabeças mais frescas prevalecessem ou que os covardes funcionários da cidade interviessem.

Chamando Baldwin, ela o conduziu ao tablado.

– Eu preciso falar com eles – falou, suavemente. – Talvez possa fazer com que ouçam a voz da razão.

Ele ficou horrorizado.

– Minha senhora, eles estão loucos de medo. Não há como raciocinar com eles.

Ela desconfiava que ele estava certo, mas o que mais podia fazer?

– Ainda assim, preciso tentar – respondeu, com uma firmeza que estava longe de sentir. – Venha comigo até o solário acima do salão. Posso falar com eles da varanda.

Ele continuou a argumentar sem muita convicção, pois também não sabia o que mais fazer e, quando ela se virou para a escadaria, foi atrás. O solário estava escuro, pois nenhuma luminária a óleo havia sido acesa, e o calor era sufocante. Constance esperou enquanto Baldwin destrancava a porta que dava para a pequena varanda; ela podia sentir a transpiração escorrendo por suas costelas, e o coração batia tão acelerado que se sentia tonta.

A cena abaixo dela era assustadora. A escuridão era pontilhada por archotes em chamas iluminando rostos deformados por raiva e medo. Viu mulheres na multidão crescente e, inacreditavelmente, até mesmo algumas crianças correndo nos limites do grupo, como se aquilo fosse uma festa religiosa. Algumas passavam odres de vinho, mas a maioria extraía coragem do desespero. Ainda estavam pedindo lenha, conclamando aqueles mais perto da rua a encontrar qualquer coisa que queimasse. Demorou algum tempo até que notassem a mulher de pé imóvel acima deles, agarrando o gradil da varanda como se fosse seu único salva-vidas.

– Bom povo de Salerno! – disse Constance com dificuldade, preocupada que não a ouvissem.

Antes que pudesse continuar, eles começaram a gritar e apontar. Ela ouviu seu nome, ouviu gritos de “Piranha!”, “Feiticeira!” e então “Vadia alemã!”.

– Não sou alemã! – retrucou. Não havia risco de não ser ouvida; sua voz ecoou pelo pátio, tomada de raiva. – Sou nascida e criada na Sicília, como todos vocês. Sou a filha do rei Ruggero, de abençoada lembrança. Esta é minha pátria tanto quanto de vocês.

Ela não estava certa se havia sido a menção ao nome de seu reverenciado pai, mas a multidão silenciou por um momento.

– Sei que estão confusos e com medo. Mas ouviram boatos falsos. O imperador Heinrich não está morto! Na verdade, já está se curando. Recebi uma carta dele esta manhã, dizendo que espera retornar logo.

Ela parou para tomar fôlego.

– Vocês conhecem o senhor meu marido. Ele se lembra daqueles que o serviram bem. Quando ele liderar seu exército de volta a Salerno, ficará grato a vocês por manterem sua esposa em segurança. Vocês serão recompensados por sua lealdade.

Outra pausa, essa deliberada.

– Mas vocês também precisam saber disto. O imperador Heinrich nunca se esquece de quem lhe fez mal. Se traírem sua fé, se ferirem a mim ou aos meus, ele não irá perdoar. Deixará ruínas fumegantes onde sua cidade um dia se ergueu. Algum de vocês ousa negar isso? Sabem em seus corações que eu digo a verdade. Vocês têm muito mais a temer do imperador caso provoquem sua ira do que terão um dia daquele usurpador em Palermo.

Ela achou que os tinha conquistado, pôde ver algumas cabeças anuindo, ver homens baixando porretes e arcos enquanto falava. Mas sua menção a Tancredo foi um erro tático, lembrando a eles que aqueles que o apoiavam estavam a apenas cinquenta quilômetros, em Nápoles, enquanto o exército de Heinrich fora dizimado pela disenteria, fugindo com o rabo entre as pernas. Com o feitiço quebrado, a multidão começou a murmurar, e então um jovem bem vestido com uma espada na cintura gritou:

– Ela mente! Aquele porco alemão deu seu último suspiro um dia depois de ter fugido do acampamento sitiante! Mandem-na se juntar a ele no inferno!

As palavras mal tinham saído de sua boca quando um de seus aliados ergueu o arco, apontou e disparou uma flecha pela escuridão na direção da varanda. A pontaria dele era boa, mas Baldwin estivera vigiando aqueles que estavam armados, e assim que o arqueiro se moveu ele saltou das sombras, empurrando Constance para o chão. Houve um silêncio chocado, e então uma mulher gritou:

– Santa Maria mãe de Deus, você a matou!

Alguém mais retrucou que eles então não tinham mais nada a perder, e mais flechas foram disparadas. Engatinhando, Constance e Baldwin voltaram para dentro do solário e ela se sentou no chão, ofegante, enquanto ele se atrapalhava com a porta. Vários baques lhes avisaram que flechas tinham atingido o alvo.

Assim, que conseguiu respirar novamente, Constance estendeu a mão, deixou que ele a ajudasse a levantar.

– Obrigada – falou, e lágrimas arderam em seus olhos quando ele jurou que a defenderia enquanto conseguisse respirar, pois aquela não era uma promessa vazia. Ele morreria ali no palácio de Salerno. Todos morreriam a não ser que o Todo-Poderoso produzisse um milagre diretamente a favor deles. Ela insistiu em que a acompanhasse de volta ao salão, pois pelo menos podia fazer isso pelos seus. Ficaria com eles até o fim.

Ela esperava histeria, mas suas damas pareciam chocadas. Constance ordenou que trouxessem vinho, pois o que mais havia a fazer? Podiam ouvir o som do ataque, sabiam que era apenas uma questão de tempo até que a malta derrubasse as portas. Com o barulho se intensificando, Martina puxou Constance de lado, discretamente mostrando a ela um punhado de ervas na palma de sua mão.

– Elas agem rapidamente – murmurou, e as teria jogado na taça de vinho de Constance se ela não se encolhesse.

– Martina! Suicídio é um pecado mortal!

– É um destino melhor que aquele que nos aguarda, minha senhora. Eles estão enlouquecidos e não há ninguém no comando. O que acha que irão lhe fazer assim que entrarem? Pela manhã, estarão horrorizados com o que fizeram esta noite. Mas seu remorso e sua culpa não mudarão nada.

Constance não conseguiu reprimir um estremecimento, mas continuou a balançar a cabeça.

– Eu não posso – sussurrou. – Nem você pode, Martina. Queimaríamos para sempre no inferno se o fizéssemos.

Martina não disse nada, simplesmente devolveu as ervas a uma bolsa que balançava em seu cinto. Ficou ao lado de Constance, eventualmente lançando um olhar significativo para a mulher mais jovem, como se lembrando a ela que ainda havia tempo para mudar de ideia. Constance subiu os degraus do palanque, erguendo a mão para pedir silêncio.

– Devemos rezar ao Deus Todo-Poderoso para que Sua vontade seja feita – disse, surpresa que sua voz soasse tão firme. Houve alguns soluços abafados das suas damas, mas quando se ajoelhou elas também o fizeram. Assim como os homens, depois de cuidadosamente colocar suas armas ao alcance das mãos. Aqueles que não haviam confessado seus pecados procuraram o capelão de Constance, seguindo-o até atrás da tela de madeira decorada que usava como confessionário improvisado.

Miguel não se juntou aos outros na confissão, confirmando a suspeita de Constance de que sua fé cristã era um disfarce. Mas era um bom

homem, e ela esperava que o Todo-Poderoso tivesse misericórdia dele. O eunuco ficara num nicho de janela, acompanhando o avanço do ataque pelos sons que penetravam no salão. De repente, ele chamou:

– Minha senhora! Algo está acontecendo!

Antes que qualquer um pudesse impedi-lo, ele destrancou as venezianas e olhou para a escuridão. Depois as escancarou.

Naquele momento, todos podiam ouvir os gritos. Baldwin foi apressado até a janela.

– A malta está sendo dispersada por homens a cavalo, madame! Deus ouviu nossas preces!

A multidão se espalhou enquanto cavaleiros se colocavam no meio dela. O pátio logo foi esvaziado por todos, com exceção dos cavaleiros e dos corpos esmagados daqueles que foram lentos demais ou teimosos demais. Tendo chegado tão perto da morte, Constance hesitou em acreditar que o resgate estava próximo, até confirmar ela mesma. Ajoelhada no assento à janela, ela viu enquanto o último dos rebeldes fugia. Mas não teve tempo de saborear seu alívio, pois então reconheceu o homem no comando dos cavaleiros. Como que sentindo os olhos dela, ele olhou na sua direção e logo a reconheceu com um gesto cortês apenas levemente identificado pela espada ensanguentada em sua mão.

– Bom Deus – sussurrou Constance, sentando-se no assento. Martina estava ao seu lado e, quando perguntou quem era, Constance conseguiu dar um leve sorriso infeliz. – Seu nome é Elias de Gesualdo, e ele é ao mesmo tempo minha salvação e minha derrocada. Chegou bem a tempo de salvar nossas vidas, mas pela manhã ele me colocará nas mãos de seu tio, Tancredo de Lecce.

Os quatro meses seguintes foram difíceis para Constance. Ela conhecia Tancredo suficientemente bem para ter certeza de que seria tratada com gentileza, e foi. Tancredo e sua rainha, Sybilla, agiram como se ela fosse uma hóspede de honra em vez de prisioneira, embora sob constante vigilância discreta. Mas ela achava humilhante depender da misericórdia do homem que usurpara seu trono e não conseguia evitar comparar sua esterilidade com a fecundidade de Sybilla, mãe de dois filhos e três filhas. Ficou ainda mais mortificada quando Heinrich se recusou peremptoriamente a fazer qualquer concessão para conseguir sua liberdade. Não seria seu marido quem iria abrir a porta de sua prisão

dourada. O papa Celestino concordou em dar a Tancredo o que ele mais queria – o reconhecimento papal de seu reinado –, mas em troca exigiu que Constance fosse colocada sob sua custódia. Tancredo concordou, relutante. E num dia de janeiro de 1192, Constance se viu cavalgando rumo a Roma na companhia de três cardeais e uma escolta armada.

Ela não encontraria liberdade em Roma, pois o papa a via como uma refém valiosa em suas negociações com Heinrich, mas pelo menos não estaria vivendo no mesmo palácio que Tancredo e sua rainha. E uma estadia prolongada em Roma não seria totalmente ruim, pois não estava ansiosa para se encontrar com o homem que a colocara em tal perigo e depois não fizera nada para resgatá-la de um sofrimento que era culpa dele.

Os cardeais pareciam desconfortáveis com seu papel de carcereiros e estabeleceram um ritmo que seria confortável para Constance e suas damas. Havia apenas três delas, Adela, Hildegund e Martina, pois suas damas sicilianas tinham escolhido permanecer em sua pátria, e depois do horror de Salerno Constance não podia culpá-las. Estavam na estrada havia várias horas quando Constance viu seu batedor galopar de volta para o grupo, expressão fechada. Estimulando sua égua a avançar, ela se juntou aos cardeais enquanto conferenciavam com ele. Quando parou ao lado, eles forçaram sorrisos, explicando que havia um grupo de homens de aparência suspeita à frente que podiam ser salteadores. Achavam melhor desviar e evitar um confronto.

Constance concordou serenamente que de fato era melhor, seu rosto não revelando nada. Eles se esqueceram de que o latim era um dos idiomas oficiais da Sicília, e embora ela não fosse tão fluente quanto Heinrich, captara duas palavras na conversa que terminara abruptamente quando chegou perto – *praesidium imperatoris*. Não eram salteadores que eles temiam. Os homens à frente eram membros da guarda de elite imperial de Heinrich.

Constance não sabia como estavam lá, mas isso não importava. Voltando para suas damas atrás, lhes disse que estivessem prontas para agir quando ela o fizesse. Já podia então ver os cavaleiros à distância. Quando os cardeais e seus homens saíram da estrada principal para uma trilha de terra que se afastava do rio Liri, Constance os seguiu. Esperou até que o guarda cavalgando ao seu lado passasse à frente de sua égua, e de repente chicoteou o traseiro do cavalo. O animal assustado disparou para a

frente como se lançado por uma besta, e ela já estava a metros de distância antes que os cardeais e sua escolta se dessem conta do que estava acontecendo. Ouviu gritos e olhou para trás para ver que vários dos homens dos cardeais a perseguiam, seus garanhões ágeis o bastante para superar sua égua. Mas nesse momento os guardas imperiais cavalgavam na sua direção. Tirando o capuz de seu manto para que não houvesse dúvidas, ela gritou:

– Eu sou sua imperatriz. Eu me coloco sob sua proteção.

Os cardeais fizeram de tudo, raivosamente alertando os alemães de que iriam atrair a ira do Santo Padre sobre suas cabeças caso interferissem, insistindo em que a imperatriz estava sob custódia do papa. Os guardas imperiais se limitaram a rir deles. Constance e suas damas logo estavam se afastando com seus novos protetores, os cavaleiros excitados por terem recuperado tal prêmio, sabendo que sua sorte estava selada. As damas de Constance também estavam empolgadas. Mas embora Constance tivesse uma triste sensação de satisfação, não partilhava do seu júbilo. Ela ainda era uma refém. Nem mesmo uma coroa imperial podia mudar isso.

Dois anos depois do encontro fortuito de Constance com os guardas imperiais de Heinrich, Tancredo estava morrendo em seu palácio de Palermo. Ele teve um fim amargo, pois seu filho de 19 anos morrera de repente em dezembro, deixando como seu herdeiro um menino de 4 anos. Ele sabia que o medo do Sacro Imperador Romano seria maior que a lealdade a uma criança. Ao descobrir a morte de Tancredo, Heinrich novamente liderou um exército que cruzou os Alpes e penetrou a Itália.

Em maio, quando chegou a Milão, Constance foi para a cama dizendo que precisava descansar antes da festa que seria dada à noite em sua homenagem pelo bispo de Milão. Adela estava preocupada com sua senhora havia algumas semanas, mas aquele reconhecimento explícito de fadiga, tão incomum em Constance, fez com que procurasse dama Martina. Assim que encontraram um local isolado longe de ouvidos indiscretos, ela confessou que temia que a imperatriz estivesse doente. Martina não ficou surpresa, pois também notara o pouco apetite de Constance, sua exaustão e palidez.

– Eu falei com ela, mas insiste em que está bem – admitiu. – Temo que seu desânimo esteja afetando sua saúde.

Ela deixou que as palavras morressem, certa de que Adela entenderia. Ambas sabiam que Constance estava preocupada com o que o futuro reservava para a Sicília e seu povo. Ela não chegara a dizer, mas não havia necessidade de colocar em palavras seus temores escondidos, pois conheciam o homem com quem ela tinha se casado.

– Vou falar com ela novamente depois das festividades desta noite – prometeu, e Adela teve de se contentar com isso.

Quando Adela retornou aos aposentos de Constance, ficou aliviada ao ver a imperatriz de pé e se vestindo, pois isso tornava mais fácil acreditar que não estava doente, apenas cansada. Assim que ficou pronta para descer ao grande salão onde Heinrich e o bispo de Milão a aguardavam, suas damas se empolgaram com a beleza de seu manto, seda da cor de um nascer do sol siciliano, com brocados, e joias que valiam o resgate de um rei, mas Constance se sentia um presente ricamente embalado que era vazio por dentro.

Heinrich esperava impacientemente.

– Você está atrasada – murmurou enquanto ela passava seu braço pelo dele.

Haviam tido uma das piores brigas de seu casamento duas semanas antes, e a tensão ainda era visível. Fizeram uma trégua, eram civilizados em público e privadamente, mas nada mudara. Ainda divergiam quanto a Salerno. Constance concordava em que os salernitanos mereciam punição. Teria ficado satisfeita em derrubar as muralhas da cidade e impor uma pesada multa aos habitantes, pois tinham agido por terror, não por traição. Heinrich via de outro modo, dizendo que tinham para com ele uma dívida de sangue e que pretendia cobrá-la. Constance achava que o ódio implacável dele para com os homens e mulheres de Salerno era um fogo alimentado por sua consciência de ter cometido um grande erro, um erro que nunca iria reconhecer. Mas, a despeito de sua raiva, não apelara para essa arma, sabendo que isso se voltaria contra si mesma. Naquele momento, olhando para ele de soslaio, ela sentiu um toque de cansado ressentimento, depois esboçou um sorriso para o homem que se aproximava deles.

Ela conhecera o bispo de Milão dois anos antes em Lodi, e era bastante fácil se valer dessas lembranças para uma conversa educada. Estava

acostumada a essa conversa fiada social. Mas dessa vez seria diferente. Mal tivera a chance de ver seu cumprimento floreado quando o chão pareceu se mover sob seus pés, como se de repente estivesse no convés de um navio. Começou a dizer que precisava se sentar, mas era tarde demais. Já estava rodopiando para a escuridão.

Constance se acomodou nos travesseiros, observando enquanto Martina examinava um frasco de sua urina. Não fizera perguntas durante o exame da médica – não tinha certeza se queria as respostas pois havia algum tempo desconfiava de que poderia estar gravemente doente. Estava prestes a pedir vinho quando a porta se abriu e seu marido entrou, seguido por um homem cuja aparição nos aposentos da imperatriz, sem ser convidado, chocou suas damas.

– Quero que meu médico a examine – anunciou Heinrich sem preâmbulos. – Você obviamente está doente e precisa de cuidados que esta mulher não pode oferecer.

Constance se sentou na cama.

– "Esta mulher" é uma médica formada, Heinrich. Eu quero que ela cuide de mim – disse, e, incapaz de resistir a um pequeno golpe, acrescentou: – Ela estudou em Salerno e estava comigo durante o ataque ao palácio, momento em que demonstrou coragem e lealdade. Eu confio no seu julgamento.

Ele conseguiu dar um sorriso que nunca chegou aos olhos.

– Estou certo de que é competente para males femininos. Ainda assim, quero que mestre Conrad assuma seu tratamento. Devo insistir, minha querida, pois sua saúde é muito importante para mim.

Disso Constance não duvidava; seria constrangedor para Heinrich caso ela morresse antes que ele pudesse ser coroado rei da Sicília, pois não teria nenhum direito ao trono a não ser pelo direito de conquista.

– Não – repetiu ela secamente, e viu um músculo se contrair no rosto dele, enquanto os olhos se apertavam. Mas Martina escolheu aquele momento para intervir.

– Embora eu esteja gratificada com a fé da imperatriz em minhas habilidades, estou certa de que mestre Conrad é um médico de renome. Mas não há necessidade de outra opinião. Já sei o que causou o desmaio da imperatriz.

Heinrich não se preocupou em disfarçar seu ceticismo.

– De fato sabe?

Martina o olhou com calma.

– Sim. A imperatriz está grávida.

Constance engasgou, os olhos arregalando. Heinrich não ficou menos chocado. Esticando a mão, ele agarrou o braço de Martina.

– Você tem certeza? Que Deus a proteja se estiver mentindo!

– Heinrich! – protestou Constance inutilmente. Martina olhou nos olhos de Heinrich sem piscar, e depois de um momento ele a soltou.

– Tenho certeza – disse Martina, confiante, e dessa vez dirigiu suas palavras a Constance: – Segundo minha avaliação, você será mãe antes que o ano termine.

Constance recostou, fechando os olhos. Quando os abriu novamente, Heinrich estava curvado sobre a cama.

– Você precisa descansar agora – falou. – Não pode fazer nada que coloque o bebê em risco.

– Você terá de continuar sem mim, Heinrich, pois devo viajar muito lentamente.

Ele concordou tão prontamente que ela se deu conta de que tinha poder, pela primeira vez em seu casamento. Ele se inclinou ainda mais, os lábios tocando sua bochecha e, quando se empertigou, disse a Martina que sua esposa deveria ter tudo o que quisesse e que suas ordens deveriam ser obedecidas imediatamente, como se vindas de sua própria boca. Chamando mestre Conrad, que estivera desajeitadamente passando o peso de um pé para o outro, foi na direção da porta. Ali parou e, olhando para Constance, riu, um som tão raro que as mulheres todas se assustaram, como se ouvindo um trovão num céu claro sem nuvens.

– Deus de fato me abençoou – falou ele, exultante. – Quem pode duvidar que minha vitória na Sicília está garantida?

Assim que a porta se fechou atrás dele, Constance esticou a mão na direção de Martina, os dedos se cruzando.

– Você tem certeza?

Ela ecoava as palavras de Heinrich, mas as dele tinham sido uma ameaça; as suas eram ao mesmo tempo uma súplica e uma prece.

– Sim, minha senhora, estou certa. Você me disse que seu último fluxo foi em março. Nunca pensou...

– Não... Meus fluxos foram irregulares no último ano, ou dois. Pensei... Temi que pudesse estar chegando àquela idade em que uma

mulher não mais consegue conceber.

Contudo, era mais que isso. Ela não pensara que poderia estar grávida porque não tinha mais esperanças.

Adela estava chorando, chamando-a de "meu cordeiro", como se estivesse de volta ao berçário. Hildegund caíra de joelhos, agradecendo ao Todo-Poderoso, e Katerina, a mais jovem de suas damas, dançava pelo aposento, os pés leves como uma folha soprada pelo vento. Constance queria chorar, rezar e dançar, também. Em vez disso, riu, o riso da garota despreocupada que um dia fora em sua juventude, quando o mundo era repleto de sol tropical e ela nunca imaginara qual seria o seu destino – o exílio numa terra estrangeira gelada e um casamento que era tão estéril quanto seu útero.

Dispensando as outras para que retornassem às festividades, pois ela queria apenas Adela e Martina consigo, colocou a mão sobre a barriga, tentando imaginar a pequena entidade que então partilhava seu corpo. Sua alegria era tanta que finalmente podia dizer a verdade.

– Eu não celebrei a morte de Tancredo – confidenciou. – Não podia, pois sabia o que isso significaria para a Sicília. Ela se tornaria outro apêndice do Sacro Império Romano, suas riquezas seriam saqueadas, sua independência, terminada, e sua própria identidade, perdida. Mas agora... agora ela será passada ao meu filho. Ele irá governar a Sicília como meu pai e meu sobrinho fizeram. Ele será mais que seu rei. Será seu salvador.

Com isso, Adela começou a chorar descontroladamente, e Martina se viu sorrindo em meio às lágrimas.

– Você deveria pelo menos considerar, madame, que pode ter uma filha.

Constance riu de novo.

– E eu daria as boas-vindas a uma, Martina. Mas esta criança será menino. O Todo-Poderoso nos abençoou com um milagre. Como mais eu ficaria grávida no meu aniversário de 41 anos após um casamento de oito anos estéreis? É a vontade de Deus que eu dê à luz um filho.

A despeito de sua euforia, Constance estava bem consciente de que as chances não estavam a seu favor; na sua idade ter um primeiro filho implicava riscos consideráveis, com aborto e morte no parto sendo perigos muito reais. Ela escolheu passar os meses mais perigosos da gravidez num mosteiro de freiras beneditinas em Milão e, quando retomou suas viagens,

realizou-as em fases. Ela escolhera a cidade italiana de Jesi para o parto. Localizada no cume de uma colina debruçada sobre o rio Esino, tinha muralhas fortificadas e era amistosa ao Sacro Império Romano; Heinrich lhe dera seus guardas imperiais, mas Constance não iria correr o risco de outra Salerno.

Embora tivesse sido poupada de muito da náusea matinal que tantas mulheres suportavam, sua gravidez não foi fácil. Seus tornozelos e pés estavam muito inchados, os seios, muito doloridos e sensíveis, e se sentia exausta o tempo todo, sofrendo de dores de cabeça, azia, falta de ar e mudanças repentinas de humor. Mas parte de sua ansiedade passou ao chegar a Jesi, pois Martina lhe garantiu que era mais improvável um aborto espontâneo nos últimos meses. Também ficou encantada com a simpatia dos cidadãos de Jesi, que pareciam verdadeiramente contentes pela escolha dela de ter o filho em sua cidade, e quando novembro deu lugar a dezembro ela estava mais calma que em qualquer outro momento de sua gravidez.

O exército de Heinrich encontrara pouca resistência, e a rendição de Nápoles em agosto provocou uma deserção em massa das fileiras da rainha cativa de Tancredo e seu jovem filho. Constance ficou perturbada ao saber da vingança sangrenta que Heinrich impusera a Salerno em setembro, mas seguiu o alerta de Martina de que perturbação demais poderia fazer mal ao bebê e tentou afastar da mente imagens de casas incendiadas, corpos, viúvas sofrendo e crianças aterrorizadas. Em novembro, ficou encantada com a chegada de Baldwin, Miguel e vários de seus cavaleiros. Quando Heinrich tomou Salerno, eles tinham sido libertados do cativeiro e enviados para Jesi. Constance brincou com Martina que seu casamento teria sido mais feliz caso tivesse passado o tempo todo grávida; àquela altura elas eram mais que médica e paciente, partilhando os rigores de sua gravidez como tinham partilhado os perigos em Salerno.

Em dezembro, Constance soube que Heinrich entrara em Palermo, e Sybilla se rendera com sua promessa de que a família ficaria em segurança e seu filho poderia herdar as terras de Tancredo em Lecce. Constance não conseguia deixar de sentir simpatia por Sybilla e ficou contente com a surpreendente leniência dos termos de Heinrich. Estava hospedada no palácio do bispo de Jesi, e celebraram a futura coroação de Heinrich com

um banquete tão grandioso quanto permitia o Advento. Mais tarde naquele dia, o clima ameno lhe deu a tentação de um passeio pelos jardins.

Acompanhada por Hildegund e Katerina, ela estava sentada em um caramanchão de treliça quando houve uma grande agitação no jardim e vários homens jovens entraram, jogando uma bola de bexiga de porco de um lado para o outro. Constance os reconheceu: um dos secretários do bispo e dois dos cavaleiros de Heinrich que tinham recebido a missão de levar a ela a notícia de seu triunfo. Pousando seu bordado, ela sorriu do seu comportamento agitado, pensando que um dia seria seu filho jogando bola com os amigos.

– O imperador foi verdadeiramente abençoado por Deus este ano – disse um deles. Constance não podia mais vê-los, mas conhecia suas vozes. O que falara era Pietro, o secretário, que continuou com a pergunta retórica de quantos homens ganhavam uma coroa e um herdeiro no mesmo ano. – Permita Deus que a imperatriz dê à luz um filho.

Houve uma gargalhada dos cavaleiros de Heinrich, e quando Pietro falou novamente, soava confuso.

– Por que estão rindo? Afinal de contas, está nas mãos do Todo-Poderoso.

– Você é realmente inocente – constatou Johann, o mais velho dos cavaleiros. – Acha mesmo que o imperador teria tanto trabalho para assegurar um herdeiro e então apresentar ao mundo uma menina? Só quando os porcos voarem!

A cabeça de Constance se levantou rapidamente e ergueu a mão pedindo silêncio quando Katerina pensou em falar.

– Não entendo o que você quer dizer – falou Pietro, e havia um tom de preocupação em sua voz.

– Sim, você entende. Apenas tem medo de dizer em voz alta. Depois de oito anos, lorde Heinrich sabia muito bem que tinha sido amaldiçoado com uma esposa estéril. E então, de repente, essa gravidez milagrosa. Por que acha que a imperatriz escolheu esta cidade esquecida por Deus, num verdadeiro fim de mundo, para dar à luz? Teria sido muito mais difícil em Nápoles ou Palermo, olhos desconfiados demais. Aqui será fácil. Correrá a notícia de que as contrações começaram e, sob a proteção da noite, o bebê será trazido... Talvez um dos bastardos de Heinrich, e os sinos da igreja badalarão alegremente com a notícia de que o imperador tem um filho robusto e saudável.

Constance prendeu a respiração, a mão apertando o bordado; sequer sentiu a agulha furando a palma da mão. Katerina ruborizou e ia avisar à rainha quando Hildegund segurou seu braço.

– Você tomou muito vinho no jantar, meu caro – afirmou Pietro, cordialmente, arrancando mais risadas dos outros.

Quando Constance saiu do caramanchão, Pietro a viu primeiro e fez uma grande mesura.

– Madame!

O sangue sumiu do rosto de Johann, deixando-o mais branco que uma vela votiva.

– Ma-madame. E-eu lamento muito! Era apenas uma brincadeira. Como... como Pietro disse, eu tomei vinho demais.

Com a pressa, suas palavras saíram pastosas e sua voz, aguda e trêmula.

– De verdade, eu tinha de estar bêbado para fazer piada tão vil...

A voz de Constance era como gelo, se gelo pudesse queimar.

– Fico pensando se o senhor meu marido achará sua brincadeira tão divertida quanto você acha.

Johann soltou um som estrangulado, depois se jogou de joelhos.

– Madame... Por favor – suplicou ele. – Por favor... Eu lhe suplico, não conte a ele.

Constance olhou abaixo para ele até que começasse a soluçar, depois deu meia-volta e foi embora. Johann desabou no chão, com Pietro e o outro cavaleiro ainda paralisados onde estavam. Hildegund olhou feio para o cavaleiro que chorava, depois foi apressada atrás de Constance, com Katerina logo atrás.

– Ela irá contar ao imperador? – sussurrou, sentindo uma pontada de pena imerecida pelo completo terror de Johann.

Hildegund balançou a cabeça.

– Acho que não – disse, muito baixo, depois completou: – Maldito seja por toda a eternidade aquele bastardo imaturo e idiota por isso! De todas as coisas que nossa senhora podia ouvir quando chega a sua hora...

– Que importância tem o que um idiota como aquele pensa?

Constance não deu atenção. Estava andando de um lado para o outro, agitada, proferindo uma sequência de xingamentos que suas damas não sabiam que conhecia. Mas quando ficou pálida e começou a ofegar,

Martina passou um braço sobre seus ombros e a conduziu até uma cadeira. Voltou alguns momentos depois com uma taça de vinho, colocou-a na mão de Constance.

– Beba isto, minha senhora. Irá acalmar seus nervos. Adela está certa: está se aborrecendo por nada. Com certeza, sabia que haveria conversas maldosas como essa, homens ansiosos para esperar o pior do imperador?

Constance pousou a taça tão de repente que caiu vinho em sua manga.

– Claro que eu sabia, Martina! Heinrich tem mais inimigos do que Roma tem padres. Mas você não vê? Eram seus próprios cavaleiros, homens que juraram morrer por ele caso necessário. Se mesmo *eles* duvidam de minha gravidez...

Adela se ajoelhou ao lado da cadeira, fazendo um esgar quando seus velhos ossos protestaram.

– Isso não importa – repetiu, teimosa. – Falatório de gralhas, nada além disso.

O ultraje de Constance dera lugar ao desespero.

– Isso importa! Meu filho virá ao mundo envolto numa sombra, sob suspeita. As pessoas não acreditarão que ele é verdadeiramente minha carne, o herdeiro legítimo da coroa siciliana. Terá de passar a vida inteira lutando contra calúnias e difamação. Rebeldes poderão usar isso como pretexto para se erguer contra ele. Um papa hostil poderá muito bem declará-lo ilegítimo. Ele nunca estará livre de murmúrios, de dúvidas... – falou, e fechou os olhos, lágrimas começando a escorrer por seus cílios. – E se ele mesmo acreditar nisso...

Adela também começou a chorar. Martina pegou o braço de Constance e gentilmente, mas com firmeza, a colocou de pé.

– Como disse, isso não serve para nada. Mesmo que você esteja certa e seus temores sejam justificados, não há nada que possa fazer para eliminar a fofoca. Agora quero que se deite e descanse um pouco. Deve pensar no bem de seu filho enquanto está em seu ventre, não no que ele poderá ter de enfrentar nos anos por vir.

Constance não discutiu; deixou que elas a colocassem na cama. Mas não dormiu, permanecendo acordada enquanto o céu escurecia e depois voltava lentamente a se colorir de luz, ouvindo a voz de Johann enquanto debochava da própria ideia de que a esposa envelhecida e estéril de Heinrich pudesse conceber.

Baldwin estava desconfortável, pois não era adequado ser convocado aos aposentos particulares de sua senhora; estava certo de que Heinrich não aprovaria.

– Mandou me chamar, madame? – perguntou, tentando esconder seu desalento com a aparência perturbada e pálida da imperatriz.

– Tenho uma tarefa para você, sir Baldwin – disse Constance, sentada numa cadeira, as mãos cruzadas com tanta força que sua aliança feria a carne. – Quero que erga um pavilhão na praça. E depois quero que coloque homens na rua dizendo às pessoas que terei meu parto ali, naquela barraca, e que as matronas e donzelas de Jesi estão convidadas para o nascimento do meu filho.

Baldwin ficou de queixo caído; por mais que se esforçasse, não conseguia pensar em nada a dizer. Mas as damas de Constance não ficaram sem fala e começaram um protesto escandalizado. Ela as escutou, depois disse a Baldwin para garantir que sua ordem fosse obedecida. Ele já vira aquela expressão no rosto dela uma vez, quando estava prestes a sair para aquela varanda em Salerno, então se ajoelhou, beijando sua mão.

– Assim será feito, madame.

Adela, Hildegund e Katerina tinham ficado abatidas, olhando para ela em silêncio chocado. Martina se curvou sobre a cadeira, murmurando:

– Tem certeza de que quer fazer isto?

Constance sibilou por entredentes.

– Por Cristo na cruz, Martina! É claro que eu não quero fazer isto! – falou, erguendo a cabeça, e acrescentando: – Mas eu *farei* isto! Farei isto por meu filho.

No dia seguinte ao Natal, a praça estava lotada como se fosse um dia de feira. Havia um clima festivo, pois os homens da cidade sabiam que testemunhavam algo extraordinário – ou pelo menos suas esposas. Eventualmente, uma delas saía da tenda para contar que tudo estava indo como devia, depois desaparecia novamente do lado de dentro. Os homens brincavam, fofocavam e faziam apostas sobre o sexo da criança que lutava para nascer. Dentro da tenda, o clima era bastante diferente. Inicialmente as mulheres de Jesi estavam excitadas, sussurrando entre elas, se sentindo como espectadoras de uma peça de Natal. Mas quase todas elas tinham as próprias experiências de parto, suportando o que Constance estava sofrendo naquele momento, e, enquanto a observavam se contorcer no

banco de parto, sua pele coberta de suor, o rosto distorcido de dor, começaram a se identificar com ela, a esquecer que era uma imperatriz, nascida nobre, rica e privilegiada além de seus maiores sonhos. Elas tinham a honra de testemunhar um acontecimento histórico. E se viam então a estimulando como se fosse uma delas, pois eram todas filhas de Eva, e no que dizia respeito a parto, irmãs sob a pele.

Martina estava consultando duas das parteiras da cidade, as vozes baixas, os rostos concentrados. Adela estimulava Constance a engolir uma colherada de mel, dizendo que lhe daria forças, e ela se forçou a aceitar sobre a língua. Ela sabia por que estavam tão preocupadas. Quando a água correra, elas lhe disseram que isso significava que o nascimento estava perto, mas suas dores continuaram, ficando mais severas, e não lhe parecia que havia progressos.

– Eu quero Martina – murmurou ela e, quando a médica voltou para seu lado, agarrou o pulso da mulher. – Lembre-se... Se não puder salvar os dois, salve meu filho.

Suas palavras eram fracas e morriam, mas seus olhos queimavam tão intensamente que Martina não conseguiu desviar os dela.

– Prometa... – insistiu. – Prometa.

E a outra mulher concordou, não confiando em sua voz.

O tempo não fazia mais sentido para Constance; não havia mundo além dos limites abafados daquela tenda. Elas lhe deram vinho misturado com casca de cássia imperial, ergueram sua chemise suja para massagear sua barriga, ungiram suas partes íntimas com óleo de tomilho quente e, quando ela continuou a lutar, algumas das mulheres saíram para rezar por ela na igreja junto à praça. Mas Martina continuava insistindo em que seria logo, que seu útero estava dilatando, segurando a fé como uma vela para expulsar a escuridão, e depois de uma eternidade Constance a ouviu gritar que conseguia ver a cabeça do bebê. Ela fez força mais uma vez, e os ombros do filho estavam livres.

– De novo – estimulou Martina, e então um corpinho, pele vermelha e enrugada, escorreu para fora num jorro de sangue e muco, para as mãos da parteira, que esperavam.

Constance caiu para trás, prendendo a respiração até ouvir o miado suave que provava que seu bebê vivia. O sorriso de Martina era radiante como o nascer de um sol.

– Um menino, Madame! Você tem um filho!

– Passe para mim... – falou Constance fracamente.

Ainda havia muito a fazer. O cordão umbilical tinha de ser amarrado e cortado. O bebê devia ser limpo e esfregado com sal antes de envolvido. A placenta tinha de ser expelida e depois enterrada para não atrair demônios. Mas Martina sabia que tudo isso podia esperar. Pegando o bebê, ela o colocou nos braços da mãe, e enquanto viam Constance segurar o filho pela primeira vez poucas das mulheres tinham os olhos secos.

Quando seis dias depois correu a notícia de que a imperatriz iria apresentar o filho ao público, a praça ficou lotada horas antes do horário marcado. Os homens tinham ouvido das esposas as histórias do nascimento e estavam ansiosos para ver eles mesmos a criança milagrosa; afinal, ele era natural de Jesi, brincavam, um dos seus. A multidão se abriu quando a liteira de Constance entrou na praça, e eles aplaudiram educadamente enquanto ela era ajudada a descer e se movia devagar até a cadeira que a aguardava. Assim que estava sentada, ela fez um gesto e Martina lhe deu uma pequena forma enrolada. Constance abriu o cobertor, revelando uma cabeça com finos cabelos avermelhados. Com a criança agitando os pequenos punhos, ela o ergueu para que todos vissem.

– Meu filho, Frederick – apresentou ela, alto e claro. – Que um dia será o rei da Sicília.

Eles aplaudiram novamente e sorriram quando Frederick de repente soltou um grito forte. Constance também sorriu.

– Acho que ele está com fome – disse, e as mães na multidão concordaram, experientes, olhando ao redor em busca da mãe de leite; damas bem-nascidas como Constance não amamentavam os próprios bebês. Elas ficaram chocadas com o que aconteceu a seguir. As damas da imperatriz se adiantaram, temporariamente bloqueando a visão da multidão. Quando se colocaram de lado, a multidão engasgou, pois Constance havia aberto o manto, ajustado o corpete e começado a amamentar o filho. Quando as pessoas da cidade se deram conta do que ela estava fazendo – oferecendo uma última prova incontestável e pública de que aquele era um filho do seu corpo, sua carne e seu sangue – começaram a aplaudir forte. Mesmo aqueles hostis ao marido alemão de Constance se juntaram, pois a coragem devia ser reconhecida e honrada, e todos sabiam que estavam presenciando um ato de bravura desafiadora, a maior expressão do amor de uma mãe.

Nota da autora

Constance obviamente era uma mulher corajosa, mas seria também perigosa? Os acontecimentos posteriores ao nascimento de Frederick nos oferecem a resposta. Os generosos termos de paz de Heinrich foram uma isca para uma armadilha. Ele mostrou suas cartas durante a coroação no Natal, mandando arrancar os corpos de Tancredo e seu filho dos túmulos reais. Quatro dias depois, alegou ter descoberto um complô contra ele e ordenou que Sybilla, seus filhos e os principais nobres sicilianos fossem presos e levados para a Alemanha. Sybilla e as filhas conseguiram escapar, mas seu filho de 5 anos morreu logo depois de ter sido enviado a um mosteiro, tendo supostamente sido cegado e castrado antes de morrer. O governo despótico de Heinrich provocou uma rebelião genuína em 1197, e há evidências de que Constance esteve envolvida na conspiração. Heinrich certamente pensou assim, pois a obrigou a assistir enquanto ele executava o líder da revolta pregando em sua cabeça uma coroa em brasa. Mas, em setembro de 1197, Heinrich morreu inesperadamente em Messina. Constance assumiu o controle do governo imediatamente, se cercou de conselheiros sicilianos e expulsou todos os alemães. Mas só sobreviveu a Heinrich por um ano, durante o qual trabalhou febrilmente para proteger o filho. Fez com que fosse coroado, depois firmou uma aliança com o novo papa, Inocêncio III, o nomeado guardião de Frederick antes de sua morte em novembro de 1198 aos 44 anos. Frederick se revelaria um dos mais brilhantes, controversos e impressionantes governantes da Idade Média – rei da Sicília, Sacro Imperador Romano, até mesmo rei de Jerusalém. E Constance? Dante a colocou no paraíso.

Lev Grossman

Romancista e jornalista, Lev Grossman é colunista e crítico literário da *Time* e coautor do blog TechLand da TIME.com. Seu bizarro romance fantástico de 2009, *Os magos*, foi uma sensação internacional, entrando para a lista dos mais vendidos do *New York Times* e sendo considerado Melhor Livro de 2009 pela *New Yorker*. Sua sequência, *O rei mago*, publicada em 2011, foi igualmente aclamada. Entre os outros livros de Grossman, estão os romances *Warp* e *Codex*. Ele mora no Brooklyn, Nova York, e mantém o site levgrossman.com.

Aqui ele nos leva a uma antiga e venerável escola para magos, que é assombrada por tradições milenares, bem como por espíritos de um tipo diferente, para nos mostrar que mesmo as brincadeiras mais inocentes podem acabar tendo consequências perigosas, e até mesmo mortais.

A GAROTA NO ESPELHO

Você poderia dizer que tudo começou como uma peça inocente, mas isso não seria verdade. Não foi assim *tão* inocente. É só que Wharton estava se comportando mal, e segundo a avaliação da Liga ele tinha de ser punido por isso. Então talvez parasse com aquilo, se comportasse um pouco menos mal, ou no mínimo a Liga teria a satisfação de ter feito Wharton sofrer, e isso já era alguma coisa. Na verdade, muito.

Você não poderia chamar de inocente. Mas tinha de admitir que era bastante compreensível. E, de qualquer forma, existe tal coisa como uma peça inocente?

Plum era a presidente da Liga – não eleita, mas indiscutível – e também sua fundadora. Ao recrutar as outras, ela apresentara a Liga como uma antiga tradição gloriosa de Brakebills, o que na verdade provavelmente não era – como a faculdade existia havia uns quatrocentos anos, parecia muito provável que deveria haver pelo menos em algum momento do passado outra Liga, ou no mínimo alguma coisa nesse sentido, o que você podia considerar um precedente histórico. Você não podia descartar a possibilidade. Embora ela tivesse tirado a ideia de um conto de P.G. Wodehouse.

Elas se encontravam depois do horário numa salinha trapezoidal engraçada na Torre Oeste que, pelo que sabiam, estava fora da grade de segurança mágica dos professores, portanto era seguro violar o toque de recolher ali. Plum estava deitada no chão, que era a posição na qual ela costumava conduzir os negócios da Liga. O restante das garotas estava preguiçosamente espalhado por sofás e cadeiras, como confete de uma festa de sucesso, mas exaustiva, que felizmente tinha chegado ao fim.

Plum fez com que a sala ficasse silenciosa – era um pequeno feitiço que engolia o som em um raio de uns nove metros – e toda atenção se voltou para ela. Quando Plum fazia um truque mágico todos notavam.

– Vamos colocar em votação – falou, solene. – Todas aquelas a favor de pregar uma peça em Wharton digam "sim".

Os "sim" saíram em diversos tons, de zelo honrado a distanciamento irônico, passando por concordância sonolenta. Aquela coisa de conspiração clandestina depois do horário certamente podia arrasar com sua programação de sono, Plum tinha de admitir. Era um pouco injusto com as outras, porque Plum era uma estudante rápida que passava pelo dever de casa como uma faca quente pela manteiga, e ela sabia que não era assim tão fácil para todas. Do seu ponto de vista privilegiado para o chão, com os olhos fechados e o comprido cabelo castanho espalhado como um leque no carpete – que um dia foi macio e aveludado mas que se tornara surrado até um tom de cinza desbotado –, a votação fora mais ou menos unânime.

De qualquer forma, havia uma evidente pluralidade na sala. Ela abria mão de um espetáculo de nãos.

– É enlouquecedor – disse Emma no silêncio que se seguiu, jogando a bola no chão. – Absolutamente *enlouquecedor*.

Aquilo era um exagero, mas a sala deixou para lá. Não que o crime de Wharton fosse uma questão de vida ou morte. Mas aquilo teria fim. Isso a Liga prometia.

Darcy estava sentada no sofá em frente ao comprido espelho com a moldura branca marcada que ficava apoiado na parede. Brincava com seu reflexo – usava as duas mãos compridas e elegantes para conjurar um feitiço que a esticava, depois encolhia, esticava, depois encolhia. As questões técnicas estavam além de Plum, mas magia de espelho era a especialidade de Darcy. Era um pouco de exibicionismo da parte dela, mas não dava para culpá-la. Darcy não tinha muitas oportunidades de usar isso.

Os fatos do caso Wharton eram os seguintes: em Brakebills a maioria das obrigações no jantar era executada pelos Primeiros Anistas, que depois comiam separados. Mas, por tradição, um Quarto Anista privilegiado era escolhido todo ano para servir o vinho, encarregado de harmonizar, servir e tudo mais. Wharton recebera essa honraria, e não sem motivo. Ele sabia muito sobre vinho, ou pelo menos parecia ser capaz de se lembrar dos nomes de muitas diferentes regiões, denominações e tudo mais. (Na

verdade, outra Quarto Anista com o nome não intencionalmente hilário de Clair Bear foi indicada para a função naquele ano. Wharton a humilhara, fria e publicamente, diferenciando entre um Gigondas e um Vacqueyras num teste às cegas.)

Mas segundo a avaliação da Liga, Wharton pecara contra a honra do cargo, pecara gravemente, ao servir pouco vinho várias vezes, em especial para os Quinto Anistas, que tinham direito a duas taças no jantar. Falando sério, eram três quartos de dose. Todos concordavam. Para tal crime não podia haver perdão.

– O que supõe que ele faz com tudo? – perguntou Emma.

– Faz com o quê?

– O vinho extra. Ele deve estar guardando. Aposto que ele acaba com a garrafa a mais toda noite.

Havia oito garotas na Liga, das quais seis estavam presentes, e Emma era a mais jovem e a única do segundo ano, mas não se intimidava com as mais velhas. Na verdade, na opinião de Plum, ela era até mesmo um pouco entusiasmada demais com a Liga e seu papel nela. Deveria fingir ficar um pouco intimidada de vez em quando.

– Não sei – disse Plum. – Acho que ele bebe.

– Ele não conseguiria tomar uma garrafa por noite – falou Darcy. Ela tinha um grande penteado afro volumoso estilo anos 1970; tinha até mesmo um palito afro se projetando dele.

– Ele e o namorado, então. Qual o nome dele? É grego.

– Epifanio – disseram juntas Darcy e Chelsea.

Chelsea estava deitada no sofá no lado oposto ao de Darcy, sua cabeça louro-mel no braço, joelhos erguidos, preguiçosamente tentando estragar os truques de espelho da amiga. Os feitiços de Darcy eram maravilhas intrincadas e precisas, mas era muito mais fácil estragar o feitiço de alguém do que conjurar um você mesma. Essa era uma das muitas pequenas injustiças da magia.

Darcy franziu o cenho e se concentrou mais. Revidando. A interferência causou um zumbido audível, e, com o estresse, o reflexo de Darcy no espelho retorceu e espiralou para dentro dele mesmo de formas bizarras.

– Pare – falou Darcy. – Você vai acabar quebrando.

– Ele deve ter algum feitiço em ação que o devora – comentou Emma. – Ele tem de ser alimentado com vinho uma vez por dia. Como uma coisa

de virilidade.

– Claro que era aonde seu pensamento ia chegar – disse Plum.

– Bem – continuou Emma, corando e ficando violeta – Você sabe. Ele é bem musculoso.

Chelsea aproveitou o momento e fez o reflexo de Darcy desmoronar de forma repulsiva, como se fosse sugado para um buraco preto, e depois desaparecer totalmente. No espelho, parecia que ela sequer estava lá – seu lado do sofá vazio, embora a almofada estivesse um pouco afundada.

– Ah – disse Chelsea.

– Musculoso *não* significa viril.

Essa foi Lucy, uma Quinto Anista intensamente sincera e filosófica; seu tom traía um toque do que poderia ser a amargura da experiência pessoal. Roliça, coreana e muito branca, Lucy flutuava de pernas cruzadas em um dos cantos superiores da sala irregular. Seus cabelos pretos lisos estavam soltos e eram tão compridos que pendiam para bem além da sua bunda.

– Aposto que ele o dá ao fantasma – continuou Lucy.

– Não há nenhum fantasma – retrucou Darcy.

Alguém estava sempre dizendo que Brakebills tinha um fantasma. Era como Plum dizendo que já houve uma Liga: você nunca podia provar que sim nem que não.

– Falando nisso – começou Chelsea, que consolidara sua vitória sobre Darcy no jogo do espelho colocando os pés no colo de Darcy –, o *que* significa "viril"?

– Significa que ele tem porra no saco – respondeu Darcy.

– Meninas, por favor – interrompeu Plum, querendo recolocar as coisas nos trilhos. – Nem a porra de Wharton nem seu saco são o tema aqui. A questão é o que fazer sobre o vinho que falta. Quem tem um plano?

– *Você* tem um plano – disseram Darcy e Chelsea ao mesmo tempo, novamente. As duas eram como gêmeas teatrais.

– Eu tenho um plano.

– *Plum tem um plano* – cantarolou a pequena e alegre Holly da única poltrona boa.

Plum sempre tinha um plano; não conseguia evitar. Seu cérebro parecia produzi-los naturalmente. O plano era se valer do que ela via como sendo o calcanhar de aquiles de Wharton, que eram os seus lápis. Ele não usava

aqueles fornecidos pela escola, que eram funcionais e suficientes para o dia a dia, acreditava Plum: cor azul-Brakebills escuro, com "Brakebills" em letras douradas na lateral. Mas Wharton não gostava deles – dizia que eram gordos demais, não gostava do seu "toque", e o grafite era macio e frágil. Wharton trazia os seus de casa.

Na verdade, os lápis de Wharton eram lápis impressionantes: cor verde-oliva e feitos de uma madeira oleosa aromática que liberava um cheiro ceroso que lembrava árvores de distantes florestas tropicais. Só Deus sabia onde os conseguia. As borrachas eram presas em anéis de aço escovado cinza fosco que parecia industrial demais e com carbono demais para a tarefa de conter as borrachas, que em vez do habitual tom rosado de pele eram de uma escuridão que engolia a luz. Wharton mantinha seus lápis num estojo de prata chato, que também possuía (em seu próprio compartimento de veludo irregular) uma faquinha afiada que ele usava para mantê-los apontados com extremidades perigosas.

Além disso, qualquer que fosse a vida que Wharton levasse antes de se tornar um estudante de magia em Brakebills, devia ter incluído decatlo acadêmico, debate ou algo assim, porque ele tinha todo um arsenal de truques de manipulação de lápis do tipo que as pessoas costumavam usar para intimidar gênios da matemática rivais. Ele os fazia constante, inconsciente e, pelo visto, involuntariamente. Era irritante, até bastante e ainda mais que a coisa do vinho.

Plum planejava roubar os lápis e pedir resgate por eles, sendo o resgate uma explicação de que diabos Wharton fazia com todo aquele vinho, com uma promessa de parar de fazer aquilo. Às 23h30 daquela noite, a Liga estava bocejando, Darcy e Chelsea tinham recriado o reflexo de Darcy e começado a brincar com ele de novo, mas o plano de Plum fora apresentado, detalhado, aprovado, melhorado e então tornado complexo sem necessidade. Pequenas farpas retorcidas e cruéis foram acrescentadas a ele e todos os papéis, definidos.

Era justiça grosseira, mas alguém tinha de manter a ordem em Brakebills e, se os professores não faziam isso, então as muitas mãos da Liga eram obrigadas a fazê-lo. Os professores podiam fechar os olhos se quisessem, mas os muitos olhos da Liga eram atentos e não piscavam.

A imagem de Darcy no espelho estremeceu e ficou borrada.

– Pare com isso! – mandou Darcy, realmente aborrecida. – Eu lhe disse...

Ela tinha dito, e então aconteceu. O espelho se partiu: houve um alto estalo agudo e uma estrela branca surgiu no canto direito inferior do vidro, com rachaduras finas se estendendo a partir dela, como se algum pequeno projétil invisível o tivesse atingido ali. Plum pensou em Tennyson: "O espelho rachou de um lado ao outro..."

– Ah, merda! – gritou Chelsea. As mãos voaram na direção da boca. – Espero que não tenha sido tipo muito caro.

No instante em que aquilo aconteceu, a face do espelho ficou escura, e ele parou de refletir qualquer coisa na sala. Não devia ser um espelho de verdade, mas um instrumento mágico projetado para se comportar como um. De início, Plum achou que ficara totalmente preto, mas então viu que havia ali algumas formas suaves sombreadas: um sofá e cadeiras. O espelho, ou o que quer que fosse, mostrava a elas a mesma sala em que estavam, mas vazia, e no escuro. Seria o passado? O futuro? Havia algo sobrenatural naquilo – era como se alguém tivesse estado ali momentos antes e acabado de sair, de passagem apagando as luzes.

Plum levantou oito horas da manhã seguinte, tarde para o seu padrão, mas em vez de rejuvenescer seu cérebro o sono extra apenas o deixara confuso. Ela esperara se sentir elétrica de excitação e ansiedade com a perspectiva de uma peça iminente, mas em vez disso seguiu, anestesiada, para o chuveiro e, ao sair dele, se enfiou nas roupas e desceu as escadas rumo à sua primeira aula. Sua mente, ela muitas vezes notara, era uma lente que alternava entre estados de total concentração letal e dispersão inútil e natural, aparentemente sem que ela tivesse qualquer influência nisso. Sua mente tinha a própria mente. Naquela manhã, ela estava em modo disperso natural.

Sendo uma Quinto Anista que concluíra todas as matérias exigidas, Plum estava fazendo todos os seminários naquele semestre, e sua primeira aula era um pequeno encontro sobre magia antiga, especificamente alemã do século XVI – muitas coisas elementares, técnicas bizarras de adivinhação e Johannes Hartlieb. A pequena Holly estava sentada à mesa diante dela, e o estado disperso natural de Plum era tal que Holly tocara seu narizinho pontudo duas vezes antes que Plum se lembrasse de que aquele era o sinal de que os estágios Um e Dois do plano foram concluídos com sucesso. Ela de repente entrou em modo concentrado.

Estágio Um: “Grosseiro mas eficaz.” Algumas horas mais cedo, o namorado de Chelsea a teria levado escondida para a Torre dos Meninos sob a justificativa de um sarro antes do amanhecer, algo que não era incomum para nenhum dos dois. Tendo a natureza seguido seu rumo, Chelsea teria se desvencilhado dos braços do amado e se colocado de pé em frente à porta de Wharton, as costas coladas nela, afastado os cachos cor de mel da testa num gesto automático, revirado os olhos e entrado no quarto dele num estado astral etéreo prateado. Revirou o quarto em busca do estojo de lápis, encontrou-o, agarrou com as suas simples e descuidadas mãos. Não conseguiria tirar o estojo de lápis do quarto daquela forma, mas não precisava. Tudo o que ela precisava era colocá-lo sobre a janela.

O próprio Wharton poderia ou não ter observado isso, dependendo se estava ou não em seu sofá impecável, mas isso não importava. “Que ele veja.”

Assim que Chelsea levou o estojo até a janela, a sincera Lucy passou a ter uma visão da janela desde uma sala de conferências vazia em frente ao quarto de Wharton, ou seja, poderia usar a telecinese no estojo de lápis daquela direção, de dentro do quarto de Wharton para fora dele pelo ar. Mais ou menos um metro era o máximo que ela conseguia movê-lo, mas isso era o bastante.

O estojo de lápis então cairia doze metros até onde a entusiasmada Emma esperava, tremendo nos arbustos na fria madrugada de fevereiro antes da alvorada, para pegá-lo num cobertor. Não era necessário magia.

Eficaz? Inegável. Desnecessariamente complexo? Talvez. Mas complexidade desnecessária era a assinatura da Liga. Era como a Liga operava.

Tudo isso feito, era a hora do Estágio Dois: “Desjejum de campeões.” Wharton desceria tarde, tendo passado a manhã revirando o quarto em busca de seus lápis e não os encontrando. Em meio a uma névoa de ansiedade, ele mal notaria que seu mingau tinha sido colocado à sua frente não por algum Primeiro Anista anônimo, mas pela pequena Holly disfarçada de um. O primeiro bocado não cairia bem. Ele iria parar e examinar seu mingau matinal com maior atenção.

Estaria salpicado não pela habitual pitada de açúcar mascavo, mas por uma leve camada de raspas aromáticas de lápis verde-oliva. Com os cumprimentos da Liga.

À medida que o dia avançava, Plum entrou no espírito da peça. Ela sabia que isso aconteceria. O problema era que suas manhãs eram ruins.

Seu cronograma avançou, devorando o dia em bocados, como uma sucuri engolindo um gnu. Cinética Acelerada Avançada; Sabedoria Oculta Quântica; Magia Sequencial de Mãos Dadas; Manipulação de Plantas ao Nível Celular. Tudo boa diversão americana. A carga acadêmica de Plum teria sido assustadora para um aluno de doutorado, possivelmente para vários alunos de doutorado, mas Plum chegara a Brakebills com a cabeça mais cheia de teoria e prática de magia do que as pessoas costumavam sair. Ela não era uma daquelas que saíam do zero, sem qualquer dica, que se arrastavam pelo primeiro ano com mãos doendo e olhos cheios de estrelas. Plum chegara preparada.

Brakebills era uma instituição ultrassecreta e altamente exclusiva – sendo a única faculdade de magia reconhecida na América do Norte, tinha um conjunto muito grande de candidatos para selecionar, e selecionava boa parcela. Embora, tecnicamente, ninguém se candidatasse de verdade: Fogg apenas pegava o creme dos secundaristas possíveis, o *crème de la crème* – as grandes exceções, os casos extremos de genialidade precoce e motivação obsessiva, que tinham o cérebro e a alta tolerância à dor necessários para lidar com os rigores intelectuais e físicos que o estudo da magia exigiria deles.

Sem dizer que isso significava que o corpo discente de Brakebills era um senhor zoológico psicológico. Carregar tanto poder de processamento cognitivo embutido costumava distorcer uma personalidade. E, para querer dar tão duro, você tinha de ser pelo menos um pouco perturbado.

Plum era um pouco perturbada, mas não o tipo de perturbada que *transparecia*. Ela se apresentava como divertida e confiante. Quando entrara para Brakebills, ela arregaçara as mangas, estalara os dedos e usara outras linguagens corporais adequadamente confiantes e então se jogara. Até que a vissem na sala, muitos dos Primeiro Anistas a confundiram com uma mulher de uma turma superior.

Mas Plum se preocupou em não se sair tão bem a ponto de, por exemplo, se formar cedo. Ela não tinha pressa. Gostava de Brakebills. Na verdade, adorava. Até mesmo precisava. Ela se sentia segura ali. Não era tão engraçada e confiante a ponto de nunca ter se acalmado para dormir imaginando ser Padma Patil (porque lamento, Hermione, mas Corvinal é o máximo). Plum era uma romântica enrustida, assim como a maioria dos

alunos, e Brakebills era o sonho de um romântico. Pois o que eram os magos se não românticos? Sonhadores que sonhavam tão apaixonada e urgentemente, e de coração tão partido, que a própria realidade não conseguia suportar e se partia sob a pressão como um velho espelho?

Plum chegara a Brakebills engatilhada, afiada, ensaiada e pronta para agitar. Quando as pessoas lhe perguntavam que adolescência ela tivera para chegar ali em tal estado engatilhado, afiado e pronto para agitar, ela contava a verdade, que era ter crescido em Seattle, filha única de um casal misto – um mago e uma prisioneira perpétua do Nintendo que fora informada sobre a existência da magia, mas nunca demonstrara nenhum talento para isso ela mesma. Eles a ensinaram em casa e fizeram sua cabeça, e que cabeça. Ela basicamente sabia muita magia porque começara cedo, era boa nisso de verdade e ninguém ficara no seu caminho.

Essa era a verdade. Mas quando chegava ao fim da história, ela arrematava com mentiras de modo a poder pular a parte sobre a qual não gostava de falar, nem mesmo pensar. Plum era uma mulher misteriosa, e gostava disso. Ela se sentia segura. Ninguém nunca iria saber toda a verdade sobre ela. De preferência, nem mesmo Plum.

Mas não pensar na verdade demandava alguma dose de distração. Daí a Cinética Acelerada Avançada, a Sabedoria Oculta Quântica e todas as outras disciplinas mágicas pesadas. E daí a Liga.

Plum acabou tendo um dia bastante bom; pelo menos, foi muito melhor do que o dia de Wharton. Na aula do primeiro tempo, ele encontrou mais raspas de lápis no assento de sua cadeira. Ao caminhar para o almoço, descobriu os bolsos cheios de pó de grafite retinto. Era como um filme de terror – seus preciosos lápis estavam morrendo lentamente, minuto a minuto, e ele era impotente para salvá-los! Iria lamentar sua mania de doses pequenas, ah, iria.

Passando por acaso por Wharton num pátio, Plum deixou que seus olhos deslizassem por ele com um lento sorriso satisfeito. Parecia um homem assombrado – um fantasma de seu antigo eu. O balão de pensamento acima de sua cabeça dizia, citando Milton: Que novo inferno é este?

Finalmente – e este foi o toque de Plum, e ela particularmente achou que era o mais hábil –, em seu quarto período, uma prática de diagramar energias mágicas, Wharton descobriu que o lápis de Brakebills que estava usando, além do tato ruim e tudo mais, não desenhava o que ele queria.

Qualquer que fosse o feitiço que tentasse diagramar, quaisquer que fossem os pontos, raios e vetores que tentasse esboçar, eles inevitavelmente formavam uma série de letras.

As letras diziam: *COM OS CUMPRIMENTOS DA LIGA.*

Plum não era uma pessoa má e supunha que no fundo do coração Wharton também não era. Verdade seja dita, a visão que tivera dele no pátio lhe causara uma pontada. Ela tivera meio que uma paixonite pelo forte, inteligente e supostamente viril Wharton em seu segundo ano, antes que ele se assumisse; de fato, com toda justiça psicanalítica, ela não podia descartar a possibilidade de que toda aquela peça fosse em parte uma expressão passivo-agressiva da referida paixonite passada. De qualquer forma, ela estava aliviada com o fato de o estágio final – Estágio Nove (demais?) – ser no jantar daquela noite, e que a coisa toda não se arrastasse mais. Elas só tiveram de destruir dois dos preciosos lápis especiais de Wharton. E o segundo nem fora destruído por completo.

Os jantares em Brakebills tinham uma gostosa pompa formal; quando alguém era encurralado em funções de ex-alunos por tristes e nostálgicos formados em Brakebills que chegaram ao auge na faculdade, mais cedo ou mais tarde sempre acabavam lembrando das noites no velho salão de jantar. O salão era comprido, estreito e escuro, revestido de madeira escura e tomado por velhas pinturas escuras de antigos reitores em diversos tipos de roupas de época (embora Plum achasse que os retratos de meados do século XX, agressivamente cubistas e depois pop, reduzissem a *gravitas* do efeito geral). A luz vinha de velhos candelabros de prata hediondos, pesados e tombados, colocados ao longo da mesa a cada três metros, e as chamas das velas estavam sempre se elevando, apagando ou mudando de cor sob a influência de um ou outro feitiço perdido. Todos vestiam uniformes idênticos de Brakebills. Os nomes dos alunos eram gravados nos seus lugares designados à mesa, que mudavam toda noite, aparentemente segundo os caprichos da mesa. A conversa era travada em um murmúrio baixo. Algumas poucas pessoas – nunca Plum – sempre apareciam tarde, quando suas cadeiras foram tiradas e elas tinham de comer de pé.

Plum comeu o primeiro prato como de hábito, dois bolos de caranguejo muito sem inspiração, mas depois pediu licença para ir ao toalete. Quando passou, Darcy discretamente estendeu o estojo de lápis de

prata às costas, e Plum o embolsou. Ela não ia ao toalete, claro. Bem, ela ia, mas apenas porque precisava. Não iria voltar depois.

Plum desceu o corredor na direção do Salão Sênior, que os professores quase nunca se preocupavam em trancar, tão confiantes estavam em que nenhum aluno ousaria cruzar o umbral. Mas Plum ousou.

Fechou a porta às costas. Tudo era como imaginara. O Salão Sênior era uma câmara cavernosa e silenciosa em forma de L com pé-direito alto, tomada por estantes e cheia de sofás de couro vermelho reluzente e mesas de trabalho sólidas de madeira de demolição que parecia ter sido tirada da cruz de Cristo. Estava vazia, ou quase. A única pessoa ali era o professor Coldwater, e ele quase não contava.

Ela imaginara que poderia estar lá; a maioria dos professores estava no jantar naquele momento, mas de acordo com a programação era a vez de o professor Coldwater comer tarde, com os do primeiro ano. Mas tudo bem com aquilo, porque ele era famoso por ser, digamos, desligado.

Ou não exatamente desligado, mas ele era preocupado. Sua atenção, a não ser quando dando aulas, sempre parecia estar em algum outro lugar. Estava sempre caminhando com o cenho franzido e passando os dedos pela bizarra cabeleira branca, executando pequenos feitiços efervescentes com uma das mãos e murmurando e resmungando sozinho como se resolvesse problemas de matemática de cabeça, o que provavelmente fazia, porque quando não os fazia de cabeça, fazia em quadros-negros ou quadros-brancos, em guardanapos ou com os dedos no ar à sua frente.

Os alunos nunca conseguiram decidir se ele era romântico e misterioso ou apenas involuntariamente hilariante. Seus próprios alunos, aqueles em seu seminário de Magia Física, tinham por ele uma espécie de reverência religiosa, mas os outros professores pareciam desprezá-lo. Ele era jovem para um professor, talvez 30 anos – era difícil dizer com a cabeleira – e tecnicamente o professor de mais baixa posição da faculdade, então sempre ficava com os trabalhos que ninguém mais queria, como comer com os do primeiro ano. Ele parecia não se importar. Ou talvez apenas não notasse.

Naquele momento, o professor Coldwater estava de pé na extremidade mais distante da sala, de costas para ela. Era alto e magro, e estava empertigado, olhando para a estante à sua frente, mas sem pegar qualquer livro. Plum fez uma prece silenciosa para qualquer que fosse o santo que velava por professores desligados e se assegurava de que suas mentes

permanecessem distantes. Deslizou em silêncio sobre os grossos tapetes orientais superpostos, seguindo às pressas pelo ângulo reto do L até o braço mais curto, onde o professor Coldwater não podia vê-la. Mesmo se a visse, duvidava de que ele se desse o trabalho de denunciá-la; no pior dos casos, apenas a expulsaria do Salão Sênior. De qualquer maneira, valia a pena.

Pois chegara a hora da grande revelação. Wharton iria abrir a adega, que na verdade era uma sala inteira do tamanho de um pequeno estúdio, e encontraria Plum já ali, tendo entrado sorrateiramente por uma passagem secreta nos fundos. Então, apresentaria as exigências da Liga e descobriria a verdade de tudo.

Essa era a parte mais arriscada do plano, porque a existência dessa passagem secreta pelos fundos era motivo de especulação, mas de qualquer forma, se isso não funcionasse, ela faria sua entrada do jeito tradicional, menos melodramático. E era uma especulação confiável. Plum estava quase certa de que a passagem estava ali. Ela ficava, ou tinha um dia ficado, entre o Salão Sênior e a adega, de modo que os professores podiam escolher as melhores garrafas para uso particular. Sua localização fora revelada a ela pela idosa professora Desante, sua antiga conselheira, quando estava bêbada, o que era comum – a professora Desante era uma mulher que gostava de beber e preferia coisas mais fortes que vinho. Plum registrara a informação para uma eventualidade como aquela.

A professora Desante também dissera que ninguém mais usava muito a passagem, embora o motivo pelo qual ninguém usasse uma passagem obviamente tão útil não fosse óbvio para Plum. Mas Plum imaginou que, mesmo que tivesse sido lacrada, ela poderia conseguir destrancá-la. Estava em uma missão da Liga e a Liga não se detinha por nada.

Plum olhou rapidamente por sobre o ombro – Coldwater ainda estava fora de vista, e/ou ocupado com algo, então se ajoelhou junto ao painel de madeira. Terceiro painel a partir da esquerda. Ahn – aquele no final era meio painel, e ela não sabia se deveria contar com ele. Bem, ela tentaria das duas formas. Traçou uma palavra com o dedo, escrevendo-a em alfabeto rúnico – o Futhark antigo –, ao mesmo tempo afastando de sua mente tudo menos o gosto de um Chardonnay com tons de carvalho harmonizado com uma torrada quente com manteiga.

Moleza. Ela sentiu o feitiço de tranca se desfazer antes mesmo que o painel se abrisse para fora em dobradiças antes invisíveis. Era uma porta,

embora uma humilde porta ao estilo hobbit, com cerca de dois terços da altura. Qualquer professor que usasse aquilo teria de se curvar e encolher sua cabeça augusta. Mas essa indignidade era compensada por um bom vinho de graça.

Perturbadoramente, porém, a passagem tinha sido lacrada. Fechada com tijolos, após apenas um metro, e os tijolos foram dispostos de modo a formar um padrão que Plum reconheceu como um encanto enrijecedor brutal – apenas um encanto, sim, mas um poderosíssimo. Não era coisa de alunos. Algum professor tivera o trabalho de colocar aquilo ali e gastara algum tempo nisso. Plum franziu os lábios e bufou.

Encarou o padrão por cinco minutos na luz fraca da pequena passagem, esquecida do mundo. Em sua cabeça, o padrão nos tijolos flutuou para fora da parede e pairou diante dela sozinho, puro, abstrato e brilhante. Seu mundo encolheu e concentrou. Penetrou mentalmente no padrão, deteve-se nele, empurrou por dentro, buscando algum encaixe frouxo ou desequilíbrio sutil.

Devia haver algo. Vamos, lá, Plum: é mais fácil estragar magia do que fazer. Você sabe disso. Caos é mais fácil que ordem. Quem desenhou este lacre era inteligente. Mas seria mais inteligente do que Plum?

Havia algo estranho nos ângulos. A essência de um glifo como aquele não estava nos ângulos, estava na topologia – você podia deformá-lo muito e ele não perderia o poder desde que suas propriedades geométricas essenciais permanecessem intactas. Os ângulos nas junções eram, em certa medida, arbitrários. Mas a coisa engraçada nos ângulos desses encaixes era serem engraçados. Eram mais agudos do que o necessário. Eram não arbitrários. Eles tinham um padrão, um padrão dentro do padrão.

Dezessete graus. Três graus. Dezessete e três. Dois deles aqui, dois deles lá, os únicos ângulos que apareciam duas vezes. Ela bufou mais uma vez. Um código alfabético simples. Um código alfabético estupidamente simples. Dezessete e três. Q e C. Quentin Coldwater.

Era uma espécie de assinatura. Uma marca d'água. Uma marca do professor Coldwater. Ele criara aquele lacre. E quando ela entendeu isso, entendeu tudo. Talvez fosse de propósito – talvez ele quisesse um ponto fraco, uma chave, para o caso de precisar desfazê-lo depois. De qualquer forma, sua pequena assinatura vaidosa era a falha no padrão. Ela tirou a faquinha no estojo de lápis de Wharton e trabalhou a argamassa farelenta ao redor de um tijolo específico. Ela a correu ao redor da beirada, depois

reforçou o padrão – ela não podia soltá-lo, mas podia forçá-lo, beliscar suas cordas esticadas para que ressoasse. Ele ressoou tão forte que um tijolo vibrou e se soltou da parede, do outro lado.

Sem aquele tijolo e, portanto, sem a integridade de seu padrão, o resto da parede desistiu e desmontou. Engraçado que tivesse sido ele – todos sabiam que Coldwater adorava vinho. Plum encolheu a cabeça. Passou pelo umbral e fechou o painel atrás de si. Estava escuro na passagem, e frio, muito mais frio que no confortável Salão Sênior. As paredes eram antigas, tábuas não aparelhadas sobre pedra.

Fazendo uma estimativa, eram cerca de noventa metros do Salão Sênior até os fundos da adega, mas ela só tinha avançado vinte quando chegou a uma porta, essa destrancada e sem lacre. Ela a fechou após passar. Mais uma passagem, e outra porta. Estranho. Você nunca sabia o que ia encontrar naquele lugar, mesmo depois de viver ali quatro anos e meio. Brakebills era velha, muito velha. Havia sido construída e reconstruída muitas vezes por muitas pessoas diferentes.

Mais portas, até que a quarta ou quinta deu para um espaço aberto – um pequeno pátio quadrado que ela nunca vira antes. Principalmente grama, com uma árvore, algum tipo de árvore frutífera subindo por uma alta parede de pedra. Ela sempre achara trepadeiras um pouco assustadoras. Era como se alguém tivesse crucificado a pobre coisa.

E também, não que isso importasse, não deveria haver uma lua lá fora, não naquela noite. Ela correu através do pátio até a porta seguinte, mas estava trancada.

Tocou na maçaneta de maneira suave. Procurou lacres mágicos, e uau. Alguém mais inteligente que ela e o professor Coldwater juntos a trancara com firmeza.

– Bem, me derrubou – disse ela.

Seu GPS interno lhe dizia que ela deveria ir diretamente em frente, mas havia outra porta saindo do pátio, uma pesada de madeira em outra parede. Foi até a porta número dois, que era pesada, mas abriu com facilidade.

Ela já tinha desconfiado, mas então teve certeza de que estava atravessando espaços magicamente não contíguos, pois aquela porta se abriu e deu direto para um dos andares superiores da biblioteca. Não era impossível – ou era, óbvio, mas era uma das possíveis impossibilidades, como Donald Rumsfeld teria dito se fosse secretamente um mago.

(Altamente improvável. Essa era um impossível impossível.) Era absurdo, e um tanto perturbador, mas não era magicamente impossível.

A biblioteca de Brakebills era disposta ao redor das paredes internas de uma torre que afinava no alto, e aquele devia ser um dos menores andares superiores, que Plum só havia vislumbrado de muito abaixo, e que, para ser honesta, ela sempre supusera que estivessem ali para criar um clima. Nunca achou que realmente houvesse livros neles. Que porra iriam guardar lá em cima?

Parecia pequeno desde abaixo, e era pequeno – de fato, ela se deu conta então de que aqueles andares superiores deviam ser construídos para produzir uma perspectiva falsa, fazer a torre parecer mais alta do que era, pois era realmente muito pequena, mal uma varanda, como uma daquelas casas decorativas medievais que reis loucos construíam para seus anões reais. Ela tinha de se deslocar ali de quatro. Os livros, contudo, pareciam reais, suas lombadas de couro marrom descascando como massa, com letras gravadas em ouro – uma obra de referência interminável em muitos volumes sobre fantasmas.

E como alguns dos livros na biblioteca de Brakebills, eles não eram quietos ou inanimados. Eles a espiavam desde as prateleiras enquanto passava engatinhando, como se a convidassem a abri-los e lê-los, ou a desafiassem a isso, ou suplicassem. Dois deles chegaram a socá-la nas costelas. Ela pensou que não deveriam receber muitas visitas. Talvez fosse assim quando você visitava filhotinhos no abrigo e todos começavam a pular querendo ser acariciados.

Não, obrigada. Ela gostava que seus livros esperassem, com decoro e paciência, até que ela mesma escolhesse lê-los. Foi um alívio engatinhar até a porta em miniatura no final da varanda – praticamente uma porta para gatos – e de volta a um corredor normal. Aquilo estava tomando muito tempo, mas não era tarde demais. O prato principal estaria pela metade, mas ainda havia a sobremesa, e ela achava que naquela noite ainda havia queijo. Ainda conseguiria caso se apressasse.

Aquele corredor era apertado, quase um corredor de acesso. De fato era um – pelo que podia dizer, estava na verdade dentro de uma das paredes de Brakebills. Era uma das paredes do salão de jantar: podia ouvir o zumbido caloroso de conversa e o ruído da prataria, e conseguia olhar por duas das pinturas – havia buracos nos olhos, como nos filmes antigos sobre casas mal-assombradas. Eles estavam servindo o prato principal naquele

momento, um belo coelho malpassado com ramos de alecrim. A visão a deixou com fome. Ela se sentia a milhões de quilômetros de distância, embora estivesse de pé bem ali. Quase sentiu saudades, como um daqueles ex-alunos lacrimosos, do tempo em que estava sentada à mesa com seus bolos de caranguejo sem graça, meia hora antes, de quando sabia exatamente onde estava.

E ali estava Wharton, exibidamente servindo suas taças mesquinhas de tinto, nem um pouco arrependido. A visão lhe deu forças. Por isso estava ali. Pela Liga.

Embora, Deus, quanto tempo aquilo iria tomar? A porta seguinte deu para o telhado. O ar noturno estava gelado. Ela não estivera ali desde que o professor Sunderland os tinha transformado em gansos, e eles voaram até a Antártica. Era solitário e silencioso ali depois do salão de jantar – ela estava num lugar muito alto, mais alto que os topos sem folhas de todas as árvores exceto as mais altas. Ela tinha de ficar de quatro, porque o telhado era muito íngreme, e as telhas estavam cobertas de pó sob as palmas de suas mãos. Ela podia ver o rio Hudson, uma comprida garatuja sinuosa prateada. Estremeceu só de olhar.

Para onde ir? Não havia um caminho óbvio. Ela estava perdendo o fio da meada. Por fim, Plum simplesmente arrombou a fechadura da janela da mansarda mais próxima e entrou.

Estava no quarto de um aluno. De fato, se tivesse de adivinhar, ela diria que era o quarto de Wharton, embora nunca o tivesse visto, pois sua paixonite permanecera no plano teórico. Quais eram as chances? Aqueles eram mais que não contíguos. Ela começou a desconfiar que alguém em Brakebills, possivelmente a própria Brakebills, estava de sacanagem com ela.

– Ah, meu Deus – falou em voz alta. – A ironia.

"Bem, foda-se", pensou, "e vamos ver quem sacaneia por último". Ela meio que desconfiava que tinha se metido num duelo mágico com o próprio Wharton, embora ele de modo algum conseguisse fazer algo como aquilo. Talvez tivesse recebido ajuda – talvez ele fosse parte de uma Anti-Liga clandestina, dedicada a frustrar as metas da Liga! Na verdade, isso meio que seria legal.

O quarto estava uma bagunça infernal, o que de algum modo era simpático, já que ela pensava em Wharton como um obcecado por controle. E tinha um cheiro legal. Decidiu que não ia mais lutar contra a

lógica onírica do que estava acontecendo; ia participar do jogo. Ia se deixar levar. Sair pela porta da frente seria romper o feitiço do sonho, então ela abriu a porta do armário de Wharton, de algum modo confiante em que – sim, olhe, há uma portinha nos fundos.

Ela não conseguiu deixar de notar, de passagem, que o armário estava cheio, praticamente lotado de caixas daqueles lápis. Por que elas tinham achado que ele iria surtar pela perda de dois lápis? Havia mais de cinco mil deles ali. O cheiro de óleo de madeira tropical era sufocante. Ela abriu a porta e saiu.

A partir de então suas viagens foram exclusivamente pelos trilhos do sonho. A porta nos fundos do armário de Wharton a levou a outro pátio, mas era dia. Eles estavam perdendo ahn, contiguição – contiguidade? – temporal, além de espacial. Era mais cedo naquele dia, pois ali estava ela, a própria Plum, cruzando o vidro levemente fosco e passando por Wharton, e lá estava o olhar deslizando. Era uma visão estranha. Mas a tolerância de Plum para o estranho estava em alta, naquela meia hora.

Ela se viu deixar o pátio. Aquilo era ela resumida, pensou Plum: de pé ali e vendo sua vida passar. Perguntou-se se caso gritasse e agitasse os braços conseguiria se ouvir. Ou se aquilo era mais como um espelho falso. Franziu o cenho. A causalidade daquilo era confusa. Mas pelo menos isso era claro: se era assim que sua bunda parecia vista de trás, bem, nada mal. Ela topava.

A porta seguinte era ainda mais temporalmente não contígua, porque a colocou numa Brakebills diferente, uma Brakebills reduzida de forma curiosa. Era uma Brakebills menor, mais escura e de algum modo mais densa. Os tetos eram mais baixos, os corredores mais estreitos, e o ar cheirava a fumaça de madeira. Ela passou por uma porta aberta e viu um grupo de meninas aninhadas numa cama enorme. Elas vestiam camisolas brancas e tinham cabelos lisos compridos e dentes ruins.

Plum entendeu o que estava vendo. Aquilo era Brakebills muito tempo atrás. O Fantasma da Brakebills Passada. As garotas ergueram os olhos momentaneamente, sem curiosidade, quando ela passou. Nenhuma dúvida do que faziam.

– Outra Liga – falou para si mesma. – Eu *sabia* que devia ter havido uma.

E então a porta seguinte deu para um quarto que ela achou conhecer – não, ela soube que conhecia, apenas não queria pensar nele. Ela estivera lá

uma vez, muito tempo atrás. O quarto estava então vazio, mas algo estava vindo, estava a caminho, e quando chegasse lá seria um inferno. Era a coisa: a coisa em que ela não podia e não iria pensar. Vira aquilo acontecer antes e não conseguira impedir. Sabia então que estava vindo e que aconteceria de qualquer modo. Ela tinha de sair, sair naquele momento, antes que o horror começasse de novo.

– Não! – disse Plum. – Não, não, não, não, *não*.

Ela correu. Tentou voltar, a primeira vez em que tentava aquilo, mas a porta estava trancada atrás dela, então correu para frente às cegas e passou disparada pela porta seguinte. Quando voltou a abrir os olhos, estava na pequena sala trapezoidal onde a Liga fazia suas reuniões.

Ah. Ah, obrigada, Deus. Ela respirava rápido, e soluçou uma vez. Não era real. Não era real. Ou era real, mas tinha acabado. Ela não ligava, de qualquer forma estava segura. Toda a porra de viagem mágica misteriosa acabara. Ela não iria voltar e também não avançaria mais. Estava segura bem ali. Não iria pensar naquilo. Ninguém tinha de saber.

Plum afundou no sofá gasto, flácida. Estava tão mole que quase a engoliu. Achava que poderia adormecer ali mesmo. Quase ficou pensando se isso tinha acontecido quando abriu os olhos novamente e olhou para o reflexo no espelho comprido que Darcy e Chelsea tinham rachado antes. Claro que ela não estava nele: espelho mágico. Certo. Plum ficou aliviada de não ter de olhar para o próprio rosto naquele momento. Então, seu alívio sumiu.

Havia outra garota de pé no espelho em vez dela. Ou pelo menos tinha a forma de uma garota. Era azul e estava nua, e sua pele emitia uma luz sobrenatural. Mesmo seus dentes eram azuis. Seus olhos eram insanos.

Aquilo era horror de um tipo diferente. Horror novo.

– Você – sussurrou o fantasma para Plum.

Era ela: o fantasma de Brakebills. Era real. Era quem estava de sacanagem com ela. Ela era a aranha no centro da teia.

Plum se levantou, mas depois disso não conseguiu se mover; todo movimento cessara. Caso se movesse, não viveria muito. Ela convivera tempo suficiente com magia para saber instintivamente que estava na presença de algo tão puro e poderoso que, se a tocasse, seria eliminada num segundo. Aquela garota azul era como um cabo de energia descapado. O mundo perdera o isolamento, e uma pura corrente mágica crua fazia um arco à sua frente.

Aquilo era além do horror. Plum se sentiu calma, distante. Fora apanhada nas engrenagens de algo muito maior que ela, que a esmagariam se quisessem. Já estavam em movimento. Não havia nada que pudesse fazer. Parte dela queria que fizessem isso. Ela esperara muito tempo para que seu destino a alcançasse.

Mas então, uma batida. O som vinha da parede à sua esquerda – soava como se algo tivesse se chocado contra ela do outro lado. Um pouco de massa caiu. A batida foi seguida pela voz de um homem dizendo algo como "uf ". Plum olhou.

O fantasma no espelho não.

– Eu sei – falou a coisa. – Eu vi.

A parede explodiu, lançando massa em todas as direções, e um homem passou por ela coberto de pó branco. Era o professor Coldwater. Ele se sacudiu como um cachorro molhado para se livrar de um pouco do pó. Bruxaria branca cintilava ao redor de suas mãos como fogos de artifício, tão brilhante que produziu chamas roxas em sua visão.

Sempre mantendo uma das mãos apontada para o fantasma azul, ele caminhou na direção de Plum até ficar entre ela e o espelho.

– Cuidado – disse por sobre o ombro, relativamente calmo, considerando as circunstâncias.

Ele recuou uma de suas pernas compridas e chutou o espelho. Foram necessários três chutes – das duas primeiras vezes o vidro apenas trincou e afundou, mas na terceira vez seu pé direito o atravessou. Ficou um pouco preso quando tentou tirá-lo.

Plum ficou tão chocada que sua primeira reação foi: tenho de contar a Chelsea que não precisa se preocupar em pagar por isso. Quebrar o espelho não acabou com o fantasma – ele ainda os encarava, embora tivesse de espiar pela beirada do buraco. O professor Coldwater se virou para encarar a parede atrás de Plum e juntou as mãos.

– Abaixe-se – disse.

O ar tremeu e formou ondas ao redor deles. Ela teve de colocar o antebraço sobre os olhos, e seu cabelo estalou com toda a eletricidade estática, a ponto de seu couro cabeludo doer. O mundo inteiro foi inundado de luz. Ela não viu, mas ouviu e sentiu a porta atrás dela explodir para fora do batente.

– Corra – mandou o professor Coldwater. – Vá em frente, estou logo atrás de você.

Ela fez isso. Pulou sobre o sofá como uma campeã e sentiu uma onda de choque quando o professor lançou um último feitiço sobre o fantasma. Isso levantou Plum do chão e a fez cambalear, mas continuou correndo.

Voltar foi mais rápido do que tinha sido avançar. Parecia estar andando com botas de sete léguas, o que ela pensou ser adrenalina, até se dar conta de que não, era apenas magia. Um passo a fez passar pela sala do inferno, e ela estava na Brakebills colonial, em seguida no quarto de Wharton, no telhado, no espaço apertado, na biblioteca, no pátio com a pereira assustadora, na passagem. O som de portas batendo atrás era como uma sequência de fogos de artifício detonando.

Pararam pouco antes do Salão Sênior, respirando pesado. Ele estava logo atrás, como tinha dito. Ela ficou pensando se ele tinha salvado sua vida; de qualquer forma, se sentia mal por ter debochado dele pelas costas. Ele lacrou novamente a passagem após passar. Ela o viu trabalhar, tonta, mas fascinada: movendo-se em alta velocidade, os braços se agitando, como um filme acelerado, ele montou toda uma parede de tijolos num padrão intrincado em cerca de cinco segundos.

Não deixou de notar que dessa vez ele corrigiu o padrão de ressonância, aquele que ela usara para romper o lacre anterior.

Eles ficaram sozinhos no Salão Sênior. Poderia ter sido um sonho, não fosse pelo pó de massa nos ombros do blazer do professor Coldwater.

– O que ela lhe disse? – perguntou ele.

– Ela? – reagiu Plum. – Ah, o fantasma. Nada. Ela disse "Você", e depois não disse mais nada.

– "Você" – repetiu ele. Estava olhando por sobre o ombro dela; já ficara distante novamente. Um de seus dedos ainda estalava com um resquício de fogo branco; ele o sacudiu, e apagou. – Hum... Você ainda quer ir à adega? Era o que estava procurando, não era?

Plum riu, apesar de tudo. A adega. Ela se esquecera daquilo. Ainda estava com o estojo de lápis idiota de Wharton no seu bolso idiota. Parecia sem sentido continuar com aquilo, tudo era triste demais e estranho demais.

Mas de algum modo, pensou, seria ainda mais triste não continuar com aquilo.

– Claro – disse, tentando parecer confiante, e quase conseguindo. – Por que não? Então, há uma passagem secreta?

– Claro. Eu roubo garrafas o tempo todo.

Ele desenhou a palavra em runas no painel seguinte ao que ela tinha usado.

– Você não conta o meio painel – falou ele.

Arrá. A porta se abriu. Era como ela tinha pensado: uma moleza, nem mesmo noventa metros, mais como setenta.

Ela esticou os ombros e conferiu a aparência em um espelho comprido. Os cabelos estavam um pouco selvagens, mas imaginou que isso seria parte do efeito. Ficou surpresa, e talvez um pouco desapontada, de ver o próprio rosto olhando de volta. Ficou pensando de quem seria o fantasma, como tinha morrido e por que ainda estava ali. Provavelmente não estava ali por diversão. Provavelmente não era uma ex-aluna nostálgica assombrando Brakebills pelo espírito escolar. Provavelmente precisava de alguma coisa. Com sorte essa coisa não era matar Plum.

Mas se fosse, teria feito isso – não é mesmo? –, e não tinha. Plum não era um fantasma. Na verdade, era importante dizer isso a si mesma: tendo visto um de verdade – e sequer achara que fossem reais, mas vivendo e aprendendo –, ela agora sabia a diferença, sabia mesmo. "Eu não morri", pensou, "e não morri naquele quarto. Parecia que eu tinha, eu queria morrer, mas não morri, porque se tivesse morrido, teria *morrido*. E não quero ser um fantasma. Não quero assombrar minha própria vida."

Ela acabara de fechar a porta secreta da adega após passar – ficava escondida atrás de uma prateleira de vinhos – quando Wharton entrou pela porta da frente com o rumor e o calor do prato de queijos morrendo atrás. A noção de tempo dela foi perfeita. Tudo muito "Liga".

Wharton ficou paralisado, com uma garrafa que acabara de ser novamente arrolhada em uma das mãos e duas taças de vinho invertidas penduradas dos dedos da outra. Plum o olhou com calma.

– Você tem servido menos para os Quinto Anistas.

– Sim – respondeu ele. – Você está com meus lápis.

Ela o observou. Parte do charme do rosto de Wharton era sua assimetria. Ele corrigira um lábio leporino em algum momento, e a cirurgia fora um sucesso, de modo que só o que restara fora uma pequena cicatriz de cara durão, como se tivesse levado um direto no rosto em algum momento, mas seguido em frente.

Também tinha um cabelo em V inacreditavelmente precioso. Alguns caras tinham muita sorte.

– Não é com os lápis que me importo, mas com o estojo – falou ele. – E a faca. Eles são de prata antiga, Smith & Sharp. Não se consegue mais encontrar isso.

Ela tirou o estojo do bolso.

– Por que você tem servido menos aos Quinto Anistas?

– Porque preciso do vinho extra.

– Certo, mas para *que* precisa dele? – perguntou Plum. – Vou lhe devolver os lápis e tudo mais. Eu só queria saber.

– Para que preciso dele? – repetiu Wharton. – Eu o dou ao maldito fantasma. Aquela coisa me deixa morrendo de medo.

– Você é um idiota – reagiu Plum. – O fantasma não se importa com vinho.

Por alguma razão, ela se sentia uma autoridade na questão de com o que o fantasma se importava ou não.

– O fantasma não se importa com *você*. E caso se importasse, não haveria nada que pudesse fazer quanto a isso. Certamente não o aplacaria dando vinho.

Ela lhe deu o estojo.

– Os lápis estão dentro. A faca também.

– Obrigado.

Ele o soltou no bolso do avental e colocou as duas taças de vinho vazias numa prateleira.

– Vinho? – sugeriu.

– Obrigada – respondeu Plum. – Eu adoraria um pouco.

Nancy Kress

Nancy Kress começou a vender seus contos elegantes e incisivos em meados dos anos 1970, e desde então se tornou colaboradora frequente das *Asimov's Science Fiction*, *Magazine of Fantasy & Science Fiction*, *Omni*, *Sci Fiction* e outras revistas. Entre seus livros estão a versão extendida de seu conto ganhador dos prêmios Hugo e Nebula, *Beggars in Spain*, e uma sequência, *Beggars and Choosers*, além de *The Prince of Morning Bells*, *The Golden Grove*, *The White Pipes*, *An Alien Light*, *Brainrose*, *Oaths and Miracles*, *Stinger*, *MaximumLight*, *Crossfire*, *NothingHuman*, *Crucible*, *Dogs*, *Steal Across the Sky* e a trilogia Probability: *Probability Moon, Probability Sun* e *Probability Space.* Seus contos foram reunidos em *Trinity And Other Stories, The Aliens of Earth, Beaker's Dozen* e *Nano Comes to Clifford Falls and Other Stories.* Seus trabalhos mais recentes compõem o novo romance *After the Fall, Before the Fall, During the Fall*, e duas novas antologias, *The Fountain of Age* e *Five Stories.* Além dos prêmios para "Beggars in Spain", ela também ganhou prêmios Nebula pelos contos "Out of All Them Bright Stars" e "The Flowers of Aulit Prison", o John W. Campbell Memorial Award de 2003 pelo romance *Probability Space* e outro Hugo em 2009 por "The Erdmann Nexus." Ela mora em Seattle, Washington, com o marido, o escritor Jack Skillingstead.

Aqui ela nos leva aos Estados Unidos arrasados do futuro para nos fazer uma pergunta: em um mundo onde conta apenas a básica sobrevivência bruta, resta algum espaço para a beleza? E você estaria disposto a matar por isso se a encontrasse?

SEGUNDO *ARABESQUE*, MUITO LENTAMENTE

Quando chegamos ao novo lugar já era noite e eu não conseguia ver nada. Não era típico de Mike nos mover depois de escurecer. Mas nosso bando demorara mais do que ele esperara, ou mais do que os batedores tinham dito, para viajar rumo ao sul. Aquilo era em parte culpa minha. Eu não conseguia caminhar tão rápido ou tanto quanto conseguia antes. Nem Pretty, pois aquele dia acabou sendo o seu Começo.

– Minha barriga dói, muito – gemeu a garota.

– Só um pouco mais – falei, esperando que fosse verdade. Esperando também que não tivesse de ameaçá-la. Pretty ficava feia quando se sentia mal, e quando se sentia melhor choramingava, embora nunca na presença de Mike. – Um pouco mais, e amanhã você terá sua cerimônia.

– Com doce?

– Com doce.

Então Pretty avançou pelas ruas escuras, rachadas, cheias de entulho, comigo e as outras seis garotas, atrás de uma lanterna que balançava. A noite era fria para julho. Os homens mais perto de nós – embora eu não chame meninos de 15 anos de homens, mesmo que Mike o faça – andavam curvados sob o peso de nossos pertences. Os homens no perímetro carregavam armas. Parte do perigo eram outros bandos querendo território de caça, embora houvesse menos brigas por território do que quando eu era jovem. Ainda assim, tínhamos bens desejáveis: sete mulheres jovens, pelo menos duas delas férteis, mais três crianças e eu. E havia os cachorros. As cidades são cheias de cachorros selvagens.

Eu podia ouvi-los uivando à distância. À medida que aquela distância ficou menor e Mike ainda nos fez cambalear à luz de um luar inconstante e uma lanterna, eu deixei as garotas aos cuidados de Bonnie e caminhei duas vezes mais rápido para encontrar Mike.

– O que está fazendo aqui? – indagou ele, olhar e rifle voltados para fora. – Volte para as garotas!

– É com as garotas que estou preocupada. Quanto ainda falta?

– Volte para lá, enfermeira!

– Estou perguntando porque Pretty sente dor. Ela está no seu Começo.

Isso desviou a atenção dele de possíveis perigos na escuridão.

– É? Tem certeza?

– Sim – respondi, embora não tivesse.

Mike deu seu sorriso lento e raro. Ele não era um líder de bando ruim. Enorme, forte, analfabeto – bem, todos eles eram, e eu precisava que fossem –, ele se importava com seu pessoal e não era mais brutal conosco do que a disciplina exigia. Uma grande evolução depois de Lew, nosso líder anterior. Às vezes, Mike podia até mesmo ter momentos de gentileza, como fez então.

– Ela está bem?

– Sim.

Nada que o começo de suas regras e um pouco de doce não curassem.

E então, ainda mais surpreendente.

– Você está bem, enfermeira?

– Sim.

– Quantos anos tem agora?

– Sessenta – respondi, cortando quatro anos.

Não tinha ilusões quanto ao que Mike faria assim que eu não conseguisse mais acompanhar o bando. Bonnie já tinha aprendido metade do que eu tinha a ensinar. Nem mesmo uma enfermeira podia atrasar um bando nos deslocamentos nômades que significavam comida. Tínhamos continuado a andar enquanto conversávamos.

– Eu serei o primeiro com Pretty.

– Ela sabe disso.

Ele grunhiu, não perguntando o que ela pensava disso. Se Pretty fosse fértil deveria acasalar com um macho fértil, e ninguém sabia quem poderia ser dos homens do bando. Nem tínhamos nenhuma ideia de como descobrir. Então, Pretty, assim como Junie e Lula antes dela, iria acasalar

com todos eles em sequência. Pretty, que era uma sedutora natural quando não estava sendo uma chorona natural, já jogava o cabelo louro comprido e mostrava suas pernas bem formadas para todos eles.

Os cachorros estavam mais perto, e perdi a atenção de Mike. Fiquei imóvel, esperando que o meio do bando me alcançasse, e me juntei às minhas.

Quando chegamos a nosso novo prédio, a lua desaparecera atrás das nuvens, uma chuva fina começou e eu não conseguia ver nada. Os homens nos conduziram passando por algumas estruturas grandes – a cidade estava cheia de estruturas grandes, a maioria arruinadas, principalmente por dentro – e por uma porta metálica. Degraus para baixo. Frio, umidade. Um corredor vazio. Ainda assim, aquele lugar será fácil de defender, já que era subterrâneo e quase sem janelas. Os batedores prepararam o quarto das mulheres, que tinha uma pequena janela, à qual ligaram nosso fogão de propano. A sala estava quente e com cobertas. Junie e Lula colocaram os filhos para dormir, pois já estavam quase adormecidos. Assim como as meninas. Fiquei acordada tempo suficiente para preparar uma infusão para Pretty – apenas ervas, não remédios – que reduziria suas cólicas, depois adormeci.

Pela manhã, fui a primeira a acordar e saí para urinar. O guarda, um rapaz gentil de 16 anos chamado Guy, acenou com a cabeça na minha direção.

– Bom dia, enfermeira.

– Bom dia para o senhor – respondi, e Guy sorriu. Ele era um dos poucos interessados nos conhecimentos, de história, literatura, que eu às vezes soltava. Sabia até mesmo ler; eu estava ensinando. – Onde fica o local de urinar?

Ele me mostrou onde era. Avancei, piscando um pouco com a luz brilhante do sol, pela lateral do prédio, virei uma esquina e fiquei paralisada.

Eu conheci aquele lugar. Nunca havia estado ali antes, mas o conhecia.

Três prédios grandes ao redor de uma praça enorme de pedras então quebradas e cobertas de mato, com degraus na extremidade oposta levando a uma rua deserta abaixo. No prédio mais alto, cinco arcos largos e altos davam para um mar de vidro quebrado. Os outros dois prédios, com fachadas de vidro também destruídas, tinham varandas, mármore,

esculturas de pedra grandes demais para ser quebradas ou levadas embora. Dentro, ainda visíveis, restos de um antigo carpete desgastado.

– Este é o Lincoln Center – falei em voz alta.

Mas o guarda do perímetro, sentado com seu rifle na beirada do que antes havia sido uma fonte, estava longe demais para ouvir. De qualquer forma, eu não estava falando com ele. Estava falando com a minha avó.

* * *

– Meu melhor emprego, Susan, foi quando fui da equipe de limpeza do Lincoln Center – confessou ela.

– Me conte – pedi, embora já tivesse ouvido a história tantas vezes antes que podia recitar de cor. Nunca me cansava.

– Eu era jovem, antes da faculdade de enfermagem. Nós limpávamos a Metropolitan Opera House a fundo nas duas últimas semanas de agosto e nas duas primeiras de setembro, quando não havia apresentações – era como ela sempre começava. – Isso foi antes da Praga da Infertilidade, você sabe.

Eu sabia. Minha avó era muito velha na época, mais velha do que sou agora, e estava morrendo. Eu tinha 12 anos. Minha avó estava me ensinando enfermagem freneticamente, para o caso de eu me revelar infértil, o que aconteceu no ano seguinte. Bandos que não estavam desesperados por parceiras não tinham utilidade para mulheres estéreis a não ser que a garota se revelasse uma guerreira. Eu não era uma guerreira.

– Nós baixávamos todos os 21 candelabros elétricos do Met; pense nisso, Susan, *21*, e limpávamos cada gota de cristal individualmente. A cada dois anos, o carpete vermelho era substituído, a um custo de 700 mil dólares. Em dólares de 1990! A cada cinco anos, os assentos eram trocados no New York State Theater; era chamado assim, embora depois tenham trocado o nome, não me lembro para qual. Cinco lavadores de janelas trabalhavam todos os dias do ano, sempre mantendo as janelas brilhando. À noite, quando todos os prédios eram iluminados, elas brilhavam na praça como ouro líquido. As pessoas riam, falavam e faziam filas às centenas para ouvir ópera, assistir a peças e balés e escutar concertos. E quantas apresentações encantadoras eu vi... Você não pode imaginar!

Nada de ouro líquido agora. Nada de apresentações, nada de eletricidade, nada de ópera, nem balé, nem peças, nem concertos. Vovó estava falando sobre um tempo que já passara quando eu nasci, e estou velha.

Voltei para dentro. Pretty estava acordada, seus enormes olhos azuis tomados de espanto consigo mesma.

– Enfermeira! Começou... Meu sangue! Estou no meu Começo!

– Parabéns – falei. – Vamos fazer sua cerimônia hoje.

– Agora sou uma mulher – disse, com orgulho.

Olhei para seu rosto redondo, infantil, simples; para seus braços e pernas magros; para sua barriga côncava, nem mesmo distendida pela retenção de líquidos. Ela tinha 13 anos, cedo para que nossas meninas Começassem. Kara era um ano mais velha, sem qualquer sinal de suas regras.

– Sim, Pretty. Você agora é uma mulher. Pode dar uma criança ao bando.

– Vocês sem filhos vão ter de me obedecer agora! – gritou Pretty, em tom importante.

As meninas mais novas, Seela e Tiny, fizeram careta.

Minha avó me ensinou muito mais do que enfermagem. E eu leio. Os livros podiam ter sobrevivido à destruição e aos conflitos idiotas de quando o mundo se deu conta de que 99% das mulheres tinham contraído um vírus que destruía os óvulos. Contudo, a maioria dos livros não sobreviveu ao tempo, à umidade, a ratos e insetos. Mas alguns sim.

Quantas pessoas restavam no mundo? Não havia como dizer. Organizações de censo, emissoras de rádio e TV, governos centrais – tudo isso desaparecera décadas antes. Não restavam pessoas o suficiente para sustentá-los. O mundo – ou pelo menos aquela parte dele – consistia de comunidades e bandos. As comunidades viviam fora das cidades e plantavam. Eu nunca vira uma. Eu nascera em um bando – embora não aquele – com minha mãe e minha avó cativas dele. Os bandos preferem ser caçadores-coletores em ambientes urbanos. Nós caçávamos carne – coelhos, cervos, cachorros – e coletávamos produtos enlatados. Não exatamente como era durante a Idade da Pedra, mas dávamos um jeito. De tempos em tempos, chegavam boatos de lugares que preservaram mais

civilização, normalmente cidades pequenas a norte e a oeste – "Endicott", "Bath", "Ithaca" –, mas não as conheço.

Contudo, no final, entre os outros que *restavam* no mundo havia um bando instalado a poucos quarteirões dali, num velho hotel ou uma rua chamada "Central Park South", e Mike ficou furioso com seus batedores.

– Vocês não *descobrem isso*?

Os homens baixaram as cabeças.

– Vocês nos colocam em perigo porque não descobrem isso? Depois cuido de vocês. Agora vamos ter de negociar.

Eu fiquei chocada. Negociar, não nos mudar. Mas depois Guy, que estava de folga limpando as armas, me explicou.

– Há uma grande floresta aqui, enfermeira, com muita caça. Mike quer ficar.

Então, Mike partiu com metade do bando, todos fortemente armados, para negociar direitos de caça/coleta com o outro bando. Enquanto isso, protegidas por Guy e seu amigo Jemmy, Bonnie e eu procuramos um bom lugar para a cerimônia de Pretty.

Bonnie, minha aprendiz, poderia ou não dar uma boa enfermeira quando eu não pudesse mais acompanhar o bando. Inteligente e forte, ela já sabia mais do que eu permitia que Mike soubesse. Sabia usar nosso suprimento decrescente de remédios pré-praga, aqueles milagres cujo modo de produção se perdeu. Mais importante, sabia encontrar, preparar e administrar os remédios de ervas dos quais dependíamos: mirtilo para diarreia, cavalinha para conter sangramentos, sabugueiro para febre, prímula para irritações de pele. Sabia imobilizar um osso, retirar uma bala, usar vermes para limpar um ferimento.

Mas Bonnie não tinha nem o calor nem aquela confiança revigorante que, tanto quanto os remédios, fazia curar os homens. Bonnie era como pedra. Eu nunca a vira sorrir, quase não a ouvia falar, a não ser em resposta a uma pergunta, nunca descobri interesse ou encanto em seu rosto. Grande, desajeitada, dolorosamente deselegante, ela tinha cabelo sem cor e quase nenhum queixo. Acho que teve problemas quando Começou, que foi antes de eu me juntar àquele bando. Suas coxas e seios tinham cicatrizes permanentes. Lew poderia ter mandado matá-la quando foi declarada estéril, mas isso aconteceu na época em que ele acabou morto em uma guerra de bandos. Convenci Mike a deixar que Bonnie se tornasse minha aprendiz. Isso também a tirou da lista do sexo, já que

enfermeiras – mesmo aprendizes de enfermeiras – eram as únicas mulheres que podiam convidar homens para a cama. Bonnie nunca fez isso.

Ela não disse nada quando ela, eu, Guy e Jemmy entramos em todos os prédios arruinados do que havia sido o Lincoln Center. Reconheci todos pelas descrições de vovó. Acima de nós, no New York State Theater, assentos quebrados tinham um dia sustentado os traseiros de pessoas vendo dançarinos. Nosso abrigo abaixo tinha servido como salas de ensaio. Na Metropolitan Opera House, o prédio com cinco arcos altos, o palco afundado recebera cantores de ópera. Ali, no Salão Alguém (minha memória não era o que já tinha sido), orquestras tocavam música. Todos os músicos vestiam preto, com as mulheres em vestidos longos cintilantes. Vovó me contou. No Vivian Beaumont Theater, ao lado do Met, o teto desabado protegia atores em peças. A pequena biblioteca ao lado do Met foi queimada e estava tomada por mato, flores do campo e mudas de árvores.

Mas foi sob o Vivian Beaumont, abaixo do nível da rua e atrás de duas portas trancadas que Guy abriu disparando seu rifle, que nós encontramos. Eu tinha levado uma lanterna, e então a ergui, embora tivéssemos deixado as duas portas abertas para entrar luz. A primeira porta levava a uma rampa de concreto que descia, a segunda a outro teatro menor, oito fileiras de assentos em semicírculo, sem janelas e intocado a não ser pelo tempo e os ratos. Nenhum saqueador tinha levado ou destruído os assentos; a chuva não apodrecera o palco de madeira sem cortinas; nada de cachorros selvagens ocupando as pequenas salas além.

Jemmy soltou um grito empolgado e pulou para um reservado na parede dos fundos. Provavelmente esperava maquinário não destruído, e o segundo grito disse que tinha encontrado. Um brilho fraco surgiu no reservado.

– Jemmy! – gritei. – Se você desperdiçar velas assim Mike irá chicoteá-lo pessoalmente!

Ele não respondeu, e a luz não se apagou. Guy deu de ombros e riu.

– Você conhece Jemmy.

– Ajude-me a subir naquele palco – pedi.

Ele fez isso, dando um pulo gracioso para ficar ao meu lado, a lanterna aos nossos pés. Olhei para os assentos escurecidos. Como deveria ter sido,

ficar ali de pé como um ator, um músico, um dançarino? Apresentar-se diante de pessoas que o viam, encantadas? Controlar uma plateia?

"Quantas apresentações encantadoras vi... Você nem imagina."

Botas no corredor, depois uma voz na escuridão.

– Enfermeira? Leve seu traseiro de volta até o local das meninas! Pretty está esperando!

– É você, Karl?

– É.

– Nunca mais fale comigo nesse tom de voz, rapaz, ou direi a Mike que você está desrespeitando uma enfermeira. Você irá para o fim da lista de sexo, se é que continuará nela!

Silêncio, depois uma reação ressentida.

– Sim, senhora.

– Na verdade, traga todas as meninas aqui. É onde faremos a cerimônia de Pretty e a faremos agora.

– Aqui? Agora?

– Você me ouviu.

– Sim, senhora. Vai dizer a Mike que a desrespeitei?

– Não se trouxer aquelas meninas para cá imediatamente.

Karl saiu galopando, as botas fazendo barulho na rampa de concreto. Guy sorriu para mim. Depois olhou para a escuridão e vi que ele estava fazendo o que eu tinha feito: me imaginado uma artista num tempo que desaparecera. Ele me pegou pela cintura e tirou para dançar.

Eu nunca fui dançarina, e estou velha. Tropecei, e Guy me soltou. Dançou sozinho, como nunca teria feito se houvesse alguém presente além de mim e seu amigo de confiança Jemmy, que não estava sequer desviando os olhos de suas máquinas preciosas. Vi Guy se mover com longos passos deslizados que os bandos dançavam nos raros encontros e fui tomada pela tristeza dele de não poder ser nada além de um soldado raso de bando. Ele era gentil e sonhador demais para um dia se tornar um líder como Mike, masculino demais para um dia ser tão importante quanto uma menina fértil.

Bonnie observou, rosto impassível, antes de dar as costas.

A cerimônia de Pretty foi iluminada por treze velas, uma para cada um dos anos que tinha, como de costume. Nenhum homem presente, claro, nem mesmo os dois meninos, Davey, de 1 ano, e Rick, de 8, cuja mãe Emma

morrera no ano anterior ao dar à luz uma menina morta. Nada que eu fiz salvou nenhuma das duas, e se Lew ainda fosse o chefe do bando acho que eu teria levado um tiro na hora.

As duas mães, Junie e Lula, estavam sentadas em cadeiras, com o bebê de Lula, Jaden, em seu colo. Jaden começou a se agitar e Lula ofereceu o peito. Bonnie, como minha aprendiz, mas também mulher estéril, ficou de pé atrás das mães. As meninas que ainda não tiveram seu Começo sentavam no chão de um lado, as mãos cheias de flores do campo. Seela e Tiny, 10 e 9 anos, olhavam, interessadas. Kara, com seu próprio Começo poucos meses à frente a julgar pelos botões de seios, tinha uma expressão que não consegui interpretar.

Pretty, então nem criança nem mãe, se sentou no centro do círculo, numa espécie de trono feito de uma cadeira coberta por um cobertor, que por sua vez estava coberto de toalhas. Velhas, tão desbotadas quanto tudo mais que pegamos de prédios abandonados, as toalhas haviam sido um dia amarelo-sol. As pernas de Pretty estavam bem abertas, as coxas sujas do sangue novo do qual tanto se orgulhava. Uma a uma as meninas sem Começo colocaram flores entre as pernas de Pretty.

– Que você seja abençoada com filhos – disse Tiny, parecendo animada.

– Que você seja abençoada com filhos – repetiu Seela, a inveja em seu rostinho fino.

– Que você seja... abençoada com... filhos – falou Kara, mal conseguindo pronunciar as palavras. O rosto estava contorcido de angústia. Os dedos tremiam.

Pretty olhou para ela, espantada.

– O que há de errado com *você*?

Bonnie se adiantou.

– Está doente, Kara? Quais os seus sintomas?

– Não estou doente! Me deixe em paz!

– Venha aqui, Kara – ordenei, no tom que todas as meninas, e a maioria dos rapazes jovens, obedeciam instantaneamente. Eu estivera encarregada daquelas meninas desde que o bando as adquirira, e de Kara desde que ela tinha 4 anos.

Ela veio até mim. Ela sempre foi complicada, de natureza doce e trabalhadora (diferentemente da preguiçosa Pretty), mas sensível demais.

A morte a perturbava muito, a felicidade a empolgava demais, a beleza a emocionava demais. Eu a vira em lágrimas por causa de um pôr do sol.

– Não estrague a cerimônia de Pretty – falei em voz baixa, e ela se acalmou.

Depois, contudo, enquanto as duas mães puxavam Pretty de lado para a tradicional orientação sexual que mal era necessária e as meninas sem Começo brincavam com Jaden, tirei Kara do palco, levando-a para os fundos do teatro.

– Sente-se.

– Sim, enfermeira. O que é este lugar?

– Era um teatro. Kara, o que a perturba?

Ela desviou os olhos, olhou para baixo, olhou para tudo menos para mim até eu tomar seu queixo na mão e obrigá-la a olhar para mim. Então, ela soltou.

– Eu não quero!

– Não quer o quê?

– Nada disso! Começar, ter uma cerimônia, ir para a cama com Mike e todos eles. Ter um bebê; eu não quero!

– Muitas garotas ficam assustadas no início.

Eu me lembrei de minha primeira vez na cama, com um líder de bando muito menos gentil do que eu desconfiava que Mike seria. Muito tempo antes. Mas eu acabara gostando de sexo, e até poucos anos antes às vezes ia com Buddy fora da lista, até ele ser morto por aquele cachorro selvagem.

– Eu estou assustada, sim. Mas também não quero!

– Há alguma coisa que queira fazer em vez disso?

Eu tinha medo que ela dissesse "enfermeira". Eu já tinha Bonnie e, além disso, mesmo que se mostrasse estéril, Kara não seria enfermeira. Nenhum trabalho duro compensaria sua falta de estabilidade e cérebro.

– Não.

– E então?

Para as meninas havia apenas mãe, enfermeira ou parceira de cama estéril, e as últimas se tornavam trabalhadoras braçais com pouco respeito, isso quando bandos mantinham mulheres estéreis. Nossa última do tipo, Daisy, fugira. Eu não gostava de imaginar o que havia acontecido a ela. Kara sabia de tudo isso.

– Eu não sei!

Era um gemido de pura angústia. Eu não tinha tempo para aquilo: uma menina mimada sem objetivo, um empecilho ao que era necessário. Uma mulher fazia o que tinha de fazer, assim como os homens. Eu a deixei sentada na cadeira de veludo esfarrapado e voltei para Pretty. Era o dia dela, não o de Kara.

Bonnie ainda estava de pé, imóvel, ao lado da cadeira coberta de flores de Pretty.

Mike voltou da negociação parecendo contente, uma expressão rara nele. O outro bando, menor que o nosso, estava não apenas desinteressado em guerra pela floresta urbana, como interessado em comércio, até mesmo possíveis viagens conjuntas para caça e coleta. Eu soube, sem que precisassem me dizer, que Mike esperava acabar unindo os dois bandos e se tornar chefe de ambos. Os homens levaram de volta presentes do outro bando. A base deles tinha pilhas de coisas tão bem lacradas em plástico – cobertores, travesseiros, até mesmo roupas – que os ratos não roeram, e pareciam quase novas. Cada uma das meninas recebeu um roupão branco felpudo com "St. Regis Hotel" bordado.

– Podemos nos mudar para um hotel? – gritou Lula, rodopiando no dela.

– Difícil demais para defender – falou Karl. Ele esticou a mão para pegar Lula e colocá-la no colo. Ela deu um risinho. Lula sempre gostara de Karl; ela insistia que "sabia" que ele era o pai de Jaden. Jaden de fato tinha os olhos azuis brilhantes dele.

Estávamos todos no banquete cerimonial de Pretty, no salão, uma sala subterrânea no que vovó lembrava ser o New York State Theater. O salão tinha piso de madeira, uma curiosa balaustrada de madeira em três lados e um inútil piano esmagado em um canto. Os meninos varreram o enorme volume de cacos de espelho que no dia anterior estivera espalhado. Junie estendera cobertores no chão para o banquete, que tinha um gosto maravilhoso. Coelho abatido naquela manhã e assado com cebola selvagem sobre fogareiros construídos no terraço de pedra em frente ao Vivian Beaumont. Latas de feijões que Eric trouxera de sua expedição. Uma salada de folhas de dente-de-leão e o doce que Pretty tanto amava e que eu tinha guardado desde o inverno. Seiva de bordo misturada com nozes. Todas as lanternas que tínhamos estavam acesas, dando ao salão um brilho romântico.

Mike olhou para Pretty, que corou e o encarou. Os homens mais jovens observaram com inveja. Eu não tinha grande simpatia por eles. Estavam no fim da lista de sexo, claro, e não conseguiam muito. Muito ruim – deveriam ter tratado Bonnie melhor quando a tinham.

Além de Bonnie, dois dos jovens pareciam não tomar conhecimento do forte cheiro de sexo que tomava o salão. Guy e Jemmy continuavam me lançando olhares significativos, e me levantei de meu jantar e fui ter com eles.

– Precisam de mim?

– Eu sinto uma dor – disse Jemmy, alto o bastante para que Mike ouvisse. Jemmy era um péssimo ator. Os olhos dele brilhavam, e cada músculo em seu corpo estava tenso de excitação. Eu nunca vira ninguém com menos dor.

Fui ter com Mike.

– Jemmy está doente. Vou examiná-lo na enfermaria para o caso de ser contagioso.

Mike concordou, absorvido demais com Pretty para prestar muita atenção.

Jemmy e eu saímos. Guy nos seguiu com uma lanterna. Assim que não podíamos ser ouvidos pelo guarda mal-humorado – ele estava perdendo o banquete –, perguntei a Jemmy.

– Então?

– Queremos lhe mostrar uma coisa. Por favor, venha, enfermeira!

O bando tinha criado Jemmy desde que ele tinha 6 anos e sua mãe morrera. Ele tinha uma empolgada curiosidade, mas, diferentemente de Guy, nunca aprendera a ler, embora não porque partilhasse o habitual desprezo dos homens pela leitura como sendo inútil e feminino. Jemmy dizia que as letras davam pulos diante dos seus olhos, o que não fazia sentido, mas parecia ser verdade, já que afora isso ele era inteligente. Com corpo delicado demais para ser de grande utilidade para Mike, ele conseguia colocar para funcionar qualquer equipamento mecânico. Fora Jemmy quem descobrira como fazer os geradores que às vezes encontrávamos funcionarem com o combustível – que também encontrávamos às vezes. Os geradores nunca duravam muito, e a maioria das máquinas que eles deveriam alimentar tinha se tornado inútil por apodrecimento ou ferrugem, mas de vez em quando tínhamos sorte. Até o combustível acabar.

– É outro gerador? – perguntei.

– Metade é isso! – respondeu Jemmy.

– Não, um terço – acrescentou Guy, misterioso.

Mas aquela aritmética era demais para Jemmy, cujos instintos em mecânica eram apenas isto: instintos. Ele ignorou Guy e me puxou.

Saímos do prédio, cruzamos a praça até o Vivian Beaumont e os fundos do prédio. Estava escuro e havia uma garoa, mas os rapazes ignoraram. Eu não tinha muita escolha. No pequeno teatro subterrâneo, nossa única lanterna lançou um brilho triste.

– Você sobe aqui – explicou Jemmy, apontando para o nicho no meio da parede. – Os degraus sumiram, mas encontrei uma escada de mão.

– Eu não vou subir uma escada – falei, mas claro que subi. A excitação deles era contagiante. E também preocupante: não era assim que Mike queria que os homens do seu bando se comportassem. Na cabeça de Mike, combatentes falavam pouco e demonstravam ainda menos.

Eu já não era jovem ou ágil, e a subida foi difícil. Mas, iluminada por cima pela lanterna que Guy carregava, passei para o pequeno espaço. A primeira coisa que vi foi uma pilha de livros.

– Ah!

– Isso não vem primeiro – disse Guy alegremente, me impedindo de pegar um. – As outras coisas antes!

– Largue esses livros! – falei.

– As outras coisas antes! – repetiu Jemmy, subindo a escada como um esquilo magrelo.

– Onde você encontrou os livros? – cobrei de Guy.

– Aqui.

Um ruído tomava o pequeno espaço: outro dos geradores de Jemmy. Eu estava muito mais interessada nos livros.

– Mal posso acreditar que ainda funciona! – falou Jemmy. – Já estava ligado, ou eu não saberia como fazer. Olhe!

Uma janela plana de pé sobre uma mesa piscou e brilhou. Um momento de surpresa, e a palavra chegou até mim: *TV*. Vovó tinha me contado sobre isso. Eu nunca tinha visto uma funcionando antes, e quando eu era criança confundia *TV* com *tenda*, então achava que pessoas pequenas deviam morar na tela, assim como nós às vezes vivíamos em tendas quando coletávamos no verão.

Elas viviam.

Ela começou sozinha no palco, a não ser por palavras que apareceram rapidamente abaixo dela:

Pas De Deux, de The Four Temperaments
Música de Paul Hindemith
Coreografia de George Balanchine

A garota vestia roupas apertadas e coladas que Mike nunca teria permitido às suas mulheres: inflamatórias demais para homens muito abaixo na lista do sexo. Ela tinha nos pés sapatos rosa leves com fitas rosa e pontas quadradas. A garota ergueu um braço em curva acima da cabeça e depois levantou o corpo na ponta daqueles sapatos rosa – como conseguia fazer aquilo? A música teve início. Ela começou a dançar.

Eu me ouvi suspirar.

Um homem apareceu na tela e eles foram um na direção do outro. Ela deu as costas a ele, virou novamente, foi na sua direção. Ele a ergueu à altura da cintura e a carregou, fazendo com que parecesse flutuar, pernas estendidas em um bonito arco, através do palco. Eles dançaram juntos, todos os movimentos leves, precisos e rápidos – tão rápidos! Era dolorosamente bonito. Enrolando-se um ao redor do outro, a garota erguendo a perna até a cabeça, de pé na ponta dos pés. Eles deslizavam de uma pose graciosa para outra, desafiando a gravidade. Eu nunca tinha visto nada tão frágil, tão comovente. Nunca. Durou pouco. Depois a TV ficou preta.

– Não acredito que o cubo ainda funciona! – disse Jemmy, alegre. – Quer ver o outro?

Mas Guy não falou nada. Nas sombras lançadas para cima pela lanterna, seu rosto parecia muito mais velho e quase sofrido.

– O que é isso? Como se chama? – quis saber ele.

– Balé – respondi.

Ele me deu a pilha de livros em silêncio. Três, quatro, cinco deles. O de cima dizia em grandes letras douradas: *A história de Gisele*. Os outros eram *Um guia de balé: O prazer da dança clássica*, *Posições básicas de balé*, *Dançando para o sr. B*, e um muito pequeno *Programação da turnê 2016*.

Guy estremeceu.

– O outro é mais longo. Está vendo, estes cubos entram neste encaixe. Mas só dois cubos ainda funcionam – falou Jemmy, ignorando tudo menos seu milagre mecânico.

Palavras brancas numa tela preta: AULAS GRAVADAS. Depois uma sala cheia de mulheres e homens de pé – ah! com barras de madeira diante de espelhos, o lugar poderia ser o nosso salão, muito tempo antes. Música de um piano, e então a voz de uma mulher dizendo: "*Plié*... e um, dois, três, quatro. Martine, menos tensão na mão. Carolyn, respire com o movimento..."

Eles não estavam nas pontas dos pés, não até a metade da "aula". Antes disso, houve ordens estranhas da mulher escondida: *battement tendu, rondes de jambs a terre, porte de bras*. Depois que elas ficaram nas pontas dos pés – mas apenas as mulheres, notei –, houve mais ordens: "Jorge, sua mão parece uma galinha morta; deixe os dedos soltos!" "Não, não, Terry; você está fazendo *isto*, e deveria estar fazendo *isto*." Depois a própria mulher apareceu, e ela parecia tão velha ou mais velha que eu, embora muito mais magra.

"Agora trabalhando ao centro... Não, está lento demais, John, e um, e um e um... Bom. Agora um *arabesque penchée*... Respire com ele, suavemente, suavemente..."

Na TV, dançarinos fazendo coisas impossíveis, enfeitiçados, com seus corpos.

"Novamente... Timon, por favor, comece pouco antes do *arabesque*..."

Uma sala cheia de dançarinos, cada um com uma perna se erguendo lentamente, braços curvados para a frente, para se equilibrar sobre um pé e produzir uma linha corporal tão refinada que meus olhos ficaram enevoados.

A TV apagou novamente.

– Não vamos tocar de novo... Eu quero poupar combustível – explicou Jemmy.

Guy, para meu espanto, se ajoelhou diante de mim, como se estivéssemos nos desculpando a Mike.

– Enfermeira, eu preciso de sua ajuda – disse ele.

– Levante-se, jovem idiota!

– Eu preciso de sua ajuda – repetiu. – Quero trazer Kara aqui, e não posso fazer isso sem você.

Kara. De repente, certos olhares questionadores que ele lançara a ela surgiram em minha cabeça. Eu o empurrei, escandalizada.

– Guy! Você não pode se deitar com Kara! Ela não Começou, e mesmo se tivesse, Mike o mataria.

– Eu não quero me deitar com ela! – protestou, se levantando e parecendo não menos desesperado, só que muito mais determinado. – Eu quero dançar com ela.

– Dançar com ela!

– Daquele modo – explicou ele, fazendo um gesto na direção da TV apagada e tentando sua nova palavra, reverente. – Balé.

Até mesmo Jemmy pareceu chocado.

– Guy... Você não consegue fazer aquilo!

– Eu posso aprender. Assim como Kara.

Eu disse a primeira coisa que passou pela minha cabeça, e que, como a maioria das primeiras coisas, foi idiota:

– A enfermeira na TV disse que demora anos de trabalho para se tornar um dançarino!

– Eu sei, anos para ser como eles – retrucou Guy. – Mas poderíamos aprender *um pouco*, Kara e eu, e talvez dançar para o bando. Mike poderia gostar disso.

– Mike gostar de uma garota que ainda não Começou ser conduzida por você? Você está louco, Guy!

– Eu tenho de dançar – teimou ele. – Balé. Com Kara. Ela é a única possível!

Ele estava certo quanto a isso. Pretty, mimada e convencional, nunca aprenderia as coisas difíceis que aquela enfermeira de dança exigira. Tiny e Seela eram jovens demais. Lula e Junie, ocupadas com filhos. Bonnie, grande e desajeitada. O que eu estava pensando? A coisa toda não era apenas ridícula, mas perigosa.

– Tire o balé da sua cabeça – mandei, severa. – Se não tirar, eu contarei a Mike.

Desci a escada pesadamente e atravessei sozinha o espaço do pequeno teatro escuro até a porta. Mas levei os cinco livros e, em meu quarto vazio no subsolo do David H. Koch Theater (eu finalmente encontrara uma placa desbotada com o nome certo), usei toda uma preciosa vela para lê-los pela maior parte da noite.

Dois dias depois, o líder do bando do St. Regis retribuiu a visita de Mike. Era um risco para ele, já que chegara com apenas dois lugares-tenente. Era um claro gesto de cooperação, não de guerra, e isso deixou todos de bom humor. Comemos ao meio-dia sob um brilhante céu de verão num terraço com algumas rachaduras, ao lado de uma comprida piscina rasa cheia de entulho e dois enormes blocos de pedra que se projetavam e que, olhados de certos pontos, poderiam ser uma pessoa deitada. Uma frase de minha avó flutuava em minha mente perturbada: "Todo outono eles tinham problemas com as folhas na piscina reluzente do Vivian Beaumont."

Minhas meninas fizeram fogo à primeira luz e cozinharam a manhã toda. Nenhuma das meninas estava presente à refeição, claro; Mike não permitiria que ninguém que não homens jurados do bando visse quantas mulheres o grupo tinha, nem quais poderiam ser férteis. Mas eu estava lá, servindo os pratos, e era única nada alegre.

Mike cometera um grande erro.

Eu soube assim que vi o líder do outro bando, Keither, começar a falar. Não, antes – quando o vi estudar Mike, nosso bando, o modo como os guardas eram dispostos, tudo que podia ver. Keither tinha um rosto comprido inteligente e olhos que sempre se moviam. Ele falava bem; eu apostaria minha caixa de remédios que aquele homem sabia ler, e lia. Mais, ele tinha a capacidade de dizer o que fosse bem-recebido, sem descambar para a bajulação explícita. Mike, uma mente muito mais simples, não viu nada daquilo. Ele tinha o faro de um líder para traição, mas não para sutilezas. Não conseguia ver que Keither, com um bando menor e armas mais leves que o nosso, aspirava a liderar o nosso. Aquilo seria um problema. Não ainda, talvez nem mesmo logo, mas um dia.

Não adiantaria nada dizer isso a Mike, claro. Ele não escutaria. Eu era enfermeira, mas era uma mulher.

– Eu lhe trouxe um presente – disse Keither depois que a comida tinha sido consumida e elogiada. Ele tirou de sua sacola uma garrafa de Jack Daniel's. Mike já sabia que estava ali, claro – nenhuma sacola podia entrar em nosso perímetro sem ser examinada. Mas se os homens não ficaram surpresos, ficaram contentes. Copos foram distribuídos, brindes feitos, brincadeiras trocadas. Os homens mais jovens beberam demais. Nem Mike nem Keither tomaram mais que um gole de cortesia.

Ainda assim o álcool prolongou o encontro. A conversa ficou mais alta. Os homens combinaram uma expedição de caça conjunta na manhã

seguinte. Os dois líderes iriam – um risco muito maior da parte deles que da nossa, considerando que seu bando era tão menor. Também mandaríamos o dobro de homens que eles, reduzindo ainda mais nosso risco. Keither estava em Manhattan havia meses e se ofereceu para mostrar a Mike as boas áreas de coleta e as ruins, limites dos territórios de outros bandos e outras informações úteis.

– Não temos enfermeira – comentou Keither. – A sua é negociável? Ou ela tem uma aprendiz que seja?

– Não – respondeu Mike, com cortesia, mas sem explicação. Keither não tocou no assunto novamente.

Eu estava cansada. Servir dezesseis homens, passando horas sentada de pernas cruzadas no terraço de concreto, é difícil para um corpo da minha idade. Quando os primeiros sinais do pôr do sol coloriram o céu, olhei nos olhos de Mike. Ele anuiu e me deixou ir.

No quarto das mulheres, as meninas me cercaram.

– Como eles são?

– Trouxeram mais presentes?

– Descobriu quantas mulheres eles têm?

As garotas soavam insistentes demais, me cercavam perto demais; estavam escondendo alguma coisa. E mais:

– Está cansada, enfermeira? Não gostaria de ir descansar no seu quarto?

Eu empurrei a onda de roupões brancos.

– Onde está Kara?

Ela estava sentada sozinha num canto. Mas no instante em que levantou o rosto, brilhando de empolgação, eu soube. Ou talvez tivesse sabido o tempo todo. Afinal, poderia ter deixado o banquete horas antes, e não fiz isso.

Nesse sentido, eu era inocente. Até então.

Minha falsa inocência não durou mais que a tarde seguinte. Mike e nove outros homens partiram na expedição de caça, deixando no comando Joe, seu primeiro lugar-tenente. Joe me mandou com uma guarda de três homens até as ruínas de uma farmácia próxima para ver se havia algum remédio que eu pudesse usar. Não havia; o lugar foi saqueado muito tempo antes. A maioria dos meus remédios vinha de casas, deixados em banheiros arruinados, guardados em gavetas ao lado de camas tomadas por

ratos e insetos. O prazo de validade dos remédios se esgotara havia muito. Contudo, um número surpreendente deles ainda era eficaz, e bisturis, tesouras, gaze e compressas de álcool não estragam.

Quando voltamos, era meio da tarde de um dia glorioso de julho. Havia homens sentados ao sol, armas sobre os joelhos, conversando e rindo. Lula e Junie tinham colocado os bebês sobre cobertores, e eles chutavam suas perninhas gordas. Pretty penteava o cabelo sentada, à vista dos homens relaxados. Ela gostava de sexo como um esquilo de árvores, e com Mike fora ela podia variar sua lista.

Não perguntei a ninguém onde estavam as outras garotas. Tiny e Seela estariam brincando juntas, sob vigilância. Bonnie estaria preparando plantas medicinais, esmagando folhas, fervendo cascas e secando frutas. Passei pelos fundos do Vivian Beaumont, abri a porta do corredor subterrâneo e segui para o teatro pelo escuro. Aquela porta estava trancada, eu a esmurrei e Jemmy a abriu.

– Enfermeira...

Dei um tapa em seu rosto e desci o corredor a passos largos.

Eles estavam no palco, e sequer tinham me ouvido acima da música. Acima de sua intensa concentração. Acima de seu encanto, visível nos dois rostos.

Guy me notou primeiro.

– Enfermeira!

Kara ficou pálida e agarrou o que eu então sabia se chamar uma barra. Os rapazes deviam tê-la trazido do prédio principal: uma vara de madeira aparentemente pesada presa não a uma parede, como no salão, mas a postes de metal pesados dos dois lados. Eles tinham baixado o gerador e a TV do nicho – eu não conseguia imaginar como – e instalado ambos no palco. Na TV, a música parou de repente e a mulher mais velha disse: "Não, não... Baixe o ombro direito, Alicia!"

Kara baixou o ombro direito.

O rosto de Guy ficou pétreo, uma imitação tão boa de Mike que me assustou.

– O que estão fazendo? – perguntei.

– Tendo aulas.

Tendo aulas. Seguindo os movimentos dos dançarinos na tela. Minha raiva foi imediatamente engolida pela pena. Eles eram tão jovens. Crescendo em um mundo tão cru (minha avó dizendo "As apresentações

encantadoras que eu vi!"), mas eles não sabiam como era cru. Agora sabiam, e achavam que as coisas podiam ser mudadas.

– Crianças, vocês *não podem*. Se Mike descobrir que você colocou as mãos em uma garota que não Começou...

– Eu não a toquei! – disse Guy.

– ... você sabe que será morto. Instantaneamente. Guy, *pense*!

Ele foi até a beirada do palco e se ajoelhou, olhando para mim abaixo.

– Enfermeira, eu tenho de fazer isso. Eu *tenho*. E não posso dançar sozinho. "O balé é mulher."

Eu tinha lido aquilo na noite anterior. Algum coreógrafo cujo nome eu nunca tinha ouvido.

– Você roubou meus livros.

– Peguei um emprestado. Ele tem retratos que... Enfermeira, eu preciso.

– Eu também – completou Kara.

– Kara, venha comigo neste minuto.

– Não – falou ela.

Seu desafio me chocou ainda mais do que sua ideia idiota de que podiam se ensinar a dançar. Eu me virei para Jemmy.

– E quanto a *você*? Esse amor insano pelas máquinas vale ser morto?

Eu vi em seu rosto que Jemmy sequer pensara naquilo. Ele olhou de mim para Guy, de volta, e então para o chão. Eu o pegara.

– Vá embora, Jemmy. Agora. Nenhum de nós nunca dirá a ninguém que você esteve aqui.

Ele saiu pelo corredor como um coelho perseguido por cachorros. Menos um idiota desorientado.

– Se Mike descobrir que você esteve sozinho com ela...

– Não estamos sozinhos – defendeu-se Kara. – Temos acompanhante! – Quem? Se você se refere a Jemmy...

– Eu... – respondeu Bonnie saindo das sombras na lateral do palco.

Se Kara havia sido um choque, Bonnie foi um terremoto. Bonnie, que não quebrava regras e sempre tratara Kara com um leve desdém: por suas emoções exageradas, por sua beleza frágil. Bonnie não tinha poder sobre Guy, mas tinha uma autoridade emprestada – de mim – sobre Kara.

– Bonnie? Você *permitiu* isso?

Ela não disse nada. Sob a penumbra do palco, eu não podia ver seu rosto.

– Enfermeira, nós *precisamos* – comentou Guy novamente.

– Não, vocês não precisam. Kara, venha comigo.

– Não – falou, e acrescentou apressada: – Eu não vou ser como Pretty! Não vou deixar que homens me toquem, façam sexo comigo, se enfiem em mim até eu ficar inchada e grávida e talvez morrer como Emma morreu! Não vou, não vou, *não vou*!

A voz dela se tornou um guincho, surpreendendo Guy. Kara acabara de quebrar a mais poderosa regra do bando: lealdade. Você seguia o líder, obedecia aqueles acima de você, não causava problemas. E guardava o medo para si mesmo.

– Kara, você ouviu o que a mulher na TV disse – adotei um tom de voz calmante. – Demora anos para se tornar uma dançarina de verdade. *Anos*. Isso não é possível, querida.

– Nós sabemos disso – concordou Guy. – Não somos idiotas a ponto de achar que podemos fazer tudo que eles fazem. Mas podemos fazer *um pouco*.

– E vale a pena morrer por isso?

– Ninguém irá morrer se você disser a Joe que nos deu aulas de leitura aqui. Todos sabem que Kara e eu estamos aprendendo a ler com você!

– Não – repeti. – É um risco grande demais, por nada.

– Não por nada, enfermeira, primeiro veja a dança – pediu Bonnie.

Guy aproveitou a oportunidade.

– Sim! Veja só uma vez! É muito bonito!

Não era bonito. Kara e Guy ocuparam seus lugares ao lado da barra, e ele ligou a TV de Jemmy. A mulher disse "*Battlement tendu*" e Guy e Kara lançaram as pernas para a frente, para baixo, para o lado, para baixo, para baixo atrás. Suas pernas não atingiram nem a altura nem a linha pura dos dançarinos na tela, mas eles não eram desprovidos de graça. Guy mostrou uma flexibilidade e uma força que eu não esperara, e Kara, uma delicadeza fluente. Nada disso fazia qualquer diferença.

Eles deram mais alguns passos, depois Guy desligou a tela.

– Temos de aprender tudo que pudermos antes que o combustível do gerador termine. Mas também temos os livros. E mais adiante na aula há combinações de passos!

Cinco lavadores de janelas trabalhavam todos os dias do ano, sempre mantendo as janelas brilhando. À noite, quando todos os prédios eram iluminados, elas brilhavam na praça como ouro líquido. Muito pouco

naquela vida dura era brilhante, e nada era ouro líquido. Mas não ao risco de nossas próprias vidas.

– Não – falei.

Dois dias depois, caí na floresta – que eu soubera por um antigo mapa que se chamava "Central Park" – e machuquei o joelho numa pedra pontuda.

– Ai!

A dor foi imediata e penetrante, mas não tão penetrante quanto meu medo. Eu era velha; se não pudesse andar quando o bando avançasse, estaria acabada.

Bonnie foi até mim.

– Enfermeira?

Tentei me levantar, não consegui, fui sustentada pelos seus braços fortes. Pisquei para conter as lágrimas enquanto ambas olhávamos para o osso branco abaixo de minha pele coriácea.

Então, desmaiei.

A enfermaria estava abaixo do New York State Theater, vazia e escura, não maior do que um closet grande. Lula estava sentada ao meu lado, embalando Jaden, mãe e filho junto a uma única vela enfumaçada.

– Vovó... – sussurrei, ou talvez fosse outra palavra, eu não podia ter certeza. Tudo parecia desfocado, como se tivesse aberto os olhos debaixo d'água.

– Enfermeira? – perguntou Lula. Ela soltou o bebê, que começou a berrar, e pegou um copo. – Aqui, beba isto agora, você precisa dormir...

Um cheiro de hortelã, um gosto amargo sob a doçura do mel. Eu dormi.

Ainda a enfermaria, e eu estava deitada sozinha. Escuridão total. Levei a mão à perna e senti o volume das ataduras, o pedaço de madeira sobre o joelho. Dor, abafada. Quanto tempo passara deitada ali?

Horas se passaram até que Bonnie chegasse com o café da manhã, chá quente, o rosto impassível que não revelava nada.

– Quão ruim está, Bonnie? Eu vou andar novamente?

– Não posso dizer até você se levantar.

– Mike voltou?

– Ainda não. Beba isto.
– O que é...
– Apenas chá.
Eu precisava de mais que chá. Eu precisava ser capaz de andar.

– Enfermeira? Enfermeira, está me ouvindo?
Eu ouvi, me arrastando de volta de muito longe, ou talvez fosse Pretty quem estivesse longe. Só que não estava. Estava agachada ao meu lado, só que havia duas dela, e depois três. Como podia? Uma Pretty era suficiente. A não ser que fosse fértil e tivesse dado à luz si mesma repetidamente.
– Eu estou grávida! – contou uma das Pretty, triunfante. E depois acrescentou: – Ela consegue me ouvir?
– Não sei – respondeu Bonnie.
– É de Mike! Eu sei! Bonnie, ela consegue me ouvir?
– Não sei.
E então, de repente, eu não podia.

Eu era vovó, caminhando pelo Lincoln Center, vendo a luz passar pelas altas janelas em arco, ouro líquido. Baixei 21 candelabros e limpei cada cristal de tal modo que ele queimou minha mão. O ardor se espalhou para a biblioteca do Departamento de Artes Dramáticas e a calcinou. Janelas se partiram e pedaços de vidro me cortaram. "Lincoln Kirsten não vai gostar disso!", gritou minha avó. "Ele gastou uma fortuna para construir este lugar!" Eu ri e continuei a pregar o carpete vermelho.

* * *

Finalmente a clareza voltou. Eu sabia quem era e onde estava, e não era Bonnie de pé ao lado do meu saco de dormir, mas Joe, o lugar-tenente de Mike, que fora encarregado de mim... Havia quanto tempo?
– Como está, enfermeira? – perguntou ele, desconfortável.
Eu o conhecia desde que ele tinha 10 anos. Um combatente feroz, leal, cuidadoso na proteção de nossos acampamentos, mas relaxado com o que acontecia dentro do perímetro. Mas não parecia à vontade no momento.
– Minha cabeça está intacta – respondi.
Não era em minha cabeça que ele estava interessado.

– Consegue andar?

– Não sei.

– Descubra – disse, e saiu, de repente e sem sorrir.

Um frio percorreu minha espinha. Junie chegou alguns minutos depois, arfando depois de correr, carregando Davey.

– Ah, enfermeira, está melhor?

– Sim. Chame Bonnie para mim.

– Não sei onde ela está! Eu a procurei há algum tempo para dar algo a Jaden para os dentes que estão nascendo, ele se agita tanto, Lula disse que talvez Bonnie desse algo para acalmá-la, mas...

Junie continuou tagarelando enquanto eu apoiava a palma da mão na parede e tentava levantar. Consegui, mas com dificuldade.

– Junie, quanto tempo fiquei aqui?

– Ahn... Vou pensar... Um mês? Mais?

Mais de um mês. Drogada por mais de um mês por causa da dor na rótula quebrada.

– Encontre Bonnie e mande que venha até mim.

– Farei isso. Mas, enfermeira, Joe diz... Não, Tony, ele está de volta e...

– Tony?

Tony tinha ido na expedição conjunta de caça com Mike e o bando de Keither. Olhei mais atentamente para Junie e vi medo em seu rosto. Davey também sentiu isso: suas mãozinhas gordas agarraram o corpo dela.

– Mike está morto?

– Tony diz que não estava quando ele fugiu. Tony escapou. Eles foram emboscados após dois dias... Enfermeira, o bando de Keither é grande, ele mentiu, a maioria deles não estava no hotel quando nossos homens foram lá. Eles vão trocar Mike por alguém. Eu me esqueci de quem ou por quê, e Tony escapou e Joe diz que vamos embora amanhã de manhã. Não é mais seguro aqui. Ah, enfermeira, consegue andar?

– Ache Jemmy. Mande ele cortar uma vara para mim, *deste* tamanho, para eu me apoiar. Diga que quero neste minuto.

– Mas você me disse para encontrar Bonnie e...

– Não Bonnie. Jemmy. Agora.

Quando Jemmy chegou com a vara, eu tinha apoiado o peso na perna, caído, descobrira que a tala segurava e levantara novamente. A tala de Bonnie era pesada, a bengala a equilibrava. Apoiada no ombro de Jemmy, fui para o corredor sem machucar mais nada. No quarto das mulheres, as

garotas trabalhavam freneticamente, embora o bando não fosse se mover antes de amanhecer e houvesse pouco para arrumar. Tudo apanhado tinha de ser carregado. Cada garota tinha sua mochila, e as mães tinham apoios para os bebês. Os bolsos dos casacos de inverno eram enchidos de comida. Os próprios casacos deveriam ser usados, não importava quão quente estivesse o dia, porque não podíamos perdê-los. Pela manhã, cobertores seriam enrolados com utensílios de cozinha e pendurados em Rick, que tinha 8 anos e não estava pronto para lutar, e qualquer outro homem que Joe escolhesse.

Do lado de fora do prédio, as primeiras estrelas brilhavam fracas num céu azul-escuro, embora no horizonte a oeste houvesse nuvens altas. O ar cheirava a chuva por vir e as árvores balançavam. O Met se erguia escuro contra o céu cobalto. À noite, quando todos os prédios eram iluminados, elas brilhavam na praça como ouro líquido. As pessoas riam, falavam e faziam filas às centenas para ouvir ópera, assistir a peças *e balés e escutar concertos*.

Em algum lugar um cachorro uivou, depois outro. Uma matilha, caçando.

– Me leve a eles – falei a Jemmy.

Sombras ao lado do Vivian Beaumont, sombras no corredor subterrâneo inclinado. Jemmy manteve a porta aberta com uma pedra para que eu pudesse ouvir se os guardas começassem a atirar. Dentro do teatro, mais sombras.

Eles não me viram. A barra foi empurrada para os fundos do palco, fora do caminho. Guy, descalço, estava despido até a cintura. Kara, também descalça, vestia meias brancas e algo fino, justo e com furos, desencavado de alguma velha área de depósito. Música tocava. Não era a música leve, ligeiramente metálica tocada na "aula". Era o som completo e glorioso da música de outra gravação, *The Four Temperaments*. E eu me dei conta do que Guy tinha feito.

Enquanto ele preparava passos e combinações para ele e Kara, tivera em mente a música de Paul Hindemith. A dança deles combinava perfeitamente com a música, se fundia a ela, *era* ela. Nessa fusão, a inexperiência de Guy e Kara se tornava menos importante, em parte porque ele escolhera muito bem movimentos que podiam executar com

graça. Por ter estudado os livros de balé, eu podia até mesmo dizer os nomes de alguns deles: *bourrées*, *pas de chat*, *battlements*.

Os nomes não importavam. O que importava era a dança. Eles nunca se tocavam, mas o corpo jovem de Kara, em *demi-pointe*, se curvava na direção dele com tristeza, com perda, com desejo, sem nunca chegar a ele. Ele ansiava por ela, mas eu sabia que não era por ela que ansiava, nem ela por ele. A tristeza era pela dança, tão brevemente abraçada, perdida amanhã. A perda era de toda a beleza que um dia poderiam ter tido, se o mundo fosse diferente. Guy ergueu a perna, estendeu o braço e se equilibrou num *arabesque* perfeito. Ao brilho suave da luz da lanterna, as figuras dançando eram ouro líquido, e elas iluminavam o palco nu com uma tristeza de partir o coração pela beleza desaparecida.

Mas foi Bonnie quem me chocou.

Ela estava de pé na lateral do palco: acompanhante, guarda, e algo mais. Eu nunca imaginara que seu rosto feio pudesse parecer assim. Ela não estava apenas viva, ela brilhava com a ferocidade do anjo protegendo o portão do Éden. Eu não soubera, sequer suspeitara.

– Bonnie – chamei. Saiu como um sussurro, ouvido apenas por Jemmy. Antes que conseguisse encontrar uma voz mais alta, a porta atrás de mim foi aberta e um homem rugiu.

– Que porra!

Mike.

Eu me virei. Sangue cobria o lado esquerdo de seu rosto, emaranhava sua barba. O braço esquerdo estava numa tipoia improvisada. Atrás dele, havia três ou quatro homens. Mike passou por mim e correu na direção do palco. Fui atrás dele o mais rápido que pude, ignorando a dor em meu joelho.

– Espere! Espere! Não...

Os homens passaram por mim. Mike ficou de pé abaixo do palco, no qual Kara e Guy estavam paralisados.

– ... faça nada! – berrei. – Bonnie esteve aqui o tempo todo, eles nunca ficaram sozinhos!

Um dos homens – estava de costas para mim, eu não via quem era – ergueu uma segunda lanterna alto ao lado de Mike, e vi o que Mike viu: o sangue nas coxas de Kara, vermelho brilhante nas coxas brancas. Ela Começara.

Eu agarrei o braço bom de Mike.

– Nunca sozinhos! Você entende, eles nunca ficaram sozinhos! Ele nunca a tocou!

Se fosse Joe, ele poderia ter atirado em Guy ali mesmo no palco. Se fosse Lew, ele poderia ter atirado em ambos. Mike lançou um olhar de profundo desgosto sobre Guy: de seu peito nu, do *arabesque* que Mike tinha interrompido, de tudo em Guy que Mike nunca entenderia. Para mim, aparentemente nem notando minha perna, Mike rosnou:

– Leve as garotas para o lugar delas.

Alguém disparou um tiro na tela da TV, e a música parou.

Bonnie não respondeu nenhuma das minhas perguntas. Ficou sentada, silenciosa e impenetrável, na enfermaria, até Mike mandar buscá-la.

– O que você me deu? – cobrei. – Em qual dosagem? E, Bonnie, *por quê?*

Ela não disse nada.

Lincoln Kirsten, vovó uma vez me disse*, mandou construir este lugar. Ele usou seu próprio dinheiro e fez com que outros doassem dinheiro, e fundou uma grande companhia de balé. Ele não era dançarino, coreógrafo ou músico. Ele não fazia balés, mas fez o balé acontecer.*

Kara não estava conosco. Ela fora mandada para a sala das mulheres. Em uma semana, mais ou menos, quando parasse de sangrar, seria mandada para a cama de Mike, a de Joe, a de Karl, a de todos os homens que pudessem provar que era fértil. Mesmo aos berros, seria mandada.

Algumas horas depois, Mike mandou me buscar. Dois homens me carregaram até uma sala no fundo do corredor. Pequena, com paredes de concreto, ela ainda continha os restos retorcidos e enferrujados daquelas grandes máquinas que um dia davam comida e bebida em troca de moedas. Havia um sofá antigo que era moradia de ratos, uma mesa afundada, algumas cadeiras. Eu podia imaginar dançarinos indo para lá das salas de ensaio, se jogando no sofá, descansando um momento com um doce ou um refrigerante.

Os homens de Mike me sentaram em uma cadeira quase intacta.

– Por quê, enfermeira? – perguntou ele.

A mesma pergunta que eu fizera a Bonnie. Minha preocupação era então protegê-la o máximo possível.

– Eles queriam dançar, Mike, apenas isso. Eles nunca ficaram sozinhos, e ele nunca...

– Você não sabe disso. Você esteve inconsciente o tempo todo.

Ele olhou para minha perna. Alguém tinha limpado o sangue de seu olho e barba.

– Sim, isso é verdade, mas se Bonnie diz que sempre esteve com eles, então esteve. Ela obedece ordens, Mike. Eu lhe disse que tinha dado a Kara e Guy permissão para dançar, e que ela deveria ficar com eles.

– Você? *Você* deu permissão?

– Sim, eu. Quero dizer, você conhece Bonnie; ela parece o tipo de pessoa que se interessa por dança?

Mike franziu o cenho. Não estava acostumado a pensar que "tipo de pessoa" uma mulher poderia ser.

– Você fez isso, enfermeira? Não Bonnie?

– Não Bonnie. E ela é uma boa enfermeira, Mike. Pode fazer remédios tão bem quanto eu. E também tudo mais.

Ele ergueu os olhos de meu joelho com atadura para meu rosto.

– Você quer ser morta ou deixada para trás?

Morta seria mais gentil.

– Deixada para trás.

Ele deu de ombros, perdendo o interesse. Ele ainda tinha uma enfermeira; Kara não tinha sido tocada; havia táticas de luta ocupando sua cabeça. Nessa indiferença eu ousei perguntar:

– Guy?

Mike franziu o cenho.

– Leve-a para onde ela quiser ser deixada e me traga a nova enfermeira – ordenou aos soldados.

Ele saiu da sala, já tendo me esquecido.

Os homens de Mike me deixaram sob o Vivian Beaumont, depois da primeira porta, no alto do corredor inclinado. No escuro, enfiei a mão no bolso em busca de vela e fósforos. Não foi fácil manter uma das mãos na parede, segurar vela e bengala com a outra e descer mancando e com dor o corredor e passar pela segunda porta. Quando cheguei aos degraus baixos no lado oposto do palco, estava engatinhando.

Meus cinco livros de balé estavam empilhados num canto, onde Guy os estudara sabe-se lá quantas noites enquanto eu dormia, drogada, e Kara, trancada no quarto das mulheres, flexionava e esticava os dedos dos pés, sonhando com sapatilhas de ponta. Eu abri *A história de Gisele* e virei as

páginas à luz da vela até encontrar uma fotografia de uma dançarina numa comprida saia fina erguida a uma altura impossível pelo parceiro, se projetando num arco refinado acima dele. Há formas piores de morrer que olhando para a beleza. Tirei do bolso meu pacote de folhas de capuz-de-frade secas. Bastante rápido, e não tão doloroso.

Algo gemeu em algum lugar atrás de mim.

Eles o espancaram e acorrentaram a uma coluna de concreto em um dos pequenos camarins atrás do palco. Guy respirava como se sentisse dor, mas não consegui encontrar ossos quebrados. Mike não queria que morresse rápido demais. Ele morreria de fome ou seria encontrado pelo bando de Keither quando viessem em busca de vingança, de mulheres ou apenas de guerra.

– Guy?

Ele gemeu novamente. Procurei na sala, mas não encontrei a chave das correntes. Sentada ao lado dele, segurei em uma das mãos o pacote de capuz-de-frade que não tinha o suficiente para os dois, e na outra *A história de Gisele*. E então, porque estou velha, quebrei o joelho e fiquei deitada inativa por mais de um mês enquanto Guy e Kara reinventavam os perigos do balé, adormeci.

– Enfermeira? Enfermeira?

E então:

– Susan!

A vela tinha morrido. Mas o camarim estava iluminado por uma lanterna – duas lanternas. Bonnie e Kara estavam ali de pé, vestindo roupas de homem e com mochilas, e ambas carregavam metralhadoras semiautomáticas. No caso de Kara, parecia uma borboleta equipada com um facão. Com a luz repentina, as pálpebras de Guy se abriram.

– Ah! – disse Kara, levando uma das mãos à boca. A arma vacilou.

– Não ouse dar um chilique! – falou Bonnie, e fiquei chocada com seu tom, que era o meu. Tinha sido o meu. – Enfermeira, você consegue...

– Não – respondi.

Bonnie não discutiu. Ela se ajoelhou e passou as mãos sobre Guy de modo impessoal.

– Eu já fiz isso – comentei. – Nada quebrado.

– Então, ele pode andar. Kara, tire a enfermeira daqui, de volta ao palco. Guy, afaste-se o máximo possível do poste.

Ele fez isso, fechando os olhos inchados e cobertos de sangue seco. Kara me puxou para longe. Mesmo do palco o som da arma de Bonnie – não a semiautomática – foi alto. Até mesmo os ricochetes – certamente perigosos! – fizeram meus ouvidos zumbir. Depois de alguns momentos, Guy e Bonnie saíram, ele apoiado nela e arrastando as correntes dos dois tornozelos. Mas conseguiu se curvar e pegá-las do chão. Eu segurei o joelho de Bonnie.

– Bonnie... Como...

– No refogado deles. Kara e eu servimos.

– Mortos?

– Não sei. Talvez alguns.

– O que usou? Uva de rato? Cicuta? Agérato?

– *Skyweed*. As sementes.

– Mas não para as outras meninas. Não faríamos isso – interrompeu Kara, depois acrescentando: – Mas eu não vou me deitar com ninguém!

– E você tem de dançar – disse Bonnie.

Eu olhei para ela, boquiaberta. Kara queria dançar, Guy queria dançar, mas era *Bonnie* que estava determinada a que eles dançassem.

– Para onde vocês irão? – perguntei.

– Norte. Para longe da cidade. Vai chover forte, e isso cobrirá nossos rastros antes que o bando reviva.

– Tente encontrar uma comunidade agrícola. Ou, se puder, lugares chamados "Ithaca", "Endicott" ou "Bath". Não tenho certeza se existem. Você está com o mapa que achei? E meu saco de remédios?

– Sim. Você tem...

– Sim.

– Temos de ir, enfermeira. Jemmy também está conosco.

Jemmy. Talvez eles encontrassem um gerador. Bonnie tirou os dois cubos de gravação, *The Four Temperaments* e *Aulas Gravadas,* da TV explodida. Kara estava ajudando Guy a colocar um casaco quente, botas e um poncho contra chuva. Ele cambaleou, mas permaneceu de pé. Ela lhe deu o rifle, o que pareceu equilibrá-lo. Kara se virou para mim e seus lábios tremeram.

– Não – falei em meu tom mais duro. Kara, não entendendo, pareceu ferida.

Mas Bonnie sabia.

– Adeus, enfermeira – disse Bonnie, sem sentimentos dolorosos, e segurou os outros dois para levá-los para fora.

Esperei até o som de suas botas cruzar o palco, até a porta do teatro se fechar, até eles terem tempo suficiente para deixar o acampamento. Depois, engatinhei para fora do Vivian Beaumont. A chuva tinha começado, doce no ar da noite de verão. Os fogareiros na praça estalavam e chiavam. Ao lado deles estavam os homens. Mais além seria o perímetro, e depois os guardas que saíram do jantar suculento para seus postos em ruas próximas ou telhados.

Dois dos homens junto ao fogo já estavam mortos. Eu achava que a maioria dos outros, incluindo Mike, poderia se recuperar, mas sementes de *skyweed* são traiçoeiras. Muito depende de como são ressecadas, esmagadas, diluídas e guardadas. Bonnie sabia muito, mas não tanto quanto eu. Juntei as armas dos homens, fiz uma pilha com elas sob um poncho e me sentei debaixo de outro, com uma semiautomática carregada ao lado.

Aquilo poderia acontecer de muitas formas. Se o bando de Keither aparecesse logo a coisa mais gentil seria matar Mike e os outros antes que revivessem. O bando de Keither ficaria com as meninas, que não estariam melhor nem pior que naquele momento. Mulheres férteis eram preciosas.

Se Mike e os outros revivessem depois que eu avaliasse que Bonnie estava suficientemente longe, engoliria meu pacote de capuz-de-frade e deixaria que Mike cuidasse de Keither.

Mas... Com *skyweed*, mais daqueles homens deveriam ter vomitado antes da paralisia. Se Bonnie tivesse errado na preparação ou nas doses e o bando recuperasse os sentidos e a força cedo o bastante para segui-la, eu faria o que fosse necessário.

Nós baixávamos todos os 21 candelabros elétricos do Met; pense nisso, Susan, 21, e limpávamos cada gota de cristal individualmente. A cada dois anos, o carpete vermelho era substituído, a um custo de 700 mil dólares. A cada cinco anos, os assentos eram trocados. Cinco lavadores de janelas trabalhavam todos os dias do ano, sempre mantendo as janelas brilhando. À noite, quando todos os prédios eram iluminados, elas brilhavam na praça como ouro líquido. As pessoas riam, falavam e faziam filas às centenas para ouvir ópera, assistir a peças e balé e escutar concertos. E quantas apresentações encantadoras eu vi... Você não pode imaginar!

Não, não posso. Não mais do que posso imaginar o que irá acontecer a Guy, Kara e o balé. Não mais do que poderia ter imaginado Bonnie presa de um encanto que ela nunca esperara: o encanto do passado perdido se erguendo das ruínas como um dançarino se erguendo num *arabesque*. Será que aquela tempestade estivera dentro dela o tempo todo, só precisando de algo para amar apaixonadamente?

Há muitos tipos de tempestade, e muitos tipos de apresentações. Debaixo do poncho, eu segurava minha arma, escutava a chuva caindo no Lincoln Center e esperava.

Diana Rowland

Não há inferno maior que a fúria de uma mulher cuja cidade foi desprezada...

Diana Rowland trabalhou como *bartender*, crupiê de blackjack, supervisora de cassino, patrulheira policial, detetive, especialista em perícia eletrônica, investigadora de local de crime e assistente de necrotério. Ganhou o prêmio de melhor atiradora na sua turma na academia de polícia, é faixa preta em *hapkido* e manipulou muitos corpos mortos em diferentes estados de decomposição. Formada pela Clarion West, escreveu romances como *Mark of the Demon*, *Blood of the Demon*, *Secrets of the Demon*, *Sins of the Demon* e *My Life as a White Trash Zombie*. Seus livros mais recentes são *Touch of the Demon* e *Even White Trash Zombies Get the Blues*. Ela passou a vida inteira no sul dos Estados Unidos, abaixo da linha Mason-Dixon, e é profundamente grata pela existência do ar-condicionado.

Cidade Lázaro

Um alvorecer cinzento e a maré baixa revelaram o corpo na beira d'água, barriga para baixo e parcialmente enterrado na lama. Um braço flutuava na correnteza preguiçosa do rio. Um cheiro fétido chegava às pessoas de pé no dique, embora o odor tivesse mais a ver com esgoto ilegal que com o cadáver.

Chuva caía sobre a lama em gotas esparsas enquanto o barco de casco plano avançava na direção do corpo, uma corda grossa sendo arrastada atrás e solta por operários em terra firme. O capitão Danny Faciane acompanhou de seu posto no dique e franziu o cenho sob o capuz da capa de chuva. Ele entendia a necessidade de avançar devagar sobre a lama, mas ainda se irritava com isso. A maré não iria esperar que terminassem o trabalho, embora naquele momento frustrassem-no mais a hora precoce e a falta de café em seu corpo. Mas era importante ter cautela com aquele rio. Desde o desabamento da estrutura metálica de controle do Old River, ele podia não ter toda a fúria de antes, mas ainda guardava alguns truques.

A atenção de Danny foi atraída para a direita, na direção das duas pontes que cruzavam o rio. Os faróis dos carros só passavam por uma delas. Não havia mais tráfego suficiente para as duas. Do outro lado do rio, um navio encalhado se inclinava ebriamente na lama. Luzes bruxuleavam em doze pontos, os maçaricos dos operários lutando para resgatar o que pudessem da pilha atolada. Danny ficou pensando se os operários do resgate iriam depois se lançar sobre a ponte sem uso, como cupins atraídos por madeira.

– Eu preciso aprender a soldar – resmungou um detetive atrás deles. Danny se virou para ver que a atenção de Farber também foi atraída pelas luzes se deslocando no navio morto.

Danny balançou a cabeça.

– Eles irão embora assim que acabar. Só restam mais alguns navios para cortar. Provavelmente não há nem mais um ano de trabalho.

– Talvez, mas neste ano aqueles escrotos ganharão três vezes mais que nós. Além disso, ainda acho que a cidade terá trabalho para eles. Nova Orleans sabe como cuidar de si mesma.

Danny bufou. Ele tinha pouca dúvida de que os soldadores ganhavam mais que Farber, mas sabia bem para cacete que não chegavam perto de alcançar sua renda. E de modo algum ele partilhava o otimismo cor-de-rosa de Farber sobre o futuro da cidade.

– Trabalho sujo – falou em vez disso. – E perigoso.

– O que *nós* fazemos é perigoso – protestou Farber.

Danny ergueu uma sobrancelha para ele, soltou uma risada rouca.

– Só se você estiver fazendo errado – disse, depois curvou os ombros com a rajada de vento que jogou a chuva preguiçosa em seu rosto. – Tipo assim. Essa merda de manhã cedo.

As ordens e os xingamentos murmurados dos homens no barco de fundo plano chegaram a eles quando alcançaram o cadáver. Lutaram para empurrar a lama persistente enquanto o rio se aferrava ao seu prêmio, mas conseguiram soltar o cadáver de sua cova parcial. Ele caiu no fundo do barco, um pé coberto de lama ainda na beirada enquanto os operários em terra puxavam o barco de volta.

Danny caminhou até lá enquanto os homens tiravam o corpo do barco e o colocavam em terra.

– Podem lavar o rosto? – pediu ele a ninguém em particular, esperou até que alguém achasse uma garrafa de água e a virasse no rosto da vítima. Danny fez cara feia ao se agachar junto ao corpo, em parte por causa do fedor da lama. – É Jimmy Ernst.

– Jesus – murmurou um dos homens no barco. – Nós rastejamos pela lama fedorenta por causa desse merda?

A boca de Danny se contorceu numa amarga concordância enquanto passava os olhos experientes sobre o corpo. A perita de local de crime tirou um par de luvas do bolso lateral das calças e as estendeu para Danny, mas ele balançou a cabeça. Não tinha nenhuma intenção de tocar no cadáver e se sujar. O legista cuidaria de limpar a maldita lama antes de fazer a autópsia.

– Bem, isso é interessante para cacete – comentou Danny, inclinando a cabeça.

– O que descobriu? – perguntou Farber, se agachando ao lado dele.

– Ele foi assassinado – falou Danny, apontando para duas marcas de queimadura no pescoço do sujeito morto. Talvez houvesse mais, escondidas sob a imundície, mas aquelas já teriam sido suficientes. A última geração de *tasers* deixava aquele tipo de marca, dando um golpe suficiente para paralisar por meio minuto. Tempo suficiente para algemar um criminoso. Ou para algumas pancadas. O que ele merecesse mais.

Danny se empertigou, deixou o olhar correr sobre o que restava do rio Mississipi. Aquele não era o primeiro corpo a ser tirado da lama resistente, e não seria o último. As margens eram um charco cheio de buracos e correntes imprevisíveis. Bastante fácil morrer, especialmente depois de duas descargas de um *taser*.

– Já vi o bastante – concluiu Danny à perita de local de crime que tirava fotos de um modo aleatório e irregular. Não se importava com Jimmy Ernst mais do que ele.

– Vejo você na delegacia – respondeu Farber.

Danny concordou, deu meia-volta e caminhou sobre as pedras do dique sem sentido, sobre os trilhos de trem tomados por ervas daninhas, e chegou à rua. A chuva parara, e uma olhada para o céu lhe disse que tinha tempo suficiente para pegar um café e acabar de acordar antes que o céu se abrisse de novo. Não havia urgência em voltar para a delegacia. Não tinha pressa em encerrar *aquele* caso. Ele iria esperar uma semana ou duas, depois o arquivaria por falta de provas.

O Café du Monde estava aberto e já com alguns turistas persistentes, mas ele continuou a subir a North Peters, seus passos voltando após ecoar nas muitas vitrines de lojas silenciosas. Em três anos, antes que o rio mudasse de curso, o quarteirão já estaria movimentado àquela hora com vendedores fazendo entregas, donos de lojas lavando calçadas e garis gritando uns com os outros enquanto os caminhões roncavam pelas ruas estreitas.

Perto do French Market, ele pegou a Decatur Street e foi até o café na esquina com a St. Peters. Mostrou o distintivo para conseguir um café e um croissant de graça, depois saiu e se sentou a uma mesa sob o toldo listrado verde e branco.

Um cachorro esquelético fedendo a pelo molhado, esgoto e desespero se esgueirou pela calçada na sua direção. Cinzento com uma orelha preta, tremeluzia em seus olhos a esperança de que Danny jogasse um pedaço de croissant na sua direção, deixasse cair uma migalha. Ele deve ter sido um animal de estimação. Muitos animais foram deixados para trás depois da Transferência, quando seus donos abandonaram as casas e todos os laços com a região, indo embora numa fuga para encontrar novas oportunidades em outro lugar, já que todos os setores em Nova Orleans que dependiam do rio secaram.

O cachorro choramingou e se sentou a trinta centímetros de Danny.

– Vá embora – murmurou ele, empurrando o cachorro com o pé. Para sua irritação, aquele contato pareceu apenas estimular o vira-lata. Ele voltou e colocou uma pata sobre o joelho de Danny. Ele xingou e afastou a perna, puto de ver ali uma larga mancha de sabe-se lá que porra. – Maldito vira-lata.

Ele lançou o pé novamente. Não foi um golpe violento, mas garantiu que tivesse força suficiente para transmitir a mensagem. O vira-lata soltou um ganido agudo e caiu esparramado, depois se agachou, de olho em Danny. Por um breve instante, Danny ficou pensando se o cachorro iria atacá-lo. Havia muitos animais desesperados na cidade, e uma pessoa esperta ficava alerta. Sua mão se aproximou da arma, mais que pronto para atirar na coisa que fosse para cima dele, mas depois de alguns segundos ele baixou a cabeça e foi embora se esgueirando, sem conseguir manter linha reta e levando com ele o fedor.

Danny deu um suspiro de alívio enquanto pegava guardanapos e limpava a sujeira da calça. Atirar no cachorro ali teria chamado atenção para cacete. Não iria importar se o cachorro o estivesse atacando; haveria muita gente disposta a questionar a decisão, explicando como ele poderia ter usado menos força ou descoberto um modo de ter absoluta certeza de que o cachorro pretendia lhe causar mal. Haveria até mesmo aqueles que insistiriam em que, como agente da lei, ele deveria estar disposto a sofrer uma mordida ou duas, e por que chegara à força letal tão rapidamente?

"Foda-se", pensou Danny, soturno. Você fazia o que tinha de fazer para sobreviver, especialmente naquela cidade. Você cuidava de si mesmo, porque ninguém mais iria fazer isso por você.

Ele jogou os guardanapos sujos na mesa e se levantou, olhando feio para a mancha remanescente abaixo. Pegou o café e o croissant, começou a

atravessar a rua, mas parou diante da visão de uma mulher na esquina oposta com uma sombrinha vermelha dobrada em uma das mãos.

Ela era bonita, com cabelo escuro e olhos mais claros, e a pele de um tom marrom-claro que o fazia pensar se ela tinha um toque de sangue *creole* em algum ponto de sua linhagem. Estava de shorts e sandálias, combinando com uma camiseta preta sem mangas que envolvia um corpo magro e musculoso que ainda tinha curvas em todos os lugares certos. Jovem – 20 e poucos anos, talvez. Não era rica. Isso era bastante fácil de dizer. Os ricos que ficaram para trás eram *obscenamente* ricos, tinham descoberto modos de lucrar ainda mais com a mudança do rio e não eram de modo algum sutis na exibição dessa riqueza e influência. Talvez uma garçonete? Uma *stripper*? Sem dúvidas, tinha corpo para isso.

Mas não era apenas sua aparência que fizera com que se destacasse aos olhos de Danny. Era mais por ela não ter a familiar expressão deprimida, os movimentos desesperados dos olhos, como se buscando alguma possível fuga daquela fodida sombra de cidade. Parecia calma, com talvez um toque de preocupação ou tristeza nos olhos quando encontraram os dele. Ela sorriu, e ele soube que era para ele. Ousada e tímida ao mesmo tempo, com um toque de diversão passando por seus traços antes de desviar os olhos, se virar e continuar pela rua para longe dele.

Deu um passo para segui-la, depois parou quando seu telefone tocou num ritmo familiar. Disse um palavrão enquanto o pegava do cinto e lia a mensagem.

Recolocando o telefone no suporte, viu a garota continuar a descer a rua até virar a esquina. Então, deu meia-volta e foi na direção oposta para atender à convocação.

– Você e eu, Danny – começou Peter Bennett olhando para os restos do rio. A chuva batia na grande janela do apartamento, traçando linhas sobre a vista de Riverwalk deserto e o cais vazio –, nós somos muito parecidos – ele lançou um olhar para o policial atrás. – Sabemos como lidar com a mudança, descobrir formas de fazer com que funcione para nós.

Danny recostou no encosto do sofá de couro preto, mãos enfiadas nos bolsos enquanto dava um sorriso agradável para o homem alto e magro.

– Para mim, tudo bem fazer o que precisa ser feito – retrucou.

Depois que a estrutura de controle do Old River desabara sob o peso das enchentes de primavera e recursos insuficientes, Peter fora um

daqueles muito ricos que não apenas permaneceram na cidade, mas conseguiram ficar ainda mais ricos. Investimentos cautelosos na bacia do Atchafalaya foram recompensados quando o rio mudara de curso, mas o dinheiro de verdade viera da capacidade sobrenatural de Peter de conseguir contratos de limpeza. Um aumento de três vezes no volume de água correndo pelo rio Atchafalaya causara, claro, uma boa dose de destruição, e o homem sabia que havia muito a ganhar em tempos de desastre. Existiam muitos homens como Peter que fizeram fortuna depois do Katrina.

– E isso é o segredo de tudo – comentou Peter, anuindo com firmeza. – Pessoas demais querem bater no peito e se preocupar em reconstruir, refazer tudo do modo como *costumava* ser – ele bufou. – Sabia que o conselho municipal ainda está reclamando com o governador sobre dragar o rio para que o trânsito de barcos possa ser retomado? – falou, e não esperou resposta. – Perda de tempo. É hora de deixar a velha Nova Orleans morrer. Aquele rio é uma piranha desdentada comparada com a puta durona que costumava ser, mas ainda há muito que pode ser feito com esta cidade. É preciso mudar com o tempo.

– Isso mesmo – retrucou Danny. Ele não ia dizer a primeira coisa que passara pela sua cabeça, que mesmo uma piranha desdentada ainda podia enfiar uma faca em você. Jimmy Ernst era testemunha disso. Mas Peter não queria ouvir esse tipo de coisa, e Danny era bom para cacete em saber quando ficar de boca calada. – Então, tem alguma coisa que precisa que seja feita?

Era o que dizia a mensagem. *Há uma coisa que eu preciso que você faça*.

Peter desviou os olhos da paisagem desalentadora, pegou a xícara de café na mesa junto à janela e tomou um gole. Fez uma careta.

– Frio. Poderia pegar um novo para mim, Danny? Pegue um para você também – falou, sorrindo, magnânimo. Danny concordou e levantou do sofá, indo para a cozinha, preta e cromada, reluzeante.

– Claro. Seu café é bom para cacete.

Ele sabia onde ficavam as canecas, sabia como o homem tomava seu café.

– É um negócio independente, sabe? – comentou Peter enquanto Danny servia e mexia. – Há uma loja na Dumaine Street, no Quarteirão. Eu a comprei há cerca de um ano e aluguei para um cara que vende livros

velhos e outras merdas. Não sei como ele consegue ganhar a porra da vida com aquilo, mas paga o aluguel.

Ele fez uma careta para essa parte e pegou a caneca que Danny lhe deu.

– Quer que ele saia?

Peter tomou um gole. Sorriu para o café.

– Está bom para cacete – falou, e olhou para Danny. – Eu tenho planos para aquele espaço. O conselho vai votar a meu favor sobre a sala de pôquer. Eu me assegurei disso – o sorriso dele ficou mais largo. – *Você* se assegurou disso.

Danny deu um risinho. A mais fácil prisão por dirigir bêbado que ele já fizera. Ajudou ter recebido de Peter a dica de que o conselheiro Walker estava deixando a degustação de vinhos para dirigir um quarteirão e meio até sua casa.

– Mas há uma coisinha no aluguel do sujeito que diz que eu posso despe-já-lo caso haja evidências de atividade criminosa – continuou Peter.

Danny concordou. Tomou um gole do café. Estava amargo, muito forte para o gosto dele, e Danny gostava mais de tomá-lo com creme. Mas Peter tomou o café e Danny não queria prolongar aquilo.

– Tenho certeza de que posso ajudar – falou Danny.

A porta do quarto se abriu. Uma jovem com cabelo louro desgrenhado, vestindo apenas lingerie e camiseta, olhou para fora. Seu olhar pousou em Danny e ela o descartou, depois se fixou em Peter. Um biquinho se formou em seus lábios carnudos, ou pelo menos era a expressão que Danny achou que ela estava tentando. Havia um pouco de incerteza demais e não confiança suficiente, se é que havia alguma, de que conseguiria, e ele não pôde deixar de pensar que a garota na esquina teria conseguido, e tornado provocante e divertido ao mesmo tempo.

– Ei, querido – falou ela para Peter, se apoiando no batente da porta no que tentou fazer parecer uma pose sensual. – Volte para a cama. Eu preciso de um exercício matinal.

Danny tomou um gole de café para esconder o sorriso com a cena triste. Ele vira isso doze vezes antes, vira a garota do mês de Peter fazendo uma tentativa desesperada de reconquistar seu interesse e vira isso falhar todas as vezes. Peter gostava do novo e reluzente, e se livrava de tudo gasto e quebrado demais. Não importava que fosse ele quem fodesse tudo. Ele era um homem de boa aparência – olhos azuis, cabelos escuros, físico atlético –, além de ser um dos homens mais ricos da cidade. Sempre havia

algo mais novo e reluzente que ele podia ter, mais garotas convencidas de que poderiam se tornar a próxima sra. Peter Bennett.

Peter a dispensou com a mão, de olhos na vista traçada pela chuva.

– Estou ocupado.

O bico dela ficou maior.

– Mas eu estou pronta agora, docinho. Venha me dar um pouco.

Peter olhou para ela. Avaliou sua expressão e sua nudez parcial. Irritação passou rapidamente pelo seu rosto, em vez da lascívia que ela esperava, mas isso se transformou em diversão quando Peter apontou com a cabeça para Danny.

– Tente com ele – falou Peter, olhos sobre ela.

Um choque tomou o rosto dela, mas só por um instante. Olhos vazios. Ela virou o sorriso emburrado para Danny. Não tinha nada a perder, mesmo que isso significasse apenas conseguir mais alguns dias aos cuidados de Peter, como estava. Danny sabia que isso valia para ela.

Danny pousou a caneca, foi até ela e a empurrou levemente à sua frente para dentro do quarto.

Quando saiu, fechou a porta atrás de si. Pelo menos, ela não estava fungando. Ainda assim teria sumido no dia seguinte e Peter estaria à caça de alguma outra garota que pudesse usar e depois jogar fora.

– Não demorou muito – comentou Peter, sem erguer os olhos do laptop.

– Eu não estava tentando fazê-la feliz – retrucou Danny. Passou a gravata ao redor do pescoço, deu o nó rapidamente.

Um sorriso passou pela boca de Peter enquanto dava um tapinha no envelope na mesa. Danny o pegou e enfiou no paletó. Não se deu o trabalho de contar.

– Acho que vou visitar uma livraria agora – respondeu com um sorriso.

– Conte se encontrar algo sujo.

O cheiro de suor e café velho saudou Danny quando entrou na delegacia com seu preso. Estava com a mão no braço do homem algemado, guiando-o por entre os outros cretinos e policiais.

– Você não pode fazer isto! – continuava a dizer o sujeito, como se repetir o suficiente tornasse verdade, que um policial não podia entrar em

sua livraria e achar drogas que nunca estiveram lá. – Por favor. Por favor! Eu tenho família. Você não pode fazer isso. Aquelas drogas não eram minhas. Você...

Danny deu um puxão forte nele, o desequilibrou. O sujeito deu um gritinho enquanto tentava se equilibrar e caiu de joelho. Danny se agachou, simulando ajudá-lo a se levantar, enquanto colava no ouvido do sujeito.

– Você precisa parar com essa porra e ser um bom menino – sugeriu numa voz calma e baixa. – Isto vai acontecer queira você ou não. Quer que seja pior? – perguntou, olhando nos olhos do sujeito. – Pode ser pior.

Suor corria pelo lado do rosto do homem. Danny viu uma centelha de revolta lutar para ganhar vida nos olhos dele.

– Há muita papelada numa prisão destas – continuou Danny suavemente. – Parte dela pode se perder. Talvez seja a parte que descreve a prova e a prisão. Ou talvez seja a parte que diz que você foi colocado na cadeia e precisa de uma definição de fiança. Qual quer que seja perdida? Quer ter seu caso deixado de lado antes de ir a julgamento? Ou quer passar mais uma semana na central de detenção?

A centelha de revolta morreu. A cabeça dele tombou.

– Isso mesmo – falou Danny, ajudando o homem resignado a se levantar. – Seja um bom menino e isto logo irá terminar.

Danny o registrou, preencheu a papelada inicial e estava seguindo pelo corredor até seu escritório quando a viu sentada numa sala de depoimento. A garota da esquina. Havia trocado a roupa para jeans e uma blusa castanho-escura, mas ele a teria reconhecido seja lá o que vestisse. Parecia pequena e assustada na cadeira metálica, as mãos apertadas sobre um copo de café de papel e os olhos sobre o detetive Farber na cadeira em frente.

Ele se colocou no umbral e bateu na lateral. Ela virou os olhos para ele. Um indício de sorriso tocou sua boca e ele pensou que talvez naquele momento não parecesse tão assustada.

– O que você tem aqui? – perguntou a Farber sem tirar os olhos dela.

– Ela conversou com Jimmy Ernst tarde da noite de ontem – explicou o detetive. – Pode ter sido a última a vê-lo com vida. Estávamos começando.

– Eu assumo – falou Danny, entrando na sala. Ele olhou nos olhos de Farber. O outro homem hesitou, depois lançou um olhar sobre a garota e disfarçou um sorriso.

– É, claro – disse, se levantando e pegando suas coisas. – Por falar nisso, Ernst tinha uma arma. Foi mandada para o laboratório.

Balística era uma rotina. Talvez eles pudessem atribuir alguns casos sem solução a Ernst e melhorar suas estatísticas. Os olhos de Farber conferiram a garota, depois voltaram para Danny.

– Avise se conseguir alguma coisa – acrescentou, o duplo sentido pairando no ar.

Danny esperou que ele saísse, fechou a porta e ocupou a cadeira vazia.

– Sou o capitão Danny Faciane – disse a ela. – Gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

– Certo – respondeu, depois fazendo uma pausa. – Sou Delia.

Ela reduziu o aperto no copo de papel.

– Sobrenome?

– Rochon – contou, recostando. – Delia Rochon. Conversei com Jimmy noite passada. Por volta de meia-noite, mais ou menos. Ele costumava ir muito à boate – informou, o incômodo percorrendo seus traços.

Ele escreveu o nome dela no bloco.

– Boate?

– Freddy-Z – explicou, e os olhos baixaram para as mãos no colo. – Sou dançarina.

Uma stripper. Freddy-Z era uma das melhores no que restava da cidade. Danny anotou a informação. Não porque fosse importante para o caso, mas porque queria que ela pensasse que era, não que era apenas importante para ele saber onde encontrá-la novamente.

Prosseguiu perguntando a ela sobre sua conversa com Jimmy Ernst, seguiu a rotina como costumavam fazer em casos como aquele. Ela lhe contou uma história clara, mas concisa, do encontro. Jimmy perguntara sobre uma garota que costumava trabalhar na boate, queria saber onde estava. Delia não lhe dissera coisa alguma. Nada muito excitante.

Ela não gostava da vítima. Nunca disse isso explicitamente, mas era evidente em seus gestos, em como seus olhos ficavam duros ao falar dele. Mas Danny sabia que teria dificuldade para encontrar alguém que gostasse. Jimmy era um cafetão, especializado em garotas que pareciam *realmente* jovens.

Danny pousou a caneta no bloco. Ela olhou para a caneta, depois para ele.

– Eu estou presa? – quis saber ela, voz baixa, mas firme.

Ele bufou.

– Por causa de Jimmy? Não. Estamos cagando para ele.

Ninguém nunca iria para a cadeia por aquele assassinato. A não ser que alguém fosse à delegacia e desse uma confissão completa – e era assim para a maioria dos assassinatos naquela cidade, não apenas para vagabundos como Ernst. Danny, e todos os outros, faziam apenas o suficiente para não ser indiciados por omissão.

Os policiais naquela cidade sabiam como sobreviver. E alguns dos inteligentes, como ele, sabiam como prosperar.

Ele a levou para fora, ofereceu um policial para levá-la em casa, mas ela se limitou a sorrir e balançar a cabeça. Estava chovendo novamente, um aguaceiro constante que arrastaria todo o lixo nas ruas e entupiria os bueiros, mas ela abriu o guarda-chuva e se colocou sob ele sem mudar o passo. Ele viu o guarda-chuva ficar pequeno à distância até se perder na massa cinzenta da chuva.

Danny conversou com o *bartender* do Freddy-Z mais tarde daquele dia e descobriu que Delia começara lá um mês atrás. Ninguém sabia muito sobre ela. Mas, segundo o *bartender*, ninguém se importava. Eles se lixavam para as vidas pessoais das garotas desde que aparecessem na hora e deixassem seus problemas longe da boate. Delia fazia ambos.

Ela estava trabalhando naquela noite. Ele se assegurou de estar lá para vê-la. Sequer tentou se convencer de que estava averiguando uma possível testemunha. Sabia muito bem que queria ver mais dela, e não o mais que aparecia quando tirava as roupas.

Neon piscava no ritmo da batida grave da música. Os cheiros misturados de suor e sexo, dinheiro e infelicidade giravam ao redor das dançarinas e dos homens olhando para elas. Delia usou o poste com uma graça flexível e uma confiança que revelavam anos de treinamento, e Danny ficou pensando se num passado distante ela teria sido um tipo muito diferente de dançarina. Mas, a despeito de força e controle evidentes, ela exalava uma sensualidade, uma sexualidade indecente que ele duvidava que tivesse sido aprendida em uma aula de balé.

Ela só olhou para ele uma vez, um persistente carinho de atenção somado a um sorriso tímido, em contradição com os olhares lascivos que lançava aos outros clientes. E como teria sido estranho ou grosseiro de sua parte não fazê-lo, ele ergueu uma nota de cinco e a prendeu em seu fio-

dental quando ela parou diante dele, depois se sentiu sujo por fazer isso com aquela garota.

– Ela é um tesão – disse uma voz conhecida. Danny virou a cabeça e se obrigou a sorrir para Peter. Os olhos dele estavam em Delia. Apreciando. Admirando. Famintos.

– Ela é testemunha num caso nosso – Danny se viu dizendo. Talvez Peter se assustasse com isso. Ele tomava muito cuidado para não se associar a tipos criminosos. Afinal, era para isso que ele tinha Danny.

Mas Peter se limitou a sorrir, ainda de olho em Delia.

Danny sabia o que aconteceria depois. Peter ganharia uma *lap dance*, depois pagaria por um quarto particular. Era possível que convidasse Danny a ir com ele, e com qualquer garota ele teria ido e aproveitado.

Danny se levantou, foi ao bar fingindo pegar outra bebida. O envelope fez barulho em seu paletó e ele franziu o cenho. Estivera tão ocupado pensando nela que se esquecera de pegá-lo e colocá-lo em algum lugar seguro. Mas naquele momento, ficou aliviado. Sequer pensou antes de chamar o gerente, pagando por um quarto particular com Delia e outro para Peter com outra dançarina. Parte dele sabia que havia grande chance de que aquilo não funcionasse. Peter tinha dinheiro e influência e estava acostumado a ter o que queria. Mas Danny tinha seu próprio tipo de influência. Deslizou uma de cem para o gerente, juntamente com um acordo de ajudar o homem se um dia ele tivesse o tipo de problema com que Danny poderia ajudar. Alguns minutos depois, a segunda dançarina mais bonita da boate foi até onde Peter estava sentado.

Peter ergueu uma sobrancelha quando a loura se colocou em seus ombros e riu, esfregando os seios em sua nuca. Ele varreu o salão procurando por Delia, depois fez uma pergunta à loura. Ela deu de ombros e anuiu na direção de Danny; ele colocou um sorriso nos lábios e ergueu sua bebida enquanto Peter olhava, tentando fazer parecer que tinha comprado a garota para Peter por ser uma coisa legal que um cara podia fazer por outro.

Os dois homens se encararam, um olhar que se rompeu quando a dançarina loura tomou a mão de Peter para levá-lo ao quarto dos fundos. Ele se levantou e a seguiu, parando ao chegar perto do bar.

Ele se inclinou na direção de Danny.

– Percebi o que você fez – falou Peter, a boca exibindo uma diversão que seus olhos não partilhavam. – Acho bonitinho que você goste daquela

garota o bastante para fazer algo assim.

Ele fez uma pausa.

– Nunca mais me sacaneie assim novamente.

Ele se virou sem esperar uma resposta e passou pelas cortinas até os quartos particulares.

Danny ficou onde estava, mãos cerradas nos bolsos do paletó, dizendo a si mesmo que estava se controlando para não ir atrás de Peter e arrancar aquele sorrisinho de superioridade a pancada, mas sabendo que na verdade estava lutando contra a compreensão doentia de que ele e Peter podiam ser farinha do mesmo saco, mas não eram iguais, não eram parceiros de nenhum tipo. E por mais que ele naquele momento o odiasse, Danny sabia que quando o homem o convocasse ele iria e faria o que lhe fosse dito, como um maldito cachorro treinado. Coisas demais a perder se não fizesse.

Também sabia que não queria ir para um quarto particular com Delia. Ele se virou para o *bartender*.

– O garoto ruivo junto ao palco à esquerda. Ele é um babaca com as garotas?

O *bartender* balançou a cabeça.

– Não. Ele vem com vinte pratas duas vezes por semana. Nunca arrumou problema.

– Dê meu quarto a ele. Deseje uma porra de um feliz aniversário – falou, pegando outra de cem para a gorjeta. – E lhe diga que se sair da linha com Delia eu quebro a porra do pescoço dele.

Ele saiu da boate e esperou no bar do outro lado da rua até que ela terminasse seu turno. Quando a viu sair pela porta dos fundos, jogou uma de vinte para pagar a conta e foi encontrá-la.

Ela estava com duas outras mulheres. Uma coisinha tímida que tentava sem sucesso fazer o tipo "bibliotecária sensual" e uma hispânica cheia de curvas com peitos grandes e pernas compridas. Enquanto ele se aproximava, elas pararam a conversa em voz baixa. Os olhos de Delia tinham um toque de incerteza, mas as duas outras o observavam com a cautela explícita de um coelho observando uma raposa.

Ele queria rosnar para que as duas coelhas sumissem, vê-las fugir rápido.

– Posso lhe pagar um café? – perguntou ele.

Ela se virou para as outras garotas como se não tivesse ouvido a pergunta dele.

– Vejo vocês amanhã à noite – falou ela, trocando rápidos abraços. Só quando elas estavam na metade do quarteirão, Delia voltou sua atenção para Danny.

A boca se tornou uma fina linha apertada.

– Eu não sou puta – falou.

Danny se viu sorrindo.

– Eu sei. Garanto, só quero lhe pagar um café.

O olhar que ela lançou foi de avaliação, de dúvida. Ficou pensando se ela sabia o que ele tinha feito na boate e, caso positivo, se podia entender o motivo. Mas ele mesmo não entendia.

– Há um café na Decatur – respondeu ela. – É bom, mas não gosto de andar até lá sozinha à noite.

– Eu a protejo – retrucou ele.

Ela gostava do café doce e forte, e colocava creme até ele combinar com a cor morena clara de sua pele. Ela partia o croissant em pedaços pequenos antes de comê-lo em mordidas delicadas entre goles de café e conversa.

Como todos os outros na cidade, eles primeiro conversaram sobre por que ainda estavam ali depois da Transferência, por que não abandonaram a cidade como o rio. Afinal, qualquer um que podia tinha partido, deixando apenas os muito pobres, os ricos que sabiam como lucrar com o desastre, e as poucas pessoas de que esses ricos precisavam para ficar mais ricos e permanecer confortáveis.

– Muitos policiais partiram e foram para Morgan City – contou ele. – Muito trabalho lá. Mas... não sei. Eu não queria ir embora, e já estava em posição de evitar a demissão.

E também muita bajulação, acrescentou silenciosamente. Ele cobrara muitos favores para garantir que iria não apenas ficar, mas que aqueles à sua frente para promoções fossem demitidos. Ele chegara a capitão menos de seis meses depois.

– Este é meu lar – foi tudo o que ela disse para explicar por que ficara. – Eu amo esta cidade.

– Mesmo agora? – perguntou, sobrancelha erguida em incredulidade.

– Especialmente agora – respondeu, um sorriso suave nos lábios.

Ele pensou nisso por um momento enquanto tomava seu café com leite. A brisa da noite levava o cheiro estagnado do rio, misturado ao aroma de cerveja e mijo na rua. Mesmo faltando horas para amanhecer, o ar abafado os envolvia com gavinhas quentes, prometendo um futuro verão brutal. Mas aquela cidade combinava com ele, combinava com sua personalidade. A Transferência fora a melhor maldita coisa que lhe acontecera.

– Eu também – concordou ele, pois sabia que ela estava esperando, e colocou de lado o estranho toque de tristeza que era fruto de se dar conta de que amava o lugar por razões muito diferentes das dela.

Embora nunca tivesse voltado para dentro da boate, ele esperava por ela toda noite e andava com ela até o café. Na terceira noite, ela passou o braço pelo dele enquanto caminhavam. No quinto, o cumprimentou com um beijo e um sorriso.

No sétimo, perguntou:

– Você tem uma cafeteira em casa?

Ele tinha um apartamento ao sul do Quarteirão, um lugar mais que decente onde morava de graça, por causa de um senhorio desesperado que concordara em que era melhor ter um policial morando ali do que invasores se instalando. Com tantos apartamentos e casas vazios na cidade era raro um policial pagar aluguel.

Ficava a um quilômetro e meio do café, mas ela insistiu em dizer que não se incomodava de caminhar.

O lugar não estava um caos completo, mas não estava arrumado como um belo lugar para ter companhia. As cortinas eram de inquilinos anteriores, e já tinham sido pretas. A decoração se limitava a uma pilha de revistas com mulheres seminuas nas capas, um conjunto de garrafas de cerveja vazias na mesinha de centro e, junto à porta, uma matéria de jornal emoldurada com a manchete: *Testemunha volta atrás em depoimento. Policiais de Nova Orleans inocentados*.

Ele nunca levara garotas ali, nunca pensara em como pareceria aos olhos de uma mulher. Estranhamente envergonhado, começou a se desculpar, mas ela o deteve com um sorriso.

– Está tudo bem. É bom. Você é uma pessoa boa.

O que só fez sua vergonha aumentar, pois ele sabia que *não era*, embora isso nunca o tivesse incomodado antes.

Passou os braços ao redor da cintura dela e a puxou para si. Ela soltou um pequeno guincho de surpresa.

– Não, eu sou um menino mau – falou, tentando parecer impertinente, mas sentindo como se fosse uma confissão. Ele se sentiu tolo por dizer isso e lamentou ser grosseiro. Não queria que aquela garota pensasse assim dele. Não queria que fosse o tipo que só se sente atraída por babacas e cretinos.

Mas ela sorriu e colocou a mão em sua face.

– Você não está me enganando – respondeu ela, a voz baixa e rouca. – Você é meu menino bom.

Danny sabia foder, sabia como conseguir o que queria, como não se importar. Perdera a conta do número de "prisões" por prostituição que tinha feito – garotas que pagaram suas multas diretamente a ele, com boca ou boceta. Muito tempo tinha se passado desde que sentira qualquer espécie de preocupação com o prazer da parceira e se sentiu como um virgem atrapalhado ao tocar Delia, envergonhado e horrorizado quando sua incerteza se traduziu numa traição de sua própria reação física.

Mas ela nem debochou dele, nem se sentiu insultada. Baixando a cabeça, ela gentilmente o estimulou, acalmando, excitando. E antes que ele pudesse desperdiçar os esforços dela, a colocou de costas e retribuiu a atenção. Ela tinha um gosto doce e selvagem, e, enquanto ela apertava o lençol com as mãos e gritava, ele não pôde deixar de sentir um prazer que quase chegou ao nível do dela. Quando ela ficou deitada, esgotada e trêmula, só então ele se moveu e conseguiu o próprio alívio, excitado em alto grau quando ela travou braços e pernas ao redor dele e gritou seu nome.

Depois ele a abraçou com força, acariciando seu cabelo enquanto o hálito dela aquecia seu peito, saboreando a sensação quase exótica de se sentir inteiro, seguro. Feliz.

Na noite seguinte, eles caminharam até o que restara do Mississipi, seguiram rio acima e ficaram de pé num cais onde, apenas três anos antes, o canal Street Ferry carregava e descarregava milhares de carros e pessoas.

O rio era um pouco mais tranquilo ali em função da curva do leito e do modo como a lama assentara. A corrente seguia além da lama, mas para Danny parecia uma mulher mais velha tentando provar que era jovem e atraente. “Olhe para mim”, ele imaginava o rio dizendo. “Ainda sou a tal. Ainda sou uma menina má.” Em mais alguns anos, o assoreamento aumentaria e o rio murcharia, murmurando, insatisfeito e ferido por ser tão desprezado.

– Quando eu era criança, minha mãe me levava ao dique quase toda tarde de domingo – contou a Delia. – Sentávamos e víamos os navios e balsas subindo e descendo o rio e inventávamos histórias sobre o que eles carregavam e para onde estavam indo.

– Isso parece divertido – disse ela, inclinando a cabeça para olhar para ele.

– É. Era legal. Ela levava sanduíches e batata frita e fazíamos um piquenique.

Ela se apoiou nele.

– Seus pais ainda moram aqui?

– Papai foi embora quando eu tinha uns 6 anos. Mamãe morreu há uns dez anos. Câncer.

Ele deu de ombros para lhe mostrar que isso não o afetava mais. Queria lhe dizer que espalhara as cinzas da mãe no rio, no dique ou em algum lugar que tivesse alguma espécie de significado, mas a verdade era que sequer as pegara na casa funerária. Não se importava com o que acontecesse às cinzas – não porque não amasse a mãe, mas porque achava isso apenas mais um detalhe idiota e sentimental que as pessoas queriam acreditar que era importante.

Olhou na direção do esqueleto de um navio que foi quase totalmente limpo pelos soldadores. “É assim”, pensou. “Ninguém ligava para onde aquele metal acabaria. Aquele navio nunca seria reconstruído.”

– Você se lembra de onde estava quando aconteceu? – perguntou ela, e por um instante ele pensou que falava da morte de sua mãe.

– Está falando da Transferência? – quis saber, para ter certeza. Ela anuiu. – Claro – respondeu, pensando rápido.

A verdade era que não lembrava exatamente. Talvez estivesse em casa. Talvez trabalhando. Apenas uma semana depois, todos começaram a compreender que nada mais seria como antes, mas mesmo então ele não se

lembrava de ficar chateado ou sentir alguma emoção. A porra de um rio temperamental tinha fugido e não voltaria mais, e isso era tudo.

– Eu estava em um chamado de violência doméstica – decidiu dizer. – Tinha acabado de algemar um cara por bater na mulher quando meu parceiro me contou que o vazadouro tinha desmoronado e o rio estava mudando de curso.

Ela olhou para ele como se esperando que dissesse mais. Ele ficou pensando se deveria inventar mais alguma merda, acrescentar uns detalhes e lhe dizer que o cara trabalhava num navio, chegara em casa e descobrira que a mulher estava transando com outro cara. Talvez dizer que dera um tapa na mulher na frente do filho de 6 anos e que assim que saiu sob fiança embarcou em outro navio e nunca mais voltou.

Não, Danny decidiu. Melhor deixar como estava. Uma coisa que ele aprendera com os criminosos que prendera era que a maioria se delatava por inventar mentiras complicadas demais. Mantenha simples e curta. Assim há menos do que lembrar.

– E você, onde estava? – quis saber ele.

Delia piscou, franziu os lábios.

– Estava na emergência com uma vizinha. Ela... tinha caído e quebrado o pulso. Eu estava brincando com a filha dela na sala de espera quando apareceu na TV.

Ela se virou para a água, esfregando os braços por causa da brisa leve.

– Fico pensando em como irão chamá-lo.

Ele passou um braço ao redor dela, puxou-a para perto e sorriu quando ela se aninhou.

– Parece errado não chamá-lo de Mississipi.

Ela balançou a cabeça.

– Mas ele se foi. Nos deixou para trás. Agora ele é de Atchafalaya.

– Acha que a cidade precisa superar isso e seguir em frente? – perguntou a ela com um sorriso simpático.

Ela deu um sorriso rápido.

– Ela nunca irá consegui-lo de volta. Nova Orleans precisa parar de ser a namorada rejeitada. Precisa tomar um banho e começar a namorar novamente. Pode ser melhor do que era antes.

Ele deu uma risada e a apertou, mas seus pensamentos estavam em homens como Peter e seus planos para a cidade. Ela não seria limpa. Não ficaria melhor, pelo menos não para as pessoas que não estavam no

comando. A única coisa que a cidade ainda tinha era o turismo, e eles não tinham intenção de tornar a cidade "agradável para famílias" ou qualquer uma dessas merdas.

O conselho municipal acabaria cedendo à pressão. Nova Orleans iria se vender, se encher de cassinos e até mesmo mais bares e prostitutas. Isso o deixou triste, o que o surpreendeu. Esse tipo de lugar combinava com ele e seu temperamento.

– Nova Orleans irá se tornar a piranha – falou ele, mais para si mesmo que para ela.

– Não se eu puder fazer alguma coisa – murmurou ela, depois suspirou e apoiou a cabeça nele. Danny ficou pensando se ela sabia que não havia nada que pudesse fazer quanto a isso, nada que pudesse impedir a cidade de mergulhar na devassidão e na corrupção. Havia jogadores demais apostando contra ela. Suas entranhas reviraram com o conhecimento de que não apenas ele era um desses, como não sabia se era capaz de fazer outra coisa.

Uma semana depois, ele se encontrou com ela como sempre, mas seu beijo de cumprimento pareceu distraído e seu sorriso, forçado. Perguntou se havia algo errado, mas ela se limitou a balançar a cabeça.

– Não é nada. Só um cara pedindo coisas que eu não faço.

Antes que ele pudesse se lançar à defesa de sua mulher, ela colocou a mão em seu peito e lhe deu o sorriso que sempre tocava o ponto fundo dentro dele que lhe dizia que, pelo menos para aquela mulher, mesmo que para ninguém mais, ele era especial e forte.

– Está tudo bem – garantiu ela, embora um brilho de dúvida tocasse os cantos de sua boca.

A dúvida permaneceu ali, escurecendo seus olhos e curvando seus ombros. Em certos momentos, ele achou que ela estava prestes a chorar. Demorou mais alguns dias até arrancar dela, pacientemente superando as negações, os sorrisos falsos e os protestos de que tudo estava bem. Ele não era o policial mais honesto da cidade, mas ainda sabia arrancar a verdade.

– É um cara – confessou ela quando estavam emaranhados nos lençóis de sua cama, ela com a cabeça em seu peito. Ela estremeceu. – Ele é rico e poderoso, motivo pelo qual os donos não o botam para fora.

Ela ergueu a cabeça, olhou nos olhos dele.

– Não é que ele seja mau ou um babaca. Mas ele me *quer* – continuou ela, engolindo em seco e depois conseguindo dar uma risada. – Isso não soa ridiculamente egoísta?

Ele sorriu, tirou o cabelo de sobre o rosto dela.

– Não para mim. Entendo ele querer você.

Delia voltou a pousar a cabeça no peito dele, se aninhou mais.

– Ele quer que eu seja sua namorada. Falei que não estava interessada – contou, e suspirou. – Estou certa de que isso vai passar, mas no momento ele é terrivelmente insistente. E, ele é... *argh*.

– Repulsivo?

– Não, não isso. Ele é limpo, tem aparência decente. Mas é... é o modo como ele olha as pessoas. Como coisas a ser usadas. Ele não é gentil.

Ele a envolveu nos braços, puxou mais para perto, beijou o alto de sua cabeça enquanto a tensão revirava suas entranhas.

– Quem é esse cara? – indagou ele, embora tivesse a sensação de já saber. – Eu vou cuidar dele.

Ela ergueu a cabeça de novo, o cenho franzindo.

– Não quero que você machuque ninguém por minha causa.

– Não vou – mentiu ele. Ele sabia bem para cacete cobrir seus rastros. Desde que não fosse Peter. Por favor, que não seja Peter. – Diga o nome dele. Vou garantir que ele saiba que você não está disponível. Gentil e amigavelmente.

Peter abriu a porta do apartamento à primeira batida, um sorriso divertido curvando sua boca à visão de Danny no umbral.

– Que bela surpresa. Entre.

Danny anuiu para o homem e entrou.

– Preciso falar com você.

– Estou sempre à disposição de um amigo – respondeu Peter, fechando a porta. – Por falar nisso, nunca lhe agradeci por cuidar daquela questão com o dono da livraria.

Ele foi para a cozinha, tirou duas canecas do armário.

– Não sei o que disse, mas ele recebeu o aviso de despejo sem um gemido – continuou, servindo-se um café e lançando um olhar para Danny. – Muito bom quando as pessoas fazem o que mandam. Torna a vida de todo mundo muito mais agradável. Café?

Danny fez que sim com a cabeça. Danny percebeu que ele sabia por que ele estava lá. Esperava por ele. Pegou a caneca do homem, se obrigou a tomar um gole do líquido amargo.

– Fiz muita coisa para você – começou ele, depois parou.

Nada daquilo fazia diferença naquela situação. Ele tinha um discurso pronto, uma fala raivosa batendo no peito ao estilo "afaste-se da minha mulher", mas uma olhada nos olhos de Peter lhe disse que era a jogada errada, que não faria sentido. Engoliu para tentar tirar o gosto amargo da boca, respirou fundo.

– Veja, eu gosto de uma garota. Delia. Ela, ahn, diz que você a chamou para sair, e eu queria conversar com você de homem para homem, pedir que a deixe em paz.

Assim que as palavras deixaram sua boca, ele se odiou. Aquilo não era de homem para homem. Aquilo era o cachorro rosnando para o seu mestre.

Peter franziu o cenho acima da caneca.

– Delia? É aquela stripper por quem você está caído?

– Nós temos nos visto – continuou Danny, dentes trincados.

O homem ergueu uma sobrancelha para ele.

– Mesmo? Ela tem sido amigável comigo na boate – disse, dando uma risada e balançando a cabeça. – Mas esse é o trabalho dela, não é mesmo? E tenho de dizer que ela é bastante boa. Eu quase acredito que ela fica contente de me ver toda noite.

– É – conseguiu dizer Danny. – Ela é boa. Nós somos bons... Juntos. Estou lhe pedindo para... se esquecer dela.

Ele não sabia que Peter estava indo tanto à boate. Quantas vezes estivera no quarto particular com Delia enquanto Danny esperava como um filhotinho ansioso no bar do outro lado da rua?

– Por você, claro – disse Peter, com um gesto magnânimo de cabeça. – Desejo o melhor a vocês.

Tomou um gole de café, caminhou até a janela para olhar para a paisagem enlameada que era mais um pântano que um rio.

– Claro que eu espero, pelo seu bem, que ela não receba uma oferta melhor – comentou, olhando para Danny atrás. – Ou melhor, caso ela receba uma oferta melhor, que não a aceite.

– Certo – falou Danny. – Fico contente que compreenda.

Peter pousou a caneca na mesa junto à janela.

– Por falar nisso, a votação final sobre o salão de pôquer será depois de amanhã. Preciso que pressione o conselheiro Nagle. Pegue-o fazendo alguma coisa – sugeriu, e o sorriso cresceu. – Talvez sua Delia possa ajudar com isso. Ou não. Melhor manter negócios e prazer separados, certo? – Ele deu de ombros depois de falar.

– Certo – repetiu Danny. Era um desafio, um jogo de poder. Peter queria saber o quanto podia confiar nele. Queria saber quão longe Danny iria para manter a influência que o protegera por tanto tempo.

Mas Danny sabia que isso não importava. Já era tarde demais. Ele tentara mostrar os dentes. A partir de então, Peter iria ficar atento, esperando o momento em que pudesse jogá-lo aos lobos e manter as próprias mãos limpas.

Danny tinha de descobrir um modo de fazer o mesmo com Peter antes.

Ele moveu a cabeça, concordando.

– Saquei. Vou cuidar disso.

O sorriso de Peter cresceu.

– Você é um bom amigo. Mande minhas lembranças a Delia.

A semana seguinte foi quieta e calma. Danny se preparou para a próxima vez em que Peter o chamasse, pronto para gravar o diálogo, ou o que mais pudesse fazer, mas seu telefone permaneceu mudo. Delia passou todas as noites em seu apartamento, só indo para casa para mudar de roupa e regar as plantas. Contou que Peter parara de ir à boate e quis saber o que ele tinha feito. Ele se limitou a sorrir.

– Melhor você não saber.

Não podia dizer a ela que não tinha feito nada além de rosnar, que a única razão pela qual Peter a deixara em paz era porque podia ser interessante para si mesmo fazê-lo.

E, como Danny temera, isso não durou.

– Ele foi ao meu apartamento! – contou ela depois que ele abriu a porta e a encontrou de pé em seu degrau da frente. O lábio inferior dela tremia e os olhos estavam vermelhos de choro. Puxou-a para dentro rapidamente, levou-a ao sofá e a abraçou até que contasse tudo.

Peter lhe dera um ultimato – ir com ele, ou ele não apenas a despejaria, mas garantiria que nunca mais conseguisse trabalhar na cidade.

– Não sei o que fazer – confessou ela, parecendo mais derrotada e abatida do que ele imaginara que pudesse ficar. – Eu não posso... *Não vou*

deixar Nova Orleans. É especial demais para mim – falou e ergueu os olhos para ver os dele. – Pessoas como ele estão destruindo esta cidade. Eu odeio isso. Odeio todos eles!

A voz dela falhou na última palavra.

O suor molhou as mãos de Danny. Ele ia matar Peter. Havia cem diferentes meios de fazer isso e simular um acidente ou suicídio. Ou talvez Danny pudesse procurar os federais, contar tudo o que sabia sobre os negócios de Peter.

– Vou cuidar disso – falou, beijando-a. Ele se levantou, mas ela tomou sua mão.

– Não quero que se meta em problemas – desabafou, olhos arregalados e assustados.

– Vou ficar bem. Prometo – disse, e se soltou gentilmente. – Pode contar comigo.

Danny caminhou pela Chartres Street até a Dumaine, seguiu para Jackson Square e viu pombos se juntando ao redor de um vagabundo com um saco de pão velho. Um punhado de artistas de rua expunha valentemente seus trabalhos, lançando sorrisos desesperados para os poucos turistas que circulavam, e Danny os ignorava, já que ele era local e não valia o desperdício de energia com uma falsa simpatia.

Ele ia matar Peter Bennett, disse a si mesmo. Era a única saída. Procurar os federais não era uma opção. Qualquer coisa que Danny lhes contasse o derrubaria tão completamente quanto a Peter, e ele não tinha qualquer prova além de seu próprio testemunho.

O final da tarde se transformou em crepúsculo enquanto ele se sentava num banco do parque e avaliava suas opções, planejava seus passos. Quando ficou escuro, ele desceu a Decatur, parou numa loja de camisetas vagabunda cheia de lixo para turistas e comprou um boné. Depois foi para Riverwalk, entrou no prédio de Peter e pegou o elevador até seu andar, mantendo o boné baixo sobre rosto para não ser flagrado pelas câmeras.

Peter atendeu, sobrancelha se erguendo em leve surpresa com a presença de Danny. Seu olhar passou para o boné e depois o rosto de Danny.

– Você está bem? Parece aborrecido.

– É – retrucou. – Um pouco. Posso entrar?

– Claro – disse Peter, colocando-se de lado e depois fechando a porta.

Danny correu os olhos pelo apartamento. Mais ninguém ali. Mais ninguém naquele andar, na verdade. Ninguém o vira entrando. Ele planejara tudo. Porrete extensível no bolso para derrubar Peter, depois fazer parecer uma queda acidental no chuveiro. Dificilmente seria considerado homicídio mesmo se houvesse uma investigação de verdade.

Peter se apoiou no balcão, observando Danny, impassível. Talvez ele soubesse por que o policial estava lá. Na verdade, provavelmente sabia. Tinha de saber que terminaria assim.

– Eu quase me esqueci – começou Peter de repente, se afastando do balcão e indo até a escrivaninha. – Esqueci de lhe dar aquele... dinheiro do empréstimo que você pediu.

Suor correu pelas costas de Danny e a mão foi na direção da arma. Aquilo era perfeito. Peter ia sacar uma arma daquela gaveta e então Danny atiraria nele em legítima defesa.

Mas foi um envelope grosso que Peter tirou da gaveta. Danny baixou a mão antes que Peter pudesse ver, coração acelerado e irregular. O homem o estava pagando por flagrar o conselheiro Nagle com uma prostituta no começo da semana. Nagle concordara em votar a favor de Peter em vez de sofrer uma prisão humilhante, e o salão de pôquer fora aprovado, sem dúvida o primeiro de muitos.

Peter estendeu o envelope.

– Acho que você ficará feliz. Eu sei que estou. Bom trabalho, aliás.

Ele não se moveu por vários segundos, depois se adiantou e pegou o envelope. Abriu e viu que tinha pelo menos dez mil.

Danny fechou o envelope e o colocou no bolso do paletó.

– Agradeço por isso – disse, a voz soando estranha e áspera aos seus ouvidos. Ele não tinha de matar Peter. Ele tinha outras opções. Podia levar Delia para longe dali. Convencê-la a se mudar. Eles poderiam recomeçar em outro lugar. Longe daquela cidade fodida. Longe de Peter.

– Apareça semana que vem. Vamos conversar – falou Peter, depois fez uma pausa. – Você deveria trazer Delia um dia desses. A não ser que já tenham rompido.

Ele ergueu uma garrafa de água, bebeu sem tirar os olhos de Danny.

– Não – respondeu Danny, sentindo o peso da pergunta, respondendo às declarações.

O homem sorriu.

– Isso é mesmo bonitinho. Quanto tempo acha que vai durar?

Ele não estava falando sobre Delia, Danny sabia. Peter estava brincando com ele, querendo saber quanto tempo iria durar aquele momento de desafio antes que Danny se acalmasse e se comportasse de novo.

Como o cachorro no café, que recuara em vez de atacar. Aquele cachorro deveria estava morto naquele momento, pensou Danny, ou no mínimo ainda com fome. Se esgueirando pela cidade, disposto a suportar alguns chutes para conseguir uma ou duas migalhas.

Chega de se esgueirar. Chega de migalhas.

– Para sempre – respondeu ele.

Com um movimento dominado, ele tirou o porrete do bolso e o estendeu. Avançou sobre Peter mostrando os dentes. Adorando o choque e o medo no rosto do homem enquanto o cachorro se voltava contra seu mestre.

Ligou para Delia no elevador, pediu que o encontrasse no canal Street Ferry. Imaginou que chegaria antes, mas quando alcançou o cais a viu apoiada na balaustrada do final, olhando para o rio enlameado e as luzes piscando dos carros que atravessavam a ponte.

Uma tensão que ele não notara se dissipou. Uma parte dele não estivera certa de que ela iria, com medo de que tivesse decidido acabar com tudo e deixá-lo para trás. Mas então se deu conta de que ela sabia para onde tinha ido e estivera esperando por perto.

Ela se virou ao som dos passos apressados dele e o viu se aproximar.

– Danny... – disse, esticando a mão para tocar seu rosto. – O que está acontecendo?

Ele tomou a mão dela nas suas, a beijou.

– Eu te amo, querida. Vou mantê-la segura para sempre, juro.

Ela prendeu a respiração.

– Ai, Deus. O que você fez?

– Está tudo bem. Eu juro. Eu... eu estou bem.

Ela mordeu o lábio, depois fechou os olhos, o abraçou.

– Sim, você está.

Ele baixou a cabeça e sentiu o cheiro dela, sentindo toda merda e toda lama de sua vida escorrendo.

– Vamos embora – sugeriu ele. – Vamos deixar este lugar para sempre e recomeçar em algum lugar.

Ele não queria ficar, mas também sabia que não podia deixá-la para trás. Ela acabaria esgotada e consumida como as outras garotas... Mas, mesmo enquanto pensava isso, sabia que era uma desculpa, sabia que ele não era forte o bastante para partir sem ela. No entanto, talvez se *ambos* partissem, recomeçassem... Talvez *ele* pudesse não desmoronar.

Ela recuou, choque e decepção brotando em seu rosto.

– Você quer que eu vá embora? Eu não posso!

– É só uma cidade, querida. – Ele segurou o rosto dela em suas mãos. – Nada além de um punhado de prédios, ruas, merda e babacas.

– Não. É muito *mais* do que isso – reagiu, tentando balançar a cabeça. – Este lugar tem uma alma, rica e maravilhosa. Nós sobrevivemos ao Katrina e vamos sobreviver a isto. Nós... *Eu*... tenho de ficar. Por que não consegue ver isso?

Ergueu as mãos, tirou as dele do seu rosto, mas continuou a segurá-las.

– Ah, Danny – suspirou. – Peter agora se foi. Você não precisa mais ser quem era.

Ele se deu conta de que ela sabia, enquanto o resto de sua tensão se dissipava. Ela *sabia* que tinha matado Peter, entendia o quanto tinha feito por ela... E não o odiava por isso.

– Não. Eu posso ser melhor – insistiu ele. – Eu *posso* ser... Se estiver com você – falou e apertou a mão dela. – Mas não aqui. Não pode funcionar aqui. Nova Orleans morreu quando o rio foi embora. Sempre haverá caras como Peter aqui, querendo ganhar com a destruição. Eles vão desmontar esta cidade e resgatar cada pedaço que conseguirem e vão cagar para quem for esmagado no processo.

Ele não conseguia ver a expressão dela no escuro, mas ouviu vir dela um suspiro que pareceu de resignação. Talvez estivesse começando a ver as coisas do seu modo.

– Eu tenho dinheiro – contou ele. – Podemos ir para Lafayette. Recomeçar. Ficaremos juntos.

O telefone tocou e ele xingou, pegou e viu que era o detetive Farber. Seu estômago ficou gelado. Será que Peter já tinha sido encontrado?

– Pense nisso – pediu a Delia antes de recuar e atender ao telefone.

– Veja só – disse Farber sem preâmbulo. – A arma de Ernst corresponde às balas encontradas no corpo de Jack-D.

Jack-D, um cafetão ainda mais lamentável que Jimmy Ernst, especializado em garotas que não apenas *pareciam* ser muito jovens, mas

realmente *eram*. Ele fora encontrado na Basin Street um dia antes de Ernst ir nadar na lama.

– Aposto que um dos rapazes de Jack-D pegou Ernst em vingança – continuou o detetive. – De qualquer forma, temos o bastante para fechar os dois casos.

– É – respondeu Danny. – Isso é bom. Faça isso.

Ele desligou, olhou para o rio e franziu o cenho. Não fazia sentido um frouxo como Jimmy ir atrás de Jack-D. Não fazia sentido alguém se importar tanto para acabar com Jimmy por vingança. Um desconforto arrepiou os pelos na sua nuca. Delia sabia que Peter estava morto. Será que ela *queria* que Danny o matasse?

Ele começou a se virar de novo para Delia, sentiu duas pontas de metal frio sobre sua garganta um instante antes que raios quentes disparassem pelo seu corpo. Caiu no concreto do cais com a dor dançando em suas terminações nervosas e lutou para controlar os músculos.

Ela se curvou e deslizou o *taser* de volta para a bolsa, o ergueu e apoiou na balaustrada. Ela era forte – aqueles músculos de dançarina a serviram bem quando o virou pela lateral em direção à lama que esperava abaixo.

Ele caiu de costas. O impacto o deixou sem fôlego, mas a lama rapidamente cedeu sob o seu peso. Ela se curvou sobre a balaustrada, e olhou nos seus olhos enquanto ele afundava.

Delia conferiu o relógio, esperou enquanto o rio deslizava ao longo das margens com um suspiro contente e aliviado. À distância, metal gemeu enquanto um navio se inclinava com a mudança da maré. O luar pintou o rio numa lâmina de cinza suave, uma dama elegante se recolhendo a uma aposentadoria confortável.

Olhou para a lama abaixo. Não precisou nem de uma marola para mostrar que algo a perturbara. Um suspiro de lamento escapou dela.

– Você era um bom menino, Danny – murmurou, um sorriso triste tocando sua boca. – O melhor até agora.

Delia levou os dedos aos lábios, soprou um terno beijo de despedida para a lama abaixo, depois se virou e voltou para o coração de sua cidade.

Diana Gabaldon

A escritora best-seller do *New York Times* Diana Gabaldon é ganhadora do Quill Award e do RITA Award concedido pela Romance Writers of America. É autora da popular série de romances de viagem no tempo *Outlander*, que inclui sucessos internacionais como *Cross Stitch*, *A libélula no âmbar*, *Viajantes*, *Tambores de outono*, *A cruz de fogo*, *Um sopro de neve e cinzas* e *An Echo in the Bone*. Sua série histórica sobre as estranhas aventuras de lorde John reúne os romances *Lord John and the Private Matter*; *Lord John and the Brotherhood of the Blade*; uma pequena novela, *Lord John and the Hell-Fire Club*; e uma compilação de contos de lorde John, *Lord John and the Hand of Devils*. Seus romances mais recentes são dois novos livros deste personagem, *The Scottish Prisoner* e *Red Ant's Head*, e um uma antologia, *A Trail of Fire*. Ela também escreveu um livro de mistério contemporâneo, *White Knight*. *The Outlandish Companion* é um guia de sua obra com fortuna crítica.

No conto em ritmo acelerado que se segue, o jovem Jamie Fraser, que um dia será um dos protagonistas dos livros da série "Outlander", é expulso de seu lar na Escócia e obrigado a vagar pelo mundo, com muitas experiências novas pela frente, algumas agradáveis, outras não – e algumas perigosas e sinistras.

VIRGENS

OUTUBRO DE 1740 PERTO DE BORDEAUX, FRANÇA

No instante em que viu o rosto de seu melhor amigo, Ian Murray soube que algo terrível havia acontecido. O próprio fato de que ele estava vendo o rosto de Jamie Fraser era evidência suficiente disso, quanto mais a expressão do homem.

Jamie estava de pé junto à carroça do armeiro, os braços segurando as coisas que Armand acabara de lhe dar, branco como leite, e balançando para a frente e para trás como um junco no Loch Awe. Ian chegou até ele em três passos e segurou seu braço antes que pudesse cair.

– Ian – disse Jamie, e pareceu tão aliviado ao vê-lo que Ian achou que poderia cair em lágrimas. – Deus, Ian.

Ian o pegou em um abraço e o sentiu enrijecer e prender a respiração, ao mesmo tempo sentindo as ataduras sob a camisa de Jamie.

– Jesus! – falou ele, assustado, mas depois tossiu e falou: – Jesus, homem, é bom ver você. – Deu tapinhas gentis nas costas de Jamie, depois o soltou. – Temos de comer alguma coisa, não? Então venha.

Claramente não podiam falar no momento, mas ele fez um gesto de cabeça rápido e discreto para Jamie, pegou metade do equipamento e o levou até o fogo, para ser apresentado aos outros.

Jamie escolhera uma boa hora do dia para aparecer, pensou Ian. Todos estavam cansados, mas felizes de poder sentar, ansiosos pela refeição e pela ração diária do que quer que houvesse para beber. Prontos para as

oportunidades de diversão que um novato representava, mas sem a energia para incluir os tipos de diversão mais físicos.

– Aquele ali é Grande Georges – apresentou Ian, largando o equipamento de Jamie e apontando para o outro lado do fogo. – Ao lado dele, o sujeitinho com verrugas é Juanito; não fala muito francês e nenhum inglês.

– Algum deles fala inglês? – perguntou Jamie, também largando seu equipamento e se sentando pesadamente no saco de dormir, enfiando o kilt entre os joelhos de modo distraído. Os olhos percorreram o círculo, e ele anuiu com um meio sorriso, tímido.

– Eu falo – disse o capitão, se inclinando à frente do homem ao seu lado e estendendo a mão para Jamie. – Eu sou *le capitaine*; Richard D'Eglise. Vai me chamar de Capitão. Você parece ser grande o suficiente para ser útil. Seu amigo diz que seu nome é Fraser?

– Jamie Fraser, sim.

Ian ficou contente de ver que Jamie sabia olhar diretamente nos olhos do capitão e reunira força suficiente para retribuir o aperto de mão com igual pressão.

– Sabe o que fazer com uma espada?

– Sei. E com um arco também – falou Jamie, olhando para o arco sem corda a seus pés e o machado de cabo curto ao lado. – Mas não fiz muita coisa com um machado antes, a não ser cortar madeira.

– Isso é bom – comentou um dos outros homens, em francês. – É para isso que irá usar.

Vários dos outros riram, indicando que pelo menos entendiam inglês, quer escolhessem falar ou não.

– Então, me juntei a uma tropa de soldados ou de queimadores de carvão? – perguntou Jamie, erguendo uma sobrancelha. Disse isso em francês; um francês muito bom, com sotaque de Paris; e diversos olhos se arregalaram. Ian curvou a cabeça para esconder um sorriso, a despeito de sua ansiedade. O garoto podia estar prestes a cair de cabeça no fogo, mas ninguém – exceto talvez Ian – saberia, se isso o matasse.

Mas Ian *sabia*, e disfarçadamente ficou de olho em Jamie, empurrando um pão na mão dele para que os outros não a vissem tremer, sentando perto o bastante para pegá-lo caso desmaiasse. A luz estava se tornando cinza, e as nuvens eram baixas e macias, barrigas cor-de-rosa. Iria chover pela manhã. Ele viu Jamie fechar os olhos por um instante, viu sua

garganta se mover enquanto ele engolia e sentiu o tremor na coxa de Jamie perto da sua.

"Que inferno aconteceu?", pensou ele, angustiado. "Por que você está aqui?"

* * *

Só depois que todos tinham se acomodado para a noite, Ian teve sua resposta.

– Vou arrumar seu equipamento – sussurrou para Jamie, se levantando. – Fique junto ao fogo por mais um tempinho e descanse um pouco, sim?

A luz do fogo lançava um brilho avermelhado sobre o rosto de Jamie, mas ele achou que o amigo ainda estava branco como um lençol; ele não comera muito.

Ao voltar, ele viu as manchas escuras nas costas da camisa de Jamie, sangue fresco que atravessara as ataduras. A visão o encheu de fúria, bem como de medo. Ele já vira tal coisa; o rapaz fora chicoteado. Muito, e recentemente. "Quem? Como?"

– Agora venha – falou asperamente e, se curvando, colocou um braço sob Jamie e o ergueu, afastando-o do fogo e dos outros homens. Ficou alarmado ao sentir a umidade da mão de Jamie e ouvir sua respiração superficial. – O que foi isso? – perguntou quando eles não podiam ser ouvidos. – O que aconteceu?

Jamie se sentou de repente.

– Eu achei que alguém entrava para um bando de mercenários porque eles não faziam perguntas.

Ian deu a bufada que a declaração merecia e ficou aliviado de receber de volta um leve riso.

– Idiota – falou ele. – Precisa de um gole? Tenho uma garrafa na minha sacola.

– Não seria nada mau – murmurou Jamie. Eles estavam acampados no limite de uma pequena aldeia, e D'Eglise conseguira o uso de um ou dois estábulos, mas ainda não estava frio e a maioria dos homens preferira dormir junto ao fogo ou no campo. Ian colocara os equipamentos deles a pouca distância, e com a possibilidade de chuva em mente, sob o abrigo de um plátano que se erguia ao lado de um campo.

Ian destampou a garrafa de uísque – não era bom, mas *era* uísque – e a segurou sob o nariz do amigo. Mas, quando Jamie estendeu a mão, ele a afastou.

– Nem um gole até me contar. E me conte *agora, meu amigo*.

Jamie estava sentado curvado, um borrão pálido no chão, calado. Quando as palavras por fim saíram, foram ditas tão suavemente que por um instante Ian achou que não tinha ouvido direito.

– Meu pai está morto.

Ele tentou acreditar que *não tinha* ouvido, mas seu coração ouvira e congelou em seu peito.

– Ah, Jesus – sussurrou. – Ah, Deus, Jamie.

Ele estava então de joelhos, segurando a cabeça de Jamie com força sobre seu ombro, tentando não tocar nas costas doloridas. Seus pensamentos eram confusos, mas uma coisa era clara para ele – a morte de Brian Fraser não fora natural. Se tivesse sido, Jamie estaria em Lallybroch. Não ali, e não naquele estado.

– Quem? – perguntou ele em voz rouca, relaxando um pouco o aperto. – Quem o matou?

Mais silêncio, depois Jamie respirou com um som que parecia tecido sendo rasgado.

– Eu matei – contou ele, e começou a chorar, sacudido por silenciosos soluços dolorosos.

Ele demorou algum tempo para arrancar os detalhes de Jamie – o que não era surpresa, pensou Ian. Também não iria querer falar sobre essas coisas, ou se lembrar delas. Os soldados ingleses que tinham ido a Lallybroch para saquear e roubar, que tinham levado Jamie quando ele os enfrentara. E o que tinham lhe feito depois, no forte William.

– Cem chibatadas? – repetiu ele, incrédulo e horrorizado. – Por proteger seu *lar*?

– Apenas sessenta na primeira vez – falou Jamie, limpando o nariz na manga da camisa. – Por fugir.

– Na primeira vez... Jesus, Deus, homem! O que... Como...

– Você poderia soltar meu braço, Ian? Já tenho muitos machucados, não preciso de mais – pediu Jamie, dando um pequeno riso trêmulo, e Ian soltou apressado, mas não iria se permitir ser distraído.

– Por quê? – quis saber Ian, baixo e raivoso.

Jamie limpou o nariz novamente, fungando, mas sua voz era mais firme.

– Foi minha culpa. Isso... O que eu disse antes. Sobre meu... – disse, antes de precisar parar para engolir, mas continuou, se apressando para encontrar as palavras antes que elas o mordessem em algum lugar sensível. – Eu falei duro com o comandante. Na guarnição, quero dizer. Ele... Bem, isso não importa. Foi o que eu disse a ele que fez com que me chicoteasse novamente, e papai... Ele... ele tinha ido... ao forte William, para tentar me soltar, mas não conseguiu, e ele... ele estava lá quando eles... fizeram isso.

Ian pôde sentir pelo som mais denso de sua voz que Jamie estava chorando novamente, mas tentando se controlar, então colocou a mão no joelho do jovem e o apertou, não com demasiada força, apenas para que Jamie entendesse que estava lá, escutando.

Jamie respirou bem fundo e soltou o resto.

– Foi... duro. Eu não gritei nem deixei que vissem que estava com medo, mas não consegui ficar de pé. Na metade das chibatadas, caí no poste, ficando só... Só pendurado pelas cordas, entende, com o sangue... correndo pelas minhas pernas. Por um tempo, pensaram que eu tinha morrido... E papai deve ter pensado isso também. Disseram que ele levou a mão à cabeça nesse momento, fez um barulhinho e então... caiu. Uma apoplexia, disseram.

– Maria, mãe de Deus, tende misericórdia de nós – pediu Ian. – Ele... morreu ali mesmo?

– Não sei se estava morto quando o levantaram ou se viveu um pouco mais depois disso – contou Jamie, a voz desolada. – Não soube nada sobre isso; ninguém me contou a não ser dias depois, quando tio Dougal me levou.

Ele tossiu e voltou a passar a manga sobre o rosto.

– Ian... Você poderia largar o meu joelho?

– Não – disse Ian suavemente, embora na verdade afastasse a mão. Mas apenas porque só assim ele poderia abraçar Jamie. – Não, eu não vou soltar, Jamie. Seja firme. Apenas... seja firme.

Jamie despertou com a boca seca, cabeça pesada e os olhos inchados e quase fechados pelas picadas de mosquito. Também estava chovendo, uma garota magra e ensopada descia em meio às folhas acima dele. Apesar de

tudo isso, ele se sentia melhor do que nas duas semanas anteriores, embora não tivesse identificado o motivo – ou onde estava.

– Aqui.

Um pedaço de pão meio queimado e coberto com alho foi enfiado sob seu nariz. Ele se sentou e o agarrou.

Ian. A visão de seu amigo lhe deu um apoio e a comida em sua barriga, outro. Mastigou lentamente, olhando ao redor. Homens se levantavam, saíam cambaleando para mijar, resmungando baixo, esfregando as cabeças e bocejando.

– Onde estamos? – perguntou ele.

Ian o encarou.

– Como, diabos, você nos encontrou se não sabia onde estávamos?

– Murtagh me trouxe – murmurou. O pão se transformou em cola em sua boca enquanto a lembrança retornava; não conseguiu engolir e cuspiu a metade do pedaço mastigado. Tendo se lembrado de tudo, ele gostaria que isso não tivesse acontecido. – Ele encontrou o bando, depois partiu; disse que pareceria melhor se eu chegasse sozinho.

Na verdade, seu padrinho tinha dito: "O tal Murray vai cuidar de você agora. Fique com ele, mas veja bem, não volte para a Escócia. Não volte, está me ouvindo?" Ele ouvira. Não significava que ele ia escutar.

– Ah, sim. Fiquei pensando em como você tinha conseguido chegar até aqui – disse Ian, lançando um olhar preocupado para o ponto mais distante do acampamento, onde uma dupla de cavalos resistentes estava sendo levada até os arreios de uma carroça coberta por lona. – Acha que *consegue* andar?

– Claro. Estou bem – respondeu Jamie, mal-humorado.

– Sim, certo – falou ele, com um tom de evidente incredulidade. – Bem, estamos a talvez trinta quilômetros de Bordeaux, que é para onde estamos indo. Levando aquela carroça para um agiota judeu lá.

– Então, está cheia de dinheiro? – perguntou Jamie, interessado, enquanto olhava para a carroça pesada.

– Não – respondeu Ian. – Há uma pequena arca, muito pesada, então talvez seja ouro, e tem algumas sacolas que estalam e podem ter prata, mas são principalmente tapetes.

– Tapetes? – repetiu ele, olhando espantado para Ian. – Que tipo de tapetes?

Ian deu de ombros.

– Não sei dizer. Juanito diz que são tapetes turcos e muito valiosos, mas não sei o quanto ele sabe. Ele também é judeu – disse, depois de pensar novamente. – Judeus são...

Ele fez um gesto dúbio, palmas esticadas.

– Mas eles não os perseguem na França, nem os mandam mais para o exílio, e o capitão diz que nem mesmo os prendem, desde que fiquem quietos.

– E continuem emprestando dinheiro para os homens do governo – comentou Jamie cinicamente.

Ian olhou para ele surpreso e Jamie lançou aquele olhar esperto de "eu fui à universidade em Paris e sei mais do que você", certo de que Ian não bateria nele, vendo que estava dolorido.

Ian pareceu tentado, mas aprendera a simplesmente devolver a Jamie o olhar de "Sou mais velho que você, e sabe muito bem que não consegue se cuidar, então nem mesmo tente". Jamie riu, se sentindo melhor.

– Sim, certo – disse, se curvando para frente. – Minha camisa está muito ensanguentada?

Ian fez que sim com a cabeça, prendendo o cinturão da espada. Jamie suspirou e pegou o colete de couro que o armeiro lhe dera. Iria incomodar, mas ele não queria chamar atenção.

Ele conseguiu. A tropa avançou num ritmo decente, mas nada que incomodasse um *highlander* acostumado a subir colinas e correr atrás de eventuais cervos. Verdade que ele ficou um pouco tonto algumas vezes, com o coração acelerando e ondas de calor percorrendo seu corpo – mas não cambaleou mais que alguns dos homens que tinham bebido demais no desjejum.

Mal notou a paisagem, mas tinha consciência de Ian caminhando ao seu lado, e de vez em quando se preocupou em olhar para o amigo e anuir, para aliviar a expressão preocupada dele. Os dois estavam perto da carroça, porque ele não queria chamar atenção ficando na retaguarda da tropa, mas também porque ele e Ian eram mais altos que os outros por pelo menos uma cabeça, com um passo largo que superava o dos outros, e ele sentia um pouco de orgulho disso. Não lhe ocorrera que os outros não *quisessem* ficar perto da carroça.

O primeiro sinal de problema foi um grito do condutor. Jamie estivera avançando sozinho, olhos parcialmente fechados, se concentrando em

colocar um pé à frente do outro, mas um berro de alerta e um repentino estouro alto o despertaram. Um cavaleiro saiu das árvores próximas à estrada, parou e disparou sua segunda pistola na direção do condutor.

– O que...

Jamie moveu a mão na direção da espada em sua cintura, um pouco atrapalhado mas avançando; os cavalos estavam relinchando e se agitando nos arreios, o condutor xingando e de pé, puxando as rédeas. Vários dos mercenários correram na direção do cavaleiro, que desembainhou a própria espada e cavalgou para o meio deles, desferindo golpes imprudentes de um lado ao outro. Mas Ian segurou o braço de Jamie e o deteve.

– Não, aqui! Na retaguarda!

Ele seguiu Ian correndo, e em pouco tempo ali estava o capitão em seu cavalo na retaguarda da tropa, no meio de uma confusão, uma dúzia de estranhos caídos com porretes e lâminas, todos gritando.

– *Caisteal DHOON!* – berrou Ian, brandindo a espada acima da cabeça e a baixando na testa de um atacante. Acertou um golpe de passagem no homem, mas ele cambaleou e caiu de joelhos, momento em que Grande Georges o segurou pelo cabelo e desferiu uma joelhada violenta no rosto.

– *Caisteal D-H-O-N-N* – berrou Jamie o mais alto que conseguiu, e Ian virou o rosto por um instante, um grande sorriso reluzindo.

Foi meio que como um ataque a um castelo, mas que durava mais tempo. Não era uma questão de golpear com força e escapar; ele nunca antes fora um defensor e achou isso difícil. Ainda assim, os atacantes estavam em número menor e começaram a ceder, alguns olhando por sobre os ombros, claramente pensando em correr para a floresta.

Eles começaram a fazer isso, e Jamie ficou parado ofegante, o suor pingando, a espada pesando cem quilos em sua mão. Mas se empertigou e captou um movimento rápido com o canto do olho.

– *Dhooon!* – gritou, e se lançou numa corrida desajeitada e ofegante.

Outro grupo de homens aparecera perto da carroça e estava tirando o corpo do condutor de seu assento, enquanto outro do grupo agarrava as rédeas soltas dos cavalos, baixando suas cabeças. Outros dois soltaram a lona e estavam arrastando para fora um comprido cilindro enrolado, um dos tapetes, imaginou.

Chegou a eles a tempo de agarrar outro homem que tentava subir na carroça, jogando-o de volta na estrada desajeitadamente. O homem se

contorceu durante a queda e pousou de pé como um gato, uma faca na mão. A lâmina brilhou, desviou no couro de seu colete e subiu, passando a menos de três centímetros de seu rosto. Jamie se encolheu para trás, desequilibrando-se, por pouco não caindo, e dois outros desgraçados o atacaram.

– À direita, homem! – surgiu de repente a voz de Ian junto ao seu ombro, e sem um momento de hesitação ele se virou para cuidar do homem à esquerda, ouvindo o grunhido de esforço de Ian ao golpear.

Então, algo mudou; ele não sabia o quê, mas de repente a luta chegou ao fim. Os atacantes desapareceram, deixando um ou dois do grupo caídos na estrada.

O condutor não estava morto; Jamie o viu rolar, um braço sobre o rosto. Depois ele mesmo estava sentado na poeira, pontos pretos dançando diante de seus olhos. Ian se curvou acima dele, ofegante, as mãos sobre os joelhos. Suor pingava do queixo dele, deixando pontos escuros na poeira que se misturava aos pontos que zumbiam e escureciam a visão de Jamie.

– Tudo... bem? – perguntou Ian.

Ele abriu a boca para dizer sim, mas o rugido em seus ouvidos afogou tudo, e de repente os pontos pretos se fundiram numa lâmina preta sólida.

Ele acordou com um padre ajoelhado acima dele, rezando o Pai-Nosso em latim. Sem interromper a reza, o padre pegou uma garrafinha e derramou óleo na palma de uma das mãos, a seguir mergulhou o polegar e fez um rápido sinal da cruz na testa de Jamie.

– Eu ainda não estou morto, certo? – quis saber Jamie, depois repetiu a informação em francês. O padre se inclinou mais para perto, apertando os olhos míopes. – Morrendo?

– Também não.

O padre fez um pequeno ruído insatisfeito, mas foi em frente e fez cruzes nas palmas das mãos, pálpebras e lábios de Jamie.

– *Ego te absolvo* – disse, fazendo um último sinal da cruz sobre o corpo de Jamie deitado de costas. – Só para o caso de você ter matado alguém.

Depois se levantou e desapareceu atrás da carroça numa agitação de roupas escuras.

– Você está bem? – indagou Ian, estendendo a mão e o ajudando a sentar.

– Sim, mais ou menos. O que foi aquilo? – Ele apontou com a cabeça na direção do padre recém-saído.

– *Père* Renault. Este é um grupo muito bem equipado – disse Ian, colocando-o de pé. – Temos nosso próprio padre, para ouvir nossa confissão antes da batalha e nos dar a extrema-unção depois.

– Eu notei. Ele é um pouco ansioso, não?

– É cego como um morcego – contou Ian, olhando por sobre o ombro para se assegurar de que o padre não estava perto o bastante para ouvir. – Provavelmente acha que é melhor se prevenir, não?

– Vocês também têm um cirurgião? – perguntou Jamie, olhando para os dois atacantes caídos. Os corpos foram empurrados para a lateral da estrada; um estava morto, mas o outro começava a se mexer e gemer.

– Ah – continuou Ian, pensativo. – Também seria o padre.

– Então, se eu for ferido em batalha é melhor tentar morrer nela, é o que está me dizendo?

– Exatamente. Venha, vamos achar um pouco de água.

Eles encontraram um canal de irrigação revestido de pedras que corria entre dois campos, um pouco afastado da estrada. Ian colocou Jamie à sombra de uma árvore e, revirando sua sacola, encontrou uma camisa extra, que colocou nas mãos do amigo.

– Vista isso – falou em voz baixa. – Eu posso lavar a sua; acharão que o sangue nela é da luta.

Jamie pareceu surpreso, mas grato, e, concordando, despiu o colete de couro e tirou com cuidado das costas a camisa suada e manchada. Ian fez uma careta; as ataduras estavam imundas e se soltando, a não ser por algumas grudadas na pele e escurecidas com sangue velho e pus seco.

– Posso tirá-las? – murmurou no ouvido de Jamie. – Faço isso rápido.

Jamie curvou as costas em recusa, balançando a cabeça.

– Não, irá sangrar mais se você fizer isso.

Não havia tempo para discutir; vários outros homens estavam vindo. Jamie vestiu rapidamente a camisa limpa e se ajoelhou para jogar água no rosto.

– Ei, escocês! – gritou Alexandre para Jamie. – O que vocês dois estavam gritando um para o outro?

Ele levou as mãos à boca e gritou "GOOOOON!" com uma voz grave que ecoou e fez os outros rirem.

– Você nunca ouviu um grito de guerra antes? – perguntou Jamie, balançando a cabeça para o ignorante. – Você grita isso em batalha para chamar os seus e seu clã para seu lado.

– Significa alguma coisa? – quis saber Petit Phillipe, interessado.

– Sim, mais ou menos – respondeu Ian. – O castelo Dhuni é a moradia dos chefes dos Fraser de Lovat. *Caistel Dhuin* é como nós o chamamos em *gaidhlig*, nossa própria língua.

– E esse é o nosso clã – completou Jamie. – O clã Fraser. Mas há mais de um galho, e cada um tem seu próprio grito de guerra e seu próprio lema.

Ele tirou a camisa da água fria e a torceu; as manchas de sangue ainda eram visíveis, mas eram leves marcas marrons, viu Ian com aprovação. Depois, viu Jamie abrir a boca para dizer mais.

"Não diga isso!", pensou ele, mas como de hábito Jamie não estava lendo sua mente, então Ian fechou os olhos, resignado, sabendo o que iria acontecer.

– Mas o lema de nosso clã é em francês – disse Jamie, com um pequeno ar de orgulho. – *Je suis prest*.

Aquilo significava "Estou pronto", e, como Ian previra, foi recebido com gargalhadas, e várias especulações grosseiras sobre para que o jovem escocês poderia estar pronto. Os homens estavam de bom humor pela batalha e continuaram com aquilo por algum tempo. Ian deu de ombros e sorriu, mas podia ver as orelhas de Jamie ficando vermelhas.

– Onde está o resto da sua *queue*, Georges? – perguntou Petit Phillipe ao ver Grande Georges se sacudindo depois de uma mijada. – Alguém aparou para você?

– Sua esposa arrancou com uma mordida – retrucou Georges num tom sereno, indicando que aquela era uma provocação comum. – Ela tem a boca de um porco mamando. E uma *cramouille* como a de...

Isso resultou em mais uma série de xingamentos, mas ficou claro pelos olhares de lado que era uma encenação para os dois escoceses. Ian ignorou. Jamie ficara de olhos arregalados; Ian não sabia se o amigo tinha algum dia ouvido a palavra *cramouille*, mas provavelmente imaginara o que significava.

Mas antes que ele pudesse colocá-los em apuros, a conversa junto ao riacho foi interrompida por um grito além da linha de árvores que os escondia da estrada.

– O prisioneiro – murmurou Alexandre após um instante.

Ian se ajoelhou junto a Jamie, água pingando das mãos em concha. Ele sabia o que estava acontecendo; fazia revirar suas entranhas. Deixou a água cair e limpou as mãos nas coxas.

– O capitão – avisou a Jamie. – Ele vai... Precisar saber quem eles eram. De onde vieram.

– Sim – falou Jamie, os lábios se apertando ao som de vozes abafadas, uma batida repentina em carne e um grunhido alto. – Eu sei.

Ele jogou água no rosto com fúria.

As brincadeiras tinham parado. Havia poucas conversas, embora Alexandre e Josef-da-Alsácia tivessem começado uma discussão qualquer, falando alto, tentando abafar os barulhos da estrada. A maioria dos homens terminou de se lavar e beber em silêncio e ficou sentada curvada à sombra, ombros caídos.

– *Père* Renault! – A voz do capitão se elevou, chamando o padre. *Père* Renault tinha feito as próprias ablações a uma distância discreta dos homens, mas se ergueu à convocação, limpando o rosto na bainha da veste. Fez o sinal da cruz e seguiu para a estrada, mas no caminho parou junto a Ian e apontou para a taça dele.

– Posso pegar emprestado, meu filho? Só por um momento?

– Sim, claro, padre – respondeu Ian, perturbado. O padre se curvou para pegar uma taça de água e seguiu seu caminho.

Jamie olhou para ele e depois para Ian, sobrancelhas erguidas.

– Eles descobriram que ele é judeu – explicou Juanito perto deles, bem baixo. – Querem primeiro batizá-lo.

Ele se ajoelhou junto à água, punhos cerrados sobre as coxas.

Por mais quente que estivesse o ar, Ian sentiu um gelo correr por seu peito. Ele se levantou rápido e quis ir atrás do padre, mas Grande Georges esticou a mão e o segurou pelo ombro.

– Deixe isso para lá – disse. Também falou baixo, mas seus dedos apertaram com força a carne de Ian. Ele não se afastou, permaneceu ali, sustentando o olhar de Georges. Sentiu Jamie fazer um breve movimento convulsivo, mas disse "Não!" em voz baixa, e Jamie parou.

Eles podiam ouvir xingamentos em francês vindo da estrada, misturados à voz de *Père* Renault. "*In nomine Patris, et Filis*..." E então ouviram luta, gaguejos, gritos, o prisioneiro, o capitão, Mathieu e mesmo o padre usando uma linguagem que fez Jamie piscar. Ian poderia ter rido,

não fosse pela sensação de medo que tomava todos os homens junto à água.

– Não! – gritou o prisioneiro, a voz se elevando acima dos outros, o medo dando lugar ao terror. – Não, por favor! Eu lhes disse tudo o que eu...

Depois houve um som breve, um ruído vazio como o de um melão sendo esmagado, e a voz se calou.

– Econômico o nosso capitão – comentou Grande Georges em voz baixa. – Por que desperdiçar uma bala? – Ele tirou a mão do ombro de Ian, balançou a cabeça e se ajoelhou para lavar as mãos.

* * *

Havia um silêncio horrendo sob as árvores. Eles podiam ouvir vozes baixas vindo da estrada – o capitão e o grande Mathieu conversando, e acima disso *Père* Renault repetindo "*In nomine Patris, et Filis...*", mas num tom muito diferente. Ian viu os pelos nos braços de Jamie arrepiando e esfregou as palmas das mãos no kilt, talvez sentindo nelas um resto do óleo do crisma.

Jamie claramente não conseguia suportar escutar, então se virou sem motivo para Grande Georges.

– *Queue*? – perguntou com uma sobrancelha erguida. – É como vocês chamam por aqui?

Grande Georges deu um sorriso malicioso.

– E como vocês chamam? Em sua língua?

– *Bot* – respondeu Ian, dando de ombros. Havia outras palavras, mas ele não jogaria uma como *clipeachd* neles.

– Na maioria dos casos, apenas *cock* – acrescentou Jamie, também dando de ombros.

– Ou *penis*, se quiser ser muito inglês – completou Ian.

Vários dos homens estavam escutando, dispostos a participar de qualquer conversa para afastar o eco do último grito, ainda pairando no ar como neblina.

– Ah – disse Jamie. – *Penis* não é sequer uma palavra inglesa, seu pequeno ignorante. É latim. E mesmo em latim ele não significa o companheiro mais íntimo de um homem; significa "cauda".

Ian lançou a ele um longo olhar lento.

– Cauda, é mesmo? Então não consegue dizer a diferença entre seu pau e sua bunda e vai me pregar sobre *latim*?

Os homens rugiram. O rosto de Jamie ficou vermelho instantaneamente, e Ian riu e o empurrou com o ombro. Jamie bufou, mas deu uma cotovelada, e também riu, com relutância.

– Então, tudo bem.

Ele parecia envergonhado. Não costumava jogar sua educação na cara de Ian. Este não ficou aborrecido com ele; também cometera alguns erros nos seus primeiros dias com o grupo, e era o tipo de coisa que se fazia, tentar se destacar mostrando aquilo em que era bom. Mas se Jamie tentasse exibir seu latim e seu grego com Mathieu ou Grande Georges, iria ter de se provar com os punhos, e rápido. Naquele instante, ele não parecia capaz de lutar contra um coelho e vencer.

O renovado murmúrio da conversa, por mais baixo que fosse, morreu imediatamente com a chegada de Mathieu por entre as árvores. Mathieu era um homem grande, embora mais largo que alto, com um rosto que lembrava um porco louco e um caráter condizente. Ninguém o chamava de "cara de porco" pela frente.

– Você, casca de queijo, vá enterrar aquele bosta – ordenou a Jamie, e com olhos vermelhos apertados, acrescentou: – Bem no fundo da mata. E logo, antes que eu chute a sua bunda. Mova-se!

Jamie se levantou, devagar. Olhos fixos em Mathieu com uma expressão que Ian não ousaria esboçar. Ele se colocou rapidamente ao lado de Jamie e o pegou pelo braço.

– Eu ajudo – falou. – Venha.

– Por que querem enterrar este? – murmurou Jamie para Ian. – Dar a ele um enterro *cristão*?

Ele enfiou uma das pequenas pás que Armand lhes dera nas macias folhas decompostas com uma violência que teria revelado a Ian como seu amigo estava aborrecido, caso já não soubesse.

– Você entendeu que esta não é uma vida muito civilizada, meu amigo – disse Ian. Ele mesmo não se sentia muito melhor, afinal, e falou secamente: – Não como na "*Université*".

O sangue subiu pelo pescoço de Jamie como madeira pegando fogo, e Ian ergueu a palma da mão na esperança de aplacá-lo. Ele não queria uma briga, e Jamie não suportaria uma.

– Nós o estamos enterrando porque D'Eglise acha que seus amigos poderão voltar para procurá-lo, e é melhor que não veja o que foi feito a ele, sim? Você pode ver de maneira clara que o outro sujeito foi morto na luta. Uma coisa são os negócios, outra é vingança.

Jamie trincou os maxilares por um tempo, mas aos poucos o rubor diminuiu e seu aperto na pá afrouxou.

– Sim – concordou ele, voltando a cavar.

Em minutos, o suor escorria por seu pescoço e ele respirava pesado. Ian o tirou do caminho com o cotovelo e terminou de cavar. Em silêncio, pegaram o homem morto pelas axilas e pelos tornozelos e o arrastaram até a cova rasa.

– Acha que D'Eglise descobriu alguma coisa? – perguntou Jamie enquanto espalhavam folhas velhas sobre a terra revirada.

– Espero que sim – respondeu Ian, de olho no trabalho. – Não gostaria de pensar que fizeram isso por nada.

Ele se empertigou e ambos ficaram de pé por um momento, desconfortáveis, sem olhar um para o outro. Parecia errado deixar um túmulo, mesmo sendo o de um estranho e judeu, sem uma prece. Mas parecia pior fazer uma prece cristã para o homem – nas circunstâncias, seria mais um insulto do que uma bênção.

Finalmente, Jamie fez uma careta e se curvou, procurando entre as folhas e pegando duas pequenas pedras. Deu uma a Ian, e um depois do outro eles se agacharam e colocaram as pedras juntas sobre o túmulo. Não era exatamente um monte fúnebre, mas era alguma coisa.

Não era hábito do capitão dar explicações ou mais que ordens breves e explícitas a seus homens. Ele voltara para o acampamento ao anoitecer, o rosto soturno e os lábios apertados. Mas três outros homens ouviram o interrogatório do judeu desconhecido, e pelos habituais processos metafísicos que acontecem ao redor de fogueiras, na manhã seguinte todos na tropa sabiam o que ele dissera.

– Ephraim bar-Sefer – contou Ian a Jamie, que voltara tarde para a fogueira após sair discretamente para lavar a camisa de novo. – Esse era o nome dele.

Ian estava um pouco preocupado com o rapaz. Seus ferimentos não estavam curando como deveriam, e o modo como ele desmaiara... Estava

com febre; Ian podia sentir o calor emanando de sua pele, mas ele estremecia de tempos em tempos, embora a noite não estivesse gelada.

– É melhor saber isso? – perguntou Jamie, desanimado.

– Podemos rezar por ele pelo nome – argumentou Ian. – Isso é melhor, não é?

Jamie franziu o cenho, mas concordou com a cabeça depois de um tempo.

– Sim, é. E o que mais ele disse?

Ian revirou os olhos. Ephraim bar-Sefer confessara que o bando de atacantes era de ladrões profissionais, principalmente judeus, que...

– Judeus? – interrompeu Jamie. – Salteadores *judeus*?

Por alguma razão, a ideia soava engraçada, mas Ian não riu.

– Por que não? – perguntou secamente, e continuou sem esperar resposta. Os homens recebiam informações antecipadas sobre transportes valiosos e se organizavam para ficar à espera, emboscar e roubar. – São basicamente outros judeus que eles roubam, então não há muito risco de serem perseguidos pelo exército francês ou um juiz local.

"Ah, e o conhecimento antecipado também é fácil de explicar, imagino, se as pessoas que roubam são judeus. Judeus vivem próximos uns dos outros, em grupos." Ele explicava vendo a expressão de surpresa no rosto de Ian.

– Mas todos sabem ler e escrever, e escrevem cartas o tempo todo – continuou. – Há muita informação sendo passada dentro do grupo. Não seria difícil descobrir quem são os agiotas e os mercadores, e interceptar sua correspondência, seria?

– Talvez não – concordou Ian, lançando a Jamie um olhar de respeito. – Bar-Sefer disse que foram avisados por alguém, ele mesmo não sabia quem, que possuía um grande volume de bens valiosos indo e vindo. Mas a pessoa que sabia não pertencia ao grupo deles; era alguém de fora, que ficaria com uma percentagem do resultado.

Isso, contudo, era toda a informação que Bar-Sefer dera. Não iria dar o nome de nenhum de seus colegas – e D'Eglise não ligava muito para isso – e morrera insistindo teimosamente em que não sabia nada sobre futuros roubos planejados.

– Você acha que poderia ter sido um dos nossos? – perguntou Jamie em voz baixa.

– Um dos... Ah, nossos judeus, você quer dizer?

Ian franziu o cenho com a ideia. Havia três judeus espanhóis no bando de D'Eglise. Juanito, Grande Georges e Raoul, mas todos os três eram bons homens, e bastante populares entre os companheiros.

– Eu duvido. Todos os três lutaram como demônios. Quando eu notei – acrescentou para ser justo.

– O que quero saber é como os ladrões fugiram com aquele tapete – disse Jamie, refletindo. – Ele devia pesar o quê, 65 quilos?

– No mínimo – garantiu Ian, contraindo os músculos com a lembrança. – Eu ajudei a carregar as malditas coisas. Imagino que deviam ter uma carroça em algum lugar próximo para levar o butim. Por quê?

– Bem... *Tapetes*? Quem rouba tapetes? Mesmo os valiosos? E se eles sabiam antecipadamente que estávamos vindo, sabiam o que carregávamos.

– Você está se esquecendo do ouro e da prata – lembrou Ian. – Estava na frente da carroça, embaixo dos tapetes. Eles tinham de tirar os tapetes para chegar a isso.

– Ahnnn.

Jamie parecia vagamente descontente – e era verdade que os salteadores tiveram o trabalho de carregar o tapete com eles. Mas não havia nada a ganhar com mais discussões, e quando Ian disse que ia dormir ele o seguiu sem contestar.

Eles se acomodaram num ninho de capim amarelo comprido, enrolados em suas lãs xadrez, mas Ian não dormiu imediatamente. Estava machucado e cansado, mas a excitação do dia continuava com ele, então ficou olhando para as estrelas por algum tempo, lembrando de algumas coisas e se esforçando muito para esquecer outras – como a aparência da cabeça de Ephraim bar-Sefer. Talvez Jamie estivesse certo e fosse melhor não ter sabido seu nome.

Ele forçou sua mente a pensar em outras possibilidades, a ponto de ficar surpreso quando Jamie de repente se moveu, xingando baixo com a dor que o movimento causou.

– Você já? – perguntou Ian de repente.

Houve um pequeno ruído enquanto Jamie se colocava em uma posição mais confortável.

– Já o quê? – retrucou ele. A voz soava um pouco rouca, mas não demais. – Matar alguém? Não.

– Não, deitar com uma garota.

– Ah, isso.

– Sim, isso. Idiota.

Ian rolou na direção de Jamie e apontou um golpe na direção do meio do corpo. A despeito da escuridão, Jamie pegou seu pulso antes que o golpe o atingisse.

– Já?

– Ah, então você não – retrucou Ian, se soltando facilmente do aperto. – Achei que você estaria afundado em prostitutas e poetisas em Paris.

– Poetisas? – reagiu Jamie, começando a soar divertido. – O que o leva a pensar que mulheres compõem poesia? Ou que uma mulher que compõe poesia seria promíscua?

– Bem, claro que são. Todo mundo sabe disso. As palavras entram na cabeça delas e as deixam loucas, e elas vão procurar o primeiro homem que...

– Você se deitou com uma poetisa? – perguntou Jamie, o punho o acertando de leve no meio do peito. – Sua mãe sabe disso?

– Não diga nada à minha mãe sobre poetisas – disse Ian com firmeza. – Não, mas Grande Georges sim, e contou a todos sobre ela. Uma mulher que conheceu em Marselha. Ele tem um livro de poesias dela, e leu algumas.

– Alguma coisa boa?

– Como eu saberia? Havia uma boa dose de êxtase, intumescimento e explosão acontecendo, mas parecia dizer respeito a flores. Mas havia uma coisinha sobre uma abelha fazendo coisas com um girassol. Enfiando, quero dizer. O focinho.

Houve um silêncio momentâneo enquanto Jamie criava o quadro mental.

– Talvez soe melhor em francês – falou.

– Eu o ajudo – falou Ian de repente, num tom absolutamente sério.

– Ajudar...

– Ajudo a matar esse capitão Randall.

Ele ficou deitado em silêncio por um tempo, sentindo o peito apertar.

– Jesus, Ian – respondeu ele, suavemente. Ficou deitado vários minutos, olhos fixos nas raízes de árvores sombreadas perto de seu rosto. Finalmente disse: – Não. Você não pode. Preciso que faça outra coisa por mim, Ian. Preciso que vá para casa.

– Para casa? O quê...

– Preciso que vá para casa e cuide de Lallybroch, e de minha irmã. Eu... Eu não posso ir. Não ainda – comentou, mordendo com força o lábio inferior.

– Você tem muitos inquilinos e amigos lá – protestou Ian. – Precisa de mim aqui, homem. Eu não vou deixá-lo sozinho, certo? Quando você voltar, iremos juntos.

E ele se virou em sua lã com o tom de quem encerrava.

Jamie ficou deitado com os olhos apertados, ignorando o arredor e a conversa perto do fogo, a beleza do céu noturno acima e a dor persistente em suas costas. Talvez devesse estar rezando pela alma do judeu morto, mas não tinha tempo para aquilo no momento. Estava tentando encontrar seu pai.

A alma de Brian Fraser ainda devia existir, e ele tinha certeza de que o pai estava no céu. Mas devia haver alguma forma de alcançá-lo, senti-lo. Quando Jamie saíra de casa pela primeira vez, para ficar com Dougal em Beannachd, ficara solitário e com saudades de casa, mas o pai dissera que seria assim, e para não sofrer demais com isso.

"Pense em mim, Jamie, e em Jenny e Lallybroch. Você não nos verá, mas ainda assim estaremos aqui, pensando em você. Olhe para cima à noite, veja as estrelas, e saiba que também estaremos vendo."

Ele abriu um pouco os olhos, mas as estrelas nadaram, seu brilho borrado. Apertou os olhos com força novamente e sentiu o deslizar quente de uma única lágrima por sua têmpora. Não podia pensar em Jenny. Ou em Lallybroch. Quando estava com Dougal, a saudade de casa passara. A estranheza quando foi para Paris diminuíra. Aquilo não iria parar, mas ele teria de continuar vivendo mesmo assim.

"Onde você está, pai?", pensou ele, angustiado. "Pai, desculpe."

Ele rezou enquanto andava no dia seguinte, abrindo caminho teimosamente de uma ave-maria a outra, usando seus dedos para contar o rosário. Por algum tempo, isso o impediu de pensar e lhe deu um pouco de paz. Mas os pensamentos escorregadios retornaram, lembranças em pequenas explosões, rápidas como o sol na água. Algumas ele expulsou – a voz do capitão Randall, brincalhona enquanto pegava o gato na mão –, arrepiando de medo ao vento frio quando tirou a camisa – o cirurgião dizendo:"Vejo que ele acabou com você, rapaz..."

Mas algumas lembranças ele manteve, não importando quão dolorosas fossem. A sensação das mãos de seu pai, duras em seus braços, segurando-o com firmeza. Os guardas o estavam levando a algum lugar, ele não lembrava para onde e não tinha importância, apenas que de repente o pai estava ali diante dele, no pátio da prisão, e se adiantara ao ver Jamie, uma expressão de contentamento e ansiedade no rosto, transformada em choque no instante seguinte, ao ver o que tinham feito a ele.

"Você está muito ferido, Jamie?"

"Não, pai, eu vou ficar bem."

Por um minuto, ele ficara. Tão empolgado de ver o pai, certo de que tudo ficaria bem – e então se lembrara de Jenny, se sacrificando por...

Ele também cortou essa, dizendo furiosamente em voz alta "Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco!", para surpresa de Petit Phillipe, que caminhava rápido ao lado dele em suas curtas pernas arqueadas. "Bendita sois vós entre as mulheres."

Phillipe se juntou a ele, gentil.

– Orai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte, amém!

– Ave Maria – disse a voz grave de *Père* Renault atrás dele, se juntando, e em segundos sete ou oito deles estavam entoando, marchando solenemente ao ritmo, e depois alguns mais... O próprio Jamie ficou em silêncio, sem ser notado. Mas sentiu a parede de preces como uma barricada entre si mesmo e os sorrateiros pensamentos maldosos e, fechando os olhos, sentiu o pai caminhar ao seu lado, e o último beijo de Brian Fraser em sua bochecha suave como o vento.

Eles chegaram a Bordeaux pouco antes do pôr do sol, e D'Eglise levou a carroça com uma pequena guarda, deixando os outros homens livres para explorar as delícias da cidade – embora essa exploração fosse um tanto limitada pelo fato de que não haviam sido pagos. Receberiam seu dinheiro depois que os produtos fossem entregues no dia seguinte.

Ian, que estivera em Bordeaux antes, abriu o caminho até uma grande taverna barulhenta com vinho bebível e porções grandes.

– As garçonetes também são bonitas – comentou, observando uma dessas criaturas abrir caminho com habilidade em meio a uma multidão de mãos agitadas.

– Há um bordel em cima? – perguntou Jamie por curiosidade, tendo ouvido algumas histórias.

– Não sei – disse Ian, lamentando um pouco, embora na verdade nunca tivesse estado num bordel, por uma mistura de penúria e medo de pegar sífilis. Mas seu coração bateu um pouco mais rápido com o pensamento. – Quer ir descobrir mais tarde?

Jamie hesitou.

– Eu... Bem. Não, acho que não – respondeu, virando o rosto para Ian e falando muito baixo. – Prometi a papai que não iria a prostitutas quando fui para Paris. E agora... eu não poderia fazer isso sem... pensar nele, sabe?

Ian anuiu, sentindo tanto alívio quanto decepção.

– Haverá tempo suficiente outro dia – alegou ele filosoficamente e fez um gesto pedindo outra caneca. Mas a garçonete não o viu, e Jamie esticou o braço comprido e puxou seu avental. Ela se virou de cara feia, mas ao ver o rosto de Jamie, que estava com seu melhor sorriso de olhos azuis, escolheu sorrir de volta e receber o pedido.

Vários outros homens do bando de D'Eglise estavam na taverna, e esse fato não passou despercebido.

Juanito, a uma mesa próxima, olhou para Jamie, ergueu uma sobrancelha de desprezo, depois disse algo a Raoul na versão judaica do espanhol que eles chamavam de "ladino"; os dois homens riram.

– Você sabe o que causa verrugas, amigo? – perguntou Jamie, divertido, em hebraico bíblico. – Demônios dentro de um homem tentando sair pela pele.

Ele falou devagar o suficiente para que Ian conseguisse acompanhar, e Ian por sua vez caiu na gargalhada – tanto das expressões nos rostos dos dois judeus quanto da observação de Jamie.

O rosto caloso de Juanito escureceu, mas Raoul olhou duro para Ian, primeiro para o rosto, depois, intencionalmente, para a virilha. Ian balançou a cabeça, ainda sorrindo, e Raoul deu de ombros, mas devolveu o sorriso, depois pegou Juanito pelo braço, arrastando-o na direção da sala dos fundos, onde havia jogos de dados.

– O que você disse a ele? – perguntou a garçonete, dando uma olhada na dupla de saída, depois arregalando os olhos para Jamie. – E em qual língua?

Jamie ficou contente de ter os olhos castanhos arregalados para olhar; seu pescoço estava tendo uma considerável dificuldade de impedir que a cabeça se inclinasse mais para baixo de modo a olhar para o decote dela. O encantador espaço entre seus seios atraía os olhos...

– Ah, nada além, só um pouco de *bonhomie* – falou, sorrindo para ela. – E eu disse em hebraico.

Ele queria impressioná-la, e conseguiu, mas não como ele esperara. O meio-sorriso dela desapareceu, e ela recuou um pouco.

– Ah. Com seu perdão, senhor, estou sendo requisitada... – disse, e com um gesto de mão numa desculpa vaga, desapareceu na multidão de clientes, caneca na mão.

– Idiota – xingou Ian, ficando ao lado dele. – Por que disse isso? Agora ela acha que você é um judeu.

Jamie ficou boquiaberto de choque.

– O quê, eu? Como? – quis saber ele, olhando para si mesmo. Ele pensou em seu traje das Terras Altas, mas Ian olhou criticamente para ele e balançou a cabeça.

– Você tem nariz comprido e cabelos vermelhos. Metade dos judeus espanhóis que eu vi parece assim, e alguns deles também são de bom tamanho. Pelo que sua garota sabe, você roubou o xadrez de alguém que matou.

Jamie se sentiu mais perplexo que ofendido. E também bastante magoado.

– Bem, e se eu fosse judeu? Por que isso deveria importar? Não estava pedindo a mão dela em casamento, estava? Só estava conversando com ela, Deus do céu!

Ian lançou outro olhar tolerante. Ele sabia que não deveria ligar; com muita frequência posava de superior a Ian sobre coisas que sabia e o amigo não. Mas ligava; a camisa emprestada era pequena demais, apertava debaixo dos braços e seus pulsos se projetavam, ossudos e parecendo irritados. Ele não parecia um judeu, mas um idiota, e sabia disso. Isso o deixava teimoso.

– A maioria das francesas, pelo menos as cristãs, não gosta de fazer com judeus. Não porque tenham matado Cristo, mas por causa do seu... ahn... – disse, baixando os olhos e fazendo um gesto discreto para a virilha de Jamie. – Elas acham que é engraçado.

– Não é assim *tão* diferente.

– É.

– Bem, sim, quando está... Mas quando está... Quero dizer, se está em um estado em que uma garota estaria olhando para ele, não é...

Ele viu Ian abrindo a boca para perguntar como ele por acaso sabia a aparência de um pau circuncidado ereto.

– Esqueça – falou bruscamente, e passou pelo amigo. – Vamos andar pela rua.

Ao amanhecer, o bando se reuniu na hospedaria onde D'Eglise e a carroça esperavam, prontos para escoltá-la pelas ruas até seu destino – um armazém às margens do Garonne. Jamie viu que o capitão colocara suas melhores roupas, com chapéu de pluma e tudo mais, assim como os quatro homens – entre os maiores do bando – que tinham protegido a carroça durante a noite. Estavam todos armados até os dentes, e Jamie se perguntou se aquilo era apenas para dar um bom espetáculo ou se D'Eglise pretendia tê-los atrás de si enquanto explicava por que o carregamento tinha um tapete a menos, para desencorajar reclamações do mercador que recebia o carregamento.

Estava gostando de caminhar pela cidade, embora estivesse de olhos bem abertos, como fora instruído, para a possibilidade de uma emboscada em becos ou ladrões saltando sobre a carroça de um telhado ou balcão. Ele achava a última possibilidade remota, mas obedecia olhando para cima de tempos em tempos. Ao baixar os olhos de uma dessas inspeções, descobriu que o capitão ficara para trás e estava andando ao lado dele em seu grande castrado cinza.

– Juanito diz que você fala hebraico – comentou D'Eglise, olhando para ele como se de repente tivesse ganhado chifres. – Isso é verdade?

– Sim – respondeu com cautela. – Embora sirva mais para ler a Bíblia em hebraico. Um pouco... não há muitos judeus nas Terras Altas com quem conversar.

Tinha uns poucos em Paris, mas ele sabia que não devia falar sobre a *Université* e o estudo de filósofos como Maimônides. Eles torceriam seu pescoço antes do jantar.

O capitão grunhiu, mas não pareceu desgostoso. Cavalgou por algum tempo em silêncio, mas manteve seu cavalo ao lado de Jamie, deixando-o nervoso. Depois de algum tempo, o impulso o levou a virar a cabeça para trás.

– Ian também sabe. Ler em hebraico, quero dizer.

D'Eglise olhou para ele, chocado, e depois para trás. Ian estava visível, já que era uma cabeça mais alto que os três homens com os quais

conversava enquanto andava.

– As surpresas nunca irão terminar? – quis saber o capitão, como se para si mesmo. Mas colocou o cavalo para trotar e deixou Jamie para trás.

Apenas na tarde seguinte essa conversa voltou a atormentar Jamie. Eles tinham entregado os tapetes, o ouro e a prata ao armazém junto ao rio. D'Eglise recebera seu pagamento, e consequentemente os homens se espalharam pela extensão de uma *alle* cheia de estabelecimentos com comida e bebida baratos, muitos deles com um quarto acima ou atrás onde um homem podia gastar seu dinheiro de outros modos.

Nem Jamie nem Ian disseram mais nada sobre o tema de bordéis, mas Jamie viu sua mente retornar à garçonete bonita. Ele estava com a própria camisa e meio que tinha em mente retornar e dizer a ela que não era judeu.

Mas não tinha ideia do que ela poderia fazer com essa informação, e a taverna era do outro lado da cidade.

– Acha que teremos outro trabalho logo? – perguntou ele preguiçosamente, tanto para romper o silêncio de Ian quanto para fugir dos próprios pensamentos. Houve conversas ao redor da fogueira sobre as perspectivas; não existiam boas guerras no momento, embora corresse o boato de que o rei da Prússia estava começando a reunir homens na Silésia.

– Espero que sim – murmurou Ian. – Não suporto ficar parado. – Ele tamborilava os dedos compridos no tampo da mesa. – Preciso estar em movimento.

– Por isso saiu da Escócia, então?

Ele estava só puxando conversa e ficou surpreso de ver Ian lançar a ele um olhar de alerta.

– Não queria ser agricultor e não havia muito mais a fazer. Eu ganho um bom dinheiro aqui. E mando a maior parte para casa.

– Ainda assim, imagino que seu pai não tenha ficado feliz.

Ian era o único filho; o velho John talvez estivesse lívido, embora não falasse muito no breve tempo que Jamie passara em casa, antes que os casacos vermelhos...

– Minha irmã casou. O marido dela pode cuidar se... – disse Ian, mergulhando depois num silêncio sombrio.

Antes que Jamie pudesse decidir se o atiçava ou não, o capitão apareceu ao lado da mesa, surpreendendo a ambos.

D’Eglise ficou um tempo de pé, avaliando os dois.

– Certo. Vocês, venham comigo.

Ian enfiou o resto de pão e queijo na boca e se levantou, mastigando. Jamie estava prestes a fazer o mesmo quando o capitão franziu o cenho para ele.

– Sua camisa está limpa?

Ele sentiu o sangue subir às faces. Era o mais perto que qualquer um chegara de mencionar suas costas, e era perto demais. A maioria dos ferimentos secara havia muito, mas os piores ainda estavam infeccionados; eles se abriam com a fricção das ataduras ou se ele se curvasse rápido demais. Tinha de lavar a camisa quase toda noite – estava constantemente encharcada, e isso não ajudava – e sabia bem que todo o bando sabia, mas ninguém tocara no assunto.

– Está – respondeu secamente e se empertigou a toda a sua altura, olhando para D’Eglise.

– Bom, então. Venha.

O novo cliente potencial era um médico chamado dr. Hasdi, considerado uma pessoa de grande influência entre os judeus de Bordeaux. O último cliente fizera as apresentações, então D’Eglise conseguira resolver a questão do tapete que faltava.

A casa do dr. Hasdi era discreta, escondida numa rua lateral decente, mas modesta, atrás de uma parede de alvenaria e portões trancados. Ian tocou o sino, e um homem vestido de jardineiro apareceu um tempo depois para deixá-los entrar, fazendo um gesto para que fossem até a porta da frente. Eles eram aguardados.

– Eles não exibem sua riqueza, os judeus – murmurou D’Eglise com o canto da boca para Jamie. – Mas eles a têm.

Bem, aqueles tinham, avaliou Jamie. Um empregado os recebeu num saguão azulejado, mas depois abriu a porta para uma sala que fazia os sentidos nadarem. Era revestida de livros em estantes de madeira escura, com tapetes grossos sob os pés e o pouco das paredes que não estava coberto de livros era decorado com pequenas tapeçarias e azulejos emoldurados que ele achou que poderiam ser mouros. Mas acima de tudo, o cheiro! Ele o respirou até o fundo dos pulmões, se sentindo ligeiramente inebriado e, ao procurar a fonte daquilo, viu o dono daquele paraíso na terra sentado atrás de uma escrivaninha e olhando... para ele. Ou talvez ele

e Ian; os olhos do homem passavam de um para outro, redondos como caramelos chupados.

Ele se empertigou instintivamente e fez uma mesura.

– Nós o saudamos, senhor – falou Jamie, num hebraico ensaiado. – Que a paz esteja em sua casa.

A boca do homem se abriu. Ele tinha uma comprida e densa barba escura, mais grisalha ao redor da boca. Uma expressão indefinível – certamente não era diversão – passou pelo que podia ser visto de seu rosto.

Um pequeno som que *era* de diversão chamou sua atenção para um dos lados. Havia uma pequena tigela de bronze sobre uma mesa redonda de tampo de azulejos, com fumaça subindo dela e passando por uma faixa de sol de final de tarde. Entre o sol e a fumaça, ele podia apenas intuir a forma de uma mulher de pé nas sombras. Ela se adiantou, materializando-se fora da penumbra, e o coração dele deu um pulo.

Ela inclinou a cabeça em ângulo na direção dos soldados, se dirigindo a eles imparcialmente.

– Eu sou Rebekah bat-Leah Hauberger. Meu avô me pede que os faça se sentir bem-vindos em nossa casa, cavalheiros – falou ela num francês perfeito, embora o velho cavalheiro não tivesse falado.

Jamie suspirou de alívio; ele não teria de tentar explicar os negócios deles em hebraico, afinal. Mas o suspiro foi tão fundo que o fez tossir, a fumaça perfumada fazendo cócegas em seu peito.

Ele podia sentir o rosto ficando vermelho enquanto tentava conter a tosse, e Ian olhando para ele pelo canto do olho. A garota – sim, era jovem, talvez da sua idade – pegou uma tampa e a colocou sobre a tigela, depois tocou um sino e disse ao empregado algo no que soou como espanhol. "Ladino?", pensou.

– Por favor, sentem-se, senhores – disse ela, apontando graciosamente para uma cadeira em frente à escrivaninha, depois se virando para pegar outra junto à parede.

– Permita-me, *mademoiselle*! – falou Ian, dando um salto à frente para ajudá-la. Jamie, ainda engasgando o mais silenciosamente possível, o seguiu.

Ela tinha cabelo escuro, muito ondulado, preso para trás a partir da testa com uma fita cor-de-rosa, mas caindo solto às costas, quase até a cintura. Ele na verdade erguera uma das mãos para acariciá-lo antes de se controlar. Depois, ela deu meia-volta. Pele clara, grandes olhos escuros e

uma expressão inteligente naqueles olhos quando encontrou os seus – o que ela fez de modo bem direto quando ele colocou a terceira cadeira diante dela.

Annalise. Ele engoliu em seco, com força, e pigarreou. Uma onda de calor nauseante o envolveu e, de repente, desejou que abrissem uma janela.

Também D'Eglise ficou aliviado de ter um intérprete mais confiável que Jamie e começou um discurso introdutório galante, muito decorado com flores francesas, fazendo repetidas mesuras à garota e ao avô intercaladamente.

Jamie não estava prestando atenção à fala; ainda observava Rebekah. Fora sua leve semelhança com Annalise de Marillac, a garota que ele amara em Paris, que chamara sua atenção – mas quando olhou com atenção, viu que era bastante diferente.

Bastante diferente. Annalise era pequena e fofa como uma gatinha. Aquela garota era pequena – ele já notara que ela não ia além do seu cotovelo; seu cabelo macio havia roçado no pulso dele quando se sentou – mas não havia nada de fofo ou desamparado nela. Ela percebera que a observava e retribuía o olhar, com uma leve curvatura na boca vermelha que fazia o sangue subir às faces dele. Ele tossiu e baixou os olhos.

– O que está acontecendo? – murmurou Ian com o canto da boca. – Você parece ter um carrapicho enfiado entre as nádegas.

Jamie se retorceu de irritação, depois enrijeceu ao sentir um dos ferimentos não cicatrizados em suas costas se abrir. Podia sentir o local esfriando rapidamente, o vazamento lento de pus ou sangue, e se sentou bem empertigado, tentando não respirar fundo, na esperança de que as ataduras absorvessem o líquido antes que chegasse à camisa.

Essa preocupação irritante pelo menos distraíra sua mente de Rebekah bat-Leah Hauberger, e para se desviar dos problemas em suas costas ele voltou à conversa a três entre D'Eglise e os judeus.

O capitão suava em excesso, fosse pelo chá quente ou pelo esforço de persuasão, mas falava com facilidade, eventualmente fazendo gestos na direção de sua dupla de escoceses altos e falantes de hebraico, de tempos em tempos na direção da janela e do mundo exterior, onde enormes legiões de guerreiros semelhantes aguardavam, prontos e ansiosos para obedecer ao dr. Hasdi.

O médico observou D'Eglise com atenção, de vez em quando dirigindo um rumor suave de palavras incompreensíveis à neta. Soava como o ladino que Juanito falava, mais do que qualquer coisa; com certeza, não soava nem um pouco como o hebraico que Jamie aprendera em Paris.

Finalmente, o velho judeu olhou para os três mercenários, franziu os lábios, pensativo, e anuiu. Levantou e foi até uma grande arca de cobertores que estava abaixo da janela, onde ajoelhou e retirou com cuidado um comprido cilindro pesado enrolado em tecido oleado. Jamie viu que era muito pesado para seu tamanho pelo modo vagaroso com o qual o velho se levantou com ele, e seu primeiro pensamento foi que deveria ser uma estátua de ouro de algum tipo. Seu segundo pensamento foi o de que Rebekah cheirava a pétalas de rosa e favos de baunilha. Inspirou muito suavemente, sentindo a camisa grudar em suas costas.

A coisa, o que quer fosse, retinia e badalava de forma suave ao ser movida. Algum tipo de relógio judeu? O dr. Hasdi carregou o cilindro até a escrivaninha e o pousou, depois curvou um dedo, convidando os soldados a se adiantar.

Desembalado com uma cerimônia lenta e solene, o objeto emergiu das camadas de pano, lona e oleado. *Era* ouro, em parte, e não o que poderia ser, os dedos artríticos do médico tocaram uma pequena trava e a caixa se abriu, revelando mais camadas de tecido, das quais emanou outro delicado aroma perfumado. Todos os três soldados inspiraram fundo ao mesmo tempo, e Rebekah fez mais uma vez o pequeno som de divertimento.

– A caixa é de cedro – comentou ela. – Do Líbano.

– Ah – respondeu D'Eglise, respeitoso. – Claro!

O fardo dentro dele estava vestido – não havia outra palavra para isso; ele vestia uma espécie de manto com capuz e um cinto, com fivela em miniatura – em veludo e seda bordada. Numa extremidade, dois grandes grampos de ouro se projetavam como cabeças siamesas. Eram filigranados e pareciam torres, decoradas nas janelas e ao longo das beiradas inferiores com vários pequenos sinos.

– Este é um pergaminho da Torá *muito* antigo – contou Rebekah, mantendo uma distância respeitosa. – Da Espanha.

– Um objeto inestimável, certamente – falou D'Eglise, se curvando para olhar mais de perto.

O dr. Hasdi grunhiu e disse algo a Rebekah, que traduziu.

– Apenas para aqueles para quem é o Livro. Para qualquer outro, ele tem um preço muito óbvio e atraente. Não fosse assim, eu não estaria necessitando dos seus serviços.

O médico olhou diretamente para Jamie e Ian.

– Um homem respeitável, um judeu, irá carregar a Torá. Ela não pode ser tocada. Mas vocês irão protegê-la; e à minha neta.

– Certamente, Excelência – afirmou D'Eglise, corando, mas satisfeito demais para parecer desconcertado. – Fico profundamente honrado por sua confiança, senhor, e lhe asseguro...

Mas Rebekah havia tocado o sino mais uma vez, e o empregado entrou com vinho.

O trabalho oferecido era simples. Rebekah ia se casar com o filho do rabino-chefe da sinagoga de Paris. A antiga Torá era parte do seu dote, bem como uma quantia em dinheiro que fez brilhar os olhos de D'Eglise. O médico queria que D'Eglise entregasse todos os três itens – a garota, o pergaminho e o dinheiro – em Paris em segurança; o próprio médico viajaria para lá para o casamento, só que apenas para o fim do mês, já que seus negócios em Bordeaux o detinham. A única coisa a ser definida era o preço pelos serviços de D'Eglise, quando eles seriam executados e as garantias que o mesmo estava preparado para oferecer.

Os lábios do médico se apertaram quanto a esse último; seu amigo Ackerman, que lhe recomendara D'Eglise, não ficara satisfeito de ter um de seus valiosos tapetes roubado na viagem, e o médico desejava garantias de que nenhum de *seus* bens valiosos – e Jamie viu a boca macia de Rebekah se retorcer ao traduzir isso – desaparecesse entre Bordeaux e Paris. O capitão lançou um olhar duro para Ian e Jamie, depois transformou isso em completa sinceridade garantindo ao médico que não haveria qualquer dificuldade; seus melhores homens fariam o trabalho, e ele podia oferecer quaisquer garantias que o médico demandasse. Pequenas gotas de suor brotaram em seu lábio superior.

Em meio ao calor do fogo e o chá quente, Jamie também estava suando e gostaria de uma taça de vinho. Mas o velho cavalheiro se levantou de repente, e com uma mesura educada para D'Eglise, saiu de trás da escrivaninha e pegou Jamie pelo braço, levantando-o e puxando gentilmente na direção de uma porta.

Ele se abaixou bem a tempo de evitar bater a cabeça num arco baixo e se viu em uma pequena sala simples com molhos de ervas secando

penduradas das vigas. O que...

Mas antes que pudesse formular qualquer tipo de pergunta o velho tinha segurado sua camisa e a estava soltando de sua lã. Ele tentou recuar, mas não havia espaço e, contra a sua vontade, se viu sentado em um banco, com os dedos grossos do velho soltando as ataduras. O médico fez um som profundo de desaprovação, depois gritou pela passagem em arco palavras entre as quais "água caliente" eram as únicas compreensíveis.

Ele não ousou se levantar e fugir – o que colocaria em risco o novo negócio de D'Eglise. Então, ficou sentado, ardendo de constrangimento, enquanto o médico examinava, apertava e – tendo surgido uma tigela de água quente – esfregava suas costas com algo dolorosamente áspero. Nada disso incomodou Jamie tanto quanto o surgimento de Rebekah na passagem, as sobrancelhas escuras erguidas.

– Meu avô diz que suas costas estão péssimas – falou ela, traduzindo uma observação do velho.

– Obrigado. Eu não sabia disso – murmurou em inglês, depois repetiu a observação mais educadamente em francês. Suas faces queimavam de mortificação, mas um pequeno eco frio soou em seu coração. "Ele acabou com você, rapaz."

O cirurgião em Forte William dissera isso quando os soldados o trouxeram, arrastado, depois da chibatada, as pernas instáveis demais para ficar de pé sozinho. O cirurgião estava certo, assim como o dr. Hasdi, mas não significava que Jamie quisesse ouvir isso novamente.

Rebekah, interessada em ver o que seu avô quisera dizer, foi atrás de Jamie. Ele enrijeceu, e o médico o beliscou com força atrás do pescoço, obrigando-o a se curvar para a frente. Os dois judeus ficaram discutindo o espetáculo em tons de distanciamento; ele sentiu os pequenos dedos macios da garota traçando uma linha entre suas costelas e quase pulou do banco, a pele arrepiando.

– Jamie! – veio do corredor a voz de Ian, soando preocupado. – Você está bem?

– Sim! – conseguiu dizer, meio abafado. – Não... não preciso que entre.

– Seu nome é Jamie? – perguntou Rebekah, então diante dele, se inclinando para olhar no seu rosto. O dela estava tomado por interesse e preocupação. – James?

– Sim, James – respondeu, e trincou os dentes quando o médico raspou um pouco mais forte, estalando a língua.

– Diego – falou ela, sorrindo para ele. – É como seria em espanhol; ou ladino. E seu amigo?

– Ele se chama Ian. Isso... – começou, depois parou por um momento até encontrar o correspondente em inglês. – John. Isso seria...

– Juan. Diego e Juan – disse, tocando-o suavemente no ombro nu. – Vocês são amigos? Irmãos? Vejo que vêm do mesmo lugar... Onde fica?

– Amigos. Da... Escócia. As... As... Terras Altas. Um lugar chamado Lallybroch.

Ele tinha falado sem preocupação e sentiu uma pontada ao dizer o nome, mais penetrante que qualquer coisa com que o médico estava raspando suas costas. Desviou os olhos; o rosto da garota estava próximo demais; não queria que visse.

Ela não se afastou. Em vez disso, se agachou graciosamente ao lado dele e tomou sua mão. A dela era muito quente, e os pelos em seu pulso se arrepiaram em reação, a despeito do que o médico estava fazendo em suas costas.

– Vai terminar logo – prometeu ela. – Ele está limpando as partes infectadas; diz que agora irão secar e parar de purgar.

O médico fez uma pergunta brusca.

– Ele quer saber se você tem febre à noite. Sonhos ruins?

Chocado, ele olhou para ela, mas seu rosto mostrava apenas compaixão. A mão dela apertou a sua, para tranquilizá-lo.

– Eu... Sim. Às vezes.

Um grunhido do médico, mais palavras, e Rebekah soltou a mão dele com um tapinha e saiu, as saias fazendo barulho. Ele fechou os olhos e tentou manter em mente o cheiro dela – não conseguiu manter no nariz, já que no momento o médico o estava ungindo com algo de cheiro repulsivo. Também podia sentir o cheiro do médico e seu maxilar trincou de constrangimento. Ele fedia a suor azedo, fumaça de fogueira e sangue fresco.

Podia ouvir D'Eglise e Ian conversando na sala em voz baixa, discutindo se deveriam entrar e resgatá-lo. Ele os teria chamado, mas não podia suportar que o capitão visse... Apertou os lábios. Bem, estava quase terminando, dava para saber pelos movimentos mais lentos do médico, então quase gentis.

– Rebekah! – chamou o médico, impaciente, e a garota apareceu um instante depois, com um pequeno fardo de tecido em uma das mãos. O

médico pronunciou um breve jorro de palavras, depois pressionou um tecido fino sobre as costas de Jamie; ele grudou no unguento repulsivo.

– Vovô diz que o tecido protegerá sua camisa até o unguento ser absorvido – avisou ela. – Quando ele cair... mas não o tire, deixe que caia sozinho... os ferimentos estarão com cascas, mas as cascas serão macias e não racharão.

O médico tirou a mão do ombro de Jamie, que se levantou rapidamente, olhando ao redor em busca de sua camisa. Rebekah a deu a ele. Os olhos dela estavam grudados em seu peito nu, e ele – pela primeira vez na vida – ficou constrangido por ter mamilos. Um arrepio extraordinário, mas não desagradável, fez arrepiar os pelos crespos de seu corpo.

– Obrigado... Ahn, quero dizer... *Gracias, señor*.

O rosto dele queimava, mas se curvou para o médico com toda graça que conseguiu reunir.

– *Muchas gracias*.

– *De nada* – resmungou o velho, com um gesto de mão. Apontou para o pequeno fardo na mão da filha. – Beba. Sem febre. Sem sonho.

E então, de repente, sorriu.

– *Shalom* – falou, e os mandou sair com um gesto.

D'Eglise, parecendo satisfeito com o novo trabalho, deixou Ian e Jamie numa grande taverna chamada Le Poulet Gai, onde alguns dos outros mercenários estavam se divertindo – de diversas formas. A taverna com certeza tinha um bordel no andar superior, e mulheres desmazeladas em diferentes graus de nudez circulavam livremente pelos salões inferiores, pegando novos clientes com os quais desapareciam acima.

Os dois jovens escoceses altos despertaram alguma dose de interesse das mulheres, mas, quando Ian virou a bolsa vazia pelo avesso diante delas – tendo colocado seu dinheiro na camisa por segurança –, foram deixados sozinhos.

– Eu não podia olhar para uma delas – falou Ian, dando as costas às prostitutas e se dedicando à sua cerveja. – Não depois de ver aquela pequena judia de perto. Você já tinha visto algo como aquilo?

Jamie balançou a cabeça, concentrado na própria bebida. Era amarga e fresca e desceu deliciosamente, sedento como estava depois do que sofreu na cirurgia do dr. Hasdi. Ele ainda podia sentir o fantasma do cheiro de

Rebekah, baunilha e rosas, uma fragrância fugidia em meio aos fedores da taverna. Mexeu em sua bolsa de couro e tirou o pequeno fardo de pano que Rebekah lhe dera.

– Ela disse, bem, o médico disse que eu devia beber isto. Como acha que deve ser?

O fardo continha uma mistura de folhas maceradas, pequenos ramos e um pó grosso, e tinha um cheiro forte que ele nunca sentira antes. Não era ruim; apenas estranho. Ian franziu o cenho.

– Bem... Suponho que você deva fazer um chá, não?

– Eu não tenho nada em que ferver – confessou Jamie. – Eu estava pensando... Talvez colocar na cerveja?

– Por que não?

Ian não estava prestando muita atenção; observava Mathieu Cara de Porco, de pé junto a uma parede, chamando as prostitutas que passavam, avaliando-as e eventualmente testando a mercadoria antes de dispensá-las com um tapa no traseiro.

Ian não se sentia tentado de verdade – para ser honesto, as mulheres o assustavam –, mas estava curioso. Se um dia *fosse*... Como começar? Simplesmente agarrar, como Mathieu estava fazendo, ou primeiro precisava perguntar o preço, para ter certeza de que podia pagar? E seria adequado pechinchar, como ele fazia por um pão ou uma tira de bacon, ou a mulher chutaria suas partes e encontraria alguém menos malvado?

Lançou um olhar para Jamie, que depois de engasgar um pouco tinha virado sua cerveja com ervas e parecia um pouco vidrado. Não achava que Jamie soubesse, mas não queria perguntar, para o caso de ele saber.

– Vou à latrina – disse Jamie de repente, se levantando. Parecia pálido.

– Você se borrou?

– Ainda não.

Com essa observação funesta, ele partiu, batendo em mesas na pressa, e Ian o seguiu, parando tempo suficiente para virar o resto da cerveja de Jamie, bem como a sua.

Mathieu tinha encontrado uma de que gostava; lançou um olhar malicioso para Ian e disse algo ofensivo enquanto empurrava sua escolhida na direção das escadas. Ian deu um sorriso cordial e disse algo muito pior em *gàidhlig*.

Quando chegou ao pátio atrás da taverna, Jamie tinha desaparecido. Imaginando que voltaria assim que tivesse se livrado de seu problema, Ian recostou na parede dos fundos do prédio, aproveitando o ar fresco da noite e observando as pessoas no pátio.

Havia dois archotes queimando, enfiados no chão, e a cena parecia um pouco com uma pintura que vira do Juízo Final, com anjos de um lado soprando trombetas e os pecadores do outro, indo para o inferno num emaranhado de membros nus e mau comportamento. Os pecadores, em especial, estavam ali fora, embora de tempos em tempos ele visse com o canto do olho um anjo flutuando. Lambeu os lábios, pensativo, imaginando o que haveria na coisa que o dr. Hasdi dera a Jamie.

Jamie saiu da latrina no extremo do pátio, parecendo um pouco mais aplacado, e, ao ver Ian, abriu caminho entre os pequenos grupos de bebedores que cantavam na área e os outros andando de um lado para o outro, sorrindo enquanto procuravam alguma coisa, sem saber o quê.

Ian foi tomado por uma súbita sensação de desgosto, quase terror; um medo de nunca mais ver a Escócia novamente, de morrer ali, entre estranhos.

– Deveríamos ir para casa – falou ele de repente, assim que Jamie pôde ouvi-lo. – Assim que tivermos terminado este trabalho.

– Para casa? – perguntou Jamie, olhando estranho para Ian, como se falasse uma língua incompreensível.

– Você tem negócios lá, e eu também. Nós...

Um berro, um baque e um barulho de uma mesa caindo com seu carregamento de pratos os interromperam. A porta dos fundos da taverna se abriu e uma mulher saiu correndo, berrando num tipo de francês que Ian não compreendia, mas sabia bem, pelo tom, que eram palavras feias. Palavras semelhantes numa voz masculina alta, e o grande Mathieu avançou sobre ela.

Ele a pegou pelo ombro, virou e a acertou no rosto com as costas de uma mão carnuda. Ian se encolheu com o barulho, e a mão de Jamie apertou seu pulso.

– O quê... – começou Jamie, mas depois ficou paralisado.

– *Putain de... merde... Tu vais... Chier* – xingava Mathieu, arfando, estapeando-a a cada palavra. Ela gritou um pouco mais, tentando escapar, mas ele a segurava pelo braço, e então a virou e a empurrou pelas costas, jogando-a de joelhos.

A mão de Jamie se abriu, e Ian agarrou seu braço com força.

– Não – ordenou ele secamente, e puxou Jamie para as sombras.

– Eu não ia – falou Jamie, em voz baixa, e sem prestar muita atenção no que dizia, pois seus olhos estavam fixos no que acontecia, tanto quanto os de Ian.

A luz da porta banhava a mulher, refletindo em seus seios pendurados, nus na gola rasgada de sua camisa. Refletindo também em suas grandes nádegas redondas; Mathieu erguera a saia dela até a cintura e estava atrás, mexendo na braguilha com uma das mãos, a outra torcendo o cabelo dela, puxando a cabeça dela para trás, a garganta esticada e o rosto com olhos brancos como um cavalo em pânico.

– *Pute*! – voltou a xingar ele, e deu um tapa forte no traseiro dela, com a mão aberta. – Ninguém diz não para mim!

Ele tinha colocado o pau para fora, em sua mão, e o enfiou na mulher com uma violência que sacudiu as nádegas e deu um nó no corpo de Ian.

– *Merde* – disse Jamie, ainda em voz baixa. Outros homens e duas mulheres tinham saído para o pátio e se juntado aos outros, aproveitando o espetáculo quase que profissional de Mathieu. Ele soltou o cabelo da mulher para poder agarrá-la pelos quadris, e a cabeça dela pendeu, o cabelo escondendo o rosto. Ela grunhia a cada estocada, arfando palavrões que faziam rir os espectadores.

Ian estava chocado – e chocado tanto com a própria excitação quanto com o que Mathieu fazia. Ele não vira cópula explícita antes, apenas o movimento e os ruídos de coisas acontecendo embaixo de um cobertor, de vez em quando uma breve exposição de carne branca. Aquilo... Ele tinha de desviar os olhos, sabia disso. Mas não desviou.

Jamie respirou fundo, mas não havia como saber se pretendia dizer algo. Mathieu jogou a grande cabeça para trás, uivou como um lobo e os espectadores aplaudiram. Então, seu rosto ficou congestionado, dentes irregulares expostos num sorriso como o de um crânio, fez o barulho que um porco faz quando você o acerta na cabeça, e desabou em cima da prostituta.

A prostituta se contorceu para sair de sob seu peso, xingando o tempo todo. Ian passou a entender o que ela estava dizendo e teria ficado mais chocado caso ainda lhe restasse alguma capacidade de se chocar. Ela se levantou, evidentemente não machucada, e chutou Mathieu nas costelas uma vez, depois uma segunda, mas como estava descalça isso não o

machucou. Esticou a mão para a bolsa ainda amarrada na cintura dele, enfiou e pegou um punhado de moedas, depois o chutou mais uma vez para dar sorte e entrou na casa pisando duro, segurando o colarinho da camisa. Mathieu ficou esparramado no chão, as calças nas coxas, rindo e arfando.

Ian ouviu Jamie engasgar e se deu conta de que ainda agarrava seu braço. Jamie não parecia ter notado. Ian o soltou. Queimava do rosto até o meio do peito, e ele também não achava que fosse apenas a luz dos archotes no rosto de Jamie.

– Vamos... para algum outro lugar – sugeriu ele.

– Eu gostaria que tivéssemos feito alguma coisa – soltou Jamie.

Eles não tinham falado nada após deixar Le Poulet Gai. Tinham caminhado até a outra ponta da rua e pegado uma travessa, parando numa pequena taverna, bastante quieta. Juanito e Raoul estavam lá, jogando dados com locais, mas não lançaram a Jamie e Ian mais que um olhar.

– Não vejo o que *poderíamos* ter feito – respondeu Ian, de forma razoável. – Quero dizer, talvez pudéssemos ter atacado Mathieu juntos e saído apenas aleijados. Mas sabe que isso teria começado uma confusão com todos ali. – Ele hesitou e olhou rapidamente para Jamie antes de voltar o olhar para sua taça. – E... Ela *era* uma prostituta. Quero dizer, ela não era uma...

– Sei o que quer dizer – cortou Jamie. – Sim, você está certo. E para começar ela foi com o homem. Deus sabe o que ele fez para que reagisse daquele jeito, mas havia muitas outras opções. Eu gostaria... Ah, dane-se. Quer comer alguma coisa?

Ian balançou a cabeça. A garçonete levou para eles uma jarra de vinho, olhou para os dois e os descartou como sendo insignificantes. Era um vinho grosseiro que arrancava o interior da boca, mas tinha um gosto decente, sob o vapor de resina, e não era aguado demais. Jamie bebeu muito, e mais rápido do que de costume; estava desconfortável no próprio corpo, hipersensível e irritável, e queria que a sensação passasse.

Havia algumas mulheres no lugar, não muitas. Jamie teve de pensar que prostituição talvez não fosse um negócio lucrativo, considerando como as pobres criaturas pareciam desgastadas, envelhecidas e sem metade dos dentes. Talvez fosse desgastante ter de... Ele afastou o pensamento e, vendo a jarra vazia, acenou para pedir outra à garçonete.

Juanito deu um grito feliz e disse algo em ladino. Olhando na direção deles, Jamie viu uma das prostitutas que estavam escondidas nas sombras deslizar para a frente, se curvando para dar em Juanito um beijo de parabéns enquanto ele recolhia seus ganhos. Jamie bufou, tentando expulsar do nariz o cheiro dela... Passara perto o suficiente para que desse uma boa farejada nela: um fedor de suor azedo e peixe morto. Alexandre lhe contara que isso vinha de partes pudendas não limpas, e ele acreditou.

Ele retornou ao vinho. Ian o acompanhava, taça a taça, e provavelmente pela mesma razão. Seu amigo não costumava ser irritável ou mal-humorado, mas quando se irritava muito, com frequência permanecia assim até a manhã seguinte – um bom sono apagava sua irritação, mas até então você não podia provocá-lo.

Ele lançou um olhar de esguelha para Ian. Não podia lhe contar sobre Jenny. Simplesmente... não podia. Mas também não conseguia pensar nela deixada sozinha em Lallybroch... Talvez com...

– Ah, Deus – sussurrou ele. – Não. Por favor. Não.

"*Não volte*", tinha dito Murtagh, e falava muito sério. Bem, ele *iria* voltar – mas não ainda. Não ajudaria sua irmã voltar naquele momento, e levar Randall e os casacos vermelhos direto sobre ela como moscas sobre um cervo recém-abatido... Ele tirou da cabeça aquela analogia, horrorizado. A verdade era que ficava nauseado de vergonha ao pensar em Jenny e tentava não fazer isso – e ainda mais envergonhado por conseguir.

Ian estava de olhos fixos em outra das meretrizes. Era velha, pelo menos na casa dos 30, mas tinha boa parte dos dentes. Ele imaginou se ela se importaria por eles serem judeus. Talvez uma prostituta não pudesse ser tão seletiva.

Sua mente traiçoeira lhe ofereceu a imagem de sua irmã, obrigada a tomar esse caminho na vida para se alimentar, obrigada a aceitar qualquer homem que... Santa Mãe de Deus, o que o povo, os meeiros, os empregados, fariam a ela caso descobrissem o que havia acontecido? As conversas... Ele apertou os olhos, esperando bloquear a visão.

– Aquela não é tão ruim – comentou Ian, meditativamente, e Jamie abriu os olhos. A prostituta de melhor aparência se curvara sobre Juanito, esfregando o seio em sua orelha verrugosa. – Se ela não desgostar de um judeu, talvez ela...

O sangue queimou no rosto de Jamie.

– Se você tem qualquer interesse em minha irmã, não irá se... se... poluir com uma prostituta francesa!

Ian esboçou uma expressão evasiva, depois foi tomado de cor.

– É mesmo? E se eu disser que a sua irmã não vale isso tudo?

O punho de Jamie o acertou no olho, e Ian voou para trás, virando o banco e caindo sobre a mesa seguinte. Jamie mal notou, a agonia em sua mão queimando e ardendo dos nós dos dedos até o antebraço. Balançou de um lado para o outro, a mão machucada entre as coxas, xingando em três idiomas.

Ian se sentou no chão, curvado, mão no olho e respirando pela boca em espasmos curtos. Ele se empertigou depois de um minuto. O olho já estava inchando, lágrimas correndo pela bochecha magra. Levantou, balançando a cabeça devagar, e recolocou o banco no lugar. Depois se sentou, pegou a taça e tomou um grande gole, pousou e expirou. Pegou o trapo que Jamie estendia para ele e limpou o olho.

– Desculpe – Jamie conseguiu dizer. A dor em sua mão começava a passar, mas a angústia em seu coração, não.

– Sim – falou Ian logo em seguida, sem olhar nos olhos dele. – Eu também gostaria que tivéssemos feito algo. Quer dividir uma tigela de refogado?

Dois dias depois, eles partiram para Paris. Após pensar um pouco, D'Eglise decidira que Rebekah e sua ama viajariam de carruagem, escoltadas por Jamie e Ian. D'Eglise e o resto da tropa levariam o dinheiro, com alguns homens enviados à frente em pequenos grupos para esperar, verificar a estrada à frente e cavalgar em turnos, sem parar em nenhum lugar no caminho. As mulheres evidentemente teriam de parar, mas se não tivessem nada valioso com elas, não correriam riscos.

Apenas quando foram pegar as mulheres na residência do dr. Hasdi, descobriram que o rolo da Torá e seu guardião, um homem de meia-idade e aparência séria, apresentado a eles como *monsieur* Peretz, viajariam com Rebekah.

– Eu lhes confio meus maiores tesouros, cavalheiros – disse a eles o médico por intermédio da neta, fazendo uma pequena mesura formal.

– Espero que nos considere merecedores de confiança, senhor – Jamie conseguiu dizer num hebraico vacilante, e Ian se curvou com grande

solenidade, mão sobre o coração. O dr. Hasdi olhou de um para o outro, anuiu discretamente e então se adiantou para beijar Rebekah na testa.

– Vá com Deus, criança – sussurrou ele em algo parecido o suficiente com espanhol para que Jamie conseguisse entender.

Tudo correu bem no primeiro dia e na primeira noite. O clima de outono se manteve ameno, não mais que um agradável toque de frio no ar, e os cavalos estavam bem. O dr. Hasdi dera a Jamie uma bolsa para cobrir as despesas da viagem, e todos comeram decentemente e dormiram numa estalagem muito respeitável – com Ian tendo sido enviado à frente para inspecionar as instalações e garantir que não houvesse surpresas desagradáveis.

O dia seguinte amanheceu nublado, mas começou um vento que dissipou as nuvens antes do meio-dia, deixando o céu limpo e brilhante como uma safira. Jamie cavalgava à frente, Ian atrás, e a carruagem seguia em bom ritmo, a despeito da estrada esburacada e sinuosa. Porém, quando chegaram ao alto de uma pequena elevação, Jamie viu que um pequeno riacho cruzava a base da estrada, criando um charco de cerca de três metros de largura. Ele deteve seu cavalo rapidamente, erguendo a mão para parar a carruagem, e Ian foi até seu lado.

– O que... – começou ele, mas foi interrompido.

O cocheiro tinha detido sua parelha por um instante, mas devido a um grito súbito vindo de dentro da carruagem, ele bateu as rédeas nos traseiros dos animais e a carruagem se lançou à frente, por pouco não pegando o cavalo de Jamie, que empinou, jogando o cavaleiro nos arbustos.

– Jamie! Você está bem?

Dividido entre a preocupação com o amigo e seu dever, Ian segurou o cavalo, olhando de um lado para o outro.

– Detenha-nos! Pegue-os! *Ifrinn!*

Jamie saiu apressado dos arbustos, andando de lado, rosto arranhado e vermelho brilhante de raiva. Ian não esperou, esporeando o cavalo e saindo em perseguição à carruagem pesada, que sacudia de um lado para o outro em disparada na direção da base encharcada. Gritos femininos agudos de protesto vindo de dentro eram abafados pela exclamação do condutor:

– *Ladrones!*

Essa era uma palavra que ele conhecia em espanhol: “ladrões”. Um dos *ladrones* já estava subindo pela lateral da carruagem como uma aranha de oito pernas, e o condutor saltou do veículo, caiu no chão e saiu correndo.

– *Covarde*! – berrou Ian, depois dando um guincho das Terras Altas que fez os cavalos da carruagem dançarem, lançando as cabeças de um lado para outro, dando ao suposto sequestrador problemas com as rédeas. Ele forçou o próprio cavalo – que não gostara mais do guincho que os cavalos da carruagem – pelo espaço apertado entre os arbustos e o veículo e, ao emparelhar com o condutor, sacou a pistola. Apontou para o sujeito – um jovem de cabelos amarelos compridos – e mandou que parasse.

O homem deu uma espiada nele, se encolheu e estalou as rédeas nas traseiras dos cavalos, gritando para eles com uma voz férrea. Ian atirou e errou – mas o atraso permitira que Jamie os alcançasse; ele viu a cabeça vermelha de Jamie aparecer enquanto subia pela traseira da carruagem, e houve mais gritos de dentro à medida que este pisava com força no teto e se lançava sobre o condutor de cabelos amarelos.

Deixando que Jamie lidasse com esse problema, Ian esporeou seu cavalo à frente, querendo se adiantar e segurar as rédeas, mas outro dos bandidos o superara e estava puxando a cabeça de um dos cavalos. Bem, funcionou uma vez. Ian encheu os pulmões o máximo que conseguiu, então soltou.

Os cavalos da carruagem dispararam, levantando lama. Jamie e o condutor de cabelos amarelos caíram, e o filho da puta desapareceu na estrada, possivelmente pisoteado no charco. Ian esperava que sim. Com olhos injetados, ele deteve a própria montaria agitada, desembainhou a espada e avançou pela estrada, gritando como um demônio e dando golpes selvagens. Dois ladrões o olharam boquiabertos, depois saíram correndo.

Ele os perseguiu um pouco pelos arbustos, mas a vegetação era densa demais para seu cavalo, então voltou para encontrar Jamie rolando pela estrada, espancando entusiasticamente o sujeito de cabelos amarelos. Ian hesitou – ajudá-lo ou cuidar da carruagem? Um baque alto e gritos horríveis o fizeram decidir imediatamente, então desceu a estrada correndo.

A carruagem, sem condutor, tinha saído da estrada, chegado ao charco e tombado de lado numa vala. Pelo falatório vindo de dentro, as mulheres pareciam estar bem. Ian saltou do cavalo, enrolou as rédeas rápido numa árvore e foi cuidar dos cavalos antes que se matassem.

Demorou um pouco para resolver a confusão sozinho – felizmente os cavalos não tinham se machucado muito – e seus esforços não foram ajudados com a saída da carruagem de duas mulheres agitadas e muito desgrenhadas tagarelando numa mistura incompreensível de francês e ladino.

"Muito bem", pensou, fazendo um gesto de mão vago dizendo que não podia perder tempo. "Não ajudará em nada ouvir o que estão dizendo." Então captou a palavra "morto", e mudou de ideia. *Monsieur* Peretz costumava ser tão silencioso que Ian na verdade se esquecera de sua presença na confusão do momento. Ele se deu conta de que estava ainda mais silencioso, tendo quebrado o pescoço quando a carruagem virara.

– Ah, Jesus – falou, correndo para olhar.

Mas o homem estava morto, e os cavalos ainda criando confusão, escorregando e pisoteando na lama da vala. Estava ocupado demais para se preocupar com o desempenho de Jamie, mas enquanto soltava o segundo cavalo da carruagem e o prendia em segurança a uma árvore, começou a pensar em onde o jovem estaria.

Não achava seguro abandonar as mulheres; os salteadores podiam voltar, e ele pareceria um idiota se isso acontecesse. Não havia sinal do condutor, que os abandonara por medo. Disse às damas para se sentar sob um sicômoro, deu-lhes seu cantil para beber e depois de um tempo elas pararam de falar tão rápido.

– Onde está Diego? – perguntou Rebekah, de modo bastante compreensível.

– Ahn, ele logo estará aqui – respondeu Ian, esperando que fosse verdade. Ele mesmo estava começando a se preocupar.

– Talvez também tenha sido morto – disse a ama, que lançou um olhar ranzinza para sua senhora. – Como você se sentiria?

– Estou certa de que não... Quero dizer, ele não está morto. Tenho certeza – repetiu Rebekah, não soando nem um pouco convicta.

Mas ela estava certa; Ian mal tinha decidido subir a estrada com as mulheres para dar uma olhada quando Jamie apareceu cambaleando pela curva e se jogou na grama seca, fechando os olhos.

– Você está bem? – indagou Rebekah, se curvando ansiosa para olhar para ele sob a pala de seu chapéu de palha de viagem.

Ele não parecia muito animado, Ian pensou.

– Sim, bem – disse, colocando a mão atrás da cabeça e se encolhendo um pouco. – Apenas um pequeno galo na cabeça. O sujeito que caiu na estrada – explicou a Ian, novamente fechando os olhos. – Ele se levantou de novo e me acertou pelas costas. Não apaguei, mas me distraiu um pouco, e quando me recuperei os dois tinham ido embora; o sujeito que me acertou e aquele em que eu estava batendo.

Ian se agachou diante do amigo, erguendo uma das pálpebras de Jamie e examinando com cuidado o olho azul injetado. Não tinha ideia do que procurar, mas ele vira *Père* Renault fazer isso, e depois colocando sanguessugas em algum lugar. Tanto aquele olho quanto o outro lhe pareceram bem; o que era bom, já que ele não tinha sanguessugas. Deu o cantil a Jamie e foi dar uma olhada nos cavalos.

– Dois deles estão muito bem – relatou ele ao voltar. – O castanho-claro está mancando. Os salteadores levaram seu cavalo? E quanto ao condutor?

Jamie pareceu surpreso.

– Eu me esqueci de que tinha um cavalo – confessou. – Não sei sobre o condutor; pelo menos não o vi caído na estrada. Onde está *monsieur* Pickle? – perguntou, olhando vagamente ao redor.

– Morto. Fique aqui, sim?

Ian suspirou, levantou, subiu a estrada e não viu sinal do condutor, embora tivesse andado de um lado para o outro chamando. Felizmente, encontrou o cavalo de Jamie, pastando em paz à beira da estrada. Cavalgou de volta e encontrou as mulheres de pé, discutindo algo em voz baixa, de tempos em tempos olhando para a estrada, ou na ponta dos pés numa tentativa inútil de ver por entre as árvores.

Jamie ainda estava sentado no chão, olhos fechados – mas pelo menos empertigado.

– Você consegue cavalgar, homem? – perguntou Ian, se agachando junto ao amigo. Para seu alívio, Jamie abriu os olhos imediatamente.

– Ah, sim. Está pensando que deveríamos ir até Saint-Aubaye e mandar alguém aqui para fazer algo quanto à carruagem e Peretz?

– O que mais se pode fazer?

– Nada em que eu consiga pensar. Não acho que possamos levá-lo conosco – respondeu Jamie, se levantando, cambaleando um pouco, mas sem precisar de apoiar nas árvores. – Acha que as mulheres conseguem cavalgar?

No final das contas, Marie podia – pelo menos um pouco. Rebekah nunca estivera em um cavalo. Após mais discussões sobre o tema do que Ian teria acreditado ser possível, ele colocou o falecido M. Peretz deitado no assento da carruagem com um lenço sobre o rosto para protegê-lo de moscas, e o resto por fim montou: Jamie em seu cavalo com o rolo da Torá em sua embalagem de lona amarrado atrás da sela – entre a profanação de ele ser tocado por um gentio e a perspectiva de ser deixado na carruagem para que qualquer um o achasse, as mulheres, relutantes, permitiram a primeira opção –, a ama num dos cavalos da carruagem, com alforjes improvisados com o revestimento dos assentos da carruagem e cheios com o máximo possível da bagagem das mulheres, e Ian com Rebekah na sela à sua frente.

Rebekah parecia uma bonequinha, mas era surpreendentemente sólida, como ele descobriu quando colocou os pés em suas mãos para ser empurrada para a sela. Não conseguiu passar a perna, ficando deitada sobre a sela como um cervo morto, agitando nervosamente braços e pernas. Colocá-la de pé e montar atrás dele o deixara com o rosto vermelho e suando, muito mais do que quando lidou com os cavalos.

Jamie ergueu uma sobrancelha para ele, com tanta inveja quanto diversão, e ele devolveu com um olhar estreito, passando o braço sobre Rebekah para colá-la a ele, esperando não estar fedendo demais.

* * *

Já estava escuro quando chegaram a Saint-Aubaye e encontraram uma estalagem que podia lhes fornecer dois quartos. Ian conversou com o proprietário e acertou para que pela manhã alguém fosse resgatar o corpo de M. Peretz e enterrá-lo; as mulheres não ficaram contentes com a falta da devida preparação do corpo, mas como insistiram em que devia ser enterrado antes do anoitecer seguinte, não havia muito mais a fazer. Ele inspecionou o quarto das mulheres, olhou debaixo das camas, sacudiu as venezianas de forma confiante e lhes desejou boa-noite. Elas pareciam esgotadas.

Retornando ao outro quarto, ele ouviu um doce som de sinos e encontrou Jamie de joelhos, empurrando o fardo que continha o rolo da Torá para debaixo da única cama.

– Isso bastará – falou, se sentando sobre os calcanhares com um suspiro. Parecia quase tão esgotado quanto as mulheres, Ian pensou, mas não disse.

– Vou descer e mandar trazer uma refeição – avisou. – Eu senti o cheiro de carne tostando. Um pouco disso e talvez...

– Traga o que eles tiverem – replicou Jamie, ansioso. – Traga tudo.

Eles comeram com apetite, e separadamente, em seus quartos. Jamie começava a sentir que a segunda porção de *tarte tatin* com creme batido tinha sido um erro quando Rebekah foi ao quarto dos homens, seguida pela ama, que carregava uma pequena bandeja com um jarro cujo conteúdo soltava um vapor aromático. Jamie se sentou empertigado, contendo um pequeno grito quando a dor tomou sua cabeça. Rebekah franziu o cenho para ele, as sobrancelhas como asas de gaivota baixando de preocupação.

– Sua cabeça dói demais, Diego?

– Não, está bem. É só um galo na cabeça.

Ele suava e sua barriga estava instável, mas apertou as mãos sobre a mesinha e se esforçou para que parecessem firmes. Rebekah pareceu não pensar assim e se aproximou, se curvando para encará-lo.

– Eu acho que não – respondeu ela. – Você parece... viscoso.

– Ah. Mesmo? – perguntou, fracamente.

– Se ela quer dizer que você parece um marisco que acabou de ser aberto, então sim, parece – confirmou Ian. – Chocado, sabe. Branco, molhado e...

– Eu sei o que significa viscoso, ok?

Ele olhou feio para Ian, que devolveu um meio sorriso – maldição, ele devia estar com uma aparência medonha. Ian estava preocupado. Engoliu em seco, procurando algo inteligente para dizer e tranquilizá-lo, mas seu estômago revirou de repente e ele foi obrigado a fechar boca e olhos com força, se concentrando ferozmente para se acalmar.

– Chá – disse Rebekah, com firmeza. Pegou a jarra com a ama e serviu uma xícara, depois fechou as mãos de Jamie ao redor dela e, segurando-as com as suas, guiou a xícara na direção da boca. – Beba. Isso irá ajudar.

Ele bebeu, e o chá ajudou. Pelo menos, sentiu-se menos nauseado logo de imediato. Reconheceu o gosto do chá, embora achasse que a xícara tinha algumas outras coisas.

– De novo.

Outra xícara foi apresentada; ele conseguiu beber essa sozinho e, quando terminou, sentiu-se bem melhor. Sua cabeça ainda latejava no ritmo do coração, mas de algum modo a dor parecia um pouco distante.

– Você não deve ficar sozinho por algum tempo – informou Rebekah, e se sentou, esticando as saias elegantemente sobre os tornozelos.

Ele abriu a boca para dizer que não estava só, que Ian estava ali – mas viu os olhos de Ian a tempo e parou.

– Os salteadores, quem você acha que eram? – ela estava perguntando a Ian, sua bela testa franzida.

– Ah... Bem, isso depende. Se eles sabiam quem você era e queriam sequestrá-la é uma coisa. Mas poderiam ser apenas ladrões comuns que viram a carruagem e acharam que valia a pena arriscar e ver o que poderia conter. Você não reconheceu nenhum deles, reconheceu?

Os olhos dela se arregalaram. Não eram exatamente da cor dos de Annalise, Jamie pensou em meio a uma névoa. Um castanho mais suave... Como as penas no peito de um tetraz.

– Saber quem eu era? – reagiu ela, sussurrando. – Queriam me sequestrar? Você... Acha isso possível? – perguntou, engolindo em seco e estremecendo de leve.

– Bem, não sei, claro. Aqui, menina, você devia tomar um golinho daquele chá, acho – disse Ian, esticando o braço comprido na direção do jarro, mas ela o empurrou, balançando a cabeça.

– Não, isso é remédio; e Diego precisa dele. Não é mesmo? – perguntou, se inclinando um pouco para a frente para olhar nos olhos de Jamie. Ela tirara o chapéu, mas estava com a maioria do cabelo enfiado numa touca branca rendada com fita rosa. Ele anuiu, obediente.

– Marie... Traga um pouco de conhaque, por favor. O choque...

Ela engoliu em seco de novo e envolveu o corpo com os braços. Jamie notou o modo como isso erguia seus seios, fazendo com que ficassem um pouquinho acima do corpete. Ainda havia um pouquinho de chá na xícara, e ele automaticamente o bebeu.

Marie chegou com o conhaque e serviu uma taça para Rebekah – depois uma para Ian, seguindo um gesto de Rebekah, e quando Jamie educadamente pigarreou de leve, encheu sua xícara até a metade, completando com mais chá.

O gosto era peculiar, mas ele na verdade não se incomodou. A dor tinha ido para o outro lado do quarto; ele podia vê-la sentada lá, uma

coisinha brilhante meio roxa com uma expressão ranzinza no rosto. Riu dela, e Ian franziu o cenho.

– Do que está rindo?

Jamie não conseguia pensar em como descrever o animal-dor, então balançou a cabeça, o que se revelou um erro – a dor de repente pareceu se animar e disparou de volta para sua cabeça com um ruído como de pano sendo rasgado. O quarto girou e ele agarrou a mesa com ambas as mãos.

– Diego!

Cadeiras rasparam o chão e houve muita falação à qual ele não prestou atenção. Quando se deu conta, estava deitado na cama olhando para as vigas no teto. Uma delas parecia se retorcer lentamente, como uma trepadeira crescendo.

– ...E ele disse ao capitão que havia alguém entre os judeus que sabia sobre... – dizia a voz calmante de Ian, determinada e lenta para que Rebekah conseguisse entendê-lo; embora Jamie achasse que ela talvez entendesse mais do que dizia. A viga que se retorcia produzia pequenas folhas verdes, e ele teve o pressentimento de que aquilo era incomum, mas uma grande sensação de tranquilidade tomara conta dele, que não se importou nem um pouco.

Rebekah estava dizendo alguma coisa, a voz suave e preocupada, e com grande esforço ele virou a cabeça para olhar. Estava curvada sobre a mesa na direção de Ian, que tinha as duas mãos grandes sobre as dela, tranquilizando-a de que ele e Jamie não permitiriam que qualquer mal lhe acontecesse.

De repente, um rosto diferente surgiu em sua visão; a ama, Marie, franzindo o cenho para ele. Ela puxou sua pálpebra de modo rude e olhou dentro dos seus olhos, tão perto que ele pôde sentir o cheiro de alho em seu hálito. Ele piscou com força, e ela o soltou com um pequeno "hunf", depois se virou para dizer algo a Rebekah, que respondeu num ladino rápido. A ama balançou a cabeça, incerta, mas deixou o quarto.

Mas o rosto não saiu com ela. Ainda conseguia vê-lo, franzindo o cenho desde o alto. Ele se grudara à viga folhosa, e ele se deu conta de que era uma cobra lá em cima, uma serpente com cabeça de mulher, e uma maçã na boca – aquilo não podia ser correto, devia ser um porco? –, que desceu coleando pela parede até estar sobre seu peito, pressionando a maçã junto ao seu rosto. Tinha um cheiro maravilhoso e ele quis morder, mas antes que conseguisse sentiu o peso da cobra mudar, ficando macio e

pesado, e ele curvou as costas, sentindo a marca clara de grandes seios redondos esmagados sobre ele. A cauda da cobra – era basicamente uma mulher, mas sua extremidade ainda parecia viperina – estava acariciando a parte de dentro de suas coxas.

Ele soltou um ruído muito agudo, e Ian foi apressado até a cama.

– Você está bem, homem?

– Eu... Ah. Ah! Ah, Jesus, faça isso novamente.

– Fazer *o quê*... – Ian estava começando a falar quando Rebekah apareceu, colocando a mão no braço de Ian.

– Não se preocupe – disse ela, olhando com atenção para Jamie. – Ele está bem. O remédio... Causa sonhos estranhos nos homens.

– Ele não parece estar dormindo – alegou Ian, desconfiado. De fato, Jamie estava se revirando, ou achava estar revirando, na cama, tentando persuadir a metade inferior da cobra-mulher a também mudar. *Estava* arfando; ele mesmo conseguia ouvir.

– É um sonho acordado – explicou Rebekah, tranquilizando-o. – Venha, deixe-o aí. Irá adormecer em breve, você verá.

Jamie não achava que tinha adormecido, mas algum tempo depois emergiu de um formidável embate com a cobra-demônio – não sabia como sabia que era um demônio, mas era –, que não havia modificado sua metade inferior, mas tinha uma boca muito feminina – e várias de suas amigas, sendo essas pequenas diabas que lambiam suas orelhas, e outras coisas, com grande entusiasmo.

Ele virou a cabeça no travesseiro para dar melhor acesso a uma delas e viu, sem qualquer surpresa, Ian beijando Rebekah. A garrafa de conhaque tombara, vazia, e ele parecia ver seu perfume subir numa coluna rodopiando pelo ar como fumaça, envolvendo os dois em uma névoa tomada de arco-íris.

Fechou os olhos novamente, para melhor cuidar da cobra-dama, que tinha diversas novas cobras interessantes. Quando os abriu algum tempo depois, Ian e Rebekah tinham sumido.

Em algum momento, ouviu Ian dar uma espécie de grito abafado, e ficou pensando fracamente no que teria acontecido, mas não pareceu importante, e o pensamento se dissipou. Ele dormiu.

Acordou algum tempo depois, se sentindo flácido como uma folha de repolho queimada pelo gelo, mas a dor de cabeça passara. Ficou um tempo

deitado, desfrutando da sensação. O quarto estava escuro e se passou algum tempo antes que se desse conta, pelo cheiro do conhaque, que Ian estava deitado ao seu lado.

A lembrança retornou. Levou algum tempo para separar as lembranças reais das lembranças dos sonhos, mas estava bastante certo de que vira Ian abraçando Rebekah – e ela a ele. Que inferno acontecera *depois*?

Ian não estava dormindo; ele sabia. Seu amigo estava deitado, rígido como uma das figuras fúnebres na cripta de St. Denis, e a respiração era acelerada e trêmula, como se tivesse subido correndo uma colina de um quilômetro e meio. Jamie pigarreou e Ian deu um pulo como se espetado pelo alfinete de um broche.

– E então? – sussurrou, e a respiração de Ian parou de repente. Ele engoliu em seco.

– Se você disser uma palavra disso para sua irmã, irei apunhalá-lo no sono, cortarei sua cabeça e a chutarei até Arles e de volta – disse, em um sussurro apaixonado.

Jamie não queria pensar na irmã, e queria ouvir sobre Rebekah.

– E então? – repetiu.

Ian deu um leve grunhido, indicando que pensava em como começar, e se virou em sua lã para encarar Jamie.

– Sim, bem. Você ficou falando um pouco sobre umas diabas nuas com as quais você estava, e achei que a jovem não deveria ficar ouvindo aquele tipo de coisa, então disse que deveríamos ir para o outro quarto, e...

– Isso foi antes ou depois de começar a beijá-la? – perguntou Jamie. Ian respirou com força pelo nariz.

– Depois – respondeu secamente. – E ela estava retribuindo o beijo, está bem?

– Sim, notei. E então... – Ele podia sentir Ian se revirando devagar, como uma minhoca no anzol, mas esperou. Ian com frequência demorava algum tempo para encontrar as palavras, mas valia a pena esperar. Naquele caso, com certeza.

Ele estava um pouco chocado – e sinceramente invejoso –, e ficou pensando no que aconteceria quando o prometido da jovem descobrisse que ela não era virgem, mas supôs que o homem poderia não descobrir; ela parecia uma menina inteligente. Mas poderia ser sábio deixar a tropa de D'Eglise e ir para o sul, só por garantia...

– Você acha que dói muito ser circuncidado? – perguntou Ian de repente.

– Acho. Como poderia não doer?

Sua mão procurou o próprio membro, protetoramente esfregando um polegar sobre a parte em questão. Verdade que não era muito grande, mas...

– Bem, eles fazem isso em criancinhas – apontou Ian. – Não pode ser assim tão ruim, pode?

– Humpf – bufou Jamie, nada convencido, embora a justiça o fizesse acrescentar: – Sim, bem, e também fizeram isso a Cristo.

– Mesmo? – reagiu Ian, soando assustado. – Sim, suponho que sim... Eu não tinha pensado nisso.

– Bem, você não pensa nele como sendo judeu, não é? Mas ele era, para começar.

Houve um momentâneo silêncio reflexivo antes de Ian falar novamente.

– Você acha que Jesus algum dia fez? Com uma jovem, quero dizer, antes de sair pregando?

– Acho que *Père* Renault vai pegar você por blasfêmia, isso sim.

Ian se contorceu, como se temendo que o padre pudesse estar escondido nas sombras.

– *Père* Renault não está por perto, graças a Deus.

– Sim, mas você terá de se confessar para ele, não é mesmo?

Ian se sentou de um pulo, apertando sua lã ao redor do corpo.

– O quê?

– Ou você irá para o inferno se for morto – lembrou Jamie, se sentindo bastante satisfeito. O luar entrava pela janela e ele podia ver o rosto de Ian mergulhado em pensamentos ansiosos, seus olhos fundos disparando da direita para a esquerda, cercado de perigos. De repente, Ian virou a cabeça na direção de Jamie, tendo identificado a possibilidade de um canal aberto entre as ameaças do inferno e de *Père* Renault.

– Eu só iria para o inferno se fosse um pecado mortal – falou. – Se for nada mais que venial, eu só teria de passar uns mil anos no purgatório. Não seria tão ruim.

– Claro que é um pecado mortal – retrucou Jamie, irritado. – Todo mundo sabe que fornicação é um pecado mortal, seu idiota.

– Sim, mas...

Ian fez um gesto de “espera um pouco” com uma das mãos, mergulhado em pensamentos.

– Mas para ser um pecado *mortal* você precisa de três coisas. Tipo exigências.

Ele ergueu um indicador.

– Tem de ser muito errado.

Dedo médio.

– Você precisa *saber* que é muito errado.

Dedo anelar.

– E você tem de consentir plenamente. É assim que funciona, não é?

Ele baixou a mão e olhou para Jamie, sobrancelhas erguidas.

– Sim, e qual parte disso você não fez? Pleno consentimento? Ela o estuprou?

Ele estava debochando, mas Ian desviou o rosto de um modo que de repente o deixou na dúvida.

– Ian?

– Não... – repetiu o amigo, mas também soou incerto. – Não foi assim... Exatamente. Eu queria dizer mais no sentido do muito errado. Especialmente para com o prometido. Ah... – exclamou quando um pensamento lhe ocorreu e se inclinou mais para perto, baixando a voz.

– Ela não era virgem? Talvez isso seja diferente.

Se a jovem era promíscua, talvez... Ela *escrevia* poesia, pensou Jamie.

Ian havia cruzado os braços sobre os joelhos e apoiava a testa neles, a voz abafada nas dobras de sua lã.

– Não sei... – disse num grunhido abafado.

Jamie esticou a mão e enfiou os dedos com força na canela de Ian, fazendo o amigo se esticar com um grito assustado que fez alguém num quarto distante se mexer e grunhir no sono.

– O que você quer dizer com “não sei”? Como pode não ter notado? – perguntou, sibilando.

– Ah... Bem... Ela... Ahn... Ela fez com a mão – soltou Ian. – Antes que eu pudesse... Bem.

– Ah – reagiu Jamie, rolando de costas, um tanto desanimado em espírito, mesmo que não em carne. Seu pau ainda parecia querer ouvir os detalhes.

– Isso é muito errado? – perguntou Ian, novamente se virando para encarar Jamie. – Ou... Bem, não posso dizer que *consenti*, porque isso não

era o que tinha em mente, mas...

– Acho que você está no caminho do Lugar Ruim – assegurou-lhe Jamie. – Você queria fazer, tenha conseguido ou não. E como isso aconteceu, pode me dizer? Ela simplesmente... Agarrou?

Ian deu um alto e longo suspiro, e afundou mais a cabeça nas mãos. Ele dava a impressão de que doía.

– Bem, nós nos beijamos um pouco, e houve mais conhaque... Muito mais. Ela tomou um gole, me beijou e... Passou para a minha boca e...

– *Iffrin!*

– Pare de dizer "Inferno" assim, por favor. Eu não quero pensar nele.

– Desculpe. Continue. Ela o deixou tocar nos seios?

– Só um pouco. Não tirou o corpete, mas pude sentir os mamilos sob a camisa... O que foi?

– Nada – respondeu Jamie com esforço. – E então?

– Bem, ela colocou a mão sob meu kilt e depois a tirou como se tivesse tocado uma cobra.

– E tinha?

– Sim, ela tinha. Ficou chocada. Pode não bufar assim? – pediu ele, irritado. – Vamos acordar a casa toda. Foi por eu não ser circuncidado.

– Ah. Por isso ela não... fez do modo habitual?

– Ela não disse isso, mas talvez. Mas depois de um tempo quis olhar para ele, e foi quando... Bem.

– Humpf – bufou Jamie. Diabas nuas contra a chance de condenação eterna ou não, Jamie achava que Ian tivera o melhor da noite. Um pensamento lhe ocorreu. – Por que você perguntou se a circuncisão doía? Você não está pensando em fazer isso, está? Por ela, quero dizer?

– Eu não diria que o pensamento não me ocorreu – admitiu Ian. – Quero dizer... Pensei que talvez devesse me casar com ela, devido às circunstâncias. Mas suponho que não poderia me tornar judeu, mesmo que reunisse a coragem de ser circuncidado... Minha mãe arrancaria minha cabeça se eu o fizesse.

– Não, você está certo – concordou Jamie. – Ela faria isso. E você iria para o inferno.

A ideia da refinada e delicada Rebekah batendo manteiga no pátio de uma fazenda nas Terras Altas ou tecendo lã encharcada em urina com os pés nus era mais absurda do que a visão de Ian de solidéu e suíças – mas não muito.

– Além disso, você não tem dinheiro, tem?

– Um pouco – respondeu Ian, pensativo. – Mas não o suficiente para ir viver em Timbuktu, e eu teria de ir pelo menos até lá.

Jamie suspirou e se espreguiçou, relaxando. Um silêncio reflexivo se instalou. Sem dúvida, Ian pensava na perdição. Jamie revivia as melhores partes de seus sonhos de ópio, mas com o rosto de Rebekah na dama-cobra. Ele rompeu o silêncio, se virando para o amigo.

– E então... Valeu a pena o risco de ir para o inferno?

Ian deu um suspiro longo e fundo novamente, mas foi o suspiro de um homem em paz consigo mesmo.

– Ah, sim.

Jamie acordou ao amanhecer, sentindo-se muito bem e com uma disposição mental muito melhor. Uma alma gentil levara uma jarra de cerveja amarga e um pouco de pão e queijo. Ele se refrescou com isso enquanto se vestia, pensando no trabalho do dia.

Teria de reunir alguns homens para retornar e cuidar da carruagem. Ele imaginava que a melhor coisa a fazer com M. Peretz era levá-lo para lá na carruagem, depois descobrir se havia judeus na vizinhança que pudessem ser convencidos a enterrá-lo – as mulheres insistiram em que ele tinha de ser enterrado antes do pôr do sol. Caso contrário... Bem, ele atravessaria essa estrada quando chegasse a ela.

Ele achava que a carruagem não estava muito danificada; poderiam colocá-la de volta na estrada ao meio-dia... Qual seria a distância até Bonnes? Aquela era a próxima cidade com uma estalagem. Se fosse longe demais, ou a carruagem estivesse danificada demais, ou se não conseguisse cuidar de M. Peretz, teriam de passar a noite ali novamente. Ele tateou sua bolsa, mas achou que tinha o suficiente para outra noite e a contratação de homens; o médico havia sido generoso.

Estava começando a pensar no que estaria fazendo Ian e as mulheres demorarem. Embora soubesse que as mulheres levavam mais tempo que os homens para fazer qualquer coisa, especialmente se vestir – bem, elas tinham corpetes e tudo mais com que lidar, afinal... Ele bebericou a cerveja, tendo uma visão do corpete de Rebekah, e sua mente estava criando imagens muito realistas a partir da descrição de Ian de seu encontro com a jovem. Ele quase conseguia ver os mamilos através do tecido fino de sua camisa, macios e redondos como pedras de rio...

Ian passou apressado pela porta, olhos perturbados, cabelos arrepiados.

– Elas sumiram!

Jamie engasgou com a cerveja.

– O quê? Como?

Ian entendeu o que ele queria fizer e já estava indo na direção da cama.

– Ninguém as levou. Não há nenhum sinal de luta, e as coisas delas sumiram. A janela está aberta, e as venezianas não estão quebradas.

Jamie estava de joelhos ao lado de Ian, enfiando primeiramente as mãos, depois cabeça e ombros embaixo da cama. Havia ali um fardo envolto em lona, e ele foi tomado por um alívio momentâneo – que desapareceu no instante em que Ian o arrastou para a luz. Ele fez barulho, mas não o tilintar suave de sinos de ouro. Ele chacoalhou e quando Jamie pegou o canto da lona e desenrolou havia apenas paus e pedras, envoltos numa anágua para dar ao fardo o volume adequado.

– *Cramouille!* – gritou Jamie, essa sendo a pior palavra em que conseguiu pensar rapidamente. E também muito adequada, se o que ele achava ter acontecido acontecera. Ele se voltou para Ian.

– Ela me drogou e o seduziu, e a maldita ama entrou aqui e levou a coisa enquanto você estava com a cabeça gorda enterrada em seus... Ahn...

– Encantos – completou Ian sucintamente e lançou um rápido sorriso maldoso. – Você está apenas com inveja. Para onde acha que foram?

Isso era verdade, e Jamie desistiu de outras críticas, se levantando e colocando o cinto, ajeitando punhal, espada e machado no processo.

– Não para Paris, eu diria. Venha, vamos perguntar ao cavalariço.

O cavalariço se disse perdido; falou que tinha ficado bêbado no depósito de feno, e se alguém tirou dois cavalos do abrigo ele não acordou para ver.

– Sim, certo – disse Jamie, impaciente, e, agarrando a frente da camisa do homem, ergueu-o e o lançou na parede de pedra da estalagem. A cabeça do homem bateu nas pedras e ele ficou flácido nas mãos de Jamie, ainda consciente, mas tonto. Jamie sacou o punhal com a mão esquerda e colocou a ponta contra a garganta envelhecida do homem.

– Tente de novo – sugeriu, afável. – Não ligo para o dinheiro que elas lhe deram; pode ficar com ele. Quero saber em que direção foram, e quando partiram.

O homem tentou engolir, mas desistiu da tentativa quando seu pomo-de-adão bateu na beirada do punhal.

– Umas três horas depois do nascer da lua – grunhiu ele. – Foram na direção de Bonnes. Há uma encruzilhada a menos de cinco quilômetros daqui – acrescentou, tentando com urgência ser útil.

Jamie o largou com um grunhido.

– Sim, bom – replicou ele, enojado. – Ian... Ah, você os pegou.

Pois Ian tinha ido até seus cavalos enquanto ele lidava com o cavalariço e já estava saindo com um deles, a sela sobre o braço.

– Então, vou pagar a conta.

As mulheres não tinham levado sua bolsa, o que era alguma coisa. Ou Rebekah bat-Leah Hauberger tinha algum vestígio de consciência – do que ele duvidava muito –, ou ela não pensara nisso.

Acabara de amanhecer; as mulheres tinham talvez seis horas de vantagem.

– Nós acreditamos no cavalariço? – perguntou Ian, se acomodando na sela.

Jamie enfiou a mão na bolsa, tirou um *penny* de cobre e o lançou para cima, pegando com as costas da mão.

– Coroa, acreditamos, cara, não? – sugeriu, depois tirou a mão e olhou para a moeda. – Cara.

– Sim, mas a estrada para trás segue em linha reta até Yvrac – destacou Ian. – E são menos de cinco quilômetros até a encruzilhada, ele disse. Seja lá do que chamemos a jovem, ela não é idiota.

Jamie pensou nisso por um momento, depois concordou. Rebekah não teria certeza de quanta dianteira conseguiria – e a não ser que estivesse mentindo sobre sua habilidade de montaria (o que ele não descartaria, mas coisas assim não eram simuladas facilmente, e ela se sentara de forma bem desajeitada na sela), iria querer chegar a um ponto onde a trilha pudesse ser perdida antes que seus perseguidores a alcançassem. Além disso, o solo ainda estava molhado do sereno; poderia haver uma chance...

– Sim, então vamos.

* * *

A sorte estava com eles. Ninguém tinha passado pela estalagem nos turnos de vigia de tarde da noite e, embora a estrada estivesse tomada por marcas de cascos, as marcas recentes dos cavalos das mulheres mostravam

beiradas claras ainda desmanchando na terra encharcada. Assim que tiveram certeza de encontrar a trilha, os homens galoparam até a encruzilhada, esperando chegar lá antes que outros viajantes cobrissem as marcas.

Não tiveram essa sorte. Carroças de fazenda já se deslocavam, carregadas com vegetais destinados a Parcoul ou La Roche-Chalais, e a encruzilhada era um labirinto de sulcos e marcas de cascos. Mas Jamie tivera a brilhante ideia de mandar Ian pela estrada rumo a Parcoul, enquanto ele tomava aquela na direção de La Roche-Chalais, abordando as carroças que vinham e perguntando aos condutores. Em uma hora, Ian voltou apressado com a notícia de que as mulheres foram vistas, cavalgando devagar e xingando uma à outra sem parar, na direção de Parcoul.

– E *isso* não é tudo – continuou, ofegante.

– Mesmo? Bem, conte enquanto cavalgamos.

Ian contou. Ele estava voltando apressado para encontrar Jamie quando se deparou com Josef-da-Alsácia perto da encruzilhada, à procura deles.

– D'Eglise foi emboscado perto de Poitiers – contou Ian aos gritos. – O mesmo bando de homens que nos atacou em Marmande; Alexandre e Raoul reconheceram alguns deles. Salteadores judeus.

Jamie ficou chocado e desacelerou por um momento para que Ian o alcançasse.

– Eles pegaram o dinheiro do dote?

– Não, mas lutaram muito. Três homens ficaram feridos com gravidade bastante para precisar de um cirurgião, e Paul Martan perdeu dois dedos da mão esquerda. D'Eglise os levou a Poitiers e mandou Josef para descobrir se estava tudo bem com a gente.

Jamie sentiu o coração na garganta.

– Jesus. Contou a ele o que aconteceu?

– Não. Disse a ele que tivemos um acidente com a carruagem e que você tinha se adiantado com as mulheres; eu estava voltando para pegar algo que tinha ficado para trás.

– Sim, bom.

O coração de Jamie voltou a bater mais devagar no peito. A última coisa que ele queria era ter de contar ao capitão que perderam as garotas e o rolo da Torá. E de modo algum faria isso.

Viajaram rápido, parando apenas de vez em quando para fazer perguntas e, quando chegaram à aldeia de Aubeterre-sur-Dronne, estavam certos de que seu alvo não estava mais de uma hora à frente – caso as mulheres tivessem passado pela aldeia.

– Ah, aquelas duas? – reagiu uma mulher, fazendo uma pausa no processo de esfregar os degraus. Ela se levantou devagar, esticando as costas. – Eu as vi, sim. Passaram por mim a cavalo e seguiram por aquele caminho ali – contou, apontando.

– Eu lhe agradeço, madame – disse Jamie, em seu melhor francês parisiense. – O que há naquele caminho, por favor?

Ela pareceu surpresa por não saberem e franziu um pouco o cenho para tal ignorância.

– Ora, o *chateau* do visconde de Beaumont, claro!

– Claro – repetiu Jamie, olhando para ela, e Ian viu uma covinha surgir na bochecha dela em retribuição. – *Merci beaucoup, madame!*

– Mas que inferno... – murmurou Ian. Jamie se colocou ao lado dele, parando para olhar o lugar. Era uma pequena mansão, um pouco deteriorada, mas bonita na estrutura. E o último lugar onde alguém pensaria em procurar por uma judia fugitiva, ele diria. – O que acha que devemos fazer agora?

Jamie deu de ombros e esporeou o cavalo.

– Bater na porta e perguntar, suponho.

Ian seguiu seu amigo até a porta, bem consciente de suas roupas imundas, barba por fazer e estado geral de deselegância. Mas essas preocupações desapareceram quando a batida forte de Jamie foi atendida.

– Bom dia, cavalheiros! – falou o sujeito de cabelos amarelos que ele vira pela última vez lutando com Jamie no leito da estrada no dia anterior. O homem deu um largo sorriso para eles, alegre a despeito de um evidente olho roxo e um corte recente no lábio. Estava com roupas da moda, num terno de veludo cor de ameixa, com os cabelos cacheados e empoados, e sua barba amarela estava aparada. – Esperava vê-los de novo. Sejam bem-vindos à minha casa. – Ele deu um passo atrás e ergueu a mão num gesto de convite.

– Eu agradeço, *monsieur*... – falou Jamie devagar, olhando de esguelha para Ian. Ian ergueu um ombro num gesto discreto. E eles tinham escolha?

O sujeito de cabelos amarelos fez uma mesura.

– Pierre Robert Heriveaux d'Anton, visconde de Beaumont, pela graça do Todo-Poderoso, por mais um dia. E os senhores, cavalheiros?

– James Alexander Malcolm MacKenzie Fraser – respondeu Jamie, numa bela tentativa de corresponder aos modos grandiosos do outro. Apenas Ian teria notado a leve hesitação, ou o leve tremor na voz quando ele acrescentou: – Laird de Broch Tuarach.

– Ian Alastair Robert MacLeod Murray – falou Ian, com uma breve mesura, depois esticando os ombros. – Arrendatário de... do laird.

– Por favor, entrem, cavalheiros.

Os olhos do sujeito de cabelos amarelos se moveram só um pouco, e Ian ouviu cascalho sendo esmagado atrás deles, um instante antes de sentir a ponta de um punhal na base das costas. Não, eles não tinham escolha.

Dentro, eles foram privados de suas armas, depois escoltados por um amplo corredor até uma espaçosa sala de visitas. O papel de parede estava desbotado e a mobília era boa, porém gasta. Em contraste, o grande tapete turco no chão brilhava como se fosse tecido com joias. Havia uma grande coisa arredondada no meio, verde, dourada e vermelha, e círculos concêntricos com beiradas onduladas a cercavam em ondas de azul, vermelho e creme, com uma margem de suave vermelho escuro, e a coisa toda era tão decorada com formas incomuns que seria necessário um dia inteiro para ver tudo. Ele ficara tão enlevado na primeira vez que o vira que passara quinze minutos olhando, antes de Grande Georges o flagrar e gritar para que enrolasse a coisa, pois não tinham o dia inteiro.

– Onde conseguiu isto? – perguntou Ian de repente, interrompendo algo que o visconde estava dizendo aos dois homens em roupas grosseiras que tinham tomado suas armas.

– O quê? Ah, o tapete! Sim, ele não é maravilhoso? – respondeu o visconde, radiante, descontraído, e fez um gesto para que os dois homens recuassem para a parede. – É parte do dote de minha esposa.

– Sua esposa – repetiu Jamie, com cuidado. Lançou um olhar de esguelha para Ian, que entendeu a dica.

– Essa seria *mademoiselle* Hauberger, não? – perguntou.

O visconde corou – realmente corou –, e Ian se deu conta de que o homem não era mais velho do que ele ou Jamie.

– Bem. Isso... Nós... nós estamos prometidos há algum tempo e, segundo os costumes judaicos, isso é quase como estar casados.

– Prometidos – repetiu Jamie. – Desde... quando exatamente?

O visconde sugou o lábio inferior, fitando-os. Mas qualquer cautela que pudesse ter foi superada pelo que era um ótimo humor.

– Quatro anos – falou. E, incapaz de se conter, os chamou até uma mesa perto da janela e mostrou, orgulhoso, um documento elegante, coberto com volutas coloridas de vários tipos e escrito em alguma linguagem muito estranha composta de traços e linhas inclinadas. – Este é o nosso *ketubah*. – Ele pronunciou a palavra com muito cuidado. – Nosso contrato de casamento.

Jamie se curvou para examinar mais de perto.

– Sim, muito bonito – replicou, com educação. – Vejo que ainda não foi assinado. O casamento não aconteceu?

Ian viu os olhos de Jamie correndo sobre a mesa e soube que ele avaliava as possibilidades na cabeça. Agarrar o abridor de cartas na escrivaninha e fazer o visconde de refém? Depois encontrar a putinha maliciosa, enrolá-la em um dos tapetes menores e levá-la para Paris? Isso sem dúvida seria o trabalho de Ian, pensou ele.

Um pequeno movimento quando um dos guardas deslocou o peso de um pé para outro chamou a atenção de Ian e ele pediu a Jamie em pensamento com toda força: "Não faça isso, idiota!" Dessa vez, a mensagem pareceu ter chegado ao destinatário; os ombros de Jamie relaxaram um pouco e ele se empertigou.

– Você sabe que a jovem está para se casar com outra pessoa? – perguntou diretamente. – Eu não descartaria ela não ter lhe contado.

A cor do visconde ficou mais forte.

– Sim, eu sei! Mas ela me foi prometida primeiro, pelo pai!

– Há quanto tempo você é judeu? – perguntou Jamie com cautela, contornando a mesa. – Não acho que tenha nascido assim. Quero dizer, você agora é judeu, certo? Pois conheci um ou dois em Paris, e pelo que entendo eles não se casam com quem não é – falou, e os olhos percorreram a bela sala sólida. – Pelo que entendo, a maioria deles também não é aristocrata.

Àquela altura o visconde estava com o rosto muito vermelho. Mandou os guardas embora com uma palavra áspera – mas eles estavam dispostos a contestar. Enquanto acontecia a breve discussão, Ian chegou mais perto de Jamie e eles conversaram em *gàidhlig* sobre o tapete.

– Deus do céu – respondeu Jamie no mesmo idioma. – Eu não o vi, nem qualquer dos outros dois em Marmande, e você?

Ian não teve tempo de responder e balançou a cabeça, enquanto os guardas relutantemente aceitaram a ordem peremptória do visconde e saíram com olhos apertados voltados para Ian e Jamie. Um deles tinha na mão o punhal de Jamie e ao sair o passou sobre o pescoço num gesto significativo.

"Sim, eles poderiam ter sucesso numa luta", pensou, devolvendo o olhar apertado, "mas não aquele pequeno idiota aveludado". O capitão D'Eglise não teria empregado o visconde, nem um bando de salteadores profissionais. Judeus ou não.

– Certo – disse o visconde de repente, pousando os punhos na escrivaninha. – Vou lhes contar.

E fez isso. A mãe de Rebekah, filha do dr. Hasdi, se apaixonara por um cristão e fugira com ele. O médico declarara a filha morta, como era habitual em tal situação, e ficara formalmente de luto por ela. Mas era sua única filha e ele não conseguira se esquecer dela. Obteve informações e soube do nascimento de Rebekah.

– Então, a mãe dela morreu. Foi quando a conheci; mais ou menos nessa época, quero dizer. O pai dela era juiz, e meu pai o conhecia. Ela tinha 14 anos, e eu, 16. Eu me apaixonei por ela. E ela por mim – acrescentou, olhando duro para os escoceses, como se os desafiando a não acreditar nisso. – Fomos prometidos, com a bênção do pai. Mas então ele pegou uma gripe e morreu em dois dias. E...

– E o avô a levou de volta – concluiu Jamie. – E ela se tornou judia?

– Segundo a crença judaica, ela nasceu judia; a linhagem é materna. E... A mãe dela lhe contara, em particular, sobre sua herança perdida. Ela a aceitou assim que foi morar com o avô.

Ian se agitou e ergueu uma sobrancelha cínica.

– Mesmo? Por que você não se converteu na época, se está disposto a fazer isso agora?

– Eu disse que o faria! – reagiu o visconde, apertando o punho sobre o abridor de cartas como se o estrangulasse. – O velho desgraçado disse que não acreditava em mim. Ele achou que não iria abrir mão de minha... minha... Esta vida. – Ele fez um gesto de mão de desprezo para a sala, presumivelmente abrangendo seu título e a propriedade, que seriam confiscados pelo governo no momento em que sua conversão fosse conhecida.

– Ele disse que seria uma conversão falsa e, no momento em que a tivesse, eu me tornaria cristão novamente, forçando Rebekah a se tornar cristã também. Como o pai dela – acrescentou, soturno.

A despeito da situação, Ian estava começando a ter alguma simpatia pelo pequeno papagaio. Era uma história muito romântica, e ele gostava disso. Jamie, contudo, ainda não estava convencido. Fez um gesto para o tapete sob seus pés.

– O dote dela, você disse?

– Sim – falou o visconde, mas soando muito menos seguro. – Ela diz que pertencia à mãe. Ela conseguiu alguns homens para trazê-lo para cá semana passada, juntamente com uma arca e algumas outras coisas – falou, recuperando a confiança e olhando feio para eles. – De qualquer forma, quando o velho cretino arranjou o casamento dela com o sujeito em Paris, eu me convenci a... a...

– Sequestrá-la. Por comum acordo, sim? – indagou Jamie, com um ruído indicando sua opinião sobre as habilidades do visconde como salteador. Ergueu uma sobrancelha vermelha para o olho roxo de Pierre, e não fez mais nenhum comentário, graças a Deus. Ian não se esquecera de que eram prisioneiros, mas talvez Jamie tivesse.

– Podemos falar com *mademoiselle* Hauberger? – perguntou Ian, educado. – Apenas para nos assegurarmos de que veio por vontade própria, sim?

– Ela claramente o fez, já que vocês a seguiram até aqui – retrucou o visconde, que não gostara do ruído de Jamie. – Não, vocês não podem. Ela está ocupada.

Ele ergueu as mãos e bateu palmas forte, e os guardas voltaram, com mais meia dúzia de empregados como reforço, liderados por um mordomo alto de expressão severa, armado com uma bengala robusta.

– Sigam Ecrivisse, cavalheiros. Ele cuidará do seu conforto.

"Conforto" acabou sendo a adega de vinhos do castelo, que era perfumada, mas fria. E também escura. A hospitalidade do visconde não se estendia a uma vela.

– Se ele pretendesse nos matar já teria feito isso – argumentou Ian.

Jamie bufou, sentado nas escadas, com a dobra de sua lã erguida sobre os ombros por causa do frio. Vinha música de algum lugar do lado de fora:

o som leve de um violino e a batida de um pequeno tambor de mão. Começou, parou, depois recomeçou.

Ian andava sem parar de um lado para o outro; não era uma adega muito grande. Se não pretendia matá-los, o que o visconde pretendia fazer com eles?

– Ele está esperando que algo aconteça – sugeriu Jamie de repente, respondendo ao pensamento. – Algo a ver com a jovem, espero.

– Sim, também acho – concordou Ian, se sentando na escada e empurrando Jamie. – *A Dhia*, por Deus, está frio!

– Humm – disse Jamie, distante. – Talvez pretendam fugir. Se for assim, espero que ele deixe alguém para trás para nos deixar sair e não pretenda nos deixar aqui para morrer de fome.

– Não morreríamos de fome – contestou Ian logicamente. – Poderíamos viver de vinho por um longo tempo. Alguém virá antes que acabe.

Ele fez uma pausa, tentando imaginar como seria passar várias semanas bêbado.

– Essa é uma ideia.

Jamie se levantou, um pouco rígido por causa do frio, e foi vasculhar as prateleiras. Não havia luz alguma, fora a que passava pela fresta sob a porta da adega, mas Ian podia ouvir Jamie tirando garrafas de seus lugares e cheirando as rolhas.

Ele voltou em pouco tempo com uma garrafa e, se sentando novamente, arrancou a rolha com os dentes e a cuspiu de lado. Tomou um gole, depois outro, e então inclinou a garrafa para mais um trago generoso, antes de dá-la a Ian.

– Não é ruim – falou.

Não era, e não houve muita conversa por algum tempo. Mas por fim Jamie pousou a garrafa vazia, arrotou de leve e disse:

– É ela.

– O que é ela? Você quer dizer Rebekah. Ouso dizer – falou. E depois de um momento: – O que é ela?

– É ela – repetiu Jamie. – Lembra o que o judeu falou; Ephraim bar-Sefer? Sobre como a gangue sabia onde atacar porque recebia informação de alguma fonte externa? É ela. Ela contou a eles.

Jamie falou com tanta certeza que Ian ficou atônito por um momento, mas depois recobrou o raciocínio.

– Aquela menina? Sem dúvida, ela nos deu um golpe... E suponho que pelo menos soubesse do sequestro de Pierre, mas...

Jamie bufou.

– Sim, Pierre. Aquele sujeitinho lhe parece um criminoso ou um grande conspirador?

– Não, mas...

– E ela?

– Bem...

– Exatamente.

Jamie se levantou e foi até as prateleiras de novo, dessa vez voltando com o que, pelo cheiro, Ian identificou como um dos bons vinhos tintos locais. Era como beber as compotas de morango da mãe com torrada acompanhada de uma xícara de chá forte, ele pensou, aprovando.

– Além do mais – continuou Jamie, como se não tivesse havido uma interrupção em seu raciocínio –, se lembra do que a ama disse a ela? Quando tive minha cabeça afundada? "Ele talvez tivesse sido morto. Como você iria se sentir então?" Não, ela planejou a coisa toda... Fazer Pierre e seu pessoal parar a carruagem e fugir com as mulheres e o pergaminho, e sem dúvida *monsieur* Pickle também. *Mas*... – acrescentou, colocando um dedo na frente do rosto de Ian para impedi-lo de interromper – então Josef-da-Alsácia lhe diz que ladrões, e os mesmos ladrões de antes, ou alguns deles, atacaram o grupo com o dinheiro do dote. Você pode ver que não pode ter sido Pierre. Tem de ser ela quem contou a eles.

Ian foi obrigado a admitir a lógica daquilo. Pierre tinha entusiasmo, mas não poderia ser considerado um salteador profissional.

– Mas uma menina... – disse ele, desamparado. – Como poderia...

Jamie grunhiu.

– D'Eglise disse que o dr. Hasdi é um homem muito respeitado entre os judeus de Bordeaux. E ele é conhecido até em Paris. Do contrário, como poderia conseguir um marido para a neta? Mas não fala francês. Quer apostar comigo que ela não cuida da correspondência?

– Não – falou Ian, e tomou outro gole. – Droga. Aquele tapete. E as outras coisas que o senhor visconde mencionou... O *dote* dela.

Jamie fez um ruído de aprovação.

– Sim. Sua parte do arrecadado, provavelmente. Você pode ver que Pierre não tem muito dinheiro e perderia todas as propriedades quando se

convertesse. Ela estava preparando o ninho deles, no sentido de garantir que teriam o suficiente para viver. O suficiente para viver *bem*.

– Então, está certo – respondeu, depois de um momento de silêncio. – Aí está.

A tarde se arrastou. Depois da segunda garrafa, eles concordaram em não beber mais por ora, caso fosse necessária uma cabeça sóbria quando a porta se abrisse. Além de se afastar de tempos em tempos para urinar atrás da estante de vinhos mais distante, eles ficaram encolhidos nas escadas.

Jamie estava cantando a melodia distante do violino quando a porta *abriu*. Ele parou de repente e se colocou de pé desajeitadamente, quase caindo, os joelhos duros de frio.

– *Monsieurs*? – falou o mordomo, olhando para eles abaixo. – Poderiam fazer a gentileza de me acompanhar, por favor?

Para sua surpresa, o mordomo os conduziu para fora da casa, seguindo por uma pequena calçada, na direção da música distante. O ar do lado de fora era fresco e maravilhoso depois do ar parado da adega, e Jamie encheu os pulmões com ele, pensando em que inferno...

Então, fizeram uma curva na calçada e viram diante deles um jardim, iluminado por archotes fincados no chão. Um tanto descuidado, mas com uma fonte jorrando no centro – e junto à fonte uma espécie de dossel, seu tecido reluzindo pálido no crepúsculo. Havia um pequeno grupo de pessoas de pé junto a ele, conversando, e quando o mordomo parou, detendo-os com uma das mãos, o visconde Pierre se afastou das pessoas e foi na direção deles, sorrindo.

– Minhas desculpas pelo incômodo, cavalheiros – disse, um enorme sorriso dividindo seu rosto. Parecia embriagado, mas Jamie achou que não estava; nenhum cheiro de álcool. – Rebekah tinha de se preparar. E queríamos esperar a chegada da noite.

– Para fazer o quê? – perguntou Ian, desconfiado, e o visconde deu uma risada. Jamie não queria ser injusto com o homem, mas foi uma risada. Ele olhou para Ian, que olhou de volta. Sim, era uma risada.

– Para nos casarmos – respondeu Pierre, e embora sua voz ainda estivesse cheia de *joie de vivre*, ele disse as palavras com uma profunda reverência que tocou fundo no peito de Jamie. Pierre se virou e apontou com a mão para o céu que escurecia, onde as estrelas começavam a surgir

fracas e a cintilar. – Para dar sorte, sabe; que nossos descendentes sejam tão numerosos quanto as estrelas.

Jamie bufou, menos educadamente.

– Mas venham comigo, por favor – continuou Pierre, que já estava voltando a passos largos para o grupo de... Bem, Jamie imaginou que deviam ser convidados para o casamento... E chamando os escoceses a segui-lo.

Marie, a ama, estava lá, com algumas poucas outras mulheres; olhou desconfiada para Jamie e Ian. Mas era com os homens que o visconde estava preocupado. Disse algumas palavras aos convidados e três homens voltaram com ele, todos vestidos formalmente, embora de modo um tanto bizarro, com pequenos solidéus de veludo decorados com contas, e barbas enormes.

– Gostaria de lhes apresentar *monsieur* Gershom Ackerman e *monsieur* Levi Champfleur. Nossas testemunhas. E Reb Cohen, que irá celebrar.

Os homens trocaram apertos de mão, murmurando gentilezas. Jamie e Ian trocaram olhares. Por que *eles* estavam ali?

O visconde viu a troca de olhares e interpretou corretamente.

– Gostaria que retornassem ao dr. Hasdi – explicou, a efervescência em sua voz momentaneamente suplantada por uma nota cortante – e lhe dissessem que tudo, tudo foi feito de acordo com os costumes e segundo a Lei. Este casamento não será anulado. Por ninguém.

Ian também bufou, com menos polidez ainda.

E então, alguns minutos depois, eles se viram de pé junto com os convidados do sexo masculino – as mulheres estavam de pé do outro lado do dossel – observando enquanto Rebekah descia a calçada, retinindo levemente. Usava um vestido de seda vermelho-escura; Jamie podia ver a luz dos archotes mudar e reluzir em suas dobras enquanto ela se movia. Havia braceletes de ouro nos dois pulsos e um véu sobre cabeça e rosto, com uma espécie de tiara feita de anéis de ouro que descia por sua testa, com pequenos medalhões e sinos – que era o que produzia o retinido. Isso lembrou a ele do pergaminho da Torá e o pensamento o fez enrijecer um pouco.

Pierre estava de pé sob o dossel com o rabino; quando ela se aproximou ele se destacou. Ela foi até ele. Não o tocou, começando a dar voltas ao redor dele. De novo e de novo. Ela o contornou sete vezes, e os

pelos se arrepiaram um pouco na nuca de Jamie; aquilo tinha um leve toque de magia – ou bruxaria. Ela fez alguma coisa, prendendo o homem.

Rebekah ficou cara a cara com Jamie cada vez que deu uma volta e podia vê-lo à luz dos archotes, mas seus olhos estavam fixos à frente; não reconheceu ninguém – nem mesmo Pierre.

Mas então os círculos chegaram ao fim e ela se colocou ao lado dele. O rabino disse algumas palavras de boas-vindas aos convidados e depois, se voltando para os noivos, serviu uma taça de vinho e disse o que parecia uma bênção hebraica. Jamie entendeu o começo: "Abençoado seja Adonai, nosso Deus...", mas depois perdeu a sequência.

Pierre enfiou a mão no bolso quando Reb Cohen parou de falar, pegou um pequeno objeto – um anel – e, tomando a mão de Rebekah nas suas, colocou-o no indicador da mão direita, sorrindo para o rosto dela com uma ternura que, a despeito de tudo, cativou o coração de Jamie. A seguir, Pierre levantou o véu. Jamie vislumbrou a ternura recíproca no rosto de Rebekah um instante antes que o marido a beijasse.

A congregação suspirou em uníssono.

O rabino pegou uma folha de pergaminho de uma mesinha próxima. A coisa que ele chamara *ketubah*, Jamie viu – o contrato de casamento.

O rabino leu, primeiro num idioma que Jamie não reconheceu, depois novamente em francês. Não era muito diferente dos poucos contratos de casamento que ele tinha visto, definindo bens, o que era devido à noiva e tudo mais... Embora tivesse notado com desaprovação que era prevista a possibilidade de divórcio. Sua atenção então divagou um pouco; o rosto de Rebekah reluzia à luz dos archotes como pérola e marfim, e seu busto redondo era claramente visível quando respirava. A despeito de tudo que achava saber sobre ela, sentiu uma pontada de inveja de Pierre.

Com o contrato lido e colocado de lado cuidadosamente, o rabino recitou uma sequência de bênçãos; ele sabia serem bênçãos porque captou as palavras "Abençoado seja, Adonai..." várias vezes, embora o tema parecesse ser tudo desde a congregação até Jerusalém, pelo que podia entender. A noiva e o noivo tomaram outro gole de vinho.

Então, houve uma pausa e Jamie esperou alguma palavra oficial do rabino, unindo marido e mulher, mas isso não aconteceu. Em vez disso, uma das testemunhas pegou a taça de vinho, limpou-a com um guardanapo de linho e colocou no chão em frente a Pierre. Para espanto dos escoceses, ele pisou na taça e a multidão aplaudiu.

Por alguns momentos, tudo pareceu um casamento no interior, com todos se reunindo, querendo parabenizar o feliz casal. Mas o feliz casal estava indo na direção da casa, enquanto os convidados seguiam na direção de mesas postas no canto mais distante do jardim, cheias de comida e bebida.

– Venha – murmurou Jamie, e pegou Ian pelo braço. Foram apressados atrás dos recém-casados, Ian exigindo saber que inferno Jamie achava estar fazendo.

* * *

– Eu quero conversar com ela, sozinho. Você o detém, mantenha-o falando o máximo que puder.

– Eu... Como?

– Como vou saber? Você pensará em alguma coisa.

Tinham chegado à casa e, seguindo nos calcanhares de Pierre, ele viu que, por sorte, o homem parara para dizer algo a um empregado. Rebekah estava desaparecendo por um longo corredor; ele a viu colocar a mão numa porta.

– Eu lhe desejo a melhor sorte, homem! – falou ele, dando um tapinha tão empolgado no ombro de Pierre que o noivo cambaleou. Antes que pudesse se recuperar, Ian, muito obviamente entregando sua alma a Deus, se adiantou e o segurou pela mão, que apertou vigorosamente, ao mesmo tempo lançando a Jamie um olhar de "rápido, maldição".

Sorrindo, Jamie desceu apressado o corredor curto até a porta pela qual vira Rebekah desaparecer. Mas o sorriso sumiu quando sua mão tocou na maçaneta e o rosto que ele mostrou a ela ao entrar era o mais sério que conseguiu invocar.

Os olhos dela se arregalaram de choque e indignação ao vê-lo.

– O que está fazendo aqui? Ninguém pode vir aqui exceto eu e meu marido!

– Ele está a caminho – garantiu Jamie. – A questão é: chegará?

O pequeno punho dela se fechou de um modo que poderia ter sido cômico se ele não soubesse tanto sobre ela quanto sabia.

– Isso é uma ameaça? – perguntou ela, num tom tão incrédulo quanto ameaçador. – Aqui? Você ousa me ameaçar *aqui*?

– Sim, ouso. Eu quero aquele pergaminho.

– Bem, você não irá consegui-lo.

Ele viu o olhar dela passar pela mesa, em busca de um sino para pedir ajuda, ou algo com que acertá-lo na cabeça, mas a mesa não tinha nada a não ser uma travessa de pãezinhos recheados e doces exóticos. *Havia* uma garrafa de vinho, e ele viu seu olho pousar naquilo, calculando, mas esticou um braço comprido e a pegou antes que ela pudesse.

– Eu não o quero para mim. Quero levá-lo de volta ao seu avô.

– Ele? – reagiu, o rosto endurecendo. – Não. Para ele, vale mais do que eu – acrescentou, amarga –, mas pelo menos isso significa que posso usá-lo como proteção. Enquanto o tiver, ele não tentará machucar Pierre ou me arrastar de volta por medo de que o danifique. Eu fico com ele.

– Acho que seu avô ficará muito melhor sem você, e ele sem dúvida sabe disso – informou Jamie, e teve de ser firme contra a súbita expressão de dor nos olhos dela. Ele supunha que até mesmo aranhas deviam ter sentimentos, mas aquilo era irrelevante.

– Onde está Pierre? – cobrou ela, colocando-se de pé. – Se você tiver feito mal a um fio de seus cabelos, eu vou...

– Eu não tocaria no pobre idiota, nem Ian; quero dizer, Juan. Quando disse que ele poderia chegar a você ou não, me referi a se pensaria melhor em seu negócio.

– O quê? – reagiu, e ele acreditou que ela tinha empalidecido um pouco, mas era difícil dizer.

– Você me dá o pergaminho para levar de volta ao seu avô; uma cartinha de desculpas anexada não seria mau, mas não vou insistir nisso; ou Ian e eu levamos Pierre lá para fora e trocamos uma palavrinha franca sobre sua nova esposa.

– Diga o que quiser! Ele não acreditaria em nenhuma das suas histórias inventadas!

– É mesmo? E se eu lhe disser o que aconteceu com Ephraim bar-Sefer? E por quê?

– Quem? – reagiu, mas seus lábios ficaram pálidos, e colocou uma das mãos na mesa para se equilibrar.

– Você mesma sabe o que aconteceu a ele? Não? Bem, eu vou lhe contar, menina.

E contou, com uma seca brutalidade que a fez se sentar de repente, pequenas pérolas de suor surgindo ao redor dos medalhões de ouro que

pendiam sobre sua testa.

– Pierre já sabe pelo menos um pouco sobre a sua pequena gangue, acho; mas talvez não saiba que impiedosa mulherzinha gananciosa você é.

– Não fui eu! Eu não mato!

– Não fosse por você ele não estaria morto, e acredito que Pierre entenderá assim. Posso contar a ele onde o corpo está – acrescentou, mais delicadamente. – Eu mesmo enterrei o homem.

Os lábios dela estavam tão apertados que não aparecia nada a não ser uma linha branca reta.

– Você não tem muito tempo – falou ele, em tom mais baixo, mas olhando nos olhos dela. – Ian não pode detê-lo muito mais tempo. Se ele entrar, contarei tudo, na sua frente, e você fará tudo para convencê-lo de que sou um mentiroso.

Ela se levantou de repente, correntes e braceletes tilintando, e foi pisando duro até a porta do quarto interior. Ela a abriu, e Marie recuou, chocada.

Rebekah disse algo a ela em ladino, secamente, e com um pequeno engasgo a ama saiu apressada.

– Muito *bem* – respondeu Rebekah por entre dentes trincados, se virando para ele. – Pegue isso e vá para o inferno, *cachorro*.

– De fato irei, maldita putinha – retrucou com grande polidez. A mão dela se fechou ao redor de um pãozinho recheado, mas em vez de jogá-lo nele, o esmagou até não passar de uma pasta e migalhas, depois batendo com os restos de novo na travessa com uma pequena exclamação de fúria.

O doce retinir do pergaminho da Torá anunciou a chegada apressada de Marie, a coisa preciosa presa entre seus braços. Olhou para a senhora e, a um gesto de cabeça breve de Rebekah, a colocou com grande relutância nos braços do cão cristão.

Jamie se curvou, primeiro à ama e depois à senhora, e recuou na direção da porta.

– *Shalom* – concluiu ele, e fechou a porta um instante antes que a travessa de prata a atingisse com um baque agudo.

– Doeu muito? – perguntava Ian a Pierre com interesse quando Jamie chegou a eles.

– Meu Deus, você não tem ideia – respondeu Pierre com fervor. – Mas valeu a pena.

Ele dividiu um sorriso brilhante entre Ian e Jamie e fez uma mesura para os dois, nem mesmo notando o fardo envolto em lona nos braços de Jamie.

– Vocês devem me desculpar, cavalheiros, minha noiva me espera!

– O que doeu muito? – quis saber Jamie, enquanto abria caminho apressado, passando por uma porta lateral. Afinal, não fazia sentido chamar atenção.

– Você sabe que ele nasceu cristão, mas se converteu de modo a poder se casar com a mulherzinha – comentou Ian. – Então, teve de ser circuncidado.

Ian fez o sinal da cruz com a ideia, e Jamie riu.

– Qual é o nome daqueles insetos em que a fêmea arranca a cabeça do macho depois que ele dá início aos negócios? – perguntou Jamie, abrindo a porta com o traseiro.

Ian franziu o cenho por um tempo.

– Louva-deus, acho. Por quê?

– Acho que nosso amiguinho Pierre pode ter uma noite de núpcias mais interessante do que espera. Vamos.

BORDEAUX

Não era a pior coisa que já tivera de fazer, mas ele não estava ansioso por aquilo. Jamie fez uma pausa diante do portão da casa do dr. Hasdi, o pergaminho da Torá embalado nos braços. Ian parecia um pouco angustiado e Jamie achava saber o motivo. Uma coisa era ter de contar ao médico o que acontecera com a neta; já contar isso na sua frente tendo fresca na mente qual a sensação dos mamilos da neta... Ou da mão...

– Você não precisa entrar, homem – falou para Ian. – Posso fazer isso sozinho.

A boca de Ian se retorceu, mas ele sacudiu a cabeça e se colocou ao lado de Jamie.

– Estou à sua direita, homem – respondeu.

Jamie sorriu. Quando ele tinha 5 anos, o pai de Ian, o velho John, convencera o pai de Jamie a deixar o filho segurar uma espada com a mão esquerda, como estava acostumado a fazer. “E você, rapaz”, disse a Ian, muito sério, “é seu dever ficar à direita de seu senhor e proteger seu lado fraco”.

– Sim – comentou Jamie. – Então, vamos.

E tocou a campainha.

Depois, eles vagaram lentamente pelas ruas de Bordeaux, não seguindo em nenhuma direção determinada e sem falar muito.

O dr. Hasdi os recebera educadamente, embora com uma expressão que era uma mistura de horror e apreensão ao ver o pergaminho. Essa expressão se transformou em uma de alívio ao ouvir – o empregado sabia francês o suficiente para traduzir para eles – que sua neta estava em segurança; depois de choque, e finalmente uma expressão que Jamie não conseguiu interpretar. Seria raiva, tristeza, resignação?

Quando Jamie terminou a história, eles ficaram sentados desconfortáveis, sem saber o que fazer em seguida. O dr. Hasdi estava sentado à escrivaninha, as mãos pousadas no pergaminho. Ele ergueu a cabeça e anuiu para ambos, primeiro um, depois o outro. Seu rosto estava calmo, não revelando nada.

– Obrigado – disse num francês com sotaque forte. – *Shalom*.

– Está com fome? – perguntou Ian, apontando para uma pequena *boulangerie* cujas bandejas tinham pãezinhos recheados e grandes pães redondos perfumados. Ele estava morrendo de fome, embora meia hora antes tivesse um nó na barriga.

– Sim, talvez – disse Jamie, que no entanto continuou andando, então Ian deu de ombros e o seguiu.

– O que acha que o capitão fará quando contarmos?

Ian não estava muito incomodado. Sempre havia trabalho para um homem de bom tamanho que sabia o que fazer com uma espada. E ele era dono de suas próprias armas. Mas teriam de comprar uma espada para Jamie. Tudo o que ele usava, de pistolas a machado, pertencia a D'Eglise.

Estava tão ocupado calculando o custo de uma espada decente em relação ao que restava do pagamento de ambos que não notou que Jamie não respondia. Mas notou que o amigo caminhava mais rápido e, ao se apressar para alcançá-lo, viu para onde estavam indo. A taverna onde a garçonete bonita de cabelos castanhos tomara Jamie por judeu.

"Ah, então é assim?", pensou ele e escondeu um sorriso. Bem, havia uma forma de o rapaz provar à moça que não era judeu.

O lugar estava agitado quando entraram, e não no bom sentido; Ian sentiu instantaneamente. Havia soldados lá, soldados do exército e outros combatentes, mercenários como eles mesmos, e nenhum amor entre eles. Era possível cortar o ar com uma faca e, a julgar pela mancha de sangue parcialmente seca no piso, alguém já havia tentado.

Havia mulheres, mas menos do que antes, e as garçonetes mantinham os olhos em suas bandejas, sem flertar com ninguém.

Jamie não estava consciente da atmosfera; Ian podia vê-lo procurando por ela; a jovem de cabelos castanhos não estava naquele piso. Poderiam ter perguntado por ela, caso soubessem seu nome.

– No andar de cima, talvez? – sugeriu Ian, se esticando para dar quase um grito no ouvido de Jamie acima do barulho. Jamie concordou e começou a abrir caminho na multidão, Ian seguindo atrás, esperando que achassem a jovem rapidamente, para que ele pudesse comer enquanto Jamie ficava com ela.

As escadas estavam lotadas – de homens descendo. Havia algo errado lá em cima e Jamie empurrou alguém sobre a parede com um golpe, passando apressado. Uma ansiedade sem nome disparava por sua coluna, e ele estava quase pronto antes de passar por um pequeno agrupamento de espectadores no alto da escada e vê-los.

Grande Mathieu e a garota de cabelos castanhos. Havia uma grande sala aberta ali, com um corredor intercalado por vários cubículos pequenos; Mathieu segurava a garota pelo braço e a empurrava para o corredor com a mão em seu traseiro, apesar dos protestos dela.

– Solte-a! – ordenou Jamie, sem gritar, mas elevando a voz o suficiente para ser escutado. Mathieu não deu qualquer atenção, embora todos os outros tivessem se virado para olhar para Jamie, assustados.

Ele ouviu o murmúrio de “José, Maria e Brígida cuidem de nós” atrás dele, mas não prestou atenção. Cobriu a distância até Mathieu em três passos e chutou seu traseiro.

Ele se encolheu por reflexo, mas Mathieu se limitou a virar e olhar feio, ignorando os engasgos e risos dos espectadores.

– Mais tarde, garotinho. Estou ocupado agora.

Pegou a jovem com um braço grande e a beijou, esfregando seu rosto com barba por fazer sobre o dela, que guinchou e o empurrou para se soltar.

Jamie sacou a pistola da cinta.

– Eu disse para soltá-la.

O barulho cessou, mas ele mal notou, com o sangue rugindo em seus ouvidos.

Mathieu virou a cabeça, incrédulo. Depois, bufou de desprezo, deu um sorriso desagradável e empurrou a garota na parede, onde ela bateu com a cabeça num baque surdo, e a prendeu lá com o corpo.

A pistola estava preparada.

– *Salop*! – rugiu Jamie. – Não toque nela! Solte-a!

Ele trincou os dentes e apontou com as duas mãos, a fúria e o medo fazendo as mãos tremerem.

Mathieu sequer olhou para ele. O homem grande virou um pouco, uma mão relaxada no peito dela. Ela guinchou quando ele torceu seu seio, e Jamie disparou. Mathieu deu meia-volta, a pistola que ele tinha escondido no próprio cinto agora em sua mão, e o ar sacudiu numa explosão de som e fumaça branca.

Houve gritos de preocupação, excitação – e outra pistola foi disparada, em algum ponto atrás de Jamie. "Ian?", pensou fracamente, mas não, Ian estava correndo na direção de Mathieu, saltando na direção do enorme braço que se erguia, o cano da segunda pistola desenhando círculos enquanto Mathieu lutava para apontá-la para Jamie. Ela disparou e a bala atingiu uma das lanternas colocadas sobre as mesas, que explodiu com um chiado e uma bola de chamas.

Jamie tinha invertido sua pistola e martelava a cabeça de Mathieu com a coronha antes de ter consciência de ter cruzado a sala. Os olhos de porco louco de Mathieu eram quase invisíveis, apertados com o prazer da luta, e a cortina de sangue que de repente escorria sobre seu rosto não fazia nada além de destacar seu sorriso, sangue escorrendo entre os dentes. Ele se livrou de Ian com um empurrão que o jogou contra a parede, depois passou um grande braço quase relaxadamente pelo corpo de Jamie e, com um movimento de cabeça, o acertou no rosto.

Jamie tinha virado a cabeça por reflexo, desse modo evitando um nariz quebrado, mas o impacto esmagou a carne do maxilar sobre os dentes, e sua boca se encheu de sangue. A cabeça girava com a força do golpe, mas colocou a mão sob o maxilar de Mathieu e empurrou para cima com toda força, tentando quebrar o pescoço do homem. Mas sua mão escorregou na pele coberta de suor e gordura, e Mathieu soltou o braço para tentar dar

uma joelhada nas bolas de Jamie. Um joelho que era uma bala de canhão desferiu um golpe lancinante na coxa quando Jamie se soltou do aperto. Ele agarrou o braço de Mathieu no instante em que Ian chegava se esgueirando pela lateral e segurava o outro. Sem hesitar um momento, os enormes antebraços de Mathieu retorceram; ele agarrou os escoceses pela nuca e bateu uma cabeça na outra.

Jamie não conseguia ver e mal conseguia se mexer, mas continuou se movendo mesmo assim, agarrando cegamente. Estava no chão, podia sentir as tábuas, umidade... Sua mão tateando tocou carne e ele se lançou para a frente, mordendo Mathieu com toda força na panturrilha. Sangue fresco encheu sua boca, mais quente que o seu, e ele engasgou, mas continuou com os dentes trincados sobre a carne peluda, se aferrando à perna que se sacudia freneticamente. Seus ouvidos zumbiam, ele tinha uma noção vaga de gritos e berros, mas não importava.

Algo tinha caído sobre ele, e nada importava. Um pequeno resto de sua consciência registrou surpresa e depois também isso sumiu. Nenhuma dor, nenhum pensamento. Ele era uma coisa vermelha e, embora visse coisas, rostos, sangue, partes da sala, isso não importava. O sangue tomou conta dele, e quando uma noção de si mesmo retornou ele estava ajoelhado, montado no homem, mãos ao redor do pescoço grande dele, mãos latejando com uma forte pulsação, que não sabia dizer se era sua ou de sua vítima.

Ele. Ele. Ele perdera o nome do homem. Seus olhos saltavam, a boca ferida babava e engasgava, e houve um pequeno estalo doce quando algo se partiu sob os polegares de Jamie. Ele apertou com toda força, apertou, apertou, e sentiu o enorme corpo abaixo dele ficar flácido.

Continuou apertando, não conseguiu parar, até uma mão segurá-lo pelo braço e sacudi-lo com força.

– Pare – grunhiu uma voz em seu ouvido. – Jamie. Pare.

Ele piscou e ergueu os olhos para o rosto branco e ossudo, incapaz de dar um nome a ele. Então, inspirou – a primeira vez em que se lembrava de inspirar após algum tempo – e com isso veio um fedor, sangue, merda e suor azedo, e de repente teve consciência da terrível sensação esponjosa do corpo no qual estava sentado. Ele se afastou desajeitadamente, se esparramando no chão quando seus músculos tiveram espasmos e tremeram.

Então, a viu.

Estava caída disforme junto à parede, curvada sobre si mesma, os cabelos castanhos espalhados sobre as tábuas. Ficou de joelhos e engatinhou até ela. Estava fazendo um pequeno ruído choramingado, tentando falar, não encontrando palavras. Chegou à parede e a tomou nos braços, flácida, a cabeça balançando, batendo no ombro dele, os cabelos macios sobre seu rosto, cheirando a fumaça e a seu próprio almíscar doce.

– *A nighean*. Uma menina – falou ele. – Cristo, uma menina. Você está...

– Jesus – disse Ian, desabando ao seu lado. Seu amigo ainda agarrava um punhal sujo de sangue. – Ah, Jesus, Jamie.

Ele ergueu os olhos, confuso, desesperado, e então os baixou enquanto o corpo da garota escorregava de seu aperto e caía sobre os joelhos com uma impossível graça desossada, o pequeno buraco escuro em seu seio branco sujo com apenas um pouco de sangue. Não muito.

Ele obrigara Jamie a acompanhá-lo à catedral de S. André e insistiu em que se confessasse. Jamie se recusara – nenhuma grande surpresa.

– Não, não posso.

– Iremos juntos.

Ian o segurara firme pelo braço e literalmente o arrastara porta adentro. Uma vez lá, ele contava que a atmosfera do lugar mantivesse Jamie ali.

Seu amigo ficou imóvel, os brancos dos olhos se destacando enquanto espiava ao redor, desconfiado.

A cúpula de pedra do teto se elevava para a sombra acima, mas poças de luz colorida vinda dos vitrais pousavam nas lajes gastas da nave.

– Eu não deveria estar aqui – murmurou Jamie.

– Onde seria melhor, idiota? Venha – murmurou Ian de volta, e empurrou Jamie pela nave lateral até a capela de Saint Estephe. A maioria das capelas laterais era ricamente decorada, monumentos à importância das famílias ricas. Aquela era uma pequena alcova de pedra sem decoração, contendo pouco mais que um altar, uma tapeçaria desbotada de um santo sem rosto e um pequeno suporte onde era possível colocar velas.

– Fique aqui.

Ian deixou Jamie imóvel em frente ao altar e saiu para comprar uma vela da velha que as vendia perto da entrada principal. Mudara de ideia

sobre fazer Jamie ir ao confessionário; ele sabia muito bem quando podia obrigar um Fraser a fazer algo, e quando não podia.

Estava um pouco preocupado que Jamie pudesse sair e voltou depressa para a capela, mas o amigo ainda estava lá, de pé no meio do espaço apertado, cabeça baixa, olhando para o chão.

– Aqui estamos – falou Ian, empurrando-o na direção do altar. Colocou a vela, uma das caras, cera de abelha e grande, no suporte e tirou da manga o rolo de papel que a velha lhe dera, oferecendo-o a Jamie. – Acenda. Faremos uma prece por seu pai. E... E por ela.

Ele podia ver lágrimas tremendo nos cílios de Jamie, reluzindo ao brilho vermelho da lanterna votiva pendurada acima do altar, mas Jamie piscou para contê-las e trincou o maxilar.

– Certo – respondeu, voz baixa, mas hesitou. Ian suspirou, tomou o papel de sua mão e, ficando na ponta dos pés, acendeu-o na lanterna votiva.

– Faça isso ou acertarei um forte soco no seu rim, bem aqui – sussurrou, dando-o a Jamie.

Jamie soltou um som que poderia ser quase um riso e baixou o papel aceso até o pavio da vela. O fogo se ergueu, uma chama alta e pura com azul no cerne, depois baixou quando Jamie afastou o papel e o apagou numa nuvem de fumaça.

Ficaram algum tempo de pé, mãos cruzadas frouxamente à frente do corpo, vendo a vela queimar. Ian rezou por sua mãe e seu pai, sua irmã e as crianças... Hesitando um pouco (seria adequado rezar por um judeu?), por Rebekah bat-Leah e, olhando de esguelha para Jamie, para garantir que não estava vendo, por Jenny Fraser. Depois pela alma de Brian Fraser... E então, com olhos apertados, pelo amigo ao seu lado.

Os sons da igreja morreram, as pedras sussurrantes e os ecos da madeira, o arrastar de pés e os arrulhos dos pombos no telhado. Ian parou de falar palavras, mas continuou a rezar. E então também aquilo parou e restaram apenas a paz e as batidas suaves de seu coração.

Ele ouviu Jamie suspirar, de algum lugar bem fundo, e abriu os olhos. Sem falar, eles saíram, deixando a vela montando guarda.

– Você não quer mesmo se confessar? – perguntou Jamie, parando perto da porta principal da igreja. Havia um padre no confessionário; duas ou três pessoas estavam de pé a uma distância discreta da cabine de madeira esculpida, fora do alcance das vozes, esperando.

– Isso pode esperar – replicou Ian, dando de ombros. – Se você vai para o inferno, eu também posso ir. Deus sabe que você nunca conseguirá sozinho.

Jamie sorriu – um sorriso pequeno, mas mesmo assim –, e abriu a porta para a luz do sol.

Eles caminharam sem direção por algum tempo, sem falar, e se viram à margem do rio, observando as águas escuras do Garonne correrem, levando detritos de uma tempestade recente.

– Significa "paz" – disse Jamie. – O que ele me disse. O médico. "*Shalom*".

Ian achou aquilo bom.

– Sim. Mas a paz não é nosso negócio agora, é? Somos soldados. – Ele apontou com o queixo para o píer próximo, onde um paquete estava ancorado. – Ouvi dizer que o rei da Prússia precisa de alguns bons homens.

– Ele precisa – disse Jamie, e esticou os ombros. – Então,vamos.

Nota da autora

Gostaria de agradecer a ajuda de várias pessoas na pesquisa de aspectos da história, da lei e dos costumes judaicos para este conto. Elle Druskin (autora de *To Catch a Cop*), Sarah Meyer (parteira registrada), Carol Krenz, Celia K. e a senhora sua mãe, e especialmente Darlene Marshall (autora de *Castaway Dreams*). Tenho uma grande dívida para com o livro muito útil do rabino Joseph Telushkin, *Jewish Literacy*. Quaisquer erros são meus.

* * *

Sherilynn Kenyon

Cuidado com o que procura – porque você pode *encontrar*.

Sherilynn Kenyon é uma das estrelas do romance paranormal. É mais conhecida pela série em 22 volumes "Dark-Hunter", que inclui títulos como *Night Embrace*, *Dance with the Devil*, *Kiss of the Night* e *Bad Moon Rising*, e se estende a mangá e contos, além de romances; mas ela também é autora da série "League", com *Born of the Night*, *Born of Fire*, *Born of Ice: Love in Another Time, Another Place* e *Born of Shadows*, e a série "Chronicles of Nick", com *Infinity* e *Invincible*. Também produziu a sequência de quatro volumes "B.A.D. (Bureau of American Defense)", dos quais dois foram escritos em parceria com Dianna Love, incluindo *Bad Attitude*, *Phantom in the Night* e a antologia *Born to be BAD*, e a sequência de três livros "Belador Code", novamente em parceria com Dianna Love. Seus romances mais recentes são *Born of Silence*, da série "League", e *Infamous*, parte da série "Chronicles of Nick". Há um compêndio sobre a série "Dark-Hunter", *The Dark-Hunter Companion*, escrito por Kenyon e Alethea Kontis, e Kenyon também escreveu não ficção, como *The Writer's Guide to Everyday Life in the Middle Ages* e *The Writer's Digest Character Naming Sourcebook*. Ela mora em Spring Hill, Tennessee, e mantém o site sherrilynkenyon.com.

O INFERNO NÃO TEM FÚRIA

BASEADO EM UMA LENDA REAL

– Não acho que devêssemos estar aqui.

– Ah, vamos lá, Cait, calma. Está tudo bem. Nós instalamos o equipamento, e...

– Sinto como se alguém estivesse me observando.

Cait Irwin se virou devagar, estudando a mata densa, que parecia ainda mais sinistra com o sol se pondo. As árvores se espalhavam em todas as direções, tão grossas e numerosas que ela sequer conseguia ver onde estacionaram o carro, quanto mais a rodovia que ficara tão para trás que nada podia ser ouvido de lá.

"Poderíamos morrer aqui e ninguém saberia..."

Anne, sua melhor amiga de infância, projetou o quadril enquanto baixava a câmera térmica para dar um sorrisinho para Cait.

– Espero que alguém a *esteja* observando... Em qual direção devo filmar?

Cait balançou a cabeça com a brincadeira da amiga. Não havia nada que Anne adorasse mais que um bom encontro com um fantasma.

– Anne, não estou brincando. Há alguma coisa aqui – falou, e a encarou com um olhar cáustico. – Você me trouxe junto porque sou médium, certo?

– É.

– Então, confie em mim. Isto – respondeu Cait, esfregando os braços arrepiados – não está certo.

– O que está acontecendo? – perguntou Brandon, pousando a grande caixa da câmera junto aos pés de Anne enquanto se juntava a elas. Ele e

Jamie tinham ido pegar as câmeras e os gravadores digitais para a noite.

Enquanto ela e Anne eram frágeis, Brandon e Jamie eram corpulentos. Brandon mais por causa da cerveja e de zapear televisão, mas Jamie por horas na academia. Mesmo assim, com seus cabelos louros e olhos azuis, Brandon tinha a boa aparência de um escoteiro. Mas Jamie tinha toda aquela coisa soturna de ranzinza sensual que fazia a maioria das mulheres derreter e rir sempre que ele olhava para elas.

Anne apontou para ela com um gesto de queixo.

– A menina maravilha aqui já está pegando alguma coisa.

Brandon arregalou os olhos.

– Espero que você queira dizer algo espiritual, e não alguma doença do mato para a qual não temos imunidade. Deixei minha vitamina C em casa.

Cait estremeceu quando outra onda de apreensão a percorreu. Aquela foi ainda mais forte que a anterior.

– E de quem foi esta ideia brilhante?

Anne apontou para Brandon, que sorriu, orgulhoso.

Ele piscou para ela.

– Vamos lá, Cait. Esta é uma cidade fantasma. Não podemos investigar uma destas todo dia. Com certeza, você, que tem disposição inabalável, não está se contorcendo como uma menininha num filme de terror.

– Buu!

Cait deu um gritinho quando Jamie a agarrou pelas costas.

Rindo, ele deu a volta, depois tirou sua mochila Alienware do ombro e a colocou junto à caixa da câmera.

Olhou para a montanha que andava.

– Maldição, Jamie! Não foi engraçado!

– Não, mas *você* foi. Não sabia que conseguia pular tão alto. Estou impressionado.

Sibilando para ele como um gato selvagem, ela agitou as unhas na direção dele.

– Se não soubesse que isso se voltaria contra mim eu o amaldiçoaria.

Ele lançou aquele sorriso diabólico que era ladeado por covinhas tão fundas que formavam luas em suas bochechas.

– Ah, querida, você pode me amaldiçoar a hora que quiser!

Cait reprimiu a vontade de estrangulá-lo. Acabou deixando de lado a exasperação, um professor de artes marciais que tinha o corpo de um

Rambo poderia ser útil um dia. E seus sentidos de aranha lhe diziam que esse dia poderia não estar muito distante.

– Não deveríamos estar aqui – repetiu ela, mordendo o lábio enquanto olhava ao redor, tentando descobrir o que a deixara tão abalada.

– Ninguém deveria – disse Brandon num tom perturbador. – Este solo é amaldiçoado. Úúúúúúú.

Ela o ignorou. Mas ele estava certo. Houve uma época em que Randolph County tinha sido o condado mais rico do Alabama. Até que os moradores obrigaram uma comerciante nativa americana a deixar para trás sua loja e seguir pela Trilha de Lágrimas.

– *Louina*...

Cait deu um pulo ao ouvir o sussurro leve do nome da mulher; era o mesmo nome da cidade fantasma na qual estavam. Bastante cruel dar à cidade o nome da mulher que foi expulsa dela sem motivo real.

– *Louina* – repetiu a voz, ainda mais insistente que antes.

– Vocês ouviram isso? – perguntou ela aos outros.

– Ouvir o quê? – respondeu Jamie, conferindo o gravador. – Não estou captando nada.

Algo bateu forte no peito dela, forçando-a a recuar um passo. Seus amigos e a floresta desapareceram. De repente, ela se viu dentro de um velho armazém. O cheiro de paredes e piso de tábuas de pinheiro se misturava ao de temperos e farinha. Mas eram os sabões no balcão diante dela que tinham cheiro mais forte.

Uma mulher nativa americana mais velha, com o cabelo trançado e enrolado na cabeça, arrumava os potes no balcão enquanto uma mulher grávida mais jovem com traços parecidos se apoiava na extremidade oposta.

Mas o que chocou Cait foi o quanto ela se parecia com a mulher mais velha. Até o cabelo preto e as sobrancelhas altas.

A mulher mais jovem – Elizabeth; Cait não tinha ideia de como sabia disso, mas sabia – enfiou a mão em um dos potes de vidro e pegou um pedaço de alcaçuz.

– Eles vão obrigá-la a partir, Lou. Eu os ouvi conversando sobre isso.

Louina debochou do alerta da irmã antes de recolocar a tampa e afastar o pote dela.

– Nosso povo estava aqui muito antes deles, e estaremos aqui muito depois que tiverem partido. Guarde minhas palavras, Lizzie.

Elizabeth engoliu seu pedaço de alcaçuz.

– Não ouviu falar do que eles fizeram com os *cherokee* na Geórgia?

– Ouvi. Mas os *cherokee* não são os *creek*. Nossa nação é forte.

Elizabeth teve um espasmo, depois colocou a mão sobre a barriga distendida onde o bebê chutara.

– Ele fica aborrecido sempre que penso em você sendo obrigada a partir.

– Então, não pense nisso. Não vai acontecer. Não depois de tanto tempo que estive aqui.

– Cait!

Cait deu um pulo quando Jamie gritou junto ao seu rosto.

– O-o quê?

– Está conosco? Você apagou por um segundo.

Piscando, ela sacudiu a cabeça para se livrar das imagens, que pareceram tão reais que conseguira sentir o gosto do alcaçuz de Elizabeth.

– Onde ficava a mercearia original que disseram que havia aqui?

Brandon deu de ombros.

– Nenhuma ideia. Não conseguimos encontrar informação sobre isso, a não ser que era propriedade de uma mulher nativa americana que deu nome à cidade. Por quê?

Porque ela tinha a sensação ruim de que estavam de pé em cima dela. Mas não havia nada que corroborasse isso. Nada além de uma sensação ruim na boca do estômago.

De fato, não restava nada daquela cidade antes próspera além das fileiras de cruzes num cemitério esquecido e um marco que proclamava ser Louina, Alabama.

Aquele pensamento mal foi concluído e ela novamente viu Louina em sua mente. Estava de pé a pequena distância, à esquerda de Cait, com duas carroças cheias de todo dinheiro e suprimentos que conseguiu carregar. Furiosa, ela cuspiu no chão e depois falou em *creek* com os homens que foram confiscar sua casa e sua loja, e obrigá-la a partir.

Cait sabia que era *creek*, um idioma que ela não conhecia nem um pouco, mas, ainda assim, as palavras lhe soaram tão claras quanto se tivessem sido ditas na sua língua.

– Eu amaldiçoo este solo e todos que vivem aqui. Pelo que fizeram a mim... Pela crueldade que demonstraram aos outros, ninguém fará meu negócio prosperar e, quando minha irmã passar desta existência para a

seguinte, dez anos depois dessa data não restará nada desta cidade exceto lápides.

O xerife e os assistentes enviados para escoltá-la de sua casa riram na sua cara.

– Vamos lá, não seja assim, Louina. Isso não é nada contra você.

– Não, mas é pessoal contra *vocês* – respondeu ela, lançando um olhar agressivo sobre todos eles. – Ninguém se lembrará de que qualquer um de vocês tenha um dia respirado, mas lembrarão do meu nome, Louina, e a atrocidade que cometeram contra mim.

Um dos assistentes veio da traseira da segunda carroça com uma expressão dura.

– Louina? Isto não pode ser tudo o que você tem.

Um sorriso cruel curvou os lábios dela.

– Eu não consigo carregar todo o meu ouro.

Isso despertou o interesse dos assistentes.

– Onde você o deixou? – perguntou o xerife.

– No lugar mais seguro que conheço. Nos braços de meu amado marido.

O xerife passou o polegar pela beirada dos lábios.

– É, mas ninguém sabe onde você o enterrou.

– Eu sei, e não vou me esquecer... – retrucou, depois lançou um olhar gelado sobre todos. – De nada.

E com isso ela subiu em sua carroça e partiu sem olhar para trás. Mas não havia como deixar de notar a grande satisfação em seus olhos.

Ela estava deixando para trás mais do que sua loja.

Cait podia ouvir a maldade de Louina como se fossem seus próprios pensamentos. “Eles irão se destruir procurando o ouro que meu marido nunca irá entregar...”

Era a vingança final de Louina.

Comprovada pelas assustadoras fileiras de túmulos marcados por cruzes no velho cemitério da igreja batista missionária Liberty.

As fraquezas de nosso inimigo são nossa força.

Faça meu inimigo corajoso, inteligente e forte, para que, caso derrotada, eu não fique envergonhada.

Cait sentiu Louina próxima de si como sua sombra. Uma parte dela que só podia ver se a luz a banhasse.

Louina sussurrou em seu ouvido, mas dessa vez Cait não entendeu as palavras. Mas era inconfundível a sensação de medo sufocante que não passava, por mais que tentasse.

Ela suspirou antes de implorar ao grupo mais uma vez.

– Precisamos ir embora.

Todos os três se recusaram.

– Acabamos de instalar o equipamento.

– O quê? Agora? Ficamos aqui o dia inteiro!

– Sério, Cait? O que está pensando?

Eles falaram ao mesmo tempo, mas cada voz era tão clara quanto a de Louina.

– *Não* deveríamos estar aqui – insistiu. – A própria terra está me dizendo que temos de partir. Dane-se o equipamento, está no seguro.

– Não! – recusou-se Brandon, irredutível.

Foi então que ela entendeu por que estavam sendo teimosos, considerando que Brandon passara a vida inteira dizendo que, se você se deparasse com uma assombração malévola, deveria abandonar o lugar. Porque nada valia o risco de ser possuído.

Apenas uma coisa faria com que ele e Jamie se esquecessem das próprias crenças.

Ganância.

– Vocês não estão aqui por causa dos fantasmas. Vocês estão aqui por causa do *tesouro*.

Jamie e Brandon trocaram olhares nervosos.

– Ela é médium – lembrou Anne.

Brandon xingou.

– Quem lhe contou sobre o tesouro?

– Louina.

– Ela pode lhe contar onde está? – perguntou Jamie, esperançoso.

Cait fechou a cara para ele.

– É só com isso que está preocupado?

– Bem... Não *só isso*. Nós *estamos* aqui por causa da ciência. Também tem a curiosidade. Mas vamos encarar, o equipamento não é barato, e alguma compensação não seria nada mau.

A escolha de palavras dele só aumentou sua apreensão.

– Você não consegue sentir a raiva aqui? – perguntou ela, fazendo um gesto na direção do cemitério; aquele fora o primeiro lugar onde eles

instalaram o equipamento, e onde suas sensações ruins começaram. – É tão densa que posso sentir o cheiro.

– Eu sinto umidade.

Jamie ergueu a mão.

– Eu fico com a fome.

– Aborrecimento – acrescentou Brandon. – Olhe, é só por uma noite. Eu e Jamie vamos passar o detector por algum tempo e tentar encontrar um lugar onde cavar.

Como ele podia parecer tão alegre com o que estavam planejando?

– Vocês estarão cavando uma cova.

Eles ficaram paralisados.

– O quê? – perguntou Brandon.

Cait anuiu.

– O tesouro está enterrado com o marido de Louina, William, que foi um dos líderes dos *creek* durante a guerra dos Red Sticks.

Jamie apertou os olhos, desconfiado.

– Como sabe de tudo isso?

– Eu lhe disse. Louina. Ela não para de falar comigo.

Brandon bufou.

– Eu aposto no Google. Boa tentativa, C. Você sabe onde o dinheiro está e tenta nos afugentar. Nada feito, irmãzinha. Eu quero minha parte.

Rindo, Jamie deu um empurrão nas suas costas, depois foi à geladeira pegar uma cerveja.

Anne chegou mais perto dela.

– Você está falando sério sobre isso?

Cait fez que sim com a cabeça.

– Gostaria que acreditassem em mim. Mas sim. Não deveríamos estar aqui. Esta terra está saturada de maldade. É como um rio correndo sob a superfície.

E com essas palavras ela perdeu o apoio de Anne.

– Terra não pode ser má ou amaldiçoada. Você sabe disso – falou, e foi na direção dos homens.

Cait sabia. Sendo ela mesma em parte *creek*, fora criada segundo a crença da mãe em que se alguém odiava *o suficiente*, podia transferir esse ódio para objetos e o solo. Ambos eram como esponjas – podiam manter o ódio por gerações.

Louina estava por ali, e estava com raiva.

Acima de tudo, era vingativa.

"E está vindo nos pegar..."

Cait se sentiu uma leprosa sentada sozinha junto à fogueira, comendo sua barra de proteínas. Os outros estavam na mata, tentando invocar a entidade que ela sabia estar ali.

– Louina? – chamou Jamie, sua voz grave ecoando pela mata. – Se pode me ouvir, me dê um sinal.

Embora essa fosse uma frase comum, por alguma razão a incomodou naquela noite. Debochou dele em silêncio enquanto baixava mais a embalagem da barra de proteínas.

De repente, houve um grito.

Cait levantou de um pulo e escutou com atenção. Quem havia sido, e onde eles estavam? Seu coração latejava em seus ouvidos.

– Brandon! – gritou Anne, sua voz ecoando na mata.

Cait correu na direção deles o mais rápido que conseguiu.

Quando os encontrou, Brandon estava caído de costas com um galho de árvore se projetando do braço.

– *Ele disse que queria uma parte...*

Ela se virou de repente, tentando localizar a voz que falara alto e claro.

– Vocês ouviram isso? – perguntou aos outros.

– Tudo o que eu ouço é Brandon choramingando como uma menina. Chega disso, cara. Porra. Se continuar com isso, vou lhe comprar um sutiã.

– Vá se foder! – rosnou ele para Jamie. – Deixe que eu o fure com um ramo para ver como você se sente. Você é a menininha. Babaca!

– Meninos! – disse Cait, se colocando entre eles. – O que aconteceu?

– Não sei – sibilou Brandon, enquanto Anne tentava dar uma olhada no ferimento. – Eu estava andando, passando a câmera térmica, quando de repente tropecei e caí numa árvore. E quando olhei... Isto! – Ele ergueu o braço para que ela visse.

Se encolhendo, Cait desviou os olhos do ferimento horrendo.

– Precisamos levá-lo ao hospital.

– De jeito nenhum – alegou Brandon. – Eu vou ficar bem.

– Eu retiro o que eu disse. Você não é uma menininha. Você é maluco. Olhe o ferimento. Odeio concordar com Cait, porque duvido que haja um hospital por perto, mas você precisa de ajuda.

– É um ferimento superficial.

Cait balançou a cabeça.

– Anne, você nunca deveria ter deixado que ele visse Monty Python.

– Eu nunca deveria ter deixado que ele fosse sozinho ao banheiro – completou Anne, rosnando para ele. – Ela está certa. Você precisa ir ao médico. Pode pegar raiva ou algo assim.

Claro, porque árvores com raiva eram um *enorme* problema ali no Alabama. Cait conseguiu por pouco se conter antes de rir. Anne odiava que rissem dela.

– Eu não vou embora até encontrar aquele tesouro!

Ganância, orgulho e estupidez. As três características mais fatais que qualquer ser humano podia possuir.

Um vento repentino soprou ao redor deles. Dessa vez, ela não foi a única a ouvir o riso que ele carregava.

– O que foi isso? – perguntou Jamie.

– Louina.

– Quer *parar* com essa merda? – cortou Brandon com dentes trincados. – Você está me deixando nervoso.

E eles a estavam deixando nervosa.

Certo. Como queiram. Ela não ia mais discutir. A vida era deles. O ferimento era dele. Quem era ela para mantê-lo a salvo quando ele não tinha interesse nisso?

Com as mãos nos quadris, Jamie suspirou.

– Quantas chances temos de que, supondo que Cait esteja certa e o marido de Louina esteja com o ouro em sua cova, seja no cemitério? A maioria dos nativos americanos nesta região não se converteu a batista?

Cait balançou a cabeça.

– Ele não está lá.

– O que a leva a dizer isso?

– Se fosse tão fácil de encontrar, ele teria sido encontrado há muito tempo.

– É, bem pensado. De volta à primeira casa – disse Jamie, dando uma olhada em Brandon. – Você tem certeza quanto ao médico?

– Absoluta.

– Certo. Eu vou voltar. Cait? Você vem?

– Você não pode ir sozinho.

Ela o seguiu enquanto ele acendia a lanterna e voltava até o detector de campo eletromagnético e o medidor de íons no ar.

– Quer pegar isto? – perguntou ele, estendendo a ela seu gravador de amplo espectro.

– Claro.

Ela o abriu e ligou, para poder ver o mundo através da amplitude da telinha.

Depois de alguns minutos, ele parou.

– Você acredita em alguma das besteiras que está dizendo?

– Você me conhece, James. Eu alguma vez falei besteiras em campo?

– Não. É o que me deixa preocupado – respondeu, olhando para ela. – Alguma vez lhe contei que minha bisavó era *cherokee*?

– Não, nunca.

Ele anuiu.

– Ela morreu quando eu tinha 6 anos, mas ainda me lembro dela, e uma coisa que ela sempre dizia continua a ecoar na minha cabeça.

– O quê?

– "Escute, ou sua língua o deixará surdo."

Cait estava prestes a parabenizar a sabedoria dela quando baixou os olhos para a tela.

Santa Mãe...

Engasgando, ela largou a câmera e deu um pulo para trás.

– O quê?

Jamie se virou para ver se havia algo perto.

Aterrorizada e tremendo, Cait não conseguia falar. Não conseguia tirar a imagem da cabeça. Apontou para a câmera.

Com o cenho franzido, Jamie a pegou e voltou a gravação. Mesmo na escuridão ela soube o instante em que ele viu aquilo que a deixara muda. Ele ficou branco.

Imediatamente antes de ele falar sobre a bisavó *cherokee*, uma... coisa enorme com presas estava prestes a se lançar sobre ele. Olhos escuros sem alma olhavam para baixo enquanto sua boca se abria para devorá-lo. Então, no momento em que ele repetira a citação, a criatura recuara e desaparecera.

Com os olhos arregalados, ele engoliu em seco.

– Temos de ir embora.

Ela concordou com a cabeça, porque ainda não conseguia falar. Jamie segurou seu braço gentilmente e a conduziu pela mata de volta até onde deixaram Anne e Brandon.

Eles já tinham ido. Jamie grunhiu de frustração.

– Brandon! – chamou ele. – Anne?

Apenas o silêncio respondeu.

– *Todos os que vivem aqui irão pagar...* – disse a voz de Louina, mais insistente naquele momento. – *Mas eu machuco aqueles que não amaldiçoei*.

Cait se encolheu ao ver uma imagem de Elizabeth como uma velha numa cabana simples construída à mão. Seu cabelo branco estava preso atrás num coque enquanto ela acendia uma vela e a colocava na janela, sussurrando uma prece *creek*.

Ó, Grande Espírito Pai cuja voz eu ouço no vento

Cujo hálito dá vida a todo o mundo e ao lado de quem tentei caminhar todos os meus dias.

Ouça-me, preciso de sua força e sabedoria.

Permita-me andar na beleza e faça meus olhos para sempre verem os ocasos gloriosos que produziu.

Faça minhas mãos respeitarem as coisas que criou e meus ouvidos aguçados para ouvir sua voz mesmo quando não for mais do que um leve sussurro.

Faça-me sábia para que eu possa entender as coisas que ensinou ao meu povo. E por que tirou coisas de mim que me causaram dor.

Ajude-me a permanecer calma e forte face a tudo que se abate sobre mim. Contra meus inimigos e aqueles que querem me causar mal.

Permita-me aprender as lições que escondeu em toda folha e pedra. Na alegria do córrego. Na luz da lua e do sol.

Ajude-me a buscar pensamentos puros e agir com a intenção de ajudar aos outros e nunca a mim mesma.

Ajude-me a encontrar compaixão sem que a empatia me sufoque.

Eu busco força não para ser maior que meu irmão, mas para combater meu maior inimigo...

Eu mesma.

Deixe-me sempre pronta a buscá-lo com mãos limpas e olhos firmes. Para que, quando minha vida se acabe, assim como o ocaso acaba, meu espírito possa ir até você sem vergonha.

E acima de tudo, bisavô, mantenha meus filhos seguros e aquecidos onde quer que estejam.

Elizabeth se curvou e beijou as velhas fotografias de dois jovens em uniformes de cavalaria que estava na janela ao lado da vela que acendia toda noite – só para o caso de eles encontrarem o caminho de casa. Era um ritual que praticara todas as noites durante os 52 anos anteriores. Desde que a guerra terminara e seus meninos não voltaram para casa para cuidar da plantação.

Ela se recusava a acreditar que estavam mortos. Assim como se recusava a morrer e deixar que a maldição da irmã prejudicasse a cidade onde ambos nasceram.

Com o coração doendo, ela tirou do bolso duas cartas quebradiças, as últimas que os filhos escreveram para ela, e se sentou à mesa. A velhice tomara sua visão, então ela já não podia ler as palavras, nem mesmo com os óculos. Mas não importava. Havia muito ela decorara as palavras deles.

Eu sonho apenas em voltar para casa e me casar com Anabelle. Dê a ela meus melhores votos, mãe. Logo verei as duas novamente.

Robert.

Ele tinha apenas 19 anos quando saíra de casa com o irmão mais velho John, ao serem recrutados para lutar numa guerra que não tinha nenhuma relação com eles. Dezoito meses mais velho, John jurara que iria tomar conta de Robert e levá-lo de volta para casa.

– Juro por minha vida Ecke. Eu o trarei de volta inteiro e saudável.

"E eu ficarei de vigília por vocês todos os dias, e toda noite acenderei uma vela para ajudar a guiar ambos até minha porta."

Lágrimas tomaram seus olhos, mas não caíram. Ela era mais forte que isso. Em vez disso, pegou o antigo chifre gravado à mão que o pai lhe dera quando criança.

– Pegue isto, Lizzie. Se alguém aparecer à nossa porta quando seus irmãos e eu estivermos no campo, sopre com força para que nós saibamos, depois se esconda com sua mãe e suas irmãs até que consigamos chegar.

Muito tinha mudado. Até aquele dia, ela não se arrependia de ter se casado com o marido. Ela amara seu John mais que qualquer coisa. Mas ele a deixara cedo demais. Ela o colocara para descansar numa fria manhã de fevereiro quando Robert mal tinha completado 7 anos. Desde que seus irmãos foram obrigados a partir com a irmã Lou, ela criara os meninos sozinhos, assim como a filha Mary.

“Não existe morte, apenas uma mudança de mundos...”

Logo ela iria se mudar. Podia sentir o Grande Espírito cada vez mais com ela.

“Não sofra pelo que é passado e pelo que você não pode impedir.”

– Eu os verei novamente logo, meus filhos.

E ela estaria com o seu John...

Cait se encolheu ao sentir a dor de Louina.

Você deve viver sua vida do começo ao fim. Ninguém pode fazer isso por você. Mas tenha cuidado quando quiser destruir o outro. Pois é a sua alma que será consumida, e será você quem irá chorar. Nunca permita que a raiva e o ódio o envenenem.

– Eu sou veneno...

Essas palavras ecoavam na cabeça de Cait enquanto ela seguia Jamie em seu esforço para localizar os amigos.

– Talvez tenham ido para o hospital.

Essa era a esperança dela até chegarem às barracas montadas mais cedo.

As barracas estavam em frangalhos e espalhadas pelo solo. Jamie correu à frente, depois parou de repente. Xingando, se virou e a segurou antes que pudesse chegar perto demais.

– Você não quer saber.

– O... quê?

Com um olhar assombrado, ele apertou os braços ao redor dela.

– Confie em mim, Cait. Você não quer vê-los. Temos de chamar a polícia.

Lágrimas brotaram nos olhos dela.

– Anne?

Ele balançou a cabeça.

– Parece um ataque de animal.

– Por quê?

– Não sei.

Mas a pergunta dela não era para Jamie. Era para Louina.

Palavras ditas com raiva têm um grande poder e não podem ser retiradas. Para aqueles que têm sorte, elas podem ser perdoadas com o tempo. Mas para outros...

São sempre nossas palavras e nossos atos que nos condenam. Nunca a intenção ruim ou os desejos de nossos inimigos.

Não lide com aquilo que não compreende. Há algumas portas que explodem em suas dobradiças quando são abertas. Portas que nunca mais serão lacradas.

– Bem-vindos ao meu inferno.

Ambos deram um pulo ao som da voz ao lado deles.

De pé na escuridão, estava Louina. Seu cabelo grisalho se abria ao redor dos ombros. Seu velho vestido de chita estava desbotado em contraste com o avental branco.

– Minha irmã os protege. Devem agradecer por isso. Agora, partam e nunca mais voltem aqui.

Mas não era assim tão simples.

– Não irei embora e permitirei que você continue a machucar outros.

Louina riu.

– Você não pode me impedir.

Pela primeira vez em sua vida, Cait entendeu a parte de sua linhagem que sempre fora misteriosa e indefinida. Ela era a trineta de Elizabeth.

Tudo se juntou em sua cabeça de imediato. Sua avó lhe contara a história de Elizabeth, que morrera quando sua cabana pegara fogo enquanto ela dormia. Algo derrubara a vela que ela acendia para os filhos na janela.

–*Você* a matou! – acusou Cait.

– Ela queria morrer. Estava cansada.

Mas isso não era verdade, e ela sabia. Sim, Elizabeth estava cansada. Ela tinha quase 110 anos. Mas estava tão determinada a conter a maldição da irmã que recusara a morte todas as vezes em que tentara chamá-la.

Até Louina intervir.

Naquele momento, Cait sentiu uma ligação com Elizabeth, e abraçou tal ligação.

Jamie a soltou.

– O que está fazendo?

Cait baixou os olhos para ver o brilho que a envolvia. Quente e doce, ele cheirava ao brilho do sol. Era Elizabeth.

– Isto termina, Louina. Como disse, você é o veneno que precisa ser eliminado.

Guinchando, Louina correu até ela.

Honrando sua herança guerreira, Cait se manteve firme. Não iria recuar. Não naquele momento.

O espírito de Louina se chocou contra Cait com força suficiente para derrubá-la. Ela gemeu enquanto a dor tomava conta dela. Ainda assim, se levantou e fechou os olhos.

– Você não irá me derrotar. É hora de descansar. Você não mostrou respeito àqueles que vivem nesta terra.

– Eles não demonstraram a mim!

– E você permitiu que eles a afastassem do Grande Espírito, que ama a todos nós. Fez coisas que você sabia que não eram certas!

– Eles cuspiram na minha cara!

– Você devolveu o ódio deles com mais ódio – explicou Cait, estendendo a mão para Louina. – Como Elizabeth, você está cansada. Nada é mais exaustivo do que manter aceso o fogo do ódio.

– Nada é mais exaustivo.

– Você não irá me combater?

Cait balançou a cabeça.

– Eu quero reconfortá-la. É hora de esquecer, Louina. Liberar o ódio.

E então ela ouviu Elizabeth em seu ouvido, lhe dizendo o que falar.

– Lembre-se das palavras de Cavalo Louco. Depois de sofrer além do sofrimento, a Nação Vermelha se erguerá novamente e será uma bênção para um mundo doente. Um mundo tomado por promessas quebradas, egoísmo e separações. Um mundo ansiando por luz mais uma vez. Eu vejo um tempo de Sete Gerações quando todas as cores da humanidade irão se reunir sob a Árvore Sagrada da Vida, e a Terra inteira voltará a se tornar um círculo. Nesse dia, haverá aqueles entre os lakota que irão carregar o conhecimento e a compreensão da unidade entre todas as coisas vivas, e os jovens brancos irão procurar aqueles do meu povo e pedir essa sabedoria. Eu saúdo a luz em seus olhos onde o Universo inteiro vive. Pois, quando você estiver nesse centro dentro de você, e eu estiver nesse lugar dentro de mim, nós seremos um.

Louina recuou ao ouvir essas palavras.

– Somos um – repetiu ela.

Elizabeth se afastou de Cait e estendeu a mão para Louina.

– Eu sinto falta da minha irmã.

– E eu sinto falta da minha.

Jamie colocou as mãos nos ombros de Cait.

– Você está bem?

Ela não estava certa.

– Você viu alguma coisa disso?

– Sim, mas vou negar se você um dia me perguntar isso em público.

Lágrimas tomaram seus olhos enquanto ela se lembrava de Anne e Brandon.

– Por que nós viemos este fim de semana?

– *Nós* viemos por ganância. Você veio para ajudar uma amiga.

De repente, um gemido baixo soou.

– Peça ajuda! – disse Jamie. Ele a soltou e correu de volta ao acampamento. Ela discou para a emergência, esperando que atendessem.

– Anne ainda está respirando.

Jamie tirou a jaqueta e colocou sobre ela.

– E quanto a Brandon?

Ele foi verificar enquanto o telefone tocava.

– Está fraco, mas... Acho que ele também está vivo.

Cait rezou por um milagre que ela esperava que fosse concedido.

Epílogo

Cait se sentou junto à cama de Anne enquanto a enfermeira terminava de verificar seus sinais vitais. Não falou até que a mulher as deixou sozinhas.

– Lamento não termos nenhuma leitura para mostrar a vocês.

Anne balançou a cabeça.

– Quem liga? Estou contente de estar viva. Mas...

– Mas o quê?

– Você e Jamie vão um dia nos contar o que aconteceu?

Cait esticou a mão para tocar no pequeno anel de ouro que encontrara no banco do seu carro quando fora à estrada para ajudar a guiar os médicos até onde Brandon e Anne estavam. Na face de dentro, estavam os nomes John e Elizabeth. Era o único ouro que seria encontrado em Louina.

O tesouro que tantos procuraram fora usado para financiar uma escola e uma igreja mais de um século antes.

Anos depois da irmã ter lhe dado o ouro para sustentar a si e aos filhos, Elizabeth pegara o resto dele e o derretera para fazer aquele anel.

Sorrindo, Cait olhou nos olhos de Anne.

– Quem sabe um dia.

– E quanto ao tesouro?

– Anne, você ainda não aprendeu que o ouro não é precioso? São as pessoas. E você é o maior tesouro da minha vida. Fico contente de ainda ter a minha melhor amiga.

Anne pegou a mão dela e a segurou.

– Sou grata "por estar aqui, e sou grata a você. Mas...

– Não há "mas".

Ela anuiu.

– Você está certa, Cait. Eu tinha perdido de vista o que meu avô costumava dizer.

– E o que era?

– "Quando todas as árvores tiverem sido derrubadas e todos os animais caçados até a extinção, quando todas as águas estiverem poluídas e o ar for

perigoso para respirar, só então vocês irão descobrir que não podem comer dinheiro.”

Jamie riu, chamando a atenção delas para a porta, onde ele estava de pé com um balão para Anne.

– O que é tão engraçado? – perguntou Cait.

– Acho que todos saímos do fim de semana com uma lição diferente.

Cait ergueu as sobrancelhas.

– E qual seria?

– Anne acabou de contar a dela. Você aprendeu que a vingança é um caminho que não deve ser trilhado. Brandon aprendeu a calar a boca e pedir ajuda quando estiver ferido.

– E você? – perguntou Anne.

– Eu aprendi duas coisas. Uma, que o lugar mais perigoso para um homem é entre duas mulheres brigando. E dois, não importa qual seja a espécie, o gênero mais mortal é sempre o feminino. Os homens irão lutar até morrer. As mulheres levarão isso para o túmulo e encontrarão um caminho *de volta*.

* * *

S.M. Stirling

Quando tudo que resta entre você e o colapso total da civilização é a Lei, você precisa de alguém rígido o bastante para aplicá-la – não importa o preço.

Considerado por muitos o herdeiro natural do título de Harry Turtledove de "rei da história alternativa", o astro em rápida ascensão da ficção científica S.M. Stirling é o autor da série "Island in the Sea of Time" (*Island in the Sea of Time*, *Against the Tide of Years*, *On the Oceans of Eternity*), na qual a cidade americana de Nantucket se descola do tempo e é lançada de volta ao ano 1250, e da série "Draka" (incluindo *Marching Through Georgia*, *Under the Yoke*, *The Stone Dogs* e *Drakon*, mais uma coletânea de contos de Draka feita por outras mãos, organizada por Stirling, *Drakas!*), na qual legalistas fugindo da Guerra de Independência americana estabelecem uma sociedade guerreira na África do Sul e acabam conquistando a maior parte da Terra. Ele também produziu a série "Dies the Fire" (*Dies the Fire*, *The Protector's War*, *A Meeting at Corvallis*), mais a série em cinco volumes "Fifth Milennium", e The General, em sete volumes (com David Drake), além de romances isolados como *Conquistador*, *The Peshawar Lancers* e *The Sky People*. Stirling também escreveu romances em parceria com Raymond F. Feist, Jerry Pournelle, Holly Lisle, Shirley Meier, Karen Wehrstein e o ator de *Jornada nas Estrelas* James Doohan, e colaborou com *Babylon 5*, *T2*, *Brainship*, *War World* e a série *Man-Kzin Wars*. Seus contos foram reunidos em *Ice, Iron and Gold*. Entre suas novas séries, estão "Change", composta de *The Sunrise Lands*, *The Scourge of God*, *The Sword of the Lady*, *The High King of Montival* e *The Tears of the Sun*, e "Lords of Creation", com *The Sky People* e *In the Courts of the Crimson Kings*. Mais

recentemente, iniciou uma nova série, “Shadowspawn”, que até agora inclui *A Taint in the Blood* e *The Council of Shadows*. Seu romance mais recente é um novo livro da série “Change”, *Lord of Mountains*. Nascido na França e criado na Europa, na África e no Canadá, ele hoje mora com a família em Santa Fé, Novo México.

ANUNCIANDO A PENA

DUN CARSON (VALE WILLAMETTE CENTRO-LESTE) DÙTCHAS DO CLÃ MACKENZIE (ANTIGO OESTE DO OREGON) 5 DE AGOSTO, ANO DA MUDANÇA 1/1999 d.C.

"Eu estou cavalgando para anunciar a sentença de um malfeitor", pensou Juniper Mackenzie. "Faz parte de ser chefe, mas eu gostava muito mais de ser uma musicista folk! As antigas histórias eram menos estressantes, como canções, do que a vida real."

– Água, logo, Riona – disse ela ao animal, e a égua jogou as orelhas para trás.

O cheiro de suor de cavalos das doze montarias de seu grupo era forte, embora ela estivesse acostumada àquilo mesmo antes da Mudança; uma carroça Traveler puxada a cavalo tinha sido parte de sua *persona*, além de diversão. Era um dia quente depois de uma semana seca, clima perfeito para colheita, o que era mais importante do que conforto. Não *costumava* chover ali no verão, mas isso de modo algum significava que isso não podia acontecer.

No antigo mundo, antes que as máquinas parassem, a chuva teria sido um incômodo. Agora, no novo mundo – onde a comida vinha desde a distância de uma caminhada, ou não vinha – seria uma tragédia. Então, o calor e o sol que ameaçavam sua pele sardenta típica de ruiva era uma

coisa boa, e que se danassem o suor e a coceira. Pelo menos, havia menos fumaça no ar do que no verão anterior, o primeiro Ano da Mudança.

Seus lábios cerraram um pouco com a lembrança; as cidades estavam queimando, e incêndios florestais devorando matas onde madeira morta tinha se acumulado ao longo de gerações de humanos tentando impedir o ciclo de queimadas. O véu pairara como fuligem sobre todo o interior de Williamette, preso no grande vale entre as Cascades e a Cordilheira do Pacífico até ser lavada pelas chuvas de outono.

Sempre um pouco amargo nos lábios, o gosto de um mundo desmoronando em chamas e horror. Sempre lembrando a você o que acontecia longe do seu refúgio.

Com uma força de vontade treinada, ela começou a se obrigar a retornar ao presente, ao lento bater de cascos no asfalto, ao ranger agitado do couro entre suas coxas e ao rosto adormecido do filho no cesto leve sobre a arcada da sela à sua frente. Listras de sombra das árvores à margem da estrada caíam sobre seu rosto, parecendo ondas lentas à medida que os cavalos avançavam.

Você tinha de aprender a fazer isso, ou as lembranças o enlouqueceriam. Muitos *haviam* enlouquecido com o que viram e suportaram depois que as máquinas pararam, em ataques de gritos, espasmos e choro, ou uma apatia que garantia a morte tanto quanto uma faca, corda ou *Yersinia pestis* nos pulmões. Muitas delas pessoas que de outro modo poderiam ter vivido. Mesmo agora ainda havia muito pouco que pudesse ser dado aos que não eram capazes de carregar o próprio peso, embora a definição de *são* tivesse se tornado muito mais flexível. O que sobrava tinha de ir para as crianças; eles haviam resgatado o maior número de órfãos possível. Quando um jovem reaprendia a rir, isso lhe dava a convicção de que o mundo continuaria a existir.

"Então você não está cheirando fogo o tempo todo este ano. Aproveite isso. Pense nas crianças crescendo num mundo que vale a pena graças a você; suas crianças, e todas as outras. Não pense no resto. Não pense em como cheiravam aquelas covas coletivas nos campos de refugiados em torno de Salem, onde a Peste Negra grassou." Ela não chegara muito perto naquela viagem de exploração. Mas perto o suficiente...

"Não."

Cheiros de poeira, os cheiros verdes de grama com suas variações sutis, árvores e colheitas ressecadas, a doçura um pouco mofada de ramos

cortados. As terras ao redor de Dun Carson estavam em sua maioria colhidas agora, quadrados planos de talos castanho-claros alternados com pastagens, agrupamentos de coníferas e carvalhos em trechos ou ao longo de riachos que corriam rasos e lentos no verão.

Uma colheitadeira puxada por dois daqueles inestimáveis quarto de milha negociados com as fazendas do interior a leste das Cascades estava terminando seu trabalho quando eles passaram. A máquina grosseira de arame e madeira foi construída no inverno, inspirada num modelo resgatado de um museu. Sua cesta giratória passava pelo que restava de um campo louro ondulante, e a correia que chacoalhava atrás da barra de corte deixava em sua esteira uma faixa de grãos cortados. A condutora ergueu os olhos por tempo suficiente para acenar, depois voltou ao trabalho.

No ano anterior, eles usaram segadeiras tiradas de lojas de jardinagem e de paredes onde passaram uma vida penduradas como suvenires, foices improvisadas, facas de pão e as mãos nuas de refugiados inexperientes e desesperados trabalhando até caírem. Agricultura assim era um trabalho duro e exaustivo mesmo se você soubesse o que estava fazendo, e poucos sabiam. Felizmente, eles tinham algumas poucas pessoas para orientar e ensinar ao resto, uns fazendeiros de verdade, outros que faziam isso por passatempo e uns poucos inestimáveis amish que escaparam de assentamentos tomados pelas ondas de refugiados famintos ou dos esquadrões de sequestradores de Norman Arminger, o senhor da guerra do norte.

"Nós colhemos o que plantamos ano passado; agora precisamos ir para os campos dos voluntários."

Muito – a maioria – da terra cultivada antes da Mudança permanecera assim até que os grãos caíssem das espigas. Houve caos e confrontos à medida que as pessoas saíam de cidades, que por sua vez tornaram-se inabitáveis assim que a eletricidade e os motores pararam, também por causa da peste, dos salteadores e da simples falta de ferramentas e conhecimento. Um campo deixado assim brotava sozinho, o suficiente para produzir uma segunda colheita, magra, irregular e tomada por ervas daninhas, mas mil vezes mais valiosa que ouro.

A luz do sol refletia das lanças dos enfardadores que seguiam atrás da colheitadeira. Eles erguiam as armas sempre que avançavam para amarrar novas braçadas de trigo cortado em fardos e os colocar de pé em elegantes

tripés. Ela piscou para o modo como o metal afiado devolvia a luz, lembrando...

"... da garotinha que os Comedores usaram como isca enquanto riam, sacavam a faca e cortavam sua garganta, e o cheiro muito parecido com porco assado dos prédios fechados atrás dela..."

– Concentração – disse Judy Barstow Mackenzie do outro lado.

"E nós ajudamos um ao outro a... não exatamente esquecer... mas deixar de lado. Será que algum de nós ainda é são? Será que algum de nós não está sofrendo de... como era chamado, transtorno de estresse pós-traumático? Com certeza, os que se saíram melhor desde a Mudança foram aqueles que menos se ancoraram no mundo de antes. O resto se aferra a nós."

– Obrigada – falou Juniper.

– Para que serve uma donzela? – indagou Judy resoluta. – Se não para manter sua sumo-sacerdotisa na linha?

O tom era leve, mas Juniper se inclinou e tocou o ombro dela.

– E amigas – completou Juniper. – Amigas fazem isso.

Elas se conheciam desde o começo da adolescência – há uma década e meia já, e tinham descoberto as artes juntas. Eram muito diferentes: Juniper pequena, leve e com olhos verdes como folhas de salgueiro; Judy de traços largos, robusta e de pele escura, cabelo preto e com a tendência a ser um pouco corpulenta nos velhos tempos.

– Isso também, sem dúvida, ora! – respondeu Judy num sotaque irlandês fingido por cima de seu habitual sotaque novaioquino carregado, e piscou. – Eu não pensaria diferente.

Juniper ficou tensa ao ouvir aquele sotaque. *Ela* podia falar assim e soar autêntica. Sua mãe era uma irlandesa legítima que conheceu um jovem aeronauta americano de folga no pub de Londres onde ela estava trabalhando. Nada menos que da ilha Achill, no oeste do condado de Mayo, onde ela fora criada falando gaélico. Aquele falar rápido apenas coloria o sotaque americano genérico de Juniper, exceto quando ela o usava deliberadamente durante apresentações – ela era cantora antes da Mudança, e se apresentava nas Feiras Renascentistas e em festivais e convenções pagãs.

Atualmente, ela usava aquele sotaque cada vez mais, especialmente em acontecimentos públicos. Se as pessoas iam fazer isso de qualquer forma,

ela pelo menos podia lhes dar algo mais para imitar do que lembranças desgastadas de filmes ruins na TV tarde da noite.

– Vai ser desagradável, mas objetivo – falou Judy, séria. – Eu examinei, e não há nenhuma dúvida. Ele é culpado, e merece.

– Eu sei – disse Juniper, respirando fundo. – Não tenho ideia de por que estou me sentindo tão... descontrolada. E isso é um fato. É... – Ela ergueu os olhos, para um céu que só tinha alguns farrapos de nuvens brancas altas. – É como se estivesse para cair uma tempestade, e não está.

O cortejo de Dun Juniper fez a curva, e Juniper suspirou à visão das lonas esticadas na encruzilhada entre as coníferas, os carvalhos e os choupos-negros de beira de estrada. Parte daquilo era puro desejo de sombra. Parte era...

Os dedos de sua filha se agitaram; Eilir era surda desde o nascimento.

"Por que o suspiro frustrado, Grande Mãe?", indagou ela. "Eles fizeram o que você pediu."

Juniper lançou a ela um rápido olhar irritado. Eilir parecia tão cansada quanto a mãe, embora tivesse 14 anos e estivesse em ótima forma. Era alta, já alguns centímetros mais alta que a mãe, forte e graciosa como um cervo; seu corpo esplêndido era uma herança do pai, que fora atleta e jogador de futebol.

"E um desgraçado egoísta descuidado que engravidara uma adolescente na primeira vez e, ainda por cima, no banco de trás do carro. Mas a inteligência e o coração de Eilir vêm do lado Mackenzie, acho!"

Juniper encheu os pulmões e liberou o surto de mau humor com a respiração, uma técnica dominada muito tempo antes.

Ela sinalizou: "Você sente? Há uma raiva no ar. No solo, na sensação das coisas, como uma ameaça à espreita."

Os olhos azul-claros de Eilir estreitaram, depois ficaram um pouco evasivos.

"Acho que sim, Mãe Assombrada", ela respondeu depois de um momento. "Sim, um pouco."

Ambas olharam para Judy, que balançou a cabeça e deu de ombros.

– Não eu. Vocês são as místicas. Eu só garanto que tenhamos túnicas limpas e muitas velas para os sabás.

"A Terra é a Mãe", mentalizou Eilir, o rosto fechado, como sempre. "Talvez seja a raiva Dela que estejamos sentindo."

Elas pararam no centro da encruzilhada. Juniper deu seu filho Rudi, de nove meses, para Melissa Aylward Mackenzie, já bastante avançada em sua própria gravidez.

– Eu também sinto – comentou a mulher mais jovem, séria.

Ela era uma novata na Antiga Religião, como muitas outras, mas já alta sacerdotisa de Dun Fairfax, e estava ali para ajudar na organização do rito.

– Então, vamos esperar que estejamos fazendo a coisa certa aos Seus olhos – disse Juniper. – Poderia colocar os pequenos em ordem, Mellie? Isso vai ser duro para eles.

Ela anuiu solenemente, depois deu um pequeno sorriso, enquanto levantava Rudi com experiência. Juniper balançou a cabeça e se esticou, fazendo ranger o couro da sela; cavalgar lhe dava dores nas costas. Uma parte distante dela notou como as pessoas ficavam paradas no meio das estradas com tranquilidade, agora que carros e caminhões eram uma lembrança distante.

"Temos coisas melhores a fazer do que isto", falou com a filha.

Seus dedos e mãos dançaram, tão fluentes quanto se falassem em voz alta: "É colheita e ninguém tem tempo a perder. Passar a maior parte de ontem e a noite anterior debatendo o ritual e as orientações para isso foi difícil, mesmo com dez mentes reunidas. Eu odeio ter de fazer as coisas correndo, especialmente quando se abre um precedente... Mas o que mais podemos fazer?"

Eilir deu de ombros. "Trancá-lo como eles costumavam fazer até ser conveniente?"

Juniper não se dignou a dar uma resposta; não era para ser levada a sério. Nem eles podiam separar alguém para supervisionar o trabalho de um criminoso, mesmo se estivessem dispostos a tomar esse caminho, o que não estavam.

Sam Aylward, seu principal homem em armas, segurou seu estribo quando desmontou. Ela se esticou novamente quando as botas tocaram o asfalto, ajustando a lã xadrez sobre o joelho com uma sacudida. A farda de Dun Juniper era o mesmo traje das Terras Altas, algo que começara em parte como brincadeira e que se disseminara por ser muito conveniente. Todo em uma espécie de xadrez verde-escuro e laranja amarronzado que devia tudo a um armazém cheio de cobertores resgatados, e nada à Escócia.

Cerca de um terço das pessoas de Dun Fairfax também usava o kilt, e as roupas do resto exibiam rasgões, remendos e farrapos porque as roupas pré-Mudança estavam acabando rápido. Elas não foram feitas para resistir ao tipo de desgaste diário do trabalho duro ao ar livre que quase todos faziam naqueles dias. E resgatar outras das partes das cidades que não foram queimadas estava se tornando extremamente perigoso e muito trabalhoso, agora que as cidades próximas tinham sido saqueadas. Apenas grandes grupos bem armados podiam fazer isso, com salteadores e senhores da guerra de baixa categoria brotando por toda parte e o terror rastejante dos bandos de Comedores se escondendo nas ruínas em seu jogo hediondo de espreita e banquete.

Uma nota se destacou no enorme fichário mental que ela tinha de carregar por toda parte atualmente: *Verificar os projetos de linho, lã e roca de fiar assim que tivermos tirado do caminho a colheita. Ainda não precisamos fazer nosso próprio tecido, mas precisamos ter as sementes, ferramentas e habilidades prontas para quando precisarmos.*

Ela mesma fora uma habilidosa tecelã amadora antes da Mudança, e tinham organizado cursos no inverno. Felizmente, era uma coisa que você podia deixar de lado e retomar depois.

Melissa deixou o grupo e caminhou até o abrigo de lona esticada a sudoeste da encruzilhada, onde estavam sentadas as crianças e as mães que amamentavam. Rudi fazia ruídos de gargarejo e agitava braços gorduchos, com olhos fixos em seu rosto e um encantador sorriso desdentado.

"Graças ao Senhor e à Senhora ele é um bebê bom. Eilir fora muito mais difícil. Claro que eu tinha menos experiência então, e muito menos ajuda. Realmente é preciso uma aldeia, ou pelo menos isso torna tudo mais fácil."

– Eles estão fazendo bandeiras para todos os Duns – observou Juniper para Chuck Barstow. – Sem dúvida, é uma boa ideia. As pessoas precisam de símbolos.

– Mas Dennis estava certo quando insistiu na bandeira verde – retrucou Chuck. – Também precisamos de um símbolo para o clã inteiro. Onde você o quer?

Juniper franziu os lábios. Ela transformara o velho selo da Assembleia da Lua Cantante numa bandeira; galhadas escuras e uma lua crescente prateada em seda verde, o bordado era outra habilidade que de passatempo se transformara em salvação prazerosa. O ar imóvel do alto verão fazia

com que aquela bandeira e todas as outras colocadas ao redor dos abrigos de lona pendessem flácidas, como se esperando com a respiração presa. Felizmente, a dela estava suspensa de uma barra no mastro, tornando possível ver o que havia nela.

– Junto ao de Dun Carson, por favor.

O machado prateado de duas foices sobre vermelho-sangue estava fincado bem em frente à lona noroeste, onde a encruzilhada criava uma forma de cruz norte-sul, leste-oeste. Chuck cravou a ponta da bandeira do clã na terra com um empurrão e uma torção. Brian Carson estava de pé com a viúva do irmão, a sobrinha e o sobrinho órfãos junto às duas mesas que ela pedira que fossem colocadas no centro. Sua esposa, Rebekah, estava de pé do outro lado, parecendo um pouco tensa.

Melissa e suas ajudantes assumiram a tarefa de cuidar dos pequenos. O quadrante sudeste abrigava representantes dos outros Dun em um raio de 24 quilômetros; voluntários se adiantaram para pegar os cavalos, tirando as selas, amarrando suas pernas e dando água, antes de soltá-los num pasto.

"Como a Mudança nos limitou", pensou Juniper. "Vinte e quatro quilômetros é novamente uma grande distância! Isso será registrado e enviado para o Sun Circle. Testemunhar às vezes é uma boa ideia, mas transformar isto em um circo não é."

Havia mais de cinquenta adultos sob a lona do julgamento, talvez dez ou quinze adolescentes...

"... *Eòghann*", pensou Juniper. "Nós os chamaremos de *eòghann*."

Isso significava "jovem" ou "ajudante" na sua língua nativa.

"Precisamos de um nome para os adolescentes que estão prontos para aprender as necessidades e responsabilidades adultas, mas ainda sem direito a voto. *Eòghann* servirá, já que todos parecem determinados a brincar de ser celtas."

Juniper se sacudiu de leve. O silêncio profundo só era interrompido pelo eventual choro de um dos bebês, a batida da pata de um cavalo deslocando seu peso ou uma tossida clara. Mais nenhum sinal do gemido ou murmúrio de máquinas ao fundo, e isso às vezes ainda a assustava com um silêncio diferente de qualquer coisa que ela já experimentara, a não ser em uma caminhada pela natureza. Tornava desconhecidos os lugares conhecidos.

Ela se colocou atrás da grande mesa dobrável. Havia uma cadeira alta para ela...

"Um banco de bar!", pensou ela."Isso é engraçado em mais sentidos do que posso suportar hoje."

A maioria das pessoas se sentava em caixas e cestas resistentes em filas ordeiras, muito diferente da habitual ordem *laissez-faire* do clã. À frente, no centro, estava o homem que era o ponto fundamental do processo daquele dia, destacado dos outros pela lona branca abaixo e um claro círculo de aversão.

Dos dois lados dele estavam de pé homens do Dun. Tinham facas nos cintos, mas isso era um instrumento que todos carregavam então. Um deles também tinha um cabo de picareta na mão e o outro, um taco de beisebol.

"E eles são necessários", pensou Juniper enquanto o avaliava com uma careta. "Sim, com este."

Era um homem forte, de altura mediana e bem musculoso, com traços cinzelados marcantes e cabelos escuros crespos bem curtos. Do tipo que estremecia com uma raiva reprimida do mundo, para quem tudo que impedisse suas vontades era uma afronta fundamental.

"Ele realmente não está com medo", pensou. Ela sempre fora boa em avaliar as pessoas. "O que significa que ele não é apenas mau, é muito arrogante, muito idiota, ou ambos."

Enquanto ela observava, ele lançou um repentino olhar por sobre o ombro, um sinal de triunfo em seu rosto, que sumiu rapidamente enquanto voltava a olhar para a frente.

– Homens de armas, assumam a custódia do prisioneiro – disse ela friamente, e viu um momento de dúvida no rosto dele.

Os homens do Dun se colocaram de lado para Sam e Chuck e foram se sentar com os outros. Pela expressão no rosto deles, ficavam gratos por transferir a tarefa para uma autoridade uniformizada, e não eram os únicos.

Além dos kilts, os dois homens vestiam o que fora escolhido como o conjunto de guerra dos Mackenzie, embora ainda não tivesse havido tempo de produzir o suficiente para todos; uma brigandina com duas camadas de couro verde (resgatado de estofamentos), com pequenas placas de aço rebitadas no meio, aljavas e arcos de teixo pendurados diagonalmente às costas, espadas curtas, punhais compridos e escudos de pratos fundos na

cintura, uma pequena faca perigosa *sgian dub* enfiada no cano de uma das botas. Os capacetes de tigelas simples com a crista de penas de corvo na testa de algum modo os faziam parecer menos humanos e mais como símbolos ambulantes.

Chuck Barstow tinha uma lança além do equipamento de guerra. O prisioneiro teria ficado menos arrogante se soubesse o que isso significava, ou que Chuck era o alto sacerdote da Assembleia da Lua Cantante, bem como segundo em comando de sua milícia. A haste polida da lança de 1,80m era *rudha-an*, a mesma madeira de sorbo sagrada usada em varinhas. A cabeça era um pedaço de trinta centímetros cortado do feixe de molas de um carro, amassado até formar uma lâmina assassina de dois gumes e enfiada em brasa na madeira antes de ser mergulhada num banho de salmoura com sangue e certas ervas.

Também fora gravada com *runas ogham*, aquelas que se formaram repetidamente quando ela jogara as varetas de adivinhação de teixo no tecido marcado de símbolos do *Bríatharogam*. Apenas duas:

Úath, terror.

Que significava *bánad gnúise*, o empalidecer das faces. Horror e medo e os Cães de Anwyn.

Gétal, morte.

Cujo significado era *tosach n-échto*, chamando o começo do sacrifício. Tirar a vida e sacrifício.

Juniper respirou fundo e fechou os olhos por um instante para se fazer crer que estava realmente ali e não imaginando. O calor abafado que sentira antes retornou, multiplicado, como se o solo sob os seus pés latejasse de raiva.

– Coloque-o diante de mim.

Sua própria voz a assustou, embora projetar sua voz de soprano treinada fosse uma segunda natureza para uma cantora profissional. Fora de certa forma como o metal no fio de uma faca.

– Você ouviu lady Juniper, desprezível – falou Sam, apenas alto o suficiente para que ela captasse.

A mão que ele pousou no ombro do homem para conduzi-lo à frente poderia parecer amigável à distância. Juniper pôde ver o pulso e o antebraço musculoso coberto de cicatrizes flexionar e os olhos do prisioneiro se arregalando por um instante quando apertou com precisão esmagadora. Sam nascera e fora criado numa pequena fazenda inglesa; seu

negócio fora ser um tipo peculiar de soldado por metade dos seus 42 anos, antes de o acaso ou os Tecelões o deixarem preso e ferido na mata perto de sua casa pouco depois da Mudança.

Seu passatempo tinha sido produzir e usar o arco longo de seus ancestrais. Ele era corpulento e de altura mediana, mas aquelas mãos grossas em forma de pás conseguiam quebrar nozes entre o polegar e os dois dedos. E ela sabia que ele odiava homens como aquele com uma paixão pura e mortal.

Chuck Barstow parecia mais soturno; ele havia sido um combatente da Sociedade e jardineiro, além de membro da Lua Cantante, não um verdadeiro guerreiro de ofício, embora todos tivessem visto morte e combate nos primeiros dezoito meses. Mas estava igualmente determinado enquanto se adiantava para manter o prisioneiro cercado. Pelo modo como seus olhos estavam fixos, revelando o branco ao redor do azul, ele também estava *sentindo* alguma coisa além da gravidade do momento, e não gostava disso.

Judy Barstow se encontrava na extremidade direita da mesa, junto a uma mulher tensa que se sentava empertigada. A mulher tinha o rosto lívido assustado e os olhos perdidos.

"Nossa principal evidência", falou Juniper para si mesma. "Mesmo eu tendo acabado de amamentar Rudi, meus seios doem. Mas por que é tão difícil respirar?"

Eilir foi se sentar à mesa menor e mais curta, disposta em forma de L em relação à maior. Ela se virou e os dedos voaram. "Devo pegar um chá frio para você?"

Ela bebeu a camomila morna de maneira sequiosa enquanto sua filha tirava um livro novo de seus alforjes. Gelo no verão era uma lembrança, e uma possibilidade quando um dia eles tivessem tempo para casas de gelo, mas você podia conseguir algum frescor usando porcelana grossa.

O livro era revestido de couro preto, cuidadosamente gravado com as palavras: *Os Ritos Legais do Clã Mackenzie, Segundo Ano da Mudança*.

E abaixo disso: *Crimes capitais*.

Eilir o abriu numa página nova, pegou uma garrafa de tinta e uma pena de aço que saíra da aposentadoria em uma loja de antiguidades em Sutterdown. Ninguém achou estranho que uma menina de 14 anos atuasse como meirinho. Os parâmetros haviam mudado.

As primeiras páginas do livro continham os rituais concebidos na noite anterior, após terem estabelecido as bases legais e morais para julgar o caso. As primeiras páginas do livro cobriam tudo isso, escritas na letra elegante de Eilir.

Juniper olhou para as testemunhas de Dun Carson sentadas no quadrante sudeste. Todos estavam imóveis, a atenção concentrada, como se estivessem em uma apresentação.

– Eu fui convocada aqui para escutar ao julgamento do Dun contra Billy Peers Mackenzie...

– Ei! – gritou o homem. – Eu nunca disse nada sobre Mackenzie. Foram vocês. Eu sou William Robert Peers.

Juniper hesitou.

– Só direi isto esta vez, sr. Peers. O senhor permanecerá de boca fechada até eu autorizar que fale. Se falar fora de hora mais uma vez, seus guardas irão amordaçá-lo. Mordaças são muito desconfortáveis. Eu lhe recomendo ficar calado.

– Mas você não pode fazer isso! É ilegal!

A mão de Sam se moveu uma vez, e o homem parou, com a boca escancarada. Ele enfiou a mão na bolsa de couro, tirou a mordaça e a enfiou na boca do homem com competência objetiva, verificando para se assegurar de que a língua estava baixada e que não era grande o suficiente para impedi-lo de engolir. Os trapos enrolados no miolo de madeira foram embebidos em chá de camomila e semente de funcho e depois secos para que não tivessem um gosto tão ruim. Tiras ao redor da cabeça a mantinham no lugar sem ferir os cantos da boca. Ele lutou, embora fosse tão inútil quanto um filhotinho nas mãos de um homem.

– Eu avisei que só diria uma vez. Todos vocês, prestem atenção. Quando eu disser que haverá uma consequência, haverá. Segundas chances pertencem à época antes da Mudança, quando éramos ricos o bastante para desperdiçar tempo discutindo. Você tem um minuto para ficar quieto. – Ela conferiu o relógio: – Dez segundos... Vinte... Trinta...

Olhou friamente para o homem que lutava, tentando cuspir da boca a mordaça elaborada. Depois, começou a contar os segundos em voz alta. Depois que se passou o décimo segundo, isso chamou a atenção de Peers. No vigésimo segundo, ele parou de lutar.

– Melhor. Se você causar mais alguma perturbação, será colocado inconsciente. Eu não tenho tempo a perder agora, no meio da colheita.

Peers se agitou, começou a lutar de novo, viu um movimento repentino com o canto do olho enquanto Sam erguia uma mão apertada sobre uma lâmina, se encolheu e parou. Juniper esperou, depois voltou sua atenção para a perna norte da encruzilhada. Ergueu os braços e Judy colocou neles seu bastão; tinha a Lua Tripla – crescente, cheia e minguante – acima de duas cabeças de corvo feitas de prata, e o corpo era também de sorbo da montanha.

– Fui convocada aqui pelo Óenach de Dun Carson e pelo Ollam de Dun Carson; Sharon Carson, senhora da casa; Cynthia Carson, sacerdotisa e primeira armeira de Dun Carson; Ray Carson, segundo armeiro e senhor do rebanho em treinamento; Brian Carson, senhor do rebanho e da colheita em exercício, e sua esposa, Rebekah Carson, a curtidora. Eu sou Juniper Mackenzie, chefe do Clã Mackenzie. Sou *Ollam Brithem*, alta juíza de nosso povo.

Juniper se encolheu ao poder que estava invocando. "Mas sou necessária como chefe, e preciso aceitar este fardo. Três; tudo em três. Continue, mulher, acabe com isso."

– Eu sou convocada aqui por Óenach, Ollam e os Deuses para ouvir, para julgar e para falar. Alguém nega meu direito, minha obrigação ou minha convocação? Fale agora ou segure a língua a partir de então, pois este lugar e este momento são consagrados por nossa reunião. Tudo o que fazemos aqui é sagrado, e legal.

Com distanciamento, ela teve consciência de Peers tentando lutar novamente e logo desistindo quando Sam agarrou a parte posterior de seu pescoço.

Houve um longo silêncio, depois ela continuou, rosto erguido para o sol, olhos fechados contra sua luz ardente:

– Que sejamos abençoados!

– *Manawyddan*, Mar Incansável, me banhe.

Um ramo verde salpicou água salgada sobre ela. Sentiu o sal nos lábios como lágrimas. Quatro sacerdotisas se adiantaram com ramos verdes, cada uma seguida por uma criança segurando tigelas de água salgada. Elas purificaram as pessoas em um dos quadrantes; a última dupla purificou com cuidado o quadrante nordeste vazio.

– *Manawyddan*, Mar Incansável! Limpe e me purifique! Eu me torno um continente; para escutar e para *ouvir*.

– *Rhiannon*, Égua Branca, fique junto a mim, corra comigo, me carregue! Que a terra e eu sejamos uma só, com a sabedoria da Terra.

Ela se curvou e pegou uma pitada da poeira seca da estrada e salpicou à sua frente. Houve uma comprida onda enquanto as pessoas de Dun Carson faziam o mesmo, e as testemunhas.

"*Rhiannon*, Égua Branca, me informe.

Arianrhod, Senhora trançada de estrelas; traga sua luz a mim, a nós, ao mundo.

Mar e terra e céu, eu os invoco:
Ouçam, guardem e testemunhem, então,
Tudo o que dizemos,
Tudo em que concordamos,
Tudo o que juntos fazemos.
Honra aos nossos Deuses! Que eles sustentem
Nossos votos,
Nossas verdades."

– Que todos aqui ajam com verdade, honra e dever, que a justiça, a segurança e a proteção sejam atendidas para este nosso clã, e que Ogma de Língua de Mel nos empreste Sua eloquência na busca da Verdade – disse ela cerimoniosamente. – Este Óenach do Dun começou! Ao que decidirmos ficaremos obrigados, cada alma e nosso povo unido.

Ela se virou em seu assento, olhando para todas as pessoas reunidas e raspou a base de seu bastão no chão.

– Eu estou aqui, nós estamos aqui, os Deuses estão aqui. Então que seja!

–Então que seja! – repetiram as vozes em conjunto.

Ela notou que Rebekah dissera as palavras, e ficou contente. Eles não eram religiosos, e isso significava que ela estava participando do trabalho do clã, em vez de ficar para trás alegando dispensa religiosa. Foi até a cadeira e subiu nela. Podia sentir Chuck se colocando em posição atrás, ainda segurando a lança alta como símbolo de sua justiça.

O sol da manhã batia nas lonas e ela podia sentir o calor e o suor, que começava a escorrer por suas costas e seus seios. O kilt fora confortável quando cavalgando pela floresta até o cruzamento... Naquele momento, a lã macia estava grudando em suas pernas, e suas meias até o joelho faziam as pernas coçar.

“Bem, não sou a única desconfortável em todos os níveis possíveis.”

Juniper tamborilou os dedos na mesa e pegou o pequeno martelo que Sam fizera para ela na noite anterior enquanto definiam os procedimentos. Bateu com ele uma vez no bloco de madeira.

– Estamos reunidos aqui para tomar uma decisão quanto à questão da agressão sexual cometida contra Debbie Meijer ontem por William Robert Peers, conhecido por nós como Billy Peers Mackenzie, que nega ter aceito o nome ou o clã dos Mackenzie – disse ela.

Ela franziu o cenho e moveu a mão para impedir outro golpe em Billy, que lutava.

– Você terá tempo para falar no momento adequado.

Ele balançou a cabeça, olhos raivosos e desesperados, e ela por sua vez apertou os lábios e balançou a cabeça, apontando para a mão preparada. Ele se aquietou, mas sua expressão soturna permaneceu.

– Primeiro vou abordar a questão mais ampla. Que direito temos nós de julgar, sentenciar e aplicar a pena a membros de nossa comunidade e aqueles que vivem em nossa terra? Por mais de um ano, temos passado por diversos incidentes, construindo à medida que avançamos.

Uma gargalhada a interrompeu. Aquela era uma acusação feita com frequência aos neopagãos de antes da Mudança: *Eles inventam o ritual à medida que avançam*.

– Mas toda lei justa é baseada em necessidades, precedentes e a vontade do povo. Não muito dela é do sistema legal que atendia às necessidades de uma sociedade complexa altamente urbanizada que chegava à casa de centenas de milhões e era rica o bastante para ter tempo para o lento estudo cuidadoso de acusações e defesas. Nós não vivemos mais no antigo mundo de cidades e burocracias. Vivemos em pequenas aldeias fechadas onde a questão da culpa com frequência é facilmente estabelecida, e não temos qualquer necessidade real do elaborado aparato forense usado antes para estabelecer o critério de *além da dúvida*.

Ela olhou nos olhos raivosos de Billy.

– É assim que temos operado, e como continuaremos a operar no futuro, até identificarmos a necessidade de algo diferente. Nossos métodos, e seus sucessos ou fracassos, foram debatidos e revistos por mim mesma e meus conselheiros. Repassamos os últimos dezessete meses de trabalho e divergências nos Duns, e codificamos os resultados.

Ela apontou para o livro sob a mão de Eilir.

– O clã Mackenzie é uma congregação de assentamentos independentes que pediram e receberam filiação ao clã, pelo que devemos apoiar uns aos outros e defender uns aos outros num mundo onde ninguém e nenhuma família conseguem sobreviver sozinhos. Esses são os meios que encontramos para viver juntos, e de modo decente. *E tem funcionado*. Estamos vivos, enquanto milhões... Centenas de milhões... Quase certamente *bilhões*... Morreram.

Um murmúrio baixo correu pelo grupo enquanto ela olhava ao redor, nos olhos deles. Por isso, tantos tinham se juntado ao grupo que ela começara com alguns amigos e membros da assembleia se reunindo em seu retiro no campo e assumido seus costumes. Era o que ela quisera dizer naquele primeiro dia, quando falara a eles: "É um clã que teremos de ser, como era antigamente, se quisermos viver."

Um ronco baixo de aprovação a isso; as palavras já eram folclore. Talvez os adornos que tivessem acompanhado essa ideia não fossem necessários, mas apenas um subproduto das obsessões daquele grupo e passatempos de antes da Mudança... Mas a coisa toda *funcionara*, e ninguém iria discutir isso. Muito menos ela.

– *Salus populi suprema lex*: O bem do povo é a lei suprema – prosseguiu ela. – Se uma pessoa vive em um Dun do clã, é um membro desse Dun, e sujeito às regras, aos benefícios e às obrigações do grupo. Ninguém os obriga a permanecer, mas se o fazem o é sob os termos escolhidos pelo grupo. Isso inclui a realidade de trabalho, defesa mútua e a obrigação de respeitar os outros. O Ollam e o Óenach de um Dun têm todo direito de julgar malfeitorias em seus territórios, por seu pessoal ou contra seu pessoal. Quem escolhe o Ollam? O povo do Dun. Dun Carson foi liderado por John e Sharon Carson Mackenzie até a morte dele combatendo os homens do Protetor quando tentaram tomar Sutterdown ano passado. Dun Carson é liderado por um Ollam de cinco neste momento. Eles pediram coletivamente que o Ollam chefe do clã estabeleça a pena nesta questão, e que isso seja testemunhado pelo maior número possível de membros lúcidos e confiáveis dos outros Duns. Estamos aqui hoje com esse objetivo.

Mais duas pessoas estavam anotando suas palavras em taquigrafia. Juniper definiu o ritmo de sua fala para que fosse mais fácil para a própria filha-escriba ler seus lábios.

– Vou ouvir primeiramente Debbie Meijer, que também reside em Dun Carson, mas não aceitou o nome de Mackenzie.

Ela a observou enquanto os olhos da mulher ferida se fixavam nos dela, como se fosse libertada de alguma prisão interna que também era proteção. Todos pareciam magros e em forma naqueles dias, assim como envelhecidos, mas havia uma gentileza no rosto dela, e também dor; tinha olhos azuis esverdeados, e cabelos castanhos presos num lenço. Ela se encolheu por um minuto, depois se levantou ao estímulo silencioso de Judy, e se adiantou. Juniper a viu trincar os dentes e engolir em seco. Fez um gesto discreto, e o rosto de Debbie se contraiu. Ela se sacudiu por um instante, depois encarou os membros do Dun.

– Sou Debbie Meijer. Tenho vivido com vocês em Dun Carson desde... desde que os homens do Protetor nos roubaram e sequestraram de Lebanon, e eu... escapei. Não assumi o clã ou o nome; tenho esperado pelo retorno do meu marido, Mark. Todos aqui sabem que os itinerantes têm procurado notícias das pessoas tiradas de Lebanon, mas não há muita informação. Eu... Eu me esforcei muito para me adaptar e ser útil. Tem sido difícil. Eu aprendi, e aprendi cada vez mais por mais de um ano. Eu me transformei de uma cidadã independente e competente para um membro idiota de uma comunidade agrícola.

Uma onda de agitação perpassou o Carson, e Rebekah se adiantou, erguendo um ramo verde.

– Eu reconheço Rebekah Carson – interrompeu Juniper, sorrindo para Debbie e erguendo a mão com um gesto suave para que ela contivesse suas palavras por um momento. Debbie é boa e trabalha duro, e tem lutado contra a dor que sente pela perda do marido e da família. Estavam todos na costa leste. Todos nós gostamos dela e a apoiamos.

Juniper hesitou, reprimindo uma pontada de raiva; aquele apoio foi tristemente deficiente em certos sentidos. Ela dissera que eles deviam ser um clã, e isso significava que um protegia o outro.

"Não, isso precisa ser dito; mas depois. Agora Debbie tem que terminar."

Ela ergueu os olhos. Peers estava relaxado, conseguindo parecer o mais insolente possível para um homem amordaçado e de pé sob a mão de Sam Aylward. Virou a cabeça, encarou Debbie e moveu um pouco os quadris, mas de modo inconfundível.

Juniper apontou um dedo. Sam Aylward não sorriu, calculadamente.

Crack.

A mão de Sam acertou o rosto dele, com um som de couro batendo em uma tábua e uma velocidade enganosa. A cabeça do homem girou, e ele cambaleou. Sangue brotou ao redor dos lábios e do nariz, e seus olhos se arregalaram de choque.

– Você demonstrará respeito – exigiu Juniper num tom seco. Depois se dirigiu a Debbie. – Por favor, continue, Debbie. Conte-nos o que aconteceu.

Debbie mordeu o lábio e olhou nos olhos de Juniper. Sua postura defensiva foi corrigida e sua voz ficou firme.

– Não foi ontem que tudo começou. Ontem foi quando terminou. Eu estou aqui desde agosto do ano passado. Billy Bob chegou em março ou abril...

– Abril! – disse alguém da plateia.

Debbie anuiu.

– Começou imediatamente. Ele ficou junto a mim na fila do jantar e se esfregou em mim. Cynthia o viu fazendo isso e o censurou severamente na frente de todos. Ele disse que só estava tentando ser amigável, e que eu era uma escrota fria e Cynthia, uma garota metida.

Juniper sentiu os lábios apertando; seus olhos foram na direção da garota Carson. Cynthia anuiu, mas não falou.

– Depois disso, ele foi mais cuidadoso quanto a quem o via – continuou Debbie. – Ele me seguia quando possível, me agarrava e tentava me tocar sempre que podia. Aquela coisa que ele fez com o quadril... Ele fazia isso sempre que podia quando estávamos todos juntos. Ray o flagrou fazendo isso duas vezes e mandou que parasse, e Brian apoiou Ray... Mas isso só o deixou mais cuidadoso.

“Ele tentou... Ele bateu na minha porta... Acho que foi no final de abril, tarde da noite. Eu sequer pensei no perigo; simplesmente abri, ele a escancarou e tentou entrar. Bateu no meu rosto e nos seios, doeu, gritei e todo mundo apareceu. Ele tentou dizer que eu o tinha convidado a entrar, mas ninguém acreditou nele.

“Depois disso, tive de manter minha porta trancada. Em maio, ele tentou entrar pela janela e eu a bati nos dedos dele... Depois *disso*, tive de manter a janela fechada e suportar o calor. Ray e Brian ficaram furiosos porque ele disse que eu tinha batido a porta nos seus dedos, não a janela, e que ele não tinha feito nada. Mas Tammy o tinha visto cair naquele dia,

então acreditaram em mim. Eles o mantiveram longe de mim garantindo que trabalhasse longe da casa, e eu perto dela. Sharon e Rebekah me disseram para ter o cuidado de não fazer mais nada para excitá-lo ou provo-cá-lo. Mas eu *não* estava fazendo nada. Era apenas ele.

"Ontem, nós estávamos colhendo, e depois do jantar subi para meu quarto para trocar de camisa. Fico feliz com o kilt. Calças seriam brutais neste calor, e não gosto de shorts, mas precisava de uma camisa mais leve; estava morrendo de calor. Ele estava escondido atrás da porta do meu quarto, me socou nas costas e cambaleei... Eu me virei para gritar e ele me socou no estômago, me jogou no chão, arrancou minha calcinha..."

Juniper olhou nos olhos de Judy, e ela se aproximou mais da mulher, que ficara rígida, a voz monótona, o rosto inexpressivo.

– ... me estuprou... Eu não conseguia respirar por causa do soco. Então, ele me virou e me colocou pela metade na cama, e foi por trás e atrás. Ele me amordaçou com a camisa, mordeu meus seios, depois me socou de novo e saiu de lá. Cynthia me encontrou mais tarde.

– Não muito mais tarde – completou Cynthia. – Como ela não voltou, eu subi. No máximo dez ou quinze minutos.

Juniper anuiu e apontou para Brian.

– Como ele escapou de sua vigilância?

O homem parecia mortificado.

– Bem, ele não enganou. Ele é tão preguiçoso que nunca pensei nisso. Pensei que tinha se escondido para tirar um cochilo. Ray queria procurar por ele, mas avisei que estávamos ocupados demais. Não deveria ter ignorado.

– Um cochilo! – exclamou Debbie, lágrimas de repente rolando por suas bochechas ardentes.

Judy a levou embora, passando um braço carinhoso sobre os ombros da mulher.

Juniper concordou, sentindo a raiva no rosto e sabendo que isso assustava Brian Carson.

– Judy? – chamou ela.

Judy Barstow se adiantou novamente; todos sabiam que tinha sido enfermeira formada e parteira antes da Mudança e, depois, ficou como encarregada-geral dos cuidados de saúde do clã. Não era tão popular quanto Juniper – sua personalidade seca e objetiva era um pouco mais áspera –, mas ninguém questionava sua competência.

– Eu conduzi o exame na noite de ontem. Debbie foi golpeada. Há um hematoma em suas costas, entre as omoplatas. Também há um ferimento, segundo a localização, produzido por um anel. Ela de fato foi golpeada no plexo solar. O tecido macio da barriga não produz hematomas tão facilmente, mas há duas marcas similares à marca de anel nas costas. Até amanhã, acredito que ela terá um grande hematoma na frente. Também acredito que há danos internos, talvez ao baço. Espero que se recupere, mas por ora ela está fazendo serviços leves, principalmente sentada.

"Sem dúvida, ela foi estuprada, pelos canais vaginal e anal. Há um grande trauma, e danos nas estruturas vizinhas, além de rasgos e cortes por unhas. Foi encontrado esperma nos dois locais."

Juniper anuiu, o estômago revirando. "Gostaria que Eilir não precisasse ouvir isto! Nem qualquer das crianças do clã. Infelizmente todos precisam ouvir isso, alto e claro."

– Então, um último item, antes que eu fale como Ollam e Brithem. Brian reuniu um conjunto de declarações de custos e bens para Billy Bob e Debbie.

Ela baixou os olhos e fez uma careta para ambos.

– A declaração de Billy Bob não surpreenderá muitas pessoas. Ele chegou de mãos vazias, a não ser por uma faca de cintura e um machado, mas não com fome, montado numa bicicleta em abril deste ano, alegando vir de Hood River, onde a Associação Protetora de Portland, na pessoa de um Conrad Renfew (agora chamando a si mesmo de *conde* Conrad Renfew), assumira. Foi aceito em Dun Carson. Seu histórico desde então tem sido o de um preguiçoso e encrenqueiro. Brian considera que ele, na verdade, não trabalhou o suficiente para cobrir as despesas de cama e comida. Também reduziu, evitou ou fugiu do trabalho de sentinela duas vezes antes de ser retirado do calendário de sentinela.

"Eu mandarei um aviso a todos os Duns. Nós agora temos informações sobre Hood River. Embora a Associação de Proteção de Portland tenha assumido, pela primeira vez o povo de Hood River é realmente *grato* a ela por isso."

Isso produziu outro murmúrio, dessa vez de surpresa. O Lorde Protetor da APP era no mínimo um psicopata, embora um muito habilidoso e de visão surpreendente; seus seguidores variavam desde homens extremamente duros até bandidos declarados. Mas havia momentos em que as pessoas aceitariam a mão mais dura se isso significasse vida e paz

suficiente para semear e colher, e de fato a Associação estava se esforçando muito para restaurar a agricultura em seus territórios. E eles não toleravam atacantes fora da lei...”

“No mínimo por serem concorrentes”, pensou ela, mordaz, e prosseguiu.

– Eles tinham um problema com salteadores domésticos muito grave. Qualquer Dun que tenha recebido pessoas de Hood River no período entre março e final de abril terá de ficar de olho. Eles mesmos podem ser bandidos, aqueles que Renfew não enforcou ou decapitou. Suspeito que este seja o caso aqui.

“Para continuar, a declaração de Debbie atesta que ela chegou com os títulos de 28 hectares na periferia de Lebanon, e outros quarenta em Silverton. Ela os deu ao clã em novembro, quando o Kyklos pediu o uso das terras de que tomaram posse em setembro. Recebemos um grande carregamento de bens em troca disso, e vários outros títulos de propriedade. Debbie tem o crédito de um valor proporcional desse carregamento. Ela trabalha duro, pensa muito na comunidade e se relaciona bem. Tem aprendido diversas habilidades para nosso mundo Mudado, cuidando do gado leiteiro, produzindo manteiga e queijo, costurando e fazendo conservas, além das tarefas comuns.”

Juniper cruzou as mãos sobre os papéis e olhou para os olhos castanhos insolentes do homem amordaçado diante dela.

– Antes de dizer qualquer coisa sobre este caso específico, tenho algo a declarar que será enviado a todos os territórios do clã. *Dun Carson fracassou em proteger Debbie Meijer*.

Ela fez uma pausa para permitir que Eilir a alcançasse, e para se controlar. Flagrou os olhos de Brian, e depois os de Rebekah. Eles baixaram os deles e coraram de vergonha.

– Assédio, agressão, perseguição, provocação destrutiva... Nada disso é um comportamento aceitável num mundo onde todos dependem de todos os outros e ninguém pode ir embora. Crianças são ensinadas por intermédio de censura e exemplo porque não sabem. Mas espera-se que adultos escutem, compreendam e se comportem. Não se pode permitir que problemas crônicos se instalem. Nós do clã *temos* de poder confiar um no outro; nossas *vidas* dependem disso.

Juniper tamborilou os dedos na mesa e olhou feio para o rosto debochado do homem amordaçado.

– Billy Bob questionou a legalidade de nossos atos. Eu abordarei este ponto primeiramente.

Ela sentiu uma raivosa satisfação de ver como ele odiava ser identificado pelos apelidos que usara ao chegar ao território do clã Mackenzie.

– O clã Mackenzie é um Estado soberano. Não seguimos nem estamos presos ao sistema legal dos antigos Estados Unidos da América, que é inadequado para este mundo no qual vivemos. Portanto, sr. Peers, o senhor não está mais no Kansas, e não permitiremos que tente chicanas legais ou nos faça perder nosso tempo no esforço de tentar escapar daquilo que justamente merece. Não, isso não permitiremos!

"Agora é a hora em que você irá falar. Quando eu lhe disser para se calar, você fechará sua boca e não falará mais. Quando eu lhe fizer uma pergunta, você a responderá diretamente. Você não falará a não ser para responder a perguntas que lhe fizer, até que o autorize a falar livremente. Você entende?"

Ela viu a expressão maliciosa nos olhos dele enquanto anuía.

– Você concorda em responder apenas às perguntas feitas e a ficar em silêncio quando ordenado?

O modo como ele mostrou os dentes assegurou a ela que estava compreendendo bem a situação. Ele fez que sim com a cabeça, como se a forçasse a se mover contra tendões rígidos.

– A mordaça será usada caso necessário. Esteja avisado de que tentativas de culpar sua vítima terão como resposta a mordaça. Estupro é um crime contra a própria Deusa e um insulto ao Senhor de Chifres, seu consorte e amante. É um deboche vil do Grande Rito pelo qual Eles criaram e sustentam o mundo, e deixá-lo impune seria arriscar Sua fúria.

"Temos liberdade religiosa aqui; você está sendo punido por seu crime contra Debbie Meijer, não contra os Poderes que criam e moldam o mundo, seja lá o que queiramos dizer com isso. Contudo, insultar nossa moral é blasfêmia e será alvo de penalidades severas. E você... Bem, você é um estuprador."

Ela anuiu para Alex, que desamarrou a mordaça. Billy Bob cuspiu o apertador de língua e respirou... E ficou paralisado quando seus olhos encontraram os dela. Ela sustentou o olhar até ele soltar o ar e murchar ligeiramente.

– Melhor – aprovou. – Você estuprou Debbie Meijer?

Mais uma vez, ele inspirou e fitou seus olhos... E hesitou.

– Você não pode provar isso!

– Por que não? Tem certeza de que ninguém o viu?

– Claro... que ninguém me viu. Eu não estava lá!

Juniper fez uma careta de incômodo.

"Boa recuperação", pensou ela. "Não vai pegá-lo numa manobra de Perry Mason."

Juniper anuiu.

– Não dependemos de pessoas terem-no visto. A prova, como você a chama, é uma questão de crença. Todos no Óenach do Dun acreditam que você fez aquilo de que é acusado, com base em observações, no rastreamento de movimentos e no conhecimento de quem e o que você é. Sua culpa foi estabelecida para satisfação do Dun, e eu a aceitei.

"A palavra sem corroboração de Debbie e o estado do seu corpo são suficientes para nos provar que ela foi estuprada. A luta dela contra seu assédio contínuo é suficiente para condená-lo aos olhos da comunidade. A marca de seu anel em três lugares no corpo dela também é muito reveladora. Tenha em mente que não fui convocada aqui para decidir se você era culpado. Isso foi definido ontem de tarde enquanto você estava trancado, e Judy Barstow Mackenzie fez seu exame em Debbie. Você é o homem que a estuprou. Minha tarefa é determinar o que fazer com você.

"No clã Mackenzie, nosso princípio orientador é o patrimônio principal, de compensação. Por danificar uma propriedade ou não fazer sua parte, você pode ser multado em trabalho ou bens pelo desperdício que causou. Por crimes continuados, expulsão pelo voto da comunidade.

"Por violação, o que pode abranger fofoca maliciosa, agressão física e danos à propriedade ou aos animais de uma pessoa, a única variável é quão perigoso o criminoso é. Nós temos uma responsabilidade. Não podemos soltar uma pessoa perigosa no mundo se há a possibilidade de que ele ou ela vá ferir outra pessoa.

"Para homicídio. As circunstâncias da causa da morte devem ser analisadas por um perito escolhido pelo Ollam do Dun, e a decisão dependerá dessas descobertas, e a conclusão caberá ao Ollam e ao Óenach."

Ela pôde ver que Billy Bob estava relaxando. Ele deu de ombros. Após pensar alguns segundos, ela anuiu para ele.

– Eu cheguei à minha decisão. Você tem últimas palavras a dizer?

– Claro! – falou ele, sentando-se novamente. – Me deem minha bicicleta, carreguem os alforjes com comida suficiente e seguirei para o norte antes que a porta bata na roda traseira!

Os membros de Dun Carson se agitaram, havia raiva em muitos rostos; alguns gritaram sem palavras por fúria ou negação. Juniper esperou que se acalmassem; Billy Bob começou a se retorcer, mas Sam ainda segurava seu ombro, e ele não podia se soltar daquele aperto mais do que poderia se soltar do aperto de aço de um torno.

– No que diz respeito ao Dun, você não conseguiu trabalhar o suficiente para justificar sua manutenção nos quatro meses que passou aqui. Você chegou sem nada além de uma bicicleta velha, que desde então foi desmontada para fornecer peças de substituição.

– Cacete! – berrou Billy Bob. – Aquela era *minha* bicicleta, e *você* deve *a mim*!

– Não – retrucou Juniper. – Você deve ao clã quatro meses de cama e comida. Cama é avaliada em meio litro de trigo por dia, e comida em um litro e meio de trigo por dia. Por 126 dias no total. Isso é pouco mais do que duas arrobas de trigo.

– Você é maluca! – acusou ele, a encarando. – Onde vou conseguir trigo?

– Do suor de sua testa! – respondeu Brian, a voz tomada pela raiva.

Billy Bob se virou, mas Juniper falou, a voz dura e cortante.

– Parem. Isso é irrelevante. Causar danos supera tudo mais.

Houve um silêncio antes que ela prosseguisse.

– Alguém do Óenach tem algo a dizer sobre a possibilidade de Billy Bob estuprar outra mulher caso seja expulso?

Uma das crianças mais velhas – *eóghann*, ela lembrou a si mesma – ergueu a mão.

– Eu posso falar? – perguntou ele.

Juniper franziu o cenho quando a mãe do menino esticou a mão e depois a recolheu.

– Sim. Você tem voz, mas não voto.

– Ele... Ontem, cedo, e antes, ele costumava trabalhar ao meu lado. Tentei trocar, mas Brian disse que isso seria ruim para o moral e que eu deveria ser capaz de ignorá-lo. Mas ele falava sempre; dizia coisas feias sobre Debbie. Estava sempre falando sobre ela. Às vezes, falava sobre outras mulheres, não daqui, e nem todas de Hood River. Ele ria e dava

risinhos... como se fosse muito... divertido... falar sobre isso comigo, eu gritando com ele para calar a boca, como se fosse para fazer as coisas grosseiras sobre as quais ele me contava.

Juniper não pousou a cabeça na mesa, não gritou nem dançou de fúria. Mas teve esse impulso.

– Mais alguém tem uma história similar?

Ela ficou tensa, assim como o Óenach. Todas as mãos erguidas eram de *eóghann*, e algumas se ergueram na área das crianças.

O rosto de Brian ficou branco, e ele passou o braço ao redor de Rebekah. A mão da filha dele, de 13 anos, estava no ar, acenando. Juniper contou.

– A falha em lidar com a questão deixou seus filhos vulneráveis a um estuprador. E ele se valeu de seu descuido. Nove *eóghann* e três crianças foram molestados, física ou verbalmente. Antes que eu prossiga, Dun Carson Óenach, seu Ollam falhou com vocês. Desejam votar num novo Ollam?

O Óenach se agitou enquanto as pessoas se viravam e conversavam umas com as outras. Cynthia e Ray ficaram perto da mãe, todos os três chorando. Rebekah e Brian tinham aberto os braços para Sara, que correu para eles com lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Você disse a Debbie para não dar mole ou provocá-lo...

Eilir se virou com a pena a postos e o rosto soturno.

"Que lata de vermes, ó minha Mãe." Juniper anuiu. "Eu fico pensando que entendemos a Mudança e todas as pequenas Mudanças. Mas ela continua nos ensinando."

Um homem se ergueu, olhando ao redor para o resto do Óenach e girando o boné nas mãos. Gestos de cabeça e mãos encorajadoras o empurraram à frente.

– Eu sou Josh Heathrow. Eu meio que me dizia um pagão antes da Mudança. Aceitar a deusa foi fácil para mim; mas não queria o sacerdócio pleno. Ainda assim, o Óenach me pediu para falar por todos eles. E a conclusão é que não achamos que qualquer de nós poderia ter feito melhor. E é uma bosta chutar alguém para morrer de fome... Ou ser apanhado pelos Comedores... E é o que seria. Mas... as coisas mudaram. Teremos de lidar com isso, e não é uma coisa fácil de dar conta.

"Assim que algo físico aconteceu, Brian fez algo em relação a isso; e foi rápido. Acho que todos achamos que esta é uma lição e precisamos ter

a certeza de que não faremos isso novamente. Mas ninguém parece querer se livrar dos Carson. Eles são todos boa gente e muito conscientes, e esta *era* a terra deles, por gerações. Ah, talvez os campos, você sabe, não gostassem se mudássemos isso."

Ele olhou ao redor e de repente se sentou novamente. Juniper estivera estudando os rostos enquanto ele falava.

– Então, isto é o consenso? – indagou ela.

–Sim!

– Muito bem. Brian, você e Rebekah terão de ir ao Salão. Eu também espero estar lá. Vamos passar algum tempo estudando diferentes situações e possíveis estratégias. Sharon, Cynthia e Ray passarão mais horas com Judy, revisando suas responsabilidades futuras. Isso feito, eu pronuncio a pena.

– Ei! Espere! Eu ainda não fui considerado culpado... Ou condenado!

Os olhos de Peers saltaram com o súbito terror de ilusões desfeitas.

– Você não me ouviu dizer que eu não fui trazida para julgar a sua culpa? Estou aqui para anunciar sua pena.

Billy Bob se levantou de um pulo, gritando obscenidades e negações, e Sam enfiou a mordaça novamente em sua boca. Um chute rápido atrás da perna o colocou de joelhos, o ar entrava e saía com força pelo nariz, e o homem de armas o agarrou por um punhado de cabelos.

Juniper se levantou e ergueu seu bastão mais uma vez.

– Ouçam a palavra da *Ollam Brithem* do clã Mackenzie!

Silêncio se fez, a não ser pelo arfar cheio de baba do homem amordaçado e o relincho distante de um cavalo.

– Dun Carson irá aceitar duas sacerdotisas experientes e um sacerdote no Dun para ajudar aqueles cujos corações foram feridos pelos atos deste homem. Eles não serão membros do Dun, mas trabalharão, como todos nós.

"Debbie terá seis meses para decidir se deseja permanecer em Dun Carson, ir para outro Dun ou liderar um grupo rumo ao norte para recuperar suas terras perto de Lebanon, por sua vez se tornando uma chefe Ollam. Caso ela deixe Dun Carson, Dun Carson deverá lhe dar bens equivalentes a seu trabalho duro, como disposto por Brian Carson nesta folha. Dun Juniper lhe dará apoio pelo valor do título dos hectares em Silverton de que abriu mão em prol do clã. Dun Carson irá acrescentar um

quinto a mais em compensação por permitir que sofresse assédio sexual por quatro meses e fará um pedido de desculpas formal."

Juniper se levantou e tomou a lança de Chuck. Ela apontou para o corpo deitado de barriga de Billy Bob, e a luz brilhou dele, tremeluzindo nos caracteres ogham gravados.

– Este homem é um cachorro louco. Ele ataca os jovens e destrói a reputação de suas vítimas, bem como sua honra e integridade. Expulsá-lo não nos protegerá dele. Ele poderia voltar a qualquer momento, se esconder e atacar os nossos furtivamente, por conhecer nossas defesas. Ou encontraria e atacaria outros. Devemos removê-lo do círculo do mundo, pelo qual somos responsáveis. Nós o encontramos em nosso ninho, em nossa terra, roubando nosso povo. Noite passada, eu e meus conselheiros debatemos as possíveis permutações. Definimos um ritual e, com ele, causaremos sua morte. Que os Guardiães do Portão Norte o julguem; que ele se corrija e se conheça na Terra do Verão.

"A morte é algo terrível, e todos nós nos vimos, ano passado, confrontados pela morte e o medo dela. Eu matei um homem meras horas depois da Mudança, para salvar outro. Mas não nos permitamos ficar calejados por ela, nem a recusarmos, a afastando de nossas mentes. Então, Dun Carson irá executar a sentença. Não vamos esconder de nós mesmos o que decidimos fazer, não permitiremos que outro tenha esse fardo."

Billy esperneou e tentou se levantar. Seus gritos foram abafados, mas ele lutou até seus cabelos começaram a ser arrancados pelas raízes.

Sam o acertou na barriga com o calcanhar.

– Eu me acalmaria se fosse você, camarada. Ou irá doer mais.

Chuck ergueu um pote.

– Há 53 bolinhas de gude nesta urna. Seis verdes, quatro vermelhas, uma preta e 42 azuis. Cada adulto pegará uma bolinha. As seis pessoas que pegarem uma bolinha verde cavarão a cova, de um metro e oitenta de profundidade, um metro e oitenta de comprimento e noventa centímetros de largura.

Ele apontou para o canto nordeste vazio da encruzilhada, onde seis pás haviam sido fincadas na grama.

– As bolinhas vermelhas são para as quatro pessoas que irão escoltá-lo a seu local de execução e mantê-lo lá. A bolinha preta é para o carrasco. Todos acima de 16 anos irão testemunhar. Os pais poderão permitir a

presença de crianças entre 14 e 16 anos. Os mais jovens deverão voltar ao Dun, longe da visão e do som da execução.

O corpo de Billy Bob arqueou, se sacudindo. Um fedor tomou o ar de repente, quando suas tripas se soltaram e ele desmaiou. Judy chamou algumas das testemunhas dos outros Duns. Eles despiram o homem inconsciente, o limparam com trapos e o vestiram com um velho roupão de poliéster, fazendo caretas de desgosto.

Sam Aylward bufou.

– Ele deveria ser obrigado a cavar para si mesmo – observou suavemente.

O pote circulou entre os Óenach; alguns pegaram rapidamente, alguns hesitaram, outros ergueram as suas bolinhas e houve os que as espiaram nas palmas das mãos antes de abrir os dedos. Um ou dois soluçaram de alívio quando suas bolinhas foram azuis. Paulatinamente, seis pessoas caminharam até as pás e começaram a traçar o túmulo e cavar, usando lonas para conter a terra. Quatro pessoas, três homens e uma mulher, se colocaram junto ao homem caído de barriga. Então, um som correu pelo pavilhão, e uma mulher que Juniper não conhecia caminhou até o homem e abriu a mão. A bola de gude preta caiu na camisa dele.

– Adequado – comentou Brian. – Ela tem tentado nos convencer a fazer algo em relação a ele. E ameaçado fazer ela mesma.

Juniper fez uma careta.

– Bem, a não ser que seja uma assassina fria, irá aprender a lição que quero ensinar a todo o Dun e à metade do clã Mackenzie sobre pagamento e punição.

– Senhora – disse Brian. – Sarah só tem 3 anos, mas ela quer ficar... E Rebekah e eu achamos que deveria.

Juniper estava estendendo a mão na direção de Rudi, ajeitando blusa e lã para que pudesse amamentar o bebê incomodado. Ela hesitou, concentrada em ajeitá-lo; não que isso costumasse demorar muito, mas normalmente não o amamentava sob um xale.

"O que iremos fazer quando os sutiãs de amamentar se desfizerem? Corpetes... Cruzes!"

Quando Rudi começou a mamar, ela olhou nos olhos de Sarah.

– Por quê? – perguntou.

A garota parecia ao mesmo tempo prestes a chorar e com raiva.

– Ele... ele disse que ia me matar. Disse... bem, disse que tinha matado Bunny FooFoo e que iria fazer o mesmo comigo.

A garota parecia nauseada, e Juniper teve de se obrigar a erguer uma sobrancelha para Brian. O homem corpulento balançou a cabeça, desalentado.

– Você sabe, senhora. Eu não tinha a sua religião. Mas parece que levei um golpe do Todo-Poderoso na cabeça por ter sido descuidado. É, o coelho foi morto. Tentei dizer a ela que tinha sido um coiote, mas nem mesmo eu acreditei nisso, e claro que ela também não; mas não brigou comigo. E nós precisávamos do coelho; era um angorá francês, e esperávamos começar uma criação para lã especial. Sarah está tentando recuperar os traços a partir dos filhotes, mas seria muito mais fácil se o macho ainda estivesse vivo. Mas estou falando além da conta. Sarah precisa ter certeza de que ele irá morrer. E eu também. Só gostaria que ele pudesse morrer dez vezes.

Juniper balançou a cabeça, ninando o bebê.

– É fácil e natural para você achar que o está punindo. E alertando os outros para isso. Mas não funciona assim. Pense nisso como selecionar o rebanho. É uma medida de proteção, e vamos fazer isso o mais rapidamente possível.

Ela passou o bebê para o outro seio e olhou para Sarah.

– Não quero que você veja. Entendo por que deseja, mas não acho que seja saudável.

Ela olhou para Brian, e depois Rebekah.

– Vocês têm uma razão melhor para que ela veja? Não haverá dúvida de que ele morrerá.

Brian balançou a cabeça e hesitou.

– Você sabe, senhora. Está na Bíblia. *O preço do pecado é a morte*. Mas já se passou muito, muito tempo desde que levamos a sério essas palavras. Nós nos concentramos no presente vivo de Deus. Quantas pessoas irão tentar viver segundo obras sagradas, como vocês, Mackenzie, fazem... E o que isso vai significar para a justiça?

– Se você acha que tínhamos uma verdadeira justiça pura e impecável no antigo mundo... – Chuck estava de pé junto a eles, e balançou a cabeça.

– Não – disse Rebekah. – Ela era falha, e as pessoas ficavam impunes... E nós quase deixamos este homem ficar impune. Mas isso não significa que os métodos antigos eram melhores. A lei era cruel e dura. Ela precisa ser?

Ela meneou a cabeça, depois olhou para a filha.

– É isso? Você tem medo de que o deixemos ir, como deixaram aquele professor livre depois que Melly se queixou dele?

Sarah fez que sim com a cabeça, lágrimas nos olhos. Os quatro adultos concordaram meneando a cabeça. Rebekah virou a filha na direção do grupo de crianças.

– Vá. Ele morrerá. E se ele escapar, naquele roupão de banho arruinado do seu tio, eu prometo lhe contar.

Sarah resistiu, depois voltou para o grupo de jovens. Rebekah estava franzindo o cenho e se assustou quando Brian colocou a mão em seu ombro.

– O que é, amor? – perguntou ele.

Ela balançou a cabeça.

– Um pensamento. Sobre o qual precisamos conversar mais tarde.

Os coveiros saíram do buraco e puxaram a escada depois, limpando as testas; um deles parou e olhou para o suor na palma da mão, como se chocado por aquilo ser igual a qualquer outro trabalho. O resto se reuniu ao redor do buraco, distante o suficiente para não desmoronar as paredes frágeis. Os acompanhantes acordaram Billy Bob com um tapa e o ergueram. Ele lutou, mas os quatro o seguraram com firmeza.

Ele estava resistindo demais para que o levassem até o nicho fresco e argiloso. Juniper foi se posicionar na extremidade norte da cova. Quando a escolta olhou para ela querendo ideias sobre o que fazer, ela abriu as mãos.

– Este é o fardo que os Poderes escolheram para vocês, meus amigos – comentou ela em voz baixa, superando os grunhidos estrangulados. – E é de vocês.

Eles o seguraram no meio do grupo e se entreolharam. Um fez um gesto para que a escada fosse colocada na extremidade oposta. A mulher e um dos homens o soltaram e desceram. Com uma rapidez surpreendente, os dois homens agarraram Peers pelos braços e pernas, o balançaram sobre a cova e soltaram os pés. Ele caiu, e os dois abaixo o agarraram e jogaram no chão; era úmido e marrom acinzentado, com uma minhoca saindo de um torrão. O cheiro se elevava da terra escura, argiloso e forte. Aquilo tinha uma sensação de *correção*.

Cordas e estacas prenderam pés, braços e ombros ao chão.

– Senhora? Devemos tirar a mordaça? – perguntou um deles, no momento em que Judy subia agitada com a lona suja, roupas e trapos.

– Perguntem a ele. E perguntem a si mesmos. Vocês se importam se ele for para a morte em silêncio ou prefeririam ouvir seus últimos berros? Com o que estão dispostos a viver?

Todos menos um subiram.

– Então? – perguntou ele.

Juniper ficou de pé, os braços doendo de segurar o peso da criança de nove meses... E se recusando a dá-lo de volta a Melissa. O Óenach murmurou, se mexeu, sussurrou e se agitou.

Josh Heathrow se adiantou novamente, indo até a beirada. Olhou para baixo e perguntou:

– O que quer? Que tiremos a mordaça antes que seja morto ou que a deixemos?

Juniper ouviu uma batida. O homem da escada soltou uma exclamação impaciente e desceu.

– Ele quer tirar, mas está claro que vai ficar feio – disse ele para cima.

– Nenhuma classe – falou Chuck em voz baixa, lamentando. – Nada como a grandiosa velha tradição dos salteadores ingleses orgulhosamente declarando sua coragem no patíbulo.

Juniper suspirou e o chutou de leve na canela. Josh estava consultando novamente Óenach e Ollam.

Ele se curvou.

– Não precisamos dos xingamentos dele, e não precisamos dar a ele mais uma oportunidade para causar o mal. E não precisamos de mais combustível para pesadelos. Deixem a mordaça.

Judy largou o fardo de panos sujos aos pés da cova.

Brian se adiantou com Ray ao seu lado, branco e estremecendo, mas respirando fundo enquanto seu tio falava.

– Óenach e Ollam concordaram que este homem – começou, depois olhou para Juniper por um segundo – profanou o Grande Rito e os mistérios preciosos do amor ao estuprar uma mulher do Dun ontem. Seu crime contra os Poderes é dele, mas é nosso direito julgá-lo por seu crime contra nossa irmã. Desde o acontecido, descobrimos que ele também tentou corromper alguns dos nossos filhos. Cachorros loucos devem morrer. Não há cura que valha o preço que pagaríamos. Mairead, você está pronta?

A mulher que tirara a bola de gude preta se adiantou. Como muitos, seu rosto estava branco ao se dar conta naquele momento do que iria fazer.

“Isto não é o calor da batalha, quando você ataca cegamente por fúria e medo”, pensou Juniper. “Isto não é o sangue quente de uma discussão. Isto fazemos com intenção e com cerimônia. Temos nossas dúvidas, mas as escondemos. Nós invocamos os Poderes; nós falamos pela Lei; nós falamos por nós, o Povo; nós falamos pelo Estado. Mas o que fazemos, ainda fazemos como almas humanas.”

A chefe se adiantou. Chuck e ela agarraram a lança para dá-la à escolhida. Juniper engasgou e sentiu a mão do Alto Sacerdote enrijecer na madeira de sorbo ao lado da sua. A cabeça de Eilir também apareceu, e mais de um entre os espectadores. O choque que ela sentiu ainda foi quente e raivoso, mas era a tensão contida antes de um raio cair, e havia mais alguma coisa nisso, uma invocação...

– Este homem foi um dia uma criança – disse ela, como se as palavras brotassem do seu íntimo. – A Mãe deu a ele vida, e sua mãe o amou. Ele recebeu grandes presentes: um corpo forte e saudável, uma mente inteligente, uma língua hábil, uma grande vontade de viver, ou não teria sobrevivido tanto tempo. Ele ganhou uma *vida*, e que remendo lamentável ele fez dela para si mesmo e para os outros.

Todos olhavam para ela, tensos e concentrados.

– Vocês não podem *sentir* a raiva dos Poderes com o que ele fez e o que ele profanou? – A voz dela ficou um pouco mais alta. – O desprezo pelo Mistério que Eles nos deram, para nosso prazer, e para que pudéssemos nos juntar a Eles para produzir a vida?

Ouviu-se um som como o vento passando por entre árvores enquanto as pessoas anuíam.

– Mas agora nós o ajudamos a expiar; e também Os aplacamos com este sacrifício. Mas mesmo na raiva da Mãe Escura há amor. O Guardião das Leis é rígido, mas justo. Além do Portão na Terra do Verão, a Verdade está nua, e ele irá se conhecer. Ele mesmo irá escolher como se tornar íntegro e renascer por intermédio do caldeirão Dela, que é Mãe de Todos na vida que escolher. Então que seja!

– *Então que seja!*

Mairead estremeceu quando a Alta Sacerdotisa e o Alto Sacerdote lhe passaram solenemente a lança.

– Esta lança foi feita com este objetivo – disse Juniper. – Ela é abençoada e consagrada para isto.

A haste oscilou e Sam pulou para ajudar.

– Aqui – falou Sam. – Calma, menina. Permita-me virá-la. Agora, passe pela beirada. Você, Danny, coloque-a onde eu lhe disse. Ali. Agora, as duas mãos na vara... Está vendo, onde enrolei couro de cervo para não escorregar. Um empurrão forte. Não permita que ele sofra. Agora está no ângulo certo. Penetrará no coração limpo e rápido. *Agora*.

Juniper manteve o rosto calmo à custa de um grande esforço. "Será que pedi demais? Será que deveria iniciar uma tradição de carrascos de máscaras pretas? Não! Esta é *nossa* justiça, e precisamos possuí-la."

Mairead tremeu, Brian se posicionou à esquerda dela e Josh à direita. Colocaram as mãos na vara, acima e abaixo das dela.

– Vamos – disse Josh. – Você tem de fazer isso. Mas somaremos nossa força à sua. Será rápido.

Enquanto Mairead engolia em seco e apertava as mãos, Sharon e Rebekah se adiantaram e colocaram as mãos nos ombros dela. Juniper a observou fechar os olhos... Não para bloquear a visão, mas para sentir a posição da vara, e então empurrou, de repente e com força.

A cabeça afiada penetrou a cavidade torácica de Billy Bob e atravessou o coração, o corpo se curvou mais uma vez e ficou imóvel. Com o homem dentro da cova, Sam e Brian empurraram com um pouco mais de força, cravando a caneca na terra abaixo.

E algo *estalou*. A raiva quente que tinha subido aos seus pés sumiu, com apenas um rápido vento fresco de pena. Então, o dia se tornou apenas um dia, e havia trabalho a ser feito.

Juniper colocou Rudi nos braços de Eilir, pegou uma pá e a encheu com a terra da cova.

– Eu o expulso – falou Juniper, e com cuidado jogou a terra na cova. – Eu o expulso. Eu protejo as crianças. Eu rejeito sua blasfêmia. Eu me protejo.

Juniper recuou. Mairead ainda tremia. As pessoas iam abraçá-la, mas seu estado de espírito permanecia sombria. Juniper anuiu para si mesma enquanto pegava Rudi de volta. As mãos dela faziam sinais, pequenos, limitados pela criança.

"Sim. É assim que somos donos de nossas vidas."

A cova foi enchida rapidamente, a vara comprida se projetando acima do solo. Fitas vermelhas e pretas foram amarradas nela, e Juniper se voltou para o norte, o sol quente da tarde agora à sua esquerda. Eilir estendeu as mãos para Rudi, e ela o soltou.

Sharon se colocou à esquerda dela e, para sua surpresa, não Cynthia, mas Rebekah, se colocou à direita. Então, ela ergueu os braços.

– *Manawyddan,* Mar Incansável, nos limpe e purifique! Nós agimos em defesa de nosso povo. Eles não são atos levados a cabo com leveza. Mar Incansável, nos limpe!

– *Rhiannon,* Égua Branca, mantenha-o fundo dentro da terra, para que ele tenha tempo de aprender e renascer para tentar novamente.

– *Arianrhod,* Dama Trançada de Estrelas, lance Sua luz sobre nós, a luz da razão. Proteja-nos dos temores da noite, nos dê olhos para que possamos ver e proteger aqueles que amamos antes que sejam vítimas do mal.

– Este encontro do Dun para justiça está encerrado. Nós nos encontramos na tristeza, debatemos em dor e partimos com decisão. Então, que seja!

– Então, que seja! – repetiu o Óenach enquanto pegavam caixas e cestos, baixavam as lonas e ofereciam hospitalidade aos vizinhos.

Juniper anuiu em aprovação quando as testemunhas fizeram *namaste*, e recusaram palavras silenciosas de apoio e ofertas de ajuda antes que partissem para suas casas e o trabalho que não iria e não podia esperar.

– Senhora, o que fazemos agora? – perguntou Cynthia Carson.

– Manter uma vigília, creio – respondeu Juniper. – Vocês terão de improvisar. Mas acho que amanhã ou nos dois próximos dias vocês deveriam se concentrar em cumprir todas as pequenas tarefas. Vocês estão todos chateados, e será fácil cometer erros.

Brian, Ray e Sharon anuíram. Pegaram os fardos de lona que os outros deixaram para trás e retornaram ao Dun.

Juniper suspirou.

– E agora também é hora de irmos para casa. Podemos chegar lá antes de o sol se pôr.

Ela esfregou a testa, incomodada.

– Gostaria que não tivéssemos precisado lidar com algo tão grotesco assim em nossa primeira incursão no crime capital.

Sam deu de ombros, mantendo Melissa perto.

– Se não fosse isso seria alguma outra coisa, senhora. O que quer que fosse, nos teria parecido a pior coisa.

Juniper suspirou e deu de ombros. “Eu quero estar em casa com meus entes queridos. Acho que também passaremos a noite em vigília.”

SAMUEL SYKES

Às vezes é melhor você *escutar* com toda atenção, se quiser sobreviver... Samuel Sykes é um autor relativamente novo. Entre seus romances estão *Tome of the Undergates*, *Black Halo* e *The Skybound Sea,* que, juntos, formam a série "Aeons' Gate". Nascido em Phoenix, ele hoje mora em Flagstaff, também no Arizona.

O NOME DA FERA

Quando as fogueiras do acampamento morreram e os corvos se acomodaram nos galhos da floresta, ela pôde ouvir tudo o que o marido dizia.

– E a criança? – perguntara Rokuda. Ele falou no momento em que a água atingiu a chama. Suas palavras estavam no vapor: igualmente aéreas, igualmente vazias.

Eles só conversavam à noite. Eles só conversavam quando as fogueiras eram apagadas.

– Ela está dormindo – respondera Kalindris. Suas palavras eram mais pesadas na escuridão.

– Bom. Ela vai precisar do descanso. – A escuridão nunca era densa o bastante para esconder o brilho dos olhos verdes dele. – Você também deveria descansar. Quero lhe ver desperta e atenta.

Ela não erguera os olhos enquanto amolava a faca. Assim como decidira não o apunhalar com a faca por falar com ela desse modo. Uma boa troca, ponderou ela. Correu os dedos pela ponta, sentiu cortar superficialmente. Ela a deslizou para uma bainha antes de pegar as botas, onde sempre as deixava.

– Ela pode descansar. Ela pode ficar descansando. Partirei antes de amanhecer. Voltarei antes de anoitecer. Ela nunca precisará saber.

– Não.

Na falta de pelos nas costas, suas orelhas se ergueram, afiadas e pontudas como sua faca. Elas se colaram na cabeça. Rokuda não tinha visto. Mesmo se ele tivesse, ela raciocinou, não ligaria. Ele era assim.

– Não fiz uma pergunta – retrucara ela.

– E o que devo dizer a ela?

– O que quiser. Irei sem ela. A fera estava perto demais. A tribo estava em perigo. Eu não podia esperar por ela – dissera, e calçou as botas. – Não preciso de suas palavras. Você pode dá-las a ela.

– Não.

– Não me diga essa palavra.

– Ela tem de aprender. Ela tem de aprender a caçar a fera, a odiar a fera, a matá-la.

– Por quê?

– Porque somos shicts. Nossas tribos chegaram a este mundo vindas da Floresta Escura. Antes dos humanos, antes dos tulwars, antes de qualquer macaco aprender a caminhar sobre duas pernas, nós estávamos aqui. E estaremos aqui muito depois deles. Porque para protegermos esta terra eles têm de morrer.

Os discursos dele não a inflamavam mais. Ela agora só sentia frieza em suas palavras.

– Ela tem de aprender a ser uma shict – dissera Rokuda. – Ela tem de aprender nosso legado.

– O seu legado.

Kalindris o sentiu na escuridão enquanto ele se acomodava ao seu lado. Sentiu sua mão antes mesmo de ele tocá-la. Nos pelos se arrepiando em sua pele, no peso frio no fundo da barriga. Seu corpo ficou paralisado, esperando tenso um golpe suave. Ela sentiu cada nó de cada dedo enquanto ele pressionava a mão sobre a pele de seu flanco. Como se fosse o lugar dela.

– Seja razoável quanto a isso... – pedira ele, a voz se tornando mel deslizando pela casca da árvore.

– Não toque em mim.

– Os outros homens da tribo não olharão para ela. Eles não a escutarão. Olharão para ela e ficarão imaginando de que tipo de criatura ela veio. O que seus pais eram para criá-la... Você precisa levá-la para a floresta e mostrar a ela como é feito.

– Eu não preciso, não. E você não pode mudar tudo de que não gosta.

– Sim, eu posso.

Sua voz se tornou casca de árvore se soltando em tiras. Ele apertou os dedos. Ela sentiu cada pelo de cada traço de pele se erguendo. Sentiu a faca na cintura. Ela a ouviu em sua bainha. Ouviu a própria voz. Vapor na escuridão. Aérea. Vazia.

– Não toque em mim.

* * *

Entre a luz do sol que penetrava por entre os galhos acima, ela conseguia ouvir a floresta.

Um casco de cervo raspando o musgo num tronco caído. Um galho de árvore balançando quando um pássaro decolava para o céu. Uma linha de formigas tão grossa a ponto de se esquecer que eram indivíduos, marchando sobre uma raiz morta.

Sons de vida. Longe demais. As orelhas de Kalindris se ergueram.

Uma mariposa se esforçando muito para permanecer imóvel enquanto um texugo farejava ao redor do galho caído no qual estava pousada. Uma árvore gemendo enquanto esperava que a podridão que descia por seu tronco chegasse às raízes. Folhas mortas sendo esmagadas pelo corpo de um porco que, com o focinho tomado por doença e muco, se acomodava para morrer.

Mais perto. Ela respirou, deixou que o ar a enchesse, expirou.

Ar saindo de bocas secas. Gotas de sal caindo sobre terra dura. Um apelo gemido e ruidoso sem palavras.

E ela ouviu.

O Uivo disse a Kalindris quem precisava morrer.

– Isto está demorando demais.

Suas orelhas baixaram. Suas sobrancelhas se juntaram. O cenho franziu mais.

A criança.

Falando.

Novamente.

– Você já *encontrou* a trilha – reclamou a criança. – Há duas *horas*. Poderíamos ter encontrado a fera agora. Em vez disso, passei meia hora esperando, meia hora procurando mais trilhas, meia hora disparando flechas pela abertura entre aqueles galhos lá atrás e meia hora pensando em como poderia disparar em mim mesma com meu próprio arco para poder negar ao tédio o prazer de me matar.

O Uivo a abandonou, tão rápida e facilmente quanto tinha chegado. Os shicts não pediam nada à sua deusa, Riffid. Chamar sua atenção era

chamar sua ira. Ela não lhes dera nada além da vida e do Uivo, e depois os deixara na Floresta Escura. Eles passaram gerações refinando-o, sentido-o acima de todos os outros, a voz da vida e da morte.

E de algum modo, o choramingo da criança conseguia expulsá-lo num instante.

– Quando vamos *caçar*?

Não importava. O Uivo mostrara o suficiente a Kalindris. Os outros ruídos de vida e morte não eram importantes. Ela se aferrou unicamente àquele último, que vacilara entre os dois. O som da incerteza. O som que esperava que ela inclinasse a balança na direção da escuridão.

Kalindris se ergueu. As folhas caíram de seus couros de caça quando passou o arco e a aljava por sobre o ombro. O couro se acomodou num vinco familiar sobre a pele nua, no sulco do seu pescoço, a única coisa que ela já permitira chegar tão perto de sua garganta. E a única que ela voltaria a permitir, pensou, esfregando uma cicatriz sobre a clavícula. Ainda podia sentir enquanto passava as mãos sobre a carne marcada. Cada nó de cada dedo, afundando em sua pele.

Sem olhar para trás, Kalindris desceu da pedra e foi atrás do barulho. A floresta se ergueu ao redor dela em pilares indiferentes, não como a proximidade familiar da mata interna que não deixava espaço para a luz do sol. Luz demais ali no limite do mar de árvores; visão demais, audição de menos. O Uivo não falava ali. Ela tinha de manter as orelhas altas e abertas.

Elas se ergueram como lanças e ela escutou. Folhas sendo esmagadas, um grito ofendido, respiração acelerada.

A criança.

Seguindo.

Ainda.

– *Ei*! Não me trate como se eu fosse idiota! – protestou a criança, seguindo-a às pressas. – Se vai tentar me abandonar, pelo menos não seja tão óbvia. Isso poderia me dar a oportunidade de rastreá-la e fazer *alguma coisa* hoje.

Abandono exigia mais do que ela tinha para dar. Aquilo exigia maldade, raiva, e ela não podia desperdiçar nada disso com a criança. Aquilo era para outro, com suas flechas, sua faca e aquele dia.

– Por que não conversa comigo? – perguntou a criança. – Fiz tudo direito. Segui as trilhas como você me mostrou. Fiz tudo que você

mandou. O que fiz de errado?

A criança falava demais. Era por isso que Kalindris não falava; a criança usava todas as palavras. Isso era o que ela fazia errado. Ela não deveria precisar nem de longe de tantas quanto usava. Ela não deveria precisar de *nenhuma*. O Uivo era a linguagem shict, aquela que vinha com a respiração e o choro quando eles nasciam.

E a criança não conseguia ouvi-lo. A criança não conseguia usá-lo. Ela só conseguia respirar. Ela só conseguia chorar.

Doía nos ouvidos de Kalindris.

– Pelo menos estamos indo na direção certa? – quis saber a criança. – Eu não posso voltar até a fera estar morta. Se voltar, não recebo minhas penas. Não serei aceita – a voz murchando. – Pai disse.

Ela parou e se encolheu.

Rokuda disse. Rokuda dizia muitas coisas. Dizia coisas como se fossem fatos, como se sua palavra fosse tudo o que importava. Qualquer um que discordava via aqueles largos olhos verdes brilhantes e o sorriso afiado, e ouvia seu mel quando ele lhes dizia que estavam errados.

Antes que Kalindris percebesse, suas costas doeram. Sua coluna ficou rígida como uma lança e visível sob a pele. Ela se virou, orelhas coladas nas laterais da cabeça, dentes à mostra.

A criança estava lá de pé. Seus cabelos eram brilhantes demais, cortados como arbustos dourados, e as penas em seus cachos se projetavam em ângulos estranhos. O arco sobre os ombros ossudos estava tensionado, e tensionado errado, os braços magros eram pequenos demais para puxar a flecha para trás. E suas orelhas se erguiam desajeitadas, uma para cima e outra para baixo, compridas e lisas, sem cortes. Estavam sempre tentando escutar algo que não conseguiam ouvir.

Os olhos dela eram verdes demais.

– Seu pai nem sempre está certo – disse.

– Se isso fosse verdade, ninguém escutaria quando ele falasse – protestou a criança. Ela inchou com uma espécie de orgulho ensaiado, o tipo que sentia que deveria ter, em vez de realmente ter. – Quando o pai fala as pessoas escutam. Quando ele lhes diz que façam algo, elas *fazem*.

Palavras. Palavras pesadas vindas da criança. Como se ela acreditasse nelas.

Um momento doloroso de concentração foi necessário para que Kalindris destravasse todos os nós de todos os dedos de seu punho. Ela

teve de se virar, fechar os olhos e os ouvidos à criança. Ajeitou a aljava e continuou a seguir o barulho por entre as árvores.

– Não deveríamos ter vindo para cá. Deveríamos ter escutado.

– Não tínhamos escolha. Apenas continue andando. *Continue*.

Mãe e pai estavam brigando de novo.

– Ela pegou Eadne. Aquela *coisa* pegou a minha Eadne. E nós a deixamos. E corremos. De nossa própria terra!

– Deuses, será que você poderia *calar a boca* e me deixar pensar?

Mãe e pai não estavam com medo porque estavam brigando. Então Senny também não estava.

Sempre que ficava com medo, ela olhava para mãe e pai. Mãe olhava para pai e ficava louca. Pai olhava para mãe e começava a gritar. E eles brigavam demais para ficar com medo. Então, ela segurava a faquinha enfiada na cintura e estava pronta para lutar, e também não ficaria com medo.

Não importava quão rápido estivessem correndo. Não importava com quanta força mãe estivesse puxando seu braço.

– Aquilo a *matou*. Deixou numa árvore e pintou a casca de vermelho com ela. Deveríamos ter ficado. Deveríamos tê-la enterrado. Não deveríamos ter corrido.

– Não tivemos escolha, sua *idiota*. Ela iria nos pegar depois. Está vindo atrás de nós *agora*. Pense nela.

Senny sabia de quem eles estavam falando. Pai os chamava de monstros. Tinham ido à casinha deles e mandado que fossem embora. Disseram que a floresta era deles. Ele disse que não iria. Então, pegaram Eadne.

O nome deles parecia uma palavra raivosa.

Pai baixou a mão e pegou a outra mão de Senny. Ele também a puxou. Talvez para mostrar à mãe que conseguia puxar com mais força, não estava com tanto medo. Ela recolheu a mão para poder agarrar a faquinha e mostrar ao pai que também não estava com medo.

Mas ele não notou.

Estava olhando para a frente. Mãe estava olhando para trás. Tinham dito que Eadne ficara para trás, mas não estava indo com eles. Eles não estavam falando sobre Eadne. Talvez não quisessem que ela sentisse medo.

Mas ela já sabia. Já a tinha visto na árvore com os galhos; as folhas e suas pernas balançando ao vento.

Mãe queria voltar, mas continuava avançando com pai. Passando pelas árvores, de volta à casinha deles junto ao riacho.

Era uma casa boa. Ela sabia disso mesmo que o pai não tivesse dito quando contou à mãe que iriam morar lá. Arbustos cheios de amoras boas para comer cresciam junto ao riacho. E havia armadilhas para colocar e coelhos para pegar, e mãe mostrara a ela como fazer refogado. A floresta era assustadora, mas pai lhe dera a faquinha. Eles lhe disseram para nunca ir lá.

Ela olhou para as árvores além do braço da mãe. Quando foram para lá, elas pareciam escuras e assustadoras. Mas ela fora lá com a faquinha. Sabia que havia lugares onde podiam se esconder da fera, daquela *coisa* que tinha pegado Eadne.

– Pai – chamou ela.

– Continue andando – disse o pai.

– Mas, pai, a floresta...

– Eu sei, eu sei, eu sei.

Senny ergueu a faquinha.

– Há lugares, e há amoras, e podemos ir lá e eu não...

– Maldição, não *agora*, sua merdinha, sua pequena *shit*.

Ele não dizia muito aquela palavra perto dela. Porque achava que ela não sabia o que significava. Mas tinha dito antes, quando contou a elas que estavam indo para a floresta, na época em que construiu a casa, e as pessoas com penas no cabelo apareceram e disseram a ele para ir embora. O nome deles era aquela palavra. Ela sabia o que significava.

E ele a usava muito mais quando estava assustado. Era como os monstros se chamavam. Como soava o nome deles.

– Não ligo se a merdinha está chateada porque estamos numa merda muito maior do que precisaríamos estar porque você não cala a merda da boca sobre toda essa merda. *Shit*!

Mãe não estava mais falando.

Talvez porque mãe também estivesse assustada.

Ela segurou sua faquinha. E segurou a mão da mãe.

Quando a lua começou a mergulhar no mar de árvores e as corujas famintas voltaram para seus buracos com fome, ela tentou não ouvi-lo.

– Mais uma coisa.

Apenas no escuro Rokuda falava com ela. Apenas quando não podia vê-la tentando ignorá-lo, quando ela não podia se ocupar com alguma outra tarefa e por um tempo fingir que ele não era dela. Apenas quando ele não podia vê-la passando os dedos sobre a cicatriz em sua clavícula.

– Quero que você traga de volta provas – falara ele.

– Provas – ecoara Kalindris.

– Um troféu. Algo para mostrar à tribo que ela fez. Quero que você garanta que ela tenha sangue nas mãos.

– Você quer que eu traga para você.

– Sim, pegue e enfie nas mãos dela, caso precise. Diga a ela que isso me deixará orgulhoso. Então, ela o fará.

– Ela não consegue disparar – dissera Kalindris. – Ela não consegue esticar o arco o suficiente, e não consegue espreitar a presa. Ela é barulhenta, como você – Kalindris completara sem parar de amarrar as botas. – Ela não consegue fazer.

– Ela precisa.

Kalindris ficou paralisada quando Rokuda se sentou nas peles junto a ela. As peles que permaneceram frias por anos. Ela nunca dormia nelas a não ser que o inverno estivesse frio demais. Mas, quando ela se deitava ao lado dele, não sentia o frio doloroso do inverno. Ela se sentia suada, fria, úmida. Nauseada.

Como naquele momento.

– Olham para ela como se não fosse um deles. Eu não suporto isso. Então, ela tem de saber o que é ser shict.

Ele dizia esse nome com facilidade demais. Como se fosse uma palavra. Shict era mais do que isso. Não deveria ser pronunciado na escuridão, acreditava Kalindris.

– Ela já sabe disso – retrucara Kalindris, apertando os cadarços.

– Ninguém ensinou a ela – dissera Rokuda, tendo chegado mais perto.

– Ninguém deveria. Nós nascemos sabendo o que somos. O Uivo nos diz. – Não ela. Você tem de ensinar a ela.

Kalindris não disse nada quando se levantou e foi na direção do arco. Nunca estava longe dele, a não ser nas vezes em que o movia. Na escuridão, ela preferia mantê-lo perto.

Mas quando se levantou ele esticou a mão. Ele a pegou pelo pulso e ela se sentiu paralisar. Ficou frio novamente, frio como a cama deles.

– Você tem de mostrar a ela – insistira Rokuda.

"Eu não tenho de fazer nada", tentara responder. Mas suas palavras foram abafadas pela escuridão.

Ele apertou os dedos ao redor do pulso dela e ela se sentiu inteiramente fria. Sentiu cada ponto em que ele já a tocara, uma conta de suor frio se formando por toda parte onde as digitais dele permaneceram em sua pele. Ficou silenciosa, rígida. E, quando ele falou, a voz foi um pingente de gelo se partindo num dia de inverno.

– Você fará.

Ela olhou para o outro lado da clareira e falou suavemente, para não agitar as folhas à sua frente.

– Você sabe por quê?

A voz de Kalindris.

Estranha e desconfortável em sua própria boca.

Mas a criança estava olhando para ela. A criança tinha o arco nas mãos, uma flecha na corda.

Kalindris apontou para o tronco. O cervo raspava o musgo com um casco, arrancava restos verdes da madeira e os lambia do chão. Ele desperdiçava muitos sons enquanto comia: dentes raspando, grunhidos de satisfação, sugando a verdura com barulho. Ele não conseguia ouvi-la sussurrando para a criança sob a vegetação rasteira.

– Por que ele tem de morrer? – insistiu Kalindris.

A criança olhou para o cervo, apertando os olhos com força. Ela quase conseguia ouvir os pensamentos da criança, imaginou-os como coisas barulhentas misturadas. O Uivo não estava lá para dar clareza e foco a eles.

– Comida? – perguntou a criança.

– Não.

– Não sei. Competição? Nós o matamos ou somos mortos?

– Por um cervo?

– Ele tem chifres! – protestou a criança.

O cervo ergueu os olhos com o barulho repentino. Kalindris e a criança ficaram imóveis e quietas. O cervo estava com fome demais para partir. Continuou a mastigar e fazer barulho.

– Por que ele tem de morrer? – perguntou Kalindris.

A criança pensou com cuidado. Ficou tensa ao se dar conta.

– Porque só podemos saber quem somos em função de quem todos os outros são. Só podemos saber o que significa ser nós se sabemos que não somos os outros. Então, nós os matamos para saber isso, para saber quem somos e por que estamos aqui e por que Riffid nos deu vida e mais nada. Nós matamos. E porque nós somos os que matamos, somos quem somos.

Ela sentiu as orelhas se colando nas laterais da cabeça. As palavras do pai dela. As palavras do pai dela repetidas para mil pessoas que nunca falariam contra ele, nunca lhe diriam não. Ela também não lhe dissera não. Não quando as ouviu pela primeira vez. Não até ser tarde demais.

– Não – falou ela.

– Mas pai disse...

– Não – repetiu ela com mais firmeza. – Olhe para ele. Por que ele tem de morrer?

E a criança olhou para o cervo. E depois olhou para ela.

– Ele precisa mesmo? – perguntou.

O som de orelhas se erguendo. O som de pálpebras se abrindo até o fim. O som de uma respiração ficando curta. Compreensão. Reconhecimento. Resignação. Sofrimento.

A criança.

Escutando.

Sem palavras.

– Por que ele tem de morrer? – repetiu a pergunta.

– Porque eu tenho de matá-lo.

Kalindris anuiu. Sem sorrisos. Sem aprovação. Sem ruídos.

A criança ergueu o arco, puxou a flecha para trás e segurou. Confiou apenas em seus olhos. Ela verificou a pontaria uma vez, depois duas, então uma terceira. Na quarta, quando as mãos começaram a tremer pelo esforço, ela disparou.

A flecha atingiu o cervo na parte macia entre a perna dianteira e abaixo da cabeça. Estremeceu ali, cortando algo de que o cervo precisava. O animal soltou um grunhido, a respiração úmida. Cambaleou sobre os cascos, se virou para fugir. Mas as pernas não se lembravam de nada de antes da flecha. Ele se arrastou, sangrando na direção da floresta.

A criança preparou uma flecha e disparou novamente. Dessa vez, confiou apenas no seu coração. A flecha passou longe demais. Ela soltou um guincho, a voz em pânico, e voltou a disparar. Palavras sujaram o ar e a flecha se cravou na terra, pesada com o medo dela.

O cervo deu outro passo antes de cair. A flecha ficou balançando no pescoço do cervo, e o animal caído de lado, respirando pesado, lançando ar e sangue sobre a terra.

Kalindris se aproximou dele, com a criança atrás. Esticou a mão para trás e agarrou a criança, puxando-a para a frente. A criança olhou nos olhos do cervo, para si mesma refletida no grande espelho marrom do seu olhar.

A criança olhou para ela.

Kalindris levou a mão à cinta e puxou a faca. Estendeu-a à criança, que olhou o objeto como se fosse algo que não devesse estar ali, algo que ela só veria pendurada na parede da tenda do pai.

Levou o cabo em direção da criança.

– Por quê? – perguntou-lhe Kalindris.

A criança ergueu os olhos para ela. A visão de olhos arregalados e súplices. O olhar de ressentimento. O olhar de medo, ódio e traição por obrigar a criança a fazer aquilo.

Mas não houve palavras.

A criança pegou a faca e se ajoelhou ao lado do cervo. Pressionou sobre a garganta. Ela estremeceu e cortou pelo, pele e tendões até a base do pescoço do animal.

O pescoço abriu, e espirrou sangue sobre ela. Espirrou sobre suas mãos e seus braços. E a criança continuou a cortar em silêncio.

Enquanto o riacho murmurava ao lado, ela tentou acompanhar os pais.

– Está com medo, querida?

Senny não estava. Pelo menos, estava se esforçando muito para não estar. Balançou a cabeça e ergueu a faquinha. O pai pareceu não notar.

– Você não precisa ficar com medo – falou ele. – Não quando eu estou aqui. Nós vamos superar tudo isto, certo?

Ela concordou. Não estava com medo.

– Desculpe pelo que falei mais cedo, querida. Eu só estava irritado. Sua mãe estava gritando muito alto.

Mãe não parecia notar que estavam falando sobre ela. Mãe segurava sua mão e continuava a puxá-la na direção da cabana. O riacho estava perto, correndo. Trepadeiras com frutinhas maduras e brilhantes à luz do sol cresciam perto.

Eles podiam ir até a floresta para evitar a fera, talvez. Podiam correr para lá e viver juntos naquele lugar. A cabana era legal e ela sentiria falta dela, e sentiria falta de Eadne, e se esforçou muito para não pensar nela, porque sempre que pensava sentia como se fosse vomitar, e então mãe iria chorar.

– Querida, tudo vai ficar bem – comentou o pai. Mas não estava olhando para ela. – Tudo vai ficar bem, não se preocupe.

– Não estou preocupada, pai – respondeu ela. – Não estou com medo. Eu ainda tenho a faca que você me deu. Olhe.

– Vai ficar tudo bem, querida.

– Pai, podíamos ir mais fundo na floresta. Podíamos escapar da fera lá e voltar quando ela tiver ido embora. Eu estive lá, pai. Não é tão escuro quanto parece. Há frutinhas e comida, e poderíamos ir para lá em vez de para a cabana.

– Sim, querida. A cabana.

– Pai, mãe está com medo. Está segurando a minha mão com tanta força que dói. Pai?

Pai disse a mesma coisa novamente. Todas as vezes. Apenas "querida" e "ahnn" e "certo, certo, tudo bem". Ela logo parou de falar. O pai não estava escutando. Porque se pai escutasse ouviria sua voz começando a soar como sempre soava quando sua garganta ficava engraçada e ela queria chorar.

Então, ele ficaria com medo. E mãe ficaria com mais medo.

Ele precisava dizer suas palavras para não ouvi-la. E ela precisava ficar quieta. E mãe precisava segurar sua mão até doer. E ela precisava não vomitar, chorar ou fazer qualquer daquelas coisas que uma criancinha com medo faria.

Quem sabe quando Eadne estivesse por perto ela pudesse fazer isso.

Eadne estava morta.

Quando o sol começou a baixar sobre a tenda deles e os primeiros lobos se levantaram para caçar, ela se odiou como odiava a ele.

– Quero lhe perguntar uma coisa – dissera Rokuda.

– Não – retrucara Kalindris.

Era um barulho que Rokuda só ouvia dela. Ele não tinha ideia do que significava.

– Por que você não está incomodada com isto? – perguntou ele, sem se deter.

– Com o quê?

– Com o modo como eles a veem, com o fato de que acham que não é uma de nós. Não uma shict – respondera, forçando palavras difíceis por um rosnado. – Não minha.

– Eu não presto atenção ao que ela faz.

– Por que não? Você não viu o que pensam dela? Como olham para ela?

– Não.

– Eles olham para ela como... como se ela... como se ela não fosse...

As palavras faltaram a ele, que começou a rosnar. Ele odiava quando as palavras não saíam, porque quando suas palavras não saíam o Uivo também não falava por ele. E quando ele não conseguia falar, começava a rosnar, porque as pessoas não podiam concordar com ele. As pessoas podiam lhe dizer "não".

E era quando ele começava a deixar cicatrizes.

– Ela estende a mão para segurar na sua quando está com medo... Ela... ela pergunta coisas a eles em vez de saber o que o Uivo lhe diz.

Ela ouviu as unhas dele raspando os pelos e achando isso insuficiente para sua fúria. Ouviu fios de cabelo arrancados do couro cabeludo quando ele os puxou.

– Ela chora quando se fere. Ela rosna quando fica com raiva.

– Crianças fazem isso.

– Não minha herdeira.

– Sua herdeira é uma criança.

– Não uma de nossas crianças. Não uma de nosso povo. Nós não... fazemos isso.

– Ela faz.

– E você sequer liga! Sequer olha para ela. Você não sabe o que estão dizendo de nós? Como olham para nós?

– Não ligo.

– Você costumava ligar.

– Não mais.

E ela tinha ouvido. O silêncio antes do estalar de um trovão. Grãos de terra caindo depois que uma gota de chuva os levantava. O gemido do

vento sobre encostas. O instante antes de ele respirar. Antes de ele falar com a intenção de ser ouvido.

– Você costumava ficar comigo diante deles, lembra? Você e seu arco, a orgulhosa caçadora junto a mim, tão forte e corajosa. Eles olhavam para nós enquanto eu falava. Eles me escutavam, e eu só me importava se você me ouvia.

Mel fermentando em fios. Dentes-de-leão voando na brisa. Vapor depois do fogo ter sido apagado com água. As palavras que ele falara que a fizeram escutar, as palavras que ele falara que o tornaram poderoso, as palavras que ele falara quando ele fora Rokuda e ela, Kalindris, e não havia necessidade de palavras.

– Você costumava escutar minhas palavras, costumava concordar quando eles concordavam e aplaudir quando eles aplaudiam. E quando eu terminava e olhava para todos eles sorrindo, olhava para o lado e o seu sorriso era sempre o maior, e o melhor.

As palavras que ele falara quando ela achara que eram tudo de que precisava.

– Você tinha muitas palavras – respondera Kalindris.

– Ainda tenho. Ainda tenho tudo. Tudo, exceto a orgulhosa caçadora que ficava de pé ao meu lado. Para onde ela foi?

Kalindris esperara à saída da tenda. Quando a abriu para a luz fria do alvorecer, o mundo estava em silêncio. Olhou rapidamente por sobre os ombros e viu os olhos dele, tão grandes e verdes. E pelo canto do olho teve apenas um vislumbre dela. Mas a cicatriz em sua clavícula, aquela que ele lhe dera, ainda estava lá.

– Ela se apaixonou por alguém silencioso e gentil. Eles fugiram e morreram em algum lugar no fundo da mata e deixaram para trás você e eu.

Ela falou bem rápido. E depois saiu.

– Você não está fazendo direito. Você não está *fazendo* direito.

Dentes penetrando na boca de um filhote.

– Você deveria falar comigo. Deveria ser capaz de fazer isso.

Garras cavando da terra algo que não estava lá.

– Pare com isso. *Pare com isso*. Pare com isso e faça logo.

Uma perna numa armadilha, sendo arrancada.

A criança.

Falando com a terra.

Ainda.

Ela observou, braços cruzados, impassível, enquanto a criança engatinhava pela margem do rio, seguindo uma linha irregular pela lama. A criança a seguiu pela margem, passando pelo baixio, ao redor das árvores, de volta ao começo. A criança a xingou, fez exigências a ela, choramingou e no momento cuspia palavras, para as trilhas, para a terra, para si mesma.

As mãos da criança estavam grossas de lama, a barriga suja dela, rosto pintado de marrom onde agarrara a cabeça de frustração. E engatinhava com as mãos no solo, como se pudesse estrangular a terra e arrancar respostas.

A terra não falava com ela.

A criança queria tudo. Queria que as trilhas lhe contassem, mas sem prestar atenção a elas. Queria que a terra cedesse, porque queria muito isso. Queria. Falava. Choramingava, exigia e nunca escutava.

Como o pai.

Kalindris ficou surpresa de descobrir as mãos cerradas em punhos ao lado do corpo.

– Ele disse que isso deveria ser fácil – choramingou a criança. – Deveria ser fácil. Por que ele não...

Ela bateu a base da mão na testa. Um hematoma enlameado ficou ali.

– *Não, não*. É você, não ele. Você está fazendo alguma coisa errada. É você, *você* é o fracasso, *por isso* eles odeiam você.

O legado dele. Na lama. Batendo na própria cabeça.

Em alguma parte sem palavras de si mesma, Kalindris tentou se convencer de que a criança merecia aquilo. A criança que não escutava, a criança que sempre falava, a criança dele pertencia à lama.

Kalindris ficou surpresa de ouvir a própria voz.

– É uma metáfora. A terra não fala com você de verdade – falou. A criança continuou a bater nela e a suplicar. – Veja. Você arruinou a trilha. Podemos começar...

– Cale a boca!

A criança.

Mostrando os dentes.

Rosnando.

– Não quero ouvir isso, você ou qualquer coisa, eu só quero encontrar a fera, matá-la e levá-la de volta e mostrar a ele, então ele falará comigo e eu não *preciso* que você ou qualquer outro fale comigo se pai falar, então nunca terei de ver você de novo!

A criança estava líquida. Bolhas brancas de saliva cobriam sua boca. Lágrimas se acumulavam nos cantos dos olhos. Muco viscoso escorria das narinas. A criança estava derretendo, tremendo até a morte. Ela se virou, voltou a olhar para a terra silenciosa.

– Eu não estava dormindo.

E Kalindris não teve palavras para a criança. A criança que acabara de falar com ela como se fosse culpa *dela* que seus ouvidos não conseguissem ouvir. A criança que ousava dispensar a *ela*. A criança que agira como se fosse culpa *dela*, problema *dela*, falha *dela* ter criado aquele momento de lama, lágrimas e cuspe.

Como o pai. Igualzinha.

Ela ficou surpresa de encontrar lágrimas nos olhos.

E também deu meia-volta. Mas a terra falara com ela. E lhe dissera para onde a fera tinha ido. Dissera como renegar a criança, e como fazia sentido que estivesse irada e vingativa contra uma criança.

A criança.

Chorando.

E ela fechou os ouvidos e foi embora.

Mãe estava com medo. E pai estava com medo.

Senny sabia disso porque ninguém estava mais gritando.

Mãe passou as mãos ao redor dela, bem apertado, e a manteve perto no canto de sua cabana. Pai estava de pé com a machadinha na mão, espiando pelas janelas. Mãe estava com ela. Pai estava com a machadinha. E ambos ainda estavam com medo.

Mas ela não estava. Ela tinha sua faquinha. Pai lhe dera para que não ficasse com medo. Ela não podia ficar com medo estando com a faquinha, mesmo que Pai ficasse.

Pensou em dá-la a ele, para ver se ajudaria. Mas a puxou de volta ao ouvir uma voz, mesmo sendo a do Pai.

– Eu vou lá fora.

– O quê? Por que você faria isso?

– Para procurar aquela coisa. Pode nem estar por perto. Nós não a vimos quando encontramos...

– Não. Não vá lá fora – disse Mãe. – Ela já pegou Eadne. Você não pode deixar que pegue sua filha e a mim, você tem de ficar aqui, precisa, você *precisa*.

– Eu tenho de proteger vocês – falou Pai. – Tenho de mantê-las seguras. Não podemos viver assim. Não podemos deixar aquela fera nos expulsar. Temos de...

Não sentir medo, Senny quis dizer. Temos de ser corajosos.

– Estou indo. Não longe. Não por muito tempo. Apenas fiquem aqui. Eu volto.

Senny anuiu. Apertou a faquinha com força. Mãe apertou a criança com força. Com tanta força que doeu. Mas ela relaxou e deixou Mãe se apertar a ela porque ela não tinha uma faquinha.

Pai abriu a porta. Pássaros cantavam do lado de fora. O sol brilhava daquele jeito laranja que ficava quando começava a baixar atrás das árvores. O riacho fazia barulho do lado de fora, falando alto e imaginando onde estaria a garotinha que falava com ele. Pai se afastou dois passos da porta e olhou ao redor com a machadinha na mão.

Os pássaros continuaram a cantar. O riacho continuou a falar. O sol continuou a brilhar.

E Pai estava morto.

Ela sabia. Ela viu a flecha no ombro dele, prendendo-o à porta da cabana. Ela viu outra voar e o atingir no pulso. Ele largou a machadinha. Mãe gritou. Pai gritou. Pai sangrou sobre a porta. E Senny apertou a faquinha.

A fera chegou. A fera era uma dama. Seus cabelos eram compridos e selvagens, ela vestia roupas sujas, suas orelhas eram enormes. Ela tinha grandes dentes e uma cicatriz no pescoço. A faca dela era grande. A faca dela era brilhante. E ela a ergueu, colocou sobre o pescoço do Pai, o abriu e o sangue dele jorrou sobre ela.

E os pássaros continuaram cantando, embora o pai estivesse morto.

Quando os pássaros continuaram cantando e a mulher não parou de chorar, ela olhou para a fera.

Havia muitos nomes para eles: invasor, humano, macaco, *kou'ru*. Fora Rokuda que começara a chamá-los de feras, para transformá-los em uma

ameaça em vez de um povo, uma palavra em vez de uma coisa que tinha filhos. Isso fizera a tribo anuir em aprovação e murmurar como eram selvagens aquelas criaturas que tinham aparecido e ameaçado as terras shict.

Ela já tinha matado uma, deixado o corpo balançando numa árvore como um aviso para aquelas duas. Mas sabia, mesmo então, que teria de ma-tá-las também. Ela matou muitas.

Mesmo antes de Rokuda dar a eles um novo nome, ela os tinha matado. Eles eram o inimigo, eram a doença. Matar definia um shict. E aquelas mortes deveriam ser da criança. O sangue que escorria pelas mãos de Kalindris deveria estar nas da criança. Ela deveria voltar para a tribo com as mãos vermelhas e os olhos fechados, e a tribo saberia que era um deles e o pai ficaria orgulhoso de sua herdeira.

O abate pela criança. A glória de Rokuda. Kalindris negara uma por intermédio do outro.

A pequena garota humana estava de pé diante de sua mãe encolhida, erguendo uma faquinha como se fosse páreo para a larga lâmina vermelha nas mãos de Kalindris. Ela ergueu os olhos para Kalindris, se esforçando ao máximo para não demonstrar medo. Kalindris olhou para ela abaixo, tentando decidir como seria melhor encerrar aquilo. O golpe certeiro em uma, depois acertar a outra, pensou, no coração para terminar logo.

Limpo e rápido.

Nesse instante, a criança parou de olhar para ela.

Como se lhe devesse uma explicação.

– Você sabe por quê?

Pesadas, engasgadas, fracas. As palavras de Kalindris.

A criança humana não disse nada. A mãe passou os braços em volta da forma pequena da criança, tentou segurá-la. A criança não baixou a faca.

– Por que eu tenho de matá-la? – perguntou novamente.

A criança não disse nada. Kalindris abriu a boca para lhe contar. Não saíram palavras.

– Sua faca é pequena demais – respondeu Kalindris. Ela ergueu a própria lâmina, grossa e suja de vermelho. – Você não pode fazer nada com ela. Você não deveria estar segurando-a. Largue.

A criança não largou. Kalindris ergueu sua arma, deu um passo à frente, como se para contornar a criança. A criança se colocou na frente

dela, empurrou a faquinha sobre Kalindris como se fosse fazer algo. Como se pudesse usá-la. Como se não estivesse com medo.

Kalindris hesitou. Olhou por cima do ombro, como se esperasse que a criança – sua criança – estivesse lá.

– Você não precisa morrer aqui – falou, sem olhar para a criança; a criança humana. – Seu... seu pai não é você. Sua mãe não é você. Eu cuido deles. Você pode correr.

Ela olhou para a criança e sua faquinha.

– Vá. Fuja.

A criança não correu. A criança não se moveu.

– Por que não está correndo?

– Não posso – respondeu a criança, com uma voz aterrorizada.

– Por que não?

– Porque ela é minha mãe.

As páginas de um livro caído de uma prateleira se virando. Cinzas numa lareira havia muito morta se acomodando sob lenha calcinada. Uma mãe chorando. Pássaros cantando. Sangue pingando no chão de um buraco numa garganta macia, gota a gota.

Sons lentos.

Sons silenciosos.

Cheios de nada.

Kalindris pôde ouvir o sussurro do couro quando deslizou a lâmina de volta para a bainha. Kalindris pôde ouvir o som de suas botas no chão quando deu meia-volta e saiu da cabana. Kalindris pôde ouvir o som da criança humana caindo no chão e chorando.

Ela pôde ouvir por todo o caminho de volta à floresta.

E à sua criança.

* * *

Um rio correndo. Vento soprando por entre as folhas. Um lobo uivando.

E pássaros cantando.

Não importava o quanto tentasse, como movesse as orelhas, o quanto se esforçasse para ouvir algo mais, algo cheio de significado, aquilo era tudo que ela conseguia ouvir. Esses sons, comuns e sem sentido, o tipo de coisa que qualquer criatura feia conseguia ouvir.

O Uivo não estava falando com ela.

– Onde você estava?

A criança.

Perguntando.

Preocupada.

Ela entrou na clareira com o arco às costas e a faca na cinta. A criança estava sentada sobre os calcanhares, erguendo os olhos na direção dela enquanto andava.

– Você se lavou – notou a criança, olhando para as mãos limpas e sem sangue dela. – Quando? O que fez?

Ela não olhou para a criança ao se sentar ao lado dela. Deixou as pernas penduradas sobre uma pequena elevação, balançando acima de um riacho moribundo cujo barulho se transformara em um murmúrio poético ao escorrer num córrego fino. Ela olhou para a direita e viu os pés da criança em suas botinhas cobertas de lama, salpicadas de sangue do cervo morto.

Apenas algumas gotinhas de vermelho. O resto misturado com a lama. Parecia muito para o que olhar.

– Por que matamos, criança? – indagou ela, distraída.

– Você já me perguntou isso.

– Eu sei. Diga-me de novo.

A criança sacudiu os pés um pouco. Um pouco de lama se soltou. Não o sangue.

– Acho que não sei – disse a criança.

Ela não falou nada.

Elas olharam juntas para a floresta. Suas orelhas se ergueram, escutando os sons. Pássaros continuavam a cantar, mais um dia marcado por seu falatório ruidoso. O vento continuava soprando, como sempre. Em algum lugar distante, mais um cervo lançava um longo bramido gutural para o céu.

– Você matou a fera? – perguntou a criança.

Ela não disse nada.

– Eu deveria fazer isso.

– Eu não.

A criança olhou para ela.

– Não sou idiota.

– Não.

Ela esticou o braço, passou-o pela criança e a puxou para perto. Um coração batendo, agitado. Uma respiração rápida, trêmula. Um tremor pelo corpo, aterrorizado. Ela puxou a criança mais para perto.

– Mas me deixe fingir que você é por mais um pouco.

Nada mais de barulhos. Nada mais de sons. Nada mais de gritos distantes e Uivo próximo. Apenas palavras. Apenas a voz da criança.

– Eu deveria matá-la. Pai disse.

– Seu pai nem sempre está certo.

– Você está?

– Não.

– Então, por que eu deveria acreditar em você?

– Porque sim.

– Essa não é uma boa razão.

Ela olhou para a criança e sorriu.

– Vou pensar em uma mais tarde, tudo bem?

A criança olhou para ela. Seu sorriso chegou mais lentamente, mais nervoso, como se temesse que fosse tirado da sua boca por um tapa a qualquer momento. Kalindris se culpou por aquela expressão, por aquelas palavras que saíram pesadas e aos poucos. Ela iria aprender a usá-las melhor, se essa era a fala da criança.

Haveria tempo para isso. Sem tanto sangue e noites frias. Sem tantos pensamentos de Rokuda e suas palavras. Ela as aprenderia sozinha. Ela as diria à criança.

Sua criança.

Sua filha.

Sorrindo.

Haveria tempo suficiente para olhar nos olhos da filha, muito tempo depois, e saber o que significava não precisar de palavras. Haveria um tempo em que ela iria olhar nos olhos da filha e simplesmente saber.

Por ora, ela só tinha o som do sorriso da filha. E para sempre.

Pat Cadigan

Todo mundo sabe do que a estrada para o inferno está cheia, não?

Pat Cadigan nasceu em Schenectady, Nova York, e hoje mora em Londres com a família. Ela lançou seu primeiro trabalho em 1980, e a partir de então passou a ser considerada uma das melhores escritoras de sua geração. Seu conto "Pretty Boy Crossover" apareceu nas listas de diversos críticos como um dos melhores de ficção científica dos anos 1980, e o conto "Angel" foi finalista do prêmio Hugo, Nebula e do World Fantasy (um dos poucos contos a ter distinção tão rara.) Sua ficção – que apareceu nas melhores publicações, incluindo *Asimov's Science Fiction* e *Magazine of Fantasy & Science Fiction*, foi reunida nas antologias *Patterns* e *Dirty Work*. Seu primeiro romance, *Mindplayers*, foi lançado em 1987 com excelente recepção da crítica, e seu segundo, *Synners*, de 1991, recebeu o prêmio Arthur C. Clarke de melhor romance de ficção científica do ano, assim como o terceiro, *Fools*, fazendo dela a única escritora a receber a honraria duas vezes. Entre suas obras estão também os romances *Dervish Is Digital*, *Tea from an Empty Cup* e *Reality Used to Be a Friend of Mine*, além de ter trabalhado como editora na coletânea *The Ultimate Cyberpunk*, bem como em dois livros sobre o *making-of* de filmes e quatro romances derivados de outras mídias. Seu livro mais recente é o romance *Cellular*.

CUIDADORES

– Ei, Val, você algum dia pensou em por que não há mulheres assassinas em série? – perguntou minha irmã Gloria.

Estávamos assistindo a outro documentário na Prime Crime Network. Vimos muitos deles naquele mês, desde que ela se mudara para lá. Com duas malas, uma cheia de produtos para cabelos castanhos cacheados, e um saco de lixo contendo dois conjuntos de roupa de cama cara de muitos fios, minha irmãzinha também trouxera seu fascínio chocante e sensacionalista disfarçado de interesse por atualidades – o oposto dos lençóis caros num saco de lixo, você poderia dizer.

– E quanto a Aileen de Tal? – retruquei.

– Uma. E eles a executaram rapidinho. Tão rápido que você nem consegue se lembrar do sobrenome.

– Eu consigo lembrar – contestei. – Só não consigo pronunciar. E não foi assim *tão* rápido; eles a pegaram pelo menos dez anos depois. Eles também executaram Bundy rápido, não? Na Flórida. Ela também, pensando bem...

Gloria deu uma risada surpresa.

– Eu não tinha ideia de que você era uma especialista em assassinos em série.

– Já vimos várias programas de TV sobre eles – argumentei, indo à cozinha pegar mais chá gelado. – Eu poderia produzir um no meu iPad.

Um exagero, mas nem tanto; os programas eram tão previsíveis que às vezes eu não tinha certeza de quais eram reprises. Mas eu não me incomodava de mimar Gloria. Ela era quinze anos mais nova, então eu estava acostumada a fazer concessões, e no que diz respeito a vícios, crimes na TV era um bem pequeno. Mais precisamente, Gloria estava

visitando mamãe no asilo todos os dias sem falta. Eu esperava que a frequência diminuísse depois das duas primeiras semanas, mas Gloria ainda passava as tardes jogando cartas com mamãe, lendo para ela ou apenas ficando por lá (segundo ela). Eu tinha de lhe dar o crédito por isso, embora estivesse certa de que isso a liberava de ter de procurar um emprego remunerado.

Quando voltei, Gloria estava ocupada com o meu iPad.

– Não me diga que há um aplicativo para assassinos em série? – perguntei, um pouco nervosa.

– Procurei no Google, e você está certa: Aileen Wuornos e Ted Bundy morreram na prisão estadual da Flórida. Mais de vinte anos de intervalo; ele foi para a cadeira, ela recebeu injeção letal. Mas ainda assim – disse, olhando para mim. – Acha que a Flórida tem alguma coisa?

– Não sei, mas eu *realmente* gostaria que você não tivesse feito isso no meu iPad – falei, tomando-o dela. – O Google não guarda nada só para ele. Agora eu vou receber uma avalanche de *spams* com fotos horrendas de locais de crimes.

Eu vi as orelhas dela se erguendo, como as de um terrier.

– Dá para conseguir essas coisas?

– *Não* – respondi, tirando o iPad do alcance dela. – Eu proíbo. Vire-se com o crime pornô na TV a cabo.

– Estraga-prazeres.

– Ouço muito isso – comentei, rindo.

Na TV, os créditos estavam subindo rápido demais para ser possível ler sobre uma fotografia em sépia de um homem de aparência rígida, provavelmente um assassino em série. De repente, a imagem mudou para um diferente conjunto de créditos rolando ainda mais rápido sobre um fundo vermelho. Na base da tela, estava a legenda: *A SEGUIR: Mais mortais que os homens – Damas assassinas*.

Fiz uma careta para minha irmã, que agitou o controle remoto sorrindo como uma louca, ou talvez uma dama assassina.

– Vamos lá, um dos canais de filmes não está passando *Amanhecer violento*? – apelei, cerrando o punho. – Desenho animado do Wolverine?

Gloria revirou os olhos.

– Que tal alguma coisa que a gente já *não* tenha visto um gazilhão de vezes?

– Quanto é um gazilhão?

– Tipo o tamanho exato do universo, ou o número de vezes que você já viu *Amanhecer violento* – respondeu, apontando com a cabeça para o iPad no meu colo. – Não está mais preocupada com os *spams* de locais de crimes?

Meu rosto ardeu.

– Eu estava surfando no piloto automático – respondi, o que era meia-verdade ou meia-mentira, dependendo.

– É, *você* não está interessada em nada dessas coisas sangrentas.

– O mínimo que você podia fazer era colocar pipoca no micro-ondas – sugeri. – Ainda tem pelo menos um saco no armário.

Ela se encolheu fingindo horror.

– Essa coisa *não* mata o seu apetite?

– Se eu perder o programa quando ele começar, posso matar *você*.

Como de hábito, o intervalo foi longo o bastante para que Gloria voltasse com uma grande tigela de pipoca na manteiga ao estilo cinema antes do fim dos créditos iniciais. Segundo a programação, aquela era uma maratona de *Damas assassinas*, episódios seguidos até de madrugada. Depois de um intervalo para televendas de quatro às seis, as corujas poderiam tomar o café da manhã com *Duplas mortais – Casais assassinos*.

Damas assassinas seguia a fórmula habitual, mas exagerava no melodrama. As damas em questão eram todas anormais, malvadas, perturbadas, antinaturais, frias, dissimuladas e sem um pingo de remorso, enquanto a maioria de suas vítimas era calorosa, agradável, confiante, generosa, aberta, honesta, estimada, realista e a melhor amiga que alguém poderia querer. A não ser por algumas desajustadas que eram incultas, tolas, imaturas, problemáticas, imprudentes, autodestrutivas ou habitualmente azaradas, ou eventuais ex-presidiárias com um longo registro policial (ninguém nunca tem um breve registro policial).

Entre surtos de narração urgente e detetives que só falavam de forma monótona, havia algumas pérolas de informação real, grande parte novidade para mim. Claro que eu não começara sabendo muito – a única outra dama assassina em que conseguia pensar além de Aileen Wuornos era Lizzie Borden. Damas assassinas eram muito mais interessantes do que seus equivalentes masculinos. Diferentemente dos homens, que na maioria das vezes pareciam buscar apenas gratificação ao afirmar seu poder, damas assassinas estavam preocupadas mesmo com se safar. Elas

planejavam com cautela, avaliando suas vítimas e as situações, e esperavam o momento certo.

Elas também eram mestres – ou senhoras – da camuflagem, com a ajuda involuntária de uma sociedade que, mesmo naqueles tempos perigosos, ainda via as mulheres como criadoras, não como destruidoras. Quando não estavam assassinando alguém, as damas assassinas eram enfermeiras, terapeutas, babás, assistentes, até mesmo professoras (lembrando uma que eu tivera, pude acreditar nisso).

Acabei cochilando e acordei para assistir a uma reprise do primeiro episódio que tínhamos visto. Gloria estava dormindo pesado, então joguei sobre ela um dos xales tricotados à mão de mamãe. Depois o diabo tomou conta de mim – enfiei um travesseiro sob o braço dela com um bilhete dizendo "Este é o travesseiro com o qual não a sufoquei. Bom dia!" antes de cambalear para a cama.

O bilhete que encontrei sobre o meu travesseiro quando acordei mais tarde dizia: "Ainda viva? (Apenas uma resposta) [ ] Sim (precisamos de mais cereal) [ ] Não (não precisamos)."

A expressão no rosto de Gloria quando me sentei para tomar café me provocou uma careta.

– Ah, não, não *outro* mandado de prisão por multas de estacionamento.

– Não, claro que não. Eu cuidei disso. *Você* cuidou disso – acrescentou ela. – Eu não dormi muito bem.

– Tentei acordá-la para que pudesse dormir numa cama de verdade. Você não passou a noite toda acordada, passou?

Passar a noite acordada e depois dormir o dia inteiro era algo que Gloria costumava fazer quando a vida lhe dava limões sem água, açúcar ou copos; eu a alertei de que isso não daria certo comigo.

– Não. Todas aquelas damas assassinas me deram pesadelos.

Por um momento, pensei que ela estava brincando, mas tinha a expressão assombrada de alguém que descobrira alguma coisa muito desagradável na própria cabeça e ainda não deixara de ver isso.

– Jesus, Vaga-lume, eu lamento. Não deveria ter deixado aquele bilhete.

– Ah, não, *isso* foi engraçado – reagiu Gloria com um risinho. – Você achou o meu?

– Sim. O seu é mais engraçado porque é verdade.

– Vou me lembrar de que disse isso – falou, olhando para a tigela à sua frente e a empurrando na minha direção. – Pode ficar. Não estou com fome. Passei a noite sonhando com Anjos da Morte. Você sabe, as traiçoeiras.

– Todas elas são traiçoeiras – respondi em meio a um bocejo. – As mulheres são melhores em voar abaixo do radar, lembra?

– É, mas aquelas que cuidam de pessoas, como enfermeiras e ajudantes, elas são mais traiçoeiras – argumentou, e fez uma pausa antes de continuar. – Não consigo deixar de pensar em mamãe. O quanto sabe sobre aquele lugar onde ela está?

Eu balancei a cabeça.

– Um programa vagabundo deixou você com medo das sombras. É melhor se manter distante dos canais de crimes por algum tempo.

– Vamos lá, Val, aquela coisa toda sobre Anjos da Morte não assustou *você*?

– Você é a viciada em crimes – repliquei serenamente. – *Eu* quero a minha MTV. Ou, na falta disso, Wolverine.

– Você não disse isso noite passada – retrucou com um risinho breve e sem humor.

– *Touché*. Mas já chega. Hoje é noite de coleção de DVDs. Uma daquelas coisas bizarras onde nem mesmo o elenco sabe o que vai acontecer. *Os heróis perdidos de Alcatraz* ou *4.400 acontecimentos em 24 horas*. O que me diz?

Minhas invenções não mereceram nem mesmo um revirar de olhos, então conferi as notícias matinais no iPad enquanto comia o cereal dela. Pensei que talvez ter o próprio iPad a deixaria mais animada. Ela iria adorar os jogos. Para não falar na câmera – embora eu tivesse de fazê-la prometer por escrito não colocar nenhum vídeo furtivo na rede.

– Val? – chamou ela depois de um tempo. – Mesmo que eu *esteja* com medo das sombras, faça uma concessão. *Como* encontrou aquela casa?

"A única forma de matar sombras é acender todas as luzes", pensei, resignada. Para isso serviam as irmãs mais velhas, embora eu nunca tivesse imaginado que ainda estaria fazendo isso aos 53 anos.

– É um lugar legal, não é? – perguntei, e ela anuiu. – Não tem aquele cheiro de asilo, os residentes não ficam circulando confusos nem são amarrados às camas, deitados em seu próprio...

– *Val* – interrompeu ela me lançando o olhar. – Você não está respondendo à pergunta.

– Certo, certo. Eu não encontrei... Mamãe encontrou. Ela e papai tinham um plano de seguro pela Stillman Saw and Steel...

– Mas a Stillman faliu há vinte anos!

– Será que posso terminar? O Stillman faliu, mas a companhia de seguros não. Nossos pais mantiveram a apólice, e mamãe ficou com ela depois que papai morreu. Ela não queria que tivéssemos de passar pelo que ela passou com vovó, que foi a mesma coisa pela qual vovó passou com a mãe *dela*. Você era apenas um bebê quando vovó morreu, então perdeu tudo. Mas eu não.

Gloria parecia cética.

– Tenho amigos cujos pais gastaram uma fortuna em apólices que nunca deram a eles um centavo.

– Mamãe me mostrou tudo há alguns anos. É tudo legal e legítimo, do contrário ela não poderia pagar aquele lugar – contei, decidindo não mencionar que, embora mamãe tivesse me parecido bem na época, ela já sentia que começava a se perder. – A apólice paga mais ou menos metade dos custos, e a pensão dela e os rendimentos da venda da casa cobrem o restante.

– E quando o dinheiro da casa acabar?

– Nós cobrimos, maninha. O que mais?

Ela arregalou os olhos.

– Mas eu estou quebrada. Sequer tenho qualquer coisa que possa vender.

– Bem, se você não ganhar na loteria, terá de partir para o Plano B e conseguir um emprego – comentei alegremente. Gloria pareceu tão desalentada que não soube se queria rir ou acertar a minha cara. – Mas vamos pensar nisso quando chegar a hora. *Se* chegar a hora.

– O que quer dizer com isso?

Isso era algo que eu esperava evitar até o momento em que se tornasse irrelevante.

– Mamãe deixou por escrito suas vontades. Ela escolheu não ser ressuscitada. Sem desfibrilador, sem tubos, sem respirador artificial, sem medidas extraordinárias. Seu corpo, descontando órgãos ou partes úteis, será doado à faculdade de medicina local. Decisão *dela* – acrescentei, em

resposta à expressão semi-horrorizada, semienojada de Gloria. – Você conhece ela: não desperdice, alguém ficaria feliz de ter esse fígado.

Gloria deu uma risadinha, apesar de tudo.

– Certo, mas o fígado de *mamãe*? Ela tem 84 anos. Eles pegam *alguma coisa* de gente tão velha assim?

Eu dei de ombros.

– Não faço ideia. Se não pegarem, sobra mais para os alunos de medicina.

– Isso não parece muito respeitoso.

– Pelo contrário, Vaga-lume; eles fazem cerimônias religiosas duas vezes por ano para todas as pessoas que deixaram seus restos para a faculdade. Convidam as famílias e leem os nomes de todos os falecidos, agradecendo por sua contribuição para o futuro da medicina.

Ela pareceu um pouco menos enojada, mas não mais feliz.

– O que acontece depois que, você sabe, quando eles... Quando eles terminam?

– Eles oferecem cremação. Embora mamãe tenha dito que preferia compostagem. Há uma organização que planta árvores e arbustos floridos...

– Pare!

– Lamento, mana, talvez eu não devesse ter lhe contado essa parte. Mas é o que mamãe quer.

– É, mas ela está com Alzheimer.

– Ela estava bem quando decidiu isso.

Nós ficamos nisso. Gloria parecia não se conformar com a postura muito alternativa que nossa mãe tinha em relação à morte. Teria sido mais fácil para ela aceitar um funeral viking. Pelas várias coisas que disse, não consegui saber se ela se culpava por ser a filha sempre ausente ou se estava magoada por ninguém ter achado necessário consultá-la. Talvez fosse um pouco dos dois.

Ou um pouco dos dois. A diferença de idade sempre tornara difícil para mim ver as coisas do ponto de vista dela. Achei que ficaria mais fácil à medida que envelhecêssemos, mas isso não acontecera, talvez porque Gloria ainda estivesse nos 21, tentando decidir o que queria ser quando crescesse.

– Lamento, Vaga-lume – falei, recolhendo as coisas do café. – Este debate está suspenso em função do meu emprego.

– Não sei como você consegue fazer isso – respondeu, me observando enxaguar as tigelas e colocá-las na lava-louças.

– Fazer o quê? Ganhar a vida?

– Ficar acordada olhando para planilhas.

– Ajuda ver todos os numerozinhos com cifrões – disse a ela. – Estou certa de que você consegue encontrar algo que mantenha seus olhos abertos.

"Mas não o Plano B ainda", pensei enquanto me trancava no escritório e acordava o computador.

Preparar os impostos de outras pessoas não era o trabalho mais emocionante que eu já tive, mas era praticamente à prova de recessão e exigia menos esforço físico do que limpar banheiros. Nem é tão duro depois que você descobre como – embora saber como fazer possa ser enganoso. A cada três mudanças na legislação, eu acrescentava outro disco rígido para fazer back-up dos meus back-ups. Já não havia tanta papelada quanto costumava haver, o que era um alívio. Mas não consegui ter plena confiança no armazenamento em nuvem – uma coisa é provocar o destino, e outra é provocar de forma tão impiedosa que o destino tem de transformar você em um exemplo. Eu me mantive nos CD-ROMs – não há espaço suficiente em *pen drives* para anotações. Um dos meus colegas mais novos tinha um sistema que usava anotações com símbolos – uma ideia inteligente, mas eu achava que estava um pouco velha demais para uma mudança administrativa tão radical. Especialmente depois da minha recente mudança de estilo de vida.

Nos dez anos desde que Lee e eu tivemos bom senso e acabamos com tudo, eu descobrira que viver sozinha combinava comigo. Mas isso chegara ao fim. No início, Gloria falara sobre procurar um lugar para ela quando se recuperasse – qualquer que fosse o significado disso –, mas não me enganei. Minha irmã estava ali para ficar por muito tempo. Nem mesmo um namorado poderia mudar as coisas. O tipo de homem que Gloria atraía queria se mudar para a casa *dela*, em vez do oposto, na maioria das vezes porque precisava.

Ouvi o carro sair da rampa assim que parei para almoçar; a hora em que Gloria costumava ver mamãe. O apetite de mamãe estava fraco ultimamente, mas Gloria costumava conseguir dar mais um pouco a ela. Era uma das razões pelas quais os funcionários gostavam tanto dela.

– Gostaria que os parentes de todos fossem como ela – me confidenciara uma jovem enfermeira chamada Jill Franklyn em minha última visita. – Ela não trata os funcionários como servos e não passa o tempo todo aqui enviando mensagem pelo celular ou falando ao telefone. E mesmo se a maioria das pessoas tivesse tempo para vir todos os dias, provavelmente não viria.

Não pude deixar de me sentir um pouco na defensiva. Duas visitas por semana era o meu mínimo autoimposto, embora tentasse ir três vezes com mais frequência. Nem sempre conseguia, mas normalmente estava cansada demais para me sentir culpada. E era por esse motivo que na verdade me sentia culpada. Enquanto isso, mamãe continuava me dizendo que eu deveria pensar menos nas visitas duas vezes por semana e mais sobre uma semana ou duas no Caribe.

Era tentador, mas a internet significava que meu trabalho podia me seguir, e provavelmente seguiria. Na última vez em que me ausentara, uma estadia de cinco dias numa cabana na floresta se tornara meio dia quando recebi uma mensagem apavorada de um cliente cuja casa fora destruída por um incêndio pouco antes de ser convocado para uma auditoria. Bem, desde então ouvi dizer que os mosquitos dos bosques do Maine chegam ao tamanho de águias e às vezes carregam crianças pequenas.

Claro que um mosquito com dois metros de envergadura não era nada perto do trabalho que se acumularia em duas semanas. Ou não. Só havia um modo de descobrir.

Engraçado como voltei a pensar em tirar uma folga agora que Gloria estava ali. Ela não tinha emprego, e não conseguiria um a não ser que tivesse uma arma apontada para sua cabeça, mas aliviara meu fardo desde o início. Se continuasse, eu poderia até reviver minha vida social adormecida – ligar para amigos, fazer compras. Comer fora. Ver um filme novo no cinema. Só pensar nisso me animava.

Gloria ainda não tinha chegado às cinco horas da tarde, então passei mais uma hora à escrivaninha terminando um trabalho que do contrário teria deixado para a manhã seguinte. Mas, quando deu seis horas e não havia sinal dela, comecei a ficar nervosa. A despeito de todos os seus defeitos, minha irmã era uma excelente motorista, só que isso não a tornava imune a motoristas ruins ou, pior, a más intenções. Haveria uma taxa para ativar o sistema de rastreamento ou o carro precisava ser registrado como roubado primeiro? Ou eu mesma podia fazer isso? Eu me

lembrava vagamente de registrar o programa de navegação; será que havia um aplicativo do tipo Ache meu Carro, como o Ache meu iPad?

Felizmente, a ouvi parar na rampa antes de tentar alguma coisa idiota.

– Tem alguém em casa? – chamou Gloria, entrando pela cozinha. – Se você é um ladrão, vá embora.

– Nenhum ladrão, apenas eu – respondi.

Ela entrou, cachos sacudindo com alegre excitação, e estendeu uma sacola de Wok On the Wild Side.

– Você nunca vai adivinhar o que eu fiz.

– Você está certa – confirmei, abrindo espaço na mesinha de centro. – Então, é melhor me contar.

– *Eu* arrumei um *emprego*.

Meu queixo caiu; toda a esperança de passar pelo menos um fim de semana prolongado fora da cidade desapareceu, com minha vida social se virando de lado e voltando a dormir.

– Você... arrumou... um emprego?

Ela estava ocupada tirando caixinhas de papelão branco da sacola e as colocando na mesa.

– O que foi? Você não achava isso possível?

– Não, é só que... Eu não sabia que você estava procurando um emprego.

– Relaxe, irmãzona. Não é um emprego *de verdade*.

Eu pisquei para ela.

– Conseguiu um emprego *imaginário*?

– O quê? Não, claro que não. Agora, sou uma voluntária oficial na casa de repouso de mamãe!

– Oficial... Falando sério? – reagi. Não estava certa de ter ouvido direito. – Você é qualificada para isso?

– Na verdade, irmãzona, eu sou.

Aquela talvez fosse a coisa mais chocante que ela havia dito nos dois minutos anteriores. Ou talvez em todos os tempos – *qualificada* não era uma palavra que eu associasse à minha irmã.

– Como? – quis saber, fraca.

– Você se esquece de que fui salva-vidas quase todos os verões quando estava na escola? – perguntou, com um sorriso superior.

Eu já tinha saído de casa nessa época, então não é que tivesse me esquecido, eu mal soubera, para começar. Eu me lembro de Gloria quase

sempre viver em trajes de banho de maio até setembro. E quando eu mesma ainda ficava bem em um, nunca ficara *tão* bem.

– Depois de me formar dei aulas de natação na ACM e para a Cruz Vermelha – continuava ela – e tenho sido salva-vidas e dado aulas de natação esporadicamente há anos.

Eu ainda não estava sacando.

– As pessoas na casa de repouso nadam muito?

Ela revirou os olhos.

– Eu conheço RCP, sua idiota.

Meu rosto ficou quente. Eu me senti idiota em *dobro*.

Gloria riu novamente.

– Acho que afinal de contas você não vai desmaiar. Há um minuto eu não estava tão certa.

Ela foi pegar pratos na cozinha enquanto eu me sentava no sofá me sentindo uma pessoa ruim, além de uma idiota.

– Também posso dar aulas de hidroginástica – afirmou, falante, colocando um prato no meu colo. – Bem, na verdade tenho de atualizar meu certificado de hidroginástica, mas mantive o de RCP válido. É uma chatice se uma piscina precisa de alguém, mas não pode contratar você porque seu RCP está vencido.

Ela me serviu de três caixas diferentes, depois estendeu um par de palitinhos.

– Quer que abra para você? Ou quer um garfo?

– Eu ainda sou *qualificada* para palitinhos, obrigada – falei. Ela os deu, sorrindo. Eu ainda não tinha me recuperado. – Então... O quê? Você acordou esta manhã e decidiu ser uma voluntária oficial? Ou uma das enfermeiras a ouviu falar sobre seus verões como salva-vidas e disse: "Ei, você deve saber RCP, quer ser voluntária?"

O sorriso dela se tornou malicioso enquanto me servia, e depois a ela mesma.

– Na verdade, preenchi a papelada há duas semanas.

Outra surpresa.

– Você não mencionou nada – reagi.

– Não havia motivo para isso, até agora. Quero dizer, se eu acabasse não sendo voluntária, não haveria nada sobre o que falar. Além disso, *você* me conta todos os pensamentos que passam pela sua cabeça?

Então, seu sorriso brilhante foi tão inocente que não tive certeza se fora uma provocação ou não.

– Claro que não – continuou ela. – Quem faria isso?

Eu comi em silêncio, ruminando a ideia de minha irmã, a voluntária qualificada com a louca habilidade em RCP. Eu mesma não tinha, o que, agora pensando bem, era bem alienado da minha parte. Mesmo que nenhum dos meus clientes tivesse um dia sofrido um ataque cardíaco depois de ver o quanto devia ao governo, isso não era impossível; muitos deles já viviam no país do ataque cardíaco. Enquanto isso, Gloria tagarelava sobre reconhecer os sinais de um derrame, a forma certa de realizar a manobra de Heimlich e como aulas de RCP eram boas para conhecer bombeiros bonitos.

Finalmente, a Gloria que eu conhecia e amava, pensei, aliviada.

– Sabe, não acho que você irá encontrar muitos bombeiros bonitos na casa de repouso – comentei quando ela parou para respirar.

– A não ser que ela pegue fogo. *Brincando*! – acrescentou ela, depois ficou sóbria quase com a mesma rapidez. – Estarei lá para impedir.

Fiquei surpresa de novo.

– Só você pode impedir incêndios em casas de repouso?

– Vou garantir que nenhum Anjo da Morte tente nada.

Eu esperei que ela risse; não riu.

– Você está falando sério.

– Como um ataque cardíaco, mana.

Ela espetou um camarão que estava camuflado e o jogou na boca.

Outra razão para ficar contente por ela ser qualificada, pensei, me sentindo surreal.

– Não me dei conta de que você ficaria lá 24 horas por dia.

Ela me lançou o Olhar.

– Do que você está falando?

– A maioria dos Anjos da Morte age quando todos estão dormindo – falei. – Lembra? Ou você dormiu nessa parte da maratona de *Damas assassinas*?

– Não, eu me lembro. Obviamente, não posso ficar lá 24 horas por dia, sete dias por semana, mas vou deixar claro que estou atenta. Todo dia, assim que entrar, farei a ronda, conversarei com todo mundo, verei como estão passando. Vou garantir que estejam tomando os remédios certos nas doses certas...

– Os médicos e as enfermeiras não fazem isso?

– Eu vou conferir se alguma coisa não parece certa – retrucou Gloria. – Voluntários não dão remédios. Não devemos levar nem mesmo os nossos quando estamos trabalhando. Tipo nem mesmo uma aspirina.

Eu mal a escutei; outra coisa me ocorreu.

– Ser uma voluntária oficial não significa menos tempo para visitar mamãe?

– Ela ainda saberá que estou por perto.

Aquilo ia ser interessante, pensei, e provavelmente não no bom sentido.

Nos dias que se seguiram minha mãe melhorou visivelmente. Estava mais feliz e alerta por mais tempo, até mesmo seu apetite melhorou. Eu estava contente, mas ao mesmo tempo sabia, de conversar com a médica, que isso não era permanente e que a inevitável deterioração podia ser gradual ou súbita. Para não mencionar cruel.

– Graças à TV e aos filmes, muitas pessoas acham que pacientes de demência são velhos malucos que sorriem para coisas que não estão lá e não sabem que dia é – contou a dra. Li, seu rosto normalmente amigável um tanto incomodado. – As pessoas com demência ficam assustadas e raivosas, e atacam de formas inesperadas e atípicas. Pessoas que nunca ergueram a mão quando sentiam raiva de repente socam uma enfermeira; ou um parente. Ou mordem... E ao contrário de antes, a maioria ainda tem dentes suficientes para arrancar sangue. Ou ficam amorosas e grudentas. Certa vez, tratei de uma freira, ex-professora de estudos clássicos que falava seis idiomas. Ela xingava como uma motoqueira em todas as línguas e tinha uma paixão por... Bem, deixe para lá.

Ainda tinha muitas outras histórias que foram ainda mais difíceis de escutar, mas saí me sentindo... bem, não preparada, porque não achava que algum dia estaria realmente preparada para certos comportamentos, não importando quão realista tentasse ser, mas talvez um pouco menos despreparada. Até o momento, minha mãe não havia mudado tanto, até quando não conseguia lembrar por que não estava na antiga casa ou qual a minha idade. E isso aconteceu menos com Gloria por perto.

A boa fase de minha mãe durou cerca de um mês e meio. A cada visita, ela me mandava sair de férias; depois de algum tempo, eu levei a sério e comecei a visitar sites de viagem, e que se danasse o trabalho. Mas no

fundo havia uma preocupação persistente sobre como uma mudança, como minha ausência, afetaria a estabilidade de minha mãe.

Decidi conversar com ela antes de fazer qualquer coisa, ou não fazer. Ela iria apenas me mandar voar para a Jamaica para almoçar – a Jamaica era sua última ideia de um destino dos sonhos –, mas, que inferno, pensei ao chegar na habitual tarde de quinta-feira. Minha mãe estava do lado de fora, no pátio, aproveitando o clima adorável, uma ajudante me disse, e será que eu me importaria de levar para ela um copo de suco de oxicoco?

Eu a encontrei estacionada em sua cadeira de rodas a uma das mesas com guarda-sóis, longe do punhado de outros residentes também ao ar livre. O clima adorável era ignorado por ela. Olhava feio para um livro de sudoku e segurava uma lapiseira grossa em um dos punhos como uma adaga. A cadeira de rodas significava que estava sentindo tonturas, sem dúvida por causa de uma otite, novamente. Isso podia ser crônico para pessoas que precisavam de dois aparelhos auditivos. Quando cheguei mais perto, notei que só usava um deles. Daí o sudoku, que ela só fazia quando queria ficar sozinha.

– Bem, *você* demorou – disse ela quando me sentei e coloquei o suco na mesa. – Eu pedi isso há horas.

– Mãe, sou eu, Valerie – falei, esperando não soar como se meu coração estivesse apertando.

– Ah, por Cristo, eu sei quem você é – respondeu, parecendo não acreditar quão idiota eu era. – Você me *disse* que ia me trazer suco de oxicoco, e estou esperando há *séculos*. Eles a obrigaram a colher o oxicoco?

– Lamento que tenha precisado esperar, mãe, mas acabei de chegar aqui – disse gentilmente. – Hoje é quinta-feira. Minha última visita foi no domingo.

Ela começou a dizer algo, mas parou. Colocou a lapiseira na mesa e olhou ao redor – para o pátio, o guarda-sol acima, a ajudante e o idoso de suéter azul brilhante que desciam a trilha do jardim diante de nós, para mim, para si mesma – procurando aquilo a que a dra. Li se referira como o "norte mental", uma única coisa que não tivesse mudado de repente como o resto do mundo traidor. O rosto dela passou de confuso para temeroso e desconfiado, até ela por fim recostar pesadamente, cobrindo os olhos com uma das mãos.

– Está tudo bem, mamãe – falei, passando um braço por ela. Era pouco mais que pele e ossos, mas em três dias parecia ter emagrecido ainda mais.

– *Aí* está você! – gritou Gloria, se materializando do outro lado de mamãe. – Por que não me disse que estava aqui?

Seu sorriso radiante demais desapareceu quando mamãe olhou para ela com uma expressão crítica, fazendo *tsk-tsk* para um resto de comida em seu jaleco azul-marinho.

– O que há de errado? O que você disse a ela?

– Nada. Só estou aqui há dois minutos.

Gloria estava prestes a retrucar quando mamãe ergueu as duas mãos.

– Não briguem. Eu não *suporto* quando mulheres brigam. As bravatas... *brava, brava, brava!*Como corvos discutindo com gaivotas. Hoje é quinta-feira?

A rápida mudança de assunto não era incomum – os saltos de raciocínio de minha mãe eram dignos de políticos e apresentadores de programas de prêmios.

– O dia inteiro – respondi.

Ela empurrou livro e lapiseira para longe.

– Não gosto de escrever ao ar livre. Eu disse isso, mas eles sempre esquecem. Deve ser o Alzheimer. Leve-me para dentro.

Eu me movi para obedecer, mas Gloria me superou numa pressa que pareceu estranhamente desesperada.

– É para isso que estou aqui – me falou, como se isso explicasse alguma coisa, ou tudo.

Minha mãe queria cochilar, então Gloria e eu a ajudamos a se deitar, afofamos os travesseiros e prometemos não fazer *brava, brava, brava*, mesmo ela não podendo nos ouvir. Eu me acomodei na cadeira junto à cama, pretendendo mergulhar em um dos romances em meu iPad. Mas assim que mamãe adormeceu, Gloria insistiu para que saísse com ela.

– Isso vai demorar muito? – perguntei.

– É *importante*.

Segui Gloria para longe do pátio, naquele momento vazio, descendo a calçada até um banco sob um grande bordo.

– Seja rápida. Gostaria de estar lá antes de mamãe acordar.

– Não tão alto – pediu ela, se inclinando para a frente e falando num meio sussurro. – Como ajudante, vejo e ouço muito mais do que quando

era visitante. Acho que tem alguma coisa engraçada acontecendo. E não quero dizer engraçado rá-rá-rá.

Finalmente, a Gloria que eu conhecia e amava.

– Por quê? Aconteceu alguma coisa em particular? – perguntei. Como ela não respondeu imediatamente, acrescentei: – Ou alguém lançou um olhar sensual para você?

Ela recuou, expressão pétrea enquanto cruzava os braços.

– Eu deveria saber que você não me levaria a sério. Nunca levou.

– Isso não é verdade – retruquei, mas podia sentir a mentira na minha voz.

– Você acha que é só minha imaginação porque sou a irmã menor. *Irmãzinha*. Nunca serei mais que uma criança para você. Você não tem ideia de como é crescer com três adultos. Papai, mamãe e mamãe júnior. Vocês todos sabem mais sobre tudo. Quando não estavam me *tolerando*, agiam como se não quisessem que eu crescesse. Como mamãe tentando me fazer sentar no colo do Papai Noel com 8 anos.

– Só para a foto – argumentei, e era verdade. – Eu sei, eu estava lá. Ela queria que eu sentasse no outro joelho, mas o sujeito disse que iria embora se tentasse isso.

Também era verdade; o desgraçado.

Gloria quase sorriu com a lembrança, depois se conteve.

– Você está fazendo isso *de novo*... Tentando me aplacar. Só me escute uma vez, pode ser? Algo não está certo aqui.

– Só estou perguntando por que você pensa assim – tentei soar razoável e não como se estivesse sofrendo (um *mínimo*) por causa de certos pontos (*muito* pequenos) que ela tivesse marcado. – É uma pergunta justa. Se fosse o contrário, você me perguntaria a mesma coisa. Especialmente se fosse a primeira vez que ouvisse que algo estava errado, embora eu tivesse vindo aqui todos os dias por semanas.

– Eu lhe *disse*, isto não é como uma simples visita. Você não sabe, você não fez os dois.

Um movimento atrás de Gloria chamou minha atenção, um ajudante olhando ao redor do pátio. Ele pegou o livro de sudoku esquecido por minha mãe e o largou no grande bolso da frente do jaleco, depois parou ao nos notar. Eu sorri e acenei. Gloria se virou para olhar; quando se virou para mim, estava mais uma vez puta.

– Certo. *Não* acredite em mim. Eu vou *provar*. Aí você não poderá dizer que estou *com medo das sombras*.

Ela se levantou e foi embora. Sem que eu quisesse, tive uma lembrança de ela fazer a mesma coisa quando pequena no que mamãe chamava de um de seus surtos de mandona. Reprimi um sorriso, só para o caso de ela olhar para trás, mas ela não fez isso. Também não tinha feito na época.

As coisas ficaram estranhas entre nós depois disso. Minhas tentativas de iniciar uma conversa fracassaram; se ela respondia, costumava ser com um grunhido sem palavras que me permitia saber que não ficara surda. Ela amoleceu um pouco na segunda-feira, até tomando a iniciativa de falar comigo. Encorajada, sugeri fazer compras e ver um filme, num cinema de verdade, por minha conta, incluindo pipoca pingando gordura entupidora de artérias sabor manteiga. Ela recusou, com educação, dizendo que seus pés doíam. Considerando que sempre entrava direto na banheira quando chegava em casa, deviam doer até os quadris.

Talvez encontrar um banho preparado esperando por ela ao chegar em casa a amolecesse um pouco mais, pensei. A primeira vez a deixou surpresa; ela soou desconfortável quando me agradeceu e passou a noite inteira assistindo a filmes comigo na sala de estar, até mesmo preparando uma tigela de pipoca sem eu pedir. Não ficou tão surpresa na segunda vez; na terceira, me perguntou o que eu queria.

– O que acha que quero? – retruquei, segurando meio pastrami no pão de centeio; eu fizera uma farra no balcão da delicatéssen naquela manhã, um presente pelo trabalho extra que tivera com uma conta nova. – Quero que sejamos amigas de novo. Quero que sejamos *irmãs* de novo. Você está agindo como se eu lhe devesse dinheiro *e* tivesse dormido com o seu namorado.

Ela me encarou, sem expressão.

– Você não leva *nada* a sério, não é mesmo?

– Jesus Cristo – falei com um suspiro. – Estou tentando quebrar o gelo entre nós antes que ele se transforme em gelo eterno.

A boca dela se curvou e senti uma onda de irritação.

– Lamento. Ainda não estou suficientemente séria?

– Não se preocupe em preparar mais banhos para mim. Eu deixo um traje de banho na casa de repouso para poder usar a *jacuzzi*. Às vezes, eu e mamãe vamos juntas.

Reprimi uma observação esperta sobre ser salva-vidas numa banheira de hidromassagem e depois fiquei envergonhada por pensar naquilo. Talvez eu tivesse feito com que ela se sentisse pequena a vida inteira e nunca houvesse me dado conta.

– Eu só estava tentando fazer algo legal para você. Vi o quanto você trabalha...

– Gentil de sua parte notar – respondeu, dura. – Mas, sendo uma adulta, posso preparar meus próprios banhos.

Ela deu meia-volta e saiu.

– Tudo bem – retruquei às costas dela, minha simpatia evaporando. Se minha irmã queria ser levada a sério, como uma adulta, poderia muito bem começar a agir como uma, em vez de como uma menina de 13 anos menstruada.

"Ah, não, você não pensou nisso agora", disse meu cérebro.

Meu rosto ardeu, embora eu estivesse sozinha. Tudo bem, talvez Gloria estivesse menstruada. Eu não havia sido exatamente um raio de sol quando estive de TPM. Agora estava lidando com o começo da menopausa e me saindo bastante bem graças aos hormônios, mas nem todo dia era uma festa, nem eu era.

Meus pensamentos ficaram se perseguindo em círculos. Será que eu tinha sido horrível com Gloria a vida inteira? Ou apenas estávamos condenadas a viver para sempre fora de sincronia independentemente de tudo? Afinal, nós éramos de gerações diferentes; quase falávamos idiomas diferentes. Ainda assim, se eu tivesse agido daquela forma depois de ela ter preparado um banho para mim, minha consciência teria me torturado por *anos*. Claro, isso era eu, a irmã mais velha. Será que veria as coisas assim se fosse a irmã mais nova? Etc. etc. e assim por diante, e vamos lá. Quando me lembrei de comer o sanduíche pelo qual estivera ansiando o dia inteiro, ele caiu no meu estômago como um disco de hóquei.

Minha indigestão passou depois, quando a ouvi sair novamente em vez de colocar os pés doloridos para cima. Gloria não estava deixando que os problemas entre nós afetassem sua relação com o meu carro.

Gloria continuou a trabalhar como voluntária com uma dedicação que nunca demonstrara em empregos remunerados, ou pelo menos nenhum que não envolvesse vestir um traje de banho. Eu me pegava pensando se sua aparente dedicação não seria na verdade uma obsessão insalubre por

encontrar evidências que não existiam para provar algo que não era verdade.

Exceto que, quando a via em minhas visitas, ela não parecia obcecada. Parecia alegremente ocupada, do modo como as pessoas ficam quando estão felizes no trabalho. Talvez ao tentar me provar algo Gloria tivesse se encontrado, descoberto que ser cuidadora era ser salva-vidas em roupas da cidade – improvável, mas não impossível. Estar constrangida demais para dizer isso também não era impossível, e ainda menos improvável.

A não ser que ainda acreditasse que algo não estava certo e interpretasse um papel mais stanislavskiano do que qualquer coisa que Brando tivesse feito, enquanto observava e esperava que algo acontecesse. Eu não sabia dizer. Embora ela não fosse hostil, continuava distante e tinha pouco a dizer além de informações sobre o estado de mamãe.

Talvez *eu* estivesse com medo das sombras agora. Após uma vida como o gafanhoto numa família de formigas, Gloria estava diante da realidade da decadência de mamãe. Lidar com isso abalaria qualquer um. Eu desejava muito que conversasse comigo sobre isso, mas se ela achava que eu sempre fora paternalista, eu não podia ficar surpresa que quisesse manter distância. Nem podia culpá-la.

Ela degelou o suficiente para que às vezes víssemos um filme ou saíssemos juntas para comer, mas a parede entre nós continuou lá. Por mais que eu quisesse, não a forcei. Em parte porque tinha medo de ela ficar com raiva e se distanciar novamente de mim. Mas também desenvolvera a ideia bastante esquisita e supersticiosa de que vigiar demais a sua disciplina pessoal recém-descoberta iria de algum modo dar azar. Ela pararia de fazer trabalho voluntário ou mesmo visitar mais que uma vez por mês, no máximo. A despeito das regras que eu impusera, ela começaria a dormir o dia inteiro e passar a noite toda acordada. Eu vira isso acontecer antes. Independentemente do que tivesse inspirado sua noção de objetivo, eu não queria que a perdesse. Mesmo se isso significasse que nós nunca mais diríamos nada mais profundo uma a outra pelo resto da vida do que *Vai chover* ou *Adivinhe o que vai passar na TV? Uma dica: wolverines!*

Gloria ainda assistia a *Amanhecer violento*, e até fazia pipoca. Mas nunca mais sugeriu nenhum programa de crimes reais. Isso não era um problema para mim, embora eu não estivesse certa do que significava, se é que significava algo.

Um mês e meio depois da explosão inicial de Gloria, o sr. Santos e sua filha Lola me procuraram para me contar que minha irmã era uma heroína. O sr. Santos era um homenzinho magro de 70 e tantos anos que, como minha mãe, adorava quebra-cabeças e jogos de cartas. Eu conhecia Lola de vista, mas ela e o pai conheciam bem Gloria.

– Nunca vi nada como aquilo na vida real – falou Lola Santos, me encarando com grandes olhos escuros, como se ser a irmã mais velha de Gloria fosse uma realização em si. – Eu estava no banheiro havia talvez dois minutos. Gloria tinha trazido suco para ele...

– E caso não tivesse eu não estaria aqui agora – interrompeu o sr. Santos, batendo no peito duas vezes com um punho ossudo antes que a filha segurasse sua mão.

– Não, papi, você ainda está machucado!

– Bom. Os machucados me lembram da heroína de cabelos castanhos cacheados e covinha na bochecha que salvou minha vida – respondeu, sacudindo o indicador para mim. – É uma garota maravilhosa a sua irmã. Não sei o que faríamos sem ela. É a nossa heroína. Ela é *minha* heroína particular.

– E minha – acrescentou Lola.

Eu não sabia o que dizer depois daquilo, então apenas sorri e agradeci por terem me contado. Tentei conversar sobre isso com Gloria em casa mais tarde, só que ela não foi muito direta; quando começou a parecer aborrecida, deixei para lá. No dia seguinte, alterei meu cronograma de trabalho e voltei para ver se conseguia descobrir mais alguma coisa, mas poderia muito bem não ter tido o trabalho. Não consegui arrancar do sr. Santos mais do que ele já tinha me contado. Minha mãe dizia estar tirando um cochilo ou sentada no jardim. Os poucos outros residentes com os quais falei não tinham nada novo ou útil a acrescentar. Mesmo a sempre falante Jill Franklyn ficou reticente com o assunto; depois de louvar as habilidades loucas de Gloria em RCP e sua capacidade de se manter calma durante uma crise, ela fez um comentário muito direito sobre a privacidade dos pacientes e a confidencialidade dos registros médicos. Entendi a indireto e passei o resto do tempo com mamãe, que estava um pouco confusa com minhas visitas consecutivas.

Voltei a fazer três visitas por semana, com a justificativa de que isso deixava mamãe feliz, e não porque ainda estava tentando descobrir mais

sobre o grande momento heroico de Gloria. Porque isso seria inútil, considerando que recebera um relato completo dos próprios sr. Santos e Lola. Final feliz, grandes sorrisos – o que mais poderia haver na história? Se eu agora estava com medo das sombras, eram sombras que sequer conseguia identificar. Talvez toda a coisa de *Ela é uma heroína* estivesse me deixando nervosa; semanas depois do acontecido aquilo ainda não passara.

"Com inveja?", quis saber aquela voz ainda fraca em meu cérebro.

Estava certa de que não me tornara tão neurótica. Praticamente certa. Mas se *estivesse – não estava*, mas se *estivesse* –, disse a mim mesma, só havia um modo de matar as sombras. Mamãe se beneficiaria das visitas adicionais, e também eu – ninguém sabia por quanto tempo ainda seria ela mesma. Se coisas boas às vezes são feitas por razões idiotas, não eram menos boas. Eram?

– Você não esteve aqui ontem? – perguntou minha mãe quando me sentei ao lado dela na mesa com guarda-sol. Para minha surpresa, ela parecia um pouco aborrecida.

– Não, eu vim na quinta-feira, e hoje é sábado. Qual o problema, está cansada de me ter por perto?

– Não entendo por que você não tira vantagem de Gloria estar aqui e vai viajar, nem que seja só um fim de semana prolongado. Em vez disso, vem mais aqui. Qual é o seu problema? Você não tem uma vida?

– Não.

– E os seus amigos?

– Eles também não têm vida. É difícil lá fora. Estava pensando em vir morar com você.

Minha mãe deu uma risada triste.

– É mais fácil ganhar na loteria antes. Eles não permitem dividir as despesas – falou, e olhou ao redor. – Onde está aquela coisa? Você sabe, com todos os livros dentro e a tela. Eu podia jurar que estava comigo. Veja se está no meu quarto, por favor? Já que você está aqui.

A porta do quarto de minha mãe estava aberta; dentro, havia uma ajudante de pé de costas para mim, fazendo alguma coisa na bandeja dobrável ao lado da cama. À esquerda havia um carrinho, as prateleiras cheias de jarros de água.

– Ah, oi – falei alegremente, e ela deu um pulo. O jarro que estava segurando escorregou de suas mãos, derramando água sobre a cama antes

de cair no chão. – Ah, droga, lamento muito! – Eu me adiantei para ajudar.

– Não, está tudo bem, eu posso cuidar disso, está tudo certo – respondeu a ajudante, parecendo quase desesperada enquanto tentava me mandar embora, pegar o jarro e catar vários comprimidos brancos tudo ao mesmo tempo. – É apenas água, não plutônio, posso cuidar disso, de verdade, eu posso.

– Estou certa de que sim, mas me deixe ajudar mesmo assim – disse, culpada, enquanto me ajoelhava. O jarro tinha se partido e a tampa acabara embaixo da cama. Eu a usei para catar vários pequenos comprimidos brancos.

– Eu só estava tomando uma coisa para dor de cabeça – avisou a ajudante, agarrando os comprimidos e os jogando no bolso da frente do jaleco, ignorando as pequenas partículas de poeira grudadas neles. – Tenho cefaleia em salvas, e é terrível.

– Que medonho – comentei. Eu não tinha ideia do que era cefaleia em salvas, mas considerando como ela parecia horrível, não estava exagerando muito. Sua pele escura ficara quase cinza. Antes de me levantar, deslizei novamente a tampa do jarro, para o caso de ter deixado passar algum comprimido. – Eu lamento muito, não queria assustá-la. Vou trocar a roupa de cama...

– *Não*, *não*, você não veio aqui para arrumar a casa, cuidarei disso – falou ela, tão rápido que estava quase se atropelando. – Eu vou cuidar disso, você não tem de se preocupar, *por favor*, não desperdice nenhum tempo de sua visita, mas se você... – interrompeu-se de repente. Sua cor melhorara, mas no momento ela parecia prestes a chorar.

– O que há de errado? É sua dor de cabeça? – perguntei.

Eu estava prestes a sugerir que se sentasse e tomasse um pouco de água quando ela falou.

– Não é nada. Por favor, apenas continue com sua visita. Ficarei bem.

– Veja, você não vai me deixar sequer ajudá-la a arrumar a cama, então se houver *alguma coisa* que possa fazer por tê-la assustado tanto, é só me dizer.

Ela baixou os olhos, constrangida.

– É meio idiota.

– Meio idiota; essa eu gostei. – Minha resposta provocou um sorriso.

– Certo, é que... Eu só... – começou ela, enquanto tirava a roupa de cama. – Não, não posso. Eu *ia* perguntar se você não se importava de não

mencionar isto à sua mãe, mas deixe para lá. – Ela jogou um bolo de lençóis molhados no chão e começou a tirar o protetor de colchão. – É só porque eu me sinto uma *grande idiota*. Mas não tenho de lhe pedir alguma...

– Está combinado – concordei, erguendo uma das mãos. – Além do mais, não consigo pensar num bom motivo pelo qual teria de mencionar isso.

– Mas...

– Esqueça. Não vou falar, e você não pode me obrigar.

Ela deu um pequeno riso nervoso.

– Eu só entrei aqui para pegar o *e-reader* dela – comentei, apontando para a mesa de cabeceira onde o tinha visto. A ajudante me passou, de algum modo parecendo grata, envergonhada e aliviada, tudo ao mesmo tempo. Sua identificação dizia que se chamava Lily R. – Obrigada. O que significa o *R*?

Ela me olhou confusa.

– Lily R... – Apontei com a cabeça para sua identificação. – O *R* é de...

– Romano – respondeu, e revirou os olhos. – Você deve achar que eu sou uma palhaça.

– De modo algum.

Enquanto eu saía para encontrar minha mãe, não consegui evitar me sentir um pouco culpada por deixar Lily *R* de Romano fazer a cama sozinha. Então mamãe pediu que lesse para ela e tirei isso da cabeça. Poderia não ter voltado a pensar nisso caso não tivesse encontrado um comprimido grudado na sola de um dos meus tênis muito caros.

Eu os calço não por ser esportiva, mas porque caminhar com eles é muito gostoso. Eles têm cores berrantes pelas quais desenvolvi um novo apreço em minha maturidade. E que inferno – se um dia decidisse desafiar minha idade adiantada correndo uma maratona, estava pronta.

Correr uma maratona talvez fosse a única coisa que poderia estar mais distante da minha cabeça do que Lily R quando senti algo grudado na sola do tênis. Parando junto à porta da cozinha, eu o tirei antes que arranhasse o piso de cerâmica pelo resto da vida. Uma pedrinha – usei um picador de gelo para jogá-la pela porta aberta, depois verifiquei o outro tênis, só por garantia. O comprimido era mais ou menos do mesmo tamanho da pedra, só que fincado mais fundo. Talvez por isso ainda estivesse intacto, pensei, soltando-o com cuidado. Embora não tivesse ideia de por que estava me

preocupando – era provável que eu não o devolvesse a Lily Romano quando a visse de novo. "Ei, amiga, encontrei isso na sola do meu tênis, achei que você poderia querer de volta." Afinal*, quem é tão idiota assim?*

Eu o coloquei numa caixa de anel vazia em minha cômoda. Como mamãe sempre dizia, não desperdice; em uma emergência de cefaleia em salvas eu ficaria contente de ter guardado aqui. Coisas mais estranhas já tinham acontecido; estavam acontecendo agora.

* * *

Uma semana depois, Jill Franklyn ligou no meio da tarde, se desculpando tanto que não consegui dizer nada. Então a ouvi dizer algo sobre a morte ser mais dura para algumas pessoas, especialmente a primeira morte.

– A *primeira* morte? – interrompi. – Você está falando da minha mãe?

– Ah, não, não, não, sua mãe está bem! – respondeu rapidamente. – É a sua irmã...

– Minha *irmã*? – reagi. De repente, a boca do meu estômago estava se enchendo de água gelada. – Aconteceu alguma coisa com *Gloria*?

– Não, não, não, ela está bem – falou Jill Franklyn. – Bem, não exatamente *bem*...

– Ela ainda está viva?

– Sim, *claro* que ainda está *viva* – respondeu, a perturbação se revelando em seu tom de desculpas. – Mas, bem, você precisa vir buscá-la, ela não deveria voltar dirigindo.

Avisei que estava a caminho e desliguei sem contar que isso demoraria um pouco mais do que ambas gostaríamos, pois teria de tomar um táxi, e embora não morasse no meio do nada ou num subúrbio soturno, também não era Manhattan. Cheguei lá em meia hora, o que na verdade foi antes do que esperara.

Jill Franklyn estava esperando por mim na recepção, parecendo um pouco perturbada.

– Fico muito contente que esteja aqui – disse ela, sorrindo, mas podia sentir a censura em sua voz. A recepcionista estudava com atenção algo em sua escrivaninha para fingir que não ouvia.

– Desculpe, tive de pegar um táxi – informei, tentando parecer contrita, ou pelo menos constrangida. – Não estou certa de ter entendido o

que está acontecendo. Você disse que minha mãe está bem...

– Sim, ela está bem – respondeu Jill Franklyn, anuindo enquanto me conduzia pelo portão de entrada e pelo corredor que levava ao quarto de minha mãe. – Gloria está com ela neste instante.

Encontrei as duas sentadas lado a lado na cama de mamãe. Mamãe passara o braço ao redor de minha irmã, que estivera chorando. Lily Romano também estava lá, parecendo preocupada e inquieta. Ela saiu assim que entrei, dando um olá silencioso com a cabeça ao passar por mim. Franzi o cenho, desejando que ela tivesse ficado, mas não tive oportunidade de pedir isso, nem uma boa razão para fazê-lo.

– O que fez com que demorasse? – perguntou minha mãe para mim, um pouco impaciente.

– Só há um carro para nós duas, e Gloria fica com ele. Eu quase nunca uso. O que está acontecendo, Vaga-lume?

Gloria ergueu os olhos para mim e achei que estava furiosa por eu usar seu apelido de infância tão publicamente. Então ela se levantou, jogou os braços ao redor de mim e soluçou.

Quando chegamos ao carro ela tinha se acalmado, e ficou quieta durante toda a viagem para casa, algo pelo que fui grata. Chegara a hora do rush e eu não queria ter de enfrentar o tráfego tendo como trilha sonora os soluços de partir o coração de Gloria. Doze anos antes, nunca ter de dirigir na hora do rush fora mais uma boa razão para deixar a empresa de contabilidade para trabalhar de casa; naquele momento, concluí que havia sido a melhor razão.

Chegamos em casa vivas; em vez de beijar o chão por gratidão, coloquei uma pizza no forno e me juntei a Gloria na sala de estar. Eu a encontrei afundada no canto mais distante do sofá, abraçando os joelhos colados ao peito, como se para ficar o mais encolhida possível. Uma brincadeira sobre nunca ter tido um ataque de ansiedade num sofá passou pela minha cabeça, mas para variar pensei antes de falar.

– Não sei o que aconteceu hoje – comecei após algum tempo. – Jill Franklyn não teve uma oportunidade de me contar, e achei melhor trazer você para casa em vez de ficar mais tempo lá.

Ela me lançou um olhar, mas não falou nem se moveu. Esperei um pouco mais, depois fui à cozinha conferir a pizza. Estava tirando-a do forno quando ouvi Gloria falar.

– Não consegui salvá-la.

Eu me virei e a vi sentada à mesa. Cortei a pizza em oito fatias, peguei dois pratos e coloquei a assadeira sobre um apoio ao alcance antes de ocupar a cadeira à direita dela.

– Eles me deram café com, tipo, seis cubos de açúcar – contou, franzindo o cenho para o prato à sua frente como se vendo algo que não gostasse. Nós fomos criadas com aqueles pratos; em mais de trinta anos só tínhamos perdido dois. – Eles disseram que era bom para quem está em choque. Eu não achava que estava em choque, mas imagino que sim.

Ela ergueu os olhos para mim.

– Eu nunca, nunca, *jamais* imaginei como seria aplicar RCP em alguém e não... Não fun... – tentou, depois engoliu em seco. – E não funcionar.

– Ah, mana, lamento muito – comentei, me levantando e dando um abraço nela. Ela ficou sentada impassível por algum tempo. Depois a senti se mover lentamente para me abraçar de volta. – Nem consigo imaginar.

– Não é como deveria ter acontecido. A sra. Boudreau deveria estar jogando bridge com o filho e os amigos neste momento. Assistindo a um filme de noite. Levantando para tomar café amanhã de manhã, e então... ter mais alguns anos para ser feliz. Como o sr. Santos e os outros.

As três últimas palavras grudaram em meu ouvido, mas estava ocupada demais tentando me lembrar da mulher morta. Ainda segurando as mãos dela, me sentei de novo após algum tempo.

– Lamento, Gloria, mas não consigo me lembrar dela. Da senhora que morreu. Sra. Boudreau?

Minha irmã anuiu, triste.

– Ela havia se mudado há apenas duas semanas; acho que você sequer chegou a vê-la – falou, e deu um suspiro trêmulo. – Eu prometi ao filho que cuidaria dela. Prometi a *ela* que cuidaria dela. E então o filho dela teve de assistir enquanto eu quebrava a promessa.

– Você é uma pessoa boa, mana – comentei, enquanto meus pensamentos giravam como peças de quebra-cabeças tentando se encaixar. – Você *cuidou* dela, o melhor que pôde. Mas não importa quão bem você faça, RCP não é sinônimo de imunidade para a morte.

Assim que as palavras saíram da minha boca, eu quis me chutar. Gloria franziu o cenho e esperei que me atacasse por fazer brincadeiras idiotas novamente.

– Você não entende. A sra. Boudreau *realmente não deveria estar morta*. Ela sequer era residente permanente. Só ficaria lá até o final do mês – acrescentou, em resposta a meu olhar questionador. – Depois, iria morar com o filho e a família dele. Estão fazendo um quarto novo na casa para ela. Ainda não está pronto. E agora terão um quarto extra sem ninguém dentro.

Estava na ponta da minha língua dizer que nenhum espaço extra numa casa ficava inutilizado em circunstância alguma, mas não falei. Como não cresceu em uma casa lotada, Gloria tinha limitada experiência, e não fazia sentido.

Arranquei a história dela pouco a pouco; era em grande medida a do sr. Santos de novo, com um elenco diferente e um final infeliz que nem mesmo um desfibrilador portátil conseguiu mudar.

– O desfibrilador é o último recurso – contou Gloria, começando a comer uma fatia de pizza. Achei que aquilo tinha de ser um bom sinal. – É fácil demais fazer besteira mesmo tendo experiência. Aprendi a usar o desfibrilador, mas nunca tinha feito.

Ela parou, a cabeça inclinada para o lado.

– Jesus, acabei de ouvir a mim mesma. "Aprendi a usar o desfibrilador, mas nunca tinha feito." Como se isso fosse rotina. Até começar a trabalhar como voluntária, eu nunca tinha feito uma RCP de verdade. Nem uma única vez.

Eu estava pensando em algo para dizer quando ela largou a fatia de pizza que estava segurando e levou a mão à boca.

– E nunca sequer pensei que alguém poderia *morrer*. O sr. Santos e sua filha estavam me chamando de heroína, a enfermeira-chefe colocou uma carta na minha ficha, meu nome apareceu no boletim interno deste mês como VMV, Voluntária Mais Valorosa. Eu não pensei: "E se alguém morrer?" Porque ninguém tinha morrido. Então, nem por um segundo achei que a sra. Boudreau poderia morrer. Apenas esperei que as enfermeiras dissessem que ela tinha pulsação.

Eu franzi o cenho. Será que Gloria tinha feito RCP em mais alguém além do sr. Santos?

– Gloria, quantas vezes...

Ela não me ouviu.

– Mesmo depois de terem dado o choque, eu ainda esperava que alguém dissesse que ela estava de volta – falou, e novamente levou a mão

à boca. – Aimeudeus, no fundo eu *ainda* estou esperando que Jill ligue e diga que alguém no hospital decidiu tentar uma última vez e trouxe a sra. Boudreau de volta, afinal.

E eu estava esperando que ela caísse em lágrimas novamente, ou mesmo vomitasse sobre a mesa. Em vez disso, Gloria terminou a fatia e pegou outra. Bom ver que estava se recuperando da experiência, pensei. Meu próprio apetite era outra história.

A enfermeira-chefe que ligou na manhã seguinte para ter notícias de Gloria era nova. Celeste Akintola tinha a voz amigável, porém objetiva, que todas as enfermeiras acima de certo grau de experiência pareciam ter. Jill Franklyn não tinha, e não conseguia imaginar que um dia teria. Afastei o pensamento e me concentrei em conhecer a nova enfermeira-chefe. Mais especificamente, em tentar descobrir com que frequência Gloria usara suas loucas habilidades em RCP, mas sem soar como se estivesse me metendo. Ou como se tivesse de me meter.

Celeste Akintola fez ruídos amistosos mas objetivos sobre a confidencialidade do paciente, acrescentando que esperava que toda a equipe, incluindo os voluntários, respeitasse a privacidade dos residentes. Desisti, passei o telefone para Gloria e fiquei por perto, escutando explicitamente; tudo o que ouvi foi “sim” e “certo”. Depois que desligou, Gloria disse que recebera ordens explícitas de tirar duas semanas inteiras de folga antes de sequer pensar em voltar. Mesmo então não seria por mais de três dias por semana, pelo menos inicialmente. Minha irmã não se importou de aceitar isso, o que foi um alívio. E também um pouco impressionante – ou talvez não. Ela estava passiva, com certeza pensando profundamente.

Para ser honesta, eu mesma tinha de pensar um pouco sobre levar Gloria a sério. Como a irmã mais velha e supostamente mais sábia, eu nunca salvara a vida de alguém nem vira uma pessoa morrer bem na minha frente. Gloria salvara uma pessoa e tivera outra morrendo em seus braços no espaço de algumas semanas. Vida e morte – não era possível ser mais sério que isso. Eu queria dizer isso a ela, mas não consegui descobrir como começar. Tudo o que dizia saía banal, quando não equivocado. Gloria, por outro lado, tinha uma nova eloquência. Ou talvez só fosse nova para mim.

– Eu estava com medo do que você iria dizer – me contou mais tarde. – Estava me saindo tão bem, sabe? Todos precisavam de mim; de *mim*. De mim *especificamente*. E então isso aconteceu. Eu precisava muito que você viesse e fosse mamãe júnior, mas ao mesmo tempo pensava em como era patético ser uma bagunça tão grande aos 38 anos. Então, você veio e... – Ela deu de ombros. – Você só se importou comigo. E me dei conta de que só há uma pessoa no mundo inteiro que sempre irá aparecer, não importando quão patética eu seja. Você não foi para cima de mim toda esperta, mais velha ou mais sábia, e não agiu como se tudo aquilo fosse uma grande brincadeira. – Ela fez uma pausa. – Embora a coisa da imunidade para a morte tenha sido meio que legal.

– Algumas pessoas fazem piada quando estão nervosas.

– É, agora saquei isso – ela disse. – Está vendo? Estou crescendo.

Mas, eu esperava, não tanto que um dia se desse conta de como dominava total e completamente a irmã mais velha.

Foram duas semanas agradáveis. Tirei uma folga e deixei que Gloria me apresentasse ao mundo imprevisível das compras radicais em brechós, incluindo aulas sobre pechinchar com almas reticentes. Até mesmo me fez admitir que era divertido, e era verdade, embora não me visse fazendo aquilo sem ela. Gloria disse que sentia o mesmo em relação a *Amanhecer violento*.

Visitei mamãe sozinha e aprendi que era melhor ir de manhã, quando ela estava mais perspicaz, animada e mais como seu antigo eu. Depois do meio-dia, sua energia diminuía e ela tinha dificuldade em se concentrar, tendo tirado um cochilo depois do almoço ou não. Jill Franklyn disse que isso era chamado de *síndrome do crepúsculo*. A expressão simpática dela não era indiferente, mas tinha algo de *profissional*, quase ensaiado. Talvez fosse todo o treinamento que recebera sobre como discutir essas coisas com os parentes.

"Ou talvez", pensei, de repente envergonhada, "fosse repetição". Quantas vezes ela teria explicado isso a parentes ansiosos? Eu tinha de começar a dar crédito a quem merecia, pensei, ou começaria a gritar *Fora do meu gramado* para todo mundo com menos de 60.

Depois de sua folga de duas semanas, Gloria estava pronta para voltar ao trabalho – ou "trabalho" – e fiquei feliz em deixar, apesar de me sentir tentada a fazer insinuações sobre procurar um trabalho remunerado. Então

pensei em mamãe; ter Gloria por perto de novo seria bom para ela, mesmo que não fosse com a mesma frequência de antes.

Mas depois da primeira semana, Gloria anunciou que iria todos os dias novamente.

– Akintola disse que só posso *trabalhar* como voluntária três dias por semana – falou quando a questionei. – Então, tudo bem. Nos outros dias irei apenas visitar mamãe.

Sorriu como se tivesse cortado o nó górdio com tesouras cegas.

– Não estou tentando dar uma de irmã mais velha, mais sábia ou mais inteligente, mas estou certa de que isso viola o espírito da ordem – comentei, me encolhendo.

– Se ela não me quer como voluntária, não serei voluntária – retrucou Gloria, teimosa. – Em quatro de sete dias, ficarei por ali como uma dama desocupada.

– Não acho que você deva ir sete dias seguidos...

Gloria bufou, impaciente.

– Você tem visto mamãe ultimamente?

Meu coração apertou.

– Eu sei que você...

– Você sempre vai de manhã, certo? Quem lhe contou sobre *síndrome do crepúsculo*? Foi a Jill?

Tentei dizer algo, mas ela falou mais alto que eu.

– Isso é código para "mamãe piora ao longo do dia". Eles usam *síndrome do crepúsculo* com as famílias porque a palavra faz com que eles pensem em coisas como belos ocasos depois de um belo dia, como se a pessoa começasse bem pela manhã. Mas não começam. Elas estão *melhor* de manhã, o que não é a mesma coisa que *bom*.

Eu a encarei, levemente chocada, depois tentei disfarçar dizendo a primeira coisa que passou pela minha cabeça.

– Achei que você não seria voluntária hoje.

Ela franziu o cenho.

– Não serei.

– Então se o sr. Santos tiver outro ataque cardíaco, ou alguém mais tiver alguma coisa, você irá recuar e deixar que os profissionais cuidem disso?

– Você é maluca? – reagiu ela. – Acha que eu ficaria vendo alguém morrer só porque é meu dia de folga?

– Não, apenas se eles forem contra a ressuscitação. Como mamãe.

Ela pareceu muito ferida. Eu quis arrancar a língua com uma mordida e jogá-la fora.

– Quando não tem certeza, você supõe que eles querem viver, até que tenha certeza do contrário – respondeu numa voz baixa e dura, e eu teria jurado que ela estava tentando fazer a voz objetiva de Celeste Akintola.

– E se *for* o contrário? – perguntei, tentando não soar como uma discussão.

Ela não respondeu.

– Você sabe que pode ter muitos problemas por fazer uma RCP quando não deveria? Não apenas você, mas os médicos, enfermeiras e todos que trabalham lá, incluindo todos os outros voluntários.

Eu não sabia quão verdadeiro era isso, mas não era uma mentira completa.

– *Você* poderia até ser presa por agressão, e não acho que a família tenha de esperar que saia da cadeia para processá-la.

Gloria me deu o Olhar mais severo que eu já vira.

– As temporadas de *Law & Order* não vêm com um diploma de direito. Eu faço o que acho certo.

– Eu só perguntei se você tivesse certeza...

– Como *mamãe*? – falou, quase cuspindo a palavra. – Vá em frente, diga: *mamãe*. Qual o problema, não consegue dizer o que deseja? Por quê? As coisas de repente ficaram frias demais para você? Ou tem medo de que mamãe me processe? Faça uma queixa? Os dois? – indagou Gloria, dando uma única risada curta. – Eu lhe pedi dinheiro para fiança? *Recentemente*? – acrescentou. – Não, não pedi. Caso encerrado.

– Então, o quê? Você sempre adivinha certo? – perguntei, franzindo o cenho. – Quantas vezes *foi* isso?

Ela hesitou.

– Contando com o sr. Santos e a sra. Boudreau? Cinco.

Meu queixo caiu.

– Por que não me contou?

– Eu estava puta com você.

– Então, por que *mamãe* não... Não, apague isso. Por que *ninguém* me contou?

– Talvez não quisessem que você soubesse. – Ela deu de ombros. – Quero dizer, eles continuam me chamando de heroína.

Eu queria uma escrivaninha na qual bater minha cabeça.

– Não acha que eu teria dito alguma coisa se *tivesse* sabido?

– Eu estava puta com você – repetiu. – Lembra?

– Sim. E também me lembro do motivo: eu lhe perguntei por que você achava que havia algo de errado na casa de repouso – falei, e olhei de esguelha para ela. – Isso significa que você mudou de ideia quanto a isso?

Ela deslocou o peso de um pé para outro e bufou.

– Você tem de levar isso tão a sério?

– Ei, a ideia foi *sua* – falei, enquanto ela saía.

Se Gloria tinha mudado de ideia, eu também tinha, embora não me desse conta disso imediatamente. Cresceu em mim numa câmera lenta horrenda. Minhas visitas passaram de três vezes por semana para diariamente. Achei que fosse a ideia da mortalidade – especificamente da minha mãe – produzida pela revelação de quantas vezes Gloria tinha empregado suas loucas habilidades de RCP. Não, me corrigi: quantas vezes Gloria realizara RCP em uma situação de emergência. Levá-la a sério significava abandonar expressões engraçadinhas em questões de vida e morte.

Estava até mesmo disposta a confessar que me sentia nervosa – não ansiosa, mas disposta –, mas ela não perguntou. Perturbador – com certeza, estava pensando em por que eu mudara minha agenda tão drasticamente... Não estava? Esperei, mas ela não tentou conversar comigo durante as visitas ou em casa, onde estava trabalhando no horário noturno que antes passávamos juntas.

Depois de uma semana, não aguentei mais e chamei um dos meus temporários. Gloria ergueu as sobrancelhas – ainda não era a primeira metade de abril –, mas não perguntou. Na verdade, não disse uma palavra no caminho de ida.

– Você vai me buscar ou devo pegar uma carona com Lily? – perguntou ela enquanto eu ocupava uma vaga no estacionamento de visitantes.

Eu fiz um barulho, exasperada.

– Você está dando uma de *Gaslight* comigo, não está?

– O que é isso? – reagiu Gloria, parecendo confusa.

– Certo, você não é fã de filmes antigos. Você está tentando me enlouquecer – falei.

– E o que a levou a pensar assim? – perguntou educadamente. A enorme vontade que tive de bater nela deve ter ficado evidente. – Vamos lá, falando sério. Foi você quem ficou toda esquisita, trabalhando a noite inteira para poder estar aqui todo dia...

– E você nunca me perguntou por quê. Não está nem um pouquinho curiosa?

– Bem, sim – falou, como se nunca tivesse ouvido pergunta mais idiota. – Mas imaginei que seria perda de tempo. Você não me conta porcaria nenhuma até sentir vontade. Quando sente.

Senti meu rosto arder novamente.

– Qual é o problema? – perguntou ela, agora um pouco impaciente. – É verdade, não é?

Eu cedi.

– Certo, certo. Estou nervosa por causa de mamãe. Descobrir quantas vezes você fez RCP meio que... – falei, e dei de ombros. – Meio que me assustou, acho.

–É sério? – falou minha irmã, me lançando o Olhar cético. – Quando? Depois de ter avaliado os desdobramentos legais de eu manter mamãe viva?

– Eu nunca fiz RCP em ninguém, nem mesmo sei como fazer, então demora um pouco para se dar conta da realidade, de que mamãe podia... você sabe. Morrer.

Eu mal consegui não engasgar com a palavra.

Minha irmã expirou longamente, olhando pelo para-brisa para nada em particular.

– Se isso faz com que você se sinta melhor, mamãe dificilmente terá um ataque cardíaco em breve. O coração dela está em muito boa forma. Para ser honesta, eu me preocupo mais com ela cair, pelas tonturas. Felizmente, não recusa a cadeira de rodas tanto quanto antes, então é uma preocupação menor do que já foi. Mas se quiser continuar vindo todo dia, não vou impedi-la – acrescentou, com um sorriso repentino. – Porque parece ajudá-la a permanecer consciente.

– E quanto à síndrome do crepúsculo?

– É o que quero dizer – comentou Gloria, o sorriso se tornando ainda mais brilhante. – Certos dias mal posso dizer que está acontecendo.

– Medicação nova?

– Não, as mesmas coisas, mesma dose. Alguns dos outros residentes tomam muito mais e não estão tão bem.

– Talvez porque ela esteja comendo melhor?

Gloria deu de ombros.

– Mal não faz. Agora, vamos entrar ou quer ficar aqui e, como mamãe diz quando acha que ninguém está escutando, se preocupar como uma cretina o dia inteiro?

Ela estava certa – mamãe *estava* melhor. Mas a dra. Li me alertara que esses períodos de quase recuperação, quando os pacientes de algum modo pareciam se livrar da neblina que os cobria, não eram sinais de verdadeira melhora, apenas a natureza errática da doença se mostrando – uma das crueldades especiais do Alzheimer.

Mas isso não tornava mamãe menos lúcida. Ela voltou a me falar para tirar férias e ficou aborrecida quando recusei, ficando tão agitada comigo que tive de sair para que se acalmasse.

– Se quer saber a verdade, ela está meio assustada por você vir todo dia – me disse Lily Romano enquanto me acompanhava certa tarde. – Tem medo de que isso signifique que está morrendo e a médica não conta.

– Mesmo? – reagi, chocada. – Nunca teria pensado nisso. Gloria nunca falou nada.

Lily Romano deu de ombros.

– Ela não sabe. Nem sempre os residentes contam tudo aos parentes. Às vezes, é mais fácil para eles confiar em alguém que não é tão próximo, especialmente quando...

– Quando... – estimulei depois de algum tempo.

– Quando acham que os parentes vão meio que dizer que estão sendo bobos ou paranoicos.

Quando os parentes não os levam a sério, pensei, tendo um esgar.

– Então minha mãe confia muito em você? – Ela pareceu tão desconfortável que rapidamente acrescentei: – Esqueça que perguntei, não é importante. Como estão suas dores de cabeça?

Ela pareceu confusa por um momento.

– Ah, sim, bem... Não tenho há algum tempo.

Eu poderia ter mencionado que encontrei o comprimido em meu sapato, mas estávamos quase no portão de entrada, e ela fazia barulhos indicando que precisava voltar ao trabalho. Fiz uma anotação mental para conversar depois com Gloria sobre a possível ansiedade de mamãe. Depois

o dia ficou agitado: Gloria ia pegar uma carona para casa com outra ajudante, então fiz as compras no mercado, e em algum ponto entre o balcão da delicatéssen e a eterna escolha entre sacola de papel ou plástico uma lufada de tédio apagou todas as anotações mentais da porta da minha geladeira cerebral.

Apenas muito mais tarde, após várias horas de outra noite passada ao computador, isso voltou. Minha ética de trabalho disse que podia esperar; meu procrastinador disse que era uma oportunidade de ouro. Para variar, fiquei com o último.

Abri a porta e encontrei Gloria de pé ali com uma das mãos erguidas, prestes a bater.

– Desculpe, sei que não devo interrompê-la...

– Está tudo bem – falei. – Acho que encerrei por hoje. O que é?

– Estou com um dilema e preciso de conselhos – disse, o rosto preocupado.

– Eu pego o Shiraz e você guarda um lugar no sofá.

– Você achará tolice – comentou ela enquanto eu servia vinho em sua taça.

– Aparentemente isso é suficiente. Não se preocupe – acrescentei quando ela pareceu confusa. – Apenas me diga. Depois decidimos se é tolice.

Ela hesitou, me olhando, incerta. Depois respirou fundo.

– Ok, há certas coisas que todos em Brightside têm de fazer... Quero dizer, certas regras a que todos precisam obedecer, de qualquer jeito, ou são dispensados. Mesmo as enfermeiras. Mesmo os faxineiros. Mesmo o pessoal da jardinagem.

Eu concordei com a cabeça.

– Essas são regras rígidas, e se você vir uma *infração* – falou, fazendo uma careta para a palavra –, deve denunciar. O que é meio que... – Ela revirou os olhos. – Quem quer ser caguete? Quero dizer, se eu visse alguém machucar um residente, gritaria a plenos pulmões. Mas...

– Você viu algo?

Ela assentiu.

– É uma daquelas coisas das quais você pode se livrar se tomar cuidado. E talvez todo mundo lá faça isso pelo menos uma vez, mas eles o demitiriam no ato por isso, mesmo que nada de ruim aconteça.

Eu balancei a cabeça.

– O que é essa coisa inacreditavelmente malvada?

– Estar com uma medicação não autorizada durante seu turno – contou ela, franzindo o cenho. – Achei que tinha lhe dito isso. Não podemos ter nem mesmo uma aspirina no bolso da calça.

– Por que não?

– Porque é um risco para os residentes.

– Apenas se eles enfiarem nos bolsos de suas calças – respondi, rindo um pouco.

– Não – continuou Gloria, balançando a cabeça. – Tolerância zero. A única forma de ter absoluta certeza de que um residente não tome nada que não deva é não *haver* nada.

– Isso é ainda mais rígido que num hospital, não é? – falei, pensando em voz alta.

– É impressionante. E não importa, é a política deles.

– Então você viu alguém – cortei, já sabendo quem seria.

– Lily Romano – falou ela, com um suspiro triste. – Eu a flagrei no ato, nem pude fingir que não tinha visto nada. Ela estava fazendo a ronda com jarras de água...

Eu erguia mão.

– Eu estive lá, mana.

– Do que está falando? – reagiu, novamente insegura e prestes a ficar com raiva.

– Eu flagrei Lily Romano com comprimidos – contei, triste. Dei a ela um resumo de nosso encontro no quarto de mamãe, acrescentando: – Não lembro se você me contou sobre a regra contra remédios. Se contou, naquele dia eu esqueci.

– Ela implorou que você não contasse? – perguntou Gloria, ainda infeliz.

– Sim, mas não sobre isso – respondi, e contei o resto.

– Isso é estranho. Porque lhe pediria para ficar quieta sobre ter de trocar a roupa de cama, mas não sobre os comprimidos?

Eu pensei por um momento.

– Talvez por que se deu conta de que eu não sabia da regra e não queria chamar minha atenção. Fazendo pensar que estava apenas poupando-a de algum constrangimento foi bastante esperto. Realmente esperto.

– Mas ela meio que correu riscos.

Eu balancei a cabeça.

– Não contei nem mesmo a *você*, contei?

Gloria suspirou.

– Ela me fez acompanhá-la até o armário e vê-la colocar os comprimidos na bolsa, o tempo todo me suplicando para não contar e prometendo não fazer isso novamente. Eu me senti mal por ela. Cefaleia em salvas é terrível...

– É, foi o que me disse. Mas quando perguntei esta tarde ela falou que não havia tido recentemente.

Fui pegar o comprimido no meu quarto.

– Este ficou preso no meu tênis – expliquei, estendendo para ela na ponta do dedo. – É igual ao que você viu?

– Na verdade, não vi os comprimidos, apenas o frasco – contou, pegando o remédio entre o polegar e o indicador. – Isto não é comprimido para dor de cabeça. É metilfenidato.

Eu franzi o cenho.

– É *met* como em metanfetamina? – perguntei, desconfortável.

– Metilfenidato de Ritalina. Você sabe, TDAH? Não, você não sabe. Perdoe-me por dizer isso, Val, mas você é velha demais. Você cresceu antes que eles começassem a tentar curar a infância. Pelo menos metade dos garotos da minha escola tomava Ritalina, Adderall ou alguma outra coisa.

Fiquei chocada.

– Mamãe ou papai...

–Ah, não – respondeu Gloria, rindo. – Mas muitos garotos complementavam a mesada vendendo alguma coisa de que não precisavam para garotos sem receitas. Compravam para perder peso, virar a noite estudando antes de uma prova, e ouvi que um aluno da sexta série estava fornecendo para dois professores – falou, e franziu o cenho. – Você nunca toma isto para dor de cabeça. Isso lhe *daria* uma.

– Certo, agora apontando o óbvio: Lily Romano não está na escola. Então, por que toma isso?

– TDAH adulto, talvez?

– Não importa, acho que é melhor voltarmos para a casa de repouso agora mesmo e conversar com quem estiver de plantão.

Gloria segurou meu braço enquanto eu me levantava.

– Certo, mas o que vamos dizer a eles?

– Vamos começar pelo que sabemos e deixar que eles descubram.

Gloria ficou tão surpresa quanto eu de encontrar Jill Franklyn encarregada do turno do cemitério. Imaginei que parecia razoável: nada marcante, mas competente o suficiente para que ninguém perdesse o sono. Jill Franklyn ficou tremendamente mais surpresa ao nos ver. Estávamos seguindo pelo corredor principal da ala residencial na direção do posto das enfermeiras quando uma porta à esquerda se abriu de súbito, mas muito silenciosamente, e ela saiu para o corredor mal iluminado e tomado por sombras. Estava de costas para nós, mas eu conhecia aquela silhueta fina e a pose de bailarina. Ela parou, de costas para nós. Gloria e eu ficamos imóveis, e nos entreolhamos. Dei de ombros e pigarreei.

Jill Franklyn rodopiou e acendeu a lanterna, nos cegando.

– Aimeudeus!

A palavra saiu num sussurro guinchado. A luz foi apagada de novo, deixando Gloria e a mim não menos cegas enquanto Jill vinha na nossa direção, os sapatos fazendo um barulhinho de rangido.

– O que vocês duas estão *fazendo* aqui a esta hora? Deve ser mais de meia-noite. Perderam o juízo?

– Qual pergunta devemos responder primeiro? – retruquei, dando uma risada nervosa, e Jill Franklyn pediu silêncio.

Ela nos guiou pelo corredor na direção do posto das enfermeiras, achei, mas antes de chegarmos lá ela nos fez passar por uma porta à direita, apressadamente e com uma força que nunca imaginei que tivesse naqueles braços magros de bailarina. Gloria também pareceu chocada; estava esfregando o braço.

– Desculpe por isso – falou Jill Franklyn, parecendo não se desculpar nem um pouco. – Se mais alguém os vir ligará para Akintola, e todas estaremos em apuros. O que estão fazendo aqui?

Eu pisquei rapidamente, tentando clarear a visão, e percebi que estávamos no escritório de Celeste Akintola. Jill Franklyn me surpreendeu sentando atrás da escrivaninha dela e fazendo um gesto para que ocupássemos as cadeiras do outro lado. Gloria e eu trocamos olhares enquanto nos sentávamos, e ela fez um gesto de cabeça para que eu começasse.

Jill Franklyn se sentou empertigada na cadeira de espaldar alto, me escutando com uma expressão incomodada, anuindo de tempos em tempos, mas sem dizer nada. Terminei e me virei para Gloria, que hesitou,

esperando algum tipo de reação, mas a enfermeira permaneceu calada, sem sequer olhar para a minha irmã.

Gloria falou numa voz baixa e insegura, eventualmente fazendo pausas e olhando para mim. Todas as vezes, fiz um pequeno gesto de estímulo. Ela prosseguiu, mas a confiança que tinha desapareceu, e eu não tinha ideia do motivo. Talvez tivesse problemas com toda a coisa da delação, pensei. Só que aquilo não era só abrir o bico para um professor – Lily Romano estava carregando mais comprimidos do que precisava. *Muito* mais.

Quando Gloria terminou, me inclinei para a frente.

– O que aconteceria se alguém desse aquela coisa a um paciente daqui?

Jill Franklyn ergueu os olhos e encarou os meus.

– Isso dependeria do paciente – falou, soando calma e lógica, como se estivéssemos debatendo o volume de cafeína numa xícara de café. – E da dosagem. E, claro, quais outros medicamentos pudessem estar agindo no momento. Alguém tomando vasopressina, por exemplo, poderia ficar menos sonolenta. Dependendo da dosagem. Provavelmente teria de ser vinte ou trinta miligramas, creio. Mas pacientes com demência respondem melhor. Demência precoce, quero dizer. Dexedrine é muito melhor do que metilfenidato, mas você tem de usar o que tem – comentou, suspirando. – Não imagino que alguma de vocês tenha acesso a Dexedrine? É quase impossível de conseguir atualmente.

Gloria e eu nos entreolhamos.

– Você ouviu o que acabamos de lhe dizer? – perguntei.

Jill Franklyn torceu o nariz.

– É, Lily Romano está fodida. E eu também, certo? – disse, se inclinando para a frente e colocando os braços na escrivaninha. – Ou em vez de serem boas escoteiras vocês poderiam fazer parte do avanço da medicina e tornar a vida melhor para pacientes com demência em toda parte.

– Como? – indaguei, imaginando por que os olhos dela não estavam loucos.

– Indo para casa e pegando no sono e, quando acordarem amanhã, cuidaremos da vida como sempre. Você – disse, apontando com uma das mãos para Gloria – pode trabalhar como voluntária o quanto quiser; eu faço Akintola aceitar isso. Não sei porque não aceitaria, considerando que você tem quatro em cinco. Isso foi bastante legal, não foi? Virar herói? Ou

heroína, que seja. Foi uma pena a sra. Boudreau, mas isso acontece; uma hora um deles não volta para você, não importando o quão saudável pareça. E você – apontou para mim e franziu o cenho. – Não consigo lembrar o que você faz, mas me lembro de sua mãe sempre falando sobre você nunca tirar férias. Então, tire. Ela não vai perder muito a noção enquanto você estiver longe. Talvez nada.

– Quantas pessoas estão nisso? – quis saber, incrédula.

Jill Franklyn olhou para cima por um momento.

– Difícil dizer. Aqui somos apenas eu e Lily.

– Você está dizendo que é uma... uma conspiração?

Minha irmã quase guinchou a última palavra.

– Que conspiração? – perguntou Jill Franklyn, nos olhando como se fôssemos loucas. – Se você entra na internet isso significa que é uma conspiração?

Olhou de mim para Gloria, e de volta, depois se levantou abruptamente, começando a ir na direção da porta.

– Eu deveria saber que vocês não iriam topar. Vocês duas, escoteiras, são como a maioria das mulheres de meia-idade; não muito físicas. Sei que não parece, mas tenho músculos de enfermeira; consigo levantar quase qualquer residente sem ajuda. Ou contê-los caso fiquem violentos. Então, vou desmontar minha barraca e vocês podem chamar...

Sequer vi Gloria se mover. Num momento, Jill Franklyn estava abrindo a porta; senti algo raspar em mim. Uma fotografia emoldurada dos filhos de Celeste Akintola deslizou pelo tampo da escrivaninha para meu colo. Mal tive tempo de registrar que Gloria estava agachada na escrivaninha antes de saltar à frente, pousando em Jill Franklyn enquanto as duas passavam pela porta e caíam no corredor.

O minuto seguinte foi um caos. Jill Franklyn estava de barriga para baixo, berrando ultrajada e pedindo ajuda enquanto Gloria se sentava sobre ela, segurando seu braço para que não conseguisse se mover sem quebrá-lo. Fiquei de pé no umbral, piscando para elas.

– Estou chamando a polícia! – berrou uma mulher, presumivelmente Deirdre, do posto das enfermeiras.

– Mande que se apressem – berrou Gloria de volta. – Sem seguranças?

– Corte de custos – grunhiu Jill Franklin. – Está vendo como sua mãe está segura? Sem seguranças no local...

– Cale a boca – mandou Gloria, e torceu o braço dela levemente. – Vou lhe mostrar quem é de meia-idade, vagabunda.

Bem, gostaria de dizer que Gloria manteve Jill Franklyn contida até a polícia chegar, e que depois de ouvir o que tínhamos a dizer eles mandaram um carro buscar Lily Romano e as duas foram processadas, receberam longas penas de prisão e tudo mais. Mas Deirdre – sim, era Deirdre – só viu minha irmã agredindo outra enfermeira, e após convocar mais funcionários pelo alto-falante, tomou uma providência. Deirdre era quase da minha idade, mas seus músculos de enfermeira eram mais desenvolvidos e experientes. Ela me jogou sentada no chão quando tentei ficar no seu caminho. Eu ainda poderia ter uma chance, só que, claro, nós acordamos todo mundo, e todos saíram para ver o que estava acontecendo.

Só que não era apenas muitas pessoas semiacordadas abrindo suas portas para ver o que era aquela barulheira toda – eram muitas pessoas idosas muito desorientadas que não conseguiam ver ou ouvir bem, todas batendo umas nas outras, pisando em mim, caindo sobre Gloria e Jill Franklyn e gritando de dor, pânico ou ambos. No meio de toda a confusão, Jill Franklyn conseguiu fugir vários minutos antes da chegada da polícia.

Eles me prenderam com Gloria, claro.

Acabamos não indo para a cadeia, mas foi por muito pouco. Felizmente, Celeste Akintola acreditou em nós.

Havia poucas evidências – metilfenidato sai do corpo relativamente rápido. É metabolizado com eficiência, foi como Celeste Akintola definiu, acho. Quando ela conseguiu que um médico ordenasse exames já era tarde. Entreguei à polícia o comprimido de Lily Romano, mas não pude provar que era dela; quando disse à policial que tomava meu depoimento como ficara de posse dele, ela balançou a cabeça. Desnecessário dizer que Lily e Jill tinham sumido. Celeste Akintola pediu demissão.

Tive de fazer uma segunda hipoteca da casa para cobrir nossas despesas legais, e ainda assim me senti estranha de dizer a Gloria que tinha de conseguir um emprego. Ela começou a procurar, o que no caso dela significava enviar seu currículo um tanto desonesto para alguns sites de *job-hunters* e verificar o e-mail antes de ir ver mamãe. Não havia mais trabalho voluntário, mas ela ainda ia ver nossa mãe todos os dias.

Curiosamente, a empresa que era dona da casa de repouso achou adequado me dar um belo desconto na conta – aparentemente o

departamento jurídico deles recomendou que, a despeito da falta de provas fortes, o desaparecimento das duas supostas malfeitoras poderia ser o suficiente para um processo civil. Eu assinei todos os papéis com alegria, incluindo o acordo de sigilo e a renúncia à responsabilidade (deles, claro). Com uma segunda hipoteca para pagar, eu estava com poucos recursos.

A mudança em mamãe foi inegável, embora não tão dramática quanto eu temera que seria. Ela reclamava de não ter muita energia, de se sentir lenta. Alguns dos outros residentes pareciam sentir algo similar, incluindo alguns que eu sabia que não eram pacientes com demência.

Certa noite, perguntei a Gloria se havia algum novo herói ou heroína na casa de repouso agora que ela era novamente civil. Ela disse que não soubera de nada.

– Mas é provável que não saberia – acrescentou. – Eles trocaram a maior parte da equipe, e todos os funcionários. Perdi meus informantes.

Gloria encontrou uma academia que precisava de uma professora de hidroginástica, mas ainda dava um jeito de visitar mamãe quase diariamente. Parece que ginástica na água era menos exaustiva que a versão em terra firme. Ou talvez o exercício desse energia – não me lembro de ter conseguido manter tal grau de atividade com 30 e tantos anos.

E mesmo assim, seis meses depois do acontecido foi que comecei a especular. A decadência de mamãe chegara a outra de suas paradas periódicas, mas ela ainda estava tendo mais dias bons que ruins, ou era o que eu achava. Ou o que queria achar. E então comecei a pensar em Gloria e seu estilo de vida energético.

Era uma ideia idiota, concluí, motivo pelo qual não me ocorrera antes. Mas ainda assim uma pequena voz na minha cabeça insistia que aquilo me ocorrera de verdade e eu me recusara a considerar. Então, aquilo ficara em banho-maria na área mais recôndita da minha mente até eu estar pronta para me assustar com tudo.

O que me levou a pensar em como Gloria tinha pulado na escrivaninha de Celeste Akintola, e de lá por metade da sala para pousar em cima de Jill Franklyn. Eu vira com meus olhos ela sentada nas costas de Jill Franklyn dando uma chave de braço. Ambas tínhamos passado por tudo que se seguira. Como eu podia achar que Gloria passaria por tudo aquilo comigo para depois dar meia-volta e fazer a mesma coisa?

“Não a mesma”, atormentou aquela voz mental. “O complexo de messias de Gloria é limitado – apenas ela e mamãe, ninguém mais, nem mesmo você. Pelo menos, não ainda.”

A única forma de matar sombras é acender todas as luzes. Cheguei ao ponto de abrir a porta do quarto dela, mas não consegui ir mais longe. Não estou certa se ainda tenho medo – de *encontrar* Ritalina, Adderall ou mesmo Dexedrine, ou não. Se achasse, eu saberia o que fazer – apenas não sabia se conseguiria.

Mas se não, ninguém nunca teria de saber... Exceto *eu*, claro. Porque isso é o que eu descobriria. Decidi que preferia especular sobre minha irmã do que ter certeza sobre mim, e fechei a porta.

Tem sido a mesma coisa toda noite no último ano e meio. Intelectualmente, sei que deveria parar, porque não vou fazer nada diferente. Mas no nível do instinto, não ouso. Tenho medo do que poderia acontecer se não ficar de pé ali e escolher não ser uma mulher má, furtiva e perigosa.

Caroline Spector

Caroline Spector é editora e escritora de ficção científica, literatura fantástica e jogos há 25 anos. É autora de três romances, *Scars*, *Little Treasures* e *Worlds Without End*, e seus contos apareceram nas coletâneas "Wild Cards": *Inside Straight*, *Busted Flush* e *Worlds Without End*. No mundo dos jogos, escreveu e editou diversos módulos de aventura e livros de fontes para várias linhas de jogos TSR, com destaque para *Top Secret/S.I.* e o RPG avançado *Marvel Superheroes*, sozinha e em parceria com o marido, a lenda dos jogos Warren Spector.

Aqui ela nos dá um jogo de gato e rato mortal entre uma mulher com poderes sobre-humanos e um enigmático adversário sem rosto que pode ser capaz de usar seus próprios poderes contra ela, um jogo que ela não pode se permitir perder, e no qual as maiores apostas estão na mesa, esperando a virada de uma carta.

Mentiras que minha mãe me contou

Cérebros de zumbis voavam pelo ar, deixando uma trilha de sangue e fluido icor no elevador do trono do carro alegórico de Michelle. Ela sorriu quando outra bolha se formou em sua mão. Aquela era maior e mais pesada – do tamanho de uma bola de beisebol. Deixou que voasse, acertando um zumbi no peito e explodindo. O zumbi caiu para trás do carro e foi pisoteado pela multidão em pânico.

Michelle viu mais zumbis indo na sua direção. Eles escalaram os carros à frente do seu, empurrando as pessoas de lado enquanto subiam a rua. Outro zumbi engatinhou até seu carro, usando o gazebo de papel machê como apoio. O gazebo se soltou e Michelle viu, desalentada, a placa que dizia "A impressionante Bubbles, salvadora de Nova Orleans" se partir e cair na rua. Sua filha, Adesina, que estivera escondida sob o trono de Michelle, soltou um guincho assustado. Michelle soltou a bolha, sabendo que ela voaria diretamente para onde quisesse. Quando o atingisse explodiria e deixaria uma grande sujeira gosmenta de zumbi sobre toda a decoração. Seu belo carro alegórico estava sendo arruinado, e isso a deixava puta.

Havia três coisas que Michelle odiava no Carnaval de Nova Orleans: o cheiro, o barulho e as pessoas. Acrescente a isso um ataque zumbi e ela pararia de aparecer em desfiles.

* * *

Para garantir que conseguisse borbulhar tudo o que precisava durante o desfile, ela passou a manhã se jogando da varanda do seu quarto no hotel...

Até o gerente subir e obrigá-la a parar.

– Mas vou participar do desfile de Baco – explicou ela. – Não conseguirei borbulhar o desfile todo se não ganhar gordura. E a única forma de conseguir isso é sofrendo danos. Muitos danos. Uma queda do quarto andar é bom, mas não ótimo.

Nesse momento, o gerente ganhou um interessante tom de verde.

– Veja, srta. Pond, somos todos gratos por ter nos salvado daquela explosão nuclear há três anos, mas está começando a assustar os outros hóspedes. Simplesmente não é normal.

Michelle olhou para ele, perplexa. "Claro que isso não é normal", pensou."Se eu fosse normal, Nova Orleans seria um buraco radioativo no chão e você seria uma sombra preta sobre alguma parede. Eu não pedi isso. Nenhum de nós apanhados pela Carta Selvagem pediu."

– Bem – respondeu ela, pensando que se explicasse ele ficaria menos perturbado. – Não é como se eu fosse atingida ao cair no chão, ou nem mesmo é parecido como na época em que absorvi aquela explosão. Eu só transformo essa energia em gordura. Na verdade, a sensação é bastante gostosa – completou, e em seguida pensou "Às vezes, gostosa demais." – Então não precisa se preocupar que eu sinta dor ou algo assim.

Mas a expressão dele dizia que não queria ouvir sobre seu poder de Carta Selvagem. Ele só queria que ela parasse. Então, ela parou de tentar explicar.

– Lamento ter assustado os outros hóspedes. Isso não acontecerá de novo.

Significava que não teria tanta gordura quanto queria, mas faria funcionar.

Adesina ainda estava assistindo à TV quando Michelle fechou a porta após conversar com o gerente. Estava instalada no pé da cama, suas asas iridescentes dobradas nas costas e o queixo apoiado em seus pés da frente. Apenas ver Adesina fez Michelle sorrir. Michelle amara aquela garota desde o momento em que a tirara de um ossuário em People's Paradise of Africa um ano e meio antes.

Michelle ainda não conseguia acreditar que Adesina tinha sobrevivido a uma injeção do vírus Carta Selvagem, muito menos a ser jogada num poço de crianças mortas e moribundas quando se revelou um curinga em vez de um ás. Ela balançou a cabeça para esquecer aquilo. A lembrança de resgatar as crianças que eram vítimas de experiências naquele

acampamento na floresta africana era nova e recente demais. E seu fracasso em salvar todas elas a assombrava.

E Michelle não estava certa de como Adesina poderia se desenvolver. Naquele momento, ela era pequena – do tamanho de um cachorro de médio porte. Seu belo rosto de menina ficava no alto de um corpo de inseto. Mas não havia como dizer se manteria essa forma para sempre. Ela se transformara em crisálida depois de sua carta ter sido virada, e saíra dela no estado atual. Era possível que pudesse mudar novamente – tudo dependia de como o vírus a tinha afetado.

– O que você está vendo? – perguntou Michelle.

– As Cartas Selvagens mais Sensuais e as mais Feias – respondeu Adesina. – Você está nas duas listas. Uma quando você está gorda e outra quando está magra.

"Cristo", pensou Michelle. "Salvei uma cidade inteira e eles estão julgando quão 'gostosa' eu sou? Sério?"

– Sabe, essas listas são realmente idiotas – começou Michelle. – Cada um gosta de uma coisa diferente.

Adesina deu de ombros.

– Acho que sim. Mas você é mais bonita quando está magra. Eles sempre querem tirar fotos suas quando está magra.

"Merda", Michelle pensou."Não demorou. Só estamos nos Estados Unidos há um ano e ela já está pensando em quem é mais bonita. E em quem é gorda ou magra."

– Você acha que algum garoto vai gostar de mim? – quis saber Adesina. Ela virou a cabeça e olhou para Michelle. Sua expressão era séria.

"Ah, Deus, é cedo demais para esta conversa. Não estou pronta para isso."

– Bem – começou, se sentando ao lado de Adesina. As molas da cama deram um grunhido infeliz sob seu peso. – Eu... eu... eu não sei. – "Ah, ótimo." Aquilo estava indo bem. – Não vejo por que não. Você é bonita.

– Você tem de dizer isso. Você é minha mãe – retrucou Adesina, esfregando as pernas traseiras uma na outra e fazendo um pequeno zumbido.

– Bem, ninguém se apaixona por alguém só pela aparência – disse Michelle.

Adesina voltou para a TV.

– Não seja boba, mamãe. Todo mundo adora as meninas bonitas.

Michelle sentiu um nó na garganta. Engoliu em seco, se recusando a chorar. Não havia como ignorar isso. Todo programa de TV, revista, *outdoor* e site na internet tinha alguma garota bonita, jovem, magrela e seminua vendendo algo. E até dois anos atrás, em grande parte desse tempo, essa garota tinha sido Michelle – mas isso fora antes de sua carta ser virada. E agora Adesina estava se preocupando com essa bosta. Michelle estava perdida.

Olhou para a TV. O programa depois do intervalo comercial mostrava uma sequência rápida de imagens. Havia gravações das várias temporadas de *American Hero*. Havia algumas fotos ainda em preto e branco dos anos 1940, quando o vírus Carta Selvagem começara a se espalhar. E depois fotos de Golden Boy depondo diante do Comitê da Câmara de Atividades Antiamericanas. Fotos de Peregrina no auge de seus dias de modelo, parecendo a maior deusa disco – com asas. "Claro que eles têm fotos dela", pensou Michelle. "Ela é fantástica."

– Desde 1946, quando a bomba alienígena carregando o vírus Carta Selvagem explodiu sobre Manhattan, eles têm caminhado entre nós – começou o locutor. – Os poucos ases sortudos e os hediondos curingas aleijados. Mas quem liga para isso? Estamos aqui para determinar a mais gostosa entre as gostosas e a mais hedionda das hediondas; ao estilo Carta Selvagem.

Michelle agarrou o controle remoto.

– Certo, já chega – disse, desligando a TV. – Olhe, querida, os Estados Unidos às vezes são um lugar idiota. Ficamos todos presos num lixo sem importância como esse programa e nos esquecemos das coisas que realmente significam algo. E estou sendo péssima nessa coisa de mãe agora. Às vezes, a verdade é que o mundo será indelicado porque você é diferente. Mas isso não tem nada a ver com você, querida. É só que o mundo está cheio de idiotas.

Adesina se meteu no colo de Michelle – como costumava fazer quando estava emotiva – e colocou os dois pés da frente dos dois lados do rosto de Michelle, empurrando o comprido cabelo prateado dela.

– Ah, mamãe. Eu já *sabia* disso. É só que às vezes fico com medo.

Michelle beijou Adesina no alto da cabeça.

– Eu sei, querida. Eu também.

Não foi tão ruim no carro alegórico. “Muitas linhas de visão”, avaliou Michelle. “Isso é bom e ruim.” Bom porque ela podia ver qualquer coisa chegando, ruim porque colocava Adesina em risco. Mas ser filha de Michelle iria colocar Adesina em risco de qualquer modo.

A multidão estava agitada naquele trecho do desfile. Talvez por ter tido mais tempo para beber. O desfile já durava duas horas, e estava seguindo para o Bairro Francês.

O carro alegórico de Michelle era decorado em prata e verde. Havia um elevador com um trono na traseira, e um belo gazebo com flores de papel machê fazia um arco sobre o trono. Adesina tomara o trono para si enquanto Michelle ficava na plataforma inferior para jogar colares de contas, acenar e borbulhar. Michelle achava que Adesina estava adorável em seu vestido lavanda-claro – mesmo ele tendo seis aberturas para as pernas e outras duas para as asas. O vestido de Michelle era da mesma cor, mas feito de uma fibra mista de elastano. Enquanto ela produzia bolhas de gordura, o vestido encolhia junto.

Duas louras bêbadas gritaram para ela:

– Bubbles! Bubbles! Jogue uns colares de contas.

Elas levantaram as camisetas, revelando seios firmes. Michelle não ficou impressionada, mas jogou os colares de contas mesmo assim.

– Mamãe – perguntou Adesina. – Por que elas continuam fazendo isso?

– Você me pegou – respondeu Michelle. – Acho que pensam que vão ganhar mais colares.

– Isso é idiota.

Michelle jogou mais colares, depois começou a produzir macias bolhas esponjosas que vagaram até a multidão.

– Você está certa. Infelizmente, acho que funciona. Eu mesma acabei de jogar mais.

Houve um tumulto mais à frente no desfile. Michelle parou de borbulhar e tentou ver o que acontecia. A multidão estava entrando em pânico – pessoas empurravam, e outras ficavam presas no meio, sem conseguir se mover.

O frenesi foi na direção do carro alegórico de Michelle como uma onda. Parte da multidão passou das calçadas para a rua, derrubando as barreiras de contenção, depois começou a subir nos carros alegóricos à frente. Policiais tentaram acalmar a multidão e começaram a retirar as pessoas dos carros, mas logo perderam o controle.

Foi então que ela os viu. Zumbis subindo a rua.

"Joey", pensou ela."Que porra é essa que você está fazendo?"

Então, viu um zumbi agarrar um cara com uma camiseta da Universidade da Louisiana e partir seu pescoço. Michelle ficou horrorizada. Mas abafou o sentimento imediatamente. Não podia ajudá-lo – tinha um trabalho a fazer.

Enquanto examinava a multidão, viu os zumbis agredindo todos no caminho. Dois policiais tentaram deter um deles, e cada um conseguiu um braço quebrado antes que Michelle explodisse a coisa. Então, se deu conta de que os zumbis estavam indo para seu carro alegórico.

– Mamãe!

A voz assustada de Adesina se elevou atrás de Michelle. Ela se virou e viu um homem roliço de rosto vermelho e outro mais magro de camisa polo listrada subindo no carro.

– Ei! – gritou Michelle para eles. – Não é seguro aqui. Eles estão vindo me pegar.

– Atrás de você é o lugar mais seguro neste momento – retrucou o roliço. – Não vamos descer.

Michelle suspirou.

– Vocês não me deixam escolha, caras.

As bolhas já estavam se formando em suas mãos, e ela as deixou voar. As bolhas, grandes como uma bola de ginástica, e igualmente pesadas, derrubaram os homens do carro. Michelle os ouviu xingando.

– Ei – gritou. – Cuidado com a língua! Há uma criança aqui!

Ela pegou Adesina, colocando-a debaixo do braço esquerdo.

– Mamãe – reclamou Adesina. – Você está me constrangendo.

– Desculpe, querida – retrucou Michelle. – Agora se comporte enquanto eu acabo com os zumbis de tia Zoey.

Michelle deixou uma pequena bolha do tamanho de uma bala voar na direção do zumbi mais próximo. A cabeça dele explodiu, mandando pedaços de cérebro, crânio e carne podre pelo ar. Foi satisfatório. Infelizmente, isso só deixou algumas das pessoas na multidão mais apavoradas. E agora Michelle podia sentir seu vestido ficando mais solto. "Maldição", pensou. "Eu sabia que precisava de mais gordura."

Michelle viu outro zumbi e soltou uma bolha. Houve mais berros quando seus miolos e pedaços de crânio voaram para todos os lados. O

carro alegórico sacudiu quando a multidão se apertou sobre ele, e ela lutou para manter o equilíbrio.

– Mamãe, por favor, me coloque no chão.

– De jeito nenhum – retrucou Michelle, berrando para ser ouvida naquele tumulto. – Zumbis e naturais em pânico não são uma boa combinação. Seria perigoso demais, então, você não vai descer.

Adesina deu um suspiro irritado.

– Você é má – disse.

Michelle destruiu outro zumbi. Sentiu o vestido ficar mais solto. Os zumbis estavam chegando mais rápido, e borbulhar só com uma das mãos não estava dando conta de exterminar todos a tempo.

– Ah, maldição – disse, baixando Adesina. – Fique embaixo do trono. E me avise se alguém, alguma coisa, tentar chegar lá.

Se havia uma coisa de que Dan Turnbull gostava mais que explodir a merda toda num jogo de computador era fazer uma bagunça que outra pessoa teria de limpar. Sua mãe largara seu pai seis meses antes, e desde que ela fora embora nenhum deles tinha limpado muita coisa. Muita roupa suja estava empilhada como montes fúnebres indígenas em diferentes pontos da casa. Diversos mofos cresciam em pratos na cozinha – e na geladeira alfaces eram então do tamanho de limões. Água rançosa engordurada enchia a pia, e Dan não estava certo se a água não descia porque a pia estava muito suja ou se a tampa no fundo tinha de ser tirada.

Mas ficar deitado ali no teto do hotel St. Louis olhando para a bagunça abaixo que acabara de produzir, bem, *aquilo* o deixava verdadeiramente feliz. Zumbis estavam acabando com o desfile de Baco, e aquela garota Bubbles tentara impedir isso.

Ele a viu pegar a aberração que chamava de filha ao mesmo tempo que explodia metodicamente os zumbis. E ele tinha uma reticente admiração por seu estado sereno, considerando a situação. Não ficara histérica ou perdera o controle do modo como a maioria das mulheres faria. Não, só moeu aqueles zumbis sem sequer atingir um único civil. E ele ficou pensando em como seria quando tomasse o poder dela.

Tinha sido um barato quando tomara o poder de Hoodoo Mama. Claro, ele só tinha tomado o poder de um outro ás antes, e fora um acidente.

Ele estava caminhando pela rua e esbarrara numa adolescente. Por reflexo, ele segurara seu braço nu para se equilibrar. A expressão no rosto

dela quando o toque de Dan tomara seu poder fora hilariante. Ele ficara tão surpreso por ter um poder que o usara sem pensar e se teletransportara para o outro lado da rua, se chocando contra uma parede ao se materializar.

Quando Dan se deu conta de que quase se transportara para dentro da parede, começou a tremer. Em pouco tempo, depois que a descarga de adrenalina do medo tinha passado, ele olhou ao redor procurando a garota. Mas ela tinha sumido. "Claro que tinha", pensou. "O que mais ela faria?"

Diferentemente da garota do teletransporte, o poder de Hoodoo Mama quase arrancou seu crânio. Mas ele só tinha uma chance de usá-lo antes que voltasse para Hoodoo Mama, e recebera ordens de causar uma confusão. O que estava acontecendo na rua era *megaplus* legal. Ele tinha trabalhado bem.

Havia muitas equipes de reportagem locais filmando o desfile, mas era aquela visão que ele queria. Uma grande panorâmica da cena inteira. Levara uma câmera de vídeo para capturar, mas sabia que também haveria muitos civis fazendo gravações. Estariam no YouTube antes do final do dia. O que importava era ter muitos vídeos de todo aquele inferno. E aquele que mostrasse tudo em todos os detalhes seria a cereja no bolo.

Não importava para Dan por que seus patrões queriam uma confusão. Por cinco mil e uma hora de trabalho, nem discutiu. Ele nem mesmo ligava para como sabiam sobre seu poder. Seu pai começara a cobrar aluguel, e Dan não tinha emprego. E não pretendia abrir mão de seu status de melhor atirador do servidor. Demorara muito para chegar a isso, e sua equipe precisava dele. Um emprego atrapalharia isso.

Com a câmera de vídeo enfiada no bolso de seus jeans *baggy*, desceu pela saída de incêndio e chegou ao beco dos fundos. Uma dupla perdida do desfile ia na sua direção. Quando chegou mais perto, viu que eram garotas. Tentavam correr, mas, bêbadas como estavam, era mais um cambalear apressado.

– Ai, meu Deus – falou uma delas. Usava o que parecia ser meio quilo de colares de contas. Cabelo escuro comprido emoldurava seu rosto, e ele se perguntou se estaria bêbada o suficiente para transar com ele. – Você viu o que aconteceu lá atrás?

Ele deu de ombros.

– Pareceu um bando de babacas bêbados. Como todo Carnaval de Nova Orleans.

Elas lançaram um olhar espantado.

– Não – disse a outra. Não era tão bonita quanto a companheira. “Sempre tem uma sem-graça e uma bonita”, pensou ele. – Estou falando de Bubbles. Ela foi incrível, tipo demoliu aqueles zumbis. Ah, merda, eu acho que estou com zumbi em mim – falou, limpando a camisa.

– Para mim só me pareceu uma bagunça – retrucou Dan.

Nenhuma das garotas tinha olhado para ele com qualquer interesse, e isso o aborreceu. Fora ele quem tornara tudo uma loucura, não Bubbles. Ele também a fizera parecer mal. Era seu trabalho fazê-la parecer mal. Aquelas garotas estavam bêbadas e eram idiotas. Ele começou a ir embora, e então, por impulso, agarrou a de cabelo escuro pelo braço.

– Babaca! – gritou ela, se soltando dele. Mas ele não queria acariciá-la; queria conferir se tinha um poder. Mas não havia nada. Era uma pilha gasta. Isso o deixou triste; e ele odiava essa sensação mais que tudo.

– Cretino! – rosnou a mais velha para ele, e pareceu como se pudesse fazer algo.

Mas então ele ergueu a mão, fazendo o gesto universal de arma. Apontou o dedo para as garotas.

– Bang – disse.

Os zumbis não eram mais que pilhas de carne morta agora. Havia gosma de zumbi espalhada por toda parte, mas não era possível evitar isso. “Se você mata zumbis vai fazer uma bagunça”, avaliou Michelle.

O desfile fora interrompido e alguns dos espectadores que haviam subido nos carros alegóricos para conseguir escapar dos zumbis não faziam nenhum esforço para descer. O resto da multidão também descera para a rua e cercara os carros. Era um bloqueio completo. Havia pessoas sentadas no chão chorando. Algumas delas estavam feridas.

Adesina saiu debaixo do trono engatinhando e Michelle a pegou.

– Você está bem? – perguntou Michelle, beijando-a no alto da cabeça. Adesina fez que sim. – Vai ficar bem sentada no trono?

– Sim – respondeu Adesina. – Mas há alguns homens tentando subir aqui.

Michelle colocou Adesina no trono, depois se virou. Dois homens diferentes estavam subindo.

– Pessoal, outras pessoas vão precisar deste espaço – avisou ela, fazendo uma bolha brotar em sua mão. Ela perdera a maior parte de sua

gordura durante o desfile e a luta contra os zumbis, mas ainda havia o suficiente dela para lidar com uma dupla de cretinos bêbados.

– Ei, está lotado lá embaixo – reclamou um deles.

Michelle deu de ombros.

– Não ligo – falou. – Nesse instante, isto não é uma democracia. Sou a rainha desse carro alegórico, e eu o recuso.

– Vagabunda.

– É Rainha Vagabunda, e há uma criança aqui. Cuidado com o que fala. Além disso, as pessoas feridas precisam estar aqui em cima mais do que vocês.

Os homens resmungaram, mas desceram e começaram a abrir caminho em meio à multidão.

Os policiais tentavam restaurar a ordem. Michelle gritou para eles, que começaram a levar os feridos ao seu carro alegórico. Um deles ficou e começou uma triagem. Michelle ouviu sirenes e uma onda de alívio a tomou. Explodir coisas e receber ataques eram o tipo de coisa em que era ótima. Mas o depois era sempre complicado e bagunçado demais para o seu gosto.

Agora que as coisas estavam começando a acalmar, um integrante da equipe que organizava o desfile foi ao alto-falante do carro à frente do dela e estimulou as pessoas a sair da rua e voltar para a calçada. Dois adolescentes ajudaram a polícia a remontar as barreiras.

Michelle pegou o telefone no bolso do vestido enquanto se afastava dos feridos. Ela odiava bolsas e, como suas roupas eram feitas sob medida, sempre mandava acrescentar bolsos – para ela era um mistério que roupas femininas nunca tivessem bolsos. Rolou os favoritos, depois apertou "Discar" quando encontrou o número de Joey.

– Que há de errado com você, porra? – sibilou Michelle quando Joey atendeu. – Você tem ideia de que po... porcaria de bagunça fez aqui hoje?

Houve uma longa pausa do outro lado da linha.

– Do que está falando?

Uma fina cortina vermelha de fúria desceu sobre Michelle.

– Estou falando de zumbis atacando um desfile – sussurrou. – Matando pessoas na plateia; e estavam vindo atrás de mim e de Adesina.

– Você acha que eu faria uma porra dessas, Bubbles?

A voz de Joey estava trêmula. Soava pior do que quando elas estavam em People's Paradise of Africa e Joey estava com uma febre de quarenta

graus. Os pelos nos braços de Michelle se arrepiaram.

– Está dizendo que há outro Carta Selvagem que consegue erguer os mortos? Vou ter de lidar com dois de vocês?

O véu vermelho se ergueu, apenas o tempo suficiente para que outro pensamento horrível se esgueirasse. E se aquela tivesse sido apenas a primeira onda? "Sério", pensou. "Já chega dos malditos zumbis."

O riso que veio do outro lado da linha foi vazio e sem alegria.

– Para uma vagabunda inteligente, você é idiota para cacete. Obviamente nós precisamos conversar, cacete. Quando pode vir à minha casa?

– Estou presa aqui – respondeu Michelle. Olhou ao redor para os feridos no carro alegórico e os policiais tentando dispersar a multidão. Havia gosma de zumbi por toda a calçada, e Michelle queria acertar Joey. – Estou meio ocupada.

– Apenas venha o mais rápido que puder.

A ligação foi interrompida. Michelle ficou olhando para a tela vazia.

– Nós vamos para a casa da tia Joey agora? – perguntou Adesina, puxando o vestido de Michelle.

– Logo – respondeu Michelle, examinando as ruínas do desfile. – Logo.

Se havia uma coisa que Joey odiava era babacas intrometidos se metendo nos seus negócios. Não que Bubbles fosse uma enxerida. Considerando o que ela dissera ter acontecido no desfile, Joey podia até entender que estivesse puta para cacete. Mas então teria de explicar o que estava acontecendo com as suas crianças.

O problema era que não fazia ideia.

Num instante, ela estava voltando da padaria – cedo, pois era Carnaval e do contrário haveria toneladas de turistas idiotas do sexo masculino – e de repente era como se uma luz tivesse se apagado em sua cabeça. Normalmente, ela sabia onde estava cada corpo morto em um raio de quilômetros e com frequência mantinha besouros e pássaros zumbis circulando para ficar de olho nas coisas. E naquele dia não tinha sido diferente, até que as luzes se apagassem.

Ela ficara "cega" por algumas horas e então, da mesma forma repentina, seu poder voltara. Verdade seja dita, ela enlouquecera enquanto seu poder estivera desaparecido. E sentira medo. Realmente medo. Não

conseguia se lembrar da última vez que ficara tão assustada. “Sim, você consegue se lembrar dessa época”, sussurrara uma voz em sua cabeça. Mas Joey afastou esse pensamento rápido e com força – ou pelo menos tentou.“O que a sua mãe dizia sobre mentir?”, insistiu a voz. “Bem, ela também mentiu”, Joey lembrou a si mesma. Sua mãe mentira, a deixara sozinha, e o que acontecera depois disso...

Então, Bubbles aparecera no seu identificador de chamadas e Joey ficara aliviada. Bubbles era a pessoa mais poderosa que ela conhecia e a manteria em segurança.

Mas quando Joey atendera, Bubbles começara a acusá-la. Mas Joey não sabia o que tinha acontecido. E, se queria ser honesta consigo mesma, estava com medo. E se ela estivesse perdendo seu poder?

Sem suas crianças, ela não estava segura. Sem elas, era apenas Joey Hebert, não Hoodoo Mama. Sem Hoodoo Mama, ninguém, nem mesmo Bubbles, podia protegê-la.

E quando pensou no que significaria não ser mais Hoodoo Mama, começou a tremer.

Não havia muito de que Adesina não gostasse. Ela gostava do sorvete americano, da TV americana e das camas americanas. Desde que mamãe a levara para os Estados Unidos, Adesina fazia uma lista de todas as coisas de que gostava.

Ela gostava de Hello Kitty, do Cartoon Network, de ter aulas com um tutor (embora às vezes sentisse falta de estar na escola com outras crianças). Gostava até mesmo da aparência das cidades. Eram muito grandes e brilhantes, e todas as pessoas falavam tão rápido e se moviam como se estivessem todas com muita pressa de chegar a algum lugar importante. Mesmo que fosse apenas ir à mercearia.

E gostava dos amigos de mamãe. Tia Joey (embora mamãe ficasse sempre gritando com tia Joey por causa da boca suja quando elas moraram juntas em PPA), tia Juliette, Drake (embora ele agora fosse um deus e elas não o vissem mais) e Niobe. Às vezes, eram convidadas para eventos de *American Hero* e ela conhecia mais Cartas Selvagens. Mas gostava mais da Cidade Curinga, porque ninguém lá nunca se virava para olhar para ela.

E tinha gostado de ir ao desfile de Halloween da Cidade Curinga com mamãe, mas não gostara nada daquele desfile. Os zumbis de tia Joey tinham atacado e pessoas ficaram feridas. Então, elas estavam indo à casa

de tia Joey, e Adesina sabia que mamãe estava brava. Não precisava entrar na mente de mamãe para saber disso. Era bastante evidente.

Uma vez, ela e mamãe tiveram uma conversa sobre a sua habilidade de entrar na mente de mamãe. Mamãe a fizera prometer não fazer mais isso, mas era difícil controlar. Depois que ela entrava na mente de alguém ficava mais fácil. Não conseguia entrar nas mentes dos Nats – apenas das pessoas cujas cartas tinham sido viradas. Ela descobrira isso enquanto ainda estavam em PPA.

E não ia contar a mamãe que já estivera nas mentes de mais gente do que ela sabia. Às vezes, acontecia enquanto estava sonhando, mas acontecia principalmente se gostava de alguém. Quando via, estava deslizando para dentro dos seus pensamentos.

A polícia e as ambulâncias chegaram. As ambulâncias levaram os feridos e a polícia dispersou a multidão para que o desfile pudesse voltar para o depósito. Não havia mais música, mais colar de contas sendo jogado, mais bolha.

Adesina não queria, mas se descobriu na mente de mamãe. Mamãe estava preocupada. Preocupada com tia Joey e o que poderia ter de fazer caso ela tivesse mandado seus zumbis atacar. Estava preocupada com Adesina e com toda aquela violência. E preocupada com as pessoas que foram feridas no desfile.

Adesina queria lhe dizer que os zumbis não eram algo tão ruim quanto estar no ossuário. E que isso não era tão ruim quanto o que lhe acontecera depois de ter sido injetada com o vírus e sua carta ter sido virada. Embora a mente de Adesina quisesse fugir dessa lembrança, ela brotava. Ela não conseguia... Não iria... esquecer o que tinha acontecido.

Os médicos a tinham agarrado e amarrado à mesa com tiras de couro marrom que estavam quase pretas em certos pontos. Depois enfiaram em seu braço uma agulha cheia do vírus Carta Selvagem. Ela desviara os olhos e vira as doces imagens de contos de fadas que colocaram nas frias paredes brancas. Mas as garotas nas imagens eram todas claras, de modo algum como Adesina.

O vírus queimou enquanto disparava pelas suas veias. Ela desviou os olhos das crianças sorridentes nas imagens, e olhou para o teto. Havia marcas de respingos vermelho-amarronzados lá. Depois uma dor ofuscante a engoliu e ela foi sacudida por convulsões. Seu corpo se ergueu da mesa.

Tentou não fazer isso, mas berrou sem parar. E depois houve escuridão e alívio quando assumiu forma de crisálida.

Os médicos não queriam curingas, queriam apenas ases, então jogaram seu corpo no poço com as outras crianças mortas e moribundas. Mas ela não estava morrendo. Estava mudando. E enquanto estava envolta em seu casulo, descobrira que podia deslizar para as mentes de outras pessoas infectadas com o vírus.

Fora assim que encontrara mamãe. As duas flutuavam num mar de escuridão. Mas Adesina não estava mais sozinha, não agora que tinha mamãe.

Mas se dissesse algo sobre aquele tempo, mamãe saberia que ela estivera em sua mente. Então, agarrou mamãe e a fez sentar no trono e embalá-la no colo até o desfile chegar à última parada.

Balas voaram pela paisagem fumegante, passando pelos restos calcinados e queimados de tanques e jipes. Uma granada explodiu junto a Dan, que sofreu numerosos danos. Sua barra de saúde piscava em vermelho, e ele não tinha mais ataduras.

– Jesus, RocketPac, você deveria pegar aquela piranha com o lançador de granadas – rosnou Dan no microfone. Ele entrara em rede assim que voltara para casa do desfile. – Bicha de merda.

– Vá chupar meu pau, CF – retrucou Rocket. A resposta berrou no fone de Dan. – Se tivesse me dado mais apoio, eu poderia ter chegado perto o suficiente para disparar. Vá explodir um bode, seu babaca.

– Baixe a porra do microfone externo, piranha – mandou Teninchrecord a Rocket. – E os malditos falantes, veadão. CF, me diga por que porra aceitamos esse lixo inútil na equipe.

Dan recuou. Ele estivera usando um prédio bombardeado como proteção, mas ficara claro que isso não estava funcionando. E precisava encontrar ataduras. Se conseguissem sair daquilo sem perder, ele ia chutar aquele RocketPac de merda para fora da equipe. Não conseguia entender como aquela equipe da qual nunca tinha ouvido falar estava acabando com eles. Especialmente considerando que tinha o nome totalmente gay de Sabemos do que Meninos Gostam.

Uma sombra passou pela frente da TV. Dan deu um pulo e largou o controle.

– Que porra é essa!

– Sr. Turnbull, precisamos conversar – disse o sr. Jones, pegando o controle e o dando a Dan. Vestia um terno cinza-escuro elegante, camisa branca e gravata preta. Ninguém que Dan conhecia vestia algo como aquilo. Dan estava certo de que Jones não era o nome verdadeiro dele, mas conseguia se identificar com a ideia de uma pessoa não querer que todos soubessem seu nome. E Dan não queria mais informações sobre o sr. Jones do que era necessário.

Tinha medo do sr. Jones porque ele parecia ser capaz de partir seu pescoço sem piscar um olho. O sr. Jones lembrava a Dan uma cascavel enrolada.

Dan tirou os fones de ouvido e arrancou o plugue do computador.

– Este é um microfone ativado por voz – falou com raiva, mas suas mãos estavam tremendo. – Não quero que esses merdas saibam quem eu sou na vida real. E disse ao meu pai que ninguém deveria vir aqui quando a placa estivesse lá em cima.

O sr. Jones deu de ombros.

– Seu pai não está em casa, e eu não ligo para o seu joguinho.

– Eu fiz o que pediu – informou Dan, soando mais na defensiva do que queria. – Estou com o vídeo aqui no *pen drive*.

Ele se levantou e procurou no bolso até achar o dispositivo salpicado de pelos.

O sr. Jones o pegou dos dedos de Dan, depois soprou delicadamente a poeira.

– Duvido que precisemos – falou o sr. Jones, deslizando o drive para o bolso do peito do paletó. – Já há mais de cinquenta vídeos no YouTube. E mais a cada minuto. E os noticiários locais interromperam a programação para mostrar o que gravaram. CNN e Fox estão com barras de urgente e sabemos que preparam suas versões para o caso. Você foi bem.

Dan não sabia o que dizer. Estava ao mesmo tempo lisonjeado e assustado.

– Ahn, obrigado – respondeu, e enfiou as mãos nos bolsos. Viu com o canto do olho que seu avatar CntrlFreak fora abatido. “Merda.”

– Talvez Precisemos Que Você Faça Outra Pequena Tarefa – Avisou O Sr. Jones. Estendeu Um Grosso Envelope Pardo. – O Pagamento. E Um Pequeno Extra.

Um arrepio correu pela espinha de Dan ao pegar o envelope. Pensou em tocar nos dedos do sr. Jones para descobrir se era um ás, mas pela

primeira vez lhe ocorreu que isso poderia estar muito além de sua capacidade.

– Claro, camarada, quando quiser. Mas isso de vir à minha casa... Será que não poderíamos nos encontrar em outro lugar?

O sorriso do sr. Jones se mostrou chocantemente branco em contraste com a pele escura.

– Parece que sua equipe perdeu – comentou ele, apontando com a cabeça para o monitor. "Fim do combate" piscava na tela. – Eu acho a saída.

Dan deu um longo suspiro trêmulo ao ouvir a porta da frente ser fechada. Depois abriu o envelope e começou a contar.

* * *

O táxi parou em frente à casa de Joey. Michelle pagou ao motorista, e ela e Adesina saltaram. A casa era em estilo vitoriano dilapidado com tinta descascando e um jardim tomado de mato cercado por uma cerca de ferro forjado. Pássaros mortos estavam pousados nas árvores e encarapitados em fios de energia e telefone. Eles viraram as cabeças para a esquerda num só movimento.

– Pare com isso, Joey – falou Michelle enquanto abria o portão. Os pássaros soltaram um guincho de protesto. "Ela nunca ouviu falar em WD-40? Até mesmo eu sei disso." – Guarde isso para os turistas.

– Crá – disse um dos pássaros.

– Cretina – murmurou Michelle.

Uma zumbi relativamente fresca abriu a porta. Vestia um alegre vestido florido e era menos imunda que a maioria dos cadáveres de Joey. "Os mortos não se limpam", Michelle pensou. "Eles são repulsivos."

– Sigam-me – disse a zumbi. Mas foi a voz de Joey que Michelle ouviu. Todos os zumbis tinham a voz de Joey, e isso era certo quando a zumbi era mulher. Mas era esquisito para cacete vindo de um ex-jogador de futebol americano de um metro e oitenta de altura, como às vezes acontecia.

– Por favor, Joey... Eu conheço cada centímetro desta casa. Você está na sala de estar?

A zumbi anuiu e Michelle passou por ela. Adesina voou para o ombro de Michelle.

– Mamãe, não fique furiosa demais – sussurrou.

– Só estou com a dose certa de fúria – retrucou Michelle. Depois suspirou, parou e tentou controlar sua irritação. Adesina estava certa. Joey nunca reagia bem a um confronto raivoso. Raiva era a especialidade de Joey.

A sala de estar estava quase vazia. Havia cortinas esfarrapadas nas janelas e um sofá afundado junto a uma parede. O novo acréscimo à sala era uma grande TV de tela plana. Em frente à TV, ficava o trono de Hoodoo Mama, com Joey instalada nele. Era magra e vestia uma camiseta Peste do Curinga sem forma e jeans apertados. Havia uma faixa vermelha em seu cabelo castanho-escuro, e sua pele era de um bonito tom de caramelo. Um cachorro zumbi estava deitado aos seus pés e dois enormes zumbis ladeavam a cadeira.

Michelle e Adesina se jogaram no sofá. Joey franziu o cenho, mas Michelle ignorou.

– Então, quer explicar o que aconteceu?

Os zumbis grunhiram.

– Não tive porra nenhuma a ver com isso – defendeu-se. As mãos apertavam os braços do trono, e os nós dos dedos estavam brancos. – Não consigo acreditar que você ache que eu faria algo assim.

– Está me dizendo que há outra pessoa cuja carta foi virada, que mora em Nova Orleans e consegue erguer os mortos como você? – perguntou Michelle, lançando a Joey seu melhor olhar "Falando sério, que porra é essa?" – Isso é muita coincidência, Joey.

– Não, não há porra nenhuma de nova Carta Selvagem que consegue controlar zumbis – explicou Joey, se inclinando para a frente no trono. – Há um que consegue roubar poderes bem para cacete.

– Jesus, Joey, olhe a boca – pediu Michelle, lançando um olhar para Adesina, mas ela já estava mergulhada num jogo no seu iPad.

– Ah, vá se foder, Bubbles – retrucou Joey. – Adesina já ouviu isso tudo e muito mais. Não é mesmo, não é mesmo, Pumpkin?

Adesina ergueu os olhos e deu de ombros.

– É. Você xinga. Muito. Mas eu não.

Por um momento, Joey pareceu magoada.

– Michelle, você está plantando ideias esquisitas na cabeça da minha menina aqui?

– Não, só as normais.

– Isso é uma maldita inutilidade para um curinga.

Michelle olhou feio para Joey.

– De volta ao seu Carta Selvagem misterioso. O que a leva a pensar que seus poderes foram roubados? Talvez você apenas tenha perdido o controle.

Os dois grandes zumbis começaram a cruzar a sala na direção de Michelle. Ela os despachou calmamente com duas pequenas bolhas explosivas na cabeça. Isso exigiu suas últimas reservas de gordura, só que não iria aturar mais essas merdas agressivas zumbis de Joey.

– Escrota! Maldição, Bubbles, olhe toda essa zona, cacete! Cristo! A zumbi entrou e começou a limpar os restos.

– Eu estou bem, cacete – continuou Joey. – O que aconteceu não foi culpa minha, porra. Eu saí para comprar coisas na padaria. Na volta para casa, esbarrei em alguém, e pum, meu poder sumiu e não consegui mais ver nenhuma das minhas crianças.

A voz dela morreu e pareceu tão triste e assustada que Michelle acreditou. Michelle sabia que a carta de Joey fora virada por ter sido estuprada. Mas não sabia nenhum detalhe, e não queria saber. Imaginou que Joey devia ter se sentido tão desamparada agora quanto sentira então.

– Você se lembra de algo específico sobre como seus poderes foram roubados? – perguntou Michelle.

Um Carta Selvagem que pudesse roubar poderes era algo assustador de se pensar. Precisavam descobrir quem era. Porém, ainda mais que isso, ela precisava proteger Joey de ter seus poderes tomados de novo. Joey nunca fora estável emocionalmente – Michelle lembrou a si mesma de que muitos dos Cartas Selvagens que ela conhecia estavam quase a ponto de ter de viver na Cidade dos Loucos –, mas ver a reação dela naquele momento a preocupou. Ter tido seu poder tomado estava produzindo uma péssima reação em Joey. E Michelle estava começando a achar que poderia ser mais importante ajudá-la a lidar com isso do que pegar a pessoa que roubara o seu poder.

Joey balançou a cabeça.

– Porra, eu tentei. Só lembro de ser empurrada, depois... nada.

Adesina puxou o braço de Michelle.

– Mamãe, olhe – disse, apontando para a TV.

Havia uma longa tomada do desfile de Baco durante o ataque dos zumbis. A imagem fechou em Michelle quando começou a matar zumbis. Joey aumentou o volume da TV.

– ... olta ao desfile de Baco de hoje. Michelle Pond, a Incrível Bubbles, estava em um carro alegórico, e parecia ser o alvo do ataque de zumbis. Mais aterrorizante é que a srta. Pond estava com a filha de 7 anos. Embora Pond tenha detido o ataque, é perturbador que estivesse com a filha num programa no qual seria submetida a tantas imagens adultas como mulheres exibindo os seios nus em troca de colares de contas. Não foi a primeira vez que um acontecimento público com a participação de Pond se tornou violento. Isso nos leva a pensar em suas escolhas.

Michelle deu um pulo do sofá.

– Mas que merda! – berrou.

– Olhe a boca – disse Joey.

Adesina estava preocupada. Mamãe estava vendo vídeos do desfile em seu laptop. Tia Joey desligara a TV depois do noticiário, mas mamãe pegara o laptop na bolsa e começara a procurar mais reportagens na internet.

Encontrara muitas. E embora Adesina tivesse tentado, não conseguiu deixar de deslizar para a mente de mamãe. E o que ela viu ali foi medo, raiva e preocupação.

Então, abandonou a mente da mãe e recomeçou a jogar "Jaguatirica Nove" no iPad. Resgatar Organza Docinho Jaguatirica das garras da Bruxa Cereja era mais fácil que compreender o funcionamento do mundo adulto.

* * *

O celular de Michelle estava zumbindo. Zumbia desde o ataque ao desfile. Mas ela ignorara todas as chamadas – já sabia que as coisas estavam fodidas. Segundo sua experiência, o velho ditado de que "não existe publicidade ruim" era furado.

Mas não se dera conta de quão ruim era até ver os noticiários na casa de Joey. E depois ter entrado no YouTube e visto todos os vídeos amadores.

Isso a deixou nauseada. “Claro, haveria vídeos por toda parte, sua idiota. Era Carnaval. Que inferno, agora as coisas são assim. Ninguém não passa um momento sem ser observado.”

E ainda havia a questão de como Joey perdera seus poderes. Mais objetivamente, a reação dela depois de perder seus poderes é que tomava conta da cabeça de Michelle. Ela não podia deixá-la sozinha naquele estado. Michelle decidiu que ela e Adesina ficariam com Joey naquela noite e tentariam descobrir o que tinha acontecido. Por mais que odiasse até mesmo cogitar isso, Michelle achou que poderia ter de pedir ajuda a Adesina. Mas não queria fazer aquilo. Não queria mandar sua criança para a mente de Joey. Havia coisas que Adesina *não* precisava ver com aquela idade – ou com qualquer idade, no que dizia respeito a Michelle.

Como Michelle decidira que Joey não deveria ficar sozinha nem mesmo uma hora, as três pegaram um táxi de volta ao hotel de Michelle. Tanto Joey quanto Adesina estavam com fome, então Michelle as deixou na lanchonete do hotel enquanto ia ao quarto para arrumar uma bolsa.

Deslizou para fora do vestido e o jogou na cama. Depois, vestiu calças *baggy* com cintura de laço e uma camiseta. Ela precisava engordar – não ajudara muito se jogar do telhado da casa de Joey –, e suas roupas deveriam servir para tamanhos variados.

Enquanto preparava uma bolsa para passar a noite, o telefone começou a tocar novamente. Ela o pegou na cama e conferiu o número. Pareceu conhecido, então atendeu.

– Michelle falando.

Jogou roupa de baixo, calças largas e camisetas suas na bolsa, depois o vestido preferido de Adesina e sua camisola.

Houve uma pausa do outro lado da linha.

– Oi, Michelle. Sou eu.

Por um momento, o estômago de Michelle revirou. Era Juliette. Elas não se falavam desde que Juliette deixara PPA. E, quando tinham se encontrado, foi estranho. Dormir com Joey arruinara a relação de Michelle com Juliette. E não importava o quanto tentasse, Michelle sabia que havia alguns erros que não podiam ser perdoados.

–Vi uns vídeos do desfile na internet – disse Juliette.

As mãos de Michelle começaram a tremer. “Bosta, bosta, bosta”, pensou. “Não é hora de se emocionar.”

– É, isso, ahn, foi intenso.

– Foi mesmo a Joey?

Michelle foi ao banheiro e começou a pegar produtos de higiene pessoal.

– Ela diz que não, e acredito nela – respondeu Michelle. – Esse não é o estilo dela. Diz que alguém tomou seu poder, e que logo depois do ataque seu poder retornou.

Houve outra longa pausa.

– Então, você a tem visto enquanto está aí?

"Bosta", voltou a pensar Michelle enquanto jogava os produtos numa *nécessaire*. Depois, soltou um fluxo de bolhas borrachentas na banheira. Duas quicaram e rolaram pelo chão do banheiro. Michelle as chutou, e elas ricochetearam na parede. Uma a acertou com força na coxa.

– Sim, fui vê-la – falou Michelle, esfregando a perna por reflexo. "Bolhas idiotas." – Claro que fui, era um ataque zumbi. Quem mais eu iria procurar?

Foi até o espelho e olhou para seu reflexo. "Garota idiota."

– Não estamos trepando, se é o que está perguntando. E não fizemos isso desde aquela vez. E você rompeu comigo e estou certa de que isso significa que eu posso ver quem quiser. E realmente lamento.

"Merda."

– Você acabou? – perguntou Juliette.

– Sim – disse Michelle, derrotada.

– Fico contente que tenha ido vê-la. Essa coisa é um desastre de RP para vocês duas.

Isso confundiu Michelle.

– Eu achei, bem, quero dizer...

– Veja, Michelle, isto não é sobre você, Joey e eu. Isto é sobre Adesina. Você é uma bosta como namorada, mas tem sido uma boa mãe para ela. E odeio a ideia de que há alguém fazendo um jogo político que afete a vida de Adesina.

Michelle deslizou pela parede do banheiro e se sentou no chão. Os azulejos estavam frios sob sua bunda.

– Não sei o que você quer dizer. Por que isso afetaria Adesina?

Um suspiro exasperado, não diferente daquele que Adesina com frequência dava, escapou de Juliette.

– Como ainda pode ser tão ingênua? Você é poderosa demais e popular demais, cacete. Eles não podem fazer muito quanto ao poderosa, mas

ficarão muito felizes de destruir o carinho das pessoas por você. Eles precisam colo-cá-la à margem.

Michelle abriu a palma da mão esquerda e deixou uma bolha leve se formar ali. Soltou, e ela flutuou pelo banheiro.

– Bem, quem faria isso? E por que usar Joey?

– Ah, poderia ser muita gente: NSA, CIA e PPA, para começar. E o Comitê também poderia estar envolvido, embora isso seja menos provável. Poderia até ser um grupo novo com objetivos próprios. E é difícil atacar você diretamente, mas se valer de pessoas que ama...

– Eu não amo Joey – replicou Michelle, enfática. O que ela queria dizer era "Eu amo você. Por favor, volte". Em vez disso, falou: – Passei quase um ano fora do radar. Isso não faz nenhum sentido.

Michelle esfregou o dedo médio entre as sobrancelhas.

– Mas está de volta e já fazendo desfiles para lembrar ao povo como salvou Nova Orleans. Sem mencionar que adotou Adesina, que é praticamente a curinga mais adorável do mundo.

Michelle sorriu.

– É, ela é completamente adorável, não é? Acho que também é feita de chocolate cremoso.

Juliette riu e Michelle achou que seu coração iria se partir.

– Vou mandar um e-mail com um link – contou Juliette. – É o que está em jogo e até que ponto eles estão dispostos a ir para marginalizar você.

"Será que essa bosta nunca vai parar?", perguntou-se Michelle. "Só estou tentando levar minha vida."

– Obrigada pela ajuda, Juliette. E... eu lamento. Sei que não é o suficiente, mas lamento de verdade.

Houve mais uma pausa demorada.

– É, eu sei – disse Juliette.

Então, a ligação foi encerrada. "Ótimo", pensou Michelle, enxugando lágrimas. "Realmente ótimo. Você nunca vai reparar seu erro com Joey, então pare de tentar. Tem sorte de ela ter ligado."

Mas Michelle sabia que Juliette não ligara por sua causa. Levantou, deixou correr água fria sobre uma toalha e a colocou sobre o rosto por alguns minutos. A última coisa de que precisava era que Adesina visse que tinha chorado. Sua filha já via demais.

Embora seu poder tivesse retornado, Joey ainda estava grata por Michelle passar a noite com ela. Ela tinha suas crianças, claro. Mas agora havia o medo persistente de que a qualquer momento alguém poderia tomar seu poder.

Adesina estava sentada no sofá com aquele jogo bobo. "Que porra são jaguatiricas, afinal?", pensou Joey enquanto se sentava ao lado dela.

– Então, você gosta desse jogo? – perguntou Joey. Ela não era fã de videogames, mas tinha jogado alguns uma vez ou outra.

Adesina anuiu.

– As jaguatiricas são realmente bonitinhas, e Organza Docinho Jaguatirica é impressionante. Ela tem poderes legais e vai atrás da Bruxa Cereja, que quer tomar toda a comida e a terra das jaguatiricas...

Joey se desligou de Adesina. Era algo que ela às vezes fazia. Simplesmente parava de escutar e se permitia mergulhar em suas crianças. Havia cachorros e gatos mortos. Pessoas mortas. Insetos mortos. Ela foi até cada um deles, vendo através de seus olhos mortos. Suas crianças eram a razão pela qual estava segura. Ninguém podia escapar dos mortos. Eles estavam por toda parte. Então, ninguém conseguiria ter vantagem sobre ela.

Mas perder seus poderes por algumas horas tinha sido horrível. Tentou afastar a lembrança da perda de controle – só que isso fez vir à superfície outra lembrança mais soturna. A bile subiu em sua garganta, e suor brotou em suas costas. Não, não permitiria que voltasse. Ela era Hoodoo Mama. Já tinha matado aquele escroto. Isso estava encerrado – ele não podia mais encostar nela.

– Tia Joey! Tia Joey!

Joey abriu os olhos. Levou um tempo para escapar da lembrança. Adesina estava sentada em seu colo, com os pés dianteiros no rosto de Joey. Lágrimas corriam pelas faces.

– Tia Joey, por favor, pare! – gritou.

– Mas que porra é essa? – reagiu Joey. – O que você está fazendo, Pumpkin?

– Você estava sofrendo – respondeu Adesina. Deslizou para fora do colo de Joey e enxugou lágrimas e nariz escorrendo com os pés, como um louva-a-deus faria para se limpar.

Joey se levantou.

– Vou pegar um lenço para você – avisou, correndo para o banheiro. Pegou a caixa de lenços no fundo da cômoda e voltou para a sala de estar. Viu Michelle correndo para a sala da direção oposta.

– Que porra está acontecendo aqui? – perguntou Michelle. – Eu pude ouvir Adesina gritar lá do segundo andar.

"Que porra!", pensou Joey. "Eu estou surtando? Cacete!"

Michelle foi consolar Adesina. Desajeitada, Joey estendeu a caixa de lenços de papel. Um olhar duro foi tudo o que Joey recebeu de Michelle, que puxou lenços e começou a enxugar o rosto de Adesina.

– Quer me contar o que aconteceu? – perguntou Michelle a Adesina. Mas Adesina não respondeu. Apenas se aninhou no colo de Michelle e fechou os olhos.

Quando Michelle ergueu os olhos, Joey desejou não ser o alvo daquele olhar – e, apesar de tudo, recuou um passo. "O que aconteceu?", enunciou Michelle em silêncio. Joey deu de ombros, balançou a cabeça e ficou puta. Michelle *sabia* que ela nunca faria nada para ferir Adesina.

– Adesina – disse Michelle suavemente. – Olhe para mim.

Por um momento, Adesina ficou parada, mas depois abriu os olhos lentamente. Havia uma expressão dura no rosto de Michelle, e para Joey isso pareceu maldoso.

– Adesina – continuou Michelle. – Você entrou na mente de tia Joey sem permissão?

– De que porra você está falando, Bubbles? – perguntou Joey. Havia muitas coisas que ela não queria que ninguém soubesse, e jamais permitiria que Pumpkin visse.

– Adesina pode entrar na mente das pessoas que têm o vírus – explicou Michelle. – E sei que ela já esteve na sua antes. Adesina, já conversei com você sobre isso, não foi?

Adesina fez que sim com a cabeça e uma lágrima escorreu por sua face.

– Desculpe, mamãe – disse numa voz trêmula.

– Há coisas de adulto que você não deveria ver, e isso é uma invasão da privacidade da outra pessoa. Como quando você não quer que eu entre no seu quarto sem pedir.

Isso fez Adesina cair em lágrimas. Michelle a abraçou.

– Está tudo bem, você precisa apenas ter mais cuidado, querida – falou, depois ergueu os olhos para Joey. – Acho que vou colocá-la na cama. Foi

um longo dia.

– É – concordou Joey. – É, realmente foi.

Depois que colocou Adesina para dormir, Michelle foi conversar com Joey. Encontrou-a na cozinha, tirando garrafas de cerveja da geladeira.

– Você vai me contar por que nunca mencionou que Adesina pode entrar na minha mente, porra? – cobrou Joey, dando uma cerveja a Michelle.

Michelle torceu a tampinha da garrafa, jogou-a no lixo e tomou um grande gole.

– Ela sabe que não deve fazer isso. E a única vez que acabou entrando na sua cabeça deixou-a tão perturbada que jurou que nunca aconteceria de novo.

O que Michelle queria dizer a Joey era que estar em sua mente deixara Adesina extremamente doente. Que todo o lixo que Joey arrastava com ela era tóxico para Adesina, e talvez também para si mesma. Mas Michelle sabia que dizer alguma coisa a Joey era perda de tempo.

Outro grande gole de cerveja fez a cabeça de Michelle girar um pouco. Afora pular do telhado de Joey antes de voltarem para o hotel, ela não fizera nada para ganhar gordura de novo, embora pretendesse. Estava mais magra naquele momento, ainda mais do que quando era modelo. Significava que ficava tonta muito mais rápido. E isso não parecia algo ruim naquele momento.

– Ela lhe contou o que viu? – perguntou Joey.

Michelle balançou a cabeça.

– Não perguntei muito sobre isso. Ela só tem 7 anos. Mas, realmente, quanto do que está em sua cabeça ela precisa ver?

Era uma coisa cruel a dizer, mas Michelle não ligava muito. Não, isso não era verdade. Só estava cansada demais.

– Eu não quero Pumpkin vendo... coisas – argumentou Joey, terminando a garrafa, colocando no balcão e depois indo até um dos armários e pegando uma garrafa de Jack Daniel's. – O melhor jeito que conheço para esquecer. Quer uma dose?

Michelle balançou a cabeça e depois terminou o resto de sua cerveja. Um calor dourado a envolveu. Seus quadris ficaram um pouco insensíveis.

– Isso não vai nos ajudar a descobrir o que aconteceu com você. E eu tinha pensado em pedir a Adesina que entrasse em sua mente e tentasse

descobrir o que aconteceu. Mas evidentemente essa é uma péssima ideia – disse Michelle, e pegou outra cerveja na geladeira. “Dane-se”, pensou.“Vou ficar bêbada. Minha vida está escorrendo pelo esgoto mesmo.” – Ah, e conversei com Juliette enquanto estávamos no hotel. E ela me mandou uns links. O novo meme é que sou uma mãe terrível que todos os dias põe em risco a vida da filha.

– Que porra é essa de meme? – perguntou Joey depois de tomar um gole do uísque.

Dan enfiou roupa suja na máquina de lavar, depois colocou sabão em pó por cima. Lavar roupa o deixava puto. Se sua mãe não tivesse ido embora, a casa estaria limpa, haveria comida na geladeira, jantar na mesa, e ele teria roupas limpas quando precisasse delas. Em vez disso, estava vestindo calças jeans puídas sem cuecas (e odiava essa merda de não ter cuecas), e sua camiseta fedia tanto que dava náuseas.

Mas o dia não seria uma perda completa. Ele e Teninchrecord expulsaram RocketPac da equipe e começariam a entrevistar substitutos em uma hora. Sabia que precisavam de alguém bom, mas selecionar os cretinos seria hilariante. Depois de ligar a máquina de lavar, voltou ao porão. Trocara o sofá velho por uma cadeira de jogos especial usando um pouco do dinheiro que recebera por pegar o poder de Hoodoo Mama. A cadeira tinha microfones embutidos e um design ergonômico em couro preto que embalava sua bunda com perfeição. Seu pai estava trabalhando, e Dan estava ansioso para se acomodar para uma bela e longa sessão de jogos.

Só que quando chegou à base da escada viu que o sr. Jones estava instalado em sua cadeira. “Filho da puta”, pensou Dan.

– A maioria das pessoas começaria batendo na porta da frente.

O sr. Jones sorriu e Dan não gostou nada disso.

– Dan, você talvez se lembre de que lhe disse outro dia que poderíamos precisar de você de novo. Aparentemente, precisamos de você mais cedo do que esperávamos.

Por um momento, Dan pensou em tentar conseguir mais dinheiro dessa vez. Mas o sorriso persistente do sr. Jones o deixou desconfiado.

– O que está querendo? Mais do mesmo? Há todo tipo de coisa de Carnaval acontecendo.

O sr. Jones estava com o controle de Dan nas mãos. Apertou o botão de começar, e Dan desejou poder matá-lo. A página da senha carregou, e o sr. Jones teclou a senha de Dan.

– Mas que porra é essa? – falou Dan.

– Você acha mesmo que não sabemos tudo que há para saber sobre você, Dan? Sua senha não é nada. A localização de sua mãe? Isso também foi simples. Na verdade, Dan, com a exceção de seu poder, você não é nada complicado.

O sr. Jones estava avançando com o avatar CntrlFreak de Dan. E chutando muitos traseiros. Isso deixou Dan nauseado.

– Então, por que não me fazer tomar o poder de Bubbles e depois matá-la? – perguntou Dan.

– Porque poderemos precisar dela no futuro – respondeu o sr. Jones. – No seu caso, você poderia usar o poder dela uma vez... E então, se ela estivesse morta, isso teria acabado e você não poderia pegá-lo novamente. Um recurso incomparável seria perdido.

O sr. Jones executou um salto com rolagem perfeito com CntrlFreak, depois acertou dois combatentes na cabeça, sozinho. Na tela apareceu um "Perfeito!".

– Nem todos são tão descomplicados quanto você, Dan – continuou o sr. Jones. – Considere a adorável srta. Pond, por exemplo. Ela é imensamente poderosa, mas se importa pouco com isso. Já os amigos, bem, são o que importa para ela. Eu poderia fazer com que você roubasse o seu poder, mas isso não teria importância para ela. E não estamos no negócio de destruir pessoas. Estamos no negócio de administrá-las.

Ver o sr. Jones jogar o jogo fez Dan querer sair de sua pele. E ele cagava para o motivo pelo qual o sr. Jones fazia o que fazia – ou por que pedia a Dan que fizesse algo. Desde que o pagassem. Mas ansiava para que ele baixasse o controle, saísse de sua cadeira nova e lhe dissesse que merda queria daquela vez. O resto era apenas punheta, no que dizia respeito a Dan.

– Mas atormentar sua amiga é outra coisa – continuou o sr. Jones, com um sorriso inocente. – Isso lhe ensinará a lição que quero que aprenda. A de que ninguém que ela ama está seguro. Que não pode protegê-los. Agora, há muita gente no mundo extremamente poderosa, Dan. Controlá-las nem sempre diz respeito ao seu perigo individual. Diz respeito a lhes explicar

os limites desse poder. O mundo pode ter mudado por causa do vírus, mas as pessoas, bem, elas ainda são iguais.

O sr. Jones fez CntrlFreak dar um salto por sobre diversos corpos mortos, depois rolou até ficar numa posição ajoelhada perfeita, arma estendida, e conseguiu uma morte com numa única bala.

– Vamos precisar de você amanhã de manhã – avisou o sr. Jones, enquanto colocava outra bala na cabeça do avatar de outro jogador. – Vou mandar uma van buscá-lo às seis horas.

"Vencedor!" piscou na tela. O sr. Jones levantou da cadeira de Dan e jogou o controle para ele.

– Divirta-se jogando – falou.

Michelle se levantou sentindo a cabeça confusa. Só tomara duas cervejas, mas com seu peso atual isso a atingira como um caminhão. Na verdade, não era tão ruim. Ela já tinha sido atingida por dois caminhões. E até por um ônibus uma vez. Era frustrante não haver um grande veículo à disposição naquele momento. Teria de apelar para os zumbis de Joey a socando por algum tempo até que engordasse.

Rolou e viu Adesina aninhada no meio do travesseiro extra. Michelle sorriu. Esticou a mão e tocou as tranças novas de Adesina. Elas estavam fazendo experiências com penteados diferentes, tentando descobrir um de que Adesina gostasse. Mas Michelle duvidava que a filha gostasse de ser penteada.

– Pare de brincar com as minhas tranças, mamãe – pediu Adesina.

Michelle a puxou para perto.

– Mas elas são tão impressionantes! Fico com inveja!

Adesina deu um risinho, abrindo os olhos.

– Poderíamos trançar o seu cabelo. É comprido o bastante.

– Sim, mas pareceria um lixo no dia seguinte, e o seu parece impressionante. Vamos descer e descobrir se tia Joey tem alguma coisa para o café da manhã na geladeira além de cerveja.

Mas quando desceram Joey tinha sumido. Não havia zumbis na sala e nenhum na cozinha. E, quando Michelle saiu, não havia um único pombo morto à vista.

“Merda”, pensou Michelle enquanto abria o portão, deixava o jardim e começava a olhar para os dois lados da rua. “Eu disse a ela para não sair sozinha. E agora vou ter de fazer algo que não quero. Vou chutar a bunda dela quando a encontrarmos.”

– Adesina – chamou Michelle. – Sei que lhe disse para não entrar na mente de tia Joey, mas precisamos encontrá-la rápido.

– Está tudo bem, mamãe – respondeu Adesina, voando para os braços de Michelle.

Enquanto Michelle a embalava, Adesina fechou os olhos.

Um minuto depois, seus olhos se abriram de repente. Ela saiu dos braços de Michelle e flutuou para o chão. Em seguida, começou a correr. Adesina só conseguia voar pequenas distâncias, mas corria rápido. Michelle a seguiu, desejando ter acumulado alguma gordura.

Adesina desceu a rua correndo, virou à direita, depois à esquerda. A seguir, se meteu num beco. O fedor de vômito e lixo azedo chegou a Michelle como uma onda. Havia uma grande caçamba de lixo no final do beco. Adesina desacelerou ao chegar, e Michelle ouviu soluços. Parou de correr e se aproximou, hesitante, da extremidade mais distante da caçamba.

Joey estava sentada no chão com as costas apoiadas na parede de tijolos do prédio. Os braços estavam envolvendo as pernas, abraçando-as com força contra o corpo.

– Joey – disse Michelle suavemente ao se aproximar. “Ah, Deus, eu deveria ter ficado lá com ela.” – Joey, querida, sou eu. Michelle.

Os ombros de Joey estremeceram, depois ela ergueu os olhos para Michelle.

– Jesus, Bubbles – falou, a voz pastosa de choro. – Não deveria ter vindo aqui sozinha. Tomaram meu poder novamente. Não consigo ver nenhuma das minhas crianças.

Adesina voou até o ombro de Joey e deu um beijo rápido em sua bochecha, depois pousou.

– Está tudo bem, tia Joey, estamos aqui agora – comentou ela.

– Eu só queria comprar uns doces para o café da manhã – contou Joey, limpando o nariz na manga. – Croissants, talvez uns folhados. Sei que Pumpkin gosta de folhados. Só queria ter alguma coisa para o café da manhã. E então tudo ficou escuro.

Michelle esticou o braço e tomou as mãos de Joey. Estavam trêmulas e frias.

– Vamos, vamos para casa – sugeriu Michelle, ajudando Joey a ficar de pé.

– Mas não consegui os malditos doces – disse Joey, teimosa. – Não há nada para o café da manhã. Pumpkin precisa tomar café.

– Podemos tomar café mais tarde, Joey – argumentou Michelle, puxando-a pelo beco. – Adesina vai ficar bem sem café da manhã por mais um tempo, não vai, querida?

Adesina voou mais uma vez para os braços de Joey, que a pegou por reflexo.

– Não estou com fome nenhuma, tia Joey.

– Mas você precisa comer alguma coisa – insistiu Joey, teimosa. – Eu ia comprar doces.

Joey brincou com as tranças de Adesina.

– Minha mãe costumava trançar meus cabelos.

"Que inferno, ela está surtando", avaliou Michelle mentalmente. "Temos de encontrar quem está roubando os poderes dela. E, se possível, descobrir um modo de ela conseguir lidar com a perda. E por que roubar o poder de Joey? Por que não o meu?" Ela raramente se sentia assim tão desamparada. Não conseguia descobrir um modo de ajudar Joey e não conseguia deter a pessoa que roubava o seu poder. Era enfurecedor. "Quando eu encontrar a pessoa que está fazendo isso com Joey, vou acabar com ela." Mas sabia que era mentira. Desistiria de encontrá-lo se conseguisse manter Joey em segurança.

– Podemos parar e comprar folhados no caminho de casa – disse Joey. Abraçou Adesina com força. – Você quer algo para o café, Pumpkin?

Adesina olhou para Michelle.

– Vamos levar você para casa – respondeu Michelle. – Depois, eu saio e compro alguma coisa.

Joey passou Adesina para um braço, depois agarrou o pulso de Michelle.

– Não. Você não pode me deixar sozinha, cacete. Por favor. Não enquanto minhas crianças tiverem ido embora.

– Está tudo bem – falou Michelle, afastando gentilmente a mão de Joey. – Não irei a lugar nenhum se você não quiser. Vamos dar um jeito. – Michelle passou um braço ao redor de Joey, a levando para casa.

* * *

– Então, onde quer que eu use os zumbis? – quis saber Dan. Estava sentado na van com forração, com o sr. Jones e um outro cara que estava dirigindo. Sua cabeça parecia que ia explodir. O poder de Hoodoo Mama se agitava em seu crânio e sacudia seus ossos. Cantava em seu sangue. Ele queria se mover.

– Dan – começou o sr. Jones numa voz entediada. – Não seja impaciente.

Dan coçou os braços. O poder parecia diferente daquela vez. Mais raivoso. Era a primeira vez que pegava o poder de um grande ás mais de uma vez. Achara que seria a mesma coisa, mas não era. Parecia uma entidade com vontade própria. Como se ele tivesse engolido uma tigela de abelhas.

– Sr. Jones, não estou me sentindo muito bem – avisou Dan.

Jones se virou e olhou para ele.

– Poderia ser mais específico? – perguntou em sua voz monótona.

– E-e-eu não estou certo – gaguejou Dan. – O poder de Hoodoo Mama parece diferente dessa vez. Estou sentindo dificuldade para controlá-lo. Nunca agarrei um poder como esse mais de uma vez.

Ele não queria que o sr. Jones soubesse como o poder parecia estranho daquela vez.

Os olhos escuros e frios do Sr. Jones avaliaram Dan. Normalmente isso o teria assustado, mas o poder parecia ruim e ficava pior a cada segundo.

– Que incômodo – comentou o sr. Jones. – Não tínhamos avaliado que seu poder poderia ser tão... inconsistente. – Ele se virou para o motorista: – Ainda é cedo, mas vamos fazer a entrega.

A van acelerou. Dan bateu com a cabeça na janela lateral.

– Ai – exclamou, mas nem o sr. Jones nem o motorista disseram nada.

Alguns minutos depois, a van parou. Dan olhou ao redor. Casas vitorianas dos dois lados da rua. A maioria de aparência pobre e dilapidada.

– Traga-me um zumbi – disse o sr. Jones, tirando um envelope do bolso do peito. Grato, Dan se estendeu e encontrou um punhado de mortos ao redor.

– O que você quer? – perguntou. – Ratos, cachorros, gatos?

O sr. Jones olhou por sobre o ombro com uma expressão de desprezo no rosto.

– Traga-me uma pessoa morta, Dan.

Dan pegou o mais próximo que conseguiu encontrar. Era um alívio estar usando o poder. Podia senti-lo começando a se descolar dele. O zumbido reduziu para um murmúrio abafado.

– Onde você o quer? – perguntou Dan.

– Traga-o para cá, mande que pegue este bilhete e o entregue na casa a duas portas abaixo, do outro lado da rua. Mande que toque a campainha e dê o bilhete a quem abrir a porta.

– Aquela com a cerca de ferro forjado? – perguntou Dan para ter certeza. Não queria deixar o sr. Jones louco.

– Sim.

Dan fez como ordenado.

A campainha tocou. Joey deu um pulo, e Michelle esticou a mão, dando um tapinha em seu braço. Não ajudou. Sentiu Joey tremendo.

Havia um zumbi de pé na varanda quando Michelle abriu a porta. Estendeu um envelope. Michelle o pegou, depois o zumbi desmoronou numa pilha.

O envelope era endereçado a Michelle. “Certo”, pensou, desconfiada. “Que coisa mais esquisita.”

Havia uma única folha de papel dentro do envelope.

> Srta. Pond,
>
> Não fomos apresentados, mas meus chefes são grandes fãs seus. Admiram suas excelentes obras faz anos. Isso dito, eles acreditam que você já teve um belo desempenho, mas que talvez seja hora de se aposentar e tirar longas férias distante dos olhos do público.
>
> Os incidentes com Joey Hebert são apenas uma pequena amostra do que podemos fazer com as pessoas importantes em sua vida. Insista em ter um papel tão público e tomaremos medidas mais drásticas. Talvez algo relacionado à sua filha.
>
> Anseio por encontrá-la em breve.
>
> Atenciosamente,
> Sr. Jones.

Michelle ficou olhando para a carta, tentando descobrir quem a enviara. “Sr. Jones” era evidentemente um pseudônimo.

Será que Juliette estava certa? Será que aquela coisa inteira foi concebida para marginalizá-la? E por que ter Joey como alvo? Joey ajudava as pessoas necessitadas que viviam às margens da sociedade de Nova Orleans – por que alguém iria querer acabar com isso? Sem dúvida, alguns deles eram desonestos e outros tipos questionáveis, mas alguns eram sem-teto que só precisavam de cuidados.

"E eu", pensou Michelle. "Por quê, inferno? Não pertenço a mais nenhum órgão. Não tento nada dessa babaquice de vingadora. Por que alguém ligaria para mim?"

– Michelle! – gritou Joey, vindo em disparada pelo corredor. – Minhas crianças! Eu consigo vê-las novamente, cacete! – avisou, dançando alegre ao redor de Michelle, depois olhando para fora. – Por que aquele corpo está na varanda?

O corpo se sentou quando Joey tomou posse dele.

Michelle estendeu a carta para Joey, que a pegou e leu rapidamente.

– Este sr. Jones é o escroto que tem tomado meu poder? – perguntou Joey, pulando de uma perna para outra como se tivesse passado o dia inteiro tomando Red Bull.

– Não sei – respondeu Michelle. – Ele pode ser apenas o portador de recados. Não há como saber. Meu palpite é que vão fazer alguma coisa de novo; só não sei por que escolheram você.

Ela olhou para Joey e não gostou do que viu.

Os olhos de Joey estavam arregalados, e ela estava extremamente tensa. Perder seu poder não a estava deixando apenas nervosa – também a estava deixando com raiva.

– Joey – começou Michelle –, sei que perder seus poderes foi horrível, mas você me disse quando estávamos em PPA que saber onde estavam todos os corpos mortos próximos o tempo todo a deixava meio maluca. Não foi algum alívio quando o poder sumiu?

Com as mãos trêmulas, Joey devolveu a carta a Michelle.

– Não, sim, não – falou. – Em PPA, havia muitos corpos. E muitos deles eram de crianças mortas. Você lembra, Bubbles. E, no início, quando meus poderes desapareceram, era apenas eu. E isso foi legal. Mas então comecei a me lembrar de como era antes de me tornar Hoodoo Mama...

A voz dela morreu.

Michelle franziu o cenho enquanto fechava a porta.

– Não sei o que fazer. Está claro que eles querem que eu fique longe da porra do público, e estão dispostos a fo... mexer com você para me obrigar a isso. Talvez eu devesse procurar alguém do Comitê.

– Não – exclamou Joey. – Não. Não quero que ninguém saiba que isto está acontecendo. E se tirarem meus poderes para sempre? Jesus, Bubbles, que eu faria, porra?

O rosto dela começou a se contorcer como se estivesse prestes a chorar, mas então uma expressão furiosa tomou seu lugar.

– E Bubbles, *eu* quero o escroto que tem roubado o meu poder. Esse desgraçado, escroto, filho da puta do sr. Jones vai pagar.

– Eu também gostaria de fazê-lo pagar – concordou Michelle. Ela precisava que Joey se lembrasse do que acontecera quando seus poderes foram tomados. Essa era a coisa mais importante naquele momento. – Esta vez foi como na última vez, certo?

Joey anuiu, mas ainda estava tremendo.

– Então, eles pegam seu poder, usam, e depois você recebe de volta?

– É.

– Então, meu palpite é que eles não *conseguem* ficar com ele. Do contrário, pegariam nossos poderes e estaria resolvido. Isso é o que eu faria. E você estava do lado de fora nas duas vezes que tomaram seus poderes. Portanto, talvez seja necessário estar na linha de visão, ou na proximidade?

Joey concordou e pareceu aliviada.

– Estou contente por você estar aqui, Bubbles – falou, com apenas um vestígio de sorriso. – Quero dizer, sabe que ainda a acho uma piranha escrota, certo?

– Bem – retrucou Michelle –, você acertou pela metade.

– Vamos ver o que Pumpkin quer para o café da manhã – comentou Joey, enquanto seguiam para a sala de estar.

– A não ser que seja cerveja e Bourbon, teremos de ir ao mercado – retrucou Michelle.

– Você vai ao mercado – falou Joey. – Eu ficarei muito bem aqui por ora. Mas estou certa de que a ouvi dizer que adooora Bourbon no café da manhã. A menina é a minha cara.

Mamãe e tia Joey estavam rindo. Adesina sentiu o nó no estômago afrouxar um pouco – até entrarem na sala. Então, ficou claro para ela que

estavam fingindo que tudo estava bem. Não precisava entrar nas mentes delas para saber isso.

Havia um sorriso no rosto de mamãe, mas não era um dos sorrisos de verdade dela. E tia Joey estava sorrindo também, mas Adesina podia ver os fantasmas em seus olhos.

– Quer tomar café da manhã? – perguntou mamãe, se sentando no sofá ao lado de Adesina.

– Sua mãe diz que você não quer Bourbon no café – interrompeu tia Joey. – Eu continuo dizendo a ela que você é como eu, mas ela não acredita.

Adesina fez sua expressão mais sincera.

– Eu adoraria Bourbon no café, mamãe.

– Certo – retrucou mamãe. – Mas vou colocar sobre o seu cereal. Nham.

– Eca – disse Adesina. Uma vez, ela fora muito má e provara o Bourbon de tia Joey. Era horrível. – Eu quero rabanada.

– Eu vou ao mercado – avisou Michelle, se curvando para beijar o alto da cabeça de Adesina.

– Tome cuidado, Bubbles. Eles podem pegar seu poder – falou Joey. Ela se curvou para dar o laço no cadarço de seus tênis Converse gastos. As mãos tremiam enquanto fazia isso. – Foi ruim quando pegaram meu poder. Seria pior ainda se pegassem aqui no singular.

Mamãe deu de ombros.

– Eu estive em público, e já poderiam ter tomado meu poder. Então, não acho que estejam interessados nele, Joey – comentou, se inclinando e beijando Adesina. – Não deixe que tia Joey faça algo idiota, como sair de casa, querida.

– Não vou deixar, mamãe – respondeu Adesina.

Dan esfregou o rosto. Estivera prestes a explodir quando ficara com o poder de Hoodoo Mama. Mesmo depois de usá-lo, ainda estava nervoso para cacete. Mas talvez fosse por ficar trancado numa van com o sr. Jones e o assustador motorista silencioso.

– Ahn, vocês poderiam me deixar em casa? – quis saber, desconfortável em seu assento.

– Sim, Dan, vamos deixá-lo em sua casa – informou o sr. Jones com um desgosto mal disfarçado. – Estou muito desapontado com você. Essas

coisas precisam acontecer no momento certo, e você não fez a sua parte.

Uma escorregadia sensação fria deslizou pelas entranhas de Dan.

– Ahn, eu sei – retrucou. – Foi como lhe disse. Nunca peguei duas vezes o poder de um grande ás. E não sabia que seria tão esquisito na segunda vez. Não sei o que aconteceu. Estou certo de que não foi nada.

O sr. Jones não respondeu. Dan esfregou as palmas das mãos nas calças. Um sr. Jones silencioso era pior do que um falante.

Ele decidiu que da próxima vez que o sr. Jones precisasse dele para alguma coisa iria dizer não. Nunca lhe ocorrera que poderia haver limites ao que podia fazer, ou que arrancar um grande poder mais de uma vez poderia causar problemas. Ele precisava descobrir quais eram os verdadeiros parâmetros de sua habilidade. E não havia como o sr. Jones estar interessado em ajudá-lo com isso. O homem estava interessado em saber de que merdas malucas ele era capaz. E mais nada.

A van desacelerou na frente da casa de Dan. Ele estava estendendo a mão para a maçaneta e parou. Mas, antes que pudesse abrir a porta, a mão do sr. Jones travou com força ao redor de seu pulso.

– Só um momento, Dan. Eu me esqueci de lhe dar seu pagamento.

Estendeu um gordo envelope pardo.

Por um momento fugaz, Dan pensou em recusar. Mas então o pegou.

– Entrarei em contato – disse o sr. Jones.

Dan anuiu. O que ele queria dizer era: "O cacete, seu maluco. Eu preferia comer vidro moído a lidar com você novamente."

E só ao chegar à porta da frente ele se deu conta de que o sr. Jones não tinha nenhuma habilidade de Carta Selvagem.

* * *

"Não estou com medo", pensou Michelle. "Bem, pelo menos não muito." As ruas ainda estavam bem vazias, embora fosse época de Carnaval. Foi à loja da esquina e começou a pegar o que era necessário para fazer rabanada.

– Ei, você é a Incrível Bubbles, não é?

Michelle ergueu os olhos e viu uma jovem. Devia ter uns 16 anos, com cabelo tingido de preto, roupas pretas, botas Doc Martens pretas e muitas bijuterias com tachinhas de prata e espetos. Um rosto pálido com lápis de

olho pesado e lábios carmim completava o visual. Michelle ficou pensando em como ela não suava com aquilo tudo, incluindo a maquiagem pesada Pan-Cake.

– É – respondeu. – Sou.

Ela colocou um pão de forma na cesta e foi na direção da seção de laticínios. A garota a seguiu.

– Achei impressionante o que você fez no desfile. Quero dizer, você foi realmente ótima.

Ovos, leite, creme e manteiga na cesta.

– Obrigada. – Michelle ia rumo à seção de verduras. – Apenas fazendo o que posso.

"E se for essa a Carta Selvagem capaz de tomar poderes?", pensou Michelle. "Que tipo de idiota doentio mandaria uma menina atrás de mim?" Mas então se deu conta de que se aquela era a Carta Selvagem que tomara o poder de Joey, ela estaria tão impotente quanto a amiga estivera.

– Bem, só queria que soubesse que a admiro. Você é minha Carta Selvagem preferida desde *American Hero*.

Michelle sorriu para a garota. Se iam tomar seu poder, fariam isso logo.

– Gostaria de um autógrafo?

– Ah, eu não poderia pedir isso. Mas você se importaria de tirar uma foto comigo? – perguntou, erguendo seu telefone.

– Claro – respondeu Michelle, colocando um braço ao redor da garota e sorrindo enquanto a foto era tirada. – E qual o seu nome?

– Dorothy – falou a garota, conferindo a imagem. – Ei, ficou ótima.

Michelle riu.

– Bem, eu sou profissional. Ou fui.

– Ei, obrigada. Ahn, só queria que você soubesse que não a acho uma péssima mãe. Não ligo para o que estão dizendo.

Michelle tentou manter uma expressão neutra, mas estava irritada. E então lembrou a si mesma de que era assim que funcionava. Você ficava famosa e abria mão de uma parte de si mesma. E ela sabia que tinha sorte. Mesmo com toda bosta esquisita em sua vida, ainda conseguia pagar as contas e garantir uma vida decente para si mesma e para Adesina. Então, se obrigou a dar um sorriso brilhante.

– Bom ouvir isso, Dorothy. Foi um prazer conhecê-la.

– O sr. Jones gostaria de vê-la com Joey Hebert em dois dias, nove da manhã, na Jackson Square – informou Dorothy. – Ele acha que é hora de se conhecerem pessoalmente.

Ela deu um sorriso brilhante para Michelle, depois desapareceu.

Por um momento Michelle ficou olhando para o ponto onde Dorothy estivera. "É, eu não estava esperando por isso." Depois, seguiu em frente e pegou uma garrafa de essência de baunilha. Iria ser uma daquelas vidas.

Joey estava lavando a louça do café da manhã enquanto Michelle secava. Era legal. Legal e normal, e isso deixava Joey louca. Ela não sabia por quê. Mas sabia que não era como deveria estar se sentindo.

Depois que acabaram de comer, Michelle pedira que dois dos zumbis de Joey a socassem e engordassem. Demorou um pouco, mas Michelle enfim deixou de parecer uma foto horrenda de propaganda de dieta e estava agradavelmente roliça. Joey achava Michelle bonita quando ficava roliça. Gostava de suas garotas com curvas.

Depois, elas começaram a arrumar a cozinha. Adesina estava largada no sofá, jogando seu jogo, então Joey não se incomodou de não ter sua ajuda. Claro que a mãe poderia ter dito que estavam mimando a criança, mas Joey não via as coisas assim.

– Recebi outra mensagem do sr. Jones – comentou Michelle enquanto enxugava um prato.

Joey olhou por cima do ombro para ver se Adesina tinha ouvido. Mas ainda estava mergulhada no jogo.

– Mas o que ele quer, porra?

– Quer se encontrar conosco na Jackson Square depois de amanhã às nove da manhã – respondeu Michelle. – Ah, e a mensageira foi uma menina de 16 anos que consegue se teletransportar.

– Nós não iremos, certo? Isso seria uma insanidade da porra.

Joey queria bater em algo. Com força.

– Eu vou. – Michelle continuou enxugando pratos como se fosse a coisa mais normal no mundo que um bandido quisesse roubar seus poderes. – É a única escolha que temos. A não ser que você queira passar para a clandestinidade, abandonar sua casa e assumir uma nova identidade. Evitar essas pessoas, quem quer que sejam, dá a eles poder sobre você.

– Mas ele já tem poder sobre nós, Michelle – sibilou Joey, água ensaboada caindo no chão enquanto jogava a frigideira nela com raiva. –

Caso tenha se esquecido, eles tomaram o meu poder duas vezes. Talvez tomem o seu depois.

Michelle concordou com a cabeça, depois abriu a gaveta de talheres e começou a guardá-los.

– Eles podem. Mas se isso acontecer, não seria o fim da minha vida. Eu voltaria a ser o que era antes. Isso não mudaria o que eu fiz e não mudaria quem sou – falou, fechando a gaveta.

– Bem, é fácil para cacete para você dizer isso, Bubbles – retrucou Joey. – Você tinha uma vida antes de sua carta virar. Eu só tinha merda. Exceto por minha mãe – falou, e pensar em sua mãe produziu um caroço hediondo no fundo da garganta de Joey. Ela engoliu e tentou não chorar. – Eu era só uma criança quando a minha carta virou.

E embora Joey tivesse apagado da memória quase todos os momentos daquele dia, imagens do que tinha acontecido ainda vinham à tona. E ela sabia que, se não tivesse se transformado em Hoodoo Mama, teria morrido.

– Sei que é fácil para mim – respondeu Michelle suavemente. Largou a toalha no balcão e se virou para encarar Joey. – E por isso eu preciso fazer algo para ajudá-la. Se você permitir.

Joey jogou a esponja na pia.

– E que porra você acha que pode fazer?

Michelle agarrou as mãos de Joey.

– Eu posso fazer Adesina entrar em sua mente, em suas lembranças, e ela pode... Ajudá-la.

Joey ficou imóvel.

– O que quer dizer?

– Você sabe que Adesina pode entrar em sua mente? Bem, quando estávamos em PPA, depois que toda a luta tinha terminado e ficamos para ajudar as crianças que encontramos lá, Adesina entrou nas mentes de algumas delas e... eliminou a dor delas. Ela as fez esquecer o que lhes aconteceu.

Michelle parou, depois soltou as mãos de Joey. Pegou o pano de prato, dobrou, então pendurou no gancho.

– Eu a impedi de fazer isso porque não gostava de como ficava deprimida depois.

– Bem, e por que você a deixaria entrar na minha mente sabendo que ela já esteve lá uma vez e que não foi uma diversão? – perguntou Joey, que

tinha as mãos trêmulas, e as enfiou nos bolsos do jeans. – Eu não a quero em minha mente. E não quero lembrar. Eu *não vou* lembrar. Por que deveria?

– Tenho pensado muito nisso. E conversei sobre isso com Adesina, para descobrir se meu plano poderia funcionar. Ela estará em sua mente, mas não do modo como normalmente entra na mente de alguém. Eu entrarei por ela. Bem, é mais com ela – falou Michelle, depois esfregando a testa e suspirando. – Não estou descrevendo isso direito. Adesina já uniu duas mentes separadas antes; por acaso. Então, será difícil. Mas ela quer ajudar. E, considerando nosso cronograma, não acho que possa haver qualquer outra solução. Então, é, eu não vou ganhar o prêmio de Mãe do Ano tão cedo.

– Porra – disse Joey, se balançando nos calcanhares. Ela meneou a cabeça. – Não acho que consigo deixar Adesina fazer isso. E se ela vir... algo que uma criança não deveria ver? E se *você* vir?

– Joey – a exasperação na voz de Michelle era evidente –, não podemos fugir dessas pessoas. Eu sequer consigo descobrir para quem eles trabalham. Você surta quando seu poder é tirado. Acho que tenho uma forma de consertar isso; ou pelo menos uma forma de fazer desaparecer a lembrança que engatilha isso. Você tem de aceitar não ter seu poder. Do contrário, poderão pegá-la. E não posso estar aqui o tempo todo. Você precisa lidar com isso. É, é uma bosta de uma solução, mas é a única que temos. Você acha que eu faria isso com minha filha se conseguisse pensar em alguma outra opção? E posso lembrar a você de que Adesina também corre risco com esses babacas?

– Honestamente, Bubbles – retrucou Joey, balançando para a frente e para trás na ponta dos pés –, vi você fazer algumas merdas bem feias.

– É? – retrucou Michelle, dando as costas a Joey e começando a guardar a louça no armário. – Bem-vinda ao mundo real.

Foram necessárias mais duas horas de argumentação antes que Joey deixasse Michelle e Adesina entrarem em sua mente – e apenas com o acordo de que se Joey dissesse algo a experiência seria encerrada.

– Onde quer fazer isso? – perguntou Joey. Elas estavam na sala de estar, e Joey dispensara a habitual guarda zumbi porque Adesina mencionara que eles estavam fedendo.

– É mais fácil quando a outra pessoa está adormecida – respondeu Adesina. – Foi assim que encontrei mamãe. Quando ela estava em coma.

– Bem, eu não estou cansada – retrucou Joey.

– Poderíamos subir e usar o quarto de hóspedes – sugeriu Michelle. – Você poderia deitar e apenas tentar relaxar.

– Porra – murmurou Joey, se virando e saindo da sala batendo os pés. Michelle e Adesina a seguiram. E Joey não deixou de notar que Michelle não dissera nada sobre o palavrão dito na frente da criança.

* * *

Adesina estava com um frio na barriga. Tinha certeza de que podia colocar mamãe na mente de tia Joey. Mas assim que elas estivessem lá, será que mamãe poderia protegê-la? Adesina amava tia Joey, mas havia coisas escondidas nos corredores e quartos escuros da mente dela que a assustavam.

Tia Joey deitou na cama, e mamãe deitou ao lado. Adesina subiu e se aninhou entre elas. O corpo de tia Joey estava rígido, os braços duros e apertados contra os lados do corpo. Mamãe rolou de lado e segurou a mão esquerda de tia Joey. Tia Joey suspirou e relaxou um pouco. E então Adesina deslizou para dentro da mente de mamãe.

Era um lugar confortável para Adesina. A mente de mamãe era como uma grande casa aberta. Havia vistas bonitas das janelas e muitos quartos brilhantes e arejados. Havia dois quartos nos quais mamãe não a deixava entrar, mas Adesina não ligava. Mamãe explicara que parte daquilo era coisa de adulto, e parte era particular.

E também havia coelhinhos na mente de mamãe. Adesina gostava dos coelhinhos, mas nunca conseguiu entender porque mamãe tinha tantos.

– E então, criança – disse mamãe. Ela estava de pé junto às janelas, olhando para uma vista, segurando um coelho gordo. – Está pronta para isto?

Ela se virou para Adesina, colocou o coelho no chão e Adesina correu e pulou nos seus braços.

– Estou pronta, mamãe – respondeu Adesina. E então se estendeu na direção de tia Joey.

Num instante, Michelle estava em sua própria mente, ou pelo menos na interpretação de Adesina para sua mente, e no instante seguinte ela e a filha estavam na entrada da frente de uma versão da casa de Joey. Mas era maior do que a casa de Joey de verdade. Havia corredores que partiam do salão principal. Michelle viu que neles havia portas fechadas.

– Joey? – gritou Michelle. Tentou não gritar no ouvido de Adesina, embora soubesse que ela não a estava carregando nos braços de verdade. – Onde você está, Joey?

– Aqui – respondeu Joey, atrás dela. Assustada, Michelle se virou. Ali estava Joey, à luz multicolorida das janelas em vitral na porta da frente. Parecia mais frágil e magra do que era na vida real.

– Você me deixou morrendo de medo – comentou Michelle. Estendeu a mão e tocou na barra de proteção de madeira esculpida em detalhes que corria por toda a extensão do saguão. – Sua casa parece diferente aqui.

– É, não sei se eu estou fazendo isso ou se é a Pumpkin – falou Joey, se virando lentamente e observando a entrada da frente e o saguão. – Imagino que se algum dia eu der um jeito no lugar poderá se parecer com isso. E aquela porta da frente é legal para cacete.

Michelle beijou Adesina na cabeça e a colocou no chão.

– Fim da linha para você, menina – avisou. – Quero que fique aqui, certo? Tia Joey e eu temos de seguir o resto do caminho sozinhas.

– Espere – pediu Joey. Ela passou por Michelle e abriu a primeira porta à esquerda. – Eu fiz uma coisa para Pumpkin.

Adesina e Michelle se viraram e olharam para o umbral. Dentro da sala, havia sofás muito macios e desbotados estofados com um padrão de crisântemo. Os sofás estavam colocados em frente a uma grande TV de tela plana. Dois zumbis corpulentos jogavam damas numa mesa sob a janela. Havia várias lontras sentadas nos sofás, comendo pipoca e vendo desenho animado na TV. Adesina deu um guincho de prazer, depois entrou correndo na sala e subiu no sofá ao lado da lontra menor.

Michelle olhou para Joey e inclinou a cabeça.

– Sério? Lontras comem pipoca?

– Minha cabeça, minhas regras – retrucou Joey, com um sorriso que surpreendeu Michelle. – Além disso, Adesina adora aquelas lontras.

– Eu sei – concordou Michelle. – Esquisito, não? Acho que deveríamos ir.

O sorriso de Joey murchou.

– É, acho que sim.

– Você vai ter de ir na frente – falou Michelle. – Não tenho ideia de por onde começar.

– Eu tenho – disse Joey. Sua voz era triste. – É por aqui.

Então, para grande surpresa de Michelle, Joey tomou sua mão.

Elas foram para o penúltimo corredor saindo do saguão principal e entraram nele. Havia luminárias de parede ali, mas várias das lâmpadas estavam queimadas. As paredes eram pintadas de um cinza fosco e os carpetes do corredor tinham um padrão de ondas em amarelo-esverdeado, cinza e marrom. Havia três portas em cada uma das paredes do corredor, e também uma porta na extremidade mais distante. Joey desacelerou, e Michelle teve de puxar sua mão para que se adiantasse novamente.

– Sei que você não quer fazer isto – disse Michelle. – Mas é a única escolha.

Joey parou diante da primeira porta à direita.

– Eu sei – falou, enquanto esticava a mão e abria a primeira porta à direita.

A luz do sol banhou o corredor. Elas passaram pelo umbral. A luz era tão brilhante que por um momento Michelle ficou cega. Piscou, e imagens desfocadas se transformaram em pessoas.

Michelle e Joey estavam de pé no alto de uma colina. Abaixo delas, uma mulher alta, magra e graciosa num vestido leve azul ria de algo que um homem de pernas arqueadas ao lado dissera. Ela tomou um longo gole de uma lata grande que tinha nas mãos. Ao redor deles, corria uma menininha baixa e magrela.

– Mamãe – sussurrou Joey. Depois apontou para a menininha. – Aquela lá sou eu.

– Quantos anos você tinha? – perguntou Michelle. Não conseguia desviar os olhos da cena. Tudo nela era dourado e cálido.

– Onze – respondeu Joey, a voz falhando. Michelle olhou para ela.

– Por que está chorando? – perguntou Michelle, perplexa. – Você parece muito feliz aqui.

– É a última lembrança feliz que tenho, porra.

Michelle voltou a olhar a cena. Os cabelos de Joey estavam trançados, e ela vestia camiseta rosa e macacão. Jogava a cabeça para trás e ria sem parar, a imagem perfeita da mãe.

– Foda-se isto – falou Joey. Ela as arrancou da sala, depois bateu a porta. A luz dourada tinha se apagado, e estavam de volta ao corredor soturno.

Joey largou a mão de Michelle, correu para outra porta e a escancarou. Michelle correu para alcançá-la. Dentro, a mãe estava sentada numa cama com Joey. A mãe usava um vestido florido leve, e o cabelo estava despenteado. Joey vestia uma camiseta azul com jeans desbotados, mas limpos.

– Nunca vou deixar você, minha menina – prometeu a mãe de Joey, as palavras arrastadas. Deu um tapinha na cabeça da filha e brincou com suas tranças. – Não sei de onde você tira essas ideias malucas.

Joey tinha uma expressão doentia.

– Você tem passado muito tempo de cama, mamãe – respondeu Joey, tocando a bochecha da mãe. – E esquece as coisas. E não quer mais comer... – a voz dela murchou.

– Ah, minha menina, você sabe que sua mãe tem memória ruim. – A mãe recostou sobre os travesseiros. Michelle então viu que a barriga da mãe de Joey estava inchada, e a pele acinzentada. Mesmo os brancos dos olhos estavam amarelos. Ela estava doente; muito doente. A mãe continuou: – Sempre tive memória ruim. Não há nada de mais nisso. Seu tio Earl John está aqui para me ajudar a lembrar das coisas.

– Mamãe – Joey se aproximou mais da mãe –, eu não gosto do tio Earl John. Não entendo por que está com ele.

– Minha menina – disse a mãe, se levantando de novo. Pareceu demandar um grande esforço para isso. – Quando você ficar mais velha vai entender que é difícil ganhar a vida. Seu tio Earl John cuida de nós. Ele compra para nós o que precisamos.

– Eu não quero porra nenhuma do que ele compra – retrucou Joey com uma voz ranzinza. A mãe desferiu um tapa no seu rosto.

– Não fale comigo assim. – Seu tom era raivoso, mas os olhos estavam assustados. – E não use essa linguagem repulsiva.

A jovem Joey esfregou a bochecha, e a Joey adulta a imitou. Michelle queria dizer algo para ajudar, mas estava perdida. Seus pais foram horríveis, mas nunca bateram nela.

Então, a mãe começou a chorar.

– Ah, Deus – disse, puxando a jovem Joey para seus braços. – Desculpe, minha menina. Eu amo você e só quero que esteja em segurança

depois... Só quero que esteja em segurança. Tio Earl John irá mantê-la em segurança. Ele prometeu.

– Foi a única vez que ela me bateu – contou a Joey adulta, a voz pastosa. – Ela nunca deixou *ninguém* encostar em mim. Jamais. Nenhum dos escrotos com quem se casou. Nenhum daqueles com quem só fodeu. Eles podiam dar uma surra nela, mas ela nunca deixou que me batessem.

Ela tirou Michelle daquela sala e bateu a porta.

– E agora para onde? – perguntou Michelle. No final do corredor, havia uma porta ladeada por duas luminárias de parede bruxuleantes. – Que tal aquela?

– Não – disse Joey, recuando um passo enquanto limpava as lágrimas das bochechas.

– Talvez seja o que estamos procurando – comentou Michelle, agarrando a mão de Joey e a puxando na direção da porta.

– Michelle, não! – gritou Joey.

Mas era tarde demais. Michelle já estava abrindo a porta. Passou pelo umbral, arrastando Joey, e se viu numa elevação debruçada sobre um cemitério. Um pequeno grupo de pessoas estava reunido em torno de uma das pequenas criptas.

Michelle viu a jovem Joey. Usava um vestido azul-escuro e soluçava. Junto a ela estava o homem da primeira sala. Acariciava as costas de Joey, e a visão daquele ato arrepiou os pelos da nuca de Michelle.

De repente, Michelle se viu na sala de estar de uma casa comprida. Havia refogados colocados em mesinhas de jogo, e um grupo de mulheres se agitava ao redor da comida e de Joey. Michelle podia ver a cozinha, onde um grupo de homens conversava e bebia. As mulheres na sala de estar resmungavam da bebida dos homens entre tentativas de fazer Joey comer. Mas Joey ficava sentada encolhida no sofá puído e chorava.

A cena mudou novamente. Estava escuro do lado de fora, e Michelle ouviu alguém batendo na porta dos fundos da casa. Joey continuava no sofá, pernas encolhidas e encostadas no peito. O rosto estava vazio. Os convidados tinham partido, e alguém limpara a sala.

– Ei, minha menina – disse uma voz alta e pastosa. Joey não respondeu, mas Michelle se virou. O homem baixo de pernas arqueadas se apoiava no batente da porta. Havia manchas de suor em sua camisa, e ele afrouxara a gravata. Era o homem do funeral. O tio de Joey, Earl John. –

Minha menina! – gritou. Michelle podia sentir o cheiro de álcool no hálito dele. – Está me ouvindo?

Por um momento, Joey não se moveu, mas depois se virou na direção dele.

– Não me chame assim – disse numa voz fria. – Ninguém além de minha mãe me chama assim.

– Bem, sua mãe bêbada e drogada está gelada de morta – respondeu ele, se soltando do batente. Entrou na sala de estar cambaleando. – Todo o dinheiro que gastei com aquela bêbada escorreu pelo ralo. Mas você, bem, você vai dar um jeito nisso. Vai limpar minha casa, arrumar meu jantar e deitar na minha cama.

Ele a agarrou. Joey deu um berro e tentou soltar o braço. Mas ele apertou com força e a puxou do sofá.

Michelle tentou borbulhar por instinto, mas nada aconteceu. Claro que não. Aquilo era a lembrança de Joey, e Michelle era apenas uma espectadora. Então, se deu conta de que sua Joey – a Joey adulta – tinha desaparecido.

– Me solte! – berrou Joey, mas sua voz e seu rosto ficaram oscilando entre a Joey criança e a adulta. – Me solte!

Ela chutou, mas isso não adiantou nada. Joey era uma coisinha magricela.

"Não. Não. Não. Não. Eu não quero ver isto", pensou Michelle. "Deus, eu não quero."

A lembrança começou a se fragmentar. Michelle se viu num quarto. Uma fresta de luz batia na cama vindo da porta aberta do banheiro. O cheiro pesado de Bourbon estava por toda parte.

O teto tinha uma mancha, uma mancha marrom de água de um vazamento no telhado. Joey se lembrava da aparência. As beiradas eram mais escuras que o centro. Então, ele estava agarrando suas pernas e as abrindo à força. Joey berrou, ele largou uma das suas pernas e se atrapalhou com as calças. A mancha parecia o estado de Illinois.

Havia um grande peso sobre o peito de Joey. Ela não conseguia se mover. O mundo girou, e ela achou que iria ficar enjoada. Ela rolou e começou a engasgar. Earl John a empurrou para fora da cama.

– Vomite no banheiro – ordenou ele.

Joey engatinhou até o banheiro. Os ladrilhos do piso eram azuis, e até aquele dia Joey sempre adorara a cor deles. Levantou o assento do vaso e vomitou em seco. Não saiu nada, porque não comia havia dois dias.

Algo escorreu pela sua perna. Ela passou a mão por cima. A mão ficou viscosa, e com o cheiro do rio.

A lembrança deu outro salto. Earl John estava segurando Joey de barriga para baixo na cama. Joey enfiou o rosto no travesseiro e sentiu o cheiro da mãe que ainda permanecia lá. Era o perfume de rosas preferido de mamãe. Joey ouviu os próprios gritos patéticos e os grunhidos de Earl John, mas aquilo soava como se viesse de algum outro lugar. Algum lugar muito distante.

Então, ele terminou, rolou de cima de Joey e foi à cozinha. Houve o som da geladeira sendo aberta e um copo sendo enchido de cubos de gelo.

Joey queria morrer. Ela podia morrer ali com o cheiro de mamãe em seu nariz. Ficariam juntas, e ela não teria mais de sentir a viscosidade repulsiva entre suas pernas.

– Você fique aí como está, minha menina – mandou Earl John. – Eu vou tirar todos os seus cabaços esta noite.

Joey não sabia o que ele queria dizer. Mas sabia que mamãe não iria querer que tocasse nela. Mamãe nunca deixara nenhum deles tocar nela. Jamais!

Earl John virou sua bebida e colocou o copo na cômoda. Foi na direção de Joey, e então houve outro salto no tempo.

Alguém estava esmurrando a porta da frente. Depois, houve o som de madeira se partindo. Earl John deu um pulo, foi até a mesinha de cabeceira e tirou uma arma da gaveta.

– Que porra é essa? – quis saber ao dar meia-volta. Depois, deu um berro agudo. Joey rolou o corpo e viu mamãe no umbral.

– Você machucou minha menina – falou mamãe. Mas foi a voz de Joey que saiu de sua boca. – Eu lhe disse para cuidar dela.

Earl John acertou mamãe no peito duas vezes.

Mas mamãe apenas sorriu.

– Você não pode mais nos machucar, Earl John – respondeu ela. Joey também enunciou as palavras. – Não pode mais nos machucar, seu escroto.

E então mamãe arrancou a cabeça de Earl John.

Joey se sentou no meio da cama, os joelhos colados no queixo. O corpo inteiro doía. Mamãe chegou e também se sentou na cama.

– Eu lamento, minha menina, não deveria ter deixado você sozinha – falou ela. A voz ainda era a de Joey.

– Está tudo bem, mamãe – respondeu Joey. Ela engatinhou até a mãe e passou os braços ao redor dela. Depois, apoiou a cabeça no ombro de mamãe. – Você está aqui agora.

Então, Joey olhou ao redor da sala. Earl John estava espalhado por toda parte. Os lençóis estavam nojentos e sujos de sangue. Depois, olhou para si mesma. Havia hematomas em suas pernas e seus braços, e sangue em suas coxas. Começou a tremer.

– O que eu faço? – perguntou. – Eu tenho de fazer alguma coisa.

Mamãe riu.

– Bem, minha menina, você precisa se vestir. Mas antes de fazer isso, deveria se lavar. Use o meu chuveiro.

Joey deslizou para fora da cama, mas suas pernas estavam fracas e mal a sustentaram. A mãe a agarrou, ajudou a chegar ao banheiro e abriu a água do chuveiro até ficar morna – quase quente. Ajudou Joey a entrar, depois Joey se lavou repetidamente, até só conseguir sentir o cheiro do sabonete da mãe.

Depois a mãe a ajudou a se vestir e trançou o cabelo dela novamente. Foram juntas ao quarto de Joey e arrumaram uma mala. A mãe voltou ao seu quarto e revirou as coisas de Earl John até juntar todo o dinheiro que ele tinha. Joey esperou que ela terminasse.

– Para onde vamos, mamãe? – perguntou Joey quando ela voltou.

– Para onde você quiser, minha menina – respondeu a mãe na voz de Joey. – Para onde você quiser.

Depois que a mãe de Joey a salvou, as lembranças ficaram fragmentadas.

Mas uma constante do resto daquela noite terrível foram os zumbis. Após reanimar a mãe, Joey começou a erguer cada vez mais mortos. Eles estavam em diferentes estágios de decomposição, mas o cheiro não incomodava Joey. E quanto mais zumbis ela erguia, mais forte se sentia. E sua mãe se orgulhava dela.

Mas, como todos os zumbis, a mãe começou a desmanchar. Foi quando Joey se deu conta de que ela tinha mesmo morrido.

Joey recolocou a mãe em sua cripta e a deixou lá. Depois, mergulhou no submundo de Nova Orleans e se transformou em Hoodoo Mama. Como Hoodoo Mama, ela comandava os vigaristas, as prostitutas de rua e as pessoas perdidas que permaneciam na periferia. Joey era uma rainha nesse mundo e sua justiça contra os homens que feriam mulheres era rápida e terrível.

E Hoodoo Mama nunca mais deixou ninguém machucar Joey.

Enquanto acompanhava tudo aquilo, Michelle se deu conta de que estivera errada. Embora quisesse apagar da mente de Joey o horror do que havia acontecido naquela noite, não seria certo fazer isso. O que acontecera se tornara parte de Joey. Aquilo fazia dela quem e o que ela era. Havia formas de lidar com a própria dor, mas fazer Adesina eliminar essa parte era errado. Fazer isso seria banir Hoodoo Mama para sempre.

Elas teriam de lidar com o sr. Jones e seu ás ladrão de poderes de alguma outra forma.

Assim que se deu conta disso, Michelle se viu de volta ao saguão com Joey e Adesina. Joey estava sentada no chão.

– Querida, como você chegou aqui? – perguntou Michelle a Adesina. – Achei que tínhamos dito que você ficaria na outra sala.

– Eu sei, mamãe – retrucou Adesina. Estava sentada nas pernas de trás, com as da frente nas mãos de Joey. Lágrimas corriam pelas faces de Joey. – Mas tia Joey precisava de mim, e você estava presa.

– Você viu alguma coisa? – perguntou Michelle, nervosa.

Adesina balançou a cabeça.

– Não, só alguns zumbis. Mas eles estão por toda parte aqui.

Michelle se jogou no chão ao lado de Joey.

– Você está bem? – perguntou.

Joey meneou a cabeça, negando.

– Não sei. – Joey olhou para Michelle. Lágrimas cobriam suas bochechas e os olhos estavam vermelhos e inchados. – Mamãe voltou para mim e fez com que ele pagasse. Ela disse que iria me manter em segurança. – As lágrimas corriam pelo rosto dela. – Porra, odeio chorar. E eu nunca, jamais quis pensar nisso novamente. Hoodoo Mama acabou com isso.

– Joey – começou Michelle, estendendo a mão e limpando as lágrimas do rosto dela –, o que aconteceu com você foi indizível. E era apenas uma

criança. Você fez o que precisava para sobreviver.

– O escroto pediu aquilo – falou Joey, sibilando.

– Ah, eu acho que isso mal consegue compensar tudo – respondeu Michelle. Ela se sentou na frente de Joey e segurou as mãos dela. – Mas você era só uma garotinha. Mesmo que roubem o seu poder, você agora é uma mulher adulta. Eles não podem controlar você.

– Mas se não sou Hoodoo Mama, quem eu sou? – indagou Joey com um choro sofrido. – Você viu o que aconteceu comigo. Se não sou Hoodoo Mama, como posso deter aqueles escrotos?

– Você é Joey Hebert, porra – retrucou Michelle. – E Joey Hebert é Hoodoo Mama, tenha ela ou não um poder de Carta Selvagem. Essa é quem você é, merda. E depois de amanhã nós iremos dizer a esse sr. Jones que ele tem de parar de foder com nós *duas*.

– Mamãe, olha a boca – disse Adesina.

Estava quente e úmido na manhã em que deveriam se encontrar com o sr. Jones. Os olhos de Joey estavam irritados pelas noites em claro, e ela os esfregou. Ouvira Michelle acordar no meio da noite e descer a escada. Depois a ouvira voltar para a cama por volta das quatro horas. Joey imaginara que ela também não conseguia dormir.

Às oito horas da manhã, houve uma batida na porta da frente. Joey foi até lá ladeada por dois zumbis do tamanho de jogadores de futebol americano. Encontrou na varanda uma mulher loura de terno azul-marinho elegante. Depois, viu um utilitário preto com vidros escuros estacionado na frente da casa.

– Bom dia, sou Clarice Cummings e estou aqui para pegar a filha da srta. Pond – disse educadamente a loura. – Poderia lhe dizer que estou aqui?

"Outro dos golpes do sr. Jones", pensou Joey imediatamente. Seus zumbis avançaram na direção da tal Cummings.

– É, isso é babaquice, moça. Pode mandar o sr. Jones se foder. Ou eu posso mandar você de volta para ele em pedaços.

– Joey, está tudo bem – falou Michelle, correndo na direção da porta da frente. – Eu pedi um favor. Obrigada pela ajuda, srta. Cummings. Adesina logo estará aqui.

A srta. Cummings sorriu, e Joey viu que gostava um pouco dela.

– Fico feliz em ajudar. Adesina é uma das minhas alunas preferidas.

– Srta. Cummings! – exclamou Adesina, passando entre as pernas de Joey e Michelle. – Mamãe, você não me disse que a srta. Cummings estaria aqui!

Michelle sorriu.

– Eu queria fazer uma surpresa. Além disso, você já perdeu aulas demais esta semana. Agora você vai com ela, e eu pego você de tarde.

– Estou sem minha mochila – apontou Adesina, desconfortável.

– Isso não será problema – falou a srta. Cummings. – Tudo para hoje está no computador.

Adesina deu pulinhos de alegria. A srta. Cummings riu, depois se virou e começou a descer os degraus. Adesina a seguiu.

– Eu não recebo um beijo? – perguntou Michelle, a voz de fingida tristeza.

Adesina deu meia-volta e voou para os braços de Michelle.

– Desculpe, mamãe. – E deu um grande beijo na bochecha de Michelle.

Michelle beijou a testa de Adesina.

– Verei você em breve – disse, e colocou a menina no chão.

Adesina correu de volta para a srta. Cummings e começou a tagarelar, animada, sobre aulas.

Joey balançou a cabeça.

– Eu não entendo essa porra – falou. – Eu odiava escola.

– Bem, Adesina adora – falou Michelle. – E eu precisava de algum lugar seguro para ela hoje. Antes de voltarmos para os Estados Unidos, conversei com Juliette sobre a educação de Adesina. Não queria mandá-la para uma escola comum, e seria idiotice de minha parte tentar ensinar a ela em casa. Até pensei em me mudar para a Cidade dos Curingas para que frequentasse a escola lá, mas me preocupei com tudo o que envolvia ser um curinga. E queria que ela tivesse a educação mais normal possível.

Joey riu.

– Você quer dizer o mais normal possível para um curinga que pode entrar nas mentes dos outros Cartas Selvagens? Com uma mãe que é uma das ases mais poderosas da Terra? – disse, se virando e entrando. – Você vem?

– Acho que sim – retrucou Michelle. Seguiu Joey para dentro, depois fechou a porta da frente. – Seja como for, Juliette descobriu este programa para crianças Cartas Selvagens. Eles acompanham seu desenvolvimento, dão aulas e oferecem um lugar onde eles não são a única Carta Selvagem.

E é uma mistura de ases e curingas. Também oferecem um cronograma flexível. Adesina começou quando voltamos da África.

Michelle e Joey seguiram pelo corredor até a cozinha. Joey pegou a cafeteira e Michelle tirou o café do armário. Brincou com a beirada do saco.

– Há mais uma coisa – continuou Michelle. – A srta. Cummings sabe que Juliette fica com Adesina se alguma coisa me acontecer.

– Mas nada vai lhe acontecer – disse Joey. – Quero dizer, o que podem lhe fazer?

Michelle deu de ombros.

– Quem sabe?

Mas ambas sabiam. Se o poder de Michelle pudesse ser roubado, ela podia ser morta.

* * *

Michelle não estivera na Jackson Square desde que absorvera a detonação nuclear de Little Fat Boy. Havia um monumento a ela em um dos cantos do parque. Flores e cartazes feitos à mão decoravam uma pequena placa oficial.

Ela sabia que o sr. Jones escolhera Jackson Square para sacaneá-la. Absorver aquela explosão causara algo terrível a Michelle. Isso a deixara quase louca, depois a colocara num estado de coma durante o qual vagara sozinha por mais de um ano. Isto é, até Adesina encontrá-la e tirá-la daquele lugar escuro e insano.

A praça e a área ao redor estavam estranhamente vazias, e Michelle não gostou nada daquilo. Ela e Joey eram as únicas pessoas lá. Até mesmo o Café Du Monde estava vazio. E sempre havia pelo menos dois sem-teto acampados nos bancos. Mas não naquela manhã. Sem dúvida, parte dos preparativos do sr. Jones.

Ela examinou a área. O sr. Jones ainda não havia chegado, mas ela e Joey estavam um pouco adiantadas. Joey estava de vigia em toda a praça usando pássaros e insetos zumbis. Elas concordaram que Joey não faria uma grande demonstração de poder zumbi. Não apenas por querer que o sr. Jones visse que estavam cooperando, mas porque no caso de o poder de

Joey ser tomado novamente, haveria menos coisas mortas que o outro Carta Selvagem pudesse usar.

– Como conseguiram tirar todo mundo daqui, cacete? – perguntou Joey. Enfiou as mãos nos bolsos do jeans e balançou para trás nos calcanhares.

Michelle deu de ombros.

– Não faço ideia. Mas devem ter influência para esvaziar em época de Carnaval.

– Vocês estão adiantadas – disse o sr. Jones.

Michelle deu um pulo e depois meia-volta. Dorothy e um jovem de suéter com capuz estavam de pé ao lado dele. Uma bolha se formou na mão de Michelle. Ela a fez pesada. Quando liberada, seria rápida como o diabo. Quando os atingisse, seria uma carnificina. Podiam tomar seu poder, mas ela iria usar uma última bolha. E fazer com que fosse importante.

– Olá, Michelle – falou Dorothy com leveza. Usava um vestido azul-claro com avental listrado e os cabelos estavam presos dos dois lados da cabeça.

– Você está andando com más companhias – retrucou Michelle. A bolha tremeu em sua mão. – Mas a roupa é bonita.

Dorothy sorriu e alisou a saia.

– Obrigada! Minha mãe disse que eu sempre me meteria em apuros.

Era um grupo estranho: a garota, o garoto de capuz e o homem que era obviamente um tipo "matar-primeiro-fazer-perguntas-depois". Michelle sabia que o poder de Dorothy era teletransporte, então ela não era a ladra de poderes. Isso deixava apenas o sr. Jones e o garoto de aparência infeliz.

– Só estou aqui para uma conversinha – explicou o sr. Jones com um sorriso cheio de dentes. A despeito da umidade e do calor crescente, ele parecia refrescado. Michelle ficou pensando em como isso seria possível. Até mesmo o terno dele era engomado e impecável.

– Você já conhece Dorothy. Este é Dan. É ele quem tem tomado o poder da srta. Hebert.

– Seu fodido! – berrou Joey.

– Ah, acho que não – falou o sr. Jones. – Se o vento estivesse soprando na sua direção, você saberia por quê.

– Ei! – gritou o Sujeito Encapuzado.

– Por que está me contando isto? – perguntou Michelle. – Quero dizer, não conseguem ver esta bolha? Seu menino pode arrancar os poderes de nós duas antes que eu solte esta bolha?

O sr. Jones sorriu, e Michelle desejou não ter visto aquilo. Ela lutara contra pessoas malucas antes. Até mesmo combatera pessoas que estava convencida de ser más. Mas o sr. Jones era pior. Os olhos dele eram frios e mortos. E o terno e todos os seus sorrisos não conseguiam disfarçar que era desprovido de humanidade.

– Achei que tinha ficado claro, srta. Pond. Matar a mim, ou mesmo nós três, não deterá minha organização. Pode me considerar um menino de recados. Eu faço entregas, envio mensagens, coloco o lixo para fora. No grande esquema das coisas, sou desimportante.

Ele sorriu de novo. Não melhorava com a repetição.

– Por exemplo, eu poderia matar o jovem Dan aqui – falou ele.

Então, com um movimento rápido, ele enfiou a mão no paletó, sacou uma Glock e a colou na cabeça do Menino Encapuzado.

– Cacete! – berrou Joey.

– Merda! – disse o Menino Encapuzado.

Michelle deixou sua bolha voar, mas Dorothy tocou o sr. Jones e o Menino Encapuzado, e eles se teletransportaram três metros para a esquerda. A bolha atingiu a cerca de ferro forjado que rodeava o parque e abriu nela um enorme buraco.

– Acalme-se, srta. Pond – pediu o sr. Jones. – Só estou tentando explicar que mesmo pessoas úteis chegam ao fim de sua utilidade. Dan tem sido proveitoso, mas o poder dele, diferentemente do seu, agora parece ser imprevisível. Mas nós nos adaptamos.

– Jesus, cara – falou o Menino Encapuzado com a voz trêmula. – Eu faço o que você quiser, só não atire em mim.

– A srta. Hebert tem um poder muito bom, mas seu perfil psicológico é... inferior – continuou o sr. Jones com um leve sorriso, ignorando Dan. – Ela é instável demais para ser de qualquer utilidade para nós além de manipular você.

Michelle queria abrir um buraco nele, mas sabia que Dorothy os teletransportaria mais uma vez.

Foi quando Michelle ouviu. Um leve ruído agitado acima dela. Ergueu os olhos e lá – descendo em espiral na direção deles – estavam centenas de pássaros zumbis. Dan, o sr. Jones e Dorothy acompanharam seu olhar.

– Que irritante – comentou o sr. Jones. – Dorothy...

A garota agarrou a parte de trás do capuz de Dan e os dois se transportaram. Reapareceram junto a Joey, e Dan agarrou sua mão. Joey deu um berro.

De repente, os pássaros zumbis começaram a voar de forma errática, se chocando uns com os outros.

Então, Dan deu um berro e o rosto ficou vermelho. Veias incharam em seu pescoço.

– Dan, você é uma grande decepção... – falou o sr. Jones calmamente.

Ele fez uma careta e voltou a apontar a Glock para Dan. Um pombo mofado se chocou contra o rosto do sr. Jones, e então Joey e Dan engasgaram ao mesmo tempo.

A revoada de pássaros zumbis se reuniu novamente e começou a baixar sobre o sr. Jones e Dan.

– Você brincou com a minha dor, seu escroto – acusou Joey. – Isso não foi legal.

Dan ficou de joelhos e se lançou sobre Michelle. Tocou seu braço nu, e houve uma torção terrível dentro dela. O mundo se inclinou e ficou cinza por um momento. Então, o contato foi rompido e Michelle cambaleou para trás. Estava vazia por dentro, como se alguém tivesse retirado uma parte dela. Era medonho.

Dan fez um som de choramingo e caiu de joelhos enquanto bolhas enchiam suas mãos e subiam para os pássaros zumbis que se lançavam sobre ele. Mas, em vez de explodir, as bolhas continuaram a se elevar como se feitas de água com sabão.

Então, o poder de Michelle voltou para ela como numa onda. Ele a encheu e a deixou íntegra. O alívio a inundou. Ela era Bubbles novamente.

Dan ainda estava caído. Era claro para Michelle que sua capacidade de tomar poderes se esgotara. Então, isso deixava apenas Dorothy e seu teletransporte, e o sr. Jones e sua Glock.

– Menininha – começou Joey, a voz fria. – Dorothy é seu nome? Sugiro que volte para os escrotos que a mandaram e diga a eles que somos intocáveis. Ou então haverá mais *disso*.

Então, num piscar de olhos, a revoada zumbi se lançou sobre o sr. Jones e Dan.

Dan ficou lá, se contorcendo e chorando, enquanto os pássaros o cobriam. Michelle teve uma momentânea pontada de culpa ao vê-lo

enterrado sob os pássaros, mas se lembrou de como se sentira quando ele tomara seu poder, e uma raiva fria tomou conta dela.

O sr. Jones sacou sua Glock e começou a atirar, mas suas balas eram inúteis contra a revoada zumbi. Então, baixou a arma e apontou para Joey, mas era tarde demais.

Os pássaros o engoliram, e ele guinchou enquanto arrancavam sua carne. Largou a arma e começou a arrancar os pássaros de cima de seu rosto, esmagando-os no processo. Mas eram muitos. E continuavam a avançar sobre ele.

– Eu sou Hoodoo Mama, escrotos – falou Joey. Seu tom era gelado e autoritário. – E este é o *meu* pedaço.

Dorothy soltou um guincho e desapareceu.

Ficou escuro, e Michelle voltou a erguer os olhos. O céu estava tomado por milhares de pássaros mortos cobrindo o Sol. Corvos, pombos, marrecos, pardais e muitos mais que não reconhecia. Nunca antes vira Joey ressuscitar tantas coisas mortas ao mesmo tempo.

E quando Michelle olhou para Joey, ficou assombrada. A garota assustada e nervosa que Michelle tentara proteger desaparecera. Os olhos de Joey se tornaram pretos e duros, e o rosto estava tomado por fúria. Parecia estar se tornando cada vez maior. Como se houvesse transfigurado em uma força da natureza.

Não. Ela se tornara uma força *além* da natureza.

Uma força mais poderosa que a morte.

Aquela era Hoodoo Mama.

E que Deus ajudasse quem mexesse com ela.

No instante seguinte, o sr. Jones desapareceu, envolvido pela nuvem zumbi. Berrava sem parar. O sangue formava uma poça sob a massa de pássaros.

– Ah, Jesus! – guinchou. – Ajudem-me! Jesus, ajudem-me!

– Jesus não pode ajudá-lo, escroto – respondeu Joey com uma voz fria. – Ninguém pode.

Então, a massa de pássaros desabou quando o sr. Jones desmanchou no chão. Ainda assim, continuou chutando e berrando.

– Mãe – berrou ele. – Mamãe!

A voz dele se tornou um lamento agudo.

E o silêncio. Por quase um minuto, um dos seus pés se projetou da massa de pássaros enquanto ele chutava e sacudia.

Mas, depois de um tempo, o sr. Jones parou de fazer até mesmo isso.

E Dan já estava imóvel e silencioso.

Joey se virou e encarou Michelle com um sorriso no rosto.

– Acho que você estava certa, Bubbles. Acho que eu *vou* ficar bem.

Com isso, Joey abriu os braços e girou. Dez mil pássaros zumbis giraram ao redor dela e foram em direção ao céu.

George R.R. Martin

Ganhador dos prêmios Hugo, Nebula e World Fantasy, sucesso de vendas do *New York Times* e autor da série de fantasia "As crônicas de gelo e fogo", que virou referência, George R.R. Martin tem sido chamado de "o Tolkien americano".

Nascido em Bayonne, Nova Jersey, lançou seu primeiro livro em 1971 e rapidamente se consolidou como um dos mais populares autores de ficção científica da década. Logo se tornou constante da *Analog* de Ben Bova com contos como "With Morning Comes Mistfall", "And Seven Times Never Kill Man", "The Second Kind of Loneliness", "The Storms of Windhaven" (em colaboração com Lisa Tuttle, depois ampliado por eles para se tornar o romance *Windhaven*), "Override" e outros, embora também tivesse vendido contos para as revistas *Amazing*, *Fantastic*, *Galaxy*, *Orbit* e outras. Um dos seus contos para *Analog*, a impressionante novela "A Song for Lya", deu a ele seu primeiro prêmio Hugo em 1974.

No final dos anos 1970, ele tinha chegado ao ápice de sua influência como autor de ficção científica e produzia seus melhores trabalhos do gênero, com contos como o famoso "Sandkings", seu mais conhecido, que ganhou o Nebula e o Hugo em 1980 (ele receberia outro Nebula em 1985 pelo conto "Portraits of His Children"); "The Way of Cross and Dragon", que ganhou o Hugo no mesmo ano (fazendo de Martin o primeiro autor a receber dois prêmios Hugo de ficção no mesmo ano); "Bitterblooms"; "The Stone City"; "Starlady" e outros. Esses contos seriam reunidos em *Sandkings*, uma das melhores antologias da época. A essa altura, ele havia se afastado da *Analog*, embora ainda fosse ter uma longa sequência de contos sobre as aventuras interestelares cômicas de Haviland Tuf (depois reunidas em *Tuf Voyaging*) nos anos 1980 publicada na *Analog* de Stanley

Schmidt, bem como alguns trabalhos isolados, como a novela *Nightflyers*. Contudo, a maior parte do seu trabalho do final dos anos 1970 e começo dos 1980 seria publicada em *Omni*. O período também contou com a publicação de sua memorável obra *Dying of the Light*, romance de ficção científica em volume único, enquanto os contos foram reunidos em *A Song for Lya*, *Sandkings*, *Songs of Stars and Shadows*, *Songs the Dead Men Sing*, *Nightflyers* e *Portraits of His Children*. No começo dos anos 1980, ele trocou a ficção científica pelo terror, publicando o grande romance de horror *Sonho febril* e recebendo o prêmio Bram Stoker pelo conto de horror "The Pear-Shaped Man" e o World Fantasy pela novela de lobisomem "The Skin Trade". Mas, no final da década, a queda das ficções de terror e o fracasso comercial de seu ambicioso romance do gênero, *The Armageddon Rag*, o levaram a passar do mercado editorial para uma carreira de sucesso na televisão, onde trabalhou por mais de uma década como editor de roteiro ou produtor de programas como o novo *Twilight Zone* e *Beauty and the Beast*.

Após anos afastado, retornou ao mundo dos livros de modo triunfante em 1996 com a publicação do romance fantástico de imenso sucesso *Guerra dos tronos*, o começo de sua sequência de "As crônicas de gelo e fogo". Uma novela extraída dessa obra, *Blood of the Dragon*, deu a Martin outro prêmio Hugo em 1997. Outros livros de "As crônicas de gelo e fogo" – *A fúria dos reis*, *A tormenta de espadas*, *O festim dos corvos* e *A dança dos dragões* – tornaram a série uma das mais populares, aclamadas e vendidas de toda a fantasia moderna. Os livros se transformaram em uma série de TV da HBO, *Game of Thrones*, que se tornou um dos programas mais vistos e elogiados da televisão e fez de Martin alguém conhecido fora dos limites habituais do gênero, chegando até a inspirar uma sátira dele no programa *Saturday Night Live*. Os livros mais recentes de Martin são *A dança dos dragões*, romance da série "As crônicas de gelo e fogo"; uma enorme coletânea retrospectiva de toda a sua carreira, *GRRM: A RRetrospective*; uma antologia de novelas, *Starlady and Fast-Friend*; um romance escrito em parceria com Gardner Dozois e Daniel Abraham, *Hunter's Run*; e, como editor, diversas coletâneas editadas em parceria com Gardner Dozois, entre elas: *Warriors*, *Songs of the Dying Earth*, *Songs of Love and Death* e *Ruas estranhas*, além de vários volumes de sua longa antologia "Wild Cards", como *Busted Flush* e *Inside Straight*. Em

2012, Martin recebeu o Life Achievement Award na World Fantasy Convention.

Aqui, ele nos leva à terra turbulenta de Westeros, lar da série de gelo e fogo, para a história sangrenta de um choque entre duas mulheres muito perigosas cuja amarga rivalidade e ambição lançam toda Westeros em uma guerra desastrosa.

A princesa e a rainha
ou os "negros" e os "verdes"

Sendo esta a história das causas, origens, batalhas e traições do mais trágico banho de sangue conhecido como A Dança dos Dragões, segundo o registro de arquimeistre Gyldayn, da Cidadela de Vilavelha (Aqui transcrita por GEORGE R.R. MARTIN)

A Dança dos Dragões é o nome romântico dado à selvagem disputa interna pelo Trono de Ferro de Westeros, travada entre dois ramos rivais da Casa Targaryen entre os anos de 129 e 131 d.C. Caracterizar os acontecimentos sinistros, turbulentos e sangrentos desse período como uma "dança" nos soa grotescamente inadequado. Sem dúvida, a frase é de autoria de algum cantor. "A Morte dos Dragões" seria muito mais adequado, mas a tradição e o tempo gravaram a versão mais poética nas páginas da história, então temos de dançar com o restante.

Havia dois principais pretendentes ao Trono de Ferro depois da morte do Rei Viserys I Targaryen: sua filha Rhaenyra, a única sobrevivente do primeiro casamento, e Aegon, o filho mais velho com sua segunda esposa. Em meio ao caos e à carnificina produzidos por essa rivalidade, outros pretensos reis também se apresentariam, exibindo-se tal qual atores num cenário por uma quinzena ou uma lua, apenas para cair tão rapidamente quanto tinham surgido.

A Dança dividiu os Sete Reinos em dois, com lordes, cavaleiros e pessoas comuns escolhendo um lado ou outro e armando-se uns contra os outros. Até mesmo a própria Casa Targaryen ficou dividida quando amigos, parentes e filhos de cada um dos pretendentes se envolveram na

luta. Ao longo dos dois anos de conflito, um preço terrível foi cobrado dos grandes senhores de Westeros, e também de seus soldados, cavaleiros e homens do povo. Embora a dinastia tivesse sobrevivido, o fim da luta viu o poder dos Targaryen muito diminuído e os últimos dragões do mundo enormemente reduzidos em número.

A Dança foi uma guerra diferente de todas as outras travadas na longa história dos Sete Reinos. Embora exércitos marchassem e entrassem em confronto em batalhas selvagens, grande parte do massacre teve lugar na água e especialmente... no ar, dragão combatendo dragão com presas, garras e chamas. Foi uma guerra marcada também por dissimulação, assassinato e traição, uma guerra travada nas sombras e escadarias, câmaras de conselho e jardins de castelos, com facas, mentiras e venenos.

Fermentando havia muito, o conflito se tornou explícito no terceiro dia da terceira lua de 129 D.C., quando o adoentado Rei Viserys I Targaryen, preso ao leito, fechou os olhos para um cochilo na Fortaleza Vermelha de Porto Real e morreu antes de despertar. Seu corpo foi descoberto por um servo na hora do morcego, quando o rei costumava tomar uma taça de hipocraz. O servo correu para informar a Rainha Alicent, cujos aposentos ficavam no andar abaixo daqueles do rei.

O servo deu a terrível notícia diretamente à rainha, e apenas a ela, sem produzir alarido geral; a morte do rei era esperada havia algum tempo, e a Rainha Alicent e seu grupo, os chamados “verdes”, tomaram o cuidado de instruir todos os guardas e servos de Viserys sobre o que fazer quando chegasse o dia.

A Rainha Alicent foi imediatamente aos aposentos do rei, acompanhada de Sor Criston Cole, Senhor Comandante da Guarda Real. Assim que confirmaram que Viserys estava morto, Sua Graça ordenou que o quarto fosse lacrado e colocado sob vigilância. O servo que havia descoberto o corpo do rei foi colocado sob custódia, para garantir que não espalhasse a história. Sor Criston retornou à Torre da Espada Branca e enviou seus irmãos da Guarda Real para convocar os integrantes do pequeno conselho do rei. Era a hora da coruja.

Desde então, a Irmandade Juramentada da Guarda Real consistia de sete cavaleiros, homens de lealdade comprovada e bravura incontestável que fizeram juramentos solenes de dedicar suas vidas a defender a pessoa do rei e os seus. Apenas cinco dos mantos brancos estavam em Porto Real no momento da morte de Viserys: o próprio Sor Criston, Sor Arryk

Cargyll, Sor Rickard Thorne, Sor Steffon Darklyn e Sor Willis Fell. Sor Erryk Cargyll (gêmeo de Sor Arryk) e Sor Lorent Marbrand, em Pedra do Dragão com a Princesa Rhaenyra, permaneceram ignorantes e distantes enquanto seus irmãos de armas avançavam pela noite para despertar de suas camas os membros do pequeno conselho.

Reunidos nos aposentos da rainha enquanto o corpo do senhor seu marido esfriava acima dela, estavam a própria Rainha Alicent; seu pai Sor Otto Hightower, Mão do Rei; Sor Criston Cole, Senhor Comandante da Guarda Real; Grande Meistre Orwyle; Lorde Lyman Beesbury, mestre da moeda, um homem de 80 anos; Sor Tyland Lannister, mestre dos navios, irmão do Senhor de Rochedo Casterly; Larys Strong, chamado de Larys Pé-Torto, Senhor de Harrenhal, mestre dos sussurros; e Lorde Jasper Wylde, chamado Barra de Ferro, mestre das leis.

O Grande Meistre Orwyle abriu a reunião repassando as tarefas e os procedimentos habituais que deveriam ser tomados com a morte de um rei.

– O Septão Eustace deve ser convocado para realizar os ritos finais e rezar pela alma do rei. Um corvo precisa ser enviado imediatamente à Pedra do Dragão para informar a Princesa Rhaenyra sobre o falecimento do pai. Talvez Sua Graça a Rainha pudesse escrever a mensagem, de modo a suavizar a notícia triste com algumas palavras de condolências? Os sinos sempre tocam para anunciar a morte de um rei; alguém deve cuidar disso, e, claro, devemos começar nossos preparativos para a coroação da Rainha Rhaenyra...

– Tudo isso precisa esperar até a questão da sucessão ter sido esclarecida – declarou Sor Otto Hightower, interrompendo-o. Como Mão do Rei, ele tinha o poder de falar com a voz do rei, e até se sentar no Trono de Ferro na ausência dele. Viserys dera a ele autoridade para governar os Sete Reinos e, "até chegar o momento em que nosso novo rei seja coroado", sua autoridade permaneceria.

– Até que nossa nova *rainha* seja coroada – disse Lorde Beesbury num tom irritado.

– *Rei* – insistiu a Rainha Alicent. – O Trono de Ferro deve por direito ser transmitido ao verdadeiro filho mais velho de Sua Graça.

A discussão que se seguiu durou até o alvorecer. Lorde Beesbury falou em nome da Princesa Rhaenyra. O antigo mestre da moeda, que servira ao Rei Viserys durante todo o seu reinado, e antes dele a seu pai Jaehaerys, o

Velho Rei, lembrou ao conselho que Rhaenyra era mais velha que seus irmãos e tinha mais sangue Targaryen, que o falecido rei a escolhera como sua sucessora, que ele repetidamente se recusara a alterar a sucessão a despeito dos pedidos da Rainha Alicent e seus "verdes", que centenas de senhores e cavaleiros com terras haviam prometido obediência à princesa em 105 D.C. e feito um juramento solene de defender seus direitos.

Mas essas palavras acabaram em ouvidos de pedra. Sor Tyland destacou que muitos dos senhores que prometeram defender a sucessão da Princesa Rhaenyra estavam mortos.

– Isso aconteceu há 24 anos – alegou ele. – Eu mesmo não fiz tal juramento. Eu era uma criança à época.

Barra de Ferro, o mestre das leis, citou o Grande Conselho de 101 e a escolha do Velho Rei por Baelon em vez de Rhaenys em 92, depois discursou longamente sobre Aegon, o Conquistador, e suas irmãs e a consagrada tradição segundo a qual os direitos de um filho legítimo sempre se sobrepunham aos direitos de uma mera filha. Sor Otto lembrou a eles que o marido de Rhaenyra não era ninguém menos que o Príncipe Daemon.

– E todos conhecemos a natureza dele. Não nos enganemos, se Rhaenyra um dia se sentar no Trono de Ferro será Daemon quem irá nos governar, um rei consorte tão cruel e implacável quanto Maegor foi. Minha cabeça será a primeira cortada, não duvido, mas sua rainha, minha filha, logo me seguirá.

– Tampouco irão poupar meus filhos – continuou a Rainha Alicent. – Aegon e seus irmãos são os filhos legítimos do Rei, com muito mais direito ao trono que a ninhada de bastardos dela. Daemon encontrará algum pretexto para condená-los à morte. Até mesmo Helaena e seus pequeninos. Um desses Strong furou o olho de Aemond, nunca se esqueçam. Ele era um menino, sim, mas o menino é o pai do homem, e bastardos são monstruosos por natureza.

Sor Criston Cole se pronunciou. Se a princesa reinasse, lembrou a eles, Jacaerys Velaryon governaria depois dela.

– Que os Sete salvem este reino se colocarmos um bastardo no Trono de Ferro – disse, e contou sobre os modos dissolutos de Rhaenyra e a infâmia de seu marido. – Eles transformarão a Fortaleza Vermelha num bordel. Nem filha nem esposa de nenhum homem estarão a salvo. Nem mesmo os meninos... Sabemos o que Laenor era.

Não há registro de que Lorde Larys Strong tenha dito uma palavra durante esse debate, mas isso não era incomum. Embora falante quando necessário, o mestre dos sussurros guardava suas palavras como um sovina guardava suas moedas, preferindo ouvir a falar.

– Se fizermos isso, certamente causará uma guerra – o Grande Meistre Orwyle alertou o conselho. – A princesa não se colocará de lado humildemente, e ela tem dragões.

– E amigos, homens honrados, que não se esquecerão dos juramentos que fizeram a ela e seu pai – declarou Lorde Beesbury. – Eu sou um homem velho, mas não tão velho a ponto de ficar sentado aqui submisso enquanto tipos como vocês conspiram para roubar sua coroa.

E, tendo dito isso, levantou-se para partir.

Mas Sor Criston Cole forçou Lorde Beesbury a se sentar novamente e cortou sua garganta com um punhal.

E assim, o primeiro sangue derramado na Dança dos Dragões pertencia a Lorde Lyman Beesbury, mestre da moeda e senhor tesoureiro dos Sete Reinos.

Não houve mais divergências depois da morte de Lorde Beesbury. O restante da noite foi gasto em planos para a coroação do novo rei (isso precisava ser feito rapidamente, todos concordavam) e na elaboração de listas de possíveis aliados e potenciais inimigos caso a Princesa Rhaenyra se recusasse a aceitar a coroação do Rei Aegon. Com a princesa confinada em Pedra do Dragão, prestes a dar à luz, os "verdes" da Rainha Alicent tinham uma vantagem; quanto mais tempo Rhaenyra ignorasse a morte do rei, mais lentamente poderia se mover.

– Talvez a piranha morra no parto – falou a Rainha Alicent.

Nenhum corvo voou naquela noite. Nenhum sino tocou. Os servos que sabiam do falecimento do Rei foram mandados para as masmorras. Sor Criston Cole recebeu a missão de colocar sob custódia os "negros" que restavam na corte, aqueles senhores e cavaleiros que poderiam estar inclinados a favor da Princesa Rhaenyra.

– Não cometam violência contra eles, a não ser que resistam – ordenou Sor Otto Hightower. – Esses homens, desde que se coloquem de joelhos e jurem lealdade ao Rei Aegon, não sofrerão nenhum mal em nossas mãos.

– E aqueles que não o fizerem? – perguntou o Grande Meistre Orwyle.

– São traidores e devem ter a morte de traidores – respondeu Barra de Ferro.

Lorde Larys Strong, mestre dos sussurros, falou pela primeira e única vez.

– Que sejamos os primeiros a jurar, a não ser que haja traidores entre nós – disse. Puxando seu punhal, Pé-Torto o deslizou sobre a palma da mão, conclamando. – Um juramento de sangue para nos unir a todos, irmãos até a morte.

E assim, cada um dos conspiradores cortou as palmas e deu as mãos uns aos outros, num voto de fraternidade. Dentre eles, apenas a Rainha Alicent foi dispensada do juramento, por causa de sua feminilidade.

O dia nascia sobre a cidade antes que a Rainha Alicent despachasse a Guarda Real para buscar seus filhos e levá-los ao conselho. O Príncipe Daeron, o mais gentil dos filhos, chorou pelo falecimento do pai. O caolho Príncipe Aemond, de 19 anos, foi encontrado no arsenal, vestindo armadura e cota de malha para seu treinamento matinal no pátio do castelo.

– Aegon é rei? – indagou ele a Sor Willis Fell. – Ou devemos ajoelhar e beijar a boceta daquela piranha velha?

A Princesa Helaena estava tomando café com os filhos quando a Guarda Real chegou a ela...

– Não está em minha cama, pode ter certeza – respondeu quando o guarda perguntou sobre o paradeiro do Príncipe Aegon, seu irmão e marido. – Sinta-se à vontade para procurar sob os cobertores.

O Príncipe Aegon estava com uma amante quando foi encontrado. Inicialmente, o Príncipe se recusou a participar dos planos da mãe.

– Minha irmã é a herdeira, não eu. Que tipo de irmão rouba o que é da irmã por direito de nascença?

Apenas quando Sor Criston o convenceu de que a Princesa iria executá-lo e aos irmãos caso recebesse a coroa, Aegon vacilou.

– Enquanto um Targaryen legítimo viver, nenhum Strong poderá ter esperanças de se sentar no Trono de Ferro – explicou Cole. – Rhaenyra não tem escolha a não ser cortar suas cabeças caso deseje que seus bastardos governem depois dela.

Foi isso, e apenas isso, que convenceu Aegon a aceitar a coroa que o pequeno conselho lhe oferecia.

Sor Tyland Lannister foi nomeado mestre da moeda no lugar do falecido Lorde Beesbury e agiu imediatamente, confiscando o tesouro real. O ouro da coroa foi dividido em quatro partes. Uma parte foi confiada aos

cuidados do Banco de Ferro de Braavos para ser guardada, outra enviada sob grande escolta para Rochedo Casterly, uma terceira para Vilavelha. A riqueza restante seria usada para subornos e presentes, e para contratar mercenários caso necessário. Para assumir o lugar de Sor Tyland como mestre dos navios, Sor Otto se voltou para as Ilhas de Ferro, enviando um corvo a Dalton Greyjoy, a Lula-Gigante, o ousado e sanguinolento Senhor Ceifeiro de Pyke, de 16 anos, oferecendo a ele o almirantado e um lugar no conselho por sua lealdade.

Um dia se passou, depois outro. Nem septões nem irmãs silenciosas foram convocados aos aposentos onde o Rei Viserys estava, inchado e apodrecendo. Sinos não tocaram. Corvos voaram, mas não para Pedra do Dragão. Em vez disso, seguiram para Vilavelha, Rochedo Casterly, Correrrio, Jardim de Cima e para muitos outros senhores e cavaleiros que a Rainha Alicent tinha motivos para crer que poderiam ser solidários ao seu filho.

Os anais do Grande Conselho de 101 foram trazidos e estudados, e registrou-se quais senhores tinham falado a favor de Viserys, quais a favor de Rhaenys, Laena ou Laenor. Os senhores reunidos decidiram pelo pretendente masculino em oposição ao feminino por vinte contra um, mas houve dissidências, e essas mesmas casas mais provavelmente dariam apoio à Princesa Rhaenyra caso houvesse guerra. A Princesa teria a Serpente do Mar e suas frotas, avaliou Sor Otto, e também os outros senhores do litoral leste: Lordes Bar Emmon, Massey, Celtigar e Crabb, talvez até mesmo a Estrela da Tarde de Tarth. Todas eram potências menores, a não ser pelos Velaryon. Os homens do norte eram uma preocupação maior: Winterfell falara em favor de Rhaenys em Harrenhal, assim como os súditos de Lorde Stark, Duntin de Vila Acidentada e Manderly de Porto Branco. Nem era possível confiar na Casa Arryn, pois o Ninho da Águia era governado por uma mulher, a Senhora Jeyne, do Vale, cujos direitos poderiam ser questionados caso a Princesa Rhaenyra fosse colocada de lado.

O maior perigo era considerado Ponta Tempestade, pois a Casa Baratheon sempre fora firme em defesa da reivindicação ao trono da Princesa Rhaenys e de seus filhos. Embora o velho Lorde Boremund tivesse morrido, seu filho Borros era ainda mais beligerante que o pai, e os senhores da tempestade menores o seguiram.

– Então, devemos garantir que ele os lidere na direção de nosso rei – declarou a Rainha Alicent, e mandou buscar seu segundo filho.

Assim, não foi um corvo que voou para Ponta Tempestade naquele dia, mas Vhagar, a maior e mais antiga dos dragões de Westeros. Em suas costas, estava o Príncipe Aemond Targaryen, com uma safira no lugar do olho que faltava.

– Seu objetivo é conquistar a mão de uma das filhas de Lorde Baratheon – explicou seu avô Otto antes que partisse. – Qualquer uma das quatro servirá. Corteje-a e despose-a, e Lorde Borros dará as terras da tempestade para seu irmão. Fracasse...

– Eu não vou fracassar – vangloriou-se o Príncipe Aemond. – Aegon terá Ponta Tempestade, e eu terei a garota.

Quando o Príncipe Aemond partiu, o fedor dos aposentos do rei morto tomava toda a Fortaleza de Maegor, e muitas histórias fantásticas e boatos se espalhavam pela corte e pelo castelo. As masmorras sob a Fortaleza Vermelha tinham engolido tantos homens suspeitos de deslealdade que mesmo o Alto Septão começara a refletir sobre esses desaparecimentos, e desde o Septo Estrelado de Vilavelha mandou perguntar sobre alguns dos desaparecidos. Sor Otto Hightower, como o homem metódico que sempre fora como Mão, queria mais tempo para os preparativos, mas a Rainha Alicent sabia que não poderiam postergar mais. O Príncipe Aegon se cansara do segredo.

– Eu sou rei ou não? – cobrou ele da mãe. – Se sou rei, então me coroe.

Os sinos começaram a tocar no décimo dia da terceira lua de 129 D.C., indicando o fim de um reinado. O Grande Meistre Orwyle foi autorizado a enviar seus corvos, e os pássaros pretos subiram ao céu às centenas, levando a todos os cantos do reino a notícia da ascensão de Aegon. As Irmãs Silenciosas foram enviadas para preparar o cadáver para cremação, e cavaleiros avançaram em cavalos brancos para dar a notícia ao povo de Porto Real, gritando: “O Rei Viserys morreu, vida longa ao Rei Aegon.” Ao ouvir os gritos, alguns choraram enquanto outros aplaudiram, mas a maioria das pessoas comuns permaneceu em silêncio, confusa e desconfiada, e de tempos em tempos uma voz gritava: “Vida longa à nossa Rainha.”

Enquanto isso, foram feitos às pressas os preparativos para a coroação. O local escolhido foi o Fosso dos Dragões. Sob seu domo grandioso, havia bancos de pedra em número suficiente para receber oitenta mil pessoas, e

as paredes grossas do poço, assim como seu teto sólido e suas enormes portas de bronze, o tornavam defensável, caso traidores tentassem impedir a cerimônia.

No dia escolhido, Sor Criston Cole colocou a coroa de ferro e rubi de Aegon, o Conquistador, na cabeça do filho mais velho do Rei Viserys e da Rainha Alicent, proclamando-o Aegon da Casa Targaryen, Segundo de Seu nome, Rei dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens, Senhor dos Sete Reinos e Protetor do Território. Sua mãe, Rainha Alicent, amada pelas pessoas comuns, colocou a própria coroa na cabeça de sua filha Helaena, esposa e irmã de Aegon.

– Minha Rainha – disse a mãe que, após beijar suas faces, se ajoelhou diante da filha, baixando a cabeça.

Como o Alto Septão estava em Vilavelha, velho e frágil demais para viajar até Porto Real, coube ao septão Eustace ungir a testa do Rei Aegon com os santos óleos e abençoá-lo nos sete nomes de deus. Alguns poucos na plateia, com olhar mais atento que a maioria, podem ter notado que havia apenas quatro mantos brancos diante do novo Rei, não cinco como antes. Aegon II sofrera a primeira deserção na noite anterior, quando Sor Steffon Darklyn da Guarda Real escapara da cidade com seu escudeiro, dois ajudantes e quatro guardas. Protegidos pela escuridão, eles saíram por um pequeno portão dos fundos até onde um esquife de pescador esperava para levá-los a Pedra do Dragão. Eles levavam uma coroa roubada: uma fita de ouro amarela ornamentada com sete pedras de diferentes cores. Era a coroa que o Rei Viserys usara, e o Velho Rei Jaehaerys antes dele. Quando o Príncipe Aegon decidira usar a coroa de ferro e rubi de seu homônimo, o Conquistador, a Rainha Alicent ordenara que a coroa de Viserys fosse trancada, mas em vez disso o intendente encarregado da tarefa fugira com ela.

Depois da coroação, os guardas reais remanescentes escoltaram Aegon até sua montaria, uma criatura esplêndida com escamas douradas reluzentes e asas com membranas rosa-claro. Sunfyre era o nome dado a esse dragão do amanhecer dourado. Munkun nos conta que o rei voou ao redor da cidade três vezes antes de pousar dentro das muralhas da Fortaleza Vermelha. Sor Arryk Cargyll conduziu Sua Graça até a sala do trono iluminada por archotes, onde Aegon II subiu os degraus no Trono de Ferro perante mil senhores e cavaleiros. Gritos ecoaram pelo salão.

Em Pedra do Dragão não foram ouvidas saudações. Em vez disso, gritos ecoaram pelos salões e pelas escadarias de Ponta do Dragão Marinho, vindos dos aposentos da rainha, onde Rhaenyra Targaryen forçava e estremecia em seu terceiro dia de trabalho de parto. A criança não deveria nascer antes de outra lua, mas as notícias vindas de Porto Real lançaram a princesa numa fúria incontrolável, e seu ódio pareceu antecipar o nascimento, como se o bebê dentro dela também estivesse com raiva e lutando para sair. A princesa berrou maldições durante todo o trabalho de parto, invocando a fúria dos deuses sobre seus meio-irmãos e a mãe deles, a rainha, e detalhando os tormentos que infligiria a eles antes que os deixasse morrer. Ela também amaldiçoou o filho dentro dela.

– *Saia!* – berrou, cravando as garras em sua barriga inchada enquanto seu meistre e sua parteira tentavam contê-la. – *Monstro, monstro, saia, saia, SAIA!*

Quando o bebê saiu, provou ser realmente um monstro: uma menina nascida morta, distorcida e malformada, com um buraco no peito onde deveria estar um coração e um rabo curto com escamas. A menina morta recebeu o nome de Visenya, a Princesa Rhaenyra anunciou no dia seguinte, quando o leite de papoula tinha reduzido o pior da dor.

– Ela era minha única filha, e eles a mataram. Eles roubaram minha coroa e assassinaram minha filha, e vão responder por isso.

E assim começou a Dança, com a princesa convocando seu próprio conselho. O "Conselho Negro", em oposição ao "Conselho Verde" de Porto Real. A própria Rhaenyra presidiu, com seu tio e marido Príncipe Daemon. Seus três filhos estavam presentes também, embora nenhum fosse ainda adulto (Jace tinha 15, Luke, 14 e Joffrey, 12). Dois homens da Guarda Real estavam com eles: Sor Erryk Cargyll, irmão gêmeo de Sor Arryk, e o homem do Oeste Sor Lorent Marbrand. Trinta cavaleiros, cem besteiros e trezentos homens de armas compunham o resto da guarnição de Pedra do Dragão. Isso sempre fora considerado suficiente para uma fortaleza tão poderosa.

– Como um instrumento de conquista, porém, nosso exército deixa um tanto a desejar – observou o Príncipe Daemon com amargura.

Uma dúzia de senhores menores, súditos e vassalos de Pedra do Dragão também tinha assento no Conselho Negro: Celtigar de Ilha da Garra, Staunton de Pouso de Gralhas, Massey de Bailepedra, Bar Emmon de Ponta Afiada e Darklyn de Valdocaso entre eles. Mas o maior senhor a

comprometer sua força à Princesa foi Corlys Velaryon de Derivamarca. Embora a Serpente do Mar tivesse ficado velha, ele gostava de dizer que estava se aferrando à vida "como um marinheiro se afogando se aferrava aos restos de um navio afundado. Talvez os Sete tenham me preservado para esta última luta". Com Lorde Corlys foi sua esposa, a Princesa Rhaenys, de 55 anos, o rosto magro e enrugado, o cabelo prateado com mechas brancas, mas feroz e destemida como havia sido aos 22 – uma mulher às vezes conhecida pelas pessoas comuns como "a Rainha que Nunca Foi".

Aqueles com assentos no Conselho Negro se consideravam legalistas, mas sabiam muito bem que o Rei Aegon II os chamaria de traidores. Cada um deles já havia recebido uma convocação de Porto Real, exigindo que se apresentassem à Fortaleza Vermelha para fazer juramentos de lealdade ao novo rei. Todas as suas tropas somadas não se comparavam ao poder que os Hightower podiam empregar sozinhos. Os "verdes" de Aegon também tinham algumas outras vantagens. Vilavelha, Porto Real e Lannisporto eram as maiores e mais ricas cidades do reino; todas as três eram controladas pelos "verdes". Todos os símbolos visíveis de legitimidade pertenciam a Aegon. Ele se sentava no Trono de Ferro. Ele vivia na Fortaleza Vermelha. Ele usava a coroa do Conquistador, brandia a espada do Conquistador e fora ungido por um Septão da Fé diante dos olhos de dezenas de milhares. O Grande Meistre Orwyle tinha lugar em seu conselho e o Senhor Comandante da Guarda Real colocara a coroa em sua cabeça real. E ele era homem, o que aos olhos de muitos fazia dele o rei por direito, e de sua meia-irmã, a usurpadora.

Contra tudo isso, as vantagens de Rhaenyra eram poucas. Alguns senhores mais velhos poderiam se lembrar ainda do juramento que proferiram quando ela foi feita Princesa de Pedra do Dragão e nomeada herdeira do pai. Houvera um tempo em que ela era bastante amada tanto por bem-nascidos quanto plebeus, quando eles a saudavam como o Encanto do Reino. Muitos jovens senhores e cavaleiros nobres buscaram seus favores na época... embora ninguém soubesse quantos ainda fossem lutar por ela agora que era uma mulher casada com o corpo envelhecido e engrossado por seis partos. Apesar de seu meio-irmão ter saqueado o tesouro do pai, a princesa tinha à sua disposição a riqueza da Casa Velaryon, e as frotas da Serpente do Mar lhe davam superioridade marítima. E seu consorte, o Príncipe Daemon, testado e experimentado nos

Degraus, tivesse mais experiência de batalha que todos os seus inimigos somados. Finalmente, mas não menos importante, Rhaenyra tinha os seus dragões.

– Assim como Aegon – chamou a atenção Lorde Staunton.

– Nós temos mais – disse a Princesa Rhaenys, a Rainha que Nunca Foi, que cavalgava dragões havia mais tempo que todos eles. – E os nossos são maiores e mais fortes, com exceção de Vhagar. Eles vivem melhor aqui em Pedra do Dragão.

Ela enumerou para o conselho. O Rei Aegon tinha seu Sunfyre. Um animal esplêndido, embora jovem. Aemond Um-Olho montava Vhagar, e o perigo representado pela montaria da Rainha Visenya não podia ser negado. A montaria da Rainha Helaena era Dreamfyre, a dragoa que um dia levara a irmã do Velho Rei pelas nuvens. A dragoa do Príncipe Daeron era Tessarion, com suas asas escuras como cobalto e garras, crista e escamas da barriga brilhantes como cobre batido.

– Isso dá quatro dragões com tamanho de combate – falou Rhaenys.

Os gêmeos da Rainha Helaena também tinham seus dragões, mas não passavam de filhotes. O filho mais novo do usurpador, Maelor, tinha apenas um ovo.

Contra isso, o Príncipe Daemon tinha Caraxes e a Princesa Rhaenyra, Syrax, ambos animais enormes e formidáveis. Caraxes era especialmente assustador e estava acostumado a sangue e fogo depois dos Degraus. Os três filhos de Rhaenyra com Laenor Velaryon eram todos cavaleiros de dragões: Vermax, Arrax e Tyraxes cresciam mais a cada ano. Aegon, o Jovem, o mais velho dos dois filhos de Rhaenyra com o Príncipe Daemon, comandava o jovem dragão Stormcloud, embora ainda não o tivesse montado; seu irmão menor Viserys andava por toda parte com seu ovo. A dragoa da própria Rhaenys, Meleys, a Rainha Vermelha, ficara preguiçosa, mas continuava a ser assustadora quando provocada. Os gêmeos do Príncipe Daemon com Laena Velaryon também podiam montar dragões. A dragoa de Baela, a esguia Moondancer verde-clara, logo seria grande o bastante para levar a garota nas costas... E embora o ovo de sua irmã Rhaena tivesse originado uma coisa frágil que morrera horas depois de sair, Syrax recentemente gerara outra ninhada. Um dos ovos dela foi dado a Rhaena, e dizia-se que a menina dormia com ele toda noite e rezava por um dragão comparável ao da irmã.

Ademais, seis outros dragões viviam nas cavernas enfumaçadas do Monte Dragão, acima do castelo. Havia Silverwing, antiga montaria da Boa Rainha Alysanne; Seasmoke, o animal cinza-claro que fora o orgulho e a paixão de Sor Laenor Velaryon; o velho grisalho Vermithor, que não era montado desde a morte do Rei Jaehaerys. E atrás das montanhas moravam três dragões selvagens, nunca possuídos nem montados por homem algum, vivo ou morto. As pessoas comuns os chamavam de Sheepstealer, Grey Ghost e Cannibal.

– Encontrem cavaleiros para controlar Silverwing, Vermithor e Seasmoke e teremos nove dragões contra os quatro de Aegon. Montem e voem seus parentes selvagens e seremos doze, mesmo sem Stormcloud – comentou a Princesa Rhaenys. – É como iremos vencer esta guerra.

Os lordes Celtigar e Staunton concordaram. Aegon, o Conquistador, e suas irmãs haviam provado que cavaleiros e exércitos não resistiam ao fogo dos dragões. Celtigar conclamou a princesa a voar imediatamente contra Porto Real e reduzir a cidade a cinzas e ossos.

– E de qual valia isso nos será, senhor? – indagou ele à Serpente do Mar. – Queremos governar a cidade, não arrasá-la.

– Nunca chegará a isso – insistiu Celtigar. – O usurpador não terá escolha a não ser nos enfrentar com os próprios dragões. Nossos nove superarão os quatro dele.

– A que custo? – perguntou a Princesa Rhaenyra. – Meus filhos estarão montando três desses dragões, eu lhe recordo. E não serão nove contra quatro. Eu não estarei forte o bastante para voar por mais algum tempo. E quem irá montar Silverwing, Vermithor e Seasmoke? O senhor? Não. Serão cinco contra quatro, e um dos quatro deles será Vhagar. Não há vantagem.

Surpreendentemente, o Príncipe Daemon concordou com sua esposa.

– Em Passopedra, meus inimigos aprenderam a correr e se esconder quando viam as asas de Caraxes ou ouviam seu rugido... Mas eles não tinham seus próprios dragões. Não é fácil para um homem ser matador de dragões. Mas *dragões* podem matar dragões, e o fazem. Qualquer meistre que tenha estudado a história de Valíria pode lhes dizer isso. Eu não lançarei nossos dragões contra os do usurpador a não ser que não tenha alternativa. Há outras formas melhores de utilizá-los.

O príncipe apresentou suas estratégias ao Conselho Negro. Rhaenyra devia ter a própria coroação, para responder à de Aegon. Depois, eles

enviariam corvos convocando os senhores dos Sete Reinos a declarar sua lealdade à verdadeira rainha.

– Temos de travar esta guerra com palavras antes de entrarmos em batalha – declarou o Príncipe.

Os senhores das Grandes Casas eram a chave para a vitória, insistiu Daemon; seus súditos e vassalos os seguiriam. Aegon, o Usurpador, conquistara a lealdade dos Lannister, de Rochedo Casterly, e Lorde Tyrell, de Jardim de Cima era um menino chorão de fraldas cuja mãe, atuando como regente, ocuparia a Campina com seus vassalos poderosos, os Hightower... Mas o restante dos grandes senhores do reino ainda não se declarara.

– Ponta Tempestade ficará conosco – declarou a Princesa Rhaenys. Ela mesma tinha esse sangue pelo lado materno, e o falecido Lorde Boremund sempre fora o amigo mais fiel.

O Príncipe Daemon tinha bons motivos para esperar que a Senhora do Vale também levasse o Ninho da Águia para seu lado. Aegon buscaria o apoio de Pyke, ele avaliava; apenas as Ilhas de Ferro podiam rivalizar a força da Casa Velaryon no mar. Mas os homens de ferro eram reconhecidamente instáveis, e Dalton Greyjoy amava sangue e batalha; podia muito bem ser persuadido a apoiar a princesa.

O norte era remoto demais para ser de muita importância para a luta, avaliou o conselho; quando os Stark reunissem seus estandartes e marchassem rumo ao sul, a guerra poderia já ter terminado. O que deixava apenas os senhores do rio, um grupo reconhecidamente belicoso comandado, pelo menos em nome, pela Casa Tully de Correrrio.

– Temos amigos nas terras fluviais – começou o príncipe –, embora até agora nem todos ousem revelar suas cores. Precisamos de um lugar onde possam se reunir, uma cabeça de ponte no continente que seja grande o bastante para abrigar uma tropa considerável, e forte o bastante para resistir a quaisquer forças que o usurpador possa lançar contra nós – falou, e mostrou aos senhores um mapa. – Aqui. Harrenhal.

E assim foi decidido. O Príncipe Daemon lideraria o ataque a Harrenhal montando Caraxes. A Princesa Rhaenyra permaneceria em Pedra do Dragão até recuperar suas forças. A frota de Velaryon fecharia a Goela, partindo de Pedra do Dragão e Derivamarca para impedir que qualquer navio entrasse ou saísse da Baía da Água Negra.

– Não temos força para tomar Porto Real num ataque – confessou o Príncipe Daemon –, não mais do que nossos inimigos para capturar Pedra do Dragão. Mas Aegon é um garoto "verde", e garotos "verdes" são facilmente provocados. Talvez possamos atraí-lo para um ataque ousado.

A Serpente do Mar comandaria a frota, enquanto a Princesa Rhaenys sobrevoaria para impedir que os inimigos atacassem seus navios com dragões. Enquanto isso, corvos poderiam seguir para Correrrio, Ninho da Águia, Pyke e Ponta Tempestade para conseguir a lealdade de seus senhores.

– *Nós* deveríamos levar essas mensagens – falou o filho mais velho da rainha, Jacaerys. – Dragões vão conquistar os senhores mais rapidamente que corvos.

Seu irmão Lucerys concordou, insistindo que ele e Jace eram homens feitos, ou tão perto disso que não faria diferença.

– Nosso tio nos chama Strongs e alega que somos bastardos, mas quando os senhores nos virem sobre os dragões saberão que isso é mentira. Apenas *Targaryen* montam dragões.

Até mesmo o jovem Joffrey se pronunciou, se oferecendo para montar seu próprio dragão Tyraxes e acompanhar os irmãos.

A Princesa Rhaenyra proibiu; Joff tinha apenas 12 anos. Mas Jacaerys tinha 15 e Lucerys, 14; jovens fortes e altos, habilidosos com armas, havia muito serviam como escudeiros.

– Se forem, irão como mensageiros, não como cavaleiros – avisou a eles. – Vocês não podem tomar parte em qualquer luta.

Até os dois meninos terem feito juramentos solenes sobre um exemplar de *Estrela de Sete Pontas*, Sua Graça não permitiria usá-los como enviados. Foi decidido que Jace, sendo o mais velho dos dois, teria a missão mais longa e perigosa, voando primeiramente para o Ninho da Águia para tratar com a Senhora do Vale, depois para Porto Branco para conquistar Lorde Manderly, e Winterfell para encontrar Lorde Stark. A missão de Luke seria mais curta e segura. Ele voaria até Ponta Tempestade, onde se esperava que Borros Baratheon lhe desse uma recepção calorosa.

Uma coroação apressada aconteceu naquele dia. A chegada de Sor Steffon Darklyn, antes da Guarda Real de Aegon, foi uma ocasião de muita alegria em Pedra do Dragão, especialmente quando se soube que ele e seus colegas legalistas ("vira-casacas", como Sor Otto os chamaria ao oferecer

uma recompensa por sua captura) trouxeram a coroa roubada do Rei Jaehaerys, o Conciliador. Trezentos pares de olhos viram quando o Príncipe Daemon Targaryen colocou a coroa do Velho Rei na cabeça de sua esposa, proclamando-a Rhaenyra da Casa Targaryen, Primeira de Seu Nome, Rainha dos Ândalos, dos Roinares e dos Primeiros Homens. O Príncipe reivindicou para si o título de Protetor do Território, e Rhaenyra nomeou o filho mais velho, Jacaerys, Príncipe de Pedra do Dragão e herdeiro do Trono de Ferro.

Seu primeiro ato como rainha foi declarar Sor Otto Hightower e a Rainha Alicent traidores e rebeldes.

– Quanto a meus meio-irmãos e minha doce irmã Helaena, eles foram desencaminhados pelos conselhos de homens malvados – anunciou. – Se vierem a Pedra do Dragão, se ajoelharem e pedirem meu perdão, eu alegremente pouparei suas vidas e os receberei de volta em meu coração, pois eles são meu próprio sangue, e nenhum homem ou mulher é mais amaldiçoado que aquele que mata os seus.

A notícia da coroação de Rhaenyra chegou à Fortaleza Vermelha no dia seguinte, para grande desgosto de Aegon II.

– Minha meia-irmã e meu tio são culpados de alta traição – declarou o jovem rei. – Eu os quero condenados, eu os quero presos, e eu os quero mortos.

Cabeças mais frias no Conselho Verde queriam dobrar a aposta.

– A princesa deve ser obrigada a ver que sua causa é vã – disse o Grande Meistre Orwyle. – Irmão não deve ir à guerra contra irmã. Envie-me a ela, e poderemos conversar e chegar a um acordo amigável.

Aegon não quis saber disso. O Septão Eustace nos diz que Sua Graça acusou o Grande Meistre de deslealdade e ameaçou jogá-lo numa cela escura "com seus amigos 'negros'". Mas quando as duas rainhas – sua mãe Rainha Alicent e sua esposa Rainha Helaena – falaram a favor da proposta de Orwyle, o rei cedeu, relutantemente. Assim, o Grande Meistre Orwyle foi enviado para o outro lado da Baía da Água Negra com um estandarte de paz, liderando uma comitiva que incluía Sor Arryk Cargyll, da Guarda Real, e Sor Gwayne Hightower, dos mantos dourados, juntamente com um grupo de escribas e septões.

Os termos oferecidos pelo rei eram generosos. Se a princesa o reconhecesse como rei e jurasse obediência diante do Trono de Ferro, Aegon II a confirmaria na posse de Pedra do Dragão e permitiria que ilha e

castelo fossem transferidos para seu filho Jacaerys quando ela morresse. Seu segundo filho, Lucerys, seria reconhecido como herdeiro por direito de Derivamarca e das terras e bens da Casa Velaryon; seus filhos com o Príncipe Daemon, Aegon, o Jovem, e Viserys, teriam lugar de honra na corte, o primeiro como escudeiro do rei, o segundo como seu intendente pessoal. Seria concedido perdão aos senhores e cavaleiros que conspiraram traiçoeiramente com ela contra seu verdadeiro rei.

Rhaenyra ouviu esses termos num silêncio pétreo, depois perguntou a Orwyle se ele se lembrava de seu pai, o Rei Viserys.

– Claro, Sua Graça – respondeu o Meistre.

– Talvez possa nos dizer quem ele nomeou seu herdeiro e sucessor – disse a rainha, com a coroa na cabeça.

– Você, Sua Graça – respondeu Orwyle.

– Você admite com sua própria língua que eu sou sua rainha por direito. Por que então serve a meu meio-irmão, o pretendente? Diga a meu meio-irmão que terei meu trono ou a cabeça dele – falou, mandando os enviados embora.

Aegon II tinha 22 anos, era rápido para sentir raiva e lento para esquecer. A recusa de Rhaenyra a aceitar seu governo o enfureceu.

– Eu ofereci a ela uma paz honrada, e a piranha cuspiu no meu rosto – declarou. – O que acontecer agora é responsabilidade dela.

Enquanto ele falava, a Dança começou. Em Derivamarca, os navios da Serpente do Mar zarparam de Casco e Vila das Especiarias para fechar a Goela, asfixiando o comércio que ia e vinha de Porto Real. Pouco depois, Jacaerys Velaryon estava voando rumo norte em seu dragão Vermax, seu irmão Lucerys rumo sul em Arrax, enquanto o Príncipe Daemon montava Caraxes rumo ao Tridente.

Harrenhal já se mostrara vulnerável ao céu uma vez, quando Aegon, o Dragão, o conquistara. Seu castelão idoso, Sor Simon Strong, foi rápido em baixar seus estandartes quando Caraxes pousou no alto da Pira do Rei. Além do castelo, com um só golpe o Príncipe Daemon havia capturado a considerável riqueza da Casa Strong e uma dúzia de reféns valiosos, entre eles Sor Simon e seus netos.

Enquanto isso, o Príncipe Jacaerys voava rumo ao norte em seu dragão, visitando a Senhora Arryn do Vale, Lorde Manderly de Porto Branco, Lorde Borrel e Lorde Sunderland de Vilirmã e Cregan Stark, de Winterfell.

Tão carismático era o príncipe e tão assustador seu dragão que todos os senhores que ele visitou juraram apoio à sua mãe.

Se a viagem "mais curta e segura" de seu irmão tivesse sido tão boa, muito derramamento de sangue e muito sofrimento poderiam ter sido evitados.

A tragédia que se abateu sobre Lucerys Velaryon em Ponta Tempestade nunca foi planejada, nisso todas as nossas fontes concordam. As primeiras batalhas da Dança dos Dragões foram travadas com penas e corvos, com ameaças e promessas, com decretos e bajulações. O assassinato de Lorde Beesbury no Conselho Verde ainda não era de amplo conhecimento; a maioria acreditava que sua senhoria estaria trancada em alguma masmorra. Embora vários rostos conhecidos não fossem mais vistos na corte, não apareceram cabeças acima dos portões do castelo, e muitos ainda esperavam que a questão da sucessão pudesse ser solucionada pacificamente.

O Estranho tinha outros planos. Pois com certeza foi sua mão terrível por trás do acaso infeliz que juntou os dois principezinhos em Ponta Tempestade, quando o dragão Arrax se apressou antes de uma tempestade para levar Lucerys Velaryon até a segurança do pátio do castelo, só para descobrir que Aemond Targaryen chegara lá antes dele.

A poderosa dragoa de Aemond, Vhagar, sentiu sua chegada primeiro. Guardas marchando pelo parapeito das grandiosas muralhas do castelo agarraram suas lanças num repentino terror quando despertaram com um rugido que abalou as fundações do Desafio de Durran. Diziam que até mesmo Arrax se acovardou diante daquele som, e Luke usou seu chicote sem hesitação enquanto o forçava a descer.

Raios caíam a leste e uma chuva pesada jorrava quando Lucerys saltou de seu dragão, com a mensagem de sua mãe apertada na mão. Ele devia saber o que significava a presença de Vhagar, então não deve ter se surpreendido quando Aemond Targaryen o confrontou no Salão Redondo, diante dos olhos de Lorde Borros, suas quatro filhas, septão, meistre e duas vintenas de cavaleiros, guardas e servos.

– Veja esta triste criatura, senhor. O pequeno Luke Strong, o bastardo – falou, e se virou para Luke. – Você está molhado, bastardo. Está chovendo ou você se mijou de medo?

Lucerys Velaryon se dirigiu unicamente a Lorde Borros.

– Lorde Borros, eu lhe trouxe uma mensagem de minha mãe, a rainha.

– A piranha de Pedra do Dragão, é o que ele quer dizer.

O Príncipe Aemond se adiantou e tentou arrancar a carta da mão de Lucerys, mas Lorde Borros rugiu uma ordem e seus cavaleiros interferiram, afastando os principezinhos. Um deles levou a carta de Rhaenyra ao estrado, onde sua senhoria estava sentada no trono dos antigos reis da tempestade.

Nenhum homem pode saber o que Borros Baratheon estava sentindo naquele momento. Os relatos daqueles que estavam lá diferem muito entre si. Alguns dizem que sua senhoria tinha o rosto vermelho e estava desconfortável, como um homem ficaria se sua legítima esposa o flagrasse na cama com outra mulher. Outros declaram que Borros parecia desfrutar do momento, pois era bom para sua vaidade ter rei e rainha buscando o seu apoio.

Mas todas as testemunhas concordam quanto ao que Lorde Borros disse e fez. Não sendo um homem de letras, ele deu a carta da rainha a seu meistre, que rompeu o lacre e sussurrou a mensagem ao ouvido de sua senhoria. O cenho de Lorde Borros franziu. Ele coçou a barba e olhou com raiva para Lucerys Velaryon.

– E se eu fizer como sua mãe quer, qual de minhas filhas você irá desposar, rapaz? – perguntou Borros, fazendo um gesto na direção das quatro garotas. – Escolha uma.

O Príncipe Lucerys só conseguiu corar.

– Senhor, não sou livre para me casar – respondeu. – Estou prometido à minha prima, Rhaena.

– Como eu pensei – comentou Lorde Borros. – Vá para casa, criança, e diga à piranha sua mãe que o Senhor de Ponta Tempestade não é um cachorro para quem ela possa assoviar quando necessário para lançar contra seus inimigos.

E o Príncipe Lucerys se virou para deixar o Salão Redondo.

Mas o Príncipe Aemond desembainhou sua espada.

– Espere, Strong! – ordenou o Príncipe Aemond.

O Príncipe Lucerys se lembrou da promessa feita à mãe.

– Eu não lutarei com você. Vim aqui como um enviado, não como um cavaleiro.

– Você veio aqui como um covarde e um traidor – retrucou o Príncipe Aemond. – Eu vou tirar sua vida, Strong.

Com isso, Lorde Borros ficou desconfortável.

– Não aqui – grunhiu. – Ele veio como um enviado. Não quero sangue derramado sob o meu teto.

Então, seus guardas se colocaram entre os principezinhos e escoltaram Lucerys Velaryon para fora do Salão Redondo, de volta ao pátio do castelo onde seu dragão Arrax estava encolhido sob a chuva, esperando sua volta.

A boca de Aemond Targaryen retorceu de fúria, e ele se voltou para Lorde Borros, pedindo para ser dispensado. O Senhor de Ponta Tempestade deu de ombros.

– Não cabe a mim lhe dizer o que fazer quando não está sob o meu teto.

E seus cavaleiros se colocaram de lado enquanto o Príncipe Aemond corria na direção das portas.

Do lado de fora, a tempestade desabava. Trovões ecoavam pelo castelo, a chuva caía em cortinas densas e, de tempos em tempos, grandes descargas de raios brancos azulados iluminavam o mundo como se fosse dia. Era um clima ruim para voar, mesmo para um dragão, e Arrax estava se esforçando quando o Príncipe Aemon montou em Vhagar e foi atrás dele. Se o céu estivesse calmo, o Príncipe Lucerys teria conseguido deixar para trás seu perseguidor, pois Arrax era mais jovem e ágil... Mas o dia estava escuro, de modo que os dragões se encontraram acima da Baía dos Naufrágios. Espectadores nas muralhas do castelo viram jatos de fogo distantes e ouviram um guincho superar um trovão. Então, os dois animais estavam travados um sobre o outro, raios estalando ao redor. Vhagar era cinco vezes maior que seu adversário e uma calejada sobrevivente de cem batalhas. Se chegou a haver uma luta, não pode ter durado muito.

Arrax caiu, partido, para ser engolido pelas águas da baía agitadas pela tempestade. Sua cabeça e seu pescoço encalharam sob o penhasco abaixo de Ponta Tempestade três dias depois, se tornando um banquete para caranguejos e gaivotas. O cadáver do Príncipe Lucerys também chegou à margem.

E com sua morte a guerra de corvos, mensageiros e pactos de casamento chegou ao fim, dando início à verdadeira guerra de fogo e sangue.

Em Pedra do Dragão, a Rainha Rhaenyra desmaiou ao ser informada da morte de Luke. O irmão mais jovem de Luke, Joffrey (Jace ainda estava fora em sua missão no Norte) fez um terrível juramento de vingança contra o Príncipe Aemond e Lorde Borros. Apenas as intervenções da

Serpente do Mar e da Princesa Rhaenys impediram o jovem de montar imediatamente. Quando o Conselho Negro se sentou para avaliar como reagir, chegou um corvo de Harrenhal.

– Olho por olho, um filho por um filho – escreveu o Príncipe Daemon. – Lucerys será vingado.

Quando jovem, o rosto e o riso de Daemon Targaryen eram conhecidos por todos os ladrões, prostitutas e jogadores da Baixada das Pulgas. O príncipe ainda tinha amigos nos lugares mais baixos de Porto Real e possuía aliados também na corte, até mesmo no Conselho Verde... E outro intermediário, um amigo especial em quem ele confiava, que conhecia as adegas e os buracos que floresciam nas sombras da Fortaleza Vermelha tão bem quanto o próprio Daemon um dia conhecera, e se movia com facilidade pelas sombras da cidade. Ele apelou a esse sujeito pálido, por vias secretas, para colocar em ação uma terrível vingança.

Em meio aos bordéis da Baixada das Pulgas, o intermediário do Príncipe Daemon encontrou instrumentos adequados. Um havia sido sargento da Patrulha da Cidade; grande e brutal, perdera seu manto dourado por espancar uma prostituta até a morte numa fúria ébria; o outro era um caçador de ratos na Fortaleza Vermelha. Seus verdadeiros nomes se perderam na história. Eles são lembrados como Sangue e Queijo.

As portas escondidas e os túneis secretos que Maegor, o Cruel, construíra eram tão conhecidos do caçador de ratos quanto dos ratos que ele caçava. Usando uma passagem esquecida, Queijo levou Sangue para o coração do castelo, sem ser visto por guarda algum. Alguns dizem que sua presa era o próprio rei, mas Aegon era acompanhado por guardas reais aonde quer que fosse, e até mesmo Queijo sabia que não havia como entrar e sair da Fortaleza de Maegor a não ser passando pela ponte levadiça que cobria o fosso seco e suas formidáveis varas de ferro.

A Torre da Mão era menos segura. Os dois homens se esgueiraram pelas muralhas, evitando os lanceiros colocados junto às portas da torre. Os aposentos de Sor Otto não lhes interessavam. Em vez disso, eles penetraram nos aposentos de sua filha, um andar abaixo. A Rainha Alicent se instalara ali depois da morte do Rei Viserys, quando seu filho Aegon se mudou para a Fortaleza de Maegor com sua própria rainha. Uma vez do lado de dentro, Queijo amarrou e amordaçou a Rainha Viúva, enquanto Sangue estrangulava sua serva. Depois eles se acomodaram para esperar,

pois sabiam que era costume da Rainha Helaena levar os filhos para ver a avó toda noite antes de dormir.

Ignorando o perigo, a rainha apareceu quando o crepúsculo tomava conta do castelo, acompanhada dos três filhos. Jaehaerys e Jaehaera tinham 6 anos, Maelor, 2. Quando entraram nos aposentos, Helaena estava segurando a mãozinha dele e chamando o nome da mãe. Sangue bloqueou a porta e matou o guarda da Rainha, enquanto Queijo surgiu para pegar Maelor.

– Grite e todos vocês morrem – ameaçou Sangue à Sua Graça.

Dizem que a Rainha Helaena manteve a calma.

– Quem são vocês? – ela exigiu saber.

– Cobradores de dívidas – respondeu Queijo. – Olho por olho, um filho por um filho. Só queremos um, para ficarmos quites. Não iremos machucar o resto de vocês, pessoas finas, nem um fio de cabelo. Qual deles quer perder, Sua Graça?

Assim que se deu conta do que ele queria dizer, a Rainha Helaena suplicou aos homens que em vez disso a matassem.

– Uma esposa não é um filho – retrucou Sangue. – Tem de ser um menino.

Queijo alertou a Rainha para escolher logo, antes que Sangue ficasse entediado e estuprasse sua menininha.

– Escolha, ou mataremos todos.

De joelhos, chorando, Helaena deu o nome do mais jovem, Maelor. Talvez achasse que o garoto era pequeno demais para entender, ou talvez fosse porque o menino mais velho, Jaehaerys, fosse o primogênito do Rei Aegon, o segundo na linha sucessória ao Trono de Ferro.

– Ouviu isso, garotinho? – sussurrou Queijo para Maelor. – Sua mãe quer você morto.

Então, ele sorriu para Sangue, e o grande espadachim matou o Príncipe Jaehaerys, cortando a cabeça do garoto com um só golpe. A rainha começou a berrar.

Por estranho que pareça, o caçador de ratos e o açougueiro mantiveram sua palavra. Eles não fizeram mais nada à Rainha Helaena ou aos seus filhos sobreviventes, mas fugiram com a cabeça do Príncipe nas mãos.

Embora Sangue e Queijo tivessem poupado sua vida, não se pode dizer que a Rainha Helaena tivesse sobrevivido àquele crepúsculo fatídico. Depois disso, ela não comeu, não se banhou, não deixou seus aposentos e

não suportava mais olhar para o filho Maelor, sabendo que o escolhera para morrer. O rei foi obrigado a tomar o menino dela e dá-lo à mãe, a Rainha Viúva Alicent, para ser criado como se fosse dela. Aegon e sua esposa dormiram separados depois disso, e a Rainha Helaena mergulhou cada vez mais na loucura, enquanto o rei se enfurecia, bebia e se enfurecia.

Então, o banho de sangue começou realmente.

A queda de Harrenhal pelo Príncipe Daemon foi um grande choque para Sua Graça. Até aquele momento, Aegon II acreditara que a causa de sua meio-irmã era vã. Harrenhal fez Sua Graça se sentir vulnerável pela primeira vez. Posteriores derrotas rápidas em Moinho Flamejante e Barreira de Pedra foram novos golpes e fizeram o rei se dar conta de que a situação era mais perigosa do que parecera. Esses medos aumentaram quando corvos retornaram da Campina, onde os "verdes" se consideravam mais fortes. As casas Hightower e Vilavelha apoiavam solidamente o Rei Aegon, e Sua Graça também tinha a Árvore... Mas nos demais pontos do sul outros senhores estavam declarando apoio a Rhaenyra, entre eles Lorde Costayne de Três Torres, Lorde Mullendore de Terraltas, Lorde Tarly de Monte Chifre, Lorde Rowan de Bosquedouro e Lorde Grimm de Escudogris.

Outros golpes se seguiram: Vale, Porto Branco, Winterfell. Os Blackwood e outros senhores do rio seguiram na direção dos estandartes de Harrenhal e do Príncipe Daemon. As frotas da Serpente do Mar fecharam a Baía da Água Negra, e toda manhã o Rei Aegon tinha mercadores choramingando para ele. Sua Graça não tinha respostas para suas queixas além de outra taça de vinho-forte.

– Faça alguma coisa – cobrou ele de Sor Otto.

A Mão garantiu a ele que algo *estava* sendo feito; ele concebera um plano para romper o bloqueio dos Velaryon. Um dos principais pilares de apoio à candidatura de Rhaenyra era seu consorte, mas o Príncipe Daemon também era uma de suas maiores fraquezas. O príncipe fizera mais inimigos do que amigos durante suas aventuras. Sor Otto Hightower, que tinha estado entre os primeiros inimigos, buscava do outro lado do Mar Estreito outro dos inimigos do príncipe, o Reino das Três Filhas, esperando convencê-las a agir contra a Serpente do Mar.

A demora não agradou ao jovem rei. Aegon II perdera a paciência com as indecisões do avô. Embora sua mãe, a Rainha Viúva Alicent, falasse em defesa de Sor Otto, Sua Graça não deu ouvidos aos seus apelos.

Convocando Sor Otto à sala do trono, ele arrancou a corrente de seu cargo do pescoço e a jogou para Sor Criston Cole.

– Minha nova Mão tem um punho de aço – vangloriou-se. – Chega de escrever cartas.

Sor Criston não perdeu tempo em provar sua determinação.

– Não cabe a você suplicar apoio dos outros senhores, como um mendigo pedindo esmolas – falou ele para Aegon. – Você é o rei legítimo de Westeros, e aqueles que negam isso são traidores. Já passou o tempo de aprenderem o preço da traição.

O mestre dos sussurros do Rei Aegon, Larys Strong, o Pé-Torto, fizera uma lista de todos os senhores que compareceram à Pedra do Dragão para a coroação da Rainha Rhaenyra e tiveram assento em seu Conselho Negro. Os lordes Celtigar e Velaryon comandavam ilhas; como Aegon II não tinha força no mar, eles estavam fora do alcance de sua ira. Mas aqueles senhores "negros" cujas terras ficavam no continente não desfrutavam de tal proteção.

Valdocaso caiu facilmente. Apanhada de surpresa pelas forças do rei, a cidade foi saqueada, os navios no porto, incendiados, Lorde Darklyn, decapitado. Pouso de Gralhas era o alvo seguinte de Sor Criston. Alertado antecipadamente de sua vinda, Lorde Staunton fechou os portões e desafiou os atacantes. Atrás de suas muralhas, Sua Senhoria só pôde assistir enquanto seus campos, suas florestas e suas aldeias eram incendiados, suas ovelhas, seu gado e seu povo comum passado na espada. Quando as provisões dentro do castelo começaram a se esgotar, ele enviou um corvo a Pedra do Dragão suplicando socorro.

Nove dias após Lorde Staunton ter enviado seu pedido de ajuda, o som de asas de couro foi ouvido do outro lado do mar, e a dragoa Meleys surgiu acima de Pouso de Gralhas. A Rainha Vermelha, como era chamada por causa das escamas escarlate que a cobriam. As membranas de suas asas eram cor-de-rosa, crista, chifres e garras brilhantes como cobre. E nas suas costas, em armadura de aço e cobre que refletia o sol, montava Rhaenys Targaryen, a Rainha que Nunca Foi.

Sor Criston Cole não ficou desalentado. A Mão de Aegon esperava isso, contava com isso. Tambores rufaram a um comando e arqueiros se adiantaram, tanto com arcos longos quanto com bestas, enchendo o ar com flechas e setas. Catapultas foram tensionadas para lançar pregos de ferro do tipo que um dia derrubaram Meraxes em Dorne. Meleys foi atingida

algumas vezes, mas as flechas serviram apenas para deixá-la com raiva. Ela mergulhou, cuspindo fogo por todos os lados. Cavaleiros queimaram em suas selas quando o pelo, o couro e os arreios de seus cavalos pegaram fogo. Homens de armas largaram suas lanças e debandaram. Alguns tentaram se esconder atrás dos escudos, mas nem carvalho nem ferro resistem ao sopro de dragão. Sor Criston estava sentado em seu cavalo, gritando: "Mirem no cavaleiro", em meio a fumaça e fogo. Meleys rugiu, rolos de fumaça saindo de suas narinas, um garanhão esperneando em sua boca enquanto línguas de chama o envolviam.

Então, houve um rugido em resposta. Mais formas aladas apareceram: o rei montando Sunfyre, o Dourado, e seu irmão Aemond em Vhagar. Criston Cole montara sua armadilha, e Rhaenys fora morder a isca. Naquele momento, os dentes se fecharam ao redor dela.

A Princesa Rhaenys não tentou fugir. Com um grito animado e estalando o chicote, ela virou Meleys na direção do inimigo. Contra Vhagar sozinha, ela poderia ter uma chance, pois a Rainha Vermelha era velha e ardilosa, e habituada à batalha. Contra Vhagar e Sunfyre juntos, a derrota era certa. Os dragões se encontraram violentamente a trezentos metros de altura acima do campo de batalha, as bolas de fogo explodindo e se abrindo, tão brilhantes que mais tarde os homens juraram que o céu estava cheio de sóis. As mandíbulas carmim de Meleys se fecharam sobre o pescoço dourado de Sunfyre por um momento, até Vhagar se lançar sobre eles de cima. Os três animais desceram rodopiando na direção do solo. Eles caíram com tanta força que pedras desprenderam-se das muralhas de Pouso de Gralhas, a meia légua de distância.

Aqueles que estavam mais perto dos dragões não sobreviveram para contar a história. Aqueles mais distantes não conseguiam ver, por causa de chama e fumaça; apenas horas depois o fogo se extinguiu. Mas daquelas cinzas apenas Vhagar saiu incólume. Meleys estava morta, quebrada pela queda e feita em pedaços no chão. E Sunfyre, aquele esplêndido animal dourado, tivera uma asa quase arrancada do corpo, enquanto seu cavaleiro real tivera costelas quebradas, quadril fraturado e queimaduras cobrindo metade do corpo. O braço esquerdo era o pior. A chama de dragão queimara intensamente e a armadura do rei derretera sobre sua carne.

Um corpo que se acreditou ser o de Rhaenys Targaryen foi encontrado mais tarde ao lado da carcaça de seu dragão, mas tão queimado que ninguém podia dizer com certeza que era o dela. Filha amada da Senhora

Jocelyn Baratheon e do Príncipe Aemon Targaryen, esposa fiel de Lorde Corlys Velaryon, mãe e avó, a Rainha que Nunca Foi vivera com destemor e morrera em meio a sangue e fogo. Ela tinha 55 anos.

Oitocentos cavaleiros, escudeiros e homens comuns também perderam a vida naquele dia. Outros cem pereceram pouco depois, quando o Príncipe Aemon e Sor Criston Cole tomaram Pouso de Gralhas e mataram sua guarnição. A cabeça de Lorde Staunton foi levada de volta a Porto Real e colocada sobre o Velho Portão... Mas foi a cabeça da dragoa Meleys, levada pela cidade numa carroça, que deixou multidões de pessoas comuns caladas de assombro. Milhares fugiram de Porto Real depois disso, até que a Rainha Viúva Alicent ordenasse que os portões da cidade fossem fechados e trancados.

O Rei Aegon II não morreu, embora suas queimaduras causassem tanta dor que alguns dizem que ele rezou pela morte. Carregado de volta para Porto Real numa liteira fechada para esconder a extensão de seus ferimentos, Sua Graça não se levantou da cama pelo resto do ano. Septões rezaram por ele, meistres cuidaram dele com poções e leite de papoula, mas Aegon dormia nove horas a cada dez, permanecendo acordado apenas o tempo de ingerir algum alimento antes de voltar a dormir. Ninguém podia perturbar seu repouso, a não ser sua mãe, a Rainha Viúva, e sua Mão, Sor Criston Cole. Sua esposa sequer tentou, tão perdida Helaena estava em sua própria dor e loucura.

O dragão do rei, Sunfyre, enorme e pesado demais para ser deslocado, e incapaz de voar por causa da asa ferida, permaneceu nos campos além de Pouso de Gralhas, rastejando entre as cinzas como um grande monstro dourado. Nos primeiros dias, ele se alimentou das carcaças calcinadas do massacre. Quando isso acabou, os homens que Sor Criston tinham deixado para trás para protegê-lo levaram bezerros e ovelhas.

– Você agora tem de comandar o reino até seu irmão estar forte o bastante para assumir novamente a coroa – disse a Mão do Rei ao Príncipe Aemond.

E Sor Criston não precisou repetir. Assim, o caolho Aemond, o Assassino de Familiares, assumiu a coroa de ferro e rubi de Aegon, o Conquistador.

– Fica melhor em mim do que jamais ficou nele – proclamou o Príncipe. Aemon não assumiu o título de rei, nomeando-se apenas Protetor do Território e Príncipe Regente. Sor Criston continuou como Mão do Rei.

Enquanto isso, as sementes que Jacaerys Velaryon havia plantado em seu voo para o norte começaram a dar frutos, e homens se reuniam em Porto Branco, Winterfell, Vila Acidentada, Vilirmã, Vila Gaivota e Portões da Lua. Sor Criston alertou o novo Príncipe Regente que, se eles somassem sua força à que os senhores do rio agregavam em Harrenhal com o Príncipe Daemon, nem mesmo as sólidas muralhas de Porto Real conseguiriam resistir.

Absolutamente confiante na própria força como guerreiro e no poder de sua dragoa Vhagar, Aemond estava ansioso para combater o inimigo.

– A piranha em Pedra do Dragão não é a ameaça – disse Aemond. – Não mais que Rowan e esses traidores da Campina. O perigo é meu tio. Assim que Daemon estiver morto, todos esses idiotas que agitam os estandartes de nossa irmã voltarão correndo para seus castelos e não nos darão mais problemas.

A leste da Baía da Água Negra, a Rainha Rhaenyra também estava mal. A morte de seu filho Lucerys fora um golpe devastador numa mulher já abalada por gravidez, parto e bebê natimorto. Quando chegou a Pedra do Dragão a notícia de que a Princesa Rhaenys tombara, palavras raivosas foram trocadas entre a Rainha e Lorde Velaryon, que a culpava pela morte da esposa.

– Deveria ter sido *você*! – gritou a Serpente do Mar com Sua Graça. – Staunton foi ao seu apelo, mas você deixou a cargo de minha esposa responder e proibiu seus filhos de se juntar a ela!

Como todos sabiam, os príncipes Jace e Joff estavam ansiosos para voar rumo a Pouso de Gralhas em seus próprios dragões, com a Princesa Rhaenys.

Então foi Jace quem se adiantou, no final do ano de 129 D.C. Primeiramente, ele trouxe o Senhor das Marés de volta ao grupo, nomeando-o Mão da Rainha. Juntos, ele e Lorde Corlys começaram a planejar um ataque a Porto Real.

Consciente da promessa que fizera à Donzela do Vale, Jace ordenou que o Príncipe Joffrey voasse até Vila Gaivota com Tyraxes. Munkun sugere que o desejo de Jace de manter o irmão longe da luta foi o que determinou essa decisão. Isso não caiu bem com Joffrey, que estava determinado a provar seu valor em batalha. Apenas quando lhe foi dito que estava sendo enviado para defender o Vale contra os dragões do Rei Aegon, ele concordou de má vontade em ir. Rhaena, a filha de 13 anos do

Príncipe Daemon com Laena Velaryon, foi escolhida para acompanhá-lo. Conhecida como Rhaena de Pentos, em função da cidade em que nascera, ela não montava dragões, tendo o seu filhote morrido alguns anos antes, mas levou consigo ao Vale três ovos de dragão, e todas as noites rezou pelo nascimento. O príncipe de Pedra do Dragão também se preocupou com a segurança de seus meio-irmãos, Aegon, o Jovem, e Viserys, de 9 e 7 anos. O pai deles, Príncipe Daemon, fizera muitos amigos na Cidade Livre de Pentos durante suas visitas, então Jacaerys procurou o príncipe do local, do outro lado do Mar Estreito, e este concordou em criar os dois meninos até Rhaenyra ter assegurado o Trono de Ferro. Nos últimos dias de 129 D.C., os jovens príncipes embarcaram na coca *Feliz Abandono* – Aegon com Stormcloud, Viserys segurando seu ovo – para navegar até Essos. A Serpente do Mar mandou sete de seus navios de guerra para escoltá-los e garantir que chegassem em segurança a Pentos.

Com Sunfyre ferido e incapaz de voar, perto de Pouso de Gralhas, e Tessarion com o Príncipe Daeron em Vilavelha, restavam apenas dois dragões maduros para defender Porto Real... E a cavaleira de Dreamfyre, a Rainha Helaena, passava os dias na escuridão, chorando, e não podia ser considerada uma ameaça. Isso deixava apenas Vhagar. Nenhum dragão vivo se comparava a Vhagar em tamanho ou ferocidade, mas Jace raciocinou que, se Vermax, Syrax e Caraxes se lançassem sobre Porto Real simultaneamente, nem mesmo aquela "velha piranha grisalha" seria capaz de resistir a eles. Mas a fama de Vhagar era tão grande que o príncipe hesitou, pensando em como poderia acrescentar mais dragões ao seu ataque.

A Casa Targaryen governara Pedra do Dragão por mais de duzentos anos, desde que Lorde Aenar Targaryen chegara de Valíria com seus dragões. Embora sempre tivesse sido costume casar irmão com irmã e primo com prima, o sangue jovem é quente e não era segredo que homens da Casa buscassem prazeres entre as filhas (e mesmo as esposas) de seus súditos, as pessoas comuns que moravam nas aldeias abaixo do Monte Dragão, que cultivavam a terra e pescavam no mar. De fato, até o reinado do Rei Jaehaerys e da Boa Rainha Alysanne, a antiga lei da primeira noite estava em vigor em Pedra do Dragão, como acontecia por todo Westeros, segundo a qual era direito de um senhor levar para cama qualquer donzela de seus domínios na noite do casamento dela.

Embora esse costume causasse grande ressentimento em outras regiões dos Sete Reinos, de homens com temperamento ciumento que não compreendiam a honra que era conferida a eles, tais sentimentos eram abafados em Pedra do Dragão, onde os Targaryen eram vistos como mais próximos dos deuses que os homens comuns. Ali, noivas que recebiam essa bênção na noite do seu casamento eram invejadas, e os filhos nascidos dessas uniões eram estimados acima dos outros, pois os senhores de Pedra do Dragão costumavam celebrar o nascimento deles com presentes suntuosos de ouro, seda e terras para as mães. Dizia-se que esses felizes bastardos "nasciam da semente do dragão", e com o tempo passaram a ser conhecidos como "sementes". Mesmo com o fim do direito à primeira noite, certos Targaryen continuaram a lidar com as filhas de estalajadeiros e esposas de pescadores, de modo que havia muitas sementes e filhos de sementes em Pedra do Dragão.

O Príncipe Jacaerys precisava de mais cavaleiros de dragões e mais dragões, e foi às sementes que ele apelou, prometendo que qualquer homem que conseguisse dominar a criatura receberia terras e riquezas, além do título de cavaleiro. Seus filhos seriam nobres, suas filhas se casariam com senhores, e ele mesmo teria a honra de lutar ao lado do Príncipe de Pedra do Dragão contra o usurpador Aegon II Targaryen e seus aliados traidores.

Nem todos os que atenderam ao chamado do príncipe eram sementes, ou sequer filhos ou netos de sementes. Diversos cavaleiros da própria corte da rainha se ofereceram como cavaleiros de dragões, entre eles o Senhor Comandante da Guarda Real, Sor Steffon Darklyn, com escudeiros, empregados, marinheiros, homens de armas, atores e duas empregadas.

Dragões não são cavalos. Eles não aceitam facilmente homens em suas costas e, quando enraivecidos ou ameaçados, atacam. Dezesseis homens perderam a vida tentando se tornar cavaleiros de dragões. O triplo desse número ficou queimado ou aleijado. Steffon Darklyn morreu queimado ao tentar montar o dragão Seasmoke. Lorde Gormon Massey teve o mesmo destino ao se aproximar de Vermithor. Um homem chamado Denys, o Prateado, cujos cabelos e olhos davam credibilidade à sua alegação de ser filho bastardo do Rei Maegor, o Cruel, teve um braço arrancado por Sheepstealer. Enquanto seus filhos tentavam cuidar do ferimento, Cannibal se lançou sobre eles, espantou Sheepstealer e devorou pai e filhos.

Mas Seasmoke, Vermithor e Silverwing estavam acostumados a homens e toleravam sua presença. Já tendo sido montados, aceitavam melhor novos cavaleiros. Vermithor, o dragão do próprio Velho Rei, curvou o pescoço ao filho bastardo de um ferreiro, um homem enorme chamado Hugh, o Martelo, ou Hugh Durão, enquanto um homem de armas de cabelo claro chamado Ulf, o Branco (por causa de seus cabelos) ou Ulf, o Bêbado (pelo quanto bebia), montou Silverwing, o amado dragão da Boa Rainha Alysanne.

E Seasmoke, que um dia levara Laenor Velaryon, aceitou em suas costas um rapaz de 15 anos conhecido como Addam do Casco, cujas origens continuam sendo motivo de polêmica entre os historiadores até hoje. Pouco depois de Addam do Casco ter provado seu valor voando em Seasmoke, Lorde Corlys chegou ao ponto de pedir à Rainha Rhaenyra para retirar a mácula de bastardia dele e do irmão. Quando o Príncipe Jacaerys somou sua voz ao pedido, a rainha concordou. Addam do Casco, semente de dragão e bastardo, se tornou Addam Velaryon, herdeiro de Derivamarca.

Os três dragões selvagens de Pedra do Dragão eram montados menos facilmente que aqueles que já conheciam cavaleiros, mas mesmo assim foram feitas tentativas. Sheepstealer, um dragão marcadamente feio cor de "marrom-lama" que nascera quando o Velho Rei ainda era jovem, gostava de ovelhas, se lançando sobre rebanhos desde Derivamarca até o Guaquevai. Ele quase nunca feria os pastores, a não ser que tentassem interferir, mas sabia-se que ele devorava cães de pastoreio. Grey Ghost vivia numa torre de exaustão de fumaça no lado leste do Monte Dragão, preferia peixe e na maioria das vezes era vislumbrado voando baixo sobre o Mar Estreito, arrancando presas da água. Um animal cinza esbranquiçado da cor da névoa matinal, ele era um dragão tímido, que evitava homens e suas ações por períodos de anos.

O maior e mais velho dos dragões selvagens era o Cannibal, assim chamado por se alimentar das carcaças de dragões mortos e se lançar sobre os viveiros de Pedra do Dragão para se deliciar com filhotes recém-nascidos e ovos. Candidatos a domadores de dragões tentaram montá-lo uma dúzia de vezes; seu esconderijo era coberto pelos ossos deles.

Nenhuma das sementes de dragão foi tola o bastante para perturbá-lo (qualquer uma que tenha sido não voltou para contar a história). Alguns buscaram o Grey Ghost, mas não conseguiram encontrá-lo, pois era uma

criatura isolada. Sheepstealer se provou mais fácil de encontrar, mas continuou a ser uma fera maldosa e ranzinza, que matou mais sementes que os três "dragões do castelo" juntos. Um dos que tentou domá-lo (depois de sua busca por Grey Ghost se revelar infrutífera) foi Alyn do Casco. Sheepstealer não quis saber dele. Quando saiu cambaleando do esconderijo do dragão com a capa em chamas, apenas a ação rápida do irmão salvou sua vida. Seasmoke manteve o dragão selvagem à distância enquanto Addam usava a própria capa para apagar as chamas. Alyn Velaryon ficou com as cicatrizes do encontro nas costas e pernas pelo resto da sua longa vida. Mas se considerava com sorte, pois tinha sobrevivido. Muitas sementes e outros ousados que aspiraram a montar nas costas de Sheepstealer acabaram na barriga dele.

No final, o dragão castanho foi submetido pela malícia e a persistência de uma "garotinha marrom" de 16 anos chamada Netty, que toda manhã levou a ele uma ovelha recém-abatida, até Sheepstealer aprender a aceitá-la e esperar por ela. Tinha cabelo preto, olhos castanhos, pele morena, era magra, dizia obscenidades, era imunda e destemida... A primeira e a última a montar o dragão Sheepstealer.

Assim, o Príncipe Jacaerys atingiu seu objetivo. A despeito de todas as mortes e toda dor que isso causou, das viúvas deixadas para trás, dos homens queimados que carregariam suas cicatrizes até o dia em que morressem, quatro novos cavaleiros de dragões foram encontrados. Com 129 D.C. chegando ao fim, o príncipe se preparou para voar contra Porto Real. A data que escolheu para o ataque foi a primeira lua cheia do novo ano.

Mas os planos dos homens não passam de brincadeira para os deuses. Pois enquanto Jace traçava sua trama, uma nova ameaça chegava do leste. As ideias de Otto Hightower tinham dado frutos; reunido em Tyrosh, o Alto Conselho de Triarcas aceitara sua oferta de uma aliança. Noventa navios de guerra zarparam dos Degraus sob os estandartes das Três Filhas, remando para a Goela... E, como determinado pelo acaso e os deuses, a coca pentoshi *Feliz Abandono,* carregando dois príncipes Targaryen, navegou direto para seus alvos. A escolta enviada para proteger a coca foi afundada ou tomada, e o *Abandono Feliz,* capturado.

A história só alcançou Pedra do Dragão quando o Príncipe Aegon chegou, agarrado desesperadamente ao pescoço de seu dragão, Stormcloud. O garoto estava pálido de terror, tremendo como uma folha e

fedendo a mijo. Tendo apenas 9 anos, ele nunca havia voado... E nunca voaria de novo, pois Stormcloud fora terrivelmente ferido ao fugir, tendo chegado com restos de inúmeras flechas cravadas na barriga e uma seta de catapulta atravessada na garganta. Morreu em uma hora, sibilando enquanto o sangue quente esguichava escuro e enfumaçado de seus ferimentos. O irmão menor de Aegon, o Príncipe Viserys, não conseguira escapar da coca. Inteligente, o garoto escondera seu ovo de dragão e vestira roupas esfarrapadas e sujas de sal, fingindo ser um mero grumete, mas um dos verdadeiros grumetes do navio o traiu, e ele foi feito prisioneiro. Foi um capitão tyroshi quem primeiro se deu conta de quem era, mas o almirante da frota, Sharako Lohar de Lys, logo o aliviou de seu prêmio.

Quando o Príncipe Jacaerys se lançou sobre uma fila de galeras de Lysene em Vermax, uma chuva de lanças e flechas subiu para recebê-lo. Os marinheiros dos Triarcas já tinham encarado dragões antes ao lutar contra o Príncipe Daemon nos Degraus. Nenhum homem podia duvidar de sua coragem; estavam preparados para enfrentar chama de dragão com as armas que tinham. “Matem o cavaleiro e o dragão partirá”, seus capitães e comandantes disseram. Um navio pegou fogo, depois outro. Mas os homens das Cidades Livres continuaram a lutar... Até um grito ecoar e eles erguerem os olhos para ver mais formas aladas contornando o Monte Dragão e indo na sua direção.

Uma coisa é encarar um dragão, outra é encarar cinco. Quando Silverwing, Sheepstealer, Seasmoke e Vermithor se lançaram sobre eles, os homens dos Triarcas perderam a coragem. A linha de belonaves se desfez, e uma galera após a outra se virou. Os dragões desceram como raios, cuspindo bolas de fogo, azuis e laranja, vermelhas e douradas, cada uma mais brilhante que a outra. Navio após navio explodiu em pedaços ou foi consumido pelas chamas. Homens saltaram na água aos gritos, envoltos pelo fogo. Altas colunas de fumaça preta se erguiam da água. Tudo parecia perdido... Tudo *estava* perdido...

... Até Vermax voar baixo demais e mergulhar no mar.

Diversas histórias diferentes foram contadas depois sobre como e por que o dragão caiu. Alguns alegaram que um homem com uma besta perfurou seu olho com uma seta de ferro, mas essa versão parece suspeitamente semelhante ao modo como Meraxes encontrou seu fim muito tempo antes em Dorne. Outro relato nos informa que um marinheiro

no cesto da gávea de uma galera de Myr lançou um gancho quando Vermax sobrevoava a frota. Uma das garras se prendeu entre duas escamas e foi cravada profundamente devido à velocidade considerável do grande dragão. O marinheiro tinha enrolado o final da corrente no mastro, e o peso do navio e o poder das asas de Vermax abriram um comprido talho na barriga do dragão. O guincho de raiva do dragão foi ouvido até a Vila das Especiarias, mesmo em meio ao clamor da batalha. Seu voo chegou a um fim violento, e Vermax desceu entre fumaça e gritos, agarrando a água. Sobreviventes disseram que ele se esforçou para subir, apenas para bater de cabeça numa galera em chamas. Madeira se partiu, o mastro despencou e o dragão, agitado, ficou preso no cordame. Quando o navio tombou e afundou, Vermax afundou com ele.

Dizem que Jacaerys Velaryon saltou e se agarrou a um destroço fumegante por alguns instantes até besteiros no navio myrano mais próximo começarem a disparar contra ele. O príncipe foi atingido mais de uma vez. Cada vez mais homens de Myr usaram suas bestas. Finalmente, uma seta o acertou no pescoço, e Jace foi engolido pelo mar.

A Batalha da Goela entrou pela noite ao norte e ao sul de Pedra do Dragão e ainda é uma das mais sangrentas batalhas marinhas da história. O almirante Sharako Lohar, dos Triarcas, levara uma frota de noventa navios de guerra de Myr, Lys e Tyr desde os Degraus; apenas 28 sobreviveram para se arrastar de volta para casa.

Embora os atacantes tivessem deixado de lado Pedra do Dragão, sem dúvida acreditando que a antiga fortaleza Targaryen era forte demais para ser atacada, causaram danos terríveis em Derivamarca. Vila das Especiarias foi brutalmente saqueada, homens, mulheres e crianças, chacinados nas ruas, e seus corpos, deixados como alimento para gaivotas, ratos e corvos, seus prédios, incendiados. A cidade nunca seria reconstruída. Maré Alta também foi incendiada. Todos os tesouros que a Serpente do Mar trouxera do oriente foram consumidos pelo fogo, e seus servos, abatidos enquanto tentavam fugir das chamas. A frota Velaryon perdeu quase um terço de seu poderio. Milhares morreram. Mas nenhuma dessas perdas foi sentida mais profundamente do que a de Jacaerys Velaryon, Príncipe de Pedra do Dragão e herdeiro do Trono de Ferro.

Uma quinzena depois, na Campina, Ormund Hightower se viu apanhado entre dois exércitos. Thaddeus Rowan, Senhor de Bosquedouro, e Tom Flowers, bastardo de Ponteamarga, estavam se lançando sobre ele a

partir do nordeste com uma grande legião de cavaleiros, enquanto Sor Alan Beesbury, Lorde Alan Tarly e Lorde Owen Costayne haviam unido forças para impedir sua retirada para Vilavelha. Quando suas legiões o cercaram às margens do rio Vinhomel, atacando dianteira e retaguarda ao mesmo tempo, Lorde Hightower viu suas linhas desmoronando. A derrota parecia iminente... Até uma sombra se lançar sobre o campo de batalha e um rugido terrível ecoar acima, penetrando o som de aço contra aço. Um dragão chegava.

Era Tessarion, a Rainha Azul, em cobalto e cobre. Em suas costas, estava o mais jovem dos três filhos da Rainha Alicent, Daeron Targaryen, 15 anos, escudeiro de Lorde Ormund.

A chegada do Príncipe Daeron e seu dragão inverteu a maré da batalha. Eram então os homens de Lorde Ormund atacando, berrando xingamentos contra seus inimigos, enquanto os homens da rainha fugiam. Ao final do dia, Lorde Rowan se retirou para o norte com o resto de sua legião, Tom Flowers estava morto e queimado entre os juncos, os dois Alan eram cativos e Lorde Costayne morreriam lentamente de um ferimento causado pela lâmina escura de Jon Roxton, a Fazedora de Órfãos. Enquanto lobos e corvos se alimentavam dos corpos dos mortos, Lorde Hightower festejou o Príncipe Daeron com au-roque e vinho-forte e o nomeou cavaleiro com a famosa espada longa valiriana Vigilância, chamando-o de “Sor Daeron, o Ousado”. O príncipe retrucou com modéstia.

– Meu senhor é gentil de dizê-lo, mas a vitória pertence a Tessarion.

Em Pedra do Dragão, um ar de desalento e derrota pairou sobre a corte “negra” quando a tragédia de Vinhomel ficou conhecida. Lorde Bar Emmon chegou ao ponto de sugerir que talvez tivesse chegado o momento de se ajoelhar perante Aegon II. Mas a rainha não aceitaria isso. Apenas os deuses conhecem de verdade o coração dos homens, e as mulheres são prenhes de estranheza. Abalada pela morte de um filho, Rhaenyra Targaryen pareceu encontrar novas forças depois da perda do segundo. O assassinato de Jace a endureceu, eliminando seus temores, deixando apenas sua raiva e seu ódio. Ainda possuindo mais dragões que seu meio-irmão, Sua Graça resolveu usá-los, não importando qual fosse o preço. Disse ao Conselho Negro que lançaria fogo e morte sobre Aegon e todos aqueles que o apoiavam. Ou o arrancaria do trono, ou morreria tentando.

Do outro lado da baía, disposição semelhante deitara raízes no peito de Aemond Targaryen, que governava em nome do irmão enquanto Aegon

permanecia de cama. Desprezando a meio-irmã Rhaenyra, Aemond Um-Olho considerava maior a ameaça representada pelo tio, Príncipe Daemon, e a grande legião que ele reunira em Harrenhal. Convocando seus súditos e o conselho, o príncipe anunciou sua intenção de mover guerra contra o tio e punir os senhores traidores do rio.

Nem todos os membros do Conselho Verde defendiam a ação ousada do príncipe. Aemond teve o apoio de Sor Criston Cole, a Mão, e de Sor Tyland Lannister, mas o Grande Meistre Orwyle o conclamou a mandar notícias a Ponta Tempestade e somar o poder da Casa Baratheon antes de prosseguir, e Barra de Ferro, Lorde Jasper Wylde, declarou que deveria convocar Lorde Hightower e o Príncipe Daeron do sul, alegando que "dois dragões são melhores que um". A Rainha Viúva também recomendou cautela, conclamando o filho a esperar até seu irmão, o rei, e seu dragão Sunfyre, o Dourado, estarem curados, para que pudessem se juntar ao ataque.

Contudo, o Príncipe Aemond não estava disposto a tais demoras. Ele declarou que não tinha necessidade de seus irmãos ou seus dragões. Aegon estava ferido demais, Daeron era jovem demais. Sim, Caraxes era um animal assustador, selvagem, malicioso e experiente em batalha... Mas Vhagar era mais velha, mais feroz, e tinha o dobro do tamanho. O Septão Eustace nos conta que o Assassino de Familiares queria aquela vitória; ele não desejava partilhar a glória com seus irmãos nem mais ninguém.

Nem era possível contradizê-lo, pois, até que Aegon II se erguesse de seu leito para pegar sua espada de novo, a regência e o governo estavam com Aemond. Seguindo sua determinação, ele partiu do Portão dos Deuses duas semanas depois à frente de uma legião de quatro mil combatentes.

Daemon Targaryen era um combatente velho e experiente demais para se permitir ser confinado dentro das muralhas, mesmo muralhas tão imponentes quanto as de Harrenhal. O príncipe ainda tinha amigos em Porto Real, e os planos do sobrinho chegaram ao seu conhecimento antes mesmo que Aemond partisse. Dizem que, ao saber que Aemond e Sor Criston Cole tinham deixado Porto Real, o Príncipe Daemon teria rido e dito "Já era hora", pois havia muito previra esse momento. Uma revoada de corvos decolou das torres retorcidas de Harrenhal.

Em outro ponto do reino, Lorde Walys Mooton liderava cem cavaleiros de Lagoa da Donzela para se reunir aos semisselvagens Crabbs e Brunes de Ponta da Garra Rachada e os Celtigar de Ilha da Garra. Eles se

apressaram por entre florestas de pinheiros e colinas envoltas em névoa até Pouso de Gralhas, onde sua chegada repentina pegou de surpresa a guarnição. Após retomar o castelo, Lorde Mooton liderou seus homens mais corajosos até o campo de cinzas a oeste do castelo, para abater o dragão Sunfyre.

Os candidatos a matadores de dragões superaram com facilidade o cordão de guardas que fora deixado ali para alimentar, servir e proteger o dragão, mas o próprio Sunfyre provou ser mais formidável que o esperado. Dragões são criaturas desajeitadas em terra, e sua asa arrancada deixava o grande animal dourado incapaz de decolar. Os atacantes esperavam encontrar a fera quase à morte. Em vez disso, a encontraram dormindo, mas o choque de espadas e o galope dos cavalos logo a despertaram, e a primeira lança a acertá-la deixou-a furiosa. Coberto de lama e escorregadio, se retorcendo em meio aos ossos de inúmeras ovelhas, Sunfyre se contorceu e encolheu como uma serpente, golpeando com o rabo, lançando jorros de chamas douradas sobre seus agressores enquanto lutava para voar. Ele se ergueu três vezes, e três vezes tombou de volta na terra. Os homens de Mooton o cercaram com espadas, lanças e machados, produzindo muitos ferimentos terríveis... Mas cada golpe parecia apenas enfurecê-lo ainda mais. O número de mortes chegou a três vintenas antes que os sobreviventes fugissem.

Entre os mortos estava Walys Moonton, Senhor de Lagoa da Donzela. Quando seu corpo foi encontrado quinze dias depois por seu irmão Manfyrd, não restava nada além de carne queimada numa armadura derretida, coberta de vermes. Mas em nenhum lugar no campo de cinzas, coberto com os corpos de homens corajosos e as carcaças queimadas e inchadas de centenas de cavalos, Lorde Manfyrd encontrou o dragão do Rei Aegon. Sunfyre sumira. Nem havia trilhas, como haveria caso o dragão tivesse se arrastado. Sunfyre, o Dourado, aparentemente alçara voo... Mas nenhum homem vivo sabia dizer para onde.

Enquanto isso, o Príncipe Daemon Targaryen se apressava rumo ao sul nas asas de seu dragão Caraxes. Voando acima do litoral ocidental de Olho de Deus, bem distante da linha de avanço de Sor Criston, ele evitou a legião inimiga, cruzou a Água Negra e virou rumo ao leste, seguindo rio abaixo até Porto Real. E, em Pedra do Dragão, Rhaenyra Targaryen vestiu um traje de escamas pretas reluzentes, montou em Syrax e levantou voo enquanto uma tempestade açoitava as águas da Baía da Água Negra. Bem

acima da cidade, a rainha e seu príncipe consorte se juntaram, circulando acima da Colina de Aegon.

A visão deles provocou terror nas ruas da cidade abaixo, pois as pessoas comuns não demoraram a se dar conta de que o ataque que temiam chegara. O Príncipe Aemond e Sor Criston privaram Porto Real de defensores ao avançar para retomar Harrenhal... E o Assassino de Familiares levara Vhagar, aquela fera temível, deixando apenas Dreamfyre e um punhado de filhotes pequenos para enfrentar os dragões da Rainha. Os jovens dragões nunca haviam sido montados, e a cavaleira de Dreamfyre, a Rainha Helaena, era uma mulher arrasada; era como se a cidade estivesse sem dragões.

Milhares de pessoas comuns escorreram pelos portões da cidade, carregando filhos e bens nas costas, buscando segurança no interior. Outros cavaram poços e túneis sob suas choupanas, buracos escuros e úmidos onde esperavam se esconder enquanto a cidade queimava. Eclodiram tumultos na Baixada das Pulgas. Quando as velas dos navios da Serpente do Mar foram vistas a leste na Baía da Água Negra, seguindo para o rio, os sinos de todos os septos da cidade começaram a badalar e bandos tomaram as ruas, saqueando tudo pela frente. Dezenas morreram até que os mantos dourados conseguissem restaurar a ordem.

Com o Senhor Protetor e a Mão do Rei ausentes e o próprio Rei Aegon, queimado, preso ao leito e perdido em seus sonhos de papoula, coube à Rainha Viúva cuidar da defesa da cidade. A Rainha Alicent se mostrou à altura do desafio, fechando os portões do castelo e da cidade, enviando os mantos dourados para as muralhas e mandando cavaleiros e cavalos ligeiros para encontrar o Príncipe Aemond e trazê-lo de volta.

Também ordenou ao Grande Meistre Orwyle que enviasse corvos a "todos os nossos senhores leais", convocando-os para defender seu verdadeiro rei. Mas, quando Orwyle retornou aos seus aposentos, encontrou quatro mantos dourados esperando por ele. Um homem abafou seus gritos enquanto os outros o espancavam e amarravam. Com um saco colocado sobre a cabeça, o Grande Meistre foi escoltado até as celas escuras abaixo.

Os cavaleiros da Rainha Alicent não foram além dos portões, onde outros mantos dourados os colocaram sob custódia. Sem que Sua Graça soubesse, os sete capitães que comandavam os portões, escolhidos por sua lealdade ao Rei Aegon, foram presos ou assassinados no momento em que

Caraxes aparecera no céu acima da Fortaleza Vermelha... Pois os soldados da Patrulha da Cidade ainda amavam Daemon Targaryen, que os comandara havia muito.

O irmão da rainha, Sor Gwayne Hightower, segundo em comando dos mantos dourados, correu até o estábulo para soar o alarme. No entanto, ele foi detido, desarmado e arrastado até seu comandante, Luthor Largent. Quando Hightower o denunciou como vira-casacas, Sor Luthor riu:

– Daemon nos deu esses mantos, e eles são dourados não importa como os vire – disse. Depois enfiou sua espada na barriga de Sor Gwayne e ordenou que os portões da cidade fossem abertos para os homens que desembarcavam dos navios da Serpente do Mar.

Apesar da louvada força de suas muralhas, Porto Real caiu em menos de um dia. Uma breve luta sangrenta foi travada no Portão do Rio, onde treze cavaleiros de Hightower e cem homens de armas repeliram os mantos dourados e resistiram por quase oito horas aos ataques de dentro e de fora da cidade. Porém, seu heroísmo foi em vão, pois os soldados de Rhaenyra entraram pelos outros seis portões sem enfrentar resistência. A visão dos dragões da rainha no céu desanimou a oposição, e os aliados remanescentes do Rei Aegon se esconderam, fugiram ou se ajoelharam.

Os dragões desceram um a um. Sheepstealer pousou no alto da Colina de Visenya, Silverwing e Vermithor na Colina de Rhaenys, fora do Fosso dos Dragões. O Príncipe Daemon circulou as torres da Fortaleza Vermelha antes de pousar Caraxes no pátio externo. Apenas quando teve certeza de que os defensores não ofereceriam perigo, ele sinalizou para que a rainha descesse em Syrax. Addam Velaryon permaneceu no alto, contornando as muralhas da cidade em Seasmoke, o bater das grandes asas coriáceas de seu dragão servindo de alerta para aqueles abaixo de que qualquer desafio seria respondido com fogo.

Ao ver que resistir era inútil, a Rainha Viúva Alicent saiu da Fortaleza de Maegor com seu pai, Otto Hightower, Sor Tyland Lannister e Lorde Jasper Wylde, o Barra de Ferro (Lorde Larys Strong não estava com eles – o mestre dos sussurros de algum modo conseguira desaparecer). A rainha tentou negociar com a enteada.

– Vamos convocar juntas um grande conselho, como o Velho Rei fez nos velhos tempos, e apresentar a questão da sucessão aos senhores do reino – sugeriu a Rainha Viúva.

Mas a Rainha Rhaenyra rejeitou a proposta com desprezo.

– Ambas sabemos o que esse conselho iria decidir.

E então deu uma escolha à madrasta: renda-se ou queime.

Baixando a cabeça, derrotada, a Rainha Alicent entregou as chaves do castelo e ordenou que seus cavaleiros e homens de armas baixassem as espadas.

– A cidade é sua, princesa, mas você não a terá por muito tempo – teria dito ela. – Os ratos brincam quando o gato parte, mas meu filho Aemond voltará com fogo e sangue.

Mas o triunfo de Rhaenyra não foi de modo algum completo. Seus homens encontraram a esposa do rival, a rainha louca Helaena, trancada em seus aposentos... Mas, quando derrubaram as portas dos aposentos do Rei, encontraram apenas "sua cama, vazia, e seu urinol, cheio". O Rei Aegon II fugira. Da mesma forma, seus filhos, a Princesa Jaehaera, de 6 anos, e o Príncipe Maelor, de 2, com os cavaleiros Willis Fell e Rickard Thorne, da Guarda Real. Nem mesmo a Rainha Viúva parecia saber para onde tinham ido, e Luthor Largent jurou que ninguém passara pelos portões da cidade.

Mas não havia como levar embora o Trono de Ferro. Nem a Rainha Rhaenyra dormiria até tomar posse do trono do pai. Então, os archotes foram acesos na sala do trono, e a rainha subiu os degraus de ferro e se sentou onde o Rei Viserys se sentara antes dele, e o Velho Rei antes dele, e Maegor, e Aenys, e Aegon, o Dragão, nos velhos tempos. De rosto duro, ainda em sua armadura, ela se sentou no alto enquanto todos os homens e mulheres da Fortaleza Vermelha eram levados e forçados a se ajoelhar diante dela, para suplicar seu perdão e prometer suas vidas, espadas e honra a ela como sua rainha.

A cerimônia durou toda a noite. Já amanhecera havia muito quando Rhaenyra Targaryen se levantou e começou a descer. "E enquanto o senhor seu marido Príncipe Daemon a escoltava para fora do salão, cortes foram vistos nas pernas de Sua Graça e na palma de sua mão esquerda. Gotas de sangue caíram no chão quando ela passou, e homens sábios trocaram olhares, embora nenhum ousasse dizer a verdade em voz alta: o Trono de Ferro a rejeitara, e seus dias nele seriam breves."

Tudo isso aconteceu enquanto o Príncipe Aemond e Sor Criston Cole avançavam sobre as terras fluviais. Após dezenove dias de marcha, eles chegaram a Harrenhal... E encontraram os portões do castelo abertos, depois da partida de Príncipe Daemon e todo o seu povo.

O Príncipe Aemond mantivera Vhagar com a coluna principal durante toda a marcha, pensando que seu tio poderia tentar atacá-los montado em Caraxes. Chegou a Harrenhal um dia depois de Cole e, naquela noite, celebrou uma grande vitória. Daemon e seu "lixo do rio" fugiram em vez de enfrentar sua ira, proclamou Aemond. Não espanta que quando a notícia da queda de Porto Real chegou a ele o príncipe tenha se sentido triplamente tolo. Sua fúria foi algo assustador de ver.

A oeste de Harrenhal, a luta continuava nas terras fluviais enquanto a legião de Lannister se arrastava à frente. A idade e a doença de seu comandante, Lorde Leffod, reduziram muito o ritmo de seu avanço, mas, à medida que se aproximaram do litoral oeste de Olho de Deus, eles encontraram um enorme exército novo bloqueando seu caminho.

Roddy, a Ruína e seus Lobos do Inverno tinham se unido a Forrest Frey, Senhor da Travessia, e Robb Rivers, o Ruivo e também conhecido como Arqueiro de Corvarbor. Os homens do Norte eram dois mil, Frey comandava duzentos cavaleiros e o triplo de soldados a pé, Rivers levara trezentos arqueiros para a batalha. E mal Lorde Leffort tinha parado para enfrentar o inimigo à sua frente, mais inimigos surgiram ao sul, onde Longleaf, o Matador de Leões, e um bando esfarrapado de sobreviventes das batalhas anteriores recebera os lordes Bigglestone, Chambers e Perryn.

Apanhado entre os dois inimigos, Lefford hesitou enfrentar qualquer um deles, por temer que o outro se lançasse sobre sua retaguarda. Em vez disso, se colocou de costas para o lago, se instalou e enviou corvos para o Príncipe Aemond em Harrenhal, suplicando ajuda. Embora doze pássaros tivessem alçado voo, nenhum chegou ao Príncipe; Robb Rivers, o Ruivo, considerado o melhor arqueiro de todo Westeros, abateu-os em voo.

Mais homens do rio chegaram no dia seguinte, liderados por Sor Garibald Grey, Lorde Jon Charlton e o novo Senhor de Corvarbor, Benjicot Blackwood, de 11 anos. Com seu número aumentado com os novos guerreiros, os homens da rainha concordaram em que chegara a hora de atacar.

– Melhor acabar com esses leões antes que os dragões cheguem – sugeriu Roddy, a Ruína.

A mais sangrenta batalha terrestre da Dança dos Dragões começou no dia seguinte, ao nascer do sol. Nos anais da Cidadela, ela é conhecida como a Batalha Junto ao Lago, mas, para os homens que sobreviveram para contar a história, ela sempre foi a Comida de Peixes.

Atacados por três lados, os homens do oeste foram empurrados pé após pé para dentro das águas de Olho de Deus. Centenas morreram lá, cortados enquanto lutavam em meio aos juncos; centenas mais se afogaram tentando fugir. Ao cair da noite, dois mil homens estavam mortos, entre eles muitos notáveis, incluindo Lorde Frey, Lorde Lefford, Lorde Bigglestone, Lorde Charlton, Lorde Swyft, Lorde Reyne, Sor Clarent Crackehall e Sor Tyler Hill, o Bastardo de Lannisporto. A legião de Lannister foi estraçalhada e massacrada, mas a tal custo que o jovem Ben Blackwood, o menino senhor de Corvarbor, chorou ao ver as pilhas de mortos. As perdas mais terríveis foram sofridas pelos homens do Norte, já que os Lobos do Inverno pediram a honra de liderar o ataque e investiram cinco vezes contra as fileiras de lanças dos Lannister. Mais de dois terços dos homens que cavalgaram rumo ao sul com Lorde Dustin estavam mortos ou feridos.

Em Harrenhal, Aemond Targaryen e Criston Cole debatiam a melhor forma de responder aos ataques da rainha. Embora a sede de Harren Negro fosse forte demais para ser tomado em um ataque, e os senhores do rio não ousassem montar um cerco por medo de Vhagar, os homens do rei estavam ficando sem comida e suprimentos e perdendo homens e cavalos para a fome e a doença. Restavam apenas campos escuros e aldeias queimadas ao redor das enormes muralhas do castelo, e os grupos de coletores que se aventuraram mais além não retornaram. Sor Criston insistiu numa retirada rumo ao sul, onde o apoio a Aegon era mais forte, mas o príncipe se recusou.

– Apenas um covarde foge de traidores.

A perda de Porto Real e do Trono de Ferro o enfureceu e, quando a notícia da batalha Comida de Peixe chegou a Harrenhal, o Senhor Protetor quase estrangulou o escudeiro que dera a notícia. Apenas a interferência de sua parceira Alys Rivers salvara a vida do rapaz. O Príncipe Aemond defendeu um ataque imediato a Porto Real. Ele insistiu que nenhum dos dragões da rainha era páreo para Vhagar.

Sor Criston classificou isso como loucura.

– Um contra seis é uma luta para tolos, meu príncipe – declarou.

Vamos marchar para o sul, pediu ele mais uma vez, e unir as forças com Lorde Hightower. O Príncipe Aemond poderia se juntar ao irmão Daeron e seu dragão. O Rei Aegon escapara de Rhaenyra, isso eles sabiam, então ele poderia pegar Sunfyre e se unir aos irmãos. E talvez seus amigos

dentro da cidade pudessem descobrir como libertar também a Rainha Helaena, para que esta pudesse levar Dreamfyre para a batalha. Quatro dragões talvez pudessem derrotar seis se um deles fosse Vhagar.

O Príncipe Aemond se recusou a considerar esse "plano covarde".

Sor Criston e o Príncipe Aemond decidiram se separar. Cole assumiria o comando da legião e a lideraria rumo ao sul para se juntar a Ormund Hightower e ao Príncipe Daeron, mas o príncipe regente não os acompanharia. Em vez disso, ele pretendia travar sua própria guerra, lançando fogo desde o ar sobre os traidores. Mais cedo ou mais tarde, "a rainha piranha" mandaria um ou dois dragões para detê-lo, e Vhagar os destruiria.

– Ela não ousaria mandar *todos* os seus dragões – insistiu Aemond. – Isso deixaria Porto Real desprovida e vulnerável. Ela também não arriscaria Syrax, ou seu último filhinho. Rhaenyra pode se dizer rainha, mas tem as partes de uma mulher, o coração fraco de uma mulher e os medos de uma mãe.

E assim o Fazedor de Reis e o Assassino de Familiares se separaram, cada um seguindo o próprio destino, enquanto, na Fortaleza Vermelha, a Rainha Rhaenyra Targaryen começava a recompensar seus amigos e a infligir punições cruéis aos que haviam servido ao seu meio-irmão.

Enormes recompensas foram oferecidas por informações que levassem à captura do "usurpador que se apresenta como Aegon II", sua filha Jaehaera, seu filho Maelor, os "falsos cavaleiros" Willis Fell e Rickard Thorne, e Larys Strong, o Pé-Torto. Quando isso não produziu os resultados desejados, Sua Graça enviou grupos de caça de "cavaleiros inquisidores" para procurar os "traidores e vilões" que escaparam dela e punir qualquer homem que os tivesse ajudado.

A Rainha Alicent foi presa pelo pulso e pelo tornozelo com correntes de ouro, embora sua enteada tivesse poupado sua vida "por causa de nosso pai, que um dia a amou". O pai dela teve menos sorte. Sor Otto Hightower, que fora Mão de três reis, foi o primeiro traidor a ser decapitado. Barra de Ferro o seguiu no cepo, ainda insistindo que pela lei o filho de um rei tem precedência sobre sua filha. Sor Tyland Lannister foi entregue aos torturadores, na esperança de conseguirem recuperar parte do tesouro da coroa.

Nem Aegon nem seu irmão Aemond foram muito amados pelo povo da cidade, e muitos súditos se regozijaram com o retorno da rainha... Mas

amor e ódio são duas faces da mesma moeda, e à medida que novas cabeças começaram a aparecer diariamente nas varas acima dos portões da cidade, acompanhadas de impostos cada vez maiores, o jogo mudou. A garota que eles um dia tinham chamado de Encanto do Reino se transformara em uma mulher gananciosa e vingativa, diziam os homens, uma rainha tão cruel quanto qualquer rei antes dela. Um debochado chamou Rhaenyra de "Rei Maegor com tetas", e pelos cem anos seguintes "Tetas de Maegor" foi um xingamento comum entre os súditos.

De posse da cidade, do castelo e do trono, defendida por não menos que seis dragões, Rhaenyra se sentiu segura o bastante para mandar buscar os filhos. Uma dúzia de navios zarpou de Pedra do Dragão levando as damas de companhia da rainha e seu filho Aegon, o Jovem. Rhaenyra fez do rapaz seu intendente, de modo que nunca pudesse sair de perto dela. Outra frota zarpou de Vila Gaivota com o Príncipe Joffrey, o último dos três filhos da rainha com Laenor Velaryon e seu dragão Tyraxes. Sua Graça começou a planejar uma grandiosa celebração para marcar a nomeação formal de Joffrey como Príncipe de Pedra do Dragão e herdeiro do Trono de Ferro.

Na plenitude de sua vitória, Rhaenyra Targaryen não desconfiava de que lhe restavam poucos dias. Mas sempre que ela se sentava no Trono de Ferro suas lâminas cruéis faziam correr sangue fresco de mãos, braços e pernas, um sinal que todos podiam interpretar.

Além das muralhas da cidade, a luta continuava ao longo dos Sete Reinos. Nas terras fluviais, Sor Criston Cole abandonou Harrenhal, seguindo rumo ao sul pela margem oeste de Olho de Deus, com 3.500 homens (morte, doença e deserções reduziram o número que avançara desde Porto Real). O Príncipe Aemon já partira, montado em Vhagar. Não mais preso a castelo ou legião, o príncipe caolho estava livre para voar para onde quisesse. Era guerra como Aegon, o Conquistador, e suas irmãs haviam tramado um dia, com chama de dragão, e Vhagar descia do céu de outono para arrasar repetidas vezes terras, aldeias e castelos dos senhores do rio. A Casa Darry foi a primeira a conhecer a ira do príncipe. Os homens que levavam a colheita se queimaram ou fugiram quando as plantações arderam em chamas, e o Castelo Darry foi consumido numa tempestade de fogo. A Senhora Darry e seus filhos menores sobreviveram se abrigando em salões sob a fortaleza, mas o senhor seu marido e seu herdeiro morreram no parapeito, com duas vintenas de fiéis espadas e

arqueiros. Três dias depois, Vila de Lorde Harroway foi deixada fumegante. Moinho do Senhor, Fivelanegra, Fivela, Lagoa de Barro, Swynford, Spiderwood... A fúria de Vhagar se abateu sobre cada cidade consecutivamente, até que metade das terras fluviais parecia em chamas.

Sor Criston Cole também enfrentou incêndios. À medida que levava seus homens rumo ao sul pelas terras fluviais, fumaça se erguia à frente e atrás. Cada cidade que ele encontrava fora queimada e abandonada. Sua coluna se movia por florestas de árvores mortas onde madeira viva tinha existido poucos dias antes, à medida que os senhores do rio ateavam fogo ao longo de sua linha de marcha. Em cada riacho, lago e poço de aldeia ele encontrava morte: cavalos mortos, vacas mortas, homens mortos, inchados e fedorentos, contaminando as águas. Por toda parte, seus batedores se deparavam com cenas horrendas em que cadáveres em armaduras se sentavam sob as árvores com roupas apodrecidas, num deboche grotesco de um banquete. O banquete era composto por homens que tombaram em batalha, crânios sorridentes sob elmos enferrujados, com a carne verde e apodrecida descolando dos ossos.

Quatro dias após deixar Harrenhal, os ataques começaram. Arqueiros escondidos entre as árvores acertaram batedores e retardatários com seus arcos longos. Homens morreram. Outros ficaram para trás na retaguarda e nunca mais foram vistos. Alguns fugiram, abandonando escudos e lanças para desaparecer na mata. Outros mais se entregaram ao inimigo. Na área comum da aldeia de Olmos Cruzados, foi encontrado outro dos banquetes medonhos. Já acostumados com essas visões, os batedores de Sor Criston fizeram caretas e seguiram, sem dar atenção aos mortos pútridos... Até que os cadáveres saltaram e se jogaram sobre eles. Doze morreram antes que se dessem conta de que tudo fora uma armadilha.

Tudo isso foi apenas um prelúdio, pois os senhores do Tridente estavam reunindo suas forças. Quando Sor Criston deixou o lago para trás, seguindo por terra até a Água Negra, encontrou-os esperando no alto de um cume de pedra; trezentos cavaleiros montados em armaduras, o mesmo número de homens com arcos longos, três mil arqueiros, três mil homens dos rios desmazelados com lanças, centenas de homens do Norte brandindo machados, marretas, maças de espigões e antigas espadas de ferro. Acima de suas cabeças tremulavam os estandartes da Rainha Rhaenyra.

A batalha que se seguiu foi tão desigual quanto todas na Dança. Lorde Roderick Dustin levou uma trombeta aos lábios e soou o toque de carga, e os homens da rainha desceram o cume aos gritos, liderados pelos Lobos do Inverno em seus cavalos peludos do Norte e os cavaleiros em seus cavalos de batalha com armadura. Quando Sor Criston foi atingido e caiu morto no chão, os homens que o seguiram desde Harrenhal perderam a coragem. Romperam a formação e fugiram, jogando de lado escudos enquanto corriam. Seus inimigos foram atrás, abatendo-os às centenas.

No Dia da Donzela do ano de 130 D.C., a cidadela de Vilavelha enviou trezentos corvos brancos para marcar a chegada do inverno, mas era alto verão para a Rainha Rhaenyra Targaryen. A despeito da antipatia dos súditos, a cidade e a coroa eram dela. Do outro lado do Mar Estreito, os Triarcas haviam começado a se desmantelar. As ondas pertenciam à Casa Velaryon. Embora a neve tivesse fechado as passagens pelas Montanhas da Lua, a Donzela do Vale cumprira sua palavra, enviando homens pelo mar para lutarem ao lado das legiões da rainha. Outras frotas levaram guerreiros de Porto Branco, liderados pelos próprios filhos de Lorde Manderly, Medrick e Torrhen. Em tudo o poder da Rainha Rhaenyra crescia, enquanto o do Rei Aegon murchava.

Mas nenhuma guerra podia ser considerada ganha enquanto houvesse inimigos a conquistar. O Fazedor de Reis, Sor Criston Cole, fora abatido, mas, em algum lugar do reino, Aegon II, o rei que ele havia feito, continuava vivo e livre. A filha de Aegon, Jaehaera, estava também à solta. Larys Strong, o Pé-Torto, o mais enigmático e astuto integrante do Conselho Verde, desaparecera. Ponta Tempestade ainda era controlada por Lorde Borros Baratheon, que não era amigo da rainha. Os Lannister também tinham de ser considerados inimigos de Rhaenyra, embora, com Lorde Jason morto e a maior parte dos cavaleiros do oeste morta ou dispersa, Rochedo Casterly estivesse abalada.

O Príncipe Aemond se tornara o terror do Tridente, descendo do céu para lançar fogo e morte sobre as terras fluviais, depois desaparecendo, para atacar novamente no dia seguinte a cinquenta léguas de distância. As chamas de Vhagar reduziram a cinzas Salgueiro Velho e Salgueiro Branco, além de transformar o Salão da Porca em pedras pretas. Em Merrydown Dell, trinta homens e trezentas ovelhas morreram sob a chama da dragoa. O Assassino de Familiares retornou inexplicavelmente a Harrenhal, onde queimou todas as estruturas de madeira do castelo. Seis cavaleiros e duas

vintenas de homens de armas morreram tentando matar seu dragão. Com as notícias desses ataques se espalhando, outros senhores começaram a olhar para o céu com medo, imaginando quem poderia ser o próximo. Lorde Mooton de Lagoa da Donzela, a Senhora Darklyn de Valdocaso e Lorde Blackwood de Corvarbor enviaram mensagens urgentes à rainha, suplicando que mandasse dragões para defender suas terras.

Mas a maior ameaça ao reinado de Rhaenyra não era Aemond Um-Olho, mas seu irmão mais jovem, o Príncipe Daeron, o Ousado, e o grande exército sulista liderado por Lorde Ormund Hightower.

A legião de Hightower cruzara o Vago e estava avançando devagar para Porto Real, esmagando os aliados da rainha onde e sempre que tentavam detê-los e obrigando todo senhor que se ajoelhara a somar sua força à dele. Montado em Tessarion à frente da coluna principal, o Príncipe Daeron se mostrara um batedor inestimável, alertando Lorde Ormond de movimentos inimigos e trincheiras. Com grande frequência, os homens da rainha desapareciam à primeira visão das asas da Rainha Azul para não encarar a chama de dragão em batalha.

Conhecendo todas essas ameaças, Lorde Corlys Velaryon, Mão da Rainha Rhaenyra, sugeriu à Sua Graça que chegara a hora de conversar. Ele conclamou a rainha a oferecer perdão aos lordes Baratheon, Hightower e Lannister se eles se ajoelhassem, jurassem lealdade e oferecessem reféns ao Trono de Ferro. A Serpente do Mar sugeriu deixar que a Fé se encarregasse das rainhas Alicent e Helaena, para que passassem o resto de suas vidas em prece e contemplação. A filha de Helaena, Jaehaera, poderia se tornar sua protegida e no momento certo desposar o Príncipe Aegon, o Jovem, unindo as duas metades da Casa Targaryen novamente.

– E quanto aos meus meio-irmãos? – indagou Rhaenyra quando a Serpente do Mar lhe apresentou seu plano. – E quanto a esse falso Rei Aegon e o Assassino de Familiares Aemond? Quer que eu também os perdoe, aqueles que roubaram meu trono e mataram meus filhos?

– Poupe-os e mande-os para a Muralha – respondeu Lorde Corlys. – Que eles vistam o preto e levem suas vidas como homens da Patrulha da Noite, determinadas por votos sagrados.

– O que são votos para quem rompe juramentos? – exigiu saber a Rainha Rhaenyra. – Seus votos não os incomodaram quando tomaram meu trono.

O Príncipe Daemon compartilhou a desconfiança da Rainha. Perdoar rebeldes e traidores era lançar as sementes de novas rebeliões, insistiu ele.

– A guerra irá terminar quando as cabeças dos traidores estiverem no alto de estacas acima do Portão do Rei, e não antes.

Aegon II seria encontrado com o tempo, "escondido embaixo de alguma pedra", mas eles podiam e deveriam levar a guerra a Aemond e Daeron. Os Lannister e Baratheon deveriam ser destruídos, para que suas terras e seus castelos pudessem ser dados a homens que provaram ser mais leais. Conceder Ponta Tempestade a Ulf, o Branco, e Rochedo Casterly a Hugh Durão, o Martelo, sugeriu o príncipe... Para horror da Serpente do Mar.

– Metade dos senhores de Westeros se voltará contra nós se formos cruéis a ponto de destruir casas tão antigas e nobres – comentou Lorde Corlys.

Cabia à própria rainha escolher entre seu consorte e sua Mão. Rhaenyra se decidiu por um meio-termo. Ela mandaria enviados a Ponta Tempestade e Rochedo Casterly, oferecendo "termos justos" e perdões... *Depois* que tivesse dado um fim aos irmãos do usurpador, que estavam em campo contra ela.

– Assim que eles estiverem mortos o resto se colocará de joelhos. Matem seus dragões para que eu possa colocar suas cabeças nas paredes da minha sala do trono. Deixe que os homens olhem para elas nos anos por vir, para que saibam o preço da traição.

Porto Real não podia ser deixada sem defesa. A Rainha Rhaenyra permaneceria na cidade com Syrax e seus filhos Aegon e Joffrey, que não podiam ser colocados em risco. Joffrey, sem ter completado ainda 13 anos, estava ansioso para se provar um guerreiro, mas, quando soube que Tyraxes era necessário para ajudar sua mãe a manter a Fortaleza Vermelha no caso de um ataque, o jovem jurou solenemente fazer isso. Addam Velaryon, o herdeiro da Serpente do Mar, também permaneceria na cidade com Seasmoke. Três dragões deveriam bastar para defender Porto Real; o restante iria para a batalha.

O próprio Príncipe Daemon levaria Caraxes ao Tridente, com a menina Nettles e Sheepstealer, para encontrar o Príncipe Aemond e Vhagar e acabar com eles. Ulf, o Branco, e Hugh, o Martelo, voariam para Tumbleton, a cerca de cinquenta léguas a sudoeste de Porto Real, a última

fortaleza leal entre Lorde Hightower e a cidade, para ajudar na defesa da cidade e do castelo e destruir o Príncipe Daeron e Tessarion.

O Príncipe Daemon Targaryen e a pequena garota escura chamada Nettles caçaram Aemond Um-Olho por muito tempo sem sucesso. Haviam se instalado em Lagoa da Donzela a convite de Lorde Manfryd Mooton, que vivia aterrorizado com a possibilidade de Vhagar se lançar sobre a sua cidade. Em vez disso, o Príncipe Aemond atacou Cabeça de Pedra, no sopé das Montanhas da Lua; em Salgueiro Doce, Ramo Verde e Brotadança, no Ramo Vermelho; reduziu Ponte do Arqueiro a cinzas, queimou Velha Balsa e Moinho da Velha, destruiu o convento em Bechester, sempre desaparecendo no céu antes que os caçadores conseguissem chegar. Vhagar nunca se demorava, nem os sobreviventes costumavam concordar quanto à direção para a qual a dragoa voara.

Todo amanhecer Caraxes e Sheepstealer alçavam voo de Lagoa da Donzela, subindo bem acima das terras fluviais em círculos cada vez mais largos na esperança de ver Vhagar abaixo... apenas para retornar derrotados ao crepúsculo. Lorde Mooton ousou sugerir que os cavaleiros dividissem a busca, para cobrir o dobro de terreno. O Príncipe Daemon se recusou. Vhagar era a última dos três dragões que tinham ido para Westeros com Aegon, o Conquistador, e suas irmãs, ele lembrou a Sua Senhoria. Embora mais lenta do que tinha sido um século antes, se tornara quase tão grande quanto o antigo Terror Negro. Seu fogo era quente o bastante para derreter pedra, e nem Caraxes nem Sheepstealer a igualavam em ferocidade. Apenas juntos eles podiam esperar enfrentá-la. Então, ele manteve a menina Nettles ao seu lado dia e noite, no céu e no castelo.

Enquanto isso, ao sul, a batalha chegara a Tumbleton, uma próspera cidade mercantil no Vago. O castelo debruçado sobre a cidade era sólido mas pequeno, protegido por não mais de quarenta homens, só que milhares mais tinham subido o rio desde Ponteamarga, Mesalonga e mais ao sul. A chegada de uma grande força de senhores do rio inchara ainda mais o número e fortalecera sua disposição. No total, as forças reunidas sob os estandartes da rainha Rhaenyra em Tumbleton chegavam perto de nove mil. Os homens da rainha estavam em muito menor número que os de Lorde Hightower. Sem dúvida, a chegada dos dragões Vermithor e Silverwing com seus cavaleiros foi muito bem recebida pelos defensores de Tumbleton. Eles pouco sabiam dos horrores que os aguardavam.

O como, o quando e o porquê do acontecimento que passou a ser conhecido como as Traições de Tumbleton continuam a ser muito polêmicos, e a verdade sobre tudo o que ocorreu talvez nunca seja conhecida. Aparentemente, alguns daqueles que incharam a cidade, fugindo do exército de Lorde Hightower, na verdade faziam parte desse exército, enviados na frente para infiltrar as fileiras dos defensores. Mas a traição deles teria pouca valia se Sor Ulf, o Branco, e Sor Hugh, o Martelo, não tivessem também escolhido aquele momento para trocar de lealdade.

Como nenhum dos homens sabia ler ou escrever, nunca saberemos o que levou os Dois Traidores (como a história os batizou) a fazer o que fizeram. Contudo, sobre a Batalha de Tumbleton nós sabemos muito mais. Seis mil dos homens da rainha entraram em formação para enfrentar Lorde Hightower no campo e lutaram com bravura por algum tempo, mas uma devastadora chuva de flechas dos arqueiros de Lorde Ormund reduziu seu número, e uma carga estrepitosa dos pesados cavalos os dispersou, fazendo com que os sobreviventes voltassem correndo para as muralhas da cidade. Quando a maioria dos sobreviventes estava em segurança do lado de dentro dos portões, Roddy, a Ruína, e seus Lobos do Inverno avançaram por um portão nos fundos, lançando seus aterrorizantes gritos de guerra do Norte enquanto cercavam o flanco esquerdo dos atacantes. No caos que se seguiu, os nortenhos avançaram contra inimigos em número dez vezes maior até onde Lorde Ormund Hightower estava sentado em seu cavalo de batalha, abaixo do dragão dourado do Rei Aegon e dos estandartes de Vilavelha e Hightower. Como contam os menestréis, Lorde Roderick estava coberto de sangue dos pés à cabeça quando chegou, escudo partido e elmo rachado, mas tão ébrio da batalha que parecia sequer sentir seus ferimentos. Sor Bryndon Hightower, primo de Lorde Ormund, se colocou entre o homem do Norte e seu senhor, decepando no ombro o braço de Ruína que segurava o escudo com um golpe terrível de seu machado... Mas o selvagem Senhor de Vila Acidentada continuou lutando, matando Sor Bryndon e Lorde Ormund antes de morrer. Os estandartes de Lorde Hightower foram derrubados, e o povo da cidade festejou, pensando que os rumos da batalha mudaram. Nem mesmo o surgimento de Tessarion do outro lado do campo os desanimou, pois sabiam que tinham dois dragões do seu lado... Mas, quando Vermithor e Silverwing subiram ao céu e lançaram seu fogo sobre Tumbleton, os aplausos se transformaram em gritos.

Tumbleton ardeu em chamas: lojas, casas, septos, pessoas, tudo. Homens caíram ardentes da guarita do portão e dos passadiços, ou cambalearam aos gritos pelas ruas como archotes vivos. Os Dois Traidores assolaram a cidade com açoites de fogo de uma ponta a outra. O saque que se seguiu foi tão selvagem quanto qualquer outro na história de Westeros. Tumbleton, uma próspera cidade mercantil, foi reduzida a cinzas e brasas, para nunca ser reconstruída. Milhares queimaram, e número equivalente se afogou tentando atravessar o rio a nado. Alguns diriam mais tarde que esses foram os sortudos, pois não houve misericórdia para com os sobreviventes. Os homens de Lorde Footly largaram espadas e escudos, apenas para serem amarrados e decapitados. As mulheres da cidade que sobreviveram aos incêndios foram repetidamente estupradas, até mesmo meninas de 8 e 10 anos. Velhos e meninos foram passados na espada, enquanto os dragões se alimentavam das carcaças deformadas e fumegantes de suas vítimas.

Foi mais ou menos nesse momento que uma desgastada coca comercial chamada *Nessaria* chegou se arrastando ao porto abaixo de Pedra do Dragão para fazer reparos e receber provisões. Ela estava voltando de Pentos para Antiga Volantis quando uma tempestade a tirou de curso, informou a tripulação... Mas a essa história comum de perigo no mar os habitantes de Volantis acrescentaram uma nota bizarra. Enquanto a *Nessaria* seguia para oeste, o Monte Dragão se ergueu diante dela, enorme contra o sol que se punha... E os marinheiros viram dois dragões lutando, seus rugidos ecoando no penhasco escuro e liso da face leste da montanha fumegante. Em todas as tavernas, estalagens e prostíbulos do litoral a história foi contada, recontada e aumentada, até que todos os homens em Pedra do Dragão tivessem ouvido.

Dragões eram um assombro para os homens de Antiga Volantis; a visão de dois em batalha era algo que os homens da *Nessaria* nunca esqueceriam. Aqueles nascidos e criados em Pedra do Dragão cresceram com aquelas feras... Mas ainda assim a história dos marinheiros despertou interesse. Na manhã seguinte, pescadores locais contornaram o Monte Dragão com seus barcos e voltaram para contar que tinham visto os restos queimados e partidos de um dragão morto no sopé da montanha. Pela cor de suas asas e escamas, a carcaça era de Grey Ghost. O dragão estava em dois pedaços e havia sido rasgado e parcialmente devorado.

Ao receber a notícia, Sor Robert Quince, o amistoso e obeso cavaleiro, nomeado castelão de Pedra do Dragão pela rainha antes de partir, foi rápido em identificar Cannibal como o assassino. A maioria concordou, pois Cannibal era conhecido por atacar dragões menores no passado, embora raramente com tamanha selvageria. Alguns entre os pescadores, temendo que o assassino se voltasse contra eles em seguida, conclamaram Quince a enviar cavaleiros ao esconderijo da fera para acabar com ela, mas o castelão se recusou.

– Se não o incomodarmos, Cannibal não nos incomodará – declarou.

Para garantir isso, proibiu a pesca nas águas abaixo da face leste do Monte Dragão, onde o corpo de Grey Ghost apodrecia.

Enquanto isso, no litoral oeste da Baía da Água Negra, notícias da batalha e da traição em Tumbleton chegaram a Porto Real. Foi dito que a Rainha Viúva Alicent riu ao tomar conhecimento.

– Tudo o que eles semearam irão agora colher – prometeu.

No Trono de Ferro, a Rainha Rhaenyra ficou pálida e fraca e ordenou que os portões da cidade fossem fechados e trancados; a partir de então ninguém poderia entrar ou sair de Porto Real.

– Não terei vira-casacas penetrando em minha cidade para abrir os portões a rebeldes – proclamou.

A legião de Lorde Ormund poderia estar diante de seus portões pela manhã, ou no dia seguinte; os traidores, montados em dragões, poderiam chegar ainda mais cedo que isso.

Essa perspectiva animou o Príncipe Joffrey.

– Que venham – anunciou o garoto. – Eu os receberei montado em Tyraxes.

A conversa alarmou sua mãe.

– Você não fará isso. É jovem demais para a batalha.

Ainda assim, ela permitiu que o menino permanecesse enquanto o Conselho Negro discutia como lidar com o inimigo que se aproximava.

Seis dragões permaneciam em Porto Real, mas apenas um do lado de dentro das muralhas da Fortaleza Vermelha: a dragoa da própria rainha, Syrax. Um estábulo no pátio externo foi esvaziado de cavalos e reservado para seu uso. Correntes pesadas a prendiam ao chão. Embora longas o bastante para permitir que se deslocasse do estábulo para o pátio, as correntes impediam que voasse sem cavaleiro. Syrax estava acostumada

havia muito com correntes; muito bem alimentada, ela não caçava por anos.

Todos os outros dragões eram mantidos no Fosso dos Dragões, a estrutura colossal que o Rei Maegor, o Cruel, construíra exatamente para esse propósito. Sob sua grande cúpula, quarenta câmaras enormes foram cavadas dos ossos da Colina de Rhaenys num grande círculo. Grossas portas de ferro fechavam essas cavernas feitas pelo homem em cada extremidade, as internas voltadas para as areias do fosso, as externas dando para a encosta da colina. Restavam cinco dragões: a Tyraxes do Príncipe Joffrey, a cinza-claro Seasmoke de Addam Velaryon, os jovens dragões Morghul e Shrykos dados à Princesa Jaehaera (fugida) e seu gêmeo Príncipe Jaehaerys (morto)... e Dreamfyre, a amada da Rainha Helaena. Havia muito era costume que pelo menos um cavaleiro de dragão morasse no fosso, para ser capaz de alçar voo a fim de defender a cidade em caso de necessidade. Como a Rainha Rhaenyra preferia manter os filhos ao seu lado, esse dever coube a Addam Velaryon.

Mas naquele momento vozes no Conselho Negro se erguiam para questionar a lealdade de Sor Addam. As sementes de dragão Ulf, o Branco, e Hugh, o Martelo, tinham passado para o lado do inimigo... Mas seriam os únicos traidores entre eles? E quanto a Addam do Casco e a garota Nettles? Eles também nasceram bastardos. Seria possível confiar neles?

Lorde Bartimos Celtigar achava que não.

– Bastardos são traiçoeiros por natureza – acusou ele. – Está no sangue deles. A traição é tão fácil para um bastardo quanto a lealdade para um homem legítimo.

Ele conclamou Sua Graça a mandar prender imediatamente os dois cavaleiros de dragões de nascimento inferior, antes que também pudessem se juntar ao inimigo com suas bestas. Outros concordaram com esse ponto de vista, entre eles Sor Luthor Largent, comandante da Patrulha da Cidade, e Sor Lorent Marbrand, Senhor Comandante da Guarda Real. Até mesmo os dois homens de Porto Branco, o assustador cavaleiro Sor Medrick Manderly e seu inteligente e corpulento irmão, Sor Torrhen, conclamaram a Rainha a desconfiar.

– Melhor não correr riscos – sugeriu Sor Thorren. – Se o inimigo ganhar mais dois dragões, estaremos perdidos.

Apenas Lorde Corlys falou em defesa das sementes de dragão, declarando que Sor Addam e seu irmão Alyn eram verdadeiros Velaryon –

merecidos herdeiros de Derivamarca.

Quanto à garota, embora pudesse ser suja e feiosa, lutara bravamente na Batalha da Goela.

– Assim como os dois traidores – retrucou Lorde Celtigar.

Os protestos apaixonados da Mão foram inúteis. Todos os medos e as desconfianças da rainha foram despertados. Ela via traição com tanta frequência, e de tantos, que acreditava rapidamente no pior de todos os homens. A traição já não tinha o poder de surpreendê-la. Ela passara a esperar por isso, mesmo daqueles que mais amava.

A Rainha Rhaenyra ordenou que Sor Luthor Largent levasse vinte mantos dourados ao Fosso dos Dragões e prendesse Sor Addam Velaryon. E assim, traição gerou mais traição, para a ruína da rainha. Enquanto Sor Luthor Largent e seus mantos dourados subiam a cavalo a Colina de Rhaenys com o mandado da rainha, as portas do Fosso dos Dragões se abriram acima deles, e Seasmoke abriu suas asas cinza-claras e alçou voo, soltando fumaça das narinas. Sor Addam Velaryon fora alertado a tempo de fugir. Frustrado e com raiva, Sor Luthor retornou à Fortaleza Vermelha, onde entrou na Torre da Mão e colocou mãos ríspidas no envelhecido Lorde Corlys, acusando-o de traição. O idoso não negou. Amarrado e espancado, mas ainda calado, ele foi levado para as masmorras abaixo e jogado numa cela escura para aguardar julgamento e execução.

Enquanto isso, histórias do massacre em Tumbleton se espalhavam pela cidade... E com elas o terror. Porto Real seria a seguinte, os homens diziam uns aos outros. Dragão combateria dragão, e dessa vez a cidade certamente queimaria. Com medo do inimigo que chegaria, centenas tentaram fugir, apenas para ser contidos nos portões pelos mantos dourados. Presos dentro das muralhas da cidade, alguns buscaram abrigo em adegas fundas contra a tempestade cuja chegada temiam, enquanto outros se voltavam para a prece, a bebida e os prazeres encontrados entre as coxas de uma mulher. Ao cair da noite, as tavernas, os bordéis e os septos da cidade estavam cheios de homens e mulheres buscando consolo ou fuga, e trocando histórias de terror.

Um tipo diferente de caos reinava em Tumbleton, sessenta léguas a sudoeste. Enquanto Porto Real se encolhia de terror, os inimigos que eles temiam ainda não tinham dado um passo na direção da cidade, pois os seguidores do Rei Aegon se viram sem líder, atormentados por dissolução, conflito e dúvida. Ormund Hightower estava morto, assim como seu primo

Sor Bryndon, o principal cavaleiro de Vilavelha. Seus filhos continuavam em Torralta, a mil léguas de distância, e ainda eram meninos inexperientes. E, embora Lorde Ormund tivesse apelidado Daeron Targaryen de "Daeron, o Ousado" e louvado sua coragem em batalha, o príncipe ainda era um menino. Sendo o mais jovem dos filhos do Rei Aegon, ele crescera à sombra de seus irmãos mais velhos e estava mais acostumado a seguir ordens do que a dá-las. O Hightower mais velho ainda com a legião era Sor Hobert, outro dos primos de Lorde Ormund, até então responsável apenas pela tropa de carga. Um homem "tão corpulento quanto era lento", Hobert Hightower passara sessenta anos sem se destacar, mas esperava-se que assumisse o comando da legião devido ao seu parentesco com a Rainha Alicent.

Raras vezes uma aldeia ou cidade na história dos Sete Reinos foi submetida a um saque tão longo, cruel ou selvagem quanto Tumbleton depois das traições. O Príncipe Daeron ficou nauseado com o que viu e ordenou que Sor Hobert Hightower desse um fim àquilo, mas os esforços de Hightower se revelaram tão ineficientes quanto o próprio homem.

Os piores crimes foram cometidos pelos Dois Traidores, os cavaleiros de dragão de origem inferior Hugh, o Martelo, e Ulf, o Branco. Sor Ulf se entregou à bebedeira, se afogando em vinho e carne. Aqueles que não o satisfaziam eram dados como comida ao seu dragão. O título de cavaleiro que a Rainha Rhaenyra lhe concedera não era suficiente. Nem ficou satisfeito quando o Príncipe Daemon o nomeou Senhor de Ponteamarga. O Branco tinha um prêmio maior em mente: ele desejava nada menos que Jardim de Cima, declarando que os Tyrell não tiveram qualquer participação na Dança e, portanto, deveriam ser tratados como traidores.

As ambições de Sor Ulf podiam ser consideradas modestas se comparadas às do outro vira-casaca, Hugh, o Martelo. Filho de um ferreiro comum, Martelo era um homem enorme, com mãos tão fortes que se dizia ser capaz de torcer barras de ferro em gargantilhas. Embora bem inexperiente nas artes da guerra, tornava-se um inimigo temível em função de seu tamanho e sua força. Sua arma preferida era o martelo de guerra, com o qual desferia golpes esmagadores e mortais. Em batalha, ele montava Vermithor, uma das montarias do próprio Velho Rei; de todos os dragões de Westeros, apenas Vhagar era mais velha ou maior. Por todas essas razões, Lorde Hammer (como ele passara a se apresentar) começou a sonhar com coroas.

– Por que ser um senhor quando você pode ser rei? – perguntou aos homens que começaram a se reunir ao redor dele.

Nenhum dos Dois Traidores parecia ansioso para ajudar o Príncipe Daeron a atacar Porto Real. Eles tinham uma grande legião e também três dragões, mas a Rainha também tinha três dragões (pelo que sabiam), e teriam cinco assim que o Príncipe Daemon retornasse com Nettles. Lorde Peake preferia postergar qualquer avanço até que Lorde Baratheon pudesse trazer sua força de Ponta Tempestade para juntar-se a eles, enquanto Sor Hobert desejava retornar à Campina para repor seus suprimentos, que acabavam rapidamente. Ninguém parecia preocupado que seu exército estivesse encolhendo a cada dia, derretendo como o orvalho da manhã à medida que cada vez mais homens desertavam, roubando e levando para casa tudo que conseguissem carregar.

Muitas léguas ao norte, num castelo debruçado sobre a Baía dos Caranguejos, outro senhor se viu deslizando pelo fio de uma espada. Chegou um corvo de Porto Real com uma mensagem da rainha para Manfryd Moonton, Senhor de Lagoa da Donzela: ele deveria enviar a ela a cabeça da garota bastarda Nettles, que teria se tornado amante do Príncipe Daemon, e que a rainha, portanto, julgara culpada de alta traição.

– Nenhum mal deve ser feito ao senhor meu marido, Príncipe Daemon da Casa Targaryen – ordenou Sua Graça. – Mande-o de volta para mim quando isso estiver feito, pois precisamos urgentemente dele.

O Meistre Norren, guardião das *Crônicas de Lagoa da Donzela*, diz que quando Sua Senhoria leu a carta da rainha ficou tão abalada que perdeu a voz. Só a recuperou após tomar três taças de vinho. Lorde Mooton mandou chamar o capitão de sua guarda, seu irmão e principal homem, Sor Florian Greysteel. Também ordenou que seu Meistre permanecesse. Quando todos estavam reunidos, leu para eles a carta e pediu seus conselhos.

– Isso pode ser feito facilmente – disse o capitão da guarda. – O príncipe dorme ao lado dela, mas ficou velho. Três homens devem ser suficientes para contê-lo caso tente interferir, mas levarei seis por garantia. Meu senhor deseja que seja feito esta noite?

– Seis homens ou sessenta, ele ainda é Daemon Targaryen – protestou o irmão de Lorde Mooton. – Uma infusão para dormir no vinho da noite seria o caminho mais sábio. Que ele acorde para encontrá-la morta.

– A garota é apenas uma criança, por piores que sejam suas traições – lembrou Sor Florian, aquele velho cavaleiro, grisalho e sisudo. – O Velho Rei nunca teria pedido isso, nem qualquer homem honrado.

– Estes são tempos terríveis – comentou Lorde Mooton –, e é uma escolha terrível que esta rainha me deu. A garota é uma convidada sob o meu teto. Se obedecer, Lagoa da Donzela será para sempre amaldiçoada. Se me recusar, seremos estigmatizados e destruídos.

– Podemos ser destruídos qualquer que seja a nossa escolha – respondeu seu irmão. – O príncipe é mais que carinhoso com essa criança marrom, e seu dragão está à mão. Um senhor sábio mataria a ambos, para que o príncipe não queime Lagoa da Donzela em sua ira.

– A rainha proibiu que qualquer mal seja feito a ele – lembrou Lorde Mooton. – E assassinar dois convidados em suas camas é duas vezes mais terrível que assassinar um. Eu seria duplamente amaldiçoado – falou, depois suspirou. – Eu gostaria de nunca ter lido esta carta.

– Talvez nunca tenha – sugeriu Meistre Norren.

O que foi dito depois disso não se sabe. Tudo o que sabemos é que o meistre, um jovem de 22 anos, encontrou o Príncipe Daemon e a garota Nettles no jantar daquela noite e mostrou a eles a carta da rainha.

– Palavras de uma rainha, obra de uma rameira – acusou o Príncipe Daemon depois de ler a carta.

Depois, desembainhou sua espada e perguntou se os homens de Lorde Mooton estavam esperando do lado de fora da porta para fazê-los prisioneiros. Quando ouviu que o meistre fora até lá sozinho e em segredo, o Príncipe Daemon guardou sua espada.

– Você é um meistre ruim, mas um bom homem – falou, depois mandou que partisse, ordenando que "não dissesse uma palavra disso ao senhor ou à amante até a manhã seguinte".

Não foi registrado como o príncipe e sua garota bastarda passaram sua última noite sob o teto de Lorde Mooton, mas, quando o dia nasceu, eles apareceram juntos no pátio e o Príncipe Daemon ajudou Nettles a selar Sheepstealer uma última vez. Era hábito dela alimentá-lo todo dia antes de alçar voo; os dragões se curvavam mais facilmente à vontade do cavaleiro quando de barriga cheia. Suas rédeas estavam sujas de sangue quando ela montou no dragão, registrou Meistre Norren, e "suas faces estavam sujas de lágrimas". Nenhuma palavra de despedida foi trocada entre homem e menina, mas quando Sheepstealer bateu suas asas coriáceas marrons e

subiu para o céu matinal, Caraxes ergueu a cabeça e soltou um berro que partiu todas as janelas da Torre de Jonquil. Bem acima da cidade, Nettles virou seu dragão na direção da Baía dos Caranguejos e desapareceu na névoa da manhã, para nunca mais ser vista em corte ou castelo.

Daemon Targaryen retornou ao castelo bem a tempo de ter o desjejum com Lorde Mooton.

– Esta é a última vez que você me verá – avisou ele a Sua Senhoria. – Agradeço por sua hospitalidade. Que seja sabido em todas as suas terras que eu voo rumo a Harrenhal. Se meu sobrinho Aemond ousar me encarar, irá me encontrar lá, sozinho.

E assim o Príncipe Daemon partiu de Lagoa da Donzela pela última vez. Depois de sua retirada, Meistre Norren foi até seu senhor.

– Tire a corrente de meu pescoço e amarre minhas mãos com ela – falou o Meistre. – Você precisa me entregar à rainha. Quando alertei uma traidora e permiti que escapasse também me tornei um traidor.

Lorde Mooton se recusou.

– Fique com sua corrente. Somos todos traidores aqui – confessou Sua Senhoria.

E naquela noite os estandartes da Rainha Rhaenyra foram baixados de onde adejavam acima dos portões de Lagoa da Donzela, e os de dragões dourados do Rei Aegon II subiram em seu lugar.

Não havia estandartes adejando acima das torres escurecidas e da fortaleza arruinada de Harrenhal quando o Príncipe Daemon desceu do céu para tomar o castelo para si. Alguns ocupantes encontraram abrigo nas amplas câmaras do castelo e nas adegas, mas o som das asas de Caraxes os colocou em fuga. Quando o último deles partiu, Daemon caminhou sozinho pelos salões cavernosos da sede de Harren, sem companhia alguma a não ser seu dragão. Toda noite ao anoitecer ele marcava a árvore-coração no bosque sagrado para registrar a passagem de outro dia. Treze marcas ainda podem ser vistas naquela madeira; velhas feridas, fundas e escuras, mas os senhores que governaram Harrenhal desde os dias de Daemon dizem que elas sangram novamente toda primavera.

No 14º dia da vigília do príncipe, uma sombra passou pelo castelo, mais escura que qualquer nuvem passageira. Todos os pássaros no bosque sagrado subiram ao céu assustador, e um vento quente açoitou as folhas caídas no pátio. Vhagar chegara, e em suas costas estava o príncipe caolho

Aemond Targaryen, vestindo uma armadura preta como a noite, gravada em ouro.

Ele não fora sozinho. Alys Rivers voara com ele, seu cabelo preto comprido se estendendo atrás dela, a barriga inchada levando um filho. O Príncipe Aemond deu duas voltas ao redor das torres de Harrenhal, depois pousou Vhagar no pátio externo, com Caraxes a noventa metros de distância. Os dragões olharam feio um para o outro, e Caraxes abriu as asas e sibilou, chamas dançando sobre seus dentes.

O príncipe ajudou sua mulher a descer das costas de Vhagar depois se virou para encarar o tio.

– Tio, ouvi dizer que tem nos procurado.

– Apenas você – retrucou Daemon. – Quem lhe disse onde me encontrar?

– Senhora – respondeu Aemond. – Ela o viu em uma nuvem de tempestade, no lago de uma montanha ao anoitecer, no fogo que acendemos para preparar nossas refeições. Ela vê muito e mais, minha Alys. Você foi um tolo de vir sozinho.

– Se eu não estivesse só, você não teria vindo – disse Daemon.

– Mas aí está você e aqui estou eu. Você viveu demais, tio.

– Nisso nós concordamos – retrucou Daemon.

Então, o velho príncipe pediu a Caraxes que curvasse o pescoço e subiu rigidamente em suas costas, enquanto o jovem príncipe beijava sua mulher e saltava levemente sobre Vhagar, tomando o cuidado de prender as quatro correntes curtas entre cinto e sela. Daemon deixou as próprias correntes penduradas. Caraxes sibilou novamente, enchendo o ar de chamas, e Vhagar respondeu com um rugido. A um só tempo, os dois dragões se lançaram ao céu.

Príncipe Daemon subiu rapidamente com Caraxes, açoitando-o com um chicote de ponta de aço até que desaparecessem em uma massa de nuvens. Vhagar, mais velha e muito maior, também era mais lenta, pesada por conta de seu tamanho, e subiu mais devagar, em círculos que se abriam constantemente e a levavam junto com seu cavaleiro para acima das águas de Olho de Deus. Era tarde, o sol estava prestes a se pôr, e o lago estava calmo, a superfície reluzindo como uma folha de cobre batido. Ela subiu cada vez mais alto, procurando por Caraxes, enquanto abaixo Alys Rivers observava do alto da Pira do Rei em Harrenhal.

O ataque foi repentino como um raio. Caraxes mergulhou sobre Vhagar com um guincho penetrante que foi ouvido a vinte quilômetros de distância, oculto pelo brilho do sol que se punha sobre o lado cego do Príncipe Aemond. O Dragão de Sangue se chocou contra o dragão mais velho com uma força terrível. Seus rugidos ecoaram por Olho de Deus quando os dois se engalfinharam e atacaram um ao outro, escuros sob um céu vermelho-sangue. Suas chamas queimaram com tanto brilho que pescadores abaixo temeram que as próprias nuvens estivessem pegando fogo. Presos um no outro, os dragões despencaram na direção do lago. As presas do Dragão de Sangue se fecharam no pescoço de Vhagar, seus dentes pretos cravando fundo na carne do dragão maior. Mesmo com as garras de Vhagar rasgando sua barriga e os dentes arrancando uma asa, Caraxes mordeu mais fundo, torcendo a ferida enquanto o lago crescia na direção deles com velocidade terrível.

E foi então, nos contam as histórias, que o Príncipe Daemon Targaryen passou uma perna por sobre a sela e saltou de um dragão para o outro. Em sua mão estava a Irmã Escura, a espada da Rainha Visenya. Enquanto Aemond Um-Olho erguia o olhar aterrorizado, se atrapalhando com as correntes que o prendiam à sela, Daemon arrancou o elmo do sobrinho e enfiou a espada no olho cego com tanta força que a ponta saiu por trás da garganta do jovem príncipe. No instante seguinte, os dragões caíram no lago, levantando um jorro de água tão alto que disseram ter chegado à altura da Pira do Rei.

Nem homem nem dragão poderiam ter sobrevivido a tal impacto, disseram os pescadores que testemunharam. Caraxes viveu o suficiente para nadar de volta para terra. Com a barriga aberta, uma asa arrancada do corpo e as águas do lago fumegando ao redor, o Dragão de Sangue encontrou forças para subir para a margem do lago, expirando abaixo das muralhas de Harrenhal. A carcaça de Vhagar afundou até o leito do lago, o sangue quente do grande talho em seu pescoço fazendo a água ferver em seu local de descanso final. Quando ela foi encontrada, anos depois, após o fim da Dança dos Dragões, os ossos em armadura do Príncipe Aemond permaneciam acorrentados à sela, com a Irmã Escura enfiada até o cabo na órbita do olho.

Que o Príncipe Daemon também morreu não podemos ter dúvida. Seus restos nunca foram encontrados, mas há correntezas estranhas naquele lago, além de peixes famintos. Os cantores nos dizem que o velho príncipe

sobreviveu à queda e depois voltou para a garota Nettles para passar o resto dos seus dias ao lado dela. Esses casos inspiram canções encantadoras, mas uma história ruim.

Foi no 22º dia da quinta lua do ano 130 D.C. que os dragões dançaram e morreram acima de Olho de Deus. Daemon Targaryen tinha 49 anos quando morreu; o Príncipe Aemond acabara de fazer apenas 20. Vhagar, a maior dos dragões dos Targaryen desde o falecimento de Balerion, o Terror Negro, tinha 181 anos sobre a Terra. Assim morreu a última criatura viva dos tempos da Conquista de Aegon, com o crepúsculo e a escuridão engolindo a sede amaldiçoada de Harren, o Negro. Mas tão poucos estavam ali para testemunhar que levaria algum tempo até que a história da última batalha do Príncipe Daemon fosse amplamente conhecida.

De volta a Porto Real, a Rainha Rhaenyra estava se vendo cada vez mais isolada a cada nova traição. O suposto vira-casaca Addam Velaryon fugira antes de poder ser interrogado. Ao ordenar a prisão de Addam Velaryon, ela perdera não apenas um dragão e seu cavaleiro, mas também a Mão da Rainha... E mais de metade do exército que navegara de Pedra do Dragão para tomar o Trono de Ferro era composto de homens fiéis à Casa Velaryon. Quando se soube que Lorde Corlys estava em uma masmorra sob a Fortaleza Vermelha, eles começaram a abandonar sua causa às centenas. Alguns foram para a Praça dos Sapateiros se juntar à multidão reunida lá, enquanto outros saíram por portões dos fundos ou pulando as muralhas, pretendendo voltar para Derivamarca. E não era possível confiar naqueles que permaneciam.

Naquele mesmo dia, não muito depois do pôr do sol, outro horror se abateu sobre a corte da Rainha. Helaena Targaryen, irmã, esposa e rainha do Rei Aegon II e mãe de seus filhos, se jogou da janela da Fortaleza de Maegor para morrer empalada nas varas de ferro que cobriam o fosso seco abaixo. Tinha apenas 21 anos.

Ao cair da noite, uma história mais sombria estava sendo contada nas ruas e nos becos de Porto Real, em estalagens, bordéis e casas de pasto, e em até mesmo abençoados septos. A Rainha Helaena fora assassinada, diziam os sussurros, assim como aconteceu com seus filhos. O Príncipe Daeron e seus dragões logo estariam junto aos portões, e com eles o fim do reinado de Rhaenyra. A velha rainha estava determinada a que sua meio-irmã não vivesse para se deliciar com sua derrocada, então mandara

Sor Luthor Largent pegar Helaena com suas enormes mãos grossas e lançá-la pela janela para as varas abaixo.

O boato do "assassinato" da Rainha Helaena logo estava nos lábios de metade de Porto Real. Que ele tenha tido credibilidade tão rapidamente mostra como a cidade se virara por completo contra sua rainha antes amada. Rhaenyra era odiada; Helaena havia sido amada. E as pessoas comuns da cidade não se esqueciam do assassinato cruel do Príncipe Jaehaerys por Sangue e Queijo. O fim de Helaena fora misericordiosamente rápido; uma das varas a pegou no pescoço e ela morreu sem emitir um som. No momento de sua morte, do outro lado da Colina de Rhaenys, seu dragão Dreamfyre se ergueu de repente com um rugido que sacudiu o Fosso dos Dragões, partindo duas das correntes que a prendiam. Quando a Rainha Alicent foi informada do falecimento da filha, fez suas roupas em pedaços e lançou uma maldição terrível sobre a rival.

Naquela noite, Porto Real se ergueu numa revolta sangrenta.

O conflito teve início nos becos e nas travessas da Baixada das Pulgas, com homens e mulheres saindo às centenas das tabernas, ringues de ratos e casas de pasto, raivosos, bêbados e com medo. De lá, os revoltosos se espalharam pela cidade, cobrando aos gritos justiça para os príncipes mortos e sua mãe assassinada. Carrinhos e carroças foram virados, lojas saqueadas, casas pilhadas e incendiadas. Mantos dourados tentando sufocar os distúrbios foram apanhados e espancados. Ninguém foi poupado, de alto ou baixo nascimento. Senhores foram cobertos de lixo, cavaleiros, arrancados de suas selas. Senhora Darla Deddings viu seu irmão Davos levar uma facada no olho ao tentar defendê-la de três cavalariços bêbados que queriam estuprá-la. Marinheiros impossibilitados de retornar a seus navios atacaram o Portão do Rio e travaram uma batalha retumbante contra a Patrulha da Cidade. Foram necessários Sor Luthor Largent e quatrocentas lanças para dispersá-los. A essa altura, metade do portão foi feita em pedaços e cem homens estavam mortos ou morrendo, dos quais um quarto era de mantos dourados.

Na Praça dos Sapateiros, os sons do conflito podiam ser ouvidos em todos os cantos. A Patrulha da Cidade chegara com força, quinhentos homens vestindo cotas de malha pretas, capacetes de aço e compridas capas douradas, armados com espadas curtas, lanças e porretes com pregos. Eles entraram em formação no lado sul da praça, atrás de uma parede de escudos e lanças. À frente, cavalgava Sor Luthor Largent em um

cavalo de batalha, com armadura e espada comprida na mão. A simples visão foi suficiente para mandar centenas para becos, travessas e ruas secundárias. Outras centenas fugiram quando Sor Luthor ordenou que os mantos dourados avançassem.

Contudo, dez mil permaneceram. A pressão era tão grande que muitos que gostariam de ter fugido se viram incapazes de se mover, empurrados, jogados e pisoteados. Outros avançaram, braços dados, e começaram a gritar e xingar, enquanto as lanças avançavam ao ritmo lento de um tambor.

– Abram caminho, malditos idiotas – rugiu Sor Luthor. – Vão para casa. Nenhum mal lhes será feito. Vão para casa!

Alguns dizem que o primeiro homem a morrer foi um padeiro, que grunhiu de surpresa quando a ponta de uma lança furou sua carne e ele viu o avental ficar vermelho. Outros alegam que foi uma garotinha, pisoteada pelo cavalo de batalha de Sor Luthor. Uma pedra foi arremessada da multidão, acertando um lanceiro na testa. Gritos e xingamentos foram ouvidos, paus, pedras e urinóis choveram dos telhados, um arqueiro do outro lado da praça começou a disparar. Um archote foi empurrado sobre um patrulheiro, e logo sua capa dourada estava queimando.

Os mantos dourados eram homens grandes, jovens, fortes, disciplinados, bem armados e com boas armaduras. Durante vinte metros ou mais, sua parede de escudos resistiu, e eles abriram um caminho sangrento por entre a multidão, deixando mortos e moribundos ao redor. Mas eram apenas quinhentos, e dezenas de milhares de revoltados haviam se reunido. Um vigilante tombou, depois outro. De repente, pessoas comuns estavam escapando pelas aberturas da formação, atacando com facas e pedras, até mesmo dentes, se lançando sobre a Patrulha da Cidade e seus flancos, atacando por trás, arremessando telhas de tetos e varandas.

A batalha se transformou em revolta, que se transformou em massacre. Cercados por todos os lados, os mantos dourados se viram envolvidos e engolidos, sem espaço para brandir suas armas. Muitos morreram na ponta da própria espada. Outros foram feitos em pedaços, chutados até a morte, pisoteados, rasgados com enxadas e cutelos. Nem mesmo o temido Sor Luthor Largent escapou da carnificina. Sua espada foi arrancada de seu punho, ele foi derrubado da sela, esfaqueado na barriga e espancado até a morte com um paralelepípedo; seu elmo e sua cabeça ficaram tão

esmagados que seu corpo só pôde ser reconhecido pelo tamanho quando as carroças de cadáveres chegaram no dia seguinte.

Durante aquela longa noite, o caos tomou conta de metade da cidade, enquanto estranhos senhores e reis desgovernados brigavam pelo resto. Um cavaleiro andante chamado Sor Perkin, a Pulga, coroou o próprio escudeiro Trystane, um adolescente de 16 anos, declarando ser ele filho natural do falecido Rei Viserys. Qualquer cavaleiro podia fazer um cavaleiro, e quando Sor Perkin começou a elevar todo mercenário, ladrão e bandidinho que se juntasse ao estandarte esfarrapado de Trystane, surgiram centenas de homens e meninos jurando lealdade à sua causa.

Ao alvorecer, incêndios ardiam por toda a cidade, a Praça dos Sapateiros estava coberta de cadáveres, e bandos de fora da lei circulavam pela Baixada das Pulgas, invadindo lojas e casas e agredindo todas as pessoas honestas que encontravam. Os mantos dourados sobreviventes se recolheram aos seus alojamentos, enquanto cavaleiros de sarjeta, reis de fantasia e profetas loucos comandavam as ruas. Como as baratas que eles lembravam, os piores entre eles fugiram antes da luz, se retirando para esconderijos e adegas para dormir o sono dos ébrios, dividir o saque e lavar o sangue das mãos. Os mantos dourados no Velho Portão e no Portão do Dragão avançaram sob o comando de seus capitães, Sor Balon Byrch e Sor Garth, o Leporino, e ao meio-dia tinham conseguido restaurar algo semelhante a ordem nas ruas ao norte e a leste da Colina de Rhaenys. Sor Medrick Manderly, liderando cem homens de Porto Branco, fez o mesmo na área a nordeste da Colina de Aegon, até o Portão de Ferro.

O resto de Porto Real permaneceu um caos. Quando Sor Torrhen Manderly liderou seus homens do Norte descendo o Gancho Gancho, encontraram a Praça dos Peixeiros e a Rua do Rio tomadas pelos cavaleiros de sarjeta de Sor Perkin. No Portão do Rio, o estandarte esfarrapado do “Rei” Trystane tremulava acima da amurada, enquanto os corpos do capitão e três de seus sargentos pendiam da guarita do portão. O resto da guarnição da “Lama” tinha se rendido a Sor Perkin. Sor Torrhen perdeu um quarto de seus homens abrindo caminho de volta à Fortaleza Vermelha... Mas se saiu bem se comparado a Sor Lorent Marbrand, que liderou cem cavaleiros e homens de armas até a Baixada das Pulgas. Dezesseis retornaram. Sor Lorent, Senhor Comandante da Guarda Real, não estava entre eles.

No final do dia, Rhaenyra Targaryen se viu terrivelmente atacada por todos os lados, seu reino em ruínas. A rainha ficou furiosa ao saber que Lagoa da Donzela tinha passado para o lado do inimigo, que a garota Nettles escapara, que seu próprio amado consorte a traíra, e tremeu quando a Senhora Mysaria a alertou para a escuridão que chegava, que aquela noite podia ser pior que a anterior. Ao amanhecer, cem homens estavam com ela na sala do trono, mas partiram um a um.

Sua Graça passou da fúria ao desespero e novamente à fúria, agarrando tão desesperadamente o Trono de Ferro que suas mãos estavam ensanguentadas quando o sol se pôs. Ela deu o comando dos mantos dourados a Sor Balon Byrch, capitão do Portão de Ferro, enviou corvos a Winterfell e Ninho da Águia suplicando mais ajuda e ordenou que um decreto de confisco fosse redigido contra os Mooton de Lagoa da Donzela e nomeou o jovem Sor Glendon Goode como Senhor Comandante da Guarda Real. (Embora tivesse apenas 20 anos e fosse membro das Espadas Brancas havia menos de uma lua, Goode se distinguira durante a luta na Baixada das Pulgas mais cedo naquele dia. Foi ele quem levou de volta o corpo de Sor Lorent, para impedir que os rebelados o profanassem.)

Aegon, o Jovem, permaneceu sempre ao lado da mãe, mas mal disse uma palavra. O Príncipe Joffrey, de 13 anos, vestiu armadura de cavaleiro e suplicou à rainha que o deixasse ir ao Fosso dos Dragões e montar Tyraxes.

– Eu quero lutar por você, mãe, como meus irmãos fizeram. Deixe-me provar que sou corajoso como eles foram.

Suas palavras, porém, apenas fortaleceram a determinação de Rhaenyra.

– Corajosos eles foram, e mortos eles estão, ambos. Meus meninos queridos.

E mais uma vez Sua Graça proibiu o príncipe de deixar o castelo.

Com o pôr do sol, a escória de Porto Real mais uma vez emergiu de suas rinhas de ratos, esconderijos e adegas, em número ainda maior que na noite anterior.

No Portão do Rio, Sor Perkin ofereceu a seus cavaleiros de sarjeta um banquete com comida roubada e os liderou pela margem do rio, saqueando cais, armazéns e qualquer navio que não tivesse zarpado. Embora Porto Real tivesse muralhas enormes e torres sólidas, elas foram projetadas para repelir ataques de fora da cidade, não de dentro das muralhas. A guarnição

no Portão dos Deuses era fraca, já que seu capitão e um terço dos integrantes morreram com Sor Luthor Largent na Praça dos Sapateiros. Aqueles que restaram, muitos deles feridos, foram dominados com facilidade pelas hordas de Sor Perkin.

Em menos de uma hora, o Portão do Rei e o Portão do Leão também estavam abertos. Os mantos dourados fugiram pelo primeiro, enquanto os "leões" se juntaram à turba pelo segundo. Três dos sete portões de Porto Real estavam abertos aos inimigos de Rhaenyra.

Porém, a ameaça mais grave ao governo da rainha estava dentro da cidade. Ao cair da noite, outra multidão havia se reunido na Praça dos Sapateiros, duas vezes maior e três vezes mais temerosa que na noite anterior. Assim como a rainha que tanto desprezavam, a turba estava olhando para o céu com medo, temendo que os dragões do Rei Aegon chegassem antes do final da noite, com um exército logo atrás. Eles já não acreditavam que a rainha poderia protegê-los.

Quando um louco profeta maneta chamado Pastor começou a vociferar contra dragões, não apenas aqueles que estavam indo atacá-los, mas todos os dragões em toda parte, a multidão, ela mesma meio enlouquecida, escutou-o guinchar.

– Quando os dragões vierem, sua carne irá queimar, ganhar bolhas e se transformar em cinzas. Suas esposas dançarão em túnicas de fogo, berrando enquanto queimam, lascivas e nuas sob as chamas. E verão sua pele rosada queimar e rachar em seus ossos. O Estranho vem, *ele vem, ele vem*, para nos flagelar pelos nossos pecados. Preces não conseguem deter sua ira, não mais que lágrimas podem apagar a chama dos dragões. Apenas o sangue pode fazer isso. Seu sangue, meu sangue, o sangue *deles* – disse, e ergueu o coto do braço direito e apontou para a Colina de Rhaenys atrás, e o Fosso dos Dragões escuro em contraste com as estrelas. – Lá vivem os demônios, *lá* em cima. Esta cidade é deles. Se vocês querem que ela seja sua, precisam primeiro destruí-los! Se querem se limpar do pecado, precisam primeiro se banhar em sangue de dragão! Pois apenas sangue pode apagar os fogos do inferno!

Um grito se ergueu de dez mil gargantas.

– *Matá-los! Matá-los!*

E como uma fera enorme com dez mil pernas, as ovelhas do Pastor começaram a se mover, empurrando e avançando, agitando seus archotes, brandindo espadas, facas e outras armas mais grosseiras, caminhando e

correndo pelas ruas e becos na direção do Fosso dos Dragões. Alguns pensaram melhor e foram para casa, mas, para cada homem que partiu, três outros apareceram para se juntar aos matadores de dragões. No momento em que chegaram à Colina de Rhaenys, o número deles havia duplicado.

No cume da Colina de Aegon, do outro lado da cidade, a Rainha viu o ataque se desenvolver do telhado da Fortaleza de Maegor, com seus filhos e membros da corte. A noite estava escura e nublada, os archotes tão numerosos que era como se todas as estrelas tivessem descido do céu para atacar o Fosso dos Dragões. Assim que chegou a ela a notícia de que a multidão enfurecida estava em marcha, Rhaenyra enviou cavaleiros a Sor Balon, no Velho Portão e a Sor Garth, no Portão do Dragão, ordenando que dispersassem a multidão e defendessem os dragões reais... Mas, com a cidade mergulhada em tal tumulto não havia certeza alguma de que os cavaleiros teriam chegado. Mesmo se chegassem, os mantos dourados leais que restavam eram poucos demais para acalentar qualquer esperança de sucesso. Quando o Príncipe Joffrey suplicou à mãe que o deixasse avançar com seus próprios cavaleiros e aqueles de Porto Branco, a rainha recusou.

– Se eles tomarem aquela colina, esta será a seguinte – falou ela. – Precisaremos de todas as espadas aqui para defender o castelo.

– Eles vão matar os *dragões* – argumentou o Príncipe Joffrey, angustiado.

– Ou os dragões irão matá-los – replicou a mãe, sem se abalar. – Que eles queimem. O reino não sentirá falta deles.

– Mãe, e se eles matarem *Tyraxes*? – perguntou o jovem príncipe.

A Rainha não acreditou nisso.

– Eles são a ralé. Bêbados, idiotas e ratos de esgoto. Uma prova da chama de dragão e sairão correndo.

– Bêbados eles podem ser, mas um homem bêbado não conhece o medo – completou o bobo da corte, Cogumelo. – Idiotas, sim, mas um idiota pode matar um rei. Ratos, isso também, mas mil ratos podem derrubar um urso. Eu vi isso acontecer uma vez, lá embaixo na Baixada das Pulgas.

Sua Graça se virou para o parapeito.

Foi só quando os espectadores no telhado ouviram Syrax rugir que notaram que o príncipe se afastara, ressentido.

– Não – ouviu-se a rainha dizer. – Eu proíbo isso, eu *proíbo*.

Mas, ao mesmo tempo que ela falava, sua dragoa bateu as asas no pátio, se acomodou por um instante na murada do castelo, depois se lançou ao céu com o filho da rainha agarrado às costas, com uma espada em punho.

– Atrás dele! – gritou Rhaenyra. – Todos vocês, todo homem, todo menino, aos cavalos, aos *cavalos*, vão atrás dele. Tragam-no de volta, tragam-no de volta, ele não sabe. Meu filho, meu querido, meu filho...

Mas era tarde demais.

Não vamos fingir compreender a ligação entre dragão e cavaleiro de dragão; cabeças mais sábias refletiram sobre esse mistério por séculos. Contudo, sabemos que dragões não são cavalos, para serem montados por qualquer homem que jogue uma sela em suas costas. Syrax era a dragoa da rainha. Nunca conhecera outro cavaleiro. Embora o Príncipe Joffrey fosse conhecido dela por visão e olfato, uma presença familiar que não a alarmara ao mexer em suas correntes, a grande dragoa amarela não o queria montado nela. Em sua pressa de partir antes que pudesse ser detido, o Príncipe saltara sobre Syrax sem o benefício de sela ou chicote. Sua intenção, devemos supor, era colocar Syrax em batalha ou, mais provavelmente, atravessar a cidade até o Fosso dos Dragões e seu próprio Tyraxes. Ele talvez também pretendesse soltar os outros dragões do fosso.

Joffrey nunca chegou à Colina de Rhaenys. Uma vez no ar, Syrax se sacudiu abaixo dele, lutando para se livrar do cavaleiro incomum. E de baixo, pedras, lanças e flechas subiram na sua direção, disparadas pelas mãos dos rebelados, enlouquecendo a dragoa ainda mais. A sessenta metros acima da Baixada das Pulgas, o Príncipe Joffrey escorregou das costas da dragoa e despencou para a terra.

Foi perto de um ponto em que cinco becos se juntavam que a queda do Príncipe chegou a seu fim sangrento. Ele bateu num teto muito inclinado antes de rolar e despencar mais doze metros em meio a uma chuva de telhas quebradas. Foi dito que a queda partiu suas costas, que cacos de ardósia choveram sobre ele como facas, que sua própria espada se soltou da mão e o furou na barriga. Na Baixada das Pulgas, os homens ainda falam da filha de um fabricante de velas que embalou o príncipe quebrado nos braços e o consolou enquanto morria, mas essa história parece mais lenda que fato.

– Mãe, me perdoe – teria dito Joffrey em seu último suspiro... Embora os homens ainda discutam se ele falava de sua mãe, a rainha, ou se rezava para a Mãe no Céu.

Assim pereceu Joffrey Velaryon, Príncipe de Pedra do Dragão e herdeiro do Trono de Ferro, último dos filhos da Rainha Rhaenyra com Laenor Velaryon... Ou o último de seus bastardos com Sor Harwin Strong, dependendo da verdade na qual a pessoa escolhe acreditar.

E ao mesmo tempo que o sangue corria nos becos da Baixada das Pulgas, outra batalha era travada acima do Fosso dos Dragões, no alto da Colina de Rhaenys.

Cogumelo não estava errado: enxames de ratos famintos de fato derrubam touros, ursos e leões, quando há um número suficiente deles. Não importa quantos o touro ou o urso possa matar, sempre há mais mordendo as pernas do grande animal, se aferrando à sua barriga, correndo pelas suas costas. Foi assim naquela noite. Esses ratos humanos estavam armados com lanças, machados, maças e meia centena de outros tipos de armas, incluindo arcos e bestas.

Mantos dourados do Portão do Dragão, obedecendo à ordem da rainha, saíram de seus alojamentos para defender a colina, mas se viram incapazes de penetrar na multidão e deram as costas, e o mensageiro enviado ao Velho Portão nunca chegou. O Fosso dos Dragões tinha seu próprio contingente de guardas, mas eles eram em pequeno número e logo foram dominados e massacrados quando a turba passou pelas portas (os imponentes portões principais, revestidos de bronze e ferro, eram resistentes demais para ser derrubados, mas o prédio tinha diversas entradas secundárias) e penetrou por janelas.

Talvez os invasores esperassem pegar os dragões dormindo do lado de dentro, mas o barulho do ataque tornou isso impossível. Aqueles que sobreviveram para contar histórias depois falam em gritos e berros, no cheiro de sangue no ar, na destruição de portas de carvalho e ferro a golpes de aríetes improvisados e inúmeros machados. “Raras vezes tantos homens correram com tanta ansiedade para suas piras funerárias, mas eles estavam tomados pela loucura”, escreveu mais tarde o Grande Meistre Munkun. Havia quatro dragões vivendo no Fosso dos Dragões. Quando o primeiro dos atacantes chegou à areia, todos os quatro estavam atentos, despertos e furiosos.

Não há dois cronistas que concordem em quantos homens e mulheres morreram naquela noite na grande cúpula do Fosso dos Dragões: duzentos ou dois mil, como queira. Para cada homem que pereceu, dez sofreram queimaduras, mas ainda assim sobreviveram. Confinados no fosso, contidos por muralhas e cúpula, e presos por correntes pesadas, os dragões não podiam fugir voando ou usar as asas para evitar ataques e se lançar sobre os inimigos. Em vez disso, lutaram com chifres, garras e dentes, virando de um lado para o outro como touros numa rinha de ratos da Baixada das Pulgas... Mas esses touros conseguiam lançar fogo. O Fosso dos Dragões foi transformado em um inferno selvagem onde homens em chamas cambaleavam gritando em meio à fumaça, a carne descolando de ossos escurecidos, mas para cada homem que morria dez outros surgiam, gritando que os dragões precisavam morrer. E um a um eles morreram.

Shrykos foi o primeiro dragão a sucumbir, abatido por um homem da floresta conhecido como Hobb, o Lenhador, que saltou em seu pescoço, cravando o machado no crânio da fera enquanto a criatura rugia e se contorcia, tentando derrubá-lo. Hobb desferiu sete golpes, mantendo as pernas travadas ao redor do pescoço do dragão, e a cada vez que baixava o machado ele rugia o nome de um dos Sete. Foi o sétimo golpe, o golpe do Estranho, que matou o dragão, atravessando escamas e ossos até o cérebro da fera.

Morghul, está escrito, foi morto pelo Cavaleiro Ardente, um enorme homem selvagem numa armadura pesada que se atirou de cabeça na chama do dragão com lança em punho, cravando a ponta no olho da fera repetidamente, mesmo com a chama de dragão derretendo a placa de metal que o envolvia e devorando sua carne.

Tyraxes, do Príncipe Joffrey, recuou para seu abrigo, nos é dito, tostando tantos candidatos a matador de dragão que correram atrás dele que a entrada logo foi bloqueada pelos seus cadáveres. Mas é preciso lembrar que cada uma dessas cavernas feitas pelo homem tinha duas entradas, uma voltada para a areia do fosso, a outra dando para a encosta da colina, e logo os revoltados invadiram pela "porta dos fundos", uivando em meio à fumaça com espadas, lanças e machados. Quando Tyraxes se virou suas correntes se enrolaram, prendendo-o numa teia de aço que limitou seus movimentos de modo fatal. Mais tarde, meia dúzia de homens (e uma mulher) alegariam ter dado o golpe fatal no dragão.

O último dos quatro dragões no fosso não morreu tão facilmente. Diz a lenda que Dreamfyre havia rompido duas de suas correntes quando a Rainha Helaena morrera. Então, naquele momento, ela rompeu os grilhões restantes, arrancando as travas das paredes quando a turba a atacou, depois se lançando sobre ela com dentes e garras, rasgando homens e arrancando seus membros enquanto soltava seu fogo terrível. Enquanto outros se aproximavam, ela alçou voo, circulando pelo interior cavernoso do Fosso dos Dragões e se lançando para atacar os homens abaixo. Tyraxes, Shrykos e Morghul mataram muitos, não há dúvida, mas Dreamfyre abateu mais que todos os três juntos.

Centenas fugiram, aterrorizados, de suas chamas... Mas outras centenas, bêbadas, enlouquecidas ou possuídas pela coragem do próprio Guerreiro, prosseguiram com o ataque. Mesmo no ponto mais alto da cúpula a dragoa estava ao alcance fácil de arqueiros e besteiros, e flechas e setas eram disparados sobre Dreamfyre sempre que se virava, a distância tão pequena que algumas até penetraram em suas escamas. Sempre que ela pousava, os homens se lançavam ao ataque, obrigando-a a voar de novo. Por duas vezes, a fera voou sobre os grandes portões de bronze do Fosso dos Dragões, apenas para encontrá-los fechados e travados, e defendidos por fileiras de lanças.

Incapaz de voar, Dreamfyre voltou ao combate, atacando seus agressores até que a areia do fosso estivesse coberta de cadáveres calcinados e o próprio ar estivesse denso com fumaça e cheiro de carne queimada, mas ainda assim as lanças e flechas voavam. O final chegou quando uma seta de besta furou um dos olhos da dragoa. Parcialmente cega e enlouquecida por uma dúzia de ferimentos menores, Dreamfyre abriu as asas e voou diretamente para a grande cúpula acima, numa última tentativa desesperada de chegar ao céu aberto. Já enfraquecida por rajadas de fogo de dragão, a cúpula se partiu com a força do impacto e um momento depois despencou, esmagando dragoa e matadores de dragão sob toneladas de pedra partida e entulho.

A Invasão do Fosso dos Dragões terminara. Quatro dos dragões Targaryen estavam mortos, embora a um custo hediondo. Mas a dragoa da própria Rainha estava viva e livre... E, quando os sobreviventes queimados e ensanguentados da carnificina no fosso saíam cambaleando das ruínas fumegantes, Syrax se lançou do alto sobre eles.

Mil guinchos e gritos ecoaram pela cidade, se fundindo ao rugido da dragoa. No alto da Colina de Rhaenys, o Fosso dos Dragões tinha uma coroa de fogo amarelo, queimando tão brilhante que parecia o sol nascendo. Até mesmo a rainha tremeu ao ver, as lágrimas reluzindo em sua face. Muitos dos acompanhantes da rainha no teto fugiram, temendo que o fogo logo engolisse a cidade inteira, até mesmo a Fortaleza Vermelha no cume da Colina de Aegon. Outros foram ao septo do castelo para rezar por salvação. A própria Rhaenyra passou os braços ao redor do último filho vivo, Aegon, o Jovem, apertando-o com toda força sobre o colo. E ela não o soltaria... até aquele momento terrível quando Syrax tombou.

Sem correntes ou cavaleiro, Syrax poderia ter voado para longe da loucura. O céu era dela. Poderia ter retornado para a Fortaleza Vermelha, abandonado a cidade, voado rumo a Pedra do Dragão. Teria sido o barulho e o fogo que a atraíram para a Colina de Rhaenys, os rugidos e gritos de dragões morrendo, o cheiro de carne queimada? Não podemos saber, não mais do que podemos saber por que Syrax escolheu se lançar sobre a multidão, fazendo-a em pedaços com dentes e garras, devorando dezenas, quando poderia ter lançado fogo sobre eles do alto, pois no céu nenhum homem conseguiria machucá-la. Só podemos relatar o que aconteceu.

São contadas muitas histórias conflitantes sobre a morte da dragoa da rainha. Alguns dão o crédito a Hobb, o Lenhador, e seu machado, embora isso quase seja um equívoco. O mesmo homem poderia ter matado dois dragões na mesma noite e da mesma forma? Alguns falam de um lanceiro anônimo, “um gigante encharcado de sangue” que saltou da cúpula quebrada do Fosso dos Dragões sobre as costas da dragoa. Outros contam como um cavaleiro chamado Sor Warrick Wheaton cortou uma asa de Syrax com uma espada de aço valiriano. Mais tarde, um besteiro chamado Bean reivindicaria a morte, vangloriando-se disso em muitas tavernas, até um dos aliados da rainha se cansar de sua língua solta e cortá-la. A verdade ninguém nunca saberá – exceto que Syrax morreu naquela noite.

A perda de sua dragoa e seu filho deixou Rhaenyra Targaryen pálida e inconsolável. Ela se retirou para seus aposentos enquanto os conselheiros debatiam. Porto Real estava perdida, todos concordavam; eles precisavam abandonar a cidade. Relutante, Sua Graça foi persuadida a partir no dia seguinte, ao amanhecer. Com o Portão da Lama tomado por seus inimigos e todos os navios ao longo do rio queimados ou afundados, Rhaenyra e um

pequeno grupo de seguidores escaparam pelo Portão do Dragão, com a intenção de subir o litoral até Valdocaso. Com ela, cavalgavam os irmãos Manderly, quatro guardas reais sobreviventes, Sor Balon Byrch e vinte mantos dourados, quatro das damas de companhia da rainha e seu último filho vivo, Aegon, o Jovem.

Muito e mais estava acontecendo também em Tumbleton, e é para lá que devemos voltar os olhos. Quando a notícia da agitação em Porto Real chegou à legião do Príncipe Daeron, muitos jovens senhores ficaram ansiosos para avançar sobre a cidade. Os principais entre eles eram Sor Jon Roxton, Sor Roger Corne e Lorde Unwin Peake... Mas Sor Hobert Hightower recomendou cautela, e os Dois Traidores se recusaram a participar de qualquer ataque a não ser que suas exigências fossem atendidas. Ulf, o Branco, como deve ser lembrado, desejava receber o grandioso castelo de Jardim de Cima com todas as terras e rendas, enquanto Hugh, o Martelo, desejava ele mesmo nada menos que a coroa.

Esses conflitos chegaram ao ápice quando Tumbleton soube tardiamente da morte de Aemond Targaryen em Harrenhal. O Rei Aegon II não era visto nem se sabia dele desde a queda de Porto Real para sua meio-irmã Rhaenyra, e muitos temiam que a Rainha o tivesse assassinado em segredo, escondendo o cadáver para não ser condenada por ter matado um dos seus. Com o irmão Aemond também morto, os verdes se viram sem rei e sem líder. O Príncipe Daeron era o seguinte na linha sucessória. Lorde Peake declarou que o garoto devia ser proclamado Príncipe de Pedra do Dragão imediatamente; outros, acreditando que Aegon II estava morto, desejavam que ele fosse coroado rei.

Os Dois Traidores também sentiam a necessidade de um rei... Mas Daeron Targaryen não era o rei que desejavam.

– Precisamos de um homem forte que nos lidere, não um garoto – declarou Hugh Hammer. – O trono deveria ser meu.

Quando Jon Roxton, o Audaz, exigiu saber segundo qual direito ele pretendia se fazer rei, Lorde Hammer respondeu:

– O mesmo direito do Conquistador. Um dragão.

E de fato, com Vhagar morta, o mais antigo e maior dragão vivo em todo Westeros era Vermithor, antiga montaria do Velho Rei, e naquele momento de Hugh Durão, o bastardo. Vermithor tinha o triplo do tamanho da dragoa Tessarion, do Príncipe Daemon. Nenhum homem que os visse

juntos deixaria de perceber que Vermithor era uma fera muito mais perigosa.

Embora a ambição de Hammer fosse inadequada em alguém com nascimento tão inferior, o bastardo tinha algum sangue Targaryen e se provara feroz em batalha e liberal com aqueles que o seguiam, exibindo o tipo de generosidade que atrai homens a líderes como um cadáver atrai moscas. Esses eram os piores tipos de homem, sem dúvida: mercenários, cavaleiros ladrões e ralé similar, homens de sangue impuro e nascimento incerto que adoravam a batalha em si e viviam para rapinar e saquear.

Contudo, os senhores e cavaleiros de Vilavelha e da Campina ficaram ofendidos com a arrogância do Traidor – e ninguém mais que o próprio Príncipe Daeron Targaryen, que ficou tão irado que jogou uma taça de vinho no rosto de Hugh Durão.

– Garotinhos deveriam ter melhores modos quando os homens estão falando – disse Lorde Martelo, enquanto Lorde Branco lamentava o desperdício de um bom vinho. – Acho que seu pai não bateu o suficiente em você. Cuidado para que eu não compense essa carência.

Os Dois Traidores saíram juntos e começaram a planejar a coroação de Hammer. Quando foi visto no dia seguinte, Hugh Durão usava uma coroa de ferro preta, para fúria do Príncipe Daeron e seus senhores e cavaleiros de nascimento elevado.

Um deles, Sor Roger Corne, foi ousado a ponto de derrubar a coroa da cabeça de Hammer.

– Uma coroa não faz de um homem um rei – falou Corne. – Você deveria usar uma ferradura na cabeça, ferreiro.

Foi uma coisa tola a fazer. Lorde Hugh não achou graça. A um comando, seus homens prenderam Sor Roger no chão, enquanto o ferreiro bastardo pregava não uma, mas três ferraduras no crânio do cavaleiro. Quando os amigos de Corne tentaram intervir, punhais e espadas foram desembainhados, deixando três homens mortos e uma dúzia ferida.

Isso era mais do que os senhores aliados do Príncipe Daeron estavam dispostos a suportar. Lorde Unwin Peake e um Hobert Hightower ligeiramente relutante convocaram outros onze senhores e cavaleiros com terras a um conselho secreto na adega de uma estalagem de Tumbleton, para debater o que poderia ser feito para acabar com a arrogância dos cavaleiros de dragões de nascimento baixo. Os conspiradores concordaram em que seria simples eliminar o Branco, que estava bêbado a maior parte

do tempo e nunca demonstrara qualquer habilidade notável com armas. O Martelo era um perigo maior, pois nos últimos tempos vivia cercado dia e noite por bajuladores, seguidores de acampamento e mercenários ansiosos para ter suas graças. Adiantaria pouco a eles matar o Branco e deixar o Martelo vivo, destacou Lorde Peake; Hugh Durão precisava morrer primeiro. Foram demoradas e ruidosas as discussões na estalagem sob a placa de Estrepe Sangrento enquanto os senhores debatiam como isso poderia ser realizado.

– Qualquer homem pode ser morto, mas e quanto aos dragões? – perguntou Sor Hobert Hightower.

Considerando o tumulto em Porto Real, disse Sor Tyler Norcross, apenas Tessarion deveria ser suficiente para permitir que retomassem o Trono de Ferro. Lorde Peake retrucou que a vitória seria muito mais certa com Vermithor e Silverwing. Marq Ambrose sugeriu que eles tomassem primeiro a cidade e que se livrassem do Branco e do Martelo depois, quando a vitória estivesse garantida, mas Richard Rodden insistiu que isso seria desonroso.

– Não podemos pedir que esses homens derramem sangue conosco para depois matá-los.

– Nós matamos os bastardos agora – resolveu a polêmica John Roxton, o Audaz. – Depois, que os mais corajosos de nós tomem seus dragões e os montem para a batalha.

Nenhum homem naquela adega duvidou que Roxton falava de si mesmo.

Embora o Príncipe Daeron não estivesse presente no conselho, as Estrepes (como os conspiradores ficaram conhecidos) relutavam em prosseguir sem seu consentimento e sua bênção. Owen Fossoway, Senhor de Solar de Sidra, foi enviado sob a proteção da escuridão a fim de despertar o príncipe e levá-lo à adega para que os conspiradores pudessem informá-lo de seus planos. E o príncipe antes delicado não hesitou quando Lorde Unwin Peake apresentou a ele mandados para a execução de Hugh Durão, o Martelo, e Ulf, o Branco, tendo colocado seu selo ansiosamente.

Os homens podem planejar e conspirar, mas também devem rezar, pois nenhum plano já concebido pelos homens jamais resistiu aos caprichos dos deuses lá em cima. Dois dias depois, exatamente quando as Estrepes pretendiam atacar, Tumbleton despertou no meio da noite com berros e gritos. Do lado de fora das muralhas da cidade, os campos queimavam.

Colunas de cavaleiros em armaduras desciam de norte e oeste trazendo a morte, choviam flechas e um dragão se lançava sobre eles, terrível e feroz.

Assim começou a Segunda Batalha de Tumbleton.

O dragão era Seasmoke, seu cavaleiro, Sor Addam Velaryon, determinado a provar que nem todos os bastardos precisavam ser vira-casacas. Como fazer isso melhor se não retomando Tumbleton dos Dois Traidores, cuja traição o desonrara? Os cantores dizem que Sor Addam voara de Porto Real até Olho de Deus, pousara na sagrada Ilha das Caras e se aconselhara com os Homens Verdes. O acadêmico deve se limitar aos fatos conhecidos, e o que sabemos é que Sor Addam voou rápido para longe, pousando em castelos grandes e pequenos cujos senhores eram leais à rainha, para reunir um exército.

Muitas batalhas e escaramuças já foram travadas nas terras irrigadas pelo Tridente, e poucas aldeias não haviam pagado sua cota de sangue... Mas Addam Velaryon era incansável, determinado e eloquente, e os senhores do rio sabiam muito sobre os horrores cometidos em Tumbleton. Quando Sor Addam estava pronto para se lançar sobre Tumbleton, ele tinha quase mil homens às suas costas.

A grande legião acampada junto às muralhas de Tumbleton superava em número os atacantes, mas eles estavam havia tempo demais no mesmo lugar. Sua disciplina relaxara e doenças também se instalaram; a morte de Lorde Ormund Hightower os deixara sem um líder, e os senhores que desejavam comandar no lugar dele estavam em conflito uns com os outros. Estavam tão concentrados em seus próprios conflitos e rivalidades que se esqueceram dos verdadeiros inimigos. O ataque noturno de Sor Addam os pegou desprevenidos. Antes mesmo que os homens do exército do Príncipe Daeron soubessem que estavam em batalha, o inimigo já se achava entre eles, abatendo-os quando saíam cambaleando de suas barracas, enquanto selavam seus cavalos, se esforçavam para vestir armaduras e afivelaram os cintos das espadas.

Ainda mais devastador foi o dragão. Seasmoke se lançava repetidamente, soltando fogo. Logo, cem barracas estavam em chamas, até mesmo os esplêndidos pavilhões de seda de Sor Hobert Hightower, Lorde Unwin Peake e do próprio Príncipe Daeron. Nem a cidade de Tumbleton foi poupada. Aquelas lojas, casas e septos poupados na primeira vez foram engolidos pelas chamas de dragão.

Daeron Targaryen dormia em sua barraca quando o ataque teve início. Ulf, o Branco, estava dentro de Tumbleton, dormindo depois de uma noite de bebedeira numa estalagem chamada Texugo Obsceno que ele tomara para si. Hugh Durão, o Martelo, também estava dentro das muralhas da cidade, na cama com a viúva de um cavaleiro morto na primeira batalha. Todos os três dragões encontravam-se fora da cidade, em pastos além do acampamento.

Embora fossem feitas tentativas de despertar Ulf, o Branco, de seu sono ébrio, isso se provou impossível. Lamentavelmente, ele rolou para baixo de uma mesa e roncou durante toda a batalha. Mas Hugh Durão, o Martelo, reagiu mais rápido. Seminu, ele desceu correndo os degraus até o pátio, pedindo seu martelo, sua armadura e um cavalo para que pudesse cavalgar até Vermithor e montá-lo. Seus homens correram para obedecer, ao mesmo tempo que Seasmoke ateava fogo nos estábulos. Mas Lorde Jon Roxton já estava no pátio.

Quando notou Hugh Durão, Roxton identificou sua chance.

– Lorde Hammer, minhas condolências – falou Roxton.

Hammer se virou, olhando feio.

– Pelo quê?

– Você morreu na batalha – retrucou Jon, o Audaz, desembainhando a Fazedora de Órfãos e enfiando-a fundo na barriga do Martelo, antes de abrir o bastardo da virilha à garganta.

Uma dúzia dos homens de Hugh Durão chegou correndo a tempo de vê-lo morrer. Até mesmo uma lâmina de aço valiriano como a Fazedora de Órfãos era de pouca valia a um homem quando se tratava de um contra dez. Jon Roxton, o Audaz matou três antes de ser morto. Dizem que morreu quando o pé escorregou nas tripas enroladas de Hugh, o Martelo, mas talvez o detalhe seja demasiadamente irônico para ser verdade.

Há três relatos conflitantes sobre como morreu o Príncipe Daeron Targaryen. O mais conhecido alega que o Príncipe saiu cambaleando de seu pavilhão com os trajes de dormir em chamas, para ser abatido pelo mercenário de Myr, Trombo, o Negro, que esmagou seu rosto com um golpe de sua maça de espigões. Essa versão é a preferida de Trombo, que a contou longamente. A segunda versão é mais ou menos a mesma, com a diferença de que o Príncipe foi morto com uma espada, não uma maça, e seu matador não foi Trombo, o Negro, mas um homem de armas desconhecido que nem mesmo se deu conta de quem havia matado. Na

terceira alternativa, o corajoso garoto chamado Daeron, o Ousado, sequer saiu, tendo morrido quando seu pavilhão em chamas desabou sobre ele.

No céu acima, Addam Velaryon podia ver a batalha abaixo se transformando em uma retirada apressada. Dois dos cavaleiros de dragão inimigos estavam mortos, mas ele não tinha como saber disso. Contudo, ele sem dúvida podia ver os dragões inimigos. Desacorrentados, eram mantidos fora das muralhas da cidade, livres para voar e caçar à vontade; Silverwing e Vermithor se enrolavam um no outro nos campos ao sul de Tumbleton, enquanto Tessarion dormia e comia no acampamento do Príncipe Daeron a oeste da cidade, a menos de cem metros de seu pavilhão.

Dragões são criaturas de fogo e sangue, e todos os três despertaram à medida que a batalha era travada ao redor. Um besteiro disparou uma seta em Silverwing, nos contam, e duas vintenas de cavaleiros montados cercaram Vermithor com espada, lança e machado, esperando eliminar a fera enquanto ainda estava semiadormecida no chão. Pagaram com a vida por essa tolice. Em outro ponto do campo, Tessarion levantou voo, guinchando e cuspindo chamas, e Addam Velaryon virou Seasmoke para ir até ela.

As escamas dos dragões são em grande medida (embora não totalmente) imunes a chamas; elas protegem a carne e a musculatura mais vulnerável abaixo. À medida que um dragão envelhece, as escamas engrossam e ficam mais duras, oferecendo ainda mais proteção, e suas chamas se tornam mais quentes e ferozes (enquanto as chamas de um filhote conseguem incendiar palha, as chamas de Balerion ou Vhagar na plenitude de seu poder podiam derreter aço e pedra). Quando dois dragões se enfrentam num combate mortal, portanto, eles com frequência usarão outras armas que não suas chamas: garras pretas como aço, compridas como espadas e afiadas como navalhas, mandíbulas tão poderosas que conseguem esmagar até mesmo a placa de aço de um cavaleiro, caudas como chicotes cujos golpes são capazes de fazer carroças em pedaços, partir a coluna de cavalos de batalha pesados e lançar homens quinze metros no ar.

A batalha entre Tessarion e Seasmoke foi diferente.

A história chama a luta entre o Rei Aegon II e sua irmã Rhaenyra de Dança dos Dragões, mas apenas em Tumbleton os dragões verdadeiramente dançaram. Tessarion e Seasmoke eram dragões jovens,

mais ágeis no céu do que seus irmãos mais velhos. Eles se lançavam um contra o outro, até que um ou outro desviasse no último instante. Planando como águias, mergulhando como falcões, eles circulavam, batendo mandíbulas e rugindo, lançando fogo, mas nunca se aproximando. Em certo momento, a Rainha Azul desapareceu em uma massa de nuvens para reaparecer um instante depois, mergulhando sobre Seasmoke por trás para chamuscar seu rabo com um jorro de chama cobalto. Enquanto isso, Seasmoke rolava, se inclinava e dava a volta. Num instante, ele estava abaixo da inimiga, e de repente se contorcia no céu e aparecia atrás dela. Os dois dragões voaram cada vez mais alto, enquanto centenas observavam dos telhados de Tumbleton. Um deles contou depois que o voo de Tessarion e Seasmoke parecia mais uma dança de acasalamento do que uma batalha. Talvez fosse.

A dança terminou quando Vermithor se ergueu no céu rugindo.

Com quase 100 anos e grande como os dois dragões jovens somados, o dragão de bronze com as grandes asas bronzeadas estava furioso ao alçar voo, com sangue fumegando de doze ferimentos. Sem cavaleiro, ele não distinguia amigo de inimigo, portanto lançou sua ira contra todos, cuspindo chamas por todos os lados, se virando furiosamente contra qualquer homem que ousasse arremessar uma lança em sua direção. Um cavaleiro tentou fugir diante dele, e Vermithor o pegou com suas presas enquanto o cavalo do homem continuava galopando. Os lordes Piper e Deddings, sentados juntos numa pequena elevação, queimaram com seus escudeiros, servos e guerreiros fiéis quando a Fúria de Bronze os notou por acaso. Um instante depois, Seasmoke se lançou sobre ele.

Dos quatro dragões no campo naquele dia, Seasmoke era o único a ter um cavaleiro. Sor Addam Velaryon fora provar sua lealdade destruindo os Dois Traidores e seus dragões, e ali estava um, atacando os homens que se juntaram a ele para aquela batalha. Deve ter se sentido compelido a protegê-los, embora soubesse no fundo do coração que Seasmoke não era páreo para o dragão mais velho.

Essa não foi uma dança, mas uma luta até a morte. Vermithor estava voando a não mais de seis metros acima da batalha quando Seasmoke se chocou com ele vindo do alto, jogando-o na lama aos guinchos. Homens e meninos correram aterrorizados ou foram esmagados quando os dois dragões rolaram e feriram um ao outro. Caudas estalaram e asas bateram no ar, mas as feras estavam tão entrelaçadas que nenhuma conseguiu se

soltar. Benjicot Blackwood viu a luta montado em seu cavalo a cinquenta metros de distância. O tamanho e o peso de Vermithor eram demais para Seasmoke suportar, contou Lorde Blackwood muitos anos depois, e ele teria feito o dragão prata acinzentado em pedaços se Tessarion não tivesse caído do céu nesse mesmo instante para se juntar à luta.

Quem conhece o coração de um dragão? Teria sido sede de sangue o que levou a Rainha Azul a atacar? Será que a dragoa foi ajudar um dos combatentes? Se sim, qual? Alguns alegarão que o laço entre um dragão e um cavaleiro de dragão é tão profundo que as feras partilham os amores e ódios de seus mestres. Mas quem era o aliado ali, e quem era o inimigo? Um dragão sem cavaleiro distingue amigo de inimigo?

Nunca teremos as respostas a essas perguntas. Tudo o que a história nos conta é que três dragões lutaram em meio a lama, sangue e fumaça na Segunda Tumbleton. Seasmoke foi o primeiro a morrer, quando Vermithor cravou os dentes em seu pescoço e arrancou sua cabeça. Depois o dragão de bronze tentou voar com seu prêmio ainda nas mandíbulas, mas suas asas esfarrapadas não conseguiram erguer seu peso. Depois de um momento, ele desabou e morreu. Tessarion, a Rainha Azul, sobreviveu até o pôr do sol. Tentou três vezes subir ao céu, e três vezes fracassou. No final da tarde, ela parecia sentir dor, então Lorde Blackwood convocou seu melhor arqueiro, um especialista em arco longo conhecido como Billy Burley, que assumiu posição a cem metros de distância (fora do alcance do fogo do dragão moribundo) e enfiou três flechas em seu olho enquanto ela permanecia deitada e indefesa no chão.

Ao anoitecer, a luta estava encerrada. Embora os senhores do rio tivessem perdido menos de cem homens enquanto abatiam mais de mil dos homens de Vilavelha e da Campina, a Segunda Tumbleton não podia ser considerada uma vitória completa para os atacantes, pois não conseguiram tomar a cidade. As muralhas de Tumbleton ainda estavam intactas, e, assim que os homens do rei voltaram para dentro e fecharam os portões, as forças da rainha não tiveram como penetrar, carecendo de equipamento de cerco e dragões. Ainda assim, produziram um grande massacre em seus inimigos confusos e desorganizados, incendiaram suas barracas, eliminaram três quartos de seus cavalos de batalha, mataram seu príncipe e abateram dois dos dragões do rei.

Na manhã seguinte à batalha, os conquistadores de Tumbleton olharam para fora das muralhas da cidade e descobriram que seus inimigos haviam

partido. Os mortos estavam espalhados por toda parte ao redor da cidade, e entre eles as carcaças dos três dragões. Restava um: Silverwing, a montaria da Boa Rainha Alysanne nos velhos tempos, subira aos céus no começo da carnificina e circulara sobre o campo de batalha durante horas, planando nas correntes ascendentes dos incêndios abaixo. Só depois que escureceu ela desceu, pousando ao lado de seus primos mortos. Mais tarde, cantores nos contariam sobre como ela três vezes ergueu a asa de Vermithor com o nariz, como se para fazê-lo voar de novo, mas isso é uma fábula. O sol nascente a encontraria batendo as asas preguiçosamente no campo, se alimentando dos restos queimados de cavalos, homens e gado.

Oito das treze Estrepes estavam mortos, entre eles Lorde Owen Fossoway, Marq Ambrose e Jon Roxton, o Audaz. Richard Rodden levara uma flechada no pescoço e morreria no dia seguinte. Restavam quatro dos conspiradores, entre eles Sor Hobert Hightower e Lorde Unwin Peak. Ulf, o Branco, despertara de seu sono ébrio para descobrir que era o último cavaleiro de dragões e dono do último dragão.

– O Martelo está morto, e seu menino também – teria dito ele a Lorde Peake. – Tudo o que lhe resta sou eu.

– Nós marchamos, como você queria – respondeu o Branco quando Lorde Peake perguntou a ele suas intenções. – Você toma a cidade, eu tomo o maldito trono. Que tal isso?

Na manhã seguinte, Sor Hobert Hightower o visitou para definir os detalhes de seu ataque a Porto Real. Ele levou duas barricas de vinho como presente, um tinto de Dorne e um dourado da Árvore. Embora Ulf, o Bêbado, nunca tivesse tomado um vinho de que não gostasse, era conhecido por preferir os envelhecidos mais doces. Sem dúvida, Sor Hobert esperava tomar o tinto amargo enquanto Lorde Ulf virava o dourado de Árvore. Mas algo nos modos de Hightower – ele suava, gaguejava e estava animado demais, testemunhou mais tarde o escudeiro que os serviu – deixou o Branco desconfiado. Assim, ele determinou que o tinto de Dorne fosse deixado para mais tarde e insistiu em que Sor Hobert dividisse o dourado da Árvore com ele.

A história tem pouco a dizer de bom sobre Sor Hobert Hightower, mas nenhum homem pôde questionar a honra de sua morte. Em vez de trair seus colegas Estrepes, ele permitiu que o escudeiro enchesse sua taça, bebeu tudo e pediu mais. Assim que viu Hightower beber, Ulf, o Bêbado, honrou seu nome, virando três taças antes de começar a bocejar. O veneno

no vinho era suave. Quando Lorde Ulf foi dormir, para não mais acordar, Sor Hobert se colocou de pé e tentou vomitar, mas era tarde demais. Seu coração parou de bater em uma hora.

Depois, Lorde Unwin Peake ofereceu mil dragões de ouro a qualquer cavaleiro de nascimento elevado que conseguisse domar Silverwing. Três homens se adiantaram. Quando o primeiro teve o braço arrancado e o segundo queimou até a morte, o terceiro homem reconsiderou. A essa altura o exército de Peake, remanescente da grande legião que o Príncipe Daeron e Lorde Ormund Hightower haviam liderado desde Vilavelha, estava caindo aos pedaços à medida que desertores fugiam de Tumbleton aos montes com todo o butim que conseguiam carregar. Reconhecendo a derrota, Lorde Unwin convocou seus senhores e sargentos e ordenou uma retirada. O acusado de vira-casaca, Addam Velaryon, nascido Addam do Casco, salvara Porto Real dos inimigos da Rainha... Ao custo de sua própria vida.

Mas a rainha não sabia nada sobre sua origem. A fuga de Rhaenyra de Porto Real fora cheia de dificuldades. Em Rosby, ela descobriu que os portões do castelo foram trancados à sua chegada. O jovem castelão de Lorde Stokeworth lhe concedeu hospitalidade, mas apenas por uma noite. Metade de seus mantos dourados desertara na estrada, e certa noite seu acampamento foi atacado por um grupo de homens. Embora os cavaleiros tivessem expulsado os atacantes, Sor Balon Byrch foi derrubado por uma flecha, e Sor Lyonel Bentley, um jovem cavaleiro da Guarda Real, recebeu um golpe na cabeça que rachou seu elmo. Morreu delirando no dia seguinte. A rainha se apressou rumo a Valdocaso.

A Casa Darklyn estivera entre os mais fiéis aliados de Rhaenyra, mas o custo dessa lealdade foi alto. Apenas com a intercessão de Sor Harrold Darke a Senhora Meredyth Darklyn aceitara receber a rainha dentro de suas muralhas (os Darke eram parentes distantes dos Darklyn, e Sor Harrold um dia fora escudeiro do falecido Sor Steffon), e mesmo assim com a condição de que ela não permanecesse muito tempo ali.

A Rainha Rhaenyra não tinha nem ouro nem navios. Ao mandar Lorde Corlys para as masmorras, ela perdera sua frota e fugira de Porto Real temendo por sua vida, sem levar sequer uma moeda. Desesperada e temerosa, Sua Graça ficou cada vez mais grisalha e perturbada. Não conseguia dormir e não comia. Nem suportava ficar longe do Príncipe

Aegon, seu último filho vivo; o menino permanecia ao seu lado dia e noite, "como uma pequena sombra pálida".

Rhaenyra foi obrigada a vender sua coroa para levantar os recursos para comprar uma passagem num navio mercante de Braavos, o *Violande*. Sor Harrold Darke a conclamou a buscar refúgio com a Senhora Arryn no Vale, enquanto Sor Medrick Manderly tentou convencê-la a acompanhá-lo e a seu irmão, Sor Torrhen, de volta a Porto Branco, mas Sua Graça recusou as duas sugestões. Estava determinada a retornar para Pedra do Dragão. Lá, ela encontraria ovos de dragões, contou aos seus aliados; ela precisava ter outro dragão, ou tudo estaria perdido.

Ventos fortes empurraram o *Violande* para mais perto do litoral de Derivamarca do que a rainha teria gostado, e três vezes passou a pouca distância dos navios de guerra da Serpente do Mar, mas Rhaenyra tomou o cuidado de permanecer fora de vista. Finalmente o braavosi entrou no porto abaixo de Monte Dragão à tarde. A rainha mandara um corvo para anunciar sua chegada e encontrou uma escolta esperando ao desembarcar com o filho Aegon, suas damas e três cavaleiros da Guarda Real, tudo o que restava de seu séquito.

Chovia quando o grupo da rainha pisou em terra, e não havia um rosto à vista no porto. Mesmo os bordéis de beira de cais pareciam escuros e desertos, mas Sua Graça não reparou. Doente de corpo e espírito, abalada pela traição, Rhaenyra Targaryen queria apenas retornar à própria casa, onde imaginava que ela e o filho estariam em segurança. A rainha mal sabia que estava prestes a sofrer a última e mais dolorosa traição.

Sua escolta, de quarenta homens, era comandada por Sor Alfred Broome, um dos homens deixados para trás quando Rhaenyra lançara seu ataque a Porto Real. Broome era o mais antigo dos cavaleiros em Pedra do Dragão, tendo ingressado na guarnição durante o reinado do Velho Rei. Assim, ele esperara ser escolhido castelão quando Rhaenyra partiu para tomar o Trono de Ferro... Mas a expressão sombria e os modos ásperos de Sor Alfred não inspiravam nem afeto nem confiança, de modo que a rainha o colocara de lado em benefício do mais afável Sor Robert Quince.

Quando Rhaenyra perguntou por que Sor Robert não fora recebê-la pessoalmente, Sor Alfred respondeu que a rainha iria ver "nosso gordo amigo" no castelo. E assim foi... Embora o corpo calcinado de Quince estivesse queimado e irreconhecível quando chegaram lá, pendurado no parapeito da guarita do portão ao lado do intendente, do mestre de armas e

do capitão da guarda de Pedra do Dragão. Apenas pelo tamanho eles o identificaram, pois Sor Robert fora imensamente gordo.

Foi dito que o sangue desapareceu do rosto da Rainha quando viu os corpos, mas o jovem Príncipe Aegon foi o primeiro a se dar conta do que aquilo significava.

– Mãe, fuja – gritou ele, porém tarde demais.

Os homens de Sor Alfred se lançaram sobre os protetores da rainha. Um machado partiu a cabeça de Sor Harrold Darke antes que sua espada saísse da bainha, e Sor Adrian Redfort foi atingido pelas costas com uma lança. Apenas Sor Loreth Lansdale se moveu rápido o bastante para desferir um golpe em defesa da rainha, abatendo os dois primeiros homens que foram na direção dela antes de ser ele mesmo morto. Com ele, morreu o resto da Guarda Real. Quando o Príncipe Aegon pegou a espada de Sor Harrold, Sor Alfred jogou a lâmina de lado com desprezo.

O menino, a rainha e suas damas foram levados a ponta de lança pelos portões de Pedra do Dragão até o pátio do castelo. Lá se viram cara a cara com um homem morto e um dragão moribundo.

As escamas de Sunfyre ainda brilhavam como ouro batido à luz do sol, mas enquanto ele se esticava sobre as pedras pretas valirianas do pátio era evidente que era uma coisa derrotada, ele que fora o mais magnífico dragão a voar nos céus de Westeros. A asa quase arrancada do seu corpo por Meleys se projetava num ângulo bizarro, enquanto cicatrizes ainda frescas ao longo das costas continuavam a soltar fumaça e sangrar quando se movia. Sunfyre estava encolhido quando a rainha e seu grupo o viram pela primeira vez. Quando ele se moveu e ergueu a cabeça, ficaram claros enormes ferimentos ao longo do pescoço, onde outro dragão arrancara pedaços de sua carne. Na barriga, havia pontos em que cascas substituíam escamas, e onde deveria estar seu olho esquerdo havia apenas um buraco vazio, coberto de sangue preto seco.

É de pensar, como Rhaenyra certamente fez, como aquilo podia ter acontecido.

Hoje sabemos muito mais do que a rainha. Fora Lorde Larys Strong, o Pé-Torto, quem tirara o rei e seus filhos da cidade quando os dragões da rainha surgiram no céu acima de Porto Real. De modo a não passar por nenhum dos portões da cidade, onde poderiam ser vistos e depois lembrados, Lorde Larys os conduzira por uma passagem secreta de Maegor, o Cruel, que apenas ele conhecia.

Também foi Lorde Larys quem determinou que os fugitivos deveriam se separar, para que, mesmo se um deles fosse detido, os outros pudessem escapar. Sor Rickard Thorne recebeu a missão de entregar o Príncipe Maelor, de 2 anos, a Lorde Hightower. A Princesa Jaehaera, a doce e simples menina de 6 anos, foi colocada aos cuidados de Sor Willis Fell, que jurou que a levaria em segurança até Ponta Tempestade. Um não sabia para onde o outro iria, de modo que não poderiam se trair caso um deles fosse capturado.

E apenas o próprio Larys sabia que o rei, despido de seus trajes finos e vestindo uma capa de pescador suja de sal, se escondera numa carga de bacalhau em um barco de pesca aos cuidados de um cavaleiro bastardo com parentes em Pedra do Dragão. O Pé-Torto raciocinara que assim que soubesse que o rei sumira, Rhaenyra mandaria homens caçá-lo... Mas um barco não deixa uma trilha nas águas, e alguns caçadores nunca pensariam em procurar Aegon na ilha da própria irmã, às sombras de sua fortaleza.

E ali Aegon poderia ter permanecido, escondido mas intocado, anestesiando sua dor com vinho e escondendo suas cicatrizes de queimadura sob uma pesada capa, se Sunfyre não tivesse ido para Pedra do Dragão. Poderíamos nos perguntar o que o levou de volta a Monte Dragão, pois muitos perguntaram. Será que o dragão ferido, com sua asa quebrada parcialmente curada, seria movido por um instinto básico de retornar ao seu local de nascimento, à montanha fumegante onde ele saíra do ovo? Ou ele de algum modo sentiu a presença do Rei Aegon na ilha, além de muitas léguas e mares agitados, e voou até lá para se reunir ao cavaleiro? Alguns chegam a sugerir que Sunfyre sentiu uma *necessidade* desesperada de Aegon. Mas quem pode supor conhecer o coração de um dragão?

Depois que o funesto ataque de Lorde Walys Mooton o expulsou do campo de cinza e ossos do lado de fora de Pouso de Gralhas, a história perdeu Sunfyre de vista por meio ano. (Certas histórias contadas nos salões de Crabbs e Brunes sugerem que o dragão poderia ter se abrigado nas matas escuras de pinheiros e nas cavernas de Ponta da Garra Rachada durante parte desse período.) Embora sua asa ferida tivesse se curado o suficiente para que voasse, sarara num ângulo feio e permanecera fraca. Sunfyre já não podia planar, nem permanecer no ar por muito tempo, tinha de lutar para voar mesmo distâncias curtas. Contudo, de algum modo, cruzara as águas da Baía da Água Negra... Pois fora Sunfyre que os marinheiros no *Nessaria* viram atacando Grey Ghost. Sor Robert Quince

culpara Cannibal... Mas Tom Língua-Presa, um gago que ouvia mais do que falava, continuara a oferecer cerveja aos volantinos, registrando todas as vezes em que falavam das escamas douradas do atacante. Cannibal, como todos sabiam, era preto como carvão. E assim, os Dois Tom e seus "primos" (uma meia-verdade, já que apenas Sor Marston partilhava seu sangue, sendo filho bastardo da irmã de Tom Barba-Presa, resultado da primeira vez dela com um cavaleiro) zarparam em seu pequeno barco para buscar o assassino de Grey Ghost.

O rei queimado e seu dragão aleijado encontraram novo sentido um no outro. A partir de um abrigo escondido nas encostas orientais desoladas de Monte Dragão, Aegon se aventurava todos os dias ao alvorecer, subindo ao céu pela primeira vez desde Pouso de Gralhas, enquanto os Dois Tom e seu primo Marston Waters retornavam ao outro lado da ilha para buscar homens dispostos a ajudá-los a tomar o castelo. Mesmo em Pedra do Dragão, que fora por muito tempo sede e fortaleza da Rainha Rhaenyra, eles encontraram muitos que desgostavam da rainha por motivos bons e ruins. Alguns tinham rancor por causa de irmãos, filhos e pais mortos durante a Semeadura ou durante a Batalha da Goela, alguns esperavam butim ou promoções, enquanto outros acreditavam que um filho tinha precedência sobre uma filha, considerando Aegon com mais direitos.

A rainha levara seus melhores homens consigo para Porto Real. Numa ilha, protegida pelos navios da Serpente do Mar e com suas altas muralhas valirianas, Pedra do Dragão parecia inatacável, então a guarnição que Sua Graça deixara para defendê-la era pequena, composta em grande medida de homens considerados de pouca utilidade, grisalhos e meninos inexperientes, os mancos, lentos e aleijados, homens se recuperando de ferimentos, homens de lealdade questionável, homens suspeitos de covardia. Acima deles, Rhaenyra colocou Sor Robert Quince, um homem hábil que se tornara velho e gordo.

Quince era um firme aliado da rainha, todos concordam, mas alguns dos homens abaixo dele eram menos leais, acalentando ressentimentos e mágoas por antigos erros, reais ou imaginários. Entre eles se destacava Sor Alfred Broome. Broome se mostrou mais que disposto a trair sua rainha em troca de uma promessa de senhoria, terras e ouro caso Aegon II recuperasse o trono. Seu longo tempo de serviço na guarnição lhe permitia aconselhar os homens do rei sobre as forças e as fraquezas de Pedra do

Dragão, quais guardas podiam ser subornados ou conquistados, e quais precisavam ser mortos ou aprisionados.

Quando chegou o momento, a queda de Pedra do Dragão demorou menos de uma hora. Homens enganados por Broome abriram um portão dos fundos durante a hora dos fantasmas para permitir que Sor Marston Waters, Tom Língua-Presa e seus homens penetrassem no castelo sem ser vistos. Enquanto um grupo tomava o arsenal e outro colocava sob custódia os leais guardas e o mestre de armas de Pedra do Dragão, Sor Marston surpreendeu Meistre Hunnimore em seu viveiro, para que nenhuma informação sobre o ataque pudesse vazar por intermédio de um corvo. O próprio Sor Alfred liderou os homens que invadiram os aposentos do castelão e surpreenderam Sor Robert Quince. Enquanto este lutava para se levantar da cama, Broome enfiou uma lança em sua enorme barriga branca, num golpe desferido com tanta força que a lança saiu pelas costas de Sor Robert, através do colchão de penas e palha, se cravando no piso abaixo.

O plano falhou em apenas um ponto. Enquanto Tom Língua-Presa e seus rufiões arrombavam a porta dos aposentos da Senhora Baela para fazê-la prisioneira, a garota deslizou para fora da janela, se esgueirou por telhados e desceu por paredes até chegar ao pátio. Os homens do rei tinham tomado o cuidado de enviar guardas para proteger o estábulo onde os dragões do castelo eram mantidos, mas Baela crescera em Pedra do Dragão e conhecia entradas e saídas que eles ignoravam. Quando seus perseguidores a alcançaram, ela já havia soltado as correntes de Moondancer e colocado uma sela sobre ela.

Então, quando o Rei Aegon II voou em Sunfyre sobre o pico fumegante de Monte Dragão e começou a descer, esperando fazer uma entrada triunfal num castelo que estava seguro nas mãos de seus homens, com os seguidores da rainha mortos ou capturados, subiu para ser recebido por Baela Targaryen, filha do Príncipe Daemon com a Senhora Laena, destemida como o pai.

Moondancer era uma dragoa jovem, verde-clara, com chifres, crista e ossos das asas perolados. Fora suas asas grandiosas, ela não era maior que um cavalo de batalha, e pesava menos. Contudo, era muito rápida, e Sunfyre, embora muito maior, ainda lutava com uma asa malformada e recebera novos ferimentos de Grey Ghost.

Eles se encontraram na escuridão antes do amanhecer, sombras no céu clareando a noite com seus fogos. Moondancer evitou as chamas e as mandíbulas de Sunfyre, disparou por entre garras que se fechavam, depois deu a volta e atacou o dragão maior por cima, abrindo um comprido ferimento fumegante em suas costas e rasgando sua asa machucada. Observadores abaixo disseram que Sunfyre se inclinou ebriamente no ar, lutando para permanecer planando, enquanto Moondancer dava a volta e retornava na sua direção, cuspindo fogo. Sunfyre respondeu com um jorro abrasador de uma chama dourada tão brilhante que iluminou o pátio abaixo como um segundo sol, um jorro que acertou Moondancer bem nos olhos. Muito provavelmente a jovem dragoa ficou cega naquele instante, mas ainda assim voou em frente, se chocando com Sunfyre num emaranhado de asas e garras. Enquanto caíam, Moondancer atacou várias vezes o pescoço de Sunfyre, arrancando nacos de carne, enquanto o dragão mais velho enfiava as garras em sua barriga. Envolta em fogo e fumaça, cega e sangrando, Moondancer bateu as asas desesperadamente enquanto tentava se soltar, mas todos os seus esforços apenas desaceleraram a queda deles.

Os observadores no pátio saíram correndo em busca de segurança enquanto os dragões se chocavam contra a pedra dura, ainda lutando. No chão, a rapidez de Moondancer provou ser de pouca valia contra o tamanho e o peso de Sunfyre. A dragoa verde logo tombou imóvel. O dragão dourado gritou vitória e tentou subir ao céu mais uma vez, apenas para desabar no chão, com sangue quente escorrendo dos ferimentos.

O Rei Aegon saltara da sela quando os dragões ainda estavam a seis metros do chão, quebrando as duas pernas. A Senhora Baela permaneceu com Moondancer durante toda a descida. Queimada e ferida, a garota ainda encontrou forças para soltar as correntes da sela e engatinhar para longe enquanto sua dragoa se encolhia em seus últimos esgares de morte. Quando Alfred Broome desembainhou a espada para matá-la, Marston Waters arrancou a lâmina de sua mão. Tom Língua-Presa a carregou até o meistre.

Assim o Rei Aegon II conquistou a sede ancestral da Casa Targaryen, mas o preço que pagou por isso foi terrível. Sunfyre nunca mais voltaria a voar. Ele permaneceu no pátio onde caíra, se alimentando da carcaça de Moondancer, e depois de ovelhas abatidas para ele pela guarnição. E

Aegon II passou o resto da vida com muita dor... Embora, honra seja feita, dessa vez Sua Graça tenha recusado o leite de papoula.

– Não seguirei esse caminho novamente – falou.

Pouco tempo depois, com o rei deitado no grande salão do Tambor de Pedra, as pernas quebradas amarradas com talas, o primeiro dos corvos da rainha chegou de Valdocaso. Quando Aegon soube que sua meia-irmã estaria retornando no *Violande*, ordenou que Sor Alfred Broome preparasse uma "recepção adequada" de boas-vindas.

Tudo isso nós sabemos agora. Nada disso sabia a rainha quando desembarcou na armadilha do irmão.

Rhaenyra riu ao ver a ruína de Sunfyre, o Dourado.

– De quem é essa obra? – perguntou. – Temos de agradecer a ele.

– Irmã – chamou o rei de uma varanda. Incapaz de andar, ou mesmo ficar de pé, ele fora carregado para lá numa cadeira. O quadril fraturado em Pouso de Gralhas deixara Aegon curvado e torto, seus traços um dia bonitos ficaram inchados por causa do leite de papoula, e cicatrizes de queimaduras cobriam metade de seu corpo. Ainda assim, Rhaenyra o reconheceu imediatamente.

– Querido irmão. Eu esperava que estivesse morto.

– Depois de você – respondeu Aegon. – Você é a mais velha.

– Fico contente de saber que você se lembra disso – retrucou Rhaenyra. – Pareceria que somos seus prisioneiros... Mas não pense que ficará muito tempo conosco. Meus leais senhores me encontrarão.

– Se eles vasculharem os sete infernos, talvez – replicou o rei, enquanto seus homens arrancavam Rhaenyra dos braços do filho. Segundo alguns relatos, foi Sor Alfred Broome quem segurou seu braço, enquanto outros identificam os Dois Tom, Barba-Presa, o pai, e Língua-Presa, o filho. Sor Marston Waters também testemunhou, vestindo uma capa branca, pois o Rei Aegon o nomeara seu guarda real por sua bravura.

Mas nem Walters nem qualquer um dos outros cavaleiros e senhores presentes no pátio disseram uma palavra de protesto enquanto o Rei Aegon II dava sua meia-irmã ao seu dragão. Sunfyre, foi dito, não pareceu demonstrar interesse pela oferenda, até Broome furar a garganta da Rainha com seu punhal. O cheiro de sangue despertou o dragão, que farejou Sua Graça, depois a envolveu num jorro de fogo, tão de repente que a capa de Sor Alfred incendiou enquanto ele saltava para longe. Rhaenyra Targaryen teve tempo de erguer a cabeça para o céu e berrar uma última maldição

contra o meio-irmão antes que as mandíbulas de Sunfyre se fechassem sobre ela, arrancando braço e ombro.

O dragão dourado devorou a rainha em seis mordidas, deixando apenas a perna esquerda abaixo da canela "para o Estranho". O filho da Rainha assistiu horrorizado, incapaz de se mover. Rhaenyra Targaryen, o Encanto do Reino e rainha por meio ano, passou deste véu de lágrimas no 22º dia da décima lua do 130º ano depois da Conquista de Aegon. Tinha 33 anos de idade.

Sor Alfred Broome defendeu matar também o Príncipe Aegon, mas o Rei Aegon proibiu. Com apenas 10 anos, o menino ainda poderia ter algum valor como refém, declarou. Embora sua meia-irmã estivesse morta, ela ainda tinha aliados em campo com os quais seria preciso lidar antes que Sua Graça pudesse se sentar no Trono de Ferro novamente. Então, o Príncipe Aegon foi acorrentado por pescoço, pulso e tornozelo e levado para a masmorra abaixo de Pedra do Dragão. As damas de companhia da falecida rainha, sendo de nascimento elevado, receberam celas na Torre do Dragão Marinho, onde esperariam pelo resgate.

– O tempo de se esconder terminou – declarou o Rei Aegon II. – Que voem os corvos para que o reino saiba que a pretendente está morta e que seu verdadeiro rei está indo para casa retomar o trono de seu pai.

Mas mesmo reis de verdade podem descobrir que é mais fácil proclamar certas coisas do que concretizá-las.

Nos dias seguintes à morte de sua meia-irmã, o rei ainda se aferrou à esperança de que Sunfyre poderia se recuperar o suficiente para voar novamente. Em vez disso, o dragão apenas pareceu enfraquecer ainda mais, e logo o ferimento em seu pescoço começou a feder. Até mesmo a fumaça que ele exalava tinha um cheiro ruim e no final não mais comia. No nono dia da 12º lua de 130 D.C., o magnífico dragão dourado que havia sido a glória do Rei Aegon morreu no pátio de Pedra do Dragão onde tombara. Sua Graça chorou.

Quando a dor passou, o Rei Aegon II convocou seus seguidores e fez planos para seu retorno a Porto Real a fim de retomar o Trono de Ferro e se reunir novamente à senhora sua mãe, a Rainha Viúva, que triunfara sobre sua grande rival, no mínimo por sobreviver a ela.

– Rhaenyra nunca foi uma rainha – declarou o rei, insistindo em que a partir de então, em todas as crônicas e em todos os registros da corte, sua meia-irmã fosse identificada apenas como "princesa", com o título de

rainha sendo reservado à sua mãe Alicent e sua falecida esposa e irmã Helaena, as “verdadeiras rainhas”. E assim foi decretado.

Mas o triunfo de Aegon acabaria sendo breve. Rhaenyra estava morta, mas sua causa não morrera com ela, e novos exércitos “negros” estavam em marcha ao mesmo tempo que o rei retornava à Fortaleza Vermelha. Aegon II se sentaria novamente no Trono de Ferro, mas nunca se recuperaria dos ferimentos, não conheceria alegria ou paz. Sua restauração iria durar apenas meio ano.

Mas o relato de como o Segundo Aegon caiu e foi sucedido pelo Terceiro é uma história para outro tempo. A guerra pelo trono prosseguiria, mas a rivalidade que começara em um baile da corte quando uma princesa se vestira de preto e uma rainha de verde chegara ao seu final vermelho, e com isso termina esta parte de nossa história.

* * *

George R.R. Martin

nasceu em 1948 em Nova Jersey e é formado em jornalismo pela North Western University, em Chicago. Publicou sua primeira história de ficção científica, *The Hero*, em 1971, e logo se firmou como escritor de rara qualidade, ganhando três Hugos, dois Nebulas e o Prêmio Bram Stoker. Passou dez anos em Hollywood como roteirista e editor de histórias nos seriados de TV *The Twilight Zone* (no Brasil, *Além da Imaginação*) e *Beauty and the Beast* – neste último como roteirista e produtor. Depois, iniciou sua fantástica série "As Crônicas de Gelo e Fogo", que deu origem ao sucesso da HBO – *Game of Thrones*. A série conta até agora com os títulos *A guerra dos tronos, A fúria dos reis, A tormenta de espadas, O festim dos corvos e A dança dos dragões*, todos publicados pela LeYa. Outros livros do autor lançados pela LeYa são: *A morte da luz, A filosofia de Tyrion Lannister, Ocavaleiro dos Sete Reinos, O dragão de gelo, Sonho febril*, a série "Wild Cards" e as graphic novels *O cavaleiro andante, A espada juramentada e A guerra dos tronos* (vol. I, II, III e IV).

Gardner Dozois

nasceu em 1947, é autor de ficção científica. Foi agraciado diversas vezes com os prêmios Hugo, Locus e Nebula, e tem seu nome no Science Fiction Hall of Fame, graças às antologias e revistas que editou sobre o tema. Publicou vários livros em parceria com George R.R. Martin, entre eles o livro *Hunter's Run*.

HISTÓRIAS INÉDITAS DE MULHERES PERIGOSAS DO PASSADO, PRESENTE E FUTURO E DE ALGUNS DOS MAIORES ESCRITORES DA ATUALIDADE

Nesta antologia organizada por George R.R. Martin e Gardner Dozois, quem entra na briga são as mulheres. Nem totalmente boas nem completamente más, as personagens femininas destes contos vão além dos estereótipos da donzela em perigo ou da bruxa má. Prepare-se para se envolver em todos os tipos de perigo criados e enfrentados por elas – incluindo uma guerra civil Targaryen travada 200 anos antes dos eventos de *A guerra dos tronos*, de George R.R. Martin, numa novela inédita que retrata a primeira "Dança dos Dragões".

"Aqui você não encontrará vítimas desamparadas que choramingam de medo enquanto o mocinho combate o monstro ou luta contra o vilão, e, se quiser amarrar essas mulheres a trilhos de trem, terá pela frente uma boa luta. Em vez disso, você encontrará guerreiras brandindo espadas; intrépidas pilotos de caça e espaçonautas de longo curso; assassinas em série letais; super-heroínas formidáveis; mulheres fatais maliciosas e sedutoras; senhoras da magia; meninas más criadas na dureza; bandoleiras e rebeldes; sobreviventes endurecidas em futuros pós-apocalípticos; investigadoras particulares; duras juízas de pena capital; rainhas orgulhosas que comandam nações e cujos ciúme e ambições mandam milhares para mortes horrendas; cavaleiras de dragões ousadas e muito mais."

– Extraído da "Apresentação" do livro



omelete.com.br

Índice

CAPA PÁGINA
PÁGINA DE TÍTULO
DIREITOS AUTORAIS PÁGINA
DEDICAÇÃO
SUMÁRIO
INTRODUÇÃO
FORA DA LEI
OU MEU CORAÇÃO ESTÁ PARTIDO
A CANÇÃO DE NORA
AS MÃOS QUE NÃO ESTÃO LÁ
EXPLOSIVAS
RAISA STEPANOVA
LUTANDO COM JESUS
VIZINHOS
EU SEI ESCOLHÊ-LAS
SOMBRAS NAS FLORESTAS DO INFERNO
UMA RAINHA NO EXÍLIO
A GAROTA NO ESPELHO
SEGUNDO ARABESQUE, MUITO LENTAMENTE
CIDADE LÁZARO
VIRGENS
O INFERNO NÃO TEM FÚRIA
ANUNCIANDO A PENA

O NOME DA FERA
CUIDADORES
MENTIRAS QUE MINHA MÃE ME CONTOU
A PRINCESA E A RAINHA OU OS “NEGROS” E OS “VERDES”